

ROBERT LOUIS STEVENSON
A ILHA DO TESOURO

DANIEL DEFOE
ROBINSON CRUSOÉ

JONATHAN SWIFT
VIAGENS DE GULLIVER



MESTRES DA AVENTURA


**EDITORA
NOVA
FRONTEIRA**



**A ILHA DO
TESOURO**
ROBERT LOUIS STEVENSON

**ROBINSON
CRUSOE**
DANIEL DEFOE

**VIAGENS DE
GULLIVER**
JONATHAN SWIFT



Título original: *Treasure island; Robinson Crusoe; Gulliver's travels*

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A.
Rua Candelária, 60 — 7º andar — Centro — 20091-020
Rio de Janeiro — RJ — Brasil
Tel.: (21) 3882-8200 — Fax: (21) 3882-8212/8313

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

S868i

Stevenson, Robert Louis, 1850-1894
A ilha do tesouro; Robinson Crusoe; Viagens de Gulliver [recurso eletrônico] / Robert Louis Stevenson, Daniel Defoe, Jonathan Swift; tradução Pepita de Leão ... [et al.] – 2. ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.
recurso digital

Tradução de: Treasure island; Robinson Crusoe; Gulliver's travels
Formato: ebook
Requisitos do sistema: adobe digital editions
Modo de acesso: world wide web
Box mestres da aventura
ISBN 9788520942369 (recurso eletrônico)

1. Ficção inglesa. 2. Livros eletrônicos. I. Defoe, Daniel, 1660-1731. II. Swift, Jonathan, 1667-1745. III. Leão, Pepita de. IV. Título. V. Título: Robinson Crusoe. VI. Título: Viagens de Gulliver.
18-47791

CDD: 823
CDU: 821.111-3

SUMÁRIO

[A ilha do tesouro](#)

[Parte I: O velho pirata](#)

I — O velho lobo do mar no Almirante Benbow

II — O Cão Negro

III — O sinal negro

IV — O baú do capitão

V — O fim do cego

VI — Os papéis do capitão

Parte II: O cozinheiro de bordo

I — Vou a Bristol!

II — Na estalagem do Óculo

III — A munição

IV — A viagem

V — O que ouvi

VI — Conselho de guerra

Parte III: Minha aventura na praia

I — O início da aventura

II — O primeiro golpe

III — O homem da ilha

Parte IV: A estacada

I — O abandono do navio (*continuação da narrativa pelo doutor*)

II — A última viagem (*continuação da narrativa pelo doutor*)

III — O fim do primeiro combate (*continuação da narrativa pelo doutor*)

IV — A guarnição da paliçada (*continuação da narrativa de Jim*)

V — A embaixada de Silver

VI — O ataque

Parte V: Minha aventura marítima

I — O início da aventura

II — A vazante

III — O cruzeiro do *coracle*

IV — O Jolly Roger arriado

V — Israel Hands

VI — “Piastras!”

Parte VI: Capitão Silver

I — No acampamento inimigo

II — Outra vez o sinal negro

III — Sob palavra

IV — A caça ao tesouro — O marco de Flint

V — A caça ao tesouro — A voz na floresta

VI — Chefe deposto

VII — ... E o último

Robinson Crusoe

Notícia sobre Daniel Defoe, sua obra e particularmente sobre Robinson Crusoe, Cândido Jucá (Filho)

Parte I

Parte II

[Viagens de Gulliver](#)

[Introdução às Viagens de Gulliver, de Jonathan Swift, tradução de Carlos Jansen, Rio, Laemmert e Cia., 1888, Rui Barbosa](#)

[Swift, Eugênio Gomes](#)

[Carta do capitão Gulliver a seu primo Sympson](#)

[O editor ao leitor](#)

[Parte I. Viagem a Lilipute](#)

[Parte II. Viagem a Brobdingnag](#)

[Parte III. Viagem a Laputa, Balnibarbi, Glubbudrib, Luggnagg e ao Japão](#)

[Parte IV. Viagem ao país dos Houyhnhnms](#)

A ILHA DO TESOURO

ROBERT LOUIS
STEVENSON

Tradução de Pepita de Leão

4ª edição



Cavalheiro americano, a cujo gosto clássico devo a inspiração desta narrativa, dedico-a agora, com os melhores votos de felicidade, e em lembrança das agradáveis horas que passamos juntos.

A Lloyd Osbourne
O AUTOR

Ao leitor indeciso

*Se os contos e canções de marinheiros,
De ilhas, escunas e homens “enjeitados”,
De polos e calores tropicais,
Ouro enterrado, lutas e tormentas,
Todo o velho romance, enfim, escrito
Bem como se contava à moda antiga,
Pode agradar à geração de agora
Como a mim me agradou nos dias idos*

*— Assim seja, e começa esta leitura!
Se não, porém, se os jovens já não amam
— Esquecidos de antigas preferências —
História de conquistas e de viagens,
— Assim seja, também! E então que eu possa*

*Ir descansar na mesma sepultura
Onde jazem agora, e já esquecidos,
Com suas criações, os meus piratas!*

Parte I

O velho pirata

I

O VELHO LOBO DO MAR NO ALMIRANTE BENBOW

Escrevo agora a história completa da expedição à ilha do Tesouro, a pedido

de Sir Trelawney, do dr. Livesey e de outros amigos. Prometi contar tudo o que se passou, só ocultando a posição geográfica da ilha, porque lá ficou ainda uma parte do tesouro.

E, para desempenhar-me da incumbência, tomo da pena neste ano da graça de 17... para me reportar à época em que meu pai era proprietário do albergue Almirante Benbow, onde se instalou o velho marinheiro da cicatriz.

Vejo-o ainda como se tivesse chegado ali ontem, entrando cansado, seguido de perto pelo carrinho de mão que levava seu baú. Era um homem alto e forte, tristonho, de tez requemada. Trazia os cabelos caídos sobre os ombros, vestia um velho casaco azul, de marinheiro, e as mãos, rugosas e cheias de marcas, ostentavam unhas negras e maltratadas. Cortava-lhe o rosto uma cicatriz lívida.

Vejo-o, ainda, olhando para a enseada e assobiando baixinho; e depois entoando alto a velha canção marítima, que ouvi dele tantas vezes:

*Quinze homens sobre a mala do defunto...
Io-ho-ho, e uma garrafa de rum!*

A voz, áspera e trêmula, mas forte, se diria afinada pelas barras do cabrestante. Bateu à porta com o bordão — que mais parecia uma alavanca — e, quando meu pai apareceu, pediu-lhe um copo de rum. Bebeu-o aos goles, estalando a língua, como conhecedor; e, enquanto bebia, olhava sempre para os rochedos e para a nossa tabuleta.

— É acessível esta baía, e o seu albergue está muito bem situado — disse por fim. — Muita freguesia, camarada?

E, à resposta de meu pai, que não, que infelizmente era até muito pouco frequentado, retrucou:

— Então é um bom ancoradouro para mim.

E, virando-se para o carregador, gritou:

— Camarada, chega-te e descarrega o baú. Fico por aqui algum tempo. Sou um homem simples — continuou, dirigindo-se a meu pai. — Rum, toicinho e ovos é quanto me basta, mais aquela ponta, ali, para ver passarem os navios. Como há de me chamar? Sim!... Capitão. Mas vejo que está aí... espere!

Jogou ao chão três ou quatro moedas de ouro e exclamou, com a altivez de um comandante:

— Avise, quando eu tiver acabado de comer isso!

Na verdade, a despeito do traje desalinhado e do modo grosseiro de falar, aquele homem não tinha o aspecto de simples marinheiro, parecia antes um piloto ou capitão de navio, habituado a dar ordens e a distribuir pancadas.

Contou o homem do carrinho de mão que ele desembarcara naquela manhã, do carro-correio, em frente ao Royal George, e indagara se havia albergues pela costa; que, dadas as boas referências, ou talvez por sabê-lo isolado, escolhera o nosso. E foi tudo quanto se soube do novo hóspede.

Habitualmente silencioso, costumava passear diariamente pela casa, ou pelos rochedos, de óculo em punho; à noite, ficava ao pé do fogão, bebendo água com muito rum. Não respondia, as mais das vezes, quando lhe falavam; encarava o importuno com olhos ferozes, fungando até lhe saírem do nariz dois chifres de bafo. E, com o tempo, aprendemos a deixá-lo consigo.

Nunca voltava desses passeios sem indagar se aparecera algum marinheiro pela estrada. A princípio julgamos que desejava rever os companheiros e que daí viesse aquela ansiedade; mas percebemos mais tarde que, ao contrário, queria evitá-los. Se aparecia no albergue algum marujo, dos que raramente se dirigiam a Bristol pela costa, ele o espiava por detrás da cortina antes de entrar; e ficava na sala, calado como um ratinho. Isso, para mim, nada tinha de estranho, porque eu mesmo participava de seus temores. Chamara-me um dia à parte e prometera dar-me uma moeda de prata, se eu vigiasse a aparição de “um marujo pernetá” e o avisasse assim que o visse.

Não era raro que, ao me apresentar no princípio do mês, para buscar meu ordenado, recebesse apenas um olhar colérico e uma fungadela; mas daí a poucos dias ele se arrependia, trazia-me a moeda e repetia-me a ordem de “vigiar para ver se aparecia o marinheiro pernetá”.

Não é preciso dizer que essa figura começou a perseguir-me até em sonhos. Nas noites de tempestade, ouvindo o vento esfuziar pelos quatro cantos da casa e a ressaca a bramir na praia e sobre os recifes, eu o via, tomando mil formas diversas, com mil expressões diabólicas. Ora a perna me

aparecia cortada pelo joelho, ora no quadril; e já o monstro me surgia como um duende de uma só perna. E o mais aflitivo pesadelo era quando o via correr e saltar cercas e vales, sempre a me perseguir.

É fora de dúvida que paguei sempre muito caro a minha moedinha mensal, com aquelas horríveis assombrações.

À parte, porém, o pavor que me inspirava o marujo pernetá, ninguém tinha menos medo do capitão do que eu. Às vezes tomava mais álcool do que a quantidade que o cérebro podia comportar e nessas noites se punha a cantar velhas canções marítimas, perversas e selvagens, sem dar atenção a ninguém. Outras vezes, mandava servir bebidas a todos os presentes e obrigava-os a escutar-lhe as histórias ou a cantar em coro o estribilho.

Ouvi muitas vezes a casa toda estremecer ao som do “Io-ho-ho, e uma garrafa de rum”: é que todos se esforçavam o máximo que podiam para cantar, coagidos pelo medo, e cada qual se empenhava em erguer mais a voz. Porque o capitão era, nesses momentos, o pior companheiro que se pode imaginar: dava murros na mesa, para impor silêncio; enfurecia-se a uma pergunta que lhe faziam — ou que ninguém fazia, porque tudo era prova de pouca atenção ao que dissesse. E proibia, formalmente, que qualquer pessoa se retirasse do albergue antes que ele próprio, completamente embriagado, se recolhesse ao quarto, cambaleando.

O que mais aterrava os ouvintes eram as histórias que contava. Eram espantosas: falavam de enforcados, de mergulhos, de tempestades no mar, do arquipélago das Tartarugas, de casos e sítios pavorosos no continente espanhol.

A dar-lhe crédito, vivera sempre entre os homens mais perversos que os mares têm visto; e os crimes que narrava não escandalizavam mais aquela gente simples do que a linguagem em que os descrevia.

Meu pai estava sempre a repetir que ainda havia de arruinar o albergue, cujos fregueses acabariam por se cansar de suportar aquela tirania; mas eu acho que sua presença até nos trouxe benefícios. Assustavam-se ao ouvi-lo, mas depois, refletindo melhor, achavam graça nele; era uma diversão naquela pacata vida rústica. Havia até um grupo de rapazes que o admiravam e o chamavam de “verdadeiro lobo do mar” e “marinheiro experimentado”, e outros nomes semelhantes; e diziam que era graças a homens assim que a Inglaterra se tornara senhora dos mares.

Mas o certo é que, por outro lado, o corsário quase chegou a nos arruinar, porque se foi deixando ficar semanas e meses sem se dar conta de

que as quatro moedas se haviam esgotado havia muito tempo. Meu pai não tinha ânimo de lhe falar sobre isso. Se arriscava uma palavra a respeito, o capitão fungava com tanta força que mais parecia bramir e olhava-o de tal maneira que ele saía imediatamente do quarto. Eu o via torcer as mãos depois de tais cenas e estou certo de que a inquietação e o terror em que vivia lhe apressaram o prematuro fim.

Durante todo o tempo que morou em nossa casa, a única coisa que o capitão mudou no seu traje foram as meias, que comprou de um mascate. Rasgara-se a aba do chapéu, e ele a deixou assim caída, apesar do incômodo que lhe causava quando ventava. E lembro-me bem do casaco, que ele mesmo consertava e que no fim já nada mais era senão um monte de remendos.

Nunca escrevia nem recebia cartas; nunca falava com ninguém, a não ser com os vizinhos, e isso só quando estava muito embriagado. Quanto ao seu baú, ninguém jamais o vira aberto.

Com tudo isso, uma única vez, e assim mesmo no fim, alguém lhe fez frente, já nos últimos dias de meu pobre pai. O dr. Livesey chegara muito tarde para ver o doente; jantou e foi para o salão fumar, à espera do seu cavalo, que ficara na aldeia, porque não tínhamos cavalaria no Almirante Benbow. Entrei ali com ele e notei logo o contraste que fazia o doutor, elegante e bem-vestido, com sua peruca alva como a neve, seus olhos negros e brilhantes e maneiras delicadas, com os aldeões grosseiros, e sobretudo com aquele sujo, pesadão e feioso espantalho, que era o nosso pirata, sentado lá longe, a cair de bêbado, com os braços sobre a mesa.

De repente ele — isto é, o capitão — começou a cantarolar sua eterna cantiga:

*Quinze homens sobre a mala do defunto...
Io-ho-ho, e uma garrafa de rum!
Os outros, afinal, tanto beberam,
Io-ho-ho, e uma garrafa de rum!
Que o diabo lá os levou tudo por junto...
Io-ho-ho, e uma garrafa de rum!*

A princípio pensei que “mala do defunto” fosse aquele baú grande, que ele tinha lá no quarto, e à lembrança da qual sempre liguei o marinheiro pernetá. Mas de tanto ouvir a cantilena, já ninguém lhe dava atenção. Só não a conhecia ainda o doutor, e observei que não lhe agradou muito; vi-o erguer a cabeça, irritado, e interromper a exposição que fazia ao velho Taylor, o jardineiro, sobre um novo método de curar o reumatismo. Entretanto, o capitão ia entusiasmando-se com seu próprio canto e afinal assentou um murro na mesa, o que era, como todos sabíamos, a sua maneira de ordenar silêncio.

Cessaram as vozes imediatamente, menos a do doutor, que continuou a falar clara e bondosamente com o jardineiro, tirando fumaçadas do cachimbo de vez em quando.

O capitão encarou-o um momento, deu outro soco na mesa e, afinal, bradou com uma praga medonha:

— Silêncio, olá, do convés!

— Falou comigo? — perguntou o doutor.

E como o bruto lhe dissesse, com outra blasfêmia, que sim, ele continuou:

— A única coisa que tenho a dizer-lhe é que, se continuar a beber rum, dentro em pouco estará o mundo livre de um imundo biltre!

A fúria do velho pirata foi terrível. Ergueu-se de um salto, puxou um facão de marinheiro, abriu-o e, balançando-o na palma da mão, ameaçou o doutor de pregá-lo à parede.

O doutor nem se moveu. Continuou a falar-lhe desdenhosamente, em voz alta, para que toda a sala pudesse ouvi-lo, mas muito sereno e firme:

— Se não meter essa faca no bolso imediatamente, dou-lhe minha palavra, será enforcado na próxima sessão do tribunal!

Cruzaram-se os olhares dos dois homens, como se fossem punhais, mas foi o capitão que se deu por vencido: baixou os olhos, guardou a arma e voltou a sentar-se, rosnando como um cão batido.

— E agora, visto que tenho no meu distrito um sujeito dessa espécie, descanse, que não lhe tirarei os olhos de cima; não sou apenas médico, sou também magistrado. E se me chegar aos ouvidos a mais leve queixa contra você, quando mais não seja por uma falta de delicadeza, como a de hoje, providenciarei para que mandem prendê-lo. Fique prevenido.

Não demorou muito a chegar o cavalo; o dr. Livesey montou e partiu; mas o capitão ficou quieto naquela noite e ainda por muitos dias seguidos.

II

O CÃO NEGRO

Não tardou muito a surgir o primeiro dos misteriosos acontecimentos que

nos livraram do capitão, sem que nos livrassem, contudo, de seus negócios.

O inverno rigoroso trouxe terríveis nevadas e furacões. Era evidente que meu pobre pai não resistiria até a primavera. Piorava dia a dia, e todo o trabalho da casa estava a cargo de minha mãe, que só tinha a mim para ajudá-la. Muito atarefados, pouca atenção sobrava para darmos ao nosso antipático hóspede.

Numa manhã friíssima de janeiro, o capitão levantou-se mais cedo que de costume. A praia cinzenta estava branca de neve, a maré lambia brandamente os rochedos, o sol ainda baixo no horizonte apenas tocava os cimos mais altos, brilhando lá longe no mar; e o capitão, de chapéu atirado para trás, facão pendente debaixo das largas abas do casaco azul, óculo sob o braço, foi sentar-se na baía. Lembro-me de ver o bafo que lhe saía do nariz, deixando no ar um rastro de fumaça esbranquiçada; o último som que lhe ouvi, ao dobrar o grande rochedo, foi um ronco de imaginação, quiçá endereçado ainda ao dr. Livesey.

Minha mãe estava em cima com o doente; eu punha a mesa para o almoço do capitão, quando vi abrir-se a porta e entrar um homem que eu jamais vira. Era um sujeito pálido, sem dois dedos na mão esquerda; e, posto que armado de facão, não parecia soldado. Eu, que sempre estava alerta para os marinheiros, de uma ou duas pernas, assustei-me ao vê-lo. Não era certamente da maruja, e ainda assim cheirava a mar, sem nenhuma dúvida.

Perguntei-lhe o que desejava tomar, e pediu-me rum; mas, quando eu ia sair para buscá-lo, sentou-se a uma das mesas e chamou-me.

— Vem cá, filhinho. Vem cá! Mais perto!

Dei mais um passo até ele.

— Esta mesa é para o meu camarada Bill? — perguntou, sorrindo velhacamente.

Disse-lhe que não conhecia seu camarada Bill; que era para uma pessoa que morava em nossa casa e a quem chamávamos de *capitão*.

— Ora essa! O amigo Bill pode ser chamado de *capitão*, certamente. Ele tem uma cicatriz no rosto e maneiras agradabilíssimas, ainda mais quando está embriagado. Ora, digamos, por exemplo, que é na face direita... Sim! É isso mesmo! E meu amigo Bill está em casa?

Disse-lhe que estava passeando.

— Por onde, filhinho? Por onde ele foi?

Quando apontei o rochedo, dizendo que o capitão certamente não tardaria, e respondi a mais algumas perguntas suas, o homem comentou:

— Ah! “Isto” será tão agradável como a bebida para o meu camarada Bill!

A expressão do seu rosto, ao proferir essa exclamação, não era nada tranquilizadora e pensei comigo que o homem estava enganado, se é que suas palavras não tinham um sentido oculto. Mas, afinal, isso não era comigo; nem eu podia meter-me no assunto.

O homem postou-se na sala, mas perto da porta, espiando para fora como um gato à espreita do camundongo. Como eu tinha saído para a estrada chamou-me imediatamente. Ainda mais: porque não voltei tão depressa quanto desejava, as feições se alteraram terrivelmente e ele soltou um rugido de cólera que me fez dar volta incontinente.

Assim que me viu de novo na sala, serenou e, meio a sorrir, meio a zombar, bateu-me no ombro, dizendo que eu era um bom rapazinho e que gostava muito de mim.

— Tenho um filho que se parece contigo como duas gotas de água e que é todo o meu orgulho. Mas a principal coisa para os rapazes é a disciplina, filho, a disciplina. Se tivesses navegado na companhia de Bill não seria preciso repetir a ordem, ah, isso não! Nem na companhia de Bill nem entre os que com ele navegavam! Mas lá vem meu amigo Bill, com um óculo debaixo do braço... Viva! É ele mesmo! Nós dois vamos entrar para o salão, meu pequeno; vamos nos esconder atrás da porta, para fazer uma pequena surpresa ao amigo Bill... Viva!, torno a dizer.

E, voltando comigo ao salão, ocultou-se atrás da porta, como dissera, escondendo-me, ao mesmo tempo, por trás dele.

Eu estava muito assustado, como se pode ver, e mais ainda porque o desconhecido também não parecia nada tranquilo. Segurou o cabo do facão e afrouxou a lâmina para não demorar a abri-la; e, todo o tempo em que ali estivemos, engolia saliva, como quem tem um nó na garganta.

Afinal entrou o capitão, batendo com a porta, e foi direto à mesa, sem olhar para os lados.

Então o desconhecido chamou, esforçando-se por falar com voz firme:

— Bill!

O capitão deu meia-volta; olhou-nos e empalideceu; até o nariz parecia azulado de tão lívido. Parecia que vira um fantasma, ou o diabo, ou coisa pior, se é possível haver. Palavra: penalizou-me vê-lo assim transformar-se num momento em uma criatura tão miserável. Parecia que envelhecera.

— Ora, vamos, Bill; tu me conheces... conheces, certamente, um antigo

companheiro de bordo, Bill.

O capitão resfolegou.

— Cão Negro!

— Pois quem mais havia de ser? — retrucou o desconhecido, já mais à vontade. — O Cão Negro, que vem ver seu camarada, Bill, no albergue Almirante Benbow. Ah! Bill, Bill! Nunca mais nos vimos, desde que perdi estas duas garras.

E mostrou a mão mutilada.

— Bem! — disse o capitão. — Tu me descobriste; aqui estou. Fala duma vez: que queres?

— Tens razão, Bill; é isso. Vamos tomar um copo de rum, que este menino, com quem simpatizo muito, vai trazer. Vamos sentar ali, e, se quiseses falemos francamente, como dois velhos companheiros.

Ao voltar com o rum, encontrei-os já sentados à mesa do capitão; o Cão Negro junto à porta, meio de lado. Ao que me pareceu, manobrar de modo a ter um olho no capitão, outro na retirada.

Mandou-me sair e ordenou-me que deixasse a porta bem aberta, dizendo:

— Não quero ver os buracos das fechaduras, filhinho.

Obedeci, retirando-me para o botequim. Por muito tempo, apesar do meu empenho em ouvir o que diziam, nada mais ouvi senão o cicio de vozes abafadas; mas pouco a pouco elas se foram acalorando e, então, pude perceber algumas palavras isoladas, principalmente as pragas do capitão. De repente ele gritou:

— Não, não, não, não! E basta! Se é preciso dar a proa ao vento, pois demos volta à âncora.

De repente, reboou uma algazarra medonha, pragas e barulho de cadeiras e mesas viradas. Ouvi o tinir do aço, um grito de dor, e imediatamente Cão Negro saiu a correr como um louco, perseguido pelo capitão — ambos de facão em punho, e o fugitivo com o ombro esquerdo a escorrer sangue. Da porta, o capitão vibrou no outro mais um tremendo golpe, que lhe teria certamente partido a espinha, se não fosse interceptado pela tabuleta do albergue. Até hoje se vê a facada na parte inferior da moldura.

Foi o último golpe do combate. Uma vez na estrada e a despeito de sua ferida, Cão Negro mostrou para que lhe serviam as pernas, desaparecendo por detrás do morro em meio minuto.

O capitão ali ficou, a olhar para a tabuleta, meio desorientado. Depois passou a mão pelos olhos muitas vezes e, afinal, tornou ao salão.

— Jim — disse ele. — Rum!

Como cambaleava, apoiando-se à parede, perguntei assustado:

— O senhor está ferido?

— Rum! Preciso sair daqui. Rum! Rum!

Corri a buscá-lo; mas, transtornado com o que vira, quebrei o copo e sujei a torneira e, enquanto me recompunha, ouvi o rumor de uma pesada queda no salão.

Corri para lá e encontrei o capitão estendido no soalho, em toda a sua extensão. Já minha mãe, assustada com os gritos e o ruído da luta, vinha descendo para me auxiliar. Erguemos a cabeça do capitão, que respirava ruidosamente; tinha os olhos fechados e o rosto ia tomando uma cor medonha.

— Meu Deus! — exclamava minha mãe. — Que desgraça para a nossa casa! E teu pai doente!

Não atinamos com a maneira de socorrer o homem, julgando-o mortalmente ferido. Trouxe o rum e tentei fazê-lo beber; ele, porém, tinha os dentes cerrados, e os maxilares eram duros como ferro. Foi grande alívio para nós dois ver abrir-se a porta e entrar o dr. Livesey, que vinha ver meu pai.

— Doutor! — gritei. — Que vamos fazer? Ele está ferido!

— Ferido? Que tolice! Está tão ferido quanto eu ou tu! Ele teve um ataque, como eu havia previsto. Agora, sra. Hawkins, suba para junto de seu marido e, se for possível ocultar, nada lhe diga do que se passa. Tenho de me esforçar por salvar a vida três vezes indigna deste homem; e tu, Jim, traze-me uma bacia.

Ao voltar com ela, o médico já tinha arregaçado a manga do capitão, descobrindo-lhe o braço vigoroso, tatuado em vários lugares. “Comigo é sorte!”, “Um vento favorável”, “Billy Bones e seu gosto” — eram inscrições nitidamente gravadas no antebraço. Mais acima, junto ao ombro, via-se uma forca, com um homem pendente — na minha opinião, muito bem desenhada.

— Profético — disse o doutor, indicando com o dedo o desenho.

— E agora, mestre Billy Bones, se é esse o teu nome, vamos ver a cor de teu sangue. Jim, tens medo de ver sangue?

— Não, senhor.

— Então segura a bacia.

Pegou a lanceta e abriu uma veia. Correu bastante sangue antes que o

homem abrisse os olhos e olhasse ao redor. Reconheceu logo o doutor e franziu os sobrolhos; depois, vendo-me ali, pareceu ficar mais tranquilo. De repente, porém, mudou de cor e tentou levantar-se, gritando:

— Onde está o Cão Negro?

— Aqui não há nenhum cão negro — replicou o médico —, a não ser o que você traz consigo. Bebeu rum e teve um ataque, como eu tinha dito. Bem contra a minha vontade, acabo de puxá-lo da cova. E agora, sr. Bones...

— Não me chamo Bones — interrompeu ele.

— Pouco importa. É o nome de um pirata que conheço; chamo-o assim para não perder tempo. Agora, escute: um copo de rum não vai matá-lo; mas, se você tomar um, há de beber mais outro, e mais outro, e aposto minha cabeleira que, se não se emenda, você morre! Entende? Morre e vai para o lugar que lhe compete, como o homem da Bíblia. Vamos, agora faça um esforço: vou ajudá-lo a ir para a cama imediatamente.

Com grande trabalho conseguimos levá-lo para o quarto e metê-lo na cama; quando a cabeça dele caiu no travesseiro, pensei que estivesse desmaiando.

— Preste bem atenção! — disse-lhe o doutor. — Cumpro o meu dever avisando-o: só o nome de rum para você é a morte.

E saiu para ver meu pai, levando-me pelo braço. Depois de fechar a porta do quarto, disse-me:

— Isso não é nada. Tirei bastante sangue e ele se conservará quieto por algum tempo; terá de ficar uma semana deitado. É melhor para ele e para ti também. Mas outro ataque apoplético acabará com ele.

III

O SINAL NEGRO

Ao meio-dia fui ao quarto do capitão, para levar-lhe remédios e refrescos. Achei-o do mesmo jeito, somente deitado um pouco mais para cima; parecia

muito fraco e agitado.

— Jim — disse ele —, és tu o único ente que vale alguma coisa aqui. Sabes que sempre fui bom para ti; nunca deixei de te dar o mil-réis; no princípio do mês. E agora, vê tu, camarada, estou abatido; todos me abandonam; mas tu, Jim, vais me trazer uma caneca de rum agora, não é, meu amiguinho?

— Mas o doutor...

Interrompeu-me, praguejando contra o doutor, em voz fraca, mas firme:

— Os médicos não passam de vassouras velhas, esfregões de convés; e este nosso aqui, que ele sabe de marinheiros? Estive em lugares quentes com pés fervendo, onde os camaradas caíam aos montões, com febre amarela, e onde a terra inchava, como o mar, com terremotos; que sabe o doutor dessas terras? E eu vivia do rum, sabes? Era minha comida, minha bebida, era tudo para mim. Se eu não beber meu rum agora, ficarei como um pobre casco velho atirado à costa, e meu sangue cairá sobre ti e sobre esse doutor estúpido, Jim.

E recomeçou a praguejar.

— Olha, Jim, como me tremem os dedos — continuou em tom suplicante. — Não posso parar, não posso. Não bebi uma só gotinha hoje. O doutor é um maluco, sabes? Se eu não beber um pouquinho de rum, vou ver fantasma, Jim. Já vi um até; vi o velho Flint lá no canto, atrás de ti; vi tão distintamente como se estivesse pintado ali. E se vejo assombrações fico pior que Caim, porque tenho vivido sempre em lutas. Teu doutor mesmo disse que um copo não me faz mal algum. Eu te dou um guinéu de ouro por uma caneca, Jim.

O doente ia ficando cada vez mais agitado. Assustei-me, porque meu pai estava mais fraco naquele dia e precisava de sossego; além disso, as palavras do médico, que ele acabava de me recordar, tranquilizavam-me — ao passo que aquela proposta de suborno me ofendia.

— Nada quero do seu dinheiro, a não ser o que deve a meu pai — retruquei. — Vou trazer um copo, mas um só!

Vendo o copo, pegou-o com avidez e bebeu o rum de um trago.

— Ah! — disse então. — Isto agora vai melhor, um pouco melhor. Escuta, meu amiguinho, quanto tempo o doutor pretende me deixar neste ancoradouro?

— Pelo menos uma semana.

— Nunca! Uma semana! Não posso ficar; eles me mandariam o sinal

negro nesse meio-tempo. Os poltrões andam no meu encalço; vadios, que não souberam conservar o que apanharam e querem meter a unha no quinhão alheio. Isso é procedimento de marinheiro? Sou uma criatura econômica; nunca esbanjei meu rico dinheiro, nem perdi. Vou pregar uma peça! Não tenha medo deles! Ainda aguento o repuxo, camarada, e quebro o corpo outra vez.

Dizendo isso, ergueu-se da cama com grande dificuldade, segurando-se ao meu ombro com tanta força que quase me fez gritar; depois moveu as pernas, que pareciam um peso morto. A energia das palavras contrastava de todo com a fraqueza da voz. Chegou-se para a beira da cama e sentou-se, murmurando:

— Está aí a obra desse doutor! Meus ouvidos estão zunindo. Ajuda a me deitar, menino.

Mas, antes que eu pudesse tentar ajudá-lo, tornou a cair na cama.

— Jim — disse afinal —, viste aquele marinheiro?

— O Cão Negro?

— Sim! O Cão Negro! É um mau sujeito, mas os outros ainda são piores. Então, se eu não puder ir embora daqui e eles me mandarem o sinal negro, não te esqueças, o que eles querem é o meu baú; pega um cavalo; podes arranjar um, não é? Então pega um cavalo e vá... sim, vá, é isto que eu quero! Vá ter com aquele maldito doutor danado. Ele que apite para todos os camaradas, os magistrados e os outros, e dirija todos para o Almirante Benbow, toda a equipagem do velho Flint, homem e rapaz, tudo. Eu era primeiro piloto, era, sim! Primeiro piloto do velho Flint; e sou o único que conhece o lugar. Ele me revelou isso em Savannah, quando estava para morrer, como eu estive ainda há pouco, sabes? Mas não te metas senão quando eles me entregarem o sinal negro, ou quando enxergares outra vez o Cão Negro, ou um marinheiro pernetá, ouves, Jim? Esse principalmente.

— O que vem a ser o sinal negro, capitão?

— É uma intimação, Jim. Eu te digo se eles trouxerem. Mas fica de olho à espreita, porque vou repartir irmãmente contigo, palavra de honra!

Ainda falou algum tempo, mas a voz ia ficando cada vez mais fraca; deilhe o remédio, que tomou como uma criança, dizendo:

— Se já houve no mundo um marinheiro que nunca tenha precisado de drogas, fui eu!

Mergulhou depois em um sono pesado, que mais parecia um desmaio. Deixei então o quarto.

Como procederia, se as coisas tivessem seguido seu curso normal, não sei dizer. Provavelmente teria narrado tudo ao doutor, porque tinha medo de que o pirata, arrependido de sua confissão, desse cabo de mim. Mas a morte súbita de meu pai, sobrevinda naquela mesma tarde, relegou todos os outros assuntos para plano secundário.

A nossa natural tristeza, as visitas dos vizinhos, os preparativos do funeral, todo o trabalho do albergue, que não se alterou, tudo isso me manteve tão ocupado que mal tive tempo de pensar no capitão, quanto mais de ter-lhe medo.

Desceu do quarto na manhã seguinte e almoçou como sempre, ainda que pouco; mas suponho que tivesse bebido mais rum que de costume, porque saiu do restaurante fungando, ameaçador, e ninguém ousou enfrentá-lo.

Na véspera do funeral, à noite, estava mais bêbado do que nunca; aquilo era irritante, vê-lo assim naquela casa enlutada, ouvi-lo cantarolar as horríveis canções costumeiras. Mas, como estava muito fraco, temíamos que morresse; demais, não contávamos com o doutor, que fora repentinamente chamado e estava a muitos quilômetros de distância.

Parecia que o homem enfraquecia de hora a hora. Subia e descia a escada, ia da sala ao restaurante e voltava; metia o nariz pela porta, como se quisesse sentir o cheiro do mar; amparava-se às paredes e respirava ruidosamente, como quem sobe uma montanha.

Nunca se dirigiu a mim em particular, e suponho que esquecera completamente suas confidências; mas estava mais arrelento e, apesar da fraqueza física, mais violento do que nunca.

Adquirira o hábito pouco tranquilizador de tirar a faca quando estava embriagado e deixá-la desembainhada sobre a mesa, na sua frente. Contudo, parecia tão preocupado com seus próprios pensamentos, e tão abstrato, que nem se importava com os demais.

Uma vez, por exemplo, com grande admiração de nós todos, pôs-se a trautear uma canção diferente, uma espécie de cântico de amor rústico, talvez aprendido na mocidade, antes de entrar para a marinha.

Assim continuaram as coisas, até o dia seguinte ao do enterro; nesse dia, pelas três horas da tarde — uma tarde aborrecida, nevoenta e fria —, eu estava parado à porta, abatido pela saudade de meu pai, quando vi alguém vindo devagar pela estrada. Era um cego, porque vinha tateando com o bordão e trazia grandes antolhos que resguardavam não somente os olhos, mas também o nariz. Vinha curvado, meio corcovado pela fraqueza ou idade,

e trazia uma grande capa de marinheiro, toda esfarrapada, com um capuz, que lhe dava uma aparência disforme. Nunca vi em toda a minha vida figura mais horrível. Parou a poucos passos do albergue e, com uma voz singularmente cantante, dirigiu para o ar estas palavras:

— Haverá alguma alma caridosa que informe um pobre cego, que perdeu o precioso dom da vista na defesa de sua pátria, a Inglaterra, Deus abençoe o rei George!, onde, em que parte desta região, me encontro?

— Você está no albergue Almirante Benbow, na baía do Cerro Negro — disse eu.

— Ouço uma voz... uma voz jovem. Quer me dar a mão, meu bom amiguinho, e me levar para dentro?

Estendi a mão e a medonha criatura cega, de voz branda, segurou-a imediatamente, apertando-a como um torniquete. De tão assustado, tentei escapar, mas o cego puxou-me mais para si, com um simples movimento do braço.

— E agora, rapaz, tens de me levar para junto do capitão!

— Senhor, palavra, não me animo!

— Não? — disse ele, chacoteando. — Vamos direto lá, senão te quebro o braço.

E sacudiu-o com tanta força que soltei um grito.

— Senhor, é para seu bem mesmo que digo isso. O capitão já não é o mesmo. Está agora sempre com uma faca à mão. E já um dia destes outro homem...

— Vamos, marcha! — interrompeu-me.

Nunca ouvira voz tão cruel, tão fria e medonha quanto a daquele cego. Acovardou-me mais do que a tortura. Tratei de obedecer-lhe imediatamente, guiando-o para o salão, onde o nosso velho pirata estava sentado, empanturrado de rum.

O cego, tendo-me bem seguro com pulso de ferro, descansava em mim com todo o peso do corpo.

— Caminha diretamente para perto dele. E, quando chegarmos em frente, tens de dizer: “Aqui está um amigo seu, Bill.” Se não, eu farei isso...

E deu-me tal beliscão que pensei que ia desmaiar de dor. O pavor que o mendigo cego me inspirava fez-me esquecer o que sentia pelo capitão; abrindo a porta da sala, com a voz trêmula, gritei as palavras que o desconhecido me ensinara.

Pobre do capitão! Ergueu os olhos e, imediatamente, os efeitos do álcool

se dissiparam; ficou a olhar, espantado. Revelava a expressão do seu rosto mais uma angústia mortal do que terror. Fez um movimento para se levantar, mas parece que nem teve forças para isso.

— Agora, Bill, fique sentado. Não vejo nada, mas em compensação ouço o mais leve ruído. Negócio é negócio. Levante a mão esquerda!

E dirigindo-se a mim:

— Rapaz, pega na mão esquerda dele pelo pulso e encosta nela a minha direita.

Obedecemos ambos ao pé da letra, e vi que ele passava alguma coisa do côncavo da mão que segurava o cajado para a palma do capitão, que a fechou imediatamente.

— Pronto! — disse o cego.

E, largando-me, saiu do salão com certeza e agilidade incríveis, dirigindo-se para a estrada, onde eu, ainda imóvel de espanto, ouvi logo seu bastão, que tateava o solo.

Durante algum tempo, ficamos ali — eu e o capitão — desorientados. Por fim, enquanto eu lhe soltava o pulso, que mantivera preso, ele retirou a mão, olhando vivamente para a palma.

— Às dez! — gritou então. — Tenho ainda seis horas... Nós vamos aproveitar bem esse tempo, é claro.

Dizendo isso, levantou-se. No mesmo instante cambaleou, levou a mão à garganta, inclinou-se um instante, depois caiu em toda a sua extensão, com um ruído abafado, de rosto em terra.

Corri para ele, gritando por minha mãe. Mas era já inútil a nossa pressa. Fulminara-o uma apoplexia.

Deu-se então uma coisa estranha: certamente eu jamais tivera amizade àquele homem, ainda que nos últimos tempos começasse a me inspirar piedade; mas, ao vê-lo morto, desatei a chorar. Era a segunda morte que presenciava, e a grande mágoa da primeira ainda me torturava o coração.

IV

O BAÚ DO CAPITÃO

Contei logo a minha mãe o que sabia, arrependido de não lhe ter revelado

tudo há mais tempo. Agora nos víamos em uma difícil e perigosa situação. Uma parte do dinheiro daquele homem — se é que o tinha — nos era devida, sem nenhuma dúvida; mas era pouco provável que os camaradas do capitão, especialmente os que eu conhecia, o Cão Negro e o mendigo cego, resolvessem nos dar em pagamento do que ele nos devia a menor parte do que pilhassem. Para obedecer às ordens do morto — montar e ir procurar o dr. Livesey — tinha de deixar minha mãe sozinha e desprotegida. Nem podia pensar em semelhante coisa. Também não nos parecia possível continuar por mais tempo naquela casa: a queda do carvão no fogo, o tique-taque do relógio eram ruídos suficientes para nos assustar. Os arredores nos pareciam assombrados; a cada instante julgávamos ouvir passos que se aproximavam. E, diante do cadáver do capitão ali estendido no soalho, a ideia do mendigo cego rondando a casa, pronto a voltar, dava-me às vezes arrepios de terror.

Naquelas circunstâncias era indispensável tomar uma resolução, e pensamos em correr à aldeia próxima, em busca de auxílio.

Foi o que tratamos de fazer. Mesmo sem qualquer proteção na cabeça, como estávamos, deitamos a correr imediatamente ao lusco-fusco, em meio ao nevoeiro gelado.

Não se avistava a aldeia; ela, porém, não distava senão algumas centenas de metros. Ficava do outro lado da baía e, o que me dava mais ânimo, em direção oposta ao caminho por onde aparecera o cego e por onde com certeza escapara. Gastamos poucos minutos no trajeto, apesar de pararmos de vez em quando, para nos aconchegarmos um ao outro e escutar... Mas nenhum som estranho nos chegava aos ouvidos; apenas o murmúrio da maré e o crocitar dos habitantes da floresta.

Já brilhavam as luzes dentro das casas quando chegamos. Jamais esquecerei a alegria que senti ao ver a claridade através das portas e janelas; contudo, foi esse o único auxílio que dali nos veio, como se verá.

Porque — vergonha para os homens! — o certo é que não houve um só que quisesse ir conosco ao Almirante Benbow! Quanto mais explicávamos nossos apuros, mais insistiam todos, homens, mulheres e crianças, em ficar bem abrigados em casa. O nome do capitão Flint, que eu jamais ouvira, era bem conhecido de alguns deles e inspirava-lhes um terror imenso. Alguns lavradores que trabalhavam no campo para os lados do albergue tinham visto homens estranhos rondando pela estrada. Supondo-os contrabandistas, tinham-nos evitado. Mas um deles vira um pequeno lugre no sítio a que chamamos A Cova de Kitt. O fato é que quem quer que fosse camarada do

capitão lhes metia pavor. Em resumo, ao passo que não era difícil encontrar alguns que se prontificassem a ir prevenir o dr. Livesey, que morava para a outra banda, não achamos nem sequer um só que quisesse acompanhar-nos para defender o albergue.

Dizem que a covardia é contagiosa; mas então uma discussão é, sem dúvida, grande estimulante da coragem, porque depois que todos expuseram suas razões, minha mãe fez um discurso. Explicou que não queria perder o dinheiro que pertencia a seu filho, hoje sem pai; e acabou dizendo:

— Se nenhum de vocês tem coragem de ir, eu e Jim vamos lá. Vamos voltar pelo mesmo caminho, e sem ter de agradecer nada a vocês, homenzarrões grosseiros e covardes. Abriremos aquele baú, ainda que com risco de morte. E ficarei muito agradecida, sra. Crossley, se me emprestar aquela bolsa, para trazer o dinheiro que nos pertence.

Como é claro, logo declarei que acompanharia minha mãe; como também é claro, todos gritaram que aquilo era uma temeridade; mas mesmo assim nenhum deles quis acompanhar a expedição... O que fizeram apenas foi entregar-me uma pistola carregada, para o caso de sermos atacados. E prometeram esperar-nos com cavalos já encilhados, porque podiam perseguir-nos na volta, e mandar um rapaz na frente, em busca do dr. Livesey, para que trouxesse reforço armado.

Batia-me o coração desmedidamente, ao empreendermos esta perigosa excursão, sozinhos, na fria noite.

Apontava a lua cheia, espiando avermelhada por sobre as camadas mais altas do nevoeiro; isso nos aumentava a pressa, porque, antes que estivéssemos de volta, seria claro como dia, e poderíamos ser vistos de qualquer parte.

Deslizávamos sem fazer rumor, suavemente, ao longo das sebes, e nada ouvimos nem vimos que pudesse aumentar nosso pavor, até que sentimos grande alívio quando nos encontramos dentro do albergue, com a porta fechada.

Corri o ferrolho e paramos ali, ofegantes, no escuro, sozinhos com o cadáver do capitão. Minha mãe pegou uma vela e, de mãos dadas, entramos no salão. Ele jazia ali como o deixáramos, de costas, de olhos abertos e um braço estendido.

— Abaixa a veneziana, Jim — murmurou minha mãe. — Podem voltar e nos espiar de fora. Agora, é preciso tirar a chave dele, mas quem vai tocar no defunto, isso é que vai ser difícil!

Ao dizer essas palavras, suspirou profundamente. Eu então me ajoelhei sem mais demora junto do corpo. No chão, ao lado dele, jazia uma bolinha de papel enegrecida de um lado. Não havia dúvida de que era o tal *senal negro*; virando-a, achei escrito do outro lado, com uma letra clara e firme, este simples aviso: “Vais viver até as dez horas.”

— Ele viveria até as dez horas, mamãe — disse eu.

Nesse instante, nosso velho relógio começou a bater. O ruído inesperado causou-nos não pequeno pavor, mas trouxe-nos afinal uma boa notícia, pois eram apenas seis horas.

— E agora, Jim, a chave! — disse minha mãe.

Remexi-lhe os bolsos, um por um; encontrei algumas moedas pequenas, um dedal, fio e agulhas grossas, um pedaço de fumo em corda, mordido na ponta, seu facão curvo, uma bússola de algibeira, um isqueiro... E era tudo. Começava a perder a esperança!

— Talvez esteja pendurada no pescoço — lembrou minha mãe.

Vencendo uma grande repugnância, rasguei-lhe a gola da camisa; encontrei, então, presa a um pedaço de barbante alcatroado, a chave que procurávamos. Cortei o barbante com o facão do morto e apoderamo-nos dela. Sentindo a esperança renovada agora, apressamo-nos a subir para o quartinho onde o capitão dormira durante tanto tempo e onde estava o baú, desde a sua chegada ali.

Tinha a aparência de todos os baús de marinheiro; na tampa fora gravada a fogo a inicial B; os cantos estavam um tanto arranhados, por um uso longo e pouco cuidadoso.

— Dê-me a chave — disse minha mãe.

Apesar de emperrada a fechadura, conseguiu dar volta à chave e abriu o baú sem demora, jogando a tampa para trás.

Forte cheiro de fumo e alcatrão espalhou-se pela peça, mas nada vimos por cima, senão um terno de roupa muito boa, cuidadosamente escovado e dobrado.

— Nunca foi usado — disse minha mãe.

O resto, porém, era uma miscelânea: um quadrante, uma caneca de estanho, diversos tocos de fumo, dois pares de excelentes pistolas, uma pepita de prata, um velho relógio espanhol e alguns objetos de arte de pouco valor, a maior parte deles estrangeiros; um quadrante de cobre e cinco ou seis conchas da Índia, muito curiosas. Muitas vezes tenho perguntado a mim mesmo por que ele carregaria consigo aquelas conchas, na sua vida errante,

viciosa e perseguida.

Entretanto, a não ser a pequena barra de prata e os objetos de arte nada havíamos encontrado que tivesse algum valor, e nenhum desses objetos nos serviria de nada. Embaixo de tudo estava uma velha capa de marinheiro, branca de sal marinho de muitos portos. Minha mãe puxou-a com impaciência; vimos então as últimas coisas que havia no baú: um pacote envolto em oleado, que parecia conter papéis, e um saco de cânhamo, que soou com o tinido do ouro quando o tocamos.

— Vou mostrar àqueles canalhas que sou uma mulher honesta — disse minha mãe. — Só tiro o que ele me devia, nem um vintém a mais... Segura a bolsa da sra. Crossley.

E começou a contar, para retirar do saco do marinheiro a importância da conta do capitão.

Longo e penoso foi o trabalho, porque havia moedas de todos os tamanhos e países: dobrões, luíses de ouro, guinéus, piastras e não sei que mais, tudo misturado. Os guinéus eram os mais escassos, e era justamente com eles que minha mãe podia fazer a conta.

Estávamos talvez no meio do trabalho, quando lhe segurei o braço, porque ouvira, no ar silencioso e gelado, um rumor que me fez saltar o coração: o tatear do bordão do cego na estrada coberta de neve. Cada vez se aproximava mais, e nós retínhamos a respiração. Depois bateram com firmeza na porta do albergue; ouvimos que davam volta ao trinco; a fechadura retinia, ao esforço que o miserável fazia para abrir a porta. Depois, um silêncio profundo, tanto dentro como lá fora... Afinal tornamos a ouvir o toque-toque do bastão, cada vez mais apagado, até que se extinguiu de todo. Que alegria a nossa e quantas graças não rendemos a Deus!

— Mãe — disse eu —, leve tudo e vamos embora!

Tinha certeza de que a porta fechada pareceria suspeita e que iria cair todo o enxame em cima de nós. Contudo, dava graças por me ter lembrado de correr o ferrolho; só quem conhecesse aquele medonho cego poderia me compreender!

Mas, por mais assustada que estivesse, minha mãe não quis consentir em levar uma só moeda além do que lhe pertencia de direito, nem tampouco se contentar com levar menos.

— Ainda são sete horas — disse ela.

Sabia que tinha direito e não queria abrir mão dele. Ainda discutia comigo, quando ouvimos, vindo do morro, distante, um assobio baixo e

rápido. Não foi preciso mais nada.

— Vou levar só o que tenho aqui — disse ela, erguendo-se.

— E eu vou levar isto — disse eu, apoderando-me do pacote alcatroado — para arredondar a conta.

Um momento depois descíamos a escada às apalpadelas, pois deixamos a vela perto do baú vazio. Abrimos a porta e batemos em retirada. Era mais que tempo. Dissipava-se rapidamente o nevoeiro; já a lua brilhava, iluminando o campo de ambos os lados; somente no fundo do vale e ao redor da casa um delgado véu de neblina ainda pendia, para ocultar os primeiros passos de nossa fuga. Antes de chegar a meio caminho da aldeia, pouco além do fundo do outeiro, estaríamos em pleno luar.

E não era tudo; já ouvíamos o som de passos apressados e, olhando para trás, víamos uma luzinha vacilante, que avançava ainda mais rapidamente. Sinal de que um dos recém-vindos trazia uma lanterna.

— Meu filho — disse de repente minha mãe —, pega o dinheiro e foge... Vou desmaiar!

Era a nossa morte certa; não podíamos escapar. Como amaldiçoei a covardia de nossos vizinhos! E como acusei minha pobre mãe pela sua honestidade e sua cupidez, pela sua temeridade anterior e fraqueza de agora! Estávamos, felizmente, perto do pontilhão. Ajudei-a, toda trêmula, até chegarmos à beira do regato; vi-a, então, soltar um suspiro e cair sobre o meu ombro. Não sei de onde tirei forças para fazer o que fiz e muito receio ter sido mais rude do que era necessário, mas consegui arrastá-la até o arco da pontezinha. Não podia levá-la mais longe, porque o pontilhão era muito baixo e eu podia andar por baixo dele se passasse rastejando.

E assim ficamos ali, muito perto do albergue, ela quase inteiramente à vista.

v

O FIM DO CEGO

A curiosidade, até certo ponto, foi mais forte em mim do que o medo,

porque não pude ficar tranquilo onde estava e, rastejando, voltei à beira do arroio; dali, oculto por uma moita de giesta, podia avistar a estrada, em frente à casa. Mal me acomodara ali, quando meus inimigos começaram a chegar, uns sete ou oito, a toda a disparada, com o homem da lanterna à frente. Três deles corriam juntos, de mãos dadas; apesar do nevoeiro, vi bem que o do meio era o mendigo cego. E logo ouvi a sua voz:

— Arrombem a porta!

— Sim, sim, senhor! — bradaram duas ou três vozes.

Atiraram-se contra o albergue, seguidos do homem da lanterna. Vi que pararam, então, e falavam em voz baixa, talvez surpreendidos de encontrar a porta aberta. Contudo, não foi longa a espera, pois o cego voltou a dar ordens. Falava cada vez mais alto e mais energicamente, impelido pela impaciência e o furor. Bradava, amaldiçoando-os pela demora:

— Entrem! Entrem!

Quatro ou cinco obedeceram logo; dois ficaram na estrada, junto ao terrível mendigo. Depois de um curto silêncio, ouviu-se um grito de surpresa e logo um brado vindo da casa:

— Bill está morto!

Mas o cego continuava a praguejar, pela demora:

— Revistem o homem, corja de ladrões! Vão outros lá em cima e tragam o baú!

Ouvi os passos desabalados escada acima, de modo que a casa devia ter tremido.

Sem muita demora, se ouviram novos gritos de assombro; abriu-se a janela do quarto do capitão, com grande barulho de vidros quebrados, e vi à luz do luar um homem, debruçado para fora, falando ao cego:

— Pew, veio alguém antes de nós; o baú está todo remexido.

— Mas está lá? — perguntou o cego, num brado.

— O dinheiro está, sim.

— Que vá para o diabo o dinheiro. Quero saber é do documento de Flint!

— Não encontramos em parte alguma.

— Ei, você, o papel está com Bill? — tornou a gritar o cego.

Então apareceu à porta outro sujeito, o que sem dúvida ficara dando busca no corpo do capitão.

— Bill já foi revistado — disse ele. — Nada ficou.

— Foi aquela gente do albergue! Foi aquele guri! Antes eu tivesse

arrancado os olhos dele! — bradou o cego. — Estavam aqui ainda há pouco... tinham fechado a porta quando eu quis entrar. Espalhem-se, rapazes, e descubram onde eles estão!

— É verdade — confirmou o homem da janela; deixaram aqui a lanterna.

— Espalhem-se e procurem! Remexam a casa toda! — repetia Pew, batendo com o bastão na estrada.

Foi então um grande estardalhaço na nossa velha estalagem; ouvíamos o estrondo de passos pesados por toda parte — móveis virados, portas arrombadas — repercutindo nos rochedos. Depois os homens saíram outra vez, um por um, e declararam que não tinham nos encontrado em parte alguma.

Nesse instante preciso, ouviu-se de novo, soando ainda mais claro na noite silenciosa, o mesmo apito que nos tinha assustado, a minha mãe e a mim, quando contávamos o dinheiro do falecido capitão — mas desta vez foi repetido duas vezes. A princípio pensara que se tratasse da trombeta do cego, convocando-os para o assalto; mas percebi agora que era um sinal, vindo da encosta do outeiro, para os lados da aldeia, que, a julgar pelo efeito que produziu nos piratas, os avisava de perigo próximo.

— É Dirk outra vez — disse um. — Dois assobios! Temos de fugir, camaradas!

— Fugir! Foge tu! — gritou Pew. — Dirk nunca passou de um idiota, e covarde ainda por cima... Não se importem! Eles não podem estar longe, não podem! Estão bem à mão, com toda a certeza! Espalhem-se e deem busca, cães! Oh! Maldição! Se eu tivesse olhos!...

Parece que essa apóstrofe surtiu algum efeito, porque dois dos assaltantes começaram a procurar daqui e dali, entre os montões de madeiras, mas vacilantes e sempre alertas ao perigo iminente, enquanto os outros paravam na estrada, irresolutos.

— Vocês têm milhões nas mãos, idiotas, e pateteiam assim! Ficariam ricos como reis se encontrassem aquela gente! Vocês sabem que eles estão aqui escondidos! Nenhum de vocês se animou a enfrentar Bill, e eu, eu tive essa coragem! Eu, um cego! E vou perder a ocasião por culpa de vocês! Serei a vida toda um pobre mendigo, vivendo de restos, a pedir rum, quando podia andar de carruagem! Se vocês tivessem um pinga de orgulho, não deixariam que eles escapassem!

— Chega, Pew — resmungou um do bando —, nós apanhamos os

dobrões.

— É verdade que esconderam o mais importante... — disse outro. — Toma lá os guinéus, Pew, e para de vociferar!

Vociferar era o termo, e o furor de Pew aumentou a essas objeções. Por fim, fora de si de tão enfurecido, pôs-se a bater à direita e à esquerda, dando pancadas verdadeiramente às cegas, com o cajado, que alcançou mais de um companheiro.

Esses, por sua vez, retribuíram as injúrias do cego irascível, ameaçando-o em linguagem feroz e tentando em vão arrancar-lhe o cajado.

Essa disputa foi a nossa salvação; porque, enquanto assim discutiam, se ouviu, vindo do cimo do morro, para os lados da aldeia, o estrupido de um galope. Quase ao mesmo tempo soou um tiro de pistola e viu-se o clarão perto da cerca. Era o último sinal de perigo, porque os piratas se voltaram todos a um só tempo e se dispersaram, pondo-se a correr, uns para o lado do mar, seguindo a encosta, outros na direção do morro, de modo que em meio minuto não havia mais nem sinal deles. Só restou o cego. Fosse urgidos pelo pânico, fosse em vingança das pancadas e injúrias, o certo é que o abandonaram. Ele ali ficou, batendo abaixo e acima na estrada, freneticamente, andando às apalpadelas e chamando pelos camaradas. Por fim, tomando caminho errado, correu para a aldeia; passou, então, a poucos passos de mim, gritando:

— Joãozinho, Cão Negro, Dirk! Não deixem aqui o velho Pew, camaradas! O velho Pew!...

Nesse instante o tropel chegou ao cimo do morro e apareceram ao luar quatro ou cinco cavaleiros, que desceram a todo o galope.

Percebendo seu erro, Pew deu meia-volta, soltando um grito, e correu direto para o fosso, onde rolou. Mas ergueu-se no mesmo instante, investindo de novo, agora já completamente desorientado, para o lado do primeiro cavaleiro que chegava. Este ainda tentou evitá-lo, mas em vão. Com um grito que ecoou por toda parte, o cego foi logo atirado ao solo; as quatro patas do cavalo, pisoteando-o, repeliram-no e passaram-lhe por cima. Caiu então para um lado, de bruços, e ali ficou imóvel.

Ergui-me de um pulo e gritei para os cavaleiros. Desmontaram, horrorizados com o acidente, e vi logo quem eram. Um, o que vinha atrás, era o rapaz que fora à aldeia chamar o dr. Livesey; os outros eram guardas aduaneiros, que encontrara no caminho e com quem, muito acertadamente, voltara. Ouvindo dizer que havia um lugre ancorado na Cova de Kitt, o

inspetor Dance se dirigia sem demora para ali, e a essa circunstância eu e minha mãe devemos nossa salvação.

Pew estava morto, bem morto! Quanto a minha mãe, uma vez transportada para a aldeia, um pouco de água fria e saís depressa a chamaram a si; e, posto que já refeita do susto, ainda lamentava a perda do resto da nossa conta.

O inspetor seguiu a cavalo, o mais depressa que pôde, para a Cova de Kitt; mas seus homens tiveram de descer o vale, levando os cavalos pela rédea, em muitos sítios sujeitando-os, e sempre de ouvido alerta, receando emboscadas. De modo que não foi com grande surpresa que, ao chegar à Cova de Kitt, viram o lugre já a navegar, a pequena distância. O inspetor chamou os do navio. Respondeu-lhe uma voz, aconselhando-o a ficar na sombra, pois assim o luar o expunha a levar chumbo; e, de fato, no mesmo instante, assobiou-lhe uma bala rente ao braço. O lugre dobrou uma ponta e sumiu-se.

Dance ali ficou, segundo a sua expressão, “como um peixe fora d’água”; nada mais podia fazer e tratou de despachar um homem para B... a fim de avisar o cúter.

— Isso e nada é a mesma coisa — disse ele. — Os piratas escaparam. Mas fico bem contente de ter pisado os calos de mestre Pew...

Porque eu lhe contara toda a história.

Voltei em sua companhia para o Almirante Benbow; é impossível descrever o desmantelo em que deixaram a casa! Até o relógio tinham virado e deitado abaixo, na sua pesquisa enfurecida, à nossa procura. E, se bem que nada tivessem levado — a não ser o saco de dinheiro do capitão e a fêria que acharam na gaveta —, vi que nos tinham arruinado. O inspetor Dance não podia entender aquilo.

— Levaram o dinheiro, dizes tu? Então, Hawkins, que mais eles procuravam? Mais dinheiro, por acaso?

— Não, senhor, não era dinheiro — repliquei. — Penso que o que eles procuravam está no meu bolso. E, para dizer a verdade, gostaria de pôr isso a salvo.

— Tens razão, rapaz, tens muita razão. Eu posso guardar, se quiseres.

— Creio que... talvez... o dr. Livesey...

— Isso mesmo — interrompeu ele, muito contente. — Isso mesmo: um gentil-homem e um magistrado. E, agora me lembro, posso ir a cavalo comunicar a ele o caso, a ele ou ao *squire*. Mestre Pew morreu, afinal; não

que eu lamente, mas ele morreu, vês tu, e logo vão dizer que foi um guarda aduaneiro de Sua Majestade, se descobrirem... Se quiseres, Hawkins, podes ir comigo.

Aceitei de bom grado o oferecimento e voltamos à aldeia, onde estavam os cavalos. E, enquanto punha minha mãe ao corrente do que ia fazer, todos eles montaram.

— Dogger — disse Dance —, você está bem montado; leve este menino na garupa.

Assim que montei, segurando-me ao cinto de Dogger, o inspetor deu o sinal de partida e seguimos a trote largo a caminho da casa do dr. Livesey.

VI

OS PAPÉIS DO CAPITÃO

Andamos sem parar, até chegarmos à casa do dr. Livesey, que se achava às

escuras àquela hora.

O inspetor Dance ordenou-me que desmontasse e batesse, e Dogger deu-me o estribo para me ajudar a descer.

Quase imediatamente uma criada veio abrir.

— O doutor está? — perguntei.

— Não; ele veio mas saiu de novo; foi jantar no palácio e passar o serão com o *squire*.

— Vamos até lá, rapazes — disse o inspetor.

Desta vez, como a distância era curta, não montei; fui agarrado ao estribo de Dogger até o portão e subi a longa avenida de árvores despidas, iluminadas pelo luar — porque as construções do palácio davam, de ambos os lados, para grandes e antigos jardins.

Ali chegando, Dance desmontou e, levando-me consigo, entrou na casa.

O criado levou-nos por um corredor forrado de esteirinha, guiando-nos até a grande biblioteca, toda cheia de estantes abarrotadas de livros e encimadas por vários bustos.

Ali, diante de uma lareira acesa, estavam sentados o *squire* e o dr. Livesey, fumando cachimbo.

Nunca vira o *squire* tão de perto. Era um homem de quase dois metros de altura, bem desenvolvido, de rosto rude e gretado, todo sulcado e tostado pelas longas viagens. As sobranceiras, pretas e de grande mobilidade, davam-lhe uma aparência, se não de maldade, ao menos de firmeza e altivez.

— Entre, sr. Dance — disse ele, com muita arrogância e condescendência.

— Boa noite, Dance — disse o doutor, cumprimentando com a cabeça. — E boa noite também para você, amigo Jim. Que bons ventos os trazem aqui?

O inspetor, muito direto e empertigado, narrou sua história, como quem recita uma lição aprendida; e era digno de se ver como os dois homens se inclinavam para a frente, e se entreolhavam, e esqueciam o cachimbo de tão surpreendidos e interessados.

Quando ouviram contar como minha mãe voltara à estalagem, o dr. Livesey bateu alegremente nas pernas e o *squire* gritou “Bravo!” e quebrou seu comprido cachimbo contra a grade da lareira. O narrador ainda não tinha chegado ao fim e já o sr. Trelawney se levantara da cadeira e passeava ao redor da sala, e o dr. Livesey, como se isso servisse para ouvir melhor, tirara sua cabeleira empoada e escutava, muito esquisito, na verdade, com o cabelo

negro e cortado rente bem à mostra.

Afinal, o inspetor acabou a narração.

— Sr. Dance — disse o *squire* —, o senhor portou-se com muita nobreza. E, quanto a passar por cima daquele sujeito perverso e cruel, foi uma ação benemérita tal qual como calcar aos pés uma barata. Este rapazinho é uma águia, pelo que vejo. Hawkins, faz o favor de tocar aquela campainha. O sr. Dance merece um copo de cerveja.

— Então, Jim — disse o doutor —, tens o que eles buscavam?

— Aqui está — respondi, dando-lhe o pacote alcatroado.

O doutor examinou-o todo, como se estivesse morto de vontade de abri-lo; mas depois o meteu tranquilamente no bolso.

— *Squire* — disse ele então —, depois que Dance tiver tomado sua cerveja, creio que deve retornar ao serviço de Sua Majestade; mas Jim fica para dormir em minha casa e, se permitir, vamos mandar vir o pastel frio, para ele cear.

— Você manda, Livesey; Hawkins tem direito a mais do que um pastel frio!

Trouxeram um grande pastel de pombo e o puseram em uma mesa auxiliar; eu ceei de boa vontade, porque tinha uma fome de lobo. Enquanto isso, Dance recebia mais uma vez muitos cumprimentos; depois se retirou.

Assim que ele saiu, os dois homens disseram ao mesmo tempo:

— E agora, *squire*?

— E agora, Livesey?

— Um de cada vez, um de cada vez — disse o médico, rindo.

— Você sem dúvida já ouviu falar nesse Flint.

— Se ouvi falar nele! — exclamou o *squire*. — Se ouvi falar nele! Foi o mais sanguinário pirata que já navegou pelos mares. Barba-Roxa era um bebê, perto de Flint. O medo que os espanhóis tinham dele era tamanho que, palavra, eu senti muitas vezes orgulho por ele ser inglês. Vi os mastros do navio de Flint, vi com estes olhos, na altura da ilha da Trindade, e o covarde beberrão com quem eu navegava deu-lhe as costas, deu-lhe as costas, sim, retornando para Porto de Espanha!

— Eu também ouvi falar nele, na Inglaterra. Mas a questão é esta: ele tinha dinheiro?

— Dinheiro! Não ouviu toda a história? Que aqueles patifes buscavam senão dinheiro? Com que mais eles se importam? E por que mais arriscam as indignas carcaças, senão pelo dinheiro?

— Logo saberemos isso. Mas você está tão entusiasmado e eloquente que não me dá tempo de dizer uma palavra. O que me interessa saber é isto: supondo que eu tenha no bolso um fio para me conduzir aonde Flint escondeu seu tesouro, quanto ele valerá?

— Quanto valerá...? — gritou o *squire*. — Valerá isto: se nós possuímos o fio condutor, eu equiparei um barco no porto de Bristol e, levando você e Hawkins comigo, acharei esse tesouro, nem que tenha de procurá-lo durante um ano!

— Muito bem. Nesse caso, se Jim não se opõe, vamos abrir o pacote.

O doutor colocou-o sobre a mesa. Estava costurado, e ele tirou uma tesoura do seu estojo de cirurgia para cortar os pontos. Havia dentro duas coisas — um livro e um papel selado.

— Vejamos primeiro o livro — disse o médico.

Eu e o *squire* espiávamos por cima de seu ombro, enquanto ele o abria; porque o bondoso doutor me chamara do aparador, onde estivera ceando, para que também tomasse parte na busca.

Na primeira página havia apenas rabiscos, tais como a gente faz quando se vê de pena na mão, sem um fim determinado, ou para se exercitar. Havia um semelhante àquela marca tatuada “Bill Bones e seu gosto”; outro dizia: “Sr. Bones, piloto”. E mais: “Já não há rum”; “Na altura de Pal Key ele levou a sua conta” — e outras garatujas, na maior parte palavras isoladas e ininteligíveis. Não pude deixar de perguntar aos meus botões quem teria “levado a sua conta” e qual seria essa “conta”... Uma facada nas costas, provavelmente.

— Não há grande coisa aqui — disse o doutor, passando adiante.

As dez ou doze páginas seguintes estavam cobertas de uma escrita curiosa. Uma data no extremo da linha e no outro uma importância, como nos livros de escrituração comum; mas em vez de palavras explicativas havia entre as duas expressões apenas certo número variado de cruces. A 12 de junho de 1745, por exemplo, fora evidentemente creditada a alguém a soma de setenta libras, mas a única explicação que se via ali eram seis cruces. Em alguns casos, é verdade, havia mais um nome de lugar: “Defronte de Caracas”; ou a simples indicação da latitude e da longitude: “62° 17’ 20” — “19° 2’ 40””.

O registro durara cerca de vinte anos e a soma das diversas entradas ia crescendo com o tempo. Por fim, aparecia um total, com cinco ou seis erros de adição, com estas palavras elucidativas: “O bolo de Bones.”

— Isso não tem pé nem cabeça — disse o dr. Livesey.

— Pois para mim a coisa é clara como água — declarou o *squire*. — Isto é o livro de contas daquele cão perverso. Estas cruzes representam o número de cidades que saquearam e dos navios que afundaram; as quantias são a parte do canalha, e, onde poderia haver alguma ambiguidade, ele acrescentou uma explicação; veja: “Defronte de Caracas.” Não resta dúvida de que algum navio infeliz foi abordado nessa costa. Deus ajude as pobres almas que equipavam o barco... há quantos anos!

— Tem razão — disse o doutor. — Veja o que é ter viajado! Tem razão! E as somas aumentavam, ao mesmo tempo que ele subia de posto.

Pouco mais havia no livro — apenas a situação de alguns lugares anotada nas páginas em branco no fim e uma tabela de conversão de moedas francesas, inglesas e espanholas num valor comum.

— Que sujeito cauteloso! — observou o *squire*. — Não seria fácil enganá-lo.

— Agora — disse o doutor —, vamos ao outro.

Estava o papel selado em vários lugares e carimbado com um dedal, a modo de sinete; talvez o mesmo dedal que eu encontrara no bolso do capitão. O doutor abriu os selos cuidadosamente, e apareceu o mapa de uma ilha, com latitude e longitude, sondagens, nomes de cerros, baías e enseadas, e todos os pormenores necessários para que um barco ancorasse com segurança nas suas praias. Tinha a ilha cerca de 15 quilômetros de comprimento e oito de largura, e apresentava a configuração de um dragão bojudo em pé; oferecia dois excelentes portos bem abrigados e, no centro, via-se um morro assinalado com o nome de Óculo.

Viam-se mais alguns sinais, de data recente, e, entre esses, três cruzes a tinta vermelha — duas no norte da ilha, uma no sudoeste e, ao lado dessa, com a mesma tinta vermelha, escritas com uma letra minúscula, firme, muito diferente da caligrafia vacilante do capitão, estas palavras: “Aqui está a maior parte do tesouro.” No verso, a mesma pessoa escrevera esta ulterior informação:

Árvore alta, no flanco da colina do Óculo, na direção do N de N.N.E.

Ilha do Esqueleto E.S.E. e quarto a E.

Dez pés.

A prata em barra está no esconderijo norte. Pode ser encontrada na direção da colina a leste, dez braças ao sul do rochedo escuro, onde está o rosto.

As armas serão facilmente encontradas no cômodo, ponta N do cabo norte da enseada, direção E e a um quarto N.

J.F.

Era só. Mas, curto e incompreensível como me pareceu, esse roteiro satisfez o doutor e o *squire*.

— Livesey — disse este —, abandone duma vez sua miserável clínica; amanhã parto para Bristol. Dentro de três semanas... três semanas!; de duas semanas... de dez dias... teremos o mais belo navio e a equipagem mais bem escolhida da Inglaterra. Hawkins irá como grumete; e serás um grumete famoso, rapaz! Você, Livesey, será o médico de bordo. Eu sou o almirante. Vamos levar Redruth, Joyce e Hunter. Teremos ventos favoráveis, rápida travessia e nem a mais insignificante dificuldade para achar o sítio, e dinheiro para comer, para rolar por cima!, para esbanjar pelo resto da vida.

— Trelawney — retrucou o doutor —, irei com você: e afianço-lhe que nem eu nem o Jim aqui deslustraremos a empresa. Só um homem me inquieta neste negócio...

— Quem é? Diga quem é esse cão!

— É você; porque você não é capaz de refrear a língua. Não somos nós os únicos a saber da existência deste papel. Os sujeitos que atacaram o albergue hoje, gente corajosa e disposta a tudo, certamente, mais os que ficaram a bordo do lugre, e quantos mais que nem imaginamos, estão resolvidos a se apoderar desse dinheiro, custe o que custar. Nenhum de nós deve arriscar-se a andar sozinho, até a hora de embarcar. Eu e Jim andaremos juntos, daqui até lá; você levará Joyce e Hunter, quando for a Bristol, e, até o último momento, nenhum de nós dirá uma palavra a respeito da descoberta.

— Livesey — retrucou o *squire* —, você sempre está com a razão. Serei mudo como um túmulo.

Parte II

O cozinheiro de bordo

I

VOU A BRISTOL!

Foram mais demorados do que supúnhamos os preparativos do embarque, e

nenhum dos nossos projetos — nem mesmo o do dr. Livesey, de me conservar a seu lado — pôde executar-se.

O doutor teve de ir a Londres, para obter um médico que o substituísse; o *squire* teve muito trabalho em Bristol; e eu fiquei no palácio, sob a guarda do velho guarda-caça Redruth, quase como prisioneiro — mas sonhando com mil aventuras encantadoras, em ilhas e viagens maravilhosas. Pensava a toda hora no mapa, cujos detalhes não me escapavam da memória. Sentado junto à estufa, no quarto da governanta, minha imaginação levava-me à ilha, que eu explorava em todas as direções, palmo a palmo; subi mil vezes naquele outeiro do Óculo, descortinando dali paisagens maravilhosas e variadas; às vezes a ilha apresentava-se cheia de selvagens, que tínhamos de combater, ou infestada de animais ferozes, que nos davam caça. Contudo, nunca a minha imaginação sonhou aventuras tão estranhas e trágicas quanto as que nos vieram a suceder de verdade.

Correram semanas, até que um dia chegou uma carta dirigida ao dr. Livesey; no sobrescrito encontravam-se ainda estas palavras: “Para ser aberta, na sua ausência, por Tom Redruth ou pelo jovem Hawkins.”

Obedeci, e nela encontramos, ou antes, eu encontrei — porque o pobre do guarda só sabia ler letra de imprensa — as seguintes e importantes notícias:

“Albergue da Velha Âncora, Bristol, 1^o de março de 17...
Caro Livesey,

Ignorando se você já está no palácio, ou se ainda se acha em Londres, dirijo esta em duplicata, para os dois destinos.

O navio está comprado e equipado. Está ancorado, pronto para se fazer de vela. Você nunca imaginou escuna mais agradável — uma criança poderia dirigi-la. Duzentas toneladas. Chama-se *Espanhola*.

Quem me arranhou esse barco foi o meu velho amigo Blandly, que se revelou um excelente intermediário. Pois esse amigo admirável se devotou inteiramente aos meus interesses, o que, aliás, posso dizer de todos nesta cidade, desde que farejaram o porto do meu destino — isto é, o tesouro.”

— Redruth — disse eu, interrompendo a leitura —, o dr. Livesey não vai gostar disso. O *squire* andou falando, está vendo?

— E quem tinha mais direito do que ele, poderá você dizer? Tinha muita graça que o *squire* não pudesse falar por causa do dr. Livesey! Ora essa!

Abstive-me de mais comentários e continuei a leitura:

“Foi o próprio Blandly que descobriu a *Espanhola* e usou de tanta astúcia que veio a comprá-la por uma bagatela. Há em Bristol certa gente que mantém ideias errôneas a respeito de Blandly. Chegam a ponto de declarar que esta criatura tão honesta é capaz de tudo por dinheiro, que a *Espanhola* lhe pertencia, e que ele a vende agora a mim por um preço absurdo — tudo calúnias evidentes. Nenhum só, porém, nega as qualidades do navio.

Até aqui tudo foi bem. Os operários, é certo — armadores e não sei mais o quê —, andavam muito devagar; mas, afinal, tudo está pronto.

Foi a equipagem que me deu mais trabalho. Queria uns vinte homens — nativos, corsários, ou desses odiosos franceses — e tinha tido um trabalho dos diabos para arranjar uma meia dúzia quando um feliz acaso me trouxe o homem de que carecia.

Estava no cais, quando, por pura coincidência, me pus a conversar com ele. Soube assim que era antigo marujo, que mantinha uma estalagem, conhecia todos os marinheiros em Bristol e, sentindo alterada a saúde, de tanto ficar em terra, desejava encontrar um bom lugar de cozinheiro a bordo para embarcar de novo. Tinha vindo para ali a coxear naquela manhã — disse-me ele — para aspirar o ar salgado.

Fiquei muito comovido — o mesmo lhe sucederia, Livesey — e, de pena desse homem, contratei-o ali mesmo para cozinheiro de bordo. Chama-se Long John Silver e perdeu uma perna. Isso é uma recomendação, a meu ver, pois que a perdeu em serviço da pátria, sob as ordens do imortal Hawke. E não tem pensão, Livesey. Em que abomináveis tempos vivemos!

Pois bem, julgava que achara um cozinheiro, mas descobri toda uma equipagem. Nós dois conseguimos reunir, em poucos dias, uma companhia de velhos marujos dos mais rijos que se possa imaginar — não bonitos, já se vê, mas camaradas que mostram na cara coragem indômita. Com essa gente, poderemos enfrentar até uma fragata.

Long John desembarçou-me de seis ou sete dos que eu já engajara. Provou-me, sem nenhuma dificuldade, que eram marujos novatos, o suficiente para temer em uma empresa arriscada.

Nunca me vi com melhor saúde, nem mais alegre disposição de espírito. Como que nem um touro e durmo como um anjo. Contudo, não terei um momento de sossego, enquanto não ouvir minha velha maruja vagando ao redor do cabrestante. Para o mar! Será nosso o tesouro! A glória do mar faz-me andar a cabeça à roda... Portanto, Livesey, venha depressa. Não perca nem uma hora, se tem por mim alguma consideração.

Hawkins que vá ver sua mãe, em companhia de Redruth, e depois que venham ambos a toda a pressa para Bristol.

John Trelawney.”

“P.S.: Ainda não lhe tinha dito que Blandly, que, entre parênteses, nos enviará um navio de conserva, se não estivermos de volta até fins de agosto, achou um camarada admirável para contramestre — um homem intratável, infelizmente, mas em tudo o mais uma perfeição.

Long John Silver descobriu um imediato muito competente chamado Arrow. Tenho um contramestre que chama por apito, Livesey, de modo que as coisas correrão como em navio de guerra a bordo da bela *Espanhola*.

Esqueci-me de dizer que Silver é homem de recursos; sei, de conhecimento próprio, que tem uma conta-corrente num banco, que nunca foi utilizada. Fica a mulher tomando conta da estalagem. E, como é mulata, não será difícil a dois velhos solteirões como nós adivinhar que não é só a saúde mas também ela que o induzem a tornar ao mar.

J.T.”

“P.P.S.: Hawkins pode ir passar uma noite em casa de sua mãe.

J.T.”

É fácil de imaginar em que agitação esta carta me deixou. Estava meio fora de mim, de tão alegre; e, se algum dia desprezei alguém, foi o velho Tom Redruth, que só o que fazia era resmungar e lamentar-se. Qualquer outro guarda-caça teria trocado o lugar com ele de boa vontade; mas não era essa a vontade do *squire*, que para ele era lei. Ninguém, a não ser o velho Redruth, ousaria sequer murmurar.

No dia seguinte, de manhã, seguimos ambos a pé para o Almirante Benbow, onde encontrei minha mãe animada e bem-disposta. O capitão, que durante tanto tempo nos causara tantos aborrecimentos, estava agora em um lugar onde os maus não podem fazer mais mal. O *squire* mandara reparar todo o albergue; as paredes e a tabuleta tinham sido pintadas de novo; viera nova mobília — com uma cômoda poltrona para minha mãe. Arranjou também um menino para ajudá-la, de modo que eu não lhe fazia falta.

E foi justamente ao ver esse rapazinho que compreendi bem a minha situação. Até aí só me ocupara o pensamento a visão das aventuras que aquela viagem me proporcionaria; nem um só instante pensara no lar que deixaria em breve; mas, ao ver aquele estranho que ajudava minha mãe tão desajeitadamente, desatei a chorar. Ou me engano muito, ou fui cruel com o pobre rapaz naquela noite; porque, como era inexperiente, tive cem ocasiões de o ferir e humilhar e não as perdi, certamente!

No dia seguinte, depois do almoço, eu e Redruth pusemo-nos de novo a caminho — depois de dizer adeus a minha mãe e à baía onde vivera toda a minha vida; e ao velho e querido Almirante Benbow, menos amado agora, todo recém-pintado.

Um de meus primeiros pensamentos foi para o capitão, que vira tantas vezes passeando na costa, com seu chapéu arrebitado, sua cicatriz e seu óculo. Dali a um momento dobramos a ponta e a casa desapareceu.

Ao escurecer, subimos para o carro-correio, no Royal George. Eu fiquei entalado entre Redruth e um velho senhor corpulento; apesar da rapidez do movimento e do ar fresco da noite, creio que logo me pus a cochilar; depois dormi como uma pedra, enquanto o carro rolava por montes e vales, de estação em estação; porque, quando afinal acordei, com uma batida nas costelas, vi que estávamos parados defronte de um grande edifício, numa rua desconhecida, e que já era dia alto. Perguntei então onde estávamos.

— Bristol — respondeu Tom. — Desce daí.

O sr. Trelawney se alojara numa hospedaria distante, perto da doca, para fiscalizar o trabalho da escuna. Tivemos de ir até lá por um caminho que,

para minha maior alegria, seguia o dique, de modo que ia vendo uma imensidão de navios, de todos os tamanhos e de todos os países.

Num deles, os marinheiros trabalhavam cantando; noutro, vi homens lá em cima, pendurados em cabos que pareciam mais finos do que teias de aranha. Embora tivesse morado sempre junto à praia parecia-me que nunca me vira tão perto do mar. Aquele cheiro de alcatrão e de maresia eram novos para mim. Vi os mais estranhos beques que já sulcaram o oceano. Vi, além disso, muitos marinheiros velhos, com argolas nas orelhas e barbas crespas, em cachos, e rabichos alcatroados, andando no seu passo balanceado e inseguro.

Nem uma procissão de reis e arcebispos teria sido mais interessante para mim.

Eu também ia navegar; navegar em uma escuna, com um contramestre que usava apito e marinheiro de rabicho cantando; navegar em busca de uma ilha desconhecida, para descobrir um tesouro oculto.

Ainda sonhava assim, quando chegamos a uma grande estalagem; ali encontramos o *squire* Trelawney, trajando o uniforme azul-escuro de oficial da Marinha, que saía da porta com um alegre sorriso e imitando perfeitamente o caminhar dos marujos.

— Estão aqui, afinal! — gritou ele. — O doutor chegou de Londres ontem à noite. Ora graças! Agora está completa a equipagem.

— E quando navegamos? — perguntei logo.

— Quando navegamos? Amanhã!

II

NA ESTALAGEM DO ÓCULO

Depois que almocei, o *squire* me entregou um bilhete dirigido a John Silver,

na estalagem do Óculo, e explicou-me que a acharia facilmente, seguindo sempre a doca; que era um albergue com um grande óculo por emblema.

Lá me fui, contente por ver mais navios e marujos; andei por entre grande multidão, não só de pessoas, mas também de carros e fardos, porque o cais estava muito movimentado àquela hora. Afinal dei com a hospedaria.

Era pequena, mas muito asseada. A tabuleta estava recém-pintada; as janelas tinham lindas cortinas vermelhas; o soalho era coberto de areia. Ficava entre duas ruas e, como tinha uma porta de cada lado, a sala era bem iluminada, apesar do fumo que se erguia dos cachimbos.

Os fregueses eram, na maior parte, marujos; falavam em altas vozes, e isso me intimidou a ponto de nem me animar a entrar. Fiquei à porta.

Enquanto assim esperava, saiu da sala ao lado um homem a quem reconheci ao primeiro olhar: Long John. A perna esquerda fora amputada junto ao quadril, e ele trazia uma muleta, que manejava com admirável destreza, saltitando com ela por toda parte, como um passarinho. Era alto e forte, e o rosto, amplo como um presunto, era pálido — mas inteligente e prazenteiro.

Parecia mesmo estar muito alegre; assobiava andando por entre as mesas, sempre com uma palavra amável ou uma palmadinha no ombro dos fregueses mais apreciados.

A dizer a verdade, desde que lera na carta do *squire* Trelawney aquela referência a Long John, mais de uma vez pensara que podia ser o mesmo marinheiro pernetá que durante tanto tempo esperei ver no meu velho Almirante Benbow... Entretanto, um simples olhar bastou para ver que não era ele. Conhecia o capitão, o Cão Negro e o cego Pew, e julgava-me habilitado a conhecer um pirata — uma criatura muito diferente, na minha opinião, deste alegre e bem-disposto estalajadeiro.

Revesti-me de coragem, atravessei a sala e dirigi-me para o homem, que estava de pé, apoiado à muleta, falando com um freguês.

— É o sr. Silver? — perguntei, mostrando o bilhete.

— Sim, meu rapaz; sou eu mesmo... E você, quem é?

Viu então o bilhete do *squire* e pareceu-me que teve um leve sobressalto.

— Ah! — disse depois, estendendo-me a mão e falando muito alto. — Já sei... Você é o nosso novo grumete; muito prazer em vê-lo!

E apertou minha mão com força na sua larga e firme garra.

Justamente nesse instante um dos fregueses, que estava do outro lado da

sala, ergueu-se repentinamente e dirigiu-se para a porta, que ficava perto dele. Ganhou a rua num abrir e fechar de olhos. Aquela pressa chamou-me a atenção e o reconheci na hora. Era o homem empalamado, que aparecera certa vez no Almirante Benbow.

Gritei então:

— Prenda aquele homem! É o Cão Negro!

— Pouco me importa quem seja — disse Silver. — Mas não pagou a despesa. Harry, corra atrás dele!

Um dos outros, que se achava mais perto da porta, saltou logo e correu para a rua.

— Nem que fosse o próprio almirante Hawke — bradou ainda Silver — ele se livraria de pagar a conta.

Depois, soltando minha mão, perguntou:

— Quem você disse que ele era? Cão... Cão o quê?

— Negro, senhor. O sr. Trelawney não lhe falou nos piratas? Pois é um deles.

— O quê? Em minha casa? Ben, vá correndo e auxilie Harry. Um desses patifes, então? E você estava bebendo com ele, Morgan? Venha cá!

O homem a quem ele chamara Morgan — um marujo velho, já grisalho, de rosto requeimado — aproximou-se muito timidamente, enrolando um naco de fumo para mascar.

— Vamos lá, Morgan — disse Long John severamente —, você já tinha visto esse Cão... Cão Negro, algum dia?

— Não, senhor — respondeu Morgan, com uma saudação.

— Nem sabia o nome dele?

— Não, senhor.

— Ainda bem! Tom Morgan, isso é uma sorte para você. Se você se desse com gente dessa laia jamais tornaria a pôr o pé na minha casa, fique sabendo! E que lhe dizia ele, Morgan?

— Nem sei bem.

— Não sabe?... Que é que você traz sobre os ombros: uma cabeça ou uma bigota? Vamos. Nem sabe bem, não é? E nem sabe de que estava falando também, não? Vamos, o que tagarelava ele: viagens, capitão, navios? Desembuche. Que era?

— Nós falávamos de... passar por baixo da quilha — respondeu Morgan.

— Passar por baixo da quilha, era? Coisa muito útil, não há dúvida, e

você pode continuar a fazer isso... Volte para seu lugar, Tom, no cesto da gávea.

E, quando Morgan tornava à sua cadeira, Silver acrescentou, murmurando confidencialmente ao meu ouvido, o que muito me lisonjeou:

— Um homem de bem, íntegro, esse Morgan, mas muito estúpido.

Depois, em voz alta, continuou:

— Agora vamos ver... Cão Negro?... Não, não conheço esse nome, não. Mas espera... Penso que sim... eu já vi esse tratante! Ele costumava vir aqui com um mendigo cego, é isso!

— É ele mesmo, pode estar certo — disse eu. — Conheço esse mendigo cego também. Chama-se Pew.

— Isso! — gritou Silver, muito agitado. — Pew! Era esse o nome dele. Ah! E parecia mesmo um velhaco. Se apanharmos esse Cão Negro, o capitão Trelawney terá notícias dele! Ben é valente corredor; poucos marinheiros correm mais depressa do que ele; há de alcançar o patife. Ele falava de quilha, não é? Pois agora ele vai ver o que é quilha! Ele vai ver!

Enquanto assim gritava, andava de um lado para outro no salão, apoiado à muleta, dando murros nas mesas, numa agitação tão grande que teria convencido qualquer juiz de Old Bailey, ou um agente de Bow Street.

Por ter encontrado o Cão Negro no Óculo, logo surgiram no meu espírito suspeitas terríveis e comecei a observar atentamente o cozinheiro. Mas ele era muito astuto, muito destro e ardiloso para a minha pouca idade; e, quando os dois homens voltaram, ofegantes, confessando que tinham perdido a pista no meio da multidão, e o vi censurá-los, chamando-os de ladrões, teria facilmente ficado de fiador da inocência de Long John.

— Veja, Hawkins, que coisa aborrecida para um homem como eu, não acha? E o capitão, que vai pensar agora o capitão Trelawney?... Entra aqui esse maldito, que o diabo o carregue, e senta-se a beber o meu rum! Chega você e conta quem é ele; e eu deixo o infame escapar, diante da minha cara! Agora, Hawkins, você vai me justificar perante o capitão. Você é um menino, é verdade, mas um menino inteligente como poucos... Vi isso, assim que entrou. E o caso é este: o que eu podia fazer, com este pedaço de pau, que me embaraça? Se fosse no tempo em que eu era marinheiro matriculado, podia brotar de repente ao lado dele; deitava a mão nele e fincava-lhe um par de algemas; sim, podia... mas hoje...

De repente calou-se, abrindo a boca, como se lhe tivesse ocorrido uma ideia.

— A conta! Três cálices de rum! — bradou ele. — Mas diabos levem minha muleta, se eu não tinha esquecido a conta!

E, deixando-se cair num banco, riu, riu, até lhe correrem as lágrimas. Não pude deixar de acompanhá-lo; rimos os dois às gargalhadas, que repercutiram em todo o salão.

— Mas, afinal, não passo de uma foca velha — disse ele, enxugando o rosto. — Havemos de entender-nos, Hawkins, porque acho que eu daria um bom grumete... Mas vamos agora ao que serve. Isso nada adianta. O dever é o dever, camaradas. Vou pôr meu velho chapéu arrebitado e seguir com você para a casa do capitão Trelawney, para contar tudo isso a ele. Porque isso é caso muito sério, não acha você, Hawkins? E não traz grande honra a nenhum de nós. Nem a mim nem a você! Não somos muito ladinos, nenhum de nós dois. Mas, aqui para nós, esta história da minha conta foi boa.

E voltou a rir, com tanta vontade, que eu, ainda que não achasse tanta graça no caso, me vi obrigado a acompanhá-lo de novo.

No curto trajeto pelo cais, pareceu-me um companheiro interessante; falou-me a respeito de todas as embarcações que víamos, explicando-me como era a mastreação, dando-me pormenores sobre a tonelagem e a nacionalidade e descrevendo o trabalho que faziam em cada uma — como esta descarregava, aquela outra carregava, e mais outra estava pronta a levantar ferro. De vez em quando contava-me alguma pequena anedota a respeito de navios ou de marinheiros, ou ensinava-me algum termo de Marinha, até que eu o repetisse corretamente. Comecei, portanto, a ver nele um excelente camarada para bordo.

Quando chegamos à hospedaria encontramos o *squire* e o dr. Livesey, sentados um diante do outro, acabando de beber uma garrafa de cerveja com um brinde, para irem depois fazer sua visita de inspeção à escuna.

Long John contou-lhes a história do princípio ao fim, com muito espírito e verdade.

— Foi assim mesmo, não foi, Hawkins? — dizia ele de vez em quando. E eu só podia confirmar.

Os dois homens lamentaram muito que o Cão Negro houvesse escapado; mas todos tivemos de concordar que nada mais era possível fazer.

E Long John, depois de receber muitos cumprimentos, foi embora, arrimado à sua muleta.

— Todos os homens a bordo, hoje, às quatro horas! — gritou-lhe o *squire*.

O cozinheiro respondeu, já andando:

— Sim, senhor!

— Escute lá, *squire* — disse o dr. Livesey. — Eu não tenho muita fé nas suas descobertas, falando de modo geral. Mas esse John Silver me agrada.

— O homem é um trunfo, não há dúvida — declarou o *squire*.

— Jim pode ir conosco a bordo, não é?

— Pode, sim!

— Ponha o chapéu, Hawkins, e vamos ver o barco.

III

A MUNIÇÃO

A *Espanhola* estava ancorada longe; tivemos de passar sob a proa de muitos

navios, de contornar a popa de outros, ora ouvindo ranger os cabos sob a nossa quilha, ora vendo-os balançar acima de nossas cabeças, antes de alcançá-la. Afinal abordamos. E, ao passar para a escuna, fomos cumprimentados pelo imediato, sr. Arrow, um velho marinheiro vesgo, de pele tostada e que usava brincos. Mostrou-se muito amigo do *squire*; com o capitão, porém, já as coisas não me pareceram tão em harmonia.

Era esse um homem de aparência rude, sempre irritado contra tudo a bordo; logo iríamos saber por quê, pois mal tínhamos entrado no camarote chegou um marinheiro e disse:

— Senhor, o capitão Smollett deseja falar-lhe.

— Estou sempre às ordens do capitão — disse o *squire*. — Mande-o entrar.

O capitão, que seguira de perto o mensageiro, entrou imediatamente e fechou a porta.

— Então, comandante, o que deseja de mim? Vai tudo bem, não é? Tudo está em ordem?

— Pois bem, prefiro falar francamente, ainda que isso vá aborrecê-lo. Não gosto deste cruzeiro; não gosto da equipagem; e não gosto do meu oficial. Aí está.

— Talvez o senhor não goste do barco? — indagou o *squire*, que me parecia muito irritado.

— Ainda nada posso dizer, antes de experimentá-lo. Parece-me um bom barquinho, é só o que posso adiantar por enquanto.

— Quem sabe se o senhor também não gosta do seu empregador?

Mas nesta altura interveio o dr. Livesey.

— Espere um pouco — disse ele —, espere um pouco. Para que trazer tais discussões, que só serviriam para azedar os ânimos? O capitão falou demais ou falou muito pouco. Vamos ver. Devo dizer que necessito de uma explicação de suas palavras, capitão. Não gosta deste cruzeiro, não é? Está bem, mas por quê?

— Fui engajado, senhor, com o que chamamos “carta de prego”, para dirigir este barco por ordem daquele senhor, para o destino que ele ordenasse. Até aí tudo vai bem. Mas agora vejo que todos os homens de bordo sabem mais do que eu a respeito. Não acho isso correto. E o senhor?

— Não — respondeu o doutor —, não acho!

— Mas há mais — continuou o capitão. — Ouvi dizer que vamos em busca de um tesouro, e ouvi isso de meus subordinados, compreende? Ora,

procurar um tesouro é trabalho incerto; não gosto dessas viagens, de modo nenhum; e não gosto, além disso, quando são secretas, e quando, desculpe-me, sr. Trelawney, o segredo é segredo de papagaio.

— O papagaio de Silver? — perguntou o *squire*.

— É um modo de falar... Quero dizer que é um segredo divulgado. Parece que nenhum dos senhores sabe no que se meterá; mas vou dizer-lhes como encaro este negócio: é uma questão de vida ou morte, e uma viagem arriscada.

— É verdade — replicou o doutor. — Aceitamos os riscos; mas não somos tão ignorantes quanto o senhor julga. Adiante: disse que não gosta da equipagem; não são bons marinheiros esses homens?

— Não me agradam, senhor. E acho que, francamente, eu mesmo devia escolher meus homens.

— Talvez fosse melhor. E meu amigo devia, portanto, tê-lo levado consigo; mas a falta, se é que houve falta, foi involuntária. E não gosta do sr. Arrow?

— Não gosto. Acredito que seja um bom marinheiro; mas toma muita familiaridade com a equipagem, para ser um bom oficial. Um imediato deve manter-se no seu lugar e não estar a beber com seus homens no navio!

— O senhor quer dizer que ele bebe? — gritou o *squire*.

— Não, senhor; mas é muito familiar com eles.

— Pois bem, capitão, em resumo, que pretende o senhor? — perguntou o dr. Livesey.

— Isto: estão os senhores resolvidos a fazer este cruzeiro?

— Certamente — respondeu o *squire*.

— Muito bem. Visto que me ouviram com tanta paciência, em coisas que não posso provar, permitam-me que diga ainda mais algumas palavras. Estão acomodando a pólvora e as armas no porão da proa. Ora, há um excelente lugar debaixo do camarote; por que não guardam a munição ali?: primeiro ponto. Mas há mais: os senhores trazem consigo quatro homens de confiança, e disseram-me que alguns deles vão dormir na proa. Por que não os acomodam aqui, junto ao camarote?: segundo ponto.

— Há ainda mais algum? — perguntou o sr. Trelawney.

— Há ainda um: já se tagarelou muito — respondeu o capitão.

— Demais — acrescentou o doutor.

— Vou dizer o que ouvi: que os senhores possuem o mapa de uma ilha e nesse mapa há cruzeiros assinalando o lugar onde está o tesouro; e que essa ilha

está situada...

E o capitão indicou exatamente a latitude e a longitude.

— Eu não disse isso a nenhum vivente! — bradou o *squire*.

— Entretanto, os homens sabem — retrucou o capitão.

— Livesey — gritou ainda o *squire*. — Foi você ou Hawkins...

— Fosse lá quem fosse — disse o doutor —, isso não tem importância.

Era evidente que nem ele nem o capitão davam muito crédito aos protestos do *squire*, como aliás eu mesmo, porque todos sabiam de sua tagarelice. Mas o certo é que nesse caso ele parecia dizer a verdade, e que não revelara a ninguém a localização da ilha.

— Ora bem, senhores — continuou o capitão —, eu não conheço esse mapa. Mas faço esta proposta: isso continuará um segredo, tanto para mim quanto para o sr. Arrow. Ao contrário, pedirei minha demissão.

— Compreendo — disse o doutor. — O senhor deseja que guardemos segredo a respeito e que transformemos a popa do barco em uma praça-forte, equipada com a gente de confiança do meu amigo e munida de todas as armas e pólvora de bordo. Em outras palavras, o senhor receia um levante.

— Senhor — disse o capitão Smollett —, sem querer ofendê-lo, nego-lhe o direito de pôr na minha boca palavras que não disse. Nenhum comandante teria desculpa se levantasse ferro, tendo motivos para isso dizer. Quanto ao sr. Arrow, julgo-o honesto; alguns dos outros, também; todos o serão, talvez. Mas sou responsável pela segurança do navio e pela vida de cada marinheiro que o garante. Vejo que as coisas não vão, a meu ver, muito direitas. E peço licença para tomar certas precauções, ou resigno meu lugar. Eis aí.

— Capitão — começou o doutor, sorrindo —, nunca ouviu falar da fábula da montanha e o rato? Desculpe-me, mas o senhor acaba de me fazer lembrar dessa fábula. Quando entrou aqui, eu ia apostar minha cabeleira que queria dizer mais do que isso.

— Doutor, o senhor é arguto. Quando entrei, julgava que ia ser despedido. Nunca pensei que o sr. Trelawney fosse ouvir uma só palavra.

— E não ouvirei mais uma sequer — gritou o *squire*. — Se o doutor não estivesse aqui, eu o teria mandado ao diabo! Mas ouvi, afinal! E vou fazer-lhe a vontade; mas faço de você a pior opinião possível!

— Como quiser, senhor. Mas há de concordar em que cumpri o meu dever.

Saiu então do camarote.

— Trelawney — disse o doutor —, parece que você conseguiu, contrariamente ao que eu esperava, dois homens honestos a bordo: este e John Silver.

— Silver, sim, faça-me o favor de acreditar; quanto a esse fanfarrão insuportável, minha opinião é que seu comportamento não é de homem nem de marinheiro, e ainda menos de inglês.

— Veremos — replicou o amigo.

Quando voltamos ao tombadilho, os homens já tinham começado a retirar as armas e a pólvora, sob a fiscalização do comandante e do sr. Arrow.

Gostei muito do novo arranjo. Toda a escuna fora atingida pela mudança; seis leitos tinham sido instalados na popa, e esta série de cabinas só comunicavam com a cozinha e com o castelo de proa por uma passagem trancada, a bombordo. Ficara combinado, a princípio, que seriam ocupadas pelo capitão, o sr. Arrow, Hunter, Joyce, o doutor e o *squire*, mas resolveram depois que ali dormiríamos também eu e Redruth, e que o sr. Arrow e o capitão se alojariam sobre o tombadilho, na meia-laranja, para isso aumentada de ambos os lados, de modo que parecia uma verdadeira câmara; não era muito alta, é verdade, mas podia bem acomodar duas macas, e o próprio imediato pareceu satisfeito com esse arranjo. Estaria ele também desconfiado da marujada? É uma mera hipótese, porque mais para diante se verá que sua opinião não nos foi de proveito por muito tempo.

Atiramo-nos todos ativamente ao trabalho e estávamos transportando a pólvora e as macas, quando chegaram os últimos homens em um bote, e com eles Long John.

O cozinheiro subiu com a agilidade de um macaco e, assim que viu o que fazíamos, foi dizendo:

— Olá, camaradas! Que é isso?

— É a pólvora que estamos mudando de lugar, pequeno John — respondeu um dos homens.

— Que diabo! — gritou ele. — Neste andar, vamos perder a maré da manhã!

— É ordem minha! — disse o capitão, secamente. — Pode descer, rapaz. Os homens estão à espera da ceia.

— Sim, sim, senhor — respondeu o cozinheiro.

E, com uma continência, desapareceu na direção da sua cozinha.

— Um bom homem, capitão — disse o doutor.

— É provável — respondeu ele. Depois continuou para os homens que

transportavam a pólvora: — Vamos com isso, rapazes, vamos com isso...

Nisto deu comigo a examinar um grande canhão de bordo que transportávamos para o meio do navio e gritou:

— E você, grumete, fora daqui! Vá à cozinha e peça trabalho ao cozinheiro.

Apressei-me a obedecer, mas ainda o ouvi dizer em voz bem alta ao doutor:

— No meu navio não tolero favoritos.

O que posso afirmar é que naquele momento era da mesma opinião do *squire* e detestava profundamente o capitão.

IV

A VIAGEM

Passamos a noite muito ocupados, pondo todas as coisas em seus lugares.

Vieram amigos do *squire* — o sr. Blandly e outros — despedir-se e desejá-lhe boa viagem e feliz regresso. Nunca tive no Almirante Benbow uma noite sequer que me desse metade daquele trabalho.

Estava cansado como um cão, quando o contramestre apitou, antes da aurora, e a equipagem começou a manobra do cabrestante. Mas, ainda que sentisse o dobro do cansaço, não sairia do convés; tudo ali era novo para mim — as ordens breves, o som estridente do apito, os homens correndo para seus postos, à luz das lanternas do navio.

— Agora, Barbecue, vamos lá, uma cantiga! — gritou uma voz.

— Sim, a velha cantiga — bradou outro.

— Isso mesmo, camaradas — disse Long John, que estava olhando, apoiado à muleta.

E imediatamente romperam a cantar a canção, cuja toada e palavras eu tão bem conhecia:

Quinze homens sobre a mala do defunto,

E toda a equipagem repetiu o coro:

Io-ho-ho, e uma garrafa de rum!

E, ao terceiro “ho”, todos empurraram as barras com entusiasmo.

De novo meu pensamento voou para o Almirante Benbow, naquele momento comovente; parecia-me estar ouvindo a voz do capitão, roncando no meio do coro.

Mas num instante a âncora foi suspensa e pendia, gotejante, das amuras; as velas começaram a enfunar-se e a terra e as embarcações foram sumindo de ambos os lados...

Antes que eu pudesse procurar na cama uma hora de repouso, a *Espanhola* já começara sua viagem rumo à ilha do Tesouro.

Não descreverei todas as peripécias da travessia; foi excelente.

A *Espanhola* era um bom navio, isso se verificou. E também que a marujada era competente; e que o capitão sabia bem o seu ofício. Antes, porém, que alcançássemos a ilha do Tesouro, houve alguns acontecimentos dignos de menção.

Antes de mais nada: o sr. Arrow estava abaixo do que o próprio capitão esperara. Não tinha autoridade alguma sobre a equipagem, que fazia dele o que queria. E isso ainda não era o pior; poucos dias depois de largarmos, ele começou a aparecer no convés com os olhos nublados, as faces avermelhadas e a língua travada, enfim, com todos os stigmas da embriaguez. Vezes sem conta ordenaram-lhe que descesse, vergonhosamente. Algumas vezes caía e machucava-se; outras, ficava todo o dia deitado na sua cabina, ao lado da câmara grande; outras, ainda, passava um ou dois dias quase sem beber e podia então atender ao seu trabalho de modo quase satisfatório.

Com tudo isso, não conseguíamos descobrir onde ele ia buscar bebidas. Era o mistério de bordo. Por mais que o vigiássemos, não era possível dar com a solução; se alguém o interrogava a respeito, ria, se estava bêbado; se não, declarava solenemente que jamais bebera coisa alguma a não ser água.

Não só era inútil como oficial, e um péssimo exemplo para a equipagem, como daquela maneira acabaria por morrer, um dia ou outro, de acidente. Foi por isso que ninguém se surpreendeu nem se inquietou quando, numa noite escura, depois de um vagalhão, ele sumiu e não tornou a aparecer.

— Caiu ao mar! — disse o capitão. — Bem, rapazes, isso nos poupa o trabalho de pô-lo a ferros.

Mas estávamos sem imediato, e foi necessário promover um dos marinheiros. Era o contramestre Job Anderson o mais adequado para o cargo e, embora conservando seu título primitivo, serviu desde então no posto de imediato. O sr. Trelawney seguira em tempo a carreira marítima, e seus

conhecimentos foram então de utilidade, pois fez quarto muitas vezes, quando fazia bom tempo. E o catraieiro, Israel Hands, era um marinheiro velho, cauteloso, manhoso e experimentado, que em caso de necessidade podia desempenhar qualquer cargo.

Long John Silver tinha grande confiança nesse marinheiro; por isso, ao falar nele, lembrei-me do cozinheiro, a quem a equipagem chamava Barbecue.

A bordo trazia ele a muleta pendurada ao pescoço por uma correia, para ter as mãos livres. Era coisa interessante vê-lo quando apoiava a muleta contra um tabique e, escorado nela, acompanhando o balanço do navio, atendia ao serviço da sua cozinha, como se estivesse em terra firme. Mais estranho ainda era vê-lo atravessar o tombadilho em dias tempestuosos. Tinha uma ou duas cordas aparelhadas para auxiliá-lo a vencer as distâncias maiores — os brincos de Long John, como dizia a maruja; e se deslocava movendo-se de um ponto a outro, já utilizando a muleta, arrastando-a pela alça, tão depressa quanto qualquer um. Ainda assim, alguns dos que já tinham navegado com ele nos velhos tempos lastimavam-no por se achar em tais circunstâncias:

— Este Barbecue não é um homem vulgar — dizia-me o catraieiro. — Teve instrução quando criança e pode falar como um livro quando está disposto; e valente... Um leão não é nada comparado com Long John! Eu já vi esse homem segurar quatro ao mesmo tempo e bater com a cabeça deles umas nas outras... e desarmado!

Toda a equipagem respeitava-o, até lhe obedecia. Tinha lá seu jeito próprio de falar com cada um e de prestar a cada um algum pequeno obséquio. Comigo sempre se mostrou incansavelmente bondoso; alegrava-se sempre ao me ver na cozinha, que mantinha tão limpa quanto um alfinete saído da fábrica; os pratos pendiam da parede, sempre brilhantes, e a um canto, a gaiola com o papagaio.

— Vem cá, Hawkins — costumava ele chamar-me. — Vem dar um dedo de prosa ao John... Ninguém é mais bem-vindo aqui do que tu, meu filho. Senta aí e ouve as novidades. O Capitão Flint aqui, chamo o meu papagaio Capitão Flint, como o famoso pirata, nos prediz uma excelente viagem. Não é, Capitão?

E o papagaio dizia, falando rapidamente:

— Piastras! Piastras!... Piastras!...

Repetia aquilo — era de admirar que não ficasse sem fôlego! — até que

John atirasse o lenço sobre a gaiola, tapando-a.

— Este animal — continuou o cozinheiro — tem talvez duzentos anos, Hawkins, chegam a durar até mais, às vezes, e nem o próprio diabo terá visto mais perversidades! Ele navegou com England, o grande capitão England, o pirata. Esteve em Madagascar e na costa do Malabar, e no Suriname, e em Providência, e em Portobelo. Assistiu ao salvamento dos navios que naufragaram carregados de dinheiro; e foi ali que aprendeu isto de “Piastras!”, pois havia nada menos de 350 mil piastras, Hawkins! Esteve na abordagem do *Vice-Rei das Índias*, em Goa... Sim, esteve! E a gente olha, parece um nenê... Mas tu sentiste o cheiro da pólvora, não foi, Capitão?

— Virar de bordo! — bradou o papagaio.

— É um bom velhaco! — exclamava o cozinheiro, dando-lhe açúcar.

A ave dava bicadas nas grades e praguejava, furiosa.

— Quem vai à chuva se molha, meu rapaz! Ora aqui vês tu este pobre animalzinho velho blasfemar como um herege, e nem o mais sábio poderia impedir isso. Ele havia de praguejar do mesmo modo diante de um capelão.

E John passava a mão, solenemente, na cabeleira, como era seu costume, dando-me a impressão de que era o melhor dos homens.

O tempo ia passando. O cavalheiro Trelawney e o capitão Smollett não se achavam em bons termos um com o outro; o *squire* não tinha nenhum escrúpulo em mostrar que desprezava o capitão. Este, por seu lado, só falava quando tinha de responder a alguém e fazia-o sempre em frases breves e secas, sem uma única palavra a mais. Reconhecia, quando posto contra a parede, que talvez se tivesse enganado a respeito da equipagem, que alguns dos homens eram destros, e que todos se comportavam otimamente. Quanto ao barco, agora gostava muito dele.

— Mas o que é certo — concluía o comandante — é que ainda não estamos em casa e que não gosto deste cruzeiro.

A essas palavras, o *squire* dava uma volta e saía a caminhar pelo convés, de queixo para o ar.

— Mais um pouco — dizia ele — e eu estouro.

Tivemos depois a prova das boas qualidades da *Espanhola*, porque sobreveio o mau tempo.

Todos a bordo pareciam satisfeitos — e muito exigentes seriam os homens da equipagem se não o estivessem: não creio que houvesse maruja mais bem tratada desde que Noé embarcou na sua arca. Por qualquer motivo corria um grogue duplo e havia pudim de passas em certos dias, por exemplo,

quando o *squire* ouvia dizer que um dos homens fazia anos. E sempre um barril de maçãs aberto, na coberta, para quem quisesse servir-se.

— Não sei para que serve isto — dizia o capitão ao doutor. — Marinheiro mimado vira diabo... Hão de ver, hão de ver...

Mas o tonel de maçãs serviu para alguma coisa, sim, como se verá; se não fosse ele, de nada saberíamos e teríamos todos perecido nas mãos dos traidores.

Foi assim: tínhamos aproveitado a monção para alcançar a ilha a que nos dirigíamos — não posso dizer mais do que isso — e agora nos aproximávamos dela, de olho vigilante, noite e dia. Seria provavelmente o último dia de nossa viagem de descoberta, segundo os cálculos mais generosos. Naquela noite, ou, o mais tardar, antes das 12 horas do dia seguinte, estaríamos à vista da ilha do Tesouro. Seguíamos na direção de S.S.O., com uma brisa fresca e mar calmo.

A *Espanhola* navegava bem, molhando de vez em quando o gurupés com um borrito de espuma. Tudo ia bem, tanto embaixo quanto no convés. Todos estávamos na melhor disposição de espírito, porque já íamos atingir o fim da primeira parte da aventura.

Ao pôr do sol, terminado meu trabalho, dirigia-me para a cabina, quando me lembrei de comer uma maçã. E corri ao convés.

Todos os do quarto estavam na proa, para ver a ilha. O homem do leme observava o ló, assobiando baixinho, único ruído que se ouvia além das vergastadas do mar, na proa e no costado do barco.

Meti-me na barrica, onde apenas encontrei uma maçã, de resto. Sentado ali, na escuridão, seja por efeito do murmúrio das águas, seja do balanço do navio, estava a ponto de pegar no sono, quando um homem veio sentar-se pesadamente ao pé do meu esconderijo.

Recostou-se nele, fazendo-o estremecer ao peso de seu ombro. Eu ia saltar de dentro, quando o homem começou a falar. Era Silver. E agora, depois de ouvir algumas palavras, por nada no mundo quisera eu dar sinal de minha presença.

Fiquei a escutá-lo, tremendo de medo, cheio de curiosidade — porque dessas dez ou doze palavras compreendi que a vida de todos os homens de bem que se achavam a bordo dependia exclusivamente de mim.

v

O QUE OUVI

— Não, eu não — dizia Silver. — Era Flint o capitão; eu era quartel-mestre,

e sempre com a minha muleta. A mesma descarga que me arrancou a perna tirou os olhos de Pew. Foi um mestre cirurgião quem me amputou; era formado, sabia latim e não sei o que mais; mas foi enforcado como um cão e ficou secando ao sol, como os outros, em Corso Castle. Era a gente de Roberts; e começaram por mudar os nomes de seus navios: *Royal Fortune* e outros. Ora, o nome que um navio recebeu no batismo deve ser conservado. Assim foi com *Cassandra*, que nos trouxe todos sãos e salvos da costa do Malabar, depois que England tomou o *Vice-Rei das Índias*; também foi assim com o velho *Walrus*, o antigo barco de Flint, que eu vi ensopado em sangue e quase a afundar de tanto ouro que carregava.

— Ah! — gritou outra voz (era o marujo mais novo de bordo, que ouvia cheio de admiração) —, era a flor do rebanho esse Flint!

— Davis também era um homem — continuou Silver —, em todo o sentido. Nunca naveguei com ele; primeiro foi com England, depois com Flint, e agora aqui, por minha conta, por assim dizer. Separei cerca de novecentas libras, ganhadas com England, e duas mil com Flint. Não é tão pouco para um marinheiro; tudo no banco. Não é só ganhar; é preciso também saber poupar. Onde andam a esta hora os homens de England? Não sei. E os de Flint? Os de Flint, ora essa!... A maior parte deles está aqui, bem contentes, comendo pudim... e muitos já tinham mendigado antes de embarcar. O velho Pew, que tinha perdido a vista e podia ter aprendido a tomar juízo, gastou 1.200 libras num ano, como um par de Inglaterra. Onde ele está agora? Está morto e no buraco escuro. Mas durante dois anos, é a pura verdade, o coitado passou fome! Mendigou, roubou, degolou e, afinal, rebentou de miséria.

— Isso, afinal, não adianta muito — disse o marinheiro novato.

— Isso não adianta muito para os malucos, fica certo... nem isso, nem coisa alguma — gritou Silver. — Mas escuta: tu és ainda muito criança, é verdade, mas és inteligente como poucos... Vi isso assim que botei os olhos em ti, e vou te falar como a um homem.

Ninguém pode imaginar o que senti, quando ouvi aquele velho tratante dirigir a outro as mesmas palavras de lisonja que dissera a mim! Creio bem que, se pudesse, o teria matado, de dentro do meu barril... Mas ele, longe de supor que eu o escutava, continuou:

— Olha para os gentis-homens de fortuna. Levam vida áspera arriscando-se à força, mas comem e bebem do bom e do melhor e, quando voltam de um cruzeiro, então, que maravilha!, trazem nos bolsos contos de

réis, não são centos de mil-réis. É certo que a maior parte deles gasta tudo em rum e rega-bofes, e retornam ao mar com a roupa do corpo. Mas eu não. Eu deposito tudo, parte aqui, parte ali, nunca muito em um só lugar, por precaução... Tenho cinquenta anos, repara... Voltando deste cruzeiro, vou me estabelecer como um grão-senhor, de verdade! Decerto achas que já é tempo... Ah! Mas também tenho vivido à farta, todo esse tempo; jamais deixei de satisfazer todos os meus desejos, dormi sempre otimamente, comi bem, e todos os dias da minha vida, mas quando no mar. E como comecei? Como foi? Marinheirinho como tu.

— Pois sim, mas todo esse dinheiro agora está perdido, não é? Porque você não vai ter coragem de se mostrar em Bristol, depois deste negócio...

— Mas onde julgas tu que está o dinheiro? — perguntou Silver ironicamente.

— Em Bristol, nos bancos e em outros lugares...

— Estava, sim... Estava, quando levantamos ferro. Mas a esta hora a minha cara-metade já retirou tudo. E o Óculo foi vendido também; arrendamento, freguesia e material. A velha vem ao meu encontro... Eu te diria onde, porque tenho confiança em ti; mas os outros camaradas ficariam enciumados.

— E você se fia em sua mulher?

— Os gentis-homens de fortuna geralmente não se fiam muito uns nos outros, e têm razão para isso, podes acreditar. Mas eu cá tenho um método só meu. Quando um camarada se intromete na minha vida, um que me conhece, bem entendido, esse não fica no mesmo mundo com o velho John. Havia gente que tinha medo de Pew, e outros que tinham medo de Flint; mas Flint, o próprio Flint tinha medo de mim! Tinha medo, sim, mas também sentia orgulho de mim! A gente de Flint era a equipagem mais temível que já cruzou os mares; o próprio demônio teria medo de navegar com eles... Pois escuta lá: eu não sou homem de bravatas, e tu bem vês como trato a todos com boas maneiras; mas, quando era quartel-mestre, a maruja de Flint não se compunha de cordeiros. Podes estar em segurança no barco do velho John.

— Pois bem, vou dizer uma coisa — replicou o rapaz. — Eu... não me agradava lá muito a tarefa, antes desta nossa conversa, John; mas, agora, estou com você.

— És um rapaz corajoso, isso és, e inteligente — retrucou Silver.

Enquanto falava apertava a mão que o outro lhe estendera, com tamanha energia que a barreira toda se sacudiu.

— E nunca meus olhos deram com cabeça mais linda para um gentil-homem da fortuna!

A esta altura eu já ia percebendo o que queriam dizer as palavras “gentil-homem da fortuna” para eles, queriam dizer nem mais nem menos do que um pirata, e a pequena cena que eu ouvira era o último ato da corrupção de um dos homens honestos — quem sabe se o último que ainda existia a bordo!

Verifiquei logo que não era assim, porque a um assobio de Silver um terceiro homem veio sentar-se no grupo.

— Dick concorda — disse Silver.

— Isso eu sabia, que Dick concordaria — retrucou a voz do catraieiro, Israel Hands. — Ele não é doido, esse Dick. — E, mascando e cuspiendo, continuou: — Mas escuta, Barbecue, o que eu quero saber é o seguinte: até quando vamos navegar assim, como bote de abastecimento? Já estou farto do capitão Smollett; já me perseguiu que chegue, feito um fantasma, que diabo! Quero entrar naquela cabina! Quero as conservas e os vinhos deles, e tudo o mais! Aí está!

— Israel, tua cabeça nunca foi lá grande coisa mesmo. Mas ouvidos tu tens. Pelo menos orelhas grandes, isso se vê. Pois bem, ouve cá: fica na proa, trabalha duro, fala pouco e bebe menos, até que eu dê o sinal. E podes ficar descansado, rapaz.

— Pois sim, não digo que não, não é? — perguntou o catraieiro. — Só o que digo é: Quando? É só isso...

— Quando? Que diabo! Pois se queres saber, eu te digo: no último momento eu arranjo as coisas, aí está. Pois nós temos um marinheiro de primeira ordem, o capitão Smollett, dirigindo o barco para nós; e o *squire*, mais o doutor, com um mapa e outras coisas, por sinal não sei onde estão elas, nem tu tampouco... Fica sabendo: quero deixar tempo para que esse *squire* e o tal doutor desenterrem o bolo e nos ajudem a trazer a carga para bordo. Que diabo! Depois veremos. Se eu tivesse confiança em vocês todos, filhos do diabo!, deixaria o capitão nos levar até meio caminho de volta e só então agiria.

— Mas nós todos, aqui a bordo, somos marujos, penso eu... — disse Dick.

— Somos todos homens do mar, é o que queres dizer — rosnou Silver. — Podemos fazer um cruzeiro, sim; mas quem pode dirigir? É aí que vocês todos naufragam, do primeiro ao último. Se eu pudesse fazer o que entendo,

deixaria o capitão Smollett nos levar de volta, ao menos na primeira parte da rota: não teríamos a temer os erros de cálculo e beberíamos só uma colher de água por dia. Mas conheço todos vocês... Acabarei com eles na ilha, assim que a grena esteja a bordo, e é uma pena, é. Vocês só estão contentes quando se veem bêbados. É o diabo! Dá raiva ter de navegar com gente dessa laia!

— Sossega — disse Israel. — Quem é que te contradiz aqui?

— Mas quantos navios grandes vocês pensam que já vi desaparelharem? E quantos rapazes guapos vi serem enforcados na Doca das Execuções? Tudo isso por causa dessa mesma pressa, e pressa, e pressa. Estás ouvindo? Já vi alguma coisa no mar, já vi... Se vocês se contentassem em seguir o rumo quietos, e ir ao sabor do vento, tudo correria bem. Mas qual! Vocês? Não vê! Conheço todos bem... Vocês se abarrotarão de rum amanhã e... para a força!

— Vamos, John, todos sabiam que eras uma espécie de capelão; mas há outros que podem navegar e dirigir tão bem quanto tu — disse Israel. — Gostavam de se divertir um bocado, é verdade. Não eram de modo algum assim tão soberbos e rudes, mas tiravam proveito, como bons camaradas que eram.

— É? — disse Silver. — Pois sim, e onde eles estão agora? Pew era desses e morreu mendigando. Flint era desses e morreu de tanto beber rum, em Savannah. Ah! Eram todos bons marujos, mas... onde estão agora?

— Mas — perguntou Dick — quando nós tivermos atirado os homens lá, que vamos fazer deles, enfim?

— Ora, até que afinal achei um homem! — bradou o cozinheiro, cheio de admiração. — Isso é que é negócio! Pois vamos ver, que pensas tu? Atirar todos à praia, como enjeitados? Era o sistema de England. Ou trinchá-los como carne de porco? Flint ou Billy Bones fariam assim.

— Billy era homem para isso — observou Israel. — Os mortos não mordem, dizia ele. Agora está morto e saberá bem como é isso; mas, se já houve um homem rude na maruja, esse foi Billy.

— Tens razão — disse Silver. — Rude e expedito. Mas notem isto: eu sou um homem sereno —, sou o perfeito gentil-homem, vocês dizem... mas agora o caso é sério. O dever é o dever, camaradas. Já dei meu voto à morte. Quando estiver no Parlamento e andar de carruagem, eu não quero que nenhum desses letrados da cabina me apareça, quando menos espere, como o diabo na igreja! Digo que devemos esperar, mas, quando chegar a hora, nada de brincadeira com eles.

— John — gritou o catraieiro —, tu és um homem!

— Tu vais dizer isso, Israel, mais tarde. Mas eu só reclamo uma coisa: Trelawney. Quero arrancar do corpo aquela cabeça de veado com estas mãos.

Interrompeu-se um instante; depois continuou, dirigindo-se a Dick:

— Pega aqui uma maçã, Dick; quero molhar minha cachimbada. Sê um rapaz delicado, anda!

Imaginem o meu terror! Certamente teria saltado fora da barrica e corrido, se tivesse forças. Mas nem as pernas nem o coração me ajudavam. Ouvi Dick erguer-se vagarosamente; depois alguém o deteve, e a voz de Hands exclamou:

— Não! Isso não! Isso é uma droga, John. Vamos beber um gole de rum.

— Dick — disse Silver —, eu confio em ti. Tenho uma medida no barril, ouve bem. Toma lá a chave. Enche uma caneca e traz aqui.

Alterado como estava, não pude deixar de pensar, contudo, que deve ter sido dessa maneira que o sr. Arrow conseguia o álcool que deu cabo dele.

Dick saiu e pouco se demorou; mas, durante a sua ausência, Israel falou baixinho ao ouvido do cozinheiro. Apenas pude apanhar uma ou duas palavras, mas ainda assim elas não deixaram de ser importantes, porque entre outras frases truncadas entendi muito bem esta:

— Não apanharemos mais nenhum deles.

Portanto, ainda havia gente fiel a bordo.

Quando o rapaz voltou, os três homens, cada um por sua vez, pegaram no canjirão e beberam.

— À saúde! — disse um.

E outro:

— À do velho Flint!

E Silver, meio cantarolando, exclamou:

— À nossa! E à sorte de cada um, com muitos despojos e muito rum!

Foi nesse momento exato que caiu sobre o barril onde eu me ocultava uma claridade repentina; erguendo a cabeça, vi que a lua tinha surgido, prateando o cesto da gávea e iluminando a vela do traquete. E quase ao mesmo tempo a voz do gajeiro bradou:

— Terra!

VI

CONSELHO DE GUERRA

Ouviru-se grande tropel no convés. Percebi que saía gente do camarote e do

castelo de proa; escapulindo do barril e esgueirando-me por detrás do mastro do traquete, saí pela popa e cheguei ao convés a tempo de alcançar Hunter e o dr. Livesey, que se dirigiam apressadamente para a proa.

Já ali se achavam reunidos todos os homens da equipagem.

Com o luar erguera-se um cinto de nevoeiro. Para sudoeste avistamos duas colinas de pouca altura, à distância de um quilômetro, mais ou menos, e mais adiante, por detrás de uma delas, outra mais alta, cujo pico ainda estava envolto na cerração. As três pareciam cônicas.

Vi todas essas coisas ainda meio que a sonhar, pois não me recobrava do espantoso terror. Ouvi a voz do capitão Smollett dando ordens. A *Espanhola* dirigia-se para leste da ilha.

— E agora — disse o capitão, quando todas as escotas foram caçadas — vamos ver: algum de vocês já esteve naquela ilha, por acaso?

— Eu, sr. comandante — disse Silver. — Era cozinheiro de um navio mercante que ali fez aguada.

— Creio que o ancoradouro fica no sul, por detrás de uma ilhota, não é?

— Sim, senhor. A ilha do Esqueleto. Era antigamente um lugar escolhido pelos piratas, e a bordo vinha um marinheiro que conhecia todos os nomes. Aquele cerro ao norte chamam de Mastro do Traquete. Há três cerros enfileirados, na direção do sul; o maior, que agora está coberto pelo cerrado, chamam de Óculo, porque deixavam ali uma vigia, enquanto estavam no ancoradouro; porque era ali que eles faziam a limpeza de seus navios, com o devido respeito, senhor.

— Tenho aqui uma carta — disse o capitão Smollett. — Veja se é esse mesmo o sítio.

Brilharam-lhe os olhos, quando pegou a carta; mas vi logo que ficara desapontado; o papel era novo. Não era o mapa que tínhamos encontrado no baú de Billy Bones, mas uma cópia cuidadosa, completa em todos os pontos — nomes, altitudes e sondagens —, só não tinha as cruces vermelhas e as notas escritas a mão. Mas, por mais aborrecido que ficasse, Silver não deu mostra alguma disso.

— Sim, senhor — disse ele —, é este o lugar, pode ter certeza; e muito bem desenhado. Quem poderia ter feito isso? Os piratas eram gente ignorante. Sim, aqui está: “Ancoradouro do capitão Kidd”... era esse o nome que o meu camarada dava ao lugar. Há uma forte corrente, que se dirige para o sul e depois para a costa leste. O senhor teve razão, sr. comandante, em orçar e ficar a barlavento da ilha. Pelo menos se é sua intenção atracar e

querenar, pois não existe nestas águas melhor lugar para isso.

— Obrigado, meu rapaz — disse o capitão. — Mais tarde hei de pedir-lhe auxílio. Por agora pode ir.

Surpreendeu-me a serenidade com que John Silver confessou que conhecia a ilha; também fiquei meio assustado quando o vi aproximar-se de mim. Certamente ele não sabia que eu ouvira o conciliábulo, do barril de maçãs; mas tomara tal horror de sua crueldade, duplicidade e poder que mal pude ocultar um estremecimento quando ele pôs a mão no meu braço.

— É um lindo lugar esta ilha — disse-me ele —, um lindo lugar para um rapaz desembarcar. Pode tomar banho, trepar nas árvores e caçar cabras, se quiser. E até subir por aqueles cerros como uma cabrinha. Até me sinto remogar! Era capaz de esquecer minha muleta, palavra! Bela coisa é ser jovem e ter duas pernas! E tu podes aproveitar tudo isso. Quando quiseres sair para uma pequena exploração, chama o velho John, que ele terá um bom quinhão para ti.

E, dando-me palmadinhas amistosas no ombro, saiu claudicando e desceu.

O capitão Smollett, o *squire* e o dr. Livesey estavam conversando no tombadilho, mas, por mais ansioso que estivesse por contar-lhes o que sabia, não ousei ainda assim interrompê-los abertamente.

Pensava na maneira de conseguir aproximar-me, quando o doutor me chamou. Esquecera o cachimbo embaixo e, escravo do fumo, queria que eu fosse buscá-lo. Assim que me achei tão perto que ninguém pudesse me ouvir, disse-lhe à queima-roupa:

— Doutor, preciso falar-lhe. Leve o capitão e o *squire* para a sua cabina e arranje um pretexto para me chamar. São coisas terríveis.

O doutor, espantado por um instante, imediatamente se dominou outra vez e disse, em voz alta, como se tivesse me perguntado alguma coisa:

— Obrigado, Jim; era só o que eu queria saber.

Dando meia-volta, tornou a se reunir aos outros dois. Conversaram um momento e, posto que nenhum deles tivesse mostrado sobressalto, nem erguido a voz, nem sequer articulado qualquer exclamação, era evidente que o doutor lhes comunicara meu pedido; porque logo ouvi o capitão dar uma ordem a Job Anderson, e um apito chamou logo toda a equipagem ao convés.

— Rapazes — disse o capitão Smollett —, tenho uma palavra a dizer-lhes. Esta terra que temos à vista é o lugar que procurávamos. O sr. Trelawney acaba de me fazer algumas perguntas e eu lhe disse que todos a

bordo cumpriram seu dever, tanto os de baixo como os de cima, satisfazendo-me inteiramente. O meu amigo, generoso como todos nós sabemos, resolveu então, visto que nós três vamos descer à cabina e beber à saúde e pela felicidade de todos vocês, mandar-lhes servir um farto grogue, para que vocês bebam também à nossa saúde e pela nossa felicidade. Ora, achei isso muito bonito e, se estão todos de acordo comigo, convido-os a dar um viva ao cavalheiro que teve essa ideia.

Ergueram o viva, é claro; e ele ecoou tão entusiasmado e tão natural que confesso: custava-me acreditar que aqueles mesmos homens estivessem conspirando contra nossas vidas.

— Viva o capitão Smollett! — gritou Silver, quando os ecos do primeiro viva se haviam apagado.

E também esse foi secundado com vontade.

Desceram então os três homens e pouco depois um marinheiro me chamou, por ordem deles.

Achei-os sentados ao redor de uma mesa, com uma garrafa de vinho de Málaga e uvas-passas em frente; o doutor fumava, com a cabeleira sobre os joelhos, e eu bem sabia que isso era nele sinal certo de preocupação.

Ficara aberta a vigia de popa, porque a noite estava quente, e podíamos ver a esteira de espuma que o barco ia deixando, prateada pelo luar.

— Hawkins, tens alguma coisa a dizer? — perguntou o *squire*. — Podes falar.

Obedeci e, o mais resumidamente que pude, narrei-lhes todos os pormenores da conversa de Silver. Ninguém me interrompeu; nenhum dos três fez um único movimento; mas todos eles conservaram os olhos fitos em mim, do princípio ao fim da minha história.

Quando acabei, o doutor disse-me:

— Senta-te, Jim.

Fizeram-me então sentar com eles à mesa, deram-me um copo de vinho, encheram-me as mãos de passas; e os três homens, cada um por sua vez, e sempre com uma inclinação de cabeça, beberam à minha saúde, cumprimentando-me pela minha sorte e coragem.

— Agora, capitão — disse o *squire* —, quem tinha razão era você; eu é que me enganei. Não passo de um asno e espero suas ordens.

— Não é mais asno do que eu — replicou o capitão. — Nunca ouvi contar de equipagem alguma que preparasse uma revolta sem dar sinal algum, diante de um homem que tem olhos para ver e meios ao seu alcance

para impedir o levante. Mas esta equipagem é mais ladina do que eu.

— Capitão — disse o doutor —, dê-me licença de dizer: tudo isso vem de Silver; é um homem, na verdade, um homem notável!

— Mais notável ficaria pendurado no lais — replicou o capitão. — Mas tudo isso são conversas que não dão resultado algum. Para mim, há no caso três ou quatro pontos importantes que, se o sr. Trelawney me permite, vou indicar.

— O senhor é que é o capitão — retrucou o sr. Trelawney com entono. — Compete-lhe esse direito.

— Pois bem — começou Smollett —, primeiro ponto: devemos prosseguir. Não podemos retroceder; se eu desse ordem de voltar, rebentaria uma revolta imediatamente. Segundo ponto: temos tempo, pelo menos até darmos com o tesouro. Terceiro ponto: ainda temos homens fiéis. Ora, teremos de ir às vias de fato mais cedo ou mais tarde; portanto, proponho que apanhemos a ocasião pelos cabelos, como diz o rifão, atacando-os qualquer dia, quando menos esperarem. Podemos contar, segundo creio, com seus criados, sr. Trelawney, não é?

— Tanto quanto comigo.

— São três, portanto; sete conosco, contando com Hawkins. E quantos marinheiros de confiança?

— Certamente a maior parte dos homens de Trelawney — disse o doutor. — Os que ele contratou antes de encontrar Silver.

— Nem tanto — retrucou o *squire*. — Hands era dos meus.

— Pois eu julguei que podia confiar nele — disse o capitão.

— E pensar que são todos ingleses! — exclamou o *squire*. — Tenho até vontade de fazer voar o barco pelos ares!

— Bem, senhores — continuou o capitão —, o que posso dizer de melhor ainda não é muita coisa. Devemos ficar quietos e de olho alerta. É coisa difícil, bem sei. Seria mais agradável atacar logo. Mas de nada serviria, enquanto não sabemos com quem podemos contar. Meu parecer é o de que fiquemos quietos, esperando a ocasião.

— Jim pode prestar-nos mais serviço do que qualquer outro — disse o doutor. — A maruja não desconfia dele e é um rapazinho observador.

— Hawkins — acrescentou o *squire* —, deposito em ti a maior confiança.

Entristeci ao ouvir essas palavras, porque me sentia impotente; contudo, por um singular conjunto de circunstâncias, a salvação, na verdade, dependia

de mim. O certo é que, dissessem o que dissessem, entre 26 homens, só podíamos contar de fato com sete, e um deles, ainda por cima, um rapazola — o que reduzia o caso a seis contra 19.

Parte III

Minha aventura na praia

I

O INÍCIO DA AVENTURA

Quando cheguei ao convés, na manhã seguinte, a aparência da ilha era

outra, muito diferente. Embora o vento tivesse amainado, tínhamos andado muito durante a noite e estávamos agora abrigados, a cerca de meia milha a sueste da costa leste.

Bosques acinzentados cobriam grande parte da superfície da ilha. Quebrava a uniformidade desse tom, nas baixadas, a cor amarela das faixas de areia; e aparecia, acima da massa acinzentada, o verde-escuro dos altos pinheiros, uns isolados, outros em grupos. Mas o colorido geral era uniforme e tristonho. Acima da vegetação, sobressaíam as colinas de rocha nua. Apresentavam todas elas formas estranhas, e o Óculo, que se erguia a oitenta ou cem metros acima de qualquer outro cerro, era sem dúvida o de configuração mais esquisita: erguia-se reto e aparecia bruscamente truncado no topo, como um pedestal à espera de uma estátua.

Vogava a *Espanhola* de embornais mergulhados nas ondas crespas. Os botalós gemiam nos cadernais, o leme batia de um lado a outro, e todo o barco estalava, rangia e trepidava, como uma fábrica. Tinha de me segurar com força nos brandais, e tudo girava em torno de mim: era bom marinheiro enquanto o barco vogava, mas não me era possível suportar, ainda mais em jejum, aquelas sacudidelas do navio a rolar como uma garrafa. Davam-me náuseas.

Não sei se foi por isso, não sei se seria a vista da ilha, com sua mataria cinzenta e melancólica, e as pontas dos rochedos abruptos; ou o marulho das ondas na areia, cujo fragor nos chegava aos ouvidos... O que sei é que o sol era brilhante e ardente, que as aves ribeirinhas mergulhavam e esvoaçavam ao redor de nós; e que a gente deveria sentir alegria, ao avistar terra, após tantos dias de mar sem fim — e, apesar de tudo, minha alma caiu aos pés, como diz o ditado, ao primeiro olhar que deitei à ilha do Tesouro, que se tornou odiosa para mim desde esse instante.

A perspectiva era a de uma manhã muito afanosa, pois não havia sinal de vento, e era preciso arriar os botes, equipá-los, rebocar o navio três ou quatro milhas até o fim da ilha e forçar a estreita passagem para entrar no porto, por detrás da ilha do Esqueleto.

Ofereci-me para ir num dos botes, onde não teria nada que fazer. O calor era abafadiço, e os homens iam resmungando contra o trabalho que os esperava. Anderson comandava o bote e, em vez de manter a ordem na tripulação, praguejava mais do que qualquer outro.

Afinal disse, com uma blasfêmia:

— Ora, isto não vai durar para sempre!

Pareceu-me isso mau sinal, porque até aquele dia a maruja tinha cumprido seu dever exata e alegremente. Mas a simples vista da ilha bastara para relaxar a disciplina.

Durante todo o percurso Long John manteve-se ao pé do timoneiro, dando a direção. Conhecia a passagem como a palma de sua mão; e, posto que a sonda indicasse por toda parte mais água do que marcava a carta, ele não teve um só momento de dúvida.

— A maré vazante determinou uma forte correnteza — disse ele —, e esta passagem ficou como se tivesse sido cavada com uma pá.

Chegamos ao sítio indicado na carta pela âncora, mais ou menos a um terço de milha de cada margem entre a ilha principal e a do Esqueleto. O fundo era de areia pura. Com o ruído da âncora na água, levantou-se uma nuvem de passarinhos, que esvoaçaram por algum tempo, chilreando, por sobre a mata. Mas dali a um minuto tornaram a pousar, e tudo voltou à serenidade anterior.

Era o sítio todo cercado de terra, coberta de mato; as árvores desciam até a linha da maré alta; as praias na maior parte eram rasas; e, ao redor, erguendo-se de distância em distância, os cerros formavam um anfiteatro.

Dois arroiozinhos, ou antes dois charcos, vinham desaguar nessa espécie de lagoa. E era insalubre a aparência da folhagem naquele lugar.

Do navio nada se via da casa nem da paliçada, ocultas entre as árvores; e, não fora a carta do camarada morto, poderíamos acreditar que éramos os primeiros navegantes que ali aportaram, desde que a ilha surgira das águas.

Nenhuma aragem, nenhum ruído, a não ser o das vagas, quebrando-se de encontro à praia, até meia milha de distância, e contra os rochedos mais além.

Erguia-se do ancoradouro o cheiro peculiar às águas estagnadas — cheiro de folhas caídas e troncos apodrecidos. Notei que o doutor fungava muito, como quem tomou um ovo velho.

— De tesouros nada sei — disse ele —, mas aposto minha cabeleira como este lugar é um foco de febres.

O procedimento dos homens, que no bote fora assustador, tornou-se ameaçador a bordo da escuna. Reuniram-se em grupos, espalhados pelo tombadilho, resmungando e andando de um lado para outro. Por mais insignificantes que fossem, eram as ordens mal recebidas e cumpridas sem cuidado algum. Parecia que até os homens de confiança tinham sofrido o contágio, porque não havia a bordo um só que servisse de boa vontade. Era evidente que a sublevação andava no ar, pairando acima de nós, como uma

nuvem carregada.

E não éramos só nós, os do camarote, que percebemos o perigo. Long John era incansável, andando de grupo em grupo, desvelando-se em dar bons conselhos e dando a todos o exemplo do bom marujo. Excedia-se em delicadezas e boa vontade; desmanchava-se em sorrisos para todos. Se vinha uma ordem, ele num abrir e fechar de olhos estava apoiado à muleta, dizendo alegremente:

— Sim, sim, senhor!

E, quando nada tinha a fazer, deitava a cantar uma canção atrás da outra, como se pretendesse com isso disfarçar o descontentamento geral.

E, de todos os indícios sombrios daquela tarde de mau presságio, a ansiedade evidente de Long John parecia o mais agourento.

Reunimo-nos em conselho no camarote.

— Senhor — disse o capitão —, se arrisco mais uma ordem, todo o navio se revolta em grita. As coisas estão neste pé: eles me dão uma resposta atrevida, não é? Pois bem, se revido, está o caldo entornado; se calo, desperto as desconfianças de Silver, e está perdida a luta. Só podemos contar com um homem para o bom êxito do negócio.

— Quem é? — perguntou o *squire*.

— Silver. Está tão ansioso quanto nós por ver as coisas acomodadas. Isto é apenas uma discórdia, por enquanto; se tiver uma ocasião, ele acalma os homens logo. É o que proponho: que se dê a ele essa oportunidade. Demos licença aos homens para uma tarde de folga, em terra. Se forem, defenderemos o barco; se nenhum deles quiser desembarcar, ora essa!, guardaremos o camarote, e que Deus esteja conosco! Se forem somente alguns, tome nota disto, Silver os trará de volta, mansos como cordeiros.

Assim foi resolvido. Todos os homens de confiança receberam pistolas carregadas; Hunter, Joyce e Redruth, admitidos ao segredo, ouviram a notícia com menos surpresa e mais coragem do que poderíamos esperar. Depois disso, o capitão subiu ao convés e dirigiu-se à maruja.

— Rapazes — disse ele —, tivemos um dia quente e estamos todos fatigados e maldispostos. Uma volta pela praia não fará mal a ninguém. Os botes ainda estão arriados; podem pegá-los e todos os que quiserem podem desembarcar. Darei o sinal de retorno, um tiro, meia hora antes do pôr do sol.

Creio que todos aqueles tolos pensaram que, mal pusessem pé em terra, encontrariam à mão o tesouro, porque todos eles, no mesmo instante, se despiram do mau humor, rompendo em demonstrações de alegria tão ruidosas

que ecoaram até na mais longínqua colina. E os passarinhos, mais uma vez, foram espantados das árvores, esvoaçando e gritando por sobre o ancoradouro.

O capitão era muito atilado para ficar ao alcance da vista de seus homens. Sumiu num instante, deixando que Silver arranjasse o negócio; e creio que agiu certo, porque, se tivesse ficado no tombadilho, não lhe seria possível aparentar por mais tempo que ignorava a verdadeira situação. Era claro como a luz. Silver era o capitão, que se via à frente de uma equipagem revoltosa.

Os homens fiéis — porque em breve tive a prova de que existiam — deviam ser sujeitos muito estúpidos. Ou, antes, parece-me que a verdade é esta: que todos — ou quase todos — estavam descontentes com o exemplo dos cabeças do motim; e que alguns deles, mais razoáveis, não estavam dispostos a se deixar dirigir por mais tempo. Uma coisa é indolência e indisciplina, e outra, bem diversa, é tomar um navio e assassinar uma porção de homens inocentes.

Afinal, chegaram a um acordo. Seis homens ficariam a bordo e os outros 13, entre eles Silver, começaram a embarcar.

Foi então que me brotou na cabeça a primeira das ideias loucas que contribuíram de forma tão decisiva para a salvação das nossas vidas. Se Silver deixava a bordo seis homens, era claro que o nosso grupo não poderia tomar e defender o navio; e uma vez que só ficavam seis era igualmente claro que eu não seria necessário a bordo. Pensei, então, em desembarcar. Num instante deslizei pelo costado e segurei-me na escota do bote mais próximo, que, quase de imediato, largou:

Ninguém me viu, a não ser o remador, que disse:

— És tu, Jim? Baixa a cabeça.

Mas Silver, do outro bote, olhou severamente e chamou-me, para averiguar se era eu; nesse momento, comecei a me arrepender de ter ido.

As tripulações remavam com vigor para chegar depressa à praia; mas o bote em que eu ia era o mais leve e de melhor pessoal; além disso, levava algum avanço, de modo que logo se distanciou do outro e abicou entre as árvores da costa. Segurei-me a um galho e icei-me, metendo-me por entre a mataria densa, enquanto Silver e os outros estavam ainda a cem metros de distância.

— Jim! Jim! — gritou ele.

Mas é claro que não lhe dei atenção; saltando, mergulhando e vencendo

mil obstáculos, corri até não poder mais.

II

O PRIMEIRO GOLPE

Estava tão contente por ter fugido de Long John que tratei de procurar

alguma distração, examinando com interesse o estranho lugar onde me achava.

Atravessara uma região alagadiça, cheia de salgueiros, de juncos, de toda essa vegetação própria de terrenos paludosos, então desconhecida para mim; e chegara às bordas de um terreno ondulado e arenoso, de cerca de um quilômetro de extensão. Viam-se aqui e ali algumas manchas de pinheiros e de umas árvores retorcidas, mais ou menos do porte do carvalho, mas de folhagem pálida como a do chorão.

Mais adiante surgia um dos cerros, com dois picos pontudos e escabrosos, que brilhavam ao sol.

Senti, pela primeira vez, a alegria do explorador. Era uma ilha desabitada; meus companheiros tinham ficado muito para trás, e eu só ouvia as vozes da natureza. Passeava por entre as árvores, vendo a cada passo plantas e flores desconhecidas; a cada passo encontrava cobras, e uma delas ergueu a cabeça da beirada do rochedo onde estava e silvou para o meu lado, um assobio semelhante ao do pião, na força do giro. Quando eu ia imaginar que era um inimigo mortal e que era aquele o assobio da famosa cascavel!

Cheguei então a um grupo denso daquelas árvores de pouco porte, semelhantes ao carvalho — chamam-se azinheiros, segundo ouvi mais tarde, que crescem junto aos areais; seus ramos, retorcidos de maneira curiosa, formam uma folhagem compacta como a do colmo. Descendo das dunas, esse matagal se estendia e aumentava de altura, até que se aproximava da beira do extenso banhado, coberto de caniços, atravessado em vários sítios por alguns córregos que iam desaguar no ancoradouro.

À luz do sol ardente, o banhado fumegava, e o perfil do Óculo desenhava-se em contornos trêmulos, por entre a névoa.

De repente ouvi uma bulha qualquer entre os juncais. Um pato-selvagem ergueu voo, grasnando; logo outro o seguiu, e dali a pouco toda a superfície do pantanal se cobriu de uma nuvem de aves, que esvoaçavam, cortando o ar em movimentos circulares. Calculei logo que algum dos meus companheiros se aproximava. E não me enganei: não tardou muito que ouvisse os sons abafados e distantes de uma voz humana, que ia aos poucos se aproximando e se tornando mais nítida. Muito assustado, escondi-me, engatinhando até o azinheiro mais próximo, onde fiquei agachado, escutando, imóvel e atento como um ratinho.

Outra voz respondeu; depois tornei a escutar a primeira, que reconheci ser a de Silver e que se ouviu por muito tempo, interrompida de vez em

quando pela da outra pessoa. O tom era de quem falava vivamente, quase com cólera; mas não dava para distinguir nenhuma palavra.

Afinal se calaram, e é possível que tivessem se sentado, pois não somente os sons já não se aproximavam, mas também os pássaros se aquietaram, tornando a pousar no pântano.

Pareceu-me então que negligenciava meu dever; uma vez que fora tão audacioso que desembarcara com aqueles celerados, cumpria-me ouvir o que diziam nos seus conciliábulos. Devia, pois, chegar o mais perto possível, abrigado pelo matagal.

Para mim era fácil determinar exatamente o lugar onde estavam, não só pelo som das vozes, mas também porque algumas aves ainda não se haviam aquietado e esvoaçavam em certo ponto.

Fui indo de gatinhas, sem fazer ruído, mas avançando firmemente para o lado deles; e afinal, erguendo a cabeça por entre as folhas, avistei Long John, que conversava com outro marinheiro, parados em uma depressão coberta de relva, à beira do charco.

O sol batia de chapa sobre os dois. Silver atirara o chapéu para o chão e estava voltado para o outro, com uma expressão de ansiedade, o enorme rosto reluzente de calor.

— Camarada — dizia ele —, é porque você tem muito valor, muito valor, pode apostar isso! Se eu não simpatizasse muito com você, pensa então que viria até aqui, como vim, somente para lhe abrir os olhos? Tudo está assentado: você nada pode fazer nem alterar agora; é para lhe salvar a cabeça que estou aqui falando, e, se algum daqueles selvagens beberrões soubesse disso, eu iria parar, Tom... Diga onde iria eu parar?

Olhei então para o outro, que, muito vermelho, falava com a voz rouca, que vibrava como uma corda esticada.

— Silver — dizia ele —, você está velho, mas é um homem honesto, ou passa por tal; você também tem dinheiro, coisa que os marinheiros nem sempre têm; e também é valente, se não me engano. Agora você vai me dizer se vai se deixar levar por aquele bando de lambões... Com certeza não! Por Deus, que me vê, prefiro perder a mão... se falto ao meu dever...

Nesse momento foi interrompido por um rumor. Eu descobrira um homem fiel. Pois bem, naquele instante, minha atenção foi desviada para outro. Lá longe, no pantanal, ergueu-se de repente um grito de furor, seguido na mesma hora de outro grito; e depois um medonho, profundo brado de pavor, que os rochedos do Óculo ecoaram vinte vezes.

O bando de aves aquáticas ergueu-se outra vez, escurecendo o céu numa revoada atrojadora; e durante muito tempo repercutiu no meu cérebro aquele pavoroso grito de morte.

Depois, o silêncio voltou a reinar sobre todas as coisas; apenas o frêmito das asas dos pássaros, tornando a pousar, e o murmúrio das ondas distantes perturbavam a placidez da tarde.

Ao ouvir o grito, Tom deu um salto como um cavalo ferido pela espora. Silver, porém, ficou impassível; continuava a apoiar-se na muleta, encarando o companheiro como uma cobra pronta para dar o bote.

— John! — gritou o marujo, estendendo a mão para diante.

— Mãos para baixo! — gritou Silver, por sua vez.

E, dando um salto, recuou pelo menos um metro, com a agilidade e a segurança de um ginasta treinado.

— Mãos para baixo, se quer viver, John Silver — disse o outro. — Só a consciência atormentada pode levar você a ter medo de mim... Mas, em nome do céu, diga o que foi aquilo!

— Aquilo? — replicou Silver, sorrindo com indiferença, porém mais cauteloso do que nunca.

Os olhos, penetrantes como pontas de alfinetes, brilhavam como fragmentos de vidro.

— Aquilo? — repetiu ele. — Deve ser Alano...

Tom, então, indignou-se e bradou heroicamente:

— Alano! Que sua alma de marinheiro descanse em paz! E você, John Silver, que por tanto tempo considereí amigo, não conte mais comigo para nada. Ainda que tenha de morrer como um cão, morrerei cumprindo o meu dever. Você matou Alano, não foi? Pois me mate também, se for capaz! Eu o desafio!

E o valente marujo deu as costas ao cozinheiro, dirigindo-se para a praia. Mas não foi longe. Soltando um grito, John segurou-se a um galho de árvore, arrancou a muleta de baixo do braço e arremessou aquela estranha arma contra o outro. Ela se projetou de ponta e, com prodigiosa violência, atingiu o pobre Tom justamente na coluna vertebral. Ele ergueu os braços, soltou um grito e caiu. Não dava para ver se fora gravemente ferido ou não. A julgar pelo ruído da queda, era possível que tivesse partido a espinha dorsal. Mas nem sequer teve tempo de recobrar-se. Ágil como um macaco, Silver, sem perna nem muleta, estava num instante em cima dele e enterrava a faca, até o cabo, naquele corpo indefeso. Do meu esconderijo, podia ouvi-lo

ofegar, enquanto vibrava facadas.

Não sei muito bem o que é desmaiar, mas sei que durante algum tempo tudo girava ao redor de mim, em um turbilhão de névoa. Silver, as aves ribeirinhas, o alto pico do Óculo andavam à roda, de pernas para o ar, diante de meus olhos, soavam a meus ouvidos vozes distantes e mil repiques de sinos.

Quando tornei a mim, o monstro já estava levantado, com a muleta debaixo do braço, o chapéu na cabeça. A sua frente jazia Tom, imóvel, estendido no chão; mas o assassino não lhe deu atenção alguma e limpou a faca ensanguentada num punhado de grama. Tudo o mais permanecia inalterado; o sol impiedoso dardejava seus raios ardentes sobre o charco, donde se exalavam vapores, e sobre o alto pico da montanha. Eu não conseguia me convencer de que ali, diante de meus olhos, se cometera um assassinio, de que uma vida humana fora violentamente destruída.

John meteu a mão no bolso, tirou um apito e modulou nele alguns sons, que ecoaram ao longe, através do ar quente. Eu não poderia dizer, certamente, o que significava aquele sinal, mas o certo é que despertou imediatamente meus receios. Sem dúvida outros homens iam aparecer; eu podia ser descoberto. Eles já tinham matado dois homens fiéis; depois de Tom e de Alano não chegaria a minha vez? Comecei então a me desvencilhar dos arbustos e, rastejando, tratei de me afastar com o maior cuidado e agilidade para a parte mais rala do mato. Andando assim, ainda ouvia chamados trocados entre o velho pirata e seus sequazes, e esses rumores de perigo iminente deram-me asas. Assim que me vi livre da mataria densa, larguei a correr como jamais o fizera, sem refletir na direção da fuga, contanto que fosse para longe dos assassinos; e, enquanto corria, meu medo aumentava cada vez mais, até tornar-se uma espécie de delírio.

Pois não estava eu completamente perdido? Quando o tiro soasse, como eu ousaria voltar para os botes, para o meio daqueles demônios, de cujas mãos ainda gotejavam sangue do crime cometido?

Não iria o primeiro que me avistasse torcer-me o pescoço como a uma galinha? Minha ausência não seria para eles suspeita? Não era uma prova de que eu conhecia os seus crimes? E pensava comigo:

“Está tudo acabado! Adeus, *Espanhola*! Adeus, *squire*, doutor, capitão! Adeus!”

Só me restavam as seguintes alternativas: morrer de fome ou nas mãos dos amotinados.

Assim pensando, contudo, ia sempre correndo e, sem dar por isso, cheguei ao sopé do morro de dois picos; achava-me num ponto da ilha onde os azinheiros eram mais esparsos e também mais desenvolvidos, apresentando o aspecto de verdadeiras árvores. Em meio a eles cresciam alguns pinheiros, também espalhados, alguns atingindo vinte metros de altura.

O ar era também mais doce e fresco do que junto ao charco.

Mas também um novo pavor acelerou meu coração, como se quisesse saltar do peito.

III

O HOMEM DA ILHA

Da encosta do morro, íngreme e pedregoso naquele sítio, brotou uma

saraivada de cascalho, que veio cair, retinindo e saltando, entre as árvores.

Por instinto, olhei naquela direção e vi um vulto que, com grande agilidade, saltava para trás de um pinheiro. O que seria — urso, homem ou macaco — não poderia dizer.

Vi que era escuro e felpudo — foi só. Mas o terror dessa nova aparição paralisou-me. Via-me agora cercado de dois lados; atrás de mim, os assassinos; adiante, aquele ente oculto e desconhecido. E já me parecia que eram preferíveis os perigos que conhecia àqueles cuja natureza ignorava. O próprio Silver parecia-me, naquele momento, menos terrível do que aquela criatura do mato. E voltei-me. Espiando de vez em quando para trás, segui na direção dos botes.

Imediatamente o vulto reapareceu e, fazendo um grande rodeio, começou a andar na minha frente.

É verdade que eu estava muito fatigado; mas, ainda que estivesse tão ágil quanto ao despertar de manhã, não poderia lutar em velocidade com semelhante adversário, que saltava de tronco em tronco, como um gamo, correndo como um homem; mas era diferente dos homens, porque corria quase que de quatro.

E, contudo, era um homem! Não restava nenhuma dúvida.

Lembrei-me do que ouvira a respeito de canibais. Por muito pouco não gritei por socorro. Mas o simples fato de ser aquele ente um homem, mesmo que selvagem, tranquilizou-me de algum modo; e o receio de Silver começou agora a crescer na mesma proporção em que decrescia o outro.

Parei e fiquei imóvel, pensando em algum meio de escapar; foi quando me lembrei da minha pistola. O pensamento de que não estava sem defesa deu-me coragem. Encarei resolutamente o homem da ilha e caminhei com bravura em sua direção.

Estava oculto, naquele momento, atrás de um tronco; mas devia estar espiando, porque, assim que comecei a andar na sua direção, ele também deu um passo para vir ao meu encontro. Depois hesitou um momento, recuou, tornou a avançar e, com grande surpresa, vi-o ajoelhar-se e juntar as mãos, como quem suplica. Tornei a parar.

— Quem é você? — perguntei.

— Ben Gunn — respondeu o homem. E sua voz, áspera e rouca, soava como uma fechadura enferrujada. — Sou o pobre Ben Gunn, sou eu; e há três anos que não falo com um cristão!

Via agora que era um homem branco, como eu, e que suas feições eram

até agradáveis.

A pele, onde aparecia exposta, era queimada pelo ardor do sol; até os lábios estavam enegrecidos e os olhos, suaves, pareciam assustados no rosto assim escuro.

Nunca vira mendigo mais esfarrapado.

Os trapos que vestia eram de velho cânhamo de velas e de oleado. E aquele extraordinário mosaico era todo ele seguro por um sistema de variadas e esquisitas ataduras, botões de cobre, gravetos e presilhas de pano alcatroado. A única coisa sólida que trazia no vestuário era um velho cinturão de couro, com fivela de cobre, que lhe cingia o corpo.

— Três anos! — disse eu. — Você naufragou?

— Não, camarada; fui enjeitado.

Já ouvira falar em uma espécie de castigo, comum entre os piratas, que consistia em abandonar o criminoso, com uma espingarda e um bocado de pólvora, numa ilha deserta e longínqua.

— Enjeitado há três anos e tenho vivido de carne de cabra, de amoras e de ostras. Em qualquer lugar que se encontre, um homem pode lutar pela vida, sei disso. Mas, camarada, sinto saudades de alimentação cristã. Não tens, por acaso, um naco de queijo? Não? Tenho sonhado tantas vezes com queijo... queijo assado, principalmente... e acordo outra vez aqui!

— Se eu conseguir voltar para bordo, vou lhe dar quanto queijo quiser.

Durante todo esse tempo, ele estivera tateando o pano de meu casaco, afagando minhas mãos, examinando minhas botas; e, quando não falava, mostrava uma alegria infantil por encontrar um semelhante.

Ouvindo minha resposta, ergueu a cabeça, com uma espécie de malícia no olhar.

— Se conseguir voltar para bordo, disseste? Mas quem te impede de fazer isso?

— Não é você, bem sei...

— Tens razão! — exclamou ele. — Mas escuta... Como te chamas, camarada?

— Jim.

— Jim, Jim... — disse ele parecendo satisfeito. — Pois bem, Jim, minha vida tem sido tão áspera que terias vergonha só de ouvir contar. Por exemplo, olhando para mim, nem acreditas que tive uma mãe piedosa, não é?

— Mas... não, não sei bem... — disse eu.

— Pois é, mas tive... e muito religiosa. E eu era mesmo um menino

delicado e piedoso, e podia recitar o catecismo mais depressa do que qualquer outro. E vê tu no que dei, Jim! Comecei jogando o botão, sobre as lajes dos túmulos no cemitério. Começou assim, mas havia de ir longe, como sempre me dizia minha santa mãe! Foi a Providência quem me pôs aqui. Tenho pensado em tudo isso, aqui nesta ilha isolada, e sou de novo um homem crente. Nunca mais vais me ver bebendo rum; a não ser um dedalzinho, só por prazer, decerto, na primeira ocasião que tiver. Faço empenho em ser um homem de bem e sei como conseguir isso. Escuta, Jim...

Olhou ao redor de si e disse, bem baixinho:

— Jim, eu sou rico.

Convenci-me, ao ouvir isso, de que o pobre-diabo, vivendo naquela solidão, ficara com o cérebro transtornado, e creio que ele percebeu isso, porque repetiu calorosamente a palavra:

— Rico! Rico! Acredita!... E ouve mais: farei de ti um homem, Jim. Ah! Jim, agradece à tua boa estrela, porque foste o primeiro a me encontrar aqui!

Mas de repente seu rosto anuviou-se; apertou-me a mão com mais força e perguntou, erguendo de forma ameaçadora o dedo:

— Fala a verdade, Jim: aquele barco não é o de Flint?

Tive uma feliz inspiração. Pareceu-me que encontrara um aliado e respondi imediatamente:

— Não, não é o navio de Flint. Ele está morto a esta hora; mas vou dizer-lhe a verdade, já que me pede: estão a bordo alguns homens de Flint, para nossa desgraça.

— Não está também um... um homem... com uma perna só? — gaguejou ele.

— Silver?

— Sim! Sim! Silver!... Era esse o nome dele.

— Pois é o cozinheiro; e também o cabeça.

Ao ouvir isso, torceu-me o pulso, que ainda segurava, dizendo:

— Se vieste aqui a mando de Long John, estou perdido, já sei... Mas tu sabes onde estás?

Tomei uma resolução e narrei-lhe toda a história de nossa viagem, bem como a situação em que nos achávamos. Ouviu-me com profundo interesse e, quando acabei, bateu-me amigavelmente na cabeça, dizendo:

— És um rapazinho valente, Jim; e vocês todos estão metidos num beco sem saída, não é? Pois então podes confiar em Ben Gunn... Ben Gunn é

homem para tirar vocês dessa enrascada. Mas achas que o *squire* vai ser generoso se eu lhe prestar auxílio, visto que está assim atrapalhado, como dizes?

Assegurei-lhe de que o *squire* era o mais generoso dos homens.

— Pois sim — retrucou Ben Gunn —, mas olha lá... Não quero dizer que ele me dê um lugar de porteiro e uma libra... Não é isso, Jim. O que eu digo é... se ele seria capaz de chegar até... vamos dizer... mil libras, que já dá para fazer a independência de um homem.

— Tenho certeza disso — respondi. — Estava assentado que todos os homens de bordo teriam a sua parte.

— E... a passagem de volta? — perguntou ele ainda, com malícia.

— Mas — bradei eu — o *squire* é um cavalheiro. Além disso, desembaraçando-nos dos outros, necessitaremos do seu auxílio no navio.

— Ah! É mesmo.

Pareceu-me que essa certeza o tranquilizara.

— Agora — continuou ele —, vou te dizer isto, e só isto: eu estava no navio de Flint quando ele enterrou o tesouro; ele e mais seis... seis marujos alentados. Estiveram em terra perto de uma semana, enquanto nós continuamos parados, no velho *Walrus*. Um belo dia se ouviu o sinal, e lá veio Flint, sozinho, em um pequeno bote, trazendo a cabeça enrolada numa faixa azul. O sol ia nascendo, e ele, mortalmente pálido, olhava em torno do talhamar. Mas ele estava ali, estás ouvindo? E os outros seis lá tinham ficado... mortos! Mortos e enterrados! Como ele pôde dar conta disso, nenhum de nós podia imaginar. Houve luta, assassínio e morte súbita, no mínimo, ele sozinho contra seis! O imediato era Billy Bones; o quartel-mestre, Long John; e os dois lhe perguntaram onde estava o tesouro. A resposta que eles tiveram foi esta: “Vocês podem desembarcar, se quiserem, e até ficar lá; mas o barco, esse, seguirá para diante, com os diabos!”

“Ora — continuou Ben Gunn —, há três anos, estando eu a bordo de outro navio, chegamos à vista desta ilha. E eu disse aos camaradas: ‘Escutem, rapazes, é aqui que está o tesouro de Flint; vamos desembarcar e procurar o bolo.’ O capitão não gostou disso; mas meus companheiros, todos de acordo, desembarcaram. Durante 12 dias procuraram o tesouro enterrado, cada vez mais enfurecidos contra mim, até que, afinal, uma bela manhã voltaram todos para bordo. ‘Quanto a ti, Benjamin Gunn’, disseram eles, ‘aqui tens um mosquete, uma pá e uma picareta. Podes ficar aqui e descobrir o dinheiro de Flint, e fica tu com ele.’

“Pois bem, Jim, aqui estou há três anos. E todo esse tempo, nenhuma migalha de alimento cristão! E agora, olha aqui, Jim; olha para mim. Tenho eu cara de simples marinheiro? Não tem, não, dizes tu. Pois não era mesmo, digo eu também.”

E, enquanto dizia isso, piscava o olho e beliscava-me com força.

— São estas as palavras que vais dizer ao teu *squire*, Jim; só estas: “Durante três anos ele viveu sozinho nesta ilha, dia e noite, debaixo do sol e da chuva; talvez ele alguma vez se lembrasse de orar (tu dizes), talvez, quem sabe? Se lembrasse de sua mãe, se estaria ainda viva (dirás tu); mas a maior parte do tempo de Gunn (isso é o que precisas dizer), a maior parte do tempo ele empregou em outra coisa.” E, dizendo isso, dá nele um beliscãozinho, assim, Jim.

E tornou a beliscar-me, com ar conspiratório.

— Depois — continuou ele — tu dizes assim: “Gunn é um homem de bem (vais dizer isso, Jim) e deposita muito mais confiança, muito mais confiança, nota bem!, em um gentil-homem de nascimento do que nesses gentis-homens de fortuna, pois ele também foi um destes.”

— Não compreendo uma só palavra do que você está dizendo — retuquei —, mas isso não importa, porque... Como posso voltar para bordo?

— Ah, agora é que são elas! Não é? Pois olha: tenho um bote, que fiz com minhas próprias mãos. Ele está escondido debaixo do rochedo branco. Em último caso, podemos fazer a travessia de noite. Ué!... Que é isso?

Justamente nesse instante, e embora o sol estivesse ainda muito longe do ocaso, todos os ecos da ilha despertaram e repetiram o estrondo de um tiro de peça.

— Começaram o combate! — disse eu. — Venha comigo!

E comecei a correr para o ancoradouro, esquecido de todos os meus terrores; enquanto isso, o homem enjeitado, de corpo peludo, corria a meu lado com desembaraço e agilidade.

— Para a esquerda, para a esquerda! — dizia ele. — Sempre para a esquerda, amigo Jim! Para baixo das árvores! Foi aqui que matei minha primeira cabra. Agora elas não vêm mais até aqui; o medo de Benjamim Gunn conserva todas afastadas na montanha. Olha! Aqui está o cemitério. Vês estes montinhos? Eu vinha aqui rezar, de tempos em tempos, quando achava que era domingo. Não é mesmo uma capela, mas eu considerava que era mais solene aqui. E além disso, como estás vendo, Jim, Ben Gunn não tinha recursos: nem capelão, nem sequer uma Bíblia, nem uma laje...

E, sem se importar com o meu silêncio, ia correndo e falando sem parar.

Ao tiro de canhão seguiu-se, depois de grande intervalo, uma descarga de fuzilaria.

Outro intervalo, e depois, na minha frente, e a menos de meio quilômetro de distância, avistei desfraldado no ar, acima do mato, o pavilhão inglês.

Parte IV

A estacada

I

O ABANDONO DO NAVIO

(Continuação da narrativa pelo doutor)

Seria mais ou menos uma e meia da tarde — três badaladas, em linguagem

de marinheiro — quando dois botes largaram da *Espanhola* em direção à terra. Conversávamos sobre a nossa situação, no camarote, eu, o capitão e o *squire*. Se houvesse vento, poderíamos atirar-nos contra os seis amotinados que tinham ficado a bordo e, soltando as amarras, navegar para alto-mar. Mas não havia vento; e, para cúmulo da desgraça, Hunter desceu com a notícia de que Jim Hawkins escapulira num bote, desembarcando com os outros.

Não duvidamos um só instante de Jim; mas temíamos pela sua vida.

No estado de ânimo em que os homens se achavam, parecia-nos difícil tornar a ver o menino. Corremos para o tombadilho. Nas juntas do soalho, o betume se encarquilhava e estalava; o insuportável cheiro do lugar dava-me náuseas. Se o homem algum dia contraiu febre e disenteria pela exalação de miasmas, certamente foi naquele abominável ancoradouro. Os seis revoltosos, sentados sob uma vela, no castelo de proa, cochichavam e resmungavam; na praia, víamos os botes amarrados, um homem sentado em cada um, perto da embocadura do regato. Um deles assobiava o *Lillibullero*.

Era um suplício aquela espera; resolveu-se que eu e Hunter iríamos à praia com o bote pequeno, em busca de informações. Os dois botes tinham aproado à direita; mas nós fomos em direção à estacada, marcada na carta. Nosso aparecimento parece que inquietou os homens dos botes; cessou imediatamente o assobio, e entraram a discutir para saber que decisão tomariam. Se tivessem ido comunicar a Silver, outro teria sido o rumo dos acontecimentos; mas lá tinham suas ordens, creio eu, pois resolveram ficar sentados ali, sossegados. E recomeçou o *Lillibullero*.

Havia uma leve entrada na costa, e manejei de modo a deixá-la entre nós e eles. Antes mesmo de abicar, já tínhamos perdido os botes de vista.

Saltei em terra e andei o mais depressa que pude; trazia sob o chapéu um lenço de seda, para me resguardar do sol, e uma pistola em cada mão, prontas para disparar.

Não andara cem metros, quando encontrei a paliçada.

Quase no topo de uma pequena elevação de terreno brotava uma fonte cristalina. Sobre esse montículo, e encerrando a fonte, tinham construído uma sólida cabana de madeira, que poderia abrigar umas quarenta pessoas, em caso de necessidade, e guarnecida de seteiras por todos os lados. Ao redor da cabana, deixaram um vasto espaço vazio e completaram a defesa com uma estacada de dois metros de altura, sem nenhuma porta ou abertura. Solidamente construída, demandaria muito tempo e esforço para ser derrubada. E, ficando tão distante, deixava o inimigo a descoberto. Os

sitiados os tinham à mão sem esforço. Escondidos na cabana, bem abrigados, poderiam atirar sobre os sitiantes, apanhando um por um, como quem caça perdizes. Com uma boa sentinela e víveres, a não ser alguma surpresa, poderiam resistir a um regimento.

O que chamou mais a minha atenção foi a fonte, pois, ainda que tivéssemos, na *Espanhola*, muita munição e mantimentos — boas coisas para comer e vinhos excelentes —, uma coisa fora negligenciada: não tínhamos água.

Pensava nisso, quando retiniu na ilha o grito de um homem ferido de morte. Não era novidade para mim a morte violenta — servira com Sua Alteza Real, o duque de Cumberland, e fora ferido em Fontenoy —, mas o que sei é que meu pulso se alterou e meu pensamento foi este:

— Mataram Jim Hawkins!

O fato de ter sido antigo soldado e, ainda mais, ser médico deve servir para alguma coisa. Não se pode perder tempo em tomar uma resolução. Por sorte, Hunter era um bom remo. Fizemos voar a água; e não demorou muito para o nosso bote atracar ao costado e eu abordar a escuna.

Lá estavam todos desorientados, como era natural. O *squire*, branco como um lençol, pensando no mal que nos tinha causado o pobre homem! Um dos seis do castelo de proa estava quase no mesmo estado.

— Aqui está um — disse o capitão Smollett, indicando-o — que é novo no ofício. Quase desmaiou, doutor, ao ouvir o grito; mais um empurrão, e aquele homem é nosso.

Expliquei-lhe o meu plano e regulamos os detalhes de sua execução.

Colocamos o velho Redruth na galeria, entre o camarote e o castelo de proa, com três ou quatro espingardas carregadas e um colchão para se proteger. Hunter trouxe o bote para debaixo da popa e eu e Joyce tratamos de carregá-lo, enchendo-o de munição, de sacos de biscoitos, barriquinhas de carne de porco, um tonel de aguardente e meu precioso estojo.

Entretanto, o *squire* e o capitão mantinham-se no convés; este chamou o catraieiro, que era o chefe dos marinheiros, e disse-lhe:

— Sr. Hands, cada um de nós tem um par de pistolas. O primeiro de vocês que fizer um sinal, seja de que espécie for, é um homem morto.

Ficaram muito abatidos, mas depois de um momento de confabulação atiraram-se todos para a meia-laranja, pensando, sem dúvida, atacar-nos por detrás. Quando, porém, viram Redruth, que os esperava na galeria fechada, deram uma volta pelo barco e uma cabeça espiou outra vez para o

tombadilho.

— Para baixo, cão! — gritou o comandante.

A cabeça sumiu-se logo; e nada mais soubemos, por algum tempo, daquela meia dúzia de marinheiros fracalhões.

Já então tínhamos carregado o bote o máximo possível; eu e Joyce saímos pela portinhola e demandamos de novo a praia, a toda a força dos nossos remos.

Esta segunda viagem chamou a atenção dos dois vigias postados na praia. De novo cessou o *Lillibullero*; no momento em que íamos perdê-los de vista, atrás da pequena ponta de terra, um deles atirou-se à praia e desapareceu.

Por um rápido instante, veio-me a ideia de mudar de plano e destruir-lhes os botes; mas receei que Silver e seu bando estivessem ali por perto e eu poderia perder tudo, se quisesse aproveitar demais.

Tocamos terra no mesmo ponto anterior e tratamos de abastecer o fortim. Fizemos a primeira viagem muito carregados e atiramos nossas provisões por cima da paliçada. Depois, deixando Joyce de guarda — um só é certo, mas com meia dúzia de espingardas —, eu e Hunter tornamos ao bote e recomeçamos o transporte. E assim continuamos, sem parar, nem para descanso, até que toda a carga estivesse acomodada; então, os dois criados tomaram posição no fortim e eu voltei à *Espanhola*, remando energicamente.

Uma segunda viagem de abastecimento não seria tão arriscada como parece à primeira vista. Eles levavam sobre nós a vantagem numérica, sim, mas nós tínhamos as armas. Nenhum dos homens desembarcados possuía uma espingarda, e antes que pudessem chegar ao alcance dos tiros de pistola poderíamos dar conta de meia dúzia.

O *squire*, que me esperava na escotilha, recuperara o sangue-frio. Apanhou o cabo e amarrou-o depressa, e ocupamo-nos em carregar o bote para a salvação de nossas vidas. Desta vez a carga levava apenas uma espingarda e um facão para cada um de nós, e o resto era só carne de porco, biscoitos e pólvora. A munição restante foi atirada à água por cima da amurada; e agora, lá debaixo d'água, a cinco metros de profundidade, reluzia o aço no fundo arenoso e claro do oceano.

Já a maré começava a baixar, e o barco balançava ao redor da âncora. Do lado dos dois botes vinham vozes de chamamento; e, ainda que isso nos tranquilizasse a respeito de Joyce e Hunter, que estavam mais a leste, nos apressamos em partir. Redruth abandonou seu posto, na galeria, e embarcou

no bote, que tínhamos encostado ao barco para facilitar o embarque do capitão Smollett.

— Olá, camaradas! — disse este. — Estão me ouvindo?

Não veio resposta do castelo de proa.

— É com você, Abraham Gray... é com você que falo.

Nada de resposta.

— Gray — repetiu Smollett, elevando a voz —, vou deixar o navio e ordeno-lhe que siga o seu capitão. Sei que você é um homem de bem e, digo mais, nenhum de vocês é tão mau quanto parece. Tenho o relógio na mão; dou-lhe meio minuto para se decidir.

Seguiu-se um momento de silêncio.

— Vamos, camarada! — continuou o capitão. — Não vacile mais. Arrisco não só a minha vida, mas também a destes senhores, cada segundo que passa.

Ouviu-se uma repentina alteração, o som de golpes, e Abraão Gray, com um talho de faca na face, apareceu, correndo para o capitão como um cão que atende a um assobio.

— Estou com o senhor — disse ele.

Um instante depois estavam ambos no bote, e nós largamos.

Estávamos agora longe do barco; mas não em terra, nem na nossa paliçada.

II

A ÚLTIMA VIAGEM

(Continuação da narrativa do doutor)

A quinta viagem foi diferente das outras.

Em primeiro lugar, a casquinha de noz em que íamos estava sobrecarregada. Cinco pessoas, três das quais — Trelawney, Redruth e o capitão — eram homens de dois metros de altura, constituíam já demasiada carga para ela. Mas ainda havia a pólvora, a carne de porco e os sacos de pão. A amurada da ré mergulhava. Às vezes a água batia em nós e, antes que tivéssemos avançado cem metros, eu já tinha as calças e as abas do casaco encharcadas.

Por ordem do capitão demos outro arranjo ao bote, de modo que conseguimos mantê-lo em equilíbrio. Contudo, mal ousávamos respirar.

Em segundo lugar, a baixa-mar agora se apressava — uma corrente contrária atravessava a bacia para leste e depois se dirigia para o sul, para o mar, abaixo do estreito por onde tínhamos entrado de manhã. Até as marolas eram perigosas para o nosso barquinho tão carregado; mas o pior era que íamos desviando-nos da rota e afastando-nos do nosso ancoradouro, atrás do promontório. Se nos abandonássemos à corrente, iríamos aterrar ao lado dos botes, onde os piratas podiam aparecer a qualquer momento.

— Não posso orientar o bote para a estacada — disse eu ao capitão. — A maré o arrasta para baixo. Não pode remar com mais força?

Eu estava ao leme; o capitão e Redruth, menos fatigados, remavam.

— Sem afundar o bote, não — respondeu ele. — Mas veja se aguenta, por favor! Veja se aguenta até vencer a correnteza.

Tentei a experiência, mas vi que a maré continuava a nos levar para oeste, mesmo eu conservando a proa para leste, isto é, em ângulo reto com a direção desejada.

— Desse jeito nunca chegaremos a atracar — disse eu.

— Se é o único rumo que podemos tomar, vamos seguir esse mesmo — retrucou o capitão. — É preciso subir a corrente, porque se nos deixamos ir a sotavento do ponto de desembarque ninguém sabe onde atracaremos, além de correremos o risco de sermos abordados pelos botes; enquanto que, seguindo assim, a corrente vai diminuindo e poderemos dar a volta pela praia.

— A corrente já está mais fraca, senhor — disse Gray, que estava sentado à proa —; pode diminuir um pouco.

— Obrigado — disse eu, como se fosse a coisa mais natural.

Tínhamos todos, em tácito acordo, resolvido tratá-lo como um dos nossos.

Nisto ouvimos de novo a voz do capitão, que me pareceu alterada.

— O canhão!

— Já me lembrei disso — disse eu (porque, de fato, estava pensando no bombardeio do fortim) —, mas eles não poderão trazer o canhão para terra e, se conseguirem, não poderão arrastá-lo pelo mato.

— Olhe para trás, doutor — replicou ele.

Ninguém se lembrara do grande canhão de nove polegadas, ao redor do qual víamos, com horror, os cinco bandidos tentando tirar-lhe a “jaqueta”, como chamavam o forte pano alcatroado que o protegia. E não era só isso: naquele instante me acudiu a ideia de que tinham ficado lá as balas e a pólvora para o canhão, e que uma machadada poria essa munição nas mãos daqueles perversos.

— Israel era o artilheiro de Flint — revelou a voz rouca de Gray.

Então, arriscando-nos ao que desse e viesse, aproamos para o lugar de desembarque.

Já então nos tínhamos afastado tanto da zona da corrente que, mesmo remando devagar, como éramos obrigados a fazer, podíamos dirigir o bote à nossa vontade e firmemente. Mas, manobrando assim, oferecíamos à *Espanhola* o melhor alvo, dando-lhe o costado em vez da popa.

E não só vi, como ouvi o canalha e beberrão Israel Hands examinando a munição no tombadilho.

— Quem, aqui, é o melhor atirador? — perguntou o capitão.

— Trelawney — respondi.

— Sr. Trelawney, faça-me o favor de derrubar um daqueles sujeitos. Hands, se for possível.

Trelawney, frio como o aço, examinou a escorva da espingarda.

— Agora — disse o capitão —, cuidado com essa arma, senão o bote afunda. E vocês todos prestem atenção, para manter o equilíbrio quando ele alvejar.

O *squire* ergueu a arma; o movimento dos remos cessou e todos nós nos inclinamos para o lado oposto, a fim de conservar o equilíbrio. Tudo correu às mil maravilhas — nem uma gota d’água entrou no bote.

Lá, na *Espanhola*, os bandidos tinham feito o canhão girar no eixo, e Hands, que estava de lanada na mão, junto à boca da peça, achava-se mais exposto do que os outros. Mas não tivemos sorte — no exato momento em que Trelawney disparou, ele baixou o corpo. A bala passou-lhe por cima assobiando e foi um dos outros que caiu.

O grito que soltou foi repetido não só pelos companheiros de bordo, mas também por muitas outras vozes, na praia; olhando naquela direção, vi os

outros piratas, que saíam do mato em tropel, em busca dos botes.

— Vêm aí os botes — disse eu.

— Então nos apressemos — gritou o capitão. — Não importa agora se afundamos ou não o bote... Se não alcançarmos a praia, estamos perdidos.

— Só um dos botes está tripulado! — exclamei. — Os que estão outro decerto foram por terra, para nos cortar o caminho.

— Há de ser uma corrida engraçada — retrucou o capitão. — Marinheiro em terra, já se sabe... Não são eles que me preocupam, mas sim a artilharia. Com a breca! Nem a criada de minha mulher erraria esse tiro! Avise, *squire*, quando vir a mecha, e nós aguentaremos o tranco.

Com tudo isso, íamos navegando bem, para um bote tão carregado; pouca água tinha entrado nele. Estávamos já perto: trinta ou quarenta remadas, e aportaríamos; porque a vazante já tinha descoberto uma faixa estreita de areia debaixo das árvores. Já não tínhamos nada a recear do bote; o pequeno promontório o ocultara à nossa vista. A vazante, que tanto nos retardara, indenizava-nos agora, atrasando a marcha dos assaltantes. O perigo estava somente no canhão.

— Tinha vontade de parar — disse o capitão Smollett — para abater mais um deles.

Mas era evidente que nada lhes retardaria o tiro. Nem sequer tinham olhado para o companheiro caído, que eu via tentando arrastar-se.

— Pronto! — gritou o *squire*.

— Firme! — bradava o capitão, quase ao mesmo tempo.

E ele e Redruth recuaram tão vivamente que a popa mergulhou. A detonação soou quase ao mesmo tempo.

Fora este o primeiro tiro que Jim ouvira, porque o do *squire* não chegou até ele.

Ninguém poderia dizer com exatidão por onde passou a bala; creio que por sobre as nossas cabeças e que o ar que ela deslocou contribuiu também para o desastre.

O certo é que o bote foi submergindo devagar, pela popa, num metro de água, deixando-nos, a mim e ao capitão, de pé, face a face. Os outros três mergulharam completamente, mas emergiram logo, encharcados e a escorrer água.

Até aí, não fora grande o dano. Não se perdera nenhuma vida e poderíamos chegar à praia a salvo. Mas lá estavam todos os nossos víveres e munições no fundo da água, e, o que é pior, das cinco espingardas, apenas

duas ficaram em condições de uso. Eu, instintivamente, erguera a minha acima da cabeça. O capitão levava a sua presa ao ombro por uma bandoleira e, por prudência, com o gatilho para cima.

As outras três tinham afundado com o bote.

Além de tudo, já ouvíamos vozes que se aproximavam do lado da praia; e não nos preocupava somente o perigo de um ataque, que nos cortaria o caminho da paliçada, assim meio estropiados como estávamos, mas ainda o receio de que Hunter e Joyce, atacados por meia dúzia, talvez não resistissem. É certo que Hunter era homem resoluto, sim; mas Joyce... Joyce já não dava a mesma impressão de segurança — um criado delicado e cortês, muito bom para escovar a roupa da gente, mas não o que se chama um homem de coragem.

Com todas essas ideias a nos inquietar, patinamos para a praia o mais ligeiro que podíamos, deixando atrás de nós o nosso pobre barquinho e talvez metade de nossa pólvora e provisões.

III

O FIM DO PRIMEIRO COMBATE

(Continuação da narrativa do doutor)

Atravessamos a toda a pressa a distância que nos separava da estacada, por

dentro da floresta, ouvindo, a cada passo, soar mais perto as vozes dos corsários. Dentro em pouco, ouvíamos também o tropel de sua corrida e o estalido dos galhos que iam quebrando.

Começava a achar que teríamos, de fato, uma luta para valer, e examinei minha espingarda. Depois observei:

— Capitão, Trelawney é o nosso melhor atirador. Dê a ele sua arma, porque a dele está inutilizada.

Trocaram de espingardas, e Trelawney, sempre silencioso e frio, examinou num relance a carga. Vendo nesse momento que Gray estava desarmado, dei-lhe minha faca. Animou-nos vê-lo cuspir na mão, franzindo as sobancelhas, e fazer a lâmina sibilar no ar.

Bastava olhar para o nosso novo companheiro para ver que ele merecia o pão que comia.

Quarenta passos mais e chegamos à orla do mato, avistando a paliçada na nossa frente. Alcançamos a estacada no meio da parede sul, e, quase ao mesmo tempo, sete amotinados — chefiados por Job Anderson, o contramestre — surgiram a sudoeste, soltando gritos ferozes.

Pararam, assombrados; e, antes que tornassem a si do espanto, não só eu e o *squire*, mas também Hunter e Joyce, lá de dentro do fortim, fizemos fogo. Os quatro tiros, não foram disparados em muita ordem, mas deram resultado: caiu um inimigo e os restantes viraram as costas imediatamente, embrenhando-se no mato.

Tornamos a carregar as armas e rodeamos a paliçada, para identificar o inimigo que caíra. Estava morto, com uma bala no coração.

Já nos regozijávamos com esse feliz sucesso, quando ouvimos o rumor de pistola engatilhada numa moita; o sibilo de uma bala passou pertinho, e o pobre Redruth cambaleou e caiu em toda a sua extensão. Eu e o *squire* retribuímos o tiro, mas sem alvejar; e é possível que fosse um gasto inútil de pólvora. Tornamos a carregar as armas e voltamo-nos para Tom, a quem o capitão e Gray já examinavam. Ao primeiro olhar, vi que estava perdido.

Creio que nossa pronta resposta serviu para dispersar os revoltosos, porque tivemos tempo de suspender o coitado do velho guarda-caça por cima da estacada, sem que nos perturbassem. E assim o levamos para a cabana, gemendo e a perder muito sangue.

Coitado! Nenhuma palavra de surpresa, queixa, temor ou sequer aquiescência, desde o começo de nossas dificuldades até o instante em que o deitamos na cabana, moribundo. Portara-se como um troiano, por detrás do

seu colchão, na galeria; obedecera a todas as ordens, silenciosa, severa e perfeitamente; tinha pelo menos vinte anos mais que o mais velho dos demais; e agora era ele, o servidor antigo e dedicado, que ia morrer.

O *squire*, de joelhos ao seu lado, beijou-lhe a mão, chorando como uma criança.

— Então eu me vou, não é, doutor?

— Tom, meu amigo — disse eu —, você vai para a sua verdadeira morada, sim!

— Só o que eu queria era mandar a eles alguns balaços, antes disso — murmurou.

— Tom — disse o *squire* —, você me perdoa, não é?

— Não seria pouco respeitoso, senhor? Eu... pois bem, assim seja. Amém!

Depois de breve silêncio, disse que alguém podia ler uma oração.

— É o costume, senhor — acrescentou, como a se desculpar.

E dali a pouco, sem uma palavra, expirou.

O capitão, que tinha o peito e os bolsos extraordinariamente atulhados, tirara dali uma porção de coisas — a bandeira britânica, uma Bíblia, uma corda grossa, pena, tinta, o diário de bordo e algumas libras de fumo. Achou, caído no interior da paliçada, um alto pinheiro, já despido dos galhos, e, com o auxílio de Hunter, ergueu-o no canto da cabana, onde os troncos se cruzavam. Subindo então ao teto, amarrara e fizera subir a bandeira, com as próprias mãos.

Parece que isso lhe restituiu o sossego. Tornou a entrar na cabana e começou a passar revista às provisões, como se nada mais existisse para ele. Mas apesar disso tinha a atenção sempre voltada para Tom — e, assim que acabou a inspeção, pegou outra bandeira e estendeu-a reverentemente sobre o corpo do morto.

— Não se deixe acabrunhar assim — disse ele, apertando a mão do *squire*. — Ele está bem agora; não há nada a temer para o marinheiro que caiu cumprindo o seu dever, em obediência ao seu capitão e ao seu senhor. Talvez isso não esteja de acordo com a teologia, mas é a verdade.

Depois me chamou para o lado e perguntou:

— Dr. Livesey, dentro de quantas semanas o senhor e o *squire* esperam que chegue o auxílio?

Expliquei-lhe que não se tratava de semanas, mas de meses. Se até o fim de agosto não estivéssemos de volta, Blandly mandaria alguém à nossa

procura; mas não antes disso, nem mais tarde.

— Faça você o cálculo — acrescentei.

— Então — retrucou o capitão Smollett, coçando a cabeça —, mesmo contando com grande auxílio da Providência, o que lhe digo é que estamos metidos numa bela enrascada.

— O que você quer dizer?

— Foi uma pena termos perdido a segunda carga, é o que quero dizer. Munição temos que chegue; mas as rações de boca são escassas, muito escassas... tão escassas, dr. Livesey, que talvez tenha sido uma sorte essa boca de menos.

E, dizendo isso, apontou para o corpo debaixo da bandeira.

Nesse instante uma bala de canhão passou, zunindo e silvando, por cima do teto da cabana, e foi cair lá longe de nós, no mato.

— Olá! — disse o capitão. — Vão estourando, rapazes! Vocês já têm tão pouca pólvora...

Na segunda tentativa miraram melhor, e a bala veio cair dentro da estacada, mas a única coisa que fez foi espalhar areia.

— Capitão — disse o *squire* —, a casa não é, absolutamente, visível do navio. Eles devem estar mirando a bandeira; não seria mais prudente arriá-la?

— Abaixar meu pavilhão! — gritou ele. — Não, senhor! Eu não farei isso!

E parece que imediatamente todos nós nos sentimos de acordo com ele. Porque com isso não somente demonstrávamos a inteireza de nossos sentimentos de marinheiros, como também mostrávamos aos nossos inimigos que desprezávamos seu bombardeio.

Continuaram a tarde inteira a canhonear. Voavam as balas por cima da paliçada, ou caíam perto, ou revolviam a areia dentro da cerca. Mas atiravam muito alto, porque os projetis se enterravam na areia fofa. Nós não tínhamos de reear o ricochete; e, posto que uma bala entrasse pelo teto e se enterrasse no chão, dentro de pouco tempo essa brincadeira sem graça não nos preocupava mais do que uma partida de críquete.

— Há nisso também seu lado bom — observou o capitão. — É que provavelmente o mato ali em frente está desimpedido. A maré tem baixado bastante; nossas provisões devem estar descobertas. Voluntários para ir buscar carne de porco!

Os primeiros a se apresentar foram Gray e Hunter. Bem armados, saíram da paliçada; mas foi inútil a missão. Eram mais audazes do que pensávamos,

os amotinados. Ou confiavam mais do que nós na pontaria de Israel. Porque quatro ou cinco deles estavam carregando nossas provisões para um dos botes, parado ali perto, e firmando-se contra a corrente por algumas remadas de vez em quando. Silver estava à popa, governando; e cada um deles tinha uma espingarda, que sem dúvida haviam escondido nalgum depósito secreto.

O capitão sentou-se e pegou o registro, onde começou a anotar:

“Alexander Smollett, capitão do navio; David Livesey, médico de bordo; Abraham Gray, ajudante de carpinteiro; João Trelawney, proprietário; João Hunter e Ricardo Joyce, criados do proprietário, marinheiros recrutas — os únicos de toda a equipagem que se conservaram fiéis — com víveres para dez dias, a rações curtas, desembarcaram hoje e içaram a bandeira britânica na cabana da ilha do Tesouro, Tomás Redruth, criado do proprietário, marinheiro recruta, morto pelos amotinados; James Hawkins, grumete...”

E, quando eu me perguntava o que seria feito do pobre Jim, ouvimos uma voz chamar do lado de terra.

— Alguém nos chama — disse Hunter, que estava de vigia.

— Doutor! *Squire*! Capitão! Olá! É você, Hunter?

E os gritos continuavam.

Corri para a porta, justamente no momento em que Jim Hawkins, são e salvo, saltava por cima da estacada.

IV

A GUARNIÇÃO DA PALIÇADA (*Continuação da narrativa de Jim*)

Quando Ben Gunn avistou a bandeira, pelo parou, segurou-me pelo braço e

sentou-se.

— Com certeza são os teus amigos — disse ele.

— É mais provável que sejam os revoltosos!

— Qual! — exclamou ele. — Num lugar como este, onde ninguém chega, a não ser os gentis-homens de fortuna, Silver içaria o Jolly Roger, sem nenhuma dúvida! Não; são os teus amigos. Houve tiros, também, e suponho que teus amigos levaram a melhor; estão agora na paliçada que Flint construiu há tantos anos! Ah! Aquele sim era homem de boa cabeça! Tirando o rum, nada resistia a ele! Não era Flint que ia ter medo de ninguém; só Silver... Silver não era brincadeira.

— Sim — disse eu —, talvez seja isso. Mais uma razão para que me apresse em correr até lá.

— Não, camarada. Ou muito me engano, ou és um bom rapaz; mas, em todo caso, muito menino ainda. Ora, Ben Gunn é ave... Não é por causa de rum que eu hei de ir lá aonde tu vais. Não vou, se teu gentil-homem de nascimento não vier aqui e não me der sua palavra de honra. E não esqueças as minhas palavras: “Muito mais confiança (é o que deves dizer), muito mais confiança”... e, depois, dá nele um beliscão.

E beliscou-me, pela terceira vez, com aquele mesmo ar astucioso.

— Quando quiserem ver Ben Gunn, sabes onde me encontrar, Jim. Onde me encontraste hoje. E aquele que vier tem de trazer alguma coisa branca na mão; e há de vir sozinho. Sim! E vais dizer isto: “Ben Gunn lá terá as suas razões...”

— Está certo! Creio que compreendi: você tem alguma proposta a fazer e quer ver o *squire* ou o doutor; e será encontrado no mesmo lugar de hoje. É só isso?

— E a hora? Queres saber? Pois bem... do meio-dia até as seis horas.

— Está certo.

— Não vais esquecer? — perguntou ele ansiosamente. — Muito mais confiança e razões só dele, dirás tu. Razões só dele; isso é o principal; de homem para homem.

Depois de um momento de silêncio, sempre a me segurar, continuou:

— Agora podes ir, Jim. E... se encontrares Silver, não vais trair Ben Gunn, não é? Nem que te torturem, não é? Não, tu estás dizendo... E se esses piratas acampam na praia, Jim, que dirias tu, senão que houve assassínios de manhã?

Veio interrompê-lo uma detonação; uma bala de canhão passou

assobiando por entre as árvores e foi enterrar-se na areia, a menos de cem metros do lugar onde nos achávamos. Então disparamos ambos, em direções opostas.

Durante uma boa hora ainda, detonações frequentes continuaram a abalar a ilha, e as balas varejaram o mato. Eu ia de esconderijo em esconderijo, fugindo aos projetis, que pareciam perseguir-me sempre. Mas quando o bombardeio já estava quase no fim, ainda que não ousasse aventurar-me perto da paliçada, onde caíam as balas com mais frequência, comecei a criar ânimo e, fazendo um longo rodeio para leste, meti-me entre o arvoredado do lado da praia.

O sol acabava de desaparecer; a brisa marinha assobiava nas árvores, encrespando a superfície acinzentada do ancoradouro. A maré também havia baixado muito, deixando a descoberto grandes extensões da praia arenosa. Após o calor do dia, o ar refrescara, e eu estremecia dentro da minha jaqueta.

A *Espanhola* balançava-se ainda no mesmo sítio onde ancorara; mas agora flutuava na ponta da verga o Jolly Roger — a bandeira negra da pirataria.

No momento em que olhei para aquilo, novo clarão rompeu o espaço; outra detonação acordou os ecos com grande clamor e mais uma bala silvou no ar. Foi a última.

Fiquei por algum tempo contemplando o atropelo que se seguiu ao ataque. Na baía, perto da paliçada, alguns homens destruíam alguma coisa a machadadas.

Descobri mais tarde que era o nosso botezinho.

Ao longe, perto da embocadura do rio, ardia entre as árvores uma grande fogueira e um dos botes ia e vinha entre esse ponto e o navio. Aqueles homens, que eu vira tão abatidos, remavam, gritando como crianças. Mas havia naquele alarido alguma coisa que remetia a rum.

Afinal, pensei que poderia voltar à estacada. Achava-me muito afastado, na ponta baixa e arenosa que limita a leste o ancoradouro e que, mal coberta de água, se liga à ilha do Esqueleto.

Quando me levantei, vi a alguma distância da ponta, erguendo-se entre a vegetação rasteira, um rochedo isolado, muito alto e de brancura estranha. Lembrei-me de que Ben Gunn dissera que, se algum dia precisássemos de um bote, eu fosse buscá-lo no rochedo branco. Seria aquele?

Fui costeando o mato até alcançar a paliçada pelo lado de trás. Os companheiros receberam-me calorosamente.

Não gastei muito tempo para contar minha história e comecei logo a examinar o lugar.

A cabana era feita de troncos brutos de pinheiros — teto, paredes e pavimento — e ficava acima da areia cerca de quarenta centímetros. À entrada havia um alpendre, sob o qual o ribeirão brotava de uma bacia artificial muito estranha — nada mais que uma caldeira de ferro, de navio grande, sem o fundo e enterrada na areia até as bordas.

Pouco mais que madeiras se via na cabana; a um canto havia uma laje destinada à lareira e uma velha grade enferrujada para resguardar o fogo.

A madeira para a construção da casinha fora obtida na encosta do outeiro e no interior da própria paliçada — e os troncos atestavam a beleza e a altura das árvores abatidas.

A maior parte da terra fértil fora arrastada à deriva, após a remoção das árvores; só no sítio onde o arroiozinho jorrava da caldeira uma camada densa de musgo e alguns fetos e outros arbustos ainda vivos verdejavam entre a areia.

Muito próximo da estacada — tão próximo que lhe comprometia a defesa — estendia-se o bosque alto e cerrado; só pinheiros do lado da terra, mas, na direção do mar, viam-se também muitos carvalhos.

A brisa fresca de que já falei, zunindo por todas as frinchas da rústica construção, polvilhava o solo com um contínuo chuvisco de areia fina. Nos olhos, nos dentes, na nossa ceia, sentíamos a areia estalar; e ela dançava, também, no fundo da caldeira da fonte, como açorda que começa a ferver.

Consistia a chaminé em uma abertura quadrada, feita no teto, e que apenas dava saída a uma pequena parte da fumaça; o resto redemoinhava pela casa, fazendo-nos tossir e lacrimejar.

Acrescente-se a isso que Gray, o nosso novo companheiro, ali estava com o rosto suturado por causa da cutilada que os insurretos lhe tinham vibrado; e o coitado do velho Tom Redruth, ainda por enterrar, estendido junto à parede, rígido e esticado, coberto com a bandeira inglesa...

Se nos fosse dado sentar-nos, indolentemente, teríamos sido subjugados pela tristeza; mas não seria o capitão Smollett quem o permitiria! Fomos todos chamados à sua presença, e ele dividiu-nos em duas patrulhas. Eu, o doutor e Gray formávamos uma guarda; o *squire*, Hunter e Joyce, a outra. Mesmo fatigados como estávamos todos, foram destacados dois para sair em busca de lenha; outros dois para cavar uma sepultura para Redruth; o doutor foi nomeado cozinheiro; eu fui posto de sentinela à porta; e o próprio capitão

ia de um a outro encorajando-nos e dando-nos algum auxílio, quando era necessário.

De vez em quando o doutor ia até a porta, para respirar ar puro e descansar os olhos, quase a saltar das órbitas; e sempre tinha uma palavra a dizer-me nessas ocasiões.

— Esse Smollett — disse ele de uma feita — vale mais do que eu. — E isso na minha boca, Jim, não quer dizer pouca coisa!

De outra vez ele veio e ficou um momento sem dizer palavra. Depois inclinou um pouco a cabeça e olhou-me, perguntando:

— Esse Ben Gunn é um homem direito?

— Não sei, doutor. Nem mesmo estou bem certo de que esteja são do juízo.

— Nem pode estar, Jim. Um homem que viveu três anos nesta ilha deserta, sem nada em que se ocupar, não pode parecer tão são do juízo quanto um de nós. Isso é contrário à natureza humana. Não era queijo o que ele desejava?

— Sim, senhor. Era queijo.

— Pois vê tu, Jim, que até a gula tem seu lado bom. Viste a minha tabaqueira, não é? E nunca me viste tomar rapé... É que guardo dentro do estojo uma fatia de queijo parmesão: um queijo italiano, muito nutritivo. Esse queijo, então, vai ser para Ben Gunn!

Antes da ceia enterramos o velho Tom na areia e ficamos por algum tempo ao redor dele, de pé, descobertos, ao vento da tarde.

Tínhamos recolhido grande quantidade de lenha, mas o capitão ainda a achava insuficiente; sacudiu a cabeça ao vê-la, dizendo que devíamos “tornar àquele serviço no dia seguinte, e com mais afinco”.

Depois que comemos nossa ração de carne de porco e cada um recebeu seu copo de aguardente forte, os três chefes reuniram-se em um canto para discutir nossa situação.

Parece que não encontravam meio de sair do apuro, pois as provisões eram tão escassas que morreríamos de inanição antes de chegar qualquer socorro. Mas tínhamos esperança — e ficou resolvido que o faríamos — de matar os corsários, até que arriassem sua bandeira ou se fizessem ao largo com a *Espanhola*. De 19, já estavam reduzidos a 15; dois se achavam feridos e um, pelo menos — o que fora ferido ao lado do canhão —, gravemente, se não morto. Cada vez que atirávamos, era com o máximo cuidado e poupando-nos também o mais que podíamos. Além disso, tínhamos dois

poderosos aliados — o rum e o clima!

O primeiro fazia-os cantar e esbravejar até alta noite, com tal excesso que mesmo a meio quilômetro de distância nós os ouvíamos. Quanto ao segundo, o doutor apostaria a sua cabeleira como, acampados onde estavam, no pantanal, desprovidos de medicamentos, antes de uma semana estariam reduzidos à metade.

— De modo que, se não nos matarem a tiro antes disso, ficarão bem contentes se puderem se meter na escuna! Sempre é um barco, e acho que poderão se atirar de novo à pirataria...

— O primeiro barco que perco! — observou o capitão Smollett.

Eu estava mortalmente fatigado, como é fácil de imaginar. E resisti ao sono até onde me foi possível. Mas, afinal, me deitei e dormi como uma pedra.

Quando acordei, no meio do rumor e das vozes, os outros já tinham almoçado e aumentado a pilha de lenha, talvez em outro tanto.

Nisto ouvi uma voz:

— Bandeira branca!

E, imediatamente, com um grito de surpresa, outra exclamação:

— É o próprio Silver!

Dei um pulo, esfregando os olhos, e corri para uma seteira.

v

A EMBAIXADA DE SILVER

Era verdade: lá estavam dois homens junto à paliçada; um desfraldava um

pano branco e o outro era Silver em pessoa, imóvel e tranquilo.

Era ainda muito cedo. Creio que foi aquela a manhã mais fria que passei nessa viagem; o frio trespassava os ossos.

No céu sem nuvens brilhava o sol, iluminando com uma luz rosada os cimos das árvores. Mas o sítio onde se achavam Silver e seu imediato estava ainda mergulhado na sombra. O nevoeiro que durante a noite se elevara do charco envolvia-os até os joelhos. O frio e aquele vapor estavam impregnados da insalubridade da ilha. Era sem nenhuma dúvida um lugar úmido, pestilento, um foco de febres.

— Fiquem aí dentro, camaradas — disse o capitão. — Aposto dez contra um que isso é um ardil.

Só então chamou o pirata:

— Quem vem lá? Alto! Se não, faço fogo!

— Parlamentar! — bradou Silver.

O capitão, no alpendre, mantinha-se cuidadosamente fora do alcance de alguma bala traiçoeira que podia vir. Voltou-se e falou-nos:

— Guarda do doutor, alerta! Dr. Livesey, vigie o norte, faça o favor; Jim, a leste; Gray, a oeste. A guarda de baixo, todos de armas carregadas. Depressa, rapazes, e muita atenção!

E, voltando-se outra vez para os corsários:

— Que querem vocês com essa bandeira branca?

Desta vez foi o outro quem falou:

— É o capitão Silver, senhor, que vem à ponte propor acordo.

— Capitão Silver!... Não o conheço. Quem é? — gritou o capitão. E, falando consigo mesmo, acrescentou: — Capitão!... É boa! Isso é que é promoção!

Foi Long John quem respondeu:

— Sou eu, senhor. Aqueles pobres rapazes me escolheram para esse posto, depois da sua deserção.

Notamos que deu uma entonação particular à palavra “deserção”.

— Consentimos em nos submeter, se pudermos chegar a um acordo; falando francamente. Só peço que me dê sua palavra garantindo a minha retirada, são e salvo, dessa estacada, e que me conceda um minuto para me pôr fora do alcance de um tiro.

— Camarada, não sinto o menor desejo de conversar com você. Mas, se tem alguma coisa para me dizer, pode vir. Ciladas só poderão vir de seu lado; mas que Deus o proteja!

— É quanto basta, capitão — respondeu Long John alegremente. — Uma palavra sua é quanto basta. Sei bem distinguir um gentil-homem, pode acreditar.

Vimos o homem que trazia a bandeira branca tentar demover Silver. E nem era de admirar, depois da resposta altiva do capitão. Mas Silver ria alto e bateu-lhe no ombro, como se achasse absurda a ideia de ter algum receio.

Depois se aproximou da paliçada, atirou por cima dela a muleta, ergueu a perna e, com grande vigor e destreza, cavalgou a cerca e caiu são e salvo do lado de dentro.

Confesso que tudo isso me interessava tanto que já não era de préstimo algum como sentinela; já abandonara minha seteira de leste e me achava atrás do capitão, que estava agora sentado na soleira, com os cotovelos apoiados nos joelhos e a cabeça entre as mãos, olhando atentamente para a água, que brotava da caldeira de ferro, no meio da areia. Assobiava baixinho a canção “Venham, moças e rapazes!”.

Foi com muita dificuldade que Silver escalou o nosso morro. Com aquela muleta, subindo a ladeira por entre troncos caídos, na areia movediça, lembrava um barco a navegar contra o vento. Mas ele aguentou como um homem, em silêncio, e afinal chegou em frente do capitão, a quem saudou com elegância. Vestira-se com apuro; trazia um comprido casaco azul que lhe caía até os joelhos, todo ornado de botões de latão, e um belo chapéu agalado, atirado para a nuca.

— É você, rapaz? — disse o capitão, erguendo a cabeça. — É melhor sentar.

— O senhor não vai me deixar entrar, capitão? — perguntou Long John em tom queixoso. — Está muito frio para a gente sentar na areia.

— Mas, Silver, se você tivesse querido continuar a ser homem de bem, estaria ao pé do seu fogão. Isto foi obra sua. Ou você é o cozinheiro do meu navio, e como tal será tratado, ou é o capitão Silver, isto é, simplesmente um amotinado, um pirata, e nesse caso pode ir para o diabo!

— Bem, bem, capitão — retrucou o cozinheiro de bordo, sentando-se onde lhe fora ordenado —, o senhor terá de me ajudar depois a me levantar, é isso. Lindo lugar acharam aqui! Olá, Jim, és tu? Para ti minha primeira saudação, Jim. Doutor, meus cumprimentos! Então, estão todos aqui reunidos, como uma família feliz.

— Se você tem alguma coisa a dizer, meu rapaz, é melhor desembuchar duma vez — disse o capitão.

— Tem razão, capitão Smollett. O dever é o dever. Agora escute. Foi um bom trabalhinho aquele de ontem. Não nego que foi um excelente trabalho. Alguns dos seus são muito destros no manejo do cabrestante. E não nego também que alguns dos meus homens, talvez todos, pode ser..., estavam amedrontados; é possível que até eu estivesse assustado; e talvez seja por isso mesmo que aqui estou, a parlamentar. Mas, note bem, capitão: isso não tornará a acontecer, que diabo! Precisamos fiscalizar e diminuir um pouquinho o rum. Decerto o senhor pensa que estávamos todos bêbados como cabras, mas não; eu, não. Eu não tinha bebido demais; só estava cansado como um cão. Se tivesse acordado um segundo mais cedo, teria pegado a sua gente com a mão na massa. O homem não estava morto, não, quando cheguei perto dele...

— Então? — disse o capitão Smollett com a maior serenidade.

Tudo o que Silver dizia era para ele um enigma, mas ninguém o suporia, ouvindo-o falar.

Quanto a mim, tive uma suspeita súbita. Viera-me à mente as últimas palavras de Ben Gunn. Comecei a pensar que ele tivesse ido fazer uma visita aos piratas, enquanto todos eles estavam estirados ao redor do fogo, embriagados, e calculei com alegria que não tínhamos mais de 14 inimigos a combater.

— Pois bem, vou dizer tudo — continuou Silver. — Queremos o tesouro, e isso vamos conseguir! Esse ponto é para nós o principal. Querirão, naturalmente, e em primeiro lugar, a vida salva; pois assim será. O senhor tem uma carta da ilha, não é?

— É bem possível.

— Ora! Eu sei que o senhor tem essa carta... Não precisa ser tão rude com a gente: não serve de nada, o senhor bem compreende isso. O que quero dizer é que queremos a carta. Quanto a mim, não lhe desejo mal algum.

— Isso não quer dizer nada, meu rapaz — interrompeu o capitão. — Nós sabemos exatamente o que você pretende, e não nos importa, porque você não vai conseguir nada.

O capitão olhou serenamente para ele e começou a encher o cachimbo.

— Se Abe Gray... — ia dizendo Silver.

— Alto lá! — gritou o capitão. — Gray nada me disse, nem eu lhe perguntaria coisa alguma; e, além disso, eu primeiro veria vocês todos, inclusive ele, e toda a ilha voar pelos ares, em chamas! É o que penso de você, camarada!

Essa declaração acalmou Silver. Começara a irritar-se, mas agora voltava atrás.

— É muito provável — retrucou então. — Não pretendo estabelecer limites ao que os gentis-homens consideram ou não conveniente, conforme as circunstâncias. E, já que prepara seu cachimbo, capitão, vou fazer o mesmo.

Encheu o cachimbo e acendeu-o; durante um tempo os dois homens, sentados e em silêncio, fumaram seus cachimbos, ora olhando um para o outro, ora inclinando-se para a frente, para cuspir. Era um espetáculo divertido aquele.

— Então — continuou Silver — a coisa é esta: o senhor nos dá a carta e para de atirar contra os pobres marinheiros, e de aquecer a cabeça deles, enquanto dormem. Se fizer isso, poderá escolher: ou torna a embarcar conosco, depois de o tesouro ser recolhido, e eu prometo, sob palavra de honra, desembarcar o senhor em alguma praia, são e salvo. Ou, se não quiser, tenho alguns homens muito rudes, que pretendem cobrar velhas contas, poderá ficar aqui, se isso lhe agrada mais... Sim, pode ficar aqui. Dividiremos as provisões com o senhor, uma ração para cada homem; e lhe dou também nesse caso minha palavra de honra que falarei com o primeiro navio que encontrar, para que venha aqui buscar o senhor. Falei bem claro, não é verdade? Não podia esperar nada melhor, não podia, não!

Erguendo mais a voz, continuou o cozinheiro:

— E espero que todos os que estão na cabana ouçam minhas palavras, pois o que digo em respeito a um é o que ofereço a todos.

O capitão Smollett ergueu-se e bateu com a palma da mão a cinza do cachimbo.

— É só isso?

— É a minha última palavra, que diabo! — respondeu John. — Se recusar esta proposta, só lhe falarei pela voz dos mosquetes.

— Muito bem — retrucou o capitão. — Ouça-me agora: se vocês vierem aqui um a um, e desarmados, comprometo-me a pô-los a ferros e repatriá-los, para serem julgados na Inglaterra. Se não quiserem... meu nome é Alexander Smollett, arvorei o pavilhão de meu soberano e... entregarei vocês todos ao Diabo do Mar. Vocês não podem encontrar o tesouro. Não podem governar o barco, não há um só de vocês que seja capaz de fazer isso. Não podem combater-nos. Aqui está Gray, que escapou de cinco dos seus. Seu navio está ancorado, mestre Silver; bem sabe que estão em uma costa batida pelos ventos. Também fui claro e digo-lhe que estas são as últimas palavras que de

mim terá, porque, pelo céu lhe juro que eu lhe meto uma bala nas costelas, quando tornar a encontrá-lo. Rode, meu rapaz. Suma-se já! E a todo o pano!

O rosto de Silver naquele momento era digno de ser retratado: saltaram-lhe os olhos das órbitas, de tanto furor. Sacudiu fora o fogo do cachimbo; depois gritou:

— Dê a mão para me levantar.

— Eu, não! — retrucou o capitão Smollett.

— Quem quer me ajudar? — perguntou o cozinheiro.

Nenhum de nós se moveu.

Então, resmungando as mais imundas imprecações, arrastou-se pela areia até chegar ao telheiro, a fim de erguer-se e apoiar-se outra vez contra a muleta. Depois cuspiu na fonte e exclamou:

— Aí está o caso que faço de vocês! Antes de uma hora, aquecerei esta cabana como um tonel de rum. Riam, com os diabos, riam! Antes de uma hora vocês rirão às avessas. Os que morrerem serão os menos infelizes!

E, com uma praga medonha, lá se foi tropeçando, enterrando-se na areia; após quatro ou cinco tentativas inúteis, auxiliado pelo homem da bandeira branca, atravessou a estacada e desapareceu num instante entre as árvores.

VI

O ATAQUE

Mal tinha ele desaparecido, o capitão, que o seguira atentamente com a

vista, voltou ao interior da casa e não achou ninguém no posto, a não ser Gray.

Foi a primeira vez que o vimos irritado.

— A seus postos! — trovejou ele.

E, depois que todos voltamos aos lugares, continuou:

— Gray, escreverei seu nome no livro de bordo; ficou no seu posto, como um marinheiro. Sr. Trelawney, estou admirado do seu procedimento! Doutor, pensei que já tinha usado o uniforme do rei! Se foi assim que serviu em Fontenoy, teria feito melhor ficando deitado na maca.

A guarda do doutor voltava para as suas seteiras; os demais ocupavam-se em carregar as armas sobressalentes. Estavam todos muito vermelhos, como é bem de ver, e com a pulga atrás da orelha.

O capitão ficou a olhar assim, por algum tempo, em silêncio. Depois disse:

— Meus rapazes, dei uma bordoadada em Silver. Aqueci o sangue dele, de propósito; antes de uma hora, conforme ele disse, seremos atacados. Somos inferiores em número, não é preciso lembrar, mas combateremos abrigados e, ainda há um minuto, eu teria dito que combateríamos com disciplina. Não tenho a mínima dúvida de que poderemos dar-lhes uma surra, se vocês quiserem.

Fez a volta da casa, para ver, como dizia, se tudo estava em ordem.

Nos dois lados mais curtos, a leste e oeste, havia apenas duas seteiras; no lado do sul, onde ficava o alpendre, havia também duas; e ao norte, cinco. Tínhamos uns vinte mosquetes; a lenha fora empilhada, nos quatro lados, formando uma espécie de mesa, e sobre essas mesas jaziam, prontos para servirem aos defensores, quatro mosquetes e alguma munição. Ao centro ficavam os facões, enfileirados.

— Apaguem o fogo — ordenou o capitão —; já passou o frio e não devemos encher os olhos de fumaça.

O Sr. Trelawney arrastou para fora a grelha de ferro e enterrou na areia as cinzas quentes.

— Hawkins não almoçou. Vai buscar alguma coisa e volta para comer no teu posto — continuou o capitão Smollett. — Depressa, rapaz, não perca tempo. Hunter, sirva aguardente a todos.

Enquanto se fazia isso, o capitão ia completando mentalmente o seu plano de defesa.

— Dr. Livesey, o senhor fica na porta. Observe tudo e não se exponha;

fique dentro e faça fogo pelo alpendre. Hunter, encarregue-se do lado leste, ali... Joyce, você irá para o lado oeste, meu rapaz. Sr. Trelawney, o senhor é o melhor atirador... ficará com Gray, do lado norte, que tem cinco aberturas; é ali que está o perigo. Se os inimigos puderem subir até elas e atirar-nos de nossas próprias seteiras, as coisas ficarão pretas. Hawkins, nós não contamos muito, para atirar; vamos ficar perto, para carregar as armas e dar a mão quando for preciso.

Conforme dissera o capitão, o frio havia cessado. Quando o sol subiu acima do arvoredado que nos rodeava, seus raios caíram sobre o espaço livre e absorveram os vapores de um trago. Sem demora, a areia esquentou, e a resina das tábuas da cabana começou a derreter. Tiramos as jaquetas, abrimos a gola das camisas e arregaçamos as mangas. E ali ficamos, cada um no seu posto, ardendo de calor e ansiedade.

Passou uma hora.

— Que o diabo os leve! — disse o capitão. — Isto é estúpido, com as calmarias do equador... Gray, veja se chama os ventos...

Exatamente nesse momento chegaram as primeiras notícias do ataque.

— Dá licença, senhor... Se enxergar alguém, atiro? — perguntou Joyce.

— É o que já lhe disse! — gritou o capitão.

— Obrigado, senhor — retrucou Joyce, com a mesma delicadeza tranquila.

Nada veio a princípio; mas estávamos todos alerta, olhos e ouvidos bem apurados — os atiradores de arma na mão, o capitão no meio da casa, de lábios cerrados e testa franzida.

Passaram-se alguns segundos; de repente Joyce ergueu depressa a arma e fez fogo. Mal se extinguiu o eco da detonação, e logo vinha a resposta — tiro após tiro, numa descarga cerrada, de todos os lados do cercado. Algumas balas bateram na cabana, mas nenhuma atravessou as paredes. E, quando o fumo se dissipou, a estacada e o mato ao redor dela estavam tão tranquilos e solitários quanto anteriormente.

Nem um só galho se agitava; nem sequer o luzir de um cano de espingarda, para revelar a presença de nossos inimigos.

— Feriu seu homem? — perguntou o capitão.

— Não, senhor — respondeu Joyce. — Creio que não.

— Não há como dizer a verdade — murmurou o capitão. — Carrega a arma dele, Hawkins... Quantos julga que estão do seu lado, doutor?

— Sei exatamente. Deste lado vieram três tiros; vi os clarões; dois

juntos e outro mais longe, a leste.

— Três! — repetiu o capitão. — E quantos aí, sr. Trelawney?

Mas agora a resposta não parecia tão fácil. Do norte tinham partido muitos tiros — sete, segundo os cálculos do *squire*, oito ou nove, se acreditássemos em Gray. De leste e oeste, apenas um único disparo. Era claro, entretanto, que o ataque se desenvolveria do norte e que dos outros três lados apenas teríamos de nos haver com uma leve hostilidade. Contudo, o capitão Smollett não modificou suas disposições. Porque, dizia, se os revoltosos conseguissem atravessar a paliçada, tomariam posse de qualquer seteira desprotegida e nos fuzilariam como ratos na nossa própria fortaleza.

Não nos deram muito tempo para refletir. De repente, com grande alarido, um pequeno grupo de piratas saltou do mato do lado norte e correu direto para a estacada. No mesmo momento, abriram fogo novamente lá da floresta; uma bala de rifle sibilou pelo alpendre adentro e partiu a arma do doutor.

Subiram pela paliçada como macacos. O *squire* e Gray tornaram a atirar; caíram três deles, um para dentro da estacada e os outros dois para o lado de fora. Destes, porém, um estava mais assustado do que ferido, porque tornou a levantar-se e correu como louco, desaparecendo logo entre as árvores.

Dois tinham batido as botas, um fugira, quatro tinham entrado para aquém de nossas defesas; e, enquanto isso, abrigados pelo mato, sete ou oito, evidentemente bem providos de armas, mantinham um tiroteio nutrido, ainda que inútil, contra a cabana.

Os quatro que tinham entrado encaminharam-se correndo para a casa, soltando gritos, encorajados ainda pelos brados dos que se achavam emboscados nas árvores. Fizeram alguns disparos; mas, com a pressa, parece que nenhum acertara. Em um minuto, os quatro corsários tinham escalado o morro e vinham sobre nós.

Apareceu na seteira central a cabeça do contramestre Job Anderson.

— A eles! Todos! Todos! — bradou em voz de trovão.

No mesmo instante outro pirata segurou a espingarda de Hunter pelo cano, arrebatou-a das mãos dele e puxou-a pela seteira; atordoando-o, então, com um golpe, prostrou o pobre diabo no chão, sem sentidos. Já outro, correndo são e salvo em torno da cabana, apareceu repentinamente no alpendre e caiu de facão sobre o doutor.

Tinham-se trocado as posições. Um momento antes atirávamos, bem abrigados, contra um inimigo descoberto; agora nós é que estávamos

expostos ao fogo, sem poder retribuir um só tiro.

À fumaceira que enchia a cabana devemos até certo ponto nossa salvação. Eram só gritos e confusão, clarões e detonações de pistolas. Por fim, ouvi um grito formidável:

— Para fora, rapazes, para fora! Lutar a descoberto! As facas!

Era o capitão quem gritava.

Arrebatei um facão da pilha; alguém, que apanhava outro ao mesmo tempo, deu-me uma facada nos nós dos dedos, que mal senti. Saí para a luz do sol.

Alguém me perseguia muito de perto, mas eu não sabia quem. Na minha frente, o doutor descia a ladeira, em perseguição do que o atacara, e, quando o avistei, ele abatia seu perseguidor, prostrando-o com um profundo golpe no rosto.

— Rodeiem a cabana, rapazes! Rodeiem a cabana! — gritou o capitão.

Em meio ao tumulto, percebi a alteração de sua voz. Obedeci maquinalmente, voltando-me para o lado leste; e, empunhando a faca, contornei o canto da casa.

Achei-me face a face com Anderson. Ele soltou um brado e ergueu acima da cabeça o cutelo, que reverberava ao sol. Não tive tempo de ter medo; mas, como ele ainda não vibrara o golpe, saltei para o lado e, enterrando o pé na areia movediça, rolei de cabeça para baixo pela encosta.

Quando saía da cabana, já os outros piratas escalavam a paliçada para dar cabo de nós. Um deles, com um barrete vermelho, a faca atravessada nos dentes, chegara a montar na cerca.

Fora apenas um rápido instante, porque, quando tornei a me pôr de pé, tudo estava ainda na mesma postura: o sujeito do barrete vermelho tentando escalar a cerca, outro acabava de alçar a cabeça acima da estacada. Ainda assim, naquele átimo de tempo, o combate chegara ao fim, e a vitória era nossa!

Gray, que me seguira de perto, derrubara o enorme contramestre antes que ele tivesse tempo de se recobrar do golpe falhado. Outro fora ferido no momento em que, da seteira, ia fazer fogo para dentro e agora jazia ali em agonia, com a pistola ainda fumegante nas mãos. Eu mesmo vira o doutor pôr outro fora de combate, com um golpe. Dos quatro que tinham escalado a estacada, apenas um saíra ileso, e este, mesmo largando a faca no chão, corria a bom correr, apavorado.

— Atirem... Atirem da cabana! — gritou o doutor. — E vocês, rapazes,

corram a abrigar-se.

Mas não foi atendido: ninguém fez fogo sobre o último assaltante, que conseguiu escapar a salvo, desaparecendo com os remanescentes na floresta.

Dentro de três segundos, nada mais restava dos assaltantes senão os cinco que tinham caído — quatro dentro e um fora da paliçada.

Corremos então — eu, o doutor e Gray — vivamente para o nosso abrigo. Os sobreviventes não tardariam a chegar ao ponto onde tinham deixado seus mosquetes, e a fuzilaria poderia recomeçar a qualquer momento.

Já então o fumo se dissipara em parte e, ao entrar na cabana, vimos num relance quanto nos custara a vitória.

Hunter jazia sem sentidos ao pé de sua seteira; Joyce, ao lado da sua com um tiro na cabeça: não tornaria a erguer-se; no centro o *squire* amparava o capitão, mas não sei qual dos dois estava mais pálido.

— O capitão está ferido — disse o sr. Trelawney.

— Fugiram? — perguntou o sr. Smollett.

— Todos os que puderam, é claro — retrucou o doutor. — Mas cinco deles não tornarão a fugir.

— Cinco! — exclamou o capitão. — Vamos lá, podia ser pior. Cinco contra três... Ficamos agora quatro contra nove. Levamos mais vantagem do que no começo. Éramos então sete contra 19, ou pelo menos assim acreditávamos, o que vem a dar na mesma.*

Nota

* De fato, os corsários passaram a ser apenas oito, porque o homem que o sr. Trelawney ferira na escuna morrera na mesma tarde. Mas isso, naturalmente, só mais tarde chegaria ao conhecimento dos outros.

Parte V

Minha aventura marítima

I

O INÍCIO DA AVENTURA

Os amotinados não voltaram — nem veio mais tiro algum do mato. Tinham

tido “a sua ração diária”, conforme a frase do capitão. Estávamos senhores da praça e tínhamos tempo e sossego para tratar dos feridos e preparar o jantar.

Eu e o *squire* cozinhamos do lado de fora, a despeito do perigo, e lá mesmo os gritos e gemidos dos pacientes do doutor nos alcançavam, deixando-nos tão horrorizados que mal sabíamos o que fazíamos.

Apenas três dos oito homens que haviam tombado no combate ainda respiravam — o que fora ferido na seteira, Hunter e o capitão Smollett. Mas os dois primeiros estavam irremediavelmente perdidos: o pirata expirou sob o bisturi do médico e Hunter, apesar de termos feito tudo o que pudemos, não recobrou os sentidos. Padeceu o dia inteiro, respirando com dificuldade, como o velho pirata lá na casa sob o ataque apoplético; o golpe partira-lhe os ossos do peito e, na queda, fraturara o crânio. E à noite, sem que tivesse feito um gesto nem pronunciado uma palavra, entregou sua alma ao Criador.

Quanto ao capitão, os ferimentos eram graves, mas não perigosos. Nenhum órgão fora seriamente atingido. A bala de Anderson — porque veio dele o primeiro tiro — partira-lhe a omoplata e tocara-lhe no pulmão, mas de leve; a segunda bala apenas passara de raspão, deslocando alguns músculos da barriga da perna.

Era certo o seu restabelecimento — dizia o doutor —, mas não poderia caminhar nem mover o braço durante algumas semanas, nem falar muito.

A cutilada que eu levava nas articulações dos dedos era coisa de nada. O dr. Livesey colocou nela um emplastro e ainda por cima me puxou as orelhas.

Após o almoço o *squire* e o doutor sentaram-se ao lado do capitão, em conferência; conversaram a fartar, e depois do meio-dia o doutor pegou o chapéu e as pistolas, pôs uma faca na cinta, meteu a carta da ilha no bolso e, com uma espingarda ao ombro, atravessou a paliçada do lado norte; em seguida se embrenhou no mato, a passos rápidos.

Eu e Gray nos sentamos no outro extremo da cabana; estávamos muito afastados de nossos oficiais para poder ouvi-los. Vendo o médico sair, Gray tirou o cachimbo da boca e esqueceu-se de tornar a metê-lo, de tão espantado.

— Mas que diabo! O dr. Livesey está louco?

— Não — disse eu. Ele seria o último da equipagem a quem poderia acontecer semelhante coisa.

— Pode ser, camarada... pode ser que não esteja. Mas, se não é ele, então sou eu o louco.

— Sei o que é: o doutor tem lá a sua ideia. E, ou muito me engano, ou ele vai agora ter com Ben Gunn.

Eu acertara, como se viu depois.

Entretanto, a casa estava ardendo que nem uma fornalha, e o pequeno espaço arenoso dentro da paliçada abrasava com o sol do meio-dia; começou a germinar dentro da minha cabeça outro pensamento, já não tão acertado. Comecei a invejar o doutor, que lá se ia andando sob as frescas sombras do mato, ouvindo os pipilos dos passarinhos, sentindo o doce perfume dos pinheiros... E, enquanto isso, eu ali estava torrando, com as roupas pegadas de resina quente, vendo todo aquele sangue ao redor de mim e aqueles pobres corpos estendidos por ali... Tomei tamanha aversão àquele lugar que chegou a transformar-se em medo.

Enquanto estive limpando a cabana e lavando os petrechos do jantar, sentia aumentar cada vez mais o horror e a inveja, até que afinal, achando-me perto do saco de pão e vendo que ninguém me observava, dei o primeiro passo para a minha escapada, enchendo os bolsos de biscoitos.

É indiscutível que eu agia sem discernimento e que ia praticar um ato temerário e disparatado. Mas resolvera levar a ideia a cabo, sem esquecer as precauções ao meu alcance. Aqueles biscoitos, acontecesse o que acontecesse, dariam para me manter, ao menos até o dia seguinte.

Muni-me em seguida de um par de pistolas e, como tinha já um polvorinho e balas, achei que estava bem armado.

Quanto ao meu projeto, não era lá muito mau em si mesmo. Pretendia descer até o terreno arenoso que separa o ancoradouro de leste do mar, procurar o rochedo branco que vira na tarde anterior e assegurar-me se era ou não ali que Ben Gunn escondera seu bote; e ainda hoje estou convencido da utilidade de minha investigação. Mas, tendo a certeza de que não me permitiriam sair da paliçada, não tinha outro remédio senão seguir o meu plano — sair à francesa, quando ninguém desse atenção. Essa maneira de proceder não era mais desculpável do que a própria ação que eu projetava, certamente. Mas eu era apenas uma criança, e aquilo se me metera na cabeça.

As coisas passaram-se de maneira favorável, e achei uma excelente ocasião. O *squire* e Gray estavam muito atarefados, mudando os pensos no capitão — eu tinha o campo livre. Saltei por cima da paliçada e embrenhei-me no mato cerrado; e, antes que meus companheiros tivessem notado a minha ausência, achava-me fora do alcance de seus gritos.

Foi essa a segunda loucura que pratiquei, muito pior do que a primeira, pois deixava apenas dois homens válidos para guardar a casa; mas, como a primeira, esta contribuiu para a nossa salvação.

Segui diretamente para leste, porque estava resolvido a descer para o mar do lado da ponta arenosa, a fim de evitar que me vissem do ancoradouro. Era já adiantada a hora, mas o sol ainda estava ardente. Continuando a atravessar o bosque, ouvira lá longe, diante de mim, não somente o estrondo da ressaca, mas ainda o murmúrio da folhagem, o estalar de galhos, sinal de que a brisa do mar aumentava, e era mesmo mais forte do que habitualmente.

Dali a pouco sentia rajadas frias; poucos passos mais adiante avistei a praia; vi o mar azul e brilhante, perdendo-se no horizonte, e as vagas que se espalhavam soluçantes, arrojando a espuma na praia.

Nunca vi o mar tranquilo ao redor da ilha do Tesouro. Embora o sol estivesse ardendo no ar esbraseado, o ar sem uma agitação, fosse a superfície do mar lisa e azulada, ainda assim aqueles enormes rolos de água corriam ao longo da costa, esbravejando dia e noite; e não creio que haja um único sítio em toda a ilha onde não se ouça o marulho.

Andei pela beira das vagas com grande alegria, até que me pareceu que me afastara muito para o sul; então, ao abrigo de alguns arbustos, fui deslizando para a ponta.

Atrás de mim ficava o mar; em frente, o ancoradouro. O vento diminuía, como se aquela violência desusada o tivesse esgotado; sucederam-lhe leves brisas que vinham do sul e do sueste, arrastando o nevoeiro. O ancoradouro, a sotavento da ilha do Esqueleto, apresentava a mesma quietude da primeira vez que o avistamos. No espelho intacto das águas, a *Espanhola* se mirava, fielmente retratada, desde a ponta do mastro até a linha da água, com o Jolly Roger desfraldado.

Num dos botes, ao lado da escuna, avistei Silver, a quem reconheceria onde quer que estivesse; e mais outros dois, inclinados sobre o costado — um de barrete vermelho, o mesmo biltre que eu vira, horas antes, cavalgando a paliçada. Parecia que falavam e riam, embora àquela distância — mais de mil metros — não pudesse ouvir as palavras. De repente ouvi um alarido medonho, espantoso, que a princípio me encheu de pavor; mas logo reconheci a voz do Capitão Flint e cheguei a divisar a brilhante plumagem do papagaio, pousado no punho do seu senhor.

Nisto o bote navegou para a praia, e o homem do barrete vermelho e seu companheiro foram para o camarote.

Já o sol desaparecia por detrás do Óculo e, como o nevoeiro ia aumentando rapidamente, parecia que já ia anoitecer.

Vi que não devia perder tempo algum, se queria achar o bote naquela

tarde.

A rocha branca, perfeitamente visível por cima do arbusto por onde me ocultava, ficava ainda a cerca de duzentos metros abaixo da ponta; levei, assim, bastante tempo para chegar lá, rastejando, andando de gatinhas, por entre os arbustos. Já tinha quase anoitecido de todo, quando consegui tocar-lhe a áspera superfície. Mesmo abaixo do rochedo, havia uma cova pequenina, tufada de verdura, oculta por um cômodo e por uma viçosa vegetação, que me dava pelos joelhos; e, no meio daquele poço, uma tenda de pele de cabra, semelhante às que os ciganos usam na Inglaterra.

Desci para o buraco, ergui a aba da tenda e ali vi o bote de Ben Gunn — um bote feito por ele, sem dúvida alguma, um rude barquinho adernado, de madeira rija e coberto com uma pele de cabra, com o carnal para fora. Era muito pequenino, mesmo para mim, e não sei como poderia flutuar com um homem dentro. Na proa havia um banco baixinho, antes uma tábua atravessada, e um par de remos curtos.

Nunca tinha visto um *coracle*, como os usados pelos antigos bretões, mas tive depois ocasião de ver um e não posso dar melhor ideia do bote de Ben Gunn do que comparando-o ao pior *coracle* que já houve. Mas a grande vantagem é que era leve e portátil.

Encontrara enfim o bote, e era de crer que ficassem por aí minhas pesquisas naquele dia. Não foi, porém, assim. Surgira no meu espírito outra ideia e tanto me seduziu que não creio que o próprio capitão Smollett pudesse me dissuadir dela. Consistia em me esgueirar, protegido pela noite, para a praia, cortar as amarras da *Espanhola* e deixá-la ir aproar onde bem quisesse. Convencera-me de que os revoltosos, após o desbarato daquela manhã, nada mais desejariam do que levantar ferro e fazer-se ao mar; pareceu-me que seria uma bela ação impedir isso e, vendo-os deixar suas sentinelas despojadas do bote, achei que a façanha poderia ser tentada com pequeno risco.

Sentei-me, à espera da noite, e fiz uma refeição frugal — comi biscoitos.

A noite era excelente para o meu plano. O nevoeiro encobria todo o céu. Quando os últimos raios da luz do dia desapareceram, caiu sobre a ilha do Tesouro uma escuridão completa. E quando, finalmente, ergui nos ombros o bote de Ben Gunn e saí da toca aos tropeções, só havia em todo o ancoradouro dois pontos visíveis.

Um era a grande fogueira na praia, junto à qual os piratas desbaratados se embebedavam, no meio do charco. O outro, apenas um ponto de luz na escuridão, indicava a posição da escuna ancorada. A maré a deslocara um

pouco; tinha agora a proa voltada para o meu lado — e as únicas luzes de bordo eram as do camarote. O que eu via era apenas um reflexo dos fortes raios que vinham da vigia sobre o nevoeiro.

A maré já começara a baixar, e eu tive de atravessar uma larga faixa de areia molhada, onde enterrava os pés às vezes até os tornozelos, antes de alcançar a orla da água, que fugia. Entrando então nas ondas, assentei, não sem certa destreza, meu bote, com a quilha para baixo, na água movediça.

II

A VAZANTE

O *coracle* — bem o sabia eu, antes de me servir dele — era um bote seguro

para uma pessoa do meu tamanho e peso, cômodo e fácil de flutuar; mas era também o barquinho mais teimoso e difícil de dirigir. Por mais que me esforçasse, sempre foi seguindo à deriva; e parece que o que mais lhe agradava era andar em roda. O próprio Ben Gunn já dissera que “era de manejo difícil, enquanto a gente não se afazia às suas esquisitices”.

É que eu não me habituara ainda. O bote seguia todas as direções, menos a que eu queria. A maior parte do tempo íamos de lado, e estou certo de que nunca teria chegado junto ao navio, se não fosse a maré. Por sorte, por mais que eu remasse, a maré sempre me arrastava; e lá estava a *Espanhola* no caminho, de modo que era difícil o meu projeto falhar.

Apareceu-me a princípio como uma mancha mais escura e mais densa, depois os mastaréus e o casco começaram a tomar forma e, um momento depois, segundo me pareceu (porque, quanto mais me adiantava, mais forte era o refluxo), estava eu junto ao cabo e me segurava nele.

O cabo estava retesado como a corda de um arco, tal era a força da corrente. Ao redor do casco, naquela escuridão, a água encapelada redemoinhava e bramava, como um arroiozinho que desce da montanha. Um golpe da minha faca e a *Espanhola* desceria zunindo, acompanhando a maré.

Sim, mas lembrei-me a tempo de que um cabo tenso, cortado repentinamente, é coisa tão perigosa quanto um coice de cavalo. Cortando a amarrada da *Espanhola*, haveria dez probabilidades contra uma de que eu e meu barquinho fôssemos jogados longe.

Essa ideia deteve-me o gesto e, se a sorte não viesse de novo em meu socorro, teria de desistir. Aconteceu, porém, que os ventos leves que tinham começado a soprar do sueste e do sul tinham mudado, após o escurecer, para sudoeste. Enquanto eu ainda pensava, sobreveio um pé de vento, que forçou a escuna a entrar na corrente; e, com a maior alegria, percebi que a amarra, que eu ainda segurava, afrouxava, levando-me a mão por um momento a mergulhar na água.

Tomei rapidamente uma resolução: tirei a faca, abri-a com os dentes e cortei um por um os grossos fios de que se formava o cabo, deixando o barco seguro apenas por dois deles. Depois esperei, para separar esses também, que outra rajada viesse de novo diminuir a tensão.

Durante todo esse tempo, ouvira vozes que vinham do camarote; mas, para dizer a verdade, estava tão preocupado com outras ideias que não lhes dera atenção. Agora, porém, que já nada restava a fazer, comecei a escutar.

Reconheci logo que uma das vozes era a do catraieiro, Israel Hands, que

tinha sido o artilheiro de Flint nos primeiros tempos. A outra, sem dúvida, era a do meu amigo de barrete vermelho. Ambos estavam embriagados; e ainda bebiam, pois, enquanto eu os escutava, um deles, soltando uma imprecação de bêbado, abriu a vigia de popa e arremessou alguma coisa que adivinhei ser uma garrafa vazia.

Mas não estavam somente ébrios; era evidente que a cólera os dominava. Voavam as pragas como saraiva e, de vez em quando, rompiam ambos em tal explosão de fúria que eu pensava que iam às vias de fato. Mas nesses momentos a disputa diminuía, as vozes resmungavam baixinho por algum tempo, até que surgia nova crise que, por sua vez, cedia sem deixar mais resultado do que as anteriores.

Dali avistava a fogueira que brilhava na praia, por entre as árvores. Alguém cantava uma velha canção de marujo, triste e monótona, abaixando a voz num trinado, ao fim de cada verso, e o canto não dava mostras de terminar, senão quando estivesse exausta a paciência do cantor. Já ouvira aquela canção em viagem mais de uma vez e lembrava-me das palavras:

*No mar, só viveu um com afinco.
Em um grupo de setenta e cinco.*

Pareceu-me uma canção dolorosamente adaptada à situação daquela gente, que ainda de manhã sofrera perdas tão cruéis. Entretanto, o que via me levava a crer que todos aqueles piratas eram tão insensíveis quanto o mar que sulcavam.

Afinal o vento voltou; a escuna ladeou e chegou mais perto, nas trevas. Senti mais uma vez a amarra afrouxar e com grande esforço cortei as últimas fibras do cabo.

Pequena foi a pressão do vento sobre o *coracle*, mas ainda assim fui quase instantaneamente atirado contra o costado da *Espanhola*. Ao mesmo

tempo a escuna começou a girar devagar sobre a quilha de ponta a ponta.

Trabalhei como um demônio, porque esperava ser tragado a cada momento. Vendo que não podia safar o barquinho daquele sorvedouro, procurei remar direto à popa. Afinal, liberei-me da perigosa vizinhança, e, justamente quando dava o último impulso, minhas mãos encontraram uma corda fina, que pendia do costado da popa. Segurei-me a ela.

Não saberia dizer a razão daquele ato. Fora instintivo. Mas, verificando, ao segurar a corda, que estava presa ao barco, senti brotar em mim a curiosidade e resolvi dar uma vista de olhos pela vigia.

Subi pela corda, segurando-me ora com uma das mãos, ora com a outra, e, quando me achei a boa altura, ergui meio corpo, sem me importar com o risco que corria. Dali avistei o teto e uma faixa do interior do camarote.

Já então a escuna e o pequenino esquife de conserva iam deslizando rapidamente nas águas. Já tínhamos chegado em frente à fogueira. O navio falava alto, como dizem os marujos, passando por cima das ondas inumeráveis, sempre espadanando água; na verdade, antes de espiar pela beira da vigia, eu não podia compreender como os que estavam de sentinela não se assustavam.

Um olhar, porém, que lancei de relance do meu esquife inseguro trouxe-me a explicação. Porque vi Hands e seu companheiro atolados em luta mortal e procurando estrangular-se.

Resvanei de novo para o meu barco — e era tempo, pois quase fui alijado. Nada podia ver, a princípio, senão aqueles dois homens furiosos, de rostos congestionados, que brigavam à luz da lâmpada fumarenta; fechei então os olhos, para habituá-los de novo à escuridão.

Terminara, enfim, a balada enfadonha, e todo o bando, já agora reduzido, reunido ao redor do fogo, rompia o coro que já ouvira tantas vezes:

Quinze homens sobre a mala do defunto...

Io-ho-ho, e uma garrafa de rum!

Os outros, afinal, tanto beberam,

Io-ho-ho, e uma garrafa de rum!

Que o diabo lá os levou, tudo junto

Io-ho-ho, e uma garrafa de rum!

Eu pensava exatamente no trabalho que teriam naquele momento a bebida e o diabo, no camarote da *Espanhola*, quando fui surpreendido por um balanço súbito. No mesmo momento o barquinho deu uma guinada e pareceu mudar de direção, enquanto aumentava estranhamente a velocidade.

Esubugalei os olhos. Ao redor de mim, pequenas ondas levemente fosforescentes se sucediam, encrespando-se, com um marulho penetrante. A própria *Espanhola*, cuja esteira eu ainda seguia, arrastado a alguns metros de distância, parecia indecisa no caminho a seguir, e vi os mastaréis meio inclinados na escuridão da noite; mas, olhando com mais atenção, verifiquei que também tomara a direção sul.

Olhei para trás, e o coração me saltou do peito. Ali mesmo, por detrás de mim, erguia-se o clarão da fogueira. A corrente dobrava em ângulo reto, arrastando consigo a grande escuna e a pequenina pelota saltitante. Cada vez mais rápida, cada vez mais agitada, e a murmurar mais alto, ela abria caminho, derivava para o canal, em busca do mar largo.

De repente, a escuna, que ia na minha frente, deu uma guinada violenta, voltando-se, talvez, cerca de vinte graus; quase ao mesmo tempo, ouvi gritos vindos de bordo. Ouvi também passos na escada e percebi que os dois bêbados tinham interrompido a briga e despertado, enfim, para o sentimento do desastre iminente.

Deitei-me no fundo do malfadado esquife, encomendando devotamente a alma a Deus.

Imaginava que na embocadura do estreito iríamos cair nalgum cachopo, onde as ondas se quebravam com fúria e onde teriam rápido fim todas as minhas tribulações; e, embora a ideia da morte não me fosse talvez insuportável, era-me impossível encarar meu destino, no momento em que me aproximava do fim.

Creio que fiquei assim deitado horas e horas, impelido para um lado e para outro, continuamente, nas ondas encapeladas, molhado de espuma de vez em quando e esperando a morte no mergulho seguinte.

Pouco a pouco o cansaço foi se apoderando de mim; em meio àqueles

terrores, meu cérebro mergulhava em uma espécie de entorpecimento, de sonolência; afinal sobreveio o sono, e ali, dentro do barquinho, sacudido pelas vagas, pensei no lar e no velho Almirante Benbow.

III

O CRUZEIRO DO *CORACLE*

Acordei já dia alto e achei-me a oscilar nas vagas, a sudoeste da ponta da

ilha do Tesouro. Contudo, não podia ainda ver o sol, oculto à minha vista pela colina do Óculo, que daquele lado descia quase até o mar, em formidáveis escarpas.

O pico da Bolina e o morro da Mezena estavam do meu lado; o morro nu e sombrio, o pico cingido de recifes de 12 ou 15 metros de altura e rodeado de grandes rochedos caídos. Achava-me apenas a um quarto de milha da praia, e meu primeiro pensamento foi remar para atracar.

Mas tive de desistir logo da ideia; as vagas rebentavam, espumando e mugindo, entre os abrolhos; de segundo em segundo levantavam-se pesados vagalhões, e montanhas de espuma erguiam-se e abatiam-se com estrondo; compreendi então que, se conseguisse chegar mais perto, despenderia inutilmente as forças, tentando escalar aqueles penhascos ameaçadores, se não encontrasse antes a morte entre os rochedos abruptos.

E não era só isso: via se arrastarem por sobre os abrolhos, ou deixando-se cair no mar, com estrondo, enormes monstros viscosos — diria lesmas de incríveis proporções —, uns vinte ou trinta, atroando os ares com seus ladridos.

Soube depois que eram focas, absolutamente inofensivas. Mas a aparência delas, a hostilidade da costa e a violência da ressaca eram suficientes para me desviarem da ideia de desembarcar ali.

Preferia perecer de inanição em alto-mar a afrontar semelhantes perigos.

Dentro de pouco tempo, porém, pareceu-me que iria ter melhor oportunidade. Ao norte do pico da Bolina, a terra entra mar adentro em longa extensão, deixando a descoberta, na maré baixa, uma longa cinta de areia amarelada. Para o norte, aparece um cabo — o cabo dos Bosques, indicado na carta — coberto de viçoso pinheiral, que desce até a borda do mar.

Lembrei-me do que dissera Silver a respeito da corrente que beira a ilha, para o lado do norte, em toda a costa; e, vendo que já me achava sob a sua influência, achei de bom aviso virar as costas ao pico da Bolina e poupar meus esforços, para tentar aterrar no cabo dos Bosques, que parecia ser mais acessível.

As ondas estavam muito agitadas. O vento sul, soprando de leve, não ia ao arrepio da corrente; as vagas erguiam-se altas e deitavam-se outra vez intactas.

Se não fosse assim, há muito tempo eu teria morrido; mas era surpreendente ver meu barquinho, tão leve e pequenino, vogar com tanta agilidade e segurança. Muitas vezes, quando eu jazia ainda deitado no fundo,

espiando apenas com um olho por cima dos bordos, avistava uma montanha azulada, arqueando-se no alto, junto a mim; mas o *coracle* apenas oscilava, dançando, como se tivesse molas, e resvalava para o outro lado, com a leveza de um passarinho.

Pouco a pouco fui me sentindo mais animado e sentei-me, para ver se poderia manobrar o bote. Mas a leve mudança na disposição do peso traz profundas variações na rota de um *coracle*. Mal me movera, já o botezinho, suspendendo na mesma hora sua delicada dança, correu direto para a borda de uma onda com tamanha rapidez que me deu vertigens e afocinhou, profundamente, espadanando água, no flanco da vaga seguinte.

Encharcado e aterrado, recaí na posição primitiva, e o barquinho pareceu criar juízo outra vez, levando-me de novo, tão suavemente quanto antes, por entre as ondas. Era evidente que ele não queria que me intrometesse nos seus negócios, e, nesse caso, sem poder modificar-lhe a rota, que esperança me ficava de alcançar a terra?

Já ia me sentindo muito assustado; contudo, não perdi a cabeça. Primeiro, e com a maior cautela nos movimentos, fui esgotando gradualmente a água do barquinho, com meu barrete de marinheiro; depois, espiei outra vez pela amurada, a fim de ver se descobria por que razão ele agora deslizava tão serenamente por entre as vagas.

Percebi então que cada onda, vista da praia ou do tombadilho de um navio, parece uma enorme montanha, toda brilhante, se assemelha perfeitamente a uma cadeia de montanhas terrestres, cheia de picos, planícies e vales. Uma vez entregue a si mesmo, o barquinho, oscilando de um lado para outro, buscava, por assim dizer, o caminho que mais lhe convinha, pelas planícies, evitando as encostas e os vértices resvaladiços das vagas.

“É evidente”, pensei comigo, “que devo ficar onde estou, para não romper o equilíbrio; mas é igualmente claro que posso deixar o remo por cima da borda e, de tempos em tempos, nos sítios tranquilos, dar uma ou duas remadas para a terra.”

Dito e feito. Apoiei-me nos cotovelos e, numa posição incômoda, dava de vez em quando uma ou duas remadas na direção da praia.

O trabalho era muito fatigante e vagaroso, mas ainda assim eu ganhava terreno. Ao chegar mais perto do cabo dos Bosques, percebi que não poderia alcançá-lo, porque andara algumas centenas de metros para leste. Estava, na verdade, muito perto... Avistava a ramaria verde das árvores, agitadas pela brisa, e estava certo de que poderia alcançar o outro cabo sem dificuldade.

Era mais que tempo, pois começava a sentir as torturas da sede, o calor do sol, seus mil reflexos nas ondas, a água do mar, que me molhava e secava no corpo, alternadamente, o sal que me requeimava os lábios, tudo contribuía para me ressecar ainda mais a garganta, esaldando-me o cérebro. A vista das árvores, ali tão próximas, excitou-me ainda mais o desejo, mas a corrente em breve levou-me além daquele ponto; e, quando outra planície tornou a se abrir a meus olhos, trouxe-me uma visão que mudou a direção de meus pensamentos.

Bem na minha frente, a menos de um quilômetro de distância, avistei a *Espanhola*, que se fazia de vela. Era certíssimo que seria feito prisioneiro; mas estava tão desesperado de sede que nem sabia bem se essa ideia devia alegrar-me ou entristecer-me. E, muito antes que tivesse chegado a qualquer conclusão, mudo de surpresa, nada mais podia fazer senão olhar.

A *Espanhola* navegava com vela grande e duas bujarronas — e o belo cânhamo alvejava ao sol, como se fosse de neve ou de prata. Ao avistá-la, trazia as velas enfunadas e seguia na direção noroeste; supus que os homens de bordo fossem contornar a ilha e voltar ao ancoradouro. Mas a escuna embicou mais para oeste; julguei então que me tinham avistado e vinham em meu encalço. Afinal ela começou a navegar contra o vento e deteve-se por algum tempo ali, impotente, desnordeada, com as velas a estremecer constantemente.

“Que brutos”, pensei. “Sem dúvida estão ainda bêbados como cabras... Se estivessem sob as ordens do capitão Smollett, passariam um mau bocado.”

Enquanto isso, a escuna ia derivando aos poucos e, de velas novamente enfunadas, a uma nova rajada, navegava suavemente por um minuto e tornava a enfrentar os ventos contrários. Isso se repetia a cada passo. Para um lado e para outro, abaixo e acima, para o norte, para o sul, o leste e o oeste, a *Espanhola* vogava aos trancos e barrancos, e acabava sempre do mesmo modo: enfunando debalde as velas.

Parecia-me evidente que não havia ninguém ao leme. E, nesse caso, onde estava a maruja? Ou os homens tinham caído de bêbados ou a tinham abandonado. Se eu pudesse içar-me a bordo, quem sabe se poderia restituir o navio ao seu capitão?

A corrente, veloz, arrastava para o sul a escuna e o bote. Levava-as com velocidade igual, mas esta tinha uma marcha tão esquisita e intermitente, de mais a mais, que não progredia, antes se atrasava. Se eu pudesse sentar-me e remar, com certeza poderia alcançar o navio. Tentou-me o aspecto de

aventura que o plano apresentava, e a lembrança do barril de água, junto do camarote de proa, duplicou-me a coragem nascente.

Levantei-me e, quase imediatamente, outro vagalhão me veio lavar, mas desta vez não me demoveu do meu propósito; esforcei-me por manobrar, com toda a precaução, na direção da escuna. Certa vez bateu contra o esquife uma vaga tão forte que tive de parar e esgotá-lo, com o coração batendo como um passarinho preso; mas pouco a pouco me afiz ao trabalho e, guiando meu barquinho por entre as vagas, ainda que de vez em quando viesse um golpe vergastar-lhe o costado e um jato de espuma lavar-me o rosto.

Mas aproximava-me agora rapidamente da escuna. Via brilhar o cobre da cana do leme quando girava e ainda não vira uma só alma no convés. Não havia dúvida de que o navio fora abandonado. A não ser assim, estariam os homens todos ébrios lá embaixo, onde eu poderia talvez encerrá-los, fazendo depois do navio o que bem me aprouvesse.

Durante algum tempo a escuna esteve parada — o que eu mais temia. Depois enveredou quase diretamente para o sul, sempre dando guinadas. De vez em quando as velas se enfunavam a meio e arrastavam o barco de novo para a corrente. Já disse que isso era o que eu mais temia — e era a pior coisa que me podia suceder; porque, assim abandonada, como parecia, a escuna, com as velas a estalar, os cadernais a rolar pelo tombadilho, continuava a correr e se afastar de mim não somente em virtude da velocidade da correnteza, mas pela própria derivação, que era naturalmente grande.

Afinal, porém, chegou a minha vez. Caiu o vento por alguns segundos, e, aos poucos voltada pela corrente, a *Espanhola*, girando sobre si mesma, apresentou-me a popa; estava ainda aberta a vigia da cabina, e a lâmpada ainda brilhava acesa sobre a mesa, em pleno dia. Inclinou-se a vela grande, como uma bandeira; ficou imóvel como um rochedo, mas por causa da corrente.

Há pouco eu perdera terreno, mas, redobrando agora os esforços, comecei mais uma vez a caça.

Achava-me apenas a cem metros, quando o vento tornou a soprar. Enfunou as velas por bombordo, e a escuna moveu-se outra vez inclinando-se de vez em quando e varrendo a superfície das águas, como uma andorinha que aflora as ondas.

Isso a princípio me desesperou, mas logo meu desgosto se transformou em alegria. Vinha o navio apressado, meio de flanco, e num momento percorreu a metade, depois dois terços e depois três quartas partes da

distância que nos separava. Vi as vagas branqueando, a ferver, sob a quilha; dali, de meu barquinho, parecia-me um navio enorme.

Foi então que de repente compreendi o que se passava. Mal tive tempo de pensar — mal tive tempo de agir para me salvar. Achava-me no vértice de uma onda, quando a escuna veio subindo pelo dorso da outra. Estava então o gurupés por sobre a minha cabeça. Dei um pulo, impelindo com os pés o meu barco para baixo da água. Com uma das mãos, segurei-me ao pau da bujarrona, enquanto metia o pé entre o estai e o braço.

E assim, abraçado ao cabo, ofegante, ouvi o choque com que a escuna abalroara contra o *coracle*, deixando-me ali à mercê da *Espanhola*, com a retirada cortada.

IV

O JOLLY ROGER ARRIADO

Mal me equilibrara sobre o gurupés, a vela de estai do velacho adejou,

enfunando, com um ruído de tiro de canhão. A escuna estremeceu até a quilha, sob o açoite; mas logo, como as outras velas permaneciam imóveis, a vela grande também sacudiu outra vez e pendeu inerte.

Com isso, quase fui lançado ao mar; mas não perdi tempo: fui escorregando pelo gurupés e caí de cabeça no tombadilho.

Estava no costado de sotavento, no castelo de proa, e a vela grande, ainda imóvel, ocultava-me à vista uma parte dele. Nem um vivente aparecia. O soalho, que desde a revolta ninguém lavara, revelava os sinais de mil pés, e uma garrafa vazia, quebrada pelo gargalo, resvalava de um lado para outro, como se estivesse viva.

De repente a *Espanhola* foi direto contra o vento. As velas, por detrás de mim, estalaram com fragor; o leme bateu com força. Todo o navio estremeceu e, no mesmo instante, o botaló agitou-se, as velas rangeram nos moitões, e eu pude ver o convés de popa.

Lá estavam ambos os vigias, não havia dúvida: o do barrete vermelho deitado de costas, inteiriçado como um esqueleto, braços abertos em cruz, lábios arregaçados, deixando aparecer os dentes; e Israel Hands, arrimado ao costado, com o queixo junto ao peito, as mãos espalmadas no chão e o rosto requeimado tão pálido que parecia de cera.

Por algum tempo a escuna limitou-se a cabriolar e a ladear, como um cavalo faceiro. Enfunava as velas ora de um lado, ora de outro; o botaló oscilava e o mastro rangia sob o arranco.

De vez em quando um borriço de espuma vinha varrer a amurada ou uma vaga mais forte arrebentava contra o costado. E aquele grande e bem aparelhado barco não resistia melhor ao embate das ondas encapeladas do que o meu mesquinho *coracle*, agora no fundo do oceano.

A cada corcovo do barco, o homem do barrete vermelho também balançava; mas — coisa estranha! — nada lhe modificava a postura nem alterava o ríctus singular.

Também a cada solavanco Hands parecia minguar mais ainda e abater-se sobre o convés; os pés escorregavam para mais longe e todo o corpo se curvava, de modo que pouco a pouco o rosto foi sumindo da minha vista; afinal, nada mais via dele, senão a orelha e um anel roído de bigode.

Notei então que ao redor de ambos havia manchas de sangue coagulado e ocorreu-me a ideia de que, estando embriagados, haviam matado um ao outro.

Enquanto assim pensava, olhando admirado para eles, sobreveio um

momento de calma, e o barco aquietou-se. Então Israel Hands voltou-se meio corpo e, soltando um gemido fraco, encolheu-se outra vez, voltando à primitiva posição. Aquele gemido, que revelava todo o seu sofrimento e mortal fraqueza, e também o ríctus medonho encheram-me de pena. Mas, lembrando-me do que tinha ouvido no barril de maçãs, desterreí a piedade do coração.

Dirigi-me para a popa e cheguei ao pé do mastro grande.

— Vamos para bordo, sr. Hands — disse eu, por zombaria.

Ele voltou os olhos para o meu lado, devagar; mas já nem tinha forças para exprimir surpresa. Nada mais pôde dizer, a não ser uma única palavra:

— Aguardente.

Lembrei-me então de que não havia um momento a perder e, esquivando-me dos encontrões no convés, desci para a cabina.

Não se pode imaginar a desordem que havia ali. Tinham arrombado tudo, em busca da carta. O soalho, onde eles se sentaram para beber ou para conversar, estava imundo da lama que trouxeram dos pantanais. As anteparas, pintadas de branco, com um friso dourado, tinham sinais de mãos sujas. Com o balanço do navio, as garrafas vazias chocavam-se às dúzias, pelos cantos. Na mesa jazia aberto um dos livros de medicina do doutor, cujas folhas tinham sido arrancadas em mais da metade, certamente para acenderem os cachimbos.

E em meio a tudo ardia ainda uma lâmpada, projetando uma luz mortiça e quase obstruída pela fumaça.

Entrei na adega; tinham desaparecido todas as pipas, e grande quantidade de garrafas vazias rolavam ao acaso. Era evidente que desde que rompeu a sublevação nem um só daqueles homens deixou de beber.

Achei ainda uma garrafa com um resto de aguardente para Hands; para mim descobri alguns biscoitos, frutas secas, um grande cacho de uvas-passas e um naco de queijo. Assim aparelhado voltei ao convés, acomodei minha ração atrás do leme, longe do alcance do catraieiro, fui ao tonel e bebi água a fartar; só então dei a bebida a Hands, que também bebeu quanta aguardente pôde, até que lhe retirei a garrafa da boca.

— Arre! — disse ele. — Que diabo! Bem que eu precisava disto!

— Estás muito ferido?

Sua resposta foi um grunhido, ou, diria melhor, um ganido:

— Se aquele doutor estivesse a bordo ficaria bom sem demora; mas nunca tive sorte, é isso... Comigo foi sempre assim! Mas aquele frangalho

que está ali, esse está morto e bem morto — disse, apontando para o homem do barrete vermelho. — Afinal, não era mesmo marinheiro... Mas donde diabo tu vens?

— Ora! Eu vim para bordo para tomar posse deste navio, sr. Hands. E até nova ordem, considere-me seu capitão.

Ele me lançou um olhar azedo, mas nada disse.

Parecia muito doente, mas agora lhe voltava uma leve cor rosada ao rosto. Ia cada vez escorregando mais e cada vez mais se abatia sobre o soalho, ao balanço do barco.

— A propósito, sr. Hands, não posso deixar ali aquele pavilhão; com sua licença, vou arriá-lo. Antes não ter nenhum do que conservar este.

E de novo, evitando as guinadas dos botalós, corri para a corda do pavilhão, arriei a maldita bandeira negra e lancei-a ao mar.

— Deus guarde o rei! — disse eu, agitando o gorro. — E era uma vez o capitão Silver!

Hands, sempre de queixo fincado no peito, observava-me com um olhar astuto e dissimulado.

— Eu acho — disse afinal —, capitão Hawkins, que agora desejaria atracar... se conversássemos um pouco?

— Mas sim, sim! De boa vontade, sr. Hands! Fale...

E voltei ao meu almoço, sem perder o apetite.

— Este aqui — continuou ele, indicando o cadáver com um leve sinal de cabeça — era um irlandês robusto e chamava-se O'Brien; pois nós ambos pretendíamos voltar com o navio ao ancoradouro. Mas agora ele está morto, sim... morto de verdade; e não sei quem irá governar este navio. Sem querer te ofender, ainda não és um homem, vamos dizer. Mas olha aqui: tu me dás de comer e de beber, e um lenço para amarrar meu ferimento, não é? E eu te digo como vais governar o barco! Isto é que é falar claro, não?

— Fique certo de uma coisa: não vou voltar com o barco ao ancoradouro do capitão Kidd. Quero ir até a baía do Norte e encostar o navio tranquilamente ali.

— Está certo! — exclamou ele. — Eu não sou nenhum estúpido, afinal. Compreendo bem. Joguei uma cartada e perdi, é isso; e tu é que estás por cima, agora... Baía do Norte? Não posso escolher, não é? Vou te ajudar a conduzir o barco, com todos os demônios! Está combinado!

Essas palavras pareceram-me judiciosas. Foi negócio concluído. Dentro de três minutos a *Espanhola* navegava com facilidade, costeando a ilha do

Tesouro; eu tinha esperança de dobrar a ponta norte antes do meio-dia e alcançar outra vez a baía do Norte antes da maré alta — poderíamos então atracá-la comodamente e esperar a vazante para desembarcar.

Amarrei então a cana do leme e fui buscar um lenço de seda macia, que pertencia a minha mãe e que eu tinha no baú.

Auxiliado por mim, Hands vedou com ele o grande ferimento da coxa, que sangrava. Depois de comer alguma coisa e beber mais um ou dois goles de aguardente, começou a melhorar sensivelmente: ia ficando mais forte, a voz era mais alta e mais clara agora e parecia na verdade outro homem.

O vento ajudou-nos admiravelmente. Impelida por ele a escuna cortava a água, ligeira como um pássaro; diante de nossos olhos a costa da ilha voava, com uma paisagem sempre nova.

Passamos pelas terras altas e víamos agora regiões baixas e arenosas, semeadas de pinheiros-anões; depressa os deixávamos para trás também e dobrávamos a ponta do rochedo elevado, que assinala também o fim da ilha ao norte.

Sentia-me desvanecido com aquele posto novo, de comando, e alegrava-me muito ainda o belo tempo, o sol brilhante e os aspectos diferentes da costa. Não me faltava agora água para beber nem coisas boas para comer, e a consciência, que me inquietara antes, censurando-me a deserção, acalmara-se diante da bela conquista que acabava de fazer. Nada me faltaria — parecia-me ao menos — se não fosse a inquietação que me causavam os olhos do catraieiro, acompanhando com expressão de escárnio minhas evoluções pelo convés, e o sorriso enigmático que não o abandonava. Aquele sorriso denunciava dor e impotência — um sorriso de velho perverso; mas ao mesmo tempo revelava uma dose de desprezo, uma sombra de perfídia, no homem que me olhava incansavelmente enquanto eu manobrava.

v

ISRAEL HANDS

Sempre nos servindo maravilhosamente, o vento agora soprava do oeste.

Vogávamos assim facilmente da ponta nordeste da ilha até a embocadura da baía do Norte. Mas, como não podíamos lançar ferro e não nos arriscávamos a encalhar o navio antes que a maré tivesse subido, era preciso retardar a marcha. O catraieiro ensinou-me a pôr à capa, e depois de muitas tentativas cheguei afinal a um resultado satisfatório. Sentamo-nos então ambos, silenciosos, para a refeição.

Depois de algum tempo, disse-me ele, com o mesmo sorriso desagradável:

— Capitão, ali está meu velho camarada O'Brien. Defunto a gente lança ao mar. Via de regra, não sou muito sensível e não reclamo contra sua estada ali. Mas não me parece lá muito ornamental, não acha?

— Não sou bastante forte para isso e não me agrada essa tarefa. Por mim ele pode ficar aí onde está.

— É barco caipora esta *Espanhola*, Jim — continuou ele dando uma piscadela. — Uma porção de mortos nesta *Espanhola*... quantos marinheiros, coitados, mortos e desaparecidos, desde que embarcamos em Bristol. Nunca vi tanto caiporismo, nunca! Ora, aqui está O'Brien. Vinha a bordo e agora... está morto, não está? Eu aqui não sou instruído, e tu és um rapazinho que sabe ler e contar; mas, falando francamente, achas que um homem morto está morto de verdade ou pensas que ele ainda pode viver outra vez?

— O senhor pode matar o corpo, sr. Hands, mas não a alma; já devia saber disso. O'Brien está agora no outro mundo e talvez nos observe.

— Ah! É triste isso... Seria então tempo perdido matar os adversários. De qualquer modo, as almas não valem grande coisa, pelo que tenho visto. Ainda hei de verificar isso, Jim. Falaste com franqueza e agora serias gentil se quisesses descer à cabina e trazer um... ora essa... um... Que diabo! Não posso lembrar o nome... Bem, traz uma garrafa de vinho, Jim... Esta cachaça é muito forte para a minha cabeça.

Ora, aquela hesitação nele não era natural; nem acreditei um só momento na preferência que dava agora ao vinho. Tudo aquilo era só pretexto. Queria afastar-me do convés — isso era evidente; mas com que propósito é o que eu não conseguia descobrir.

Seus olhos sempre evitavam os meus; erravam de um lado para outro, ora buscando o firmamento, ora pousando no corpo de O'Brien — e sempre a sorrir, deitando a língua de fora, com um ar comprometido e embaraçado de tal forma que até uma criança compreenderia que planejava algum ardil. Contudo, respondi prontamente, porque percebi logo que partido poderia tirar

dali — com um sujeito tão profundamente estúpido, era-me fácil ocultar minhas suspeitas até o fim.

— Vinho? É muito melhor mesmo. Quer branco ou tinto?

— Ora! Isso é indiferente, camarada. Contanto que seja forte, e bastante, que me importa o resto?

— Está bem. Vou trazer vinho do Porto, sr. Hands. Mas vou ter de procurar.

Desci então a escada, fazendo todo o ruído que pude; depois, tirei os sapatos e fui costeando a galeria sem rumor, subi a escada do castelo de proa e espiei para o tombadilho. Embora sabendo que ele não desconfiaria, tomei todas as precauções — e vi que não me enganara, por mais terríveis que fossem minhas suspeitas.

Hands levantou-se, apoiando-se nas mãos e nos joelhos, e embora sentindo agudas dores na perna ferida ao menor movimento, porque ouvi que gemia surdamente, atravessou o convés rastejando.

Em meio minuto chegou aos embornais de bombordo e tirou de um rolo de corda uma faca comprida, ou antes um punhal, com o cabo manchado de sangue. Examinou-o um momento, com o maxilar projetado, experimentou-lhe a ponta na palma da mão e depois, ocultando-o apressadamente no interior da jaqueta, voltou rastejando para a primitiva posição, contra a amurada.

Era tudo o que eu queria saber. Israel podia mover-se; estava agora armado; e, pois que se dera tanto trabalho para desembaraçar-se de mim, era evidente que a vítima seria eu mesmo.

O que faria mais tarde — tentar a travessia da ilha, desde a baía do Norte até o acampamento no pantanal ou avisar os seus camaradas com um tiro de canhão, para que lhe viessem em auxílio — era coisa que eu não podia saber por agora.

Contudo, era certo que podia contar com ele em um ponto, que coincidia com nossos interesses comuns: a manobra da escuna.

Queríamos ambos vê-la encalhada e segura, em lugar abrigado, para que, no momento favorável, pudesse navegar outra vez, poupando esforço e evitando perigos. Até esse momento, podia contar com a vida segura.

Enquanto dava tratos à imaginação para resolver esse assunto, não fiquei parado. Voltei à cabina e tornei a calçar os sapatos; lancei mão de uma garrafa de vinho, ao acaso, e, levando-a como desculpa, subi ao convés.

Hands estava como eu o deixara, todo dobrado, feito uma trouxa,

pálpebras baixas, como se não pudesse suportar a luz. Entretanto, ergueu a cabeça à minha chegada, quebrou o gargalo da garrafa, como quem tem grande prática, e sorveu um bom trago, com a sua frase favorita: “À saúde da fortuna!”

Ficou por um momento quieto; depois, tirando um pedaço de fumo, pediu-me que o cortasse para mascar.

— Corta para mim um naco disso, porque não tenho faca. E nem que tivesse! Porque não tenho forças. Ah! Jim, Jim, parece que erreí o caminho! Mas me corta uma masca, que decerto será a última, rapaz; porque eu vou morrer, eu não me engano...

— Está bem, vou cortar o fumo; mas, se fosse você e me sentisse assim tão mal, faria minhas orações, como um cristão.

— Por quê? Ora essa, me diz por quê?

— Por quê? Você há pouco estava fazendo perguntas a respeito da morte. Você violou a lei; viveu em pecados, mentiras e sangue. Aí está estendido a seus pés um homem que você matou. E ainda me pergunta por quê? Para alcançar a graça de Deus, mestre Hands, é para isso!

Falava com certo calor, lembrando-me do punhal ensanguentado que ele escondera na jaqueta e com o qual pretendia dar cabo de mim.

Por sua vez ele, depois de beber um grande gole de vinho, falou com uma solenidade que nunca lhe conhecera:

— Durante trinta anos cortei os mares, vi o bem e o mal, experimentei o melhor e o pior, o bom e o mau tempo; sei o que é a falta de víveres, as facas saindo da bainha, e tudo o mais. Pois bem, eu te digo agora: nunca vi a bondade gerar o bem. Minha opinião é: ferir primeiro. Os mortos não mordem: é o que penso; amém, assim seja. E agora escuta...

Mudou de tom subitamente e continuou:

— Chega de dizer tolices. A maré agora nos ajuda. Vais cumprir minhas ordens, capitão Hawkins; vamos navegar e em dois tempos acabamos com isso.

A bem dizer, faltava-nos apenas duas milhas; mas a navegação nesse ponto era delicada, porque a entrada do ancoradouro norte era estreita e cheia de bancos de areia. Além disso ficava entre leste e oeste, de modo que a escuna devia ser manobrada com cautela, para poder entrar.

Creio que fui na ocasião um subalterno submisso e hábil, e estou convencido de que Hands era um excelente piloto; porque fomos virando de bordo, desviando aqui e ali, evitando os bancos, com uma certeza e precisão

que fazia gosto ver.

Mas tínhamos passado a entrada, e já a terra nos cercava de todos os lados. As praias da baía do Norte eram cobertas de matos tão densos quanto os do ancoradouro sul; mas a baía propriamente dita era mais comprida e estreita; parecia, e era, na verdade, o estuário de um rio. Bem na nossa frente, para o sul, vimos os destroços de um navio, já todo desmantelado. Fora um grande barco de três mastros, mas havia tanto tempo exposto à intempérie que estava coberto de plantas marinhas e no tombadilho cresciam arbustos, agora em plena florescência. Era tristonha a vista, mas demonstrava-nos a segurança do ancoradouro.

— Agora escuta — disse Hands —; aqui está um lindo lugarzinho para atracar um navio. Areia fina e macia, abrigado dos ventos, todo cercado de arvoredos e flores aos montões, como um jardim, naquele velho barco.

— E, ficando encalhado, como vamos fazer para que navegue de novo?

— Assim: tu largas um cabo na praia, ali daquele lado, na maré baixa; dás uma volta ao redor de um daqueles grandes pinheiros; trazes o cabo outra vez, dás uma volta ao redor do cabrestante; e pões à capa, à espera da maré. Quando a água subir, todos ajudarão a puxar o cabo e a escuna sairá navegando naturalmente. E agora, rapaz, te aguenta! Estamos perto; a escuna avançou muito. Um pouco para estibordo... assim... firme!... A estibordo... bombordo... avante... avante!

E ia assim dando ordens, às quais eu obedecia ofegante. De repente, porém, ele gritou:

— Agora, meu guri, ouça!

Dei movimento rápido e firme ao leme, e a *Espanhola* voou lépida, aprofundando-se diretamente à praia baixa e arborizada.

A excitação das últimas manobras distraiu-me um tanto a atenção, desviando-a do catraieiro, que até ali eu vigiara constantemente. Muito interessado, esperando ouvir o navio raspar na areia, completamente esquecido do perigo que pendia sobre a minha cabeça, icei-me ao costado de estibordo e ali fiquei a admirar as ondas que se espalhavam, largas, diante da proa. Podia então ter caído morto, sem sequer lutar pela minha salvação, se não fosse uma repentina inquietação que senti e me fez voltar a cabeça. Talvez tivesse escutado algum estalido, talvez tivesse percebido com o rabo do olho a sua sombra movediça; talvez fosse puro instinto, como o dos gatos; mas o que é certo é que, quando olhei para trás, vi Hands, já a meio caminho, com o punhal na mão direita.

Quando nossos olhares se encontraram, soltamos ambos um grito espantoso, mas, enquanto o meu era o brado agudo do terror, o dele era o rugido de furor do touro que ataca. No mesmo instante atirou-se para a frente, e eu saltei para o lado da proa. Soltei então a cana do leme, que saltou rudemente para sotavento. Creio que isso me salvou a vida, porque foi bater no peito de Hands, imobilizando-o por um momento.

Antes que ele pudesse se recobrar, eu já havia saído do canto onde ele me encurralara e tinha agora todo o convés para escapar à sua perseguição. Parei junto do mastro grande, tirei uma pistola do bolso e visei-o friamente, pois que ele, já de pé, vinha de novo ao meu encontro, e puxei o gatilho. Mas, apesar de ter batido a caçoleta, não saiu fogo nem estampido. É que a água do mar inutilizara a pólvora. Fora negligência minha — pensei comigo —, pois devia ter tornado a carregar minhas únicas armas. Assim não me veria a estas horas como um pobre carneiro, fugindo do carnicheiro.

Mesmo ferido, o homem movia-se com rapidez assombrosa, e os cabelos grisalhos caíam-lhe sobre o rosto — rubro de ansiedade e furor.

Não tive tempo para ver se podia tirar a outra pistola, que, aliás, talvez não seria mais eficaz do que a primeira. Mas uma coisa era bem clara para mim: não devia fugir, porque ele me cercaria na proa, como momentos antes estivera a ponto de me encurralar na popa. E, uma vez apanhado, nada mais me restaria deste lado da eternidade, senão um palmo daquele punhal ensanguentado que já conhecia. Apoiando-me com as mãos espalmadas contra o mastro grande, esperei, com os nervos tensos.

Vendo que eu pretendia escapar, ele parou também. E por alguns segundos não fizemos mais do que negacear. Era uma brincadeira semelhante à que eu tantas vezes fizera em casa, nos rochedos da baía do Cerro Negro; mas, posso afirmar, nunca com o coração a bater tão desordenadamente! Contudo, era uma brincadeira, repito, e parecia-me que levaria vantagem sobre um marinheiro velho e ferido na coxa.

De fato, recobrava a coragem e sentia-me tão afoito que me pus a considerar qual seria o fim daquela brincadeira, pois, ainda que eu visse que podia prolongá-la por muito tempo, não via de modo nenhum a maneira de escapar.

De repente, distraiu-me desses pensamentos a *Espanhola*, que eu senti que encalhava: rangeu, oscilou, raspou um instante na areia e depois, como se tivesse sido empurrada, inclinou-se para bombordo de modo que o tombadilho formou um ângulo de 45 graus; jorrou água pelos embornais, que

ficou empoçada entre o convés e a amurada.

Em um segundo, rolamos ambos, quase juntos, até os embornais; o defunto do barrete vermelho, ainda com os braços abertos, foi rolando também atrás de nós. Chegamos tão perto um do outro que bati com a cabeça no pé do catraieiro, e com tanta força que rangi os dentes. Ainda assim, ergui-me primeiro, porque Hands estava às voltas com o cadáver.

Com a repentina inclinação do navio, não nos ficou espaço para correr; eu tinha de descobrir outro meio de fuga, e imediatamente, porque o inimigo já quase me alcançava. Rápido como o pensamento, meti-me entre as enxárcias da mezena, fui subindo, segurando-me com as mãos, e só respirei quando me vi sentado nos curvatóes.

Salvou-me a minha ligeireza. O punhal bateu a menos de um palmo abaixo de mim, enquanto eu voava para cima; e lá ficou Israel Hands, de boca aberta, a olhar-me, como a personificação da surpresa e do desapontamento.

E, agora que tinha um momento de folga, não me demorei a mudar a espoleta da minha pistola e, pronta essa, para maior segurança, tornei a carregar a outra.

Isso transtornou Hands, que via agora claramente que a sorte mudava; hesitou um momento, depois tratou de içar-se pesadamente pelas enxárcias, com o punhal entre os dentes, começando a lenta e penosa ascensão. Só lentamente, e soltando gemidos, conseguia arrastar a perna ferida; e ainda não chegara a um terço do caminho, quando dei por findos meus preparativos. Com uma pistola em cada mão, falei-lhe:

— Mais um passo, sr. Hands, e rebento-lhe os miolos! Os mortos não mordem, bem sabe...

Ouvindo essa chacota, parou imediatamente. Percebi-lhe, na contração do rosto, o intenso trabalho mental: raciocinar era para ele tarefa lenta e laboriosa. Sentindo-me seguro agora, ri alto. Afinal, engolindo em seco, e conservando a expressão de perplexidade, tirou o punhal da boca e, mantendo-se imóvel, disse:

— Jim, reconheço que andamos como dois malucos e precisamos nos entender. Tinha te apanhado, se não fosse esse corcovo... Mas não tenho sorte, não tenho! Vejo que tenho de me dar por vencido, e isso é duro, Jim, para um mestre marinheiro, diante de um grumete como tu.

Bebia-lhe as palavras, sorrindo, pavoneando-me como um galo sobre o muro, quando, de repente, vi a mão direita dele mover-se para detrás do

ombro. Silvou alguma coisa no ar, como uma seta, senti um choque, depois uma dor aguda, e fiquei pregado ao mastro pela espádua.

Na tremenda dor e surpresa do momento — mal posso dizer se teria sido por minha própria vontade e tenho certeza de que não alvejei — ambas as pistolas dispararam e caíram-me das mãos. Mas não caíram sozinhas: soltando um grito abafado, desprendendo as mãos das enxárcias, o catraieiro foi cair no mar, de cabeça para baixo.

VI

“PIASTRAS!”

Com a inclinação do barco, o mastro deitou-se para o lado do mar; do meu

poleiro, só via, abaixo de mim, a superfície da água. Hands, que estava mais abaixo e mais perto do navio, portanto, caíra entre o sítio onde eu estava e a amurada. Vi-o reaparecer na superfície, coberto de espuma e sangue; depois, mergulhou definitivamente. Quando a água tornou à primitiva quietude, avistei-lhe a forma confusa, que jazia no fundo do mar, sobre a areia brilhante e clara, à sombra do costado do barco.

Um ou dois peixes vieram tomar conta do seu corpo. Às vezes a oscilação da água dava-me a ilusão de que ele fazia um pequeno movimento, como se tentasse erguer-se. Mas estava morto e bem morto a tiro e pela submersão, e já ia sendo roído pelos peixes, no mesmo lugar onde pretendera dar cabo de mim.

A essa certeza, comecei a sentir-me inquieto, doente, aterrado. Sentia o calor do sangue que me escorria pelas costas e pelo peito. O punhal que me prendera ao mastro pelo ombro parecia queimar-me como ferro em brasa; no entanto, não era o sofrimento físico o que me atormentava; parecia-me que poderia suportá-lo sem um murmúrio. Era o terror de vir a cair naquela água esverdeada e tranquila, ao lado do corpo do catraieiro.

Segurei-me com toda a energia, até me doerem as unhas, e fechei os olhos, como se isso pudesse afastar o perigo. Pouco a pouco, foi-me voltando a serenidade, as pulsações regularizaram-se, e pude dominar-me.

Minha primeira ideia foi retirar o punhal; mas, fosse por estar cravado muito fundo ou porque me faltasse o ânimo, estremeci de susto e desisti da empresa. E, coisa estranha, esse estremecimento resolveu a situação. O punhal, a bem dizer, mal me alcançara; segurara apenas a pele, que se despedaçou naquele puxão. É claro que o sangue correu mais abundantemente, mas eu estava livre agora e preso ao mastro apenas pela blusa e a camisa.

Rasguei-as com um repelão e voltei ao convés pelos ovéns de estibordo. Por nada neste mundo tornaria a me aventurar, assim perturbado como me achava, pelos de bombordo, de onde vira cair Israel.

Desci e fiz um curativo com o que achei a meu alcance. Doeu e sangrou muito; mas o ferimento não era profundo nem perigoso, nem me atormentava muito ao mover o braço. Depois olhei ao redor, e, como o navio agora, de certo modo, me pertencia, pensei logo em desembaraçá-lo do último passageiro — o defunto: O'Brien.

Tinha ido bater, como já disse, contra a amurada e ali jazia, como um fantoche, que de humano só tinha a forma e o tamanho — mas quão diferente

me pareciam a cor e a expressão do rosto!

Na posição em que estava, a tarefa não me foi difícil. Dominado já em mim quase completamente o terror da morte, pelas trágicas aventuras em que estivera envolvido, segurei-o pela cintura, como se fosse um saco de farelo, e, fazendo um esforço, joguei-o por cima da amurada. Mergulhou, espadanando água; o barrete vermelho desprendeceu de sua cabeça e ficou sobrenadando. Passada a agitação das ondas, produzida pela queda, vi-o deitado ao lado de Israel, ambos os corpos tremendo pela oscilação da água.

Embora moço, O'Brien era completamente calvo; e lá estava ele agora, a cabeça nua apoiada nos joelhos do seu assassino... E os peixes, velozes, iam e vinham por cima deles.

Achava-me agora sozinho a bordo; a maré acabava de virar. O sol já ia se deitando, e a sombra dos pinheiros da praia projetava-se sobre o ancoradouro, recortando-se no tombadilho. Levantava-se a brisa da tarde, e, ainda que estivesse bem abrigado pelo morro dos dois picos de leste, o cordame começou a cantarolar baixinho, e as velas murchas se agitavam de vez em quando.

Pareceu-me que o barco estava em perigo. Não me foi difícil afrouxar as velas da bujarrona e deixá-las cair sobre o convés; mas com a vela grande a manobra seria mais séria. Quando a escuna tombou, a retranca ficara estendida fora da borda; uma ponta, bem como parte da vela, tinha mergulhado. Parecia-me que isso aumentava o perigo; mas a manobra demandava tamanho esforço, que receei empreendê-la. Afinal, puxei a faca e cortei as adriças. A ponta caiu imediatamente e a vela projetou-se na água, fazendo um grande bojo; desde então, por mais que puxasse, não consegui mover a carregadeira, que era o máximo que eu poderia fazer. Quanto ao resto, a *Espanhola* tinha de confiar na sorte, como eu próprio.

Já então a sombra cobrira todo o ancoradouro; lembro-me de que os últimos raios atravessavam a clareira da floresta e vinham brilhar, como joias, sobre o manto florido do velho navio desmantelado que ali jazia.

Começara a refrescar. A maré descia rapidamente. A escuna ia inclinando-se cada vez mais.

Adiantei-me, de rastos, e examinei o lugar. Pareceu-me muito pouco profundo; agarrando-me com ambas as mãos, para maior segurança, ao cabo cortado, escorreguei pela amurada. A água mal me alcançava a cintura. A areia, bem firme, apresentava uma superfície ondulada. E lá fui eu para a praia, muito contente, deixando a *Espanhola* meio adornada, com a vela

grande boiando nas águas da baía.

Naquele instante desaparecia o sol, e a brisa noturna soprou delicadamente, agitando os pinheiros.

Ao menos me via — afinal! — fora do mar e não vinha de lá de mãos vazias. Lá estava a escuna, expurgada enfim de bandidos e pronta para o embarque de nossa gente, que nela se faria de novo ao largo. Nada mais me vinha à mente, senão chegar à estacada e vangloriar-me de minhas façanhas...

É possível que me censurassem por minha escapada, mas o resgate da *Espanhola* era um argumento incontestável, e esperava ouvir o capitão Smollett confessar que eu não perdera o meu tempo.

Com tais ideias, e cheio de alegria, apressei meus passos para o fortim, ansioso por rever os camaradas. Lembrava-me de que o rio mais oriental, dos que iam desembocar no ancoradouro do capitão Kidd, vinha da colina de dois picos, à minha esquerda. Enveredei para esse lado, para atravessar a corrente onde ainda era fraca. O mato não era muito cerrado; acompanhando as árvores mais miúdas, não demorei a contornar o morro e logo depois vadeava o arroio com água pela canela.

Passei assim perto do ponto onde encontrara Ben Gunn, o enjeitado; pus-me então a andar com mais cautela, olhando para todos os lados. Caíra a noite; quando cheguei ao vale que separa os dois picos, notei uma claridade vacilante, que se projetava contra o firmamento, e pensei que fosse o homem da ilha, a cozinhar sua ceia. Não deixei de me admirar de que se mostrasse assim descuidado. Porque, se eu via o clarão, melhor o avistaria Silver, lá do seu acampamento na praia, entre os pantanais.

A noite ia ficando cada vez mais escura; era difícil orientar-me. O monte duplo atrás de mim e o Óculo à direita iam desaparecendo aos poucos da minha vista. Raras e pálidas, as estrelas; e a cada passo eu tropeçava nos arbustos da planície ou afundava os pés em covas cheias de areia.

De repente, senti-me envolvido em uma claridade. Ergui a cabeça; do vértice do Óculo descia um raio de luar, e logo depois vi uma coisa prateada, que se movia por detrás das árvores: era a lua, que ia nascendo.

Com seu auxílio pude, enfim, efetuar o resto da minha jornada rapidamente; ora andando, ora correndo, aproximava-me cheio de impaciência da paliçada.

Contudo, ao me avizinhar das árvores que a defrontam, não me descuidei da prudência: afrouxei o passo e andei com mais cautela. Seria

acabar muito tristemente a minha aventura, se fosse ferido por algum tiro de meus próprios companheiros!

A lua subia cada vez mais alto; o luar caía agora aqui e ali, nos abertos do mato, em manchas de claridade. Nisso divisei, em frente a mim, um clarão de cor diferente, por entre as árvores.

Era uma luz vermelha e ardente, e de vez em quando diminuía de intensidade; diria a luz do borralho, numa fogueira ainda não extinta completamente.

Não podia imaginar o que seria semelhante coisa!

Cheguei, afinal, à orla da clareira. O lado oeste já estava todo mergulhado no luar; o resto, inclusive o fortim, jazia ainda na escuridão, apenas cortada de estrias de luz prateada.

Do outro lado da choça, uma fogueira imensa se consumia agora em cinzas ardentes, lançando uma reverberação avermelhada, que contrastava fortemente com a branda palidez da lua.

Nem uma vivalma se movia. Nenhum som, a não ser o cicio da brisa.

Parei, surpreendido, e quiçá também um tanto amedrontado. Não era hábito nosso fazer grandes fogueiras. Éramos até, em obediência às ordens do capitão, parcimoniosos no gasto da lenha; por isso, meu coração foi invadido pelo receio de que alguma coisa tivesse sucedido durante a minha ausência.

Fui indo pelo leste, sempre na sombra, e, no sítio conveniente, onde a escuridão era mais densa, varei a paliçada.

Para maior segurança, fui de joelhos, arrastando-me, sem soltar um som, para o canto da cabana. Quando cheguei perto, meu coração dilatou-se de repente, aliviado. Não que o ruído fosse agradável em si, e muitas vezes me queixara dele, noutro tempo. Mas agora era como música aos meus ouvidos ouvir meus amigos roncando assim, tão alto, no seu pacífico sono. O grito da sentinela, aquele lindo grito “Tudo em paz”, nunca soou mais tranquilizador aos meus ouvidos.

Do que não me restava dúvida era de que a guarda era péssima. Se fosse Silver com seus companheiros quem agora chegasse assim ao pé deles, nem um só escaparia. Era o resultado, pensei eu, de estar o capitão ferido. E maldisse outra vez minha escapada, que os deixava ali naquele perigo, com tão poucos para montar guarda.

Quando cheguei à porta, pus-me em pé. Dentro era tudo escuridão, de modo que nada via. Sons eram só os roncamentos dos dorminhocos e, de vez em quando, um ruído fraco, como um adejar, ou umas bicadas, cuja origem não

podia compreender.

Estendi os braços para diante e entrei deliberadamente, pensando, divertido, na cara que fariam no dia seguinte, quando dessem comigo.

Meus pés tropeçaram nalguma coisa que cedeu — era a perna de um dos homens; virou-se, resmungou, mas não acordou.

De súbito, um grito estridente atravessou a escuridão:

— Piastras! Piastras! Piastras! Piastras! Piastras!...

E continuou assim a gritar, sem pausa, sem alteração, como as pancadas de um moinho pequenino.

O papagaio verde de Silver, o Capitão Flint! Era ele que dava bicadas num pedaço de cortiça. Era ele que, sentinela mais vigilante do que qualquer criatura humana, assim avisava da minha chegada com seu estribilho enfadonho.

Não tive tempo de tornar a mim do assombro.

Com os gritos agudos e cortantes do papagaio, os dorminhocos acordaram e levantaram-se. E a voz de Silver, praguejando atrozmente, atroou:

— Quem vem lá?

Virei-me para fugir, mas esbarrei em alguém; recuei e fui cair nos braços de outra criatura, que, por seu turno, me segurou estreitamente.

— Traz uma tocha, Dick — disse Silver, depois que eu estava bem seguro.

Um dos homens saiu da cabana e voltou logo com um tição aceso.

Parte VI

Capitão Silver

I

NO ACAMPAMENTO INIMIGO

À luz da tocha, que iluminou o interior da cabana, compreendi que era

realidade aquilo que eu mais temera. Eram os piratas agora os senhores da casa e dos víveres: lá estava a pipa de aguardente, lá estava a carne de porco e o pão, como antes; e, o que duplicava o meu horror, nem sinal de prisioneiro algum! Só o que me ocorria era que todos tinham perecido, e meu coração afligia-se por eu não ter estado ali para morrer com eles.

Estavam ali apenas seis corsários; todos os outros tinham morrido. Cinco estavam de pé, vermelhos e inchados, arrancados repentinamente do primeiro sono da embriaguez. O sexto apenas se erguera sobre o cotovelo; estava mortalmente pálido e, pela faixa ensanguentada que lhe cingia a cabeça, vi que fora ferido recentemente, e ainda mais recentemente recebera o curativo. Lembrei-me do homem que fora ferido e que sumira por entre as árvores, durante o grande ataque, e não me custou perceber que era ele.

O papagaio sentou-se, alisando as penas, no ombro de Long John; pareceu-me que este também estava mais pálido e mais desabrido do que de costume. Trazia ainda o belo uniforme com que desempenhara sua comissão, mas estava agora todo enlameado e despedaçado pelos espinhos do mato.

— Então, cá temos Jim Hawkins, com os diabos! — disse ele. — E entraste de surpresa, não? Pois fico bem contente.

Sentou-se sobre a pipa de aguardente e começou a encher o cachimbo.

— Dá cá o fogo, Dick. Depois continuou: — Basta, rapaz... Crava a lanterna na pilha de lenha. E vocês, rapazes, rodem! Não é preciso que fiquem de pé por causa do sr. Hawkins; ele desculpará vocês, fiquem tranquilos. E então, Jim, estás aqui... que surpresa agradável para o coitado do velho John... Vi que eras um rapaz inteligente, assim que dei com os olhos em ti; mas isto agora me escapa completamente à compreensão, palavra!

Como pode-se ver, nada respondi.

Tinham-me posto de costas para a parede, e ali fiquei, olhando cara a cara para Silver, com muita coragem aparente, creio eu, mas com o desespero no coração.

Ele tirou duas ou três fumaçadas do cachimbo serenamente, depois continuou:

— E visto que estás aqui, Jim, vou te dizer o que penso. Sempre gostei de ti, sempre, porque és um rapaz animoso, e o meu retrato vivo, quando era assim jovem e bonito. Sempre quis que ficasses conosco e tomasses a tua parte, para acabares como um gentil-homem; e agora, meu guri, tu alcançaste isso. O capitão Smollett é um excelente marinheiro, como sempre

reconhecerei, mas é duro na disciplina. “O dever é o dever”, diz ele, e tem razão. E trata de viver longe do capitão... Até o doutor está furioso contigo... “Desertor ingrato”, disse ele. Em resumo, não podes voltar para a tua gente, porque eles já não te querem, e, a não ser que formes sozinho uma terceira equipagem — o que é coisa pouco agradável —, não terás outro remédio senão te reunires ao capitão Silver.

Até aqui, tudo ia pelo melhor. Meus amigos estavam todos vivos e, ainda que acreditasse em parte no que dizia Silver, isto é, que estavam indignados comigo pela minha deserção, suas palavras me trouxeram mais alívio do que mágoa.

— Não digo nada quanto à tua prisão — continuou Silver —, mas o certo é que estás em nosso poder... Sou contra as discussões; ameaças não trazem resultado algum que preste. Se gostas do serviço, muito bem, ficas conosco; se não gostas, Jim, mas... és livre de dizer não... livre e bem-vindo, camarada! E diabos me levem, se algum marinheiro mortal pode falar melhor!

— Tenho de responder, então? — perguntei com a voz trêmula.

Enquanto ele falava, com ar de mofa, sentia bem que a ameaça de morte pairava por cima da minha cabeça, e, com o rosto afogueado, sentia o coração bater desordenadamente.

— Menino, ninguém está apertando contigo. Não é preciso se afligir. Nenhum de nós quer te apressar, camarada. O tempo passa tão agradavelmente em tua companhia...

— Então — disse eu, sentindo-me mais animado —, se posso escolher, tenho o direito de saber o que aconteceu e por que vocês estão aqui, e onde estão os meus amigos.

— O que aconteceu? — repetiu um dos bandidos, numa espécie de grunhido surdo. — Ah! Seria um sujeito de sorte o que soubesse isso!

— É melhor que você ponha suas barbas de molho, ouviu, meu amigo? E espere para falar quando lhe perguntarem alguma coisa! — bradou Silver, irritado.

Depois, retomando seu modo gracioso, continuou a falar comigo:

— Ontem de manhã, muito cedo, Hawkins, o dr. Livesey desceu com uma bandeira branca e me disse: “Capitão Silver, você foi traído: o navio foi embora.” Pois bem, pode ser que tivéssemos tomado um copinho a mais e que nosso canto ajudasse o barco a navegar. Não digo que não... O certo é que nenhum de nós tinha olhado para o mar. Olhamos então, e, pelo diabo!, o

barco velho tinha dado à vela! Nunca vi um bando de loucos mais apatetados; e podes compreender se eu te disser quem era o mais apatetado... O doutor disse então: “Bem, nesse caso, vamos fazer um novo acordo.” Fizemos a combinação e aqui está o resultado: gêneros, aguardente, a cabana, a lenha, que tiveste o cuidado de cortar... e, por assim dizer, o barco inteiro, das vergas à carlinga. Agora, o que foi feito deles, não sei: sumiram!

E voltou a fumar, tranquilamente, o seu cachimbo.

— Agora, para que tu não te encasquetes se estás incluído no acordo, vou repetir suas últimas palavras: “Quantos vão embora?”, perguntei eu. “Quatro”, respondeu-me. “Quatro, e um está ferido. Quanto ao menino, não sei onde está, que o leve o diabo! Nem me importo de saber. Estamos fartos dele!” Foi o que ele disse.

— É só isso? — perguntei.

— É só o que precisas saber, meu filho.

— E agora tenho de escolher?

— Agora tens de escolher, e vai tratando disso.

— Pois bem — retruquei —, não sou tão maluco que não saiba perfeitamente o que me espera. Mas, seja o que for, pouco me importa. Já tenho visto morrer muita gente, desde que estou com vocês.

Eu me agitava, aos poucos, e já estava ficando fora de mim. Continuei, pois, acaloradamente:

— Há, ainda assim, uma ou duas coisas que quero lhe dizer. A primeira é esta: vocês estão em uma péssima situação, agora: navio perdido, tesouro perdido, homens perdidos. Todos os planos fracassaram, e se quer saber quem contribuiu para isso: fui eu. Estava no barril de maçãs, na noite em que a ilha foi vista, e escutei a conversa de vocês, John: você, Dick Johnson e Hands, que está agora no fundo do mar. E menos de uma hora depois eu contei tudo o que disseram, palavra por palavra. Quanto à escuna, fui eu quem cortou o cabo e eu quem matou os homens que você deixou a bordo, e eu quem levou o barco para um lugar onde vocês jamais o tornarão a ver, nenhum de vocês! Agora quem ri sou eu. Desde o princípio estou à frente deste negócio. E tenho tanto medo de vocês quanto de uma mosca. Se quiser, me mate, ou então me poupe. Mas ainda tenho uma última palavra a dizer. Se me pouparem, o passado é passado; e, quando vocês forem julgados por pirataria, farei tudo o que puder para salvá-los. É escolherem. Matem mais um, sem tirar nenhum resultado disso, ou me poupem, para ter uma testemunha que os livrará da força.

Parei aqui, devo confessar, já sem fôlego, e, com grande surpresa, vi que nenhum daqueles homens se movia; todos ficaram sentados, a me olhar tão timidamente como se fossem carneiros. Continuei então:

— Agora, mestre Silver, creio que você é o chefe deles, não é? Pois muito lhe agradecerei se, depois de tudo acabado, contar ao doutor como me portei!

— Não vou esquecer — disse ele.

Era tão estranho o acento com que pronunciou estas palavras que fiquei na dúvida se zombava do meu pedido ou se minha coragem o comovera.

— Quero dizer mais uma palavra — gritou o velho marujo de rosto requeimado, um certo Morgan, que eu vira na estalagem de Long John, no cais de Bristol. — Foi ele que reconheceu o Cão Negro!

— Pois eu também quero dizer mais uma palavra, com os demônios! — disse o cozinheiro. — Foi esse mesmo guri quem pegou a carta de Billy Bones. Do princípio ao fim, foi Jim Hawkins quem nos estragou os planos!

— Pois, então, lá vai! — rugiu Morgan, com uma praga.

E levantou-se, correndo na minha direção, como se tivesse vinte anos, de faca em punho.

— Alto lá! — bradou Silver. — Que é isso, Tom Morgan? Pensas que és o capitão aqui? Mas olha lá, que já te ensino! Se te atravessas no meu caminho, vais para onde já foram muitos antes de ti, cedo ou tarde, nestes últimos trinta anos, uns no lais, com todos os diabos!, outros pela amurada, mas todos a servir de pasto aos peixes. Ainda está para nascer o homem que me olhe cara a cara e veja a luz do dia seguinte, Tom Morgan! Toma nota disso!

Morgan estacou, mas ergueu-se do lado dos outros um murmúrio surdo.

— Tom tem razão — disse um.

— Já vivi muito tempo atemorizado por alguém — acrescentou outro. — Mas que eu seja enforcado, se tenho medo de você, Silver.

— Algum de vocês quer tirar isso a limpo comigo?

E Silver, ao dizer isso, inclinou-se para a frente, sentado no barrilete, tendo sempre na mão direita o cachimbo a fumar.

— Que apareça esse — continuou. — Vocês não são mudos, não é? Quem quiser, que venha!... Pois será que vivi tantos anos para que um João-ninguém qualquer venha agora erguer a grimpá na minha frente, no fim da carreira? Vocês sabem os usos: são todos gentis-homens de fortuna, conforme dizem. Pois estou às ordens. Que aquele que se atreve pegue uma

faca, e eu lhe descerei as tripas, antes que este cachimbo se apague!

Ninguém se mexeu nem respondeu!

— É isso, vocês todos são assim mesmo, não é?

Tornou a pôr o cachimbo na boca e continuou:

— Pois vocês são engraçados, apesar de tudo, não há dúvida... Para combater, não valem grande coisa, isso nem se discute. Mas pode ser que compreendam, quem sabe?, o inglês do rei George... Sou aqui o capitão: fui eleito! E sou o capitão porque sou muito superior a vocês, muitíssimo superior. Vocês não podem combater, como fazem os gentis-homens de fortuna. Com mil raios! Tratem de obedecer! Eu gosto desse rapazinho; nunca vi um menino melhor do que ele. É mais homem do que dois de vocês juntos. E ouçam o que digo: ai de quem tentar pôr a mão nele! Que alguém experimente, e verá!

Seguiu-se um longo silêncio. Ainda parado junto à parede, com o coração aos saltos, via agora brilhar lá ao longe um raio de esperança.

Sereno, como se estivesse numa igreja, Silver tornou a erguer o corpo, de braços cruzados e cachimbo na boca. Mas não tirava os olhos, sempre de soslaio, dos camaradas revoltados. Estes, por seu lado, foram afastando-se para o outro extremo da cabana; dali se ouvia o murmúrio de seus cochichos, como o marulho de um arroio. Um por um, foram levantando os olhos. A luz vermelha da tocha iluminou por alguns segundos aqueles rostos vigorosos. Mas não era para mim, senão para Silver, que olhavam.

— Parece que vocês têm muita coisa a dizer! — exclamou este, cuspidando longe, para o ar. — Desembuchem aqui perto, para que eu ouça, ou então vão sossegar.

— Perdão, senhor — retrucou um dos homens. — O senhor é tão liberal nalguns pontos das regras, pode ser que queira dar atenção também às outras. Esta equipagem está descontente; esta equipagem não faz bravatas; esta equipagem tem direitos, como outras, permita que eu diga. As leis que o senhor mesmo estabeleceu dão-nos o direito de conversar uns com os outros. Peço desculpas: reconheço o senhor como nosso capitão, como até agora vim fazendo, mas reclamo o direito de reunião à parte para deliberar.

E, fazendo uma continência de marinheiro, muito cerimoniosa, o orador — um sujeito alto, de ar doentio e olhos amarelados, aparentando seus 35 anos — encaminhou-se tranquilamente para a porta e saiu da cabana.

Os demais o foram seguindo, um por um, fazendo todos a continência ao passar, e todos acrescentando também alguma desculpa.

— Conforme as regras — disse um.

— Assembleia de marujos — disse Morgan.

E assim, com uma ou outra observação ao passar, todos foram saindo, deixando-nos a sós — a mim e a Silver — à luz do archote.

Imediatamente o cozinheiro tirou o cachimbo da boca.

— Agora escuta, Jim Hawkins — disse ele, num cochicho apenas audível. — Estás a um passo da morte e, o que é muito pior, da tortura. Eles vão me destituir. Mas, nota bem, estou a teu lado, haja o que houver. Não pensava assim... não, antes de teres falado. Estava desesperado de perder toda aquela bolada e, ainda por cima, ser enforcado. Mas vi logo que a razão está contigo. E disse com os meus botões: “Ajuda Hawkins, John, que Hawkins te ajudará. És tu a sua última carta, e, com os diabos!, ele é também a tua! De mãos dadas! Salva a tua testemunha, que ela te salvará a cabeça!”

Começava então a compreender, confusamente, o caso.

— Quer dizer, então, que tudo está perdido? — perguntei.

— Sim, que diabo! É isso mesmo! Perdido o barco, perdida a cabeça, é o caso. Quando eu olhei para aquela baía, Jim Hawkins, e não vi mais a escuna... Olha aqui, sou rijo, mas dei a mão à palmatória. Agora, aquela malta e sua assembleia, acredita, todos eles não passam de perfeitos malucos e covardes. Eu te salvarei, se puder, das mãos deles. Mas escuta bem, Jim, para velhaco, velhaco e meio, tu me livrarás da força!

Fiquei desnortado; parecia-me absurdo o que ele me pedia — ele, o velho pirata, ele, que fora sempre em toda parte o cabeça.

— Farei tudo o que puder — respondi-lhe.

— É um pacto! — bradou Long John. — Falas corajosamente, e, com os diabos!, eu tenho agora alguma probabilidade de salvação!

Foi, coxeando, até a pilha de lenha, onde estava cravada a tocha, e acendeu nela o cachimbo. Voltando, disse-me:

— Jim, ouve o que digo: não sou pateta, não. Sei onde tenho a cabeça. Agora estou do lado do *squire*. Sei que deixaste o barco seguro em alguma parte. Como conseguiste isso, não sei, mas sei que está seguro. Adivinho que Hands e O’Brien amoleceram. Nunca tive muita confiança em nenhum dos dois. Agora, escuta bem: não pergunto nada, nem deixo os outros perguntarem. Conheço quando uma partida está ganha, conheço. E sei reconhecer um rapaz de préstimo. Ah! tu, que és novo... nós dois poderíamos ter feito muita coisa!

Tirou da pipa um pouco de aguardente numa caneca de estanho.

— Queres provar, camarada?

E, como eu recusei, continuou:

— Pois eu vou tomar um trago, Jim. Preciso me forrar, porque os trabalhos não tardam. E, por falar em trabalhos, por que foi que o doutor me deu a carta da ilha, Jim?

Ante a sincera surpresa que viu na minha expressão, achou inútil fazer mais perguntas a respeito.

— Pois o doutor me deu a carta — disse ele —, me deu... Aqui há alguma coisa escondida, sem nenhuma dúvida... há alguma coisa, com toda a certeza, por detrás disso, Jim... Boa ou má!...

E tomou outro trago de aguardente, sacudindo a grande e bela cabeça, como quem espera coisas ainda piores no futuro.

II

OUTRA VEZ O SINAL NEGRO

Durara algum tempo o conciliábulo dos piratas. Por fim entrou um deles na

cabana e, depois de repetir os salamaleques, que me pareciam antes de mofa que de respeito, pediu que lhe emprestasse a tocha por um momento. Silver assentiu e o emissário retirou-se, deixando-nos às escuras.

Long John, que adotara um tom amistoso e familiar para comigo, disse então:

— Aproxima-se o momento, Jim.

Voltei-me para a seteira mais próxima e olhei para fora. A grande fogueira estava já reduzida a cinzas, e a claridade que dela vinha agora era tão fraca que logo percebi por que os conspiradores queriam a tocha.

Tinham se agrupado a meio caminho do escalão; um segurava a luz, outro, de joelhos no meio do grupo, tinha na mão uma faca, cuja lâmina brilhava ao clarão da lua e da tocha, emitindo reflexos variados. Os outros, inclinados ao redor do homem ajoelhado, pareciam atentos ao que ele executava. Percebi que, além da faca, tinha também um livro na mão. Ainda perguntava aos meus botões como lhes tinha chegado às mãos semelhante objeto, quando o que estava de joelhos se ergueu e todo o grupo se dirigiu para a choça.

— Aí vêm eles — disse eu.

E voltei depressa ao meu lugar, porque me pareceu abaixo da minha dignidade ser encontrado a espiá-los.

— Que venham, rapaz... que venham — disse Silver alegremente. — Ainda tenho uma bala na cartucheira.

Abriu-se a porta e os cinco homens, parando amontoados na entrada, empurraram um para diante.

Noutra ocasião, pareceria cômica a sua figura, avançando lentamente, hesitando a cada passo, mas sempre conservando a mão direita fechada e espichada para diante.

— Aproxima-te, rapaz — gritou Silver. — Não vou te comer. Dá cá isso, poltrão! Conheço as regras, decerto. Não faço mal a um emissário.

Assim animado, o pirata aproximou-se mais ousadamente; entregou alguma coisa na própria mão de Silver e voltou ainda mais depressa para junto dos companheiros.

O cozinheiro olhou para o que tinha na mão.

— O sinal negro! Já esperava isso — observou ele. — Mas... onde vocês acharam este papel? Quê! Olá! Mas olhem aqui... Isto traz azar!... Cortaram isto da Bíblia... Quem foi o louco que cortou a folha da Bíblia?

— Aí está! — disse Morgan. — Aí está! Que foi que eu disse? Isto não

pode trazer sorte! Bem que eu disse!

— Pois bem... Vocês acertarão isso lá entre si... Serão todos enforcados agora, é claro. Qual é o poltrão sem miolo aí que tinha uma Bíblia?

— Dick.

— Ah! Dick? Então será ele quem vai ler as orações. Está reservada a Dick sua nesga de sorte, e vocês podem contar com isso.

Mas o homem alto, de olhos amarelados, interrompeu-o:

— Chega de falas, John Silver. Esta equipagem resolveu te mandar o sinal negro, em assembleia, conforme o costume. Vira o papel e vê o que está escrito aí. Depois podes falar.

— Obrigadinho, George — replicou o cozinheiro. — Sempre expedito nos negócios e com as regras bem decoradas, George, o que vejo com prazer. Mas, afinal, que quer dizer isso? Ah! “Deposto”!... É isso, não é? Muito bem escrito, na verdade. Parece impresso, é da gente se enganar. Foste tu, George? Mas estavas ficando um chefe de partido nesta equipagem. Não me surpreendo se na próxima eleição fores eleito comandante. E agora faz o obséquio de trazer outra vez a tocha, sim? Meu cachimbo se apagou...

— Ora, vamos — disse George. — Não escarnecerás mais desta equipagem. Tu mesmo te tens na conta de homem galhofeiro, mas agora acabou-se. E farias melhor descendo desse barril e vindo ajudar na eleição.

— Pensei que conhecias as regras — retrucou Silver desdenhosamente. — Em todo caso, se tu ignoras, eu não. Espero aqui... E sou ainda o chefe, sabem? Até que todos me exponham seus agravos. Enquanto isso, vou dizendo, desde já, que este sinal negro não vale dois caracóis. Veremos depois...

— Ora! — replicou George. — Não tens motivo para nenhuma apreensão: todos nós somos sinceros, isso somos. Pois bem: primeiro, estragaste este cruzeiro: não és tão petulante que negues isso. Segundo, deixaste o inimigo escapar desta cilada, sem motivo. Por que eles queriam sair daqui? Não sei, é certo; mas é evidente que queriam sair. Terceiro, não nos deixaste ir no encalço deles. Bem te conhecemos, John Silver: queria trapacear; é esse o teu fraco. E, por fim, quarto: esse rapazinho...

— É só isso? — perguntou Silver, impassível.

— É só, e é bastante, também! Vamos ser todos enforcados, por culpa tua.

— Bem, agora escutem: vou responder a essas quatro acusações. Uma depois da outra, hei de responder a todas. Estraguei este cruzeiro, não é? Pois

bem: vocês todos sabem qual era a minha vontade; e sabem todos que, se tivessem feito isso, estaríamos agora a bordo da *Espanhola*, como sempre estivemos, sem ter perdido um só homem, e bem-dispostos, e abarrotados de pudins de passas, e com o tesouro no cofre-forte do barco, com os diabos! E quem foi que me atrapalhou? Quem me forçou a mão, quando era eu o capitão legítimo? Quem me acenou com o sinal negro, no dia em que atracamos? Quem começou esta dança? Sim! É uma linda dança, nisso concordo com vocês, bem parecida com uma giga dançada na ponta de uma corda, na Praça das Execuções, em Londres!... Mas de quem foi esse serviço? Quem, senão Anderson, e Hands, e tu, George Merry? E és tu o último que resta dessa danada companhia; e tens agora a insolência diabólica de te erigires em capitão, em meu lugar: tu, que deitaste a perder a todos! Caramba! Nunca se viu coisa semelhante!

Calou-se, e vi, pela cara de George e de seus camaradas, que aquelas palavras não tinham sido perdidas.

— Isto quanto ao número um — gritou o acusado.

Enxugou o suor da testa, antes de continuar. Falara com tanta veemência que a choça sacudia à vibração de suas palavras.

— Palavra! Já me enoja falar com vocês... Vocês não têm nem senso nem memória, e não posso saber onde as mãos de vocês tinham a cabeça quando deixaram que vocês partissem assim para o mar. O mar! Fidalgos de fortuna! Vocês!... Vocês não passam de alfaiates!

— Continua, John — disse Morgan. — E as outras queixas?

— Ah! As outras! São boas, não são? Dizes que este cruzeiro foi perdido. Ah! Se vocês pudessem saber até que ponto ele está perdido, então é que haviam de ver boas! Estamos tão perto da forca que só de pensar nisso sinto o pescoço já esticado. Sem dúvida, vocês já têm visto enforcados, em cadeias, corvos voando ao redor deles, apontados a dedo pelos marinheiros, quando descem com a maré: “Quem é aquele?”, diz um. “Aquele? Mas é John Silver. Conheci bem...”, diz outro. E a gente pode ouvir perfeitamente o ranger das cadeias, enquanto vai até a outra boia. E, se chegamos a este ponto, todos nós, a eles devemos: Anderson, Hands e outros malucos. Agora, vamos falar do número quatro, isto é, daquele menino... Mas, com mil raios! Não é ele um refém? Pois vamos lá largar de mão um refém? Não, certamente; não me admiro se ele for a nossa última tábua de salvação. Matar o guri? Não! Não serei eu, camaradas! Agora ao número três. Há, na verdade, muito que dizer a respeito do número três. Pode ser que vocês não deem

importância nenhuma ao fato de recebermos a visita diária de um médico de verdade: tu, João, com a cabeça quebrada, e tu, George Merry, que ainda há poucas horas tremias com febre intermitente... que ainda tens os olhos cor de limão! E quem sabe se vocês ignoram que vem aí um socorro, não? Mas ele vem, isso vem! E então veremos quem se alegrará de possuir um refém... Agora, quanto ao número dois, por que fiz um arranjo... Mas ora esta! Vocês é que vieram me pedir rastejando, vieram de joelhos, sim... e abatidos... e teriam morrido à fome, também, se eu não fizesse esse arranjo. Mas isso é uma ninharia! O que vocês procuram é isto!

E jogou ao chão um papel que reconheci imediatamente — a carta amarelada, com as três cruces vermelhas, que eu achara no encerado, no fundo do baú do capitão.

Por que o doutor a entregara era para mim um mistério.

Mas se isso era para mim uma coisa inexplicável, a vista da carta pareceu incrível aos revoltosos sobreviventes. Eles se atiraram sobre ela como o gato sobre um camundongo. Andou o papel de mão em mão, arrebatando-o uns aos outros. Quem lhes ouvisse as pragas, exclamações e risadas infantis julgaria que não só tinham o tesouro nas mãos, como também já se viam a bordo, em alto-mar e na maior segurança.

— Sim — disse um deles —, é de Flint, não há dúvida alguma. J.F. e um risco embaixo, dando uma volta. Era assim que ele fazia sempre.

— Muito lindo — disse George. — Mas como havemos de fugir com isso sem navio?

Nesse momento Silver ergueu-se e, apoiando-se com a mão à parede, bradou:

— Aviso-te, George! Mais uma palavra dessa arenga e eu te chamarei às contas. Como?... Mas eu é que hei de saber? Vocês é que deviam me responder a isso: vocês e os outros, que perderam a escuna, intrometendo-se nos meus negócios, que o diabo os carregue! Mas qual! Vocês não podem responder; vocês não têm mais ideias do que um bicho de conta... Contudo, podem falar cortesmente, isso podem; e tu vais falar, George Merry.

— É muito justo — disse o velho Morgan.

— Justo! Assim acho eu — disse o cozinheiro. — Vocês perderam o navio; eu achei o tesouro. Quem é o superior, afinal? Pois agora eu me demito, com todos os diabos! Escolham quem quiserem para capitão, daqui por diante. Eu estou farto disso!

— Silver! — gritaram eles. — Barbecue, viva Barbecue! Barbecue é o

capitão.

— Ah! Ele é isso! — gritou o cozinheiro. — George, vejo que terás de esperar outra ocasião, camarada; e dá graças por eu não ser vingativo... Mas nunca fui rancoroso. E agora, camaradas, que faço deste sinal negro? Não presta para nada, não é? Dick desafiou o azar e estragou sua Bíblia para nada, nada...

— Talvez fosse bom beijar o livro agora, não será? — perguntou Dick, receoso da maldição que atraíra sobre a própria cabeça.

— Uma Bíblia com uma folha cortada! — retrucou Silver desdenhosamente. — Não, não; isso agora não tem mais valor do que um livro de versos.

— Não? É mesmo? — disse Dick mais alegre. — É melhor guardar o livro, é.

— Vem cá, Jim — chamou Silver. — Isto é uma novidade para ti.

E deu-me o papel — uma rodela de papel mais ou menos do tamanho de uma moeda de mil-réis. Uma das faces era branca, porque fora cortada da última folha; a outra continha um ou dois versículos do Apocalipse — e, entre as demais palavras, estas perturbaram-me particularmente: “Estarão de fora os cães e os homicidas...”

O lado impresso fora enegrecido com carvão, que, despegando-se, me sujava os dedos. Na face em branco estava escrita a carvão uma única palavra: “Deposto.”

Conservei a estranha senha e tenho-a aqui, diante dos olhos; mas nem um só traço da escrita subsiste, a não ser um simples arranhão, que parece feito com a unha.

Assim acabou a aventura daquela noite.

Dali a pouco, depois que todos beberam seu trago, deitamo-nos para dormir; por vingança, Silver deixou George Merry de sentinela — com ameaça de morte, se nos traísse.

Levei muito tempo acordado, e Deus sabe que tinha em que pensar — o homem que matara naquele dia, minha própria situação arriscada e, acima de tudo, a notável partida em que via Silver empenhado. Porque ele sujeitava com uma das mãos os revoltosos, ao mesmo tempo que se apegava, com a outra, a tudo quanto lhe oferecia uma possibilidade de salvar a miserável vida.

Ele mesmo dormiu tranquilamente, ressonando alto; enquanto eu sentia o coração oprimido, pensando nos perigos que o rodeavam — por mais mau

que fosse! — e no suplício infamante que o esperava.

III

SOB PALAVRA

Despertou-me — despertou-nos a todos, aliás, porque vi a própria sentinela

levantar-se do sítio onde se deixara cair, junto à entrada —, despertou-nos uma voz clara e alegre, que chamava da orla do mato:

— Olá! Olá! Do fortim! Aqui está o médico!

Era de fato o doutor.

Sentei-me alegre ao ouvir-lhe a voz, é certo, mas minha alegria não era pura. É que me vinha à mente, naquele momento, meu procedimento anterior, e envergonhava-me da minha desobediência e dissimulação. Ao ver aonde me levava meu ato de insubordinação — entre tais companheiros e no meio de tais perigos, não me animava a encará-lo.

Decerto levantara-se antes do dia, porque ainda não amanhecera. Correndo a uma seteira e espiando para fora, vi-o, meio oculto, como já vira uma vez Silver, mergulhado no nevoeiro até a metade das canelas.

— É o doutor! O senhor aproveita a primeira luz da aurora!

Silver falava amavelmente, já de todo desperto e muito bem-disposto.

— Lépidio e madrugador, como sempre. E é o pássaro madrugador que tem a melhor razão, como dizem... George, sacode as gâmbias, rapaz, e ajuda o dr. Livesey a saltar sobre o costado. Vão muito bem os seus doentes, doutor... muito bem, e alegres.

E continuava a tagarelar, de pé no alto do cômodo, com a muleta debaixo do braço e apoiando-se com a mão contra a parede da cabana. Era naquele momento o antigo John — a voz, os gestos, a expressão do velho John.

— Temos uma grande surpresa para o senhor, doutor. Temos aqui um jovem estrangeiro... Ah! Ah! Ah! Um novo inquilino e pensionista, disposto e rijo como um espeto; dormiu como um apêndice ao lado de John, dormimos lado a lado esta noite.

O dr. Livesey já então tinha atravessado o pátio e achava-se perto do cozinheiro. Notei-lhe a alteração da voz ao perguntar:

— Seria Jim?

— Em pessoa — respondeu Silver.

O médico parou bruscamente e ficou alguns momentos ali, imóvel e mudo.

— Pois bem, primeiro a obrigação, depois a devoção — disse ele afinal —, você bem sabe, Silver. Vamos examinar seus doentes.

Entrou na cabana, um momento depois, acenando-me apenas com a cabeça, e tratou imediatamente de examinar os doentes.

Não parecia de modo algum apreensivo; porém, devia saber que sua vida, entre aqueles demônios dissimulados, estava por um fio; e tagarelava

com os doentes como poderia fazê-lo em uma visita profissional comum, em casa de uma pacata família inglesa. Creio que seu modo de proceder influía de alguma maneira sobre aqueles homens, porque eles o tratavam como se nada tivesse havido — como se fosse ainda seu médico de bordo e eles, os fiéis marinheiros de outrora.

— Você vai indo bem, meu amigo — disse ao sujeito da cabeça enfaixada. — Se há criatura de sorte no mundo, é você... Essa cabeça deve ser dura como ferro! Ora vamos, George, como vai isso? A cor é boa, não há dúvida; mas seu fígado está irritado. Tomou o remédio? Ele tem tomado o remédio, camaradas?

— Sim, sim, senhor, tem tomado, tem — replicou Morgan.

— Porque, vejam lá, desde que sou médico dos amotinados, antes, direi melhor, médico da prisão — disse o dr. Livesey gracejando desembaraçadamente —, faço disso questão de honra: não perder um só homem para o rei George (a quem Deus guarde!) e para a forca.

Os malfeitores entreolharam-se, mas aguentaram em silêncio esta piada.

— Dick não se sente bem, doutor — disse um deles.

— Não? Pois vem cá, Dick, e mostra a língua. Ora esta! O que me causaria surpresa era se ele se sentisse bem! A língua desse rapaz é capaz de meter medo aos franceses... Mais um com febre.

— Ah! Isso acontece a quem profana Bíblias — sentenciou Morgan.

— Isso acontece, como você diz — retrucou o médico —, porque vocês todos são rematadas bestas e não têm sequer o senso preciso para diferenciar o ar puro do pestilento, nem a terra seca e salubre de um paul pestífero. Na minha opinião, é apenas uma opinião minha, é claro, acho que terão ainda muito que sofrer, antes de se verem livres dessa malária. Também... Também... acampar num atoleiro, não é? Isso me surpreende, Silver. Você é o menos maluco de todos eles, mas parece que não conhece sequer os rudimentos das regras elementares de higiene!

Foi dando a cada um a sua dose, e todos iam aceitando suas prescrições com humildade verdadeiramente ridícula — mais semelhantes a meninos de asilo de caridade do que aos piratas e amotinados sanguinários que eram. Depois disse:

— Bem, por hoje basta. Agora desejaria dizer duas palavras àquele menino.

E apontava para mim, indiferentemente.

George Merry, que estava à porta, cuspiendo alguma xaropada de mau

gosto, ao ouvir a primeira palavra deste pedido do doutor, voltou-se vivamente, gritando, no meio de uma praga, um redondo:

— Não!

Silver, porém, deu um murro no barril e trovejou, olhando ao redor, como um leão:

— Silêncio!

Depois, voltando-se para o médico, continuou no seu tom natural:

— Doutor, eu estava pensando nisso mesmo, sabendo da sua simpatia pelo guri. Estamos todos humildemente agradecidos pela sua bondade e, como bem vê, temos toda a confiança no senhor, e tomamos seus remédios como quem bebe um grogue. Creio que achei um meio de contentar a todos. Hawkins, tu dás tua palavra de jovem fidalgo, porque és um fidalguinho, embora nascesses pobre, dás tua palavra de que não foges?

Prontamente dei minha palavra.

— Então, doutor — disse Silver —, o senhor vai sair da paliçada, e, quando estiver lá fora, levo o menino até lá; poderão conversar através da cerca. Passe bem, doutor, e meus cumprimentos ao *squire* e ao capitão Smollett.

A explosão de desagrado, apenas refreada pelo olhar negro de Silver, rebentou assim que o médico saiu. Silver foi acusado de duplicidade — de procurar fazer a paz em separado, para se beneficiar dela —, de sacrificar os interesses de cúmplices e vítimas; em uma palavra, de proceder exatamente como estava procedendo.

Tudo isso era para mim tão evidente que não percebia como poderia desarmar-lhes a cólera.

Mas aquele homem valia por dois deles, e a vitória da véspera dera-lhe notável preponderância sobre a malta toda. Chamou-lhes loucos e patetas, disse que era necessário que eu falasse com o doutor, sacudiu-lhes a carta da ilha no nariz e perguntou-lhes se era prudente romper o acordo no mesmo dia em que pretendiam alcançar o tesouro.

— Não! Com todos os diabos! — gritava ele. — Devemos romper o acordo quando nos convier, quando chegar o momento oportuno; até lá hei de ludibriar esse doutor, nem que tenha de lhe besuntar as botas com aguardente.

Ordenou-lhes que acendessem o fogo e, encostado à muleta, saiu da cabana, com a mão apoiada no meu ombro. Os outros ficaram lá, desorientados e menos convencidos do que arrebatados pela sua eloquência.

— Devagar, menino, devagar... Eles nos cercariam em um abrir e fechar

de olhos, se vissem que nos apressamos.

Prudentemente, então, fomos andando pela areia, até o sítio onde o médico me esperava, do outro lado da paliçada; assim que chegamos a uma distância regular, Silver parou.

— Doutor — disse então —, espero que não lhe escape o seguinte: que salvei a vida do menino, ele dirá de que maneira, e que fui deposto por isso, pode acreditar, doutor! Ora, o senhor bem vê, quando um homem está tão perto da morte como eu, brincando, por assim dizer, de cabra-cega com ela, é que... pois bem, doutor, não acha que seja justo dizer-lhe uma palavra amável? Compreende, certamente, que não é só a minha vida que está em jogo, mas a do rapaz também; e falará a meu favor, doutor, e me dará alguma esperança, por misericórdia!

Era agora outro homem, agora que havia saído da presença dos seus amigos do fortim e dava-lhes as costas. Tinha o rosto descaído, a voz trêmula; era a imagem viva da ansiedade.

— Mas, John — disse o doutor —, você não tem medo, não é verdade?

— Doutor, eu não sou covarde, não, não... não sou tão covarde! — retrucou Silver torcendo as mãos. — Se fosse covarde, eu não diria isso. Mas confesso que sinto arrepios, ao pensar na força... O senhor é um homem bom e leal; nunca vi ninguém mais bondoso do que o senhor! Não esquecerá o que tenho feito de bom, como não esquecerá o que fiz de mau, bem sei. Vou me afastar e deixo o senhor só com Jim. E levará isso em meu favor também, porque é grande façanha esta, na verdade!

Voltou alguns passos, até ficar fora do alcance de nossa voz, e sentou-se num tronco, a assobiar. De vez em quando, deitava-nos um olhar e também aos bandidos que iam e vinham pelo terreiro, entre a fogueira — que alimentavam cuidadosamente — e a casa, onde iam buscar carne de porco e pão para o almoço.

— Então, Jim — disse o doutor tristemente —, vieste parar aqui... Quem boa cama faz, nela se deita, meu rapaz! Deus sabe que não acho em meu coração nem uma palavra de censura para o teu procedimento; mas não posso deixar de dizer que foi uma espécie de ingratidão: quando o capitão Smollett estava são, não te atreveste a escapar; e, vendo-o cair doente, sem poder te impedir... Por são George! Isso foi covardia! Confesso que aqui rompi em lágrimas.

— Doutor, tenha dó de mim... Já me penitenciei bastante; minha vida está perdida, e já estaria morto se Silver não me tivesse protegido. Pode

acreditar, doutor, não tenho medo da morte, e bem a mereço!, mas o que me assusta é a tortura. Se eles chegam a me torturar...

— Jim — interrompeu-me o doutor, com a voz alterada. — Jim, não posso ouvir isso! Salta para cá; vamos fugir!

— Doutor, dei a minha palavra!

— Bem sei, bem sei — disse ele. — Agora não podemos fazer mais nada... Eu arcarei com todas as consequências, com todas as censuras, meu filho; mas não posso te deixar aqui! Salta! Um pulo, e estás livre; correremos como veados...

— Não, o senhor sabe bem que eu não faria tal coisa; nem o senhor, nem o *squire*, nem o capitão. Eu também não farei isso. Silver confiou em mim; dei minha palavra e voltarei. Mas o senhor não me deixou acabar. Se eles me torturarem, eu lhe terei dito onde está o barco; porque eu me apoderei do navio, meio por sorte, meio arriscando a vida; ele está agora na baía do Norte, na entrada sul e na altura da maré alta. Com a baixa-mar, deve ficar em seco.

— O barco! — exclamou o médico.

Contei-lhe rapidamente minhas aventuras, que escutou em silêncio.

— Há uma espécie de destino nisso tudo — observou ele quando acabei. — A cada passo, tu nos salvas a vida, e podes acreditar que em qualquer hipótese deixaremos que se perca a tua? Seria uma miserável recompensa, meu filho. Tu descobriste a conspiração; tu descobriste Ben Gunn... a melhor de tuas descobertas, e de todas quantas poderás fazer, ainda que vivas noventa anos! Mas, por Júpiter!, por falar em Ben Gunn, ele é o mal personificado!...

Voltou-se para Silver, gritando-lhe:

— Silver, Silver! Dou-lhe um conselho: não se apresse muito a procurar o tesouro...

— Mas, senhor, faço o que posso para isso, pode acreditar! Só que, com perdão da má palavra... achar esse tesouro é o único meio de salvar minha vida e a do guri; pode acreditar, doutor!

— Pois bem, se é assim, vou dizer mais uma palavra de aviso: cuidado com os gritos, quando o encontrar!

— Senhor, aqui de homem para homem, isso é dizer muito e muito pouco. O que existe por trás disso, por que deixou o fortim, por que me deu esta carta são coisas que não descubro, não posso. Apesar disso, fiz o que me pediu, de olhos fechados, e sem que me conceda uma palavra de esperança! Mas não, isso é demais! Se não quer me dizer claramente o que pretende,

abandono o leme.

— Não — disse o doutor, meditativo —, não tenho o direito de dizer mais. O segredo não me pertence, Silver... Senão, dou-lhe minha palavra que o contaria! Mas vou dizer o mais que posso, e talvez um pouco mais... porque, ou muito me engano, ou o capitão me arrancará a cabeleira... Pois bem, vou lhe dar uma palavra de esperança: se sairmos ambos vivos desta tramoia, farei tudo o que puder para salvá-lo, prometo-lhe!

Foi com o rosto radiante que Silver respondeu:

— Ninguém podia falar melhor, senhor, nem que fosse minha própria mãe!

— Pois bem — continuou o doutor —, é essa a minha primeira concessão. A segunda é um conselho: conserve sempre o rapaz a seu lado e, quando necessitar de auxílio, chame. Vou buscá-lo e verá que não falo em vão. Adeus, Jim.

O dr. Livesey apertou-me a mão do outro lado das tábuas e saudou Silver com a cabeça. A passo apressado, afastou-se rumo ao mato.

IV

A CAÇA AO TESOURO — O MARCO DE FLINT

— Jim — disse Silver, quando nos achamos a sós —, eu te salvei a vida,

mas tu também salvaste a minha; jamais esquecerei isso. Vi o doutor te acenar com a fuga, vi com o rabo do olho, sim. E vi que disseste *não* tão perfeitamente como se tivesse ouvido. Isso depõe a teu favor, Jim. Foi o primeiro raio de esperança que tive, desde o ataque gorado, e essa esperança é a ti que devo. Agora, Jim, temos de ir em busca desse tesouro, com carta de prego, de mais a mais, o que não me agrada. Devemos ficar juntos, lado a lado, para podermos salvar a pele, seja como for.

Nesse instante um homem chamou-nos para perto do fogo — pois o almoço estava pronto; e sentamo-nos no chão, para comer biscoitos e presunto frito. Tinham feito uma fogueira tão grande que dava para assar um boi; ela aquecera de tal forma ao redor que mal nos podíamos aproximar, do lado do vento, e isso mesmo com precauções. Não tinham poupado mais os víveres do que a lenha, pois cozinham, ao que me pareceu, três vezes mais do que aquilo que poderíamos comer. Um deles, rindo grosseiramente, atirava ao fogo o que sobrou, e esse combustível inesperado deu novo incremento às labaredas, que se ergueram ainda mais alto. Nunca vi gente mais despreocupada com o futuro; viviam só no presente. Vendo-os desperdiçar os víveres e dormir quando faziam sentinela, parecia-me que não poderiam suportar uma campanha prolongada, posto que os soubesse capazes de guerrear com afinco.

Nem o próprio Silver, que comia alentadamente, com o Capitão Flint no ombro, achava uma única palavra para censurar-lhes a negligência. E isso me surpreendia, ao mais alto ponto, pois que jamais o vira tão astucioso.

— Sim, camaradas — dizia ele —, é uma sorte para vocês ter Barbecue para pensar em tudo, não é? Ele pensa por vocês todos, com esta cabeça... Eu alcancei o que queria, sim... É certo que eles têm o barco. Onde, não sei ainda; mas, quando tivermos lançado mão do tesouro, havemos de procurar e achar o navio. E então, camaradas, quem tiver o barco terá a vitória.

Falava com a boca cheia de toicinho quente, reanimando a esperança dos homens, que sentiam renascer-lhes a confiança. Mas a mim me parecia que quem mais necessitava desse encorajamento era ele próprio.

— Quanto ao nosso refém — continuou ele —, será essa a última conversa que terá com aquela gente, que tanto aprecia. Já sei o que desejava, e graças a ele. Mas agora acabou-se! Eu levarei o rapaz preso a uma corda, quando formos em busca do tesouro, porque devemos guardar o guri como se valesse seu peso em ouro, em caso de algum acidente e para o que der e vier. Mas, quando tivermos nas mãos navio e tesouro, e nos virmos no mar, como

bons camaradas, ah!, então falaremos sobre o sr. Hawkins! Sim, falaremos... E havemos de dar-lhe a sua parte, certamente, em paga de todas as suas bondades.

Não era de estranhar que todos estivessem agora de bom humor. Pela minha parte, sentia-me terrivelmente abatido. Se tivesse ocasião de pôr em prática o plano que acabava de delinear, Silver, já duplamente traidor, não hesitaria em executá-lo. Conservava um pé em cada um dos campos inimigos e não havia dúvida de que preferiria ficar rico e livre, na companhia dos piratas, a uma simples escapada da forca, única coisa que poderia esperar da nossa parte.

E, mesmo que ele se visse obrigado pelas circunstâncias a manter a palavra dada ao dr. Livesey, não seria menor o perigo que corríamos. Que seria de nós, no momento em que seus camaradas vissem suas suspeitas confirmadas e nós dois tivéssemos de defender a vida! Ele, um inválido, e eu, um menino — contra cinco marujos fortes e ágeis!

Vinham ainda aumentar essa dupla apreensão o mistério que pairava sobre o procedimento de meus amigos; o abandono da paliçada, o que eu não podia compreender; a inexplicável cessão do mapa da ilha; e, o que era mais estranho ainda, o último aviso do doutor a Silver: “Cuidado com os gritos, quando encontrar o tesouro...”

Não é de estranhar, pois, a minha falta de apetite no almoço, nem a ansiedade com que segui meus carcereiros na pesquisa do tesouro!

Se houvesse por ali alguém para nos observar, acharia que fazíamos uma figura esquisita; todos vestidos de roupas de marinheiro, imundas, e todos — exceto eu — armados até os dentes. Silver levava duas espingardas a tiracolo — uma na frente e outra nas costas —, além da grande faca na cintura; e uma pistola em cada bolso da sobrecasaca de abas quadradas. Para completar sua estranha aparência, levava empoleirado no ombro o Capitão Flint, que tagarelava incessantemente, dizendo frases sem nexos, na gíria dos marinheiros.

Eu ia amarrado a uma corda, pela cintura; e seguia obedientemente o cozinheiro, que segurava a outra ponta, ora com a mão livre, ora com os dentes fortíssimos.

Os outros iam carregados de várias maneiras; alguns levavam picaretas e pás — a primeira coisa que tinham desembarcado da *Espanhola* —, outros carregavam carne de porco, pão e cachaça, para o almoço. Todas as provisões, bem o vi, provinham do nosso sortimento, o que veio confirmar as

palavras que Silver me dissera na noite anterior. Se não tivessem feito uma troca com o doutor, ele e os companheiros, privados do barco, teriam de viver da caça, bebendo água pura... Ora, a água não era nada agradável para aquela gente; acresce que o marinheiro não é, por via de regra, bom atirador; além do mais, não é provável que estivessem mais bem providos de munição de guerra do que de boca.

Partimos, pois, todos — até o sujeito da cabeça quebrada, que certamente ainda carecia de cuidados — e seguimos para a praia, onde nos esperavam os dois botes.

Até os barcos revelavam sinais das bebedeiras dos piratas — ambos imundos de lama e um com um banco partido. Devíamos levá-los conosco, para o que desse e viesse. Assim, repartindo-nos por ambos os botes, fomos até o fundo do ancoradouro.

Enquanto remávamos, surgiu uma discussão a respeito da carta. A cruz vermelha era, sem dúvida, grande demais para servir de ponto de partida; e os termos da nota escrita no verso, como veremos, prestavam-se a certa ambiguidade. O leitor há de lembrar-se de que diziam isto:

“Árvore alta, no flanco da colina do Óculo, na direção do N de N.N.E.
Ilha do Esqueleto E.S.E. e quarto a E.
Dez pés.”

De modo que a característica mais importante era “uma árvore alta”. Ora, mesmo em frente, víamos que o ancoradouro era limitado por um planalto de cerca de cem metros de altura, que ao norte ia dar no flanco sul do Óculo e tornava a se erguer para o sul, formando a eminência áspera e escarpada chamada morro do Mastro da Mezena.

Esse planalto era coberto de pinheiros, de várias alturas. A cada passo outra árvore de espécie diferente erguia-se a maior altura, ultrapassando em

muitos metros as suas vizinhas, mas somente poderíamos saber qual dessas era a “árvore alta” de Flint, quando a encontrássemos; com o auxílio da bússola.

E ainda assim, antes que chegássemos à metade do caminho, já cada tripulante dos botes tinha escolhido uma árvore, designando-a como verdadeira; só Long John encolhia os ombros, pedindo-lhes que esperassem chegar ao lugar.

Seguindo as ordens de Silver, remávamos devagar, para não fatigar os homens antes do tempo; e, depois de longa viagem, aterramos na embocadura do segundo rio — o que desce do Óculo por uma abertura ou vale ensombrado de árvores.

Dali, tomando à esquerda, começamos a ascensão do planalto.

A princípio, tolhiam-nos a marcha a terra lamacenta e a vegetação intrincada dos pauis; mas pouco a pouco a costa ia ficando mais íngreme, e sentíamos o terreno mais pedregoso sob os pés; a aparência da vegetação também era outra agora, mais vigorosa e separada.

É que íamos aproximando-nos da parte mais agradável da ilha. A giesta cheirosa e a infinidade de arbustos floridos substituíam quase inteiramente a grama. Por entre os bosques cerrados de verdes moscadeiras, apareciam os troncos avermelhados, as vastas copas umbrosas dos pinheiros, que misturavam o aroma resinoso com o cheiro forte da especiaria.

Além disso, o ar era fresco e vivo, e, depois dos ardores do sol, parecia-nos admiravelmente convidativo.

Dispersou-se logo o grupo, formando um leque; todos gritavam e davam saltos. No centro, e muito distante de todos eles, eu e Silver seguíamos suas pegadas — eu preso pela corda, ele ofegante e mal seguro, andando com dificuldade por entre o pedregulho resvaladiço. O certo é que, de vez em quando, eu tinha de lhe estender a mão; do contrário, perderia o pé e rolaria pela encosta abaixo.

Já tínhamos andado assim quase um quilômetro e estávamos perto do cimo do planalto, quando o homem que ia bem na frente, à esquerda, começou a soltar grandes gritos de terror. Lançava brados e mais brados, e os outros deitaram a correr para o seu lado.

— Ele não podia ter achado o tesouro — disse o velho Morgan, passando por nós, a toda a pressa, vindo da direita. — O tesouro está lá em cima...

E era na verdade coisa bem diferente o que íamos encontrar ali. Ao pé

de um lindo e alto pinheiro, jazia um esqueleto humano, ainda com uns farrapos de roupa. Envolvia-o todo a folhagem de uma planta rasteira, que já deslocara alguns dos ossos menores.

Creio que não houve ninguém que não sentisse um calafrio.

— Era um marinheiro — disse George Merry.

Mais animoso que os demais, ele chegara perto e examinava os farrapos.

— Pelo menos, isto é pano de marinheiro.

— Sim, sim — disse Silver —; é muito provável. Acho que não esperavam encontrar um bispo nestas paragens, não? Mas... que posição esquisita a dos ossos... Não é nada natural, não!

Um outro olhar nos mostrou logo que na verdade ninguém acreditaria ser aquela a posição natural do corpo. Porque, devido a um impulso qualquer — fosse o dos pássaros que se haviam banquetado no cadáver, fosse o da planta, que aos poucos tinha coberto o esqueleto —, o homem se apresentava direito, os pés apontando para uma direção e as mãos, erguidas acima da cabeça, como as de um mergulhador, indicando a direção oposta.

— Minha velha cabeça tem uma ideia — observou Silver. — Aqui está a bússola, e lá aparece o topo da ilha do Esqueleto, sobressaindo como um dente. Tomem a posição, na direção dos ossos.

Isso feito, verificou-se que o corpo apontava direto na direção da ilha, e a bússola indicava exatamente E.S.E. quarto a E.

— Bem me parecia — disse o cozinheiro. — Isto é um indicador. Lá em cima está o nosso norte, e os cobiçados dólares. Mas... com todos os diabos! Sinto calafrios, pensando em Flint! É uma de suas chacotas, sem dúvida nenhuma... Isto é bem dele! Estavam aqui sozinhos, ele e os outros seis; matou todos, um por um. E arrastou este até aqui, para fazer dele uma bússola, caramba!... Os ossos são compridos, e o cabelo era louro... Sim, pode ser que fosse Allardyce... Não achas que era Allardyce, Tom Morgan?

— Sim, sim — retrucou este —, acho que é ele. Estava me devendo algum dinheiro... e trouxe minha faca quando desembarcou.

— Por falar em facas — disse outro —, como é que não achamos a dele aqui? Flint não era sujeito que esvaziasse os bolsos de um marinheiro... E as aves, ora! Aposto que elas não carregaram a faca também!

— Com os diabos! É verdade! — gritou Silver.

— Por aqui nada ficou — disse Merry, procurando ao redor dos ossos —, nem um vintém de esmola, nem nada... Isso é que não me parece natural.

— Não, certamente, nem a mim — observou Silver. — Não é natural

nem cortês, podes dizer. Por mil canhões! Camaradas! Se Flint fosse vivo, este lugar não seria nada seguro, nem para mim nem para vocês... Eles eram seis, como nós somos também. E agora o que resta deles é a ossamenta.

— Vi o homem morto, com estes olhos que a terra há de comer — disse Morgan. — Billy me levou lá. Ele estava deitado, com os olhos fechados.

— Morto... Lá isso morto ele está, e bem morto — disse o homem da cabeça enfaixada —; mas, se as almas voltam, a de Flint é uma delas. Coitado! Teve uma morte desgraçada... Flint!

— Foi mesmo — observou outro —, ele gritava enfurecido, pedia rum, cantava *Quinze homens*... Era só o que ele cantava, camaradas; e eu, para falar a verdade, depois disso nunca mais pude ouvir com prazer essa canção. Fazia muito calor, o vento era suave; e eu ouvia perfeitamente a cantiga... O homem já estava nos arrancos da morte...

— Vamos, vamos — disse Silver —, chega desta conversa. Ele está morto e não pode caminhar, que eu saiba. Pelo menos, não caminha de dia, podes ficar descansado. O seguro morreu de velho. Vamos, acima, para os dobrões!

Partimos, é certo; mas, embora o sol continuasse a brilhar, espalhando sua claridade por toda parte, os piratas não seguiam mais espalhados, a gritar e a correr pela floresta — conservavam-se reunidos, falando em voz baixa.

O medo do corsário morto dominava-lhes o espírito.

v

A CAÇA AO TESOURO — A VOZ NA FLORESTA

Assim que chegamos ao alto do morro, sentamo-nos todos; o terror abatera

os ânimos, e era necessário também dar algum descanso a Silver e ao camarada doente.

O planalto inclinava-se um pouco para oeste, e dali descortinávamos uma vasta extensão para ambos os lados. Diante de nós, por cima das copas das árvores, avistávamos o cabo dos Bosques, cercado de espuma.

Mais além víamos não só o ancoradouro e a ilha do Esqueleto, mas também — para além da ponta de terra e da praia de leste — uma grande extensão de mar.

Justamente acima de nós se erguia o Óculo, nuns pontos salpicado de pinheiros isolados, noutros todo gretado de precipícios.

Só se ouvia o rugido distante das vagas, ao redor de toda a ilha, e o zumbido dos insetos sem conta que viviam no matagal. Nem um homem; nem um navio. A própria vastidão do panorama aumentava aquela sensação de isolamento.

Sentando-se, Silver orientou-se por meio da bússola.

— Há três *árvores altas* — disse ele — mais ou menos na direção da ilha do Esqueleto. O Flanco do Óculo há de ser aquela ponta de terra mais baixa, ali... É agora uma brincadeira achar o bolo. Estou até querendo jantar primeiro...

— Eu não tenho fome — resmungou Morgan. — A lembrança de Flint... penso que foi isso... me tirou o apetite.

— Então, meu rapaz, dá graças aos fados por ele estar morto! — disse Silver.

— Era um demônio danado! — gritou outro pirata, estremecendo. — E de cara arroxçada, também!

— Foi o rum que lhe deu aquela cor — disse Merry. — Roxo! Sim, era mesmo arroxçado. É a palavra exata!

Depois do encontro com o esqueleto e, influenciados pelos pensamentos que aquele achado despertara neles, falavam cada vez mais baixo: agora cochichavam, de modo que o som das vozes mal perturbaria o silêncio do mato. De repente, mesmo do meio das árvores que nos ficavam em frente, uma voz fraca, mas aguda e muito trêmula rompeu a cantar a ária tão conhecida do bando todo — música e palavras:

*Quinze homens sobre a mala do defunto...
Io-ho-ho, e uma garrafa de rum!*

Nunca vi na minha vida homens mais aterrados do que aqueles piratas. Como por encanto, os seis rostos ficaram lívidos; alguns se ergueram de um salto; outros, engalfinharam-se nos companheiros; Morgan jogou-se ao chão.

— É Flint! — bradou Merry.

O canto cessou tão repentinamente como começara — poderia se dizer que alguém o interrompera, tapando com a mão a boca do cantor no meio de uma nota.

Vindo assim, de longe, através do ar transparente e iluminado, por entre a ramaria verde das árvores, pareceu-me leve e doce — e não compreendia o estranho efeito que causara a meus companheiros.

— Vamos — disse Silver, forçando-se a falar, a despeito do tremor dos lábios lívidos. — Isso não é nada. Ânimo, e avante! É uma peça divertida, é. Não conheço a voz, mas é uma brincadeira... alguém de carne e osso, podem crer.

Retornara-lhe a coragem e voltara-lhe a cor ao rosto, enquanto falava. Já os outros começavam a se animar, a essas palavras de encorajamento, e sentiam-se mais audazes, quando a mesma voz ecoou; não cantava agora, mas chamava, lá de longe, com um brado apagado, que retinia mais enfraquecido ainda entre os rochedos do Óculo:

— Darby Mac Graw! — gemia a voz (é a expressão justa) — Darby Mac Graw! Darby Mac Graw!...

E repetia, e repetia, e repetia o mesmo chamado lamentoso. De vez em quando a voz se elevava um pouco mais e, com uma praga que não reproduz, dizia:

— Vá buscar o rum, Darby!

Os piratas, cravados de repente no solo, com os olhos fora das órbitas, escutavam.

Havia muito que a voz emudecera, e eles olhavam ainda em silêncio, aterrados, para o mato em frente.

— É ele mesmo — gaguejou um. — Vamos!

— Foram as últimas palavras dele — murmurou Morgan. — Foram as últimas palavras que pronunciou...

Dick pegara a Bíblia e orava apressadamente. Tinha sido bem-educado, aquele Dick, antes de cair no meio daquela péssima companhia.

Silver, contudo, não se rendia. Ouvia-lhe os dentes baterem uns nos outros, mas ainda não se dava por vencido.

— Ninguém nesta ilha ouviu jamais falar em Darby — murmurou ele —, ninguém a não ser nós, eu e vocês.

Depois, fazendo um grande esforço, gritou:

— Camaradas, vim aqui para buscar esta *mina* e não para ser desbaratado por homem algum, nem pelo diabo! Nunca tive medo de Flint vivo e agora, com todos os diabos!, hei de enfrentar a alma dele! A menos de meio quilômetro daqui estão setecentas mil libras... Quando foi que um fidalgo de fortuna deu as costas a tamanha riqueza? E por causa de um velho marujo, bêbado, de cara roxa e morto ainda por cima!

Mas isso não reavivava mais a coragem dos companheiros; antes, cresceu-lhes o terror, ao ouvir essas palavras irreverentes.

— Oh! Cale-se, John! — disse Merry. — Não desafie um espírito!

Quanto aos demais, estavam tão aterrorizados, que nem poderiam replicar coisa alguma. Se o susto lhes permitisse, teriam deitado a correr. Mas o medo os unia uns aos outros e os atraía para o lado de John, em cujo arrojo pareciam confiar.

Por sua vez, este tinha dominado a própria fraqueza.

— Espírito? Sim... Pode ser — disse ele. — Mas há aqui uma coisa que ainda não compreendo. Havia um eco. Ora, alguém já viu um espírito com sombra? E, nesse caso, como teria ele um eco? É o que eu desejava saber. Isso não é natural, não!

Pareceu-me bem frágil esse argumento; mas ninguém sabe o que vai impressionar o homem supersticioso, e, com grande surpresa, vi que George Merry se tranquilizava imediatamente.

— É isso mesmo — disse ele. — Você tem cabeça, John, e acerta sempre! Virar de bordo, camaradas! Esta equipagem vai no rumo errado, me parece. E agora, voltando a pensar nisso, que era parecida com a voz de Flint, isso era; mas não exatamente como a dele, não, não era, afinal... Era mais parecida com a voz de algum outro... a voz de...

— Com mil demônios! Era a voz de Ben Gunn — gritou Silver.

— Sim, era isso mesmo — disse Morgan, erguendo-se sobre os joelhos.

— Era a voz de Ben Gunn!

— Isso não tem importância, afinal, não é? — perguntou Dick. — Ben Gunn não está mais vivo do que Flint...

Os velhos acolheram com desdém essa observação.

— Mas ninguém se importa com Ben Gunn — disse Merry. — Morto ou vivo, ninguém se importa com ele.

Era extraordinária a rapidez com que se reanimavam; já lhes retornava às faces a cor natural. Imediatamente se puseram a tagarelar, escutando de tempos a tempos; pouco depois, não tendo ouvido mais som algum, puseram os instrumentos no ombro e continuaram a marcha; Merry ia adiante, com a bússola de Silver, para guiá-los direto na direção da ilha do Esqueleto. Ele dissera a verdade: morto ou vivo, ninguém fazia caso de Ben Gunn.

Só Dick ainda empunhava sua Bíblia e olhava ao redor enquanto andava, temeroso. Mas ninguém o acompanhava, e Silver zombava de suas precauções.

— Eu bem te dizia, bem te dizia... tinhas estragado tua Bíblia. Que caso vai fazer uma alma do outro mundo de um livro que já nem serve para a gente jurar sobre ele? Nem isto!

E, firmando-se na muleta, parava por um momento, para mostrar, dando estalidos com os enormes dedos.

Mas não havia maneira de reanimar Dick. Vi desde logo que o rapaz se sentia doente. A febre que o dr. Livesey predissera aumentava consideravelmente sob a ação do calor causticante, da exaustão e do abalo causado por aquele terror.

Era agora agradável o caminho sobre o vértice; seguíamos por uma leve descida, pois o planalto, como já disse, apresentava declive suave para oeste. Cresciam ali mais espalhados os pinheiros, grandes e pequenos; e, por entre os agrupamentos de moscadeiras e azáleas, grandes espaços permitiam que os raios do sol inundassem o solo.

Indo assim, na direção noroeste, através da ilha, chegávamos cada vez mais perto do flanco escarpado do Óculo; além disso, descortinávamos uma extensão cada vez maior da baía ocidental, onde eu, no meu *coracle*, tanto penara e tremara.

Quando chegamos junto da primeira árvore alta, verificou-se, tomando a posição, que não era a indicada na carta.

Do mesmo modo, a segunda.

Erguia-se a terceira a mais de sessenta metros acima da mataria baixa.

Era um gigante vegetal. O tronco vermelho tinha as proporções de uma cabana, e a vasta sombra da copa imensa poderia abrigar uma companhia inteira, em manobra. Era visível do mar, a grande distância, tanto a leste quanto a oeste; e podia muito bem servir como ponto de referência numa carta marítima.

Contudo, não era o tamanho da árvore gigantesca que preocupava meus companheiros: era a certeza de que aquelas setecentas mil libras de ouro jaziam enterradas nalgum sítio, sob a sua ampla sombra. E, quanto mais se aproximavam, mais se desvanecia neles o sentimento de terror — que a lembrança do dinheiro afastava para bem longe.

De olhos brilhantes, os passos mais leves e ágeis, aqueles homens só tinham agora a mira naquela riqueza, na vida de prazeres que lhes ia proporcionar o tesouro que esperava por eles debaixo da terra.

Silver, resmungando, coxeava, apoiado à muleta; as narinas palpitavam e agitavam-se; praguejava como um possesso, quando as moscas lhe vinham pousar no rosto ardente e suarento; puxava furioso a corda que me prendia e, de vez em quando, deitava-me um olhar feroz. Não se dava ao trabalho de ocultar seus pensamentos — que eu podia ler como num livro aberto.

Chegando às vizinhanças do ouro, tudo o mais fora esquecido; sua promessa e o aviso do doutor já não existiam. Não me restava dúvida de que ele esperava apossar-se do tesouro, dirigir-se para bordo da *Espanhola*, ao abrigo da noite, degolar toda a gente honesta da ilha e fazer-se de vela, como a princípio pretendia, carregado de crimes e de riquezas.

Assim perturbado por todos esses pensamentos, era-me difícil acompanhar o passo rápido dos buscadores do tesouro. Tropeçava de vez em quando, e era nessas ocasiões que Silver puxava a corda mais asperamente, devorando-me com seus olhares assassinos.

Dick, que ficara para trás e agora fechava a marcha, gaguejava consigo mesmo, misturando pragas e orações, porque a febre continuava a aumentar. Isso também aumentava minha aflição; e, para coroar a obra, apavorava-me a ideia da tragédia que se desenrolara naquele planalto. Foi ali que o pirata ímpio, de rosto violáceo — aquele que morrera em Savannah, cantando e gritando por bebida —, matara, com as próprias mãos, seus seis cúmplices. Aquele matinho, agora tão tranquilo, devia ter retinido aos seus gritos, pensava eu; e, só a esse pensamento, parecia-me ouvi-lo retinir de novo...

Chegamos à orla do mato.

— Viva! Camaradas! Todos juntos! — bradou Merry.

E os da vanguarda deitaram a correr.

Mas nem tinham andado dez metros, quando vimos que pararam de repente.

Ouviu-se um grito surdo.

Silver diminuiu os passos, enterrando a ponta da muleta no chão, como um possesso. Em poucos segundos, nós dois também fazíamos alto, assombrados.

Diante de nós havia uma grande escavação, não muito recente, porque as bordas tinham já desmoronado, e brotava grama no fundo. Lá estavam o cabo de uma picareta, partido em dois, e algumas tábuas de caixões, numa das quais se via gravado a ferro quente o nome do navio de Flint — *Walrus*.

Era evidente: alguém descobrira e pilhara o esconderijo.

E as setecentas mil libras... tinham voado.

VI

CHEFE DEPOSTO

Jamais se viu no mundo desilusão semelhante. Os homens pareciam

pregados repentinamente no solo. Mas Silver não ficou por muito tempo dominado pelo espanto. Todos os seus pensamentos tinham sido dirigidos sem desvio, como o cavalo que corre para a raia, para aquele dinheiro; e, num segundo, via tudo desfeito. Pois ainda assim, e antes que os outros tivessem compreendido bem a extensão do seu desengano, ele, conservando-se senhor de si, mudara o plano original.

— Jim — disse-me ele em segredo —, toma isto e põe-te em guarda.

E entregou-me uma pistola de dois canos.

Ao mesmo tempo se dirigia tranquilamente para o lado norte e em poucos passos tinha deixado ficar a escavação entre nós dois e os outros cinco.

Então olhou para mim, fazendo um aceno de cabeça, como quem diz: “Estamos encurralados.”

Cá no íntimo, eu também era dessa opinião!

E, vendo-lhe o olhar agora cheio de ternura, revoltado diante daquela duplicidade, não me contive e murmurei:

— Já te bandeaste outra vez...

Mas ele nem teve tempo de responder. Os piratas, soltando gritos e praguejando, saltaram para dentro da cova, um após outro, revolvendo a terra com os dedos e jogando as tábuas para os lados. Morgan achou uma moeda de ouro. Segurou-a, desandando em brados e imprecações terríveis. Era uma moeda de dois guinéus, que, em alguns segundos, correu de mão em mão.

— Dois guinéus! — esbravejou Merry, sacudindo a moeda para o lado de Silver. — São estas as tuas setecentas mil libras, não é? És o homem das negociatas, não é? E és o homem que nunca fez asneiras, não é? Não é, seu cabeça de porongo? Seu poltrão!

— Vão cavando, camaradas — disse Silver com a maior insolência —; não me admiro se encontrarem túberas por aí.

— Túberas! — repetiu Merry, desdenhoso. — Ouvem, rapazes? Pois digo agora que esse homem já sabia disso! Olhem para a cara dele e verão isso escrito ali.

— Oh! Merry — observou Silver. — Estás querendo a chefia outra vez? És um rapaz ousado, lá isso és!

Desta vez, porém, todos estavam do lado de Merry. E foram saindo da cova, lançando-lhe olhares furiosos.

Mas — observei isso com grande alívio, porque esse sinal nos era favorável — saíram todos pelo lado oposto.

Paramos ali, cinco de um lado, dois do outro, separados pela cova, sem que nenhum se atrevesse a atacar. Silver não se movera; olhava para eles, reto e altivo, apoiado à muleta e, ao que parece, tão sereno quanto o vira sempre. Era um valente, não há dúvida.

Afinal, Merry resolveu falar, talvez supondo que isso resolveria a situação.

— Camaradas — disse ele —, são dois sozinhos; um é um velho inválido, que nos trouxe até aqui para zombar de nós; o outro é aquele filhotinho; desse eu quero arrancar o coração. Pois então, camaradas...

Ergueu o braço enquanto falava, preparando-se para atirar. Mas nesse exato momento... Pum! Pum! Pum! Três tiros partiram do mato.

Merry caiu de cabeça para baixo dentro da cova; o homem da cabeça ferida rodou como um pião e caiu a seu lado, estendido, já no último arranco. Os outros três voltaram-se e puseram-se a correr toda velocidade.

Sem perda de tempo, Long John Silver desfechou os dois canos da sua arma em Merry, que se debatia no buraco. E, como o ferido virou para ele os olhos, nas vascas da agonia, disse-lhe:

— George, creio que estamos quites!

Nesse instante, apareceram o doutor, Gray e Ben Gunn, com as pistolas fumegantes, vindos do lado das moscadeiras.

— Para a frente! E atropelem, rapazes! Vamos chegar aos botes antes deles!

Pusemo-nos a correr pelo meio da mataria densa, que às vezes nos chegava até o peito.

E o que sei é que Silver se esforçava por emparelhar conosco. Nenhum homem são poderia certamente fazer o que ele fez, no empenho de nos acompanhar, saltando naquela muleta, com os músculos do peito tão retesados que pareciam prestes a estourar.

O doutor também é da mesma opinião.

Mesmo assim, já se distanciara de nós uns trinta metros e estava meio sufocado, quando chegamos ao alto do talude.

— Doutor! — chamou ele então. — Olhe aqui! Doutor! Não há pressa!

Sim, de fato, não havia pressa. Tendo chegado a uma clareira do planalto, vimos os três sobreviventes ainda a correr na mesma direção em que tinham partido, direto para o morro do Mastro da Mezena. Estávamos então já a meio caminho, entre eles e os botes; sentamo-nos para tomar fôlego, enquanto Silver, enxugando o rosto, subia vagarosamente até nos alcançar.

— Muito obrigado, doutor... O senhor chegou mesmo a propósito, pode acreditar, para me salvar e a Hawkins. Então é você, Ben Gunn? Mas você é muito delicado, não há dúvida!

— Sou, sou Ben Gunn, sou — replicou o enjeitado, retorcendo-se como uma enguia, no maior embaraço.

Depois de uma longa pausa, continuou:

— E como vai passando, sr. Silver? Muito bem, obrigado, como vocês dizem.

— Ben, Ben — murmurou Silver. — O que você me fez...

O doutor mandou que Gray voltasse para buscar uma das picaretas, que os amotinados tinham abandonado na fuga; e, enquanto descíamos tranquilamente a colina, em direção ao sítio onde estavam os botes, relatou-nos, em poucas palavras, o que acontecera.

Era uma história que muito interessava a Silver, e o herói dela, do princípio ao fim, era Ben Gunn, o pirata enjeitado, meio idiota.

Ben, nos longos e solitários passeios pela ilha, encontrara o esqueleto — e o despojara. Achara o tesouro; desenterrara-o, e a picareta de cabo quebrado que lá estava era dele. Carregara-o às costas, em muitas jornadas fatigantes, de perto do alto pinheiro para uma caverna que possuía, no morro dos dois picos, no ângulo nordeste da ilha; e ali jazia o dinheiro depositado e em segurança, há dois meses mais ou menos, quando chegara a *Espanhola*.

Tendo-lhe arrancado o segredo, na tarde do ataque, e, vendo no dia seguinte o ancoradouro deserto, o doutor fora procurar Silver. Deu-lhe então a carta, agora inútil, e os mantimentos, porque Ben Gunn tinha a caverna bem suprida de carne de cabra salgada.

Concedeu-lhe tudo isso e o mais que ele exigiu, para poder retirar-se com segurança da estacada e subir para o morro de dois picos — a fim de ficar isento da malária e poder vigiar o tesouro.

— Quanto a ti, Jim, senti muito, mas fiz o que me pareceu melhor por aqueles que tinham ficado fiéis ao dever; e, se não fizeste parte desse número, a quem cabe a culpa?

Naquela manhã, vendo que eu também seria envolvido na armadilha que preparara para os insurretos, corraera até a caverna; deixando o capitão confiado à guarda do *squire*, levava consigo Gray e o enjeitado, e, cortando a ilha em diagonal, dirigiram-se para o pinheiro. Entretanto, logo percebera que o nosso bando tomara a dianteira; e, como Ben Gunn tinha os pés leves, despachara-o na frente para agir como melhor entendesse. Foi então que o

enjeitado concebeu a ideia de influir sobre a superstição de seus antigos companheiros; e isso deu tão bons resultados que dera tempo a Gray e ao doutor, que já se achavam emboscados antes que os caçadores do tesouro chegassem.

— Ah! — exclamou Silver. — Que sorte ter Hawkins comigo! O senhor deixaria que picassem o velho John, sem lhe dedicar um único pensamento, não é, doutor?

— Nem um pensamento! — replicou o doutor, alegremente.

Já então tínhamos alcançado os botes. O doutor, com uma picareta, destruiu um deles, e depois embarcamos todos no outro, para alcançar por mar a baía do Norte.

Silver, não obstante meio morto de cansaço como estava, sentou-se ao remo, como todos nós, e, dentro em pouco, navegávamos suavemente num mar sereno. Passamos os estreitos e dobramos o canto sueste da ilha, onde, havia quatro dias, amarráramos a *Espanhola*.

Quando passamos pelo morro dos dois picos, vimos a entrada escura da caverna de Ben Gunn e uma figura parada ao pé dela, empunhando um mosquete. Era o *squire*, e acenamos-lhe com o lenço, dando três vivas, nos quais a voz de Silver soava não menos calorosa do que a nossa.

Três milhas mais adiante, justamente na embocadura da baía do Norte, o que havíamos de ver? A *Espanhola*, vogando sozinha.

Desencalhara, com a última maré cheia. Se tivesse soprado vento forte, ou se viesse uma corrente mais viva, como a do ancoradouro sul, não mais a teríamos encontrado, a não ser que desse à costa, irremediavelmente perdida.

Mas ali, além da vela grande, eram pequenos os estragos. Aprestou-se logo outra âncora, que mergulhou em braça e meia de água. Tornamos a remar para a baía do Rum, o ponto mais próximo para chegar à casa-forte de Ben Gunn; e Gray voltou sozinho, com o bote, para a *Espanhola*, onde ia passar a noite, montando guarda.

Da baía à entrada da caverna o terreno erguia-se em suave declive. Em cima, o *squire* nos saiu ao encontro. Bondoso e cordial comigo, nada disse sobre a minha escapada — nem louvor nem censura. Mas corou levemente à polida saudação de Silver.

— John Silver, você é um refinado velhaco e impostor, um monstruoso impostor, sim. Disseram-me que não o perseguisse. Pois sim, então não farei isso. Mas os homens que morreram, todos eles lhe pesarão mais ao redor do pescoço do que pedras de mó!

— Agradeço sua bondade, senhor — replicou John, saudando-o outra vez.

— E você tem a ousadia de me agradecer! — gritou o *squire*. — Isso é uma grande falta minha! Suma daqui!

Entramos todos na caverna. Era um lugar vasto e bem arejado, com um fio de água corrente e uma lagoazinha de água cristalina, coberta de fetos. O chão era de areia. Diante de um grande fogo estava o capitão Smollett, deitado. A um canto mais distante, mal iluminados de vez em quando pela chama vacilante do fogo, vi montões de moedas e de barras de ouro.

Era o tesouro de Flint, que tínhamos vindo procurar tão longe e que já custara a vida de 17 homens da equipagem da *Espanhola*.

Quantas outras não teria custado já para amealhá-lo; quanto sangue, quanta tristeza; quantos navios veleiros afundados; quantos homens valentes, lançando-se à morte às cegas; quanto tiro de canhão; quanta vergonha, e mentira, e crueldade — oh! talvez ninguém pudesse dizer! E naquela ilha ainda havia três deles — Silver, o velho Morgan e Ben Gunn — que tinham tomado parte naqueles crimes e que esperaram em vão sua parte na recompensa.

— Entra, Jim — disse o capitão. — És um bom rapaz, lá a teu modo, Jim; mas creio que não tornaremos a navegar juntos. Afinal, hoje és meu favorito... Ah! É você, John Silver? Que é que o traz por aqui, hein?

— Volto ao meu posto, senhor.

— Ah!

Foi a única resposta.

E que excelente ceia foi a minha naquela noite, junto de todos os meus amigos! A carne de cabra, que Ben Gunn salgara, algumas gulodices e uma garrafa de velho vinho da *Espanhola*... Não, estou certo de que nunca houve gente mais alegre e mais feliz.

E Silver lá estava também, sentado longe do fogo, mas comendo com avidez, pronto a correr, quando faltava alguma coisa, acompanhando-nos tranquilamente quando ríamos — o mesmo marinheiro afável, delicado, obsequioso, que se mostrara em toda a viagem.

VII

... E O ÚLTIMO

Atiramo-nos cedo ao trabalho na manhã seguinte, pois não era pequena a

tarefa para tão poucos homens transportar aquela grande quantidade de ouro até a praia, andando quase uma milha e depois remando três milhas no bote, para chegar à *Espanhola*.

Os três sujeitos que ainda se achavam na ilha não nos incomodaram muito; uma única sentinela no flanco do morro era suficiente para nos preservar de algum ataque surpresa, além do que, parecia-nos ao menos, deviam estar fatigados de tantas lutas.

Portanto, o trabalho foi rápido. Gray e Ben Gunn iam e vinham com o bote, enquanto os demais iam empilhando o tesouro na baía. Duas barras, amarradas na ponta de uma corda, formavam uma boa carga para um homem adulto — uma carga que ele apenas podia carregar andando lentamente. Quanto a mim, como não daria muito resultado na tarefa de carregar, deixaram-me todo o dia na caverna, a arrumar o dinheiro em sacos de pão.

Era uma estranha coleção — como a do mealheiro de Billy Bones —, pela diversidade de cunhagem. Mas era muito maior e tão variada que me parece que nunca senti maior prazer do que manejá-la. Eram moedas inglesas, francesas, espanholas, portuguesas; guinéus e luíses; dobrões e duplos guinéus; cruzados e sequins; as efígies de todos os reis da Europa, nos últimos cem anos; estranhas moedas orientais, onde se viam gravadas coisas semelhantes a rodilhas de fios ou teia de aranha; moedas redondas e moedas quadradas; moedas furadas no centro, como se fossem feitas para pendurar ao pescoço — creio bem que todas as moedas do mundo estavam representadas naquela coleção. E, quanto ao número, eram como as folhas do outono, que o vento espalha no chão... Doíam-me as costas, de estar tanto tempo curvado, e os dedos pareciam-me entorpecidos...

Esse trabalho continuou por vários dias; todas as tardes uma fortuna era acomodada a bordo, mas havia outra fortuna esperando no dia seguinte. E nada sabíamos dos três amotinados sobreviventes.

Afinal — creio que na terceira noite —, eu e o doutor andávamos passeando pela encosta do morro, de onde avistávamos as terras baixas da ilha, quando o vento nos trouxe, vindo da escuridão lá de baixo, um som de canto, ou grito. Apenas um som nos chegou aos ouvidos, e logo se seguiu o silêncio.

— Que Deus os valha! — disse o doutor. — São os amotinados.

— Todos embriagados, senhor — comentou a voz de Silver por detrás de nós.

Devo dizer que Silver vivia em completa liberdade e, a despeito da

nossa constante repulsa, parecia considerar-se de novo um subordinado privilegiado e estimado.

Eram na verdade extraordinárias a maneira por que suportava todos os desdêns e a polidez infatigável com que procurava captar as boas graças de todos nós. Contudo, a não ser Ben Gunn, que ainda conservava um medo atroz do seu antigo quartel-mestre, e eu, que tinha alguma coisa, afinal, a agradecer-lhe, todos o tratavam pior que a um cão. Eu tinha, ainda assim, mais razão para o julgar severamente, porque o vira no planalto a meditar uma nova traição. Foi, por assim dizer, de mau modo que o doutor lhe respondeu:

— Se não estão bêbados, deliram.

— Tem razão, doutor; e isso pouco nos importa, ao senhor e a mim.

— Não creio que você pretenda passar por um ente humano — retrucou o doutor com soberano desprezo —, portanto, minha maneira de ver vai surpreendê-lo, mestre Silver. Mas, se eu tivesse a certeza de que estão delirando, porque tenho razões para crer que pelo menos um já foi atingido pela febre, deixaria este acampamento e, mesmo arriscando a minha velha carcaça, iria prestar a eles os meus cuidados.

— Desculpe-me, senhor, mas agiria muito erradamente. Perderia sua preciosa vida, pode ficar certo disso. Estou agora do seu lado, de corpo e alma, e não desejo ver o nosso partido enfraquecido, além de que tenho em muita conta o senhor, pois sei de quanto lhe sou devedor. Mas aqueles homens não só não sustentam a palavra dada... Não, não fariam isso! Mas o pior é que não creem que o senhor cumpra a sua.

— Não — disse o doutor. — Você, nós bem sabemos, você é um homem de palavra.

Foram as últimas notícias que tivemos dos três piratas. Apenas uma vez ouvimos o som de um tiro longínquo; talvez andassem à caça.

Reunidos em conselho, ficou resolvido abandoná-los na ilha — para grande alegria de Ben Gunn, cumpre dizê-lo, e inteira aprovação de Gray. Deixamos boa provisão de pólvora e balas, toda a carne de cabra salgada, alguns medicamentos e outras coisas necessárias — utensílios, roupas, uma vela sobressalente, uma ou duas braças de corda, e, atendendo a um pedido particular do doutor, um abundante presente de fumo.

Foi um dos nossos últimos feitos na ilha. Antes disso, porém, tínhamos arrecadado o tesouro e embarcado água em quantidade e carne de cabra, para o caso de alguma dificuldade imprevista. Afinal, uma bela manhã,

levantamos ferro, única manobra que podíamos fazer, e deixamos a baía do Norte, levando içado o mesmo pavilhão que o capitão Smollett hasteara na paliçada — o mesmo a cuja sombra combatêramos ali.

Verificamos logo que os três sujeitos nos observavam de mais perto do que supúnhamos. Saindo do estreito, tínhamos de passar muito perto da ponta sul; e lá estavam os três, ajoelhados, num banco de areia, com os braços erguidos, em postura suplicante.

É claro que nos cortou o coração deixá-los naquela situação tão triste; mas não podíamos nos expor a uma nova revolta. E também repatriá-los somente para entregá-los ao carrasco seria uma espécie de bondade igualmente cruel.

O doutor chamou-os e disse-lhes que deixávamos provisões; indicou ainda o sítio onde as achariam. Mas continuavam a chamar-nos pelos nomes e a pedir-nos, pelo amor de Deus, que tivéssemos misericórdia e não os deixássemos morrer em semelhante lugar.

Afinal, vendo o navio seguir seu curso e diminuir rapidamente o som das vozes, um deles — não sei qual foi — ergueu-se com um grito rouco; apoiou o mosquete ao ombro e atirou; a bala passou zunindo sobre a cabeça de Silver e atravessou a vela grande.

Então nos abrigamos no costado; quando, mais tarde, olhei de novo para a praia, eles já tinham desaparecido, e nem se avistava muito bem a língua de terra onde tinham estado.

Foi o fim. Antes do meio-dia, com alegria inexprimível, vi que o mais alto rochedo da ilha do Tesouro mergulhara na linha azulada do mar.

Éramos tão poucos que cada um tinha a sua parte no trabalho. Só o capitão, que ainda necessitava de repouso, embora muito melhor, não se levantava do seu colchão, estendido na popa, e de lá dava ordens.

Dirigimo-nos ao porto mais próximo da América Espanhola, porque não nos seria possível arriscar a travessia sem nova equipagem. Assim mesmo, tivemos de enfrentar ventos contrários e uma ou duas borrascas, que me fatigaram muito, antes de obter os marinheiros necessários.

Foi justamente ao pôr do sol que lançamos âncora num lindo golfo, bem abrigado; e imediatamente nos vimos cercados de botes cheios de negros, índios mexicanos e mestiços, que vendiam frutas e legumes, oferecendo-se para mergulhar, a fim de apanhar moedas. A vista daquela gente tão alegre (principalmente os negros), o sabor das frutas tropicais e, mais do que tudo isso, as luzes que começavam a brilhar na cidade contrastavam

encantadoramente com o nosso sombrio e sangrento estágio na ilha. O doutor e o *squire*, levando-me com eles, desembarcaram para passar uma parte da noite em terra.

Encontraram o capitão de um vaso de guerra inglês, com quem se puseram a palestrar; ele levou-nos a bordo do seu navio, e, para encurtar a história, decorreram as horas tão agradavelmente que só tornamos à *Espanhola* quando vinha amanhecendo.

Encontramos Ben Gunn sozinho no convés e, assim que chegamos, começou a fazer uma confissão: Silver fugira.

Escapulira em um bote, havia algumas horas. E o pirata abandonado auxiliara-o na fuga, afirmava ele, para salvar nossa vida, que teria certamente corrido grande risco, se “o homem pernetá permanecesse a bordo”.

Mas o cozinheiro não se fora de mãos abanando. Tinha conseguido arrombar um tabique, sem ser visto, e levava um saco de dinheiro, talvez trezentos ou quatrocentos guinéus — para atender às despesas de futuras viagens.

Parece-me que a todos nós alegrou a ideia de estarmos livres dele por tão pouco.

Para não alongar mais esta história, direi que contratamos alguns marujos e, depois de uma excelente viagem, retornamos à pátria. A *Espanhola* chegou a Bristol quando o sr. Blandly já cogitava enviar o navio de socorro.

Voltaram apenas cinco dos que tinham embarcado ali. “Tanto beberam que o diabo levou os outros”, vingando-se. Ainda assim, não nos achávamos em tão maus lençóis quanto aquele outro navio de que falavam na cantiga:

*No mar, só viveu um com afinco
Em um grupo de setenta e cinco.*

Cada um de nós recebeu uma parte considerável do tesouro; cada um, também, despendeu-a ao sabor do seu temperamento — sábia ou nesciamente.

O capitão Smollett abandonou a vida do mar.

Gray não só poupou o que lhe tocara, mas, tomado do desejo de se elevar, estudou sua profissão. É hoje imediato e coproprietário de um belo navio, perfeitamente aparelhado. Além disso, casou e já é pai de família.

Quanto a Ben Gunn, recebeu mil libras, que gastou, ou perdeu, em três semanas, ou, para melhor dizer, em 19 dias, porque no vigésimo voltou a mendigar. Deram-lhe então um emprego de porteiro, exatamente o lugar que temia, quando estava na ilha. Vive ainda, muito estimado, mas todos os guris do condado se divertem à sua custa. Contudo, nos domingos e dias santos, lá está ele na igreja, cantando com a sua excelente voz.

Nunca mais ouvimos falar de Silver. O terrível marinheiro pernetá desapareceu, afinal, da minha vida; mas quero crer que encontrou sua negra velha, e quem sabe se ainda vive, comodamente instalado, com ela e o Capitão Flint? Tomara que assim seja, pois não terá muita probabilidade de encontrar sossego no outro mundo.

A prata em barra e as armas jazem ainda, a meu ver, onde Flint as enterrou. Por mim, podem ficar lá para todo o sempre. Nem a pau e corda voltaria àquela malfadada ilha!

Ouçõ às vezes, em sonhos, bramir a ressaca nas suas praias; e de vez em quando acordo, sobressaltado, ao som da voz estridente do Capitão Flint, retinindo ainda nos meus ouvidos:

— Piastras! Piastras!

ROBINSON CRUSOÉ

DANIEL DEFOE

Prefácio de Cândido Jucá (Filho)

Tradução de Costa Neves e Flávio Poppe de Figueiredo

2ª edição



Notícia sobre Daniel Defoe, sua obra e particularmente sobre *Robinson Crusoe*

Robinson Crusoe (pronuncie: róbinçn krúçou, alongando o “ú”) é, sem dúvida, a mais célebre novela de aventuras saídas dos prelos ingleses. Publicou-se em três partes: a primeira e melhor, em 1719, foi *Vida e aventuras pasmosas, surpreendentes do marinheiro Robinson Crusoe, de Iorque* (*The Life and Strange Surprising Adventures of Robinson Crusoe, of*

York, Mariner); a segunda, considerada obra mais fraca, ou pelo menos não condizente com o caráter do herói, intitulou-se “Ulteriores aventuras de Robinson Crusoé” (*The Farther Adventures of Robinson Crusoé*) e divulgou-se no mesmo ano; e a terceira, de 1720, chamou-se “Reflexões graves de Robinson Crusoé” (*The Serious Reflections during the Life of Robinson Crusoé*) e representa uma série de ensaios sobre vários assuntos, atribuídos à maravilhosa personagem, ensaios que não acrescentaram nenhum mérito ao valor da obra e que são como um comentário.

Seu autor foi o irrequieto polígrafo Daniel Defoe (pronuncie: defôu), ou De Foe, filho do magarefe Jaime Foe, a cujo apelido o escritor juntou abusivamente um “de” nobilitante. Nasceu pelo ano de 1659, ou em 1661, em Londres, e aí mesmo morreu com cerca de setenta anos, em 1731, no dia 26 de abril.

Educado numa instituição não conformista, destinava-se ao ministério presbiteriano. Contudo, por ser instável nos seus propósitos, não professou. Fez-se comerciante e jornalista. Acredita-se que tenha viajado pela Espanha, a negócios, e talvez pela França e outros países do continente. Há, contudo, uma tradição segundo a qual Defoe, o enamorado do mar, o inspirado pintor de terríficas procelas, não teria jamais navegado sobre o salso elemento, não teria jamais saído da Inglaterra. Casou-se e foi pai de sete criancinhas. Envolveu-se em 1688 numa rebelião em Monmouth. Quebrou em 1692, com uma dívida de dezessete mil libras; mas conseguiu honrosa concordata. Foi feito contador do comissariado das Obrigações do Vidro (*Glass Duty*). Voltou a ser comerciante e outra vez faliu com um passivo de três mil libras. Tornou-se agente político de um amigo importante. Foi depois agente secreto do próprio governo. Mas, tendo-se mostrado um vira-casaca, foi processado. Absolvido, foi devolvido ao posto oficial, em que morreu.

Sem embargo de haver tido uma vida tão incerta, foi escritor infatigável, constante e seguro nas suas ideias. Cronista, panfletário, historiador, romancista, humorista, escreveu quase quatrocentos trabalhos, entre livros, artigos e opúsculos, em prosa ou em verso. Falava diversas línguas.

As suas campanhas, reuniu-as no livro notável *Ensaio sobre projetos* (*An Essay upon Projects*) em 1697. Advogou reformas sociais, políticas, financeiras, culturais, algumas de grande alcance. Propôs, entre outras coisas, a criação de uma Academia Inglesa nos moldes da francesa; a fundação de um hospício de loucos; a abolição das organizações aliciadoras de marinheiros e soldados. Bateu-se por um sistema de recuperação dos pobres;

defendeu a necessidade de dar maior instrução às mulheres; sustentou a conveniência de se estudarem o francês e o italiano modernos. Escreveu poderosamente, com vistas alargadas e força de convicção.

Irônico, especulou sobre *A melhor maneira de liquidar com os não conformistas* (*The Shortest Way with Dissenters*) em 1702. Essa maneira seria enforcá-los exemplarmente, segundo a opinião de alto dignitário do Tory britânico, em cuja boca pôs um projeto. O partido Tory, bem como o Whig, indignou-se, repelindo a provocação literária. Processaram-no e condenaram-no a pagar multa, a ser exposto no pelourinho por três dias e a ser preso. O povo atirou-lhe flores, considerando-o um mártir. Esta obra magistral deveria mais tarde ressurgir nessa outra obra-prima que foi a *Proposta modesta* (*Modest Proposal*), do grande Swift, desse mesmo pastor que deveria celebrar-se com as *Viagens de Gulliver* (*Gulliver's Travels*). *Proposta modesta*, que foi decerto a mais feroz zombaria do seu humor irlandês, de 1729, consistia em cevar, industrializar e comer as crianças “do pobre povo na Irlanda, para que não continuassem a ser uma carga para seus pais e país e para fazer delas um benefício público”. E Swift esboçou o vasto plano sem qualquer interesse subalterno, não tendo ele filhos...

Mirando ainda a perseguição aos não conformistas, compôs uma sátira denominada *Hino ao Pelourinho* (*Hymn to the Pillory*), em 1703, enquanto andou preso em consequência do referido processo.

Legou-nos muitos livros educativos, ou pelo menos orientadores, como sejam: *O instrutor da família* (*The Family Instructor*), em 1715; *O perfeito negociante inglês* (*The Complete English Tradesman*), a primeira parte em 1725, e a segunda dois anos depois, obra tão cheia de informações e preceitos que até se acompanhava de alguns modelos epistolares; *O acabado cavalheiro inglês* (*The Complete English Gentleman*), em 1729, obra destinada à formação social dos educandos etc. Já em 1701 ele satirizara em versos *O bem-nascido inglês* (*The True-Born Englishman*), denunciando a incoerência dos que se opunham ao Rei Guilherme III pelo fato de ser esse monarca holandês e oriundo de uma família prussiana: é que os ingleses não são senão um amontoado de mestiços...

Estampou largos e muitos artigos nos periódicos.

No gênero narrativo foi muito apreciado. Em 1705 publicou *Verdadeiro relato da aparição de certa Mrs. Veal* (*A True Relation of the Apparition of one Mrs. Veal*), história fantástica e circunstanciada de uma “alma” do outro mundo; teve leitores apaixonados.

Em 1719-1720 notabilizou-se com o seu *Robinson Crusoe*.

Depois outras novelas importantes se sucederam. Em 1720, *Vidas, feitos e piratarias do famoso capitão Singleton* (*The Life, Adventures, and Piracies of the Famous Captain Singleton*), em que explora a costa africana. Em 1722 divulgou a *História e extraordinária vida do coronel Jacque, vulgo coronel Jack* (*The History and Remarkable Life of Colonel Jacque, Commonly Call'd Colonel Jack*), autobiografia de um ladrão, com grande repercussão na França. Nesse mesmo ano publicou *Fortuna e infortúnio da famosa Moll Flanders* (*The Fortunes and Misfortunes of the Famous Moll Flanders*), romance também autobiográfico de uma decaída que foi deportada para a Virgínia, onde se tornou rica, honesta e até penitente. No mesmo sentido redigiu, em 1724, *Roxana, ou a amante afortunada* (*Roxana or the Fortunate Mistress*), suposta autobiografia de uma jovem cortesã vivendo em plena aristocracia inglesa, onde conseguiu tratar castamente alguns assuntos escabrosos.

Outros livros seus despertaram vivo interesse. De 1721 a 1726 fez circular em três volumes um guia intitulado *Um passeio através da Inglaterra* (*A Tour through the Whole Island of Great Britain*), considerado fonte de informações preciosas no domínio social e econômico. Em 1722 lançou ainda um *Diário do ano da peste* (*A Journal of the Plague Year*), livro simples, minucioso, impressionante, a respeito da grande peste que grassou em Londres em 1664 e 1665.

Todos os seus livros tiveram aceitação e compreensão, porque foram escritos em linguagem familiar, talvez um pouco descurada, ao alcance de todas as pessoas. Ele fez sempre observações exatas e adequadas às circunstâncias, parecendo tratar de assuntos de seu exato conhecimento e vivência. Demais, os seus objetivos interessavam sempre. Versou sobre temas religiosos e clericais, que conhecia muito bem. Examinou as vicissitudes do comércio e dos negociantes, e sobre eles falou como pessoa experimentada. Era moralizante ainda quando praticava situações escabrosas e isso agradou muito ao público puritano, ou simplesmente religioso do tempo. Teve complicações com a Justiça e com a polícia, mas no fundo era acatador da autoridade: era inglês. Foi um dos primeiros grandes humoristas, entre os quais se contariam mais tarde Swift, Sterne e tantos outros.

Defoe não era propriamente um ficcionista, um homem de imaginação. Fazia observações e as fixava com maestria. Seus recontos têm, nas melhores passagens, algo de biográfico e até de autobiográfico. Refletem sua vida

aventurosa e suas campanhas beneméritas. Alguns livros têm caráter de reportagem e exploram fatos históricos, conquanto destorcidos. Todos têm poder de convicção.

Mas quanto ao seu *Robinson Crusoe* — que haveria de imortalizá-lo — sabe-se que é o desenvolvimento das aventuras de Alexandre Selkirk, oficial de marinha abandonado pelo capitão Straddling, em 1704, na ilha deserta de Más-a-Tierra (ou João Fernandes), em pleno Pacífico, a cerca de setecentos quilômetros um pouco ao sul de Valparaíso, no Chile, oficial que aí conseguiu subsistir até o ano de 1709, quando foi resgatado pelo Capitão Rogers. Vários relatos já tinham sido publicados quando Defoe os aproveitou no essencial para a composição da sua imortal novela.

Robinson Crusoe é a história espantosa de um navegante inglês que — como o pio Eneias e como milhares de obscuros patrícios — sentia que havia de cumprir inelutavelmente o seu destino. Nascera para ser marujo, e marujo foi quando toda a prudência lhe apontava mais frutuoso interesses e contra a vontade dos pais.

Único sobrevivente de um catastrófico naufrágio, revessado numa praia inabitada de uma ilha indecisa do Atlântico, defrontando com a região dos Canibais, pela altura da Venezuela, o nosso herói conseguiu sobreviver e prosperar. E a tal ponto o conseguiu que, devolvendo-se à Inglaterra e aos seus amigos, ao cabo de vinte e oito anos, dois meses e dezenove dias, não o fez senão lamentando que não pudesse conciliar o seu “reinado” com a sedução do mundo civilizado, que finalmente o reclamava.

Sozinho, órfão de todos os recursos de que era rico o mundo cá fora, teve de providenciar o próprio conforto. A única coisa que trouxera consigo na algibeira era um canivete, além de objetos inúteis para a sua subsistência, como por exemplo um cachimbo.

Havendo achado um regatinho, admitiu que sobreviveria se pudesse defender-se de possíveis feras e selvagens.

Conseguiu alguns salvados do naufrágio, alimentou-se, fez uma jangada com paus e cordas que obteve dos restos do navio; transportou nela alguns caixotes de mantimentos, algumas moedas e uma Bíblia e, sem remo, deixou-se ir à deriva, para a ilha onde encalhou.

Disposto a lutar pelo seu bem-estar de inglês civilizado, desde logo pensou em construir para si uma habitação, e tão boa a fez, e com tanta segurança, que lhe pareceu um castelo. Com uma espingarda e pólvora que descobriu em alguns caixotes, fez caçadas. Deu-se ao luxo de fazer um

calendário, para não perder a consciência do tempo que corria. Com alguns grãos que achara, fez uma plantação de arroz e de centeio, que lhe trouxe os aborrecimentos e prazeres que lhe são inerentes. Fez-se paneleiro. Fez uma grande canoa, que se provou inútil. Fez mais de um guarda-sol. Fez-se padeiro. Tornou-se verdadeiro senhor no seu habitat.

Como homem, construiu instrumentos. Como cristão, não tinha esmorecimentos espirituais. Estava seguro de que o bom Deus lhe assistia. Lia a sua Bíblia nos momentos oportunos ou de ócio forçado.

Não teve mulher, nem disso pareceu amofinar-se. Nesses quase trinta anos de vida ilhada, se acompanhou de alguns animais domésticos transitoriamente, como gatos, um cão, cabritos e um papagaio. Teve seu rebanho de cabras, que lhe deram leite e a possibilidade de fabricar alguns laticínios.

Teve coragem e teve saúde. Já era um perfeito rei nos seus domínios, quando uma visita de canibais lhe trouxe um companheiro, que ele chamou Sexta-Feira, porque o seu calendário marcava esse dia da semana. Era um selvagem, que ficou seu escravo e que teve o talento de aprender a língua inglesa.

Ora, os ingleses, um povo de navegadores, compreenderam muito bem as vicissitudes do jovem Robinson Crusoé, ou seja, Alexandre Selkirk. Na possibilidade supersticiosa de que fatos semelhantes viessem a acontecer e a atingir alguns deles, acharam no livro de Defoe — nesse como em tantos outros livros seus — uma espécie de roteiro para vencer em tais conjunturas: uma técnica e uma sistemática que qualquer um poderia adotar para sair de tais dificuldades.

O homem não está nunca inteiramente desajudado se é inteligente, se tem ânimo e se tem fé em Deus. Repetindo a epopeia da civilização, ele pode utilizar os dons da natureza em seu próprio proveito. Pode sempre recomeçar. O homem foi feito para ser o rei da criação, e a Terra, onde quer que ele esteja, é o lar que Deus lhe designou.

Essa é a grande lição educativa que Robinson Crusoé nos dá — e é tanto mais segura quanto não se trata de nenhuma fantasia construída num gabinete, por um artista da pena. O caso, na sua essência, aconteceu.

E essa lição é tão grande que os fatos negativos que se assinalam na novela não parecem ter nenhuma importância.

Robinson Crusoé, embora cristão, era pragmático. Não era místico: não era nem mesmo religioso. Respeitando o seu Deus, tinha nele a confiança que

o cidadão inglês tem nas instituições nacionais: dele esperava o amparo que é devido a toda criatura honesta. Estava seguro de que seria resgatado. Se teve medos, na sua ilha, foi de possíveis feras e canibais.

Era também obstinado e chegava a raiar pela insânia. Aquele episódio da construção de uma grande canoa, pesadíssima, que não pôde ser arrastada até o mar, canoa para vinte pessoas — aquilo foi mais um exemplo da pertinácia e teimosia britânicas do que uma prova do pouco juízo do construtor. Tempo e trabalho perdidos. Mas Robinson estava contente. O que ele verdadeiramente quis foi mostrar a si próprio que, como os índios do Brasil, era capaz de fazer uma embarcação, e ainda melhor do que qualquer outra. Perdeu seu tempo. Mas tinha todo o tempo disponível para empreender fosse o que fosse: poderia desperdiçá-lo com largueza.

Autossuficiente e pertinaz, Robinson Crusóé não tinha conflitos dramáticos consigo mesmo. Não tinha tampouco nenhuma orientação na sua atividade indefesa. Não revelou aliás nenhuma profundidade espiritual. Era simples, um homem do povo. Assim, as *Reflexões Graves*, que constituem o terceiro livro e que saíram um ano depois da primeira e principal parte de sua obra, não condizem muito com a índole da personagem que Defoe esboçou. Mais parecem uma resposta à crítica, ou aos comentários, que cedo passaram a ser feitos à impressionante novela.

Um sentimento que Robinson Crusóé não tem — e que choca principalmente ao leitor português — é a nostalgia, ou a saudade, como chamaríamos. As referências que faz à pátria, aos amigos, à família, são objetivas e secas. São simples lembranças. Mas parece que fica bem a um inglês essa frieza espiritual, de que deve haver conspícuos modelos. Sem jamais ter sido exilado, não pôde nunca Defoe compreender o que era estar “*longing for home*”: não sofreu o “*homesickness*” que abateu inúmeros despaisados na era da expansão colonial.

Certo desleixo de linguagem, próprio do estilo coloquial, longe de enfraquecerem a novela, lhe trouxeram uma característica de convicção. Um marinheiro não se exprimiria melhor.

Defoe minudencia muito e comete por vezes certos desajustamentos, que avultam aos olhos dos eruditos. Por exemplo, plantou laranjeiras, limoeiros, limeiras e canas-de-açúcar na ilha que inventou, como se fizessem parte natural e integrante da flora. Não se perguntou como poderiam ter aí chegado desde a remota China ou da longínqua Índia as mudas dessas preciosidades. Mas para o homem comum isso não significa nada, como não

causaram estranheza as matilhas de ursos que ele supôs ver no Brasil.

* * *

Não foram só os ingleses que se impressionaram pelo poder persuasivo da novela.

O mundo inteiro a tem lido com interesse até os dias de hoje.

É que Defoe situou o seu herói muito mais perto de nós do que o fizeram outros autores, mais antigos ou mais modernos, com outras histórias mesmamente aventurosas. As ideias de Robinson Crusoé, os seus sentimentos, as suas palavras e a sua ação não têm nada de extraordinário e no entanto são eficazes em situações as mais variadas e surpreendentes. Nada de sobrenatural: tudo muito humano. Não se sente que aí tenha comparecido a técnica de um escritor proecto.

Grandes filósofos se comoveram com o didatismo da obra.

Jean-Jacques Rousseau, querendo enfocar o homem em si mesmo, despido de suas relações com a sociedade, escolhia Robinson Crusoé para sua atenção e recomendava o estudo para a observação das crianças.

“Se se puder inventar uma situação em que todas as necessidades naturais do homem se mostrem sensíveis ao espírito das crianças e em que os meios de prover a essas necessidades se desenvolvam sucessivamente com a mesma facilidade, é pela pintura viva e ingênua desse estado que devemos encetar os primeiros exercícios de sua imaginação.

“Mas não vos preocupeis: este problema foi resolvido. A situação foi descrita, e, sem vos ofender, muito melhor do que o faríeis vós mesmos, ou pelo menos com muito mais verdade e simplicidade. Já que devemos ter livros, um há que nos oferece, a meu aviso, o mais feliz tratado de educação natural. Este livro será o primeiro que lerá o meu Emílio: só ele constituirá durante muito tempo a sua biblioteca e aí terá sempre um lugar distinto. Seu

texto há de ser motivação para as nossas palestras de ciências naturais. Provará nosso progresso com respeito ao nosso julgamento, e, enquanto nosso gosto não estiver prejudicado, sua leitura nos agradará sempre. E que livro é esse, maravilhoso? Será de Aristóteles? Será de Plínio ou de Buffon? Não: é *Robinson Crusoé*.

“Robinson Crusoé na sua ilha, sozinho, desprovido da assistência dos semelhantes e dos instrumentos de trabalho, provendo entretanto à sua subsistência e conservação, e alcançando até relativo bem-estar — eis um assunto avassalador para todas as idades e que oferece mil maneiras de se tornar cativante para as crianças. E aí está como poderemos conceber a ilha deserta que primeiro necessitávamos.” (*Émile*, II, p. 93, Bibl. Nationale.)

Hipólito Taine, o grande clássico da *História da literatura inglesa*, revelou intensa admiração pela novela de Defoe. “Nunca”, dizia ele, “foi a arte um instrumento de obra mais moralizante, nem mais inglesa. Robinson é bem de sua raça e ainda hoje pode instruir.”

Como se sabe, Augusto Comte, o fundador do Positivismo, trabalhou intensamente num calendário de treze meses, que é quase uma obra-prima. Cada mês, de quatro semanas, é consagrado a um dos movimentos máximos que contribuíram para a civilização e tem nomes como Moisés, Homero, Aristóteles, Arquimedes, César etc. Cada dia tem o patrocínio de um grande vulto, assim como na hagiologia católica se tem feito com as festas dos grandes santos. Pois o dia 6 do mês de Dante, consagrado à epopeia moderna, é votado a Defoe. Isso corresponde exatamente ao dia de santa Praxedes, que é, no ano comum do calendário gregoriano, a 21 de julho. Mas há também um são Daniel — um entre vários desse nome — que se festeja nessa data. Ora, Defoe chamava-se Daniel. Mera coincidência?

Nesse mesmo mês de Dante, celebram-se nomes como Cervantes, La Fontaine, Ariosto, Camões, Klopstock, Milton...

Como é natural, inúmeras são as edições de *Robinson Crusoé*. Inúmeras são as traduções. Inúmeras são também as imitações em inglês e em outras línguas. Foram feitas dezenas de paródias. Há edições de intuito didático, com dissertações científicas, filosóficas, morais...

Quase todas as traduções, como a presente, se limitam, porém, às partes narrativas e aventurosas, que são a primeira e a segunda.

Em Portugal divulgou-se bem cedo uma versão anônima, da qual a casa Garnier tirou algumas edições. Mais tarde Aillaud publicou uma tradução devida ao grande escritor Pinheiro Chagas.

A meticulosa tradução que hoje se oferece ao público — devida a dois competentes mestres, quais sejam Flávio Poppe de Figueiredo e Costa Neves — é decerto a consagração de *Robinson Crusoe* no mundo luso-brasileiro.

A histórica condenação dos *tories* e dos *whigs*, asselada pela austera Justiça britânica, deve ter feito o agitado escritor mergulhar nas profundas do Tártaro. Mas, se lá nessas regiões tenebrosas se consente alguma notícia desta região sublunar, Daniel Defoe há de estar desfrutando alguma felicidade relativa, por ver como carinhosamente se tem tratado a sua despretensiosa epopeia.

Cândido Jucá (Filho)

Parte I

Nasci no ano de 1632, na cidade de York, filho de boa família estrangeira, pois que meu pai era natural de Bremen e se fixara primeiramente em Hull. Aí conseguira boa fortuna no comércio e, depois de deixar os negócios, se retirara para York, berço natal de minha mãe, cuja parentela, os Robinson, era uma distinta família local, razão por que me chamaram Robinson Kreutznaer. Entretanto, devido à habitual corrupção das palavras na Inglaterra, somos agora chamados, e nós mesmos nos chamamos, Crusoé, escrevendo assim nosso nome. E assim também sempre me chamaram meus companheiros.

Tinha dois irmãos mais velhos, um dos quais era tenente-coronel de um regimento inglês de infantaria de Flandres, outrora comandado pelo famoso coronel Lockhart. Morreu em combate com os espanhóis, perto de Dunquerque. Nunca soube o que foi feito de meu segundo irmão, do mesmo modo que meus pais jamais souberam o que foi feito de mim.

Sendo eu o terceiro filho, e não tendo aprendido qualquer ofício, cedo começou meu cérebro a povoar-se de sonhos. Meu pai, que era muito velho, deu-me boa instrução tanto quanto o permitiam dar a educação caseira e a de uma escola pública local. Queria que eu estudasse direito, mas só me satisfazia a ideia de dedicar-me à vida do mar. Tão obstinada se manteve essa minha vocação contra a vontade e mesmo as ordens de meu pai, súplicas e conselhos de minha mãe e de outros amigos que se dizia haver algo de fatal

nessa tendência a conduzir-me diretamente à vida de misérias que me esperava.

Meu pai, homem sábio e severo, deu-me graves e excelentes conselhos contra o que previa ser meu intento. Chamou-me certa manhã a seu quarto, onde o prendia a gota, e discutiu calorosamente o assunto comigo. Perguntou-me que razões tinha eu, que não meu desejo de vagabundear, para sair da casa paterna e da terra natal, onde me poderiam dar a mão, onde eu teria a possibilidade de conseguir fortuna e de usufruir vida folgada e prazenteira. Disse-me que somente homens em situação desesperada, de um lado, ou os que aspiravam a grandes riquezas, de outro, saíam para o mundo à caça de aventuras a fim de conquistarem fama e fortuna com empresas extraordinárias; que tais indivíduos eram muito superiores ou muito inferiores a mim; que meu nível social era o médio, ou o que podia ser chamado de nível superior da classe baixa, a melhor posição na vida e a mais favorável à felicidade humana, pois não estava sujeita às misérias e dificuldades, aos trabalhos e sofrimentos dos trabalhadores manuais, nem embaraçada pelo orgulho, luxo, ambição e inveja da classe alta. Disse-me que eu podia julgar a felicidade dessa posição pelo único fato de ser nessa época a situação invejada por todos na vida; pois os reis frequentemente se queixavam de terem nascido para grandes coisas e antes queriam estar entre os dois extremos, a humildade e a grandeza; também o sábio tinha a mesma opinião sobre a verdadeira felicidade quando não queria nem pobreza nem riqueza.

Instou comigo para que eu observasse — e eu haveria sempre de verificá-lo — que as calamidades da vida eram compartilhadas pelas classes superiores e inferiores; que a classe média, entretanto, era a menos afligida pelos desastres e não estava exposta a tantas vicissitudes quanto aquelas, nem estava sujeita a tantos males e perturbações do corpo e do espírito como os que, por vícios, luxos e extravagâncias, de um lado, ou trabalho árduo, falta de meios e alimentação pobre ou insuficiente, de outro, atraíam sobre si próprios as nefastas consequências dessa maneira de viver; que o nível médio permitia usufruir todas as virtudes e prazeres; que a paz e a fartura eram as serviçais da pequena fortuna; que a temperança, a moderação, a tranquilidade, a saúde, o convívio social, todas as diversões agradáveis, todos os prazeres recomendáveis eram as bênçãos que aguardavam a vida mediana; que, desse modo, os homens passavam calma e suavemente pelo mundo e dele saíam com conforto, sem serem atormentados pelo trabalho das mãos ou do cérebro, sem se escravizarem à luta pelo pão diário ou se deixarem

embaraçar por circunstâncias difíceis, que roubam a paz da alma e o descanso do corpo; e, enfim, sem se exasperarem de inveja ou arderem intimamente da cobiça de grandes coisas. Ao contrário, passavam tranquilamente pelo mundo, saboreando com gosto a doçura de viver e o sentimento de que são felizes, aprendendo pela experiência diária a senti-lo cada vez melhor.

Pedi-me, em seguida, com insistência e afeição, para não agir como um estouvado, não me lançar à vida de misérias, de que a natureza e minha posição social pareciam ter me poupado. Insistiu em que eu não tinha necessidade de procurar meu sustento; que ele faria tudo por mim e procuraria levar-me comodamente à situação na vida que me estava recomendando; e que, se eu não me sentisse feliz e à vontade no mundo, deveria ser meu destino ou culpa e ele nada teria a ver com isso, desobrigando-se, assim, do dever de prevenir-me contra uma resolução, que sabia que me seria prejudicial. Insistiu, numa palavra, em que, mostrando-se disposto a fazer muito por mim, caso eu me deixasse estar e permanecesse em casa conforme seus desejos, não seria responsável por meus infortúnios e não me encorajaria a partir. Disse-me, para terminar, ter eu um exemplo em meu irmão mais velho, a quem com a mesma insistência procurara dissuadir de tomar parte na guerra dos Países Baixos, mas sem resultado. O ardor juvenil instigara-o a alistar-se no Exército, e nele morrera. E, embora dissesse que não deixaria de rezar por mim, chegou, entretanto, a afirmar-me que, se eu cometesse tal loucura, Deus não me abençoaria e eu teria depois muito tempo para refletir sobre seus conselhos, quando ninguém me pudesse mais ajudar a salvar-me.

Notei que, já para o fim da conversa — verdadeiramente profética, embora suponha que meu pai não o previsse —, as lágrimas lhe desciam livremente pelas faces, sobretudo quando falou de meu irmão morto. E, quando acrescentou que eu teria tempo para me arrepender e nada me poderia ajudar, ficou tão comovido que se calou, dizendo-me ter o coração pesado e não poder prosseguir.

Suas palavras tocaram-me profundamente, como não podia deixar de ser, e eu dispus-me a não pensar mais em partir e a ficar em casa, conforme os desejos de meu pai. Mas aí de mim! Tudo isso se desvaneceu em poucos dias. Em resumo, querendo impedir novas intervenções inoportunas de meu pai, resolvi, depois de algumas semanas, afastar-me dele imediatamente. Contudo, não agi tão depressa como me instigara a fazer o primeiro impulso, mas procurei minha mãe, num momento em que me pareceu mais jovial que

de costume, e disse-lhe que estava tão absorvido pela ideia de correr o mundo que não poderia fazer nada mais com vontade bastante para ser bem-sucedido; que meu pai faria melhor dando-me seu consentimento do que me forçando a partir sem ele; que eu tinha dezoito anos e já era tarde demais para ser empregado de um procurador ou aprender um ofício; que estava seguro de que, se o fizesse, nunca serviria meu tempo integral, certamente fugiria de meu patrão antes de terminá-lo e iria para o mar; que, se ela pedisse a meu pai licença para eu fazer uma só viagem, quando eu voltasse, caso não tivesse gostado da experiência, não tornaria a ir e prometeria esforçar-me duplamente para recobrar o tempo perdido.

Isso deixou minha mãe muito agitada. Disse-me que não adiantaria falar a meu pai sobre tal assunto; que ela sabia muito bem por que eu tinha interesse em obter-lhe o consentimento para uma coisa tão prejudicial para mim e que se admirava de como podia pensar nisso depois da conversa que tivera com meu pai e de ter ouvido dele palavras tão cheias de bondade e carinho; que, em suma, se eu quisesse me desgraçar, não haveria salvação para mim, mas eu poderia estar certo de nunca lhes obter o consentimento; que, quanto a ela, não teria parte na minha desgraça e que eu jamais poderia dizer que minha mãe consentira quando meu pai tinha negado.

Embora minha mãe tivesse se recusado a submeter minha proposta a meu pai, relatou-lhe, como soube mais tarde, toda a conversa, e meu pai, demonstrando grande preocupação, disse-lhe, suspirando: “Esse rapaz poderia ser feliz se ficasse em casa, mas, se partir, será o maior desgraçado que já viu a luz do dia! Não posso consentir nisso.” Só fugi quase um ano mais tarde, embora, nesse ínterim, me mantivesse obstinadamente surdo a todas as propostas para começar a trabalhar e costumasse discutir com meus pais por se mostrarem tão obstinados contra o que sabiam ser minha vocação. Certo dia, porém, encontrava-me em Hull — aonde fora casualmente e, dessa vez, sem nenhuma intenção de fugir —, quando um de meus companheiros, prestes a largar para Londres no navio de seu pai, insistiu para que eu fosse com eles. Seduziu-me como sempre fazem os homens do mar, isto é, disse-me que não pagaria nada pela passagem. Resolvi não consultar mais meus pais e nem mesmo avisá-los. Deixando que conseguissem notícias como pudessem, sem pedir a bênção divina e a de meu pai, sem qualquer consideração por circunstâncias e consequências e em má hora — Deus o sabe! Parti a bordo de um navio para Londres, em 1º de setembro de 1651. Acredito que nunca começaram mais cedo nem se prolongaram tanto os

infortúnios de um moço aventureiro. Mal o navio saiu do Huber, o vento começou a soprar e as vagas se encapelaram de maneira pavorosa. Eu, que jamais viajara por mar, enjoei muitíssimo e fiquei aterrorizado. Comecei, então, a refletir sobre o que tinha feito e quão justamente me castigava a justiça divina por ter fugido da casa de meu pai de maneira tão perversa, abandonando meus deveres. Veio-me fresca à memória a lembrança de todos os bons conselhos de meu pai e das súplicas de minha mãe, e minha consciência, que ainda não estava empedernida como ficou depois, reprovou-me por ter desprezado os avisos e abandonado meus deveres para com Deus e meu pai.

Entrementes, a tempestade aumentava e o oceano, no qual nunca estivera antes, crescia de agitação, se bem estivesse muito longe do que haveria de ver inúmeras vezes mais tarde e mesmo do que veria poucos dias depois. Bastou isso, porém, para me impressionar, porque eu era um marinheiro bisonho e não tinha nenhuma experiência. Temia que cada onda nos engolisse e que, toda vez que o navio caía, como pensava, no cavado ou abismo das vagas, não viríamos mais à tona. Fiz, em tamanha angústia, muitas promessas e deliberei que, se Deus houvesse por bem poupar-me a vida naquela viagem e eu pusesse o pé em terra firme mais uma vez, iria diretamente para casa de meu pai e nunca mais embarcaria em outro navio enquanto vivesse; que lhe seguiria os conselhos e jamais me lançaria de novo àquela vida de desgraças. Compreendi, então, plenamente, como eram justas suas observações sobre o nível médio da vida, como ele tinha levado uma vida fácil e confortável, jamais sujeito às intempéries no mar ou às dificuldades terrenas. Resolvi, assim, voltar para casa de meu pai como verdadeiro filho pródigo.

Tais pensamentos, sábios e salutareis, continuaram enquanto durou a tempestade e mesmo um pouco mais. No dia seguinte, entretanto, o vento amainara e o mar estava mais calmo. Comecei a habituar-me àquilo. Contudo, mostrei-me muito carrancudo o dia todo, estando ainda um pouco enjoado. Mas, à noitinha, o tempo levantou, o vento cessou por completo e a noite esteve linda e encantadora. Fora claro o poente e clara foi a aurora da manhã seguinte. E, como houvesse pouco ou nenhum vento e o mar estivesse tranquilo, fulgindo sobre ele o sol, a cena — pensei — era a mais admirável que já contemplara.

Dormira bem a noite e não me sentia mais enjoado; estava antes, muito alegre, olhando com admiração o mar, tão bravio e terrível na véspera e tão

calmo e aprazível pouco depois. A essa altura, temendo que perdurassem minhas boas resoluções, meu companheiro, que sem dúvida me instigara a fugir, chegou-se a mim.

— Então, Bob — disse ele, batendo-me no ombro —, como vai você depois de tudo? Garanto que ficou com medo a noite passada, quando caiu um pouco de vento, não ficou?

— Você chama aquilo de um pouco de vento?! — perguntei. — Foi uma terrível tempestade!

— Tempestade?! Não seja bobo! — respondeu. — Você chama aquilo de tempestade?... Ora, aquilo não foi nada! Com um bom navio em alto-mar não ligamos para uma ventaniazinha daquela. Mas você é ainda marinheiro de primeira viagem, Bob. Vamos tomar um cálice de ponche e esquecer tudo. Vê que lindo tempo está fazendo?...

Para encurtar esse triste pedaço da minha história, agimos segundo o velho costume dos marinheiros. Fez-se o ponche, eu me embebedei com ele e afoguei, naquela noite ruim, todo o meu arrependimento, todas as reflexões sobre minha conduta anterior, todas as resoluções para o futuro. Em uma palavra, tendo o mar voltado à calma com o amainar da tempestade, desvanecida assim minha aflição, esquecidos os temores de ser engolido pelo oceano, reavivados os antigos desejos, olvidei por completo os juramentos e promessas que fizera em meus apuros. Tive, sem dúvida, alguns momentos de reflexão e os bons pensamentos tentaram voltar algumas vezes. Afastei-os, porém; libertei-me deles como se me libertasse de uma doença; tratei de beber em companhia de outros e em breve tinha evitado a volta de meus ataques, como os chamava. Assim, dentro de cinco dias conseguira a mais completa vitória sobre a consciência que um rapaz resolvido a livrar-se dela poderia desejar. Mas ainda havia de passar por outra prova. E a Providência, como geralmente faz em casos assim, resolveu deixar-me sem nenhuma desculpa. Pois, caso não levasse o acontecido dessa vez à conta de uma absolvição, da próxima tudo seria tão pior que mesmo o mais empedernido entre nós seria obrigado a reconhecer o perigo arrostando e a misericórdia recebida.

No sexto dia de viagem, chegamos à enseada de Yarmouth. Como o vento tivesse estado contrário e o tempo, calmo, pouco avançáramos desde a tempestade. Fomos, então, obrigados a ancorar e ali permanecemos, continuando o vento a soprar em direção contrária, isto é, de sudoeste, durante sete ou oito dias, tempo durante o qual muitos navios vindos de

Newcastle chegaram à mesma enseada, como a um porto comum onde os navios podiam esperar que o vento soprasse do rio.

Não devíamos, porém, ancorar ali por tanto tempo, mas subir o rio com a maré. O vento aumentou, entretanto, e, depois de permanecermos quatro ou cinco dias no mesmo lugar, começou a soprar com muita força. Contudo, tida a enseada na conta de verdadeiro porto, sendo boa a ancoragem e muito fortes os aparelhos, nossos homens estavam despreocupados e não sentiam a mínima apreensão. Passavam o tempo descansando e folgando, segundo o costume dos homens do mar. Mas, pela manhã do oitavo dia, o vento aumentou e todos nós trabalhamos febrilmente para amainar as velas dos joanetes; enrolamos e fechamos tudo, a fim de que o navio flutuasse do melhor modo possível. Ao meio-dia, o mar ficou encapelado de verdade, o navio começou a enterrar na água o castelo da proa e a ser varrido pelos vagalhões. Por uma ou duas vezes pensamos que a âncora se soltara, razão por que o comandante ordenou que se largasse a âncora de salvação, de modo que flutuamos com duas âncoras à frente e as amarras completamente esticadas na direção do vento.

A tempestade já era, então, terrível. Comecei a ver o pavor e o espanto na fisionomia até dos homens do mar. O comandante, entregue à faina de salvar o navio, entrava e saía da cabina, perto de mim, e pude ouvi-lo murmurar diversas vezes: “Senhor, tende piedade de nós! Perder-nos-emos todos, ficaremos arruinados!” E assim por diante. No começo da confusão, deixei-me ficar, estuporado, em meu beliche, que era na proa, e não posso dizer da agitação que sentia. Mal pude me penitenciar como da primeira vez, da qual zombara tão abertamente, procurando enrijar-me. Pensava que o pavor da morte não voltaria e que, dessa vez, não sentiria nada como da primeira. Quando, porém, o próprio comandante, passando perto de mim, como disse, murmurou que todos estaríamos perdidos, tomou-me um medo mortal. Levantei-me, saí da cabine e olhei para fora. Nunca vira cena tão medonha: montanhas d’água se erguiam e se abatiam sobre nós a cada três ou quatro minutos. Quando pude olhar em derredor, só a desolação nos cercava. Observei que dois navios, navegando por perto, pesadamente carregados, tinham os mastros cortados pela borda. Nossos homens gritavam que um navio, uma milha adiante, tinha soçobrado. Dois outros navios tinham garrado e saído ao léu da enseada para o mar, sem um só mastro de pé. Os navios pequenos estavam em melhor situação, porque não foram tão castigados. Dois ou três, todavia, garraram e vieram para perto de nós, com

apenas a cevadeira enfunada.

À noitinha, o piloto e o imediato rogaram ao comandante que lhes deixasse cortar o mastro da proa, o que ele não queria permitir. Afiançou-lhe, porém, o imediato que, se recusasse, o navio afundaria, e ele acedeu. Quando cortaram o mastro da proa, o mastro principal ficou tão batido pelo vento e sacudiu tanto o navio que também tiveram de cortá-lo e deixar a coberta nua.

Pode avaliar-se como me sentia no meio de tudo isso, eu que não passava de marinheiro bisonho e não experimentara antes senão muito pouco do terror daquele momento. Se, porém, me é dado exprimir meus pensamentos depois de tanto tempo, direi que, muito mais que a própria morte, me horrorizava a lembrança das anteriores resoluções e de tê-las abandonado pelas que iniquamente tomara depois. E isso, somado ao pavor da tempestade, deixou-me em tal estado que me é impossível traduzi-lo em palavras. Mas ainda não viera o pior: a tempestade continuou com tamanha fúria que os próprios homens do mar confessaram nunca terem visto uma igual. Nosso navio era bom, mas estava muito carregado e calado e os marinheiros gritavam a todo instante que iria a pique. Não deixei de tirar disso algum lucro, porque não sabia o que era *ir a pique* até que perguntei. A tempestade, porém, prosseguia tão violenta que presenciei o que não é dado a muitos: o comandante, o imediato e alguns outros, menos brutos que os demais, puseram-se a orar, esperando a cada momento que o navio fosse para o fundo. No meio da noite, para o cúmulo de nossas desgraças, um dos homens que desceram ao porão para inspecioná-lo gritou que o navio estava fazendo água; outro disse que a água já subira quatro pés da altura. Todos se lançaram à bomba. Ao ouvir isso, senti desfalecer-me e caí para trás na cama onde estava sentado, no beliche. Entretanto, os homens ergueram-me, dizendo-me que eu, que não pudera fazer nada antes, podia tocar a bomba tão bem quanto qualquer outro. Tratei, então, de me mexer, corri para a bomba e trabalhei com denodo. Enquanto isso, o comandante, vendo alguns navios cargueiros pequenos que, incapazes de afrontar a borrasca, eram arrastados para o lago sem se aproximarem de nós, mandou que dessem um tiro de canhão em sinal de perigo. Eu, que não tinha noção alguma do que isso significava, fiquei tão atônito que pensei ter-se partido o navio ou acontecido alguma coisa terrível. Tão atônito que, numa palavra, desmaiei. Já então todos pensavam na própria salvação e ninguém se importou comigo ou com o que me acontecera. Chegou-se, com certeza, outro homem à bomba e, empurrando-me com o pé para o lado, deixou-me ficar no chão, pensando

que eu estivesse morto. Só depois de muito tempo voltei a mim.

Continuamos a tocar a bomba, mas a água subia no porão e era evidente que o navio ia soçobrar. Embora a tempestade comesse a amainar um pouco, o navio não poderia rumar para um porto, de modo que o comandante continuou a pedir socorro a tiros de canhão. Um navio pequeno, que passara bem à nossa frente, aventurou-se a mandar-nos um bote. Enfrentando riscos terríveis, o bote aproximou-se de nós, mas nos era impossível saltar para bordo tanto como era impossível ao bote ladear o costado do navio. Finalmente, continuando os homens a remar com vigor, com perigo da própria vida, puderam nossos marinheiros jogar-lhes, por sobre a popa, uma corda com uma boia, deixando-a depois desenrolar-se um bom pedaço. Tendo-a eles apanhado do bote, com trabalho e risco, nós a puxamos até ficarem juntos da popa e passamos todos para o bote. Não nos adiantava, nem a eles, depois de estarmos no bote, querer voltar ao carvoeiro, e assim concordamos todos em deixá-lo desgarrar. Remamos então para a costa, na medida do possível. Prometeu-lhes nosso comandante que, se o bote se arrebentasse no litoral, seu patrão seria recompensado dos prejuízos. Dessarte, o bote, em parte pela força dos remos e em parte arrastado, rumou ao norte, guinando para a costa até a altura de Winterton-Ness.

Quinze minutos ou pouco mais depois de abandonarmos o navio, vimos-lo soçobrar diante de nós. Compreendi, então, pela primeira vez, o que significava um navio *ir a pique*. Devo confessar que mal pude olhar quando os marinheiros me disseram que ele afundava. Entrara no bote antes carregado que por minhas próprias pernas. Tinha o coração como paralisado, não só pelo medo como pela tortura moral e a lembrança do que me reservava o futuro.

Estávamos nessa situação, os homens ainda remando para levarem o bote ao litoral, quando percebemos (a terra era visível sempre que o bote subia com as ondas) muita gente correndo pela costa para nos ajudar logo que nos aproximássemos. Mas pouco avançamos em direção ao litoral; só conseguimos atingi-lo depois que, deixado para trás o farol de Winterton, e desviando-nos da costa para oeste, no rumo de Cromer, a terra quebrou um pouco a violência da ventania. Por aí entramos e, não sem muita dificuldade, desembarcamos a salvo. Fomos, em seguida a pé até Yarmouth, onde, como infelizes que éramos, nos receberam com grande humanidade, não só os magistrados do lugar, que nos destinaram bons alojamentos, como os comerciantes e proprietários de navios, dando-nos dinheiro suficiente para

nos dirigirmos a Londres ou voltarmos a Hull, conforme nos aprouvesse.

Tivesse eu, então, juízo bastante para voltar a Hull e ir para casa, teria sido feliz. Meu pai, simbolizando a parábola de nosso abençoado Salvador, haveria mesmo de sacrificar para mim uma gorda vitela, pois que, sabendo que meu navio fora arremessado à enseada de Yarmouth, só depois de muito tempo poderia ter a certeza de eu não ter me afogado.

Porém meu destino ruim empurrava-me, então, com tanta pertinácia que nada lhe poderia resistir. E, embora por várias vezes a razão e a intenção sensata de ir para casa gritassem dentro de mim, não tinha forças para fazê-lo. Não sei como chamar isso, nem afirmarei que seja uma lei desconhecida e soberana que nos instiga a ser os instrumentos de nossa própria destruição, mesmo que esteja esta diante de nós e para ela corramos de olhos abertos. Nada senão algo como a contingência inevitável de uma desgraça por suceder e a que seria impossível escapar poderia, com certeza, empurrar-me para a frente, contra os conselhos e o frio raciocínio de minha consciência e contra os dois avisos tão claros que tivera na primeira tentativa.

Meu companheiro, que antes procurara me animar e era filho do comandante, mostrava-se agora menos afoito do que eu. A primeira vez que falou comigo depois de chegarmos a Yarmouth, o que só se deu três dias mais tarde, porque nos separavam diversos quarteirões — a primeira vez que me viu, pareceu-me mudado. Com ar melancólico, sacudindo a cabeça, perguntou-me como ia passando e contou ao pai quem eu era e como fizera aquela viagem a título de experiência, a fim de correr o mundo. Seu pai voltou-se para mim, dizendo, em tom grave e preocupado:

— Moço, nunca mais volte à vida do mar. O senhor deve tomar o que aconteceu como um sinal claro e visível de que não nasceu para marinheiro.

— Mas — disse eu — o senhor não voltará ao mar?

— Não é o mesmo caso — respondeu ele. — Esta é a minha profissão e, portanto, meu dever. Mas o senhor, que fez esta viagem por experiência, teve do céu a antevisão do que o espera se insistir. Talvez isso tenha nos acontecido por sua causa, como se deu com Jonas no navio de Tarshish. Por Deus — continuou ele —, quem é o senhor? E por que motivo veio para o mar?

Contei-lhe, então, um pouco de minha história, o que o deixou muito agitado:

— Que fiz eu — exclamou ele — para que esse desgraçado viesse parar em meu navio?! Não poria mais o pé com ele no mesmo navio nem por mil

libras!

Entretanto, depois disso falou-me seriamente e exortou-me a voltar para a casa de meu pai e não forçar a Providência a arruinar-me. Disse-me que via contra mim a mão divina.

— E fique certo, moço — disse ele —, que, se não voltar, só há de colher desastres e desilusões aonde for, até que se cumpram as palavras de seu pai.

Nós nos separamos logo em seguida, porque mal lhe respondi, e não o vi mais. Que rumo tomou, não soube. Quanto a mim, tendo algum dinheiro no bolso, dirigi-me a Londres, por terra. Aí, bem como a caminho, foram muitas as lutas íntimas que tive sobre a vida a seguir, sobre se devia ir para casa ou volver ao mar.

Quanto a ir para casa, a vergonha se opôs a meus melhores impulsos. Logo me ocorreu que seria alvo da zombaria de meus vizinhos e que ficaria envergonhado ao ver não apenas meu pai e minha mãe, mas qualquer outra pessoa. Desde então observei muitas vezes quão incoerente e ilógica é a natureza do homem, especialmente do jovem, em face da razão que o deveria guiar em tais casos. Isto é, não se envergonha de pecar, mas se envergonha de arrepender-se; não se envergonha dos atos que justamente o marcam como insensato, mas se envergonha do arrependimento que somente lhe dá a auréola de sábio.

Continuei nesse estado durante algum tempo, sem saber o que fazer, que curso dar à vida. Era irresistível a relutância de voltar para casa. Dentro em pouco se desvanecia a lembrança da desgraça recente e com ela o impulso de voltar, até que afastei por completo esses pensamentos e tratei de arranjar outra viagem.

A maligna influência que me afastou da casa de meu pai, que me instigou a feroz ambição de fazer fortuna, que me impregnou tanto com essas ideias, a ponto de fazer-me surdo aos bons conselhos, às súplicas e mesmo às ordens de meu pai — essa mesma influência, o que quer que fosse, levou-me à mais infortunada de todas as aventuras: fui para bordo de um navio com destino à costa da África, ou, como nossos marinheiros dizem comumente, em viagem para a Guiné.

Para meu grande infortúnio, nunca, em todas essas aventuras, embarquei na qualidade de marinheiro. Se o tivesse feito, teria decerto trabalhado um pouco mais arduamente e ao mesmo tempo poderia aprender o ofício de encarregado do mastro de maquete e, com o tempo, me prepararia para ser

piloto ou tenente e até comandante. Mas sempre foi meu destino escolher o pior, e assim fiz então. Tendo dinheiro no bolso e boas roupas, haveria sempre de subir a bordo com a aparência de um gentil-homem e, dessarte, não teria nenhuma tarefa a bordo nem aprenderia nenhuma.

Tive, primeiro, a sorte de encontrar gente boa em Londres, o que nem sempre acontece a rapazes estroinas e desorientados, como eu era então, pois que o demônio não se esquece, em geral, de armar-lhes um laço muito cedo. Porém isso não se deu comigo. Conheci, primeiro, um capitão de navio que estivera na costa da Guiné e, sendo muito bem-sucedido, resolvera voltar. Gostando de minha palestra, que não era de todo desagradável por essa época, e ouvindo-me falar que tencionava correr o mundo, disse-me que não teria quaisquer despesas se fosse com ele. Ser-lhe-ia comensal e companheiro e, se eu pudesse levar alguma coisa comigo, teria todas as eventuais vantagens do comércio e, talvez, colheria bons lucros.

Aceitei a oferta e, tornando-me amigo íntimo do capitão, homem honesto e franco, viajei com ele, carregando de meu algum capital, que consegui aumentar bastante. Levei cerca de quarenta libras de brinquedos e quinquilharias, conforme o capitão me aconselhou a comprar. Essas quarenta libras, arranjei-as com o auxílio de alguns parentes com quem me corripondi, os quais — acredito — conseguiram que meu pai, ou pelo menos minha mãe, contribuísse com essa quantia para minha primeira especulação.

Foi essa a única viagem que posso dizer bem-sucedida entre todas as minhas aventuras. Devo isso à integridade e honestidade de meu amigo capitão, com quem adquiri, por igual, bom conhecimento das matemáticas, das regras de navegação, de como manter um registro da rota seguida, avaliar a posição do navio e, em suma, entendimentos de certas coisas necessárias a um marinheiro. Se ele gostava de me ensinar, eu gostava de aprender, e, em uma palavra, essa viagem me tornou tanto comerciante quanto marinheiro. Voltei com cinco libras e nove onças de ouro em pó, o que deu em Londres quase trezentas libras. Isso encheu-me de ideias ambiciosas que acabaram de arruinar-me.

Contudo, mesmo nessa viagem não me faltaram os dissabores, pois estive constantemente enjoado e contraí violenta febre devido ao excessivo calor. Nosso principal comércio se fazia na costa, de 15 graus de latitude norte até a própria linha equatorial.

Eu tinha me transformado em traficante da costa da Guiné. Infelizmente,

meu amigo faleceu logo depois de ter voltado, e eu, resolvido a fazer outra viagem, embarquei no mesmo navio, comandado agora pelo antigo piloto. Foi a mais desgraçada viagem já empreendida por um homem. Embora não chegasse a levar cem libras de minha recente fortuna (eu deixara duzentas libras, entregues por mim à viúva de meu amigo, que foi muito correta comigo), passei por terríveis infortúnios. E o primeiro foi o seguinte: ia nosso navio rumo às ilhas das Canárias, ou, antes, entre essas ilhas e a costa africana, quando fomos surpreendidos, no lusco-fusco do amanhecer, por um corsário turco de Salé, que nos deu caça a todo o pano. Também usamos, para escapar, de todas as velas que nossas vergas e mastros comportavam, mas, vendo que o corsário se aproximava de nós e de certo nos abordaria dentro de algumas horas, nós nos preparamos para combater. Nosso navio tinha doze canhões, e o corsário, dezoito. Pelas três da tarde ele nos alcançou, mas, como tinha nos atacado erradamente pela borda, em vez de pela popa, conforme pretendia, levamos oito de nossos canhões para esse lado e demos uma salva, que o fez se afastar para depois responder a nosso fogo, disparando também sobre nós a fuzilaria de cerca de duzentos homens. Entretanto, nenhum de nossos homens foi atingido, mantendo-se firmes. Preparou-se o corsário para nos atacar de novo e nós, para nos defender. Abordando-nos, dessa vez, pelo outro lado, sessenta homens invadiram-nos a coberta e puseram-se a quebrar e a fazer em pedaços a coberta e os aparelhos. Nós os dominamos a tiros, chuços, cunhetes e por aí além, expulsando-os da coberta duas vezes. Entretanto, para resumir esse triste episódio de nossa história, fomos obrigados a ceder depois de terem inutilizado o navio e matado três de nossos homens. Fomos todos levados como prisioneiros para Salé, porto pertencente aos mouros.

O tratamento que me dispensaram ali não foi tão terrível como temia, nem fui eu levado para a corte do imperador, como se deu com o resto de nossos homens. Fiquei, como presa própria, em companhia do comandante do corsário. Fez de mim um escravo, pois eu era forte, vivo e apto para o serviço. Senti-me completamente esmagado com essa surpreendente transformação de minha vida, de traficante a mísero escravo. Recordei, então, as palavras proféticas de meu pai, que eu seria desgraçado sem esperança de auxílio, e isso — pensei — se tornara em tamanha realidade que eu não podia estar em situação pior. Agora que me alcançara a mão da Providência, estava perdido para sempre. Mas — ai de mim! — isso não era senão uma amostra das misérias que me aguardavam, como se verá da continuação da história.

Levado para a casa de meu novo patrão ou senhor, alimentei esperanças de que tivesse de acompanhá-lo quando fosse viajar de novo, acreditando que, cedo ou tarde, ele seria capturado por um navio de guerra espanhol ou português e eu conquistaria a liberdade. Porém essa esperança se dissipou em breve. Indo viajar, deixou-me em terra para tratar do pequeno jardim e fazer o usual serviço doméstico dos escravos. Quando voltou da viagem, mandou-me dormir no camarote para cuidar do navio.

Só pensei, então, em fugir e no modo de fazê-lo, mas não encontrei meio nenhum que oferecesse um mínimo de probabilidade. Com efeito, não tinha ninguém a quem comunicar o plano, para embarcar comigo: nenhum companheiro de escravidão, nenhum inglês, irlandês ou escocês, ninguém senão eu próprio. Por isso, embora tenha me alimentado constantemente de sonhos, nunca encontrei a menor possibilidade de pô-los em prática.

Decorridos cerca de dois anos, apresentou-se singular circunstância que me reavivou o desejo de tentar a fuga. Meu patrão permanecia em casa mais que o usual, sem fazer preparativos de viagem devido, ao que soube, à falta de dinheiro. Deu, então, uma ou duas vezes por semana, ou mesmo mais, quando o tempo estava bom, para tomar o escaler do navio e sair a pescar na enseada. Levava sempre a mim e um pequeno mouro para remar. Ficou muito satisfeito conosco e eu me mostrei muito hábil na pescaria. Ficou tão satisfeito que me mandava às vezes com um mouro, seu parente, e o pequeno para lhe pescarmos um pouco de peixe.

Aconteceu, de uma feita, que, indo pescar por uma clara e tranquila manhã, caiu um nevoeiro tão denso que, embora estivéssemos a menos de meia légua da costa, a perdemos de vista. Remando sem saber para onde ou por onde, lidamos o dia inteiro e toda a noite. Quando amanheceu, verificamos ter remado para o mar largo e não para a costa, da qual nos encontrávamos a, pelo menos, duas léguas. Contudo, a alcançamos de novo, não sem muito trabalho e algum perigo, pois que o vento começou a soprar com força pela manhã. Estávamos, sobretudo, com muita fome.

Nosso patrão alertou-se com o acidente e resolveu ter mais cuidado no futuro. Tendo guardado para si o grande escaler de nosso navio inglês, deliberou não ir mais à pesca sem uma bússola e algumas provisões. Mandou, então, o carpinteiro de seu navio, que também era um escravo inglês, construir um pequeno quarto ou camarote no meio do escaler, como o de uma barca, com um lugar atrás para dirigir o leme e recolher a vela grande e espaço adiante para uma ou duas pessoas manobram as velas. O barco tinha

uma vela latina, cujo pau passava sobre o camarote. Neste, muito baixo e encolhido, havia espaço para o patrão e um ou dois escravos se deitarem, uma mesa com pequenos armários, onde eram guardadas algumas garrafas de bebidas de sua escolha e, sobretudo, pão, arroz e café.

Saíamos frequentemente no escaler para pescar e, como eu era de todos o mais hábil pescador, nunca meu patrão ia sem mim. Certa vez, deliberou sair no escaler, fosse por prazer ou para pescar, em companhia de dois ou três mouros de algum destaque no lugar, de modo que se proveu de maneira fora do comum. Tendo, assim, mandado para bordo, à noite, víveres em quantidade maior que a usual, ordenou-me que carregasse três espingardas existentes no barco com pólvora e chumbo, pois tanto tencionava pescar quanto caçar.

Aprontei tudo segundo as ordens recebidas, e, na manhã seguinte, tinha o escaler bem lavado, bandeira e galhardetes içados e tudo disposto para receber os hóspedes. Meu amo não tardou a chegar a bordo, sozinho, e participou-me que seus hóspedes tinham transferido a excursão, devido a algum acontecimento inesperado. Mandou que eu fosse pescar como de costume, com o homem e o pequeno, pois os amigos viriam para jantar com ele, e que, assim que tivesse arranjado algum peixe, voltasse para casa. Assim me dispus a fazer.

A ideia antiga de fugir passou-me, então, célere pela cabeça, pois percebi que teria um pequeno navio sob o meu comando. Meu amo foi embora e eu tratei de prover-me não para pescar, mas para uma viagem, embora não soubesse para onde me dirigir nem pensasse nisso. Para sair daquele lugar todas as rotas eram boas.

Minha primeira medida foi iludir o mouro, pedindo-lhe para arranjar algo para nossa alimentação, já que não podíamos pensar em comer o pão de nosso amo. Concordou e trouxe um grande cesto de bolachas ou biscoitos à moda deles e três bilhas de água fresca. Eu sabia onde meu amo guardava as garrafas de bebidas, que, pelo seu fabrico, foram sem dúvida tomadas de algum navio inglês, e trouxe-as para bordo, enquanto o mouro estava em terra. Trouxe também boa quantidade de cera de abelha, pesando cerca de um quintal, um rolo de barbante ou cordão, um machado, uma serra e um martelo, coisas todas que nos foram de grande utilidade mais tarde, sobretudo a cera, para fazer velas. Armei-lhe outro laço e ele inocentemente caiu. Chamava-se Ismael e o apelidavam de Muly, ou Moley, e assim o chamei então.

— Moley — disse-lhe —, as espingardas de nosso amo estão no barco. Você poderia arranjar um pouco de pólvora e de chumbo? Quem sabe poderemos matar para nós algumas alcâmias (aves parecidas com nossas galinhas)? Eu sei que ele tem o paiol de pólvora no navio.

— Está bem — respondeu ele —, vou ver se arranjo.

E, com efeito, trouxe uma grande bolsa de couro com cerca de uma libra e meia de pólvora e outra com chumbo, pesando cinco ou seis libras, com algumas balas, pondo tudo no barco. Eu achara, ao mesmo tempo, um pouco de pólvora de meu amo no camarote grande e com ela enchi uma das maiores garrafas do armário, que estava quase vazia, depois de passar o seu conteúdo para outra. Provido, assim, do necessário, saímos do porto para pescar.

A fortaleza à entrada do porto já nos conhecia e não se incomodou conosco. Não estávamos a mais de uma milha do porto quando recolhemos a vela e começamos a pescar. O vento soprava de nor-nordeste, o que era contrário a meus desígnios, pois, se estivesse soprando na direção sul, estaria certo de chegar à costa da Espanha e de alcançar pelo menos a baía de Cádiz. Mas estava resolvido a fugir daquele horrível lugar qualquer que fosse a direção do vento, entregando o futuro ao destino.

Depois de pescar algum tempo sem apanhar nada, pois, quando o peixe mordida o anzol, não o puxava a fim de que o mouro nada percebesse, disse-lhe eu:

— Isto aqui não serve. Assim não apanharemos nada para nosso amo. Precisamos ir para mais longe.

Ele concordou sem desconfiar, içando as velas, pois estava na proa. Eu, que dirigia o leme, levei o barco para cerca de uma légua mais distante e então parei, como se quisesse pescar. Entregando o leme ao pequeno, aproximei-me do mouro e, fingindo apanhar alguma coisa por trás dele, segurei-o pelas pernas e lancei-o ao mar. Ele veio imediatamente à tona, pois nadava como um peixe, e implorou-me que o recolhesse, prometendo que me seguiria por toda parte. Nadou com tanto vigor em direção ao barco que em pouco nos alcançaria, pois havia pouco vento. Fui, então, ao camarote e apanhei uma das espingardas, apontando-a para ele, e disse-lhe que não lhe tinha feito nem faria mal, se me obedecesse.

— Você nada bastante — disse-lhe eu — para chegar à costa, e o mar está calmo. Nade para lá o melhor que puder e não lhe farei mal nenhum. Mas, se você se aproximar do barco, dar-lhe-ei um tiro na cabeça! Estou resolvido a reaver minha liberdade.

Ele, então, voltou e pôs-se a nadar para a costa. Não tenho nenhuma dúvida de que a alcançou com facilidade, pois era excelente nadador.

Talvez ficasse mais bem servido levando o mouro e desfazendo-me do pequeno, mas não podia correr o risco de confiar naquele. Depois que se foi embora, voltei-me para o pequeno, que se chamava Xuri, e disse-lhe:

— Xuri, farei de você um grande homem se me for fiel. Mas, se você não alisar o rosto como penhor de que não me enganará (o que equivalia a jurar por Maomé e pelas barbas do pai), serei obrigado a lançá-lo também ao mar!

O pequeno sorriu e falou com tanta inocência que não pude deixar de lhe ter confiança. Jurou ser-me fiel e seguir-me a toda parte.

Enquanto observava o mouro nadando, fiz-me diretamente ao largo, bolinando, de modo a fazê-lo pensar que eu me dirigia para a entrada dos Estreitos, como qualquer um pensaria decerto nas circunstâncias em que estávamos. Com efeito, quem poderia supor que nos dirigiríamos à costa habitada pelos bárbaros, onde tribos inteiras de negros certamente nos cercariam com suas canoas e nos destruiriam; onde nunca poderíamos descer à terra sem nos arriscarmos a ser devorados por animais ferozes ou por feras ainda mais impiedosas com os homens?

Entretanto, assim que escureceu, pelo cair da tarde, mudei de curso e rumei diretamente ao sul, desviando um pouco o curso para leste, de modo a não me afastar muito da costa. Soprava uma viração bastante forte e o mar estava calmo. Naveguei tanto que, às três horas da tarde do dia seguinte, quando vi terra pela primeira vez, acho que não podia estar a menos de 150 milhas ao sul de Salé, muito além dos domínios do imperador do Marrocos, ou mesmo de qualquer outro rei vizinho, pois não vimos gente de espécie alguma.

Tomara, porém, tanto medo aos mouros e tais eram meus receios de cair-lhes de novo nas mãos que não quis parar, ou ir à terra, ou mesmo ancorar. Navegamos, assim, durante cinco dias, com vento favorável, que depois passou a soprar na direção sul. Concluí, então, que, se algum navio ainda nos perseguia, teria de desistir. Aventurei-me, assim, a aproar para terra e ancorei na foz de um pequeno rio, sem saber que rio era ou por onde corria. Não sabia tampouco em que latitude, região ou país me encontrava, nem vi ou desejei ver gente alguma, pois queria, sobretudo, água fresca. Penetramos na enseada à noitinha, resolvidos a ir à terra assim que escurecesse de todo e explorar a região. Mas, logo que se fez noite total, ouvimos latidos, urros e

uivos tão horríveis de animais selvagens desconhecidos que o pobre pequeno só faltou morrer de medo e implorou-me não ir à terra antes do amanhecer.

— Está bem, Xuri — disse eu —, não irei, mas talvez vejamos de manhã homens tão ferozes para nós quanto esses leões.

— Então nós *dar* neles tiros de espingarda — disse rindo — *e fazer eles* fugir.

O pouco inglês que sabia, aprendera-o conversando conosco, escravos. Estava satisfeito de ver o pequeno tão alegre e dei-lhe um gole de bebida (de uma das garrafas de nosso amo), para animá-lo. Além do mais, o conselho de Xuri era bom e resolvi tomá-lo. Lançamos nossa pequena âncora e ficamos quietos a noite inteira. Digo “quietos”, apesar de não dormirmos nada. Dentro de duas ou três horas vimos enormes animais de várias espécies (não sabemos como chamá-los) chegarem à beira do mar e entrarem na água, banhando-se e rebolando-se como para se refrescarem. E soltavam urros e bramidos como nunca ouvira.

Xuri ficou apavorado e, naturalmente, eu também. Entretanto, mais aterrorizados ficamos quando um desses enormes animais veio nadando na direção do barco. Não o podíamos ver, mas, pelo sopro da respiração, era um bicho monstruoso e feroz. Xuri disse que era um leão e bem podia ser, pelo pouco que sei. O pobre pequeno implorou-me que levantasse a âncora e fôssemos embora.

— Não, Xuri — disse eu —, nós podemos lançar o cabo da âncora ligado a uma boia e nos afastarmos um pouco. Eles não podem nadar tão longe.

Mal acabara de dizer isso, vimos o tal bicho (ou o que quer que fosse) à distância de dois remos, o que muito me assustou. Fui imediatamente até a porta do camarote e, apanhando minha espingarda, dei-lhe um tiro. Ele voltou logo, nadando para a praia.

É impossível dar uma ideia do tremendo barulho, gritos horríveis e rugidos que o estampido do tiro ou seu eco levantou, tanto à beira-mar quanto para dentro da terra. Penso ter razão em supor que nunca tinham ouvido um tiro. Isso convenceu-me de que não devíamos ir à praia de noite; mesmo de dia, seria um problema. Cair nas mãos de canibais seria o mesmo que cair nas garras de leões e tigres. Pelo menos, era igual a apreensão que sentíamos.

Como quer que fosse, estávamos obrigados a procurar água em algum ponto da costa, porquanto não tínhamos senão muito pouca de sobra. O difícil era saber quando ou onde a poderíamos conseguir. Xuri propôs-me que, se o

deixasse ir à terra com uma das bilhas, procuraria água e me traria alguma. Perguntei-lhe por que não iria eu, esperando-me ele no barco. O pequeno respondeu-me com tanta afeição que desde esse momento nunca mais deixei de querer-lhe bem.

— Se homens selvagens vêm, eles me *comer*, você *fugir*.

— Está bem, Xuri — disse-lhe eu —, vamos ambos e, se vierem os homens selvagens, nós os mataremos. Não comerão nenhum de nós dois.

Dei, então, a Xuri um pedaço de bolacha e um gole de bebida de uma das garrafas de nosso amo, antes mencionadas. Levamos o barco para perto da praia e descemos à terra. Levávamos somente as espingardas e duas bilhas para a água.

Não me arrisquei a perder o barco de vista, temendo que os canibais descessem o rio em canoas. Divisando, porém, o pequeno uma baixada cerca de uma milha terra acima, deu um pulo até lá. Logo o vi de volta, correndo para mim. Pensei que algum selvagem o perseguia ou que tivesse topado com alguma fera e corri para socorrê-lo. Ao aproximar-me, todavia, notei alguma coisa pendente de seus ombros. Era um animal que matara, parecido com uma lebre, mas de cor diferente e de pernas mais compridas. Ficamos muito contentes, pois a carne era boa. Mas o alvoroço maior do pobre Xuri era para me dizer que encontrara boa água e não vira selvagens.

Descobrimos, mais tarde, que não precisávamos de ter tanto trabalho para apanhar água. Um pouco acima da angra, onde fundeáramos, verificamos que a água do regato era doce na vazante da maré, que subia pouco. Enchemos as bilhas, nos regalamos com a suposta lebre e nos preparamos para partir; não havíamos descoberto pegadas de criaturas humanas pelas redondezas.

Sabia muito bem, pois viajara antes por ali, que as ilhas das Canárias e do Cabo Verde não ficavam muito longe da costa. Não tinha, porém, instrumentos para verificar em que latitude estávamos e não sabia nem me lembrava da latitude dessas ilhas. Não tinha ideia de como poderia procurá-las, nem de que ponto nos havíamos de afastar da costa, aproando para elas. Não fosse por isso, eu teria encontrado facilmente uma das ilhas. Minha esperança era que, continuando a navegar ao longo da costa até atingir a região visitada pelos traficantes ingleses, topássemos com algum desses navios em sua rota habitual e fôssemos recolhidos.

Segundo meus melhores cálculos, estávamos à altura da região sáfara e desabitada, a não ser por animais ferozes, que fica entre os domínios do

imperador do Marrocos e as tribos negras. Os negros tinham-na abandonado e foram mais para o sul, com medo dos mouros, e estes não se deram ao trabalho de habitá-la, devido à sua aridez. Sem dúvida, ambos a abandonaram por causa, também, do número prodigioso de tigres, leões, leopardos e outras feras, que por ali se acoitam. Os mouros só a exploravam para a caça e então, vinham em verdadeiros exércitos, dois ou três mil homens de uma só vez. Durante o dia, encontravam-se, apenas, aridez e desolação em cem milhas de costa. À noite, ouviam-se somente os urros e rugidos das feras.

Por uma ou duas vezes julguei ver, durante o dia, o pico de Tencrife, o mais alto das montanhas de Tenerife, nas Canárias. Tive muita vontade de aproar para o largo, na esperança de chegar até lá. Tentei duas vezes, mas fui forçado a voltar pelos ventos contrários e porque o mar estava muito agitado para meu pequeno barco. Resolvi, pois, seguir meu primeiro plano e navegar ao longo do litoral.

Depois de partir daquele lugar tive de descer à terra várias vezes, para apanhar água doce. De uma feita, pela manhãzinha, ancoramos junto a uma ponta de terra, pequena, mas bastante alta. A maré começou a subir e nós ficamos quietos, deixando o barco se aproximar ainda mais da terra. Xuri, que parecia ter vista mais penetrante que a minha, chamou-me baixinho, dizendo que faríamos melhor se nos afastássemos um pouco.

— Olhe — disse ele —, lá *estar* deitado monstro horrível, dormindo ao lado desse morrinho.

Olhei para onde apontava e vi, de fato, um terrível monstro, pois era um enorme leão deitado na encosta, à sombra de um cavado da colina.

— Xuri — disse-lhe eu —, vá à terra e mate-o.

Xuri amedrontou-se e respondeu:

— *Mim* matar! Ele me *comer* de uma *boca*!

De uma bocada, queria dizer. Não falei mais nisso ao pequeno, mas ordenei-lhe que ficasse quieto; apanhei nossa maior espingarda, quase do calibre de um mosquete, carreguei-a com boa quantidade de pólvora e dois chumbos e coloquei-a no chão. Carreguei, depois, outra espingarda com duas balas. A terceira, pois tínhamos três armas, carreguei com cinco balas menores. Fiz a melhor pontaria que pude com a primeira espingarda, para meter-lhe um tiro na cabeça, mas, como estava deitado de maneira que uma perna ficava um pouco acima das ventas, os chumbos atingiram-lhe essa perna, perto do joelho, quebrando o osso. Ele quis levantar-se, rosnando a princípio, mas, sentindo a perna quebrada, deixou-se cair de novo. Levantou-

se, depois, sobre as três pernas e soltou o mais horrível rugido que já ouvi. Fiquei um pouco decepcionado por não o ter atingido na cabeça. Apanhei imediatamente a segunda espingarda e, embora ele comesse a se afastar, fiz fogo mais uma vez e alcancei-o na cabeça. Tive a satisfação de vê-lo cair sem fazer nenhum barulho, estrebuchando. Xuri, então, tomou coragem e pediu-me para deixá-lo ir à terra.

— Pois bem, vá — disse eu.

O pequeno pulou n'água e, segurando numa das mãos uma espingarda pequena, nadou para a praia com a outra mão. Aproximou-se do animal, pôs-lhe no ouvido a boca da espingarda e disparou, liquidando-o de uma vez.

Para nós, aquilo era, sem dúvida, uma grande caça, mas não significava alimento. Estava muito aborrecido de ter gasto três cargas de pólvora e chumbo num animal sem nenhuma utilidade para nós. Xuri, entretanto, afiançou que tiraria dele alguma coisa. Veio a bordo e pediu-me para lhe dar o machado.

— Para quê, Xuri? — perguntei.

— *Mim cortar* cabeça dele — respondeu.

Xuri não lhe conseguiu cortar a cabeça, porém cortou uma pata e trouxe-a consigo. Era monstruosamente grande.

Pensei comigo mesmo que a pele do animal poderia ser, de algum modo, útil para nós. Resolvi tirar-lhe a pele, se possível. Eu e Xuri pusemo-nos, então, a trabalhar. Xuri era muito mais destro que eu, que muito mal sabia como agir. A tarefa nos tomou o dia inteiro. Por fim, tiramos-lhe a pele toda e a estendemos sobre o teto do camarote. Secou completamente ao sol, no prazo de dois dias, e serviu-me, desde então, de esteira.

Depois dessa parada, prosseguimos para o sul durante alguns dias contínuos, poupando bastante o alimento, que começou a diminuir muito; só descíamos à terra quando éramos obrigados a apanhar água doce. Meu plano, então, era chegar ao rio Gâmbia ou ao Senegal, isto é, a algum ponto nas proximidades de Cabo Verde, onde esperava encontrar algum navio europeu. Caso contrário, não saberia que destino tomar, exceto sair em busca das ilhas ou perecer às mãos dos negros. Sabia que todos os navios vindos da Europa em viagem para a costa da Guiné, para o Brasil ou para as Índias Orientais escalavam nesse cabo ou nessas ilhas. Numa palavra, pus toda a minha esperança de salvação no dilema: encontrar um navio ou perecer.

Depois de prosseguir viagem por dez dias, como disse, comecei a perceber que a terra era habitada. Quando navegávamos por perto de dois ou

três lugares, vimos gente a olhar-nos da praia. Notamos também que eram negros retintos e estavam completamente nus. Tive vontade, uma vez, de ir à terra para me entender com eles. Xuri, porém, aconselhou-me melhor, dizendo-me:

— Não *ir*, não *ir*.

Contudo, aproximei-me um pouco mais da costa para lhes falar e eles correram pela praia uma boa distância, acompanhando-me. Observei que não traziam armas, exceto uma vara comprida e fina. Xuri disse ser uma lança, que seriam capazes de arremessá-la bem longe e com boa pontaria. Guardei, assim, distância, porém falei-lhes por meio de sinais da melhor maneira que pude. Fiz-lhes, especialmente, sinais de que queria comer. Acenaram-me para parar o barco, que iriam arranjar algum alimento. Amainei, então, o topo da vela e fiquei por ali, enquanto dois deles corriam mato adentro e voltaram em menos de meia hora, trazendo dois pedaços de carne-seca e um pouco de milho, produtos da região. Não conhecíamos, entretanto, nem uma coisa nem outra. Queríamos aceitá-las, mas nos pusemos a discutir sobre a maneira da entrega, porque eu não queria me arriscar a ir à terra e eles estavam com tanto medo quanto nós. Arranjaram, todavia, um meio seguro para todos, pondo o alimento no chão da praia e afastando-se bastante, só voltando de novo quando tínhamos levado tudo para o barco.

Fizemos-lhes sinais de agradecimento, uma vez que nada possuímos com que lhes retribuir. Apresentou-se, entretanto, uma oportunidade admirável de obsequiá-los. Com efeito, enquanto permanecíamos perto da praia, surgiram dois enormes animais, um a perseguir ferozmente o outro (como o interpretei) desde as montanhas até o mar. Se era o macho atrás da fêmea, se estavam brincando ou em luta, não saberia dizer, nem tampouco sabia se aquilo era comum ou não. Acredito, porém, que a última hipótese era a verdadeira, porque, em primeiro lugar, esses vorazes animais raramente aparecem de dia; em segundo lugar, vi aquela gente tomada de terrível pânico, sobretudo as mulheres. Os homens com lanças ou dardos não fugiram, mas os outros correram. Os dois animais, entretanto, vieram diretamente para o mar e não pareciam querer atacar nenhum dos negros. Meteram-se n'água e puseram-se a nadar por ali, como se estivessem se divertindo. Um deles chegou-se para o barco mais do que eu esperava, mas já estava preparado, porque carregara minha espingarda com a maior rapidez possível e mandara que Xuri carregasse as outras duas. Logo que ele ficou razoavelmente a meu alcance, atirei, atingindo-o em cheio na cabeça.

Mergulhou imediatamente, mas logo veio à tona e começou a afundar e a boiar, como se estivesse lutando pela vida. E de fato estava. Quis voltar à praia, porém morreu pouco antes de alcançá-la, tanto pela ferida mortal quanto pela asfixia da submersão.

É impossível descrever o espanto daquelas pobres criaturas ao estampido e ao clarão do tiro. Alguns só faltaram morrer de medo e caíram no chão como fulminados pelo terror. Quando, porém, viram o animal morto, submerso, e notaram meus sinais para que se aproximassem, tomaram alento e vieram à praia, começando a procurá-lo. Encontrei-o graças ao sangue que tingia a água. Passei-lhe uma corda em volta e dei-a aos negros, que o arrastaram para a praia. Era um leopardo dos mais curiosos, mosqueado e de grande beleza, que os negros suspenderam, admirados de ver como eu o matara.

O outro animal, amedrontado com o clarão e o estampido do tiro, nadou para a praia e correu para a montanha de onde descera, de modo que não pude ver de longe o que era. Percebi logo que os negros gostariam de comer a carne do animal e, como desejava lhes fazer um presente, acenei-lhes que podiam levá-lo, ao que ficaram muito agradecidos. Puseram-se imediatamente a trabalhar e, embora não tivessem faca, tiraram a pele do animal com um pedaço pontiagudo de madeira tão depressa ou mesmo muito mais depressa do que eu o teria feito com uma faca. Ofereceram-me uma parte da carne, mas não quis aceitar, fazendo-os entender que eu a dera. Pedi-lhes, porém, a pele, e eles a deram para mim de boa vontade, trazendo-me, além disso, mais uma boa provisão de alimentos, que eu aceitei, embora me fossem desconhecidos. Fiz-lhes, em seguida, sinais de que queria água, estendendo-lhes uma de minhas bilhas de fundo para cima, para mostrar que estava vazia e desejava que a enchessem. Chamaram imediatamente por alguns dos companheiros e logo vieram duas mulheres trazendo um grande vaso de barro cozido ao sol, segundo suponho. Puseram-no no chão para mim, como antes, e eu mandei Xuri à praia a fim de encher as três bilhas.

Providos de raízes e de milho — os alimentos ofertados —, além da água, deixamos os amigos negros e navegamos cerca de onze dias sem nos aproximarmos da costa, até que vimos a terra meter-se profundamente pelo mar, quatro ou cinco léguas à nossa frente. Estando o mar muito calmo, fiz um grande arco para atingir aquela ponta. Dobrando-a a cerca de duas léguas de distância, vi terra ao longe, fronteira ao outro lado do promontório. Concluí, então, como era sem dúvida o mais certo, que se tratava do Cabo

Verde e que aquela terra fronteira eram as ilhas, chamadas por isso ilhas do Cabo Verde. Estavam, porém, a grande distância e eu não sabia qual o melhor caminho a seguir, pois, caso um vento forte me apanhasse, eu bem poderia não chegar nem a um porto nem a outro.

Nesse dilema, pensativo, entrei no camarote e sentei-me, deixando Xuri no governo do leme, quando, súbito, o pequeno gritou:

— Meu amo, meu amo, um navio com vela!

O tolo do pequeno estava fora de si com medo de que fosse o navio de seu antigo amo à nossa caça, quando eu sabia que estávamos muito além de seu alcance. Corri para fora do camarote e não só vi o navio como verifiquei tratar-se de um veleiro português que — pensei — ia à busca de negros na costa da Guiné. Logo me convenci, porém, pela rota seguida, de que se destinava a outro lugar e não se aproximaria mais da costa. Naveguei, então, para o largo tanto quanto pude, resolvido, se possível, a alcançá-lo.

Entretanto, mesmo navegando a todo pano, vi que não o alcançaria e que ele iria embora antes de me permitir fazer-lhe qualquer sinal. Já começava a me desesperar, depois de ter dado o máximo de força às velas, quando me viram, ao que parece, com o auxílio de um óculo de alcance. Supondo tratar-se de um escaler pertencente a algum navio europeu naufragado, amainaram um pouco as velas, para me deixar alcançá-los. Tomei alento, fiz-lhe sinais de perigo com a bandeira de meu antigo amo e dei um tiro de espingarda. Viram ambas as coisas. Com efeito, contaram-me ter visto a fumaça, embora não ouvissem o estampido. Depois disso, aproximaram-se com a maior boa vontade e ficaram parados, de modo que os alcancei em três horas.

Perguntaram-me quem eu era em português, em espanhol e em francês, mas não entendia nenhuma dessas línguas. Questionou-me, por fim, um marinheiro escocês que estava a bordo, e eu lhe contei ser inglês e ter fugido da escravidão entre os mouros de Salé. Convidaram-me, então, para bordo e bondosamente me levaram, bem como a todos os meus pertences.

Pode-se imaginar minha inexprimível alegria por me haver libertado de uma situação tão desgraçada e sem esperança, como acreditara. Ofereci imediatamente tudo que possuía ao capitão do navio, como paga de meu salvamento. Generoso, não quis aceitar nada e disse que tudo me seria entregue intato, ao chegarmos ao Brasil.

— Salvei-vos a vida — disse-me ele —, como gostaria de ter sido salvo. E pode ser que, um dia, a sorte me reserve o mesmo. Além disso — continuou —, se eu aceitasse tudo que tendes para vos levar aos Brasis, tão

longe de vossa pátria, morreríeis de fome por lá, e não teria senão tirado a vida que vos tinha dado. Não, senhor inglês, eu vos levarei para lá de graça e o que possuíis vos ajudará a comprar a vossa subsistência e a passagem de volta para vossa terra.

Não só foi ele generoso, como de grande escrúpulo na execução do prometido. Ordenou aos marinheiros que não tocassem em nada meu e ficou, depois, com tudo em seu poder, dando-me minucioso inventário das coisas que devia reaver, até de minhas bilhas de barro.

Quanto a meu barco, que era muito bom, como verificou, ofereceu-me comprá-lo para uso do navio e perguntou-me quanto queria por ele. Respondi-lhe que tinha sido tão generoso comigo que não fixaria preço algum, deixando-o inteiramente a seu critério. Disse-me, então, que me daria uma ordem de seu próprio punho para me pagarem oitenta peças de ouro no Brasil. Se lá me oferecessem mais, aumentaria a paga. Ofereceu-me também sessenta peças de ouro pelo pequeno Xuri, o que eu não estava desejoso de aceitar. Não que repelisse a ideia de entregá-lo ao capitão, mas me repugnava vender a liberdade do pobre pequeno, que tão fielmente me ajudara a reconquistar a minha. Dei-lhe minhas razões e, achando-as justas, ofereceu-me outra fórmula: eu lhe entregaria o pequeno, obrigando-se ele a dar-lhe a liberdade dentro de dez anos, caso se tornasse cristão. Diante disso, e mostrando-se Xuri desejoso de acompanhá-lo, entreguei-o ao capitão.

Tivemos muito boa viagem aos Brasis, chegando à baía de Todos os Santos em cerca de 22 dias. Mais uma vez exsurgira da mais desgraçada de todas as vidas e devia resolver o que fazer em seguida.

Nunca poderei encarecer demais a generosa acolhida que me dispensou o capitão. Não me cobrou nada pela passagem, deu-me vinte ducados pela pele de leopardo e quarenta pela de leão, que trazia no barco, e me mandou entregar tudo com a máxima exatidão. Comprou o que me dispus a vender, como o armário de bebidas, duas de minhas espingardas e o que restava da cera de abelha, que usara para fazer velas. Em uma palavra, arrecadei perto de 220 peças de ouro por toda a carga e, com essa quantia, cheguei à costa brasileira.

Pouco depois de minha chegada, fui recomendado a boa e honesta pessoa, como o próprio capitão. Tinha um *engenho*, como o chamam, isto é, uma plantação de cana-de-açúcar e uma refinaria. Com ela vivi algum tempo, familiarizando-me com a maneira de plantar cana e fazer açúcar. Vendo como viviam bem os plantadores e como enriqueciam depressa, resolvi fazer-

me plantador também, caso obtivesse licença para me estabelecer ali. Procurei, entretanto, achar um meio de fazer com que me remetessem o dinheiro deixado em Londres. Obtive uma espécie de carta de naturalização e pude, assim, comprar tanta terra devoluta quanto me permitia o dinheiro, traçando um plano para a plantação e residência de acordo com os fundos que esperava receber de Londres.

Tinha um vizinho, português nascido em Lisboa, porém filho de pais ingleses, que se chamava Wells e se encontrava em situação muito parecida com a minha. Chamo-o de vizinho, porque sua plantação ficava logo depois da minha e nos tornamos muito amigos. Meu capital, como o dele, era pequeno, e durante dois anos plantamos mais para comer. Começamos, entretanto, a prosperar com o maior rendimento da terra, de modo que, no terceiro ano, plantamos algum fumo e preparamos largo trecho para plantar cana no ano seguinte. Necessitávamos de auxílio e senti, então, mais do que nunca, o erro de ter entregue meu pequeno Xuri.

Mas não era de admirar que tivesse errado, eu que — ai de mim! — nunca acertei. Não tinha outro remédio senão prosseguir. Metera-me em uma empresa incompatível com meu temperamento e completamente estranha à vida que me empolgava e pela qual abandonara a casa de meu pai, desprezando-lhe todos os bons conselhos. Ademais, estava chegando àquele nível médio ou nível superior da classe baixa, que meu pai me recomendara antes. Se resolvesse prosseguir nessa vida, podia muito bem ter ficado em casa, sem me fatigar a correr o mundo, como fizera. Costumava dizer-me, muitas vezes, que poderia ter conseguido na Inglaterra, entre meus amigos, o mesmo que conseguira a cinco mil milhas entre estranhos e selvagens, numa terra agreste, a tal distância que nunca poderiam ter notícias minhas, onde quer que me encontrasse.

Era com o maior remorso que encarava minha situação. Não tinha pessoa alguma com quem conversar, a não ser, de vez em quando, com esse vizinho. Todo o trabalho precisava ser feito com minhas mãos. Costumava dizer que vivia na mesma condição de um homem arremessado a uma ilha desabitada, que só contava consigo próprio. Os homens, quando comparam sua situação presente com outras piores, deviam refletir em como é justo serem levados pela vontade celeste a fazer a troca e a convencer-se da felicidade anterior pela própria experiência. Digo como é justo, porque o destino me reservava uma vida verdadeiramente solitária numa ilha de todo deserta. Vida que comparei tão injustamente com a que então levava e na

qual, tivesse eu continuado, chegaria a conseguir grande prosperidade e riqueza.

Já tinha mais ou menos estabelecido as medidas necessárias para começar a plantação, antes da volta de meu bom amigo, o capitão que me apanhara no mar. Com efeito, o navio esteve ali cerca de três meses, providenciando a carga e fazendo preparativos de viagem. Quando lhe falei sobre a pequena quantia deixada em Londres, deu-me este conselho sincero e amigo:

— Senhor inglês (assim me chamava sempre), se quiserdes escrever uma carta de procuração em meu nome, autorizando a pessoa que tem vosso dinheiro em Londres a enviá-lo para Lisboa a pessoas que eu indicar, isto é, ao correspondente em mercadorias apropriadas a esta terra, haverei de trazê-las de volta, se Deus quiser. Mas, como tudo que é humano está sujeito a contratempos e desastres, acharia melhor que me désseis apenas procuração para cem libras esterlinas, que dizeis ser a metade de vosso capital, e as arriscásseis. Assim, se tudo correr bem, poderíeis mandar buscar o resto pelo mesmo modo. Caso contrário, contaríeis com a outra metade para atender às vossas necessidades.

O conselho era tão salutar e cordial que me convenci ser o melhor caminho a tomar. Escrevi, assim, uma carta à dama com quem deixara meu dinheiro e passei uma procuração em nome do capitão português, conforme ele desejava.

Escrevi à viúva do comandante inglês um completo relato de minhas aventuras, minha escravidão, a fuga, meu encontro com o capitão português no mar, como ele fora generoso, minhas condições atuais, bem como lhe dei todas as instruções necessárias para a compra de mercadorias. Assim, quando o honesto capitão chegou a Lisboa, pôde enviar, por intermédio de alguns comerciantes ingleses de lá, tanto a procuração quanto o relato completo de minhas aventuras a um negociante de Londres, que, por sua vez, as entregou à senhora. Logo que as recebeu, ela não só restituiu o dinheiro, como deu do próprio bolso um belo presente ao capitão português, pela humanidade com que me tratara.

O comerciante de Londres inverteu as cem libras em mercadorias inglesas, segundo as instruções escritas do capitão e mandou-as diretamente para Lisboa, endereçadas a ele, que as trouxe em segurança para os Brasis. Trouxe, entre elas, sem que os tivesse pedido (ainda era muito novato em minha profissão para pensar nisso), toda sorte de instrumentos, ferramentas e

utensílios necessários à plantação e que me seriam de grande utilidade.

Ao chegar a carga, pensei estar com a fortuna feita, tal foi minha alegre surpresa ao vê-la. Além disso, o bom e serviçal capitão, com as cinco libras a ele enviadas por minha amiga, a fim de comprar um presente para si mesmo, contratou por seis anos os serviços de um criado e o trouxe para mim, sem receber nada em troca senão um pouco de fumo, que o fiz aceitar, por ser de minha própria produção.

E não foi tudo. Sendo todas as mercadorias de fabricação inglesa, tais como fazendas, estofos, baeta e outras coisas de grande valor e procuradas no país, pude vendê-las com grande lucro, de modo que arrecadei quatro vezes o valor da carga. Fiquei, assim, em situação muito melhor que meu vizinho, quanto à plantação. Com efeito, a primeira coisa que fiz foi comprar um escravo negro e contratar também um criado europeu. Refiro-me a outro criado, além do que o capitão me trouxera de Lisboa.

Entretanto, o mau uso da prosperidade é, muitas vezes, o instrumento de nossas maiores adversidades. Assim se deu comigo. O ano seguinte foi de grande sucesso para minha plantação. Produzi cinquenta grandes rolos de fumo, além do que vendera a meus vizinhos para atender às minhas necessidades. Quando os navios voltaram de Lisboa, os cinquenta rolos já estavam bem curtidos e prontos para embarcar. Com a prosperidade dos negócios e da fortuna, minha cabeça começou a encher-se de projetos e empreendimentos acima de minhas forças. Sem dúvida, essa é, muitas vezes, a perdição dos melhores comerciantes.

Tivesse eu continuado como estava, teria oportunidade de gozar de todas as boas coisas que levaram meu pai a aconselhar-me tão ardentemente uma vida calma e sossegada, descrevendo com tanta lucidez o nível médio da vida. Outra sorte, porém, me aguardava, e eu havia de ser ainda o agente voluntário de minha própria desgraça, aumentando minhas culpas e os motivos de reflexão que os futuros ócios e tristezas me dariam oportunidade de fazer. Todos esses desastres eram causados por minha adesão obstinada à louca tendência de vagar pelo mundo e por alimentar essa inclinação, em conflito com as perspectivas tão mais claras de tornar-me feliz pela honesta conquista de uma pauta de vida que a natureza e a Providência se encarregaram de apresentar-me e fazer meu dever.

Não podia, então, me sentir contente e, assim como me separar de meus pais, tinha de partir de novo e desprezar a feliz oportunidade de ser um homem rico e próspero em minha plantação, para atender apenas ao temerário

e sôfrego desejo de subir mais depressa do que as circunstâncias o permitiam. E assim me lancei de novo ao mais profundo abismo de misérias em que um homem já caiu.

Todavia, relatemos progressivamente os pormenores dessa parte de minha história. Podem bem imaginar que, depois de viver quase quatro anos nos Brasis e prosperar francamente com a plantação, não só aprendera a língua da terra como travara relações de amizade com meus colegas plantadores e com os comerciantes de São Salvador, nome de nosso porto. Em conversa com eles, contava-lhes muitas vezes sobre minhas duas viagens à costa da Guiné, a maneira de barganhar com os negros de lá e como era fácil comprar nessa costa, em troca de contas, brinquedos, facas, tesouras, machados, pedaços de vidro e coisas semelhantes, não só ouro em pó, marfim etc., como negros em grande quantidade para virem trabalhar nos Brasis.

Escutavam sempre com muita atenção, sobretudo o que dizia respeito à compra de negros, comércio que não estava muito desenvolvido. O existente era feito pelos *Assientos*, ou monopólio concedido pelos reis de Espanha e Portugal, de modo que poucos eram os negros comprados, e por alto preço.

De uma feita, estando em companhia de alguns comerciantes e plantadores de minhas relações, falei-lhes sobre esse assunto com grande ardor. No dia seguinte, três deles me procuraram e disseram-me que tinham meditado muito sobre o que lhes dissera na noite anterior e me vinham fazer uma proposta secreta. Depois de me pedirem segredo, confiaram-me que estavam pensando em equipar um navio para uma viagem à costa da Guiné; que, possuindo plantações como eu, nada lhes fazia tanta falta como criados; que estavam impossibilitados de empreender tal comércio, pois não lhes era permitido vender publicamente os negros que chegassem; que, por isso, desejavam patrocinar apenas uma viagem, para uma importação privada de negros a serem distribuídos por suas próprias plantações. Tratava de saber-se, em uma palavra, se eu estava disposto a embarcar na qualidade de comissário, para dirigir o comércio na costa da Guiné. Ofereciam-me igual parte na distribuição dos negros, sem que estivesse obrigado a entrar com capital.

Seria uma boa proposta — força é confessá-lo — se apresentada a alguém que não tivesse de cuidar da própria plantação, já em caminho de tornar-se bem grande e representando capital empatado. Quanto a mim, porém, que já estava estabelecido e nada mais tinha a fazer senão prosseguir por mais três ou quatro anos e mandar buscar à Inglaterra as outras cem

libras, e que, naquela época, com esse pequeno acréscimo, já possuía seguramente uma fortuna de três ou quatro mil libras, aliás em aumento; quanto a mim — dizia —, pensar em tal viagem era a coisa mais absurda que um homem nas minhas circunstâncias podia fazer.

Nasci, entretanto, para meu próprio destruidor, e não pude resistir à oferta, do mesmo modo que não conseguira vencer as primeiras ânsias de aventura ao desprezar os bons conselhos de meu pai. Disse-lhes, em suma, que a aceitaria com todo o ardor, caso se obrigassem a cuidar da plantação durante minha ausência e a dar-lhe o destino que eu indicasse, se me perdesse. Concordaram com tudo e assinaram os contratos correspondentes. Fiz um testamento formal, dispondo da plantação e de meus pertences na hipótese de morte, constituindo o capitão do navio que me salvara em meu herdeiro universal, obrigando-o, todavia, a dispor de minhas posses conforme as instruções do testamento, metade para ele mesmo, metade para ser enviada à Inglaterra.

Tomei, em resumo, todas as precauções possíveis para preservar o que possuía e continuar a plantação. Tivesse eu a metade dessa prudência ao encarar meu próprio interesse e pesado o que devia ou não devia ter feito, por certo não teria abandonado um empreendimento tão próspero e desprezado todas as perspectivas de enriquecimento, para me entregar a uma viagem marítima com todos os riscos habituais. E isso sem dizer nada dos motivos particulares que tinha para esperar o infortúnio.

Mas eu estava ansioso e obedeci cegamente aos caprichos da fantasia, de preferência à razão. E, assim, equipado e carregado o navio, tudo disposto segundo o acordo com meus sócios na empresa, embarquei em má hora do dia 1º de setembro, a mesma data em que, oito anos antes, deixara meu pai e minha mãe em Hull, rebelando-me contra sua autoridade, em meu próprio prejuízo.

Nosso navio tinha perto de 120 toneladas e levava seis canhões e 14 homens, além do capitão, do grumete e de mim mesmo. Não íamos com grande carga, exceto de bagatelas apropriadas para comerciar com os negros, como contas, pedaços de vidro, conchas e quinquilharias raras, sobretudo pequenos espelhos, facas, tesouras, machados e coisas semelhantes.

Partimos no mesmo dia em que embarquei. Rumamos para o norte ao longo do litoral, tencionando aproar para a costa africana quando chegássemos a dez ou doze graus de latitude norte, o que parecia ser a rota costumeira naquela época. O tempo esteve muito bom, se bem que

excessivamente quente, durante todo o percurso ao longo do litoral, até que chegamos à altura do cabo de Santo Agostinho. Desse ponto, rumando para o largo, perdemos a terra de vista e seguimos a direção nor-nordeste, como se nos destinássemos à ilha Fernando de Noronha, que ficava a leste. Atravessamos a linha equatorial ao fim de doze dias ou menos e estávamos, segundo nosso último cálculo, a sete graus e vinte e dois minutos de latitude norte, quando nos colheu violento tufão ou furacão, deixando-nos completamente desorientados. Veio a princípio de sudeste, virou para noroeste e acabou soprando de nordeste de maneira tão terrível que por doze dias nada pudemos fazer senão nos deixar arrastar e empurrar por ele, aonde o quisessem o destino e a direção do vendaval. Não preciso acrescentar que, durante esses doze dias, esperava ser engolido a todo instante e que nenhum de nós contava sobreviver.

Nessa trágica situação, além do terror da tempestade, um dos marinheiros morreu de febre, outro homem e o grumete foram arrebatados pelas águas. Ao cabo de doze dias, aproximadamente, o vento amainou um tanto e o comandante, calculando como pôde, concluiu estar a cerca de 11 graus de latitude norte, mas com uma diferença de 22 graus de longitude oeste em relação ao cabo de Santo Agostinho. Verificou, assim, estar à altura da costa da Guiné ou do extremo norte do Brasil, além do rio Amazonas, comumente chamado de Grande Rio — na direção do rio Orenoco. Consultou-me sobre a rota a seguir, pois o navio estava fazendo muita água, bastante castigado, e voltava diretamente para a costa do Brasil.

Fui formalmente contrário a isso. Examinando com ele um mapa do litoral americano, verificamos não existir nenhuma região habitada a que pudéssemos recorrer até as ilhas das Caraíbas. Resolvemos, por isso, rumar para Barbados, o que, navegando ao largo para evitar as correntes do golfo do México, esperávamos fazer com facilidade em cerca de quinze dias. Em contraposição, era impossível completar a viagem à costa da África sem algum auxílio ao navio e a nós mesmos.

Com essa intenção, mudamos de rota, dirigindo-nos para oés-noroeste, a fim de atingirmos alguma ilha inglesa, onde poderiam nos dar ajuda. Contudo, a viagem tinha de ser outra, pois, na latitude de doze graus e dezoito minutos, fomos apanhados por outra tempestade, que nos arrastou com o mesmo ímpeto na direção oeste. Ficamos tão distantes de todas as rotas comerciais que, ainda que nos salvássemos do mar, era mais provável sermos devorados pelos canibais do que voltarmos à pátria.

Estávamos nesse apuro, soprando o vento ainda com violência, quando um dos marinheiros gritou, pela manhã:

— Terra!

Mal saíramos dos camarotes para olhar, esperando descobrir em que região do mundo estávamos, o navio bateu em um banco de areia e encalhou. O mar, num instante, rebentou sobre ele com tanta fúria que todos contamos perecer. Tivemos logo de correr para os beliches, abrigando-nos da espuma e do esparramar das ondas.

É difícil para qualquer um que não tenha estado em situação idêntica descrever ou conhecer a consternação dos homens naquele momento. Não sabíamos absolutamente onde estávamos, para que terra fôramos atirados, para que ilha ou continente, se habitado ou deserto. E, como o vendaval continuasse a soprar, violento, embora com menos força, era de esperar que o navio não resistisse muitos minutos e fosse reduzido a pedaços, a menos que tudo amainasse de repente, como por milagre. Enfim, ficamos a olhar-nos mutuamente, esperando a morte a todo instante, preparando-nos, como podíamos, para o outro mundo, pois que neste pouco ou nada havia mais a fazer. Nosso único consolo, então, foi que, contra a expectativa geral, o navio não se despedaçou e o comandante anunciou o amainar do vento.

Contudo, embora o vento tivesse de fato diminuído, verificamos que o navio se enterrara muito no banco de areia para poder safar-se. Nossa situação era, de fato, desesperadora, e só nos restava tratar de sobreviver como pudéssemos. Havia, antes da tempestade, um escaler na popa, mas este se quebrou de encontro ao leme do navio e, em seguida, se desprende, afundando ou garrando, de modo que nada podíamos esperar daí. Tínhamos outro escaler a bordo, mas não sabíamos como lançá-lo ao mar. Não havia, entretanto, tempo para discussões, porquanto esperávamos que o navio se despedaçasse a cada minuto. Alguém chegou mesmo a dizer que ele já estava perdido.

Nessa desesperada conjuntura, nosso piloto conseguiu, com o auxílio dos outros homens, guindar o escaler por sobre a amurada. Depois de todos entrarem nele, abandonamo-nos — éramos onze ao todo — à mercê de Deus e do oceano enfurecido. Com efeito, apesar de a tempestade ter amainado muito, o mar se arrojava em tremendos vagalhões sobre a praia e bem podia ser chamado de *den wild zee*, como dizem os holandeses do oceano tempestuoso.

Nossa posição era, sem dúvida, das mais sombrias, pois víamos

claramente que, com o mar tão encapelado, o escaler não aguentaria e nos afogariamos todos. Quanto a içar velas, não tínhamos nenhuma, e, mesmo que as tivéssemos, nada poderíamos fazer com elas. Pusemo-nos, assim, a remar para a terra, aflitos e tristes, como em caminho do patíbulo. Sabíamos, com efeito, que ao nos aproximarmos da praia o escaler seria arremessado e partido em mil pedaços pela arrebentação das vagas. Entretanto, confiamos ardentemente a alma a Deus e, embora o vento nos arrastasse para a praia, apressamos nossa própria destruição, remando com quantas forças tínhamos.

Se a costa era rochosa ou arenosa, se escarpada ou plana, não sabíamos. A única coisa que nos podia dar ainda uma sombra de esperança era uma baía ou golfo, ou a foz de um rio qualquer, onde por sorte pudéssemos penetrar ou colocar-nos a barlavento da terra, encontrando talvez águas calmas. Nada disso, porém, sucedeu. Pelo contrário, a terra parecia mais temível que o mar, quanto mais nos acercávamos dela.

Depois de termos remado, ou melhor, garrado légua e meia, segundo nossos cálculos, furiosa vaga, alta como uma montanha, veio rolando por trás de nós, dando-nos clara antevisão do *coup-de-grâce*. Numa palavra, apanhou-nos com tamanha força que o escaler virou imediatamente. Arrancados do escaler e separados, mal tivemos tempo de exclamar: “Meu Deus!” Fomos engolidos num instante.

É impossível descrever o que senti quando mergulhei no mar. Embora nadasse muito bem, não podia livrar-me das ondas para tomar fôlego, até que uma me levou ou, antes, me arrastou para a costa, deixando-me, ao recuar, quase em seco, porém meio morto pela água que tragara. Tive ainda bastante fôlego e presença de espírito, ao ver-me mais perto da terra firme do que esperava, para me levantar e tentar alcançá-la o mais depressa que podia, antes que outra vaga rebentasse e me puxasse de novo. Verifiquei logo ser impossível evitá-lo. O mar cresceu sobre mim como uma montanha, como um inimigo raivoso contra quem não tinha meios nem forças a opor. A questão era guardar o fôlego, manter-me à tona e, se pudesse, ir nadando para o litoral. Meu maior terror era que o oceano, carregando-me para a costa quando rebentasse, me puxasse de novo ao recuar.

A vaga que me colheu deixou-me logo a vinte ou trinta pés de profundidade. Senti-me poderosa e rapidamente arrastado para a costa numa grande extensão. Sustive, porém, a respiração e ainda nadei com todas as minhas forças. Já não aguentava mais quando subi à tona e tive o alívio de ficar com a cabeça e as mãos acima d’água. Ainda que só por dois segundos,

isso me aliviou muito, dando-me novo fôlego e coragem. A água mais uma vez me cobriu, mas não por tanto tempo que não pudesse aguentar. Sentindo que a vaga recuava, nadei contra ela e de novo meus pés tocaram o fundo. Fiquei parado alguns momentos a tomar fôlego e a esperar que a água toda recuasse e, então, pondo-me de pé, corri com quanta energia tinha. Mas nem assim fiquei livre da fúria do mar, que de novo se lançou sobre mim. Por duas vezes ainda colheram-me as vagas, arrastando-me, como antes, pela praia, que era muito plana.

A última quase me foi fatal, pois o mar, carregando-me, levou-me para uma rocha, ou, melhor, atirou-me sobre ela, deixando-me sem sentidos e sem defesa. A pancada, pegando-me o peito e o flanco, tirou-me a respiração. Eu teria me asfixiado se não recobrasse logo os sentidos. Porém voltei a mim um pouco antes do retorno da onda e, vendo que a água me cobriria de novo, segurei-me firmemente à rocha e tratei de guardar o fôlego tanto quanto possível até que recuasse. Já mais próximo da terra firme, e as vagas já menores, pude sustentar-me até que arreventassem. Voltei a correr e cheguei tão próximo da costa que a onda seguinte, embora me cobrisse, não deu para me embrulhar e carregar. Com mais uma corrida ganhei terra firme e, para meu grande alívio, escalei os penhascos da costa e sentei-me na relva, livre de perigo, fora do alcance das ondas.

Vendo-me salvo, em terra firme, olhei para os céus e dei graças a Deus por me ter assim livrado, quando, minutos antes, havia pouca esperança. É impossível dar ao vivo uma ideia dos arroubos e deslumbramentos da alma que se vê arrancada, por assim dizer, à própria sepultura. De mãos para o céu, andei pela costa, e todo o meu ser se extasiava com a sensação de estar salvo. Fiz mil gestos, que não sei descrever, refletindo que todos os meus companheiros se afogaram e só eu sobrevivera. Deles, com efeito, não soube mais nem vi nenhum sinal, exceto três chapéus, um gorro e dois sapatos desirmanados.

Olhei para o navio encalhado e as ondas escachoantes eram tão altas que mal o podia divisar, bem ao longe.

— Senhor — exclamei —, como foi possível que eu chegasse à terra?!...

Assim confortado, comecei a examinar os arredores, a ver em que espécie de lugar estava e o que devia fazer em seguida. Logo me fugiu a alegria e concluí, em uma palavra, que tivera um horrível salvamento. Estava, com efeito, ensopado, não tinha roupas para me agasalhar, nada para comer ou beber. Nem via tampouco diante de mim outra perspectiva senão a de

morrer de fome ou ser devorado pelas feras. Afligia-me, sobretudo, não possuir nenhuma arma para caçar e matar qualquer animal para meu sustento ou para me defender dos que me quisessem devorar. Só trazia, em suma, uma faca, um cachimbo e um pouco de tabaco em uma bolsa. Era tudo que tinha e fiquei, por isso, tão desesperado que, durante algum tempo, me pus a correr como um louco. Começando a anoitecer, fiquei pensando, de coração apertado, qual seria minha sorte se houvesse animais ferozes naquela terra, sabendo que à noite saíam para dar caça à presa.

A única coisa que me ocorreu foi subir a uma árvore que havia por perto, de frondes espessas como um abeto, porém espinhosa, onde resolvi passar a noite, deixando para considerar no dia seguinte de que maneira morreria, pois não tinha esperança de sobreviver. Afastei-me umas 220 jardas da costa, à busca de água doce para beber. Encontrei e fiquei satisfeitiíssimo. Depois de beber, masquei um pouco de fumo para evitar a fome e fui para minha árvore. Subi e procurei acomodar-me de modo que, se dormisse, não corresse o risco de cair. Cortei um pedaço curto de galho, fazendo um porrete para me defender, e tratei de repousar. Extremamente fatigado, logo mergulhei em profundo sono e dormi tão bem como, penso eu, poucos o teriam conseguido em minha situação. Isso me descansou muito mais do que seria de supor.

Quando acordei, era dia claro, o tempo levantara e, cessada a tempestade, o mar já não estava tão agitado quanto antes. O que mais me surpreendeu, porém, foi que o navio se safara do banco de areia com a enchente da maré e fora arrastado para a costa quase até a altura da rocha antes referida, onde me machucara tanto ao ser arremessado pelas vagas. Estava a uma milha de distância mais ou menos e parecia ainda aprumado, de maneira que tive vontade de ir a bordo, para salvar, pelo menos, algumas coisas para mim.

Desci de meu lugar na árvore, e, olhando de novo ao redor, a primeira coisa que vi foi o escaler, que estava como fora atirado pelo mar, bem para dentro da terra, cerca de duas milhas à minha direita. Andei pela costa o mais depressa que pude, a fim de ir até lá, mas encontrei um canal ou braço de mar de meia milha de largura aproximadamente. Resolvi voltar dessa vez, desejoso, porém, de chegar até o navio, onde esperava encontrar qualquer coisa que me ajudasse a viver.

Pouco depois do meio-dia o mar estava muito calmo e a maré vazara tanto que eu podia ir a pé até um quarto de milha perto do navio. Exacerbou-

se, então, meu sofrimento, porque vi claramente que, se tivéssemos ficado a bordo, nos salvaríamos todos, isto é, alcançaríamos a costa. Não estaria naquela miserável situação, inteiramente desprovido de recursos e de companhia. As lágrimas vieram-me de novo aos olhos, mas, como isso nada adiantasse, tratei de fazer o possível para alcançar o navio. Despi-me, pois o calor era extremo, e entrei n'água. Entretanto, quando cheguei ao navio, não sabia como subir a bordo, porque, estando encalhado, ficava muito alto sobre o nível do mar e não havia nada a que me pudesse agarrar. Nadei em volta por duas vezes. Da segunda, descobri um pequeno pedaço de corda, que, não sei por que, não vira a princípio. Pendia tão baixo das correntes da proa que, embora com grande dificuldade, a segurei e consegui galgar o castelo da proa. Verifiquei, então, que o navio estava arrombado e havia muita água no porão. Entretanto, jazia de tal modo sobre a orla de um banco de areia dura, ou antes, de terra, que a popa ficava para cima, sobre o banco, e a proa para baixo quase mergulhada no mar. A coberta, por isso, estava livre de água e seco tudo que continha. Naturalmente, meu primeiro trabalho foi saber o que se estragara e o que tinha se salvado. Verifiquei logo que todas as provisões estavam enxutas. Como tivesse muita fome, fui à despensa e arrecadei muitas bolachas, comendo enquanto andava, pois não tinha tempo a perder. Encontrei, também, um pouco de rum no camarote do capitão e tomei um bom gole, de que, sem dúvida, estava muito precisado, para me animar na tarefa que tinha diante de mim. Tudo que desejava era um barco, que me permitisse prover do mais necessário.

Era inútil sentar e ficar desejando uma coisa impossível de obter. Isso me estimulou o engenho. Possuíamos duas ou três traves de madeira, diversas vergas e um ou dois mastros de joanete de sobressalente. Pus-me logo a trabalhar e guindei o que pude sobre a amurada, amarrando tudo com uma corda, para que nada se soltasse. Isso feito, desci pelo costado do navio e, trazendo os paus, liguei fortemente quatro deles por ambas as extremidades, da melhor maneira que me foi possível, à maneira de uma jangada. Depois, pondo em cima, atravessadas, quatro pranchas pequenas, verifiquei que, embora pudesse andar sobre ela muito bem, não aguentaria grande peso, porque os paus eram muito leves. Voltei, assim, a trabalhar e, com a ajuda de uma serra de carpinteiro, cortei um dos mastros de joanete em três partes, ligando-as, com muito esforço e sacrifício, à minha jangada. É que a esperança de prover-me do necessário me encorajava a ir além do que poderia ter feito em outra ocasião.

A jangada ficou, então, bastante sólida para suportar um peso razoável. O problema seguinte era carregá-la e preservar a carga da espuma das ondas. Mas não tinha tempo a perder em considerações. Em primeiro lugar, pus sobre ela todas as pranchas e tábuas que conseguira obter e, tendo pesado bem o que mais desejava, arrombei três dos baús dos marinheiros, esvaziei-os e baixei-os até a jangada. Enchi o primeiro com provisões, a saber, pão, arroz, três queijos holandeses, cinco pedaços de carne-seca de cabrito, que comíamos muito, e uma sobra de milho europeu, posto de lado para alimentar algumas galinhas que trouxéramos e que estavam mortas. Trazíamos algum centeio e trigo misturados, mas, com grande desapontamento, verifiquei que os ratos comeram ou estragaram tudo. Quanto a bebidas, encontrei várias caixas de garrafas pertencentes ao capitão, algumas de vinho generoso e perto de cinco ou seis galões de “rack”. Arrumei-as separadamente, pois não precisava pô-las no baú nem havia espaço para elas. Estava assim ocupado, quando notei que a maré começava a subir, embora muito devagar. Tive, então, o aborrecimento de ver o casaco, o colete e a camisa, que deixara na praia, arrastados pelo mar. Quanto aos calções, que eram de pano de linho e abertos nos joelhos, viera com eles, assim também com as meias. Isso me fez dar uma batida à procura de roupas. Encontrei muitas, mas não apanhei senão o que necessitava para usar no momento. Tinha, com efeito, várias coisas em que pensar primeiro, como, por exemplo, em ferramentas de trabalho. Só depois de muita busca dei com a caixa do carpinteiro, que representava, sem dúvida, uma riqueza para mim muito maior, então, que um navio carregado de ouro. Eu a descii para a jangada assim como a encontrei, sem perder tempo em esquadrihá-la. Sabia mais ou menos o que continha.

Tratei, em seguida, de abastecer-me de armas e munições. Havia duas ótimas espingardas de caça e duas pistolas no camarote do capitão. Apanhei-as logo, juntamente com alguns polvorinhos, um pequeno saco de chumbo de caça e duas espadas velhas e enferrujadas. Sabia haver três barris de pólvora no navio, mas não onde os guardara o artilheiro. Achei-os, contudo, depois de longa busca, dois enxutos e em boas condições, o terceiro molhado. Levei os primeiros para a jangada, bem como as armas. Achei, então, que a carga já estava bem grande e comecei a especular sobre a maneira de levá-la à praia, quando não tinha nem vela, nem remo ou leme, e a menor lufada de vento poderia fazer-me garrar.

Três coisas me animavam: o mar estava tranquilo, a maré enchente puxava para a praia e o pouco vento existente soprava em direção à terra.

Assim, depois de encontrar dois ou três remos quebrados, pertencentes ao escaler, duas serras, um machado e um martelo, além das ferramentas que estavam no baú, pus-me ao mar. A jangada foi muito bem uma milha ou mais, embora notasse que se desviava um pouco do ponto onde pisara antes em terra. Concluí, daí, haver uma corrente para a costa e esperei ardentemente topar alguma enseada ou rio por onde pudesse subir para desembarcar a carga.

E assim aconteceu. Surgiu diante de mim uma pequena entrada, onde penetrava, com força, o fluxo da maré. Manobrei a jangada do melhor jeito que pude, de maneira a conservar-me no meio da corrente. Quase sofri, então, outro naufrágio, o que me teria afligido imensamente. De fato, não conhecendo a costa, uma das extremidades da jangada encalhou num baixio, mas a outra não, de modo que por pouco a carga não escorregara para a extremidade flutuante e caíra no mar. Fiz um esforço supremo para manter os baús no lugar, sustentando-os com as costas, mas toda a minha força não deu para safar a jangada nem ousei sair da posição em que estava. Fiquei assim, aguentando os baús com quanta energia tinha, por cerca de meia hora, até que a maré enchente corrigiu um tanto o desnível. Mais um pouco, a jangada flutuou de novo e empurrei-a para o canal, com o auxílio do remo que possuía. Subi mais então, chegando finalmente à foz de um pequeno rio, com terra de ambos os lados, pela qual penetrava forte corrente ou fluxo da maré. Explorei as duas margens em busca de um ponto adequado ao desembarque, pois não queria subir muito o rio e resolvera localizar-me tanto quanto possível perto da costa, na esperança de, algum dia, divisar um navio.

Encontrei, por fim, uma pequena enseada à margem direita do rio, para onde dirigi a jangada com muita dificuldade. Acabei por chegar tão perto que, encontrando o leito com o remo, a impeli diretamente para dentro da pequenina angra. Aí, a carga quase caiu n'água de novo. A margem era, deveras, bastante íngreme, isto é, escorregadia. Não havia lugar para desembarque, porque, se a jangada tocasse a margem, uma extremidade ficaria tão elevada e a outra tão baixa, como da primeira vez, que a carga correria o risco de perder-se. A única coisa que pude fazer foi esperar que a maré enchente atingisse o nível máximo, usando o remo como âncora para manter a jangada encostada à margem, perto de um trecho plano do terreno, na expectativa de que a água viesse a cobri-lo. E assim se deu. Logo que verifiquei haver água bastante (pois a jangada calava cerca de um pé), impeli-a para cima desse lugar plano e aí a amarrei, enterrando no fundo os dois

remos quebrados, um de cada lado, perto das extremidades. Conservei-me nessa situação até que a maré baixasse, deixando a jangada e toda a carga na margem.

Tratei, em seguida, de explorar a região e encontrar um sítio adequado onde pudesse ter meus bens e protegê-los contra o que quer que fosse. Não sabia onde estava, se no continente ou numa ilha, se em um lugar habitado ou deserto, se ameaçado ou não pelas feras. À distância não superior a uma milha, erguia-se, muito alto e íngreme, um monte que se parecia elevar acima dos cumes de uma cordilheira ao norte. Apanhei uma espingarda, uma pistola e um polvorinho e, assim armado, pus-me a caminho para escalar o cimo desse monte. Quando aí cheguei, depois de muito trabalho, tive a dolorosa certeza da sorte que me aguardava. Estava em uma ilha, o oceano me envolvia de todos os lados, não divisava mais terra alguma, exceto alguns rochedos bem ao longe e duas ilhotas menores que a minha, cerca de três léguas a oeste.

Verifiquei também que a ilha era agreste e, segundo tudo indicava, desabitada, exceto por animais ferozes, dos quais, entretanto, não vi nenhum no momento. Havia, porém, aves em abundância, mas não as conhecia e nem mesmo matando-as era capaz de dizer as que podiam ou não ser comidas. Quando voltava, matei um grande pássaro, que vi trepado numa árvore, na orla da mata. Acho que foi o primeiro tiro ali disparado desde a criação do mundo. Logo que atirei, inúmeras aves de toda espécie levantaram voo, num alarido de pios e gritos confusos. Não conhecia nenhuma. Quanto à que matei, pareceu-me uma espécie de falcão. A cor e o bico eram como os do falcão, mas as garras eram comuns. A carne tinha mau cheiro e não servia para nada.

Conformado com o que descobrira, voltei à jangada e retirei a carga, o que tomou o resto do dia. Não sabia o que fazer durante a noite, nem mesmo onde dormir. Tinha medo de que, deitando no solo, fosse devorado por uma fera, embora, como verifiquei mais tarde, não houvesse motivo para esses temores.

Todavia, cerquei-me como pude de tábuas e baús, fazendo uma espécie de barraca para passar a noite. Quanto à comida, ainda não tinha ideia de como obtê-la. Apenas vira dois ou três animais como lebres correndo para fora da mata onde caçara o pássaro.

Comecei, então, a pensar que ainda poderia apanhar muitas coisas úteis no navio, sobretudo velas e alguns dos aparelhos, além de outras coisas que

pudesse trazer para terra. Resolvi ir de novo a bordo, se possível. Estava certo de que a primeira tempestade o despedaçaria e, por isso, me dispus a retirar dele tudo que pudesse. Consultei-me, então, se devia levar a jangada, mas isso me pareceu impraticável. Decidi, portanto, ir como da primeira vez, na vazante da maré, e assim fiz, com a diferença de que me despi antes de sair da barraca. Levava apenas uma camisa de xadrez, calças de linho e um par de escarpins.

Subi a bordo como antes e preparei outra jangada. Construí-a dessa vez menos desajeitadamente e não a carreguei tanto, baseado na experiência anterior. Trouxe, entretanto, coisas extremamente úteis. Em primeiro lugar, encontrei, no depósito do carpinteiro, dois ou três sacos cheios de pregos e cavilhas, uma grande verruma, uma dúzia ou duas de machadinhas e, melhor ainda, essa coisa utilíssima que é um rebolo. Apanhei tudo, além de outras coisas pertencentes ao artilheiro, particularmente duas ou três alavancas de ferro, dois barris de balas de mosquete, sete mosquetes e mais uma espingarda, além de um pouco de pólvora, um grande saco cheio de chumbo de caça e um grande rolo de folha de chumbo. Esse último, porém, era tão pesado que não consegui guindá-lo sobre a amurada do navio. Apanhei, ademais, toda a roupa que pude encontrar, bem como um joanete de sobressalente, uma maca, alguns colchões e roupas de cama. Com isso carreguei a segunda jangada e, para minha grande satisfação, levei-a à costa em segurança.

Durante minha ausência, preocupava-me a ideia de que minhas provisões pudessem ser devoradas. Quando voltei, porém, não vi nenhum vestígio de qualquer visitante. Encontrei apenas um animal parecido com um gato bravo trepado num dos baús. Quando me dirigi a ele, correu um pouco e, logo em seguida, parou. Tranquilo e despreocupado, olhou-me fixamente, como se tencionasse ficar meu amigo. Apontei-lhe a espingarda, mas não deu mostras de entender e permaneceu quieto, sem o mínimo gesto de fuga. Joguei-lhe um pedaço de bolacha, de que, aliás, não podia ser muito liberal, porque tinha pouco. Entretanto, ofereci-lhe um pedaço; ele se aproximou, cheirou-o e comeu-o, olhando-me depois, como se tivesse gostado e me pedisse repetição. Mas dei-me por satisfeito, pois não podia dispor de mais. E ele foi-se embora.

Depois de levar à praia esse segundo carregamento — é verdade que fora obrigado a abrir os barris de pólvora e trazê-los por parte, porque eram muito grandes e pesados — construí pequena tenda com o pano de vela e

algumas estacas que cortara para esse fim. Em seguida, coloquei dentro dela tudo que se poderia estragar à chuva ou ao sol. Empilhei todos os baús e barris vazios em volta da tenda, de modo a protegê-la contra qualquer ataque de homem ou animal.

Feito isso, bloqueei a entrada da tenda com algumas tábuas por dentro e um baú posto em pé, por fora. Estendi um colchão no solo, coloquei duas pistolas junto à cabeceira e, ao alcance da mão, uma espingarda; deitei-me pela primeira vez, afinal. Dormi profundamente toda a noite, porque estava muito cansado. Realmente, dormira pouco a noite anterior e trabalhara intensamente o dia inteiro, não só para apanhar as coisas no navio como para trazê-las à terra.

Possuía agora — acredito — o maior e mais sortido armazém já estabelecido por um homem, mas ainda não estava satisfeito. Pois pensava que, enquanto o navio se mantivesse naquela posição, devia retirar dele tudo o que pudesse. Assim, fui a bordo diariamente na vazante da maré e apanhava uma coisa ou outra. Da terceira vez, especialmente, trouxe todos os aparelhos de bordo, bem como todas as cordas finas e trançadas que encontrei, além de um pedaço de lona sobressalente, que servia para remendar as velas quando necessário, e o barril de pólvora molhada. Trouxe, em suma, todas as velas, da primeira à última, embora fosse obrigado a cortá-las em pedaços, transportando de cada vez tanto quanto possível. Efetivamente, não tinham mais utilidade como velas e, sim, como lona.

O que mais me contentou, porém, foi que, no fim de tudo, depois de já ter feito cinco ou seis viagens e de pensar que não havia no navio nada mais digno de ser transportado, encontrei um grande barril de bolacha, três pipas de rum ou aguardente, uma caixa de açúcar e uma barrica de farinha fina. Fiquei surpreso, porque já desistira de achar provisões, exceto as que foram estragadas pela água. Esvaziei logo o barril de bolacha e fiz vários embrulhos com os pedaços de lona das velas, levando-os a salvo para a costa.

No dia seguinte fiz outra viagem. Saqueara o navio de tudo que poderia ser transportado e, por isso, comecei a atacar os cabos. Cortei o cabo grande em pedaços que pudesse carregar e levei dois pedaços de uma amarra para a praia com toda a ferragem que consegui. Depois de derrubar a verga da cevadeira, a verga da gata e tudo o mais necessário, fiz uma grande jangada, carreguei-a com esse pesado material e fui-me embora.

A boa sorte, porém, começou a abandonar-me. A jangada estava na verdade tão mal feita e sobrecarregada que, depois de penetrar na enseada,

onde desembarcara todas as minhas coisas, não pude manobrar tão bem como das outras vezes, de modo que virou, caindo toda a carga ao mar. Quanto a mim, não tinha importância, porque estava perto da praia. Perdi entretanto grande parte da carga, especialmente as ferragens, que esperava que fossem muito úteis. Logo que a maré baixou, porém, recuperei um pouco das ferragens e a maior parte dos cabos, embora com enorme dificuldade. Era obrigado a mergulhar para apanhá-los, trabalho que me deixou muito cansado. Continuei, depois disso, a ir a bordo diariamente, retirando tudo que podia.

Havia treze dias que chegara à costa e, nesse período, fora onze vezes a bordo, trazendo de cada vez tudo que duas mãos podiam concebivelmente carregar. E acredito firmemente que, se continuasse o bom tempo, teria trazido o navio inteiro, pedaço a pedaço. Entretanto, ao aprestar-me a ir a bordo pela décima segunda vez, notei que o vento começava a soprar. Fui, assim mesmo, durante a baixa da maré e, se bem pensasse ter esquadrinhado tanto o camarote a ponto de não existir mais nada que me fosse útil, achei um armário com gavetas, numa das quais havia duas ou três navalhas, uma grande tesoura, além de dez ou doze boas facas e garfos. Encontrei, em outra, dinheiro no valor de 36 libras de ouro e de prata em moeda europeia e brasileira.

Sorri à vista desse dinheiro:

— Para que serves, droga? — disse eu em voz alta. — Não tens nenhum valor para mim, não vales nem o trabalho de te apanhar no chão. Uma destas facas vale todo este monte de dinheiro. Não te posso usar para nada. Pois fica onde estás e que vás para o fundo, como alguém que não merece a salvação.

Depois, pensando melhor, apanhei-o e embrulhei-o num pedaço de lona. Pensei em fazer outra jangada. Quando a preparava, porém, notei que o céu estava carregado e o vento começava a soprar. Dentro de quinze minutos, forte rajada soprava da costa. Vi que era inútil construir uma jangada com aquele vento terral e que o melhor a fazer era ir-me embora antes que a maré começasse a encher. Caso contrário, talvez não pudesse chegar à terra. Meti-me n'água, portanto, nadando através do canal entre o navio e a praia, já, aliás, com dificuldade, tanto pelo peso das coisas que carregava quanto pela agitação do mar. Com efeito, o vento aumentava rapidamente e a tempestade caiu antes que a maré estivesse muito cheia.

Já chegara, todavia, à minha pequena tenda, onde fiquei em segurança com toda a minha riqueza. Ventou fortemente a noite inteira. No dia seguinte,

quando saí e olhei, eis que o navio desaparecera. Surpreendi-me um tanto, mas logo serenei com a grata reflexão de que não perdera tempo nem desanimara de retirar dele tudo o que me pudesse ser útil, deixando, sem dúvida, muito pouco para trazer se tivesse oportunidade.

Deixei então de pensar no navio ou em qualquer coisa relacionada a ele, a não ser quando davam à praia restos do naufrágio, como aconteceu diversas vezes. Eram, porém, de pouca utilidade.

Toda minha preocupação era, agora, defender-me contra o eventual aparecimento de selvagens ou contra animais ferozes, que talvez existissem na ilha. Pensei muito sobre a maneira de conseguir isso, sobre o tipo de moradia a adotar, se devia fazer um subterrâneo ou erguer uma tenda na superfície da terra. Resolvi, afinal, fazer ambas as coisas. Talvez seja interessante relatar como logo verifiquei que o lugar onde me fixara era impróprio, sobretudo porque era baixo e pantanoso, perto do mar. Achei-o insalubre, tanto mais quanto não havia água doce por perto. Resolvi, por isso, procurar um local mais saudável e conveniente. Meditei sobre tudo o que seria aconselhável em minha situação. Já me referi à salubridade e à água doce. Além do mais, proteção contra os raios do sol; segurança contra seres ferozes, homens ou animais; vista do mar, para que, se Deus houvesse por bem conduzir um navio àquelas cercanias, não perdesse nenhuma possibilidade de salvação, coisa de que ainda não desesperara.

Procurando um sítio adequado a tudo isso, encontrei pequena planície nas faldas de um monte, que descia para ela por uma encosta íngreme como a parede de uma casa, de modo que nada me poderia ameaçar de cima. Havia nessa encosta uma depressão um tanto profunda, como se fosse a entrada ou porta de uma caverna. Na realidade, não existia caverna alguma ou qualquer caminho por dentro da encosta. Resolvi erguer minha tenda na relva fronteira a essa depressão. A planície não tinha mais de cem jardas de largura e o comprimento era mais ou menos duas vezes maior. Estendia-se como um gramado diante da tenda e descia contínua e irregularmente até os alagadiços próximos do mar. A tenda ficava no flanco nor-nordeste do monte, de modo que estava protegida do sol durante o dia até que os raios viessem mais ou menos de oés-sudoeste, o que, naquelas paragens, se dava pouco antes do poente.

Antes de erguer a tenda, a partir desta tracei uma semicircunferência, fronteira à depressão da encosta, que tinha perto de dez jardas de raio e vinte jardas de diâmetro de ponta a ponta. Enterrei duas fileiras de grossas estacas

nessa semicircunferência, de maneira que se tornassem firmes como postes. A extremidade superior, pontiaguda, ficava a cinco pés e meio do solo. Não havia mais de seis polegadas entre as duas fileiras. Peguei, em seguida, os pedaços de cabo que tirara do navio e, aplicando-os em fileiras uns sobre os outros, até em cima, dentro do espaço intermediário às duas séries de estacas, enterrei outras estacas por dentro apoiando-se sobre aquelas, à maneira de esporões. A paliçada ficou tão sólida que nenhum homem ou animal a conseguiria transpor ou pular. Isso me tomou muito tempo e trabalho, sobretudo porque tive de cortar os mourões na mata, trazê-los até ali e enterrá-los.

Não fiz nenhuma porta, mas uma escada curta para escalar a paliçada. Uma vez dentro, suspendia e recolhia a escada, ficando, assim, conforme acreditava, completamente cercado e protegido contra o mundo exterior. Podia, portanto, dormir em segurança durante a noite, o que teria sido impossível de outro modo. É verdade que, segundo verifiquei mais tarde, não havia necessidade de tomar qualquer precaução contra esses eventuais inimigos.

Com trabalho insano, levei para dentro da estacada toda a minha riqueza, provisões, munições e materiais vários, de que falei antes.

Construí, então, uma grande tenda. Para me proteger das chuvas, que são torrenciais naquelas paragens em certa época do ano, eu a fiz dupla, isto é, uma tenda menor envolvida por outra maior e coberta com um pano alcatroado que apanhara entre as velas. Daí em diante não me deitei mais no colchão que trouxera para terra, mas em uma maca, aliás muito boa, que pertencera ao piloto do navio.

Transportei para o interior da tenda as provisões e tudo o que poderia estragar na chuva. Depois de guardar todos os meus bens, fechei a entrada, que até então deixara aberta, e passei a entrar e a sair com o auxílio da pequena escada. Feito isso, comecei a cavar a parede da encosta, carreguei as pedras e a terra que tirava, através da tenda, e depusitei-as dentro da paliçada, elevando assim o nível do terreno, à maneira de um terraço, de cerca de um pé e meio. Assim, fiz uma caverna bem por trás da tenda, usando-a como despensa.

Só à custa de muitos dias de trabalho árduo consegui ajeitar bem todas essas coisas e dedicar-me a outras tarefas, que me preocupavam. Depois que estabelecera o plano para a construção da tenda e a abertura da caverna, aconteceu, de uma feita, precipitar-se forte chubarada de uma nuvem densa e

escura, acompanhada de um relâmpago e, logo depois, do ribombo do trovão. Não me amedrontou tanto o relâmpago como a ideia que me chispou na mente, célere como ele: “Minha pólvora!” Senti-me desfalecer ao pensar que uma explosão poderia destruir toda ela, da qual dependiam — pensava — não só minha defesa como meu sustento. Pouco me preocupava o risco que corria, pois, caso se desse uma explosão, nem teria tempo de compreender o que houvera.

Fiquei tão impressionado que, cessada a tempestade, deixei de lado a tarefa de construir a tenda e a estacada e entrei a fazer caixas e sacos para distribuir a pólvora, guardando apenas um pouco em cada um, na esperança de que, se acontecesse fosse o que fosse, não se queimaria toda de uma vez. Ademais, guardei as parcelas tão separadas entre si que uma não poderia comunicar fogo à outra. Terminei esse trabalho em uma quinzena, aproximadamente. Julgo que a pólvora, com o peso total de cerca de 240 libras, foi dividida em nada menos que cem partes. O barril de pólvora molhada não constituía nenhum perigo para mim e por isso o coloquei em minha nova caverna, que eu chamava imaginosamente de cozinha. Quanto à restante, escondi em buracos situados aqui e ali entre as rochas, de modo a protegê-la contra a umidade, tendo o cuidado de assinalar os lugares.

Enquanto me dedicava a isso, saía diariamente com a espingarda, uma vez pelo menos, não só para me distrair como para ver se caçava qualquer coisa comestível e observar o que a ilha produzia. Da primeira vez que saí, não me demorou descobrir que existiam cabras na ilha, o que me alegrou muito. Mas logo me dei conta de que eram, infelizmente, tão ariscas, astutas e ligeiras que chegar perto delas era a coisa mais difícil do mundo. Não desanimei, todavia, nem duvidei de que poderia, de vez em quando, matar uma, o que em breve aconteceu. Com efeito, depois de lhes estudar um pouco os hábitos, comecei a tocaíá-las da seguinte maneira: observara que, se me avistavam nos vales, mesmo se estivessem grimpadas nas rochas, fugiam de mim terrivelmente assustadas. Quando, porém, pastavam nos vales e eu andava por cima, não davam por mim. Concluí, desse fato, que, devido à posição dos olhos, a vista era de tal maneira dirigida para baixo que não enxergavam prontamente os objetos colocados acima delas. Adotei, por isso, daí por diante, este método: subia primeiro aos rochedos, para me colocar acima delas, conseguindo, assim, frequentemente, bons alvos. Da primeira vez que dei um tiro nesses animais, matei uma cabra que era seguida por um cabritinho ainda em amamentação, o que me deu muita pena. Quando a cabra

caiu, o cabritinho permaneceu perto dela até que eu cheguei e a apanhei. Ainda mais, quando a carreguei em meus ombros, o cabritinho seguiu-me até meu retiro. Coloquei-a no chão e agarrei o cabritinho, escalando com ele a paliçada, na esperança de domesticá-lo. Contudo, não quis se alimentar, de modo que fui forçado a matá-lo e a comê-lo. Os dois animais supriram-me de carne bastante tempo, pois eu comia com parcimônia e economizava as provisões (a bolacha especialmente) o mais que podia.

Depois de construir minha habitação, vi que tinha absoluta necessidade de um lugar para acender fogueiras e de combustível para isso. Contarei aqui, por miúdo, o que fiz nesse sentido e, ademais, que comodidades consegui e como aumentei a caverna. Devo, antes, falar um pouco de mim mesmo, de minhas reflexões sobre a vida, que, bem se pode imaginar, não eram poucas.

A situação era, para mim, sem esperanças. Fora arremessado àquela ilha, depois de violenta tempestade nos arrastar para muito longe do curso previsto, a algumas centenas de léguas das rotas comerciais existentes. Tinha, assim, boas razões de tomar o acontecido como determinação divina para que terminasse meus dias ao abandono, naquele lugar desolado. Ao pensar nisso, as lágrimas corriam-me abundantes pelas faces. Às vezes, indagava a mim mesmo por que haveria a Providência de assim arruinar as criaturas, deixando-as em tamanha miséria, tão indefesas e tão completamente vencidas que seria muito, talvez, esperar delas gratidão. Alguma coisa, porém, acorria sempre a barrar-me esses pensamentos e a censurar-me. Um dia, sobretudo, andava pelo litoral sopesando a espingarda, mergulhado em pensamentos sobre minha situação, quando a consciência me apresentou um argumento novo:

— Bem, não há dúvida de que a situação é sombria. Mas diga-me, por favor: Onde estão seus companheiros? Não eram onze no escaler? Que foi feito dos outros dez? Por que eles não se salvaram e você não morreu? Por que você foi o escolhido? O que é melhor: estar aqui ou lá? — E apontava para o oceano. Todos os males devem ser julgados conforme o bem que encerram e a possibilidade do ainda pior.

De novo refleti em como estava bem provido para meu sustento e no que aconteceria se o navio não tivesse se safado de onde primeiro encalhara e viesse para tão perto da costa (o que era uma possibilidade de um para cem mil), de modo a me permitir retirar dele tanta coisa. Qual teria sido minha sorte, caso fosse deixado nas mesmas circunstâncias em que chegara à costa, sem meios de subsistência ou meios de consegui-los? Acima de tudo — disse

eu em voz alta, ainda que para mim mesmo —, que teria feito sem espingarda e munição, sem ferramentas para fazer coisa alguma; sem vestuário, sem cama e roupa de cama, sem tenda ou qualquer meio de agasalhar-me? E já possuía tudo isso em quantidade bastante e estava em bom caminho de abastecer-me suficientemente para viver sem o auxílio da espingarda, quando a munição se esgotasse. Eram assim toleráveis as perspectivas de subsistir, sem passar necessidades enquanto vivesse. Realmente, desde o início pensara na maneira de pôr-me a salvo dos possíveis acidentes e do que me reservasse o futuro, não só quando a munição acabasse, mas, também, depois que minha saúde e energias decaíssem.

Confesso que ainda não pensara na possibilidade de a munição explodir de uma só vez, isto é, de que a pólvora estourasse por efeito de um raio. Eis por que fiquei tão atônito ao ocorrer-me isso no momento do relâmpago e do trovão, como já relatei.

Devendo, agora, iniciar o melancólico relato do drama de uma vida tão silenciosa como, talvez, nunca o mundo conhecera antes, é preciso partir do começo e prosseguir em ordem. Segundo meus cálculos, fora a 30 de setembro que pusera o pé pela primeira vez naquela terrível ilha, quando o sol, que passava pelo equinócio do outono, estava quase a pino. Encontrava-me então, segundo meus cálculos, a nove graus e vinte e dois minutos ao norte do equador.

Dez ou doze dias depois de minha chegada, comecei a dar-me conta de que perderia a noção do tempo por falta de papel, pena e tinta e não poderia mais distinguir os domingos dos dias de trabalho. Para evitá-lo, gravei a entalhe de faca, em letras maiúsculas, num grande poste que ergui no local onde pisara em terra, a seguinte inscrição disposta em cruz: “Aqui arribei em 30 de setembro de 1659.” Dos lados desse poste quadrangular, fazia um corte diariamente. Todos os sétimos cortes, fazia-os mais compridos que os restantes; e o do primeiro dia de cada mês, mais comprido que aqueles. Mantive, assim, meu calendário em dia pelo registo semanal, mensal e anual do tempo.

Devo, ademais, acrescentar que, entre as muitas coisas trazidas por mim do navio, nas várias vezes que fui a bordo, figuravam objetos de menos valor, antes não referidos, mas nem por isso menos úteis. Assim, penas, tinta, papel, diversos embrulhos com pertences do capitão, do piloto, do artilheiro e do carpinteiro; três ou quatro bússolas, alguns instrumentos de cálculo, quadrantes, óculo de alcance, mapas e livros de navegação. Trouxera tudo de

mistura, pudesse ou não precisar dessas coisas. Encontrei, também, três excelentes exemplares da Bíblia, que me tinham vindo da Inglaterra e que eu carregara em minha bagagem; alguns livros portugueses, entre os quais dois ou três livros católicos de orações. Guardei tudo cuidadosamente. Não devo tampouco me esquecer de que havia, no navio, dois gatos e um cão, de cuja notável história terei de dizer alguma coisa no momento oportuno. Apanhei os dois gatos. Quanto ao cão, saltou do navio por sua própria conta e nadou para a praia no dia imediato àquele em que levei meu primeiro carregamento. Foi-me um auxiliar fiel durante muitos anos. Era capaz de apanhar para mim tudo que eu desejasse e de fazer-me companhia em qualquer circunstância. Somente uma coisa havia, desejada por mim, que ele não podia fazer: conversar. Como disse antes, encontrei penas, tinta e papel e economizei-os ao máximo. Conforme mostrarei, enquanto durou a tinta, registrei tudo com muita exatidão. Quando ela acabou, não consegui substituí-la por meio de todos os processos que pude conceber.

Veio isso evidenciar-me que ainda necessitava de muitas coisas, apesar de tudo que recolhera. Entre elas, além da tinta, uma enxada, uma picareta e uma pá, para cavar e remover a terra, e agulhas, alfinetes e linha. Quanto ao pano de linho, em breve aprendi a dispensá-lo sem grande dificuldade.

O trabalho tornou-se penoso para mim com essa falta de ferramentas. Levei quase um ano para terminar a estacada e a habitação por ela protegida. Os mourões ou estacas, do maior peso que podia levantar, tomavam muito tempo para serem cortados e preparados na floresta e muito mais ainda para serem transportados. Gastava, algumas vezes, dois dias para cortar e transportar uma estaca e outro para enterrá-la. A rocha era frouxa, arenosa e cedia facilmente. Assim, logo que me senti razoavelmente protegido contra as feras, pus-me a cavar um corredor do lado direito. Depois, infletindo mais uma vez para a direita, levei o corredor até o lado de fora e fiz uma porta de saída, externamente à paliçada ou fortificação. Ganhei, com isso, não só uma entrada e saída, pois era um caminho traseiro para a tenda e o armazém, mas, ainda, espaço para arrumar minhas coisas.

Comecei, então, a ocupar-me em fazer os objetos de que mais carecia, especialmente uma cadeira e uma mesa. Sem elas não poderia, realmente, gozar das poucas amenidades que eu teria neste mundo. Não teria tanto prazer em escrever ou comer, ou fazer coisas várias se não tivesse uma mesa.

Assim, comecei a trabalhar. Aqui devo observar, todavia, que, assim como a razão é a origem e a substância das matemáticas, assim também todo

homem pode, com o tempo, dominar qualquer arte mecânica, estabelecendo e resolvendo tudo de acordo com a razão e julgando os fatos da maneira mais racional possível. Nunca manejara uma ferramenta em minha vida e, no entanto, cheguei por fim à conclusão de que, com esforço, perseverança e engenho, nada haveria que não pudesse ser feito, sobretudo se eu possuísse os instrumentos necessários. Contudo, fiz inúmeras coisas mesmo sem ferramentas e algumas sem outras que não uma enxó e uma machadinha, de maneira, talvez, inédita até então e à custa de enorme trabalho. Quando, por exemplo, necessitava de uma tábua, não havia outro remédio senão derrubar uma árvore, pô-la diante de mim, aplainá-la de ambos os lados com o machado até ficar da espessura de uma prancha e, por fim, alisá-la com a enxó. É verdade que, por esse método, eu só podia fazer uma tábua de cada árvore. Não tinha outro remédio senão exercitar a paciência, do mesmo modo que não o tinha para o tremendo gasto de tempo e trabalho necessário para fazer uma prancha ou tábua. Meu tempo e trabalho pouco valiam, entretanto, e assim estavam, de qualquer maneira, bem empregados.

Fiz para mim, como disse antes, uma cadeira e uma mesa em primeiro lugar, utilizando os pequenos pedaços de tábua que trouxera do navio. Logo, porém, que fiz algumas tábuas maiores, construí grandes prateleiras, de um pé e meio de largura, umas sobre as outras, ao longo de uma das paredes da caverna, e aí arrumei as ferramentas, os pregos, as ferragens e, numa palavra, pus todas as coisas bem separadas em seus lugares, de modo que as pudesse encontrar facilmente. Enterrei lascas de pau na parede para pendurar as espingardas e tudo mais que pudesse ficar suspenso.

Desse modo, pudesse minha caverna ser vista por outrem, pareceria um armazém geral de utilidades. E as coisas estavam tão prontas, ao alcance de minha mão, que me era um prazer admirar-lhes a ordem e, sobretudo, ver que meus sortimentos eram tão grandes.

Comecei, então, a escrever um relato diário do que fazia. De começo, estava, efetivamente, muito ocupado, e não só ocupado, mas de tal modo confuso que meu diário teria sido escrito com tintas muito sombrias. Vou transcrevê-lo aqui (embora torne a tratar de muitos pormenores já conhecidos) até onde foi. De fato, fui obrigado a abandoná-lo quando a tinta acabou.

O DIÁRIO

30 DE SETEMBRO DE 1659 — Eu, pobre e desgraçado, depois de naufragar em alto-mar durante terrível tempestade, fui atirado a esta triste e miserável ilha, a que dei o nome de ilha do Desespero. Todos os meus companheiros de viagem se afogaram e eu mesmo quase morri.

Passei o resto do dia preso da maior aflição, em face das sombrias circunstâncias em que me achava. Em verdade, não tinha alimento, abrigo, roupa ou armas, nem lugar para onde ir. Desesperado de qualquer socorro, não via outro destino senão a morte, quer devorado pelas feras, quer chacinado pelos selvagens ou morto de fome, à míngua de sustento. Subi a uma árvore ao cair da noite, com medo das feras, mas ainda assim dormi profundamente, embora chovesse a noite toda.

1^o DE OUTUBRO — Vi, pela manhã, com grande surpresa, que o navio se safara com a maré alta, aproximando-se mais da ilha. Isso me alegrou por um lado, porque o fato de não se ter despedaçado e de estar ainda flutuando me permitiria, talvez, ir a bordo e abastecer-me de alimento e provisões. De outro lado, porém, reavivou-me a dor de ter perdido os companheiros de viagem. Tivéssemos ficado a bordo — pensei — e teríamos, talvez, salvo o navio ou, pelo menos, não teriam eles morrido afogados, como morreram. Se tivessem se salvado, poderíamos com certeza fazer dos destroços do navio um barco que nos levaria a qualquer outro lugar. Passei grande parte do dia mergulhado nesses pensamentos. Afinal, vendo o navio quase a seco, caminhei pela praia o mais longe que pude e nadei, em seguida, até ele. O dia continuou chuvoso, mas o vento amainou por completo.

DE 1^o A 24 DE OUTUBRO — Consumi todos esses dias em visitas ao navio, de onde retirei tudo que pude, para a costa, em jangadas, na enchente da maré. Também choveu muito durante esse período, embora com alguns intervalos de bom tempo. Estávamos, ao que parece, na estação chuvosa.

20 DE OUTUBRO — A jangada virou com toda a carga que levava. Estava, porém, em águas pouco profundas e, como as coisas eram, na maioria, de grande peso, consegui recuperar muitas quando a maré desceu.

25 DE OUTUBRO — Choveu a noite e o dia inteiros. Caiu um pé de vento e

o navio, a uma rajada mais forte, despedaçou-se, desaparecendo. Apenas destroços deram à praia. Levei todo o dia cobrindo e protegendo os bens que salvara, para que a chuva não os estragasse.

26 DE OUTUBRO — Explorei o litoral o dia inteiros, procurando um lugar para residir. Preocupava-me muito defender-me contra qualquer ataque, fosse de animais ferozes ou de selvagens. À noite encontrei um rochedo e tracei um semicírculo para meu acampamento. Resolvi fortificá-lo com uma construção, muralha ou paliçada de estacas duplas, reforçada internamente por meio de cabos e protegida pelo lado de fora com um aterro relvoso.

DE 26 A 30, trabalhei exaustivamente, transportando todos os meus haveres para a nova morada, embora tivesse chovido muito durante parte desse tempo.

No dia 31, pela manhã, penetrei na ilha, armado de espingarda, para procurar alimento e explorar a terra. Matei uma cabra, cujo cabritinho me seguiu até o acampamento. Matei-o também mais tarde, porque não queria comer.

1º DE NOVEMBRO — Levantei minha tenda à sombra do rochedo e aí passei a primeira noite. Eu a fiz a maior que pude, enterrando estacas para sustentar a maca.

2 DE NOVEMBRO — Pus de pé todos os baús, tábuas e pedaços de madeira que serviram na construção das jangadas, fazendo uma espécie de cerca ao meu redor, um pouco para dentro do lugar que destinara à paliçada.

3 DE NOVEMBRO — Saí com a espingarda e matei duas aves parecidas com patos, cuja carne era muito boa. À tarde comecei a fazer uma mesa.

4 DE NOVEMBRO — Nessa manhã comecei a distribuir o tempo entre o trabalho, a caça, as horas de sono e de recreio: pela manhã saí com a espingarda por duas ou três horas; não chovia; pus-me em seguida a trabalhar até as onze horas. Comi o que tinha e dormi das doze horas às duas da tarde, pois o calor era excessivo. À tardinha trabalhei de novo. Todo o trabalho desse dia e do seguinte foi inteiramente dedicado à construção de uma mesa, porque ainda era muito inábil. Entretanto, o tempo e a necessidade tornaram-me um artífice completo dentro de pouco tempo, como acredito teria acontecido com qualquer outro.

5 DE NOVEMBRO — Durante o dia saí com a espingarda e o cachorro. Matei um gato bravo. A pele era bastante macia, mas a carne não prestou para nada. Tirava e conservava a pele de todo animal que matava. Voltando ao litoral, avistei aves marinhas de muitas espécies, desconhecidas para mim.

Fiquei surpreso e quase amedrontado ao ver duas ou três focas. Enquanto as olhava perplexo, sem saber o que eram, voltaram ao mar, escapando-me dessa vez.

6 DE NOVEMBRO — Depois da excursão matinal, voltei a trabalhar na construção da mesa, terminando-a. Não ficou a meu gosto, mas não levou muito tempo para que eu aprendesse a consertá-la.

7 DE NOVEMBRO — O tempo começou a firmar-se. Os dias 7, 8, 9, 10 e parte do dia 12 (pois 11 foi domingo), consumi-os inteiramente na construção da cadeira. Com muito esforço, fiz uma cadeira tolerável, mas não a meu gosto. Durante o trabalho, desarmeí-a várias vezes.

Nota — Não guardei os domingos por muito tempo, pois que, deixando de marcá-los no poste, esqueci em que dias caíam.

13 DE NOVEMBRO — Choveu nesse dia, o que me trouxe enorme alívio e refrescou a terra. A chuva, entretanto, foi acompanhada de relâmpagos e terrível trovoadas. Tive um medo mortal por causa da pólvora. Logo que a tempestade cessou, resolvi distribuir o estoque de pólvora pelo maior número possível de pequenos embrulhos, para deixá-la em segurança.

14, 15 E 16 DE NOVEMBRO — Passei esses dias fazendo pequenas caixas quadradas, que podiam conter cerca de uma ou, no máximo, duas libras de pólvora. Depois de enchê-las, guardei-as em lugares seguros e tanto quanto possível afastadas. Num desses três dias matei uma grande ave. A carne era boa, mas não sabia como se chamava.

17 DE NOVEMBRO — Comecei a cavar a rocha por trás da tenda, a fim de ganhar espaço para necessidades futuras.

Nota — Nessa tarefa, precisava muito de três coisas: uma picareta, uma pá e um carrinho de mão. Interrompi, por isso, o trabalho e pus-me a pensar na maneira de arranjar as coisas e fazer umas ferramentas. Para substituir a picareta, usei as alavancas de ferro, que, embora pesadas, serviram bem. Mas precisava, ainda, de uma pá. Tinha absoluta necessidade disso, porque sem uma pá não poderia, certamente, fazer nada de útil. Não sabia, porém, de que maneira fabricar qualquer coisa parecida com uma pá.

18 DE NOVEMBRO — No dia seguinte, batendo a floresta, encontrei uma árvore cuja madeira era, ou parecia, a que é conhecida no Brasil por pau-ferro, devido à extraordinária dureza. Com muito esforço e quase inutilizando o machado, cortei uma tora e levei-a para casa, ainda que a muito custo, pois era excessivamente pesada.

Não tive outro remédio senão trabalhar muito tempo nessa ferramenta,

dada a extrema dureza da madeira. Pouco a pouco fui dando à tora a forma de uma pá. O cabo era exatamente igual aos das pás inglesas, mas a parte larga, não sendo, embaixo, guarnecida de ferro, não poderia, certamente, durar tanto. Todavia, serviu-se bem todas as vezes que dela precisei. Nunca — acredito — se fez uma pá dessa maneira e tão penosamente.

Ainda não estava satisfeito, porque precisava de um cesto ou de um carrinho de mão. Não consegui, de modo algum, fabricar um cesto, pois não havia varas apropriadas para trançar, como vime, ou, pelo menos, ainda não as encontrara. Quanto ao carrinho de mão, achei que poderia fazer tudo, exceto a roda. Não tinha nenhuma ideia de como era feita, nem de que jeito poderia fabricá-la. Ademais, não havia nenhuma possibilidade de fazer o eixo de ferro para a roda e, por isso, desisti. A fim de transportar a terra que tirava da caverna, fiz uma espécie de coche, como aqueles em que os serventes carregam argamassa para os pedreiros.

Isso não foi tão difícil como fazer a pá. Não obstante, consumí quatro dias na manufatura dessa espécie de coche e da pá, bem como na tentativa de construir um carrinho de mão, descontadas, bem entendido, as manhãs em que saía à caça. Raramente deixava de sair, como raras eram, também, as vezes em que voltava sem trazer algo para meu sustento.

23 DE NOVEMBRO — Tinha interrompido a outra tarefa para fazer as ferramentas. Uma vez terminadas, continuei a trabalhar todos os dias tanto quanto me permitiam as forças e o tempo. Levei dezoito dias completos alargando e aprofundando a caverna, a fim de obter espaço bastante para guardar minhas coisas.

Nota — Durante esse período, tratei de fazer a caverna bastante espaçosa para me servir de armazém, cozinha, sala de jantar e despensa. Conservei a tenda como quarto de dormir. Entretanto, na estação chuvosa, as chuvas eram às vezes tão fortes que não me podia abrigar completamente. Isso me levou a cobrir todo o espaço cercado pela paliçada com paus compridos apoiados na encosta rochosa, como barrotes, forrando-os com espadas e folhas grandes à maneira de uma palhoça.

10 DE DEZEMBRO — Já pensava ter quase terminado a caverna ou abóbada quando, de repente (parece-me que ela estava muito grande), a terra desmoronou em tal quantidade do teto e de um dos lados que fiquei em pânico, aliás com razão. Com efeito, tivesse sido colhido e não precisaria nunca mais de um coveiro. Esse desastre me obrigou a um trabalho exaustivo, porque tive de carregar a terra desmoronada e, o que era ainda

mais importante, precisava escorar o teto, para impedir novos desmoronamentos.

11 DE DEZEMBRO — Dediquei esse dia a sustentar o teto. Coloquei duas escoras, cada uma delas aplicada em cima a uma tábua disposta em sentido transversal. Terminei isso no dia seguinte e tratei de colocar outras escoras iguais, de modo que, no fim de mais uma semana, o teto já estava seguro. Os mourões, dispostos em filas, serviram-me para dividir a caverna em compartimentos.

17 DE DEZEMBRO — Dessa data até o dia 20 coloquei prateleiras e preguei pregos nos mourões, para pendurar tudo aquilo que fosse possível.

Comecei, então, a ter as coisas em certa ordem.

20 DE DEZEMBRO — Levei tudo para a caverna e principiei a mobilar a habitação. Com algumas tábuas construí uma espécie de aparador para colocar os víveres. As tábuas começaram, porém, a escassear. Fiz, também, outra mesa.

24 DE DEZEMBRO — Choveu muito a noite e o dia inteiros. Não saí.

25 DE DEZEMBRO — Choveu o dia todo.

26 DE DEZEMBRO — Não choveu. A temperatura ficou muito mais fresca e agradável.

27 DE DEZEMBRO — Matei um cabrito e aleijei outro, a fim de capturá-lo, e levei-o para casa amarrado a um cordão. Logo que cheguei, apliquei-lhe uma tala à perna quebrada e liguei-a.

Nota — Tratei tão bem do cabrito que sobreviveu. A perna tornou a desenvolver-se forte como antes. Alimentei-o por muito tempo e acabou domesticado, pastando, sem fugir, na relva fronteira à minha porta. Foi a primeira vez que tive a ideia de criar e domesticar animais com o intuito de obter alimento quando a pólvora e o chumbo de caça se esgotassem.

28, 29 E 30 DE DEZEMBRO — Muito calor e calma, de modo que não saí, a não ser à noitinha, em busca de alimento. Passei o tempo pondo as minhas coisas em ordem.

1º DE JANEIRO — Muito calor ainda, mas saí cedo e à tarde para caçar, ficando em repouso no meio do dia. À noite, entrando mais pelo vale, lá para o centro da ilha, descobri haver cabras em quantidade, porém muito ariscas e espantadiças. Resolvi, contudo, tentar caçá-las com a ajuda do cachorro.

2 DE JANEIRO — Assim, no dia seguinte, saí com o cachorro e lanceio sobre elas. Enganei-me, entretanto, porque as cabras o enfrentaram e ele conheceu muito bem o perigo; não se aproximou.

3 DE JANEIRO — Comecei a construir a paliçada ou muralha. Estava ainda com medo de ser atacado e resolvi, por isso, fazê-la bastante larga e forte.

Nota — A muralha já foi descrita antes, de modo que, omito, neste diário, o que disse a respeito. Basta observar que passei o período entre 3 de janeiro e 14 de abril trabalhando nela, terminando-a e dando-lhe os últimos retoques. Não tinha, porém, mais de vinte e duas jardas de comprimento e formava um semicírculo de um ponto a outro da encosta, separados por cerca de oito jardas. A porta da caverna ficava no centro, por trás da paliçada.

Trabalhei afanosamente todo esse tempo. As chuvas me detiveram durante dias ou, mais do que isso, semanas inteiras por vezes. Pensava, porém, que não poderia estar a salvo enquanto não terminasse a muralha. É quase inacreditável o trabalho ingente que isso me custou, sobretudo o transporte dos mourões cortados na floresta e o estacamento. Fizera-os muito maiores do que o necessário.

Uma vez terminada e reforçada, por fora, com um muro de relva, dentro de uma dupla cerca, convenci-me de que, caso desembarcasse gente por ali, não perceberia nada parecido com uma habitação. E foi muito bom que tivesse feito assim, como se verá mais tarde, em ocasião digna de nota. Durante esse período, fui caçar diariamente à floresta, com exceção dos dias de chuva. Descobria muita coisa útil nessas excursões. Descobri, particularmente, uma espécie de pombo bravo, que não fazia ninho nas árvores, mas nas rochas, em buracos, à maneira, por assim dizer, dos pombos domésticos. Apanhei alguns borrachos e tentei criá-los e domesticá-los. Fugiram, entretanto, logo que cresceram um pouco, devido, com certeza, antes de mais nada, à falta de alimento, pois eu não tinha nada para lhes dar. Encontrava frequentemente os ninhos desses pombos e apanhava os borrachos, que tinham uma carne excelente.

A essa altura, o manejo doméstico já me indicara a falta de muitas coisas, que me julguei, a princípio, incapaz de fazer. E o fui, de fato, em muitos casos. Nunca, por exemplo, consegui fabricar um barril e pôr-lhe os arcos. Tinha duas pequenas pipas, mas jamais pude fazer um tonel, tomando-as por modelo, embora gastasse muitas semanas na tentativa. Nunca consegui colocar as tampas ou juntar as aduelas o bastante para impedir a saída da água. Acabei desistindo. Tinha, além disso, grande necessidade de velas. Logo que escurecia, geralmente pelas sete horas, era obrigado a ir para a caverna. Lembrei-me da cera de abelha com que fabricara velas por ocasião de minha aventura na África, mas não possuía nenhuma então. O único jeito

foi aproveitar o sebo de uma cabra e, assim, com um pequeno prato feito de argila, que cozi ao sol, e mais um pavio feito de estopa, arranjei uma espécie de lamparina. Obtive luz dessa maneira, embora não fosse tão clara e firme como a da vela. No meio desse trabalho todo, aconteceu que, dando uma busca em minhas coisas, encontrei uma pequena bolsa que, conforme tinha suposto, estivera cheia de grãos para a alimentação das galinhas, não na última viagem, mas quando o navio voltara de Lisboa. O pouco que restava do grão os ratos devoraram, de modo que nada vi na bolsa senão farelos e poeira. Precisando dela — penso que para encher de pólvora, que reparti, com medo dos raios, ou para outra coisa qualquer — sacudi-a em um dos cantos de meu cercado, esvaziando-a do farelo. Foi logo antes da estação das chuvas, há pouco referida, que joguei isso fora. Não notei nada de mais, nem mesmo guardei lembrança do fato. Cerca de um mês depois, observei pequeninas hastes verdes brotando da terra. Imaginei tratar-se de alguma planta que me passara despercebida. Dentro em pouco, porém, para minha grande surpresa e espanto, nasciam dez ou doze espigas de ótima cevada verde, igual à europeia, ou melhor, à inglesa.

É impossível traduzir o espanto e as emoções que experimentei nesse momento. Até então a religião não me preocupava absolutamente. Poucos eram os conhecimentos religiosos que possuía. Levava tudo o que me sucedera à conta do acaso ou, como dizemos de forma leviana, à vontade de Deus, sem perscrutar os fins da Providência ou a ordem pela qual dirige os acontecimentos do mundo. Quando, porém, vi dar cevada naquele lugar, num clima que sabia impróprio para cereais, e — o que é mais — sem ter nenhuma ideia de onde viera, fiquei perplexo. Comecei a pensar que Deus fizera brotar o grão sem necessidade de semente, com o único fim de sustentar-me naquela região selvagem e desolada.

Isso me comoveu um pouco e as lágrimas brilharam-me nos olhos. Senti-me feliz por ter sido a causa de tamanho prodígio da natureza. O acontecimento era tanto mais estranho para mim quando encontrei ainda, aqui e ali, junto e ao longo da encosta rochosa, outras hastezinhas de arroz, como verifiquei mais tarde. Conhecia o arroz porque o vira crescer na África, quando lá aportara.

Não só me convenci de que tudo representava um puro desígnio da Providência em meu favor, como estava certo de encontrar mais pelos arredores. Pus-me a explorar aquela parte da ilha, esquadrinhando todos os cantos e espreitando o terreno sob cada rocha, mas não encontrei nada.

Ocorreu-me, afinal, ter sacudido ali o saco com comida para as galinhas e comecei a ficar menos maravilhado. Força é confessar que minha gratidão à Providência Divina começou também a diminuir, quando descobri que não sucedera nada de extraordinário. Devia, entretanto, ser tão grato por esse acontecimento estranho e inesperado como se fosse um milagre. Fora, realmente, a Providência que conservara intatos dez ou doze grãos de cereais, enquanto os ratos devoravam o resto. Era como se tivessem caído do céu. Fora também a Providência que me levava a jogá-los fora naquele determinado lugar, à sombra de alto rochedo, onde brotaram rapidamente. Se os tivesse jogado em outro lugar qualquer naquele momento, teriam sido queimados e destruídos.

Como é de esperar, colhi as espigas na estação própria, que é o fim de junho. Guardei todos os grãos que pude com a intenção de semeá-los de novo, na esperança de conseguir, com o tempo, quantidade suficiente para me prover de pão. Todavia, não pude comer um só grão antes do quarto ano e, mesmo depois desse tempo, usei de muita economia, como veremos a seu tempo. Com efeito, perdi toda a primeira sementeira, porque não escolhi a época apropriada. Semeei pouco antes da estação seca, de modo que os grãos não brotaram, ou, pelo menos, não tanto como teriam brotado na época adequada. Falaremos disso mais tarde.

Havia, além da cevada, como disse, vinte ou trinta pés de arroz, que tratei com o mesmo cuidado. Usei-o de maneira idêntica, isto é, fiz pão, ou melhor, comida, pois achei um meio de cozê-lo sem levar ao forno, embora isso me tenha levado algum tempo para descobrir. Mas voltemos ao diário. Trabalhei arduamente aqueles três ou quatro meses para terminar a muralha. Acabei-a no dia 14 de abril, imaginando um jeito de entrar não através de uma porta, mas por cima da paliçada, graças a uma escada, de modo que do lado de fora não se notasse sinal algum de habitação.

16 DE ABRIL — Terminei a escada, subi por ela até o alto da muralha, puxei-a e coloquei-a do lado de dentro. Minha habitação era um recinto hermeticamente fechado. Tinha bastante espaço e nada me poderia atacar pelo lado de fora a não ser escalando a paliçada.

Logo no dia imediato àquele em que terminei a estacada, quase perdi todo o meu trabalho de um só golpe. Foi este o caso: estava ocupado dentro da fortificação, por trás da tenda, justamente à entrada da caverna, quando fui surpreendido por um acontecimento sem dúvida apavorante. Eis que, de súbito, do alto do monte e do teto da caverna, a terra desmoronou e veio

rolando sobre mim, ao mesmo tempo que, dentro da caverna, dois mourões se partiram com um fragor terrível. Fiquei aterrado, sem pensar na verdadeira causa daquilo, imaginando, apenas, que o teto da caverna desabava, como já acontecera antes. Temendo ser soterrado, corri para a escada. Nem aí me senti seguro. Com medo de que me colhesse a terra desmoronada do monte, transpus a paliçada. Assim que passei para o outro lado, vi que era um violento terremoto. Efetivamente, o terreno que eu pisava sacudiu três vezes no espaço de oito minutos. Os abalos foram tão violentos que mesmo o edifício mais sólido do mundo não teria resistido. Um grande fragmento do tope de um rochedo, a cerca de uma milha, perto do mar, veio abaixo com fantástico estrondo como nunca ouvira em minha vida. Percebi que o próprio mar era violentamente sacudido. Acredito mesmo que os choques eram mais fortes sob a água do que na ilha.

Estava tão espantado com o fenômeno, para mim inédito, que fiquei como morto, estuporado. O tremor de terra causou-me náuseas, como se estivesse navegando em mar grosso. No entanto, o estrondo da queda do rochedo despertou-me daquele estupor, deixando-me aterrado. Só pensei, então, no monte caindo sobre a tenda, sobre todos os meus haveres, soterrando tudo. E senti-me desfalecer de novo a essa simples lembrança.

Depois que cessou o terceiro abalo e nada mais houve durante algum tempo, comecei a recobrar o ânimo. Entretanto, não tive coragem de escalar a muralha de novo, com medo de ser enterrado vivo. Sentei-me no chão e fiquei imóvel, profundamente abatido, sem saber o que fazer. E, durante tudo isso, não me ocorreu um único pensamento religioso digno de menção, a não ser a banal exclamação: “Senhor, tende piedade de mim!” E assim mesmo a esqueci quando tudo terminou.

Sentado, observei que o céu se anuviava, ameaçando chuva. Pouco depois, o vento começou a soprar, aumentando pouco a pouco de intensidade, de modo que, em menos de meia hora, caía o mais terrível dos furacões. Todo o oceano forrou-se, de repente, de espumas. As vagas escachoaram, cobrindo as praias, e as árvores eram arrancadas pela raiz. A tremenda borrasca durou perto de três horas, começando, então, a amainar. Duas horas depois tinha cessado inteiramente, seguindo-se uma chuva torrencial.

Continuei, entretanto, sentado no chão, abatido e aterrorizado, até que, de súbito, me ocorreu que a ventania e a chuva eram consequências do terremoto e que, portanto, o perigo cessara, podendo eu voltar para a caverna. Com isso comecei a reanimar-me, mesmo porque a chuva me instigava.

Voltei à tenda e sentei-me, mas o aguaceiro era tão pesado que a ameaçava de derrubar. Fui obrigado a ir para a caverna, embora com muito medo e desassossego, temendo que ela desmoronasse sobre mim.

A violência da chuva obrigou-me a outro trabalho: abrir um rego através da fortificação para permitir o escoamento da água, que, senão, poderia inundar a caverna. Depois de permanecer algum tempo na caverna, sem que voltassem os abalos, fui me tranquilizando. Para levantar o ânimo, aliás muito necessário nessas ocasiões, fui a meu pequeno armazém e tomei um gole de rum. Bebia-o, por sinal, com muita parcimônia, pois estava ciente de que um dia chegaria ao fim.

Continuou a chover a noite inteira e grande parte do dia seguinte, de modo que não saí. Voltando-me a calma, pus-me a pensar no que devia fazer. Concluí que, sendo a ilha sujeita a terremotos, não poderia viver numa caverna, mas deveria construir uma palhoça em campo aberto. Eu a cercaria com uma paliçada como fizera ali, protegendo-me, assim, contra feras ou selvagens. Caso contrário, acabaria, por certo, enterrado vivo.

Resolvi, por isso, transferir o lugar da tenda, que ficava justamente sob a ameaça suspensa do monte. Houvesse outro terremoto e o monte desmoronaria, com certeza, sobre a tenda. Os dois dias subsequentes, 19 e 20 de abril, consumi-os procurando achar para onde e como mudar a habitação. O medo de ser enterrado vivo não me deixou mais dormir em paz. Entretanto, o temor de dormir lá fora, sem nenhuma cerca em volta, era quase igual. Além disso, quando, olhando em torno, notava a boa ordem de tudo e me sentia tão bem escondido e seguro, tinha muito pouca vontade de mudar.

Ocorreu-me, ademais, nesse ínterim, que precisaria de muito tempo para fazer tudo isso. Teria de arriscar-me a viver onde estava, até preparar novo terreno e fortificá-lo. Tendo tomado essa resolução, revigorei-me durante algum tempo, disposto a trabalhar com quantas forças tinha na construção de uma estacada de mourões e cabos, como antes. Ergueria a tenda quando terminasse, mas, até lá, ficaria onde estava, esperando o momento oportuno para a mudança. Isso foi no dia 21.

22 DE ABRIL — No dia imediato comecei a pensar nos meios de executar o projeto. Minhas ferramentas estavam, porém, muito gastas. Tinha três grandes machados e muitas machadinhas (pois as leváramos para comerciar com os negros), mas o intenso trabalho de cortar e rachar madeira dura e nodosa deixara-os cheios de dentes e sem fio. Embora possuísse um reboło, não tinha meios de fazê-lo girar e afiar as ferramentas ao mesmo tempo. O

problema custou-me tanta reflexão quanto a que um estadista teria dedicado para resolver uma grave questão política ou um juiz para decidir sobre a vida ou morte de um homem. Inventei, por fim, uma roda ligada a um cordel, que me permitia fazê-la girar com o pé, ficando com as mãos livres. Nunca vira coisa semelhante na Inglaterra, ou, pelo menos, nunca o suficiente para observar como era feita, se bem tenha verificado, mais tarde, ser coisa muito comum por lá. Ademais, meu reboło era muito grande e pesado. Levou-me esse dispositivo uma semana inteira de trabalho, até dar os últimos retoques.

28 E 29 DE ABRIL — Passei esses dois dias amolando as ferramentas. O dispositivo para fazer girar o reboło foi muito eficiente.

30 DE ABRIL — Verificando que as bolachas iam diminuindo muito, dei um balanço nas que restavam e reduzi minha ração diária para uma. Isso me deixou muito triste.

1º DE MAIO — Pela manhã, olhando para o mar, que estava na vazante, percebi algo na praia de tamanho fora do comum. Parecia um barril. Aproximei-me e vi que era um pequeno tonel e dois ou três destroços do navio naufragado, trazidos para o litoral pelo último furacão. Olhando para os restos do próprio navio, pareceram-me um pouco mais fora d'água do que de costume. Examinei o tonel dado à praia e verifiquei conter pólvora, que tomara água e estava dura como pedra. Entretanto, levei-o mais para dentro da costa e, depois, caminhei pela praia até chegar o mais perto possível do navio destroçado, na expectativa de achar mais alguma coisa.

Ao aproximar-me do navio, encontrei-o deslocado de maneira estranha. O castelo da proa, que antes estava enterrado na areia, subira seis pés pelo menos. E a popa, que fora despedaçada e separada do resto do navio pela fúria do mar, pouco depois que a abandonara, fora arremessada sobre um dos costados. A areia se acumulara tanto desse lado, perto da popa, que, onde antes havia água e por onde era preciso nadar para chegar a um quarto de milha do navio naufragado, eu podia, agora na maré baixa, caminhar a pé enxuto até alcançá-lo. Fiquei surpreso a princípio, mas logo percebi que a causa de tudo fora o terremoto. Com o choque, o navio ficou ainda mais despedaçado do que antes e muitas coisas começaram a dar à praia diariamente, trazidas pelo vento e pelas ondas.

Isso me desviou por completo do plano de transferir a habitação. Ocupei-me inteiramente, sobretudo nesse dia, em arranjar um jeito de penetrar no navio. Mas vi ser impossível, porque o navio estava cheio de areia. Aprendera, entretanto, a não desesperar de coisa alguma e resolvi

arrancar do navio, aos pedaços, tudo que pudesse, porque estava certo de que me seria útil de algum modo.

3 DE MAIO — Serrei um pedaço de uma trave, que acredito sustentava toda a parte superior ou quadra da popa. Removi, depois, como pude, a areia do lado em que se acumulava mais. A maré, porém, começou a subir e eu fui obrigado a desistir dessa vez.

4 DE MAIO — Fui pescar, mas não apanhei um só peixe que pudesse ser comido e acabei entediado. Entretanto, quando já ia desistir, pesquei um pequeno golfinho. Fizera uma linha bem comprida de fio de carrete, mas não tinha anzóis. Entretanto, apanhava frequentemente bastante peixe. Secava-os ao sol e comia-os assim.

5 DE MAIO — Explorei, de novo, os destroços do navio e tirei três ferrolhos, além de outras ferragens. Trabalhei exaustivamente e cheguei em casa muitíssimo fatigado, com vontade de desistir.

7 DE MAIO — Fui mais uma vez ao navio, sem intenção de trabalhar. Notei que, com o corte das traves, o que restava do navio desmoronara sob o próprio peso. Diversos pedaços do navio pareciam soltos. O interior do porão ficou tão escancarado que podia vê-lo perfeitamente, embora cheio de água e areia.

8 DE MAIO — Voltei aos destroços com uma alavanca de ferro para desconjurar o convés, já então livre de água e de areia. Arranquei duas pranchas e levei-as também à praia com a maré cheia. Deixei a alavanca de ferro no convés, para o dia seguinte.

9 DE MAIO — Voltei ainda aos destroços e, com a alavanca, abri caminho para o interior do navio. Tateei uma porção de barris e afrouxei-os com a alavanca, mas não consegui desprendê-los. Encontrei também um rolo de chumbo inglês e tirei-o do lugar. Era, porém, muito pesado para levá-lo.

10, 11, 12, 13 E 14 DE MAIO — Explorei diariamente os restos do navio e apanhei muitos pedaços de madeira, tábuas e pranchas, além de dois ou três quintais de ferro.

15 DE MAIO — Levei duas machadinhas com a intenção de tentar cortar um pedaço do chumbo em rolo, escorando de um lado com o gume de uma e batendo com a outra. Não consegui, porém, cravar a machadinha no chumbo, porque este estava dentro d'água a um pé e meio de profundidade mais ou menos.

16 DE MAIO — Ventara muito durante a noite e os restos do navio me pareceram ainda mais despedaçados pela fúria do mar. Entretanto, fiquei

tanto tempo pela mata, à caça de pombos para comer, que a enchente da maré me impediu de ir ao navio depois.

17 DE MAIO — Divisei alguns destroços na praia, a grande distância, perto de duas milhas, mas ainda assim fui ver de que se tratava. Era um pedaço da proa, muito pesado para ser trazido.

24 DE MAIO — Fui diariamente ao navio até esta data. Usando a alavanca, consegui, a muito custo, afrouxar uma porção de coisas, de modo que, com a força da primeira preamar, se desprenderam vários tonéis e dois baús de marinheiro. Entretanto, como o vento soprasse da terra, nada deu à costa nesse dia, exceto pedaços de madeira e uma pipa com carne de porco do Brasil, que a água do mar e a areia tinham estragado.

Continuei empenhado no mesmo trabalho durante a vazante, até o dia 15 de junho, valendo-me do tempo necessário a conseguir alimento, durante a maré cheia. Nesse período aproveitei madeira, pranchas e ferragens bastantes para construir um bom barco, se soubesse como. Apanhei, também, em várias vezes, por partes, uns cem quintais de folhas de chumbo.

16 DE JUNHO — Ao descer para o litoral, encontrei uma tartaruga. Foi a primeira vez que vi uma, talvez devido à minha pouca sorte e não serem elas raras no lugar. Conforme verifiquei mais tarde, poderia ter encontrado centenas delas diariamente se estivesse do outro lado da ilha. Mas teria pagado, talvez, bastante caro por elas.

17 DE JUNHO — Levei o dia cozinhando a tartaruga. Encontrei nela sessenta ovos. A carne pareceu-me, então, a mais deliciosa que já saboreara em minha vida, pois só tinha comido carne de cabrito e de aves desde que chegara a esse lugar horrível.

18 DE JUNHO — Choveu o dia inteiro e não saí. A chuva pareceu-me fria e eu me sentia um pouco arrepiado, fato que devia ser anormal nessa latitude.

19 DE JUNHO — Muito doente, tiritava, como se estivesse fazendo frio.

20 DE JUNHO — Não dormi durante a noite. Violentas dores de cabeça. Febre.

21 DE JUNHO — Muito doente e tomado de um medo mortal por causa de meu estado, enfermo e sem auxílio, orava a Deus pela primeira vez desde a tempestade ao largo de Hull, porém mal sabia o que ou por que estava rezando. Tinha a cabeça completamente confusa.

22 DE JUNHO — Um pouco melhor, mas ainda terrivelmente apreensivo com a doença.

23 DE JUNHO — Muito mal de novo, tremores e, depois, forte dor de

cabeça.

24 DE JUNHO — Muito melhor.

25 DE JUNHO — A sezão voltou, violenta. O acesso de frio e de calor durou sete horas, seguido de pouco suor.

26 DE JUNHO — Melhor. Não tendo nada para comer, muni-me da espingarda, embora me sentisse fraco. Não obstante, matei uma cabra e trouxe-a com muita dificuldade para casa. Grelhei um pouco de carne e a comi. Teria preferido ensopá-la e fazer um caldo, mas não tinha panela.

27 DE JUNHO — A sezão voltou tão violenta que fiquei na cama o dia inteiro, sem comer nem beber. Estava para morrer de sede, mas sentia-me tão fraco que não podia ficar de pé e conseguir um pouco d'água. Rezei de novo, mas tinha a cabeça no ar. Quando não estava assim, não sabia o que dizer, devido a minha ignorância. Limitava-me a exclamar: “Senhor, olhai por mim! Senhor, tende piedade de mim! Senhor, tende misericórdia de mim!” Acho que não fiz outra coisa durante duas ou três horas, até que o acesso terminou e eu dormi, só vindo a despertar tarde da noite. Sentia-me muito mais bem disposto quando acordei, porém fraco e sequioso. Entretanto, como não havia água em casa, fui forçado a permanecer na cama até a manhã seguinte, dormindo de novo. Durante esse segundo sono tive um terrível pesadelo.

Sonhei que estava sentado no chão por fora da paliçada, no mesmo lugar em que ficara por ocasião da tempestade, depois do terremoto, quando vi um homem envolto num clarão flamejante descer de uma grande nuvem escura e pousar na terra. Brilhava como fogo, de modo que mal podia fitá-lo. Tinha um aspecto tão apavorante que me é impossível traduzir em palavras. Quando tocou o solo, a terra pareceu-me tremer como no terremoto recente. E notei, aterrado, que línguas de fogo enchiam o ar.

Assim que desceu, avançou para mim brandindo uma lança comprida, com a intenção de matar-me. Quando chegou a uma elevação do terreno a pequena distância, falou-me, ou melhor, ouvi-lhe a voz aterrorizante, impossível de ser descrita. As únicas palavras que pude compreender foram estas:

— Já que tudo que aconteceu não vos trouxe arrependimento, morrereis agora!

Pareceu-me, então, que levantava a lança para me matar.

Ninguém que leia estas linhas poderá avaliar, com justeza, meu pavor ao defrontar essa visão terrível. Com efeito, embora se tratasse de um sonho, nele passei, realmente, por esses horrores. Tampouco posso dar uma ideia de

como fiquei impressionado quando acordei e vi que sonhara.

28 DE JUNHO — Um tanto refeito pelas horas de sono, livre completamente do acesso de febre, resolvi levantar. A lembrança do pesadelo deixou-me apavorado e, como a sezão voltaria com certeza no dia seguinte, tratei de arranjar, desde logo, algo para me restaurar as forças e dar-me algum conforto quando doente. A primeira coisa que fiz foi encher de água uma grande frasqueira quadrada e pô-la na mesa, ao alcance da cama. Para cortar o mau efeito da água nos calefrios e na febre, acrescentei-lhe um pouco de rum. Apanhei um pedaço de carne da cabra e grelhei-o nas brasas, porém comi muito pouco. Andei por ali, mas estava muito fraco e também apreensivo e triste por causa de minha miserável situação e pelo temor de que os acessos voltassem no dia imediato. Jantei, à noite, três ovos de tartaruga, que cozi nas brasas; comi-os na casca, como se diz. Foi essa a primeira vez em minha vida em que me lembro de ter pedido a bênção de Deus para o que ia comer.

Depois de alimentar-me, tentei dar um passeio. Sentia-me entretanto fraco e mal podia carregar a espingarda (pois nunca saía sem ela). Andei, por isso, um pouquinho e sentei-me no chão, contemplando o mar diante de mim, tranquilo e espelhado. Levantei, pensativo e tristonho, e voltei para meu retiro. Escalei a estacada, como se fosse para a cama, mas sentia-me agitado e sem vontade de dormir. Sentei-me, então, na cadeira, e acendi o candeeiro, pois começava a escurecer. O medo de que os acessos voltassem fez-me lembrar de que os brasileiros não usavam outro remédio senão o fumo para toda espécie de doenças. Tinha um pedaço de fumo de rolo bem curtido em um dos baús, além de outra porção que ainda não estava bem curtida. Fui em busca desse baú e — como duvidar que a Providência Divina me guiou? — encontrei remédio tanto para o corpo como para a alma! Abri-o e achei o que procurava, isto é, o fumo. Nele também estavam guardados os poucos livros que salvara. Tomei um dos exemplares da Bíblia, antes mencionados, que até então não lera por falta de tempo e de vontade. Tomei-o e levei-o para a mesa juntamente com o fumo.

Não sabia como usar o fumo em minha doença nem se seria ou não eficaz no caso. Entretanto, experimentei-o de diversas maneiras, na expectativa de que acertaria de algum modo. Masquei, primeiro, um pedaço, que me deixou a princípio bastante tonto, porque o fumo era forte e não curtido e eu não estava acostumado àquilo. Cortei depois um pouco e deixei-o macerar em rum por uma ou duas horas, resolvido a beber um gole quando

me deitasse. Por fim, queimei outro pedaço sobre um braseiro e aspirei a fumaça por tanto tempo quanto pude suportar, até quase o ponto de sufocação.

No intervalo, apanhei a Bíblia e comecei a ler. Estava, porém, muito entontecido pelo fumo para continuar, pelo menos dessa vez. Abri o livro casualmente e as primeiras palavras que me surgiram diante dos olhos foram as seguintes: “Recorrei a mim nas aflições: eu vos livrarei e vós me glorificareis.” As palavras eram muito adequadas a meu caso e fiquei impressionado ao lê-las, embora não tanto como fiquei mais tarde. De fato, quanto a livrar-me daquela situação, a frase me parecia sem sentido. Essa possibilidade se apresentava tão remota, tão impossível à minha razão conturbada, que assim como disseram os filhos de Israel, quando lhes prometeram carne para comer, “Pode Deus pôr a mesa no deserto?”, assim perguntei eu também: “Poderá o próprio Deus livrar-me deste lugar?” Tais pensamentos me ocorriam frequentemente, porque só depois de muitos anos comecei a alimentar esperanças. Entretanto, essas palavras fizeram-me grande impressão e meditei muitas vezes sobre elas.

Já ia escurecendo e o fumo me entontecera tanto, que me dispus a dormir. Deixei o candeeiro aceso na caverna, para o caso de precisar de qualquer coisa durante a noite, e fui para a cama. Antes, porém, de deitar-me, fiz o que nunca fizera antes em minha vida. Ajoelhei-me e implorei a Deus que cumprisse a promessa de que me socorreria se o invocasse em minhas aflições. Depois de terminar minha oração tosca e entrecortada, bebi o rum em que macerara o fumo. O tabaco o saturara tanto que mal pude engoli-lo. Fui logo para a cama e senti que ele me subia violentamente à cabeça. Adormeci profundamente e só acordei pelo meio do dia imediato, ou antes, desconfio hoje que dormi o dia e a noite seguintes até quase as três da tarde do terceiro dia. De fato, não se compreenderia de outro modo que eu omitisse um dia no registo do calendário da semana, como havia de verificar mais tarde. Se o motivo fora eu ter cruzado e recruzado a linha equatorial, deveria ter omitido mais de um dia. Mas só houve a falta de um no meu registo e nunca pude saber o motivo.

Como quer que fosse, senti-me, quando acordei, extraordinariamente reffeito, animado e alegre. Levantei-me mais forte que na véspera e com o estômago melhor, pois tinha fome. Em resumo, o acesso não veio no dia seguinte e continuei melhorando. Isso foi a 29.

O dia 30 foi, sem dúvida, meu bom dia. Saí com a espingarda, mas não

quis ir muito longe. Matei umas duas aves marinhas, parecidas com o pato bravo, e levei-as para casa, mas sem muita vontade de comê-las. Comi mais alguns ovos de tartaruga, que eram excelentes. Voltei a tomar o remédio, que supunha ter-me feito bem na véspera, isto é, a maceração de fumo em rum. Tomei, entretanto, dose menor e não masquei fumo nem aspirei fumaça alguma. O dia seguinte 1º de julho, não passei tão bem como esperava. Tive, de fato, um princípio de acesso, mas não foi adiante.

2 DE JULHO — Usei novamente o remédio das três maneiras, como fizera da primeira vez, e dupliquei a quantidade que bebi.

3 DE JULHO — Os acessos desapareceram de uma vez, mas só recobrei inteiramente as forças algumas semanas depois. Enquanto restaurava as energias, meus pensamentos se fixaram na frase das Escrituras: “... eu vos livrarei...” A impossibilidade de livrar-me daquela situação era uma ideia que se arraigara muito em mim para que eu viesse a ter esperanças algum dia. Mas, concomitantemente a essas reflexões desanimadoras, ocorreu-me que a preocupação absorvente com meu principal infortúnio me levava a esquecer a graça recebida. Fiz-me, então, perguntas como estas:

— Não me livrei, e maravilhosamente, da doença? Não me livrei da situação mais desgraçada que se possa imaginar e que tanto me apavorava? E que atenção dei eu a isso? Posso eu dizer que fiz o que devia? *Deus socorreu-me, mas eu não o glorifiquei.* Em outras palavras, não reconheci nem agradei a ajuda recebida. Como poderia, pois, esperar socorro maior?

Essas reflexões comoveram-me muito. Ajoelhei-me imediatamente e, em voz alta, dei graças a Deus pelo meu restabelecimento.

4 DE JULHO — De manhã, apanhei a Bíblia e comecei a lê-la seriamente, começando pelo Novo Testamento, disposto a dedicar-lhe algum tempo todas as manhãs e todas as noites. Não me prendia ao número dos versículos, mas lia tanto quanto me pediam os pensamentos. Dentro em breve já sentia profunda e sinceramente quão condenável fora minha vida passada.

Comecei, então, a vislumbrar na frase antes mencionada — “Recorrei a mim e eu vos livrarei” — um sentido diferente do que lhe emprestara até ali. De fato, não tinha noção alguma do que fosse *livramento*, exceto a que me ficara de minha libertação do antigo cativeiro. Embora contasse com muito espaço, para mim a ilha não passava, realmente, de um cativeiro e da pior espécie. Aprendi, porém, a considerá-lo de outro ponto de vista. Rememorava minha vida anterior com tal horror e tão terríveis me pareciam meus pecados que só pedia a Deus redimir-me das pesadas culpas que me angustiam.

Minha vida solitária não tinha importância. Não pedi para livrar-me dela, nem mesmo pensei nisso. Era algo de todo insignificante em comparação com o resto. E aqui desejo acrescentar, como um aviso a quem quer que leia estas linhas, que, para os possuidores da verdade, a redenção do pecado é uma bênção muito superior ao alívio das aflições materiais.

Deixando de lado, porém, essa questão, volto a meu diário:

Embora as misérias de minha vida não diminuíssem, passei a achá-la muito mais tolerável. Guiado pela constante leitura dos Evangelhos e pelas orações a Deus, senti um consolo enorme, que até então não experimentara. Recobrei, também, a saúde e as energias e tratei de obter tudo de que precisava, tornando minha vida a mais regular possível.

DE 4 A 14 DE JULHO, empenhei-me principalmente em passear pelos arredores com a espingarda, um pouco mais longe de cada vez, como um homem que restaurava as forças gastas pela doença recente. É difícil, na verdade, dar uma ideia do estado de fraqueza a que ficara reduzido. A medicação que usei era absolutamente original e, com certeza, a seção nunca fora curada antes por esse processo. Não o recomendo a ninguém. Embora os acessos tenham desaparecido, o remédio contribuiu para enfraquecer-me. Tive, realmente, durante algum tempo, crises de nervos e convulsões nos membros.

Apreendi, também, que a coisa mais prejudicial a minha saúde era sair na estação chuvosa, especialmente durante as chuvas acompanhadas de vendavais e furacões. As chuvas da estação seca eram quase sempre acompanhadas dessas ventanias, e eu cheguei assim à conclusão de que eram mais perigosas que as de setembro e outubro.

Chegara ao décimo mês de minha estada naquela ilha deserta. Parecia-me completamente excluída a possibilidade de sair dali. Estava seguro de que jamais um ente humano pisara aquele solo. Tendo construído uma habitação perfeitamente satisfatória, no meu entender, senti grande desejo de explorar melhor a ilha e descobrir outros produtos da terra ainda desconhecidos para mim.

Foi no dia 15 de julho que comecei a explorar mais profundamente a ilha. Subi primeiro a angra por onde, conforme relatei, trouxera as jangadas para a costa. Depois de viajar cerca de duas milhas, observei que o fluxo da maré não ia além e que a angra dava lugar a um pequeno regato de água doce muito boa. Estávamos na estação seca e dificilmente se encontrava água doce em alguns pontos da ilha, ou, pelo menos, ela não existia em quantidade

bastante para formar correntes facilmente visíveis.

Nas margens desse regato descobri muitas savanas ou campinas aprazíveis, planas, cobertas de capim. Na parte em que começavam a elevar-se nas proximidades da zona montanhosa, descobri grande quantidade de fumo, viçoso, de caules longos e fortes. Havia muitas outras plantas que desconhecia e que, talvez, tivessem propriedades veladas para mim. Procurei raízes de mandioca, com que os índios de todas aquelas plagas fazem pão, mas não as encontrei. Vi grandes pés de aloés, mas não sabia, então, para que serviam. Vi muitas canas-de-açúcar, porém silvestres e improdutivas por falta de cultivo. Contentei-me com essas descobertas e voltei, meditando sobre o que devia fazer para desvendar as propriedades e virtudes das frutas ou plantas que viesse a descobrir. Não cheguei, porém, a conclusão alguma. Com efeito, observara tão pouco quando estivera no Brasil que não conhecia quase nada sobre as plantas daqueles climas, ou pelo menos, sabia muito pouco para que isso me pudesse ser útil em meus atuais apuros.

No dia seguinte, 16, voltei a fazer a mesma caminhada. Fui um pouco mais longe que na véspera e verifiquei que o regato e as campinas iam desaparecendo à proporção que a região se tornava mais selvática. Encontrei aí diversas frutas, especialmente grande quantidade de melões e uvas, alastrando-se sobre as árvores. As videiras trepavam, realmente, pelas árvores, e os cachos de uva estavam sazoados e suculentos. A descoberta foi para mim surpreendente e alegrou-me muito. Aprendera, porém, por experiência, a comê-las com parcimônia, pois, durante minha estada na Barbária, assistira à morte de vários ingleses escravizados que comeram cachos de uva, adoecendo de febre e disenteria. Achei, entretanto, um meio excelente de utilizá-las, curando-as ou secando-as ao sol até se transformarem em passas, que, como previa, seriam um substituto saudável e saboroso da fruta natural quando as videiras deixassem de dar.

Passei toda a noite ali, sem querer voltar para casa, o que, aliás, foi a primeira vez que aconteceu. Vali-me de meu primeiro recurso e subi a uma árvore, onde dormi bem. Na manhã seguinte continuei a explorar a descoberta que fizera e caminhei cerca de quatro milhas, conforme pude avaliar pela extensão do vale. Rumei ainda para o norte, onde avistava uma cadeia de montes contraposta a outra, ao sul. Ao fim dessa marcha cheguei a uma garganta, onde a região parecia descambar para oeste. Uma pequena fonte de água doce, que brotava do flanco de uma colina perto de mim, corria em direção contrária, isto é, para leste. A região era tão fresca, tão viçosa e

florescente, tudo ali era tão constantemente primaveril que mais parecia um jardim.

Desci um pouco pela encosta desse vale delicioso, contemplando tudo com certo prazer íntimo (ainda que misturado a pensamentos de tristeza), ao lembrar-me de que tudo aquilo era meu, que eu era rei e senhor incontestável dessa terra, com direitos inalienáveis de posse. Se conseguisse legitimá-la publicamente, poderia transmiti-la por herança tão bem como o feudo de um lorde inglês. Encontrei ali cacauzeiros, laranjeiras e cidreiras em abundância, tudo, porém, selvagem, poucos com frutos naquela época. Contudo, não eram más as limas que colhi; ao contrário, eram muito saudáveis. Misturando-lhes, mais tarde, o sumo com água, fiz agradáveis refrescos.

Verifiquei, pois, ter muita coisa que apanhar e levar para casa. Resolvi prover-me de uvas, bem como de limas e limões para a estação chuvosa, que estava próxima. Fiz um monte de cachos de uva num lugar e outro, menor, num segundo ponto. Amontoei grande quantidade de limas e limões num terceiro lugar. Tomei um pouco de cada fruta e regressei resolvido a voltar depois com um saco ou outra vasilha para levar o resto.

Tendo gastado, assim, três dias nessa excursão, voltei para casa (como devo chamar, agora, minha tenda e a caverna). Contudo, as uvas estragaram antes de minha chegada. Eram muito suculentas e ficaram esmagadas pelo próprio peso, de modo que para pouco ou nada serviram. As limas estavam boas, mas só pude trazer poucas.

No dia imediato, 19, voltei, depois de ter feito duas pequenas bolsas para transportar minha colheita. Tive, entretanto, a surpresa de encontrar os cachos de uva, tão suculentos e bonitos, espalhados aqui e ali, espezinhados e em boa parte comidos. Concluí que algum animal selvagem andara pelas redondezas, mas não tinha ideia do que poderia ser.

Adotei, então, outro processo, pois verificara não dever acumular a uva em montes pelo chão nem transportá-la em sacos, porque de um modo seria devorada, de outro, esmagada pelo próprio peso. Colhi boa quantidade de cachos e pendurei-os nos ramos exteriores das árvores, para que secassem ao sol. Quanto às limas e limões, carreguei tantos quanto pude suportar.

Ao chegar a casa, pensava com grande prazer na fecundidade daquele vale, em como era ameno e abrigado das tempestades vindas daquela parte do litoral. Concluí que escolhera para morar o pior lugar da ilha. Comecei, então, a pensar na possibilidade de transferir a habitação e em encontrar, se possível, um sítio tão seguro no vale fecundo e aprazível como aquele onde me fixara.

Essa ideia, alimentei-a por muito tempo, tentado pela amenidade do lugar. Quando, porém, considerei melhor a questão e refleti que vivia à beira do oceano e que alguma coisa podia acontecer em meu favor; que, por exemplo, o mesmo destino trágico que me arremessara ali poderia lançar também alguns pobres náufragos a mais; que, embora fosse isso pouco provável, só faria antecipar minha escravidão e a tornaria definitiva se fosse morar no centro da ilha, cercado de matas e colinas; quando, enfim, refleti sobre isso tudo, decidi não me mudar em hipótese nenhuma.

Estava, entretanto, tão encantado com aquele lugar que passei ali boa parte do restante do mês de julho. Se bem resolvera, como acabei de dizer, não me mudar mais, construí uma espécie de choupana, cercanda à distância por forte paliçada de sebe dupla, a mais alta que pude fazer, bem estacada e cheia de ramos quebrados no espaço intermediário. Ali ficava em segurança, às vezes, duas ou três noites seguidas, entrando e saindo por meio de uma escada, como na outra habitação. Imaginava, assim, ter agora uma casa de campo e uma casa litorânea. Esse trabalho tomou-me o começo de agosto.

Mal, porém, terminara a estacada e começara a gozar dos frutos de meu esforço, as chuvas vieram e obrigaram-me a permanecer em minha moradia costeira. De fato, embora tivesse construído uma tenda como a outra, servindo-me de um pedaço de vela, estendendo-o bem, não tinha, contudo, a proteção de uma colina contra as tempestades nem uma caverna atrás de mim onde pudesse me abrigar das chuvas torrenciais.

Como acabei de dizer, terminara a construção da choupana no início de agosto e começara a desfrutá-la. No dia 3 deste verifiquei que os cachos de uva que suspendera estavam perfeitamente secos e constituíam, sem dúvida, excelentes passas. Comecei, então, a apanhá-los, e fiz muito bem, porque as chuvas, que caíram logo depois, os teriam estragado e assim eu perderia o melhor de meu sustento no inverno. Com efeito, possuía mais de duzentos cachos grandes. Mal os apanhara e levava a maior parte para a caverna, principiaram as chuvas. Dessa data, 14 de agosto, em diante, choveu diariamente, ora mais, ora menos, até meados de outubro. As chuvas eram, por vezes, tão fortes que tinha de ficar na caverna dias seguidos.

Fui surpreendido, no decorrer dessa estação, com o crescimento de minha família. Estivera preocupado com o desaparecimento de uma de minhas gatas, que fugira ou talvez morrera. Não tive mais sinais da gata até fins de agosto, quando, com grande espanto meu, apareceu em casa seguida

de três gatinhos. Isso me pareceu tanto mais estranho quanto, embora tivesse caçado um gato bravo, como o chamei, pertencia ele a uma espécie muito diferente da dos gatos europeus. Não obstante, os gatinhos eram da mesma espécie doméstica e, uma vez que só possuía duas gatas, achei tudo muito esquisito. Seja como for, proliferaram tanto que vieram a constituir, mais tarde, um tormento para mim, forçando-me a matá-los como pulgas incômodas ou animais selvagens e a afastá-los de casa o mais que podia.

DE 14 A 26 do mesmo mês, choveu incessantemente e não saí. Tinha, agora, muito cuidado para não me molhar muito. As provisões começaram a escassear por causa disso. Entretanto, aventurei-me a sair umas duas vezes e matei, numa delas, uma cabra. No último dia de chuva, isto é, 26 de agosto, encontrei uma grande tartaruga, que constituiu verdadeiro petisco para mim. Minhas refeições passaram, então, a ser as seguintes: almoçava um cacho de passas, um pedaço de carne grelhada de cabra ou de tartaruga (não tinha, infelizmente, onde cozinhar qualquer coisa) e ceava dois ou três ovos de tartaruga.

Enquanto estive impedido de sair pela chuva, trabalhei duas ou três horas diariamente no alargamento da caverna. Cavei, pouco a pouco, um dos lados, até abrir caminho para fora, fazendo uma espécie de porta ou saída além da paliçada. Podia, assim, entrar ou sair por ali. Não fiquei, porém, muito sossegado com isso. Estava, antes, num recinto completamente fechado, ao passo que agora me sentia exposto. Todavia, nunca vira um animal temível naquela ilha, pois a cabra fora, até então, o maior de todos.

30 DE SETEMBRO — Veio, assim, o triste aniversário de minha chegada à ilha. Somei os cortes feitos no poste e concluí que ali aportara havia 365 dias. Escolhi a data para um solene jejum, entregando-me, ao mesmo tempo, a práticas religiosas, prostrando-me com a mais profunda humildade, confessando meus pecados a Deus, reconhecendo a justiça de minha expiação e implorando-lhe misericórdia através de Jesus Cristo. Não ingeri nada durante doze horas até o pôr do sol. Comi, depois disso, uma bolacha, um cacho de passas e fui para a cama, terminando o dia como começara.

Não guardara os domingos até então. Efetivamente, além de não ter nenhum sentimento religioso, esquecera-me, depois de algum tempo, de fazer um corte maior aos domingos, de modo que não sabia exatamente quando caíam. Tendo, porém, somado os dias, verifiquei estar ali havia um ano. Daí em diante, dividi o tempo em semanas, guardando todos os sétimos dias como se fossem domingos, muito embora tivesse perdido um dia em meu

registro.

Pouco depois disso a tinta começou a escassear e resolvi usá-la com mais parcimônia, registrando apenas os acontecimentos mais notáveis de minha vida, sem me ater a um relato diário de tudo.

Aprendi a reconhecer bem a estação chuvosa e a estação seca e dividi-las de modo a preparar-me adequadamente para elas. Tive, entretanto, de pagar caro a experiência adquirida. E o que passo a relatar constituiu um dos fatos mais desanimadores que me sucederam. Já contei que colhera as poucas espigas de cevada e arroz que brotaram de maneira surpreendente e aparentemente espontânea. Disse, ainda, que acreditava haver uns trinta pés de arroz e vinte de cevada. Pensei, então, com o fim das chuvas, ter chegado a época própria para a sementeira, estando o sol ao sul do local em que morava.

Para isso, comecei a preparar um trecho de terra da melhor maneira que pude, usando a enxada de madeira. Dividi-o em duas partes e semeei os grãos. Enquanto semeava, ocorreu-me que não deveria usar tudo de uma vez, porque ainda desconhecia a época propícia. Semeei, assim, cerca de dois terços dos grãos ficando de resto, um punhado de cada espécie. Foi para mim mais tarde grande consolo ter procedido assim, pois nem um só dos grãos brotou. Na verdade, seguiram-se meses de estiagem e faltou à terra umidade suficiente para permitir o crescimento. Os grãos não medraram absolutamente até a próxima estação chuvosa, quando brotaram todos como se tivessem sido semeados havia pouco.

Ao ver que a primeira sementeira não medrava, o que logo atribuí à seca, procurei um trecho de terra úmida para fazer outra tentativa. Preparei um pedaço de terreno nas proximidades de minha nova choupana e aí semeei o resto dos grãos em fevereiro, pouco antes do equinócio. Dessa maneira, seguindo-se logo os meses chuvosos de março e abril, os grãos brotaram muito bem e garantiram boa colheita. Contudo, a sementeira fora pequena e a quantidade colhida não foi superior a meia quarta de cevada e outro tanto de arroz.

A experiência serviu, porém, para me fazer senhor do problema. Conhecia exatamente as épocas apropriadas à sementeira e sabia que, em cada ano, podia contar com duas sementeiras e duas colheitas.

Enquanto os grãos medravam, fiz uma descoberta que me foi útil mais tarde. Logo que cessaram as chuvas e o tempo começou a firmar-se, lá para o mês de novembro, fiz uma excursão à choupana do interior, onde as coisas

estavam justamente como as deixara, embora tivessem decorrido alguns meses. A cerca dupla que construía estava completa e firme e, mais do que isso, as estacas, cortadas de algumas árvores dos arredores, tinham dado brotos e galhos compridos, à maneira de um salgueiro, que geralmente rebenta um ano depois da poda. Não saberia dizer de que árvore provinham as estacas. Fiquei surpreso, aliás muito contente, ao ver aqueles brotos e galhos novos. Podei-os e procurei fazer com que crescessem da mesma maneira. Quase não se pode acreditar em como ficaram bonitos ao fim de três anos. Embora a sebe formasse um círculo de cerca de vinte e cinco jardas de diâmetro, as árvores, como devo chamá-las agora, em breve o cobriram completamente, dando uma sombra compacta, sob a qual poderia encontrar abrigo durante toda a estação seca.

Resolvi, então, cortar outras estacas e fazer uma sebe semelhante, disposta em semicírculo ao longo da paliçada, quer dizer, de minha primeira habitação. E assim fiz. Finquei os mourões em fileira dupla, a cerca de oito jardas da estacada primitiva, e eles realmente brotaram. Forneceram, acima de tudo, ótima cobertura para a morada e serviram também, mais tarde, para defender-me, como veremos oportunamente.

Cheguei, por essa época, à conclusão de que as estações do ano podiam ser divididas, de modo geral, não em verão e inverno, como na Europa, mas em estação chuvosa e estação seca, que assim se distribuíam, aproximadamente:

A segunda metade de fevereiro, março e a primeira metade de abril: tempo chuvoso, com o sol no equinócio ou perto dele.

A segunda metade de abril, maio, junho, julho e a primeira metade de agosto: tempo seco, com o sol ao norte da linha equatorial.

A segunda metade de agosto, setembro e a primeira metade de outubro: tempo chuvoso, com o sol de volta.

A segunda metade de outubro, novembro, dezembro, janeiro e a primeira metade de fevereiro: tempo seco, com o sol ao sul do equador.

A estação chuvosa era ora mais longa, ora mais curta, conforme o regime dos ventos. Isso foi, porém, uma observação muito geral que fiz. Depois que verifiquei, por experiência própria, as más consequências de sair com chuva, tomei o cuidado de prover-me de víveres antecipadamente, de modo a não ser obrigado a me expor ao tempo. Sempre que possível, ficava dentro de casa durante os meses de chuva.

Não me faltaram ocupações nesses períodos, aliás adequadas ao tempo.

Com efeito, tinha oportunidade de fazer muitas coisas que só poderia conseguir com muito trabalho e esforço perseverante. Experimentei, por exemplo, muitos processos para fazer um cesto. Entretanto, todas as varetas que arranjava eram tão quebradiças que não serviam para nada. Foi para mim, então, uma vantagem o prazer que tinha, quando criança, de admirar o trabalho dos cesteiros na manufatura de objetos de vime. Era muito prestativo, como em geral o são as crianças, e observara atentamente a maneira de fazer essas coisas. Algumas vezes os auxiliava e, assim, adquiri um domínio tão completo do ofício que só precisava de material. Logo que me ocorreu que as varetas obtidas da mesma árvore fornecedora das estacas podiam ser tão resistentes quanto as do salgueiro e vimeiro da Inglaterra, resolvi experimentá-las.

Com esse intuito, fui no dia seguinte a minha casa de campo, como a chamava, cortei algumas varinhas e verifiquei serem excelentes para o fim desejado. Voltei depois com uma machadinha e arranjei facilmente uma porção delas, pois existiam em grande quantidade. Coloquei-as para secar no recinto do cercado. Logo que ficaram prontas, levei-as para a caverna. Aí, na estação chuvosa seguinte, fabriquei (tão bem quanto pude) grande número de cestos, não só para carregar terra como para transportar ou guardar qualquer coisa, conforme as necessidades. Embora o acabamento não fosse muito bom, serviram perfeitamente para o que eu queria. De então em diante, tratei de nunca mais ficar desprevenido. Logo que iam estragar, fazia mais. Fiz, particularmente, em vez de sacos, cestos fundos e sólidos para guardar cereais, logo que começasse a colhê-los.

Resolvido esse problema, que me tomou uma infinidade de tempo, procurei meios de satisfazer, na medida do possível, duas outras necessidades. Não tinha vasos de qualquer espécie para guardar líquidos, exceto duas pequenas pipas, que estavam quase cheias de rum, algumas garrafas de vidro, umas comuns, outras de forma quadrangular, que faziam parte de uma frásqueira e serviam para guardar aguardente e outras bebidas. Não tinha nada em que cozinhar, exceto uma chaleira grande demais para o que eu queria, isto é, fazer um caldo ou um ensopado de carne. A segunda coisa de que precisava era um cachimbo, mas nunca conseguira fazer um. Também achei, por fim, um jeito de fabricá-lo. Conforme assinalei antes, tinha grande vontade de conhecer toda a ilha e subira o regato até o ponto em que erguera a choupana, local onde havia uma garganta que dava passagem para o mar, do outro lado da ilha. Resolvi, então, explorar o litoral desse lado.

Apanhei uma espingarda e uma machadinha, provi-me de uma quantidade maior de pólvora e de chumbo de caça, meti no saco duas bolachas e um grande cacho de passas e, acompanhado de meu cachorro, iniciei a jornada. Depois de atravessar o vale onde a choupana ficava, como disse antes, cheguei à vista do mar, do lado oeste. O dia estava muito claro e pude avistar terra ao longe, sem saber se se tratava de uma ilha ou continente. A terra era montanhosa e estendia-se de oeste para oés-sudoeste a enorme distância. Segundo meus cálculos, não estava a menos de quinze ou vinte léguas.

Não sabia em que parte do mundo ficava, a não ser que devia pertencer à América. Conforme as observações que fizera, devia estar próxima dos domínios espanhóis e ser habitada talvez por selvagens. Assim, se tivesse aportado por lá, estaria em situação muito pior. Conformei-me, portanto, com os desígnios da Providência, cujos planos já então reconhecia e acreditava serem sempre os melhores. Fiquei, por isso, sossegado e deixei de atormentar-me com inúteis desejos de estar lá. Ademais, considerei, pouco depois, que, se aquela terra fosse domínio espanhol, haveria certamente de avistar, mais cedo ou mais tarde, um navio indo para lá ou regressando de lá. Caso contrário, se trataria da costa intermediária aos domínios espanhóis e ao Brasil, habitada pelos mais temíveis selvagens, pois são canibais, devoradores de homens, e nunca deixam de matar e comer todos os seres humanos que lhes caem nas mãos.

Tendo assim refletido, pus-me a caminhar sossegadamente. Achei essa banda da ilha muito mais aprazível que a minha. As campinas ou savanas eram amenas, cobertas de relva, de flores e de lindos bosques. Vi muitos papagaios e desejaria ter apanhado um para domesticá-lo e ensinar-lhe a falar. Com algum trabalho, consegui capturar um papagaiozinho, derrubando-o com uma vara. Levei-o para casa, mas só depois de alguns anos consegui fazê-lo falar. Ensinei-lhe chamar-me pelo nome com toda a familiaridade. Sucedeu, depois disso, um fato que, embora sem importância, foi muito engraçado e será contado a seu tempo.

Diverti-me imensamente com a excursão. Descobri, nas baixadas, lebres — segundo me pareceu — e raposas, mas eram muito diferentes das espécies que conhecia e não me arrisquei a comê-las, embora matasse várias. Não tinha, com efeito, necessidade de aventurar-me, pois não me faltava alimento, aliás de muito boa qualidade, sobretudo as três espécies de carne: de cabra, de pombo e de tartaruga. Considerando-se, além disso, as uvas, acho que Leadenhall Market não ofereceria melhor comida do que a minha se

atentarmos ao número de convivas. Portanto, se é certo que meu destino era bastante lamentável, nem por isso me faltavam motivos de gratidão por não estar reduzido à fome e ter comida à vontade, até mesmo petiscos.

Nessas excursões, nunca caminhava mais de duas milhas num dia, ou perto disso. Dei, entretanto, tantas voltas e reviravoltas, procurando fazer novas descobertas, que cheguei muito cansado ao lugar onde resolvi passar a noite, ou trepado numa árvore, ou cercado com estacas tiradas de uma árvore ou de outra, a fim de que nenhum animal pudesse se aproximar sem me acordar.

Logo que atingi o litoral, fiquei surpreso de verificar que escolhera o pior lado da ilha para viver. Ali se viam, de fato, inúmeras tartarugas pelas praias, ao passo que, do outro lado, só encontrara três no espaço de um ano e meio. Ali existia também quantidade inumerável de aves de todas as espécies, algumas ainda desconhecidas para mim, muitas de carne excelente. Não lhes conhecia os nomes, salvo das que se chamam pinguins.

Poderia ter caçado tantas quantas quisesse, mas a pólvora e o chumbo estavam escassos. Resolvi, assim, matar, se possível, uma cabra, pois me alimentaria melhor. Se bem que as cabras fossem ali muito mais numerosas que do outro lado da ilha, era muito mais difícil aproximar-me delas, porque, sendo a região muito plana, percebiam minha presença muito mais depressa do que quando eu andava pelos montes.

Confesso que essa parte da ilha era muito mais aprazível do que a minha, mas, ainda assim, não tinha o menor desejo de mudar-me. Já me acostumara à minha habitação e, durante excursões como essa, sentia-me sempre longe de casa. Entretanto, suponho que caminhei pela costa cerca de doze milhas em direção a leste. Depois de fincar um pau na praia, à guisa de marco, resolvi voltar. Na próxima excursão, tomaria o rumo oposto, caminhando para leste de minha casa, de modo a dar uma volta até atingir o lugar desse marco.

Segui outro caminho na volta, pensando que poderia ter facilmente toda a ilha ao alcance da vista. Enganei-me, porém. Depois de caminhar perto de duas ou três milhas, desci a um vale muito amplo, mas cercado de montes cobertos de florestas, de modo que não podia encontrar o caminho senão pela direção do sol e, assim mesmo, no caso de conhecer-lhe a posição exata àquela hora do dia. Para agravar a situação, o tempo manteve-se nublado durante os três ou quatro dias em que estive no vale. Sem o sol para me guiar, vaguei penosamente e, por fim, vi-me obrigado a abrir caminho para o litoral,

achar o marco e voltar pela mesma rota. Voltei, assim, para casa, em pequenas jornadas, pois o calor era excessivo e a espingarda, a munição, a machadinha e as outras coisas pesavam-me muito.

Durante a excursão, meu cachorro surpreendeu e atacou um cabritinho. Corri e apanhei-o, livrando-o dos dentes do cachorro. Tinha muita vontade de levá-lo, se pudesse, para casa. De fato, meditava muitas vezes na possibilidade de apanhar um ou dois cabritos e conseguir, assim, uma criação de cabras domésticas, para quando a pólvora e o chumbo acabassem. Arranjei uma coleira para o animalzinho. Com um cordão feito de fio de carretel, que jamais deixava de levar comigo, puxei-o, com alguma dificuldade, até a minha choupana no interior da ilha. Guardei-o aí e fui-me embora, pois estava com muita pressa de chegar em casa, de onde estivera ausente cerca de um mês.

Não posso dar uma ideia da satisfação que senti ao chegar a meu velho casebre e ao deitar-me na maca. Aquela excursão ao léu, sem um pouso certo para dormir, cansou-me tanto que, em comparação, meu casebre me pareceu uma delícia. Tudo tornou-se tão confortável para mim que resolvi nunca mais afastar-me muito, enquanto tivesse de viver na ilha.

Descansei durante uma semana, refazendo-me da longa jornada. Durante esse período, dediquei a maior parte do tempo a fazer uma gaiola para meu louro, que começava a mostrar-se mais dócil e a me conhecer melhor. Pensei, então, no pobre cabritinho, que deixara no cercado, e resolvi trazê-lo para casa e dar-lhe um pouco de alimento. Fui até lá e encontrei-o como o deixara, com a diferença de que estava quase morto de fome. Cortei algumas folhagens de árvores e de arbustos e atirei para ele. Depois que comeu, amarrei-o como antes para levá-lo para casa. A fome tornara-o tão manso que não precisava de tê-lo amarrado. Seguia-me como um cachorrinho. Com o hábito de alimentá-lo, ficou tão afetuoso, tão dócil e amigo que passou a ser um de meus companheiros, nunca se afastando de mim.

As chuvas do equinócio do outono chegaram e eu guardei o dia 30 de setembro da mesma maneira solene. Fazia dois anos que aportara à ilha e as possibilidades de sair dali eram as mesmas do primeiro dia. Passei a data agradecendo humildemente as muitas maravilhas e mercês que recebera em minha vida solitária, sem as quais teria sido muitíssimo mais desgraçado. Dei sinceras graças a Deus, por ter me revelado que eu podia ser mais feliz vivendo isolado do mundo do que no convívio social, com todos os seus prazeres. Agradei-lhe o ter compensado tão completamente as misérias de

minha solidão, bem como a falta de convívio social pela sua presença e graça, suportando-me, confortando-me e encorajando-me a confiar na Providência Divina neste mundo e a aspirar a bem-aventurança eterna no outro.

Antes, quando andava pelos arredores a caçar ou explorar a terra, sentia muitas vezes a angústia apertar-me subitamente o coração, que parecia parar, ao lembrar-me das florestas, das montanhas e desertos em que estava perdido; ao lembrar-me de que era um prisioneiro, encarcerado entre as muralhas eternas do oceano, num deserto, sem esperança de libertação. No meio da maior tranquilidade, essa angústia caía de repente sobre mim como uma borrasca, fazendo-me estorcer as mãos e chorar que nem uma criança. Tomava-me, às vezes, durante o trabalho, e eu sentava-me imediatamente a suspirar, ficando de olhos fitos no chão por uma ou duas horas. E isso era ainda pior para mim. Somente quando rebentava em lágrimas e desafogava-me em voz alta, a angústia e a dor acabavam por esgotar-se e desaparecer.

Comecei, entretanto, a exercitar-me em outros pensamentos. Lia diariamente as palavras de Deus, delas extraindo todo o consolo que podia. Certa manhã, estando muito triste, abri a Bíblia e dei com esta frase: “Jamais, jamais vos deixarei, jamais vos abandonarei!” Ocorreu-me logo que essas palavras me eram dirigidas, porque como se compreenderia, de outro modo, que as encontrasse no justo momento em que lamentava minha situação de abandonado de Deus e dos homens? Muito bem, disse eu, se Deus não me abandona, que mal pode me acontecer ou que importa que o mundo todo me desampare? Por outro lado, mesmo que possuísse o mundo inteiro, nada poderia compensar a perda dos favores e bênçãos de Deus. Nunca abrira ou fechara a Bíblia, mas bendizia a Deus intimamente por ter feito com que meu amigo, na Inglaterra, sem ter recebido ordem nenhuma de minha parte, a enviasse em meio às mercadorias e por ter me ajudado a salvá-la do naufrágio.

Iniciei o terceiro ano nessa disposição de espírito. Embora não queira incomodar o leitor com um relato dos trabalhos desse ano, tão minucioso quanto o do primeiro, devo observar, entretanto, que, de modo geral, raramente estive desocupado. Dividi regularmente meu tempo, de acordo com as várias tarefas a cumprir. Em primeiro lugar, a leitura dos Evangelhos, a que sempre dedicava alguma atenção três vezes por dia; em segundo lugar, a caça, para a obtenção de alimento, o que em geral me tomava três horas toda manhã, quando não chovia; em terceiro, a distribuição, o tratamento, a conservação e o cozimento do que matava ou apanhava para me abastecer.

Tudo isso levava grande parte do dia. Também se deve ter em conta que, no meio do dia, o calor era intenso demais para eu sair. Só dispunha, assim, de quatro horas, à tardinha, em que podia pensar em trabalho. Devo ainda ressaltar que, por vezes, mudava as horas destinadas à caça e ao trabalho, trabalhando pela manhã e caçando à tarde.

Ao pouco tempo útil para o trabalho, acrescentem-se sua enorme dificuldade e as muitas horas dissipadas por falta de ferramentas, de auxílio e de traquejo. Gastei, por exemplo, 42 dias completos fazendo uma tábua para uma prateleira comprida, que desejava ter na caverna, quando dois serradores, dispondo de ferramentas adequadas e de um poço, teriam feito, da mesma árvore, seis delas em meio dia.

O problema era este: a árvore a ser cortada devia ser grande, porque a tábua tinha de ser larga. Levei três dias para cortar a árvore e mais dois para desbastá-la e reduzi-la a um toro ou pedaço de madeira. À custa de machadadas sem conta, fui lascando ambos os lados até que o toro ficasse leve o bastante para ser deslocado. Virei-o, então, e alisei e aplainei um dos lados de ponta a ponta, como uma tábua. Depois virei esse lado para baixo e cortei o outro até fazer uma prancha de cerca de três polegadas de espessura, lisa de ambas as faces. Pode avaliar-se o trabalho que me deu uma tarefa dessa ordem. Contudo, o esforço e a tenacidade permitiram-me vencer esse e muitos outros obstáculos.

Cheguei aos meses de novembro e dezembro e esperava a colheita de cevada e arroz. O terreno que cultivara não era grande. Realmente, não dispunha, como já observei, de mais de meia quarta de sementes, pois perdera toda uma sementeira na estação seca. Agora, porém, a colheita prometia ser muito boa. De repente, dei-me conta de que corria o risco de perdê-la de novo por causa de inimigos de várias espécies, dificilmente evitáveis. Era o caso, acima de tudo, das cabras e dos animais selvagens que eu chamava de lebres. Logo que saborearam os brotos, não mais se arredaram, fosse dia ou noite, comendo-os tão completamente, assim que surgiam à flor da terra, que as hastes nem chegavam a formar-se. O único remédio que encontrei para isso foi construir um cercado. Deu-me muito trabalho, sobretudo porque tinha de fazê-lo depressa, pois o estrago causado pelos animais aumentava a cada dia. Contudo, como o terreno arável e próprio para a sementeira era pequeno, consegui cercá-lo totalmente em perto de três semanas. De dia matava alguns dos intrusos e, à noite, punha meu cachorro de guarda, amarrando-o a uma estaca de entrada, onde latia durante toda a noite. Em pouco tempo os

intrusos se afastaram e os cereais puderam crescer com vigor, amadurecendo depressa. Mas, assim como os animais selvagens foram um perigo para os cereais em broto, os pássaros vieram depois a ameaçar as espigas. Com efeito, examinando um dia a plantação, observei que aves de inúmeras espécies a cercavam, como se esperassem que eu fosse embora. Atirei-me a elas imediatamente (pois sempre levava a espingarda comigo). Mal dei ao gatilho, uma nuvem de pássaros, que me passara despercebida, subiu da própria plantação. Fiquei muito apreensivo, porque via tudo devorado em poucos dias. Teria de curtir fome e nunca mais poderia plantar coisa alguma. Não sabia que medidas tomar. Resolvi, entretanto, fazer o possível para não perder a colheita, ainda que tivesse de vigiar noite e dia. Antes de mais nada, fui ver os estragos. Embora consideráveis, o grão ainda estava muito verde para eles, de modo que os prejuízos não foram totais e o que restava, se pudesse ser salvo, ainda garantiria boa colheita.

Carreguei a espingarda e, andando por ali, vi muito bem os ladrões pousados em todas as árvores dos arredores, aguardando, aparentemente, que eu me afastasse. E assim aconteceu, realmente. Afastei-me um pouco como se quisesse ir embora e, mal me perderam de vista, caíram de novo sobre a plantação, um por um. Fiquei tão enraivecido que não tive paciência de esperar que todos descessem. Sabia que cada grão devorado era, por assim dizer, um grão perdido para mim. Aproximei-me do cercado e fiz fogo mais uma vez, matando três deles. Era o que queria. Apanhei-os e fiz com eles o que se faz com os ladrões contumazes na Inglaterra, isto é, pendurei-os pelo pescoço, para escarmento dos outros. Foi quase inacreditável o efeito disso, pois os pássaros não só não voltaram, como fugiram de toda aquela parte da ilha. Nunca mais vi um pássaro pelas redondezas, enquanto ali estiveram os espantalhos. Fiquei muito satisfeito, como bem podem imaginar. Lá para os fins de dezembro, época da segunda messe anual, colhi o grão.

Tinha grande necessidade de uma foice para esse fim. O único jeito era fazer uma da melhor maneira possível, servindo-me de um dos espadões, salvos, entre outras armas, do navio. Entretanto, a messe era pequena e a ceifa não foi difícil. Colhi-a, em suma, a meu modo, pois não cortava senão as espigas, colocando-as num grande cesto feito por mim. No fim de tudo, tinha conseguido, com meia quarta de sementes, cerca de dois alqueires e meio de cevada. Isso foi o que me pareceu, pois não dispunha de medidas por essa época.

Fiquei bastante animado e pensei que, em breve, Deus haveria por bem

prover-me de pão. Mas me senti confuso de novo, porque não sabia de que maneira moer o grão e fazer a farinha, ou mesmo debulhá-lo. Não sabia, tampouco, como preparar a massa de pão com a farinha. E, ainda que o soubesse, não tinha ideia alguma do modo de cozê-la. Tudo isso, somado ao desejo de contar com uma boa provisão de pão diário, levou-me a guardar todo o grão colhido para a próxima sementeira. Entrementes, empregaria todo o meu tempo e engenho na grande tarefa de conseguir pão.

Podia dizer que lutava verdadeiramente por meu pão. É algo de espantar — e acredito que poucas pessoas têm pensado no assunto — o número enorme de pequenos cuidados necessários para fazer apenas essa coisa que se chama pão. Em primeiro lugar, não tinha arado para revolver a terra, nem pá ou enxada para cavá-la. Pois bem, venci a dificuldade fazendo uma enxada de madeira. Além de me custar muitos dias de esforço, não só se desgastava mais depressa, como me tornava mais árduo e muito menos rendoso o trabalho. Entretanto, suportei tudo, trabalhando pacientemente e superando, assim, o mau rendimento. Durante a sementeira, como não tinha uma grade para destorroar, eu mesmo arrastava um ramo pesado de árvore, antes riscando a terra do que revolvendo. No período de crescimento ou já depois do grão maduro, muitas necessidades, como já disse, foram aparecendo. Precisei cercar a plantação, defendê-la, fazer a colheita, transportá-la para casa, debulhá-la, cortar os restolhos, guardá-la. Precisei, depois, de uma mó para moer o grão, de peneiras para joeirá-lo, de fermento e sal para fazer pão, de um forno para cozê-la. Não obstante, consegui tudo, como se verá. O pão era, para mim, uma riqueza e um consolo inestimáveis. Exigia uma faina tediosa, mas não havia outro remédio. Não dissipava, entretanto, todo o meu tempo, porque o dividira, dedicando, diariamente, parte dele a essas experiências. Tendo decidido não fazer pão enquanto não acumulasse maior quantidade de cereais, podia empregar os seis meses seguintes no esforço de inventar os utensílios necessários à sua fabricação.

Inicialmente, precisava preparar o terreno, pois já contava, então, com bastante para semear uma área superior a um acre. Antes disso, porém, tive uma semana de trabalho para fazer uma enxada, que, não obstante, ficou muito ruim e pesada, exigindo de mim um duplo esforço. Mas venci as dificuldades e fiz a sementeira em dois grandes trechos de terreno plano, os mais próximos de casa que pude encontrar, e cerquei-os com uma sebe bastante sólida, feita de estacas que, estava certo, dariam brotos. Assim, no fim de um ano, poderia contar com uma cerca viva, que exigiria poucos

reparos. Essa tarefa custou-me tanto quanto três meses, porque grande parte desse período decorreu na estação chuvosa e eu não podia sair.

Quando chovia e eu ficava preso em casa, enchia o tempo da maneira que vou referir. Devo, porém, observar que, enquanto trabalhava, me distraía falando ao papagaio e ensinando-lhe a falar. Aprendeu rapidamente a reconhecer o próprio nome ou, pelo menos, a dizê-lo bem alto:

— Louro!

Foi a primeira vez que ouvi, na ilha, uma voz que não fosse a minha. Não era essa, porém, minha tarefa, senão um meio de distrair-me no trabalho. Como disse, encontrara, então, ótimo emprego para as mãos. Tinha experimentado, de diversas maneiras, fazer utensílios de argila, de que necessitava muito. Nunca o conseguira. Não duvidava, porém, dado o clima quente, que, se achasse uma argila própria, poderia atamancar um vaso qualquer, tornando-o, ao sol, duro e forte o bastante para guardar mantimentos secos e, assim, conservá-los. Isso era necessário no preparo dos cereais, da carne etc., em que justamente estava interessado. Resolvi, assim, fazer alguns potes, os maiores que pudesse, apenas para guardar mantimentos.

O leitor se apiedaria ou, talvez, ria de mim se lhe contasse minha falta de jeito nas inúmeras tentativas de preparar com a massa de argila as coisas esquisitas, disformes e horríveis que fiz. Muitas se desmancharam, porque a argila não tinha bastante consistência para suportar o próprio peso. Outras estalaram ao calor intenso do sol, porque foram expostas cedo demais. Muitas ficaram em pedaços quando transportadas, tanto antes como depois de secarem. Numa palavra, depois de achar a argila, escavá-la, prepará-la, trazê-la para casa e moldá-la, consegui apenas dois vasos grandes e disformes, que nem mereciam o nome de potes, em quase dois meses de trabalho. O sol cozeu e endureceu muito esses dois potes, e eu, apanhando-os com todo o cuidado, meti-os em dois cestos, feitos especialmente para esse fim. Assim não se quebrariam. Como entre os potes e os cestos havia algum espaço, enchi-os com palha de arroz e de cevada. Conservando-se secos, achei que preservariam da umidade os cereais e, talvez, a farinha, quando a moesse.

Apesar dos muitos tropeços encontrados na fabricação de potes grandes, consegui fazer utensílios menores com muito mais sucesso, como, por exemplo, pequenos potes redondos, travessas rasas, escudelas e outras coisas, que endureciam de maneira extraordinária ao calor do sol. Mas ainda não alcançara meu objetivo, que era conseguir um vaso de argila capaz de conter

líquidos e resistir ao fogo. Passado algum tempo, tendo feito uma fogueira para preparar a carne, encontrei, ao apagá-la, depois de tudo pronto, um pedaço de um vaso de argila. Cozera tanto ao fogo que estava duro como pedra e vermelho como uma telha. Tive uma surpresa agradável e disse a mim mesmo que, sem dúvida, era possível cozer o utensílio inteiro da mesma maneira que um fragmento.

Comecei, então, a estudar um meio de obter um fogo capaz de cozer potes de barro. Não conhecia os fornos usados pelos oleiros, nem o processo de vidrar os utensílios por meio de chumbo, embora tivesse algum. Empilhei, entretanto, três largas escudelas e dois ou três potes sobre um monte de cinzas e distribuí a lenha para a fogueira em volta. Alimentei o fogo, acumulando mais lenha por fora e por cima, até que, no centro, os potes chegaram ao vermelho-rubro. Vi que não estalavam. Deixei-os, em seguida, cerca de cinco ou seis horas sob a ação do fogo, até que um, embora não estalasse, começou a derreter. De fato, a areia misturada à argila, derretida pela tremenda temperatura, se transformaria em vidro, se eu prosseguisse. Fui diminuindo gradualmente o fogo, até que a cor rubra dos potes começou a empalidecer. Vigiei a noite inteira, para que o fogo não diminuísse muito rapidamente. Tinha, pela manhã, três escudelas, não direi bonitas, porém boas, além de dois outros potes, tão cozidos quanto podia desejar, um deles completamente vidrado devido ao derretimento da areia.

Não preciso dizer que, depois dessa experiência, não houve utensílio de barro que não fizesse. Entretanto, deixaram muito a desejar quanto ao acabamento, o que é natural, pois não dispunha de meios apropriados. Era como uma criança que brinca com bolinhos de barro ou uma mulher que faz tortas sem nunca ter aprendido a fazer massas...

Nunca um fato tão banal proporcionou alegria tamanha como a que tive ao ver que fizera potes de barro capazes de resistir ao fogo. Ardi de impaciência à espera de que esfriassem. Pus logo um pote com água no fogo para cozinhar carne. O resultado foi admirável. Com um pedaço de carne de cabrito consegui um bom caldo, embora precisasse de farinha de aveia e vários outros ingredientes para fazê-lo como desejava.

O problema seguinte foi arranjar um almofariz de pedra para esmagar o grão. Nem me passou pelo pensamento fazer um moinho com minhas mãos inábeis. Estava muito mal preparado para fazer um almofariz. Não podia haver no mundo ofício mais difícil para mim do que o de canteiro. Não tinha tampouco as ferramentas adequadas. Levei muitos dias tentando descobrir

uma pedra grande o bastante para ser escavada e transformada em gral. Não achei nenhuma, a não ser que a tirasse de um rochedo, mas não possuía meios para isso. Por outro lado, as rochas da ilha não eram suficientemente duras, porém, arenosas, desfazendo-se com facilidade, de modo que não suportariam um pilão pesado nem esmagariam o grão sem enchê-lo de areia. Por isso, acabei desistindo depois de perder muito tempo na procura da pedra e resolvi arranjar um pedaço grande de madeira dura. Não foi difícil achar um, o maior que pude transportar. Arredondei-o por fora com o machado e a machadinha. Em seguida, empregando o fogo e à custa de um trabalho insano, fiz nele um oco, como os índios brasileiros fazem canoas. Fiz depois um pilão grande e pesado da madeira conhecida por pau-ferro. Guardei tudo, esperando a próxima colheita, quando pretendia moer, ou melhor, esmagar o grão e panificá-lo.

O próximo obstáculo a vencer foi arranjar uma peneira, para separar a farinha das cascas e do farelo, sem o que não seria possível fazer pão. Até pensar nisso era difícil. Com efeito, não dispunha de nada que se aproximasse sequer do material necessário. Isto é, não tinha lona ou pano fino para peneirar a farinha. Fiquei completamente parado meses a fio. Não sabia mesmo o que fazer. O linho que salvara estava reduzido a farrapos. Tinha pelo de cabra, mas não sabia fiá-lo e tecê-lo. Mesmo que o soubesse, não possuía meios para isso. Achei, por fim, um jeito, lembrando-me de que, entre as roupas salvas do navio, havia umas gravatas de algodão ou cassa. Com elas fiz três peneiras pequenas, mas satisfatórias. Foi assim que peneirei durante alguns anos. Como me arranjei mais tarde contarei a seu tempo.

Tinha de pensar, depois, na questão do forno e na própria panificação, logo que tivesse grão suficiente. Com efeito, não dispunha de fermento. Mas não pensei muito nisso, uma vez que não havia remédio. Quanto ao forno, porém, não tinha por onde escapar e também acabei achando um jeito. Fiz alguns vasos de barro bem largos, mas rasos, isto é, com cerca de dois pés de diâmetro e não mais de nove polegadas de fundo. Cozi-os ao fogo, como os demais, e guardei-os. Quando desejava ter um forno, fazia uma grande fogueira sobre um chão de grandes tijolos mais ou menos quadrados, fabricados por mim mesmo. Logo que a lenha estava quase toda reduzida a brasas, espalhava-as pelo chão de tijolos, de modo a cobri-los completamente. Assim as deixava até que os tijolos ficassem extremamente quentes. Varria, então, todas as cinzas e punha o pão, ou pães, em seu lugar. Aplicava sobre eles os potes de barro e dispunha as cinzas em volta para

conservar e aumentar o calor. Desse modo, consegui cozer meus pães de cevada tão bem como no melhor forno do mundo e, com pouco tempo, me transformei num padeiro acima de qualquer expectativa, chegando a fazer bolos de arroz e pudins.

Não é de se admirar que isso tudo tenha me tomado a maior parte do terceiro ano de estada na ilha. Note-se que, nos intervalos desse trabalho, tinha de tratar da nova colheita e das ocupações caseiras. Era, com efeito, a época da colheita. Levei-a para casa da melhor maneira que pude e guardei-a, em espiga, nos cestos grandes, esperando melhor oportunidade para debulhá-la. Não tinha, realmente, nem terreiro nem meios apropriados à debulha.

Com o aumento de meu estoque de cereais, surgiu a necessidade de construir um celeiro maior. Precisava de um lugar para guardá-los. Com efeito, a produção aumentara de tal maneira que já contava com cerca de vinte alqueires de cevada e tanto ou mais de arroz. Resolvi, assim, usar do grão à vontade, pois o pão feito já acabara havia muito. Decidi também calcular a quantidade que me era necessária para um ano e semear apenas uma vez nesse prazo. Concluí, em resumo, que os quarenta alqueires de cevada e arroz eram muito mais do que eu poderia consumir em um ano. Tomei, por isso, a resolução de semear anualmente a mesma quantidade que semeara no último ano, esperando que isso bastasse para me prover de pão.

Como bem podem imaginar, enquanto me empenhava nessas tarefas, pensava com frequência na terra que divisara do outro lado da ilha. Desejava intimamente estar lá, imaginando que, tratando-se de um continente e de uma região desabitada, poderia arranjar um jeito de ir adiante e encontrar, por fim, um meio de fugir àquela situação. Não pensara, porém, nos perigos de uma tal empresa, na possibilidade de cair nas mãos dos selvagens, talvez mais ferozes que os leões e os tigres da África. Se lhes caísse nas garras, teria uma probabilidade em mil de escapar com vida e talvez fosse devorado. Ouvira falar, com efeito, que os habitantes do litoral do mar das Caraíbas eram canibais ou comedores de homens. E sabia, pela latitude em que me achava, não estar longe desse litoral. Entretanto, nenhuma dessas reflexões, que deviam ter me ocorrido então, como de fato me ocorreram mais tarde, me preocuparam naquele momento. Minha cabeça começou a encher-se com a ideia de atingir aquela costa.

Desejei ter ainda o pequeno Xuri e o grande barco de vela latina com que navegara mais de mil milhas ao longo do litoral africano. Mas não me adiantavam nada esses desejos. Pensei, então, em ir examinar o escaler do

navio, que, como disse, fora arremessado à praia pela tempestade, a grande distância, quando o mesmo nos acontecera. Estava mais ou menos no mesmo ponto em que encalhara. Batido pelas vagas e pelo vento, o fundo quase virado para cima, o escaler jazia de encontro à alta crista de uma eminência arenosa da costa, mas continuava a seco como antes. Tivesse eu auxílio para consertá-lo e lançá-lo ao mar, serviria ainda muito bem e poderia ter voltado aos Brasis com relativa facilidade. Mas era evidente que seria para mim tão difícil virá-lo e aprumá-lo quanto deslocar a ilha. Fui, não obstante, à floresta arranjar rolos e alavancas e levei-os para o escaler, disposto a tentar virá-lo. Dizia comigo que, se o conseguisse, os estragos poderiam ser facilmente reparados. Teria uma boa embarcação e poderia navegar sem dificuldade.

De fato, não poupei esforços e foi uma canseira inútil que penso ter me tomado três ou quatro semanas. Convencendo-me, por fim, da impossibilidade de içá-lo unicamente com minhas forças, pus-me a cavar a areia ao redor a fim de solapar-lhe o apoio e obrigá-lo a cair, colocando escoras para o ir sustentando na queda. Mas, uma vez isso feito, não pude içá-lo de novo e muito menos empurrá-lo para o mar. Fui, assim, obrigado a desistir. Entretanto, ainda que desaparecessem as esperanças de recuperar o escaler, a ânsia de alcançar o continente cresceu em mim à proporção que a empresa me foi parecendo impossível.

Isso levou-me a pensar se não seria possível fazer uma canoa ou piroga, como os nativos dessas regiões fazem, sem ferramentas e, por assim dizer, sem auxílio, utilizando o tronco de uma grande árvore. Não só achei isso possível, como fácil. Fiquei muito contente com a lembrança, sobretudo porque dispunha de maiores recursos que os negros ou os índios. Não me lembrava, porém, de que a mim me faltava, mais do que aos índios, auxílio para arrastar o barco até o mar. Esse obstáculo seria muito mais difícil de transpor que a falta de ferramentas. Contudo, meus pensamentos estavam de tal modo concentrados na travessia do oceano que nunca me ocorreu perguntar-me como haveria de pôr o barco a flutuar. Realmente, seria mais fácil levá-lo por 45 milhas de mar do que por 45 braças de terra.

Comecei a trabalhar na construção do barco da maneira mais aloucada que um homem em seu juízo poderia conceber. Decidi realizar o projeto mesmo sem estar seguro de que seria capaz de levá-lo a cabo. Não pensei tampouco na dificuldade de lançar o barco ao mar. Ao contrário, interrompi todas as minhas reflexões sobre o assunto com esta conclusão insensata: “Terminemos, primeiro, a construção e garanto que acharei um meio

qualquer de fazê-lo flutuar.”

Não podia haver método mais absurdo. Venceu, porém, minha imaginação exaltada, e pus mãos à obra. Derrubei um cedro. Perguntei-me muitas vezes se Salomão tivera um igual para construir o Templo de Jerusalém. Tinha cinco pés e dez polegadas de diâmetro na base, junto à raiz, e quatro pés e onze polegadas quando atingia 22 pés de comprimento, afinando-se ainda um pouco até ramificar-se. Deu-me um trabalho insano derrubar essa árvore. Levei 22 dias mordendo-lhe a base do tronco com o machado. Foram necessários quatorze dias para desbastar-lhe a fronde, a golpes de machado e machadinha. Em seguida, gastei um mês dando-lhe forma e tamanho conveniente, tornando-a algo parecido com o fundo de um barco, capaz de flutuar. Levei ainda cerca de três meses modelando o interior do barco. Fiz tudo isso sem recorrer ao fogo, usando apenas um malho e um escopro e a força de um trabalho extremo. Consegui fazer, afinal, uma linda piroga, bastante grande para carregar 26 homens e capaz, portanto, de levar-me juntamente com toda a minha carga.

Fiquei deliciado ao terminar a construção do barco. Era, com efeito, muito maior que qualquer canoa ou piroga que vira até então, feita de um só tronco. Bem podem avaliar as fadigas que ele me custou. Não havia mais nada a fazer senão levá-lo para o mar. Se o tivesse conseguido, não hesitaria e iniciaria logo a mais louca e a mais condenada viagem.

Falharam, porém, todos os meios que ensaiei para transportá-lo para o mar. O barco não estava a mais de cem jardas da água. Mas o grande obstáculo era que jazia sobre uma eminência, na direção da enseada. Para vencê-lo, resolvi cavar o terreno e fazer um declive. Iniciei a tarefa, aliás extremamente penosa. Mas quem se importa de arrostar o sofrimento quando a liberdade está à vista? Mesmo depois de superada essa dificuldade, outra se apresentou. Efetivamente, não podia deslocar a canoa da mesma maneira que não pudera deslocar o escaler.

Medi, então, a distância e resolvi abrir um canal para levar a água até a canoa, uma vez que não podia levar a canoa até a água. Comecei, pois, esse trabalho, mas uma vez empenhado nele, calculando a profundidade a atingir, a largura do canal e o volume de areia a remover, cheguei à conclusão de que, com o auxílio único de minhas mãos, precisaria de dez ou doze anos para terminá-lo. De fato, a costa era elevada, de modo que, em sua extremidade inferior, o canal deveria ter, pelo menos, vinte pés de profundidade. Acabei, assim, desistindo, embora com muita relutância.

Fiquei aborrecidíssimo. Vi, tarde demais, a loucura de começar uma empresa sem antes calcular-lhe o custo e julgar sensatamente as próprias forças.

Durante esse trabalho completei o quarto ano de residência na ilha. Comemorei o aniversário com a mesma devoção e mais confortado do que nunca. Graças ao estudo constante, à aplicação sincera da palavra de Deus e ao auxílio da graça divina, adquirira um entendimento superior. Possuía uma noção diferente das coisas. Encarava o mundo como algo já remoto. Não tinha nada a haver com ele, dele nada esperava ou desejava. Em uma palavra, não tinha nada que fazer no mundo, nem era provável que o pudesse ter no futuro. Olhava para ele como para um lugar em que vivera, mas do qual saía para não mais voltar. Bem podia dizer, como o Pai Abraão para o homem rico: “Entre mim e vós há um grande abismo.”

Antes de mais nada, estava ali afastado de todas as misérias do mundo. Não me afligia a cobiça da carne, nem a cobiça das coisas, nem a tola vaidade humana. Não tinha nada para ambicionar, pois possuía tudo que podia então usufruir. Era o senhor da terra. Se quisesse, poderia chamar-me de rei ou imperador do lugar, de que tomara posse. Não tinha rivais nem competidores, ninguém para comigo disputar a soberania ou o poder. Poderia produzir grão bastante para carregar navios, mas não seria capaz de usá-lo todo. Produzia, portanto, o suficiente para as minhas necessidades correntes. As tartarugas eram abundantes, porém só podia dar conta de uma tartaruga num certo espaço de tempo. Tinha madeira suficiente para construir uma frota. As uvas dariam para fazer vinho ou passas em quantidade capaz de carregar essa frota.

Como indiquei antes, tinha algum dinheiro, cerca de 36 libras esterlinas em moedas de ouro e prata. Ali estava — pobre de mim! — aquela coisa imunda, inútil e melancólica... Não tinha meios de usá-la e muitas vezes pensara comigo que daria um punhado de dinheiro por alguns cachimbos ou por um moinho de mão para os cereais. Mais ainda, daria todo ele em troca de seis pence de sementes de nabo e cenoura vindas da Inglaterra ou por um punhado de ervilhas e de feijão e um vidro de tinta.

Já residia ali por tanto tempo que muitas das coisas salvas do navio ou se tinham esgotado por completo, ou estavam muito usadas, quase no fim. A tinta, como disse, já se acabara havia muito, salvo um restinho que eu pouco a pouco vinha misturando com água, até ficar tão diluída que mal deixava qualquer impressão no papel. Enquanto durava, ia registrando os dias em que

se dava qualquer coisa de notável. Examinando o registro, verifiquei que, por estranha coincidência, esses acontecimentos caíam em certas datas, que, se eu fosse supersticioso, poderia ter razão em considerar aziagos ou afortunados e em dedicar-lhes a maior atenção.

Em primeiro lugar, observara que o dia em que tinha abandonado meus pais e meus amigos, fugindo para Hull e daí para o mar, fora o mesmo em que caíra prisioneiro do corsário de Salé e transformado em escravo. Na data em que me salvara do naufrágio na enseada de Yarmouth, escapara também, anos depois, do cativeiro de Salé. No mesmo dia de meu nascimento, 30 de setembro, salvara-me milagrosamente 26 anos depois, ao ser arremessado ao litoral desta ilha. Assim, tanto minha vida de loucuras como minha vida de solidão começaram no mesmo dia do ano.

Além da tinta, esgotara-se o pão, quer dizer, a bolacha que apanhara no navio. Economizara-a ao máximo, não comendo mais do que uma bolacha por dia durante mais de um ano e, apesar disso, ficara sem qualquer espécie de pão cerca de um ano, até produzir meu próprio grão. E tinha todos os motivos para estar agradecido à minha sorte, pois a aquisição de cereais, como se viu, foi quase um milagre.

Minhas roupas também começaram a reduzir-se a farrapos. Havia muito que não tinha mais roupa branca, a não ser algumas camisas de xadrez, que encontrara nos baús de meus antigos companheiros e que conservara cuidadosamente, pois muitas vezes não podia suportar mais do que uma camisa. Foi para mim um grande auxílio o fato de ter contado com quase três dúzias de camisas entre a roupa retirada do navio. Ainda possuía, é verdade, vários casacos grossos que os marinheiros usavam durante as rondas, mas eram muito quentes.

O calor era tamanho que não precisava de roupa, mas, ainda assim, nunca me resignei a andar nu. Nem podia pensar nisso, embora estivesse completamente só.

Um dos motivos pelos quais não andava nu era que não podia suportar os raios de sol quando despido. Ainda mais, ficara muitas vezes com a pele empolada devido ao sol, ao passo que, vestindo uma camisa, o ar em movimento penetrava sob ela e eu sentia muito menos calor. Jamais consegui tampouco sair ao sol sem um boné ou chapéu. Os raios solares eram tão intensos que me davam dor de cabeça quando andava descoberto, ao passo que, se punha um chapéu, as dores desapareciam.

Em vista disso tudo, comecei a pensar na maneira de dar certa aparência

aos poucos farrapos que eu chamava de roupa. Já gastara completamente todos os coletes que possuía e meu problema era tentar fazer jaquetas dos grandes casacos de marinheiros ou de qualquer outro material à mão. Meti-me, assim, a fazer obra de alfaiate ou, antes, de remendão, porque o resultado foi o mais deplorável possível. Contudo, fiz, com esforço, dois ou três coletes que, esperava, me serviriam por bastante tempo. Quanto a calças ou calções, o que cheguei a ajeitar foi realmente digno de lástima.

Já assinalei que guardava a pele de todos os animais caçados por mim, quer dizer, dos quadrúpedes. Esticava-as ao sol por meio de varas e algumas ficaram tão secas e endurecidas que para pouco serviam. Outras, porém, pareciam muito aproveitáveis. Dessas, a primeira coisa que fiz foi um gorro grande, com a face peluda do lado de fora, a fim de repelir a água da chuva. O resultado foi ótimo, de modo que fiz um vestuário completo com essas peles, isto é, um colete e calções abertos nos joelhos. Eu os fiz folgados, porque serviam mais para me refrescar do que para me aquecer. Não devo esconder que a confecção era digna de piedade, pois, sendo mau carpinteiro, era pior alfaiate. Seja como for, a obra era, para mim, excelente. Quando saía e acontecia chover, o pelo do colete e do gorro me abrigavam muito bem da água.

Depois disso, custou-me muito o trabalho de fazer um guarda-sol. Sem dúvida, tinha grande necessidade de um e muita vontade de fazê-lo. Vira como eram feitos nos Brasis, onde prestavam bom serviço nos grandes calores. E o calor da ilha era a mesma coisa, e até mais intenso, estando mais próximo do equinócio. Além disso, como era obrigado a sair muito, o guarda-sol me seria extremamente útil, tanto para me proteger dos raios solares como das chuvas. Tive um trabalho gigantesco e só depois de muito tempo consegui algo de definitivo. Além disso, mesmo depois de pensar que tinha achado um jeito, estraguei dois ou três antes de conseguir um guarda-sol a meu gosto. Por fim, cheguei a fazer um que sempre funcionou bem. A principal dificuldade era fechá-lo. Podia abri-lo, mas, se não conseguia fechá-lo, não era portátil, a não ser que o levasse sempre aberto sobre a cabeça, o que era impraticável. Entretanto, como disse, consegui, afinal, fazer um que tanto abria como fechava. Forrei-o de peles, com a face peluda para cima, de modo que me protegia da chuva como um alpendre e me resguardava tão bem do sol que eu podia andar mais comodamente no auge do calor do que, antes, nos dias mais frescos. Quando não precisava dele, podia fechá-lo e carregá-lo sob o braço.

Vivia, assim, com muito conforto, inteiramente tranquilo e resignado à vontade de Deus e entregue aos desígnios da Providência.

Depois disso, nada de extraordinário me aconteceu durante cinco anos. Vivia sempre da mesma maneira e no mesmo lugar, como antes. Além do labor anual dedicado ao plantio da cevada e do arroz e ao preparo das passas, coisas de que tinha sempre bastante estoque para as necessidades do ano, e da tarefa diária de caçar, estive empenhado na construção da canoa, que por fim terminei. Abrindo um canal de seis pés de largura e quatro de profundidade, levei-a para a enseada, quase a meia milha de distância.

Entretanto, a pequena piroga concluída não correspondia absolutamente a meus planos primitivos, isto é, ao projeto de alcançar o continente, que estava a mais de quarenta milhas de distância. Desse modo, a pequenez do barco contribuía para que eu pusesse o plano de lado e não mais pensasse nisso. Todavia, projetei fazer uma viagem ao redor da ilha. Já estivera do outro lado, depois de atravessar a ilha, conforme relatei, e as descobertas que fizera nessa excursão me deram muita vontade de explorar outros pontos da costa. Agora que tinha um barco, não pensava senão em fazer uma viagem em volta da ilha.

Com esse fim, desejoso de arranjar as coisas com toda precaução e meticulosidade, preparei um mastro e uma vela com pedaços de vela do antigo navio, de que tinha boa quantidade. Uma vez terminados o mastro e a vela, experimentei o barco e vi que podia navegar muito bem. Fiz, então, em cada extremidade da canoa, pequenos armários para guardar víveres, munições etc., preservando-os das chuvas ou das lambadas das ondas. Além disso, abri um sulco comprido no fundo do barco para encaixar a espingarda e preparei uma cobertura para conservá-la ao abrigo da água. Fixei, também, meu guarda-sol na proa à maneira de um mastro, de modo a cobrir-me e a proteger-me do sol, à guisa de um toldo.

Assim preparado, fazia, de vez em quando, pequenas viagens, sem nunca me afastar muito da pequena enseada. Mas, afinal, ansioso de conhecer toda a circunferência de meu pequeno reino, resolvi empreender a viagem e fiz os preparativos necessários. Levei para o barco duas dúzias de pães de cevada (melhor os chamaria de bolos); um pote cheio de arroz tostado, de que comia muito; uma pequena garrafa de rum; metade de uma cabra; pólvora e chumbo para caçar mais se necessário; e dois grandes casacos de marinheiro, daqueles que, como referi antes, salvara dos baús de meus companheiros de viagem. Dormiria sobre um deles e o outro me agasalharia de noite.

A 6 de novembro do sexto ano de meu reinado ou cativoiro, como quiserem, parti para essa viagem, que se prolongou muito mais do que esperava. Realmente, embora a ilha não fosse muito grande, ao chegar a leste desta defrontei extensas cadeias de recifes que entravam duas milhas pelo mar, alguns acima d'água, outros submersos. Para além dos arrecifes, uma restinga de areia se estendia por mais de meia légua. Era, assim, obrigado a dar uma grande volta para contornar esse obstáculo. Isso quase me fez desistir da viagem, pois não sabia até que ponto teria de me afastar da costa e, sobretudo, não tinha certeza de poder voltar. Resolvi ancorar. Fizera, realmente, uma espécie de âncora, valendo-me de um pedaço de arpão salvo do navio. Uma vez o barco em segurança, tomei da espingarda e desci para a terra, escalando uma colina, de onde pude dominar aquela ponta em toda a extensão. Decidi aventurar-me.

Ao observar o mar do alto da colina, percebi forte correnteza, sem dúvida das mais furiosas, dirigindo-se para leste e passando perto da ponta referida. Chamou-me sobretudo a atenção porque podia representar sério perigo quando me aproximasse. Talvez eu fosse arrastado e não pudesse mais voltar à ilha. É o que aconteceria, com certeza, se não tivesse tido o cuidado de subir à colina. Corrente igual passava do outro lado da ilha, mas a maior distância. Vi que ali existia forte remoinho perto da costa, de modo que bastava sair da corrente referida para entrar, de fato, no remoinho.

Fiquei dois dias nesse lugar. O vento soprava com bastante força (na direção és-sudeste, justamente contrária à da corrente) e o mar, por isso, rebentava violentamente sobre a restinga. Não era, pois, seguro navegar muito perto da costa por causa da arrebentação, nem muito longe, devido à corrente.

No terceiro dia, pela manhã, o mar estava calmo, porque o vento amainara durante a noite. Resolvi arriscar-me. Sempre fui, porém, exemplo e aviso para os pilotos temerários e ignorantes. Logo que atingi a ponta da restinga, embora não estivesse distante da praia mais que o comprimento de meu barco, vi-me envolvido num ponto de águas extremamente profundas por violento remoinho. Minha canoa foi arrastada com tanto ímpeto que, por mais que fizesse, não consegui nem mesmo manter-me às margens do remoinho, que me ficou à esquerda, afastando-me dele cada vez mais. Não soprava vento algum para me ajudar e nada podia fazer com os remos. Considerei-me perdido, pois, havendo corrente de ambos os lados da ilha, sabia que se juntariam a poucas léguas dali e meu destino estaria

irremediavelmente selado. Não havia nenhuma possibilidade de evitar isso. A única saída concebível era a morte, não devido ao mar, que estava bastante calmo, mas pela fome. Encontrara, é verdade, uma tartaruga na praia tão grande que quase não pude suspendê-la e levá-la para o barco. Tinha um pote de barro, dos que eu fabricara, cheio de água doce. Mas de que servia tudo isso quando eu garrava para o oceano imenso, onde, sem dúvida, não encontraria terra, ilha ou continente antes de pelo menos umas mil milhas?!

Vi, então, como era fácil à Providência Divina transformar a mais desgraçada situação em que o homem podia estar em outra ainda pior. Minha ilha solitária pareceu-me, nesse momento, o lugar mais aprazível do mundo. A maior felicidade que podia aspirar naqueles instantes era voltar para lá. Abri os braços, numa explosão incontida:

— Ó solidão feliz — exclamei —, nunca, nunca mais te verei! Desgraçado de mim! Para onde vou?

Penitenciei-me de minha ingratidão e das queixas e lamentos contra a vida solitária que levava. O que não daria para estar de novo na ilha! Na verdade, jamais temos perfeita consciência de nossa situação antes que circunstâncias contrárias as revelem para nós. É quase impossível imaginar a desolação que sentia ao ver-me arrastado quase duas léguas para longe de minha querida ilha (assim me parecia então), para o oceano bravio, sem a mínima esperança de atingi-la de novo. Não obstante, remei até quase a exaustão e mantive o barco tanto quanto pude na direção norte, isto é, do lado da corrente em que ficava o remoinho. Lá pelo meio-dia, quando o sol passava pelo meridiano, senti no rosto ligeira brisa, que vinha de su-sudeste. Fiquei um pouco animado, sobretudo quando, meia hora depois, começou a soprar uma viração bem regular. Já estava, a essa altura, a enorme distância da ilha. Tivesse o tempo ficado um pouquinho nublado e caído alguma cerração, teria perdido essa oportunidade. Não possuía bússola e não saberia voltar para a ilha se a perdesse de vista. O tempo, porém, continuou claro e tratei de içar a vela, mantendo-me tanto quanto possível de proa para o norte, a fim de me livrar da correnteza.

Logo que icei a vela e o barco começou a navegar à força de pano, notei, pela limpidez da água, que a corrente ia sofrer alguma alteração, porque, onde ela é forte, a água é escura. Juntamente com a limpidez da água, observei que a corrente diminuía de intensidade e que, a leste, a cerca de meia milha, o mar escachoava de encontro a alguns rochedos. Vi que esses rochedos dividiam a corrente e que o ramo principal corria mais para o sul,

deixando os penhascos a nordeste, enquanto que o outro ramo, encontrando-lhes o obstáculo, formava forte remoinho, que tornava a correr rapidamente para noroeste.

Aqueles que já foram salvos no momento justo em que subiam para o cadafalso ou arrancados da morte iminente às mãos de bandidos podem ter uma ideia de minha encantada surpresa, da alegria imensa com que dirigi o barco para a corrente saída desse remoinho. O vento também soprou com mais força e foi transbordando de felicidade que velejei a todo o pano e avancei velozmente, impulsionado por ele e pela correnteza.

Essa correnteza levou-me de volta cerca de uma légua em linha reta da ilha e, aproximadamente, a um ponto a duas léguas ao norte da corrente que me fizera garrar. Assim, quando me aproximei da ilha, estava ao largo do litoral norte, isto é, na outra extremidade da ilha, oposto àquela de onde saíra.

Depois de navegar mais de uma légua com a ajuda dessa correnteza, ela esgotou-se. Encontrei, entretanto — entre as duas correntes, isto é, a do sul, que me arrastara, e a do norte, que passava a duas léguas do outro lado do litoral —, encontrei, dizia, a oeste da ilha, águas tranquilas. E, como havia ainda um pouco de brisa, continuei aproando diretamente para a ilha, embora navegasse mais devagar. Lá pelas quatro horas da tarde, estando a uma légua da ilha, abandonei a referida corrente, que obliquava para noroeste e, dentro de uma hora, aproximadamente, cheguei a cerca de uma milha da costa. O mar estava sereno, e dentro em pouco pisei em terra.

Quando cheguei à praia, caí de joelhos e dei graças a Deus por ter me salvado, resolvido a esquecer inteiramente o projeto de sair da ilha no barco. Comi e bebi um pouco e tratei, em seguida, de trazer o barco para a praia de uma pequena enseada, à sombra de algumas árvores. Estirei-me no chão e dormi, exausto da acidentada viagem. Fiquei muito embaraçado para decidir sobre o caminho a tomar na volta. Correria demasiado risco para pensar em seguir a mesma rota. Não tinha nenhuma ideia do que poderia encontrar do outro lado da ilha (quer dizer, do lado oeste), nem vontade alguma de enfrentar novos perigos. Assim, resolvi, na manhã seguinte, dirigir-me para oeste, ao longo da costa, e procurar alguma enseada onde pudesse deixar o barco em segurança, de modo a reavê-lo quando quisesse. Encontrei uma, muito boa, com cerca de uma milha de extensão, depois de navegar três milhas aproximadamente ao longo das praias. Estreitava-se pouco a pouco até a foz de um pequeno regato, onde podia abrigar o barco tão bem como num cais feito para tal fim. Aí o deixei e fui explorar a região para me orientar.

Não tardei a descobrir que acabara de passar por um ponto onde já tinha estado, quando viera a pé até aquele lado da ilha. Apanhei, no barco, a espingarda e o guarda-sol, pois o calor era enorme, e pus-me a caminho. A marcha me pareceu amena depois dos percalços que acabara de enfrentar. Cheguei pela noitinha à minha velha choça, onde tudo estava como deixara. Realmente, mantinha as coisas ali sempre na melhor ordem, pois se tratava, como já disse, de minha casa de campo. Escalei a paliçada e deitei-me na sombra para descansar. Estava muito fatigado e adormeci. Imaginem os que me leem minha extraordinária surpresa quando fui acordado por uma voz, chamando-me diversas vezes pelo meu nome:

— Robin! Robin! Robin Crusoé! Pobre do Robin Crusoé! Onde estás, Robin Crusoé? Onde estás? Por onde tens andado?

Dormia tão profundamente, esgotado pelo esforço de remar durante toda a manhã e, mais tarde, pela marcha, que não despertei por completo. Ainda entorpecido, parecia-me um sonho em que alguém falava comigo. A voz continuou a exclamar:

— Robin Crusoé! Robin Crusoé!

Despertei por fim, cheio de pavor, e levantei-me de um pulo. Mas dei logo com o papagaio no alto da cerca e vi que a voz era dele. Aprendera a falar com tanta perfeição que costumava pousar em meu dedo e, com o bico junto ao meu rosto, exclamava:

— Pobre Robin Crusoé, onde estás? Onde tens estado? Como vieste parar aqui? — E assim por diante, conforme lhe ensinara.

Todavia, mesmo depois de verificar que fora o papagaio e que, aliás, não podia ser outra coisa, custou-me bastante sossegar. Espantava-me, sobretudo, o fato de ele ter ido justamente para aquele ponto e por ali ter ficado, sem se afastar para outro lugar qualquer. Fiquei muito contente de ver que era simplesmente o meu bom louro e acabei por me tranquilizar. Estendi a mão, chamando-o, e ele, sociável como sempre, pousou-me no polegar, como de costume, e continuou falando:

— Pobre de mim, Robin Crusoé, como vim parar aqui? Onde estive? — Parecia estar transbordante de alegria por me rever. Levei-o de novo para casa.

Fiquei farto de mar por algum tempo. Tive razões de sobra para sossegar durante muitos dias, meditando nos perigos que enfrentara. Gostaria muito de trazer o barco para o lado da ilha em que residia, mas não encontrei nenhum meio prático. Aprendera muito bem o que significava aventurar-me a navegar a leste da ilha, como fizera. Só de pensar nisso ficava de coração gelado. Não sabia tampouco o que me podia acontecer do lado oeste. Supondo, entretanto, que a corrente passasse por ali com a mesma impetuosidade da do lado oposto, correria idêntico risco de ser arrastado para longe da ilha. Contentei-me, assim, a passar sem o barco, embora ele tivesse me custado muitos meses de trabalho para ser construído e outros tantos para ser levado ao mar.

Passei cerca de um ano nessa disposição de espírito, levando, como bem se compreende, vida calma e retirada. Conformado com a situação, resignado com os planos da Providência, de nada carecia para ser feliz — pensava — a não ser de convívio social. Durante esse tempo fui melhorando a habilidade manual, com os trabalhos que as necessidades me impunham. Acredito que, com o tempo, chegaria a ser um excelente carpinteiro, máxime se

considerarmos minhas poucas ferramentas. Além disso, minha cerâmica chegou a um grau de perfeição acima da expectativa. Arranjei-me de modo a fabricá-la com a ajuda de uma roda, o que tornou o trabalho muitíssimo mais fácil e perfeito. Fazia utensílios redondos e bem acabados, quando, antes, eram simplesmente horríveis. Acho, porém, que nunca fiquei mais orgulhoso com um trabalho meu nem tive alegria com qualquer das minhas descobertas do que ao conseguir fazer um cachimbo. Embora feio, tosco e avermelhado como os outros utensílios de barro cozido, era bastante resistente e permitia puxar a fumaça. Foi grande o prazer que me deu. Sempre tivera o hábito de fumar. Havia cachimbos no navio, mas deixei-os de lado a princípio, porque não sabia da existência de fumo na ilha. Quando, depois, fui procurá-los, não achei nenhum.

Também melhorei muito na confecção de objetos de vime. Fiz todos os cestos de que necessitei. Não eram bonitos, mas serviam muito bem para guardar muitas coisas ou transportá-las para casa. Se, por exemplo, matava uma cabra, podia pendurá-la de uma árvore, esfolá-la, limpá-la e cortá-la em pedaços, levando-os para casa num cesto. O mesmo fazia com uma tartaruga: depois de cortá-la, apanhava os ovos e um ou dois pedaços de carne, o que me bastava, e levava-os para casa num cesto, abandonando o resto. Usava, igualmente, cestos grandes para guardar os cereais, que eu sempre debulhava logo que secavam. Os cestos grandes faziam, assim, as vezes de celeiro.

A pólvora começou a esgotar-se depressa e era impossível substituí-la. Comecei a refletir seriamente no que faria quando a pólvora acabasse, isto é, na maneira de caçar cabras sem ela. Como disse antes, capturara uma cabritinha durante o terceiro ano de minha estada na ilha e a domesticara. Esperava capturar um cabrito, mas nunca o consegui. A cabritinha tornou-se cabra e acabou morrendo de velha, pois nunca tive coragem de matá-la. Agora, já no undécimo ano de minha residência na ilha, com a diminuição progressiva do estoque de pólvora, tive de pensar num meio de apanhar cabras usando armadilhas. Desejava, sobretudo, uma cabra com cabritinhos. Armei laços para esse fim. Acredito que tenham caído neles mais de uma vez. Os laços, porém, eram fracos, pois eu não tinha arame. Encontrava-os sempre arrebitados e a isca comida. Resolvi, por fim, experimentar diversas covas em lugares onde sabia que as cabras costumavam pastar, tapando-as com caniçados feitos por mim. Por várias vezes coloquei, sobre eles, espigas de cevada e arroz seco sem armar o alçapão. Verifiquei facilmente, pela impressão das patas, que as cabras se aproximavam e comiam as espigas.

Armei, por fim, certa noite, três alçapões. No dia seguinte, encontrei-os ainda armados, mas a isca fora comida. Era de desanimar. Modifiquei, entretanto, o alçapão. Não vos querendo importunar com pormenores, direi que, certa manhã, indo examinar os alçapões, encontrei um grande bode num deles e um cabrito e duas cabritas no outro.

Não sabia o que fazer com o bode. Estava tão enfurecido que não ousei descer à cova e apanhá-lo vivo, como desejava. Podia matá-lo, mas isso não me adiantaria nada. Deixei-o escapar e ele disparou em pânico por ali. Não sabia ainda o que vim a aprender mais tarde, isto é, que a fome era capaz de domesticar um leão. Se o tivesse deixado três ou quatro dias sem comer e, em seguida, lhe levasse água e, depois, um pouco de grão, ficaria tão manso como os cabritos. São, com efeito, quando bem tratados, animais inteligentes e mansos. Mas, como então desconhecia isso, deixei o bode fugir e fui apanhar os três cabritos, amarrando-os e levando-os para casa com certa dificuldade. Custaram bastante a querer comer. Jogando-lhes, porém, um pouco de cevada nova, acabei por seduzi-los e foram se domesticando. Sabia que, se quisesse contar com carne de cabra quando a pólvora e o chumbo se esgotassem, o único jeito seria domesticar algumas e chegar a ter, eventualmente, um rebanho perto de casa. Ocorreu-me, então, que devia separar as cabras mansas das selvagens se não quisesse que também ficassem selvagens. A única maneira possível de consegui-lo era criá-las em um terreno completamente fechado por uma cerca ou paliçada, de modo a impedir as cabras domésticas de fugir e as selvagens de entrar.

O projeto era muito ambicioso para minhas forças. Havia, entretanto, necessidade absoluta de levá-lo a cabo. Minha primeira tarefa era encontrar um terreno adequado, isto é, que oferecesse, ao mesmo tempo, pasto suficiente, água e proteção contra o sol.

Os que entendem de tais cercados hão de fazer muito mau juízo de minhas faculdades imaginativas quando lhes disser que, tendo encontrado um terreno adequado para os fins em vista, isto é, um amplo prado ou savana (como dizemos nas colônias ocidentais) atravessado por dois ou três pequenos ribeiros de água doce e coberto de matas numa extremidade; farão mau juízo, dizia, quando lhes disser que a cerca por mim começada deveria ter, pelo menos, duas milhas de extensão. Mais absurdo ainda era o prazo que seria necessário à construção. Com efeito, precisaria de muito tempo para fazer uma cerca desse comprimento. Entretanto, nem ao menos me ocorreu que, ao fim de tanto tempo, as cabras estariam tão selvagens como se

estivessem soltas na ilha. Por outro lado, seria quase impossível capturá-las em terreno assim espaçoso.

Penso que já tinha construído perto de cinquenta jardas de cerca quando pensei nisso. Interrompi logo o trabalho e, para começar, resolvi cercar um terreno com cerca de 150 jardas de comprimento e cem jardas de largura. Isso bastaria para o provável número de cabeças de meu rebanho dentro de um prazo razoável, podendo eu aumentar o cercado à proporção que ele crescesse. A medida era prudente e comecei a trabalhar com vontade. Levei cerca de três meses para terminar a primeira parte da cerca. Até então, amarrava os cabritos no melhor trecho do terreno e procurava alimentá-los de perto, tanto quanto possível, para que deixassem de me estranhar. Costumava, muitas vezes, levar-lhes algumas espigas de cevada ou um punhado de arroz, e eles comiam de minha mão. Desse modo, quando terminei o cercado, podiam ficar soltos, porque me seguiam a toda parte, balindo atrás de mim, na expectativa de um punhado de grão. Era isso mesmo que eu queria. Ao cabo de um ano e meio, tinha um rebanho de doze cabras, aproximadamente, incluindo os cabritos. Dois anos mais tarde já possuía 43, sem contar muitas que matei para comer. Depois disso, construí ainda vários outros cercados com pequenos currais internos, onde podia apanhar as cabras à hora que quisesse. Comunicavam-se por meio de porteiras.

Mas isso não foi tudo. Além da carne, sempre a meu dispor, tinha agora leite, coisa em que mal pensara no começo. A possibilidade de obtê-lo foi para mim agradável surpresa. Estabelecera uma verdadeira leitaria. Contava, às vezes, com um ou dois galões de leite por dia. E como a natureza, que nutre as criaturas, ensina-lhes também a maneira de usar o alimento, acabei aprendendo, eu que jamais ordenhara uma vaca, muito menos uma cabra, eu que jamais vira fazer manteiga ou queijo, acabei aprendendo a fazer ambas as coisas, embora depois de muitas tentativas e fracassos. E nunca mais o queijo e a manteiga me faltaram.

Quão misericordioso pode ser o Criador para as criaturas, mesmo quando parecem irremediavelmente perdidas! Como pode ele suavizar as mais duras contingências e dar-nos motivos para sermos gratos por nosso encarceramento! Que mesa admirável foi posta para mim naquela solidão, quando não via, a princípio, outra saída senão perecer de fome!

Os que me vissem sentar à mesa para jantar, rodeado de minha pequena família, não poderiam deixar de sorrir. Eu era o rei, o príncipe e o senhor de toda a ilha. As vidas de meus súditos estavam em minhas mãos. Podia

enforçar, esquartejar, libertar e prender sem que nenhum de meus vassallos se rebelasse! Era de ver como eu jantava com a dignidade de um rei, sozinho, assistido por meus criados! O louro, meu favorito, era o único que me podia falar. O cachorro, já velho e caduco, sem descendentes, sentava-se sempre à minha direita. Dois gatos, um de cada lado da mesa, ganhavam de vez em quando o especial favor de um lambisco. Não se tratava, porém, das duas gatas que trouxera do navio, já mortas e enterradas por mim perto da habitação. Uma delas procriara com não sei que espécie de animal, e os dois gatos referidos eram os que eu conseguira domesticar. A prole restante se tornara selvagem e fugira para o mato. Acabaram por me importunar, porque entravam muitas vezes na habitação para saqueá-la. Fui obrigado, por fim, a caçá-los a tiro e, de fato, matei muitos. Com o tempo, esse tratamento obrigou-os a desistir. Vivia, assim, na abundância. Nada me faltava senão convívio social, e isso mesmo havia de sobrar-me dentro em pouco.

Conforme acentuei, estava um tanto impaciente para fazer uso do barco, se bem muito pouco desejoso de correr mais riscos. Ficava, às vezes, imaginando um meio de trazê-lo, dando volta à ilha. Outras, ao contrário, sentia-me muito contente sem ele. Não sossegava, porém, com a ideia de ir ao local de onde, na última excursão, conforme relatei, subira à colina para ter uma visão do litoral e observar a direção das correntes marítimas. Poderia, então, decidir o que devia fazer. Esse desejo foi crescendo, dia a dia. Afinal, resolvi ir a pé até lá, seguindo a costa. E assim fiz. Se algum inglês me encontrasse no caminho, ou teria medo, ou morreria de rir. Punha-me muitas vezes a apreciar-me e não podia deixar de sorrir à ideia de viajar em Yorkshire vestido e equipado daquela maneira. Usava um gorro alto de pele de cabra, sem forma definida, com uma aba pendente atrás, a fim de me proteger dos raios de sol e de impedir que a água da chuva me escorresse pelo pescoço. Nada é mais incômodo naquelas paragens do que sentir a água da chuva correr sobre a pele, por baixo da roupa. Usava uma espécie de casaco curto de pele de cabra, cujas abas desciam até o meio das coxas, e um par de calções abertos nos joelhos, feitos da mesma. A pele dos calções pertencera a um velho bode e tinha pelos tão compridos que chegavam ao meio das pernas, à maneira de um par de calças. Não tinha meias nem sapatos. Fiz, porém, alguma coisa parecida com um par de botinas — nem sei mesmo como chamar aquilo — para enrolar nas pernas e ligar do lado, à maneira de polainas. Eram, naturalmente, muitíssimo mal feitas, como, aliás, o resto de meu vestuário.

Usava um cinturão de pele de cabra, que apertava por meio de duas tiras da mesma pele, substituindo a fivela. Em vez de espada e punhal, levava uma serra pequena e uma machadinha, penduradas de cada lado de uma espécie de presilha do cinturão. Usava ainda outro cinto, menos largo, apertado de maneira idêntica, pendente do ombro esquerdo, que servia para sustentar duas bolsas, feitas também de pele de cabra. Em uma guardava a pólvora; na outra, o chumbo. Carregava um cesto às costas, além da espingarda sobre o ombro e do tosco e horrível guarda-sol que me era, no fim das contas, depois da espingarda, a coisa mais indispensável. A tez de meu rosto não estava tão amulatada como seria de esperar em um homem descuidado a esse respeito, vivendo a nove ou dez graus do equador. Deixara, antigamente, a barba crescer até o comprimento de um quarto de jarda. Tinha, porém, tesoura e navalha e cortei-a bem rente. Permiti, porém, que o bigode crescesse, aparando-o à maometana, conforme vira em alguns turcos de Salé. Eram os turcos e não os mouros que o usavam. Sem dúvida, meu bigode não era tão comprido que pudesse servir de cabide ao chapéu. Era, todavia, bem grande e passaria por espantoso na Inglaterra.

Fechemos, porém, esse parêntese, pois não preciso me estender mais sobre minha figura, que ninguém observava. Assim paramentado, encetei a nova jornada e estive fora de casa cinco ou seis dias. Caminhei, a princípio, ao longo da costa, rumando diretamente para o local onde antes ancorara a canoa para subir os penhascos. Dessa vez, sem barco para cuidar, subi ao mesmo ponto por um caminho mais curto. Olhando, então, para a ponta rochosa que fora obrigado a contornar, segundo já relatei, fiquei surpreso de ver o mar calmo e espelhado. Nenhuma ondulação, nenhum movimento ou corrente. Não fazia diferença dos outros trechos do mar. Não podia compreender aquilo e resolvi permanecer algum tempo em observação, a ver se a causa de tudo não era qualquer fluxo da maré. Convenci-me realmente de que assim era. Isto é, o fluxo da vazante, vindo de oeste, somando-se às águas de algum grande rio no litoral, devia ser a causa daquela corrente marítima. Conforme o vento soprasse com maior ou menor força de oeste ou do norte, essa corrente se aproximaria ou se afastaria da costa. Permanecendo nas cercanias até o escurecer, subi de novo ao penhasco, durante a vazante da maré, e, mais uma vez, vi a corrente com toda a clareza, com a diferença de que passava mais distante, a cerca de meia légua do litoral. Da vez anterior, ao contrário, passava rente à costa e arrastara minha canoa, o que não teria acontecido em outras circunstâncias.

Isso me convenceu de que não tinha mais nada a fazer senão observar a vazante e a enchente da maré e de que poderia levar meu barco ao redor da ilha com toda facilidade. Mas, quando pensei em pôr esse plano em prática, fiquei tão apavorado com a lembrança dos perigos corridos que o afastei logo de minhas cogitações. Tomei a resolução mais segura, porém mais penosa, de fazer outra piroga ou canoa. Assim teria uma para cada lado da ilha.

Como devem saber, tinha, então, dois estabelecimentos na ilha. O primeiro era minha barraca fortificada sob a encosta do monte, protegida pela estacada. Atrás dela ficava a caverna, que eu já alargara muito por essa época, incluindo vários compartimentos. Um deles, o maior e mais seco, com uma saída para fora da paliçada, isto é, para fora do ponto em que a paliçada se apoiava na encosta, estava cheio de grandes potes de barro, já por mim referidos, além de quatorze ou quinze cestos grandes, cada um com capacidade para cinco ou seis alqueires. Guardava neles as provisões, especialmente o grão, parte em espigas sem palha, parte já debulhado. A paliçada fora feita, como disse, com longas estacas ou mourões, que brotaram e se transformaram em verdadeiras árvores. Ficaram tão frondosas que era impossível a qualquer um adivinhar a existência de uma habitação por trás delas. Próximo dessa habitação, um pouco para dentro da ilha, ficavam as duas plantações de cereais, que eu mantinha devidamente cultivadas e sempre me garantiam a colheita na época própria. Caso precisasse de maior quantidade de grão, não me faltava terra adequada nas adjacências.

Tinha, além disso, minha casa de campo, com uma razoável plantação anexa. Mantinha sempre tanto uma quanto outra em bom estado. A cerca viva, conservava-a sempre da mesma altura. A escada ficava em pé, pelo lado de dentro. As árvores, brotadas das antigas estacas, estavam agora muito altas. Podava-as sempre, de modo que as frondes, bastas e viçosas, se espalhavam e davam sombra muito aprazível, como eu queria. No centro, a tenda estava sempre erguida. Era feita de um pedaço de vela esticado por meio de longas estacas preparadas para esse fim e nunca precisou de qualquer reparo ou reforma. No chão da tenda arranjava uma espécie de coxim, feito de peles de animais caçados por mim e de outras coisas macias. Estendia sobre ele um lençol, que apanhara no navio, e usava um casaco de marinheiro para me cobrir. Era aí que ia dormir toda vez que me ausentava de minha habitação litorânea.

Ao lado da choupana ficavam os cercados para meus rebanhos, isto é, para minhas cabras. Tivera um trabalho incrível para cercar o terreno e,

temendo que as cabras pudessem escapular, não sosseguei enquanto não fiz da cerca verdadeira paliçada, fincando tantas estacas pequenas pelo lado de fora e tão próximas entre si que mal deixavam espaço para passar uma mão. Mais tarde, na primeira estação chuvosa, as estacas brotaram e o cercado ficou sólido como uma muralha, ou mesmo mais forte que qualquer muralha. Isso prova que não desperdiçava o tempo e não poupava esforços para conseguir tudo aquilo que me parecesse indispensável. Achava que ter à mão animais assim domesticados era o mesmo que possuir um depósito vivo de carne, leite, manteiga e queijo enquanto vivesse na ilha, ainda que tivesse de viver quarenta anos. Tê-los a meu alcance dependia apenas de aperfeiçoar suficientemente os cercados, de modo que não pudessem fugir. Não há dúvida de que consegui isso muito bem quando as estacas brotaram. Aliás, eu as tinha fincado de maneira tão compacta que fui obrigado a arrancar algumas.

Ali também cresciam meus cachos de uva, que me davam passas para todo o inverno. Tratava das uvas com o maior cuidado, como a melhor e mais gostosa iguaria de toda a minha dieta. Além de saborosas, eram laxantes, saudáveis e ótimo alimento.

Além disso, o sítio em questão ficava a meio caminho entre a morada costeira e o lugar onde guardava o barco, de modo que me servia dele para repousar quando ia para lá. Na verdade, ia frequentemente ver meu barco e conservava-o sempre em bom estado. Às vezes saía nele para me distrair, se bem não me arriscasse mais a ir muito longe, tal era o medo de ser arrastado de novo pelas correntes marítimas e ficar ao léu. Foi então que um acontecimento inesperado veio modificar o curso de minha vida.

De uma feita, dirigia-me, lá pelo meio-dia, para o lugar do barco quando tive a enorme surpresa de ver distintamente, na areia da praia, a marca de um pé humano descalço. Estaquei como que fulminado ou como se tivesse visto um fantasma. Apurei os ouvidos, olhei em volta. Não ouvi nem vi nada. Subi a uma eminência do terreno para ver mais longe. Andei pela costa para cima e para baixo, mas não vi coisa alguma, a não ser aquela única pegada. Voltei a examiná-la, para me certificar de que não estava sonhando e ver se havia mais alguma. Não, não era ilusão, lá estava, bem nítida, a marca de um pé, com artelhos, calcanhar e tudo mais. Como aparecera ali eu não sabia, nem tinha a mínima ideia. Passou-me pela cabeça um tumulto de pensamentos. Perplexo, em pânico, voltei para minha fortaleza. A terra parecia fugir-me debaixo dos pés, tamanho era o terror de que fiquei possuído. Olhava a todo

instante para trás, com medo de cada moita e de cada árvore e tomando cada tronco ao longe por um homem. Para mim é impossível descrever as formas confusas em que minha imaginação apavorada transformava as coisas, acompanhando as mais disparatadas ideias e fantasias.

Quando cheguei a meu “castelo” — penso que nunca mais deixei de chamar assim minha habitação — corria como um animal perseguido. Não lembro se me servi da escada para escalar a muralha ou se entrei pelo buraco na rocha, que eu chamava de porta. Não, não me lembro nem me lembrei de nada, mesmo na manhã seguinte. Acho que nunca uma lebre procurando abrigo ou uma raposa fugindo para o covil sentiram tanto pavor quanto eu ao correr para meu retiro.

Não dormi aquela noite. Minhas apreensões cresciam com o tempo, ao contrário da regra natural, sobretudo do que se observa com a sensação de medo entre os animais. Escravizara-me tanto ao terror que não me ocorriam senão imagens trágicas, mesmo depois de passado muito tempo. Cheguei, afinal, à conclusão de que se tratava de alguma criatura feroz, isto é, de selvagens vindos do continente fronteiro, que, saindo para o mar em canoas, foram arrastados pelas correntes ou pelos ventos contrários e vieram dar à ilha. Andaram, com certeza, pelo litoral, mas tornaram a embarcar, tão desejosos de permanecer naquele lugar desolado quanto eu de encontrá-los.

Dei-me, assim, por muito feliz de não estar nas cercanias por essa ocasião e de não terem encontrado meu barco. Senão, teriam sabido da existência de gente na ilha e talvez a tivessem procurado. Essa reflexão sobre o encontro do barco suscitou-me pensamentos terríveis. Se de fato o encontraram, com certeza voltariam em grande número e me devorariam. Mesmo que não o descobrissem, veriam meu abrigo, destruiriam todo o grão plantado, levariam o rebanho de cabras domésticas e eu ficaria condenado a morrer de fome.

O medo destruiu-me a fé religiosa. Toda a antiga confiança em Deus, fundada na prova maravilhosa que tivera de sua bondade, desvaneceu-se por completo. Como se ele, que me sustentara milagrosamente até então, não pudesse proteger o que sua misericórdia me concedera! Censurei-me pela facilidade com que resolvera semear apenas o grão suficiente para a próxima estação, esquecido de que um acidente qualquer pudesse me impedir de colhê-lo. Tomei o acontecido por uma justa condenação e decidi contar, para o futuro, com um estoque de grão para dois ou três anos, de modo que, o que quer que acontecesse, não correria o risco de morrer de fome.

Levei horas, dias ou, diria melhor, semanas e meses pensando no assunto. Lembro-me de que uma manhãzinha, estava deitado, muito inquieto, a cabeça cheia de pensamentos sobre o perigo de ser encontrado pelos selvagens, quando me vieram à mente aquelas palavras dos Evangelhos: “Recorrei a mim nos dias de aflição e eu vos livrarei e vós me glorificareis.”

Em meio a tantas reflexões e temores, ocorreu-me que tudo não passava de simples quimera e que a pegada podia ser de meu próprio pé, quando voltara à praia, vindo do barco. Isso me animou um pouco e comecei a persuadir-me de que tudo fora realmente uma ilusão e de que a marca na areia era a de meu pé. De fato, por que não poderia eu ter seguido aquele caminho ao regressar do barco, do mesmo modo que o seguira ao dirigir-me a ele? Não podia afirmar absolutamente por onde caminhara ou deixara de caminhar. Se a pegada era minha, não passava de um desses idiotas que se empenham em contar histórias de fantasmas e assombrações e acabam mais apavorados do que qualquer circunstante.

Comecei, então, a tomar coragem e a espreitar os arredores. Não saíra de meu “castelo” durante três dias e três noites, de modo que o alimento começou a faltar. Não tinha em casa senão alguns bolos de cevada e água. Lembrei-me, também, de que as cabras precisavam de ser ordenhadas, o que geralmente fazia à noitinha. Os pobres animais deviam estar sofrendo muito com os úberes cheios e muitas cabras, com certeza, estariam ameaçadas de não dar mais leite.

Assim, encorajado com a ideia de que a pegada era minha (e de que, portanto, fugira de minha própria sombra), comecei a sair de novo e fui à casa de campo ordenhar as cabras. Mas com que medo caminhei, quantas vezes olhei para trás, pronto, a qualquer momento, a largar o cesto e a correr para me salvar! Qualquer um que me visse havia de pensar que a consciência me condenava ou que eu passara recentemente por terrível susto. E assim fora realmente.

Entretanto, depois de ter ido lá uns dois ou três dias sem ver coisa alguma, comecei a ficar mais afoito e a convencer-me, de fato, de que tudo fora obra de minha imaginação. No entanto, não podia ficar completamente convencido enquanto não fosse à praia de novo e examinasse e medisse a pegada, para ver se seu tamanho coincidia com o de meu pé. Quando, afinal, resolvi ir até lá, pareceu-me evidente que, quando guardara o barco, não podia ter estado de nenhum modo naquele ponto da praia ou nas cercanias. Por outro lado, comparando meu pé com a pegada, verifiquei que ele era bem

menor. Esses dois fatos fizeram minha cabeça ferver de novo. Comecei a tremer de frio como se tivesse sezão e corri para casa, certo de que a ilha era habitada e que eu podia ser tomado de surpresa. Não sabia que medidas tomar para me defender.

Nessa agitação, fiquei acordado a noite inteira. Adormeci, porém, pela manhã, cansado e exausto de tanto pensar. Dormi profundamente e acordei muito mais tranquilo. Comecei a refletir com mais calma. Depois de muito pesar os prós e os contras, concluí que aquela ilha, tão aprazível e fértil — e não excessivamente distante do continente, como vira —, não estava de todo abandonada, conforme imaginara. Embora não houvesse uma população estabelecida, ali aportavam barcos vindos do continente, seja intencionalmente, seja porque trazidos por ventos contrários. Havia quinze anos que estava na ilha e, até então, jamais encontrara o mínimo vestígio de gente. Se outros homens já tinham estado nela, com certeza voltaram o mais cedo possível, achando o lugar impróprio para viverem.

Assim, o único perigo para mim devia estar no desembarque acidental de gente vinda do continente, provavelmente trazida por ventos contrários e que, portanto, chegava contra a vontade. Não se demorava por isso. Voltava o mais depressa possível e não passava, senão raramente, a noite na ilha, a fim de aproveitar a maré favorável e a luz do dia. O que tinha a fazer, pois, era arranjar um retiro seguro para a eventualidade de um desembarque de selvagens.

Arrependi-me amargamente por ter aumentado tanto a caverna e aberto, como disse, um caminho para fora, além do ponto de encontro da paliçada e da encosta rochosa. Refletindo maduramente sobre o caso, decidi fazer outra fortificação em semicírculo, a certa distância da estacada, bem onde, doze anos antes, plantara dupla fileira de árvores já mencionadas. Essas árvores estavam tão juntas entre si que eu precisava apenas fincar poucas estacas entre elas para reforçá-las ainda mais e completar a muralha. Fiquei, assim, com uma dupla muralha. Reforcei a de fora com toros de madeira, cabos velhos e tudo mais que servisse para esse fim. Eu a fiz com sete orifícios, de diâmetro suficiente para me permitir passar o braço. Levei terra da caverna para a base da muralha, até que ela ficou com cerca de dez pés de espessura, comprimindo-a com os pés. Coloquei mosquetes através dos orifícios — conforme relatei, salvara sete mosquetes do navio. Coloquei-os à maneira de canhões, arranjando dispositivos que os firmavam como carretas, o que me permitia disparar todos eles em dois minutos. A muralha custou-me um mês

de fadigas, mas não me senti seguro enquanto não a terminei.

Feito isso, enterrei, por fora da muralha, até boa distância, a maior quantidade possível de paus ou estacas, cortados da árvore parecida com o vimeiro. Penso que finquei cerca de vinte mil estacas, deixando regular espaço entre elas e a muralha a fim de que eu pudesse ver os inimigos e eles não encontrassem abrigos por trás das árvores, caso se aproximassem. Dois anos depois já havia um pequeno bosque e, passados cinco anos, ele tinha se transformado em uma mata tão espantosamente densa que era de fato intransponível. Ninguém poderia imaginar que existisse alguma coisa por trás dela, quanto mais uma habitação. O meio que arquitetei para entrar e sair (não deixara nenhuma passagem) foi usar duas escadas: a primeira até uma reentrância baixa da encosta, onde podia colocar a segunda. Desse modo, uma vez retiradas as escadas, ninguém poderia chegar até mim sem correr o risco de se ferir. E, mesmo que o fizesse, estaria ainda por fora da muralha externa.

Tomei, assim, todas as medidas que a prudência aconselhava para defender minha existência. Mais tarde será visto que havia algum motivo para isso, embora não tivesse, então, motivos senão sugeridos pelo medo.

Enquanto isso, não me descuidava inteiramente das outras coisas. Preocupava-me muito com meu pequeno rebanho de cabras. Não só me garantiam alimento em qualquer ocasião, começando, mesmo, a tornar desnecessário o uso da pólvora e do chumbo, como me poupavam as fadigas da caça. Não queria absolutamente perdê-las e ser obrigado a fazer nova criação. Depois de refletir muito, só pude conceber dois meios de preservar o rebanho. Um era encontrar um lugar conveniente para cavar um subterrâneo e levá-lo para lá toda noite. Outro era cercar duas ou três pequenas áreas, distantes entre si e tanto quanto possível escondidas, de modo que eu pudesse, em cada uma, guardar uns seis cabritos. Assim, caso acontecesse algo ao grosso do rebanho, poderia continuar a criação sem muita dificuldade. Embora o último meio exigisse tempo e trabalho, pareceu-me o mais racional.

Levei um tempo procurando sítios bem escondidos. Acabei encontrando um que me satisfazia completamente. Era um terreno pequeno e úmido, colocado no centro de densa mataria, onde, como relatei antes, quase me perdera de uma feita, procurando voltar para casa da costa oriental da ilha. Era uma clareira de cerca de três acres, toda envolvida pela floresta, de modo que quase constituía um cercado natural. Não exigiu tanto trabalho quanto o

que tive na construção de outros cercados. Comecei logo a trabalhar e, em menos de um mês, já completara a cerca, de modo que meu gado, ou como quiserem chamar, aliás já muito mais dócil do que se poderia supor, ficou bem resguardado. Levei imediatamente para lá doze cabras e dois bodes. Continuei, depois, a aperfeiçoar a cerca, até que ficou tão segura quanto as outras, construídas, no entanto, com mais vagar e em prazo muito maior.

Toda essa lida resultou do medo causado pela pegada de um homem na areia. Embora nunca tivesse visto um só homem na ilha, já vivia dois anos nesse desassossego. A vida se tornou muito mais amarga para mim, como bem podem imaginar os que sabem o que é viver em constante sobressalto.

Mas, continuando, depois de proteger assim uma parte do rebanho, explorei a ilha inteira em busca de outro sítio retirado para fazer o mesmo. Por essa ocasião, atingi o ponto mais próximo da extremidade da ilha em que já estivera. Olhando para o mar, pareceu-me ver um barco a grande distância. Tinha encontrado no navio um ou dois óculos de alcance num baú de marinheiro. Não trazia nenhum, porém. E o que via estava tão longe que não era capaz de distinguir bem, apesar do esforço feito. Não podia dizer se se tratava de um barco ou não. Depois que descí a colina, não vi mais nada e acabei desistindo, embora decidido a não sair mais sem um óculo de alcance.

Ao descer essa colina, numa das extremidades da ilha, onde realmente nunca estivera, já estava convencido de que a descoberta de uma pegada humana não era um fato tão extraordinário como tinha pensado. Ao contrário, fora a Providência misericordiosa que me colocara no lado do litoral que os selvagens jamais visitavam. Senão, teria sabido logo que nada era mais comum do que a chegada, a esse lado da costa, de canoas procedentes do continente, que ali aportavam em busca de abrigo, quando saíam muito para o largo. Por outro lado, como era frequente os selvagens combaterem em canoas, os vencedores, fazendo prisioneiros, levavam-nos para o litoral da ilha, onde, como canibais que são, os matavam e devoravam. Trataremos disso mais tarde.

Ao descer a colina, situada na ponta sudoeste da ilha, como disse, sofri um choque terrível. Não me é possível descrever o horror que senti ao topar, espalhados pela praia, crânios e ossos das mãos, dos pés e de outras partes do corpo humano. Encontrei, além disso, um lugar onde fizeram uma fogueira e um círculo cavado na terra, como que uma plateia, onde os selvagens se sentavam para se banquetear com a carne de seus semelhantes.

Foi tal meu espanto à vista dessas coisas que durante bastante tempo não

tive nenhuma ideia de perigo. Fiquei completamente absorto a pensar naquela orgia de bestial e diabólica crueldade e nos horrores da degenerescência humana. Embora já tivesse ouvido falar no fato muitas vezes, nunca estivera tão perto de presenciá-lo. Cheio de náuseas, voltei o rosto para fugir àquele terrível espetáculo. Estava a ponto de desfalecer quando me pus a vomitar violentamente. Fiquei um tanto aliviado, mas não consegui permanecer mais no local um só minuto. Subi de novo a colina, o mais depressa possível, e dirigi-me para casa.

Logo que me afastei um pouco daquela parte da ilha, parei por um momento, como que assombrado. Voltando a mim, olhei para o céu com entusiasmo e, com os olhos rasos d'água, dei graças a Deus por me ter feito nascer numa parte do mundo onde não me misturava àquelas terríveis criaturas. Embora minha sorte fosse, então, bem desgraçada, ainda assim gozava de tanto conforto que tinha mais motivos de agradecimento do que de queixa. Acima de tudo, apesar de colocado em circunstâncias tão miseráveis, tinha o consolo de conhecê-lo e a esperança de sua misericórdia. E isso era uma felicidade tão grande que superava todos os infortúnios que sofrera ou podia vir a sofrer.

Voltei para casa tocado por esse profundo sentimento de gratidão. Comecei, então, a sentir-me muito menos preocupado com os perigos que me cercavam. Observei, com efeito, que aqueles miseráveis nunca aportavam à ilha em busca do que quer que fosse. Não procuravam nem mesmo talvez desejavam ou esperavam encontrar qualquer coisa ali. Sem dúvida, tinham estado muitas vezes lá pela parte florestal da ilha sem encontrar nada que lhes servisse. Havia quase dezoito anos que estava na ilha e nunca vira, antes, uma pegada humana. E podia viver mais dezoito anos, completamente escondido, desde que não aparecesse diante deles. Sobre isso nada tinha a temer, pois o que me competia era manter-me escondido como estava, a não ser que encontrasse gente melhor que aqueles canibais e pudesse dar-me a conhecer.

Entretanto, tomei tamanho horror àqueles selvagens infames e ao miserável e inumano costume de devorar carne humana que, depois disso, passei quase dois anos pensativo e triste, dentro de meus domínios. Quando digo “meus domínios”, refiro-me às três plantações, isto é, minha habitação principal, a casa de campo (que chamava de “choupana”) e o cercado no interior da mata, aonde ia apenas por causa das cabras. Ganhei tal aversão àquelas criaturas infernais que temia vê-las como se teme ver o próprio diabo. Tampouco me dispus a ir examinar meu barco durante todo esse tempo, nem

pensei em fazer mais qualquer tentativa de trazer o antigo, dando volta à ilha. Tinha medo de ir de encontro aos selvagens em pleno mar. Se lhes caísse às mãos, sabia muito bem qual seria meu destino.

Com o tempo, entretanto, a certeza de que não corria nenhum risco de ser descoberto por eles começou a apagar a preocupação que sentia. Recomecei a mesma vida metódica de antes, com a diferença de que me tornara mais cauteloso. Mantinha-me mais atento ao que ocorria ao meu redor, receoso de ser visto por eles. Usava, sobretudo, de muita prudência para atirar com a espingarda, com medo de ser ouvido caso estivessem na ilha. Fora uma ideia feliz criar um rebanho de cabras domesticadas, pois não tinha necessidade de ir caçar na floresta ou de alvejá-las. E se, depois disso, apanhei mais alguma, consegui-o por meio de laços ou armadilhas, como já fizera antes. Dessa maneira, acredito que, durante esses dois anos, não dei um só tiro, embora nunca saísse sem a espingarda. Melhor ainda, jamais deixava de levar comigo as três pistolas, que salvara do navio, ou pelo menos duas, fincando-as sob meu cinturão de pele de cabra. Afiei também um dos cutelos que apanhara no navio, fazendo um cinturão próprio para ele. Tornei-me, assim, um inimigo formidável, sobretudo se acrescentar à descrição acima, além das duas pistolas, um espadagão que me pendia nu da ilharga.

As coisas continuaram assim por algum tempo, e parecia, como disse, excetuadas as precauções referidas, ter voltado à antiga e tranquila maneira de viver. Tudo tendia a demonstrar que minha sorte estava longe de ser desgraçada, em comparação com a de outros, ou, ainda, com a sina que a Deus bem podia aprazer reservar-me. Isso me fez pensar que muito pouco haviam os homens de se queixar do destino, qualquer que ele fosse, se o comparassem com outros piores. Seriam, assim, gratos e não se poriam em confronto com homens em melhor situação, o que só faz aumentar-lhes os resmungos e as queixas.

Não sentia, então, necessidade de muita coisa, e isso levou-me a pensar que o medo causado pelos infames selvagens e a preocupação com a minha vida tinham embotado o meu espírito inventivo. Abandonei, assim, um plano interessante sobre o qual já meditara uma vez e que consistia em secar convenientemente a cevada para fabricar cerveja. A ideia era extravagante e censurava-me, muitas vezes, por me mostrar tão cândido em alimentá-la. Precisaria de muitas coisas para fazer cerveja e para mim seria impossível obtê-las. Em primeiro lugar, teria de fazer tonéis para guardá-la, o que, como já disse, jamais conseguira, embora gastasse na tentativa dias, semanas ou até

meses, e tudo em pura perda. Em segundo lugar, não tinha lúpulo para impedir que a cerveja estragasse, nem lêvedo para a fermentação, nem caldeirão para fervê-la. Apesar de tudo, não fosse o acontecido, isto é, os sustos e o medo causados pela descoberta dos selvagens, teria atacado o plano e talvez conseguido levá-lo a bom termo. De fato, quando algum projeto se metia na minha cabeça, raramente o abandonava antes de pô-lo em execução.

Entretanto, minha cabeça andava perdida por outros rumos. Não pensava em outra coisa, dia e noite, senão na maneira de exterminar alguns daqueles monstros, quando empenhados no festim sangrento, e em salvar a vítima, se possível, das mãos de seus algozes. Precisaria de um volume maior do que este livro para descrever todos os projetos que cogitei e acalentei para destruir os selvagens ou, pelo menos, para aterrorizá-los tanto que não voltassem mais à ilha. Todos, porém, abortaram. Não era possível fazer nada, a não ser que eu mesmo fizesse tudo. Ora, que poderia um homem só no meio deles, talvez uns vinte ou trinta, todos armados de lanças, arcos e flechas, que eram capazes de arremessar com pontaria igual à minha, usando a espingarda?

Cheguei, por vezes, a pensar em abrir um buraco no lugar onde costumavam fazer a fogueira, enchendo-o com cinco ou seis libras de pólvora, a fim de que explodisse ao acenderem o fogo, destruindo tudo por perto. Mas precisava de muita parcimônia no gasto da pólvora, pois tudo que tinha era um barril. Não podia ter a certeza de que explodiria no momento adequado, tomando-os de surpresa. Talvez não fizesse mais do que o efeito do estrondo, espantando-os, sem, contudo, obrigá-los a abandonar a ilha. Afastei, assim, o projeto e resolvi pôr-me de emboscada em algum ponto apropriado, com todas as minhas três espingardas com carga dupla. Eu os alvejaria no meio do ritual sangrento, quando estivesse seguro de, provavelmente, matar ou ferir dois ou três a cada tiro. Depois cairia sobre eles com minhas três pistolas e a espada. Não tinha nenhuma dúvida de que, fossem eles vinte, os mataria a todos. Acalentei durante algumas semanas esses pensamentos, e tanto que cheguei a sonhar com isso, indo mesmo, às vezes, até o momento de fazer fogo contra eles.

Estava tão indignado que levei vários dias procurando lugares adequados para me pôr de emboscada. Ia frequentemente ao sítio dos festins, com o qual fui me familiarizando, sobretudo quando estava cheio desses pensamentos de vingança e imaginava passar vinte ou trinta a fio de espada. Entretanto, o horror que tinha ao lugar e aos vestígios de canibalismo

afrouxaram-me as intenções homicidas.

Ora, acabei encontrando um lugar na encosta da colina onde podia espreitar, em segurança, a aproximação dos barcos. Eu me esconderia, então, antes que chegassem à praia, entre as árvores, numa das quais havia um oco grande o bastante para me conter inteiro. Daí lhes assistiria às práticas sangrentas e faria pontaria certa para a cabeça deles quando estivessem bem perto, de modo que não pudesse errar o tiro ou deixar de ferir, pelo menos, três ou quatro à primeira descarga.

Resolvi, portanto, executar meu plano desse lugar, preparando, para esse fim, dois mosquetes e a minha espingarda de caça. Carreguei cada mosquete com dois balázios e quatro ou cinco balas menores, mais ou menos do tamanho das balas de pistola. A espingarda de caça, carreguei-a com um punhado de chumbo de caça do mais grosso. Isso feito, bem municiado para mais uma ou duas descargas, preparei-me para o ataque.

Estabelecido, assim, o plano e executado na minha imaginação, comecei a ir, todas as manhãs, ao topo da colina, cerca de três ou quatro milhas de meu “castelo”, como o chamava. Aí me punha à espreita, esperando descobrir qualquer barco que se aproximasse da ilha. Entretanto, depois de dois ou três meses de vigilância contínua, comecei a fatigar-me. Voltava sempre sem ter descoberto nada, nem mesmo sinal dos selvagens, na costa como no mar, tanto quanto me permitiam ver meus olhos e o óculo de alcance.

Enquanto fui todos os dias à colina, à espreita, mantive inabalável a resolução de executar o plano. Durante todo esse tempo, minha consciência parecia perfeitamente à vontade diante da criminosa perspectiva de matar vinte ou trinta selvagens nus. Não meditara sobre o significado desse crime, levado pela cólera que o costume inumano daquela gente me atizara. Poderia se dizer que a Providência, na sua alta sabedoria, os condenara a ter por guia único as próprias paixões viciosas. Por isso, abandonavam-se — e assim o vinham fazendo, com certeza, por muito tempo — à prática de atos tão horríveis, adquirindo apavorantes costumes a que só podiam ser levados pela completa falta de inspiração divina e pelo impulso de uma degenerescência diabólica. Mas, como disse, comecei a cansar-me daquelas excursões infrutíferas de todas as manhãs, e, com isso, foi-se modificando a minha maneira de pensar. Refletindo mais friamente, pus-me a meditar no que, de fato, ia fazer. Que autoridade tinha eu para me arvorar em juiz e executor daqueles homens, a quem Deus permitira viver impunes por tanto tempo e justificar-se mutuamente, como se justificavam? Além disso, que mal eles

tinham me feito, que direito me cabia de imiscuir-me em suas disputas sangrentas? Perguntei-me muitas vezes, então:

— Como posso saber dos desígnios de Deus neste caso? Não têm, sem dúvida, consciência alguma do crime. Não compreenderiam a reprovação ou a censura. Não sabem que estão cometendo um crime, nem, portanto, desafiam a justiça divina, como quase sempre fazemos quando pecamos. Para eles, é a mesma coisa matar um prisioneiro de guerra ou um boi, comer carne humana ou carne de carneiro.

Concluí, depois de todas essas considerações, que estava errado. Aqueles selvagens não eram assassinos no sentido que lhes atribuí, da mesma maneira que o não eram os cristãos que tantas vezes mataram os prisioneiros capturados em combate ou que passaram tropas inteiras a fio de espada, sem lhes dar quartel, embora tivessem deposto as armas.

Por outro lado, embora se tratassem com tanta crueldade, não tinham me feito nada. Não me causaram mal algum e, caso o tentassem, ou se a minha segurança assim o exigisse, poderia, então, tomar alguma providência. Estava, porém, fora do alcance dos selvagens, que desconheciam a minha presença e não alimentavam, portanto, quaisquer desígnios contra mim. Não era justo, pois, que os atacasse. Se o fizesse, legitimaria a conduta dos espanhóis e as barbaridades que praticaram na América, onde aniquilaram milhões de indígenas. Embora idólatras, bárbaros e seguidores de ritos sangrentos, como, por exemplo, o de sacrificar corpos humanos a seus ídolos, eram perfeitamente inocentes em confronto com os espanhóis. Varrê-los da terra era coisa que provocava, então, a mais profunda repugnância a todos os países cristãos da Europa, e mesmo a espanhóis. Era uma carnificina, um cruel e desumano banho de sangue, sem nenhuma justificativa perante Deus e os homens. Daí porque o próprio nome de um espanhol é tão terrível e amedrontador para qualquer povo humano capaz de sentir compaixão. Pode-se dizer que o Reino de Espanha se notabiliza, sobretudo, por ter um povo cruel, sem misericórdia para com o desgraçado, misericórdia que é a marca das almas generosas.

Essas reflexões levaram-me a uma trégua e mesmo a uma interrupção mais ou menos completa na execução do plano. Abandonei-o pouco a pouco, convencido de que tomara uma resolução errada e de que não me devia intrometer com os selvagens, a não ser que me atacassem. Quanto a isso, o que me cabia era evitar o ataque na medida do possível. Caso, porém, fosse descoberto e atacado, saberia então o que fazer.

Por outro lado, refleti que atacá-los era o caminho seguro de meu aniquilamento e não de minha salvação. Se, com efeito, não pudesse matar todos os que se encontrassem na ilha em dado momento ou que viessem à ilha no futuro, se um apenas escapasse e fosse contar a seu povo o que acontecera, era certo que chegariam aos milhares para vingar a morte dos companheiros. Assim eu só teria, portanto, provocado a minha ruína.

Concluí, em suma, que, quer do ponto de vista moral, quer do ponto de vista prático, não devia, de modo algum, meter-me nesse assunto. O que me cabia era esconder-me deles de todas as maneiras possíveis, cuidando de não deixar o menor rastro que lhes pudesse indicar a existência, na ilha, de uma criatura humana. A religião reforçou-me a prudência, pois já estava completamente convencido de meu erro em planejar a destruição daquelas inocentes criaturas, quer dizer, inocentes com relação à minha pessoa. Quanto aos crimes que cometiam entre si, não tinha nada com isso. Eram crimes de todo um povo, e Deus que os julgasse, Deus que é o mentor dos povos e sabe como retribuir, com justiça, aos crimes de uma nação.

Continuei nessa disposição de espírito por mais um ano. Tão longe estava de qualquer desejo de atacar os selvagens que, em todo esse tempo, nunca subi à colina para ver se se aproximavam ou se havia rastros deles pela costa. Assim, não seria tentado a executar meus antigos planos nem induzido a alvejá-los caso se apresentasse uma oportunidade vantajosa. A única coisa que fiz foi levar o barco, que estava do outro lado da costa, para a extremidade oriental da ilha, onde encontrei uma pequena caverna sob altos penedos, lugar ao qual sabia que, devido as correntes, os selvagens não ousariam ir, fosse para que fosse.

Levei, no barco, tudo que lhe dizia respeito, embora não necessário para aquela simples mudança de lugar. Levei, assim, um mastro e uma vela, que fizera especialmente para o barco, além de algo parecido com uma âncora, ou arpéu, a melhor coisa que, no gênero, consegui fabricar. Carreguei com tudo, a fim de não deixar o menor vestígio da existência de um barco ou de um homem na ilha.

Além disso, mantive-me, como acentuei, mais retraído do que nunca. Raramente saía de casa, a não ser para fins úteis, como, por exemplo, para ordenhar as cabras ou levar meu pequeno rebanho à floresta, que, situada na outra parte da ilha, ficava completamente fora da zona de perigo. Com efeito, os selvagens, que, por vezes, visitavam a ilha, nunca vinham com a intenção de obter qualquer coisa e, por isso, nunca se afastavam da costa. Imagino

mesmo que estiveram na ilha várias vezes depois que o medo me tornara prudente do mesmo modo que antes. Era com certo pavor que pensava no que me teria acontecido caso tivesse caído sobre eles ou fosse descoberto ao passear, nu e desarmado, a não ser por uma espingarda, e, assim mesmo, carregada com chumbo miúdo. Andava por toda parte, a esquadrihar a ilha, a conseguir tudo que podia, e que surpresa não seria a minha se, em vez de uma pegada humana, encontrasse quinze ou vinte selvagens, e se eles corressem atrás de mim, velozes, sem me darem qualquer possibilidade de fuga!

Havia momentos em que me sentia desfalecer só em pensar nisso. Ficava tão desmoralizado que dificilmente recobrava o ânimo. Confesso que essas ansiedades e perigos puseram fim ao meu engenho inventivo e aos planos que traçara para uma vida mais cômoda. Preocupava-me, então, mais com a minha segurança do que com a minha subsistência. Não batia um só prego, nem rachava um único pedaço de madeira, com medo de que o barulho pudesse ser ouvido. Muito menos ousava disparar a espingarda. Tinha, sobretudo, um medo horrível de acender fogueiras, pois a fumaça, visível a grande distância durante o dia, poderia trair-me. Transferi, por isso, todo o trabalho que exigisse o uso do fogo, como, por exemplo, a fabricação de panelas de barro, cachimbos etc., para meu novo alojamento no meio da floresta. Aí, depois de algum tempo, descobri, com indizível alívio, uma caverna natural, bastante grande, onde — posso assegurá-lo — nenhum selvagem, nem mesmo qualquer outro homem ousaria penetrar se não desejasse unicamente, como eu, um retiro seguro.

A entrada dessa caverna ficava na base de um grande rochedo, onde, casualmente (como teria dito, se não tivesse, então, razões bastantes para atribuir tudo à Providência), eu estava derrubando alguns galhos de árvore bem grossos para fazer carvão. Antes de prosseguir, devo explicar por que queria carvão.

Como disse antes, tinha medo de fazer fumaça perto de casa. Mas não podia viver aí sem fazer pão, cozinhar etc., de modo que imaginei queimar lenha debaixo de um manto de relva, como vira fazer na Inglaterra, até transformá-la em carvão. Depois, uma vez extinta a fogueira, guardava o carvão a fim de transportá-lo para casa. Fiquei, assim, apto a fazer todo trabalho que exigisse fogo sem o perigo de fazer fumaça.

Fechemos o parêntese. Enquanto derrubava os galhos, como disse, percebi que, por trás de uma moita espessa havia uma espécie de buraco. Tive

a curiosidade de ver o que era. Depois de chegar até lá, com dificuldade, verifiquei que era bastante largo, o suficiente para me permitir ficar de pé e, talvez, a mais uma pessoa. Devo, porém, confessar que me apressei mais a sair do que a entrar. Ao mergulhar a vista naquele buraco, vi dois grandes olhos fulgirem na completa escuridão, olhos não sei se de homem ou de demônio, mas brilhantes como estrelas.

Recobrei-me do susto após alguns momentos e considerei-me um perfeito idiota. Disse para mim mesmo que quem tinha medo de ver o diabo não poderia ter vivido vinte anos, isolado, numa ilha. E o que quer que existisse na caverna não podia ser mais amedrontador que eu próprio. Depois de assim reanimar-me, peguei de um tição aceso e tornei a entrar na caverna. Ainda não dera três passos e de novo assaltou-me o mesmo pavor de antes. Ouvi, então, um suspiro muito baixo, como o de um homem que sentisse alguma dor. Seguiu-se um ruído entrecortado, como que pedaços de palavras, e, depois, novo e profundo suspiro. Recuei, tomado de tamanho susto que me fez suar frio. Se tivesse um chapéu na cabeça, acho que meus cabelos o teriam levantado e feito cair. Reanimando-me mais uma vez, como pude, encorajado um pouco com a ideia de que o poder e a presença de Deus estavam em toda parte e podiam proteger-me, avancei de novo, à luz do tição, que mantinha um pouco acima da cabeça. Vi então, por terra, um velho bode de tamanho monstruoso, já fazendo o testamento, como se diz, estrebuchando, morrendo de pura velhice.

Empurrei-o um pouco, a ver se era possível levá-lo para fora. Quis levantar-se, mas não conseguiu. Pensei logo comigo que ele podia mesmo ficar ali. Amedrontara-me tanto que, de certo, amedrontaria qualquer selvagem que tivesse a audácia de penetrar naquele antro, enquanto estivesse vivo.

Já refeito da surpresa, comecei a olhar em torno. Verifiquei que a caverna era muito pequena. Podia medir pouco mais de doze pés, mas não tinha forma definida, nem redonda ou quadrada, pois era obra da natureza e não do homem. Observei, também, que havia um buraco na parte mais interior da caverna, o qual como que a continuava. Era, porém, tão baixo que precisava me arrastar para penetrar nele. Não sabia aonde ia ter. Sem vela no momento, desisti de ir adiante, resolvido a voltar no dia seguinte, provido de velas e de uma pederneira, que fizera com o fecho de um dos mosquetes, em cujo buraco punha um pouco de pólvora fina.

Voltei, assim, no dia seguinte, provido de seis velas de meu próprio

fabrico (fazia-as, então, muito boas, com sebo de cabra). Penetrei no buraco e fui obrigado, como já disse, a andar de rojo cerca de dez jardas. Considerava isso, aliás, uma ação temerária, pois não sabia até onde ia a passagem, nem o que ficava além. Depois de atravessar essa parte mais estreita, vi que o teto subia cerca de trinta pés. Jamais — posso afirmá-lo — um quadro tão maravilhoso foi admirado naquela ilha como quando olhei as paredes e o teto da caverna. As paredes refletiam milhares de vezes as chamas das duas velas. O que nelas se incrustava, se diamantes, se outras pedras preciosas, se ouro — o que me parece mais provável — não podia dizer.

Entrara na mais esplêndida das cavernas ou grutas, embora de uma escuridão absoluta. O chão era seco e plano, coberto de areia fina. Não havia animais nojentos ou venenosos. As paredes e o teto não eram úmidos. A única dificuldade estava na entrada, mas considerei isso uma vantagem, pois o que queria era um retiro seguro. Fiquei, por isso, muito alegre com a descoberta e resolvi trazer imediatamente, para ali, as coisas cuja conservação mais me preocupava, isto é, duas espingardas de caça (tinha três, ao todo) e três mosquetes (dos quais tinha oito). Assim, ficaram cinco no meu “castelo”, todos carregados e colocados, à guisa de canhões, através da estacada exterior, prontos a repelir qualquer incursão.

Quando procedia ao transporte das armas, tive a ocasião de abrir o barril de pólvora que apanhara na praia, cujo conteúdo estava molhado. Verifiquei que a água penetrara cerca de três ou quatro polegadas, de modo que a pólvora molhada, endurecendo, preservara a restante, assim como uma amêndoa é protegida pela casca. Encontrei, dessarte, perto de sessenta libras de ótima pólvora no centro do barril. A descoberta foi-me, então, muito agradável. Levei-a logo para a gruta, nunca deixando no “castelo” mais de duas ou três libras, com medo de alguma surpresa. Transporte-i, igualmente, todo o chumbo para balas que me restava.

Imaginava-me, então, um daqueles gigantes da Antiguidade, de quem se diz terem vivido em cavernas e buracos nas rochas, onde ninguém podia penetrar. Estava, realmente, persuadido de que, ainda que fosse caçado por quinhentos selvagens, nunca seria descoberto na caverna, ou, se o fosse, não se aventurariam a atacar-me.

O velho bode, que encontrara agonizante, morreu à entrada da caverna no dia imediato ao da descoberta. Achei melhor cavar uma grande cova no local e enterrá-lo do que arrastá-lo para fora. Procedi, assim, ao enterramento, para prevenir o mau cheiro.

Havia, então, 23 anos que me encontrava na ilha. Já estava tão acostumado ao lugar e àquela vida que, pudesse ter a certeza de que os selvagens não me atacariam, me resignaria, feliz, a viver ali o resto dos meus dias, até o último momento, até deitar-me e morrer, como o velho bode na caverna. Já arranjara, mesmo, algumas distrações, que faziam o tempo passar muito mais agradavelmente. Como já disse antes, ensinara o meu louro a falar. Fazia-o com tal familiaridade, de maneira tão articulada e clara, que me dava grande prazer. Viveu 26 anos em minha companhia. Até quando poderia ainda ter vivido depois disso não sei. Sei, entretanto que, no Brasil, é noção corrente que os papagaios vivem cem anos. Talvez o pobre louro ainda esteja vivo por lá, chamando pelo desgraçado Robinson Crusoé até hoje. Não desejo a nenhum inglês a infelicidade de aparecer por lá e ouvi-lo. Mas, se isso acontecer, há de, com certeza, julgar estar ouvindo o diabo. Meu cão foi-me um companheiro agradável e afetuoso durante dezesseis anos, pelo menos. Morreu de velhice. Quanto aos gatos, multiplicaram-se tanto, como já disse, que fui obrigado a matar vários para impedir que me devorassem tudo o que tinha. Depois que morreram as duas gatas vindas do navio, e que eu comecei a espantá-los constantemente, impedindo que me comessem as provisões, acabaram ficando selvagens. Excetuaram-se dois ou três, que domestiquei, cujos filhotes eu afogava sistematicamente. Além disso, tinha sempre comigo dois ou três cabritos mansos, que aprenderam a comer de minha mão. Possuía, ainda, outros papagaios, que falavam regularmente e sabiam chamar Robinson Crusoé, embora não se comparassem ao primeiro. É verdade que não lhes tinha dedicado tantos esforços. Tinha, além disso, várias aves marinhas domesticadas, cujos nomes desconheço, que capturadas na costa, cortava-lhes as asas. As pequenas estacas que fincara em frente à paliçada primitiva haviam brotado, transformando-se em espessa muralha vegetal. Aí viviam e procriavam essas aves, que me davam grande prazer. Dessa maneira, como acentuei anteriormente, eu me sentiria muito contente com a vida se estivesse livre da ameaça dos selvagens.

Mas assim não tinha de ser. Bom é que os leitores desta história extraiam a justa observação de que, no curso da vida, o mal que mais procuramos evitar, e que nos parece tão horrível, é, muitas vezes, o caminho de nossa libertação, o único que nos pode tirar da desgraça em que caímos. Poderia dar muitos exemplos desse fato no decurso de minha inconcebível existência. Nenhum, porém, é mais notável que o oferecido pelos meus dois últimos anos de estada na ilha.

Era, então, o mês de dezembro, durante o vigésimo terceiro ano dessa estada, como disse. Estávamos no solstício do sul — pois não podia chamá-lo de solstício do inverno — e era, portanto, o tempo da colheita. Precisava passar boa parte do tempo nos campos. De uma feita, tendo saído bem cedo, pois o dia ainda não raiara completamente, tive a surpresa de ver o clarão de uma fogueira na costa, a cerca de duas milhas de distância, na direção da extremidade da ilha em que já notara sinais da presença de selvagens. Dessa vez, entretanto, não era da outra banda, mas, para minha grande angústia, do mesmo lado em que vivia.

Tive um choque tremendo e voltei imediatamente, para proteger-me por trás das muralhas. Não ousei mais sair, com medo de ser visto. Mas nem por isso sosseguei, apreensivo com a possibilidade de os selvagens toparem com as plantações ou com o produto da ceifa, ou qualquer das minhas obras. Concluiriam na mesma hora haver gente na ilha e não descansariam enquanto não me desencavassem. Nessa emergência, voltei logo para meu “castelo”, puxei a escada depois de mim, tendo deixado as coisas, lá fora, com a aparência mais agreste e natural possível.

Preparei-me, então, para a defesa. Carreguei todos os canhões, como os chamava, isto é, os mosquetes que montara na paliçada exterior, bem como todas as pistolas. Resolvido a defender-me até o último alento, não me esqueci de rogar a Deus que me protegesse e livrasse das mãos dos bárbaros. Nessa disposição, permaneci duas horas. Comecei, porém, a impacientar-me, ansioso por ir ver o que se passava, pois não contava com espiões.

Depois de ficar nessa situação algum tempo, cogitando o que devia fazer, não pude mais continuar na ignorância do que sucedia. Encostei a escada no flanco do monte no trecho em que havia como que uma plataforma, referida antes, e, depois de subir, puxei a escada e encostei-a de novo. Consegui, assim, escalar o cimo do monte. Armei, então, a minha luneta, que trouxera de propósito, e estirei-me no chão, para examinar o sítio da fogueira. Vi que havia pelo menos nove selvagens nus, sentados em torno de pequena fogueira, que servia não para aquecê-los, pois o tempo estava muito quente, mas, segundo supunha, para preparar um de seus bárbaros banquetes de carne humana. Se a tinham trazido viva ou morta, não podia dizer.

Tinham duas canoas, que puxaram para a praia. A maré estava, então, na vazante, e a mim me pareceu que esperavam a cheia para irem embora. É difícil dar uma ideia da minha aflição ao vê-los naquele lado da ilha, tão perto

de mim. Quando, porém, percebi que deviam chegar sempre com a vazante, comecei a ficar mais sossegado, pois podia sair com segurança durante a preamar, desde que já não estivessem na praia. Sabendo disso, saí para fazer a colheita mais tranquilo.

Aconteceu o que esperava. Logo que o fluxo da maré tomou a direção oeste, embarcaram todos e remaram para fora. Devia ter dito que, antes de deixarem a ilha, dançaram durante uma hora ou mais. Podia divisar, facilmente, os gestos e as poses dos dançarinos. Não conseguia, porém, por mais que me esforçasse, afirmar se, além de estarem completamente nus, eram homens ou mulheres.

Assim que embarcaram e foram embora, saí com duas espingardas sobre os ombros, duas pistolas à cinta e o espadão nu pendente do lado. Fui o mais depressa que pude à colina de onde divisara pela primeira vez os sinais da presença dos selvagens. Lá chegando, o que me custou duas horas de caminhada (pois não podia andar depressa, de tão carregado), verifiquei que mais três canoas tinham estado ali. Olhando mais ao longe, vi todas as canoas no mar, rumando para o largo.

Fiquei apavorado com o que vi, máxime quando fui à praia e contemplei os horríveis vestígios que deixaram, isto é, sangue, ossos e pedaços de carne humana, devorada com alegria por aqueles miseráveis. Indignei-me tanto que me pus a planejar o aniquilamento dos que viesse a ver mais tarde, qualquer que fosse o seu número.

Parecia-me evidente que não vinham à ilha muito amiúde. De fato, passaram-se quinze meses antes de voltarem. Durante todo esse tempo, não os vi nem encontrei vestígios ou pegadas de espécie alguma. Verifiquei também que não vinham com a estação chuvosa. Entretanto, vivi sempre apreensivo durante esse período, receoso de ser apanhado de surpresa.

Só os vi novamente depois de um ano e três meses. No mês de maio, segundo meus melhores cálculos, no transcurso do vigésimo quarto ano de minha estada na ilha, encontrei-os de maneira muito singular, como relatarei em tempo.

Senti-me profundamente perturbado durante esse intervalo de quinze ou dezesseis meses. As apreensões agitavam-me durante o dia e, à noite, sonhava, muitas vezes, com o aniquilamento dos selvagens, discutindo as razões que justificavam o ato. Mas deixemos isso de lado no momento. Estávamos em meados de maio, julgo que no dia 16. Violento vendaval desabou sobre a ilha e soprou o dia inteiro, acompanhado de relâmpagos e

trovões. A noite decorreu tempestuosa. Não sei exatamente quando isso aconteceu, mas, estando lendo a Bíblia, absorto em graves pensamentos sobre minha situação, ouvi, surpreso, o estampido de um canhão, vindo, ao que parecia, do mar.

A sensação que me assaltou foi de natureza muito diferente das anteriores, pois logo me ocorreram pensamentos de outro gênero. Corri o mais depressa que pude e, num fechar de olhos, levei a escada para a plataforma, na encosta rochosa, e, subindo de novo, cheguei ao alto da colina. Nesse momento vi um clarão e esperei por um segundo estampido. Ouvi-o, realmente, meio minuto depois. Percebi, pelo som, que vinha daquela parte do oceano para onde as correntes arrastaram meu barco.

Pensei logo em algum navio em perigo, acompanhado de outro, companheiro de viagem ou não, os quais teriam dado os tiros de peça para pedirem socorro. Tive, então, bastante presença de espírito para refletir que, embora não pudesse socorrê-los, talvez me pudessem valer a mim. Reuni, por isso, toda a lenha seca que tinha à mão e, fazendo uma boa pilha, ateei-lhe fogo, no alto da colina. A lenha estava seca e ardeu facilmente. Embora estivesse ventando muito, as chamas cresceram bastante, de modo que, se houvesse, de fato, um navio pelas cercanias, não podia deixar de vê-las. E viram-nas, sem dúvida, pois, assim que o fogaréu cresceu, ouvi mais um tiro e, em seguida, vários outros, vindos da mesma direção. Alimentei a fogueira toda a noite, até a manhã seguinte. Quando o dia despontou completamente e a atmosfera clareou, vi, a grande distância, no mar, bem a leste da ilha, algo como um veleiro ou um casco de navio. Não poderia afirmar com certeza com a luneta que tinha e a tão grande distância. Além disso, o tempo ainda estava um pouco enevoado, pelo menos ao largo.

Vigiei perseverantemente o mesmo ponto o dia inteiro. Verifiquei logo que o que ali estava não se movia. Concluí que se tratava de um navio ancorado. Ansioso, como bem se imagina, para tirar tudo a limpo, peguei minha espingarda e corri até as rochas da parte sudeste da ilha, aonde as correntes marinhas já tinham me arrastado uma vez. Escalei-as. E, como a atmosfera estivesse, então, perfeitamente clara, pude ver muito bem, com grande tristeza minha, os destroços de um navio. Fora arremessado, durante a noite, sobre as pedras submersas que encontrara na minha viagem em volta da ilha; pedras essas que, abatendo a violência das correntes, criaram uma espécie de contracorrente ou redemoinho, de onde me salvou da situação mais desesperada em que já estivera.

Assim, o que para um homem significa a salvação, para outro pode ser a destruição. Parece, efetivamente, que durante a noite aqueles homens, quem quer que fossem, já sem rumo, foram arremessados sobre as fragas, então submersas, enquanto o vento soprava com violência na direção este e ésnordeste. Tivessem visto a ilha — e devo supor que não tenham visto — julgo que teriam tentado salvar-se num bote. Entretanto, o fato de terem dado os tiros de peça pedindo socorro, sobretudo quando viram — penso eu — a fogueira, deu-me o que pensar.

Nas circunstâncias em que me achava, nada podia fazer senão assistir ao infortúnio das pobres criaturas e lamentar-lhes a sorte. Aliás, no que me diz respeito, teve isso a virtude de tornar-me cada vez mais agradecido a Deus, que tão generosamente me amparara e sustentara na minha desgraça. Tanto mais quanto, da tripulação de dois navios, arrojados àquela parte do mundo, fora eu o único a sobreviver. Mais uma vez aprendi que é muito raro sermos condenados pela Providência Divina a uma situação de tal desespero ou a tamanha miséria que não tenhamos algum motivo de agradecimento, diante da sina ainda mais desgraçada de outros. Tal era, sem dúvida, o caso daqueles homens, dos quais era difícil admitir que um só tivesse escapado. Era impossível não acreditar na morte de todos, a não ser que tivessem sido salvos por outro navio. Possibilidade muito precária, aliás, pois não vi o menor sinal de um segundo barco.

Não sei como exprimir as saudades, os desejos ardentes que me assaltaram a alma à vista do navio naufragado e que me faziam, por vezes, exclamar:

— Ah! Quem me dera que uma ou duas criaturas (que digo!), que uma só pessoa tivesse escapado, para me fazer companhia, para falar comigo, para conversar comigo!

Durante toda a minha vida solitária, jamais senti desejo tão sincero, tão intenso de gozar da companhia de meus semelhantes ou tamanha dor por me ver dela privado.

Mas assim não tinha de ser. Impediu-o o meu destino, ou o deles, ou o destino de todos nós. Realmente, nunca soube, até o último ano de minha permanência na ilha, se algum dos tripulantes conseguira salvar-se. Tive, apenas, a dor de encontrar, alguns dias depois, o cadáver de um grumete, na extremidade da ilha mais próxima do navio naufragado. Vestia uma blusa de marinheiro, ceroulas de linho abertas nos joelhos e uma camisa azul do mesmo pano. Não trazia nada, porém, que pudesse indicar o país a que

pertencia. Encontrei, nos bolsos, duas moedas e um cachimbo, este muito mais valioso para mim.

O mar já estava tranquilo. Veio-me, então, intenso desejo de ir em meu barco até o navio naufragado. Estava certo de encontrar, a bordo, alguma coisa que me pudesse ser útil. Talvez encontrasse alguém ainda vivo. Nesse caso, não só lhe poderia salvar a vida, como propiciar à minha o maior consolo possível. Impregnei-me tanto desse desejo que não pude mais sossegar. Teria de arriscar-me, de qualquer maneira, a ir de barco ao navio encalhado, confiando a minha vida à Providência Divina. Tão forte era esse impulso que não lhe poderia resistir. Devia ter nascido, sem dúvida, de algum desígnio divino, e eu teria pecado contra mim mesmo, se não fosse.

Debaixo dessa impressão, tratei logo de voltar ao “castelo” e de fazer os preparativos para a viagem. Reservei boa quantidade de pão, um grande pote d’água doce, uma bússola, uma garrafa de rum (de que ainda tinha bastante) e um cesto de passas, e, assim provido do necessário, desci a procurar meu barco, tirei-lhe toda a água, coloquei-o a flutuar, guardei nele as provisões e voltei para apanhar mais. Trouxe, em seguida, uma grande bolsa cheia de arroz, o guarda-sol, para me dar sombra, mais outro pote de água doce, cerca de duas dúzias de pãezinhos ou bolinhos de cevada (mais do que na outra viagem), uma garrafa de leite de cabra e um queijo. Levei tudo isso para o barco, a custo de muito trabalho e suor, e, pedindo a Deus que me guiasse, parti. Remando ao longo da costa, ora com um remo, ora com os dois, cheguei à ponta extrema da ilha daquele lado, isto é, à extremidade nordeste. Devia, então, aproar para o largo e escolher entre lançar-me ou não à aventura. Olhei para as rápidas correntes que sempre passam de ambos os lados da ilha, à distância. Tinha-lhes pavor, pois lembravam os perigos que correra. Comecei a perder a coragem. Sabia que, se fosse colhido por qualquer delas, seria arrastado a enorme distância, para o largo, e talvez perdesse, de novo, a ilha de vista. Meu barco era pequeno e, à menor rajada de vento, estaria irremediavelmente perdido.

Fiquei tão angustiado com esses pensamentos que quis desistir da empresa. Depois de levar o barco para um pequeno recôncavo, na costa, pulei para a praia e sentei-me numa eminenciazinha, pensativo e cheio de ansiedade, oscilando entre o medo e o desejo de continuar a viagem. Enquanto assim meditava, percebi que a maré tinha mudado e que começava a enchente, de modo que seria impossível prosseguir durante muitas horas. Tive, então, a ideia de subir ao ponto mais alto das redondezas e procurar

verificar qual era a direção das correntes durante a cheia da maré. Esperava saber, dessa maneira, se, arrastado para o largo numa fase da maré, não poderia, na outra, ser trazido com a mesma rapidez para a terra. Mal me ocorreu essa ideia, divisei um pequeno monte, que sobranceava suficientemente o mar de ambos os lados. Daí pude ver com clareza as correntes e a direção da maré, de modo a saber o caminho a tomar na volta. Verifiquei que, enquanto na vazante as correntes se dirigiam para o largo, passando junto à extremidade sul da ilha, na cheia, ao contrário, se dirigiam para a ilha, passando perto da costa do lado norte. Assim, nada mais tinha a fazer do que me manter ao norte da ilha durante a volta.

Encorajado com essa observação, resolvi partir no dia seguinte com o início da maré. Dormi na canoa, agasalhando-me com o grande casaco de vigia, já referido antes. Parti pela manhã. Fiz-me um pouco ao largo, em direção ao norte, até sentir a força da corrente que se dirigia para leste e me arrastou rapidamente. Entretanto, não me deixou sem governo, como fizera da outra vez a corrente do lado sul. Usando com vigor a pá de um remo, aprobei diretamente para o navio, alcançando-o em menos de duas horas.

Era um espetáculo confrangedor. O navio, de construção espanhola, estava encravado profundamente entre dois rochedos. A popa e a coberta posterior tinham sido despedaçadas. O castelo de proa, metido entre as rochas, chocara-se com grande violência. O mastro grande e o mastro de traquete tinham-se partido pela base. O gurupés, entretanto, estava em bom estado e a proa e toda a parte frontal do navio pareciam firmes. Quando me aproximei do navio, apareceu um cachorro, que, ao ver-me chegar, começou a latir e a ganir. Chamei-o e ele pulou imediatamente ao mar, vindo a meu encontro. Coloquei-o no bote. Estava quase morto de fome e sede. Dei-lhe uns bolinhos de cevada, que devorou como um lobo feroz que tivesse passado, entre as neves, uma quinzena sem comer. Dei em seguida ao pobre bicho um pouco de água doce. Se lhe permitira, arrebentaria de tanto beber.

Subi, depois, a bordo. Topei logo dois homens abraçados um ao outro, mortos por afogamento. Concluí que, provavelmente, depois do choque, o mar tempestuoso batera o navio com ondas tão altas e contínuas que a tripulação não conseguira safar-se, asfixiada pela água como se estivesse submersa. Além do cachorro, não havia mais nada com vida a bordo. Não havia, tampouco, provisões que tivessem escapado à ação da água. Encontrei, no porão, alguns tonéis, não sei se de vinho ou aguardente. Pude vê-los porque a água do porão se escoara, mas eram muito grandes para poder

transportá-los. Vi, também, várias arcas, que deviam pertencer aos tripulantes. Levei duas para o barco, sem examinar-lhes o conteúdo.

Estivesse a popa imóvel e a parte dianteira completamente separada, acho que teria feito uma viagem profícua. Com efeito, a julgar pelo que encontrei nas duas arcas, tenho motivos para pensar que havia muitas riquezas a bordo. Se me fora dado adivinhar a rota seguida pelo navio, diria que devia ter vindo de Buenos Aires ou do rio da Prata, no extremo sul da América, além dos Brasis, com destino a Havana, no golfo do México, e daí, com certeza, à Espanha.

Além das arcas, encontrei um barrilzinho cheio de bebida — cerca de vinte galões —, que levei para o barco com muita dificuldade. Havia diversos mosquetes num camarote, além de um grande polvorinho, contendo cerca de quatro libras de pólvora. Não precisava dos mosquetes, mas levei o polvorinho. Levei, ainda, uma pá de fogão e tenazes, de que tinha muita necessidade. Apanhei, também, duas chaleirinhas de cobre, uma panela de cobre para fazer chocolate e uma grelha. Fui-me embora com essa carga e mais o cachorro, quando o fluxo da maré já se dirigia, de novo, para a ilha. Cheguei à ilha uma hora depois de anoitecer, completamente exausto.

Dormi no barco essa noite. No dia seguinte, resolvi guardar tudo que apanhara na gruta recém-descoberta, em vez de levar para o meu “castelo”. Depois de comer e beber, levei toda a carga para a praia e comecei a examiná-la. O barrilzinho que trouxera estava cheio de uma espécie de rum, mas não o mesmo que conhecera nos Brasis. Numa palavra, não prestava. Quando, porém, abri as arcas, encontrei várias coisas de que precisava. Por exemplo, encontrei uma bela frasqueira, de material finíssimo, cheia de excelentes licores. Cada garrafa tinha, aproximadamente, três *pints* e era adornada de prata. Achei dois boiões de ótimas frutas cristalizadas e doces tão bem fechados que a água não penetrara. Havia mais outros dois, porém a água tinha estragado tudo. Encontrei algumas camisas de excelente qualidade que me foram muito bem-vindas, além de dúzia e meia, mais ou menos, de lenços de linho branco e de algumas gravatas de cor. Também fiquei muito satisfeito com os lenços, pois me serviriam para enxugar o rosto nos dias quentes.

Havia, além disso, na gaveta de dinheiro da arca, três grandes sacos com dinheiro, no total de 1.100 moedas de oito reais. Num deles, embrulhados em papel, havia seis dobrões de ouro e algumas barras pequenas de ouro. Acho que pesavam, ao todo, cerca de uma libra.

Na outra arca, encontrei alguma roupa, porém, de pouca valia. Pelo aspecto, a arca devia ter pertencido ao segundo artilheiro, mas nela só havia duas libras, mais ou menos, de pólvora viva, guardada em três pequenos polvorinhos. Destinava-se — ao que suponho — a ser usada nas espingardas de caça. Em suma, pouca coisa útil me rendeu a viagem, pois que o dinheiro não me servia para nada e valia tanto, para mim, quanto a lama de meus pés. De bom grado o trocava por três ou quatro pares de sapatos ingleses e de meias, que me faziam muita falta. Efetivamente, havia muitos anos que não sabia o que era andar calçado. É verdade que conseguira, então, dois pares, tirando-os dos dois homens que encontrara mortos. Além disso, encontrei mais dois pares numa das arcas, o que me alegrou muito. Não eram, entretanto, iguais aos nossos sapatos ingleses nem em comodidade, nem em resistência. Eram mais o que chamamos escarpins do que propriamente sapatos. Achei, ainda, nessa arca de marinheiro, perto de cinquenta *royals* de prata, mas nenhum de ouro. Acho que esse dinheiro pertencia a um marinheiro mais pobre, ao passo que o outro era, talvez, um oficial.

Uma vez carregado tudo para a costa e posto em segurança, voltei ao barco e levei-o, ao longo do litoral, até o antigo ancoradouro. Deixei-o aí e pus-me a caminho de minha velha morada, onde encontrei tudo em sossego. Recomecei a vida antiga, ocupando-me com meus trabalhos domésticos. Vivi em paz durante um tempo, embora um pouco mais vigilante do que antes. E, se acontecia sair mais à vontade, procurava sempre a parte oriental da ilha, aonde estava bastante seguro de que os selvagens nunca iam. Podia andar sem muitas precauções por essa região, livre da carga de armas e munição que sempre carregava comigo quando tomava outro rumo.

Uma noite, durante a estação chuvosa, no mês de março do vigésimo quarto ano de minha permanência na ilha, sonhei que, ao sair de casa pela manhã, como de costume, vi duas canoas na praia e onze selvagens que traziam outro prisioneiro para assar e devorar. De súbito, porém, o selvagem condenado a morrer conseguiu fugir e correu na direção do pequeno bosque fronteiro à estacada de meu “castelo”, procurando esconderijo. Vendo-o e percebendo que os outros não lhe vinham ao encalço, apareci a ele, tranquilizando-o. Ajoelhou-se diante de mim, parecendo rogar-me proteção. Mostrei-lhe a escada, permitindo-lhe que subisse e penetrasse na minha caverna. Tornou-se, assim, meu criado. Logo que o arranjei, disse para comigo: “Posso, agora, tentar atingir o continente, pois esse camarada me servirá de guia, dizendo-me o que fazer, aonde ir para obter víveres, que

lugares evitar para não ser devorado.” Acordei com esse pensamento. Tamanha me fora a alegria ante a perspectiva de escapar da ilha que, ao ver que tudo não passara de um sonho, o desapontamento me lançou no mais profundo desânimo.

Com isso, porém, concluí que, para tentar sair da ilha, o único meio era conseguir um selvagem, e, se possível, um dos prisioneiros condenados a morrer e a ser devorado. Tomada essa resolução, pus-me à espreitar com a maior perseverança que me foi possível. E, de fato, fiz isso com tanto afincamento que acabei por me fatigar. O desejo ardente de encontrar os selvagens era, então, igual ao que tinha antes de não vê-los e não ser visto por eles. Imaginei, além disso, domesticar um, ou melhor, dois ou três bugres, tornando-os meus escravos, de modo a poder dirigi-los e impedir-lhes de me fazer mal. Acalentei essa ideia durante muito tempo. Mas nada aconteceu. Todos os meus devaneios deram em nada, pois não vi selvagem algum por longo prazo.

Cerca de um ano e meio depois de ter alimentado esses projetos e resolvido, através de longa meditação, levá-los a efeito, tive a surpresa de ver, certa manhã, nada menos de cinco canoas na praia, do lado em que eu vivia, bem como a gente que as tripulava. O número de selvagens excedia a todas as minhas expectativas, pois cada canoa trazia quatro ou mesmo mais. Não sabia o que pensar ou o que fazer para cair, sozinho, sobre vinte ou trinta homens. Deixei-me, por isso, ficar no “castelo”, perplexo e desassossegado. Entretanto, preparei tudo para o ataque como planejava antes. Fiquei, assim, pronto para qualquer emergência. Depois de esperar bastante tempo, à escuta, para ver se faziam algum barulho, acabei por ficar impaciente. Deixei as espingardas ao pé da escada e subi ao alto da colina, em dois lances, como de costume, tendo o cuidado de não erguer muito a cabeça, para que não me vissem. Valendo-me do óculo de alcance, verifiquei que não eram menos de trinta homens. Tinham feito uma fogueira e preparado carne para comer. Como a prepararam não sabia, nem tampouco sabia que espécie de carne era. Dançavam todos em volta da fogueira, fazendo inúmeros gestos e trejeitos bárbaros.

Enquanto os admirava, vi que duas míseras criaturas eram arrastadas das canoas, onde, antes, estavam jogadas, e conduzidas para a matança. Uma delas logo caiu, abatida — penso eu —, com uma maça ou espada de madeira, conforme o uso dos selvagens. Dois ou três homens puseram mãos à obra, cortando-a em pedaços, enquanto a outra vítima ficou de pé, esperando

a sua vez. Nesse momento, o pobre desgraçado, apanhando-se um pouco mais livre, disparou a correr pela praia com incrível velocidade, na minha direção, quer dizer, na do trecho da costa em que eu morava.

Tive um medo mortal (devo confessá-lo) quando o vi disparar na minha direção e, sobretudo, quando julguei vê-lo perseguido por todo o bando. Pensei que o sonho estava se tornando realidade e que ele viria procurar abrigo no bosque fronteiro ao “castelo”. Não podia, entretanto, confiar no sonho quanto às consequências restantes, isto é, não podia estar certo de que os selvagens não o perseguiriam até ali. Mantive-me firme, porém, e comecei a recobrar ânimo ao certificar-me de que os perseguidores não eram mais que três. Fiquei ainda mais animado quando observei que o fugitivo corria muito mais que eles e ganhava terreno. Caso pudesse se manter assim por mais meia hora, teria, muito provavelmente, escapado aos perseguidores.

Entre os bugres e o meu “castelo” havia uma enseada, mais de uma vez referida na primeira parte desta história, em cujas praias descarregara as coisas apanhadas no navio. O desgraçado devia necessariamente atravessá-la a nado se não quisesse ser capturado. Não hesitou, porém, ao alcançá-la. Apesar da maré cheia, atirou-se à água e, com trinta braçadas, mais ou menos, atingiu a outra margem e voltou a correr com extraordinária velocidade. Dos perseguidores, um não sabia nadar. Deixou-se ficar do outro lado, olhando para os companheiros, sem fazer menção de acompanhá-los. Pouco depois voltou, devagar, no que teve muita sorte, visto o que aconteceu.

Os dois que se atiraram à água levaram, para atravessar a enseada, o dobro do tempo gasto pelo fugitivo. Veio-me então, calorosa e irresistível, a ideia de que era chegado o momento de arranjar um servo e talvez um companheiro ou auxiliar, e de que, evidentemente, era chamado pela Providência a salvar a vida daquela pobre criatura. Desci na mesma hora a escada para apanhar as espingardas, que lhe estavam ao pé, tornei a subir com a mesma rapidez e dirigi-me à costa. A distância era pequena e, em pouco, descendo a colina, coloquei-me entre o perseguido e os perseguidores. Gritei para o que fugia, e ele, olhando para trás, teve, a princípio, tanto medo de mim quanto dos outros. Acenei-lhe, porém, que voltasse e avancei lentamente para os que o perseguiam. Lancei-me, então, sobre o primeiro, derrubando-o com uma coronhada. Não queria fazer fogo, para que os demais não ouvissem. É verdade que, àquela distância, não lhes seria fácil ouvir o estampido, e, além disso, não podendo ver a fumaça, não saberiam o que pensar do ruído. Derrubado o primeiro selvagem, o outro parou,

amedrontado, mas eu avancei rapidamente para ele. Percebi, entretanto, ao aproximar-me, que empunhava um arco e uma flecha e se preparava para alvejar-me. Fui, assim, obrigado a alvejá-lo, matando-o ao primeiro tiro. O pobre bugre que fugia tinha parado. Embora visse ambos os inimigos por terra, e provavelmente mortos, ficou apavorado com o estampido e o clarão do tiro, permanecendo imóvel, sem fazer menção de fugir ou de voltar, se bem parecesse mais inclinado a reencetar a fuga. Gritei-lhe de novo, fazendo-lhe sinais para que se aproximasse. Compreendeu muito bem e avançou um pouco, parando de novo, de novo andando e parando. Por fim, deixou-se ficar, tremendo, como se tivesse sido feito prisioneiro e esperasse ser liquidado como os outros dois. Acenei-lhe, mais uma vez, que se aproximasse, mostrando-lhe, por todos os sinais possíveis, que não tinha nada a temer. O bugre, então, chegou-se cada vez mais, ajoelhando-se a cada dez ou doze passos, como prova de agradecimento por lhe ter salvado a vida. Sorri-lhe, esforçando-me por parecer amigável. Afinal, chegou-se a mim e, ajoelhando-se de novo, beijou a terra e pôs meu pé sobre a cabeça dele. Ao que parece, isso era um juramento de que seria para sempre meu escravo. Fiz com que se levantasse, festejando-o e testemunhando-lhe, como podia, a minha amizade. Percebi, nesse momento, que o selvagem que derrubara não estava morto, mas apenas entontecido com a coronhada. Começava a voltar a si e eu apontei-lhe a espingarda, chamando a atenção do outro. Este disse-me, então, algumas palavras, que, embora não entendesse, me deram grande alegria, pois era a primeira vez, em 25 anos, que ouvia a voz de um homem, com exceção da minha. Não havia, porém, tempo para essas reflexões. O selvagem derrubado já chegara a sentar-se no chão e eu percebi que meu bugre começava a ficar com medo. Vendo isso, fiz pontaria com a espingarda, mas o meu bugre — assim lhe chamarei agora — fez-me sinal para que lhe emprestasse a espada, que me pendia, nua, da cintura. Fiz-lhe a vontade. Correu imediatamente para o inimigo e, de um golpe, cortou-lhe a cabeça com uma habilidade que nenhum carrasco alemão poderia ultrapassar. Fiquei muito admirado, pois tinha razões para supor que nunca vira uma espada na vida, a não ser as espadas de madeira que faziam. Soube, porém, mais tarde, que fazem espadas de madeira tão pesadas e de fio tão agudo que podem decepar cabeças e braços de um golpe. Depois da façanha, veio rindo para mim, em sinal de triunfo, trazendo-me a espada, que depôs no solo, diante de mim, juntamente com a cabeça decepada.

Ficara estupefato ao ver-me matar o outro aborígene a tamanha

distância. Foi até ele e ficou como que perplexo, olhando-o e virando-o de um lado para outro. Examinou a ferida, causada pela bala no peito. Era um orifício de onde não escorria muito sangue, mas o bugre tivera uma hemorragia interna, pois estava bem morto. Apanhou, em seguida, o arco e as flechas do morto e voltou. Fiz-lhe sinais para que fôssemos embora, porque outros selvagens poderiam vir atrás dos primeiros. Deu-me a entender, então, que ele devia enterrá-los na areia, para que os demais não os encontrassem caso viessem à procura. Concordei e ele pôs mãos à obra, enterrando-os na areia em cerca de quinze minutos. Acenei-lhe para que me seguisse, levando-o não para o meu “castelo”, mas para a caverna, na parte mais retirada da ilha. Nesse particular, não deixei que o sonho se realizasse, isto é, não o levei a abrigar-se no bosque fronteiro ao “castelo”. Uma vez na caverna, dei-lhe a comer um pouco de pão e um punhado de passas, bem como água para beber, pois estava sequioso depois de tamanha corrida. Quando acabou de comer, fiz-lhe sinais para que fosse dormir, apontando para um lugar onde havia um monte de palha de arroz e um cobertor, e onde, às vezes, costumava deitar-me. Assim fez a pobre criatura.

Era um belo tipo, elegante, bem proporcionado, alto, robusto e, segundo me pareceu, de uns 26 anos de idade. Tinha aspecto agradável e não feroz ou brutal. A fisionomia era varonil, embora não lhe faltasse doçura e a suavidade do semblante europeu, máxime quando sorria. Os cabelos eram compridos e pretos, e não crespos como lã de carneiro. A fronte era alta e larga, os olhos, vivos e penetrantes. A pele não era negra retinta, porém, acobreada, mas não daquele acobreado, amarelecido dos índios do Brasil, da Virgínia e de outras regiões da América. Era mais um tom azeitonado, brilhante, muito agradável, ainda que difícil de descrever. O rosto era redondo e cheio, o nariz, pequeno e não achatado como o dos negros. A boca era muito bem-feita, tinha os lábios finos e os dentes bonitos, regulares, alvos como marfim. Depois de dormitar cerca de meia hora, acordou e saiu da gruta à minha procura, pois eu estava ordenhando as cabras no cercado próximo. Quando me viu, veio correndo e prostrou-se de novo, fazendo todos os sinais que podia, muito grotescos, para mostrar humildade e reconhecimento. Encostou, por fim, a cabeça na terra e, segurando-me o outro pé, colocou-o sobre ela, como já fizera antes. Continuou, em seguida, a demonstrar submissão de todas as maneiras imagináveis, como se quisesse me assegurar que me serviria enquanto vivesse. Eu compreendia muitas coisas que queria me dizer e, por minha vez, procurava mostrar-lhe que estava muito contente com ele. Comecei, logo

depois, a falar-lhe e ensinar-lhe a falar. Ensinei-lhe, antes do mais, que seu nome seria Sexta-Feira, dia em que o salvara. Ensinei-lhe também a dizer “Senhor” e, em seguida, dei-lhe a conhecer que esse seria meu nome. Aprendeu, ainda, a dizer “sim” e “não” e a distinguir o sentido dessas palavras. Ofereci-lhe pão e um pouco de leite num pote de barro. Bebi leite diante dele, molhando o pão que comia. Imitou-me logo, fazendo sinais de que gostara muito.

Dormimos essa noite na gruta. Assim que amanheceu, levei-o comigo. Ao passarmos perto do local em que enterrara os dois homens, apontou-me para o sítio exato das covas, mostrando-me as marcas que deixara, para encontrá-las de novo. Fez-me sinais para que os desenterrássemos e comêssemos. Aparentei ficar muito zangado e procurei, ao mesmo tempo, exprimir-lhe a repulsa que me causava essa ideia, dando-lhe a entender que vomitaria se o fizesse. Acenei-lhe para que fôssemos embora, e ele, submisso, obedeceu imediatamente. Levei-o, então, ao cimo da colina para ver se os bugres inimigos já tinham ido embora. Armei o óculo de alcance e olhei. Vi, claramente, o lugar onde estiveram, mas nenhum sinal deles ou das canoas. Era, pois, evidente que já tinham partido.

Dei a Sexta-Feira a espada e uma espingarda para segurar. O arco e as flechas que, segundo verifiquei depois, sabia atirar com muita destreza, Sexta-Feira levava-os às costas. Eu, por minha vez, carreguei duas espingardas, e pusemo-nos, assim, a caminho do lugar onde estiveram os selvagens. Quando lá cheguei, o sangue gelou em minhas veias e senti o coração desfalecer ante o horrível espetáculo. Era, de fato, apavorante. O chão estava cheio de ossos humanos, manchado de sangue e, aqui e ali, grandes pedaços de carne semidevorados, dilacerados, chamuscados. Ali estavam, em suma, todos os testemunhos de um festim triunfante, com que os bugres comemoravam a vitória sobre o inimigo. Contei três crânios, cinco mãos e os ossos de três ou quatro pernas e pés, além de muitos outros pedaços do corpo humano. Sexta-Feira deu-me então a conhecer, por meio de gestos, que eles tinham trazido quatro prisioneiros para se banquetearem; que três foram devorados e que ele — apontou para si mesmo — seria o quarto. Explicou, ainda, que houvera uma grande batalha entre eles e o rei vizinho, de quem ele, Sexta-Feira, fora, ao que parece, um dos súditos; que os mesmos bugres fizeram grande número de prisioneiros, os quais foram levados para diversos lugares para serem devorados, segundo o costume desses desgraçados.

Mandei Sexta-Feira fazer um monte de todos os ossos e pedaços de carne e, em seguida, reduzi-los a cinzas. Vi que a carne ainda lhe despertava o apetite de canibal. Eu mostrara, porém, tamanha repulsa só em pensar nisso que Sexta-Feira não ousou patentear esses desejos. Dera-lhe a perceber que o mataria se o fizesse.

Depois disso, voltamos para o nosso “castelo”, onde dei a Sexta-Feira, antes de mais nada, um par de ceroulas de linho, que encontrara na arca do infeliz artilheiro do navio naufragado. Serviu-lhe muito bem, com pequenos ajustes. Fiz para ele, depois, da melhor maneira que pude, uma jaqueta de pele de cabra. Dei-lhe também um gorro de lebre. Ficou, dessa maneira, toleravelmente vestido. Mostrou-se muito contente com a indumentária, quase tão boa quanto a de seu senhor. Não se ajeitou bem, a princípio. As ceroulas eram-lhe muito incômodas e as mangas da jaqueta feriam-lhe os ombros e a face interna dos braços. Não tardou, porém, a acostumar-se.

No dia imediato àquele em que voltei com Sexta-Feira para a minha barraca, comecei a pensar na melhor maneira de alojá-lo. Resolvi fazer uma tenda pequena, no espaço vazio entre as duas estacadas. Como aí ficava a entrada para a caverna, fiz um portal e uma porta, instalando-a um pouco para dentro da abertura, de modo que a porta abrisse para dentro. Punha-lhe tranca à noite e, ao mesmo tempo, levava para dentro a escada, de sorte que Sexta-Feira não poderia aproximar-se de mim, além da muralha interna, a não ser fazendo tanto barulho para a escalar que por força me acordaria. Com efeito, havia, então, apoiando-se sobre a estacada, verdadeiro teto, que cobria a barraca. Era formado de traves compridas, apoiadas, do outro lado, na encosta do monte, as quais, além disso, se entrançavam com varas curtas, à guisa de ripas, tudo recoberto de espessa camada de palha de arroz. A abertura, pela qual entrava ou saía, usando a escada, fechei-a com uma espécie de porta de alarme. Se alguém quisesse abri-la do lado de fora, cairia com grande estrondo. Tinha, ainda, o cuidado de guardar todas as armas à noite.

Essas precauções eram, porém, desnecessárias, porque nunca houve servidor mais fiel, afetuoso e sincero que Sexta-Feira. Não era colérico ou teimoso, nem alimentava segundas intenções. Apegou-se realmente a mim, como um filho ao pai, e estou certo de que, caso se apresentasse a oportunidade, sacrificaria a própria vida para salvar a minha.

Estava encantado com ele e tomei a peito ensinar-lhe tudo que lhe fosse adequado e útil. Preocupei-me, sobretudo, em ensinar-lhe a falar e a

compreender o que eu dizia. Era bom aluno. Mostrava-se tão alegre e diligente, quando conseguia me entender e se fazer entendido, que sentia grande prazer em conversar com ele. Minha vida tornou-se, então, fácil e venturosa.

Dois ou três dias depois de voltar ao meu “castelo”, pensei em fazer Sexta-Feira saborear carne que não a humana, a fim de arrancá-lo ao horrível hábito da antropofagia. Para isso, fui com ele à floresta, certa manhã, e, ao ver uma cabra deitada à sombra, cercada de dois cabritinhos, segurei-lhe o braço e disse-lhe:

— Pare e fique quieto.

Fiz-lhe sinais para não se mexer e, apontando rapidamente, dei ao gatilho e matei um dos cabritos. A pobre criatura, que sem dúvida, me vira matar um dos bugres inimigos à distância, mas não tinha a menor ideia de como o conseguira, teve enorme surpresa e deixou-se ficar tão trêmulo e perplexo que pensei que fosse desfalecer. Não viu o cabrito que eu alvejara, nem percebeu que o tinha liquidado. Rasgou a própria roupa para ver se estava ferido, pensando que queria matá-lo. De fato, ajoelhou-se diante de mim, abraçando-me os joelhos, e disse-me uma porção de coisas que não entendi, mas que, sem dúvida, eram uma súplica para que não o matasse.

Não custei a achar um meio de convencê-lo de que não tinha essa intenção. Levantei-o pela mão, rindo, e, mostrando o cabrito morto, fiz-lhe sinais para que corresse a apanhá-lo. Sexta-Feira obedeceu e, enquanto examinava o animal, para ver como eu o matara, carreguei de novo a espingarda. Nesse momento, divisei uma grande ave, parecida com um falcão, pousada numa árvore ao alcance de minha espingarda. Chamei Sexta-Feira para que atentasse no que eu ia fazer e mostrei-lhe a ave, que, aliás, era um papagaio e não um falcão. Apontei, ao mesmo tempo, para a espingarda e para o terreno situado abaixo da árvore, dando-lhe a entender que iria derrubar o papagaio. Fiz fogo, mandando-lhe que observasse. Ao ver a ave cair imediatamente, ficou de novo como apavorado, não obstante tudo que lhe dissera. Percebi que seu espanto vinha, sobretudo, de não ter me visto colocar coisa alguma na espingarda. E julgou haver um poder miraculoso de matar e destruir naquele objeto, capaz de fulminar homens, quadrúpedes e pássaros, de perto ou de longe. Acho que, se lhe permitira, ele teria adorado a mim e à espingarda. Não ousou tocar na espingarda durante muitos dias depois disso, mas dirigia-lhe a palavra, falava com ela como se recebesse resposta. Pedia para que ela não o matasse, conforme vim a saber mais tarde.

Voltando à história, logo que Sexta-Feira se recobrou um pouco da surpresa, disse-lhe para ir apanhar o papagaio. Assim fez, mas demorou um tanto a achá-lo, porque, não tendo morrido, se afastara um bom pedaço, esvoaçando, do lugar onde caíra. Achou-o, afinal, trazendo-o para mim. Entrementes, sabedor da completa ignorância de Sexta-Feira em relação à espingarda, aproveitei o momento para carregá-la de novo, sem que ele visse. Aprontava-me, assim, para qualquer outro alvo que aparecesse. Mas não apareceu nenhum. Levei, então, o cabrito para casa e, nessa mesma noite, esfolei-o e cortei-o da melhor maneira que pude. Ensopei um pouco de carne numa panela de barro e fiz um caldo. Depois de comer alguma coisa, convidei meu bugre, que pareceu gostar muito da comida. O que, porém, mais o intrigou, foi ver-me usar sal. Deu-me a entender, por gestos, que sal não era bom para comer. Pôs uma pitada na boca, fazendo como quem ia vomitar. Cuspiu e enxaguou a boca com um pouco de água. Por minha vez, levei à boca um pedaço de carne sem sal e fingi que a cuspiu por achá-la insossa. Não consegui, porém, convencê-lo.

Depois dessa refeição de carne cozida e caldo, resolvi regalá-lo, no dia seguinte, com um pedaço de cabrito assado. Preparei a carne, pendurando-a de um cordel sobre a fogueira, conforme vira fazer muitas vezes na Inglaterra. Finquei dois paus no chão, um de cada lado da fogueira, e liguei-os por outro na extremidade superior, amarrando-lhe o cordel, de modo que podia virar a carne constantemente. Sexta-Feira ficou muito admirado. Quando lhe dei a comer um pedaço de carne, usou de tantos gestos para dizer-me quanto a apreciava que não pude deixar de entendê-lo. Acabou por me afiançar que nunca mais comeria carne humana, o que me alegrou bastante.

No dia seguinte, fiz Sexta-Feira debulhar um pouco de milho e peneirá-lo, conforme eu estava acostumado a proceder. Não tardou a fazê-lo tão bem quanto eu, sobretudo quando viu a finalidade daquilo no fabrico do pão. Observou-me, com efeito, preparar a massa de pão e cozê-la. Em pouco tempo, Sexta-Feira tornou-se capaz de fazer todo o serviço para mim, e tão bem quanto eu próprio.

Comecei a pensar em aumentar a plantação, uma vez que havia, agora, duas bocas para comer. Escolhi um trecho maior de terra e pus-me a cercá-lo da mesma maneira que antes. Sexta-Feira trabalhou árdua e alegremente. Expliquei-lhe que a terra era para produzir mais grão, pois que, estando ele em minha companhia, precisava de ter pão suficiente para os dois. Pareceu

sensibilizado com isso e disse-me que, se eu quisesse, ainda trabalharia para mim com mais afinco.

Foi esse o ano mais agradável que vivi na ilha. Sexta-Feira aprendeu a falar regularmente. Compreendia os nomes de quase todas as coisas, bem como dos lugares aonde o mandava ir. Conversava bastante comigo, de modo que, em pouco tempo, já tinha com quem desenrolar a língua. Além do prazer que me dava a conversa, ele mesmo me inspirava muita simpatia. Mostrava-se, cada vez mais, simples, franco, honesto. Comecei, realmente, a ter-lhe grande amizade e penso que ele me dedicou toda a afeição de que era capaz.

Quis, uma vez, verificar se ele tinha saudades de sua terra. Quando já sabia inglês bastante para responder-me quase todas as perguntas que lhe fazia, perguntei-lhe se a tribo a que pertencia nunca derrotava as outras. Sorriu e disse:

— Sim, sim, nós sempre *combater* melhor. — Querendo dizer, com isso, que venciam sempre.

Entabulamos, então, o seguinte diálogo:

— Vocês sempre combatem melhor?!... Então como foi que o fizeram prisioneiro, Sexta-Feira?

— Minha nação *vencer* muito mais.

— Vencer, como?... Se sua nação é capaz de vencê-los, como é que você foi feito prisioneiro?

— Eles *ser* mais numerosos do que minha nação no lugar *mim estar*. Eles *aprimorar* um, dois, três e *mim*. Minha nação *bater* muito neles *outro* lugar onde *mim não estar*. Lá minha nação *prender* um, dois, muitos mil.

— Mas, nesse caso, por que sua gente não o arrancou das mãos do inimigo?

— Eles *carregar* um, dois, três e *mim* e *ir* na canoa. Minha nação não *ter* canoa, então.

— Bem, Sexta-Feira, que é que sua nação faz com os prisioneiros? Leva-os para comer, como a outra?

— Sim, minha nação *comer* homens também, *comer* tudo.

— Aonde vocês os levam?

— *Ir* outro lugar, onde *escolher*.

— Vêm aqui?

— Sim, sim, eles *vir* aqui. *Ir* mais outro lugar.

— Já esteve aqui com eles?

— Sim, eu *estar* aqui. — E apontou para o noroeste da ilha, direção de

onde parecia terem vindo.

Soube, assim, por essa conversa, que o meu bugre, Sexta-Feira, estava entre os selvagens frequentadores dos pontos mais afastados da ilha, por ocasião dos banquetes de carne humana. Pouco tempo depois, tomei coragem e levei-o àquelas bandas. Reconheceu, realmente, o lugar, afirmando-me que ali estivera uma vez com os seus, quando comeram vinte homens, duas mulheres e uma criança.

Depois dessa conversa, perguntei-lhe qual era a distância entre a ilha e o continente e se as canoas não se perdiam muitas vezes. Disse-me que não havia perigo e que as canoas nunca se perdiam. Uma corrente passava, porém, um pouco ao largo. Pela manhã o vento soprava sempre numa direção e à tarde, em outra.

Isso não era mais — pensei — que o movimento das marés. Mais tarde, entretanto, soube que a verdadeira causa estava no fluxo e refluxo causados pelo grande rio Orenoco, em cuja foz, como me inteirei depois, ficava a minha ilha. Soube, ainda, que a terra que se divisava a oeste e a noroeste era a grande ilha Trindade, colocada à altura da extremidade setentrional da foz do grande rio. Fiz a Sexta-Feira mil perguntas sobre a região, os habitantes, o mar, a costa e as nações vizinhas. Contou-me tudo que sabia com a maior franqueza possível. Indaguei-lhe dos nomes dos povos de sua raça, mas o único que obtive foi “Caribes”. Deduzi, sem dificuldade, tratar-se dos Caraíbas, que, segundo nossos mapas, habitam a região da América situada entre a foz do Orenoco e a Guiana, indo mesmo além, até Santa Marta. Contou-me Sexta-Feira que, a grande distância, além da lua — isto é, a oeste de sua terra —, viviam homens brancos e barbados como eu — e apontou-me para as grandes suíças —, os quais tinham matado *muito home*, conforme dizia. Compreendi que se referia aos espanhóis, cujas crueldades avassalaram nações inteiras e eram recordadas através das gerações.

Perguntei-lhe se me era possível sair da ilha e chegar à região onde viviam os homens brancos. Disse-me logo que sim, que eu podia ir em *duas canoa*. Não percebi, na hora, o que queria ele exprimir com isso, até que, afinal, a muito custo, cheguei à conclusão de que se referia a um grande barco, do tamanho de duas canoas.

Fiquei muito satisfeito com essas palavras de Sexta-Feira. Alimentei, desde então, esperanças de que, cedo ou tarde, encontraria uma oportunidade para escapar da ilha e de que o pobre bugre bem poderia me ajudar na empresa.

Tinha vontade de incutir ideias religiosas em Sexta-Feira. De uma feita, perguntei-lhe quem o tinha criado. A pobre criatura não entendeu, pensando que eu queria saber quem era o pai dele. Usei de outro processo, perguntando-lhe quem fizera o mar, a terra sobre a qual ele caminhava, os montes e as florestas. Respondeu-me que fora o velho “Benamuque”, que vivia mais longe que tudo. Era muito mais velho — garantiu-me — do que o mar, a terra, a lua e as estrelas. Perguntei-lhe, então, por que, se todas as coisas foram criadas por essa pessoa, não era ela adorada por todas as coisas. Ficou muito sério e respondeu, com ar de perfeita inocência:

— Todas as coisas *dizer* “ó” para ele.

Perguntei-lhe, ainda, se os que morriam entre eles iam para algum lugar. Disse-me que sim, que todos iam ter com “Benamuque”. Indaguei, por fim, se os que eram comidos por eles também iam para lá. Disse que sim.

Partindo dessa troca de ideias, comecei a instruí-lo sobre o verdadeiro Deus. Disse-lhe que o Criador de todas as coisas vivia lá em cima, no céu, governando o mundo com o mesmo poder e a mesma providência que usara para criá-lo. Disse-lhe, mais, que Deus era onipotente, que podia fazer tudo por nós, dar-nos ou tirar-nos tudo. Assim, pouco a pouco, abri-lhe os olhos. Ouviu com muita atenção e recebeu com alegria a noção de que Jesus Cristo viera ao mundo para nos redimir. Expliquei-lhe a maneira de orar a Deus, que era capaz de ouvir-nos, mesmo do céu. Um dia, Sexta-Feira confessou-me que, se o nosso Deus podia ouvir-nos, ainda que vivendo para lá do sol, devia ser um deus maior que “Benamuque”, o qual vivia, apenas, um pouco além, e, assim mesmo, só os podia ouvir quando subiam às grandes montanhas, onde ele vivia. Perguntei a Sexta-Feira se já tinha ido até lá para falar-lhe. Respondeu-me que não, pois os homens novos nunca iam. Só iam os velhos, a quem chamava “nocaque”, isto é, os religiosos, o clero, conforme me explicou. Eles é que se dirigiam às montanhas para dizer “ó” (assim designava as preces), voltando, depois, para contar-lhes o que “Benamuque” dissera. Foi assim que me inteirei da existência de clero mesmo entre os pagãos mais cegos e ignorantes do mundo.

Tendo-o mandado a um lugar um pouco distante, pedi ardentemente a Deus que me fizesse capaz de instruí-lo, que o Espírito Santo abrisse o coração da pobre e ignorante criatura à luz de Deus, Nosso Senhor Jesus Cristo, que o reconciliasse com a sua própria natureza divina, que me desse inspiração para transmitir-lhe as palavras sagradas, convencer-lhe a mente e salvar-lhe a alma. Quando ele voltou, tivemos longa conversa sobre a

redenção do homem por obra e graça de nosso Salvador, sobre a divina doutrina evangélica relativa ao arrependimento e à fé em nosso abençoado Senhor, Jesus Cristo. Expliquei-lhe ainda, da melhor maneira que pude, por que nosso bendito Redentor não lhe dera a natureza dos anjos, mas a da progênie de Abraão e, por que, devido a esse fato, os anjos caídos não compartilhavam da redenção. Disse-lhe, mais, que ele não passava da ovelha perdida do povo de Israel, e assim por diante. Deus sabe que usava mais de sinceridade que de sabedoria na catequese do pobre bugre. Devo confessar que, ao revelar-lhe os assuntos sagrados, verifiquei — como acredito o farão todos os que agirem da mesma maneira — que eu mesmo aprendia muitas coisas, para mim desconhecidas ou pouco meditadas. Coisas que me ocorriam naturalmente, na faina de ensinar ao pobre selvagem. Nunca sentira, antes, tanto prazer em especular sobre elas. Desse modo, fosse qual fosse o comportamento do desgraçado bugre, teria razões de sobra para agradecer o fato de tê-lo encontrado. As tristezas não me pesavam tanto, achei a minha morada muitíssimo mais confortável e, sobretudo, refleti que, na minha vida solitária, não só fora levado a descobrir os desígnios divinos e o poder que me arrojara àquela ilha, como também me tornara um instrumento da Providência para salvar a vida e mesmo a alma de um pobre selvagem, dando-lhe o conhecimento da verdadeira religião, da doutrina cristã, de Jesus Cristo, “a vida eterna”.

Vivi o restante de minha estada na ilha nessa grata atmosfera. Minhas conversas com Sexta-Feira tornaram perfeitamente felizes os três anos que passamos juntos, se é que pode haver felicidade completa na terra. O bugre fez-se um bom cristão, muito melhor do que eu, embora tivesse razões para confiar em que, com a graça de Deus, me tornara um penitente sincero. Tínhamos para ler a palavra de Deus e estávamos tão perto dele como estaríamos na Inglaterra. Empenhava-me sempre na leitura dos Evangelhos e em transmitir-lhe, tanto quanto me era dado, o significado do que lia.

Depois que eu e Sexta-Feira nos conhecemos melhor, e que ele já podia entender quase tudo que lhe dizia e falava fluentemente, embora em mau inglês, contei-lhe a minha história. Expliquei-lhe o segredo da pólvora e das balas e ensinei-lhe a atirar. Presenteei-o com uma faca, que o encantou, e fiz-lhe um cinto com um gancho, igual aos que servem, na Inglaterra, para segurar um facão de mato, dando-lhe, porém, em vez deste, uma machadinha.

Falei-lhe dos países da Europa e, especialmente, da Inglaterra, de onde eu viera. Falei-lhe sobre a nossa maneira de viver, de venerar Deus, sobre o

nosso comportamento social e o comércio que mantínhamos, por meio de navios, com todas as partes do mundo. relatei-lhe, ainda, o naufrágio do navio em que viajava e indiquei-lhe, tão exatamente quanto pude, o lugar em que os destroços do barco estiveram. Havia muito, porém, que tinham desaparecido.

Mostrei-lhe as ruínas do escaler em que escapamos do navio e que estava, então, reduzido a pedaços. Ao vê-lo, Sexta-Feira ficou meditativo, sem dizer nada. Perguntei-lhe em que estava pensando. Retrucou-me:

— *Mim ver* bote igual ir minha nação.

Não entendi a princípio, mas, afinal, soube, indagando melhor, que um escaler como aquele chegara à terra em que vivia, isto é — explicou-me —, para lá fora arrastado pelo mau tempo. Imaginei que algum navio europeu fora arremessado à costa da terra de Sexta-Feira e que o escaler, garrando, dera à praia. Estava tão embotado que não pensei, uma só vez, na possibilidade de náufragos terem ido para lá, depois de terem naufragado em outro ponto. Pedi-lhe para descrever o escaler. Assim fez Sexta-Feira com bastante precisão. Comecei a compreender melhor quando ele acrescentou, com certo calor:

— Nós *salvar* homens brancos de afogar.

Perguntei-lhe, então, se havia realmente homens brancos no escaler.

— Sim — respondeu —, o bote *estar* cheio de homens brancos.

— Quantos? — perguntei.

Contou dezessete pelos dedos.

— Que foi que lhes aconteceu? — tornei a perguntar.

— Eles *viver*, *morar* na minha nação.

Tive, então, outra ideia. Imaginei que os homens em apreço eram do navio que naufragara à vista da ilha e que, depois de terem ido de encontro à rocha, vendo-se perdidos, trataram de escapar no escaler, dando à costa habitada pelos selvagens. Perguntei a Sexta-Feira, mais cerradamente, que fora feito deles. Assegurou-me que ainda viviam por lá, que lá moravam havia cerca de quatro anos, que os selvagens os deixaram em liberdade e lhes deram de comer. Indaguei, então, como era possível que não os tivessem matado e comido. Respondeu:

— Não, eles *fazer* irmão com eles. — Querendo dizer com isso, segundo me pareceu, que tinham feito um acordo de paz. Acrescentou ainda: — Eles só *comer* homens quando *fazer* guerra, *lutar*.

Em outras palavras, não comiam homem algum se não o houvessem

capturado em combate.

Algum tempo depois, Sexta-Feira estava no alto do monte situado na parte leste da ilha — de onde já divisara, certa vez, por um dia claro, o continente americano — quando, olhando atentamente na direção do continente, começou, de repente, a saltar e a dançar e a gritar por mim. Perguntei-lhe o que era.

— Que alegria! — exclamou. — *Ver minha terra! Ver minha nação!*

Notei o extraordinário prazer estampado na fisionomia de Sexta-Feira. Brilharam-lhe os olhos e uma estranha ansiedade o tomou todo, como se desejasse estar de novo em sua terra. Isso me deu o que pensar. Já não me senti tão à vontade com Sexta-Feira. Não duvidei que, se pudesse voltar à sua terra, se esqueceria tanto da religião quanto do reconhecimento que me era devido.

Fui muito injusto para com a pobre e sincera criatura, o que, mais tarde, tive ocasião de lamentar bastante. A desconfiança aumentou, e assim, durante algumas semanas, mostrei-me mais reservado, menos íntimo e afável. Enquanto durou a desconfiança, puxava por ele todos os dias, a ver se descobria as intenções que eu lhe suspeitava. Mostrou-se, porém, perfeitamente sincero e inocente. Não descobri nada que pudesse justificar a desconfiança, nem percebeu ele, tampouco, meu constrangimento, prova de que não tinha segundas intenções.

De uma feita, ao subir o mesmo monte, estando o dia nublado, de modo que não se podia divisar o continente, chamei-o e perguntei-lhe:

— Não gostaria, Sexta-Feira, de estar de novo em sua terra, em sua nação?

— Sim — respondeu —, eu *gostar* muito estar na minha nação.

— Que faria você lá? Voltaria a ser selvagem, a comer carne humana, a ser tal como era antes?

Pareceu ficar pesaroso a essa pergunta e, sacudindo a cabeça, disse:

— Não, não. Sexta-Feira *dizer* eles *viver bom*. *Dizer* eles *rezar* para Deus. *Dizer* eles *comer* pão, carne de bicho, leite, não comer carne de homem.

— Mas então — continuei — eles matarão você.

Ficou sério quando lhe disse isso e retrucou:

— Não, eles não *matar* eu. Eles *querer* aprender.

Queria dizer que estariam prontos a aprender. Acrescentou que tinham aprendido muito dos homens barbados que chegaram no bote. Perguntei-lhe,

então, se queria voltar para lá. Sorriu e respondeu que não poderia nadar tanto. Disse-lhe que faria um bote para ele. Retrucou que iria se eu fosse com ele.

— Ir com você?! — exclamei. — Mas eles me comerão se eu for lá!

— Não, não — voltou Sexta-Feira —, eu *fazer* eles não *comer* Senhor. Eu *fazer* eles *gostar* muito do Senhor.

Queria dizer que lhes contaria como eu o salvara dos inimigos, levando-os, assim, a dedicar-me grande afeição.

Devo confessar que, desde esse momento, acalentei a ideia de tentar a travessia, a fim de encontrar esses homens barbados, que, sem dúvida, eram espanhóis ou portugueses. Estava certo de que, no continente e em boa companhia, encontraria um meio de escapar muito mais viável do que em uma ilha a quarenta milhas da costa, sozinho e sem ajuda. Alguns dias depois, levei Sexta-Feira para trabalhar e, conversando com ele, disse-lhe que lhe daria um bote, em que poderia voltar a sua terra. Levei-o, então, até o lugar onde tinha o meu barco, do outro lado da ilha. Depois de tirar-lhe toda a água e mostrá-lo a Sexta-Feira, embarcamos os dois. Vi que Sexta-Feira sabia manejá-lo com muita habilidade e fazê-lo correr quase tanto quanto eu. Perguntei-lhe, a essa altura:

— Então, Sexta-Feira, vamos até a sua terra?

Pareceu ficar muito triste quando me ouviu dizer isso, porque achou o barco muito pequeno para uma viagem tão longa. Disse-lhe que tinha outro maior e, assim, no dia seguinte, levei-o ao lugar onde estava o primeiro barco feito por mim, o qual não conseguira pôr a flutuar. Achou-o de tamanho suficiente. Entretanto, como estava ali abandonado havia 22 ou 23 anos, a madeira, ressecada, rachara sob a ação do sol, de modo que ficara um tanto arruinado. Sexta-Feira achou que um barco assim faria bem a viagem e seria capaz de levar “*muito bastante* comida, bebida e pão”, conforme se exprimiu.

Estava, em suma, tão obcecado com a ideia de ir com ele para o continente que lhe disse que íamos fazer outro barco do mesmo tamanho, a fim de que ele voltasse à pátria. Não me respondeu nada, mas ficou muito sério e triste. Perguntei-lhe que é que havia. Respondeu-me com a pergunta:

— Por que *estar* zangado com Sexta-Feira? Que eu *ter* feito?

Assegurei-lhe que não estava absolutamente zangado.

— Não *estar* zangado! Não *estar* zangado! — repetiu várias vezes. — Por que *mandar* Sexta-Feira embora?

Numa palavra, não queria ir sem mim.

— Você irá sem mim. Deixe-me viver aqui como vivi antes.

Ficou confuso ao ouvir-me dizer isso e, de repente, correu a apanhar uma das machadinhas, que costumava usar, e a entregou para mim.

— O que quer que eu faça com isto? — perguntei-lhe.

— Senhor *matar* Sexta-Feira.

— E por que haveria de matá-lo? — perguntei-lhe de novo.

— Para que mandar Sexta-Feira embora? Matar Sexta-Feira, não mandar Sexta-Feira embora.

As lágrimas corriam-lhe dos olhos enquanto falava. Fiquei tão comovido que lhe assegurei que jamais o mandaria embora se quisesse ficar comigo.

E assim concluí que o ardente amor pelo povo distante e a esperança de que eu lhes pudesse ser útil explicavam cabalmente o desejo de voltar à pátria. Coisa, aliás, que não me tinha passado pela cabeça, de modo que não alimentava a menor intenção ou vontade de levá-la a efeito. Não obstante, continuou forte a tentação de empreender a travessia, fundada nas suposições que as conversas anteriores justificavam, isto é, relativas à presença de dezessete homens barbados no continente. E assim, sem maior demora, lancei-me à tarefa com Sexta-Feira, procurando uma grande árvore que pudéssemos derrubar e servisse para uma piroga ou canoa de tamanho suficiente. Depois de algum tempo, Sexta-Feira deu com uma árvore apropriada. Com efeito, conhecia melhor do que eu as madeiras mais adequadas para isso. Mesmo hoje, não saberia dizer o nome da árvore que derrubamos. Só sei que era parecida com a que chamamos de pau-amarelo, ou com qualquer coisa de intermediário a esta madeira e à de Nicarágua, pois tinha cor e cheiro muito semelhantes. Sexta-Feira propôs que se cavasse o tronco a fogo, para transformá-lo em canoa. Mostrei-lhe, porém, que era preferível cortá-lo por meio de ferramentas, cujo uso lhe ensinei. Aprendeu rapidamente, de modo que, ao cabo de um mês, mais ou menos, de trabalho árduo, terminamos a canoa. Ficou muito bonita, sobretudo depois que, por meio do machado, fomos lhe dando externamente a forma verdadeira de um barco. Depois disso, entretanto, gastamos quase uma quinzena para levar a canoa até o mar, polegada por polegada, empurrando-a sobre grandes rolos de madeira. Em compensação, logo que flutuou, podia aguentar vinte homens com facilidade.

Fiquei perplexo ao ver a destreza com que Sexta-Feira manobrava o barco ou remava com uma só pá. Perguntei-lhe se se aventuraria a sair na canoa para o oceano e se podíamos tentar a travessia.

— Sim — respondeu —, *mim atravessar* o mar na canoa muito bem, mesmo que grande vento *soprar*.

Eu quis, contudo, fazer um mastro e uma vela e guarnecer a canoa com uma âncora e um cabo, coisas em que Sexta-Feira era completamente ignorante. Foi fácil arranjar um mastro. Eu o fiz do tronco reto de um cedro novo, que encontrei por perto, árvore, aliás, muito comum na ilha. Mandeix Sexta-Feira derrubá-lo e ensinei-lhe a dar-lhe a forma necessária. A mim me cabia, porém, fazer a vela. Possuía pedaços de velas antigas, mas já lá se iam 26 anos, de modo que, não tendo tido muito cuidado para conservá-los, estavam quase que inteiramente apodrecidos. Encontrei, todavia, dois pedaços em estado regular. A muito custo e desajeitadamente, por falta de agulhas, consegui fazer com eles uma horrorosa vela triangular, semelhante à que, na Inglaterra, é conhecida por “quarto de carneiro”, armando-a por meio de uma carangueja em baixo e uma verga curta em cima, à maneira das velas usadas nos grandes escaleres de nossos navios. Era a vela que sabia manejar melhor, pois era desse tipo a do barco em que fugira da Barbária.

Gastei quase dois meses para aprontar o mastro e o velame, pois o quis muito completo. Fiz ainda uma vela de traquete com o respectivo estai, a fim de ajudar a navegação, caso tivéssemos de ficar a barlavento. E, o que é ainda mais importante, coloquei um leme na popa. Embora fosse mau carpinteiro, sabia da utilidade e mesmo da necessidade de um leme, de modo que me esforcei tanto para fazê-lo que, afinal, o consegui.

Depois disso, ensinei a Sexta-Feira como dirigir o barco. Embora soubesse remar muito bem, não tinha noção alguma sobre o que era uma vela ou um leme. Não sabia como manter uma vela em posição ou fazê-la enfundar para um lado ou outro, conforme a rota a seguir. Ficou, mesmo, atônito ao presenciar tudo aquilo. Entretanto, com um pouco de esforço, acostumei-o a todas aquelas manobras. Deu um excelente marinheiro, exceto quanto ao uso da bússola, que compreendeu muito mal. Mas não havia muita necessidade de bússola por aquelas paragens.

Já estava no vigésimo sétimo ano de meu cativeiro na ilha. É verdade que os três últimos anos, em que tivera a companhia de Sexta-Feira, não deveriam ser incluídos nessa expressão, pois levei uma vida completamente diferente da do período anterior. Celebrei o aniversário de minha chegada à ilha com o mesmo espírito de reconhecimento pela bondade divina. E se tinha, a princípio, motivos para ser grato, muito mais os tinha agora, diante dos novos testemunhos de que uma Providência vigilante velava sobre mim e

quando sentia nascer esperanças tão grandes de escapar daquele lugar. Tinha, com efeito, forte pressentimento de que não me tardaria a libertar e de que não passaria nem mais um ano na ilha. Entretanto, continuei a viver como até então.

Entrementes, com a chegada das chuvas, fui obrigado a não sair muito de casa. Tratei de pôr o barco em segurança da melhor maneira que pude, levando-o para a enseada, aonde, conforme relatei no começo do livro, ia descarregar as jangadas das coisas apanhadas no navio. Esperei, assim, pelos meses de novembro e dezembro, nos quais resolvera tentar a travessia.

Quando a época escolhida chegou, a primeira coisa que fiz foi acumular certa quantidade de provisões para a viagem. Esperava tirar o barco do esconderijo dentro de uma semana ou uma quinzena. Certa manhã, estando atarefado com os preparativos, mandei Sexta-Feira à praia, a ver se apanhava uma tartaruga, coisa que fazíamos, geralmente, uma vez por semana, por causa dos ovos e da carne. Não decorrera muito tempo, Sexta-Feira voltou correndo e pulou a muralha externa como se tivesse asas. Antes que lhe pudesse dizer qualquer coisa, gritou-me:

— Senhor! Senhor! Que tristeza! Que mau!

— Que é que há, Sexta-Feira? — perguntei-lhe.

— Oh! uma, duas, três canoas lá longe! Uma, duas, três!

Pensei que queria dizer seis canoas. Verifiquei, porém, que eram apenas três.

— Está bem, Sexta-Feira, não tenha medo — disse-lhe eu, encorajando-o como pude.

Entretanto, a pobre criatura estava num pavor indizível, pois só lhe passava pela cabeça a ideia de que tinham vindo para apanhá-lo, esquartejá-lo, comê-lo. Tremia tanto que eu não sabia o que fazer com ele. Animei-o como me foi possível, afiançando-lhe que eu corria tanto perigo de ser devorado quanto ele.

— Mas devemos combater, Sexta-Feira! — acrescentei. — Você sabe lutar?

— *Mim atirar* — respondeu. — Mas vem muito grande número.

— Não tem importância. Os que não conseguirmos matar ficarão com medo das espingardas.

Perguntei-lhe, então, se, caso eu o defendesse, ele me defenderia, ficando a meu lado e fazendo aquilo que eu mandasse.

— *Mim morrer* quando Senhor mandar — respondeu.

Dei-lhe um bom gole de rum e, quando ficou bêbado, o fiz apanhar as duas espingardas de caça e carregá-las com chumbo do tamanho de balas pequenas de pistola. Apanhei, por minha vez quatro mosquetes e carreguei um com dois balaços e cinco balas pequenas. As duas pistolas, carreguei-as, cada uma, com um par de balas. Cingi, como de hábito, o espadão nu e dei a Sexta-Feira uma machadinha.

Assim preparado, apanhei o óculo de alcance e escalei a encosta do monte para ver o que sucedia. Descobri logo 21 selvagens e três prisioneiros, que tinham chegado em três canoas. Ao que parecia, não perseguiam outro objetivo senão o de se banquetear com a carne dos três prisioneiros, pois não observei nada de extraordinário.

Não tinham desembarcado no mesmo ponto de onde Sexta-Feira fugira, porém mais para perto da enseada, trecho em que a costa é baixa e uma mata espessa chega quase à beira da água. A repulsa que me causava o desumano costume daqueles desgraçados encheu-me de tanta indignação que desci para me encontrar com Sexta-Feira e lhe disse ter decidido ir ao encontro dos selvagens e matá-los todos. Perguntei-lhe se ele me auxiliaria. Sexta-Feira já dominara o medo e, mais animado com o gole que lhe dera a beber, mostrou-se muito alegre, dizendo-me, como antes:

— *Mim morrer* quando Senhor mandar.

Levado por esse acesso de cólera, tratei logo de dividir as armas entre nós. Dei a Sexta-Feira uma pistola para pôr à cintura e três espingardas para carregar aos ombros. Apanhei uma pistola e as outras três espingardas. Assim armados, pusemo-nos a caminho. Levei uma garrafa de rum no bolso e dei a Sexta-Feira uma grande bolsa de pólvora e balas. Ordenei-lhe que ficasse sempre atrás de mim e não se mexesse, nem atirasse ou fizesse qualquer outra coisa, a não ser sob meu comando. Não devia, tampouco, dizer uma só palavra. Caminhei, então, cerca de uma milha para a direita, não só para transpor a enseada, como para penetrar na mata, de modo a colocá-los ao alcance de minha espingarda sem que me descobrissem.

Entrei na mata com toda precaução e no maior silêncio possível. Sexta-Feira vinha logo atrás. Caminhei até chegar à orla da floresta, nas vizinhanças do sítio em que se achavam, de modo que o extremo próximo da mata ficasse entre mim e eles. Chamei Sexta-Feira baixinho e, mostrando-lhe uma grande árvore, que ficava bem no extremo da mata, pedi-lhe para ir até lá e ver se podia observar nitidamente o que estavam fazendo. Assim fez ele e, voltando imediatamente, disse que podiam ser vistos muito bem. Disse, mais, que

rodeavam todos a fogueira, comendo a carne de um dos prisioneiros, e que o outro, amarrado, estava estirado na praia, perto deles, esperando a vez de morrer. Senti-me inflamado de cólera. Sexta-Feira disse, ainda, que os prisioneiros não eram de sua nação, mas que um era dos homens barbados de que me tinha falado. Fiquei horrorizado quando Sexta-Feira falou do homem branco e de barba. Corri à árvore e vi claramente, graças ao óculo de alcance, um homem branco que jazia na praia, as mãos e os pés amarrados com embiras ou qualquer coisa parecida com o junco. Era um europeu e estava vestido.

Havia outra árvore e, logo depois, uma pequena moita que, em relação a nós, estava mais próxima dos canibais cerca de cinquenta jardas. Podia ir até lá sem ser descoberto e ficar, assim, à metade da distância de um tiro. Dominei a emoção e, voltando cerca de trinta passos, escondi-me por trás de algumas moitas, que me protegeram até chegar à outra árvore. Atingi, então, um trecho ligeiramente elevado do terreno, de onde pude vê-los com toda a nitidez, a oitenta jardas de distância.

Não tinha um minuto a perder. Dezenove dos bárbaros estavam sentados no chão, em grupo compacto, enquanto os dois restantes já se preparavam para esquartejar o pobre cristão e trazê-lo, talvez membro por membro, para a fogueira. Curvados, desamarravam os pés do prisioneiro.

— Bem, Sexta-Feira — disse eu —, faça agora o que eu mandar.

Sexta-Feira respondeu que me obedeceria.

— Faça exatamente o que eu fizer — acrescentei.

Depus no chão um dos mosquetes e a espingarda de caça. Sexta-Feira imitou-me. Servindo-me do outro mosquete, fiz pontaria para os selvagens, mandando-lhe que fizesse o mesmo. Perguntei-lhe se estava pronto.

— Sim, *estar*.

— Fogo, então! — exclamei, dando ao mesmo tempo ao gatilho.

A pontaria de Sexta-Feira foi muito melhor do que a minha, pois matou dois homens e feriu três, enquanto eu matei um e feri dois. Os selvagens foram tomados de terrível pânico. Os que não foram atingidos correram aos pulos, mas não sabiam para onde ir, pois nem mesmo tinham ideia sobre a origem daquela carnificina. Sexta-Feira observava-me atentamente, como lhe tinha dito, para ver o que eu faria. Disparado o primeiro tiro, larguei o mosquete e apanhei a espingarda, no que me acompanhou Sexta-Feira. Engatilhei e apontei. Sexta-Feira assim fez.

— Pronto, Sexta-Feira?

— Sim.

— Fogo! — ordenei mais uma vez, disparando ao mesmo tempo sobre os bugres assombrados.

As espingardas estavam carregadas apenas com chumbo grosso de caça, do tamanho de balas pequenas de pistola, de modo que só caíram dois. Foram muitos, porém, os feridos. Saíram correndo aos berros, como loucos, quase todos ensanguentados. Caíram mais três logo depois, mas ainda com vida.

— Siga-me, Sexta-Feira — disse eu, largando a espingarda e apanhando o mosquete, que já estava carregado.

Sexta-Feira obedeceu corajosamente. Corri para fora da mata e mostrei-me no terreno escampo, com Sexta-Feira em meus calcanhares. Logo que os bugres perceberam minha presença, pus-me a gritar a plenos pulmões, ordenando a Sexta-Feira que fizesse o mesmo. Corri ao mesmo tempo o mais rápido que podia — embora, diga-se de passagem, não fosse lá muito veloz — e dirigi-me diretamente para o lugar onde estava a pobre vítima, atirada na praia, entre o mar e a fogueira. Os dois carneiros, que se preparavam, naquele momento, para despedaçar o homem, correram, com o estampido dos tiros, em direção ao mar e, tomados de medo, pularam para uma canoa. O mesmo fizeram três outros selvagens. Voltei-me para Sexta-Feira e disse-lhe para correr na frente e alvejá-los. Entendeu-me prontamente. Correu ainda quarenta jardas para se aproximar deles e fez fogo. Pensei que os tivesse liquidado a todos, pois os vi cair na canoa uns sobre os outros. Entretanto, dois se levantaram rapidamente. Dois morreram de fato e um terceiro ficou ferido, deitado no fundo da canoa como se estivesse morto.

Enquanto Sexta-Feira tratava de alvejá-los, saquei da faca e cortei as embiras que amarravam a pobre vítima. Depois de soltar-lhe as mãos e os pés, levantei-o e perguntei-lhe, em português, quem era. Respondeu-me em latim:

— *Christianus*.

Estava tão fraco e esmorecido que mal se podia ter de pé ou falar. Tirei a garrafa do bolso e entreguei-a, fazendo-lhe sinais para que bebesse, ao que ele obedeceu. Dei-lhe um pedaço de pão, que comeu logo. Perguntei-lhe, então, de que nacionalidade era.

— *Español*.

— Conversaremos depois — disse-lhe no melhor espanhol que pude falar —, temos de combater agora. Se ainda lhe restam forças, tome esta pistola e esta espada.

Apanhou-as logo, agradecido e, como se tivesse ganhado novo vigor, investiu com fúria sobre os assassinos e, num abrir e fechar de olhos, cortou dois ou três em pedaços, pois os bugres estavam tão perplexos e apavorados que não resistiram nem tentaram escapar.

Não atirei, pois queria estar com a arma carregada e pronta, já que dera minha pistola e minha espada ao espanhol. Chamei Sexta-Feira e disse-lhe para ir até a árvore, de onde atiráramos pela primeira vez, e apanhasse as armas que por lá deixáramos descarregadas. Voltou rapidamente. Dei-lhe, então, o mosquete e pus-me a carregar todas as demais armas, dizendo-lhes para que viessem apanhar comigo as de que necessitassem. Enquanto me ocupava nisso, houve uma luta feroz entre o espanhol e um dos bugres, que se atirou sobre ele com uma daquelas grandes espadas de madeira, a mesma com que o teria liquidado se eu não o tivesse impedido. O espanhol, que, embora fraco, era muito valente, combateu com o silvícola um bom pedaço e atingiu-o por duas vezes na cabeça. O bugre era, porém, um tipo robusto e acabou por agarrá-lo e jogá-lo por terra, pretendendo arrancar-lhe a espada da mão. Embora por baixo, o espanhol muito habilmente largou a espada, puxou da pistola e matou-o à queima-roupa.

Sexta-Feira, deixado à vontade, saiu à caça dos fugitivos armado apenas de uma machadinha. Acabou por liquidar dois ou três que tinham ficado feridos e todos os que pôde alcançar. O espanhol veio pedir uma espingarda. Dei-lhe uma das de caça, com que saiu atrás de dois bugres, ferindo-os ambos. Não podia, entretanto, correr, de modo que os dois conseguiram fugir para a mata, aonde os foi caçar Sexta-Feira, matando um. O outro era, porém, muito ligeiro para ele e, embora ferido, conseguiu chegar ao mar, nadando com todas as forças que tinha em direção à canoa, onde se encontravam três bugres, um deles ferido. De 21 canibais, foram esses os únicos que escaparam.

Os sobreviventes remaram com o máximo de energia para se porem fora do alcance das espingardas. Sexta-Feira ainda os alvejou por duas ou três vezes, mas não me pareceu ter atingido nenhum deles. Ele me seguiria, de bom grado, numa das canoas que deixaram, a fim de lhes dar caça. A fuga deles, aliás, me deixou muito preocupado, pois tinha medo de que, contando à sua gente o que acontecera, voltassem às centenas e acabassem por nos subjugar pelo peso do número. Corri, por isso, para uma das canoas, ordenando a Sexta-Feira que me acompanhasse. Tive, porém, a surpresa de encontrar, no fundo da canoa, outro infeliz de mãos e pés amarrados, o qual,

como o espanhol, esperava o momento de ser esquartejado. Estava quase morto de medo e nada sabia do que se passava, pois não pudera olhar por cima da borda da canoa. Tinham-no amarrado com tanta força, do pescoço aos pés, e já estava assim havia tanto tempo que pouco faltava para expirar. Cortei logo as embiras trançadas que o sujeitavam e quis reanimá-lo. Não podia, porém, ficar de pé ou falar e só fazia gemer lamentosamente, como se o tivéssemos desamarrado para matá-lo. Quando Sexta-Feira chegou, mandei-o falar com ele e dizer-lhe que estava salvo. Tirei do bolso a garrafa e ordenei a Sexta-Feira que lhe desse um trago de rum, o que, junto com a notícia da libertação, o reanimou bastante, fazendo-o sentar-se na canoa. Aconteceu, porém, uma coisa emocionante quando Sexta-Feira se chegou a ele. Ao fitar-lhe o semblante, Sexta-Feira disparou a beijá-lo, a abraçá-lo, a acariciá-lo, a chorar, a rir, a gritar, pondo-se aos pulos, dançando, chorando de novo, torcendo as mãos, esmurrando o próprio rosto e a cabeça, como se tivesse enlouquecido. Custou a voltar a si e a explicar-me o que significava aquilo. Quando conseguiu falar, disse-me que aquele era seu pai.

É difícil dar uma ideia da minha emoção ao presenciar aquele transbordamento de amor filial no pobre silvícola por ter encontrado o pai, salvando-o da morte. Não poderia, tampouco, descrever as extravagâncias a que o levou, depois disso, o carinho pelo pai. Entrou e saiu da canoa várias vezes, sentava-se perto dele, apertava-lhe a cabeça de encontro ao peito, como para lhe dar calor. Esfregou-lhe, depois, os braços e os quadris, que tinham ficado entorpecidos e duros. Vendo aquilo, dei a Sexta-Feira um pouco de rum para friccionar, o que foi muito bom.

O acontecimento impediu-nos de sair atrás dos selvagens em fuga, que já se encontravam, então, quase fora do alcance da vista. E fomos muito felizes por não o termos feito. Desabou um vendaval tão forte duas horas depois, quando ainda não tinham vencido um quarto do percurso, e ventou tanto durante toda a noite — e vento noroeste, isto é, contra eles — que julgo difícil terem conseguido salvar-se e atingir o continente.

Voltemos, porém, a Sexta-Feira. Estava tão entretido com o pai que não tive coragem de chamá-lo por um tempo. Chamei-o, porém, logo que me pareceu não haver prejuízo em deixá-lo a sós um pouco. Veio aos pulos, rindo, no auge da alegria. Perguntei-lhe se dera ao pai um pouco de pão.

— Não — respondeu —, cão danado *comer* tudo.

Ofereci-lhe, então, um pedaço, que tirei de um saco trazido a propósito. Ofereci também a Sexta-Feira um gole de rum, mas, em vez de bebê-lo,

levou-o para o pai. Trazia igualmente, nos bolsos, dois ou três cachos de passas. Dei-lhe um punhado para levar ao pai. Mal entregou as passas ao pai, saiu da canoa e entrou em desabalada carreira, como se tivesse ficado possesso. Corria tanto (nunca vira ninguém mais ligeiro) que num instante sumiu de minha vista. Chamei-o, gritei, mas não adiantou. Lá se foi na mesma disparada. Voltou quinze minutos depois, porém não corria tanto. Quando se aproximou um pouco mais, notei que corria menos porque trazia algo na mão.

Ao chegar-se a mim, vi que fora à nossa morada apanhar um jarro para trazer ao pai um pouco de água, além de mais dois ou três pães. O pão me deu, mas a água, levou-a ao pai. Bebi, também, um gole, porque estava sequioso. O pai de Sexta-Feira, que morria de sede, ficou mais reanimado com a água do que com o rum. Assim que bebeu, perguntei a Sexta-Feira se ainda sobrara um pouco.

— Sim — respondeu.

Mandei que a oferecesse ao pobre do espanhol, tão necessitado quanto o outro. Enviei-lhe, também, um dos pães trazidos por Sexta-Feira. O espanhol estava realmente muito fraco e deitara-se na relva, à sombra de uma árvore. Tinha as pernas duras e inchadas, por ter sido amarrado rudemente. Sentou-se logo que viu Sexta-Feira chegar com a água, bebeu-a e comeu, depois, o pão. Fui até ele e ofereci-lhe ainda um punhado de passas. Olhou-me com profunda gratidão. Estava, porém, de tal maneira combalido, dado o esforço da luta, que não podia ficar em pé. Tentou-o duas ou três vezes, mas nada conseguiu. Tinha os quadris inchados e muito doloridos. Disse-lhe que ficasse quieto e mandei Sexta-Feira esfregá-lo com rum, como fizera ao pai.

De dois em dois minutos, ou talvez menos, o pobre e afetuoso Sexta-Feira virava a cabeça para observar o pai. Deixou de enxergá-lo de repente e, sem dizer nada, saiu de novo em tamanha disparada que parecia voar. Viu, porém, que o pai apenas se deitara para dar mais descanso às pernas. Sexta-Feira voltou e eu disse-lhe, então, para carregar o espanhol até a canoa. Tomou-o às costas e foi colocá-lo ao lado do pai. Pulou da canoa mais uma vez, empurrou-a para a água, tornou a embarcar e pôs-se a remar ao longo da praia com tanto vigor que caminhava mais depressa que eu, que ia a pé. E isso apesar do vento, que soprava com muita força. Levou-os em segurança para a enseada, deixando-os na canoa, e voltou correndo para levar a outra. Perguntei-lhe aonde ia quando passou por mim.

— *Ir apanhar mais canoa* — respondeu-me.

E lá se foi como uma ventania, pois, sem dúvida, nunca um homem ou cavalo correu tanto quanto ele. Chegou com a segunda canoa à enseada quase ao mesmo tempo que eu, que viera a pé. Passou-me para o outro lado e, depois, tirou os novos hóspedes da canoa. Não estavam, porém, em condições de andar, e o pobre Sexta-Feira não sabia o que fazer.

Fizemos, por fim, uma espécie de padiola para transportá-los. Todavia, quando chegamos à paliçada de nosso “castelo”, encontramos-nos em situação ainda mais difícil que antes, pois era impossível passar a padiola por cima e eu não queria, de modo algum, destruí-la. Pus mãos à obra e, auxiliado por Sexta-Feira, ergui, em cerca de duas horas, uma bela tenda, coberta de pedaços de velas antigas, entre a referida estacada e o pequeno bosque, que eu mesmo plantara. Fizemos-lhes, então, dois leitos de palha de arroz, forrados com cobertores, e, além disso, demos-lhes outros para se cobrirem. Minha ilha passou a ser povoada e eu sentia-me como se fosse o senhor de muitos súditos.

Pensava muitas vezes, e tinha prazer nisso, em que me parecia muito com um rei. Antes de tudo, a ilha inteira me pertencia, tinha sobre ela direitos incontestáveis de posse. Em segundo lugar, tinha completo domínio sobre a minha gente. Era o senhor absoluto, a origem da lei. Todos me deviam a vida e estavam prontos a morrer por mim caso se apresentasse a ocasião. Outro fato digno de nota era que, embora tivesse apenas três súditos, pertenciam eles a diferentes religiões. Sexta-Feira era protestante; o pai dele, pagão e canibal; e o espanhol, papista. Entretanto, garanti liberdade de consciência a todos.

Logo que tive em segurança e abrigados os dois prisioneiros que salvara da morte, tratei de alimentá-los. Mandeí que Sexta-Feira apanhasse, em meu rebanho, uma cabra ainda nova, de um ano, e a sacrificasse. Cortei, então, o quarto traseiro, dividindo-o em pequenos pedaços, e disse a Sexta-Feira para ensopá-los. Tivemos, assim, um caldo e um excelente prato de carne, que comemos com grande apetite.

Depois do jantar, ou melhor, da ceia, mandei Sexta-Feira sair na canoa para recolher os mosquetes e as outras armas de fogo que tinham ficado no campo da refrega. No dia seguinte, ordenei-lhe que enterrasse os corpos dos selvagens, expostos até então ao sol e que não tardariam a exalar mau cheiro. Disse-lhe, também, para enterrar os macabros despojos do festim. Sexta-Feira fez tudo como mandei.

Tratei, em seguida, de conversar um pouco com meus novos vassalos.

Comecei por pedir a Sexta-Feira que auscultasse a opinião do pai sobre a fuga dos selvagens sobreviventes e lhe perguntasse se podíamos esperar a volta dos canibais em tão grande número que tornasse impossível a resistência. Opinou que os selvagens não poderiam ter sobrevivido ao temporal da noite da fuga e que, com certeza, morreram afogados ou foram arrastados para o sul, em direção a um trecho da costa onde com certeza seriam devorados. Caso tivessem chegado ao destino, não poderia dizer o que fariam. Na sua opinião, porém, ficaram tão aterrorizados com a espécie de ataque sofrido, com os estampidos e o fogo que diriam a seu povo terem sido destruídos pelo trovão e pelo raio e não pelo homem. Diriam, ainda, que os dois homens (isto é, eu e Sexta-Feira) eram dois espíritos celestes que tinham descido à terra para destruí-los, sem recorrerem às armas. O velho bugre tinha razão, pois, embora escapassem, contaram histórias tão terríveis à sua gente (como vim a saber mais tarde) que nunca mais se aventuraram a voltar à ilha.

Não obstante, fiquei muito apreensivo durante um tempo e mantivemo-nos sempre vigilantes, eu e todo o meu exército. Com efeito, agora que éramos quatro, teria enfrentado cem bugres em campo aberto. O medo, porém, não tardou a desaparecer, pois não surgiu canoa alguma na ilha. Voltei a pensar na tentativa de chegar ao continente, confiado em que, como me asseguravam Sexta-Feira e o pai, seria lá bem recebido.

Entretanto, fiquei em dúvida depois de conversar com o espanhol e saber que havia mais dezesseis espanhóis e portugueses por aquelas paragens, vivendo, de fato, em paz com os silvícolas, mas passando muitas privações e quase sem terem o que comer. Pedi-lhe para me relatar os pormenores da viagem que fizera. Vinha, num navio espanhol, do rio da Prata para Havana, onde pretendiam deixar a carga, sobretudo couros e prata, voltando, depois, com quanta mercadoria europeia pudessem encontrar. Havia cinco marinheiros portugueses a bordo, que recolheram de um naufrágio. Contou, ainda, que cinco homens da tripulação se afogaram antes de o navio se perder. Os restantes, arrostando perigos sem conta, conseguiram chegar à costa dos canibais, quase mortos de fome, onde esperaram ser devorados a cada momento. Possuíam algumas armas, mas eram inúteis, porque lhes faltavam balas e pólvora. As ondas tinham estragado toda a pólvora que traziam, salvo pequena quantidade, de que lançaram mão para prepararem algum alimento.

Perguntei-lhe o que pensava sobre o destino que os aguardava por lá e se tinham feito algum plano de fuga. Disse-me que tiveram muitas discussões

sobre o assunto, mas que, sem barco, sem ferramentas para construir um, sem provisões de espécie alguma, esses encontros sempre terminavam em lágrimas e desespero. Perguntei-lhe como receberiam uma proposta minha de fuga e se, caso viessem todos para a ilha, não poderíamos escapar. Respondeu-me que se achavam na mais desesperançada das situações e que, se eu levasse a peito a empresa, viveriam e morreriam por mim.

Resolvi, assim, tentar a libertação desses homens, mandando, antes, o velho bugre e o espanhol até o continente, a fim de tratar com eles. Quando, entretanto, já estava tudo pronto, o espanhol levantou uma objeção tão prudente e sincera que não pude deixar de tomá-la em consideração, transferindo a libertação de seus companheiros por meio ano, no mínimo. O caso era, em suma, que, depois de viver um mês em minha companhia, período durante o qual observou de perto os meios pelos quais me garantia a subsistência, graças ao auxílio da Providência, o espanhol concluiu que a minha provisão de cevada e arroz, embora suficiente para mim, só com muita poupança bastava à minha família, já com quatro membros. Muito menos bastaria, portanto, se todos os seus companheiros, em número de dezesseis, viessem para a ilha. Ainda menores seriam as possibilidades de aprovisionar o navio, caso o construíssemos, para a projetada viagem a qualquer das colônias cristãs da América. Aconselhou-me, por isso, que permitisse a ele e aos outros dois homens roçar e semear novas terras, na proporção da quantidade de sementes disponível. Esperaríamos, assim, a próxima colheita, que nos garantiria grão bastante para alimentar os seus compatriotas quando chegassem. Do contrário, poderiam ser facilmente levados à rebelião, julgando-se ludibriados com a troca de uma situação difícil por outra igual.

A prudência do espanhol me pareceu tão a propósito e o conselho tão bom que fiquei muito contente com a proposta, bem assim com a fidelidade demonstrada. Pusemo-nos, assim, todos os quatro a roçar novas terras, tanto quanto nos permitiam os instrumentos de madeira. No fim de um mês aproximadamente, já tínhamos desbastado e roçado terra bastante para semear 22 alqueires de cevada e dezesseis jarros de arroz, isto é, toda a semente de que dispúnhamos.

Passamos a andar à vontade por toda a ilha, porque éramos, agora, um grupo capaz de enfrentar os selvagens, a não ser que viessem em grande número. Pensávamos constantemente na nossa projetada libertação, de modo que era impossível, pelo menos para mim, deixar de cogitar os meios de levá-la a cabo. Para isso, assinalei várias árvores adequadas à empresa e

encarreguei Sexta-Feira e o pai de derrubá-las. Fiz o espanhol superintender e dirigir-lhes o trabalho. Mostrei-lhes as pranchas em que, à custa de indescritíveis esforços, transformara uma grande árvore e disse-lhes para fazer o mesmo. Conseguiram, assim, cerca de uma dúzia de grandes pranchas de carvalho, de dois pés de largura, aproximadamente, 35 pés de comprimento e de duas a quatro polegadas de espessura. É fácil imaginar o trabalho que isso exigiu.

Ao mesmo tempo, procurei aumentar, na medida do possível, meu pequeno rebanho de cabras domesticadas. Com esse fim, mandava que Sexta-Feira e o espanhol saíssem um dia e, no dia seguinte, saíamos Sexta-Feira e eu, pois nos revezávamos. Capturamos, dessa maneira, cerca de vinte cabritinhos para serem criados no rebanho. Sempre que alvejávamos a cabra, poupávamos os cabritos e os incluíamos no rebanho. Além disso, ao chegar a época de preparar as passas, curei ao sol quantidade tão prodigiosa de uvas que, se estivéssemos em Alicante, terra das passas, teríamos enchido sessenta ou oitenta barris. Grande parte de nosso alimento era constituído dessas passas e do pão.

Veio o tempo da colheita, que foi normal. Embora não figurasse entre as mais abundantes que já tivera na ilha, chegava, porém, para o nosso objetivo. Os 22 alqueires de cevada semeados renderam cerca de 220 alqueires, e o mesmo aconteceu, proporcionalmente, com o arroz. Era o suficiente para vivermos até a próxima colheita, mesmo que todos os quatorze espanhóis estivessem conosco. Por outro lado, se estivéssemos preparados para a viagem, poderíamos aprovisionar suficientemente o navio para nos levar a qualquer parte do mundo, isto é, da América. Uma vez obtido e armazenado o grão necessário, pusemo-nos a fazer mais cestos de vime para guardá-lo. O espanhol era, nesse particular, de grande habilidade.

De posse de alimento bastante para todos os hóspedes esperados, permiti ao espanhol tentar a travessia e ver o que poderia combinar com os que ficaram no continente. Dei-lhe ordens terminantes para não trazer homem algum que não tivesse jurado, na presença dele e do velho bugre, não fazer mal algum ao habitante da ilha, cuja bondade era tanta que chegava a mandar buscá-los para libertá-los. Deviam, ao contrário, comprometer-se a apoiá-lo e defendê-lo contra todas as tentativas de ataque e, aonde quer que fossem, se poriam inteiramente às suas ordens. O juramento devia ser escrito e assinado de próprio punho.

Assim instruídos, o espanhol e o velho bugre partiram numa das canoas

em que tinham chegado à ilha, prisioneiros dos canibais, para serem devorados. Dei um mosquete a cada um e cerca de oito cargas de pólvora e balas, recomendando-lhes muito que fossem parcimoniosos e só as usassem em momentos de grande perigo. Os preparativos da viagem foram um motivo de alegria, pois constituíam as primeiras medidas para a minha libertação, tomadas em 27 anos e alguns dias de permanência na ilha. Forneci-lhes pão e uvas secas em quantidade que, para eles, seria bastante durante muitos dias e, para os compatriotas do espanhol, daria para oito. Desejei-lhes boa viagem e deixei-os partir, não sem combinar um sinal que deviam ostentar na volta, a fim de que eu pudesse reconhecê-los à distância, antes de atingirem as praias.

Partiram com vento regular em dia de lua cheia, no mês de outubro, segundo a minha conta.

Não se tinham passado oito dias depois disso, quando sucedeu um fato imprevisto e estranho, desconhecido, talvez, na história. Dormia profundamente, certa manhã, quando Sexta-Feira chegou correndo, a gritar bem alto:

— Senhor! Senhor! Eles *chegar!* Eles *chegar!*

Pulei da cama e, sem pensar no perigo, vesti-me às pressas e saí correndo, atravessando o pequeno bosque fronteiro. Ia desarmado, o que estava fora dos meus hábitos. Perscrutei o mar e logo divisei um barco com uma vela em “quarto de carneiro”, que vinha rumo à ilha, a cerca de légua e meia de distância. Um vento bem regular soprava para a costa. Observei, além disso, que o barco não procedia da mesma direção em que estava a praia, porém do extremo sul da ilha. Chamei Sexta-Feira e disse-lhe para ficar comigo. Não era a nossa gente que chegava e não sabia se teríamos de tratar com amigos ou inimigos. Fui em casa apanhar o óculo de alcance e, levando a escada para fora, subi ao cimo da colina, como sempre fazia nos momentos de perigo, quando desejava ver claramente sem ser visto. Mal cheguei ao cume, vi um navio ancorado a cerca de duas léguas e meia de distância de onde me achava, na direção su-sudeste, mas não a mais de légua e meia da costa. Parecia, sem dúvida alguma, um navio inglês, e o barco era um escalor da mesma nacionalidade.

Não me é possível dar uma ideia da agitação em que fiquei, apesar da minha alegria ao ver um navio, e um navio que, segundo todas as aparências, era tripulado por compatriotas meus e, portanto, por amigos. Não obstante minhas previsões, não poderia dizer de onde vieram, o que aconselhava a me conservar vigilante. Comecei a matutar sobre qual poderia ser o objetivo

daquela viagem, uma vez que a ilha estava fora das rotas comerciais inglesas. Sabia, por outro lado, que não houvera nenhuma tempestade recente capaz de ter arrastado um navio àquelas paragens. Portanto, se o navio era, de fato, inglês, não vinha, provavelmente, com boas intenções e melhor me seria continuar como estava do que cair nas mãos de ladrões e assassinos.

Fiquei muito satisfeito ao verificar, logo que desembarcaram, serem eles ingleses, pelo menos a maioria. Julguei que dois fossem holandeses, mas estava enganado. Eram, ao todo, onze homens, dos quais três estavam sem armas e, segundo me pareceu, amarrados. Quando os primeiros quatro ou cinco homens pularam para a praia, tiraram do barco esses três prisioneiros. Um deles, vi-o muito bem fazer os mais ardentes gestos de súplica, de aflição e desespero. Os outros dois levantavam as mãos de vez em quando e pareciam, de fato, apreensivos, mas não como o primeiro.

O que vi me deixou confuso. Não sabia o que pensar daquilo. Sexta-Feira gritou para mim, no melhor inglês que pôde:

— Ó Senhor, ingleses *comer* prisioneiros igual os selvagens!

— Como, Sexta-Feira, pensa mesmo que eles vão devorá-los?

— Sim — respondeu o bugre —, eles *devorar eles*.

— Não, Sexta-Feira, receio muito que vão matá-los, não há dúvida, mas jamais os devorarão.

Ainda não tinha ideia nenhuma do que significava aquilo tudo. Esperava a morte dos prisioneiros a cada instante. Um dos homens levantou o braço, empunhando um grande alfanje ou espada, como para abater um deles. Pensei vê-lo rolar por terra imediatamente. Desejei com ardor que o espanhol e o velho bugre estivessem comigo, ou que me fosse possível colocar aqueles homens ao alcance de minha espingarda sem ser pressentido, o que planejei fazer quando a noite caísse. Poderia, então, salvar os prisioneiros, pois não traziam armas de fogo ao que me parecia.

Depois de assim maltratarem as três criaturas, os brutais marinheiros começaram a passear pelos arredores, como se quisessem conhecer a terra. Observei também que os três homens tinham liberdade de ir aonde quisessem. Sentaram-se, porém, no chão, pensativos, como homens em situação desesperançada.

Tinham desembarcado justamente no momento em que a enchente da maré atingia o máximo. Distraíram-se, porém, falando aos prisioneiros e vagando pelas redondezas, de modo que a maré vazou consideravelmente, deixando o barco a seco. Como disse antes, era minha intenção não tomar

medida alguma enquanto não anoitecesse. Cerca de duas horas, porém, no auge do calor, os marinheiros meteram-se pela mata e, como calculei, deitaram-se todos para dormir. Os três desgraçados, ansiosos demais para poderem dormir, tinham procurado a sombra de uma grande árvore, a um quarto de milha do ponto em que me encontrava, fora da vista dos demais.

Resolvi, então, surgir diante deles e saber o que lhes acontecia. Caminhei logo para lá, seguido de Sexta-Feira a boa distância. Sexta-Feira estava tão bem armado quanto eu, mas não se parecia tanto com um espectro. Aproximei-me, sem ser percebido, o mais que me foi possível, e, antes que me percebessem, gritei-lhes em espanhol:

— Quem são os senhores?

Puseram-se de pé num instante ao som da minha voz, porém muito mais espantados ficaram quando deram com a minha estranha figura. Não disseram uma palavra e notei que estavam a ponto de fugir, quando acrescentei, em inglês:

— Senhores, não se surpreendam comigo. É bem possível que tenham encontrado um amigo quando menos esperavam.

— O céu, deve, então, tê-lo enviado a nós — disse um deles, gravemente, ao mesmo tempo que se descobria — porque os homens já não podem remediar a nossa situação.

— Senhor, todo socorro vem do céu — continuei. — E poderiam dizer-me de que maneira um estranho, como eu, poderia ajudá-los? Vejo, em verdade, que se acham em situação muito desgraçada. Vi quando desembarcou e quando parecia suplicar aos brutos que o seguiam. Vi quando um deles ergueu a espada para matá-lo.

O pobre homem, trêmulo, as lágrimas rolando-lhe pelas faces, olhou-me espantando e perguntou:

— Falo com um deus ou com um homem? Falo com um homem de carne e osso ou com um anjo?

— Não se preocupe com isso — disse eu —, se um anjo eu fora, enviado por Deus para libertá-lo, teria vindo mais bem-vestido do que estou e com outras armas, que não possuo. Não tenha medo. Sou um homem, um súdito inglês, disposto a ajudá-lo, como vê. Tenho apenas um servo, dispomos de armas e munições. Diga-nos com toda a franqueza: Podemos ajudá-los? De que se trata?

— Nossa história — respondeu-me — é muito longa para que se possa narrá-la quando nossos carrascos se encontram tão perto. Em poucas

palavras, senhor, era eu o comandante daquele navio, cuja tripulação se amotinou contra mim. Custaram a convencer-se de que não me deviam matar. Resolveram, por fim, deixar-me neste lugar desolado, juntamente com estes dois homens, um dos quais é o meu piloto e o outro, um passageiro. Esperávamos perecer aqui, acreditando que o lugar era desabitado.

— Onde estão esses celerados? — perguntei-lhe. — Sabe para onde foram?

— Lá estão, senhor — respondeu, apontando para um arvoredor. — Tremo só de pensar que nos possam ter visto ou ouvido. Eles nos matariam a todos.

— Possuem eles armas de fogo?

— Apenas duas, além de outra que deixaram no barco.

— Pois, então, deixe a coisa comigo — disse-lhe eu. — Estão dormindo. É fácil liquidá-los. Ou será melhor aprisioná-los?

Contou-me que havia, entre eles, dois ferozes bandidos, e que seria perigoso poupá-los. Mas, uma vez eliminados os dois, achava que os outros voltariam a obedecer-lhe. Perguntei-lhe quem eram os dois. Respondeu-me que não poderia dizê-lo de tão longe, mas que faria o que lhe ordenasse.

— Bem — disse eu —, vamos para onde não nos possam ver ou ouvir, porque podem acordar. Resolveremos o que fazer depois.

Seguiram-me prazerosamente até escondermo-nos na mata.

— Diga-me, senhor — perguntei —, está disposto a aceitar de mim duas condições caso eu tente libertá-lo?

Nem chegou a ouvir as minhas propostas, pois foi logo adiantando que, se fosse libertado, ele e o seu navio ficariam inteiramente sob as minhas ordens. E, no caso de ser impossível recuperar o navio, viveria e morreria por mim, em qualquer parte do mundo para onde o levasse. Os outros dois fizeram a mesma promessa.

— Bem — continuei —, somente imponho duas condições. Primeira: enquanto permanecer comigo na ilha, não poderá pretender qualquer autoridade. As armas que receber, deverá dá-las para mim imediatamente, quando eu as pedir. Não fará mal a mim nem ao que me cerca nesta ilha. Terá que me obedecer, enquanto estiver comigo. Segunda: se o navio for recuperado, eu e meu servo seremos recambiados gratuitamente para a Inglaterra.

Assegurou-me, com todo o poder da eloquência e da sinceridade, que cumpriria fielmente essas exigências mais do que razoáveis e, além disso,

declarou que me devia a vida e me havia de ser grato enquanto vivesse.

— Pois bem — disse-lhe eu —, eis aqui três mosquetes, pólvora e balas para o senhor. Diga-me o que pensa que devemos fazer agora.

Mostrou profundo reconhecimento pela minha confiança, mas pôs-se inteiramente sob as minhas ordens. Disse-lhe que, na minha opinião, qualquer empresa seria arriscada, mas que o melhor plano seria alvejá-los logo, enquanto dormissem. Caso sobrevivessem alguns deles à primeira fuzilaria e quisessem se render, poderíamos, nesse caso, salvá-los, de modo que deixaríamos à Providência Divina os resultados dos primeiros tiros. Respondeu-me, virtuosamente, que não desejava matá-los, caso pudesse evitá-lo. Entretanto, os dois miseráveis que dirigiram o motim eram incorrigíveis, de sorte que nada teríamos conseguido se escapassem, pois iriam a bordo e arrastariam a tripulação e nos liquidariam a todos.

— Bem — disse eu —, nesse caso, a necessidade legítima o meu plano, pois esse é o único meio de salvar nossas vidas.

Vendo, porém, que ainda relutava em derramar sangue, disse-lhes, a ele e aos companheiros, que fizessem o que achassem conveniente. Nesse ínterim, percebemos que dois dos amotinados despertavam, pondo-se logo de pé. Perguntei ao capitão se eram os cabeças do motim.

— Não — respondeu-me.

— Se é assim — disse-lhe eu —, pode deixá-los escapar. Parece que foi a Providência que os despertou, para salvar-lhes a vida. Mas, se os outros fugirem, a culpa é sua.

Animado por essas palavras, meteu uma pistola à cinta, apanhou um mosquete e, acompanhado pelos dois camaradas, cada um deles levando um mosquete, investiu sobre o grupo. Fizeram algum ruído. Um dos marinheiros que havia despertado se voltou e, vendo-os aproximar-se, se pôs a gritar para chamar a atenção dos seus companheiros. Mas era demasiado tarde, porque no momento em que gritou fizeram fogo, isto é, os que acompanhavam o capitão dispararam, porque este reservou prudentemente o seu tiro. Apontaram com tanta perfeição nos dirigentes do motim, a quem conheciam bem, que um morreu na hora e o outro ficou gravemente ferido. Conseguiu, entretanto, levantar-se e gritou pedindo auxílio. O capitão acercou-se e lhe disse que era tarde para pedir socorro e que o melhor que podia fazer era pedir a Deus que perdoasse a sua traição. Ditas essas palavras deu-lhe uma coronhada que o prostrou sem vida. Do grupo ainda restaram três homens, um dos quais levemente ferido. Aproximei-me também. Quando se deram

conta da situação e viram ser inútil resistir, imploraram clemência. Disse-lhes o capitão que os pouparia, desde que dessem todas as garantias de terem repudiado a traição cometida e jurassem obedecer-lhe fielmente quando retomassem posse do navio e voltassem para a Jamaica, de onde procediam. Protestaram-lhe fidelidade e obediência com o maior ardor possível, e o capitão se inclinava a dar-lhes crédito e a poupar-lhes a vida, a que não me opus. Ordenei-lhe apenas que os mantivesse de mãos e pés amarrados, enquanto estivessem na ilha.

Enquanto isso, mandei Sexta-Feira ir até o barco, em companhia do imediato, com ordens de deixá-lo em segurança e trazer os remos e a vela. Assim fizeram. Pouco depois chegaram mais três homens, que vagueavam pela ilha, atraídos pelos estampidos. Vendo o capitão dono do terreno, deixaram-se também amarrar.

Restava-nos, depois disso, a mim e ao capitão, contar a respectiva história. Fui o primeiro, relatei-lhe tudo que me acontecera. Ouviu-me absorto e mesmo maravilhado, sobretudo quando lhe dei parte da maneira extraordinária pela qual conseguira víveres e munição. Ficou profundamente impressionado, porque minha história é, de fato, um rosário de acontecimentos espantosos. Quando, além disso, meditou sobre o que lhe sucedera e sobre a minha presença providencial na ilha — o que lhe permitira escapar à morte — as lágrimas correram-lhe pelas faces e não pôde mais articular uma só palavra. Terminada a minha narrativa, levei-o e a seus dois companheiros para a minha morada, entrando pelo mesmo lugar por onde saíra, isto é, por cima. Dei-lhes de comer e de beber o que tinha e mostrei-lhes, depois, todos os arranjos que fizera durante a minha longa permanência na ilha.

Estavam perplexos diante de tudo que lhes mostrava e dizia. O capitão admirou, acima de tudo, as fortificações e a perfeição com que disfarçava o meu retiro por meio do arvoredor, o qual, plantado havia vinte anos, crescendo com muito mais exuberância do que na Inglaterra, já se transformara num pequeno bosque. E tão espesso estava que era intransponível, a não ser através da picada tortuosa que me reservara. Disse-lhe que tinha ali meu “castelo” e residência, mas que possuía também uma casa no interior, à maneira de muitos príncipes, para onde ia de vez em quando.

Prometi mostrá-la mais tarde. Tínhamos de preocupar-nos, então, em reconquistar o navio. Concordeu comigo, mas acrescentou que não tinha ideia nenhuma do que poderia ser feito, pois ainda havia 26 homens a bordo.

Tendo participado do motim, sabiam que estavam todos sob penas da lei e, portanto, o desespero os faria resistir. Sabiam que, caso se rendessem, seriam enforcados logo que chegassem à Inglaterra. Assim, não se poderia pensar em atacá-los, sendo, como éramos, em tão pequeno número.

A isso respondi que a nós nos competia, em primeiro lugar, fazer um rombo no barco, que estava a seco na praia, de modo que não o pudessem levar. Devíamos retirar dele tudo que encontrássemos e deixá-lo completamente imprestável para navegar. Fomos, então, até lá e apanhamos as armas e tudo o mais que encontramos, isto é, uma garrafa de aguardente, outra de rum, algumas bolachas, um polvorinho e uma grande pedra de açúcar, embrulhada num pedaço de lona. Eram cinco ou seis libras de açúcar. Todas essas coisas foram muito bem-vindas, especialmente a aguardente e o açúcar, que já não tinha havia muitos anos. Depois de pôr todas essas coisas na praia, fizemos um grande rombo no fundo do escaler, de modo que, se viessem em número bastante para nos dominar, não poderiam, de qualquer modo levar o barco.

Na verdade, achava que não nos seria possível reconquistar o navio. Mas, de qualquer maneira, caso fossem embora, deixando o barco, não hesitaria em consertá-lo, de modo que poderíamos partir para as ilhas Leeward e encontrar-nos com os nossos amigos espanhóis no meio da viagem.

Enquanto assim dispúnhamos os nossos planos, depois de termos arrastado o escaler para a praia até um ponto em que ficaria a seco mesmo na maré mais cheia; depois de termos feito o rombo no fundo do barco e de termos nos sentado para discutir o que devíamos fazer — ouvimos um tiro de peça do navio e vimos que faziam sinal com a bandeira, ordenando a volta do escaler. Como o barco não aparecesse, deram vários outros tiros. Por fim, sem obterem resposta com os tiros de peça e os sinais, lançaram outro barco ao mar (o que pudemos ver com o óculo de alcance) e remaram para a praia. Conseguimos contar, logo que se aproximaram, nada menos de dez homens. Traziam armas de fogo. O navio estava a quase duas léguas da costa, de sorte que pudemos examiná-los enquanto se aproximavam. O capitão conhecia bem os homens que vinham no escaler. Disse que três eram bons sujeitos e estava certo de que tinham sido arrastados ao motim sob a ameaça dos outros. Mas o contramestre, que parecia o mais graduado dentre eles, e os outros homens estavam entre os mais celerados da tripulação e dispunham-se a tudo.

Assim que vimos o escaler partir do navio pensamos em separar nossos

prisioneiros e colocá-los em lugar seguro. Havia dois em que o capitão fiava menos que nos outros, que foram conduzidos à caverna por Sexta-Feira e um dos três prisioneiros salvos. Ali estariam bastante longe para fazer-se ouvir ou ser descobertos, e se conseguissem fugir não encontrariam o caminho do bosque. Ficaram bem amarrados e receberam provisões. Foi-lhes prometido que ganhariam a liberdade dentro de um ou dois dias caso se portassem direito; em caso contrário seriam mortos sem misericórdia. Juraram suportar sua prisão com paciência e agradeceram o modo como estavam sendo tratados, recebendo provisões e luz, pois Sexta-Feira deixara algumas das velas que fabricávamos. Apesar de tudo foi-lhes insinuado que Sexta-Feira ficaria de sentinela na porta da caverna.

Os demais prisioneiros foram mais bem tratados; dois deles permaneceram não obstante amarrados, porque o capitão não se fiava completamente neles. Os dois restantes ficaram a meu serviço segundo recomendação do capitão, sob promessa de viver e morrer para nós. Desse modo, contando com esses dois homens, o capitão e seus companheiros, éramos sete homens bem armados e não duvidava que venceríamos os dez que vinham, sobretudo depois que o capitão dissera reconhecer entre eles três homens morigerados.

Logo que atingiram o lugar onde estava o outro escaler, pularam à praia e arrastaram o barco para a areia, o que me alegrou muito. Temia que, em vez de levarem o barco para a praia, ancorassem a alguma distância, deixando nele, de guarda, dois ou três homens. Nesse caso não poderia capturar o escaler. Assim que saltaram do barco, correram para o outro. Vimos logo que ficaram extremamente surpresos diante do escaler despojado de tudo e com um rombo no fundo. Deram, então, um grito, mas em vão. Juntaram-se, então, em círculo, e fizeram fogo com as armas de pequeno porte. Ouvimos muito bem os estampidos, que retumbaram pela mata. Em vão, porém. Os que estavam na caverna, tínhamos a certeza de que não poderiam ouvir. Quanto aos que eram vigiados por nós, embora tivessem ouvido muito bem, não ousaram responder.

Ficaram tão espantados que, como nos contaram mais tarde, resolveram voltar ao navio e dizer aos outros que todos os homens tinham sido mortos e que o barco fora arrombado. Puseram então imediatamente o escaler n'água e voltaram para bordo.

O capitão ficou atônito e confuso ao ver isso, acreditando que iam partir e dar os companheiros como perdidos. Não poderia, assim, como ainda

esperava, reconquistar o navio. Pouco tardou, porém, para que receios de outro gênero nos assultassem.

Não decorrera muito tempo da partida, quando os vimos rumar de novo para a praia. Deixaram, dessa vez, três homens no barco e penetraram na ilha, à procura dos companheiros. Ficamos muito desapontados, porque não sabíamos o que fazer diante disso. De fato, não nos adiantaria capturar os sete homens e deixar os outros três fugirem no barco, porque voltariam ao navio e o resto da tripulação haveria com certeza de levantar ferros. Todas as nossas esperanças de recuperar o navio ficariam, assim, perdidas. Não tivemos, porém, outro remédio senão esperar e ver o que aconteceria. Depois que os sete homens saltaram, os três restantes afastaram o escaler até boa distância da praia, ancorando para esperá-los. Era-nos, portanto, impossível assaltar o barco.

Os que saltaram dirigiram-se, unidos, para o alto da pequena colina, ao sopé da qual ficava a minha habitação. Podíamos vê-los claramente, embora eles não pudessem nos perceber.

O capitão fez uma proposta muito razoável na previsão do que tencionavam fazer. Calculava que todos voltariam a dar uma descarga, a fim de serem ouvidos pelos companheiros. Nesse caso, deveríamos cair sobre eles no momento em que todos tivessem descarregado as armas. Na certa se renderiam, de modo que poderíamos subjugar-los sem derramamento de sangue. Achei boa a proposta, contanto que a pudessemos em execução de um ponto bastante próximo, para que nos fosse possível cair sobre eles antes que conseguissem carregar de novo as espingardas.

Mas não aconteceu assim, permanecendo nós, na expectativa, durante muito tempo, indecisos sobre a resolução a tomar. Disse-lhes, por fim, que, na minha opinião, não havia nada a fazer antes da noite. Se não tivessem, até lá, voltado para o escaler, talvez pudessemos usar algum estratagemas para atrair à praia os que ficaram no barco.

Esperamos muito tempo e sentíamos-nos muito desassossegados quando os vimos todos partir em direção ao mar. Tudo levava a crer que, apreensivos com os perigos do lugar, tinham resolvido voltar para bordo, dar os companheiros como perdidos e retomar a viagem projetada.

Logo que os vi a caminho da praia, imaginei que tinham desistido da busca e voltavam para o navio. O capitão esteve a ponto de desfalecer quando lhe dei parte das minhas cogitações. Não demorei, entretanto, a pensar num estratagemas para atraí-los de volta, o qual servia maravilhosamente ao meu

objetivo.

Ordenei a Sexta-Feira e ao piloto que atravessassem a enseada e se dirigissem ao sítio onde Sexta-Feira fora salvo e, a cerca de meia milha de distância, gritassem o mais alto possível. Logo que os marinheiros respondessem, eles deviam retornar e, conservando-se sempre escondidos, dar uma volta e juntar-se de novo a mim, através dos caminhos que lhes indiquei.

Os marinheiros iam justamente para entrar no escaler quando Sexta-Feira e o piloto gritaram. Ouviram-nos e, respondendo logo, correram pela praia em direção a oeste, de onde procediam as vozes, até esbarrarem com a enseada. A maré estava cheia, de modo que não puderam atravessar. Chamaram o barco para fazer a travessia, tal como eu esperava. Uma vez do outro lado, observei que levaram um dos três homens do escaler, que amarraram a um toco de árvore na praia.

Era o que eu queria. Deixando Sexta-Feira e o piloto ocupados com a sua tarefa, encarreguei-me do resto. Atravessamos a enseada sem sermos percebidos e caímos de surpresa sobre os dois homens, um deles deitado na praia, semiadormecido. Chegou a levantar-se, mas o capitão, que ia na frente, correu sobre ele e abateu-o, intimando o segundo, que estava no escaler, a render-se, caso não preferisse a morte. Não são necessários muitos argumentos para convencer um homem sozinho de que se deve render, quando é atacado por cinco homens, depois de ver o companheiro abatido. Além disso, tratava-se, ao que parecia, de um dos três homens que não se mostraram tão rebelados quanto o resto da tripulação. Por isso, persuadimo-lo facilmente não só a render-se, como a juntar-se ao nosso grupo.

Entrementes, Sexta-Feira e o piloto arranjaram as coisas tão bem que, gritando e respondendo aos gritos, foram atraindo os homens de um bosque a outro, de modo que não só os deixaram cansadíssimos, como os levaram para um lugar de onde lhes era impossível voltar para o ponto de partida antes do anoitecer. Eles próprios estavam muito fatigados quando se juntaram a nós.

Depois da chegada de Sexta-Feira, passaram-se várias horas até que os marinheiros voltassem para o escaler. Podíamos ouvir os que vinham à frente muito antes de surgirem completamente à vista. Chamavam os que vinham atrás e estes respondiam, queixando-se de que estavam estropiados e exaustos e não podiam andar muito depressa. Notícia, aliás, muito boa para nós. Chegaram, por fim, ao escaler, mas é impossível dar uma ideia da agitação em que ficaram ao verem o barco a seco na praia, desaparecidos os dois

homens. Podíamos ouvi-los dizer que estavam em uma ilha encantada, que havia muita gente morando nela — e, nesse caso, seriam todos assassinados — ou era habitada por demônios ou espíritos, que os haviam de arrebatrar e devorar. Gritaram de novo e chamaram os dois companheiros pelos nomes, mas em vão. Passado algum tempo, vimo-los, no lusco-fusco da noite, correr como loucos pelos arredores. Ora se sentavam no escaler, como se descansassem, ora saíam a vagar pela praia, voltando, depois, a fazer as mesmas coisas.

Meus homens queriam cair sobre eles na escuridão, mas eu desejava poupá-los e matar o menor número possível. Não estava disposto a arriscar a vida de nenhum dos nossos, pois sabia que estavam bem armados. Resolvi esperar e preparar uma emboscada segura, de mais perto. Ordenei a Sexta-Feira e ao capitão que se arrastassem e se aproximassem deles tanto quanto possível sem serem descobertos. Pouco depois que se puseram de alcatéia, o contramestre, que era o chefe do bando e parecia o mais desassossegado de todos, caminhou na direção deles com mais dois homens da tripulação. O capitão estava tão ansioso por liquidar o cabecilha dos patifes que mal se conteve para deixá-lo aproximar-se até ficar bem ao alcance da espingarda. Logo que isso aconteceu, ele e Sexta-Feira puseram-se de pé, num pulo, e fizeram fogo. O contramestre morreu logo. Um dos homens foi atravessado por uma bala e caiu perto dele, para morrer uma ou duas horas depois. O terceiro fugiu. Ao estampido dos tiros avancei imediatamente com todo o meu exército, composto de oito homens, a saber: eu, que era o generalíssimo; Sexta-Feira, meu tenente-general; o comandante do navio e seus dois companheiros; e os três prisioneiros de guerra, que tínhamos armado. Caímos sobre eles no escuro, de sorte que não podiam saber quantos éramos. Ao homem que tinha ficado no escaler e era, agora, um dos nossos, ordenei-lhe que os chamasse pelos nomes e tentasse parlamentar com eles. Aconteceu tudo como desejava. Gritou por um deles o mais alto possível:

— Tom Smith! Tom Smith!

Tom Smith respondeu imediatamente:

— Quem me chama? É Robinson?

— Pelo amor de Deus, Tom Smith, deponham as armas e rendam-se ou serão mortos agora mesmo!

— A quem devemos nos render? Onde estão? — voltou Tom Smith a perguntar.

— Estão aqui. Aqui estão o nosso capitão e mais cinquenta homens, que

vêm caçando vocês há duas horas. O contramestre está morto, Will Frye está ferido e eu, prisioneiro. Se não se renderem, estarão perdidos.

— Nós nos renderemos se nos derem quartel — disse Tom Smith.

— Se prometem render-se, perguntarei ao capitão.

E perguntou, de fato, ao capitão, que se encarregou de responder:

— Olá, Smith, você conhece a minha voz. Se depuserem as armas imediatamente e se renderem, pouparemos a vida de todos, exceto a de Will Atkins.

Ao que Will Atkins exclamou:

— Pelo amor de Deus, capitão, poupe-me a vida! O que fiz eu? Fiz tanto quanto os outros!

Isso não era verdade, porque, ao que parecia, o tal Will Atkins fora o homem que subjugara o capitão quando do motim. Não obstante, o capitão respondeu-lhe que devia depor as armas incondicionalmente e confiar na clemência do governador. Referia-se a mim.

Para resumir, todos depuseram as armas, implorando clemência. O homem que parlamentara com eles e mais dois companheiros foram amarrá-los por ordem minha. Isso feito, o meu exército de “cinquenta homens”, que, incluindo esses três indivíduos, não tinha mais de oito homens, avançou e capturou todos os amotinados e o escaler. Eu, acompanhado por um homem, não apareci por “motivos de Estado”.

O que tínhamos a fazer, em seguida, era consertar o barco e apossar-nos do navio. O comandante teve tempo, então, para conversar com os homens da tripulação e exprobrar-lhes a vilania e mostrar-lhes o destino miserável, talvez a forca, que os aguardava. Mostraram-se todos muito arrependidos, implorando-lhe clemência. Quanto a esse último ponto, disse-lhes o capitão que o governador era um súdito inglês, o qual, se quisesse, poderia enforcá-los a todos. Entretanto, uma vez que lhes dera quartel, supunha que os mandaria para a Inglaterra, com exceção de Atkins. O governador encarregara-o de dizer a Atkins que se preparasse para ser enforcado pela manhã. Era tudo fantasia, mas conseguiu o efeito desejado. Atkins ajoelhou-se e implorou ao capitão que intercedesse junto ao governador para que o perdoasse, e os outros homens, de seu lado, pediram-lhe, pelo amor de Deus, para não serem enviados à Inglaterra.

Pensei, então, ter chegado o momento de nossa libertação. Vi que seria muito fácil induzir aqueles homens a fazer todos os esforços para a captura do navio. Escondi-me, assim, no escuro, para que não viessem a saber que

espécie de governador era eu, e chamei o capitão. Ao chamá-lo, de boa distância, um dos homens gritou, também por ordens minhas:

— Capitão, o governador está chamando-o.

O capitão logo respondeu:

— Diga a S. Exa. que irei imediatamente.

Desse modo, acreditaram que o governador e os “cinquenta homens” estavam perto.

Logo que o capitão chegou, dei-lhe parte de meu plano para capturar o navio. Achou-o muito bom e resolveu pô-lo em execução na manhã seguinte.

Querendo estar seguro do sucesso do plano e executá-lo com mais habilidade, disse-lhe eu que devia selecionar os prisioneiros, amarrando Atkins e mais dois homens, dos piores entre eles, levando-os para a caverna, onde estavam os outros. E assim fizeram Sexta-Feira e os dois companheiros do capitão, levando-os para a caverna como para um calabouço. Os outros, mandei-os para a minha choupana no interior da ilha, onde ficaram manietados.

Na manhã seguinte, enviei o capitão a esses homens, a fim de parlamentar. Queria, numa palavra, que os experimentasse, a ver se podiam merecer confiança como participantes do assalto ao navio. Falou-lhes o capitão sobre o mal que lhe haviam feito, sobre a situação em que se achavam, acentuando que, embora o governador lhes tivesse poupado a vida no momento, seriam por força enforcados caso seguissem para a Inglaterra. No entanto, caso se comprometessem a ajudá-lo numa empresa tão justa como a de reconquistar o navio, obteria do governador o compromisso de perdoar-lhes. É fácil de imaginar com que rapidez a proposta foi aceita por homens em tal situação. Ajoelharam-se diante do comandante e prometeram-lhe, com os mais ardentes protestos, que derramariam por ele até a última gota de sangue; que, se fossem poupados, o seguiriam a qualquer parte do mundo; que, enfim, o tratariam como a um pai enquanto vivessem.

— Bem — disse-lhes o capitão —, preciso ir falar com o governador e ver o que posso conseguir.

Veio, então, dar-me parte do estado de espírito em que os encontrara, acrescentando que, na sua opinião, procederiam lealmente. Entretanto, como não devíamos facilitar, mandei que voltasse. Escolheria cinco dentre eles e lhes diria que, como não precisava de homens, levaria apenas cinco para o auxiliarem. O governador tomaria conta dos outros dois, bem como dos três que ficaram aprisionados no meu “castelo” (isto é, na minha caverna).

Ficariam como reféns e responderiam pela fidelidade dos cinco. Caso estes se mostrassem desleais, os cinco reféns seriam enforcados na praia.

Isso causou-lhes impressão, convencendo-os de que o governador falava sério. Não tinham, porém, outro remédio senão aceitar. Já não era só o comandante que tinha interesse na fidelidade dos cinco homens, mas os prisioneiros também. Nossas forças para a expedição ficaram assim constituídas: em primeiro lugar, o capitão, o piloto e o passageiro. Em segundo lugar, os dois prisioneiros do primeiro bando, a quem dera liberdade e confiara a posse de armas, em vista do conceito que o capitão formava sobre eles. Em terceiro lugar, os outros dois homens que conservara, manietados, na choupana do interior da ilha. Em quarto lugar, enfim, os cinco homens referidos, os últimos a serem soltos. Eram, ao todo, doze homens, sem contar os cinco que ficaram presos na caverna, como reféns.

Perguntei ao capitão se estava disposto a assaltar o navio com tais forças, porque, no que dizia respeito a mim e a Sexta-Feira, não achava bom tomarmos parte na empresa, deixando atrás de nós sete homens. Havia bastante o que fazer, para mantê-los separados e dar-lhes de comer. Resolvi deixar amarrados os cinco homens da caverna, mas Sexta-Feira ia duas vezes por dia levar-lhes alimento. Os outros dois, ordenei-lhes que carregassem as provisões até certa distância, onde Sexta-Feira as apanhava.

Quando apareci aos dois reféns, estava em companhia do capitão, que lhes disse ser eu a pessoa a quem o governador encarregara de tomar conta deles. Disse-lhes, mais, que era desejo do governador que eles não fossem a parte nenhuma sem receberem ordens minhas. Caso o fizessem, seriam levados para o “castelo” e postos a ferro. Desse modo, nunca me apresentei diante deles como o próprio governador, mas como seu agente, nem perdia oportunidade de falar do governador, da guarnição, do “castelo”, e por aí além.

Ao capitão não cabia fazer mais do que aprestar os dois barcos, tapar o rombo de um e manobrá-los. Colocou o passageiro como comandante de um dos barcos, dando-lhe quatro homens. Ele próprio, o imediato e mais cinco homens foram no outro. Trabalharam muito bem, pois chegaram ao navio lá para a meia-noite. Logo que o tiveram ao alcance da voz, ordenou a Robinson que lhes gritasse terem encontrado os homens e o escaler depois de grande trabalhadeira, e assim por diante, mantendo-os entretidos com a conversa até que ele chegasse ao costado do navio. Ao abordarem, o capitão e o imediato, os primeiros a entrar, derrubaram logo o segundo imediato e o carpinteiro

com a coroa dos mosquetes. Seus homens seguiram-no fielmente. Prenderam todos os que se encontravam no convés principal e no tombadilho e começaram a fechar as escotilhas para prender os que estavam no porão. Ao mesmo tempo, o outro barco encostou e os homens subiram e se apoderaram do castelo de proa e da escotilha que conduzia ao quarto do cozinheiro, aprisionando três homens que lá se encontravam. Isso feito, e tudo posto em segurança no convés, o capitão ordenou ao imediato e a três homens que arrombassem o camarote no fundo do tombadilho, onde estava o novo capitão dos amotinados. Este já se levantara com o alarme e estava acompanhado de dois homens e de um menino, todos empunhando armas de fogo. Quando o imediato, servindo-se de um pé-de-cabra, arrombou a porta, o capitão rebelde e seus companheiros fizeram fogo, ferindo o imediato, que teve um braço partido, e mais dois homens. Não houve, porém, mortes.

O imediato, ao mesmo tempo que pedia socorro, e embora ferido, precipitou-se para dentro do camarote e disparou a pistola contra o capitão rebelde. A bala entrou-lhe pela boca e saiu por trás da orelha, de modo que morreu instantaneamente. Os outros, vendo isso, renderam-se logo, e o navio foi, assim, inteiramente conquistado, sem mais perdas de vida. De posse do navio, mandou o capitão disparar sete tiros de canhão, sinal que convencionara comigo, para me avisar do sucesso da empresa. Não preciso dizer da minha alegria ao ouvi-los. Esperara por eles, na praia, até duas horas da madrugada.

Depois dos tiros, deitei-me e adormeci profundamente, pois estava muito cansado. Logo me acordou, porém, um estampido. Levantei-me e ouvi alguém chamar-me de “governador”. Subindo ao cimo da colina, logo reconheci a voz do capitão, que lá estava. Abraçou-me e, apontando para o navio, disse:

— Meu querido amigo e libertador, eis ali seu navio. Pois ele lhe pertence, como nós e tudo que a ele está ligado.

Olhei para o mar. Lá estava ele balançando-se sobre as águas, a cerca de meia milha da costa. Tinham levantado ferros logo que se apossaram do navio, e, estando o tempo favorável, vieram ancorar na barra da pequena enseada. A maré cheia permitira-lhes vir de escaler até o lugar onde eu, outrora, desembarcara das jangadas, de modo que saltaram em terra bem à minha porta.

Quase desfaleci diante daquele quadro surpreendente, porque o que eu via era a minha liberdade, palpável, ao alcance de minhas mãos, fácil, um

grande navio a meu serviço. O comandante percebeu a minha emoção e tirou logo do bolso uma garrafa, dando-me a beber um trago de licor, que trouxera especialmente para mim. Depois de beber, sentei-me no chão e fiquei bastante tempo ainda sem poder falar-lhe.

Afinal, voltei a mim e, por minha vez, abracei o capitão como meu libertador. Foi mútuo o regozijo. Disse-lhe que o considerava um enviado pelo Céu para me libertar. O que acontecera fora um rosário de fatos maravilhosos. Tudo isso comprovava a existência da mão secreta da Providência no governo do mundo, de olhos de infinito poder, que devassavam mesmo os mais longínquos recantos da terra e enviavam socorro aos desgraçados quando assim lhes aprazia. Agradei mais uma vez a Deus todas as suas graças.

Depois de conversarmos um pouco, disse o capitão que me trouxera algumas mercadorias, as que poderiam ser encontradas num navio e, sobretudo, num navio saqueado durante tanto tempo por um bando de celerados. Gritou para seus homens que trouxessem à praia as coisas destinadas ao governador. O presente era esplêndido. Consistia em uma caixa de garrafas de licor, seis garrafas grandes de vinho da Madeira, duas libras de ótimo tabaco, doze bons pedaços de carne de carneiro e seis de porco, um saco de ervilhas e cerca de um quintal de bolacha. Trouxe-me o capitão, ainda, uma caixa de açúcar, uma de farinha, um saco cheio de limões, duas garrafas de suco de lima e muitas outras coisas. Além disso — o que, para mim, foi mil vezes mais útil — trouxe-me seis camisas novas e limpas, seis ótimas gravatas, dois pares de luvas, um par de sapatos, um chapéu, um par de meias e um excelente terno de roupa, muito pouco usado, que lhe pertencia. Entretanto, senti-me, a princípio, quando vestido, muito sem jeito e incomodado.

Depois de levarmos tudo isso para a minha habitação, começamos a discutir o que devíamos fazer com os prisioneiros, se devíamos nos arriscar a levá-los conosco ou não. Dois deles, especialmente, eram incorrigíveis e, segundo o capitão, patifes de tal estofa que era inútil querer discipliná-los. Assim, caso os levássemos conosco, deveríamos pô-los a ferros, como criminosos, e entregá-los às autoridades da primeira colônia inglesa por onde passássemos. Diante disso, propus ao capitão que os mandássemos buscar e tentássemos fazer com que eles próprios pedissem para ficar na ilha. O comandante respondeu que ficaria muito contente com essa solução. Mandei chamar os dois homens e expus-lhes, seriamente, as circunstâncias em que se

achavam. Um deles respondeu que não tinham nada a dizer, senão que, ao serem aprisionados, o capitão lhes prometera a vida, de modo que muito humildemente me pediam clemência. Disse-lhes, porém, que não sabia que espécie de clemência lhes podia oferecer. Tinha resolvido deixar a ilha com todos os meus homens e tomara passagem para a Inglaterra no navio do capitão. Este, por sua vez, só os levaria para a Inglaterra como prisioneiros, a ferros, para serem julgados por motim e fuga com o navio. Sabiam muito bem que isso significava a morte na forca. Não via, para eles, nenhuma saída, a não ser que quisessem ficar na ilha. Se desejassem ficar, não me importaria, já que podia agora partir. Estava inclinado a poupar-lhes a vida, uma vez que concordassem em ficar na ilha. Mostraram-se muito agradecidos à ideia, afirmando que preferiam aventurar-se a viver na ilha do que partir para a Inglaterra, onde seriam enforcados.

Disse-lhes, então, que lhes iria contar a história da minha vida na ilha, de modo que a deles pudesse correr sem dificuldades. Narrei-lhes como chegara, mostrei-lhes as minhas fortificações, a maneira de fazer pão, de plantar os cereais, de preparar as passas. Mostrei-lhes, enfim, tudo que lhes pudesse tornar a vida mais confortável. Falei-lhes, também, dos espanhóis que eram esperados, para os quais deixei uma carta, e exigi que me prometessem tratá-los de igual para igual.

Entreguei-lhes cinco mosquetes, três espingardas de caça e três espadas. Tinha, ainda, cerca de barril e meio de pólvora, que também lhes cedi. Ensinei-lhes a maneira de criar as cabras, de ordenhá-las, de cevá-las e de fabricar manteiga e queijo. Em suma, tornei-lhes conhecidas as menores particularidades da minha vida na ilha. Acrescentei que intercederia, junto ao capitão, para lhes deixar mais dois barris de pólvora e algumas sementes de hortaliças, o que, acentuei, me teria dado grande alegria. Ofereci-lhes, ainda, o saco de ervilhas que o capitão me trouxera e recomendei-lhes que não se esquecessem de semeá-las.

Tudo assim disposto, deixei-os no dia seguinte e fui para bordo do navio. No outro dia, pela manhã, dois dos cinco homens vieram, nadando, até o costado do navio. Queixaram-se amargamente dos outros três, implorando-nos que, pelo amor de Deus, os levássemos, pois do contrário seriam assassinados. O capitão respondeu que nada podia resolver sem meu consentimento. Entretanto, depois de alguma relutância de nossa parte e de terem feito solenes protestos de arrependimento, tomamo-los a bordo. Foram vigorosamente chicoteados, mostrando-se, daí por diante, ordeiros e corretos.

Pouco depois, voltei à terra num escaler, na cheia da maré, levando as coisas que prometera aos homens, juntamente com os seus baús de roupa, que, a meu pedido, o capitão permitira transportar. Ficaram muito gratos. Dei-lhes coragem, garantindo-lhes, que, se, de qualquer modo, me fosse possível mandar um navio para buscá-los, não deixaria de fazê-lo.

Ao partir da ilha, levei, como recordação, o grande gorro de pele de cabra, o guarda-chuva e um dos meus papagaios. Não me esqueci, também, de apanhar o dinheiro, que guardara durante tanto tempo, embora tivesse me parecido completamente inútil.

E assim deixei a ilha no dia 19 de dezembro, segundo o calendário de bordo, no ano de 1686, depois de uma permanência de 28 anos, dois meses e dezenove dias. Libertei-me desse segundo cativo na data aniversária da minha fuga dos mouros de Salé.

Cheguei à Inglaterra, depois de longa viagem, no dia 11 de junho de 1687, após 35 anos de ausência. Sentia-me um estranho, como se nunca aí estivera. A boa mulher, minha benfeitora, a quem tinha confiado o meu dinheiro, ainda vivia. A sorte, porém, não lhe tinha sorrido. Enviuvara pela segunda vez e se encontrava em situação muito difícil. Não lhe exigiu o que me era devido. Ao contrário, grato ao zelo e à lealdade que me demonstrara, ofereci-lhe o pouco de que meus pequenos haveres me permitiam dispor. Assegurei-lhe, porém, que jamais me esqueceria de sua bondade e, de fato, dela não me esqueci quando mais tarde tive o bastante para ajudá-la.

Fui a Yorkshire. Meus pais tinham morrido e toda a minha família desaparecera, com exceção de duas irmãs e dois dos filhos de um de meus irmãos. Havia muito que me consideravam morto, de modo que não encontrei nada preparado para mim, nem coisa alguma que me pudesse ajudar no momento. O pouco que possuía não dava para recomeçar a vida.

Recebi, entretanto, uma prova de gratidão que não esperava. O capitão do navio, a quem libertara com tanta felicidade, fez, aos proprietários, eloquente relato da maneira pela qual eu o salvara e ao navio. Recebi, então, um convite para me encontrar com eles e com outros comerciantes interessados no caso. Agradeceram-me amavelmente e presentearam-me com quase duzentas libras esterlinas.

Refletindo, porém, sobre as circunstâncias em que me achava e os poucos recursos à minha disposição para recomeçar a vida, resolvi ir a Lisboa. Veria se podia obter alguma informação sobre o estado de minhas plantações nos Brasis e o destino do meu sócio, que, com certeza, havia

muito me considerava morto.

Embarquei para Lisboa, onde cheguei em abril. Sexta-Feira me acompanhava em todas essas viagens, mostrando-se sempre um servo fiel. Em Lisboa, procurei e encontrei, para minha grande alegria, o capitão do navio que me recolhera no oceano, ao largo da costa da África. Envelhecera e, tendo deixado a vida do mar, fora substituído pelo filho, que ainda continuava o tráfico para o Brasil. O velho homem não me reconheceu e, por minha vez, mal pude identificá-lo. Entretanto, lembrou-se logo de mim quando lhe disse quem era.

Depois de nos regozijarmos mutuamente pela nossa antiga amizade, perguntei-lhe o que acontecera às minhas plantações e a meu sócio. Respondeu-me que havia nove anos não viajava para o Brasil. Garantiu-me, porém, que, da última vez que lá estivera, meu sócio ainda vivia. Contudo, os dois curadores que, com ele, sabiam da minha parte na propriedade, tinham ambos falecido. Acreditava, não obstante, que teria muito boas notícias sobre as plantações, já que os meus curadores, em face da crença geral de eu ter naufragado e morrido afogado, deram parte do acontecido ao curador de ausentes, que se apropriara de tudo. No caso de eu nunca mais reclamar a posse de meus haveres, um terço caberia ao rei e dois terços ao Mosteiro de Santo Agostinho, para serem empregados em benefício dos pobres e na conversão dos aborígenes à fé católica. Seriam restituídos a mim, entretanto, se eu ou alguém em meu nome os reclamasse, com a ressalva de que as rendas anuais, gastas com fins caritativos, não me poderiam ser reembolsadas.

Fiquei um tanto preocupado a respeito e perguntei ao velho comandante como fora possível aos meus curadores assim dispor dos meus haveres quando sabiam ter eu deixado um testamento, no qual o fazia, a ele capitão português, o meu herdeiro universal. Respondeu-me que, embora fosse isso verdade, não havia prova da minha morte, de modo que ele não podia proceder como testamenteiro, a não ser que houvesse notícia de meu falecimento. Além disso, não desejava imiscuir-se em coisas tão remotas. Tinha, é verdade, registrado o meu testamento e, caso tivesse recebido notícias positivas sobre minha morte, teria dado uma procuração a seu filho, que se encontrava, então, nos Brasis, para tomar conta do engenho.

Perguntou-me o velho homem se desejava que ele me orientasse sobre a maneira de fazer valer os meus direitos. Respondi que eu mesmo iria ao Brasil. Disse-me, então, que eu poderia fazer o que melhor me aprouvesse,

mas que, se resolvesse o contrário, havia muitos meios de garantir os meus direitos e apossar-me das rendas desde logo. Havia, ancorados no rio de Lisboa, vários navios prontos a partir para o Brasil. Ele poderia tratar de obter um registro público do meu nome, acompanhado de um atestado no qual, sob juramento, afirmaria que eu estava vivo e era a mesma pessoa que comprara as terras para a plantação de açúcar em apreço. Depois de fazer registrar devidamente todos esses documentos por um notário, enviou-me a um negociante com uma carta de seu próprio punho, convidando-me, em seguida, a permanecer com ele até a resolução do caso.

Não podiam ter procedido com maior correção, porquanto ainda não havia decorrido sete meses, quando recebi um grande embrulho dos descendentes de meus curadores, isto é, dos comerciantes com os quais combinara a viagem à África. Os navios do Brasil viajam sempre em grupos, e, por isso, os mesmos que trouxeram meus títulos e papéis transportaram também meus pertences, que chegaram em segurança ao Tejo antes mesmo de receber eu aqueles. Fiquei, assim, de repente, dono de mais de cinco mil libras em dinheiro e de terras, nos Brasis, que rendiam mais de mil libras por ano, tudo isso tão seguro como se fosse na Inglaterra. Mal podia acreditar na minha nova situação, nem sabia o que fazer de tudo isso.

A primeira coisa que fiz foi recompensar meu antigo benfeitor, o bom e velho capitão, que fora caritativo na minha desgraça, generoso depois e honesto por fim. Mostrei-lhe o que recebera. Disse-lhe que, depois da Providência, que dispõe de todas as coisas, devia tudo a ele e que o queria, por isso, recompensar. Mandeí chamar um notário e pedi-lhe para escrever uma procuração dando ao velho comandante poderes para receber a renda anual das plantações e, ao mesmo tempo, autorizando meu sócio a enviar-lha. Acrescentei, no final, uma cláusula em que garantia ao capitão, enquanto vivesse, uma pensão de cem moedas de ouro de 4\$800 réis; e, depois que morresse, cinquenta moedas por ano ao filho, também enquanto vivesse. Paguei, assim, minha dívida de gratidão para com o bom velho.

Precisava, agora, decidir o rumo a dar à minha vida e o que fazer com as propriedades que a Providência me colocara nas mãos. Em verdade, as preocupações foram-me, então, muito maiores do que as que tivera durante a minha silenciosa vida na ilha, onde não desejava senão o que tinha e não tinha senão o que desejava.

Uma vez recompensado o velho capitão, comecei a pensar na pobre viúva, cujo marido fora o meu primeiro benfeitor, e, enquanto pudera,

timbrara em ser fiel administradora de meus bens e boa conselheira. A primeira coisa que fiz foi arranjar, de um comerciante em Lisboa, uma carta a seu correspondente em Londres, pedindo-lhe não só para pagar-lhe uma conta, como, ainda, para descobrir o paradeiro da viúva e levar-lhe cem libras em dinheiro e dizer-lhe, além disso, que, se eu vivesse, receberia de mim nova ajuda. Ao mesmo tempo, mandei cem libras a cada uma das minhas irmãs no interior da Inglaterra. Embora não passassem necessidades, não estavam em situação muito boa. Uma delas tinha enviuvado e o marido da outra não era lá dos melhores. Não encontrara, porém, entre os meus parentes e conhecidos, uma só pessoa a quem ousasse confiar a maior parte dos meus haveres. Tive, uma vez, a ideia de voltar para os Brasis e estabelecer-me por lá, pois já estava acostumado ao lugar. Mas não sabia com quem deixar meus bens na Inglaterra. Resolvi, assim, partir para a Inglaterra com eles e, lá chegando, travar conhecimento com alguém ou procurar um parente qualquer em quem pudesse confiar. Preparei-me, assim, para a viagem, depois de pôr em boa ordem os meus negócios, vender as minhas coisas e transformar a minha fortuna em boas letras de câmbio. A única dificuldade, então, foi escolher a rota a seguir até a Inglaterra. Já estava bastante acostumado ao mar e, no entanto, sentia-lhe estranha aversão naquela oportunidade. Não sabia explicar a razão dessa relutância. Entretanto, cresceu de tal maneira que, por duas ou três vezes, depois de despachar a bagagem, mudei meus planos e resolvi não ir.

É verdade que fora muito infeliz no mar e essa devia ser uma das razões. Ninguém deve combater os impulsos do coração em casos como esse. Dois dos navios nos quais comprara passagem para a Inglaterra perderam-se na rota. Um deles foi capturado pelos argelinos e o outro naufragou à altura do Start, perto de Torbay, salvando-se apenas três pessoas. Não saberia, assim, dizer em qual dos dois navios minha sorte seria mais desgraçada.

Estava nessa indecisão, quando o velho piloto, a quem contara tudo, instou muito comigo para que não fosse por mar. Aconselhou-me, antes, a seguir por terra, seja indo por Groyne e atravessando o golfo de Biscaia até Rochela, de onde poderia me dirigir facilmente a Paris e, daí, a Calais e Dover; seja tomando o rumo de Madri, seguindo por terra até Paris. Mostrou-se, em suma, tão contrário a que eu viajasse por mar, a não ser de Calais a Dover, que resolvi fazer toda a viagem por terra. Essa rota, uma vez que não tinha pressa e não olhava para os gastos, era a mais agradável. E, para fazê-la ainda mais aprazível, o velho capitão apresentou-me a um cavalheiro inglês,

filho de um comerciante em Lisboa, que se mostrou desejoso de viajar comigo. Além disso, arranjamos ainda mais dois companheiros, ambos ingleses e comerciantes, e dois jovens cavalheiros portugueses, que só iam até Paris. Em suma, éramos ao todo seis homens, acompanhados de cinco criados, pois os dois comerciantes e os dois portugueses contrataram, respectivamente, um só criado, a fim de diminuir as despesas. Quanto a mim, arranjei para criado um marinheiro inglês, além de Sexta-Feira, que era muito pouco civilizado para fazer as vezes de criado durante a viagem.

E assim partimos de Lisboa. Estávamos todos bem montados e armados e compúnhamos, de fato, uma pequena tropa. Daí me chamarem de capitão, não só por ser o mais velho como por levar comigo dois criados. Além disso, fora eu quem empresara a viagem.

Encontramos, no lado espanhol da passagem através das montanhas, onde ficamos retidos, quatro cavalheiros franceses que também tiveram de parar do outro lado dessa passagem, na França, mas que conseguiram arranjar um excelente guia. Puderam, assim, atravessar as montanhas sem que a neve os atrapalhasse muito. Quando encontravam neve em abundância, estava — disseram — congelada o bastante para que eles e os cavalos pudessem passar. Mandamos chamar esse guia, que se comprometeu a levar-nos pelo mesmo caminho, sem nenhum perigo para nós, desde que estivéssemos bem armados para nos defender das feras. Contou-nos que era comum topar ao pé das montanhas, nessas regiões nevadas, lobos que a fome tornara ferozes. Respondemos que estávamos bem preparados contra tais criaturas, caso ele nos assegurasse não haver nada a temer de outra espécie de lobos, os lobos bípedes, que, segundo diziam, eram a fonte do maior perigo, sobretudo no lado francês das montanhas. Afirmou-nos que não correríamos nenhum perigo desse gênero na rota a ser percorrida. Concordamos, então, em segui-lo, juntamente com doze outros cavalheiros e os respectivos criados, alguns franceses, outros espanhóis.

Partimos de Pampeluna no dia 15 de novembro. Fiquei, de fato, surpreso, quando, em vez de seguir em frente, o guia nos fez voltar cerca de vinte milhas pela mesma estrada que percorrêramos, vindo de Madri. Depois de atravessar dois rios e entrar em terreno plano, encontramos-nos novamente em região aprazível e quente, onde não havia neve. De brusco, voltando-se para a esquerda, o guia aproximou-se das montanhas por outro caminho. Os montes e os precipícios eram apavorantes, mas ele fez tantas voltas e seguiu tantos meandros que transpusemos insensivelmente a crista das montanhas

sem que a neve nos estorvasse muito. E foi assim que, de repente, ele nos mostrou, a grande distância, as aprazíveis e fecundas províncias de Languedoc e Gasconha. Vimo-las de muito longe, verdejantes e florescentes, e delas nos separava ainda uma árdua caminhada.

Ficamos, porém, um pouco preocupados quando nevou pesadamente um dia e uma noite inteiros, de modo que não pudemos prosseguir a viagem. O guia sossegou-nos, afirmando que em breve deixaríamos tudo para trás. Começamos, então, a descer todos os dias, caminhando mais para o norte do que antes. E assim, graças ao nosso guia, continuamos a jornada.

De uma feita, cerca de duas horas antes do anoitecer, nosso guia, que marchava um pouco à frente, por um caminho traiçoeiro, à margem de uma mata espessa, viu-se à frente de três lobos monstruosos e de um urso. Dois lobos caíram sobre ele. Se estivesse meia milha adiante, teria sido devorado antes que pudéssemos socorrê-lo. Um dos lobos atacou o cavalo, enquanto o segundo investiu sobre o homem com tamanha ferocidade que ele não teve tempo ou presença de espírito para sacar da pistola. Começou a gritar e a chamar por nós com quanta força tinha. Pedi a Sexta-Feira, que vinha depois de mim, para meter o cavalo a galope e ver o que se passava. Logo que Sexta-Feira avistou o guia, gritou também, tão alto quanto ele:

— Ó, Senhor! Ó, Senhor!

Mas, ao mesmo tempo, galopou ousadamente na direção do homem e meteu uma bala na cabeça do lobo.

O pobre guia foi muito feliz por Sexta-Feira tê-lo socorrido. Acostumado a enfrentar esses animais em sua terra, Sexta-Feira não teve medo e investiu sobre o lobo, alvejando-o na cabeça. Qualquer outro de nós teria, ao contrário, atirado de maior distância e poderia, talvez, errar o alvo e atingir o homem.

Mesmo um homem mais corajoso do que eu teria se apavorado com o acontecimento. E todos nós ficamos, de fato, alarmados quando o estampido da pistola de Sexta-Feira levantou, de ambos os lados, uivos aterradores, que o eco das montanhas reforçou.

Sexta-Feira salvou o guia e ajudava-o a desmontar, quando chegamos ao local. O homem não só estava apavorado como ferido, embora o pavor fosse maior que os ferimentos.

O guia disse-nos que ainda tínhamos de atravessar um sítio perigoso, caso houvesse mais lobos pela região. Era uma pequena planície, completamente cercada pela mataria, e um longo e estreito desfiladeiro ou

azinhaga, que tínhamos de percorrer para transpor a mata e chegar depois a uma aldeia, onde repousaríamos.

Faltava meia hora para o pôr do sol quando penetramos na primeira floresta. Pouco depois de anoitecer chegamos à planície. Vimos, apenas, numa pequena planura dentro da mata — que não tinha mais de um quarto de milha — cinco grandes lobos atravessarem o caminho em disparada, como se estivessem à caça de alguma presa. Não nos aperceberam e num instante desapareceram de nossas vistas.

Isso nos permitiu carregar de novo as espingardas, o que fizemos marchando, para não perder tempo. Mal, porém, acabáramos de carregar as armas e pôr-nos de sobreaviso, ouvimos um terrível estrépito, vindo da mata, à nossa esquerda.

Anoitecia e o lusco-fusco agravava a nossa situação. O rumor aumentou e percebemos, então, que eram uivos de lobos famintos. De súbito, vimos duas ou três alcateias, uma à nossa esquerda, outra atrás de nós e a terceira à nossa frente. Ficamos sem saber o que fazer. Os lobos, porém, não nos deixaram ficar indecisos por muito tempo, pois investiram sobre nós. Acredito que não eram menos de trezentos. Para nossa felicidade, havia, por terra, à entrada da floresta, grossos troncos de árvore. Levei minha pequena tropa a proteger-se entre os troncos. Colocamo-nos em linha, por trás de uma árvore comprida e, descendo dos cavalos, utilizamo-nos do tronco de árvore como parapeito e formamos um triângulo, ficando os cavalos no centro. Foi bom termos feito assim, porque o assalto das feras não podia ter sido mais furioso. Vinham sobre nós rosnando e tentavam escalar o tronco de árvore. Essa fúria parecia motivada, sobretudo, pelos cavalos, que eram as presas ambicionadas. Ordenei aos nossos homens que atirassem alternadamente. Fizeram-no tão bem que mataram vários lobos à primeira rajada. Era preciso, porém, sustentar o fogo, porque os lobos atacavam como se estivessem possuídos pelo demônio, os de trás atropelando e empurrando os da frente. Depois da segunda rajada, pareceu-nos que tinham recuado e desistido. Mas foi só um momento, porque outros investiram de novo. Descarregamos as pistolas por duas vezes e acredito que, com as quatro rajadas, matamos dezessete ou dezoito lobos e estropiamos um número duas vezes maior. E, contudo, voltaram ao ataque.

Não estava disposto a gastar precipitadamente as nossas últimas balas. Chamei, por isso, meu criado — o outro, não Sexta-Feira — e disse-lhe para estender um rastilho de pólvora sobre todo o comprimento do tronco de

árvore. Assim fez ele e, mal se afastou, os lobos investiram, chegando alguns a escalar o tronco. Descarreguei, então, uma pistola sobre o rastilho de pólvora. O fogo queimou os lobos que estavam sobre o tronco, e seis ou sete caíram, ou melhor, pularam, apavorados, na nossa direção. Nós os liquidamos num instante. Os outros ficaram tão amedrontados com o clarão que recuaram um pouco. Ordenei, nesse momento, que as pistolas fossem todas descarregadas ao mesmo tempo. Em seguida, demos um grito. Os lobos fugiram e nós fizemos, imediatamente, uma sortida contra cerca de vinte lobos estropiados, cujos espantosos uivos e ganidos acabaram por amedrontar o resto. E assim fugiram todos, deixando-nos de vez.

Não tenho nada de especial a contar sobre a minha viagem através da França. Outros viajantes já têm relatado essa travessia com muito mais proficiência do que me seria possível. Viajei de Toulouse a Paris e, sem demorar nessa cidade muito tempo, parti para Calais e cheguei são e salvo a Dover, no dia 14 de janeiro, depois de enfrentar, no caminho, rigoroso inverno.

Voltei, assim, ao ponto de partida das minhas aventuras. Regularizei, em pouco tempo, a situação dos meus novos bens de fortuna, tendo trocado, sem dificuldade, as letras de câmbio que trouxera comigo. Minha melhor guia e conselheira continuou sendo a boa e idosa viúva, que, grata pelo dinheiro enviado, não poupava trabalhos para me ajudar.

Comecei a pensar em partir para Lisboa e daí para os Brasis, deixando meus bens com essa senhora. Mas os escrúpulos religiosos me impediram de realizar o projeto. Na verdade, alimentara algumas dúvidas sobre a religião de Roma quando no estrangeiro, sobretudo durante a minha vida solitária. Desse modo, não poderia ir para os Brasis, a não ser que estivesse resolvido a abraçar, sem reservas, a religião católica ou que me achasse disposto a sacrificar-me por meus princípios religiosos, a tornar-me um mártir e a morrer nas garras da Inquisição. Resolvi, por isso, não sair de minha terra e, se possível, vender a plantação.

Escrevi, para esse fim, a um velho amigo de Lisboa. Respondeu-me que seria fácil efetuar a venda. Perguntou-me se eu queria autorizá-lo a fazer uma oferta, em meu nome, aos dois comerciantes que descendiam de meus amigos curadores e que moravam nos Brasis. Eram pessoas que, além de muito ricas, como eu sabia, conheciam bem a terra e o valor da plantação, de modo que gostariam, na sua opinião, de comprá-las. Estava certo de que eles me pagariam a mais, pelas plantações, quatro ou cinco mil moedas de oito réis.

Aceitei a sugestão e dei-lhe autorização para fazer a oferta. Oito meses depois, mais ou menos, recebi dele a comunicação de que a oferta fora aceita e de que os compradores tinham enviado a seus correspondentes em Lisboa 33 mil moedas de oito réis para o pagamento. Assinei, por minha parte, a escritura de venda conforme esta foi mandada para mim de Lisboa e enviei-a a meu velho amigo. Dele recebi, em seguida, em letras de câmbio, 32.800 moedas de oito réis, uma vez reservado o pagamento anual, que lhe era devido, de cem moedas de ouro de 4\$800 réis, e, depois de sua morte, de cinquenta a seu filho, conforme lhes prometera. E assim encerrei a primeira fase de uma vida de azares e aventuras, vida marcada pelas sábias intervenções da Providência e tão rica de incidentes que dificilmente o mundo verá outra semelhante. Comecei-a aloucadamente, mas terminei-a com muito mais felicidade do que me era dado esperar.

Qualquer um pensaria que a um homem, como eu, enriquecido após uma vida tão aventureira, nunca mais ocorreria enfrentar novos riscos. Mas eu já estava acostumado a viver errante, não tinha família, meus parentes eram poucos, nem contava com muitas amizades, apesar de rico. Embora tivesse vendido as minhas plantações no Brasil, este país não me saía da cabeça. Era grande o meu desejo de viajar de novo. Era-me, sobretudo, impossível resistir à tentação de rever minha ilha.

A senhora viúva, minha leal amiga, dissuadiu-me quanto pôde de levar a cabo a ideia. E tanto instou comigo que durante anos consegui que eu ficasse. Entrementes, encarreguei-me da educação de dois sobrinhos, filhos de um dos meus irmãos. O mais velho, que possuía alguns bens, foi educado como um gentil-homem, e eu acrescentei-lhe alguma coisa aos haveres para quando eu morresse. O outro, empreguei-o junto ao capitão de um navio e, depois de cinco anos, tendo demonstrado ser um rapaz valoroso, empreendedor e de bons sentimentos, coloquei-o como capitão de um ótimo barco. E foi esse mesmo rapaz que, mais tarde, me levou, apesar de velho, a novas aventuras.

Não deixei, entretanto, no decorrer de todo esse tempo, de assentar, até certo ponto, a minha vida. Em primeiro lugar, casei-me e tive dois filhos e uma filha. Porém, minha esposa faleceu e, tendo o meu sobrinho voltado de uma bem-sucedida viagem à Espanha, as minhas antigas tendências se apossaram de mim. Resolvi, então, partir no navio de meu sobrinho, na qualidade de comerciante privado. Visitei, nessa viagem, a minha ilha e encontrei-me com os espanhóis, meus sucessores, que me contaram a história

de sua chegada e dos sucessos que se seguiram à minha partida. Talvez relate, mais tarde, todas essas coisas.

Parte II

Há, na Inglaterra, um provérbio vulgar e muito em voga que mais ou menos quer dizer o seguinte: “O que se cria no osso não sairá da carne.” Essa sentença se acha perfeitamente explicada com a história de minha vida. Qualquer um haveria de pensar que após 35 anos de lutas e de haver passado por tantas e tamanhas adversidades, como muito poucos homens, ou talvez nenhum as tenham experimentado neste mundo de Deus, e depois de sete anos de tranquilidade e bem-estar, sem que nada me faltasse, e quando, já velho, devia haver adquirido experiência necessária para saber quão vantajosa é na vida uma condição mediana para tornar o homem completamente feliz — qualquer um, repito, haveria de pensar que eu não sentiria vontade de novas aventuras. Como resposta a isso talvez tenha apenas a dizer que, levando-se em conta minha natural propensão a perambular pela terra, de que já dei boas provas quando abandonei minhas primitivas lavouras no Brasil, pode compreender-se que os mesmíssimos pensamentos de outros tempos predominaram em mim e que, na idade de 61 anos, me sentia menos disposto do que nunca a permanecer sossegado junto à minha família, obcecado como estava pelo invencível desejo de expor novamente a vida e a fortuna.

Cumprе acrescentar que o motivo daquelas expedições de outrora não existia mais. Minha fortuna estava feita, nada mais tinha a desejar. Mesmo que supusesse que iria ganhar dez mil libras esterlinas, isso não me deixaria

mais rico. O que já possuía não só era suficiente para mim, como também para os meus herdeiros, e meus bens aumentavam dia a dia, debaixo dos meus próprios olhos.

Mas, não obstante todas essas considerações, não consegui resistir à tentação de empreender novas viagens. Devo confessar que tal mania já era em mim uma verdadeira doença. Acima de tudo desejava rever minha ilha, minha nova plantação e a colônia que havia lá deixado. Esse desejo não saía um segundo de minha imaginação: preocupava-me dia e noite. Era um pensamento que dominava todos os outros e meu cérebro dele estava tão saturado que até a dormir falava nele.

Frequentemente tenho ouvido de pessoas sensatas que todas as histórias que correm este mundo sobre almas penadas e aparições devem ser atribuídas à força da imaginação e à poderosa lembrança de alguma alucinação; que jamais apareceram realmente espectros, duendes e coisas que tais.

De minha parte ignoro ainda se há qualquer coisa de verídico no tocante a aparições, espectros e pessoas que para aqui retornam depois da morte ou se devemos considerar todas essas coisas simples criações de mentes enfermas ou cérebros imaginativos. O que posso afirmar é que minha cabeça estava tão débil e tinha chegado a tal estado de exaltação que muitas vezes me parecia achar-me em minha ilha, no meu antigo “castelo”, por detrás das árvores; que via o espanhol, o pai de Sexta-Feira e os marinheiros que havia aprisionado na ilha; que estava persuadido de que lhes falava e, embora absolutamente acordado, os encarava com firmeza como se os tivesse diante de mim. E isso se repetiu com tal frequência que muitas vezes me assustava com essas imagens criadas pela imaginação. Certa vez sonhei que o espanhol e o pai de Sexta-Feira me descreviam em cores tão vivas a traição forjada pelos três marujos ingleses que a impressão produzida em mim foi surpreendente. Contaram-me que aqueles perversos haviam tentado assassinar os espanhóis; que tinham queimado as provisões que estes haviam reunido, com o propósito de reduzi-los à miséria e à fome, fatos que eu por nada poderia ter sabido e que, efetivamente, muito se aproximaram da verdade. Tão animadas e reais as vi nos meus sonhos que não pude deixar de acreditar. Daí sentir-me indignado ao ouvir as queixas do espanhol e imediatamente julgar aqueles três miseráveis, interrogando-os e condenando-os à força.

Será visto mais adiante o que houve de verdadeiro em tais visões. Qualquer que fosse a causa de meus sonhos, proviessem ou não de misteriosas comunicações com espíritos, havia neles muita coisa positiva.

Voltemos, porém, à narração das minhas aventuras. Passei alguns anos na mesma disposição de espírito. Minha vida estava isenta de alegrias, não tinha sequer um momento agradável, não havia divertimento que me distraísse, salvo o que de um modo ou de outro se relacionasse com minha ideia fixa. E cheguei a um ponto tal que minha mulher, vendo-me assim preocupado por esses pensamentos, me disse uma noite que, segundo sua dedução, talvez eu estivesse forçado por secreto desígnio da Providência a regressar à minha ilha. E compreendia muito bem que, para isso, o único obstáculo eram minhas obrigações para com ela e o apego aos nossos filhos. Acrescentou que não podia pensar em acompanhar-me; mas que, com sua morte, seria a primeira coisa que eu faria; portanto, considerando-o como uma ordem do Alto, não queria ser um empecilho e que se eu o julgava conveniente e estava decidido a empreender a viagem... Ao chegar aqui, notando que a fitava com muita ansiedade e prestava enorme atenção às suas palavras, ficou um tanto confusa e se deteve. Perguntei-lhe por que não acabava o que tinha a dizer; ela, porém, estava demasiado comovida, a ponto de lhe ver os olhos embaçados pelas lágrimas.

— Fale, querida! — disse-lhe. — Deseja que eu vá?

— Não — respondeu carinhosamente —, estou muito longe de o desejar. Mas, se está decidido a fazê-lo, em vez de ser um obstáculo, prefiro acompanhá-lo. Apesar de ser isso, segundo meu modo de pensar, uma ideia absurda para um homem de sua idade e posição, já que não tem remédio (continuou, soluçando), não o abandonarei. Se é uma ordem do Céu, você deve acatá-la; de maneira alguma deve desobedecer. O Céu, obrigando-o a partir, impõe-me também a obrigação de acompanhá-lo. Se não for assim, ele disporá de mim de forma a que eu não seja um empecilho aos seus projetos.

As carinhosas palavras de minha esposa acalmaram-me um pouco e pus-me a refletir no que iria fazer. Sofreei minha imaginação de nômade, sempre perdida, e me perguntei friamente que motivos existiam para expor-me a novas vicissitudes e lançar-me a novas aventuras, apenas explicáveis na juventude e na pobreza, agora que contava mais de 61 anos e depois de uma vasta série de sofrimentos e desventuras, acabada de maneira tão feliz e tranquila.

Pensei igualmente em minhas novas obrigações. Tinha mulher e três filhos. Possuía tudo o que o mundo podia dar-me. Não precisava desafiar perigos para enriquecer. Além disso, à medida que progredia em anos, devia pensar mais em não abandonar o que já possuía do que em procurar aumentá-

lo. Relativamente às palavras de minha companheira, de que essa obsessão podia ser uma inspiração celeste, que eu não podia deixar de ouvir, não lhes dei grande atenção. Por conseguinte, após muitas e maduras reflexões, lutei com a tentação e apelei para o meu juízo a fim de subtrair-me àquelas ideias, como creio toda gente faz em casos idênticos, se é que o faz. Para encurtar, consegui vencer-me. Acalmei-me, ajudado por argumentos que me ocorreram e a mim fornecidos em abundância pela minha situação. Como meio mais eficaz resolvi procurar distrações, ocupando-me de outras coisas e fazendo algum negócio que me permitisse abandonar tais pensamentos, porque havia notado que eles me assediavam especialmente quando me encontrava ocioso e nada tinha em que me ocupar.

Com esse fito, comprei uma fazendola no condado de Bedford, onde decidi instalar-me. Tinha uma residência muito cômoda e o terreno que a cercava era suscetível de grandes melhorias. Tal gênero de atividade, por inúmeros motivos, convinha a meus gostos e inclinações, os quais sempre me tinham conduzido às fainas agrícolas: terras, plantações, vida do campo. Demais, como a propriedade estava situada no interior, via-me assim afastado dos homens do mar e de tudo que se relacionasse com países estrangeiros e regiões remotas.

Acabei, pois, por ir viver em uma casa de campo, onde instalei minha família. Comprei arados, instrumentos agrícolas, uma carroça, um carro, cavalos, vacas e carneiros e, dedicando-me com afinco ao desenvolvimento do sítio, cheguei a ser em menos de seis meses um grande senhor no lugar. Aplicava todas as minhas faculdades na boa orientação dos trabalhos, no cultivo da terra, nas sementeiras, nos cercados etc., e desfrutava, pelo menos acreditava eu, a vida mais amena que a natureza nos pode dispensar e a mais aprazível para um homem da minha espécie, curtido por tantos e tão grandes dissabores.

Para fazer minhas terras produzirem, não tinha de desembolsar dinheiro nem renda a pagar: não me achava preso a nenhuma obrigação. Podia plantar ou arrancar as árvores a meu bel-prazer; o que semeava era para mim, os melhoramentos da propriedade, para minha família. Como tinha abandonado todos os projetos de viagem, não me preocupava nenhum aspecto da vida, coisa alguma deste mundo. Gozava então daquela cômoda mediania que com tanto anelo me havia encarecido meu pai. Desfrutava de uma existência feliz e quase paradisíaca, parecida com a que os poetas descrevem quando pintam a vida campestre: “Livre de cuidados e vícios; sem pesares, a velhice; sem

tentações, a juventude.”

No entanto, em meio a essa felicidade, recebi um golpe inesperado, que me abriu uma ferida profunda e incurável e, como consequência, fez-me cair de novo na velha inclinação aparentemente vencida. Para ser franco, ela estava fundamente arraigada no meu ser e assim apossou-se outra vez de mim com todas as forças, do mesmo modo como se reproduz uma moléstia aguda. Esse golpe terrível foi a perda de minha esposa.

Minha mulher era, para resumi-lo em poucas palavras, a prudente conselheira que me mantinha dentro do círculo feliz em que me achava, fazendo prosperar todos os meus negócios, todos os meus empreendimentos. Tinha-me feito esquecer todos os extravagantes e ruinosos projetos que até ali me haviam iludido. Exerceu sobre o meu caráter nômade mais influência do que as lágrimas de minha mãe, as reflexões de meu pai, os conselhos de um amigo e meu próprio raciocínio. Considerava-me ditoso por ceder às suas lágrimas, por sentir-me comovido com suas súplicas. Por isso, quando a perdi, encontrei-me na maior desolação e preso de um desespero difícil de explicar.

Desde sua morte, a sociedade me parecia intolerável. Não sabia o que pensar nem o que fazer.

Meu pensamento voltava-se de novo para minha antiga paixão, minha cabeça achava-se outra vez sob o domínio da fantasia e sonhava com aventuras distantes. Todos os meus aprazíveis e singelos entretenimentos domésticos, minha família, minha casinha, meu jardim, meu gado, que em outro tempo me haviam ocupado por completo, já não me distraíam nem me prendiam a atenção. Comigo se passava o que ocorre ao surdo com a música ou a uma pessoa sem paladar com a comida que come. Resolvi, portanto, abandonar os afazeres caseiros, a granja, e regressar a Londres — o que fiz poucos meses depois.

Quando cheguei a Londres, achava-me tão mal como no campo. A cidade não tinha atrativos para mim, não me ocupava de nada, não fazia outra coisa senão vagar como um ocioso. Eu era um ser absolutamente inútil no mundo, cuja vida ou cuja morte nada significava para o gênero humano, e essa situação era de todas as situações da vida a que mais me repugnava, habituado como estava a levar uma existência ativa. Muitas vezes dizia para mim mesmo: “A ociosidade é o que a vida tem de mais desprezível.” E pensava que havia empregado melhor minhas energias ao gastar 26 dias na construção de uma mesa de pinho.

Encontramo-nos em princípios de 1693, quando meu sobrinho, que se dedicara à profissão de marinheiro e já estava em condições de comandar um navio, voltou de uma curta viagem a Bilbao, a primeira que fazia. Veio ver-me e disse que uns comerciantes seus conhecidos lhe haviam proposto fazer por conta deles uma viagem às Índias Orientais e à China.

— E agora, tio — acrescentou —, se quiser, comprometo-me a levar o senhor à sua ilha, pois devemos fazer escala no Brasil.

Nada em minha opinião prova com mais evidência que há uma vida futura e que existe um mundo invisível do que essa coincidência de causas subordinadas às ideias que nascem em nossa alma e que guardamos secretamente sem comunicar a ninguém.

Meu sobrinho ignorava até que ponto me dominava a mania de viajar e eu não suspeitava absolutamente que ele fosse falar-me assim quando, naquela mesma manhã, antes de sua visita, preocupado por uma multidão de pensamentos, todos eles presos à situação que se havia criado para mim, tomei a resolução de ir a Lisboa consultar meu velho amigo capitão. Desejava ver se ele julgava conveniente e prática minha viagem à ilha e saber o que tinha sido feito da gente que lá deixara. Comprazia-me a ideia de povoar a ilha e de lhe levar novos colonos, caso conseguisse obter uma patente de concessão ou algo semelhante. Era no que pensava quando chegou meu sobrinho em minha casa, como já disse, e me comunicou seu intento de conduzir-me à ilha, de passagem para as Índias Orientais. Pus-me a refletir ao escutar sua proposta e encarando-o fixamente ponderei:

— Quem diabo o enviou aqui com esta maldita missão?

O sobrinho ficou a princípio meio desapontado, mas, compreendendo logo que a proposta não me desagradava, animou-se e respondeu:

— Creio, querido tio, que não pode haver nada de imprudente no oferecimento que acabo de fazer. Pelo contrário, atrevo-me a dizer que será para o senhor um prazer voltar a ver a sua nova colônia, o lugar onde reinou com mais acerto do que a maior parte de seus colegas, os monarcas deste mundo.

Para ser breve, o plano se harmonizava tão perfeitamente com o meu caráter, ou melhor, com a mania que me dominava, que lhe respondi que, se chegasse a um acordo com os comerciantes, iria com ele, acrescentando que não tencionava acompanhá-lo além da minha ilha.

— E por que, tio? — quis ele saber. — Creio que não tem a intenção de ficar morando lá novamente.

— Mas — repliquei — não poderá apanhar-me na volta?

Observou-me que não seria possível. Suas consignações não lhe permitiriam regressar por aquela rota, com um navio carregado de mercadorias de tão considerável valor. Essa alteração no roteiro lhe custaria um mês, ou até três ou quatro.

— De resto, tio, se me sucedesse algum imprevisto e eu não pudesse voltar, o senhor se encontraria de novo na mesma situação de outrora.

Nada mais certo. Contudo, achamos um meio de sanar esse inconveniente. Levaríamos conosco uma balandra desarmada, cujas peças embarcaríamos no navio e que, com o auxílio de alguns carpinteiros que nos acompanhariam, podia ser armada na ilha e posta em poucos dias em condições de fazer-se ao mar.

Não me custou muito decidir, porque a insistência de meu sobrinho encontrou um campo tão propício que nada pôde me deter. Demais, morta minha mulher, não havia ninguém para aconselhar-me a fazer isto ou aquilo, exceto a velha viúva, que fez tudo o que pôde no sentido de forçar-me a ter em linha de conta minha idade, minha cômoda posição, os inevitáveis perigos de uma longa viagem e, sobretudo, a sorte de meus filhos pequenos. Mas foi tudo em vão: apoderara-se de mim um irresistível desejo de viajar.

— Vejo — disse-lhe — algo tão extraordinário na impressão que esta ideia produziu em meu ânimo que julgaria contrariar de certo modo os decretos da Providência se me decidisse a ficar em casa.

Então, parou de me dar conselhos e me ajudou não só a fazer os preparativos da viagem, como também a cuidar de meus assuntos domésticos e de tudo quanto se referisse à educação de meus filhos, durante minha ausência.

Para deixar tudo em boa ordem, fiz o testamento, tomei relativamente à minha fortuna tais disposições em favor de meus filhos e a coloquei em tão boas mãos que estava absolutamente tranquilo, certo de que não ficariam prejudicados fosse qual fosse o meu fim, ocorresse a mim o que ocorresse. Com respeito à sua educação, entreguei-a completamente à viúva, a quem assegurei uma pensão suficiente. Aliás foi menor do que merecia, pois mãe nenhuma teria tomado maior interesse em educá-los e tampouco teria conseguido melhor êxito. Ela ainda vivia quando regressei à minha pátria e ofereci-lhe uma renda em testemunho do meu reconhecimento.

Achava-se meu sobrinho pronto para zarpar, em 1º de janeiro de 1695. E eu, acompanhado por Sexta-Feira, cheguei ao porto no dia 8. Além da

balandra já mencionada, havia carregado no navio uma multidão de objetos que podiam ser úteis em minha colônia e que tencionava lá deixar.

Levei ainda alguns operários que pretendia estabelecer na ilha, ou pelo menos fazê-los trabalhar por minha conta durante o tempo que eu permanecesse nela. Regressariam comigo ou lá ficariam, caso o preferissem. Entre eles iam dois carpinteiros, um ferreiro e outro rapaz muito habilidoso e capaz, tanoeiro, mas que conhecia perfeitamente numerosos ofícios. Sabia fazer toda sorte de rodas e moinhos manuais para grãos. Além disso, era bom torneiro e excelente oleiro; em suma, sabia fazer tudo o que é feito de barro ou madeira, motivo por que o apelidamos de João Sabe-Tudo.

Seguia também um alfaiate, que pensava a princípio ir com meu sobrinho às Índias Orientais, mas que sem dificuldade concordou em ficar em nossa colônia. Foi muito útil e mostrou-se em certas ocasiões mais hábil do que era lícito esperar, mesmo em coisas que nada tinham a ver com o seu ofício. A necessidade, conforme já tenho insinuado no curso desta verídica história, faz-nos engenhosos.

Meu carregamento, se me lembro bem, porque não fizera um inventário minucioso, consistia em uma boa quantidade de linhos e algumas peças de fazendas leves de fabricação inglesa para vestir os espanhóis que esperava encontrar. Havia o suficiente, segundo meu cálculo, para vesti-los durante sete anos. Parece lembrar-me de que o valor das fazendas que levava para suas roupas, junto com as luvas, chapéus, sapatos, meias e outras coisas necessárias, subia a umas duzentas libras esterlinas. Iam algumas camas, colchões e objetos caseiros, particularmente bateria de cozinha, tais como potes, caldeirões, vasos de estanho ou de cobre e perto de cem libras de ferragem, como cravos, objetos de toda espécie, dobradiças, fechaduras, chaves, enfim, tudo o que a experiência me indicava como mais necessário.

Levava também uma centena de armas de fogo, mosquetes e escopetas, fora algumas pistolas, respeitável quantidade de chumbo de todos os calibres e dois canhões de bronze. Como não sabia a duração e a extensão das necessidades a que devia prover, embarquei cem barris de pólvora, muitas espadas, facões e diversos ferros de lança e alabardas. Resumindo, um arsenal completo de munições de todo tipo. Também fiz com que meu sobrinho embarcasse dois canhões pequenos, mais do que precisava para o seu barco, com a intenção de deixá-los na ilha caso conviesse, por exemplo, edificar-se um fortim e armá-lo contra qualquer espécie de inimigo. Parecia-me que tínhamos necessidade de tudo isso, e ainda de mais, se queríamos

continuar na posse da ilha.

Os ventos contrários primeiro nos empurraram para o norte e vimo-nos forçados a arribar a Galway, na Irlanda, onde tivemos de passar 22 dias. Para compensar semelhante contratempo, tivemos a dita de encontrar provisões em abundância e a preço muito baixo. Desse modo, nossa permanência forçada, longe de diminuir os víveres do navio, permitiu que os aumentássemos. Embarquei muitos porcos vivos, duas vacas com seus bezerrinhos, que ficariam na ilha caso fosse feliz a nossa travessia. As circunstâncias, porém, forçaram-nos a proceder diversamente.

Saímos da Irlanda em 5 de fevereiro e tivemos vento pela popa durante alguns dias. No dia 20, se estou bem lembrado, ao cair da tarde, o imediato, que estava de guarda, desceu ao tombadilho e advertiu-nos que lobrigara um clarão e ouvira o estrondo de um canhão. Enquanto nos fazia essa comunicação, entrou um grumete e nos avisou que o contramestre ouvira outro tiro. Dirigimo-nos todos ao castelo de popa. Durante alguns instantes nada ouvimos, mas pouco depois vimos uma grande claridade e descobrimos que havia um grande incêndio à distância. Ao cabo de meia hora, o vento tornou-se favorável, embora fraco, e o tempo clareou um pouco, o que nos permitiu ver claramente uma embarcação de grande tonelagem a arder no meio do mar.

Aquele desastre impressionou-me terrivelmente, apesar de não lhe conhecer ainda todas as circunstâncias. Recordei então os perigos que corri e a situação em que me achava quando fui recolhido pelo capitão português. Mas quão mais deplorável devia ser a sorte dos infelizes que viajavam a bordo daquele navio se não ia acompanhado de um outro!

Dei, sem perda de tempo, ordem para disparar cinco tiros de canhão, como aviso de que iam ser socorridos, se fosse possível, e procurassem escapar em sua chalupa. Se nós tínhamos conseguido ver as chamas, eles, em compensação, não podiam ver nosso navio por causa da escuridão.

Pouco depois nos pusemos a bordejar o barco incendiado, à espera do dia, mas, de repente, com grande espanto nosso, se bem o devêssemos prever, o navio explodiu e, em poucos minutos, desapareceu o fogo e os restos da embarcação submergiram, ficando tudo na mais tremenda escuridão.

Foi um espetáculo terrível e desconsolador, principalmente quando se pensava que toda aquela desgraçada tripulação devia ter desaparecido com o barco ou encontrar-se nos maiores apuros, dentro de uma chalupa, errante sobre o oceano, impossibilitada de nos ver por causa das trevas. Contudo,

esperando topá-los ainda em estado de poderem ser socorridos, mandei colocar no alto das vergas todos os faróis que levávamos. Continuamos a disparar os canhões durante toda a noite, para lhes avisar que havia um navio nas imediações.

Pelas oito da manhã descobrimos com o óculo de alcance as chalupas da embarcação sinistrada: duas iam tão cheias de gente que afundavam. Percebemos que o vento era contrário e que remavam vigorosamente porque nos tinham visto e faziam todos os esforços imagináveis para que os víssemos também.

Com o objetivo de lhes dar a perceber que já os havíamos notado, içamos sem demora a bandeira, como a convidá-los que viessem a bordo, e desdobramos as velas, pondo a proa em sua direção. Em pouco mais de meia hora estavam encostados ao nosso casco; recolhemo-los a bordo, em número de 64, entre homens, mulheres e crianças, pois havia muitos passageiros.

Soubemos que a embarcação incendiada era francesa, de trezentas toneladas, e vinha de Quebec, no Canadá. O capitão fez-nos pormenorizada narração do sinistro que destruíra o navio. O fogo tinha começado na parte do leme, por um descuido do piloto; mas, como ele no mesmo instante pedira socorro, todos supuseram o fogo inteiramente dominado. Contudo, logo depois verificaram que algumas fagulhas tinham ido cair em diversas partes do navio, aonde ninguém podia chegar. Desses pontos o fogo passara à armadura interior e penetrara na adega, vencendo toda a habilidade e energia da tripulação. O único remédio que restava era lançar ao mar todos os botes salva-vidas, que felizmente eram bastante grandes e se compunham de uma chalupa, um lanchão e mais uma pequena canoa. Levaram consigo um pouco de água e algumas provisões, tudo quanto foi poupado pelo incêndio. Poucas esperanças tinham de escapar à morte naquelas frágeis embarcações e a tão grande distância da terra. Entretanto, diziam os desgraçados náufragos, assim como se livraram do fogo, tampouco perdiam as esperanças de encontrarem algum navio que os recolhesse. Tinham remos, velas e uma bússola e estavam resolvidos a dirigir-se para Terra-Nova, já que lhes era favorável o vento.

No meio dessa horrível situação, quando estavam todos a dois passos do desespero, contou-me o capitão, com os olhos úmidos de lágrimas, que foi uma grande surpresa, uma imensa alegria ouvirem um tiro de canhão, seguido de mais quatro. Os disparos os reanimaram, pois lhes revelavam, como era nosso desejo, que havia algum navio próximo para socorrê-los.

Para mim é impossível descrever a variedade de gestos, o êxtase, as diversas atitudes com que aquela pobre gente manifestava a alegria de tão providencial salvamento. Pinta-se perfeitamente a aflição e o temor: suspiros, lágrimas, gemidos, certos movimentos extravagantes da cabeça e das mãos, esgares e trejeitos. Um excesso de alegria, porém, sobretudo quando é repentina, dá origem a manifestações às vezes realmente cômicas, quando não grotescas e estrambóticas. Uns derramavam lágrimas, outros, como loucos furiosos, rasgavam as próprias vestes e se arranhavam, como se estivessem no cúmulo do desespero, e outros ainda, num delírio completo, pareciam verdadeiros dementes: estes corriam pelo navio, batendo com os pés, aqueles retorciam as mãos. Havia os que dançavam, os que cantavam, os que se riam às gargalhadas, os que berravam. Mas o maior número permanecia mudo, sem proferir uma só palavra. Outros sentiam-se enfermos e com fortes náuseas. Muitos estavam prestes a cair de inanição. Finalmente, outros não faziam senão persignar-se e dar graças a Deus.

Não quero ferir suscetibilidades de ninguém; muitos deles se mostraram agradecidos depois; mas inicialmente o instinto superou a vontade e nem todos puderam dominar-se. Afogaram-nos num êxtase ou numa espécie de frenesi, e houve muito poucos cuja alegria fosse razoável.

Pode ser que contribuísse para tudo quanto eu disse o caráter particular do país a que pertenciam. Refiro-me à nação francesa, cujo temperamento passa por ser o mais trêfego, o mais apaixonado, o mais expansivo, concorrendo para que os seus habitantes sejam os mais inconstantes do mundo. Não sou bastante filósofo para determinar as suas causas, mas confesso que nunca tinha visto coisa semelhante. Os arroubos do pobre Sexta-Feira, meu fiel selvagem, quando encontrou o pai na canoa, se lhes podiam comparar. A surpresa do capitão e seus dois companheiros, salvos por mim dos amotinados que os haviam desembarcado na ilha, também se lhes aproximava um pouco. Todavia, nada se equiparava, nem o que tinha observado em Sexta-Feira, nem tudo o mais que tinha visto desde que adquirira o uso da razão, ao que presenciei naqueles momentos.

No entanto, é preciso dizer que essas extravagâncias não se manifestavam, em suas variadas formas, em tal ou qual indivíduo, mas se sucediam em curto lapso, com todas as suas cambiantes, num só e mesmo cidadão. Certo homem, que a princípio havíamos visto calado e como que estupefocado, punha-se de repente a bailar e a dar gritos como um palhaço. Um minuto mais tarde, arrancava os cabelos, rasgava as vestes e as pisava como

um possesso; em seguida, o víamos derramar lágrimas e desmaiar. Se não o tivéssemos socorrido prontamente, talvez até houvesse morrido. E isso sucedia não a um ou a dois, mas à imensa maioria deles, e, segundo me recordo, nosso cirurgião teve que sangrar e socorrer a tantos como trinta.

Entre eles achavam-se dois sacerdotes, um já velho e outro jovem. E, embora pareça estranho, o mais idoso era o mais desfrutável.

O sacerdote moço revelou grande domínio sobre si mesmo e foi verdadeiramente um modelo de dignidade e força de vontade. Logo que pisou o tombadilho do navio prosternou-se para dar graças a Deus de havê-lo salvo. Pareceu-me que ele ia desfalecer em meio àquele ato piedoso e corri em seu auxílio. Agradeceu-me, porém, com muita calma e disse que manifestava sua gratidão a Deus porque o tinha livrado da morte certa e suplicou-me que o deixasse por uns instantes e que depois do Criador também eu haveria de receber o testemunho do seu reconhecimento.

Senti muito tê-lo interrompido e não só me afastei, como impedi que os demais se aproximassem dele. Permaneceu ajoelhado uns três minutos, depois que o deixei. Em seguida, veio à minha procura, conforme me prometera, com uma emoção cheia de gravidade e com os olhos rasos d'água expressou-me efusivamente seu agradecimento por haver, com a ajuda de Deus, salvo a sua vida e a de tantos outros infelizes.

Depois disso, o jovem sacerdote falou aos seus compatriotas. Procurou sossegá-los. Conversou, discutiu, raciocinou com eles e esforçou-se quanto pôde para que conservassem o domínio de si mesmos. Em alguns pôde consegui-lo, mas em outros não, pois durante muito tempo ficaram como que privados da faculdade do raciocínio.

Não posso deixar de consignar esses fatos, porque alimento a esperança de que o quadro que esbocei não será inútil àqueles em cujas mãos vá por acaso parar, exibindo-lhes todas as extravagâncias de suas paixões. Se um excesso de alegria pode arrastar uma pessoa além dos limites razoáveis, aonde não poderiam conduzi-la os transportes do ódio, da cólera ou do rancor? E realmente, pelo que vi, compreendi quanto cuidado devemos pôr em todas as nossas paixões, quer provenham da alegria, quer do prazer, quer brotem da tristeza, quer da cólera.

No primeiro dia ficamos um tanto aturdidos com as extravagâncias dos nossos novos companheiros. Depois de terem se instalado nos locais que lhes foram indicados, de acordo com as condições do navio, e puderam dormir à vontade, em sua maior parte, extenuados como estavam de cansaço e temor,

pareciam outra gente na manhã seguinte.

Não houve frase de gratidão e cumprimentos expressivos pelo nosso comportamento que não nos fossem dirigidos, sendo os franceses, como é sabido, tão exagerados em matéria de cortesia e palavras gentis.

O capitão e um dos sacerdotes no outro dia vieram procurar-me, pois desejavam conversar comigo e com meu sobrinho. O primeiro começou por informar-se do que pretendíamos fazer com eles. E de início nos manifestou que, como lhes havíamos salvado a vida, tudo quanto possuíam não seria senão uma mesquinha remuneração pelo serviço que tinham recebido. Comunicou-nos então que certa soma em dinheiro e alguns objetos de valor tinham sido subtraídos às chamas e levados às lanchas; que, se quiséssemos aceitar, tinha a incumbência de nos oferecer tudo isso; que ele e sua gente apenas queriam ser desembarcados em qualquer porto de nossa rota, ou em algum ponto onde pudessem alimentar a esperança de encontrar quem quisesse conduzi-los à França.

Meu sobrinho sentia-se inclinado a aceitar logo o dinheiro e ver o que se faria com eles; mas tive suficiente influência sobre ele para fazê-lo desistir de tal ideia, porque sabia o que era achar-se sem dinheiro em um país estrangeiro. Se o capitão português que me havia recolhido em alto-mar procedesse do mesmo modo comigo e tivesse aceitado tudo o que eu possuía, em paga de seu serviço, eu teria me achado na contingência de morrer de fome ou ser escravo no Brasil, como fora na Barbária, com a única diferença de que não teria sido propriedade de um maometano. Mas, certamente, um português não é melhor amo do que um turco, se ainda não é pior em certas ocasiões.

Respondi, portanto, ao capitão francês que, na verdade, os tínhamos socorrido em sua aflição, mas que isso era um dever que todos tínhamos para com os nossos semelhantes; que também nós queríamos ser tratados da mesma maneira, caso nos acontecesse igual desgraça; que o que tínhamos feito por eles pensávamos que eles teriam feito por nós se nos tivessem achado em situação idêntica; que os havíamos recolhido para salvá-los e não para despojá-los. Quanto a desembarcá-los, disse-lhes que isso era sumamente difícil, porque o navio estava fretado para as Índias Orientais e o capitão, meu sobrinho, não poderia justificar-se perante seus armadores, com os quais tinha se comprometido, por meio de uma escritura firmada em duas vias, de rumar para o Brasil. No meu entender o máximo que podíamos fazer por eles era procurar, na medida do possível, alguma embarcação de volta das

Índias Orientais e obter que os recebesse a bordo até um porto da Inglaterra ou França.

A primeira parte de minha resposta era demasiado generosa e amável para que não se mostrassem imensamente reconhecidos; mas ficaram consternados, mormente os passageiros, ante a perspectiva de serem conduzidos às Índias Orientais. Fizera-me ver que, tendo-nos afastado de nossa rota antes de tê-los encontrado, podíamos continuar nessa direção ao menos até ao banco de Terra-Nova, onde provavelmente encontrariam algum pequeno navio em que pudessem reembarcar para o Canadá, de onde tinham vindo.

Seu pedido pareceu-me bastante exequível e senti-me disposto a atendê-lo, tanto mais que transportá-los a todos até as Índias Orientais me parecia uma verdadeira crueldade e também uma ruína para nós, pois que consumiriam todas as provisões que levávamos. Compreendi que isso não era faltar à obrigação contraída com os armadores, mas sim ater-se ao que um acidente imprevisto tornava absolutamente necessário. E ninguém nos podia acusar, uma vez que tanto as leis de Deus como as da Natureza nos proibiam abandonar aquelas chalupas cheias de gente em situação tão crítica. As circunstâncias nos obrigavam, tanto por nosso próprio interesse, como pelo daquelas pobres criaturas, a desembarcá-las e tratar de salvá-las. Acedi, portanto, em levá-los a Terra-Nova, se o vento e o tempo assim permitissem, ou, se não, deixá-los em Martinica, nas Índias Ocidentais.

Chegamos a Terra-Nova uma semana depois, onde, para resumir, direi que deixamos todos os nossos franceses a bordo de uma barçaça que alugaram para conduzi-los à terra e dali empreender a viagem à França, caso pudessem prover-se de todos os víveres necessários.

Quando disse que todos os franceses desembarcaram, devia ter excetuado o jovem sacerdote, que, sabendo que íamos para as Índias Orientais, desejou prosseguir viagem conosco. Aceitei satisfeito, porque havia simpatizado extraordinariamente com o citado moço e, de fato, não faltavam razões para isso, como mais tarde veremos. Quatro marinheiros juntaram-se também à nossa tripulação: tratava-se de homens muito valentes e honrados e foram-nos sumamente úteis.

Ao sair dali, rumamos para as Índias Ocidentais, dirigindo-nos sempre para o sul ou sudeste pelo espaço de vinte dias, com vento ora forte, ora fraco, quando nossa humanidade foi de novo posta em prova por ocasião de um acidente quase tão deplorável quanto o anterior.

Era uma embarcação de Bristol que voltava de Barbados, mas que fora arrastada para fora da baía por um terrível furacão, poucos dias antes de estar pronta para fazer-se ao mar, num momento em que o capitão e o imediato tinham ido à terra. Isso nada teria significado para marinheiros capazes de conduzir o barco de volta ao porto, mas os desse navio garrado estavam aterrorizados com o temporal e não sabiam o que fazer. Havia nove semanas que estavam em alto-mar e tinham sofrido, após a primeira procéla, outra violenta tempestade que os arrastara muito para oeste, longe da sua rota, e lhes fizera perder parte do mastaréu. O pior de tudo, porém, era que estavam extenuados tanto pela fome como pelas fadigas sofridas. Tinham consumido inteiramente a reserva de pão e carne, do que não lhes restava sequer uma onça, e isso fazia já onze dias. Unicamente a água, seu último recurso, ainda não se esgotara. Possuíam ainda meio barril de farinha e boa quantidade de açúcar. Alguns doces que levavam foram devorados logo ao princípio. Apesar de tudo lhes ficaram sete barris de rum.

Iam a bordo como passageiros um jovem, sua mãe e uma criada. Julgando que o navio iria fazer-se de vela logo, tinham embarcado, desgraçadamente, na véspera do furacão e, como não lhes sobrasse mais coisa alguma de suas provisões, estavam em situação ainda mais miserável do que os outros. É que os marujos, reduzidos ao último extremo, não sentiram, como é de se supor, a menor compaixão pelos pobres passageiros, cuja miséria era tal que seria difícil descrevê-la.

Talvez eu nem tivesse chegado a inteirar-me dessa particularidade se, impelido por minha curiosidade, num momento em que o mar estava bonançoso e o vento, brando, não me tivesse determinado a visitar o tal navio. Seu contramestre, que naquelas circunstâncias havia tomado o comando do barco, tinha vindo a bordo e me havia referido que existiam no camarote da popa três passageiros que deviam achar-se em situação deplorável.

— Creio que até já estejam mortos, pois há dois dias não escuto falar nem me atrevi a perguntar, já que não lhes podia oferecer nenhuma ajuda.

Procuramos prover a tripulação de tudo que pudéssemos dispor. Dei a meu sobrinho instruções a respeito, para o abastecimento daquela gente, mesmo que, para isso, tivéssemos de navegar até a Virgínia ou qualquer outro ponto da América, a fim de embarcar novas provisões. Mas não foi necessário.

Apresentou-se, então, um novo perigo: os homens comiam demais,

embora lhes aconselhássemos cautela. O contramestre trouxe consigo seis homens no seu bote. Os infelizes pareciam verdadeiros esqueletos. Estavam tão fracos que mal podiam remar. O próprio contramestre estava também sumido e meio extenuado pela fome, pois não se havia tratado melhor que a sua gente e sua ração não era maior do que a dos outros. Aconselhei que comesse pouco e apressei-me a lhe arranjar algum alimento; mas, tinha apenas engolido duas garfadas, quando começou a sentir-se mal e não quis mais comer. O médico de bordo então misturou a um pouco de caldo o que lhe devia servir de alimento e purgante ao mesmo tempo. Depois que o bebeu, sentiu-se melhor.

Ocupei-me a seguir dos marinheiros. Ordenei que se pusessem víveres à sua disposição. Os infelizes antes devoravam do que comiam. Tinham tanta fome que estavam como que raivosos e não se podiam conter. Dois deles empanturraram-se tanto que pouco lhes faltou para morrer, no dia seguinte.

Mas, enquanto o contramestre nos relatava os sofrimentos da tripulação, eu não podia tirar da cabeça o que nos contara sobre os três passageiros do camarote da popa: mãe, filho e criada, sobre quem havia três dias não tinha notícias, completamente esquecidos por causa da extrema penúria de todos. Concluí que deviam ter morrido à míngua de alimento e que seus cadáveres talvez estivessem estendidos no assoalho do camarote ou sobre o tombadilho.

Ao ver que o contramestre, a quem chamávamos de capitão, assim como sua gente se iam reanimando, lembrei-me da tripulação faminta que continuava no navio e enviei minha própria lancha, tripulada pelo imediato e doze homens, levando um saco de pão e quatro ou cinco pedaços de carne.

O médico de bordo ordenou a nossos marinheiros que mandassem cozinhar aquela carne sob as suas vistas, com sentinela à porta da cozinha, a fim de impedir que aqueles desgraçados comessem a carne crua e a tirassem da panela antes de estar cozida, e que dessem a cada um uma pequena quantidade de cada vez. Graças a essa precaução salvaram-se aquelas criaturas, que de outro modo teriam sucumbido, vítimas dos mesmos alimentos que lhes eram dados para salvar as suas vidas.

Ao mesmo tempo recomendei ao imediato que entrasse no camarote da popa e visse em que estado se encontravam os pobres passageiros. Se ainda vivessem, lhes prestasse todos os auxílios necessários. O cirurgião deu-lhe um pote de caldo preparado especialmente para eles, que, segundo sua opinião, devia levantar-lhes as forças gradualmente.

Apesar disso, não me senti tranquilo. Como já disse, tinha um forte

desejo de ver com meus próprios olhos, de maneira mais viva do que por um simples relato, o espetáculo desolador que certamente apresentaria o navio. Assim pois, tomei comigo o capitão (como o chamávamos então) e, em sua chalupa, nos dirigimos ao navio.

Encontrei os marinheiros quase amotinados porque queriam retirar a carne do caldeirão antes de estar cozida. O nosso imediato, porém, havia cumprido com o maior rigor as ordens recebidas e colocara à entrada da cozinha um bom sentinela. Este, depois de haver esgotado todos os meios de persuasão para que os famintos tivessem paciência, viu-se obrigado a usar da força para afastá-los. Contudo, teve a ideia de molhar algumas bolachas no caldo e as distribuir entre eles, para matar-lhes a fome, dizendo que, para seu bem, não lhes dava senão um pouquinho de cada vez.

Mas o infortúnio dos pobres passageiros era muito maior do que o dos marinheiros, porque, com efeito, o pessoal da tripulação, vendo-se reduzido a uma ração escassa, atendia a princípio às necessidades dos passageiros com extrema parcimônia e acabou por cortar-lhes completamente o fornecimento de comida. Assim, havia seis ou sete dias que os pobres coitados não recebiam absolutamente nada e muito pouco nos três dias anteriores. A pobre mãe, a primeira a ser socorrida, era mulher de talento e muito bem educada, cuja ternura pelo filho induziu-a a dar-lhe toda a sua ração. Foi uma vítima do carinho materno. Quando nosso tenente entrou no camarote, viu-a sentada ao chão, entre duas poltronas, com os ombros apoiados em suas bordas, a cabeça enterrada nos ombros e o rosto cadavérico, com um resto de vida. O imediato fez esforços inauditos para reanimá-la e dar-lhe forças. Depois, com uma colher, meteu-lhe na boca algumas gotas de caldo. Ela entreabriu os lábios e levantou a mão, mas não conseguiu dizer uma só palavra. Compreendia, contudo, o que lhe diziam e parecia querer dar a entender que já era demasiado tarde, mostrando, porém, o filho, como a dizer que devíamos cuidar dele. Apesar disso, o imediato, que estava profundamente comovido diante de tal espetáculo, esforçou-se por fazê-la tomar um pouco mais de caldo e conseguiu, conforme disse, que ela ingerisse duas ou três colheradas. Não me pareceu que estivesse muito seguro sobre isso e, se o fez, já fora tarde demais, pois veio a falecer naquela mesma noite.

O jovem, a quem a mãe havia salvado à custa de sua própria vida, não se achava em estado tão melindroso. Estava esticado na maca, como morto. Tinha na boca os restos de uma luva velha que havia roído. Todavia, como fosse mais jovem e possuisse mais vitalidade que sua mãe, quando o imediato

pôde introduzir-lhe na boca um pouco de caldo, começou a reanimar-se a olhos vistos, motivo por que lhe foram dadas duas ou três colheradas mais. Mas sentiu certa indisposição e no mesmo instante vomitou-as.

Em seguida foi socorrida a pobre criada. Jazia estirada no chão, ao lado da patroa, como se tivesse tido um ataque apoplético e lutasse com a morte. Tinha os membros retorcidos. Uma das mãos agarrava-se ao pé de uma poltrona tão fortemente que com dificuldade conseguimos soltá-la. Numa palavra, estava agonizando, o que não impediu que sobrevivesse.

A pobre criatura não só estava extenuada, como também apavorada com o espetáculo da morte, porque, como nos disse depois, seu maior pesar fora ter visto a agonia de sua ama, a quem tanto queria, pelo espaço de dois ou três dias.

Vimo-nos em sérios apuros com aquela infeliz, quando nosso cirurgião, homem inteligente e experimentado, lhe restituiu a vida à custa de cuidados e teve de ocupar-se em fazê-la recobrar a razão, por isso que permaneceu louca por muito tempo, como adiante se verá.

Será bom prevenir a quantos leiam estas memórias que as visitas em alto-mar, de um navio a outro, não são a mesma coisa que em terra, onde a gente fica uma semana ou quinze dias no mesmo lugar. Nosso dever era auxiliar a tripulação do barco em apuros, mas não nos demorar indefinidamente ali. Embora eles desejassem com ardor seguir por alguns dias o mesmo rumo nosso, não podíamos perder tempo e navegar de conserva com aquela embarcação sem mastros. Contudo, quando o capitão nos rogou que o ajudássemos a aparelhar um mastro de gávea e fazer um menor com a verga do traquete, acedemos aos seus desejos e nos mantivemos a bordejar durante três ou quatro dias. Em seguida, depois de havermos dado cinco barris de carne, um de manteiga, duas caixas de bolachas, boa provisão de feijão, farinha e outros comestíveis, dos quais possuíamos grande quantidade, recebendo em troca três caixas de açúcar, rum e algumas moedas de ouro, deixamo-los, levando para o nosso navio, após reiterados pedidos, o moço e a criada com todos os seus pertences.

Esse rapaz tinha uns dezessete anos. Era um moço de boa aparência, finamente educado, modesto e judicioso. A morte da mãe fora-lhe um golpe tanto mais rude quanto já havia perdido também o pai, pouco antes de sair de Barbados. Pediu ao cirurgião que obtivesse de mim autorização para sair daquele navio onde, segundo dizia, tinha como companheiros os assassinos de sua mãe. De fato quase poderia acusá-los de tê-lo sido indiretamente,

porque bem poderiam ter reservado um pouco de alimento para a pobre viúva desamparada, e sem dúvida ela teria se salvado. A fome, porém, não conhece parentes nem amigos; embota os sentimentos humanitários e piedosos.

O médico advertiu-o de que nossa viagem seria muito longa, que o afastaria de seus amigos e talvez acabasse por deixá-lo em pior situação do que aquela de que o havíamos tirado ou, por outra, talvez se visse na continência de morrer realmente de fome. Respondeu que não lhe importava o lugar para onde o levassem, desde que o separassem daquela tripulação desumana. Confiava em que o capitão (referia-se a mim, pois não conhecia meu sobrinho), depois de lhe haver salvado a vida, não havia de querer condená-lo a semelhante desgosto. E, com relação à criada, estava certo de que, se readquirisse a razão, para onde quer que a levássemos, se mostraria reconhecida.

Não molestarei o leitor contando-lhe os pequenos incidentes provocados pelos ventos, pelo tempo, pelas correntes etc., durante o resto de nossa travessia. E para abreviar minha história, atendendo ao que será dito a seguir, direi que cheguei à minha antiga morada ou, por outra, à minha ilha, no dia 10 de abril de 1695.

Não nos foi muito fácil encontrá-la, porque outrora tinha ido a ela e saído de lá por sudeste, pois que vinha então do Brasil, ao passo que agora navegávamos entre a ilha e a terra firme. Sem o plano da costa e qualquer outra indicação, fundeamos sem ter completa segurança de nos acharmos onde desejávamos.

Durante muito tempo velejamos, tocando em diversas ilhas situadas nas proximidades da embocadura do Orenoco; mas tudo inútil. Foi quando percebi que antes cometera um grande erro supondo que a terra que lobrigava da minha ilha fosse o continente. Era uma ilha de grandes dimensões, ou melhor um arquipélago, cujas ilhas se estendiam de um lado a outro da foz daquele caudaloso rio, e, por conseguinte, os selvagens que iam às vezes à minha ilha não eram propriamente dos chamados Caraíbas, mas insulares, pertencentes a outros povos bárbaros que viviam na vizinhança daquelas costas.

Visitei, portanto, sem querer, muitas daquelas ilhas: umas eram habitadas; outras, desertas.

Indo dessa forma de uma ilha para outra, ora no navio, ora na chalupa do francês, muito cômoda e que ele voluntariamente nos havia cedido, acabei chegando por fim à costa sul de minha ilha e não tardei a reconhecer, por seu

aspecto, aquelas paragens. Fiz, pois, ancorar em segurança o navio, no meio da pequena enseada, próximo à minha antiga habitação.

No mesmo instante que descobri aqueles lugares, chamei Sexta-Feira e lhe perguntei se sabia onde estava. Pôs-se durante um tempo a olhar para todas as bandas e, de repente, batendo palmas, começou a gritar:

— Oh, sim! É ali! Oh, sim, ali! — E apontava para nossa morada.

Começou então a brincar e a saltar como um louco e tive grande dificuldade em impedir que se lançasse ao mar para atingir a margem a nado.

— Ora veja, Sexta-Feira — disse-lhe —, pensa acaso que vamos encontrar alguém aqui? Pensa tornar a ver seu pai?

Emudeceu como uma estátua durante alguns segundos. Mas, quando lhe falei no pai, o pobre e excelente rapaz pareceu oprimido e vi correr grossas lágrimas pelo seu rosto.

— Por que isto agora, Sexta-Feira? — perguntei. — Está triste por ver seu pai?

— Não, não — respondeu, movendo tristemente a cabeça. — Eu não *ver* mais *ele*, nunca mais *ver*!

— Por que você diz isso, Sexta-Feira?

— Ah, não, não! Ele *morto* muito tempo, muito tempo! Ele *ser* muito velho.

— Vamos, vamos, Sexta-Feira, ninguém o sabe. De qualquer modo, havemos de encontrar aqui algum de nossos amigos.

Tinha sem dúvida melhor vista do que eu, porque, mostrando o penhasco existente sobre o antigo “castelo”, começou a gritar embora nos achássemos ainda a meia légua de distância.

— Eles *ver* nós, ele *ver* nós! Sim, sim, *ver* nós, muitos homens, ali, ali e mais ali!

Olhei, mas não pude ver nada, apesar do meu óculo de alcance, sem dúvida mal assestado, pois Sexta-Feira tinha razão, segundo soube no dia seguinte. Havia efetivamente cinco ou seis homens reunidos, observando o navio e sem saber o que pensar dele.

Tão logo Sexta-Feira me assegurou que via gente, mandei arvorar a bandeira inglesa e disparar três tiros de canhão, para lhes dar a entender que éramos amigos e imediatamente vimos elevar-se um rolo de fumo, do fundo da pequena baía. Ordenei que sem demora lançassem ao mar o bote e nele embarquei com Sexta-Feira, empunhando uma bandeira branca a significar paz, e nos dirigimos para terra. Acompanhava-me também o jovem sacerdote,

de quem já falei. Havia-lhe contado minhas aventuras, meu modo de viver naquelas regiões e as diversas particularidades relativas a minha pessoa e às criaturas que havia deixado ali. Por isso demonstrou grande vontade de ir comigo. Levava igualmente seis homens bem armados para o caso de encontrar novos hóspedes que me fossem hostis. Mas não tivemos necessidade de usar as armas.

Como chegamos no momento mais alto da maré, penetramos diretamente na baía.

O primeiro homem que vi logo que cheguei à praia foi aquele mesmo espanhol a quem salvara a vida e cujas feições reconheci perfeitamente. Sua indumentária deixarei para descrever daqui a pouco.

Proibi aos marinheiros que tripulavam a lancha que descessem em terra, mas tal ordem não foi bastante para reter Sexta-Feira a bordo. Esse filho carinhoso tinha divisado o pai a uma longa distância dos espanhóis, muito antes de eu mesmo tê-lo visto, e, se não o tivesse deixado ir a terra, ele teria se lançado ao mar. Mal se viu na praia, correu ligeiro como uma flecha para onde estava o pai. Seus primeiros transportes de alegria assim que chegou a seu lado teriam arrancado lágrimas ao homem mais empedernido. Abraçou-o, beijou-o, fez-lhe mil carinhos, tomou-o nos braços, sentou-o no tronco de uma árvore, deitou-se a seu lado, depois se ergueu e ficou a contemplá-lo durante um quarto de hora, extasiado como diante de um quadro extraordinário. A seguir arrojou-se novamente ao solo e voltou a acariciá-lo e beijá-lo. Levantou-se e uma vez mais pôs-se a contemplá-lo. Poderia se pensar que o pobre rapaz estava enfeitiçado; no dia seguinte suas manifestações de ternura teriam feito rir ao homem mais sisudo. Pela manhã estive a passear na praia horas seguidas com o pai, levando-o pela mão como se fosse uma dama. De vez em quando deixava-o para ir até o bote apanhar alguma coisa para ele: ou um pedaço de açúcar, ou um cálice de licor, uma bolacha, enfim, o que havia de melhor. À tarde, a coisa foi diferente. Sentou o ancião no chão e pôs-se a dançar a sua volta, em mil atitudes simiescas, com mil gestos estranhos. Contava-lhe ao mesmo tempo, para diverti-lo, anedotas e episódios de suas viagens, relatando-lhe tudo quanto lhe sucedera em países distantes. Para resumir, se achasse o mesmo carinho filial em todos os cristãos do globo, seria possível considerar inútil o quinto mandamento da lei de Deus. Deixemo-nos, porém, de digressões e voltemos ao meu desembarque.

Não é preciso falar nos cumprimentos e na bela recepção que me

dispensaram os espanhóis. O primeiro que se apresentou, e que muito reconheci como já disse, foi aquele a quem salvara a vida. Aproximou-se do bote, seguido de outro, trazendo também uma bandeira branca. No primeiro momento não me reconheceu, pois não lhe ocorrera que fosse eu que regressasse àquelas paragens, até que lhe falei:

— Cavalheiro — disse-lhe eu em português —, o senhor não me reconhece?

Não me respondeu uma palavra, mas, entregando o mosquete ao companheiro, abriu os braços e, pronunciando em espanhol algumas palavras que não pude compreender, correu a abraçar-me. Disse-me que não tinha desculpa por não haver reconhecido aquele rosto que em outra ocasião se lhe tinha surgido como o de um anjo descido do céu para lhe salvar a vida. Acrescentou ainda muitas outras expressões corteses, peculiares aos espanhóis bem educados, e, fazendo um sinal ao homem que estava com ele, disse-lhe que fosse chamar seus companheiros. Perguntou-me em seguida se queria ir ao meu antigo “castelo”, do qual me faria entrega e onde não tinham sido feitos senão poucos melhoramentos de pequena monta. Dirigimo-nos, pois, para ele. Grande foi minha surpresa ao percorrer de novo aqueles sítios, agora tão desconhecidos como se nunca os tivesse visto. Tinham plantado árvores e estavam tão próximas umas das outras e em dez anos haviam crescido tanto que aquele lugar estava completamente inacessível, salvo por algumas veredas ocultas e tortuosas, apenas fáceis de encontrar por aqueles que as haviam aberto.

Perguntei o motivo de todas aquelas fortificações e respondeu-me que eu mesmo reconheceria a necessidade delas, assim que soubesse como haviam passado o tempo desde sua chegada à ilha, quando souberam desgraçadamente da minha partida. Afirmou-me que se tinha alegrado sobremodo pela minha boa sorte ao saber que eu havia partido num formoso navio e de acordo com os meus desejos. Mas nunca havia perdido a esperança, segundo me asseverou, de tornar a ver-me um dia. Nada em sua vida tanto o aborrecera e afligira como a contrariedade que teve logo que voltou à ilha e nela não me encontrou.

A respeito dos três bárbaros, como chamava aos marinheiros que havíamos deixado ali e dos quais tinha uma longa história a me contar, se não tivessem sido tão poucos, certamente que os espanhóis teriam preferido viver entre os selvagens.

— Se tivessem sido bastante fortes — continuou —, há muito que

estariamos todos no purgatório.

Ao dizer essas palavras, fez o sinal da cruz em cima do peito.

— E espero — prosseguiu — que o cavalheiro não tomará a mal que lhe diga que, forçados pela necessidade e em nossa própria conservação, nos vimos na contingência de desarmá-los e submetê-los, de vez que, não se contentando em ser nossos senhores, queriam chegar a ser nossos verdugos.

Respondi-lhe que eu bem o havia receado e que, ao deixar a ilha, nada me contristara tanto como dever partir sem tê-lo ali, de volta com seus companheiros, a fim de deixá-los na posse das minhas propriedades e forçar aqueles três marinheiros a uma sujeição que bem tinham merecido. E, se os haviam reduzido àquele estado, longe de parecer-me mal, estava imensamente satisfeito, pois sabia que aqueles tratantes eram perniciosos e incorrigíveis, capazes de cometer todo gênero de desatinos.

Enquanto mantínhamos essa conversa, o homem que partira em busca dos companheiros voltou com mais onze; nos trajes que então vestiam era impossível reconhecer a que nação pertenciam, mas o meu espanhol depressa me tirou da dúvida. Voltou-se logo para mim e foi me dizendo, apresentando-nos:

— Eis, senhor cavalheiro, alguns dos indivíduos que lhe devem a vida.
— E, dirigindo-se a eles e mostrando-me, disse-lhes quem eu era.

Então foram se aproximando um a um, não como homens do mar ou cidadãos corriqueiros, mas como se fossem embaixadores de grandes reis, e eu um monarca ou um grande conquistador.

Sua conduta não pôde ser mais galante e cortês, ao mesmo tempo que combinada com uma gravidade varonil e majestosa, o que lhes ficava às mil maravilhas. Numa palavra, seus modos eram tão superiores aos meus que não sabia como receber seus cumprimentos e, menos ainda, como corresponder com outros idênticos.

A história de sua chegada e de sua conduta na ilha, depois de eu haver partido, é tão notável, oferece tantos incidentes que, com o auxílio da primeira parte de minhas memórias, será mais fácil compreendê-la, pois tem tanta semelhança em grande número de detalhes com o relato que fiz que tenho grande prazer em transmiti-la aos que me leem.

Da primeira coisa que me informei, para continuar a história do ponto em que a havia deixado, foi do que concernia particularmente a eles. Pedi ao espanhol que me desse conta detalhada de sua viagem de canoa, quando foi em busca dos companheiros. O tempo tinha sido bom, o mar tranquilo.

Quanto a seus compatriotas, foi certamente para eles imensa alegria tornar a vê-lo, pois era, pelo que eu pude entender, o mais respeitado de todos, desde a época em que morreu o capitão do navio naufragado. Tanto maior havia sido sua surpresa quanto, sabendo que tinha caído em poder dos selvagens, supunham-no devorado com o resto dos prisioneiros. Quando lhes contou como havia escapado e os meios de que dispunha na ilha, pareceu-lhes um sonho. Mas, ao ver as armas, a pólvora, as balas e as provisões que trouxera para a viagem, vieram a si e entregaram-se sem reservas ao prazer que lhes produzia a perspectiva de sua liberdade e dispuseram-se imediatamente a segui-lo.

Em primeiro lugar precisavam encontrar barcos, e para isso lhes foi necessário abandonar um pouco sua honradez com relação a seus amigos, os selvagens, e se apoderarem de duas grandes canoas ou pirogas, com o pretexto de ir à pesca ou fazer uma excursão recreativa.

Embarcaram no dia seguinte, pela manhã bem cedo, pois seus preparativos não exigiam muito tempo. Não tinham equipamentos, nem roupas, nem provisões, nada enfim, salvo o que levavam no corpo e algumas raízes de que se serviam para fazer pão.

A ausência de meus enviados durou três semanas. Nesse meio-tempo, desgraçadamente para eles, achei a ocasião propícia de abandonar a ilha, como já contei, deixando nela três refinados biltres, os mais impudentes, empedernidos e intratáveis que se podem encontrar.

O único ato de lealdade daqueles tratantes, à chegada dos espanhóis, foi entregar-lhes minha carta, provisões e outras coisas necessárias, de acordo com as minhas determinações. Deram-lhes também uma vastíssima nota, que eu lhes deixara, onde se continham instruções, conselhos e os processos de que me valera para suprir as minhas necessidades, a maneira de fazer pão, criar cabras domésticas, cultivar o grão, preparar passas com as uvas silvestres, fabricar potes — numa palavra, todas as minhas indústrias. Tudo isso, escrito por mim com muitos detalhes, foi por eles entregue aos espanhóis, dois dos quais sabiam alguma coisa de inglês. Não se negaram a entrar num *modus vivendi* com os recém-chegados, e durante o primeiro tempo viveram muito unidos. Dividiram com eles a casa e a gruta e começaram a viver na melhor harmonia. O chefe dos espanhóis, que tinha visto os meios de que eu me valia, dirigia todos os assuntos, auxiliado pelo pai de Sexta-Feira. Quanto aos ingleses, limitavam-se a passear pela ilha, matar papagaios, apanhar tartarugas e, quando voltavam ao anoitecer à sua

habitação, encontravam já a ceia posta pelos espanhóis.

Estes estariam dispostos a isso uma vez que os ingleses os tivessem deixado tranquilos, mas tal não era de se esperar de seu temperamento turbulento. Como o cachorro do chacareiro, não queriam comer nem deixar que os outros comessem. Contudo, suas discussões foram a princípio de pouca importância e, portanto, não merecem ser referidas. Mas depressa se transformaram em guerra aberta, iniciada com toda sorte de grosserias e insolências imagináveis, sem causa, sem provocação e em oposição ao direito e ao senso comum. E embora seja certo que a primeira relação me foi feita pelos próprios espanhóis, aos quais podia chamar seus acusadores, quando mais tarde os interroguei não puderam negar uma só palavra.

Mas, antes de passar às particularidades desta segunda parte, devo corrigir uma omissão em que incorri na primeira. Esqueci-me de contar que no momento em que íamos levantar âncora formou-se a bordo uma querela que me fez temer um segundo motim. Os ânimos apenas se apaziguaram graças ao rigor do capitão, que, com o nosso auxílio, os separou a viva força, apoderou-se dos mais revoltados e os meteu no cepo, carregados de cadeias. Como fossem os mesmos que tomaram parte ativa nas primeiras desordens e pronunciado algumas palavras subversivas e pouco tranquilizadoras, ameaçou mantê-los presos até chegar à Inglaterra, onde seriam enforcados como sediciosos e por haver tentado assenhorear-se do navio.

Essa ameaça, se bem não tivesse o capitão o intento de executá-la, intimidou a maior parte da tripulação, que começou a dizer que o capitão os levava enganados até o primeiro porto inglês, onde os entregaria às autoridades para serem julgados.

O imediato, de tudo sabedor, comunicou-nos a notícia. Combinamos então que, como me tivessem na conta de pessoa de importância, eu iria com o imediato falar-lhes e assegurar, caso não dessem novos motivos durante o resto da viagem, que seria perdoado tudo o que haviam anteriormente feito. Fui, pois, ter com eles e, quando lhes dei minha palavra de honra, pareceram ficar completamente satisfeitos, sobretudo quando obtive do capitão que tirasse os ferros dos que estavam algemados.

Tais acontecimentos nos tinham feito permanecer ancorados toda a noite. Por outro lado o vento havia amainado. Na manhã do dia seguinte descobrimos que os dois prisioneiros, após se haverem apoderado cada um de um mosquete e algumas outras armas (quanto a pólvora e balas, não sabíamos se levaram), tinham desatracado a lancha e dela se serviram para juntar-se na

ilha aos seus companheiros de sedição.

Tão logo sua deserção chegou a nosso conhecimento, enviei à terra uma chalupa, tripulada por doze homens e o tenente com ordem de se apoderarem dos criminosos. Não puderam apanhá-los porém, nem tampouco aos outros, porque ao verem que ia chegar a chalupa correram a esconder-se no bosque. O imediato pensou, como castigo de suas iniquidades, destruir as plantações, queimar os seus bens e deixá-los sem socorro de espécie alguma, mas, como não tinha ordens para isso, deixou as coisas como estavam, em nada tocou, e, rebocando a lancha, voltou para bordo.

Aqueles dois homens, unidos aos outros três, somaram cinco; mas os primeiros avantajavam-se tanto aos restantes em maldade que, ao cabo de dois ou três dias, fecharam as portas aos recém-vindos, abandonando-os ao léu, sem nada quererem com eles. Negaram-se também por algum tempo a dar-lhes qualquer alimento.

Nessa época os espanhóis não tinham ainda chegado. Quando desembarcaram, as coisas assumiram pior aspecto. Trataram em vão de intervir para que aqueles brutos se reconcilhassem com seus compatriotas, pois, como diziam, deviam todos formar uma só família; mas não quiseram chegar às boas. Assim, pois, os outros dois viram-se forçados a viver à parte e, querendo tornar a vida mais suportável, foram erguer suas tendas na costa setentrional da ilha, um pouco para oeste, a fim de se livrarem dos selvagens que costumavam desembarcar sempre na costa oriental.

Ali construíram duas choças, uma para habitação, outra para armazém. Tendo-lhes dado os espanhóis um pouco de trigo para semear e também parte das ervilhas que eu lhes havia deixado, cultivaram, plantaram, fizeram cercados, tomando por modelo os meus, e começaram a viver com relativa comodidade. Sua primeira colheita foi boa e embora a princípio não tivessem semeado senão pequena parcela de terra, esta era suficiente para prover às suas necessidades e fornecer-lhes pão e outros alimentos. Um deles, por haver sido ajudante de cozinha no navio, sabia perfeitamente fazer sopas, empadas e todos os pratos que o arroz, o leite e a pouca carne de que podiam dispor lhe permitiam preparar.

Encontravam-se nessa situação quando os três desnaturados meliantes, seus patrícios, por mero capricho e rixa gratuita, puseram-se a discutir, sob o pretexto de que a ilha era só para eles; que o governador (referindo-se a mim) lhes tinha dado a propriedade e que ninguém tinha o direito de se estabelecer e edificar casas em terrenos seus sem pagar um centavo aos seus donos.

Os outros dois, julgando a princípio que se tratava de uma pilhéria, convidaram-nos a entrar e sentar para que vissem as cômodas habitações que tinham construído e depois chegassem a um acordo quanto ao aluguel que lhes competia pagar. Um deles ainda disse, a rir, que, se eram os senhorios da ilha, esperava que se conformassem com um aluguel módico, como é de praxe conceder-se àqueles que edificam e cultivam terrenos virgens, trazendo-lhes melhoramentos. Suplicou-lhes também que fizessem vir um escrivão para redigir o contrato. Um dos três malvados, furioso e blasfemando, respondeu-lhes que iriam ver se o caso era para brincadeiras e, correndo não muito longe, até o sítio onde ardia o lume da comida, apanhou um tição, encostou-o às paredes externas da choça e pôs-lhe fogo. Em poucos minutos a vivenda ficaria reduzida a cinzas se um dos proprietários não houvesse rechaçado o demônio e apagado o fogo com os pés, e isso com um insano trabalho.

O infame enfureceu-se tanto por sentir-se vencido pelo outro que se virou imediatamente contra o adversário com uma estaca que trazia na mão e, se este não tivesse evitado o golpe com agilidade e não se tivesse refugiado na choupana, teria sido aquele dia o último de sua vida. O companheiro, ao ver o perigo que corriam, juntou-se a ele e logo saíram ambos armados de mosquetes. O patife que havia provocado a discussão foi derrubado por uma coronhada antes que os seus camaradas pudessem socorrê-lo. E, quando estes acudiram, esperaram-nos a pé firme e, apontando-lhes a boca dos mosquetes, intimaram-nos a retirar-se.

Seus adversários também levavam armas de fogo, mas um dos habitantes das choças, mais ousado que o companheiro e exasperado pelo perigo, lhes disse que se fizessem o mais leve movimento podiam considerar-se mortos e ordenou imperiosamente que entregassem as armas. Não o fizeram, mas, ao verem os contrários tão decididos, pediram para parlamentar e finalmente consentiram em ir embora, levando o comparsa, que parecia gravemente ferido.

Sem dúvida nenhuma fizeram mal em não desarmar os sem-vergonhas quando tinham vantagem sobre eles, e o teriam podido fazer com facilidade, em vez de irem procurar os espanhóis e lhes contar como tinham sido tratados por aqueles miseráveis, pois estes, desde então, não pensaram senão em vingar-se, e todos os dias os ameaçavam.

Mas não é lícito tornar interminável esta parte de minha história com a enumeração de vários outros rompantes de maldade, tais como espezinhar as

sementeiras, matar a tiros três de seus cabritos e mais a cabra que os coitados haviam criado. Mantinham-nos, pois, em contínuo sobressalto, dia e noite. Perseguiram-nos com tal afinco que os dois desgraçados, reduzidos ao desespero, decidiram desafiar os três adversários tão logo se apresentasse uma ocasião favorável. Com esse objetivo, resolveram ir ao “castelo”, como chamavam minha antiga residência, onde moravam os três tratantes em companhia dos espanhóis, com a intenção de desafiá-los, tomando os espanhóis como testemunhas. Levantaram-se, pois, com esse fito, certa manhã, ao amanhecer, e encaminharam-se para a fortaleza. Lá chegando, chamaram os ingleses por seus nomes e, a um espanhol que lhes perguntou o que queriam, responderam que desejavam falar com eles.

Sucedeu que no dia anterior dois dos espanhóis se haviam encontrado com um dos ingleses honrados — vamos chamá-los assim, para distingui-los dos compatriotas maus. Este queixou-se amargamente aos espanhóis do procedimento atrabiliário de seus patrícios, contando-lhes que tinham devastado sua lavoura, destruído o trigo que tanto trabalho lhes dera para medrar, matado a tiro a cabra leiteira e seus três cabritinhos, que constituíam todos os seus meios de subsistência. Estavam em tal situação que, se seus amigos, isto é, os espanhóis, não os socorressem de novo, morreriam ambos de fome.

Quando os espanhóis voltaram para casa de tarde e se reuniram todos para a ceia, um deles atreveu-se a repreender os três ingleses, embora em termos moderados e corteses, dizendo-lhes que estava surpreso de ver como podiam ser tão cruéis com companheiros tão inofensivos e pacíficos, que nada mais faziam senão esforçar-se por viver com o fruto de seu trabalho e a quem tanto havia custado chegar a pôr as coisas no ponto de produção em que atualmente se achavam.

Um dos ingleses replicou brutalmente:

— Que têm eles que fazer aqui? Já que se estabeleceram sem autorização, não podem construir nem plantar na ilha, porque os terrenos que cultivam não lhes pertencem.

— Contudo — respondeu o espanhol com muita fleuma —, senhor inglês, não é caso para deixá-los morrer de fome.

O inglês, tipo empedernido, replicou:

— Que morram de fome e que vão para as profundezas do inferno! Não construirão nem plantarão absolutamente nesta ilha!

— Que hão de fazer, então? — redarguiu o espanhol.

— Que hão de fazer? — berrou outro daqueles homens ferozes. — Serão nossos criados e trabalharão para nós.

— Como podem exigir isso deles? — argumentou o espanhol. — Porventura os compraram com seu dinheiro? Se não é assim, não têm o direito de convertê-los em criados.

O inglês respondeu que a ilha era sua e de seus dois companheiros; que o governador lhes havia feito doação e que somente eles eram quem podia dispor ali à vontade. E ao mesmo tempo, jurando pelo nome de Deus, acrescentou que iriam atear fogo a todas as choças que se construíssem em seus domínios.

— Quer dizer que também nós devemos ser seus vassalos? — insistiu o espanhol.

— Certamente, e o serão mais cedo do que pensam! — respondeu o biltre, juntando dois ou três juramentos mais às suas insolências.

O espanhol contentou-se em sorrir e não se dignou a responder. Contudo, aquela discussão os tinha esquentado, e um deles, levantando-se, disse ao outro:

— Vamos, Jacó, deixe o mundo rodar. É necessário maltratá-los de novo. Destruiremos suas choupanas, asseguro-lhe. Não conseguirão estabelecer-se em nossos domínios.

Dito isso, saíram juntos, carregando cada um mosquete, sabre e pistola e murmurando palavras que eram outras tantas ameaças aos espanhóis, quando fosse chegada a ocasião propícia.

Como estes não entendiam bem o inglês, não puderam compreender tudo o que diziam. Apenas deduziram que estavam sendo ameaçados por terem tomado o partido dos outros dois ingleses.

Aonde foram, nem como passaram a tarde aqueles malvados, os espanhóis não puderam averiguar, segundo eles mesmos me confirmaram. Parece que, depois de haver vagado pela ilha parte da noite, detiveram-se no local que eu chamava meu bosquezinho, mortos de cansaço e sono. Tinham decidido esperar pela meia-noite para surpreender os dois patrícios dormindo. Seu propósito, conforme confessaram, era lançar fogo à choça enquanto seus habitantes estivessem lá dentro, para morrerem ao mesmo tempo ou serem mortos à bala se tentassem fugir. Embora de ordinário o homem mau não goze de um bom sono, dessa feita, por estranho e inexplicável que pareça, os patifes dormiram longamente.

Por seu lado, os dois ingleses honrados tinham também seu projeto, sem

dúvida mais nobre e digno do que incendiar e assassinar. Ocorreu, felizmente para todos, que os últimos se achavam a caminho do “castelo”, quando seus sanguinários compatriotas chegaram às choças. Encontraram-nas vazias; e Atkins, que segundo parece, era quem ia na frente, disse depressa aos camaradas:

— Oh! Jacó, aqui está o ninho, mas os pássaros voaram! O diabo que os carregue!

Durante muito tempo estiveram a pensar nos motivos que poderiam tê-los feito sair tão fora de hora e se lhes meteu na cabeça que os espanhóis os tinham prevenido. Imediatamente apertaram-se as mãos e juraram vingar-se também deles. Depois de terem feito tão perverso acordo, começaram a destruir a morada dos patrícios. É verdade que nada queimaram, mas derrubaram as duas choupanas e demoliram peça por peça até que não ficou uma só estaca de pé e mal se poderia reconhecer o local onde estiveram erguidas. Destroçaram os poucos utensílios domésticos existentes e os dispersaram de tal maneira que seus infelizes donos foram encontrar, depois, algumas dessas peças a mais de uma milha de distância da vivenda.

Uma vez feito isso, arrancaram os arbustos que os pobres colonos tinham plantado, assim como arrasaram os cercados que protegiam o campo de trigo e o gado. Saquearam, enfim, e devastaram tudo tão completamente como o poderia ter feito uma horda de tártaros.

Enquanto isso ocorria, os dois ingleses honrados tinham saído à procura dos malvados com a intenção de medir-se com eles no lugar em que os encontrassem, se bem que levassem a desvantagem de serem dois contra três. É provável que, se tivessem encontrado uns com os outros, teria corrido muito sangue, pois, justiça seja feita, todos eram muito valentes e extremamente ousados.

A Providência, porém, teve mais cuidado em apartá-los do que eles em reunir-se. Sucedeu, assim, que, enquanto uns estavam no “castelo”, os outros chegavam às choupanas; e, quando aqueles voltavam à sua morada, seus inimigos saíam dela para tentar encontrá-los.

Veremos agora o que lhes aconteceu então. Quando voltaram de sua incursão os três tratantes, contaram aos espanhóis com jactância tudo o que tinham acabado de fazer. Em seguida um deles aproximou-se de um dos espanhóis, tirou-lhe o chapéu, fê-lo dar duas ou três voltas no ar e disse encarando-o com a maior desfaçatez:

— E a você, dom Juan, acontecerá o mesmo se não mudar de conduta.

O espanhol, embora bondoso e bem-educado, era tão valente como qualquer outro e, além disso, vigoroso e de complexão forte. Olhou fixamente o inglês durante algum tempo e, como não tinha arma alguma, acercou-se dele gravemente e, com um solene murro, deitou-o ao comprido no chão, da mesma forma como o boi arria sob o terrível golpe do chuço do carnicheiro. Diante disso, um dos incendiários, tão insolente quanto o primeiro, disparou a pistola contra o espanhol, felizmente sem matá-lo. As balas roçaram-lhe os cabelos, e uma delas atingiu-o na extremidade da orelha e fê-la sangrar em abundância.

O espanhol, vendo correr seu sangue, julgou que o ferimento fosse de maior gravidade e se encolerizou, pois até então vinha procedendo com o máximo sangue frio. Decidido a acabar de uma vez com os ingleses, abaixou-se e, tomando o mosquete do que se achava no chão, ia fazer fogo quando os outros espanhóis que estavam na gruta acudiram e se interpuseram, gritando que não disparasse, e lançaram-se sobre os dois ingleses, dominando-os e desarmando-os.

Ao se verem naquele estado e compreendendo que se haviam feito tão inimigos dos espanhóis quanto de seus compatriotas, os meliantes começaram a abrandar e, mudando de atitude, pediram de novo as suas armas. Mas os espanhóis, tendo em conta a inimizade existente entre aqueles três bandidos e os outros dois ingleses e convencidos de que o único meio de impedir que se agredissem mutuamente era deixá-los sem armas, responderam que não lhes fariam nenhum dano e que, se quisessem viver pacificamente, seriam ajudados e continuariam juntos como antes. Não podiam, entretanto, devolver as armas, enquanto se mostrassem tão dispostos a manejá-las contra seus compatriotas e também por haverem ameaçado a eles mesmos de reduzi-los à escravidão.

Os malvados não eram capazes de raciocinar e, vendo que não lhes queriam devolver as armas, encaminharam-se para a fortaleza cheios de raiva, vociferando como insensatos e ameaçando vingar-se mesmo desarmados. Os espanhóis, desprezando as ameaças, unicamente os advertiram de que se livrassem de causar o mínimo dano às suas sementeiras ou ao seu gado se não queriam ser caçados à bala como animais ferozes, em qualquer canto onde se encontrassem, ou enforcados se chegassem a cair em seu poder. Tais palavras, longe de aplacá-los, mais irritaram sua cólera, e lá se foram raivosos e a blasfemar como condenados.

Pouco tempo fazia que estes tinham saído quando chegaram os outros

dois excessivamente furiosos, embora com outras razões, aliás perfeitamente justificáveis, pois tendo-se dirigido aos seus campos viram-nos arrasados. Mal acabaram de contar os vexames recebidos, os espanhóis por sua vez relataram-lhes o que havia se passado. Era na verdade extraordinário que três homens se atrevessem a insultar dezenove sem receber o merecido castigo!

Os espanhóis desprezavam-nos sinceramente, sobretudo agora que estavam desarmados, e não temiam suas ameaças. Os ingleses estavam resolvidos a vingar-se a qualquer custo. Contudo, os espanhóis novamente intervieram e lhes fizeram ver que, achando-se desarmados os seus inimigos, não podiam consentir que fossem perseguidos e mortos.

— Mas nós — acrescentou o espanhol que fazia as vezes de governador — trataremos de fazer-lhes justiça, se os senhores quiserem deixar o caso a nosso cargo. Com toda certeza aqui voltarão quando lhes tiver passado a cólera, porque sem nosso auxílio não podem subsistir, e não os receberemos enquanto não lhes derem toda espécie de satisfações. E isso sob a condição de que os senhores me façam o juramento de não cometer nenhuma violência contra eles, a não ser que ajam em defesa própria.

Os dois ingleses por fim cederam, mas com muita repugnância, a essas propostas. Os espanhóis insistiram, asseverando que sua finalidade era evitar derrame de sangue e procurar o bem-estar geral.

— Porque afinal — diziam — não somos muitos, há espaço para todos e podem resultar danos gravíssimos com estes desaguisados.

Os ingleses acabaram dando seu consentimento e, aguardando o curso dos acontecimentos, moraram alguns dias em companhia dos espanhóis, por achar-se destruída a sua habitação.

Passados cinco dias, os três vagabundos, cansados daquela vida errante e quase mortos de fome, pois não se haviam alimentado durante todo esse tempo senão com ovos de tartaruga, tornaram a aparecer. Encontraram o espanhol, que, segundo já disse, fazia as vezes de chefe, passeando à beira-mar com outros dois. Aproximaram-se dele do modo mais submisso e humilde, pediram-lhe encarecidamente que os admitisse de novo em sua companhia. Os espanhóis os receberam cortesmente, mas lhes responderam que, como se haviam comportado tão desumanamente com os seus patrícios e com tanta grosseria com eles, nada poderiam resolver sem falar com os dois ingleses e o resto de seus companheiros, mas que se reuniriam naquele mesmo instante e em meia hora lhes dariam a resposta. A tal extremo estavam reduzidos que, quando os espanhóis iam à procura dos demais para

deliberar, os três miseráveis suplicaram com as maiores instâncias que lhes enviassem um pouco de pão para matar a fome enquanto esperavam o resultado da conferência! Mandaram o que haviam pedido imediatamente, com o acréscimo de um pedaço de cabra e um grande papagaio assado, que foram comidos com verdadeira voracidade.

No fim de meia hora de sessão foram chamados e começou um longo debate. Seus compatriotas os acusaram da destruição de suas roças e do propósito de assassiná-los, o que não puderam negar, porque tinham feito alarde disso. Os espanhóis intervieram então e, como tinham exigido aos dois ingleses que não fizessem nenhum mal aos patrícios indefesos, obrigaram estes a edificar duas choupanas para seus camaradas, uma das mesmas dimensões da anterior e a outra maior. Além disso, a restaurar as cercas que tinham destruído, a replantar as árvores nos mesmos lugares de onde foram arrancadas, a deixar as terras taladas em condições de receber novas sementeiras. Numa palavra, a repor tudo no estado em que se achava antes, ao menos na medida do possível, pois seu total restabelecimento não era exequível, já que o tempo da colheita havia passado e o crescimento das árvores e dos arbustos exigia tempo. Submeteram-se a todas essas condições e, como se lhes deu durante todo esse período alimento em abundância, mostraram-se dóceis, razão pela qual a pequena colônia começou a viver tranquila e comodamente. Mais difícil foi habituar os três maganões a trabalhar para si mesmos metodicamente, pois só o faziam segundo seu capricho. Contudo, os espanhóis lhes disseram claramente que, desde que se ajeitassem a viver de maneira sociável e em boa harmonia com os colonos e se interessassem pelo bem geral, trabalhariam por eles e lhes deixariam fazer correrias e divertir-se da maneira por que bem entendessem.

Passados dois meses, durante os quais se portaram bastante bem, os espanhóis tornaram a dar-lhes as armas e permitiram que as usassem como antes.

Mal havia transcorrido oito dias desde que lhes foram restituídas as armas, quando aqueles miseráveis mal-agraçados se manifestaram tão insolentes e provocadores como antes. Mas sobreveio então um fato que pôs em perigo a segurança geral e viram-se obrigados a dar tréguas a todos os ressentimentos pessoais para defender a própria vida. Aconteceu que certa noite o governador espanhol (chamo assim a quem eu havia salvado a vida e que era então chefe, capitão e governador de todos os demais) não pôde dormir, apesar de não se sentir nem doente nem nervoso, conforme depois me

disse. Pensamentos lúgubres e inquietantes, vagas ideias de combates e mortes ocupavam completamente sua imaginação, não obstante estar acordado. Ficou assim por muito tempo, mas essa espécie de exaltação febril, longe de ceder, ia-se acentuando cada vez mais, até que decidiu levantar-se.

Levantou-se e dirigiu a vista para o lado de fora, mas por causa da negra escuridão nada pôde ver. Além disso, as árvores que eu havia plantado, como vimos no princípio da presente história, tinham crescido tão prodigiosamente que impediam toda vista. Seus olhos só podiam fixar-se no céu que estava semeado de estrelas, as quais enviavam sua brilhante claridade à terra. Como não escutou o mínimo ruído, tornou a deitar-se pela segunda vez, mas tampouco conseguiu conciliar o sono ou sequer repousar tranquilamente. Muito ao contrário, a excitação do seu cérebro era cada vez maior, sem que pudesse atinar com a causa.

O ruído que fizera ao levantar-se e ao ir e vir de um lado a outro despertou um de seus companheiros, que lhe perguntou por que tinha saído da cama. Contou-lhe o governador o que se passava consigo.

— Se assim é — respondeu o outro —, talvez se trate de um aviso que não devemos desprezar e certamente é preciso que fixemos nele nossa atenção. Tenho plena certeza de que nos ameaça algum perigo.

E perguntou-lhe a seguir:

— Onde estão os ingleses?

— Em suas choças e bem sossegados.

Os espanhóis tinham reservado para si a habitação principal e indicado aos três ingleses um lugar à parte, onde, depois de sua última rebelião, os tinham relegado, com o fito de viverem segregados dos demais.

— Não importa — continuou o espanhol —, sem dúvida alguma vai acontecer algo. Sei por experiência própria. Venha, saiamos e lancemos uma olhadela lá fora e, se nada descobrirmos que possa justificar nossa inquietude, contarei a você uma história que o convencerá da veracidade de minha afirmação.

Saíram imediatamente, subiram ao cimo da colina, como eu costumava fazer, mas como eram muitos não tomavam as precauções que eu usava em tais casos, isto é, subir valendo-me da escada e puxá-la tão logo havia subido uma etapa, tornando a pô-la e tirá-la à medida que ia ascendendo, até chegar ao ápice. Eles não. Sem se importar e nem tomar precauções, deram a volta pelo mato. De repente viram com surpresa o resplendor de uma fogueira a pequena distância e ouviram vozes não de um homem ou dois apenas, mas de

inúmeros.

Todas as vezes que eu descobria selvagens desembarcando na ilha, meu primeiro e constante cuidado era ocultar sempre que ela fosse habitada. Quando, casualmente, descobriram que o era, custou-lhes tão caro que os que se salvaram com dificuldade puderam dar-se conta de sua descoberta, porque nos escondemos o mais depressa possível e os únicos que nos haviam visto eram os três selvagens que em nosso último encontro escaparam de canoa e que me tinham feito temer que, de volta a seu país, regressassem com um reforço considerável.

O governador e seu companheiro, surpresos com tal acontecimento, apressaram-se a despertar os amigos para lhes contar o perigo iminente em que todos se achavam. No primeiro momento alarmaram-se sobremodo e foi impossível convencê-los de permanecer no interior, pois queriam todos sair para certificar-se do estado das coisas.

Enquanto durou a obscuridade nada de mal sucedeu, pois puderam ver os selvagens perfeitamente aos reflexos das três fogueiras que tinham acendido de trecho em trecho; mas não sabiam o que aqueles faziam nem o que eles mesmos haviam de fazer. A princípio os inimigos eram muito numerosos, depois debandaram em pequenos grupos e acamparam em diversos pontos da praia. Esse espetáculo consternou muitíssimo os espanhóis. Vendo os selvagens a perambular de um lado a outro na praia, não duvidaram de que mais cedo ou mais tarde algum deles acabaria por descobrir a fortaleza e, por esse indício, perceber que a ilha era habitada. Temeram principalmente por seu gado, cuja destruição os reduziria quase a morrer de fome e, por isso, a primeira coisa que fizeram foi mandar, antes do amanhecer, três homens, dois espanhóis e um inglês, mudarem os animais para o cercado grande onde estava situada a caverna subterrânea e até metê-los dentro dela se fosse necessário.

Depois de longas reflexões e de quebrarem a cabeça em busca de uma saída salvadora nas presentes circunstâncias, decidiram, embora fosse ainda noite, enviar em observação o velho indígena, pai de Sexta-Feira, com o propósito de verificar, se possível, suas intenções: a que vinham e que pretendiam fazer. O ancião prestou-se satisfeito e, despindo-se completamente, como andava a maioria dos selvagens, partiu. Ao cabo de uma ou duas horas de ausência, voltou dizendo que, tendo-se metido entre os selvagens, confundindo-se com eles sem ser notado, havia reconhecido que eram de duas nações diferentes que estavam em guerra uma contra a outra.

Tendo sustentado uma grande batalha em seu país e feito numerosos prisioneiros de parte a parte, tinham desembarcado por acaso na mesma praia para celebrar a vitória e devorar suas vítimas. Contudo, esse fortuito encontro no mesmo lugar havia turbado sua alegria, pois, achando-se furiosos uns com os outros e vendo-se tão perto, era provável que reencetassem a luta logo que cessassem as trevas. Nada fizera o ancião supor que os indígenas suspeitassem até então de que a ilha fosse habitada.

Não havia terminado o seu relatório quando um extraordinário estrépito lhes deu a entender que os dois pequenos exércitos se engalinhavam com encarniçamento. O pai de Sexta-Feira usou todos os argumentos e meios de persuasão ao seu alcance para convencer nossa gente a permanecer tranquila e tudo fazer para não ser vista. Manifestou-lhes que dessa precaução dependia sua segurança; que os selvagens se destruiriam entre si e os que sobrassem da refrega tornariam a embarcar e iriam embora. Com efeito, assim sucedeu, mas foi totalmente impossível conseguir que obedecessem a tão prudente conselho, sobretudo os ingleses. A curiosidade arrastou-os à imprudência e não se pôde impedi-los de saírem para assistir ao combate. Contudo, usaram algumas precauções, isto é, não foram a corpo descoberto na mesma direção da vivenda, mas embrenharam-se nos bosques e se postaram de maneira que pudessem ver o combate com a máxima segurança sem serem vistos; pelo menos assim o julgavam. Mas, apesar de tudo, parece que os selvagens o perceberam, conforme se verá mais adiante.

A batalha foi sanguinolenta e a opinião dos ingleses era a de que muitos entre eles manifestaram extremado valor, firmeza indomável e grande habilidade e tino de comando. Decorreram duas horas até que se pudesse saber qual dos dois bandos saía vencido. Pouco depois desse tempo, o que estava colocado mais perto da morada dos colonos começou a ceder terreno e a enfraquecer, alguns começando a fugir, o que muito sobressaltou os espectadores. Receavam que alguns fugitivos se dirigissem para o bosquezinho, em busca de refúgio, e com isso chegassem a descobrir a habitação, o mesmo ocorrendo aos vencedores que saíssem no seu encalço. À vista disso trataram de armar-se e aguardar atrás das trincheiras e, quando chegassem os silvícolas, fazer uma sortida inesperada e matá-los todos, a fim de que nenhum deles, se possível, pudesse voltar e contar o sucedido. Convieram em não servir-se mais do que dos sabres ou das culatras dos mosquetes, com receio de provocar alarme com os disparos das armas de fogo.

A coisa passou-se tal como haviam previsto. Três fugitivos do bando vencido, atravessando a pequena baía a nado, fugiram na esperança de salvar-se, sem saber aonde iam, mas na crença de que se refugiavam num espesso bosque. A sentinela avançada colocada em observação advertiu os demais dessa circunstância, acrescentando muito satisfeita que os vencedores não perseguiriam os fugitivos por não terem visto o caminho que tinham tomado. Mas o governador espanhol, homem de sentimentos humanitários, como tantas vezes foi dito, opôs-se formalmente a que matassem os três fugitivos e enviou três dos seus ao alto da colina, com ordem de rodeá-los e subirem por trás, surpreendendo-os e fazendo-os prisioneiros, o que foi executado ao pé da letra.

O resto do povo vencido lançou-se precipitadamente em suas pirogas e fez-se mar a fora. Os vencedores deixaram de persegui-los e, reunindo-se em um só grupo, começaram a dar grandes gritos, na certa em sinal de triunfo. Assim acabou o combate. Eram três da tarde quando, por seu turno, se meteram em suas canoas, ficando os espanhóis livres daquele perigo. Logo desapareceu seu temor e alguns anos se passaram sem que tornassem a ver um só selvagem.

Quando os viram à distância, os espanhóis saíram do esconderijo, inspecionaram o campo de batalha e acharam estendidos 32 cadáveres. Muitos haviam sido feridos com grandes flechas e não eram poucos os que ainda as tinham cravadas. A maior parte tinha sido morta a golpes de sabre, se é que se pode chamar de sabres a uns paus, toscos e incômodos, de madeira dura e pesada, que esgrimiam como tais e para o que era preciso uma força hercúlea. Nosso pessoal recolheu uns dezesseis ou dezessete desses sabres que ficaram no campo, outros tantos arcos e considerável quantidade de flechas. A maioria dos mortos tinha a cabeça esfacelada, ou, como dizemos na Inglaterra, “os miolos fora do crânio”; outros, os braços e pernas arrancados. Não havia dúvida de que fora uma batalha renhida e que ambos os bandos pelejaram com denodo e furor. Não se encontrou um só que não estivesse morto, pois os silvícolas ou os deixam liquidados, ou carregam na volta os feridos que ainda respiram.

Esse acontecimento amansou nossos ingleses por algum tempo, durante o qual os três convertidos se mostraram tratáveis e contribuíram com bastante eficácia para os trabalhos da colônia. Plantavam, semeavam, colhiam os frutos e começavam a adaptar-se ao país e às circunstâncias. Mas foram tão pouco prudentes em geral, tanto os ingleses como os espanhóis, que

motivaram uma nova série de contrariedades.

Tinham aprisionado, como acaba de ver o leitor, três homens jovens, ágeis e robustos, aos quais se ensinou a trabalhar e iam ser aproveitados como criados. Suas tarefas eram as de escravos. Seus amos não se portavam com eles como eu fazia com Sexta-Feira: primeiro, mostrar que lhes deviam a vida e depois inculcar-lhes sábios preceitos de boa conduta, de religião, e dedicar-se a civilizá-los e captar sua estima pelo bom trato e atitudes afáveis. Davam-lhes o alimento diário e eles, em troca, davam-lhes o seu trabalho; mantinham-nos ocupados até a fadiga. Mas sua tática falhou em nunca tê-los convencido a pelejar por eles, como eu tinha ensinado ao meu criado Sexta-Feira, que me era fiel como a carne aos ossos.

Voltemos, porém, à colônia. Achando-se então todos em muito boa harmonia, porque o perigo comum os havia reconciliado, começaram logo a refletir sobre sua situação em geral. Vendo que a parte da ilha em que se encontravam era mais frequentada pelos selvagens e sabendo que havia outros pontos mais distantes e solitários, igualmente convenientes ao seu gênero de vida, deliberaram se não lhes convinha trasladar a residência para outro sítio em que ficassem mais seguros, tanto suas pessoas como o gado e as colheitas.

Mas, após longos debates, deliberaram não mudar de habitação. Esperando de um momento a outro receber notícias do governador (isto é, minhas), julgaram que se viesse algum navio para buscá-los seria certamente por aquela banda e que os enviados, dando com a vivenda demolida ou abandonada, julgariam que os colonos tinham morrido às mãos dos selvagens ou que se teriam ido embora, vendo-se dessa forma privados dos socorros que eu tivera querido dar-lhes.

Com relação, porém, às suas reservas de grãos e gado, concordaram em mudá-las para o vale onde estava minha gruta, sendo o terreno favorável a uns e a outros e de extensão suficiente. Uma segunda deliberação alterou um tanto a citada resolução. Decidiram conduzir para o vale apenas parte do gado e semear somente metade do grão, com o objetivo de que, se fosse destruída uma parte, a outra estaria a salvo. Além disso, tiveram a mui louvável precaução de não confiar coisa alguma aos três selvagens prisioneiros, tanto no que concernia à cultura do vale quanto ao gado que mantinham ali. Tampouco lhes ensinaram a entrada da gruta, que consideravam um refúgio seguro em caso de necessidade. Transportaram para ela os dois barris de pólvora que eu lhes deixara antes de ir embora.

Mas, já decididos a não mudar de casa, reconheceram que eu havia agido com muita prudência ao defender meu asilo, a princípio com a trincheira ou estacada, depois com o pequeno bosque, dependendo sua segurança absolutamente da impossibilidade de serem achados. Puseram mãos à obra para fortificar e ocultar o retiro ainda mais do que estava. Eu mesmo havia plantado árvores com essa finalidade, ou melhor, havia fincado estacas ou mourões que, com o tempo, se transformaram em grandes e frondosas árvores, que se estenderam diante da entrada de minha habitação. Seguindo o mesmo método, cobriram todo o espaço existente desde a extremidade da zona já plantada até a pequena enseada onde em outros tempos eu descarregara as balsas, chegando mesmo até o terreno arenoso lambido pelo mar, sem deixar sequer lugar para abordar, nem indícios de um local abordável em toda a redondeza. Tais estacas eram de uma madeira que, como já disse, crescia com a maior rapidez. Os colonos tiveram o cuidado de escolhê-las mais grossas e mais compridas do que as que eu plantara. De modo que, tanto por terem crescido rapidamente quanto porque foram plantadas muito juntas, ao fim de três ou quatro anos era totalmente impossível à vista mais aguda descobrir algo através delas. E, entre as árvores que eu tinha plantado e que então estavam já muito desenvolvidas, colocaram outras menores, tão juntas umas das outras que formavam uma espécie de barreira de um quarto de milha de espessura, onde era muito difícil penetrar, a menos que se dispusesse de um pequeno exército que as fosse cortando, porque apenas um cãozinho poderia deslizar por entre elas, tão próximas que estavam.

Mas isso não era tudo. Fizeram a mesma coisa à direita e à esquerda da habitação e igualmente em todo o seu redor até o sopé da colina, sem deixar nenhum caminho, nem para eles mesmos, salvo a escada colocada na frente da citada colina, que, ao subir, era colocada e retirada progressivamente, por etapas, de forma que, quando ela já estava no fundo, seria preciso um par de asas ou a intervenção de algum feiticeiro para se chegar até eles.

Tudo isso estava perfeitamente calculado e tempo depois lhes foi muito útil, o que ainda mais me convenceu de que a Providência justifica as medidas da prudência humana e é indubitável que é ela mesma que nos fez adotá-las. E estou certo de que, se nós escutássemos atentamente sua voz, poderíamos prevenir uma grande parte dos desastres a que nos expõe muitas vezes nossa negligência.

Tornemos à nossa história. Meus amigos viveram pelo espaço de dois

anos na mais absoluta tranquilidade, sem no decurso desse tempo receber visita alguma de selvagens. Todavia, certa manhã, tiveram uma surpresa que os mergulhou na mais profunda consternação. Alguns espanhóis que tinham saído muito cedo em direção à parte ocidental ou, melhor dizendo, à parte extrema da ilha aonde eu jamais tinha atrevido a ir por temor de ser descoberto, viram inesperadamente, em sobressalto, mais de vinte canoas cheias de indígenas que vogavam em direção à praia. Os nossos apressaram-se a reunir-se aos companheiros e ficaram entocaiados todo aquele dia e o seguinte, saindo apenas de noite para observar o que se passava. Mas isso, por sorte, não passou de alarme falso, porque fosse qual fosse seu destino, dessa vez não desembarcaram na ilha e prosseguiram em outro rumo.

Pouco tempos depois desse caso, surgiu nova quizília com os três ingleses. Um deles, o mais truculento, furioso com um dos servidores selvagens, porque não executara com precisão certa tarefa que lhe fora confiada e se mostrara aborrecido quando se tratava de o corrigir, puxou da machadinha que levava à cinta e lançou-se sobre o infeliz, não para castigá-lo, e sim para liquidá-lo de uma vez. Um dos espanhóis que estava perto, vendo o inglês levantar a machadinha para o escravo e descarregar violento golpe dirigido à cabeça, mas que o atingiu no ombro, pouco faltando para decepar-lhe o braço, interpôs-se entre os dois a fim de evitar uma desgraça maior. O malvado, muito mais enfurecido com a intervenção, voltou-se contra o espanhol e jurou que o trataria do mesmo modo com que pretendia tratar o escravo. O espanhol, que viu vir o golpe, livrou-se dele e, com a pá que tinha em mão (pois iam todos trabalhar no campo naquele momento), derrubou com um golpe o brutamontes. Outro inglês acudiu em auxílio do camarada e caiu sobre o espanhol. Como dois dos compatriotas deste último viessem em socorro, o terceiro inglês precipitou-se sobre eles. Nenhum tinha armas, salvo o último, que levava um de meus enferrujados e dentados facões, com que feriu os dois espanhóis.

Essa briga alarmou toda a colônia, e chegando muitos outros em ajuda dos feridos, dominaram os três ingleses. Tratou-se em seguida do que se devia fazer com eles. Tantas vezes se tinham insubordinado, eram tão violentos, tão incorrigíveis e sobretudo tão preguiçosos que os outros não sabiam que medidas tomar com relação a eles, por se tratar de homens extremamente perigosos, que só causavam aborrecimentos a todos os outros. Não se podia viver em segurança ao seu lado.

O governador espanhol disse-lhes que se fossem compatriotas seus já os

teria mandado enforcar, porque tanto as leis como os governos se estabeleciam para proteger a sociedade, devendo ser eliminados os que a perturbam. Mas, como eram ingleses, e deviam a vida à humanitária generosidade de um inglês, usaria para com eles toda a indulgência possível e os deixaria à disposição dos outros dois ingleses, seus patrícios.

Um destes últimos levantou-se e suplicou que não se fizesse aquilo. Não queriam ser árbitros da sorte desses miseráveis.

— Porque — acrescentou —, em sã consciência, devemos condená-los à forca.

Demais, relatou que um dos três, Will Atkins, lhes propusera juntarem-se uma noite para assassinar os espanhóis durante o sono.

Ao ouvir isso, o governador interpelou Will Atkins:

— Como, senhor Atkins! Queria assassinar-nos a todos nós? O que responde a isso?

O impudente facínora, longe de negar o fato, declarou que era verdade.

— E Deus me maldiga — acrescentou — se não o levo a cabo mais cedo ou mais tarde.

— Bravo! — exclamou o espanhol. — Mas, senhor Atkins, pode-se saber pelo menos o mal que lhes causamos para pensar em matar-nos? Que bem lhes viria com a nossa morte? Que é que devemos fazer para impedir que nos matem? Devemos matá-los ou permitir que nos matem? É possível, senhor Atkins, que nos coloque nessa cruel alternativa?

O espanhol falava com a maior tranquilidade e sorria.

Atkins, ao ver que o espanhol zombava, enfureceu-se a tal ponto que, não fossem três homens que o seguraram e tivesse uma arma nas mãos, teria sem a menor dúvida tentado matar o governador na presença de todos.

Tão incorreta conduta obrigou-os a pensar formalmente no partido que deviam tomar. O espanhol que havia salvado o pobre escravo e os dois ingleses opinavam que deviam enforcar um dos três, para servir de exemplo aos outros. Particularizando, indicavam o que por duas vezes havia tentado cometer um assassinio com a machadinha, o que tinha quase realizado, pois o pobre indígena se achava no mais lastimável estado em consequência da ferida que recebera. Tinham-se poucas esperanças de poder salvá-lo.

Contudo, o governador opôs-se a essa medida.

— A um inglês devemos todos a nossa vida — insistia ele —, e jamais consentirei tirar a de outro, mesmo que ele houvesse matado a metade dos nossos. Eu mesmo, se fosse assassinado por um inglês e tivesse tempo ainda

para falar, pediria perdão para o assassino.

O governador insistiu com tanta veemência no assunto que ninguém se atreveu a contrariá-lo. E, como o partido da clemência em geral prevalece quando é sustentado com entusiasmo, todos acabaram por aceder ao que o governador tinha decidido. Mas havia necessidade de uma imediata decisão quanto à maneira conveniente de impedir àqueles criminosos a continuação de suas tropelias, pois todos concordavam, inclusive o governador, em que era absolutamente indispensável achar-se um meio de preservar a colônia do perigo que a ameaçava. Após prolongado debate, decidiu-se que os três ingleses seriam desarmados e que não lhes seria permitido usar pólvora, nem munições, nem sabres, nem facas, nem armas de espécie alguma. Seriam segregados do convívio social e iriam viver onde bem quisessem e entendessem, desde que fosse longe deles. Nenhum entre os demais, fossem espanhóis ou ingleses, devia manter a mais leve relação com eles. E era-lhes vedado aproximar-se do local onde viviam os demais colonos. Se cometessem qualquer atentado como assolar, destruir, talar, incendiar e, finalmente, tocar em alguma coisa de propriedade da colônia com o fito de destruí-la, quer fosse gado, sementeira, cercados ou colheitas, seriam mortos sem dó nem piedade, fazendo-se fogo contra eles, qualquer que fosse o lugar onde se achassem.

O governador, pessoa muito bondosa e de sentimentos nobres, depois de haver refletido sobre o teor da sentença, dirigiu-se aos dois ingleses honrados e disse:

— Ouçam, é necessário calcular que muito tempo passará até que esses homens possam ter trigo e gado. Para que não morram de fome devemos fornecer-lhes provisões.

Fez então acrescentar a cláusula de que seriam providos de uma quantidade de trigo suficiente para subsistir pelo espaço de oito meses, assim como de sementes para suas terras, supondo que ao fim do citado tempo poderiam desfrutar de sua colheita. A eles seriam entregues também seis cabras leiteiras, quatro bodes e seis cabritos, tanto para sua subsistência presente como para que tivessem, no futuro, rebanho próprio. Finalmente, os utensílios necessários para as fainas do campo, como por exemplo seis machadinhas, um enxadão, uma serra e outros objetos. Entretanto, ficou assentado que nenhum desses instrumentos lhes seria dado se não jurassem solenemente que nunca se serviriam deles para causar danos quer aos espanhóis, quer aos seus compatriotas.

Assim, pois, foram relegados da sociedade e reduzidos a prover por si mesmos às suas necessidades.

Partiram murmurando, nem contentes de ir nem desejosos de ficar. Mas, como não tinham outro remédio, lá se foram dizendo que iam procurar um sítio que reunisse condições para se estabelecerem. Deram-lhes as provisões, mas nem uma arma sequer.

Quatro ou cinco dias depois voltaram em busca do material prometido e indicaram ao governador o lugar onde tinham erguido suas tendas e pretendiam organizar a lavoura. Era com efeito um local muito bom, no lado mais longínquo da ilha, a nordeste, muito perto do ponto aonde a Providência me havia conduzido, quando em minha louca tentativa de excursionar ao redor da ilha fora arrastado para o alto-mar.

Ali construíram duas boas choupanas, tomando de certo modo por modelo minha primeira habitação. Coladas a uma colina toda rodeada de árvores, de modo que, plantando mais algumas, podiam ocultar-se com facilidade à vista de qualquer pessoa que desembarcasse, a não ser que fossem procurados deliberadamente. Solicitaram algumas peles de cabra para lhes servir de abrigo e de cama, no que foram atendidos. E, depois de haverem prometido que não atentariam contra nenhum dos colonos nem contra suas propriedades, receberam machados e todas as ferramentas necessárias. Acrescentou-se ervilha, cevada e arroz para semear. Foram, em suma, providos de tudo quanto era preciso, exceto armas e munições.

Viveram separados assim durante seis meses e colheram sua primeira safra. Não foi grande o produto, já que o terreno semeado era muito reduzido, de vez que deveria ser totalmente revolvido, o que dera muito trabalho. Mas, quando tiveram de fabricar mesas, vasilhas e coisas que tais, acharam-se fora de seu elemento e não puderam fazê-las. Quando chegou a estação chuvosa, por falta de um celeiro subterrâneo, não puderam manter seco o grão e quase o perderam. Tal circunstância tornou-os mais humildes e decidiram avistar-se com os espanhóis a fim de lhes pedir auxílio. Estes os socorreram com verdadeiro interesse. Em quatro dias foi-lhes feita uma profunda escavação ao pé da colina onde pudessem guardar o grão e demais provisões ao abrigo da chuva. Esse buraco era um mísero celeiro em comparação ao meu, mormente agora que os espanhóis o tinham aumentado consideravelmente e construído nele novos compartimentos.

Nove meses depois da separação meteu-se uma nova loucura na cabeça dos maldosos indivíduos, a qual, somada aos seus desatinos anteriores, atraiu

sobre eles novos males e quase ocasionou a ruína de toda a colônia.

Os três sócios, parece que cansados de levar uma vida de trabalho e sem esperanças de melhorar sua situação, trataram de empreender uma viagem ao país de onde vinham os selvagens, com o objetivo de fazer alguns prisioneiros entre os nativos, conduzi-los aos seus campos e empregá-los nos trabalhos mais penosos.

O projeto não seria tão absurdo caso tivessem se limitado a isso. Mas não sabiam fazer coisa alguma que não fosse má, tanto nas intenções como nos resultados. Digo isso porque parece que o céu tinha lançado sobre eles a sua maldição. Não me perderei, porém, em reflexões, e voltemos à minha narrativa.

Os três sujeitos dirigiram-se certa manhã à casa dos espanhóis e nos termos mais submissos suplicaram uma entrevista. Os espanhóis, satisfeitos, concordaram em ouvir o que queriam. Começaram dizendo que estavam cansados daquele gênero de vida. Não tinham habilidade suficiente para fabricar as coisas necessárias que lhes faltavam e, carecendo de quem os ajudasse, previam que iam morrer de fome. No entanto, se os espanhóis quisessem ceder-lhes uma das canoas e proporcionar-lhes armas e munições para sua defesa, demandariam o continente em busca de fortuna, livrando-se assim do cuidado de prover às suas necessidades.

Os espanhóis se alegraram com a possibilidade de ficarem livres deles, mas tiveram a sinceridade de lhes dizer o perigo que corriam, pois eles mesmos tinham passado por inúmeros e cruéis sofrimentos no continente e podiam predizer, sem serem profetas, que morreriam de fome ou seriam degolados, sendo bom que refletissem bem antes de partir.

Responderam os ingleses com todo o cinismo que no final das contas morreriam também na ilha, porque não podiam nem queriam trabalhar, e que nada de melhor poderia lhes acontecer, porque morrendo acabariam de uma vez com todos os trabalhos. Por outro lado, não tinham mulheres nem filhos para chorar por eles. Numa palavra, obstinaram-se em seu pedido, declarando que partiriam mesmo que não lhes dessem armas.

Os espanhóis disseram-lhes então, com a maior generosidade, que, se queriam partir de qualquer maneira, não permitiriam que o fizessem sem levar os indispensáveis meios de defesa. Embora sentissem muito privar-se de armas de fogo, pois nem para si mesmos possuíam bastantes, eles lhes dariam dois mosquetes, uma pistola, um facão e, além disso, uma machadinha a cada um, o que julgavam suficiente.

Os ingleses aceitaram a oferta. Os espanhóis prepararam-lhes pão que chegasse para um mês, deram-lhes bastante carne de cabra, um grande cesto de passas, um barril de água potável e um cabrito vivo. Eles embarcaram afoitamente na canoa para uma travessia que devia ser no mínimo de quarenta milhas.

A canoa era bastante grande, capaz de conduzir perfeitamente quinze ou vinte homens. Era até desproporcionada para ser movida a remo por tão poucos tripulantes. Mas, como se tinha levantado uma brisa favorável e a maré os ajudava, navegaram com a maior facilidade. Fizeram um mastro com um grosso tronco e uma vela formada por quatro grandes peles de cabra, que costuraram e uniram perfeitamente. Fizeram-se ao largo com a maior alegria, e os espanhóis se despediram ao brado de “boa viagem!”, pensando todos que nunca mais os tornariam a ver.

Diziam os espanhóis a cada momento uns aos outros, e também aos dois honrados ingleses, que tudo agora estava em paz e que se sentiam muito felizes depois da partida dos três turbulentos, certos de que nunca mais voltariam.

Passados 22 dias, um dos ingleses, trabalhando no campo, viu ao longe três desconhecidos, que se aproximavam por aquele lado com espingarda ao ombro.

Ao vê-los, desandou a correr como um louco e chegou todo assustado ao governador para dizer que estavam completamente perdidos, que estranhos tinham desembarcado na ilha e que não podia dizer quem eram. O espanhol depois de haver refletido um pouco, redarguiu:

— Que quer você dar a entender ao dizer que não sabe quem sejam? Certamente são selvagens.

— Não, não — replicou o inglês —, são homens vestidos e armados de fuzis.

— Então, que receia? Se não são indígenas, só podem ser amigos, pois não há nação na terra que não nos faça mais bem do que mal.

Enquanto falaram assim, chegaram os três ingleses e, detendo-se no bosque recém-plantado, chamaram em voz alta. No mesmo instante todos os reconheceram e desapareceu o mistério que envolvia o seu aparecimento. Depressa, porém, a admiração teve outro motivo. Queriam saber quais podiam ser as causas e o objetivo de sua volta.

Momentos depois os três aventureiros falaram com eles. Perguntaram-lhes pormenores sobre os pontos onde tinham estado e sobre o que havia

acontecido. Em poucas palavras fizeram a descrição de sua origem.

Dois dias passaram os ingleses com terra à vista sem a abordarem, pois, ao notar que os nativos se tinham alarmado e se preparavam para recebê-los de modo pouco amistoso, munidos de arcos e flechas, não se atreveram a desembarcar e bordejaram até o norte pelo espaço de seis ou sete horas, até que chegaram a um grande canal que lhes deu a conhecer que a terra que nós víamos não era um continente, mas uma ilha. Entrando, pois, no citado canal, viram outra ilha à direita, na direção do norte, e muitas também na parte ocidental. Decididos a saltar em terra, em qualquer ponto, dirigiram-se a uma das ilhas situadas a oeste e desembarcaram afoitamente. Os naturais se mostraram muito benévolos e hospitaleiros e lhes ofereceram grande provisão de uvas e pescado. Tratava-se de gente muito sociável, e as mulheres, tanto como os homens, apressaram-se em conseguir-lhes todos os víveres que pudessem encontrar, trazendo-os na cabeça, de longa distância.

Estiveram entre eles quatro dias e indagaram da melhor forma que puderam, valendo-se de sinais, a que nações pertenciam os homens que viviam naquelas regiões. Na mesma linguagem muda lhes responderam que habitavam a maior parte daquele país povos muito ferozes e temíveis, que tinham o costume de comer carne humana. Eles não comiam nem homens nem mulheres, salvo os prisioneiros de guerra e que, em tais casos, faziam grandes festins.

Quiseram os ingleses saber quando haviam celebrado o último banquete do gênero. Os selvagens responderam que havia cerca de duas luas (e aí indicaram a lua e dois dedos). Atualmente seu rei possuía duzentos prisioneiros feitos em diversas guerras, aos quais estavam engordando para a próxima festança. Os ingleses manifestaram curiosidade de ver os prisioneiros, mas os outros, enganando-se na mímica, compreenderam que desejavam levar alguns para o almoço. Então mostraram com a mão o sol poente, depois o oriente, com o que queriam dizer que lhes dariam alguns no dia seguinte, ao nascer do sol. Com efeito, no outro dia pela manhã escolheram cinco mulheres e onze homens e presentearam os ingleses para a viagem, do mesmo jeito como num porto de mar se levam vacas e bois para o abastecimento de um navio.

Apesar de sua brutalidade e estupidez, comoveu-se o coração dos ingleses ao ver isso e não sabiam o que fazer, pois negar aceitar o presente teria sido uma deselegância para com os selvagens e, por outro lado, não atinavam com o destino a dar a tantos prisioneiros. Depois de curta discussão,

resolveram aceitar a oferta e em recompensa deram aos silvícolas uma das machadinhas, uma chave velha, um facão e seis ou sete balas, coisas que os alegraram bastante, se bem não soubessem o uso que dariam àquilo. A seguir os indígenas ataram os pobres presos com as mãos às costas e eles mesmos os conduziram para a canoa.

Mal receberam aquela dádiva os ingleses viram-se obrigados a partir, receosos de ter de matar dois ou três daqueles desgraçados no outro dia pela manhã e convidar os selvagens para o banquete.

Tendo-se, pois, despedido dos nativos com toda cortesia e gratidão que se pode expressar entre criaturas que não compreendem uma única palavra do que dizem, meteram-se no bote e dirigiram-se para a primeira ilha, onde, assim que chegaram, deram liberdade a oito dos prisioneiros, não podendo conservar um número tão considerável.

Durante a viagem quiseram comunicar-se com seus escravos, mas não foi possível. Tudo quanto se lhes dizia, dava ou fazia parecia a eles uma prova a mais de que iam ser degolados. Quando começaram a desatá-los, as míseras criaturas, mormente as mulheres, puseram-se a dar gritos lancinantes, como se tivessem já sentindo a faca no pescoço, julgando, como julgavam, que iam ser mortos.

O mesmo acontecia quando se lhes dava de comer. Julgavam que não queriam que enfraquecessem e que estivessem bastante gordos para o dia da matança. Se os ingleses fixavam mais sua atenção em alguns deles, todos imaginavam que esses eram os marcados para morrer primeiro. Mesmo depois de tê-los tranquilizado e tratado com muita doçura e bondade, esperavam a cada instante servir de almoço ou de ceia aos novos donos.

Assim que os três aventureiros deram por terminada a narração da arriscada viagem, o governador lhes perguntou onde tinham os novos criados. Responderam que os conservaram presos numa das choças e que vieram pedir víveres para eles. Então os espanhóis e os outros dois ingleses, isto é, toda a colônia, quiseram ir ver os prisioneiros, e o pai de Sexta-Feira os acompanhou.

Chegados à choupana, deram com os infelizes sentados e manietados, porque lhes tornaram a amarrar as mãos ao desembarcar, com receio de que procurassem fugir na canoa. Estavam, portanto, sentados e completamente nus. Entre eles havia três homens vigorosos, de boa aparência, bem formados e proporcionados. Teriam entre trinta e 35 anos. E mais cinco mulheres, das quais duas podiam ser de trinta a quarenta anos; outras duas não tinham mais

que 24 ou 25; a quinta era uma esbelta e formosa rapariga de dezesseis ou dezessete anos. As mulheres eram em geral lindas de feição e talhe, mas da cor de cobre. Havia especialmente duas que, fossem mais brancas, mesmo em Londres teriam passado por tipos de beleza. O rosto era gracioso e seus gestos em extremo modestos, sobretudo quando, mais tarde, foram vestidas e enfeitadas, segundo elas diziam, pois, para dizer a verdade, lhes demos tudo menos enfeites. Mas deixemo-las agora, porque breve tornaremos a falar delas.

A primeira coisa que os colonos fizeram foi encarregar o velho selvagem, pai de Sexta-Feira, de ver se reconhecia algum dos presos e podia entender a sua língua. O velho fitou-os detidamente, mas não reconheceu nenhum, nem tampouco pôde algum deles compreender seus gestos e palavras, com exceção das mulheres.

Isto bastava para conseguir-se o fim desejado, que era convencê-los de que estavam em poder de cristãos, que tinham horror a comer carne humana, podendo ter plena certeza de não morrerem em suas mãos. Quando os presos ficaram convencidos disso, demonstraram a mais viva alegria por meio de mil gestos extravagantes e variados, pois pertenciam a diferentes nações.

A mulher que servia de intérprete foi encarregada de perguntar-lhes se queriam trabalhar para os homens que os tinham trazido para a ilha na intenção de salvar-lhes a vida. Ao ouvir tais palavras, todos se puseram a dançar, depois a segurar cada um uma coisa que achavam à mão e pô-las à costa, para dar a entender com isso que estavam dispostos a servi-los de muito boa vontade.

Depois de alguma confabulação, os cinco ingleses tomaram cada um uma esposa por tempo indeterminado. E começou daí novo sistema de vida. No meu antigo “castelo”, muito aumentado por dentro, viviam os espanhóis e o pai de Sexta-Feira. Também ficaram com eles os três prisioneiros, feitos no último combate com os selvagens. Era como se fosse a metrópole da colônia: assegurava a subsistência aos demais estabelecimentos, ajudando-os em tudo que podia e de acordo com as necessidades.

O que há de mais prodigioso nesta história é que aqueles cinco homens insociáveis, rixentos e tão maus amigos tivessem podido chegar a um acordo relativamente às mulheres e que dois ou três entre eles não disputassem a mesma, tanto mais que entre elas havia duas ou três que valiam incomparavelmente mais do que as outras. Mas idearam um meio excelente para evitar discussões: meteram as cinco mulheres em uma das choças;

juntaram-se a seguir os cinco em outra e tiraram a sorte para ver quem devia escolher primeiro.

O bafejado pela sorte entrou sozinho na choça, onde as infelizes se achavam nuas, e levou a que lhe pareceu mais de seu gosto. É bom notar que a mulher de sua eleição era a mais feia e velha das cinco, o que motivou risos e chacotas dos camaradas e também dos espanhóis. Mas ele raciocinava melhor que todos os outros, pois previa que seria mais útil a que tivesse maior experiência e fosse mais habilidosa. O tempo veio mostrar que o nosso homem andou acertadamente.

Quando as infelizes mulheres se viram assim dispostas em linha e retiradas uma a uma, seus temores voltaram e pensaram que iam ser devoradas. Por isso, quando o primeiro marinheiro levou a que escolhera, as demais começaram a dar gritos de cortar o coração, a abraçar-se com ela, a dar-lhe o derradeiro adeus com tanta dor e afeto que o sujeito mais duro teria se enternecido. Os ingleses não puderam convencê-las de que não se faria o menor mal a elas, e só com o auxílio do pai de Sexta-Feira elas conseguiram, depois de muito tempo, compreender que os cinco homens as tomavam por esposas.

Concluída a divisão, e depois de se haver acalmado um pouco o terror que sentiam, os ingleses, com a ajuda dos espanhóis, puseram-se a trabalhar, e em poucas horas tinham construído uma choupana para cada uma, onde pudessem morar separadamente. Convém dizer logo que ficaram muito bem providas de móveis, utensílios e mantimentos.

Os três tratantes ocuparam o lugar mais afastado e os outros dois, o mais próximo do “castelo”. Mas os cinco se achavam mais para o lado setentrional da ilha, de forma que viviam separados como antes. Portanto, minha ilha estava habitada em três pontos diferentes e se poderia ainda dizer que três novas povoações acabavam de ser fundadas.

É necessário fazer notar aqui uma anomalia que se vê com bastante frequência no mundo (não sei se será por disposição da Providência). E tal anomalia consistiu em que os ingleses melhores ficaram com as mulheres piores. Os três réprobos, que valiam menos do que a corda com que mereciam ser enforcados, absolutamente inúteis, tiveram a sorte de lhes corresponderem as mulheres mais habilidosas, diligentes e trabalhadoras. Não quero dizer com isso que as outras fossem de má índole; eram as cinco extremamente complacentes, meigas, humildes, conformadas e mais pareciam escravas do que esposas. Apenas as primeiras não eram tão

inteligentes, hábeis e metódicas como as outras.

Outra observação cabe-me fazer em honra destas últimas, e é que se dedicaram tanto e foram tão inimigas da preguiça e da negligência que, ao fazer minha visita aos diversos estabelecimentos da pequena colônia, encontrei os dos dois ingleses tão superiores em organização aos dos outros três que não podia haver comparação entre eles. Uns e outros tinham semeado terreno na proporção de suas necessidades, no que, a meu ver, agiram como sábios, porque a mesma Natureza nos ensina que é inútil semear mais do que somos capazes de consumir. À primeira vista notei grande diferença nas culturas, nas plantações, nos cercados e em tudo o mais.

Convém também dizer que as mulheres dos três primeiros eram excelentes donas de casa e, tendo aprendido a cozinhar à maneira da Inglaterra com aquele que fora cozinheiro a bordo do navio, preparavam a comida dos maridos com a maior perfeição, enquanto que as outras duas nunca o puderam fazer. Felizmente seu esposo, que tinha sido ajudante de cozinha, tomava a si tal encargo.

Os maridos das mulheres inteligentes não faziam senão enquadrinhar os arredores em busca de ovos de tartaruga, de caça ou pesca, numa palavra, fazer tudo que não fosse trabalhar. Dessa forma sua existência não era muito cômoda. Seus patrícios, ao contrário, levavam vida tranquila e abastada, enquanto os três mandriões viviam na penúria e miséria. Creio que isso acontece em todas as partes do mundo.

Mas deixemos isso e contemos tudo o que havia sucedido até aquele momento tanto à colônia como a mim mesmo. O primeiro acontecimento de importância que ocorreu foi o seguinte. Certo dia ao amanhecer atracaram à ribeira cinco ou seis pirogas cheias de selvagens ou indígenas (como queiram chamá-los). A primeira coisa que todos pensaram foi que iam, segundo o costume, repartir os prisioneiros. Esses desembarques chegaram a ser tão frequentes que os colonos já nem mais se preocupavam, como a mim sucedia. Sabiam por experiência que a única precaução a tomar era permanecerem ocultos, certos de que, se não fossem descobertos pelos selvagens, estes, realizado o objetivo que ali os trazia, iam embora tranquilamente, porque não suspeitavam que existisse gente na ilha. O caso se reduzia, pois, em tais circunstâncias, a avisar aos colonos das três plantações que não saíssem e a pôr um sentinela ou vigia em um ponto estratégico, a fim de advertir a saída dos silvícolas.

Sem dúvida, isso era o mais prudente. Mas um ato desastroso veio

prejudicar tais medidas, pondo ao conhecimento dos selvagens que a ilha era habitada, e pouco faltou para a colônia inteira não ficar aniquilada.

Quando as canoas tinham desaparecido, os espanhóis lançaram uma vista d'olhos ao exterior. Alguns, mais curiosos, chegaram a ir até onde acabavam de estar os selvagens para ver o que tinham feito e, com a maior surpresa, toparam com três indígenas estirados no solo, certamente esquecidos pelos camaradas, a dormir um sono pesado. Pensaram que, empanturrados com aquela abominável comida, haviam adormecido como animais, sem poderem partir com os outros, ou então que, indo a um passeio à mata, não tivessem voltado a tempo para o embarque.

Os espanhóis ficaram muito surpresos e não sabiam o que fazer. O governador achava-se também com eles. Pediram-lhe conselho e ele confessou que não sabia o que dizer. Ficar com eles, como escravos, era prejudicial porque já os havia suficientes. Matá-los ninguém queria e era intolerável a ideia de derramar sangue inocente. Na verdade nenhum mal lhes havia feito aquela pobre gente, nem tampouco à sua propriedade. Não tinham contra eles o mais leve motivo de queixa que pudesse autorizar a tirar-lhes a vida.

Depois de haver deliberado por algum tempo, resolveram ocultar-se até que os três silvícolas encontrassem um meio de zarpar. Mas ao governador ocorreu que não tinham piroga e que, se os deixassem perambular pela ilha, acabariam descobrindo que havia gente, o que poderia ocasionar a ruína da colônia.

Voltaram, pois, à praia onde os indígenas continuavam dormindo profundamente e resolveram acordá-los e fazê-los prisioneiros.

Os desgraçados tomaram um susto tremendo ao verem-se presos e amarrados. Pensaram, tal qual as mulheres de quem falamos, que iam ser mortos e comidos. De fato, aqueles povos supõem que todos têm seus mesmos hábitos e que comem carne humana, mas os cativos cedo se convenceram do contrário, e a seguir foram levados pelos espanhóis.

Afortunadamente não ficaram alojados na fortaleza, isto é, em meu “castelo” atrás da colina. Logo de início foram levados ao bosquezinho, centro dos trabalhos agrícolas e onde existiam os redis, as sementeiras etc. Mais tarde foram encaminhados à residência dos ingleses honrados.

Isso foi a perdição, pois, ou porque os vigiassem mal, ou porque julgassem impossível sua fuga, um deles escapou, escondendo-se no mato, sem que se pudesse mais pôr a vista nele.

Nosso povo pensou convictamente que o fugitivo se havia ido com outros selvagens chegados à ilha três ou quatro semanas depois para entregar-se aos seus já conhecidos regozijos. Tal hipótese lhes causou grande terror, pois estavam certos de que, se conseguisse juntar-se aos seus, o fugitivo não deixaria de lhes falar da ilha, de seus habitantes, de suas escassas forças e pequeno número. No entanto, aquele selvagem, conforme fiz notar, felizmente nunca havia sabido quantos eram, nem onde se alojavam e não conhecia tampouco de vista ou de ouvido o efeito de seus mosquetes, assim como não sabia onde ficavam os esconderijos, tais como a gruta do vale, o novo retiro construído pelos ingleses e tudo o mais.

A primeira prova que tiveram do aviso dado pelo fugitivo foi, dois ou três meses após aquela aventura, a chegada de seis canoas com oito ou dez indígenas em cada uma. Costearam primeiro a parte setentrional da ilha, onde jamais tinham desembarcado, e saltaram em terra uma hora depois de sair o sol, num lugar conveniente, a uma milha da morada dos ingleses, no mesmo ponto onde detiveram o prisioneiro desertor.

Segundo me disse o governador, se toda a colônia estivesse reunida, os prejuízos não teriam sido tão grandes, pois não teria escapado nenhum dos selvagens, mas o ocorrido foi bem diferente. É muito desigual uma luta entre dois homens e cinquenta. Os ingleses tiveram a sorte de percebê-los ainda no mar, a uma légua de distância, mais de uma hora antes do desembarque na praia, e, como saltaram em terra a uma milha de suas choupanas, levaram algum tempo até chegar a elas. Tendo razões de sobra para supor que tinham sido traídos, os ingleses começaram por amarrar fortemente os dois escravos que lhes sobraram e encarregaram a dois dos três homens que tinham vindo com as mulheres, que pareciam bastante fiéis aos seus amos, de conduzir juntamente com elas tudo o que pudessem levar ao retiro do bosque, deixando os dois escravos atados de pés e mãos até nova ordem.

A seguir, vendo que os silvícolas já em terra se punham em marcha na direção de sua residência, abriram os currais onde guardavam o gado e o fizeram sair, deixando-o assim espalhar-se livremente pelo mato, com a intenção de que os indígenas o tomassem por animais selvagens. Mas quem lhes servia de guia era demasiado hábil para deixar-se enganar e deu-lhes detalhes tão preciosos que chegaram exatamente aonde deviam ir.

Logo que os dois pobres colonos, amedrontados, puseram em segurança as companheiras e os bens, enviaram imediatamente o terceiro homem que ali se encontrava casualmente aos espanhóis, a fim de lhes avisar o sucedido e

pedir urgente socorro. Ao mesmo tempo, apanhando as armas e munições, dirigiram-se para onde estavam as mulheres, sem porém perder um só instante os indígenas de vista.

Ainda não se achavam muito longe quando, do alto de uma pequena colina, divisaram o pequeno exército inimigo, que avançava na direção de sua morada, e alguns minutos depois, com a maior dor, puderam ver as choças e todos os seus haveres devorados pelas chamas. Isso representava para eles uma perda imensa e quase irreparável, ao menos por algum tempo. Estiveram a observar por muito tempo, até que viram os indígenas se disseminarem pela plantação, como animais ferozes, procurando em todas as direções alguma presa, e sobretudo os habitantes, de cuja existência se via claramente que tinham conhecimento.

Desde aí os dois ingleses não se julgaram em segurança no sítio em que se encontravam, porque algum selvagem poderia tomar aquela direção. Como atrás do primeiro poderia surgir um número considerável, resolveram afastar-se meia légua. Calcularam ainda, o que de fato sucedeu, que à proporção que os selvagens fossem avançando, o seu número diminuiria.

Logo que atingiram a parte mais espessa do bosque, onde havia um tronco de velha árvore muito grossa e inteiramente oca, os ingleses se detiveram e dentro dela tomaram posição, aguardando os acontecimentos.

Fazia muito pouco tempo que ali se achavam quando viram vir correndo dois indígenas, que pareciam havê-los descoberto, dispostos a atacá-los. Um pouco mais longe distinguiram mais três que seguiram os primeiros, depois outros cinco a curta distância, todos na mesma direção. Lobrigaram também outros sete ou oito a grande distância, a correr em outro sentido. Pareciam caçadores dando uma batida.

Os míseros ingleses estavam então mergulhados na maior perplexidade, pois não sabiam se deviam ficar ou fugir. Mas, após curto debate relativamente à conduta a ser adotada, compreenderam que, se os selvagens percorressem a ilha daquela maneira, descobririam seu retiro no bosque antes de chegar o menor auxílio, e tudo estaria perdido. Decidiram portanto permanecer onde estavam e, se viessem selvagens em número considerável, trepariam no mais alto da árvore, onde não duvidavam defender-se enquanto tivessem munições, mesmo que os atacassem cinquenta, salvo se pusessem fogo à árvore.

Depois dessa solução deliberaram se fariam fogo contra os dois primeiros indígenas ou esperariam pelos três que vinham atrás, com o fito de

separar, atacando a tropa do meio, os dois primeiros dos cinco últimos. Resolveram deixar passar os dois, a não ser que estes os descobrissem e os atacassem. Robusteceram essa ideia com a marcha daqueles dois homens para outro lado do bosque, ao mesmo tempo que os dois grupos da retaguarda iam diretamente para a árvore, como se tivessem a certeza de achar alguém ali. Nossos dois ingleses, vendo-os avançar na mesma linha, resolveram apontar bem e disparar um depois do outro, de forma a pelo menos poder ferir três ao mesmo tempo. Com esse fim, o que devia atirar primeiro meteu no mosquete três ou quatro balas e, apontando cuidadosamente por uma das fendas do tronco, teve tempo suficiente para assestar bem o golpe, enquanto os índios se punham a umas trinta jardas de alcance.

Assim que aí chegaram, os ingleses distinguiram perfeitamente entre eles o escravo desertor e decidiram não deixá-lo escapar, embora devessem ambos atirar sobre ele. O outro preparou, pois, o mosquete, de modo que, se o selvagem escapasse ao primeiro tiro, do segundo não se livrasse. Mas bastava o primeiro, que era excelente atirador, incapaz de errar o alvo.

Iam os selvagens um atrás do outro quando reboou o primeiro tiro, caindo dois a um só tempo. O primeiro, ferido na cabeça, ficou estendido. O segundo, o índio trânsfuga, caiu atravessado por uma bala no meio do corpo, mas não morreu. O terceiro, que não teve mais do que um ligeiro arranhão no ombro, causado talvez pela bala que havia ferido o segundo, assustou-se de tal modo, mesmo ferido assim levemente, que se lançou ao chão, dando gritos e gemidos de meter medo.

Os cinco seguintes pararam de repente, antes assustados com os estampidos do que convencidos do perigo. Porque o eco, repetindo sucessivamente o estrondo da detonação, fizera-o cem vezes mais terrível, e as aves, saindo aos milhares de todos os recantos, misturavam ao estrépito seus pios agudos, como aconteceu quando disparei na ilha o primeiro tiro. Contudo, ao restabelecer-se o silêncio pouco depois, os selvagens continuaram a avançar até o local em que os companheiros jaziam em estado tão lamentável, e ali mesmo as miseráveis e ignorantes criaturas, longe de compreenderem o perigo a que estavam expostas, agruparam-se confusamente em volta do ferido para lhe perguntar sem dúvida como tinha sido aquilo. É de supor que lhes tenha respondido que um raio de fogo, seguido do fragor dos deuses, havia tirado a vida aos seus companheiros e ferido a ele próprio. Essa resposta, a meu ver, é verossímil, porque os silvícolas não descobriram ninguém ao redor deles, nem tinham ouvido antes

a detonação de uma arma de fogo. Ignoravam, finalmente, que com pólvora e balas se pudesse matar ou ferir à distância. Demais, é de se presumir que, vendo os camaradas naquela mísera situação, receassem ter uma sorte igual.

Confessaram-me os ingleses que sentiram extrema repugnância em matar tantos infelizes, que nenhuma ideia tinham do perigo que os ameaçava. Não obstante, quando os tiveram a bom alcance, decidiram ambos disparar ao mesmo tempo contra eles. Dispararam, e quatro dos indígenas caíram mortos ou feridos gravemente. O quinto, assustado mortalmente, embora não tivesse ferimento algum, também caiu como os outros.

Nossos homens, vendo-os caídos, julgaram tê-los matado a todos. Essa opinião levou-os a sair atrevidamente da árvore em que estavam escondidos, antes de haverem carregado de novo os mosquetes, o que foi a maior imprudência que puderam cometer. Ficaram muito surpreendidos quando chegaram junto dos selvagens e descobriram quatro vivos, dos quais dois estavam feridos de leve e um absolutamente são. Viram-se então obrigados a liquidá-los a coronhadas. Começaram pelo índio fugitivo, causador daquele combate, e de outro, ferido no joelho, libertando-os para sempre de todos os padecimentos. O que havia saído ileso então se ajoelhou, estendeu as mãos, soltando gemidos lancinantes, e suplicou, por gestos e caretas, que lhe poupassem a vida.

Não compreenderam patavina do que disse. Contudo, mandaram-no sentar ao pé de uma árvore que havia ali e um dos ingleses, com um pedaço de corda que por acaso levava consigo, amarrou-lhe os pés e as mãos, e, deixando-o daquela maneira, dirigiram-se a toda pressa em perseguição dos outros dois que tinham deixado passar. Temiam que eles ou quaisquer outros conseguissem descobrir onde haviam escondido suas mulheres e os poucos objetos restantes. De fato, chegaram a vê-los a longa distância, mas ficaram bastante tranquilos vendo que atravessavam naquele momento um vale que conduzia ao mar, caminho completamente oposto ao que se devia seguir para dar no retiro. Livres dessa inquietação, voltaram ao lugar onde haviam deixado o prisioneiro, mas não o encontraram mais. Julgaram que tivera sido solto pelos seus companheiros, pois se via ao pé da árvore a corda com que estivera atado.

Prosseguiram caminho com a maior cautela e silêncio, sem saber para onde ir nem a que distância se achavam os inimigos, nem o número destes. Depois resolveram voltar para onde estavam as companheiras, a fim de ver como iam as coisas e tranquilizá-las, pois deviam achar-se muito assustadas.

Embora os selvagens fossem seus compatriotas, as desgraçadas tinham-lhes tremendo pavor, tanto maior talvez por conhecê-los bem demais.

Ao chegar ao bosque, os ingleses viram que os selvagens se encontravam ali, e muito perto do retiro, embora não o tivessem descoberto. As árvores que o circundavam formavam uma muralha tão compacta que para entrar teria sido preciso a orientação de alguém que conhecesse muito bem o local. Acharam tudo como haviam deixado, com exceção das mulheres, que estavam quase a desfalecer de medo. Ao mesmo tempo tiveram a ventura de ver que chegavam em seu auxílio sete espanhóis. Os outros dez, com seus escravos e o velho pai de Sexta-Feira, tinham ido agrupados para o bosquezinho, a fim de defendê-lo, ao mesmo tempo que ao grão e ao gado ali existentes, na hipótese de terem os indígenas se dirigido para aquelas bandas. Estes, porém, não foram tão longe. Com os sete espanhóis ia um dos selvagens feito prisioneiro em outros tempos e também o que os ingleses haviam deixado amarrado junto da árvore. Os espanhóis tinham, em caminho, topado com os cadáveres dos sete indígenas e, desamarrando o oitavo, levaram-no consigo, mas viram-se logo obrigados a amarrá-lo de novo e enviá-lo com os dois companheiros deixados na ilha por aquele que havia fugido.

Os prisioneiros começavam a ser um peso para os colonos, que temiam tanto que fossem escapulir que decidiram matá-los todos, como uma medida absolutamente necessária para sua própria conservação. Mas o governador não consentiu e mandou levá-los provisoriamente para minha antiga gruta no vale, pelos espanhóis, que tinham ordem de vigiá-los e lhes dar o alimento necessário. Em cumprimento dessa ordem, os presos ficaram toda a noite de pés e mãos atados.

A chegada dos espanhóis animou tanto os ingleses que de modo algum quiseram ficar mais ali. Então resolveram avançar e dirigir-se com precaução às suas terras destruídas. Pouco antes de ali chegarem, assim que se tornou visível a praia, perceberam um grupo de selvagens que preparavam as pirogas e se dispunham a abandonar a ilha.

A princípio sentiram que não estavam ao alcance de suas armas para dar-lhes adeus com uma boa descarga, mas compreenderam que afinal era muito melhor ficarem logo livres daquela gente.

Os pobres ingleses pela segunda vez se viram arruinados e privados do fruto de seu trabalho. Os outros colonos, porém, apressaram-se a prestar-lhes auxílio na restauração de seus campos assolados, fornecendo-lhes nesse

meio-tempo tudo de que necessitassem. Até seus três patrícios, que jamais tinham manifestado o menor desejo de ajudá-los, vendo sua desgraça, ofereceram generosamente seus préstimos e trabalharam com afinco durante dias a fio, para reconstruir sua habitação e tudo o que lhes era indispensável. Desse modo, em muito pouco tempo viram-se os ingleses na mesma situação que antes.

Dois dias depois, os colonos descobriram, com imensa satisfação, três canoas arrojadas à costa e, a alguma distância, dois selvagens afogados, o que os fez supor, e com razão, que aqueles desventurados tinham sofrido um temporal que fizera soçobrar várias de suas pirogas. Com efeito, o vento tinha sido muito forte na noite seguinte ao seu embarque.

Contudo, se alguns pereceram, é certo que muitos se salvaram para informar seus compatriotas do que lhes havia ocorrido e induzi-los a uma nova expedição com forças bastantes para exterminar todos os colonos. É verdade que, excetuando o que o selvagem fugitivo lhes teria podido contar sobre os seus habitantes, quase nada lhes era possível dizer por sua conta, de vez que não haviam visto um só homem. De resto, o que conhecia exatamente a existência da colônia tinha sido morto e precisavam de outra testemunha que pudesse confirmar a história.

Cinco ou seis meses passaram-se sem que se ouvisse falar em selvagens, e nosso pessoal já começava a crer que os indígenas tinham esquecido a derrota ou renunciado à ideia da desforra, quando de repente a ilha se viu invadida por uma formidável frota composta de 28 canoas abarrotadas de silvícolas, armados de flechas, arcos, maças, sabres de madeira e outras armas de guerra. Vinham em tão crescido número que, vendo-os, os colonos ficaram profundamente consternados.

Como os índios não se aproximaram da praia até o anoitecer e desembarcaram no extremo oriental da ilha, nossa gente teve tempo durante toda a noite para deliberar sobre as medidas que deviam ser tomadas. Sabendo os colonos, por experiência própria, que sua salvação até então se devia à precaução que sempre tiveram de permanecer ocultos, reconheceram que essa medida devia ser empregada com mais razão dessa vez, que seus adversários eram em número tão considerável. Resolveram, portanto, destruir as choças construídas pelos dois ingleses e trasladar seu gado para a antiga gruta, supondo que ao amanhecer os selvagens se encaminhariam diretamente para aquele ponto, a fim de recomençar suas devastações, não obstante terem desembarcado a mais de duas léguas dali.

Os colonos carregaram também todo o gado que se achava nos pastos do antigo bosquezinho. Esse gado pertencia aos espanhóis. Numa palavra, fizeram desaparecer da melhor maneira possível todos os sinais de sua presença na ilha e, no dia seguinte muito cedo, tomaram posições com todas as suas forças reunidas, nas proximidades dos campos dos ingleses, para aguardar o inimigo.

Tudo se passou como tinham previsto: os novos invasores, deixando suas canoas na parte leste da ilha, avançaram na direção da lavoura ao longo da praia em número de cerca de 250, segundo supuseram os nossos homens.

As forças coloniais eram muito inferiores em número às dos selvagens. Mas o pior ainda era que não havia armas para todos. Eis aqui, pelo que eu posso recordar, o estado de suas forças. Em primeiro lugar, os homens eram:

- 17 espanhóis;
- 5 ingleses;
- 1 velho, ou seja, o pai de Sexta-Feira;
- 3 escravos trazidos com as mulheres e que demonstraram fidelidade;
- 3 escravos que moravam com os espanhóis.

Para armar toda essa gente dispunham de:

- 11 mosquetes;
- 5 pistolas;
- 3 escopetas;

5 mosquetões confiscados aos marinheiros insubordinados quando os submeti;

2 sabres;

3 velhas alabardas.

Os escravos não iam armados com armas de fogo. Em vez disso, deu-se a cada um uma alabarda e um machado que levavam a tiracolo. Também os demais iam munidos de machados. Duas das mulheres solicitaram com entusiasmo tomar parte na refrega. Foram armadas de arcos e flechas, recolhidos pelos espanhóis depois do sangrento combate anteriormente havido entre os próprios selvagens. Foram-lhes dados, também, machados.

O governador espanhol, de quem tenho falado com tanta frequência, era o chefe supremo. Will Atkins, terrível e feroz quando se tratava de maldades, mas bravo e ousado, era o seu lugar-tenente.

Os selvagens avançaram como leões. Desgraçadamente nossa gente não ocupava posições vantajosas, mas Will Atkins, que naquela ocasião prestou relevantes serviços, tinha-se postado com mais seis homens em uma pequena mata, como guarda avançada, com ordem de deixar passar os primeiros selvagens e fazer fogo depois contra o grosso deles e a seguir pôr-se em retirada, a fim de juntar-se aos espanhóis, que também se achavam emboscados.

Ao chegar, lançaram-se os selvagens em grande desordem por todos os lados. Will Atkins deixou que passassem uns cinquenta; depois, vendo vir os demais, mandou três dos seus fazer fogo com os mosquetes, carregados com seis ou sete balas de pistola cada um. Não puderam ver quantos caíram, mortos ou feridos. Mas é impossível descrever o pânico e a surpresa dos índios ao ouvirem a descarga e ao verem muitos de seus companheiros mortos ou feridos sem que soubessem de onde vinha o golpe. Sem lhes deixar tempo para voltar do primeiro espanto, Will Atkins e os outros três dispararam sobre o grupo mais unido e compacto da tropa. Em menos de um minuto, os três primeiros, que tinham carregado de novo, fizeram fogo pela terceira vez.

Se Will Atkins e sua gente tivessem se retirado imediatamente depois de

haver feito as descargas, de acordo com as ordens recebidas, ou se o resto da tropa estivesse em posição de sustentar aquele fogo nutrido, os selvagens teriam sido completamente derrotados. O terror que os dominava era devido sobretudo a se julgarem castigados pelos seus deuses, armados de raios e dardos, por isso que não viam quem os feria. Mas Will Atkins, parando para carregar de novo, revelou-lhes o segredo. Alguns selvagens que de longe os espiavam trataram de surpreendê-los pela retaguarda e, embora Atkins e seus companheiros fizessem fogo contra eles duas ou três vezes consecutivas, depois de haver deixado fora de combate pelo menos vinte; retirando-se o mais depressa possível, mesmo assim chegaram a ferir o próprio Atkins, mataram outro dos ingleses que os acompanhava, um dos espanhóis e um dos indígenas que tinham vindo com as mulheres. Este último era um jovem valoroso, que se batera admiravelmente e, sozinho, havia estendido a seus pés cinco inimigos, apesar de não ter senão uma alabarda e uma machadinha.

Ferido Atkins e mortos dois dos nossos, tiveram estes que retirar-se para uma pequena elevação existente no interior do bosque. Os espanhóis, depois de fazer três descargas, continuaram batendo em retirada, porque o número de inimigos era tão crescido e estavam tão animados que, mesmo que houvessem perdido mais de cinquenta homens e tivessem muitos mais feridos, perseguiam os colonos sem que nada os detivesse, lançando-lhes uma nuvem de flechas. Também convém notar que os feridos não impossibilitados de combater, exasperados por suas feridas, se batiam como leões.

Na retirada, nossa gente havia abandonado o espanhol e o inglês mortos. Quando os indígenas chegaram onde se achavam os cadáveres, mutilaram-nos da maneira mais horrorosa, cortando-lhes os braços, as pernas e a cabeça com as espátulas que levavam. A seguir, percebendo que seus inimigos haviam desaparecido, agruparam-se sem cuidar mais de continuar em sua perseguição e, formando um círculo como era de seu hábito, lançaram dois gritos, como em sinal de triunfo. Tiveram, contudo, a contrariedade de ver tombar muitos dos seus feridos, mortos em consequência da perda de sangue.

O governador espanhol tinha reunido seu reduzido exército numa eminência do terreno. Atkins, apesar de ferido, era de parecer que se atacasse o inimigo, carregando todos juntos contra ele, mas o governador lhe respondeu:

— Senhor Atkins, veja como lutam os seus feridos. Esperemos até amanhã. Todos esses infelizes terão morrido, ou padecerão muito de seus ferimentos, ou estarão exaustos pela perda de sangue, e então poderemos

atacar com maior vantagem os restantes.

O conselho era muito prudente, mas Will Atkins replicou jovialmente:

— É certo, senhor, mas eu me acharei no mesmo estado daqueles feridos e, por esse motivo, desejava continuar o combate enquanto me sobram algumas forças.

— Bravo, senhor Atkins! — disse-lhe o espanhol. — O senhor portou-se valorosamente no cumprimento do dever. O nosso agora é combater em seu lugar se não puder acompanhar-nos. Continuo julgando mais oportuno atacar amanhã.

Afinal cedeu-se ante tão judiciosas reflexões. Sucedendo, porém, que a noite estivesse muito formosa e a lua esparzisse uma brilhante claridade, distinguiram muito bem os selvagens agrupados confusamente ao redor de seus mortos e feridos, fazendo um grande estrépito. Resolveram então por unanimidade atacá-los durante a noite, sobretudo se pudessem fazer uma descarga sem serem vistos. A ocasião apresentou-se mais favorável do que esperavam, porque um dos ingleses, em cujas propriedades havia começado a batalha, conduziu nosso pessoal por um caminho oculto entre o bosque e a praia ocidental e, logo dobrando na direção sul, conduziu-os tão próximo do ponto em que estavam os selvagens que, antes que estes pudessem dar pela coisa, oito colonos dispararam e fizeram uma espantosa carnificina. Meio minuto depois outros oito dispararam por seu turno. As armas tinham sido carregadas com tal quantidade de metralha que o número de mortos e feridos foi imenso. Por cúmulo, os índios não podiam descobrir quem os feria, nem sabiam o caminho que deviam tomar para empreender a fuga.

Os espanhóis carregaram de novo as armas a toda pressa e, dividindo-se em seguida em três grupos, trataram de lançar-se a um só tempo sobre os indígenas. Cada grupo compunha-se de oito combatentes, ou seja, ao todo eram 22 homens e duas mulheres, as quais, diga-se em sua honra, pelejaram com grande bravura.

As armas de fogo foram repartidas equitativamente pelos três grupos citados, assim como as alabardas e o resto. Quiseram deixar as mulheres em lugar seguro, mas estas responderam que estavam dispostas a morrer com seus maridos. Organizado dessa forma aquele pequeno exército, saíram do bosque e lançaram-se sobre o inimigo, gritando com todas as suas forças.

Os selvagens continuavam agrupados, mas seu terror foi incomensurável ao ouvir aqueles gritos que saíam de três pontos distintos. Todavia, pareciam dispostos a combater, mas não podiam perceber seus inimigos. Tão logo os

agressores estiveram à vista, os silvícolas dispararam algumas flechas, uma das quais feriu o desafortunado pai de Sexta-Feira, embora muito levemente. Nossa gente não lhes deu tempo de defender-se. Arremessou-se contra eles, após cada grupo ter feito fogo, dos três pontos diferentes, a golpes de sabre, coronha e machado. De tal forma se portou que, em pouco tempo, os indígenas começaram a soltar gritos agudos e aflitos e fugiram em todas as direções, sem outra preocupação senão salvar a vida.

Os colonos afinal se cansaram de tanta carnificina. Haviam matado ou ferido mortalmente nos dois combates uns 180, no mínimo. Os demais, assustados e desnorteados, puseram-se a correr pelos bosques e subiram as colinas com toda a ligeireza que lhes permitiam a agilidade de suas pernas e o pavor. Como nossa gente não tivesse grande empenho em persegui-los, reuniram-se todos no mesmo lugar da praia onde tinham desembarcado e se achavam os seus botes. Mas não parou aí o desastre. Desabou um furioso furacão que tornou impossível seu regresso. A tempestade durou toda a noite, e quando subiu a maré, a maior parte das pirogas foi arrastada pelas ondas tão longe pelo mar a dentro que lhes custou imenso trabalho recolhê-las. Algumas também se destroçaram de encontro à costa e outras ficaram abertas pelos bosques entre si.

Os colonos, embora satisfeitos com a vitória, repousaram muito pouco aquela noite. Tendo-se refeito o melhor que puderam, resolveram marchar até a parte da ilha onde se haviam refugiado os selvagens, a fim de verificar o estado em que se encontravam. Esse movimento levou-os ao próprio campo de batalha, onde foram encontrar muitos daqueles infelizes que não tinham ainda morrido, agitando-se nas vascas da agonia. Deplorável espetáculo para almas generosas! Porque o homem verdadeiramente nobre, embora coagido pelas leis da guerra a destruir seus inimigos, não se alegra de nenhum modo com a visão do sofrimento. Todavia não tomaram providência com relação a isso, porque os selvagens ao seu serviço deram cabo dos feridos a machadadas.

Chegaram finalmente à vista dos miseráveis restos do exército indígena, reduzido quando muito a uma centena de homens. A maior parte estava sentada no solo, com a cabeça inclinada entre as mãos e estas, por sua vez, apoiadas nos joelhos.

Quando nossa gente chegou à distância de dois tiros de mosquete, o governador espanhol mandou fazer dois disparos de pólvora seca para lhes dar sinal de alarme e poder deduzir pela sua atitude se tinham ainda desejo de

bater-se ou se a derrota os tinha abatido e desalentado, disposto a tomar novas medidas segundo as circunstâncias.

O estratagema teve o melhor resultado. Assim que os selvagens ouviram a detonação do primeiro mosquete e notaram o fulgor do segundo, puseram-se de pé com indescritível aflição. E, como os colonos avançavam rapidamente para eles, fugiram dando gritos terríveis, ou melhor, uma espécie de miado, que os colonos não sabiam como descrever, porque até então nunca tinham ouvido nada semelhante, e foram em disparada refugiar-se na parte alta do interior da ilha.

A princípio os colonos teriam preferido que o tempo estivesse bom para os selvagens poderem embarcar. É que não pensaram em que tal fuga poderia trazer outra expedição mais numerosa e deixá-los em situação bastante crítica, senão desesperadora, ou então que, repetindo-se tais empresas e tendo de lutar com tais forças, a ilha acabaria por ser devastada e eles se veriam reduzidos a morrer de fome.

Will Atkins, que apesar do ferimento ia com eles, propôs a mais prudente resolução para aquelas circunstâncias. Era aproveitar a vantagem que se lhes oferecia de poder interpor-se entre os selvagens e suas canoas, privando-os assim de todo meio de tornar a vir em número maior com o fito de vingar-se da colônia.

Deliberaram amplamente a respeito e alguns se opunham pelo temor de obrigar os malvados a fugir para os bosques e ali viver na miséria, onde deveriam ir caçá-los como a animais selvagens. Nossos homens viveriam em constante perigo ao sair para as suas ocupações, sua lavoura seria permanentemente saqueada, todas as suas cabras domésticas seriam mortas e, em uma palavra, viveriam em contínuo sobressalto.

Atkins, porém, insistiu que era preferível terem que se avir com uma centena de silvícolas do que com cem tribos. E que depois de destruir as canoas era preciso destruir os homens, pois do contrário eles mesmos correriam risco permanente de morte. Ele os fez compreender tão claramente a necessidade de seguir seu conselho que todos acabaram por ceder. Tendo apanhado uma acha de lenha e ramos secos, trataram de pôr fogo a algumas canoas. Mas estavam tão empapadas de água que não puderam arder; contudo, ficaram tão danificadas que se tornaram imprestáveis para fazer-se ao mar.

Quando os indígenas perceberam o que faziam os seus inimigos, alguns se lançaram fora do bosque, chegaram-se o mais perto possível dos nossos

homens e, caindo de joelhos, exclamaram “*Oa, ao! Waramoka!*” e algumas outras palavras de sua língua, que nenhum colono conseguiu compreender, o que era natural. Contudo, por seus gestos súplices e por seus gritos estranhos era fácil conhecer que rogavam que não os privassem de suas canoas, prometendo ir embora sem detença para nunca mais voltar.

Nossa gente, porém, estava demasiado convencida de que o único meio de salvar a colônia era impedir aos índios a volta à sua pátria, porque um só que conseguisse lá chegar na certa relataria tudo o que havia sucedido e desde esse momento podia a colônia ter sua destruição como coisa certa. Assim, dando a entender aos silvícolas que não havia piedade para eles, continuaram a destruição das canoas poupadas pelo tufão. Ante tal espetáculo, os selvagens deram um grito espantoso, que os colonos ouviram nitidamente. Em seguida puseram-se a correr em todas as direções, como loucos, a um ponto tal que os nossos não sabiam o que fazer.

Os espanhóis, apesar de toda a sua prudência, não pensaram que, castigando daquela forma os infelizes índios, deveriam ter montado guarda contínua em torno de seus campos. Embora o gado tivesse sido posto em segurança e os selvagens não tivessem descoberto o refúgio principal (falo de meu “castelo”, perto da colônia), nem a gruta do vale, tinham encontrado a plantação do pequeno bosque e a haviam destruído. Lançaram abaixo todas as paliçadas, cortando as árvores das cercanias, espezinhando o trigal, arrancando as videiras quase maduras com raízes e tudo e causando à colônia prejuízos irreparáveis sem o menor proveito para eles mesmos.

Os colonos viam-se na contingência de combatê-los sem trégua. Todavia, não se viam em condições de ir atrás deles ou dar-lhes caça, pois aqueles homens eram demasiado ágeis quando se encontravam sós e nossa gente, por sua parte, tampouco se atrevia a persegui-los, com receio de encontrar muitos reunidos. Afortunadamente os índios não possuíam armas. Tinham arcos, mas sem flechas, nem material para fabricá-las, e nem instrumentos cortantes.

Era extremamente miserável o extremo a que se viram reduzidos, mas a situação em que deixaram a colônia não era muito melhor. Apesar de terem sido conservados os lugares de esconderijo, as provisões estavam destruídas, assolada a colheita e os nossos se achavam já quase sem recursos. A única coisa que então lhes restava era o gado mantido no vale nas proximidades da gruta, um pouco de trigo semeado naquele mesmo sítio e a plantação dos três ingleses, Will Atkins e seus dois camaradas, um dos quais tinha caído morto

por uma flechada que o atingira na frente. Cumpre notar que o morto era o mesmo que havia ferido tão barbaramente, com a machadinha, o pobre escravo e tentara depois assassinar os espanhóis. Justo castigo da Providência Divina!

A meu ver, a situação dos colonos era pior então do que a minha quando descobri os grãos de trigo e arroz e aprendi a maneira de semear, de cultivar e de criar o gado. Pode-se dizer que eles tinham naquele momento, na ilha, uma centena de lobos vorazes que devorariam tudo o que pudessem e que nem eles pessoalmente estavam a salvo.

Em semelhantes circunstâncias trataram os colonos de empurrar seus inimigos para o lado mais remoto da ilha, a sudoeste, a fim de que, se outros selvagens desembarcassem, não pudessem encontrar os demais. Em seguida resolveram caçá-los diariamente, fatigá-los e matar tantos quanto pudessem, até reduzir seu número. Depois decidiram que, se fosse possível fazê-los prisioneiros e comunicar-se com eles, lhes dariam trigo e os ensinariam a plantar para que vivessem de seu trabalho.

Com essa resolução, começaram a persegui-los e os amedrontaram de tal forma com o ruído das armas que, alguns dias depois, se um colono descarregasse o mosquete diante de um selvagem, e não o ferisse, só o medo o faria cair ao chão. Foi tão grande o terror dos indígenas que se afastaram o mais que puderam, mas mesmo assim os nossos não cessaram de persegui-los e matar alguns todos os dias. Tiveram então de ocultar-se na floresta e nas cavernas, onde se viram reduzidos aos maiores apuros pela falta de víveres. Muitos foram achados mortos nas matas, sem nenhum ferimento, pelo que se deduziu que haviam perecido de inanição.

Quando os nossos descobriram aqueles cadáveres, sentiram muita pena, e mais do que ninguém o governador espanhol, o mais nobre e generoso dos homens que já conheci. Propôs este que se apanhasse, sendo possível, um selvagem vivo, e lhe comunicasse as intenções que tinham os colonos, para que ele as transmitisse aos companheiros, de onde poderia surgir um acordo que lhes assegurasse a vida e devolvesse à colônia sua antiga tranquilidade.

Decorreu algum tempo até que pudessem lançar mão de um indígena vivo. Afinal, como estavam extenuados e meio mortos de fome, um deles foi surpreendido e feito prisioneiro. A princípio esteve muito assustado, não querendo nem comer nem beber. Aos poucos, vendo que o tratavam com doçura e lhe davam alimentos, ficou menos arisco e acabou ficando manso. Levaram-no ao velho pai de Sexta-Feira, com quem conversava com

frequência, no intuito de lhes mostrar as boas intenções de que estavam animados os colonos com relação a eles; que não só lhes seria conservada a vida, como até lhes indicariam uma parte da ilha onde vivessem tranquilamente, dentro de seus limites, sem deles sair para causar prejuízos à colônia; finalmente que lhes seria dado pão para sua subsistência presente e grãos para semear e fazer pão nos dias futuros. A seguir lhes disseram que seria de toda conveniência que ele fosse em pessoa procurar os companheiros e lhes participasse os ditos propósitos. Deveriam responder imediatamente se convinham tais ofertas, ficando entendido, para seu governo, que, se não as aceitassem logo, seriam totalmente destruídos.

Os infelizes, completamente abatidos e reduzidos a 37 homens, acederam à nossa proposta desde o primeiro instante e suplicaram encarecidamente que se lhes desse algum alimento. Em vista disso, doze espanhóis e dois ingleses completamente armados, acompanhados de três escravos e do pai de Sexta-Feira, dirigiram-se ao local onde se achavam os indígenas. Os três escravos levavam suficiente quantidade de pão, arroz cozido em tortas e seco ao sol e três cabras vivas. Ordenaram aos índios que se colocassem na encosta de uma colina, onde se sentaram ao chão e comeram aquelas provisões, manifestando-se imensamente reconhecidos. E pouco a pouco foram-se acostumando ao seu novo estado até chegar a ser, mais tarde, a gente mais fiel à sua palavra. A não ser nas ocasiões em que iam pedir víveres e instruções, nunca transpunham seus limites. Viviam ainda no mesmo lugar quando eu cheguei à ilha pela segunda vez e fui visitá-los. Ensinarão-nos a semear, a fazer pão, a criar cabras e a ordenhar. A única coisa que lhes faltava eram mulheres, para que depressa chegassem a formar uma nação. Estavam confinados numa estreita faixa de terra, tendo atrás dois elevados penhascos e pela frente uma grande planície que descia até o mar, no extremo sudeste da ilha. O terreno era bom e fértil e mais do que suficiente para todos eles. Ocupava um espaço de milha e meia de largura por quatro de comprimento.

Os colonos tinham lhes ensinado a fabricar enxadas de madeira e haviam distribuído doze machadinhas e três ou quatro facões. Enfim, haviam se transformado em homens submissos e inofensivos.

Desde aquela época até o meu regresso, que foi dois anos depois, os índios deixaram a colônia na mais perfeita tranquilidade. E isso não porque deixassem de chegar de quando em quando algumas canoas deles para celebrar seus abomináveis banquetes. Como eram de outras nações e talvez

nunca tivessem ouvido falar dos que tinham lutado com os colonos, nem do motivo que os havia levado ali, não se preocupavam em fazer pesquisa alguma para encontrá-los. Se o tivessem experimentado, muito difícil havia de ser achá-los.

Parece-me que fiz até agora uma narração completa de quanto sucedeu aos colonos durante minha ausência, pelo menos o que houve de mais notável. Tinham civilizado extraordinariamente os índios, ou selvagens, e iam visitá-los com frequência. Tinham-lhes, todavia, proibido sob pena de morte de ir a sua moradia, receosos de que lhes fizessem alguma traição. É preciso chamar a atenção para uma coisa admirável. É que, tendo aprendido com os nossos a confeccionar balaios e outros trabalhos de cesteiro, os selvagens em pouco tempo superaram os seus mestres. Fizeram uma multidão de objetos muito delicados e engenhosos, tais como cestas de toda espécie, peneiras, gaiolas para pássaros, guarda-sóis etc., assim como poltronas, tamboretas, ramas, divãs e ainda uma diversidade de tipos de trabalhos do gênero, que executavam com extrema delicadeza e de maneira inigualável.

Minha chegada foi-lhes grandemente útil porque distribuí com eles facões, tesouras, pás, enxadas, enxadões e todos os utensílios que lhes podiam ser necessários.

Com a ajuda dessas ferramentas começaram a construir choças ou casas de vime perfeitamente aparelhado e polido. Eram, na verdade, obras-primas de indústria, de aspecto original e muito adequadas contra o calor e toda casta de insetos. Nosso povo estava tão encantado com esse trabalho que foram buscar os selvagens para lhes fazer a mesma coisa. Assim, quando fui em visita à plantação dos ingleses, tive de longe a impressão de que moravam em colmeias como as abelhas. A de Will Atkins, que chegara a ser um homem extremamente engenhoso, trabalhador e metódico, era a coisa mais curiosa, em minha opinião, que se poderia ver. Fez-se uma forja com dois foles de madeira para atizar o fogo, fabricou o próprio carvão necessário ao trabalho e construiu com uma alavanca de ferro uma bigorna bastante útil e, de posse de todo esse material, pôde fabricar uma multidão de objetos, como espátulas, ganchos, chapas, cavilhas, ferrolhos e gonzos.

Creio eu que nunca se viu tanto vime reunido e tão bem trabalhado como naquela casa, ou tenda.

Naquela grande colmeia alojavam-se três famílias: a de Will Atkins, a de um seu companheiro e a mulher do camarada morto, de quem ficaram três filhos. Os dois patrícios de seu esposo continuaram a dar-lhe sua parte no

resultado dos bens comuns, isto é, do trigo, leite e uvas. Quando matavam alguma cabra ou achavam uma tartaruga na praia, entregavam-lhe porção igual às dos demais. Viviam juntos bastante bem, embora não fossem tão laboriosos como os outros dois, como já fiz ver.

Uma coisa, no entanto, não devo passar por alto: entre eles não havia discussão sobre matéria religiosa. Lembravam-se frequentemente, tanto um como outro, de que havia um Deus, mas isso quando praguejavam ou ofendiam o seu santo nome, como acontece com a gente do mar. Tampouco suas mulheres eram religiosas. As pobres índias não se instruíram mais por haverem casado com cristãos (se tal nome se podia dar-lhes), pois os maridos eram por demais ignorantes com relação às coisas sagradas, para tratar desses assuntos com suas mulheres ou lhes falar sobre religião.

A maior vantagem que tinham obtido deles era ter aprendido a falar bastante bem o inglês. E a maior parte de seus filhos, aproximadamente uns vinte, aprendiam do mesmo jeito a compreender-se em inglês desde que começavam a balbuciar, embora no princípio não fizessem senão estropiá-lo tal qual como as mães. O maior dos meninos não tinha ainda seis anos quando cheguei, porque fazia pouco mais de sete que os ingleses tinham levado as cinco mulheres para a ilha. Todas, porém, tinham tido filhos. Como mães de família eram metódicas, tranquilas, trabalhadoras, honestas e decentes, prestativas entre si, obedientes e submissas aos seus senhores (não se pode dizer seus maridos). Faltava-lhes apenas conhecer a religião cristã e casar-se legitimamente como afinal ocorreu, graças a mim, ou pelo menos em consequência de minha visita à ilha.

Depois de haver contado o que concerne à colônia em geral, e muito particularmente aos renegados ingleses, devo dizer algo sobre os espanhóis que constituíam o principal núcleo da família e em cuja história há também alguns antecedentes dignos de nota.

Tive com eles numerosas conversas sobre a situação em que se tinham encontrado quando viviam com os selvagens. Confessaram-me francamente que era muito difícil tirar partido de sua inteligência ou de seu engenho. Eram um punhado de homens inermes e miseráveis e, embora houvessem tido à mão os meios de melhorar sua sorte, lhes teria faltado energia para aplicá-los. Não lhes restava, portanto, outra perspectiva senão a de morrer de fome. Um deles, homem grave e sensato, achava-se convencido, conforme me disse, de que haviam procedido erradamente, porque homens que raciocinam não deviam abandonar-se à desgraça, mas servir-se sempre da razão para suportar

o mal presente e preparar-se para um futuro melhor.

— O abatimento — acrescentou — é a paixão mais insensata e estéril do mundo, pois que em geral só se atém ao passado, que é irrevogável e sem remédio, e não se ocupa do porvir, nem faz nada para procurar o que poderia conduzir-nos à salvação, o que aumenta ainda mais nosso infortúnio, em vez de remediá-lo.

A propósito dessas reflexões citou-me um provérbio espanhol que, se bem não possa repeti-lo com as mesmas palavras, me recordo tê-lo transformado num provérbio inglês, de minha lavra:

“Num apuro, pensar no apuro
é dobrar o seu apuro.”

Falou-me a seguir nos melhoramentos que eu tinha levado a termo na minha solidão, no meu infatigável zelo (como ele dizia), graças ao qual minha situação, no princípio muito pior do que a sua, havia chegado a ser mil vezes mais ditosa do que a por eles agora desfrutada, apesar de estarem todos reunidos. Disse-me que era admirável que os ingleses tivessem mais presença de espírito em suas adversidades do que qualquer outra criatura entre todas as que tinha conhecido. Sua infortunada nação, dizia, e a dos portugueses, eram as piores do mundo para lutar contra os reveses da sorte, pois suas primeiras medidas quando estavam em perigo eram sempre desesperar-se e entregar-se à morte, sem estimular o pensamento e procurar um remédio apropriado para evitar o perigo.

Pintaram-me, do modo mais afetuoso, seu alvoroço e surpresa com o regresso do seu salvador e companheiro de desterro e desventuras, que haviam julgado comido pelas feras ou pelos canibais. Sua admiração cresceu quando deu-lhes conta de sua missão e lhes manifestou que havia nas proximidades um cristão cheio de humanidade e com bastante poder para

salvá-los.

Falaram-me do pasmo que lhes causaram os socorros que lhes levava, principalmente as bolachas, coisa que não tinham visto desde sua chegada àquelas miseráveis paragens. Tinham feito o sinal da cruz sobre esse comestível, que para eles era enviado do céu, e que, depois de comê-lo com as demais provisões, seu ânimo tinha-se refeito. Quiseram sobretudo descrever-me sua dita alegria ao ver uma embarcação e pilotos dispostos a conduzi-los às terras de onde tinham vindo os socorros, mas lhes fora impossível achar palavras para exprimir seu contentamento. Tinha sido tão excessivo que chegaram a praticar extravagâncias inconcebíveis. Limitaram-se a dizer-me que seus arroubos chegavam às raias do frenesi, sem poder dar livre curso a suas emoções, que em cada um haviam produzido efeitos bem diversos. Uns, por causa da alegria, derramavam copiosas lágrimas. Outros davam a impressão de que tinham perdido o juízo. E finalmente houve os que desmaiaram.

Essa descrição comoveu-me ao extremo e fez lembrar os transportes de Sexta-Feira quando tornou a ver seu pai; os daqueles infelizes que eu recolhera no alto-mar depois do incêndio do navio em que iam; a alegria do capitão quando se viu salvo no próprio local que julgava seu túmulo; e meu gozo indizível quando, depois de 28 anos de confinamento, encontrei um barco à minha disposição para conduzir-me a minha pátria. Todas essas recordações aumentaram o interesse com que escutava o relato daquelas pobres criaturas, o qual tão de perto falava ao meu coração.

Já que está traçado o quadro da situação em que achei os meus colonos, devo falar no mais importante que fiz em favor deles e da situação em que ficaram quando os deixei de novo. Sua opinião, tal como a minha, era a de que a ilha não tornaria a ser incomodada pelos indígenas. Aliás achavam-se em condições de repeli-los, mesmo que viessem duas vezes mais do que antes, de maneira que, a tal respeito, desapareceram completamente nossas apreensões.

Tive uma demorada entrevista com o espanhol a quem chamo de governador sobre o estabelecimento dos colonos na ilha, porque eu não fora ali com a intenção de trazer comigo a nenhum deles. Com efeito teria sido de pouca equidade carregar uns e deixar outros, os quais ficariam de muito má vontade se vissem diminuído seu poderio.

Demais, levei a seu conhecimento que tinha ido para estabelecê-los definitivamente naquela região e não para tirá-los dali. Mostrei-lhes os

auxílios de toda espécie que lhes levava, fazendo ver que tivera uma despesa extraordinária, tanto para garantir seu bem-estar quanto sua defesa. Disse-lhes também que havia embarcado muitas pessoas, não só para aumentar a colônia, como para ajudá-los, na qualidade de artífices, com suas diversas indústrias, provendo-os dos objetos de que necessitassem.

Estavam todos reunidos quando expus o que acabo de referir, e, antes de fazer a entrega do que lhes havia trazido, perguntei a cada um em particular se tinha esquecido seus antigos rancores, se queria reconciliar-se de coração e jurar-se mutuamente amizade e união tão útil para todos e se estas não seriam perturbadas por invejas e discórdias de nenhuma espécie.

Will Atkins, com muito espírito e franqueza, replicou haver tido muitos perigos que arrostar para já não serem prudentes e inimigos demais a combater para ainda não saberem que deviam ser bons amigos. Por sua parte desejava viver e morrer com seus companheiros e que, longe de ter más intenções para com os espanhóis, confessava que tudo quanto lhe haviam feito, ele o tinha merecido pelas provocações de seu mau caráter. Ele, em seu lugar, teria feito o mesmo ou talvez pior. Acrescentou que, se eu o exigisse, lhes pediria perdão por todas as loucuras e brutalidades praticadas. Estava desejoso de viver com eles na mais perfeita amizade e solidariedade e faria tudo que estivesse em suas mãos para convencê-los do que estava dizendo. Declarou, finalmente, que com relação a voltar à Inglaterra, pouco se lhe dava não ir lá durante vinte anos.

Os espanhóis, de seu lado, manifestaram que, em verdade, haviam no começo desarmado e expulsado Will Atkins e seus camaradas, obrigados por seu mau procedimento, conforme já tinham me contado, e que apelavam para mim para decidir se teriam podido proceder de outro modo. Entretanto, Will Atkins se portara com tal afinco no combate aos índios e em outras muitas ocasiões depois mostrara-se tão fiel, tão interessado pelo bem geral da colônia que haviam esquecido o passado e o consideravam credor da mesma amizade tida aos demais, razão por que até as armas lhe foram devolvidas. Haviam depositado a mais absoluta confiança nele, investindo-o da mais alta função de mando, depois do governador. Reconheciam que todos eles tornaram-se credores da dita confiança por tudo que pode merecer a estima da gente de bem, e que, por último, aproveitaram a oportunidade para asseverar de todo o coração que seus interesses seriam sempre mútuos.

Após essas francas e cordiais demonstrações de amizade, marquei o dia seguinte para uma festiva celebração geral. Foi verdadeiramente esplêndida.

Fiz vir do navio o cozinheiro e seu ajudante para preparar a comida, auxiliados ainda pelo antigo ajudante de cozinha, gentilmente cedido pelos colonos. Também do navio foram desembarcados seis grandes quartos de vaca, quatro de porco e mais a poncheira e ingredientes necessários à confecção do ponche. Ofereci dez garrafas de vinho de Bordéus e dez de cerveja inglesa, bebidas que os espanhóis e os ingleses não provavam havia um sem número de anos. Só em vê-las sua alegria foi incrível.

Os espanhóis acrescentaram ao festim cinco cabritos inteiros, assados por nossos cozinheiros, três dos quais foram enviados para bordo, cuidadosamente cobertos, a fim de que a tripulação se regalasse com a carne fresca do país, enquanto que os habitantes da ilha se regalariam com a salgada, trazida da embarcação.

Depois do festim reinou o mais fraternal e geral contentamento. Fiz desembarcar o carregamento de roupa e, para evitar qualquer discussão, fui logo comunicando que havia mais do que o suficiente para todos, desejando que cada um tivesse igual quantidade de tudo o que eu trazia para vestir-se, isto é, igual quantidade quando estivesse confeccionada a roupa. Primeiro repartí o pano para fazer quatro camisas para cada colono, número que foi elevado para seis, a instância dos espanhóis. Isso era um grande consolo para eles, pois se viam privados de semelhante conforto desde tanto tempo que até se tinham esquecido do seu uso.

A seguir repartí uma espécie de tela inglesa muito fina, de que já fiz menção, dando-lhes o bastante para fazer uma veste ampla e leve, à guisa de túnica, traje fresco e cômodo, que me pareceu mais próprio para aquele clima. Ordenei que, ao ficar velha essa vestimenta, outra lhes fosse fornecida à medida das necessidades. Da mesma forma dispus quanto aos sapatos, chinelos e chapéus.

É impossível descrever o prazer e a satisfação que demonstrou aquela pobre gente ao ver meu interesse por eles e com que abundância lhes tinha dado todas as coisas indispensáveis. Chamaram-me seu pai. Afirmaram que com tal correspondente, mesmo que estivesse na parte mais remota do mundo, não teriam a menor dúvida em ficar para sempre numa ilha solitária. Todos se comprometiam a não deixar aquele rincão sem o meu consentimento.

Apresentei então o pessoal que havia levado comigo, principalmente o alfaiate, o ferreiro e os dois carpinteiros, todos operários muito necessários; mas sobretudo o meu artífice geral, só ele mais útil do que tudo o que se

pudesse imaginar.

O alfaiate, para demonstrar a todos o seu zelo, pôs sem demora mãos à obra e, para começar, com meu consentimento, cortou e costurou uma camisa para cada um. Além disso, não só ensinou as mulheres a manejar a agulha, coser, pespontar, cerzir e tudo o mais concernente ao ofício, como as fez ajudá-lo na confecção das camisas dos maridos e de todos os demais.

Quanto aos carpinteiros não é preciso falar de sua utilidade. Desmancharam todos os meus móveis toscos e incômodos e fabricaram em curtíssimo tempo uma quantidade suficiente de mesas, cadeiras, camas, armários, estantes etc.

Mas, para demonstrar-lhes como a necessidade faz bons artesãos, levei-os a ver a casa de vime de Will Atkins. Confessaram-me ambos que nunca tinham visto prova tão grande de habilidade inata, nem outra coisa mais engenhosamente e com mais regularidade construída, pelo menos no seu gênero. Um deles, depois de haver contemplado aquilo por certo tempo, voltou-se para mim e declarou:

— Este homem pode passar perfeitamente sem nós. Precisa apenas de ferramentas.

Sem demora fiz uma provisão completa de utensílios e ferramentas. A cada indivíduo dei uma enxada, uma pá e um pente de ferro para lavrar a terra, porque não usavam arado.

Dei ainda a cada estabelecimento uma pá, um enxadão, uma alavanca, um grande machado e uma serra, sempre repetindo que ao se tornarem imprestáveis tais objetos, com o uso contínuo, poderiam sem dificuldade obter outros no armazém geral, instituído por mim para esse fim. Os pregos, ganchos, escápulas, gonzos, martelos, tesouras, facas e outras miudezas, fui-lhes dando a torto e a direito, à medida que me iam pedindo. Nenhum, porém, pediu mais do que o necessário, porque teria sido uma loucura desperdiçar ou estragar fosse o que fosse. Ao ferreiro deixei duas toneladas de ferro para forjar.

O depósito de pólvora e armas estava tão abundantemente provido que dava gosto. Já podiam sair, como era meu costume, com um mosquete em cada ombro, se fosse necessário, e lutar com mil selvagens mesmo em terreno desvantajoso, pois munição não lhes havia mais de faltar.

O rapaz, cuja mãe morrera de fome desembarcou comigo, assim como sua criada, jovem modesta, bem educada, piedosa e de uma conduta tão honrada que todos falavam bem dela. Passara uma vida bem pouco agradável

em nossa companhia, porque era a única mulher existente a bordo, mas o suportara com a maior resignação. Algum tempo depois de nossa chegada à ilha, vendo tanta ordem ali, com tendências ainda a melhorar, pensaram com razão que nenhum negócio ou interesse os chamava às Índias nem os obrigava a fazer tão longa e penosa viagem. Tais considerações induziram ambos a vir pedir-me consentimento para continuarem na ilha e formarem parte do que chamavam minha família.

Jubiloso, dei a minha permissão. Foi-lhes então indicado um pequeno trecho de terra com três tendas ou cabanas de vime, no gênero da casa de Atkins, e no limite de sua plantação. Sua casa foi dividida de forma que cada qual tivesse seu quarto separado e uma tenda no centro, como um grande armazém, para guardar seus haveres e fazer-se a comida. Também os outros dois ingleses mudaram sua residência para o mesmo lugar.

Assim, pois, a ilha ficava dividida em duas colônias, a saber: a dos espanhóis, com o pai de Sexta-Feira e os primeiros escravos em minha antiga vivenda ao pé da colina, onde viviam muito a seu gosto e completamente ocultos. Não é fácil se ver em parte alguma do mundo um pequeno povoado igual e tão bem oculto no meio da floresta. Estou firmemente convencido de que um milhão de homens em vão teriam percorrido toda a ilha pelo espaço de um mês e, mesmo sabendo de antemão que ali existia uma habitação, não a teriam achado. As árvores conseguiram fazer-se tão frondosas, estavam tão juntas e entrelaçadas que não se poderia ver o “castelo” a não ser cortando-as. Exceto se descobrissem as duas estreitas veredas, por onde se podia entrar e sair, o que não era coisa tão fácil assim. Uma começava à beira do mar, numa das margens da pequena baía, e ficava mais de duzentas jardas da fortaleza. A outra só podia ser utilizada com uma escada, conforme já disse. Sobre a colina achava-se também um espesso bosque de uns quinhentos mil pés quadrados de superfície, aproximadamente, cujas árvores se haviam desenvolvido com a maior rapidez e que punha meu antigo retiro em absoluta segurança, só podendo ser alcançado por uma estreita senda entre o arvoredado, muito difícil de ser descoberta.

A outra colônia ou casario era de Will Atkins, onde existiam quatro famílias inglesas: os ingleses que eu havia deixado, suas mulheres e filhos, com três índios escravos; a viúva e filhos do inglês morto em combate; o jovem e sua criada. Também viviam com eles os carpinteiros, o alfaiate e o ferreiro. Este último, como armeiro que ao mesmo tempo era, tornara-se de grande utilidade na conservação das armas. E, finalmente, o outro rapaz, por

mim chamado de João Sabe-Tudo, e que por si só valia por uma vintena de homens, pois não somente era sumamente hábil como também em extremo alegre e de bom caráter. Antes de me ir embora, deixei-o casado com a virtuosa criada que viera conosco a bordo.

Já que falei em matrimônio, há de me permitir o leitor uma pequena digressão, para dizer alguma coisa do sacerdote francês, um dos passageiros do navio incendiado. Era o tal abade católico, apostólico, romano, e por isso mesmo receio ferir os sentimentos religiosos de algumas pessoas demasiado suscetíveis e escrupulosas ao falar em termos elogiosos de um homem que, para apresentá-lo em seu verdadeiro aspecto e como na realidade era, devo descrevê-lo com palavras que talvez não agradem muito aos protestantes. Isso porque em primeiro lugar era papista, em segundo sacerdote papista, e em terceiro sacerdote papista francês.

No entanto, obriga-me a justiça a estampar aqui seu verdadeiro caráter, por isso não posso deixar de dizer que era um homem refletido, modesto, sóbrio, piedoso, de costumes irrepreensíveis e de uma conduta exemplaríssima. Quem se atreverá a vituperar-me por proclamar o mérito de semelhante homem, não obstante pertencer a outra comunhão religiosa, e embora eu seja de opinião, como alguns que lerão estas páginas, que ele laborava em erro?

Desde o momento em que comecei a conversar com ele, quando me falou em acompanhar-me às Índias Orientais, achei imenso prazer em nossas palestras. Desde logo falou sobre religião da maneira mais tolerante.

— Cavalheiro — declarou-me —, o senhor não somente salvou-me a vida, depois de Deus (aqui fez o sinal da cruz), como também cativou-me, deixando fazer a travessia em seu navio, dando-me acolhida com uma benevolência dispensada às pessoas mais queridas e deixando-me manifestar sinceramente as minhas ideias. Portanto, por minha sotaina pode saber a comunidade a que pertenço, assim como eu posso conhecer por sua nacionalidade a religião que o senhor professa. Considero um dever meu, e sem dúvida o é, empregar sempre meus esforços em conduzir tantas almas quantas eu possa ao conhecimento da verdade e da fé católica. Mas, como me encontro aqui porque o senhor me permitiu, vejo-me obrigado, tanto pelos seus benefícios como pelas conveniências sociais, a continuar sob sua autoridade. Portanto, não promoverei discussão alguma a respeito de religião, porque sei antecipadamente que nisso não poderíamos chegar a um acordo.

Fez-me uma descrição interessantíssima de sua vida, de muitos

acontecimentos a ela relativos e de inúmeras aventuras que lhe ocorreram no pouco tempo em que percorria o mundo. Uma coisa pareceu-me sobremaneira notável. Na última excursão que havia empreendido, viu-se forçado a mudar cinco vezes de navio, sem que nenhuma das embarcações tivesse chegado a seu destino. Sendo seu primeiro propósito dirigir-se a Martinica, tinha embarcado em Saint Malo, num barco fretado para aquela ilha. Devido ao mau tempo, teve que fazer escala em Lisboa. O navio sofrera grandes avarias. Começou a adernar na embocadura do Tejo e tiveram que aliviar a carga. Embarcou então em um navio português com destino à Madeira, pensando que ali encontraria facilmente alguma embarcação que arribasse a Martinica. O capitão do barco português, marujo bastante negligente, por erro de cálculo, rumou a Faial, onde sempre vendia vantajosamente sua carga, que consistia em grãos. Desse porto decidiu, em vez de ir para Madeira, passar pela ilha de May, a fim de carregar sal e daí seguir viagem até Terra-Nova. Assim, pois não restava outro partido ao padre católico senão prosseguir no navio, que fez uma feliz viagem até os Bancos (chama-se assim o lugar onde se efetua a pesca do bacalhau). Ali embarcara em um navio francês que se dirigia a Quebec, no Canadá, que devia zarpar em seguida para Martinica, transportando provisões àquela colônia, de forma que, afinal, contava realizar seu objetivo. Mas, chegando a Quebec, morreu o capitão, e o navio não pôde continuar a viagem. Então o pobre sacerdote embarcou para a França no navio que encontramos em chamas e cuja tripulação recolhemos.

Como me estendi talvez em demasia ao contar as aventuras do abade francês, entrarei sem demora nos assuntos referentes à ilha. O tal abade um dia veio procurar-me, porque ficara em terra conosco durante o tempo que passamos na colônia. Casualmente, naquele momento eu me preparava para visitar a habitação dos dois ingleses, que era o ponto mais distante da ilha. Ao aproximar-se, comunicou-me com a maior gravidade que havia dois ou três dias espreitava uma oportunidade para falar comigo. Esperava que a dita conversa não me desagradaria, porque lhe parecia que o que tinha a falar-me estava de acordo com meus pontos de vista gerais, no que se referia ao bem-estar de minha colônia, devendo na certa atrair as bênçãos do céu, coisa que, segundo ele, ainda faltava ali.

Como me pareceu que a tal conversa ia durar muito tempo, declarei-lhe que saía a visitar a colônia dos ingleses e que o convidava a acompanhar-me e a explicar-me suas ideias durante o caminho. Respondeu-me que iria

comigo com imenso gosto, pois queria precisamente falar-me em um assunto que dizia respeito aos ingleses. Pusemo-nos, pois, em marcha, e roguei-lhe que me falasse com a maior franqueza e liberdade possíveis.

— Em primeiro lugar, vivem aqui quatro ingleses que foram buscar mulheres entre os indígenas. Têm filhos sem estar legitimamente casados com elas, como o exigem as leis divinas e humanas, de modo que devem considerar-se amancebados, senão adúlteros. A isso o senhor objetará que não havia religioso nem sacerdote de espécie alguma, nem de religião alguma para realizar a cerimônia, nem penas, nem tinta, nem papel para lavrar-se um contrato de matrimônio e assiná-lo. Sei também que o governador espanhol lhe manifestou ter exigido deles a promessa de reparti-las de comum acordo e cada qual conservar a sua. Tudo isso, diga-se de passagem, em nada se parece com um casamento, já que não houve consentimento por parte das mulheres em serem tomadas como esposas, nem tampouco contrato entre os homens para evitar mal-entendidos. Mas, senhor, a essência do sacramento do matrimônio (como era católico romano assim o chamava) consiste não só no consentimento recíproco das partes contratantes, isto é, do marido e da mulher, mas também na obrigação legal e formal contida no contrato, que os obriga a considerar-se e reconhecer-se como tais por todo o sempre. Previne assim ao homem que se abstenha de qualquer outra mulher, sendo-lhe proibido contrair novo vínculo enquanto subsista o primeiro. Em todas as ocasiões e segundo permitam as suas posses, está obrigado a manter sua mulher e filhos. Por sua parte a mulher contrai iguais obrigações, *mutatis mutandis*.

Pois bem, senhor, esses homens podem, quando lhes aprouver ou quando se lhes apresentar uma oportunidade, abandonar as infelizes, desentender-se com os filhos, deixá-los perecer, tomar outras mulheres e novamente casar-se, ainda em vida das primeiras.

E acrescentou com calor:

— Como pode agradar a Deus semelhante licenciosidade? Do poder de Vossa Senhoria, e de ninguém mais, depende pôr-se fim a isso.

Era tão obscuro para mim o sentido de tudo aquilo que não compreendi nada, absolutamente nada. Pensei que “pôr-se fim a isso” queria dizer que eu devia separar os que se achavam unidos e não lhes permitir viver juntos por mais tempo. Respondi-lhe, por conseguinte, que não poderia fazer o que estava pedindo sob nenhum pretexto, sem expor-me a perturbar toda a ilha. Estranhou muito ao ver que tão mal o compreendia.

— Cavalheiro — retrucou ele —, não digo que os obrigue a separar-se. Longe disso, minha opinião é que devemos uni-los por meio de um casamento legal e legítimo. Como seria difícil aceitarem que os casasse segundo meus ritos, embora o matrimônio valesse a mesma coisa com relação às suas leis, creio que o casamento à sua moda possa ser tão eficaz diante de Deus quanto também válido entre os homens. Pode-se fazer, pois, um contrato escrito, firmado pelos contratantes e por todas as testemunhas presentes, e certamente tal compromisso será reconhecido como bom e válido por todas as leis da Europa.

Surpreendia-me ver naquelas palavras uma piedade tão verdadeira, um elo tão sincero, uma tão rara tolerância no que dizia respeito aos primitivos interesses de sua Igreja. Havia um ardor tão grande em salvar aquelas criaturas, às quais não estava unido por nenhum vínculo, que não pude deixar de encher-me de admiração. Verdadeiramente, nunca antes tinha visto caridade mais cristã. Refletindo sobre o que acabava de dizer quanto ao matrimônio por contrato, que eu apoiava, disse-lhe como considerava generosas e justas suas palavras. Conferenciaria com minha gente tão logo surgisse uma ocasião, mas que não compreendia, afirmei-lhe, em que razão poderiam apoiar-se para sentir escrúpulos em que fosse ele quem os casasse, pois eu sabia muito bem que o citado casamento seria na Inglaterra tão autêntico e válido quanto se tivesse sido celebrado por um ministro anglicano.

Daqui a pouco direi que fórmula combinamos para resolver o assunto. A seguir roguei-lhe que me fizesse a segunda observação, dando-lhe meus sinceros agradecimentos pela primeira advertência. Respondeu que iria expô-la com a mesma liberdade e franqueza e confiava que não a tomasse a mal.

— Seus súditos ingleses — continuou ele — vivem com essas mulheres aproximadamente há sete anos. Ensinaram-nas a falar e até a ler inglês, com o que elas demonstraram estar dotadas de inteligência e ser suscetíveis de instrução. No entanto, até o presente nada se lhes ensinou sobre a religião cristã e as pobres coitadas não sabem sequer que há um Deus, um culto, nem de que modo se lhes serve. Enfim, nem sequer lhes foi dito que sua própria religião é falsa e absurda idolatria.

“Portanto, cavalheiro, embora nós dois professemos religiões diferentes, não deveremos procurar que os servos do diabo se iniciem nos princípios gerais da religião cristã, de forma que possam ao menos adquirir algumas noções de um Deus e de um Redentor, da ressurreição da carne e de uma vida

futura, coisas em que ambos acreditamos? Quando mais não fosse, haveriam de estar muito mais perto da verdadeira Igreja do que estão agora professando publicamente a idolatria e a adoração de Satanás.”

— Mas o que posso fazer agora? O senhor bem sabe que vou partir dentro de poucos dias.

— Permita que eu fale a essa pobre gente?

— Sim, de todo o coração — repliquei —, e os obrigarei a ouvir atentamente o que o senhor disser.

— Com relação a isso devemos implorar a graça de Jesus Cristo. O dever de Vossa Senhoria é socorrê-los, nutri-los e instruí-los. Se me permite falar, e se Deus se dignar a abençoar meus esforços, julgo que conseguirei fazer essas pobres almas ignorantes ingressarem no seio do cristianismo. E isso poderá suceder antes de sua partida.

Depois de ouvir isso, eu lhe disse:

— Não somente dou licença, como acrescento os meus agradecimentos.

Em lugar adequado mencionarei as consequências dessa nossa conversa.

Interroguei-o então sobre o terceiro ponto e discutimos seus prós e contras.

— Quanto a isso — disse ele —, é uma continuação da matéria anterior e continuarei, se me permitir, usando da mesma sinceridade. Refletindo, vejo que esses pobres índios são, se assim se pode dizer, seus vassalos por direito de conquista. Há uma máxima, senhor, que é, ou devia ser admitida entre os cristãos de todas as seitas, e essa máxima é a de que a fé cristã deve ser propagada por todos os meios e em todas as ocasiões possíveis. Tendo em conta esse princípio, nossa Igreja envia missionários à Pérsia, às Índias, à China, e os membros de nossa Igreja mais elevados em dignidade empreendem voluntariamente as viagens mais arriscadas e aceitam as mais perigosas residências entre povos bárbaros e ferozes, com o fito de inculcar-lhes o conhecimento do verdadeiro Deus e desse modo prepará-los a abraçar a fé cristã. Portanto, aqui se oferece, senhor, uma bela ocasião de converter 36 ou 37 selvagens idólatras e dar-lhes a conhecer seu Criador e Redentor, e admira-me que Vossa Senhoria deixe escapar a oportunidade de praticar tão boa obra, digna em verdade de que um homem lhe consagre sua vida inteira.

Fiquei mudo, confuso, sem poder pronunciar uma só palavra. Quaisquer que fossem os princípios particulares que animavam aquele jovem e piedoso sacerdote, o fervor verdadeiramente cristão para com Deus e sua religião acabava de se manifestar a meus olhos.

Percebeu a minha perturbação e acrescentou com ar muito sério:

— Sinto muito, senhor, se o ofendi com o que acabo de dizer.

— Não, não! — repliquei. — Se estivesse irritado seria comigo mesmo. Estou confuso, não só por não ter pensado nada relativamente a este assunto, como também por ver quão pouco adianta pensar agora. Bem sabe, reverendo — continuei —, em que circunstâncias me encontro. Devo partir para as Índias Orientais em um navio fretado por negociantes e cometeria para com eles uma verdadeira extorsão se detivesse este barco aqui por muito tempo, mormente estando a tripulação alimentada e paga pelos armadores. Para dizer a verdade, combinei ficar aqui doze dias e, caso permanecesse mais, deveria pagar três libras esterlinas diárias pelo tempo de atraso. Mas faço o maior empenho em não retardar minha estada além de uma semana. Já lá vão treze dias que aqui estou, não podendo, pois, dedicar-me a essa tarefa, salvo se resolver ficar aqui. E, se por desgraça acontece alguma coisa ao navio durante sua viagem, tornaria a me encontrar exatamente na mesma situação em que me vi de outra feita neste lugar e da qual tão providencialmente me livrei.

Concordou em que os compromissos de minha viagem complicavam o caso, mas apelou para minha consciência a fim de decidir se a felicidade de salvar 37 almas não merecia que eu expusesse tudo quanto possuía neste mundo.

Eu não estava tão compenetrado desse dever quanto ele.

— De fato, senhor — repliquei —, é muito glorioso ser o instrumento da conversão de 37 pagãos à religião de Cristo. Como o senhor é eclesiástico e se dedica a esta tarefa, que sem dúvida alguma pertence ao seu estado, por que é que, em lugar de exortar-me, não me propõe levá-la a cabo Vossa Reverência em pessoa?

Ao ouvir tais palavras, pronunciadas enquanto caminhávamos, ele se postou repentinamente diante de mim e, fazendo-me uma profunda reverência, disse:

— Dou graças a Deus e a Vossa Senhoria, cavalheiro, do mais fundo de meu coração, por ver-me chamado de maneira tão clara a um empreendimento tão santo. E, já que o senhor dela se inibe e inveja ver-me aceitá-la, concordo de muito boa vontade e considero como uma valiosa recompensa aos perigos e dificuldades de minha viagem, tantas vezes interrompida, o aplicar-me em uma obra tão gloriosa.

Enquanto falava, notei que parecia estar em êxtase, de olhos brilhantes, o rosto a mudar de cor, como se sentisse violenta emoção. Estava radiante de

alegria.

— Sim, meu caro senhor — prosseguiu —, darei graças a Jesus Cristo e à Virgem Santíssima todos os dias de minha vida, se puder ser o humilde e venturoso instrumento de redenção para essas pobres almas, embora nunca deva pôr os pés fora desta ilha nem tornar a ver o meu país natal. Mas, já que me dá a honra de confiar este grato empreendimento, motivo pelo qual pedirei a Deus por Vossa Senhoria todos os dias de minha vida, tenho uma humilde súplica a lhe fazer.

— Diga o que é.

— Que deixe comigo seu criado Sexta-Feira para que me ajude como intérprete, porque sem ele não poderia nem falar aos selvagens, nem fazer-me compreendido por eles.

Diante de tal pedido fiquei preocupado, porque não podia pensar em separar-me de Sexta-Feira por muitas razões. Fora companheiro de minhas viagens. Não só me era fiel, mas sua dedicação não conhecia limites, razão por que estava decidido a fazer tudo que pudesse por ele, se me sobrevivesse, como era mais do que provável. Além disso, fizera de Sexta-Feira um verdadeiro protestante e lhe teria trazido uma confusão tremenda ao espírito fazê-lo agora intermediário na catequese dos índios a outra religião. Jamais teria querido acreditar, por muito que lhe quisessem abrir os olhos, que seu antigo senhor era um herege e seria condenado ao fogo eterno, e semelhante ideia poderia quebrantar-lhe sua nova fé e fazê-lo cair novamente em sua idolatria primitiva.

Contudo, nesse dilema, ocorreu-me uma ideia repentina e disse a meu jovem amigo sacerdote que não podia sem pesar separar-me de Sexta-Feira, fosse qual fosse o motivo, embora uma obra que ele julgava mais preciosa do que sua própria vida a mim não parecesse de mais importância do que a presença ou a separação de um fiel servidor. Declarei ainda que estava também plenamente convencido de que Sexta-Feira não desejaria tampouco deixar-me e que não poderia obrigá-lo à força, tendo-lhe prometido não abandoná-lo nunca, do mesmo modo que ele se comprometera a não se afastar de mim, salvo se fosse despedido.

O sacerdote ficou perplexo, porque todo o acesso à inteligência dos indígenas desaparecera, já que não compreendia uma só palavra de seu idioma, nem por outro lado tinha meios de fazer-se entender.

Para obviar essa dificuldade, disse-lhe que o pai de Sexta-Feira havia aprendido o espanhol e, como ele também entendia essa língua, aquele

indígena poderia servir-lhe de intérprete. A notícia o animou muito e, desde aquele momento, nada pôde fazê-lo mudar de resolução. A Providência, porém, deu a tudo aquilo uma solução bem diversa e muito mais feliz.

Entretanto, refiramo-nos à primeira parte das objeções do jovem sacerdote. Logo que chegamos à residência dos ingleses, reuni-os todos. Depois de lhes haver recordado o que fizera por eles, de quantas coisas necessárias os havia munido e equipado, razão pela qual se mostravam tão afetuosos e agradecidos, lhes falei na vida escandalosa que levavam, valendo-me das mesmas palavras que escutara dos lábios do abade francês. A seguir fiz-lhes compreender quão irreligiosa e pouco cristã era sua vida e lhes perguntei se na Inglaterra tinham mulheres ou eram solteiros. Responderam francamente à minha pergunta e declararam dois deles que eram viúvos e os outros três, solteiros. Pedi então que me dissessem como podiam viver em sã consciência com as mulheres, chamá-las suas esposas e ter filhos delas sem se acharem legitimamente casados.

Responderam-me, tal como eu esperava, que não tinham tido quem os casasse. Haviam-se comprometido diante do governador a tomar aquelas mulheres por esposas e tratá-las e considerá-las como tais, e achavam, dadas as circunstâncias especiais em que se encontravam, estar tão legitimamente casados como se o tivessem sido pela Igreja com todas as formalidades.

Eu então lhes disse que sem a menor dúvida estavam casados aos olhos de Deus e obrigados em sã consciência a não abandonar nunca suas mulheres. Como tal obrigação era puramente moral e não tinha força legal nenhuma, poderiam mais tarde deixar aquelas infelizes, do mesmo modo que os filhos. E se as abandonassem em semelhante situação, achando-se sós, sem amigos e sem recursos, não teriam nenhum meio de fazer valer seus direitos. Em vista de tudo isso, disse-lhes, eu não poderia fazer nada por eles enquanto não estivesse certo da honradez de suas intenções. Se não me prometiam casar-se com aquelas mulheres, não me parecia conveniente levar com elas vida conjugal, porque isso seria ao mesmo tempo pedra de escândalo para os homens e uma ofensa a Deus, de quem não deviam esperar proteção caso se obstinassem naquela vida escandalosa.

Tudo se passou como eu imaginara. Responderam-me, e principalmente Will Atkins, que parecia representar todos os outros, que queriam a suas esposas tanto como se fossem patrícias suas e não as abandonariam sob pretexto algum. Tinham sincera convicção de que suas mulheres eram tão virtuosas, honestas e trabalhadoras quanto as melhores do mundo e que por

nenhum motivo desejavam separar-se delas. Acrescentou Will Atkins que, de sua parte, se alguém se oferecesse levá-lo para a Inglaterra e fazê-lo capitão do melhor navio desta terra não aceitaria, se não lhe permitissem levar consigo a esposa e os filhos. E se houvesse algum eclesiástico a bordo se casaria imediatamente com o maior gosto.

Era precisamente isso o que eu esperava. O padre não se achava ali naquele momento, mas não devia estar longe. Então disse a Atkins, a fim de o pôr a prova, que viera comigo um eclesiástico e, se falava com sinceridade, iríamos casá-lo no dia seguinte. Pedi que refletisse bem e consultasse os outros companheiros. Respondeu que, quanto a ele, não tinha necessidade de refletir, pois estava disposto a casar-se e muito se alegrava por haver um ministro do culto em minha companhia. Ajuntou que acreditava pensarem todos os demais da mesma maneira. Disse-lhe então que meu amigo sacerdote era francês e não sabia o inglês, mas que eu faria o papel de intérprete.

Atkins nem sequer indagou se o ministro era católico ou protestante, justamente o que eu mais receava.

Depois disso nos separamos, eu para reunir-me ao religioso beneditino e ele para entrevistar-se com os seus amigos. Supliquei ao missionário que não lhes falasse coisa alguma até estarem todas as coisas preparadas e deixei-o a par do que me haviam respondido.

Não tínhamos ainda saído dos limites de suas terras quando vieram no meu encalço para dizer-me que tinham refletido sobre a minha proposta e que estavam muito contentes em saber que viera em minha companhia um ministro de Deus. Estavam dispostos a dar-me a satisfação que desejava e casar-se quando fosse do meu agrado. Estavam, pois, muito longe de querer separar-se de suas mulheres, pois suas intenções para com elas foram sempre as mais honradas desde o momento em que as escolheram. Marquei-lhes o dia seguinte, pela manhã. Nesse ínterim puseram as mulheres ao corrente das leis do matrimônio: explicaram-lhes que não só desse modo evitavam o escândalo, como também ficavam os maridos impedidos de as abandonar sob qualquer circunstância.

As mulheres logo compreenderam a finalidade da cerimônia e muito se regozijaram.

Na manhã do outro dia, reuniram-se todos em minha habitação e apresentei-os ao abade. O sacerdote não se trajava como um ministro anglicano, nem tampouco usava a sotaina dos clérigos franceses, mas uma

espécie de hábito negro talar, apertado à cintura por uma faixa preta, que lhe dava o aspecto de pastor protestante. Não podia falar àquela gente sem se servir de mim como intérprete, mas a dignidade de suas maneiras e o escrúpulo que manifestou de casar as mulheres que não eram batizadas e não professavam a religião cristã inspiraram profundo respeito aos meus compatriotas, a ponto de não julgarem necessário inquirir se ele era ou não eclesiástico.

Tive realmente medo que levasse tão longe seus escrúpulos até não querer celebrar o casamento: de fato assim sucedeu. Rebatia modestamente, mas com firmeza, tudo quanto lhe disse e, por fim, negou-se terminantemente a casá-los antes de instruir aqueles homens e mulheres. Fiz a princípio alguma resistência, mas acabei cedendo de bom grado, ao reconhecer a nobreza de suas intenções.

— Suspeito — continuou ele — que os senhores, que se dizem cristãos, não praticam a religião. Possuem conhecimentos elementares de Deus e de seus desígnios; por conseguinte, é de supor-se que não hajam dito às suas esposas grandes coisas sobre o assunto. Portanto, se não me prometerem envidar junto às suas mulheres todos os esforços necessários para conseguir torná-las cristãs e instruí-las na medida do possível, no conhecimento da fé em Deus, seu Criador, e na adoração de Jesus Cristo, seu Redentor, não me será possível casá-los. Sim, porque não tenho poder para unir cristãos com selvagens, o que não só está em desacordo com os princípios de nossa religião, como vem expressamente proibido na lei de Deus.

Ouviram tudo isso com a maior atenção, à medida que eu lhes ia transmitindo fielmente as palavras do sacerdote, acrescentando apenas algumas observações de quando em quando para lhes fazer ver quanta razão ele tinha e que eu era do mesmo parecer. Mas tive sempre todo cuidado em distinguir fielmente as minhas palavras das do sacerdote.

Responderam-me que o que dizia o abade era perfeitamente exato; que, de fato, eles não passavam de cristãos muito indiferentes e que nunca tinham tratado de falar às suas mulheres uma só palavra de religião.

— Meu Deus! — exclamou Atkins. — Mas como, senhor, poderíamos ter-lhes ensinado a religião se nós mesmos tanto a ignoramos? Se lhes houvéssemos falado em Deus e em Jesus Cristo, no céu e no inferno, certamente teriam rido de nós e nos perguntariam se acreditávamos nisso que queríamos que elas acreditassem. E se lhes respondêssemos que sim, por exemplo, que os bons vão para o céu e os maus para o inferno, quereriam

saber para onde tínhamos intenção de ir, se acreditando em tudo isso, éramos tão maus. Certamente, senhor, as teríamos feito duvidar da religião desde as primeiras palavras, mormente por não saber explicar aos argumentos que nos fizessem, por carência de ideias e de instrução religiosa. É necessário, para ensinar religião aos outros, a gente mesma senti-la e estar completamente integrado nela.

— Will Atkins — repliquei —, tenho para mim que o que o senhor acaba de dizer é absolutamente certo. Contudo, não poderá mostrar à sua esposa, imersa no erro, que há um Deus e uma religião melhor que a dela? Que seus deuses são ídolos incapazes de entender-nos e falar-nos? Que existe um grande Ser criador de todas as coisas, que pode destruir tudo quanto criou? Que premia os bons e castiga os maus? E que, finalmente, nos julgará a todos, segundo nossas próprias obras? O senhor não é desprovido de inteligência, nem é tão cego, que não tome a própria vida como uma demonstração de que tudo isso é verdade, e estou certo de que assim o compreende e crê.

— É certo, senhor — respondeu Atkins. — Mas com que cara me apresentarei à minha mulher para lhe dizer tudo isso? Imediatamente me responderá que não pode ser, que não é verdade.

— Como?! — exclamei. — Que quer dizer com isso?

— Oh! Sim, senhor! Dirá para mim que não é verdade ser esse Deus, do qual lhe falei, justo, castigando e recompensando, pois que não castigou a mim que fui tão mau, como ela mesma e os outros puderam observar; que deixa viver um homem do meu jaez, que sempre fiz o contrário daquilo que lhe disse ser o bem e daquilo que deveria ter feito.

— Realmente, Atkins, receio que você esteja com a razão.

Transmiti imediatamente as palavras de Atkins ao reverendo, que estava impaciente por conhecê-las.

— Ah! — exclamou. — Diga-lhe que o arrependimento poderá convertê-lo no melhor missionário do mundo junto de sua mulher. Ninguém pode pregar melhor a penitência do que os verdadeiros penitentes. Se ele sente um sincero arrependimento, melhor do que ninguém é capaz de instruir a esposa.

Repeti-o a Atkins, que me escutou com muita atenção e parecia muito afetado. Pediu que adiasse o resto da conversa para um pouco mais tarde, porque me disse que ia falar com a mulher. Com efeito, saiu por alguns instantes, e nossa conferência continuou com os seus camaradas. Compreendi

que eram muito ignorantes em matéria de religião, como se dava comigo quando fugi da casa paterna. Mas nenhum deles escutou com indiferença o que se lhes dizia. Todos prometeram falar com suas mulheres sobre o assunto e fazer todo o possível para trazê-las ao cristianismo.

O religioso sorriu quando lhe traduzi a resposta, mas permaneceu em silêncio por alguns segundos. Afinal me disse, sacudindo a cabeça:

— Nós, como servidores de Cristo, não podemos senão instruir e exortar, e quando os homens querem voluntariamente submeter-se às nossas censuras e prometem cumprir o que lhes ordenamos, já não podemos nem devemos exigir mais. Somos obrigados a aceitar como boas suas palavras. Todavia, creia-me, senhor — prosseguiu —, apesar do que fiquei sabendo da vida passada desse homem a quem chama Will Atkins, ele é o único que me parece sinceramente arrependido. Não desconfio dos demais, mas este parecia de fato desgostoso com os seus extravios passados. Se falar de religião à sua mulher, não duvido de que aproveitará suas próprias palavras, porque ensinar aos outros é, com frequência, o melhor meio de instruir-se a si mesmo.

Concluídas essas observações, e obtida a promessa que fizeram os demais ingleses de trabalhar pela conversão de suas esposas ao cristianismo, casou sem mais delonga os três pares presentes. Will Atkins e sua mulher ainda não tinham vindo. Depois de haver esperado algum tempo, o jovem sacerdote, desejoso de verificar o que havia feito Atkins, voltou-se para mim e disse:

— Peço-lhe que saiamos daqui e vamos lá fora. Estou certo de que encontraremos a esse infeliz falando seriamente com sua mulher e tratando de inculcar-lhe algo sobre religião.

Comecei a ser da mesma opinião. Saímos, pois, e o conduzi por uma vereda, apenas por mim conhecida e mais por ninguém, cujas árvores eram tão unidas que não era fácil ver-se alguma coisa através de sua folhagem. Quando chegamos a um ponto extremo do bosque, lobriguei Will Atkins e sua esposa sentados à sombra de um arbusto e entregues a uma conversação animada. Esperei que o eclesiástico, que me seguia a curta distância, me alcançasse e, apontando-lhe o casal, ficamos muito tempo a contemplá-lo com interesse.

Percebemos que Atkins falava com muito ardor e que apontava sucessivamente o sol, as diversas partes do céu, depois a terra, a seguir o mar ao longe; finalmente a si próprio e a ela, e ainda as árvores e as plantas.

— Veja — disse-me o sacerdote —, a verdade do que lhe disse há pouco: esse homem instrui sua mulher. Neste momento lhe está certamente dizendo que Deus foi quem criou a ela e a ele, assim como fez igualmente o céu, a terra, o mar, as florestas, as árvores etc.

— Parece-me, de fato — concordei.

Em seguida vimos Atkins levantar-se, depois cair de joelhos e elevar ao céu as mãos postas. Pareceu-nos que dizia qualquer coisa, mas estávamos demasiado longe para poder ouvi-lo. Permaneceu nessa atitude meio minuto; depois tornou a sentar-se ao lado de sua mulher e começou a falar de novo. Notamos que a pobre índia estava muito atenta, mas não pudemos saber se lhe respondia. Quando o contrito Atkins se ajoelhou, vi que as lágrimas corriam em abundância pelas faces do sacerdote e eu mal pude conter as minhas. Ambos sentíamos grande aflição por não conseguir escutar o que diziam.

Mas não ousávamos nos aproximar com receio de perturbá-los. Resolvemos aguardar o término daquela cena, muda para nós, se bem que altamente significativa. Conforme acabei de dizer, Atkins tornara a sentar-se ao pé de sua mulher e lhe falava com emoção. Vimos que por duas ou três vezes a abraçava carinhosamente e, em certa altura, tirou o lenço para enxugar as lágrimas da companheira. Depois beijou-a com uma paixão pouco comum, ergueu-se de um salto, estendeu as mãos para auxiliar a mulher a fazer o mesmo e, conduzindo-a a alguns passos dali, ajoelharam-se os dois ao mesmo tempo e permaneceram nessa atitude cerca de dois minutos.

Depois que se levantaram, vimos que Atkins dirigia a palavra à sua mulher com maior entusiasmo ainda, e conjecturamos por seus gestos que ela estava profundamente comovida com as palavras do esposo. Erguia com frequência as mãos para o céu, colocava uma delas sobre o coração e tomava enfim as atitudes que denotam a mais séria atenção. Isso durou mais ou menos um quarto de hora, após o que se afastaram e os perdemos de vista.

Confessei ao cura que, na verdade, estava admirado de tudo o que acabávamos de ver, pois, embora eu fosse um tanto céptico em semelhantes casos, começava a crer que marido e mulher agiam com sinceridade, apesar de sua ignorância, e que aquele começo me fazia esperar uma feliz conclusão.

— E quem sabe — continuei — se estes dois poderão, com o tempo, com seus conselhos e com um exemplo edificante, influir no espírito de alguns outros?

— De alguns outros! — exclamou, virando-se repentinamente para mim.

— Diga no que de todos os outros, creia-me. Se estes dois selvagens, porque Atkins não o é menos do que sua mulher, depois do que me contou o senhor, se entregam a Jesus Cristo, trabalharão sem tréguas nem descanso para arrastar todos os outros, porque a verdadeira fé é naturalmente comunicativa, e aquele que algum dia chega a ser cristão não deixará nunca atrás de si nenhum pagão se tem possibilidade de salvá-lo.

Declarei que aquilo era um princípio eminentemente cristão e que manifestava um zelo verdadeiro e um coração generoso.

— Mas, meu amigo — acrescentei —, permita que lhe faça uma objeção? Nada tenho a opor ao grande e ardente interesse que demonstra pela conversão dessa pobre gente da idolatria à religião cristã. No entanto, que satisfação pode achar, já que ela não segue suas ideias nem ingressou no grêmio da Igreja católica, fora da qual, segundo sua opinião, não há salvação possível? Deve considerá-los hereges, e da mesma forma condenados, se bem que por outras razões, como os próprios pagãos.

Respondeu-me ele com grande candidez:

— Senhor, sou católico, apostólico, romano, frade beneditino e professo todos os princípios da Santa Madre Igreja Católica, Apostólica, Romana. Não obstante, se quiser acreditar em mim e pensar que isso não é para comprazê-lo nem por sujeitar-me às circunstâncias em que me acho, nem por gratidão à sua atitude para comigo, lhe confessarei francamente que não posso vê-lo sem certa simpatia e não me atreverei a dizer (embora esta seja geralmente nossa opinião) que o senhor não se pode salvar. Não posso resolver-me a limitar a misericórdia de Cristo ao ponto de supor que não possa guiá-lo ao seio de sua Igreja de maneira imperceptível para nossa inteligência e espero que o senhor tenha a mesma caridade com relação a nós.

Fiquei tão admirado ao ver a sinceridade e o caráter daquele piedoso papista quanto oprimido pela força de sua argumentação. Cheguei a pensar que, se semelhante moderação fosse universal, poderíamos ser todos cristãos católicos, qualquer que fosse nossa Igreja e nossa comunidade, e que o espírito de caridade nos conduziria logo aos mesmos princípios. Como ele era de opinião que semelhante caridade nos havia de fazer todos católicos, disse-lhe que os membros de sua Igreja, por sua vez, não demorariam a ser todos protestantes. Mas não fomos adiante no dito assunto, porque jamais entrávamos em controvérsia.

Entretanto, dando outra feição ao meu pensamento, e apertando-lhe a mão, disse:

— Meu amigo, desejaria que todo o clero da Igreja romana fosse dotado de semelhante temperança e de caridade igual à sua. Sou exatamente da mesma opinião do reverendo, mas a mim me parece que, se fosse pregar tal doutrina na Espanha ou na Itália, não se livraria das garras da Inquisição.

— Pode ser — concordou ele. — Não sei o que falam na Espanha ou na Itália, mas não creio que a severidade os faça melhores cristãos, e sobretudo estou plenamente convencido de que excesso de caridade não é heresia.

Como não tínhamos mais nada que fazer naquele local por ter-se ido embora Will Atkins e sua mulher, voltamos pelo mesmo caminho e quando chegamos estes já estavam nos esperando.

Quando demos com eles, perguntei ao clérigo se diríamos a Atkins que os tínhamos visto no bosque. Foi de parecer que não devíamos dizer nada. Era necessário primeiro ouvir o que nos tinha a dizer. Chamamo-lo à parte, e como ninguém nos atrapalhasse, entabulei com ele uma conversa pouco mais ou menos nos seguintes termos:

— Will Atkins, peço-lhe a bondade de me dizer qual foi sua educação, quem era seu pai.

— Um excelente indivíduo. Nunca poderei chegar a ser tão bom, senhor, como ele o foi. Meu pai era eclesiástico.

— Que educação lhe deu?

— Queria dar-me a melhor possível, mas eu não a aproveitei, como tampouco seus preceitos e advertências, portando-me como um bruto que era.

— Com efeito, disse Salomão: “Aquele que menoscabe e não dê importância às repreensões, assemelha-se ao irracional.”

— Sim, senhor, eu era um bruto, porque matei meu pai. Ah! em nome de Deus, não falemos mais nisso. Já lhe disse: matei meu próprio pai.

— Céus! um parricida!

O jovem religioso empalideceu e deu um passo atrás horrorizado, pois eu lhe ia traduzindo palavra por palavra o que Atkins acabava de dizer.

Pareceu-lhe que Will tinha realmente assassinado o pai.

— Não, não, senhor — tranquilizei-o. — Não é assim que se deve interpretar. Explique-nos, Will Atkins, certamente não matou o senhor seu pai com suas próprias mãos?

— Não, senhor, não lhe cortei a cabeça, mas lhe abreviei os dias e envenenei todos os seus prazeres. Magoei seu coração, pagando com a mais terrível ingratidão a conduta mais terna e afetuosa que um pai pode ter por seu filho.

— Basta, amigo. Não quis perguntar por seu pai para arrancar-lhe essa confissão. Peço a Deus que lhe conceda o arrependimento por essa falta e que o perdoe também pelos outros pecados. Só fiz a pergunta porque quero, embora sua instrução não seja grande, que não siga na ignorância como tantos outros, e que saiba da religião muito mais do que sabia até agora.

— Não foi o senhor que me arrancou a confissão que fiz ao falar em meu pai: foi a minha consciência. Quando um homem consegue lançar uma vista d'olhos à sua vida passada, as faltas cometidas contra pais indulgentes são sem dúvida as que comovem mais, as que deixam chagas mais profundas e pesam esmagadoramente em nossa alma.

— Atkins, essas palavras são demasiado fortes e ao mesmo tempo demasiado patéticas para mim, e me é impossível suportá-las.

— Por que, senhor? Estou certo de que esta angústia lhe é desconhecida.

— Não, Atkins! Cada ponto da praia, cada colina, cada árvore desta ilha foram testemunhas da agonia de minha alma com a recordação de minha ingratidão e de minha conduta culpada para com um pai tão terno e bondoso como o seu. Matei meus pais como você, Will Atkins, mas talvez o seu arrependimento tenha superado o meu.

Mais eu teria dito se pudesse dominar a minha emoção, porém a dor daquele pobre homem pareceu-me tão superior à minha que estive a ponto de terminar a conversa e retirar-me. Estava surpreendido por tudo o que tinha ouvido e pensava que, tendo ido para pregar e exortar a Will Atkins, havia encontrado nele, por singular casualidade, um pregador e um mestre para mim mesmo. Traduzi o que sentia para o jovem religioso, que se comoveu profundamente e retrucou:

— Não lhe havia predito, senhor, que, convertido esse homem, ele nos haveria de pregar a todos nós? Disse e repito, meu bom amigo, que, se ele chegar a ser um verdadeiro penitente, eu não serei necessário aqui. Ele sozinho converterá em bons cristãos todos os habitantes da ilha.

Após me haver acalmado um pouco, reatei a conversa com Will Atkins.

— Mas, Will — disse eu —, como explicar que o sentimento de suas faltas lhe tenha vindo precisamente agora?

— Foi o senhor quem me levou a uma situação graças à qual minha consciência se sentiu iluminada. Fui falar à minha mulher conforme o senhor me havia mandado. Falei-lhe de Deus, da religião, a fim de fazer dela uma cristã, e por sua vez ela me dirigiu um sermão que jamais esquecerei em toda a vida.

— Não, não! não foi sua mulher que o exortou, mas sua própria consciência, que aplicava os mesmos argumentos com que procurava convencer sua companheira.

— É verdade, senhor, e sua força era irresistível.

— Suplico-lhe, Atkins, que me conte o que se passou entre você e sua esposa, embora já saiba alguma coisa.

— Para mim seria impossível, senhor, contar exatamente como foi. Estou ainda sob o peso daquela impressão e, contudo, não acho palavras para descrevê-la. Mas, quanto ao que ela me disse, se não posso reproduzi-lo com exatidão, posso ao menos asseverar que, como consequência de suas palavras, estou resolvido a corrigir-me e a mudar de vida.

— Conte-me alguma coisa de sua conversa. Como começou, Will? Realmente era uma situação bem extraordinária. Se sua esposa produziu tal efeito em você, na certa deve ter-lhe feito um excelente sermão.

— Comecei por explicar-lhe a natureza de nossas leis sobre o casamento e as razões pelas quais o homem e a mulher estavam obrigados a estabelecer um contrato com tantas cláusulas que não podiam ser rompidas nem por um nem por outro. Do contrário não se poderiam manter nem a ordem nem a justiça, de vez que os homens abandonariam mulheres e filhos e viveriam em grande confusão, e que dessa forma as famílias não poderiam manter-se unidas, nem as heranças transmitir-se a uma descendência legítima.

— E que respondeu a essas suas palavras?

— Disse-me que lhe parecia muito justo e que era muito melhor do que em seu país.

— E explicou-lhe o que era matrimônio?

— Sim. E foi daí que começou nosso diálogo. Perguntei-lhe se queria casar-se comigo ao nosso modo. Quis saber que modo era esse. Respondi que o matrimônio fora estabelecido por Deus. E desde esse momento entabulamos a conversa mais singular que creio já tenham tido marido e mulher.

Transcrevo esse diálogo imediatamente após havê-lo ouvido. Eis textualmente o que me contou:

A mulher — Estabelecido por seu Deus? Então *haver* Deus em seu país?

Will Atkins — Certamente, minha querida. Deus existe em todos os países da terra.

A mulher — Não, seu Deus *não estar* em meu país. Em meu país *haver* o antigo deus Benamuque.

W. A. — Minha amiga, não estou habilitado a ensinar-lhe quem é Deus. Deus está no céu e foi quem criou esse mesmo céu, assim como a terra, o mar e tudo o que vemos.

A mulher — Não *fazer* a terra, ao menos toda a terra, pois não *fazer* minha pátria.

Will Atkins sorriu ao ouvir essa ingenuidade.

A mulher — Não *rir*. Por que rir de mim? Isto não é coisa para rir.

Tinha justificativa a repreensão, porque ela encarava então o assunto de um ponto de vista mais sério do que ele.

W. A. — Tem razão, minha querida; não me rirei mais.

A mulher — Por que você *assegurar* seu Deus *haver* feito tudo?

W. A. — Sim, minha filha, Deus fez tudo, você, eu, todo o mundo. Porque ele é o único Deus verdadeiro; não há outro além dele, que está no céu eternamente.

A mulher — Por que não me *dizer* isto há muito tempo?

W. A. — De fato fui muito mau: não só me esqueci de instruí-la, como eu mesmo vivi como se Deus não existisse.

A mulher — Como! *Ter grande Deus* em seu país e não *conhecer*? Não prestar homenagem? Vocês *não fazer* grandes coisas por ele? Não *ser* possível isto!

W. A. — É a pura verdade; a maior parte de nós vive como se não soubesse que Deus existe no céu ou como se cresse que não tem nenhum poder sobre a terra.

A mulher — Mas por que Deus *deixar* vocês *fazer* isto? Como não *obrigar* viver bem?

W. A. — A culpa é nossa.

A mulher — Mas você me *dizer* *ser* ele grande, muito grande; ter grande poder; poder matar quando *querer*. Por que não matar então vocês quando não o *servir*? Não prestar homenagem a ele! Isto não *ser bom*...

W. A. — É verdade. Poderia ferir-me de morte e eu devia temê-lo porque fui um miserável pecador. Deus, porém, é misericordioso e não é tão cruel quanto merecemos.

A mulher — Mas então você *haver* dado graças a Deus por isto?

W. A. — Não, é verdade. Não agradei a Deus sua misericórdia, nem tampouco temi o seu poder.

A mulher — Então seu Deus não *ser* Deus. Sendo tão poderoso, tão forte, por que ele não *haver matado* você que tanto o *encolerizar*?

W. A. — Ai! minha vida abominável impede-a de crer em Deus! Oh! como sou miserável! Desgraçadamente, como é certo que as iniquidades dos cristãos são o maior obstáculo para a conversão do gentio!

A mulher — Como você *querer* que eu creia seu grande Deus *encontrar-se* ali (aponta o céu), e você, apesar disso, não *ser* bom? Ele *saber* o que você *fazer*! Oh, isto é que não, ele *ignorar*!

W. A. — Sim, ele sabe e vê todas as coisas. Escuta o que falamos, conhece todas as ações que praticamos, assim como conhece todos os nossos pensamentos, mesmo quando pretendemos tê-los no maior segredo.

A mulher — Como? Ele *ouvir* você blasfemar, praguejar, pedir *mandar* você para o fundo do inferno?

W. A. — Sim, sim; ouve tudo.

A mulher — Onde *estar* então seu grande poder?

W. A. — É que ele é misericordioso; isso é tudo que lhe posso dizer. E a prova de que é um Deus verdadeiro, e não homem, está precisamente em que não tenhamos ainda sido aniquilados.

Disse-nos Will Atkins que, naquele momento, arrepiara-se de horror ao pensar como podia dizer à sua mulher tão categoricamente que Deus tudo vê, tudo ouve e sabe os mais secretos impulsos de nosso coração e tudo o que fazemos, depois das mil ações condenáveis que havia cometido.

A mulher — Misericordioso. Que *querer* dizer isto?

W. A. — Ele é nosso Pai e nosso Criador; se compadece de nós e nos perdoa desde que nos arrependamos.

A mulher — Assim ele não *matar* vocês nunca, não *enfurecer* quando *fazer* coisas feias. Então ele não *ser* justo, ou não *ser* poderoso.

W. A. — Sim, sim, minha querida. Ele é infinitamente bom e poderoso, capaz de castigar-nos. Algumas vezes também manifesta sua ira castigando os pecadores, ferindo-os no meio de seus crimes, para que sirvam de exemplo.

A mulher — Mas não *matar* você. Ele, pois, *dizer* que não *matar* você? Assim você *estar* entendido com ele para fazer coisas feias e ele não *zangar* com você e sim contra outros homens.

W. A. — Não, certamente que não. Ao pecar confiei em sua bondade, e seria infinitamente justo se me castigasse, como fez com tantos outros pecadores.

A mulher — Bem! Mas já que ele não *matar* você, que *dizer* você por isto a ele? Você *estar* reconhecido?

W. A. — Eu sou uma criatura ingrata, indigna, eis a verdade.

A mulher — Por que ele não *fazer* você de outro modo, já que você *dizer* ele *ter feito* você?

W. A. — Criou-me como criou todo o mundo. Fui eu mesmo que me lancei na perdição e abusei de sua bondade até tornar-me um pecador abominável.

A mulher — Você *querer* fazer-me conhecer seu Deus, não *irritar*, não *fazer* coisas feias contra ele?

Aqui Atkins nos disse que se sentiu cheio de vergonha ao ouvir aquela pobre e ignorante criatura pedir que lhe fizesse conhecer a Deus, enquanto ele, miserável pecador, não podia dizer nada do Criador sem que sua própria conduta não desmentisse o que queria afirmar. Ela já tinha dito claramente que não podia crer em Deus, pois permitia que ele ainda vivesse, tendo sido tão perverso.

W. A. — Sem dúvida você quis dizer, minha querida, que lhe dê a conhecer Deus, e não que faça Deus conhecer você, porque ele já a conhece, assim como todos os seus pensamentos.

A mulher — Como! Ele *saber* o que agora eu *estar* dizendo a você? Ele *saber* meus desejos de *conhecer*? Como eu *chegar* a conhecer aquele que *haver-me* criado?

W. A. — Pobre criatura! Ele lhe ensinará aquilo que eu não pude ensinar. Eu lhe suplicarei que a ensine a conhecê-lo e me perdoe, porque não sou digno de iluminar o seu espírito.

Foi quando o vimos ajoelhar-se e levantar as mãos ao céu.

A mulher — Por que você se *pôr* de joelhos? Por que erguer as mãos? Que *haver* dito? Com quem *haver* falado? Que significa tudo isso?

W. A. — Ajoelho-me em sinal de submissão àquele que me criou. Prestei-lhe minha homenagem, como fazem os velhos de sua terra diante do ídolo Benamuque. Pedi-lhe que lhe abra os olhos e o entendimento, a fim de que possa conhecê-lo e ser recebida entre os seus.

A mulher — *Poder* ele fazer isso?

W. A. — Sem dúvida, porque ele pode tudo.

A mulher — Ele *ouvir* o que você *dizer*?

W. A. — Sim; ordenou que orássemos e prometeu escutar-nos.

A mulher — Ele *mandar* você orar! Quando *mandar* isso? Como? Você *ouvir* Deus *falar*?

W. A. — Não, nós não o ouvimos, mas se nos manifestou de muitas maneiras, através da revelação.

Ao chegar a este ponto Atkins tinha-se visto muito atrapalhado para fazê-la compreender como Deus havia se revelado a nós por sua palavra e o que era essa palavra. Enfim, lhe disse:

— Primeiro Deus se revelou a alguns varões virtuosos, do alto dos céus, com palavras expressas. Depois inspirou suas ideias a outros e estes consignaram todas as suas palavras num livro.

A mulher — Não *compreender* isto. Onde *estar* esse livro?

W. A. — Ai, pobrezinha! eu não o tenho comigo... Mais cedo ou mais tarde, porém, penso possuí-lo para você, ajudando-a também a lê-lo.

Então a beijou com ternura, sentindo ao mesmo tempo um grande pesar por não ter a Bíblia.

A mulher — Como você *provar-me* que Deus *haver dado* suas ideias a esses homens para escrever o livro?

W. A. — Pela mesma regra que temos para saber que ele é Deus.

A mulher — Que regra? Como você *saber*?

W. A. — Porque ele só ensina o que é bom, justo, santo. Tudo o que tende a fazer-nos a um só tempo absolutamente bons e absolutamente felizes, e porque tudo que ele proíbe ou ordena é sempre para evitar o mal.

A mulher — Ah! eu *querer* compreender bem isto! Eu *desejar* conhecê-lo! Se ele *ensinar* todas as coisas boas; se ele *dar* tudo e ele *escutar* quando eu rezar, como você *acabar* de fazer; se ele *fazer-me* boa, se eu *desejar* ser boa; se ele *perdoar-me* e não me condenar quando eu não *ser* boa — se ele *fazer* tudo o que você *dizer*, então ele *ser* grande Deus, e eu *querer* crer num

grande Deus e rezar a ele, como você, meu querido esposo.

Neste momento o pobre homem, não se contendo por mais tempo, segurou a mão da mulher, fê-la ajoelhar-se a seu lado e pediu a Deus em voz alta que se dignasse dar-se a conhecer a ela por intermédio do Espírito Santo e lhe enviasse qualquer dia, por sua Providência, uma Bíblia, em que fosse possível a sua mulher ler a palavra divina e dessa forma aprender a amá-lo.

Foi quando o vimos naquela atitude, como descrevemos antes.

Depois disso, houve entre eles algumas outras palestras que seria demasiado longo relatar aqui. Sua mulher fê-lo prometer que, já que ele mesmo confessava que sua vida passada não havia sido mais do que uma série de criminosas e abomináveis ofensas contra seu Criador, se reformaria e deixaria de ofender a Deus daí em diante, por medo, segundo sua expressão, “de que o matasse”, porque então ela ficaria sozinha e nunca mais poderia aprender a conhecer melhor a Deus, e ele seria castigado como tinha dito que o seriam todos os homens ruins depois da morte.

Essa ingênua narração comoveu-nos profundamente, e sobretudo ao jovem religioso. Este ficou muito surpreso, mas sentia imenso não poder falar àquela mulher em pessoa; não exprimir-se com bastante facilidade em inglês para fazer-se entender, já que ela falava essa língua, embora não corretamente, e era quase impossível compreendê-la. Contudo, virou-se para mim e disse que julgava poder fazer algo mais por ela do que casá-la. A princípio não o entendi, mas logo deu-me a explicação, dizendo que era preciso batizá-la.

Enquanto o padre se preparava para a cerimônia, supliquei-lhe que o fizesse com algumas precauções, para que, se possível, o marido não se inteirasse de que pertencia à Igreja Romana. Receava as nocivas consequências de uma discussão sobre religião entre nós, à qual convertíamos os demais. Respondeu-me que como não havia capela consagrada, nem alguma das coisas adequadas a tal cerimônia, administraria o sacramento de modo que nem eu mesmo perceberia que católico romano, se não o tivesse sabido antes. Efetivamente assim o foi. Depois de haver pronunciado em voz baixa e em latim algumas palavras que não pude entender, derramou sobre a cabeça da mulher um vaso cheio d’água, dizendo em voz alta e em francês:

— Maria (este era o nome que eu, seu padrinho, lhe havia escolhido, de acordo com a vontade do marido), eu te batizo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

De forma que, pelo que se viu, não se podia garantir a que religião

pertencia. Em seguida deu a bênção em latim, mas Will Atkins não compreendeu que isso não era em francês, e nem sequer lhe chamou a atenção.

Logo que terminou a cerimônia, casamo-los. O sacerdote, dirigindo-se então a Will Atkins, exortou-o nas mais afetuosas palavras a perseverar em suas boas inclinações e a manter-se em sua firme resolução de reformar sua vida, pois de nada lhe serviria o arrependimento se não vencesse seus instintos criminosos. Depois manifestou-lhe que devia fazer-se digno da mercê que Deus lhe havia concedido, elegendo-o para instrumento da conversão de sua esposa. E, se não fosse assim, ela seria depressa melhor cristã do que ele, pois a selvagem gozaria do favor divino, ao passo que ele, o instrumento de sua conversão, poderia ver-se privado dele.

Deu ainda, a ambos, muitos e mui bons conselhos, recomendando-os à bondade divina, e lançou-lhes de novo sua bênção. Eu lhes traduzi tudo, textualmente, em inglês. E desse modo terminou a cerimônia. Recordo esse dia como um dos mais agradáveis e venturosos que passei em toda a minha vida.

Contudo, meu amigo padre não parou aqui. Seu pensamento virava e mexia. Fixava-se na conversão dos 37 selvagens e estava resolvido a ficar na ilha para empreendê-la. Fiz-lhe ver que a citada empresa era quase impossível e que havíamos de achar um meio satisfatório, durante sua ausência, como daqui a pouco se verá.

Arrumados assim, em pouco tempo, os assuntos da ilha, preparava-me para voltar a bordo quando o jovem que eu recolhera com a tripulação do navio que morria de fome veio procurar-me. Tendo sabido, disse-me ele, que se achava em minha companhia um padre, que havia casado, de acordo com desejos meus, ingleses e índias, vinha falar-me sobre um casamento de dois cristãos. E desejava ultimar o assunto, que seria do meu agrado, antes de minha partida.

Julguei que se tratava dele mesmo e da jovem que estava a serviço de sua mãe, porque não existia outra cristã na ilha. Procurei então persuadi-lo da conveniência de não celebrar um ato tão importante, com precipitação, talvez por encontrar-se naquele momento na solidão. Recordei-lhe que possuía no mundo uma fortuna bastante considerável e muito bons amigos, segundo ele mesmo me havia contado e também a jovem fâmula. Esta não só era uma pobre criada como de idade desproporcionada à sua; ela com 26 ou 27 anos enquanto ele não passava dos dezoito. Acrescentei que, provavelmente com o

meu auxílio, ele sairia daquela solidão e voltaria à sua pátria, e então se podia apostar mil contra um em como se arrependeria da sua determinação. E o desgosto que isso lhe produziria os faria a ambos desgraçados. E continuaria falando dessa forma se ele não me tivesse interrompido, a sorrir, e dissesse com muita delicadeza que eu me enganava em minhas conjeturas. Não tinha formado nenhum projeto de semelhante gênero e que lhe causava grande alvoroço saber que eu tinha intenção de lhe proporcionar os meios de regressar à pátria. Nada o teria decidido a permanecer na ilha, mas como minha viagem havia de ser longa e arriscada e o poria fora do alcance dos seus amigos, pedia-me como especial obséquio que lhe designasse uma pequena porção de terra na ilha, um criado ou dois, e as coisas mais necessárias para poder estabelecer-se como lavrador até que chegasse a época feliz de meu regresso à Inglaterra, para tirá-lo dali. Confiava que não o esquecesse quando lá chegasse e deu-me a incumbência de levar algumas cartas para seus amigos de Londres, a fim de lhes dar a conhecer minha bondade para com ele, assim como o local e a situação em que o havia deixado. Prometeu também, em caso de se ir da ilha, deixar-me sem nenhuma restrição a propriedade de sua plantação, com todas as melhorias que ali introduzisse, fosse qual fosse seu valor.

Esse pequeno discurso, pronunciado com elegância, por um rapaz tão jovem, causou-me grande agrado, particularmente porque me esclareceu que o casamento não era o dele. Dei-lhe todas as garantias possíveis de que, se não morresse antes de chegar à Inglaterra, faria chegar às mãos dos destinatários suas cartas e me ocuparia com a maior atividade de seus negócios. Podia estar certo de que jamais esqueceria a situação em que o havia deixado.

Mas, de qualquer modo, achava-me impaciente por saber qual era o par que pretendia casar-se. Afinal disse que se tratava de meu João Sabe-Tudo e da criada Suzana. Fiquei agradavelmente surpreso ao ouvir seus nomes, porque essa aliança me parecia muito conveniente. Já conhecemos bastante bem o caráter do homem. Quanto ao da moça, ela era a um só tempo virtuosa, afável, modesta e piedosa. Além disso, tinha muito bom senso e regular beleza. Expressava-se com perfeição, sempre com cortesia e justeza, sem timidez excessiva nem atrevida impertinência. Era hábil, econômica e excelente dona de casa, e teria sido capaz de administrar a ilha inteira, saindo-se airoso em todas as oportunidades.

Esse segundo consórcio celebrou-se no mesmo dia, e como fizesse eu as

vezes de pai da rapariga, levando-a até o altar, dei-lhe também o dote, pois lhe indiquei, como também a seu esposo, um vasto pedaço de terreno para sua lavoura.

Esse casamento e o pedido que me fizera o jovem para designar-lhe uma pequena propriedade na ilha fizeram-me pensar na conveniência de dividir o território entre os habitantes, com o objetivo de evitar, no futuro, qualquer pretexto para brigas e disputas.

Confiei a operação a Will Atkins, já convertido ao bom caminho e transformado num homem grave, metódico e econômico, completamente reformado e de exemplar piedade. Realmente sou de opinião, se é que posso ser juiz em semelhante matéria, que ele estava sinceramente arrependido.

Fez a partilha com tanta equidade e tão a gosto de todos que foi desejo unânime que se ratificasse o ato por uma escritura firmada por mim. Mandeí lavrá-la sem mais delonga e assinei-a. Especifiquei os limites e a situação de cada plantação e dei por meio da citada escritura aos colonos e seus herdeiros o gozo e propriedade completa de seus cercados e lavouras respectivos, reservando para mim a posse de todo o resto da ilha e, pela plantação de cada colono, um determinado imposto foreiro, que me devia ser pago onze anos depois ou a mim, ou a quem, por mim indicado, o reclamasse em meu nome.

Relativamente à forma de governo e às leis que deviam observar, disse-lhes que eu era incapaz de dar melhores do que as que eles mesmos pudessem implantar. Só exigi que vivessem como bons vizinhos e, assim que terminei de fazer essas recomendações e outras que me ocorriam oportunamente, dispus-me a deixá-los.

Uma particularidade que não devo omitir é que, estando a ilha constituída em uma espécie de república onde sempre havia alguma coisa para fazer, era bastante singular que se deixassem 37 índios na inatividade, num recanto perdido na ilha. De fato, salvo o cuidado de prover à própria subsistência, aliás bastante penoso, não tinham outra classe de trabalho a que se dedicar, nem propriedades a cuidar. Propus, portanto, que o governador espanhol fosse a eles com o pai de Sexta-Feira e lhes perguntasse se queriam separar-se e amansar terras por conta própria ou se preferiam trabalhar entre os colonos como criados e assim ganhar a vida trabalhando, sem serem escravos, pois eu não quis permitir sob nenhum pretexto que fossem submetidos à escravidão. A liberdade lhes tinha sido assegurada em virtude de uma capitulação, e nenhuma das condições, mediante as quais se renderam, devia ser violada.

Acolheram todos com grandes demonstrações de alegria a dita proposta e não discutiram as palavras do governador. Três ou quatro preferiram receber terras, mas os restantes quiseram ser colocados como criados entre as diferentes famílias de colonos. Assim, minha colônia inteira ficou repartida do seguinte modo: os espanhóis ficaram com a morada, que era a capital da ilha, como eu a chamava; suas propriedades estendiam-se ao longo do riacho que formava a enseada, já nosso conhecido, até o bosquezinho, e com o aumento de novas terras cultivadas chegariam até leste. Os ingleses habitavam a parte noroeste, onde a princípio se tinham estabelecido Will Atkins e seus camaradas, avançando para o sul e sudoeste, do outro lado da parte espanhola. Demais, cada plantação tinha uma grande área de terreno devoluto para, em caso de necessidade, poder expandir-se, sem brigas ou queixas dos plantadores por falta de espaço.

Toda a ponta oriental da ilha continuou desabitada, a fim de que, se os índios desembarcassem como de costume para celebrar os seus festins, pudessem chegar e sair tranquilamente. Enquanto não molestassem ninguém, ninguém tampouco os molestaria. O mais provável é que estiveram ali muitas vezes e se foram do mesmo modo, mas nunca ouvi dizer que os meus colonos fossem atacados.

Os leitores devem estar lembrados do que fizera meu amigo beneditino conceber a esperança de que a conversão dos 37 selvagens poderia verificar-se sem o seu auxílio, de forma a deixá-lo satisfeito. Disse-lhe que achava que o assunto estava bem encaminhado, porque ficando os silvícolas distribuídos daquele jeito entre cristãos, se cada um destes últimos cumprisse com o seu dever junto aos que se achassem a seu serviço, podia obter-se resultado muito lisonjeiro.

Efetivamente estava de acordo comigo, se os cristãos quisessem cumprir o seu dever.

— Mas — acrescentou — como conseguiremos obter isso deles?

Respondi que era preciso chamar os colonos e encarregá-los dessa missão, ou antes falar particularmente a cada um deles. Assim nos pareceu melhor. Ele, portanto, encarregou-se de falar aos espanhóis, que eram todos católicos, e eu aos ingleses, protestantes. Recomendamos e fizemos ao mesmo tempo prometer que não lhes dariam a conhecer a diferença que existe entre protestantes e papistas, exortando-os somente a fazer-se cristãos e instruindo-os no conhecimento do verdadeiro Deus e do Salvador Jesus Cristo. Outrossim, prometeram não promover no seio da colônia disputas

religiosas.

Quando cheguei à casa de Will Atkins (se assim se pode chamar a uma edificação de vime tal como não se viu outra igual em todo o mundo, segundo creio), encontrei Suzana em companhia da mulher do inglês, unidas agora por estreita amizade. A prudente e piedosa Suzana havia aperfeiçoado a obra iniciada por Will Atkins e, embora não houvesse passado mais do que quatro dias desde os acontecimentos já referidos, a índia neófita era já tão boa cristã como não conheci outra em todo o decurso de minha vida.

Antes de minha visita ocorrera-me que entre as coisas úteis que devia deixar a meus insulares não fora incluída uma Bíblia, demonstrando por eles, nesse particular, menos zelo do que a boa viúva que me remeteu, com a transferência de cem libras esterlinas, três Bíblias e um manual de orações. A caridade daquela excelente criatura teve transcendência maior do que se podia esperar, porque tais livros serviram de consolo e instrução a pessoas que deles fizeram melhor uso do que eu.

Meti, pois, uma Bíblia no bolso. Tendo-me dito Atkins, com a mais extremada alegria, ao me ver entrar, que sua esposa e Suzana, mulher do Sabe-Tudo, haviam falado muito de religião, perguntei se ainda estavam reunidas, ao que me respondeu afirmativamente. De fato, fui encontrar as duas mulheres empenhadas em uma conversa bastante animada.

A jovem ruborizou-se e ergueu-se para sair. Pedi que se sentasse de novo, dizendo-lhe que tinha em suas mãos uma obra meritória, esperando que Deus abençoasse seus esforços.

Estivemos a conversar durante certo tempo e, quando vi que não tinham nenhum livro, retirei a Bíblia do bolso.

— Eis aqui — disse a Atkins — um auxílio que talvez ainda lhes faltasse.

Nunca homem algum se mostrou mais reconhecido por um benefício como Atkins ao receber a Bíblia. Nem creio que algum homem já se tenha mostrado tão entusiasmado por possuir uma Bíblia. Se bem que este homem tivesse sido ruim, pecador contumaz, um verdadeiro réprobo, pode ser apresentado a todos como exemplo para a educação de seus filhos. É uma prova de que os pais não devem nunca se descuidar de sua educação e de repreendê-los, sem duvidar do êxito de seus esforços, mesmo quando os filhos pareçam rebeldes e insensíveis a toda instrução. Se Deus alguma vez em sua grande misericórdia ilumina sua consciência, a força da educação renasce neles, e as primeiras noções que lhes inculcaram os pais, ainda que

esquecidas por longo tempo, não estão perdidas; um dia ou outro podem chegar a produzir fruto.

Também a jovem alegrou-se muito, embora tanto ela como seu patrão possuíssem cada um uma Bíblia, que ainda estava a bordo entre a bagagem que não haviam desembarcado. E já que falei nessa rapariga, não posso deixar de referir, relativamente a ela e a mim, um episódio que contém particularidades mui notáveis e instrutivas.

Já contei a que extremo se vira reduzida e como sua patroa, extenuada pela fome, havia morrido a bordo da embarcação que socorremos no mar e cuja tripulação havia sofrido tanto. A pobre senhora, o filho e a criada tinham sido a princípio alimentados com a maior parcimônia e, por fim, completamente abandonados às torturas da fome.

Um dia, falando com ela sobre os sofrimentos que havia tido, perguntei-lhe se poderia descrever-me tudo quanto se sente às portas da morte pela fome. Disse que se julgava em condições de poder dar-me uma ideia exata disso e começou do seguinte modo a narrativa:

— No começo, senhor, padecemos muito durante vários dias, por causa da mingua de alimentos. Mas depois piorou, e nos vimos absolutamente privados de comida e só dispúnhamos de açúcar e um pouco de água e vinho. O primeiro dia que passei sem provar alimento algum senti à tarde certo mal-estar e debilidade no estômago. Durante a noite, uma grande predisposição para bocejar e dormir. Lancei-me ao leito, que era no camarote da popa, e dormi cerca de três horas, sentindo-me um pouco reanimada ao despertar. Havia bebido um copo de vinho ao deitar-me. Levei acordada umas outras três horas. Por volta das cinco da madrugada, senti-me de novo desfalecida e com dor de estômago; tornei a deitar-me, mas não consegui dormir. O segundo dia, passei-o de idêntica maneira. Algumas vezes, atormentada pela fome, e outras desfalecida e com vontade de vomitar. Na segunda noite vi-me obrigada a deitar sem ter tomado nada a não ser um copo d'água e adormeci, sonhando que estava em Barbados e via o mercado repleto de provisões. Comprei uma grande quantidade para minha senhora, voltando a seguir para casa, onde comemos avidamente.

“Despertei, senhor, em sobressalto, mas depressa se me apresentou a espantosa realidade acompanhada dos horrores da fome. Bebi o último copo de vinho, a que ajuntei bastante açúcar, esperando com isto suprir um pouco a falta de alimento. Mas, como o estômago não tinha nada para digerir, o vinho fazia subir desagradáveis vapores ao cérebro. E fiquei, conforme depois vim

a saber, estuporada e sem noção, tal qual um ébrio.

“Ao terceiro dia, de manhã, depois de uma noite de sonhos extravagantes, confusos e sem nexos, durante os quais antes dormitei do que dormi, levantei-me com uma fome furiosa. Se a razão não me tivesse ajudado a conter a raiva, creio que, se fosse mãe, a vida de meu próprio filho a meu lado não teria estado em segurança. Tal excitação durou cerca de três horas, durante as quais por duas vezes consecutivas tive acessos de loucura, semelhantes à dos desgraçados de Bedlam, segundo poderá confirmar meu jovem patrão, que os presenciou.

“Num desses acessos, caí e me feri no rosto com a ponta saliente da cama em que estava deitada minha patroa. A violência da pancada fez-me sangrar pelo nariz. O grumete de serviço trouxe-me uma bacia, na qual deixei correr o sangue por muito tempo, sentada no chão. À proporção que ele escorria, eu ia melhorando e voltando a mim. A indisposição e a excitação que a fome me havia produzido aplacaram-se.

“Mas tornei a sentir-me indisposta, fazendo esforços inúteis para vomitar, pois nada tinha no estômago. Depois de haver derramado sangue por um bom lapso de tempo, perdi os sentidos e me supuseram morta. Não tardei, porém, a voltar a mim, sofrendo as mais atrozes dores de estômago que se possam imaginar. Não eram devidas senão ao grande enfraquecimento causado pela fome. Ao avizinhar-se a noite, as dores transformaram-se em ávido desejo de comer, desejo semelhante, conforme suponho, aos de uma mulher grávida. Tomei de novo um copo de água com açúcar, mas o estômago não pôde suportar aquele dulçor, e no mesmo instante pus tudo para fora. Então bebi outro copo de água sem açúcar, que retive, lançando-me depois à cama, rogando a Deus sinceramente que me levasse desta terra. Com essa esperança fiquei mais tranquila e dormi alguns instantes. Pouco depois despertei e julguei-me em agonia. Sentia um peso extraordinário na cabeça, causado pela extrema fraqueza. Encomendei, portanto, minha alma ao Criador e desejei ardentemente que alguém viesse jogar-me ao mar.

“Enquanto isso, minha ama achava-se estendida perto de mim, também agonizante, mas suportando o sofrimento com muito mais resignação. Deu o último pedaço de pão ao filho, meu jovem senhor, que não queria recebê-lo; ela, porém, obrigou-o a comê-lo e estou mais do que certa de que foi isso que o salvou.

“De madrugada tornei a adormecer. Quando despertei tive uma espécie de crise de choro, seguida de um segundo acesso violento de fome. Levantei-

me excitada e num estado horrível. Se minha patroa estivesse morta, embora lhe quisesse de todo o coração, sem dúvida teria comido um pedaço de sua própria carne, com tanto prazer e tão tranquilamente como se se tratasse da carne de um animal destinado à nossa alimentação. Uma ou duas vezes estive a ponto de morder meu braço. Afinal descobri a bacia que na véspera enchera de sangue; corri para ela e bebi seu conteúdo com tanta precipitação e avidez como temendo que outro viesse arrebatá-la.

“Depois que a bebi, apesar do horror que tal ação me inspirou, minha fome se aplacou. Tomei um outro copo de água, sentindo-me refeita e mais animada pelo espaço de algumas horas. Isso ocorreu no quarto dia, e assim me aguentei até o cair da noite, quando, no decurso de três horas, senti de novo, uma após outra, todas as sensações de que já falei: as náuseas, a sonolência, o veemente desejo de comer, as dores de estômago e o delírio furioso. Assim, umas vezes febril, louca, derramando lágrimas, ou dominada pelo nervosismo, mudava de estado de quinze em quinze minutos. Minhas forças ficaram quase completamente aniquiladas e, ao anoitecer, deitei-me na esperança de morrer antes da manhã seguinte.

“Toda a noite foi-me impossível conciliar o sono. Tive uma cólica tremenda, acompanhada de contrações nos intestinos, na certa provocadas pelo ar introduzido nas entranhas em lugar de alimentos. Estive assim até o amanhecer. Escutei, então, surpresa, gritos e lamentos de meu patrãozinho que me chamava para dizer que sua mãe tinha deixado de existir. Reagi um pouco, porque necessitava de forças suficientes para aquele transe, e pude certificar-me de que a pobre senhora ainda respirava, embora já não desse sinal algum de vida.

“A falta de alimento no estômago provocou-me tais convulsões que não acho palavras para descrever; eram dores tão agudas tais acessos de fúria provocados pela fome que somente as posso comparar às angústias da morte. Achava-me nesta situação quando ouvi os marinheiros que gritavam do tombadilho: ‘Uma vela, uma vela!’ Eles saltavam e urravam como loucos.

“Era-me impossível mover-me e minha senhora muito menos, e meu patrãozinho estava tão prostrado que parecia prestes a expirar. Por isso não pudemos abrir a porta do camarote para nos informar da causa de semelhante berreiro e confusão. Havia já dois dias que nos achávamos inteiramente segregados da tripulação. Haviam-nos dito não haver nada para comer e depois confessaram que nos supunham já mortos. Tal era, senhor, a situação em que nos encontrávamos, quando o céu o enviou para nos salvar. O senhor

sabe tão bem e talvez melhor do que eu o estado em que então nos achávamos.”

Assim concluiu sua narrativa: jamais ouvi descrever-se com mais veemência a situação de uma pessoa a morrer de fome e nada, realmente, me interessou mais. Por outro lado, convenci-me da veracidade daquela rapariga, porque seu jovem amo já me havia feito descrição igual, embora mais concisa e menos comovente. A mãe dele salvara-o à custa da própria vida, mas a pobre criada, embora de constituição mais forte para lutar contra a fome do que a patroa, que era débil e de idade avançada, a pobre criada, repito, deve ainda ter sofrido muito mais do que a mãe do rapaz. Não resta a menor dúvida, segundo a narração acima, de que, se nosso navio ou qualquer outro não os tivesse providencialmente encontrado, em poucos dias teriam perecido todos, a menos que se houvessem devorado uns aos outros. Apesar de que, mesmo isso, em sua situação, de muito pouco lhes teria servido, já que se achavam a quinhentas léguas de distância da terra mais próxima, sendo muito pouco provável que fossem socorridos, segundo vimos, a não ser por milagre. Voltemos, porém, às disposições que tomava relativamente aos meus colonos.

Creio desnecessário, por vários motivos, falar da balandra que havia desembarcado e desmontado para ser reconstruída na ilha. Encontrei entre eles, pelo menos em minha chegada, tantos germes de discórdia que reconstruir a balandra e deixá-la à sua disposição seria pô-los em condições de se separarem na primeira discussãozinha que tivessem. Poderiam até dedicar-se à pirataria, transformando assim minha ilha em ninho de piratas, em vez de uma colônia de gente honrada e piedosa, como era meu intento. Pela mesma razão não lhes quis deixar as duas peças de artilharia que ordenara a meu sobrinho que levasse a bordo. Calculei que era preferível pôr minha gente em estado de defender-se contra toda sorte de invasão a proporcionar-lhe meios de empreender uma guerra ofensiva ou fazer expedições longínquas, o que com o tempo poderia originar a sua ruína. Portanto, reservei a balandra e os canhões para outra oportunidade realmente proveitosa, como se deu e havemos de ver no devido tempo.

Logo que deixei meus colonos bem instalados e em florescente situação, voltei para bordo. Estávamos a 5 de maio e passara na ilha 25 dias. Como seus habitantes estivessem todos dispostos a ficar ali até que eu resolvesse outra coisa, prometi enviar-lhes novos socorros do Brasil, desde que me deparasse ocasião favorável.

Comprometi-me principalmente a mandar-lhes vacas, carneiros e porcos, porque quanto às duas vacas e aos bois que embarcaram na Inglaterra, vimo-nos forçados a matá-los durante a travessia, pois, tendo sido esta mais demorada do que prevíamos, faltara forragem para alimentá-los.

No dia seguinte pela manhã, fizemo-nos de vela, saudando a colônia com cinco tiros de canhão. E, após 22 dias de viagem, chegamos à baía de Todos os Santos, no Brasil, sem que nos haja em toda a travessia acontecido nada digno de menção, salvo a aventura que passo a contar: quando tínhamos três dias de navegação sobreveio forte calmaria, e, arrastados vivamente pelas correntes para és-nordeste, até uma baía ou golfo da costa, vimo-nos afastados um pouco da nossa rota e uma ou duas vezes o vigia gritou:

— Terra a leste!

Mas não podíamos distinguir se se tratava de continente ou de uma ilha. Pois bem, no fim do terceiro dia, e com o mar ainda em absoluta calma, lobrigamos sua superfície coberta de manchas negras do lado de terra. Não pudemos, porém, averiguar o que era até que o imediato de bordo, que subira ao cesto da gávea para examinar aqueles pontos com o óculo de alcance, afirmou-nos que se tratava de uma armada. Não pude compreender a princípio o que queria ele dizer com isso de armada e cheguei mesmo a desmenti-lo com certa rispidez.

— Senhor — retrucou ele —, não se irrite, mas permita que vos afiance que é de fato uma armada, ou melhor, uma frota. Creio que poderá compor-se de cerca de mil pirogas e dentro de muito pouco tempo o senhor poderá vê-las distintamente, porque avançam a toda pressa em nossa direção.

Francamente tal encontro me surpreendeu sobremaneira, bem como ao meu sobrinho, o capitão. Ele ouvira na ilha histórias tão horripilantes sobre selvagens que não sabia o que fazer, pois nunca tinha estado naquelas regiões. Duas ou três vezes disse meu sobrinho que íamos ser devorados.

Verdade é que a calmaria reinante na direção da corrente marítima que nos arrastava para terra tornava nossa situação muito desvantajosa; não obstante, roguei à nossa gente que não se assustasse e lançasse a âncora tão logo nos víssemos obrigados a entrar em combate.

A calmaria continuava e as canoas avançavam com grande rapidez, razão por que mandei lançar a âncora e dobrar todas as velas. Em seguida disse à tripulação que não teríamos a temer o fogo que os índios costumam atear ao costado dos navios, se arriássemos nossos botes, bem armados e tripulados, e os amarrássemos um à proa e outro à popa, e assim

aguardássemos os acontecimentos. Foram cumpridas minhas ordens e os homens que tripularam os escaleres foram providos de velas molhadas e baldes, para apagar o fogo caso os selvagens tentassem atear-lo à parte exterior do navio.

Esperamos por eles nessa atitude e em pouco tempo chegaram muito perto de nós. Nunca havia presenciado espetáculo mais terrível e imponente. Embora o imediato se tivesse enganado bastante quanto ao número de canoas, de qualquer modo pudemos contar à nossa volta umas 126. Algumas delas levavam dezesseis ou dezessete homens ou talvez mais, e as menores, seis ou sete, no mínimo.

Ao se aproximarem pareciam estupefatos e cheios de assombro, como se se encontrassem diante de uma coisa que jamais tinham visto e sem saber a princípio que decisão tomar, conforme depois pudemos apurar. Não obstante, avançaram intrepidamente, como se tencionassem atacar-nos ou fechar-nos num cerco. Gritei aos homens dos escaleres que não lhes permitissem acercar-se muito.

Essa ordem deu lugar, contra todas as nossas previsões, a uma pequena escaramuça, porque cinco ou seis de suas grandes canoas aproximaram-se tanto de um dos nossos botes que nossa gente lhes fez sinal para que se afastassem, o que compreenderam perfeitamente, retirando-se no mesmo instante. Todavia, ao se retirarem, mimosearam-nos com mais ou menos cinquenta flechas, uma das quais feriu gravemente um dos marinheiros do escaler. Adverti aos marinheiros, porém, que não fizessem fogo, e lançamos a eles diversas tábuas com que o carpinteiro lhes fez uma espécie de parapeito que os deixava ao abrigo das flechadas se os índios os atacassem de novo.

Meia hora depois os índios avançaram em massa pelo lado da popa e aproximaram-se tanto que distinguíamos claramente suas feições. Mas não podíamos compreender seus propósitos. Entre eles reconheci meus antigos conhecidos, isto é, aqueles mesmíssimos selvagens que tanto trabalho me haviam dado. A seguir afastaram-se todos juntos para voltar e colher-nos de flanco. Dessa vez chegaram tão perto que podiam ouvir-nos falar. Ordenei à tripulação que continuasse oculta, receoso de que os indígenas comesçassem a atirar, e fiz preparar os canhões.

Como estavam a tão curta distância, mandei Sexta-Feira subir à ponte e lhes falar em sua língua, a fim de inteirar-nos de suas intenções. Obedeceu-me. Ignoro se eles o compreenderam, mas um momento depois de havê-los chamado com a buzina, seis dentre os silvícolas que tripulavam a canoa mais

próxima, viraram de bordo e, voltando-se, nos mostraram as costas nuas.

Seria isso um desafio? Ou um insulto, um sinal de desprezo, um aviso para os demais? Nós é que não sabíamos. De repente gritou-nos Sexta-Feira que eles iam disparar, o que se verificou desgraçadamente para ele. Jovem infeliz! Lançaram mais de trezentas flechas, causando a morte de meu pobre Sexta-Feira, que era o único que estava desprotegido. Foi ferido por três setas e outras três caíram muito perto dele. A pena que eu senti não teve limites.

Enfureci-me de tal modo com a perda de meu antigo e fiel servidor que ordenei que se carregassem com a maior presteza cinco canhões com metralha e quatro com bala comum, disparando uma forte descarga. Estavam a uma distância de cinquenta varas, quando muito, de nós, e os artilheiros fizeram tão excelente pontaria que três ou quatro pirogas foram postas a pique com um só disparo.

Não posso dizer com exatidão matemática quantos selvagens morreram ou ficaram feridos em consequência do canhoneio, mas posso afirmar que dificilmente se terá visto tanta desordem e terror em tão grande multidão de criaturas. Treze ou quatorze pirogas foram destroçadas ou postas a pique, caindo ao mar todos os tripulantes. Os demais, transidos de espanto ao ver aquele sinistro, fugiram com a precipitação de que foram capazes, sem se preocuparem com os que iam nas canoas que nossos canhões tinham feito em pedaços. Por onde bem se pode concluir que a maior parte sucumbiu afogada.

Mais ou menos uma hora teria se passado desde que haviam desaparecido os últimos fugitivos, quando nossa gente guindou um deles que fazia os maiores esforços para escapar a nado.

A metralha com que foram carregados nossos canhões deve certamente ter matado ou ferido um número considerável. Não pudemos verificar o resultado da descarga, porque sumiram com tanta rapidez que ao cabo de três horas não divisávamos senão umas poucas canoas que deslizavam muito longe sobre as águas, perdendo-se de vista afinal. Como se levantasse naquela mesma tarde uma brisa ligeira, levantamos âncora e nos fizemos de rumo para as costas do Brasil.

Já disse que tínhamos em nosso poder um prisioneiro, mas estava tão assustado que se negava a falar e comer. Todos nós julgávamos que pretendia deixar-se morrer de fome. Então me ocorreu um meio de fazê-lo mudar de ideia: mandei que o metessem num bote e lhe dessem a entender que iam lançá-lo ao mar e deixá-lo como o tinham encontrado, caso insistisse em não falar. Não podendo conseguir nada, nossa gente jogou-o realmente dentro

d'água e afastou-se dele. Ele, porém, seguiu os marinheiros, nadando como um peixe e suplicando-lhes em seu idioma que o recolhessem. Embora não entendessem uma palavra do que dizia, recolheram-no, e desde aí tornou-se mais acessível. De resto, é bom que se diga que eu jamais teria permitido que o matassem afogado.

Desfraldamos as velas, como disse. Continuava inconsolável com a perda do meu bom Sexta-Feira e até pensei em voltar à ilha, a fim de tomar a meu serviço um dos selvagens que lá ficaram, mas, como a coisa não era possível, continuamos nossa rota. Quanto ao prisioneiro, algum tempo ainda se passou até que pudéssemos fazê-lo compreender qualquer coisa, mas por fim nossos marujos ensinaram-lhe algumas palavras em inglês e mostrou-se mais comunicativo. Então lhe perguntamos a que nação pertencia. Sua resposta não nos adiantou muito. A linguagem que usava, completamente gutural, era tão estranha, saía-lhe da garganta em sons tão profundos e esquisitos, que nos era impossível entender uma só palavra. Pareceu-nos que o único jeito de se falar bem aquela língua era com uma mordaca, pois, não pudemos descobrir se fazia uso dos dentes, da língua, dos lábios ou do céu da boca para pronunciar as palavras. Os sons que emitia saíam da garganta semelhantes aos de uma trompa de caça.

Algum tempo depois, quando chegou a pronunciar um pouco de inglês, nos contou que seus compatriotas se tinham metido em viagem com seus reis e maiores para uma grande batalha. Como nos havia falado em “reis”, no plural, perguntamos se tinham muitos. Respondeu-nos que cinco *nação* se tinham reunido (não tínhamos conseguido fazê-lo compreender a formação do plural) para pelejar com *outra* duas. Quisemos então saber por que se tinham dirigido para nós.

— Por ser grande maravilha *ver* — foi a resposta.

Por oportuno observarei aqui que, quando os indígenas daquelas paragens e os da África falam em inglês, põem dois *ee* no final das palavras em que geralmente as demais nações pronunciam um, acentuando muito mal a última letra, hábito que nunca poderão perder. Depois de extrema vigilância e haver-me custado um trabalho infernal, pude conseguir que Sexta-Feira corrigisse a dita pronúncia.

Já que falei nesse desventurado rapaz, é muito justo que lhe dedique o derradeiro adeus. Fiel e infeliz Sexta-Feira! Eu quis que ele fosse sepultado de um modo conveniente e com toda a solenidade possível. Foi metido em um caixão e lançado ao mar; depois, mandei disparar onze tiros de canhão em

sua honra. Assim prestei minha homenagem póstuma ao mais honrado, ao mais leal, ao mais grato e ao mais querido servidor que algum dia passou por este mundo.

Depois continuamos nossa navegação com vento favorável e sempre rumo ao Brasil. Dobramos o cabo de Santo Agostinho e três dias depois fundeávamos na baía de Todos os Santos, lugar onde me salvei a primeira vez e de onde proveio tanto minha boa como minha má fortuna.

Jamais embarcação alguma tinha entrado naquele porto com assuntos tão às claras como a minha. Pois bem, assim mesmo tivemos não pequeno trabalho para que nos permitissem comunicar com terra. Nem meu sócio, que ainda vivia e desfrutava excelente posição no país, nem meus dois agentes, nem a celebridade que devia à minha salvação maravilhosa na ilha, nada me valeu. Mas meu sócio, lembrando-se que tinha dado quinhentas libras esterlinas ao prior do convento dos agostinianos e 272 aos pobres, foi ao mosteiro. Lá chegando, pediu-lhe que obtivesse do governador licença para eu descer em terra, com o capitão e outra pessoa e mais oito marinheiros que nos levassem, sob condição de não desembarcar nem mercadorias nem qualquer outra pessoa sem permissão expressa.

Mostraram-se tão severos na parte referente ao desembarque de mercadorias que, à custa de trabalho insano, só consegui pôr em terra três volumes de artigos ingleses, tais como lenços finos, sedas e linhos, com que pretendia obsequiar meu sócio.

Este era um homem muito bom e generoso, se bem tivesse saído, tal como eu, de uma condição bastante humilde. Sem saber minha intenção de dar-lhe um presente, mandou a bordo provisões frescas, vinhos, doces, no valor de mais de trinta libras, tabaco e três ou quatro lindas medalhas de ouro. Correspondi, porém, remetendo-lhe peças de pano raro, sedas inglesas, rendas riquíssimas e formosas fazendas da Holanda, e mais outras coisas, tudo no valor de umas cem libras esterlinas.

A seguir pedi-lhe que mandasse armar a balandra que eu trouxera da Inglaterra para uso dos meus colonos, a fim de lhes enviar o auxílio que lhes destinava.

Realizou com a maior brevidade minha incumbência e em poucos dias estava a balandra perfeitamente pronta: aliás não se tinha mais nada a fazer senão juntar as peças. Dei ao piloto instruções tão detalhadas que não havia possibilidade de errar com a ilha. Encontrou-a, conforme me participou mais tarde o zeloso sócio.

Um de nossos marujos, que descera em terra comigo, ofereceu-se para embarcar na balandra e estabelecer-se na ilha se, por meio de uma carta dirigida ao governador espanhol, eu lhe cedesse um pedaço de terra, assim como os instrumentos e pertences necessários numa plantação, coisa, segundo dizia, de que entendia perfeitamente, porque fora lavrador em Maryland e, ainda, flibusteiro.

Animeei-o em seu projeto, concedendo o que desejava, e dei-lhe ainda, para servi-lo, o índio que tínhamos aprisionado. Encarregava o governador espanhol, em minha missiva, de dar ao novo colono o mesmo que tinha dado aos outros.

Pronta a balandra para seguir viagem, meu sócio falou-me num certo brasileiro, honrado agricultor, perseguido pela Igreja.

— Não sei por que motivo — explicou-me ele. — Em sã consciência acho que ele é herege no fundo do coração, razão por que se vê obrigado a ocultar-se, com medo da Inquisição. Por isso se sentiria feliz por aproveitar ocasião tão propícia para fugir com a mulher e duas filhas. Propunha meu sócio enviá-lo com a família para a ilha, e que se lhe desse um terreno, encarregando-se de lhe fornecer o que fosse necessário para estabelecer-se, porque os agentes da Inquisição haviam confiscado todos os seus bens e propriedades e não lhe sobrava senão meia dúzia de trastes e dois escravos.

— Se bem que eu esteja longe de aprovar seus princípios — acrescentou —, não gostaria de vê-lo cair nas mãos dos inquisidores, porque sem dúvida alguma seria queimado vivo.

Concordei com seu pedido e juntei a tal família ao meu inglês. Escondemos o homem, sua mulher e as duas filhas a bordo do nosso navio, até o momento de fazer-se ao largo a balandra. Nela embarcaram depois que deixou a baía, tendo antes levado para lá seus bens e pertences.

Nosso marujo de Maryland parecia muito prazeroso com o novo companheiro; seus recursos eram quase iguais. Consistiam em apetrechos e em sítio em perspectiva. Era só com o que contavam para início de atividades. Levavam o material necessário para a cultura da cana-de-açúcar, da qual um deles, o português, entendia muito bem.

Entre o que eu remetia aos colonos havia três vacas leiteiras, cinco bezerros, 22 porcos e três cavalos.

De conformidade com o que havia prometido aos espanhóis, enviei-lhes três mulheres portuguesas, recomendando com insistência que se casassem com elas devidamente e que as tratassem com cordura. Pudera ter-lhes

enviado maior número, mas recordei-me de que o infortunado fugitivo tinha duas filhas e que havia tão só cinco espanhóis solteiros, pois os outros possuíam mulheres em seu país de origem.

Felizmente toda a carga chegou ao destino. E julguem com que alegria a receberam meus amigos colonos, cujo número ascendia então, com aquele aumento, de sessenta a setenta pessoas, sem contar as crianças, que não eram poucas. Quando cheguei à Inglaterra, encontrei em Londres cartas de todos eles, que me foram enviadas via Lisboa. Deixemos isso, porém, provisoriamente e não antecipemos os acontecimentos.

Sobre minha ilha nada mais tenho a dizer. Os que lerem a continuação de minhas aventuras farão bem em não se lembrar dela e armem-se de paciência para tomar conhecimento das loucuras de um velho, a quem nem as suas próprias desgraças nem as dos outros serviram de advertência para o futuro.

Quarenta anos de trabalhos e infortúnios, e por outro lado uma situação superior a todos os meus cálculos, não me haviam tornado mais comedido.

Agia tão insensatamente ao ir às Índias Orientais como pudera fazê-lo um homem que, achando-se de todo livre, se apresentasse ao alcaide do presídio de Newgate e lhe suplicasse enfiar num calabouço a pão e água. Se tivesse fretado na Inglaterra um pequeno navio para trasladar-me diretamente para a ilha, carregado tal qual o outro, com todos os objetos necessários à plantação e ao meu pessoal; se tivesse solicitado do governo uma autorização que me assegurasse a propriedade da ilha sob o domínio inglês; se tivesse feito levar canhões, munições, escravos, agricultores, para, em nome da Inglaterra, tomar posse daquele território, fortificá-lo e aumentar sua população, o que me era fácil; se eu mesmo me tivesse estabelecido, arrumado as coisas para que o navio voltasse carregado de excelente arroz (o que poderia ter feito no fim de seis meses) e desse ordens aos meus correspondentes que me mandassem de volta a embarcação munida de tudo quanto necessitávamos, então, sim, teria procedido como homem de senso comum. Mas, dominado por um espírito aventureiro, menosprezei todas as minhas prerrogativas. Bastava que me considerasse o senhor daqueles a quem havia estabelecido ali, portando-me com eles com uma espécie de arrogante majestade, tal qual um antigo monarca patriarcal, provendo a todas as suas necessidades e desejos, como se tivesse sido o pai de toda a colônia, do mesmo modo que era o fundador das suas plantações. Nunca havia entrado em meus cálculos colonizar a ilha a favor de governo algum, nem de

nenhuma nação, favorecer tal ou qual príncipe, nem sequer me havia preocupado em dar nome à minha ilha. Deixava-a como a havia encontrado, sem pertencer a ninguém e sem que seus habitantes reconhecessem outra autoridade nem outras leis além das minhas. Não obstante, embora sobre eles eu tivesse a influência de um pai e de um benfeitor, meu poder não dimanava da força, mas de sua vontade espontânea. Isso era quanto me bastava para que tivesse ficado ali, a viver entre eles. Mas não; fui percorrer terras distantes e não voltei mais...

As últimas notícias que recebi dos colonos foi por intermédio de meu sócio, que fretou, tempos depois, outra balandra para a colônia, comunicando-me (por uma carta que só fui receber cinco anos mais tarde) que a plantação não estava indo muito bem; que os habitantes começavam a cansar-se de seu longo desterro; que Will Atkins havia morrido; que cinco espanhóis tinham abandonado a ilha; e que os restantes, embora não fossem molestados pelos indígenas, haviam tido uma ou outra vez escaramuças com eles. Pediam encarecidamente a meu sócio que me escrevesse, recordando-me a promessa que lhes fizera de tirá-los dali um dia, a fim de poderem rever a pátria antes de morrer.

Mas achava-me então no encalço teimoso de uma quimera, e os que queiram saber alguma coisa mais sobre a minha pessoa hão de dar-se ao incômodo de acompanhar-me em uma nova série de extravagâncias e raras aventuras.

Este não é o momento propício para averiguar se era prudente ou absurda minha conduta. Preciso reatar o fio da minha história. Embarcara para fazer uma viagem e essa viagem prosseguia.

Acrescentarei somente que o honrado e exemplar sacerdote separou-se de mim nessa altura. Estando um navio para fazer-se ao largo em demanda de Lisboa, pediu-me licença para tomar uma passagem nele, pois estava predestinado, conforme já me havia manifestado, a não concluir jamais uma viagem começada. Quão ditoso teria sido eu se tivesse seguido com ele!

Do Brasil fomos diretamente, atravessando o Atlântico, ao cabo da Boa Esperança. Nossa travessia, quase sempre no sentido sudeste, foi bastante feliz, apesar de algumas névoas e ventos contrários. O tempo de minha pouca sorte no mar havia passado. Minhas adversidades e infortúnios futuros haveriam de ocorrer em terra, como para dar a conhecer que esta, do mesmo modo que o mar, pode muito bem ser o local de nosso castigo se assim apraz ao Senhor de tudo quanto existe.

Como nossa embarcação fazia uma viagem comercial, levávamos a bordo um comissário encarregado de dirigir todas as operações logo que chegássemos ao cabo. Não podia permanecer em cada porto mais do que um certo número de dias, fixado pelo contrato. Como isso não era de minha alçada, não me metia em nada. O capitão, meu sobrinho, e mais o comissário tudo arrumavam segundo melhor lhes parecia.

Permanecemos no cabo apenas o tempo necessário para a aguada e, em seguida, desfraldamos as velas rumo à costa de Coromandel. Contudo, tínhamos sido informados de que uma corveta francesa de cinquenta canhões e duas grandes fragatas mercantes acabava de sair para as Índias. E, como não ignorava que estávamos em guerra com a França, isso me deixou um tanto preocupado. No entanto, seguimos nosso roteiro sem tomar mais conhecimento deles.

Não tenho a intenção de maçar o leitor com a descrição dos lugares, com o diário de bordo, variações da bússola, latitudes etc. Basta citar os portos em que escalamos e o que nos sucedeu entre um e outro.

Primeiro tocamos na ilha de Madagascar, onde, mau grado a ferocidade e perfídia de seus naturais, sempre armados de arcos e lanças, de que se servem com a maior destreza, tudo nos correu muito bem. Trataram-nos com a maior cortesia, e por algumas bagatelas com que os presenteamos, tais como facas, tesouras etc., deram-nos onze bois muito gordos, parte dos quais matamos para haver carne fresca durante o tempo em que ali estivéssemos. A restante foi salgada para as necessidades futuras do navio.

Vimo-nos forçados a passar naquele lugar alguns dias, depois de nos termos aprovisionado, e eu, que sempre fui um grande curioso e não deixava de perscrutar atentamente todos os rincões do mundo por onde passasse, descia em terra todas as vezes que podia. Certa tarde desembarcamos na parte oriental da ilha e os indígenas que, diga-se de passagem, são ali muito numerosos, correram em atropelo para onde estávamos e ficaram a nos observar de certa distância. No entanto, como até ali tínhamos negociado livremente com eles e se haviam portado de forma amistosa, de modo nenhum pensávamos que corrêsemos algum risco. Vendo tamanha multidão, cortamos três ramos de uma árvore próxima e fincamos-los na terra a alguns passos de nós, o que naquele país é tido por uma demonstração de paz e amizade. Se o convênio é aceito pela outra parte, fincam por sua vez três outros galhos ou ramos, devendo-se entender que o pacto está firmado com a condição de que os estrangeiros não podem transpor os limites demarcados

pelos indígenas, da mesma forma que eles não podem passar os indicados pelos estrangeiros. O espaço compreendido entre uns e outros ramos é considerado território neutro, uma espécie de mercado onde se pode conversar, comerciar e traficar livremente. Nessa faixa neutra deve-se entrar sem armas. Os nativos só penetram ali depois de haver pendurado nos galhos as lanças e azagaias. À menor contravenção do tratado, derrubam-se ou arrancam-se os citados ramos, apanham as armas e está rompida a trégua.

Certa tarde, como ia dizendo, enquanto desembarcávamos, vieram os nativos para nós em grande número, mas sem parar de manifestar-se corteses e benévolos. Trouxeram-nos diversas provisões, em troca das quais lhes demos toda a cutelaria que tínhamos. Suas mulheres também nos trouxeram leite, raízes e outras coisas que nos podiam ser úteis. As trocas se processaram na maior harmonia e tranquilidade. Depois armamos uma espécie de tenda ou cabana com ramos para passar a noite na praia.

Não posso dizer o motivo pelo qual não quis deitar-me em terra com os demais. Estando a chalupa ancorada a pouca distância da praia, disse a um dos dois homens que a vigiavam que me viesse apanhar e, arrancando alguns ramos para agasalhar-nos a bordo, fiz estender a vela no fundo da chalupa e ali me estirei para passar a noite debaixo da ramaria.

Por volta das duas da madrugada ouvimos um dos nossos que dava gritos horríveis, pedindo em nome de Deus que fôssemos socorrê-los com a chalupa, porque estavam todos prestes a ser assassinados. No mesmo instante escutamos o estampido de cinco tiros de mosquete (este era o número de armas de fogo que então levava nossa gente), ruído que se repetiu três vezes, porque, segundo parece, os naturais daquele país não se assustavam tão facilmente com os tiros como os índios da América que tanto me tinham dado que fazer.

Eu não podia verificar de que se tratava, mas o estrépito causado bem depressa me tirou de dúvidas. Dei ordem de atracar a chalupa à praia, com o fito de auxiliar meus companheiros com os três fuzis de que dispúnhamos a bordo.

Chegamos em poucos instantes. Nossos homens estavam em tais apuros que, do ponto da praia em que se encontravam refugiados, lançaram-se n'água para alcançar mais depressa a chalupa. Uns quatrocentos homens iam em sua perseguição e os nossos não eram senão nove, e deles unicamente cinco iam armados com mosquetes. É verdade que os outros levavam pistolas e sabres, mas tais armas de pouco lhes serviam.

Salvamos sete, não sem grande trabalho, dos quais três seriamente feridos; e, o que era pior, durante aquele tempo nos encontrávamos expostos ao mesmo perigo que eles haviam corrido em terra, porque os indígenas nos enviavam uma chuva de flechas. Tivemos a sorte de nos abrigar com os bancos e duas ou três tábuas que com imensa satisfação nossa encontramos por acaso, ou melhor, por disposição da Providência, dentro da chalupa.

Contudo, tão bons atiradores são aqueles selvagens que, se tivesse sido de dia e nos pudessem distinguir, estaríamos perdidos.

Nós os lobrigávamos à claridade da lua, sobre a praia, lançando-nos uma nuvem de dardos e flechas. Como tínhamos carregado novamente as armas, mandamo-lhes uma outra descarga que, pelos gritos que ouvimos, deve ter ferido muitos. Continuaram combatendo até o amanhecer, provavelmente na esperança de poder ferir-nos com melhor pontaria.

Vimo-nos forçados a sustentar-nos na mesma posição sem saber como fazer para alçar a âncora e desfraldar a vela, porque não o conseguiríamos sem nos pôr de pé na chalupa, isto é, oferecendo-nos como excelente alvo, tal qual faríamos se, para nosso entretenimento ou exercício, amarrássemos um pássaro a uma árvore. Demos o sinal de socorro aos do navio. Embora estivesse a uma légua de distância, o capitão, meu sobrinho, ao ouvir nosso tiroteio e descobrindo com seu binóculo nossa situação e nosso fogo dirigido para a praia, compreendeu-nos perfeitamente e levantou âncora com tanta rapidez quanto lhe foi possível sem expor o navio e despachou outro bote com cinco homens a fim de nos socorrer. Bradamos-lhes que não se aproximassem demais, dando-lhes a conhecer nossa situação, contudo, não se detiveram até chegar perto de nós. Então, um deles, segurando a extremidade de uma corda, atirou-se ao mar, cuidando sempre de ter um dos botes entre ele e o inimigo, para que não o descobrissem. Nadando assim, chegou até nossa chalupa e amarrou-a com a corda. Cortando então o cabo de nossa âncora, fomos rebocados pelo outro bote até ficarmos fora do alcance das flechas. Durante toda essa manobra permanecemos bem ocultos e defendidos por nossa barricada.

Logo que deixamos a praia descoberta ao nosso navio para que pudesse apresentar o costado ao inimigo, virou de bordo e mandou-lhe uma descarga de metralha, com balas de todos os calibres, pedaços de ferro e chumbo, que fez tremendo estrago entre os indígenas.

Quando chegamos a bordo e fora de perigo, tratamos de indagar a causa daquela reviravolta. O comissário, que tinha viajado com frequência por

aquelas paragens, tirou-me das dúvidas dizendo que os habitantes, após haverem feito uma trégua conosco, não nos teriam molestado nunca se não os tivéssemos provocado. Soube-se finalmente que uma velha se aproximara de nossos galhos para vender leite, acompanhada de uma mocinha, talvez sua filha, que também levava ervas e raízes. Enquanto a anciã vendia sua mercadoria, um dos nossos marinheiros quis tomar algumas liberdades grosseiras com a jovem, o que muito aborrecera a velha. O marujo, contudo, não quis abandonar a conquista e levava-a para baixo de uma árvore, longe da vista da anciã. Já se fazia noite e a pobre viu-se obrigada a ir-se sozinha, sem dúvida suas queixas revoltaram seus patrícios, porque ao cabo de três ou quatro horas cercava-nos um exército deles e unicamente a um milagre devemos não termos sido todos degolados.

Um dos nossos foi morto por uma lança, no começo da refrega, exatamente no momento em que deixava a tenda que haviam feito. O resto escapou, exceto o biltre que provocara todo o mal e que bem caro pagou sua torpe ação. Durante muito tempo ficamos sem saber o que fora feito dele. Continuamos por dois dias ainda à vista da costa, pois o vento era favorável, fazendo-lhe sinais, e nossa chalupa marginou a praia num trecho de muitas léguas, mas inutilmente. Vimo-nos forçados a desistir de salvá-lo e, na verdade, se tivesse sido ele o único a sofrer o castigo de sua falta, a perda não teria sido tão grande.

No entanto, eu quis desembarcar ainda uma vez para ver se podia recolher alguns dados sobre sua sorte e sobre os indígenas. Na terceira noite, depois da escaramuça, tentei averiguar os estragos que havíamos causado e em que disposições se achavam os habitantes. Tive o cuidado de partir quando a escuridão era completa, para não me expor a um novo ataque, mas teria sido prudente assegurar-me de que os homens que levava comigo estavam dispostos a obedecer-me antes de comprometer-me tão irrefletidamente em uma empresa tão incerta e arriscada.

Acompanhados de vinte marinheiros entre os mais fortes, desembarcamos o comissário e eu por volta das dez da noite, no mesmo ponto onde os indígenas nos atacaram no dia da refrega. Escolhera aquele sítio, porque meu propósito, como disse, era principalmente ver se haviam abandonado o posto e se tinham deixado alguns vestígios das perdas sofridas. Pensava também que, se nos fosse possível surpreender um ou dois, talvez pudessemos reaver nosso homem por meio de uma troca.

Desembarcamos cautelosamente e nos dividimos em dois corpos: o

segundo contramestre comandava um e eu, o outro. Ao saltar em terra não vimos nem ouvimos nada e pusemo-nos em marcha para o campo de batalha, deixando uma certa distância entre os dois pelotões. Nos primeiros momentos não pudemos distinguir coisa alguma por causa da profunda obscuridade reinante, mas após pequeno lapso o segundo contramestre, que ia na vanguarda, tropeçou e caiu sobre um cadáver. Todos fizeram alto e, reconhecendo por aquele indício o local onde tinham estado os selvagens, aguardaram minha chegada. Resolvemos permanecer ali até sair a lua, que não podia demorar mais do que uma hora, para, assim, conhecermos as perdas sofridas pelo inimigo. Contamos 32 mortos naquele lugar, ou melhor, trinta, porque dois havia que ainda viviam. Uns estavam sem braços, outros, sem pernas; um tinha a cabeça arrancada. Quanto aos feridos, provavelmente foram levados.

Depois de haver descoberto, como esperava, tudo o que era possível descobrir, resolvi voltar para bordo. O segundo contramestre, porém, e sua gente comunicaram-me que estavam determinados a fazer uma visita à povoação indígena, onde moravam aqueles cães — esse era o nome que lhes davam. Propuseram-me acompanhá-los, certos de colher uma presa considerável, se lá pudessem chegar como imaginavam, e talvez encontrar Tom Jeffery. Assim se chamava o marinheiro desaparecido.

Se tivessem pedido meu consentimento para ir, sei qual teria sido minha resposta, porque não nos podíamos aventurar em semelhante tentativa, tendo sob nossa responsabilidade um navio e sua carga e a obrigação de prestar contas da viagem, o que dependia da vida da tripulação. Mas tinham resolvido apenas declarar-me que estavam determinados a ir, pedindo-me que os acompanhasse com minha gente. Neguei-me categoricamente e levantei-me, pois estava sentado no chão, para voltar à chalupa. Um ou dois dos meus instaram comigo para que me juntasse aos outros e, como continuasse negando, começaram a murmurar, dizendo que não estavam sob minhas ordens e queriam partir.

— Venha, Jack — gritou um deles ao companheiro —, venha conosco. Se você não vier, irei sozinho.

Jack respondeu que também queria ir, e outro fez o mesmo. Todos, pois, me abandonaram, com exceção de um marinheiro, a quem consegui convencer de que não fosse, e de um grumete que ficara na chalupa. Então o comissário e eu, com um único marinheiro, voltamos para o escaler, dizendo aos demais que ficávamos à espera, a fim de recolher os que restassem vivos,

pois não lhes ocultei que praticavam a maior imprudência, correndo muitos deles o risco de ter a mesma sorte de Tom Jeffery.

Responderam-me, como verdadeiros marujos, que todos voltariam, que tomariam suas precauções etc., e finalmente lá se foram. Tentei fazê-los compreender que deviam pensar nos interesses do navio e sua viagem; mostrei-lhes que suas vidas não lhes pertenciam, pois de sua conservação dependia o bom êxito da empresa; e que teriam de responder perante Deus, assim como perante os homens, se a embarcação se perdesse por falta do auxílio deles. E disse muitas outras coisas, mas todas estas reflexões foram tão infrutíferas como se as tivesse feito para o grande mastro do barco, a tal ponto estavam obcecados pela excursão. Limitaram-se a responder-me com bons modos, pedindo que não me incomodasse e garantindo que estariam de volta dentro de uma hora o mais tardar. Diziam que o povoado indígena não distava mais que meia milha daquele lugar. Entretanto, tiveram de andar duas até alcançá-la.

Afinal, puseram-se em marcha e, embora fosse uma tentativa apenas digna de loucos, cumpre dizer, para lhes fazer justiça, que agiram com prudência e afinco. Iam bem armados. Cada um levava um mosquete com sua baioneta e uma pistola. Alguns carregavam grandes facões; outros, sabres. O segundo contramestre e mais outros dois iam munidos de machadinhas. Possuíam ademais treze granadas de mão. Nunca, em tempo algum, troço mais decidido e ousado marchou melhor armado para tentar um golpe de audácia.

Seu primeiro intento era a pilhagem, porque esperavam encontrar muito ouro, mas uma circunstância que nenhum deles tinha previsto fê-los sedentos de vingança e os converteu em verdadeiros demônios. Quando chegaram a umas cabanas que julgavam já ser o povoado indígena, situadas a meia milha do mar, tiveram uma decepção: não eram mais que doze ou treze choças. Ninguém sabia onde estava a aldeia nem qual era sua extensão. Então discutiram sobre o partido que deviam tomar. Atacar os habitantes? Nesse caso seria preciso passá-los todos pela faca. Bem se poderia apostar dez contra um que, favorecidos pela obscuridade da noite, embora houvesse algum luar, alguns conseguiriam escapar, e um só fugitivo que desse o alarme bastava para que toda nossa gente se visse encurralada por imensa multidão de inimigos. Por outro lado, se passassem sem tocar nos selvagens, deixando-os a dormir, quem lhes indicaria o caminho da verdadeira aldeia?

Esse último alvitre, porém, pareceu o mais prudente. Resolveram, pois,

deixar os selvagens tranquilos e procurar o povoado como melhor pudessem.

A certa distância das choupanas, toparam com uma vaca amarrada a uma árvore. Julgaram que pudesse servi-lhes de guia, porque devia pertencer ao povoado que tinham abandonado havia pouco ou ao que procuravam, e, soltando-a, poderiam ver que direção ia tomar. Se voltasse para trás, a deixariam em paz e, se tomasse outro caminho, a seguiriam. Cortaram, portanto, a corda de embira que a prendia e viram então que a vaca pôs-se a andar diante deles, diretamente para a aldeia que, segundo depois contaram, se compunha de umas duzentas casas ou cabanas, entre as quais havia muitas que eram habitadas por várias famílias juntas.

Encontraram ali tudo em silêncio, porque é profundo e calmo o sono em um país que nunca houvera visto um inimigo da classe daquele que se avizinhava. Nossa gente combinou o que devia fazer. Resolveram dividir-se em três grupos, a fim de pôr fogo a um só tempo em três cabanas em pontos distintos do povoado, para, à medida que fossem saindo os moradores, agarrá-los e atá-los (e, se algum resistisse, não há necessidade de dizer o que tencionavam fazer com ele). Em seguida revistariam o resto das habitações para saqueá-las. Todavia, quiseram antes dar, sem ser pressentidos, uma volta por toda a povoação, a fim de julgar, por sua extensão, se deviam ou não levar avante a aventura.

Após esse reconhecimento, tomaram a resolução desesperada de arriscar o ataque, mas, enquanto se preparavam para isso, três dos indivíduos que se tinham adiantado chamaram os outros, dizendo que haviam encontrado Tom Jeffery. Correram todos e viram o infeliz degolado e pendurado por um braço, completamente despido. Perto daquele lugar existia uma choça em que estavam reunidos dezesseis ou dezessete dos principais selvagens que tomaram parte no último combate contra nós e entre os quais dois ou três tinham sido feridos por nossos disparos. Nossa gente compreendeu que estavam acordados porque ouviam sua fala, mas não puderam verificar o número.

O espetáculo que oferecia o pobre camarada mutilado deixou-os tão furiosos que juraram vingá-lo e não dar quartel a nenhum indígena que caísse em seu poder. Imediatamente puseram mãos à obra, com mais prudência, todavia, do que era lícito esperar-se de homens tão enfurecidos. Seu primeiro cuidado foi juntar material combustível, mas depressa perceberam que não era necessário, pois a maior parte das choupanas era baixa e coberta de juncos e palha, muito comuns naquela região. Bastou fazer uma espécie de mechas,

polvilhadas com um pouco de pólvora, de modo que em menos de um quarto de hora puseram fogo ao povoado por quatro ou cinco pontos diversos e principalmente à cabana cujos ocupantes ainda não se tinham deitado.

Logo que o fogo começou a crescer, os pobres selvagens aterrorizados lançaram-se fora, mas os infelizes iam retos para a morte, porque à medida que queriam sair eram atacados. O segundo contramestre matou um ou dois com a machadinha. Como a choça era grande e dentro dela havia muitos indígenas, ele teve uma ideia; em vez de entrar nela, pediu uma granada de mão e lançou-a no meio deles, o que a princípio apenas lhes causou certo susto. Mas depois, quando explodiu, fez tamanho estrago que só se ouviam gritos e lamentos angustiados.

Os índios que se achavam na choça foram mortos ou feridos pela granada, salvo dois ou três que, precipitando-se pela porta, foram atravessados pelas baionetas do segundo contramestre e seus dois companheiros.

Nessa casa ou cabana, havia ainda um outro cômodo onde se achava o rei ou chefe supremo com muitos indígenas de seu séquito. Cercados por todos os lados, viram-se forçados a continuar lá dentro, envolvidos pelas chamas, até que a casa ruiu sobre eles e os sufocou.

Enquanto ocorria tudo isso, nossos homens não tinham disparado os mosquetes sequer uma vez, a fim de não despertar os selvagens antes de estarem senhores de tudo. O fogaréu, porém, depressa os despertou, e nossos camaradas pensaram que era mais prudente formar um só corpo. O incêndio se propagava com tanta rapidez, por causa das casas todas feitas de matéria leve e combustível, que eles mal podiam permanecer nas ruas. Ao mesmo tempo era necessário que contassem com o aumento do fogo para ter assegurado o êxito de seu plano. À medida que as chamas expulsavam os moradores das casas incendiadas, ou que o terror fazia sair aqueles cujas choças ainda não estavam pegando fogo, os nossos, que os espreitavam à porta, lançavam-se sobre eles e os assassinavam, gritando uns aos outros que se lembrassem de Tom Jeffery.

Enquanto tudo isso sucedia, devo dizer que me sentia muito inquieto, sobretudo quando percebi as chamas, que, por ser de noite, pareciam estar perto de mim.

Meu sobrinho, o capitão, despertado pela tripulação, não estava mais tranquilo do que eu. Ignorava o que significava aquele fogo e que classe de perigo podia ameaçar-me, principalmente depois que ouviu os tiros, porque

os nossos aventureiros começaram a essa altura a fazer uso das armas de fogo. Mil pensamentos sobre a minha sorte e a do comissário oprimiam sua alma. Enfim, embora tivesse um exíguo número de homens e sem saber de que classe de ajuda podíamos necessitar, lançou-se na chalupa com treze homens e veio para terra a minha procura.

Surpreendeu-se ao dar comigo e o comissário dentro da canoa, apenas com dois homens. Se bem que satisfeito de ver-nos sãos e salvos, não tardou a participar de nossa inquietude relativamente ao que se estava passando à distância, pois continuava o estrépito e o fogo progredia sempre. Em tais circunstâncias era impossível resistir à curiosidade e à inquietação sobre o destino dos homens da tripulação.

E não fui melhor ouvido pelo sobrinho do que o fora anteriormente pelos outros. Disse-me que queria ir ao povoado. Arrependia-se apenas de ter deixado mais de dez marinheiros no navio, porque preferia perder a embarcação, a viagem, a própria vida, em suma, a deixar sucumbir sua gente por falta de socorros. E com essa reposta pôs-se em marcha.

Foi-me impossível ficar atrás, já que não pude dissuadi-lo de tal ideia. O capitão ordenara que dois homens fossem a bordo na chalupa apanhar mais doze companheiros. Dos doze, seis ficariam a vigiar as duas embarcações e os seis restantes iriam reunir-se a nós. Desse modo a bordo só havia dezesseis homens, porque toda a tripulação se compunha de 65, dos quais dois tinham morrido na escaramuça causadora daquela desgraça.

É fácil supor que nossa marcha foi rápida. Guiados pelas chamas, chegamos direta e prontamente ao local do incêndio. Se o fragor dos tiros em primeiro lugar nos surpreendeu, em segundo os gritos dos míseros indígenas nos comoveram e encheram de horror. Confesso que jamais assistira nem a um assalto nem a nenhum saque de povoação. Ouvira contar que Oliver Cromwell, depois de se haver apoderado de Drogheda, na Irlanda, havia mandado passar pela faca homens, mulheres e crianças; que o conde de Tilly, no saque da cidade de Magdemburgo, tinha feito degolar 22 mil pessoas de ambos os sexos. Nunca, entretanto, tinha conseguido formar uma ideia de semelhante coisa e para mim seria impossível descrevê-la e exprimir o horror que de mim se apoderou ao contemplar aquilo.

Todavia, continuamos nosso avanço e chegamos por fim ao povoado. Não pudemos, porém, penetrar nas ruelas por causa do fogo. O primeiro objeto que se apresentou às nossas vistas foi uma cabana demolida, ou antes, reduzida à cinzas. Perto dali, iluminados pelo clarão do incêndio, jaziam três

mulheres e quatro homens mortos, e parece, ainda, que distingui outros dois entre os escombros. Percebemos vestígios de uma raiva tão bárbara, de um furor tão descomunal que tínhamos dificuldade em atribuir tais excessos à nossa gente, porque se aqueles eram culpados, estes mereciam, a nosso ver, a morte mais ignominiosa.

Mas isso não era tudo. O incêndio se propagava cada vez mais e os gritos e lamentos elevavam-se ao mesmo tempo que as chamas, o que nos encheu da maior consternação. Avançávamos pouco a pouco. Com enorme comiseração, vimos três mulheres nuas que davam gritos horríveis e fugiam como se tivessem asas. Dezesseis ou dezessete nativos a seguiam igualmente correndo, do mesmo modo aterrados, perseguidos por três de nossos verdugos ingleses que, não os podendo alcançar, dispararam contra eles, matando um que tombou perto de nós. Quando os demais selvagens nos viram, julgando que éramos inimigos e os buscávamos para matar, levantaram um espantoso clamor, particularmente as mulheres.

Duas delas, só de espanto, caíram ao solo como mortas.

Diante de tal espetáculo, tinha meu coração dilacerado, o sangue gelava em minhas veias. Se os três marujos ingleses que perseguiam aqueles infelizes estivessem a nosso alcance, creio que teria mandado fazer fogo contra eles. Procuramos dar a entender àqueles pobres fugitivos que não queríamos fazer-lhes mal nenhum. Imediatamente correram para nós e lançaram-se aos nossos pés, levantando as mãos, suplicando com gemidos lancinantes que lhes perdoássemos a vida. Fizemos-lhes compreender que essa era nossa intenção, e a seguir, de rastros, acocoraram-se atrás de nós, como para proteger-se.

Deixei meu pessoal formado em pelotão, recomendando-lhe que não atacasse ninguém, mas que detivesse, se possível, alguns dos nossos, para ver se podíamos averiguar de que espírito maligno estavam possuídos, o que pensavam fazer, e suplicar-lhes que terminassem com aquela matança, porque, se esperassem que chegasse o dia, certamente se veriam na contingência de ter de lutar com mais de cem mil homens. A seguir misturei-me com os fugitivos, acompanhado apenas por dois homens. Que espetáculo impressionante! Uns tinham queimado horivelmente os pés, correndo e pulando entre as chamas; outros estavam com as mãos em chagas; uma mulher caíra no fogo e ficara quase completamente carbonizada antes de poder levantar-se; dois ou três homens, na fuga, tinham sido feridos nas espáduas e nos músculos; um outro fora atravessado por uma bala e expirou

sob minhas vistas.

Queria saber o que havia sido a causa de tudo aquilo, mas não pude compreender uma só palavra do que me diziam. Contudo, concluí, por seus gestos e caretas, que ignoravam o motivo daquela carnificina. Estava tão irritado interiormente com tão abominável ação, que não pude conter-me. Voltei a reunir-me com minha escolta, resolvido, apesar das chamadas e de quantos obstáculos pudesse topar no caminho, a penetrar no coração da aldeia e pôr fim a tudo aquilo, custasse o que custasse. Assim que cheguei junto do meu pessoal, participei minha resolução e ordenei que me seguisse, mas nesse instante apareceram quatro de nossos aventureiros, com o segundo contramestre à frente, os quais, cobertos de sangue e poeira, e passando por sobre os cadáveres, davam a impressão de que queriam encontrar mais vivos para exterminar. Meus homens os chamaram com todas as forças, até que um conseguiu, não sem muito esforço, fazer-se ouvir.

Logo que o segundo contramestre nos percebeu deixou escapar um brado de triunfo, crendo que íamos em seu auxílio, e sem esperar pelo que eu tinha a lhe dizer, exclamou:

— Capitão, digno capitão, como me sinto feliz por ter o senhor vindo! Ainda não demos cabo nem da metade desses traidores, desses cães danados! Quero que morram tantos quantos fios de cabelo tinha na cabeça o pobre Tom. Juramos não perdoar a nenhum. Queremos extirpar toda essa raça maldita da superfície da terra.

E partiu em corrida desabalada, a sufocar, sem alento, não me dando tempo para responder uma só palavra.

Finalmente, erguendo a voz de maneira que impusesse silêncio, gritei:

— Besta-fera! Que vai fazer ainda? Proíbo tocar em alguma dessas criaturas, sob pena de morte. Ordeno, e por essa desobediência responde sua cabeça. Pare com esses assassinatos e fique aqui, pois do contrário morrerá já!

— Senhor — respondeu —, por acaso sabe o que está fazendo e o que eles fizeram? Se quiser uma prova, chegue aqui um instante.

E mostrou-me então Tom Jeffery pendurado e degolado.

Confesso que tal espetáculo deixou-me mudo e que em qualquer outro momento me teria lançado à vindita, mas achei que sua fúria fora além dos limites permitidos e então acudiram-me à memória as palavras de Jacó a seus filhos Simeão e Levi: “Maldita seja sua cólera, porque foi feroz, e sua vingança, porque foi cruel.”

Mas não tardou a se me apresentar nova tarefa. Assim que os marinheiros que me acompanhavam viram, como eu, o camarada assassinado, tive imenso trabalho em contê-los, como já tivera com os primeiros. Até meu sobrinho, o capitão, me disse em tom decidido, de modo que todos o escutassem, que ele também se sentia inquieto pela segurança de seu pessoal, mas que, quanto aos selvagens, mereciam ser todos mortos, sem exceção de um só, por terem sido cúmplices no assassinio do infeliz marujo. Ao ouvir tais palavras, oito dos meus, com o segundo contramestre e sua gente à frente, correram a terminar sua obra de sangue. Quando vi que não podia contê-los, afastei-me triste e pensativo, pois não conseguia tolerar o espetáculo e menos ainda os dolorosos ais dos infelizes que caíam sob suas mãos.

Ninguém me seguiu, salvo o comissário e dois homens, com os quais voltei para a chalupa. Confesso que cometi uma grande imprudência ao ir assim quase só, porque começava a amanhecer e o alarme se espalhara já por toda a redondeza. No pequeno arrabalde, de que já dei conhecimento ao leitor, havia cerca de quarenta homens armados de lanças e arcos, mas por sorte extraviei-me no caminho e fui diretamente até o mar. Quando cheguei à praia já era dia. Logo embarquei na chalupa e dirigi-me para bordo, enviando-a de novo para auxiliar nossa gente caso fosse necessário.

Observei no momento mesmo em que cheguei ao navio que o incêndio do povoado estava quase extinto e que o rebuliço havia passado, mas ao cabo de meia hora, ouvi uma descarga e notei uma grande fumaça. Eram nossos marujos, conforme depois vim a saber, que atacavam os indígenas em seu pequeno aldeamento. Mataram dezesseis ou dezessete e atearam fogo a todas as suas choças, mas não tocaram nem nas mulheres nem nas crianças.

Quando os marinheiros que eu enviara de novo à terra lá chegaram com a chalupa, nossos homens começaram a reaparecer, não formados em dois corpos e em ordem como estavam ao partir, mas tão desordenados que um punhado de índios atrevidos teria podido facilmente cortar-lhes a retirada.

Mas, segundo já contei, o pânico se espalhara por toda a redondeza e os indígenas se achavam tão amedrontados que uma centena deles creio que teria fugido diante de cinco dos nossos.

Durante aquela terrível cena, nenhum selvagem se defendera realmente. Estavam os miseráveis tão acovardados, dando assim por um lado com as chamas e por outro com nosso pessoal que os atacava de imprevisto na escuridão da noite que não sabiam o que fazer. Se pretendiam fugir por um

canto, tropeçavam no inimigo; se variavam de caminho, eram perseguidos e alcançados: por todos os lados encontravam-se cara a cara com a morte. Nenhum dos nossos foi ferido, e não houve outros acidentes além do sofrido por um marinheiro, que torceu o pé, e o de mais um, que queimou a mão.

Achava-me sumamente irritado com toda a tripulação, mas sobretudo com meu sobrinho, o capitão, não só porque havia deixado de cumprir seu dever como comandante do navio, responsável pela travessia, mas porque, também, em lugar de refrear a fúria de seus subordinados, os animava a perpetrar ação tão bárbara. Respondeu-me com o maior respeito que ao deparar com o cadáver do infeliz marujo, sacrificado tão cruelmente, não havia podido dominar-se nem conter a cólera. Concordou comigo em que não devia ter procedido daquela maneira em sua qualidade de chefe, mas que afinal era homem, e por consequência não tinha podido vencer suas paixões nem seu instinto. Quanto ao resto da tripulação, como não estava sob minhas ordens, muito pouco se preocupou com o meu descontentamento.

Na manhã do dia seguinte fizemo-nos de vela, de forma que nada mais soubemos sobre aqueles indígenas. Os nossos discordavam quanto ao número de mortos, mas podia deduzir-se por suas diversas estimativas que haviam sacrificado à sua vingança perto de 150 criaturas de ambos os sexos e não tinham deixado de pé uma só habitação.

Com respeito ao malfadado Tom Jeffery, morto e bem morto, por ter sido degolado e ter a cabeça quase inteiramente separada do tronco, não julgaram conveniente ter o trabalho de carregá-lo. Limitaram-se a soltá-lo da árvore em que estava suspenso por um braço. Por justa que parecesse aquela represália à nossa gente, não foi por isso que deixei de lhe manifestar minha opinião contrária e ainda afirmei que Deus maldiria nossa viagem: o sangue que tinham derramado àquela noite devia ser um pesadelo para todos eles. Os nativos tinham, é verdade, sacrificado Tom Jeffery, mas este fora o provocador.

A primeira desgraça nos sucedeu no golfo Pérsico, onde cinco dos nossos homens, que tinham descido à terra, foram cercados pelos árabes e assassinados ou reduzidos à escravidão. O resto da equipagem da chalupa não pôde salvá-los, pois foi a muito custo que conseguiu safar-se. Não deixei de manifestar-lhes que tal acidente era um justo castigo do céu. O segundo contramestre, porém, replicou que eu me excedia em minhas censuras, mais do que injustificáveis.

Meus contínuos sermões a propósito daqueles sucessos tiveram

consequências bem desagradáveis, contra minha expectativa. O segundo contramestre, que havia chefiado a incursão, veio um dia falar-me e me disse, em tom extremamente impertinente, que eu aludia com demasiada frequência àquele assunto, fazendo a respeito considerações sempre injustas; que naquela ocasião me havia portado muito mal com toda a tripulação e especialmente com ele; que eu não era mais do que um passageiro sem a mínima autoridade no navio, nem interesse na viagem, e que não se julgavam obrigados a aguentar minhas repreensões. Acrescentou que ignoravam se eu escondia más intenções com respeito a eles e se algum dia, em nosso regresso à Inglaterra, os denunciaria aos tribunais por aquela ação. Portanto, se não me decidia a pôr um paradeiro àquela discussão e a não me meter mais em seus assuntos e nos dos demais, abandonaria o navio, porque não se julgava em segurança viajando comigo.

Esperei com toda a paciência o fim do seu discurso e respondi-lhe que realmente sempre condenara os “assassinatos” de Madagascar e em todas as ocasiões havia expressado com a máxima sinceridade minha opinião a esse respeito, embora sem o atacar mais do que aos outros; que de fato não comandava o navio nem exercia nele a menor função de autoridade, mas que, apesar disso, somente tomava a liberdade de manifestar minha opinião sobre coisas que publicamente diziam respeito a todos; que não lhe queria revelar o grau de interesse que podia ter na viagem, mas que, sendo dono de uma parte considerável da carga e tendo isso em conta, me julgava com direito a falar ainda mais alto do que até então tinha feito, sem ter que dar explicações nem a ele nem a ninguém. Eu já começava a ficar irritado. Ele, porém, respondeu apenas algumas palavras no momento, e eu julguei encerrado o caso.

Chegamos à baía de Bengala. Ansioso por ver aquele país, para distrair-me fui à terra em companhia do comissário. Ao anoitecer preparava-me para voltar a bordo quando um dos marinheiros se aproximou de mim e disse que não me desse ao incômodo de voltar à chalupa, porque tinha ordem para não me levar ao navio. Pode-se imaginar qual foi minha surpresa ao ouvir tão insolente recado. Perguntei ao marinheiro quem o mandara com a mensagem. Ao responder-me que ele era o patrão da chalupa, eu nada mais disse e unicamente lhe ordenei que fosse dizer aos que o tinham enviado a mim que havia cumprido sua missão e que eu não havia protestado.

Fui a seguir procurar o comissário e contei-lhe o que se passava, acrescentando que receava que houvesse uma sublevação a bordo e lhe rogava que tomasse uma canoa hindu para regressar ao navio a fim de avisar

o capitão. Mas era bem dispensável essa minha advertência, porque antes de falar ao comissário já as coisas se tinham dado a bordo.

O segundo contramestre, o artilheiro, o carpinteiro e todos os oficiais de categoria inferior, logo que desembarquei, apresentaram-se para falar ao capitão. O segundo contramestre então repetiu numa arenga sem fim tudo o que me dissera antes. Declarou incisivamente ao comandante que, como eu tinha ido pacificamente para terra, a tripulação não se atrevia a praticar comigo nenhuma violência, mas que, se eu não tivesse ido, teria feito uso dela para obrigar-me a abandonar o navio. Finalmente, achavam que lhe deviam dizer que, comprometidos a servir sob suas ordens, estavam dispostos a executá-las com o maior zelo e lealdade; mas que, se eu não abandonasse o navio de bom grado ou por ordem do capitão eles é que o abandonariam, todos, sem exceção de nenhum. Ao pronunciar a palavra *todos* virou-se para o grande mastro (isso era provavelmente o sinal combinado entre eles), onde estavam reunidos os marinheiros, os quais bradaram a um só tempo: *Sim, todos, todos!*

O capitão, meu sobrinho, era homem valoroso e de grande presença de espírito. Embora estivesse verdadeiramente surpreso com semelhante atitude, respondeu com toda calma que refletiria e nada podia dizer-lhe antes de ter falado comigo. Usou uma infinidade de argumentos para lhes demonstrar a injustiça e o absurdo de tal conduta. Foi tudo em vão. Juraram em sua presença, dando-se as mãos e formando um círculo fechado, que desembarcariam todos se não lhes prometia proibir minha entrada no navio.

Era condição dura demais para meu sobrinho, que me devia grandes favores e ignorava como eu receberia aquilo. Portanto, começou a falar-lhes com todo o cavalheirismo e fê-los saber que eu era um dos principais armadores da embarcação e que pela lei e pela justiça não podia privar-me de minha propriedade; que, por assim dizer, isso mesmo fez o famoso pirata Kidd, que sublevou toda a tripulação de um navio, abandonou o capitão em uma ilhota deserta e fugiu com a embarcação; que podiam assenhorear-se do barco, mas, se chegassem um dia à Inglaterra, isso lhes custaria caro; que, sendo eu o dono do barco, não podia expulsar-me assim; que preferia perder e renunciar aos proveitos da viagem a tratar-me daquele modo e que os deixava livres para fazer o que melhor lhes parecesse. Não obstante, disse-lhes que iria em terra para falar comigo e convidou o segundo contramestre a segui-lo, a fim de procurar ajeitar tão escabroso assunto.

Mas os insubordinados repeliram a proposta, repetindo que não queriam

mais ter relações comigo e que, se eu voltasse a bordo, eles abandonariam o navio.

— Bem! — disse o capitão. — Se todos são deste parecer, deixem-me ir em terra falar com ele.

Veio, pois, dar-me conta de tudo o que se passou pouco depois de eu ter recebido o recado do patrão da chalupa.

Muito me alegrei ao ver meu sobrinho, pois receava que se tivessem apoderado de sua pessoa a fim de se fazerem ao largo e continuar a rota. Nesse caso eu teria ficado ao léu, sem nenhum recurso, em uma região longínqua e desconhecida. Eu teria então me encontrado em pior situação do que quando estive sozinho na ilha.

Felizmente, porém, as coisas não chegaram até esse extremo. Logo que meu sobrinho repetiu o que os marinheiros lhe haviam dito e que haviam jurado, apertando as mãos, abandonar todos o navio se se permitisse minha volta para bordo, respondi que isso não devia preocupá-lo, porque tencionava ficar em terra. Pedi-lhe unicamente que me remetesse meus haveres e me deixasse dinheiro suficiente. Trataria de regressar à Inglaterra quando e como pudesse.

Era um golpe bastante rude para meu sobrinho, mas não havia meio de evitá-lo. Portanto, voltou para bordo a fim de informar os amotinados de que seu tio cedia às exigências e pedia os seus pertences. Dessa forma, ficou tudo liquidado em poucas horas. A tripulação voltou ao cumprimento de seus deveres e eu me pus a pensar na rota que devia seguir.

Via-me só em uma das partes do mundo mais afastadas, pois me achava a uma distância de cerca de três mil léguas por mar da Inglaterra, mais longe do que quando estava na minha ilha. E verdade que poderia regressar por terra, atravessando o país do Grão-Mogol até Surata e dali a Bassora por mar e pelo golfo Pérsico, e trilhando o caminho das caravanas pelos desertos da Arábia até Alepo e Alexandria, onde seria possível tomar um barco para a Itália, de onde passaria à França. Todo esse percurso junto podia equivaler no mínimo ao diâmetro completo do globo, mas, se fôssemos medir, provavelmente seria maior.

Tinha ainda outro meio: era aguardar os navios ingleses que vinham de Achém, na ilha de Sumatra ou Bengala, e tomar passagem num deles para a Inglaterra.

Todavia, como tinha chegado ali sem ter nenhuma relação com os diretores da Companhia Inglesa das Índias Orientais, não era fácil sair sem

permissão sua, a não ser que tivesse uma grande influência com os comandantes dos navios ou com os agentes da Companhia, indivíduos para os quais eu era inteiramente estranho.

Passei pela dor de ver o meu navio afastar-se sem mim. Era um tratamento que sem dúvida jamais homem algum na minha situação tinha sofrido, a não ser no caso em que os amotinados, para exercer a pirataria, deixam em terra aqueles que não querem tornar-se cúmplices de sua traição.

Deixara-me o sobrinho dois criados, ou melhor, um companheiro e um criado. O primeiro era secretário do contador, a quem o capitão obrigara que me acompanhasse, e o segundo era seu criado pessoal.

Dirigi-me a uma hospedaria que estava a cargo de uma inglesa, onde viviam muitos negociantes, alguns franceses, dois judeus italianos e um inglês. Como me encontrava bastante bem ali, não queria que me dissessem que havia tomado uma determinação sem nela meditar maduramente e por isso levei mais de nove meses refletindo no partido que melhor me convinha. Possuía grande quantidade de mercadorias inglesas de muito valor e respeitável soma em metal, pois meu sobrinho me deixara mil peças de ouro e uma letra de câmbio de quantia muito superior caso viesse a precisar. Assim, não padeceria necessidades se me acontecesse algum imprevisto. Desfiz-me prontamente e com grande vantagem das mercadorias e conforme fora minha primeira intenção adquirir alguns formosos diamantes, que, de todas as coisas, era a que mais convinha em minha situação presente, porque podia levar sempre minha fortuna comigo.

Depois de longa permanência naquela cidade, e de muitos planos formados para o meu regresso à Inglaterra, sem que nenhum deles me satisfizesse, o comerciante inglês com quem eu morava e com o qual havia entabulado relações mais íntimas veio procurar-me certa manhã e me disse:

— Meu caro compatriota, tenho um projeto a lhe comunicar que corresponde absolutamente às minhas conveniências e creio que também lhe deve convir, desde que você nele pense maduramente. Acharo-nos, você por acidente e eu por vontade própria, em uma parte do mundo muito afastada de nossa pátria. Afortunadamente isto aqui é um país onde nós, que entendemos de comércio e de negócios, podemos ganhar muito dinheiro. Se quiser ajuntar às mil libras esterlinas que tenho outras mil, compraremos juntos o primeiro navio que nos convenha. Você será o capitão, eu, o comissário, e podemos empreender uma viagem comercial à China. Ficando aqui, é que nada resolvemos. O mundo inteiro está em movimento, dando voltas sem cessar,

girando e agitando-se com regularidade todas as criaturas, tanto os corpos celestes como os terrestres. Por que havemos de ficar ociosos? Por que havemos de pertencer ao número dos zangões?

Agradou-me muitíssimo semelhante proposta, tanto mais que me pareceu feita de modo franco e amistoso.

Não direi que podia, pela circunstância de ser livre e independente, adotar um projeto comercial, pois o comércio não era meu elemento, mas talvez possa dizer, com bastante verdade, que me atraía a vida errante, e não tinha forças para perder uma oportunidade de ver uma parte do mundo que me era desconhecida.

Contudo, não pudemos encontrar logo um barco que nos satisfizesse, e, ao encontrá-lo, não nos foi fácil achar marinheiros ingleses, isto é, um número que fosse suficiente para dirigir os que tomássemos no país em que nos achávamos. Afinal descobrimos um piloto, um contramestre, um bom artilheiro ingleses, um carpinteiro holandês e três marujos portugueses. Com semelhante gente e outros marinheiros nativos, pareceu-nos que poderíamos fazer-nos ao largo.

São tantos os viajantes que já fizeram a descrição de suas expedições por aquelas regiões que seria enfadonho e de pouco interesse descrever minuciosamente os lugares por onde passamos. Deixo isso a outros e recomendo ao leitor que se dirija a esses diários e impressões de viagens dos senhores ingleses, já publicados em profusão e outros a publicar. Bastará dizer que rumamos para Achém, na ilha de Sumatra; dali ao Sião, onde trocamos algumas das nossas mercadorias por ópio e aguardente de palmeira. O primeiro desses dois artigos tinha preço excessivo na China e era muito escasso naquela época. Finalmente chegamos a Sung-Kiang, e isso equivale a uma longa viagem, de vez que nela empregamos nove meses. Após a citada expedição, voltamos a Bengala, e quanto a mim estava satisfeito com a aventura.

Tenho observado com frequência que na Inglaterra todos se admiram de que os agentes que a Companhia envia às Índias, tal como os comerciantes ali estabelecidos, façam geralmente grandes fortunas e voltem à sua pátria com sessenta ou setenta mil libras esterlinas de uma só feita. Mas a coisa nada tem de especial, se se levar em linha de conta a multidão de portos em que temos livre entrada e sobretudo que, nesses portos, os produtos de todas as nações estrangeiras têm grande procura, o que assegura a venda de tudo quanto se leva e facilita vantajosamente a compra dos gêneros que se vendem muito

bem no exterior.

Abreviando: fizemos uma viagem excelente. Ganhei tanto dinheiro naquele primeiro empreendimento e compreendi tão bem os meios de ganhar mais que, se tivesse menos vinte anos, teria decidido ficar naquele país, sem cogitar de fazer fortuna em outra parte. Mas que importância podia ter tudo isso para um homem com mais de sessenta anos e que era já bastante rico e que, ao vir a países tão distantes, só o fazia por seu incansável desejo de ver o mundo e não para aumentar a fortuna? Chamo com razão de incansável ao citado desejo, porque, estando em meu país, não desejava outra coisa senão viajar, e no estrangeiro não aspirava senão a regressar ao meu lar. Que me importava ganhar mais dinheiro?

Meu camarada, porém, tinha horizontes diferentes dos meus. Não é que eu pretenda que prevaleçam minhas opiniões, ao contrário reconheço que as suas eram mais justas e mais conformes com sua qualidade de comerciante, cuja missão e tarefa é dedicar-se ao que mais lucro dê. Meu novo amigo gostava das coisas mais positivas e teria se conformado em ir e vir pela mesma rota, como um cavalo de posta, alojando-se sempre nos mesmos pousos se isso lhe rendesse; ao passo que eu tinha o capricho de um jovem louco e vagabundo, a quem bastava ver as coisas uma só vez.

E existia ainda outra razão: experimentava enorme impaciência por avizinhar-me de minha pátria, muito embora continuasse indeciso quanto ao caminho que deveria tomar para me dirigir a ela de uma vez.

Nesse intervalo, meu amigo, sempre à cata de negócios, propôs nova viagem às ilhas Molucas, para trazer um carregamento de cravo de cheiro, produto daquelas ilhas e das Filipinas, onde os holandeses fazem realmente todo o comércio, embora as Filipinas pertençam à Espanha. No entanto, podíamos, sem nos aventurar nem ir tão longe, visitar portos em que o governo holandês não era tão poderoso, tais como Batávia, Ceilão etc.

Nossos preparativos em pouco tempo estavam terminados. A principal dificuldade que meu sócio teve a vencer foi convencer-me a fazer aquela expedição. Mas não se me apresentava nenhuma outra empreitada, e a mim me parecia que o dedicar-me àquelas viagens comerciais, que tão excelentes resultados me davam, era mais cômodo e satisfatório do que continuar na inação, tormento de minha vida. Acedi, pois, e empreendi a dita viagem, que teve completo êxito. Fizemos escala em Bornéu e em muitas outras ilhas, de cujos nomes não me posso lembrar neste momento, e estávamos de volta ao ponto de partida no fim de cinco meses. Vendemos nossa carga, que consistia

principalmente em cravo e noz-moscada, aos negociantes da Pérsia, que a levaram pelo golfo do mesmo nome, dando-nos um lucro de quinhentos por cento, o que nos trouxe, como se pode supor, incalculável aumento de fortuna.

Meu amigo, no momento em que acertávamos nossas contas, fitou-me a sorrir e indagou:

— O que acha? Isto não vale mais do que ir de um lado para outro, a perambular como um desocupado, malbaratando o tempo na contemplação da barbaria e da ignorância dos selvagens?

— Sim, meu amigo — respondi —, começo a pensar assim e a criar amor ao comércio, mas, permita que lhe diga de passagem que ignora do que sou capaz. Se consigo sacudir de vez a preguiça e realmente me decido, mesmo assim velho como você me vê, desafio-o a correr o mundo; ainda mais, se você aceita o meu desafio, será uma questão de amor-próprio e não lhe darei mais um minuto de repouso.

Mas para findar a narrativa de meus empreendimentos mercantis, direi que pouco tempo depois chegou da Batávia um navio holandês. Era um barco de cabotagem e não dos que traficam com a Europa. Tratava-se de uma pequena nau de umas duzentas toneladas. Dizia a tripulação que tinha sido dizimada pelas moléstias, de sorte que o comandante, ficando quase sem gente, se vira forçado a entrar em Bengala. E ou porque houvesse ganhado bastante dinheiro, ou porque quisesse por outras razões voltar para a Europa, anunciou que desejava vender o navio. Tal notícia chegou aos meus ouvidos antes que aos do meu sócio, e achei-me disposto a fazer a aquisição. Fui, assim, à procura dele, e fiz-lhe a proposta. Esteve refletindo por um momento, porque não era homem de resoluções precipitadas, e após curto silêncio respondeu:

— É uma embarcação grande, mas, mesmo assim, a compraremos.

Ambos de acordo, entramos em trato com o armador do barco, acertamos o preço, fizemos o pagamento e imediatamente tomamos posse do navio. Ultimado o negócio, resolvemos experimentar se era possível fazer a junção de seus tripulantes com os homens que nós já tínhamos. Mas, assim que receberam os soldos e as respectivas partes no lucro, sumiram sem que pudéssemos encontrar um só. Em vão os procuramos por todos os cantos, afinal viemos a saber que se tinham dirigido todos juntos para Agra, por terra, residência do Grão-Mogol, a fim de se encaminharem a Surata, e desse ponto embarcar em demanda do golfo Pérsico.

Causou-me profundo desgosto ter perdido o ensejo de ir com eles, pois semelhante expedição, com tal acompanhamento, teria sido, sem dúvida, tão segura quão divertida e correspondia perfeitamente ao meu principal intento de correr o mundo e acercar-me do meu país natal. Mas poucos dias depois tive, pelo contrário, que me felicitar quando me inteirei da classe de companheiros que ia ter. Para dar uma ideia deles em poucas palavras, direi que o homem que chamavam de capitão era apenas o artilheiro. Durante a travessia haviam desembarcado e foram atacados pelos malaaios, que mataram o capitão e mais três homens. Depois disso, os que vimos, em número de onze, deliberaram apoderar-se do navio e, tendo-o conseguido, conduziram-no a Bengala, deixando em terra o contramestre e cinco homens.

Contudo, quaisquer que fossem os meios de que se valeram para se apossar do barco, nós o tínhamos adquirido honradamente e de boa fé, embora não tivéssemos, confesso, examinado as coisas tão escrupulosamente como devíamos. Com efeito, não interrogamos os marinheiros que talvez tivessem caído em contradição, fato que teria despertado nossas suspeitas. O pretenso capitão me mostrara uma escritura de venda do navio feita a favor do senhor Emanuel Clostershoven, ou um nome parecido (certamente inventado por ele), dizendo ser ele em pessoa, coisa que não pusemos em dúvida. Sem absolutamente suspeitar da fraude, fechamos o negócio.

Contratamos então alguns marinheiros ingleses e holandeses e decidimos fazer uma segunda viagem para sudeste, isto é, até as Filipinas e Molucas, em busca de cravo e outras especiarias. Finalmente, para não me deter em bagatelas a esta altura de minha história, direi que consumi seis anos naquelas regiões, negociando de porto em porto, indo e vindo, sempre com muito bons resultados. Esse era o meu último ano com o meu novo sócio e íamos numa viagem à China, no navio já falado, com a intenção de deter-me em Sião para comprar arroz.

Naquela travessia vimo-nos forçados pelos ventos contrários a entrar no estreito de Málaca e velejar entre suas ilhas, e, mal havíamos saído daquelas águas perigosas, percebemos que a embarcação fazia um pouco d'água, sem podermos, apesar de nossos esforços, descobrir o lugar do pequeno rombo. Este acontecimento induziu-nos a procurar um porto de refúgio. Meu sócio, melhor conhecedor da região do que eu, aconselhou o capitão a entrar pelo rio que corta o Camboja. Convém advertir, entre parênteses, que eu investira nas funções de capitão o nosso imediato, que era inglês, chamado Mr. Thompson, pois não quis tomar a mim o comando do barco. O citado rio se

encontra ao norte do golfo ou grande baía que se prolonga até o Sião.

Durante nossa permanência no dito porto, indo certo dia à terra com o objetivo de comprar víveres, acercou-se de mim um inglês, o qual pelo aspecto parecia segundo artilheiro de um navio da Companhia das Índias que estava ancorado um pouco mais acima, no mesmo rio, perto de Cambodje. Quem havia levado ali aquele homem? Ignorávamos. Chegou-se a mim, como já disse, e interpelou-me do seguinte modo, em inglês:

— Senhor, sou um estranho para Vossa Senhoria, do mesmo jeito que o é para mim, no entanto, tenho de lhe dizer uma coisa que o interessa muito de perto.

Estive a fitá-lo muito tempo, parecendo-me que o conhecia, mas vi que me equivocava.

— Se é assunto que me toca tão de perto assim — respondi-lhe —, sem que ao senhor nada interesse, que é que o induz a comunicá-lo a mim?

— O que pode induzir-me é o perigo iminente em que o senhor se acha e do qual vejo que não tem o mínimo conhecimento.

— Na verdade, não vislumbro outro perigo senão aquele a que está exposto meu navio, um pequeno rombo que não consigo achar, mas amanhã vou mandá-lo para o dique e havemos de descobrir.

— Exista ou não um rombo, descubra-o ou não, não será tão imprudente, senhor, de o procurar depois que souber o que lhe tenho a dizer. Sabe que a cidade de Cambodje dista quinze léguas daqui e que duas grandes chalupas inglesas e três holandesas se encontram a cinco léguas de nós?

— Ora! E isso que me importa?

— Como, senhor! Uma pessoa que se lança em empresas como as suas pode entrar em um porto sem conhecer antes que navios há nele e se está em condições de resistir? Suponho que não pensa que a partida seja igual.

Aquele discurso me divertiu mais do que assustou, porque não compreendi patavina; por fim, virando-me para ele, disse:

— Senhor, peço que se explique, porque não sei que razão possa existir para temer os navios holandeses ou os da Companhia. Não sou contrabandista: que terão, pois, a dizer-me?

Encarou-me com aspecto meio severo, meio risonho, e depois de alguns minutos de silêncio, retrucou sorridente:

— Está bem, senhor! Se acha que está em segurança, tente. Unicamente deploro que seu destino o faça fechar os ouvidos a um conselho dado em tempo. De qualquer modo esteja certo de que, se não se fizer de vela

imediatamente, será atacado na próxima maré por cinco chalupas bem armadas, e se for feito prisioneiro, e os seus companheiros também, serão todos enforcados como piratas, sem prejuízo de um exame posterior de seu caso. Eu pensava, senhor, que merecesse melhor acolhida, tratando de prestar-lhe um serviço tão importante.

— Não costumo esquecer — exclamei — os serviços que me prestam, nem pagar com a ingratidão aos que manifestam interesse por mim, mas o que não posso compreender é que se haja formado tal prevenção contra mim e meus interesses. Contudo, como me diz que não há tempo a perder e se trama um golpe contra mim, vou voltar já para bordo e partirei imediatamente se meu pessoal puder descobrir o rombo do costado e tapá-lo, pois sem isso iríamos ao fundo. Mas afianço-lhe que ignoro a causa de tudo isso, senhor. Não poderá dar-me alguma explicação a respeito?

— Não lhe posso contar mais do que parte do assunto, mas tenho comigo um marinheiro holandês que poderá pô-lo ao corrente do resto para abreviar a história, da qual o senhor conhece, segundo creio, muito bem o princípio. O senhor e os seus foram com este navio a Sumatra e ali seu capitão foi assassinado pelos malaios com mais três homens da tripulação. Depois o senhor e alguns outros que ainda continuam a bordo fugiram com o barco, e finalmente converteram-se todos em piratas. Tal é a história em resumo: vão ser caçados como malfeitores e executados como tais. É o que posso afirmar sem muita cerimônia, pois deve saber perfeitamente que os navios mercantes não têm nenhuma consideração com os piratas quando caem em seu poder.

— Agora está falando inglês claro e sou-lhe grato. Embora não me lembre de ter feito nada do que disse, porque nós, estou certo disso, compramos esse barco em boa fé e em condições legítimas; contudo, por isso que se trata de assunto sério, como acaba de dizer, e o senhor parece uma pessoa honesta, vou tomar as minhas precauções.

— Isso não basta, senhor. A melhor precaução é fugir do perigo. Se tem alguma estima à sua vida e à dos seus homens, parta sem perda de um minuto. Aproveitando a vantagem de toda uma maré, estarão fora do seu alcance quando eles aqui chegarem, porque eles se farão de vela com o preamar, e como têm vinte milhas para chegar aqui, o senhor e os seus ganharão cerca de duas horas sobre eles com a diferença de maré, sem contar a vantagem da distância que já os separa. Demais, em razão de não disporem eles senão de chalupas, não se atreverão a persegui-los mar a dentro,

principalmente se houver um pouco de vento.

— Bem, meu amigo! O serviço que nos presta é dos maiores. Que posso fazer para recompensá-lo?

— Senhor, ainda não é possível pensar na recompensa, porque não está ainda totalmente convencido da verdade de minhas informações. Vou fazer-lhe uma proposta: devem-me dezenove meses de soldo no navio em que vim da Inglaterra a estas terras e sete ao holandês que me acompanha. Se quiser pagar-nos essa quantia, embarcaremos com o senhor. Caso não sobrevenha acontecimento algum, não pediremos nada mais. Se reconhecer que salvamos de fato o navio, sua vida e a da tripulação, então deixaremos ao seu critério e à sua generosidade fixar a nossa recompensa.

Apressei-me em aceitar a proposta e voltei imediatamente a bordo, seguido de dois homens. Assim que cheguei perto do navio, meu sócio, que estava no tombadilho, correu ao castelo de popa gritando muito alvoroçado:

— Olá, tapamos o rombo! tapamos o rombo!...

— Ótimo! — repliquei. — Louvado seja Deus! mas levantemos a âncora sem perda de um instante.

— Que quer dizer? que é que há?

— Nada de perguntas. Todos mãos à obra e levantar âncora sem perder um minuto.

Profundamente surpreso, chamou o capitão e transmitiu-lhe a ordem de zarpar e, embora a maré não estivesse completamente alta, como soprasse uma pequena brisa de terra, em pouco estávamos em alto-mar. Então chamei meu sócio ao camarote e contei-lhe tudo o que já sabe o leitor, depois fiz vir os dois novos marujos para que dessem a conhecer o resto. Mas, como essa última narrativa durou mais tempo, estávamos ainda nela quando um marinheiro veio dizer-nos da parte do capitão que nos vinham dando caça.

— Dando-nos caça! — exclamei. — Quem?

— Cinco chalupas perfeitamente equipadas — respondeu o marinheiro.

— Bem! — atalhei. — Pelo que vejo disseram a verdade.

Ato contínuo reuni meu pessoal e lhe contei que havia o propósito de se apoderarem do navio e tratar-nos como piratas. Perguntei então se queriam defender-nos e defender a si próprios. Responderam com o maior entusiasmo e unanimemente que queriam viver e morrer comigo. A seguir interroguei o capitão sobre a maneira que julgava melhor para sustentar o combate, porque eu estava disposto a resistir até a última gota de sangue. Foi de parecer que era necessário mantê-los à distância com nossos canhões e depois atirar neles

de mosquete se tentassem a abordagem. Se nada disso obtivesse êxito, só nos restava abrigar-nos sob a ponte, que talvez não pudessem romper, por falta de apetrechos necessários.

Ao mesmo tempo mandou que o artilheiro colocasse dois canhões, um na popa e outro na proa, a fim de proteger a ponte e que os carregasse com metralha, balas de mosquete e tudo que encontrasse a mão. Após isso, nos dispusemos para o combate.

Durante todos esses preparativos íamos seguindo nossa rota com vento bastante favorável e podíamos distinguir a certa distância as embarcações, em número de cinco, que nos seguiam a toda a vela.

Duas chalupas, que com o auxílio do óculo de alcance pudemos verificar que eram inglesas, se tinham adiantado às demais quase duas léguas e avançavam rapidamente sobre nós. Quando vimos que iam nos alcançar, disparamos um tiro de canhão apenas com pólvora, para intimidá-los, advertindo-os a não se chegarem, ao mesmo tempo que içávamos o pavilhão de paz, significando que queríamos parlamentar. Eles, porém, continuaram avançando a toda a vela até pôr-se a um tiro de canhão. Então arriamos o pavilhão branco, do qual não tinham feito o mínimo caso e, arvorando o vermelho, disparamos um tiro de canhão. Apesar disso, aproximaram-se tanto que lhes podíamos falar com o porta-voz. Gritamos que se afastassem, porque do contrário íamos pô-los a pique.

Foi tudo em vão. Longe de parar, fizeram os maiores esforços para colocar-se junto de nossa popa, como se quisessem iniciar a abordagem por aquele ponto. Vendo que estavam dispostos a combater a todo custo, confiados, sem dúvida, na superioridade de suas forças, dei ordem de manobrar a fim de lhes apresentar o costado, e imediatamente foram disparados três tiros de canhão, cuja pontaria foi tão notável que destruíram toda a popa da segunda chalupa, forçando a tripulação a ferrar todas as velas e precipitar-se para a proa, evitando, assim, que fosse a pique. Essa chalupa, de tão avariada, teve de parar, mas a primeira continuou a perseguição, motivo por que atiramos contra ela.

Durante esse tempo, uma das três embarcações que vinham atrás adiantou-se às outras duas, dirigindo-se à chalupa atingida para socorrer e salvar seus tripulantes. Gritamos de novo para a chalupa mais próxima, propondo ainda uma trégua com o fim de saber o que queriam conosco. Sem nos responder continuou avançando com a mesma velocidade até quase debaixo de nossa popa. Foi quanto bastou para que nosso artilheiro, destro e

certo, disparasse dois tiros, sem querer atingir o alvo. E o pessoal da chalupa, lançando gritos de júbilo e levantando no ar os gorros, prosseguiu em seu avanço sobre nós. O artilheiro, então, tornando a carregar, fez fogo, e dessa vez, se a embarcação não sofreu dano algum, pelo menos uma bala que caiu no meio dos marujos causou entre eles tão terrível carnificina que não pudemos apreciar em toda a sua extensão. Contudo, sem nos deter, viramos de bordo e lhes apresentamos a alheta da popa. Com três disparos a chalupa ficou quase completamente destroçada e o leme, arrancado com parte da popa, o que produziu grande desordem entre os inimigos, que imediatamente ferraram velas. Para completar seu infortúnio, nosso artilheiro disparou mais dois tiros, os quais não posso afirmar onde caíram, mas com tal pontaria, contudo, que vimos a chalupa ir a pique e muitos homens caírem no mar. Nesse momento fiz tripular nosso bote e o mandei com ordem de salvar, se possível, alguns dos náufragos, voltando sem detença a bordo, porque víamos que as outras duas chalupas se aproximavam.

Nossos homens do bote recolheram três daqueles infelizes, dos quais um, quase afogado, esteve por muito tempo sem poder voltar a si. No momento em que chegaram a bordo desdobramos todas as velas ao vento a fim de pegarmos o alto-mar e, quando as três últimas chalupas se juntaram à primeira, observamos que haviam abandonado o projeto de dar-nos caça.

Já livre de um risco que, embora não conhecesse a causa, me pareceu maior do que havia temido em princípio, tomei a resolução de mudar de rumo e não dar absolutamente a conhecer para onde íamos. Deslizamos, pois, para leste, fora dos roteiros dos navios europeus que se dirigem à China ou qualquer outra parte da zona comercial das nações europeias.

Quando nos achamos em alto-mar, interrogamos de novo os dois marinheiros se sabiam a que era devido tudo o que nos sucedera. O holandês nos desvendou o mistério, informando-nos que o indivíduo que nos havia vendido o barco não passava de um pirata que se tinha apoderado dele. Contou-nos então como o capitão (disse seu nome, que não posso recordar) fora iniquamente assassinado, com mais três dos seus, pelos naturais da costa de Málaca. E que ele e outros quatro se tinham salvo metendo-se numa floresta, onde erraram por longo tempo, até que por fim ele (dos outros nada sabia) conseguiu escapar milagrosamente, chegando a nado até um navio de sua nação que, costeando a margem de volta da China, havia enviado sua chalupa em terra para fazer aguada. O infeliz marinheiro não se atrevera a aproximar-se da parte da praia onde estava a chalupa, mas, durante a noite,

lançara-se na água um pouco mais longe e, depois de haver nadado muito tempo, conseguira ser recolhido pelo pessoal de bordo.

Contou-nos ainda que, chegando em Batávia, encontrou dois de seus camaradas que se tinham separado do resto em suas incursões. Contaram-lhe estes que o biltre que se apoderara do navio o havia vendido em Bengala a um bando de piratas, os quais o utilizavam nos seus cruzeiros e haviam pegado já um navio inglês e dois holandeses com esplêndidos carregamentos.

Essa última parte da história nos afetava diretamente e, embora fosse inteiramente falsa, meu sócio observou-me com razão que, se tivéssemos tido a desgraça de cair em poder de homens que estavam tão prevenidos contra nós, nos teria sido impossível apresentar qualquer justificativa ou pelo menos esperar um pouco de clemência, pois, achando-se investidos ao mesmo tempo das funções de acusadores e juizes, o mais lógico teria sido esperar deles sentenças ditadas pela cólera e nos teriam pendurado a uma antena, sem dó nem piedade. Assim, era de parecer que voltássemos diretamente a Bengala, de onde vínhamos, sem tocar em nenhum outro porto. Ali podíamos justificar-nos, provar onde nos achávamos quando tinha chegado o navio, de que modo o havíamos adquirido etc., e se nos víssemos obrigados a comparecer diante dos tribunais, seríamos julgados com justiça e não seríamos enforcados primeiro e julgados depois.

A princípio fui da mesma opinião, mas, após ter refletido detidamente, disse-lhe que me parecia arriscado voltar a Bengala, porque nos encontrávamos naquele momento muito além do estreito de Málaca e, se haviam dado o alarme, podia muito bem suceder que caíssemos nas mãos dos holandeses da Batávia ou nas dos ingleses. Se isso ocorresse, nossa volta, semelhante a uma fuga, seria nossa condenação, não sendo necessária outra prova para estarmos perdidos. Além disso, o próprio marinheiro inglês, por nós consultado, foi de idêntica opinião e garantiu que seríamos aprisionados. Isso me pôs ansioso por fugir, embora ignorasse a direção ou porto a que podíamos demandar.

Vendo-me tão abatido, meu sócio, que no começo estava mais consternado do que eu, tratou de reanimar-me. Fez a descrição dos diversos portos daquela costa e disse que era de parecer que rumássemos para a Cochinchina ou para a baía de Tonquim, e desses pontos demandássemos a Macau, cidade ocupada pelos portugueses, onde residiam muitas famílias europeias e costumavam estacionar os missionários de passagem para a China.

Tomamos a resolução de nos dirigir para aquela banda. Afinal, depois de uma excursão incômoda e irregular, na qual chegamos a sentir a escassez de víveres, avistamos a costa pela madrugada. Pensando nos últimos acontecimentos e no perigo de que havíamos escapado, pareceu-nos mais prudente fundear em um pequeno rio com bastante fundo para o calado de nossa embarcação e reconhecer, ora por terra, ora de bote, que navios havia ancorados nas proximidades. Essa precaução nos salvou, pois ainda que não houvesse nenhum navio europeu na baía de Tonquim, chegaram, no dia seguinte, de manhã, duas embarcações holandesas e uma terceira, sem pavilhão, mas que julgamos da mesma nacionalidade. Passou a umas duas léguas de nós, de proa para a China; finalmente, pouco depois do meio-dia, descobrimos dois navios ingleses que seguiam a mesma rota. Pensamos por isso que estávamos por todos os lados rodeados de inimigos.

O lugar em que nos achávamos pareceu-me inculto e selvagem, seus habitantes eram ladrões profissionais. As relações que mantínhamos com eles eram para nos abastecer de víveres. Entretanto, custou-nos muito trabalho livrar-nos de suas repetidas agressões.

Já contei que nosso barco tinha um pequeno rombo e que o havíamos encontrado no momento em que íamos ser perseguidos pelas chalupas inglesas e holandesas na baía de Sião. Contudo, como o barco não se achava ainda em tão bom estado como fora de desejar, experimentamos, durante nossa permanência naquela paragem, arrastá-lo para a praia, para o que descarregamos as coisas pesadas que iam a bordo, e dessa forma limpar o fundo e verificar se a fenda consertada continuava em bom estado.

Depois de haver aliviado o navio e colocado os canhões e demais objetos móveis de um só lado, preparávamos para aderná-lo, a fim de examinar a quilha, quando uma nova reflexão nos fez mudar de projeto, pois não achávamos um local conveniente para tal operação.

Os habitantes, que não tinham visto nunca semelhante operação, acudiram cheios de assombro à praia, para nos ver e contemplar a embarcação deitada de lado, sem perceberem nossa gente que estava limpando e calafetando sobre andaimes e também no interior do barco. Supuseram que fosse um navio naufragado que ali fora encalhar.

Nessa suposição, ao cabo de duas ou três horas surgiram e nos cercaram dez ou doze grandes canoas, contendo cada uma oito ou dez homens, com a intenção de vir a bordo, apossar-se do navio e, se nos encontrassem nele, presentear-nos como escravos ao seu rei ou chefe, pois ignorávamos a

hierarquia que entre eles tivesse quem os governava.

Quando se aproximaram do barco para sitiá-lo, deram conosco a trabalhar, uns calafetando, outros limpando e raspando como todo marinheiro sabe fazer.

Ficaram a contemplar-nos por breve instante. Nós, surpresos por vê-los ali, não pudemos imaginar qual era sua intenção, mas, com o fim de estarmos prevenidos para qualquer eventualidade, aproveitando aquele momento de espera, fizemos entrar no navio alguns dos nossos e demos armas e munições aos operários para que se defendessem se a ocasião se oferecesse. Essas precauções não foram inúteis, pois, em menos de um quarto de hora de consultas entre eles, deduziram que nossa embarcação tivesse realmente naufragado e que tratávamos de pô-la de novo a flutuar, ou talvez salvar-nos com o auxílio das chalupas. Quando viram transportar as armas para os botes, imaginaram que tentávamos salvar assim parte dos nossos haveres. Então julgaram que lhes pertencíamos e avançaram em ordem de batalha.

Os nossos, vendo que se tratava de número tão avantajado, começaram a atemorizar-se. Precisavam de uma posição adequada para combater e nos perguntaram o que deviam fazer. Ordenei então aos que estavam nos andaimes que os empurrassem para o mar e subissem logo para o navio e aos que estavam nas chalupas mandei que rodeassem o navio e fizessem o mesmo. Contudo, nem os dos andaimes nem os das chalupas puderam cumprir nossas ordens, pois os indígenas se lançaram em cima deles. Duas de suas canoas já haviam abordado uma chalupa e começavam a apoderar-se dos homens como se se tratasse de prisioneiros.

O primeiro em que puseram as mãos era um marujo inglês, rapaz tão forte quanto valente que, em vez de servir-se do mosquete com que estava armado, atirou-o ao fundo do bote para fazer crer que havia perdido o juízo. Mas sabia perfeitamente o que fazia, pois agarrou um selvagem, guindou-o com força de sua canoa para a chalupa e, segurando-o pelas orelhas, bateu-lhe a cabeça tão violentamente contra uma guia de remo que o desgraçado morreu na hora. No mesmo instante um dos holandeses, que estava junto dele, apanhou um mosquete e fez tão perfeitamente o molinete com a arma que derrubou cinco que tentavam saltar para o bote. Mas essa resistência não era suficiente contra trinta ou quarenta homens que, sem temer o perigo, pelo próprio fato de não conhecê-lo, se precipitaram sobre a grande chalupa, onde havia apenas cinco homens para defendê-la. Entretanto, um incidente que nos provocou boas gargalhadas garantiu aos nossos completa vitória.

O carpinteiro de bordo, preparando-se para embrear o exterior do navio e tapar o que se acabava de calafetar, mandara descer para a chalupa duas caldeiras, uma cheia de piche fervente e a outra de resina misturada com sebo, azeite e demais ingredientes usados em tais misteres. O ajudante do carpinteiro tinha na mão uma grande concha de ferro, com a qual passava aos seus camaradas a composição fervente, quando os indígenas entraram na chalupa pelo mesmo lado onde ele se achava, isto é, pelas escotilhas de proa; e quando os teve ao alcance saudou-os com uma colherada de piche a ferver, o que os queimou e escaldou, pois estavam meio nus. Exasperados com as queimaduras, lançaram-se ao mar.

O carpinteiro, vendo o belo efeito surtido, pôs-se a gritar para o ajudante:

— Boa ideia, Jack! dê-lhes um pouquinho mais!

E ao mesmo tempo, apanhando uma estopa, empapou-a no piche e, com auxílio de seu oficial, chamuscou com tal perfeição aqueles desgraçados que, dos que tripulavam as três canoas, nem um sequer pôde escapar sem haver sofrido queimaduras mais ou menos horrorosas. Nunca em minha vida ouvira berros tão espantosos como os que lançavam aqueles infelizes. Coisa digna de nota é que, arrancando a dor gritos de toda gente, cada nação, todavia, tem um modo diferente de emití-los, segundo sua linguagem ou idioma. Não acho comparação mais aproximada para os gritos daqueles selvagens do que os uivos dos lobos que tinha ouvido na floresta da fronteira do Languedoc.

Enquanto sucedia o que acabo de contar, meu sócio e eu, que dirigíamos o resto do pessoal a bordo, conseguimos aprumar o navio pouco depois e colocar os canhões nos respectivos lugares. O artilheiro pediu-me que mandasse entrar a tripulação, porque queria fazer fogo contra o inimigo; mas lhe proibi, pois me parecia que o carpinteiro bastava para terminar a obra sem o seu auxílio. Ordenei apenas que esquentassem outra caldeira de piche, do que se encarregou o cozinheiro de bordo. Mas os inimigos estavam tão aterrorizados com o resultado do primeiro ataque que não tentaram voltar. Os que estavam mais longe, ao verem o navio já quase em sua verdadeira posição e dentro d'água, começaram, certamente, a reconhecer o erro e a renunciar à sua tentativa, já que as coisas não eram como supunham.

Terminou assim nosso cômico combate. E, como houvéssemos comprado dois dias antes arroz, raízes e pão, assim como dezesseis porcos, e tínhamos tudo isso a bordo, resolvemos não continuar mais tempo ali e fazer-nos a vela, por via das dúvidas. Estávamos convencidos de que no dia

seguinte nos veríamos sitiados por um número tão mais considerável daqueles patuscos que todo o nosso piche seria insuficiente para nos livrar deles. Portanto, naquela mesma tarde fizemos todos os preparativos e no dia seguinte muito cedo estávamos prontos para nos fazer ao mar. Enquanto isso, permanecemos ancorados a certa distância da costa, dispostos a combater ou a zarpar, já sem maiores temores do inimigo.

No dia seguinte, tudo em ordem e reparadas as avarias do navio, largamos. Quiséramos ir à baía de Tonquim para averiguar o que havia com os navios holandeses que nos tinham precedido, mas não nos atrevemos, porque avistamos depois muitas outras embarcações. Portanto, pusemos a proa a nordeste, em direção à ilha Formosa, para evitar encontro com algum navio mercante inglês ou holandês do mesmo jeito como os navios dessas nações fogem de um corsário argelino.

Dali rumamos para o norte, até deixarmos atrás todos os portos daqueles mares, tão frequentados pelos navios europeus. Assim não cairíamos em seu poder naquelas paragens, porque nas circunstâncias em que nos achávamos não nos restava nem a mais remota esperança de salvação. Seria preferível, na verdade, cair nas mãos da Inquisição espanhola.

Achando-nos então aos 30 graus de latitude norte, decidimos fundear no primeiro porto comercial que topássemos. Logo que nos aproximamos da costa, vimos vir a nós um bote onde viajava um português de certa idade, que, ao reconhecer uma embarcação europeia, corria a oferecer seus préstimos. Muito contentes por aquele encontro, recebemo-lo a bordo. E, logo, sem indagar o lugar para onde íamos, despediu o bote que o trouxera.

Calculando que esse velho marujo nos pudesse levar aonde bem entendêssemos, comecei por lhe propor se queria conduzir-nos ao golfo de Nanquim, que se acha na parte setentrional do litoral da China. Respondeu que conhecia muito bem aquele golfo, mas perguntou, a sorrir, o que pensávamos fazer ali.

Disse-lhe que tínhamos a intenção de vender nossa carga e adquirir em troca porcelanas, tecidos lisos e estampados, sedas cruas e trabalhadas, chá etc. e voltar pela mesma rota por que tínhamos vindo. Observou-me que, nesse caso, o porto que mais nos convinha era o de Macau, onde encontraríamos mercado dos mais vantajosos para nosso ópio e nos seria fácil achar toda sorte de mercadorias chinesas tão baratas como em Nanquim.

Não podendo fazer o ancião desistir de sua ideia, na qual insistia com obstinação, disse-lhe que, a par de negociantes, éramos também viajantes e

que sentíamos grande vontade de visitar a enorme cidade de Pequim e a famosa corte do monarca chinês.

— Então — disse o bom homem — é melhor que vão a Ning-po, de onde, pelo rio que desemboca no mar, há apenas cinco léguas para atingir o grande canal, completamente navegável e que atravessa o coração do imenso Império chinês, cruza todos os rios, galga consideráveis alturas por meio de comportas e represas, e termina na cidade de Pequim, depois de haver percorrido uma extensão de 270 léguas.

— Está bem, senhor português — respondi —, mas agora não se trata disso. O que nos interessa é saber se está em condições de levar-nos à cidade de Nanquim, de onde podemos trasladar-nos a Pequim.

Respondeu afirmativamente e disse-me que um grande navio holandês acabava de fazer-se de vela com idêntico destino. Tal notícia causou-me ligeiro estremecimento. Um navio holandês produzia em nós tamanho espanto que preferíamos encontrar o diabo, desde que não nos aparecesse sob forma demasiado horrível. Continuávamos persuadidos de que um encontro com uma embarcação da citada nacionalidade nos seria fatal, de vez que não contávamos com forças para resistir-lhe, sendo os navios que navegam aqueles mares de tonelagem considerável e, por conseguinte, melhor armados do que o nosso.

O velho lobo do mar, vendo minha perturbação e inquietude ao falar num navio holandês, disse:

— Senhor, não deve recear os holandeses, pois, segundo penso, não estão em guerra com o seu país.

— É certo — retruquei —, mas ninguém sabe as liberdades que os homens podem tomar quando se sentem fora do alcance das leis.

— Mas ora... — replicou — os senhores não são piratas. Por que então hão de ter medo? Eles não poderão meter-se com um pacato navio mercante...

Se todo o meu sangue não subiu naquele momento ao rosto, foi sem dúvida porque algum obstáculo nos vasos deteve sua circulação. Aquelas palavras me impressionaram de tal maneira que me foi totalmente impossível ocultá-lo ao velho piloto.

— Senhor — disse ele —, vejo que minhas palavras o conturbaram um pouco. Quer ter a bondade de indicar-me o caminho que mais lhe convém? Pode estar sempre certo de que o servirei com a melhor boa vontade.

— É verdade — respondi — que minha resolução neste momento não é definitiva sobre o lugar para onde quero ir, e o que acaba de me dizer a respeito de piratas aumenta muito mais a minha perplexidade. Não esperava encontrá-los nestas alturas e, como vê, não estamos em condições de opor-lhes resistência com um barco tão pequeno e de tão escassa tripulação.

— Oh, senhor, fique tranquilo. Não creio que se tenha apresentado pirata algum por estes mares, há quinze anos pelo menos, com exceção, segundo ouvi, dos que foram vistos há coisa de um mês na baía de Sião. Mas mesmo esses o senhor pode estar certo de que já se foram aos mares do sul. Aliás, não era um navio forte nem aparelhado para tal ofício. Não fora

construído para ser armado em corso, mas os patifes que compunham sua tripulação o dedicaram a esse mister quando o capitão e alguns tripulantes foram assassinados pelos malaio, na ilha de Sumatra ou seus arredores.

— Como? — disse, fingindo ignorar tudo aquilo. — Assassinaram o capitão?

— Não — respondeu —, eu não disse isso; mas, como eles depois se apoderaram do navio, supõe-se que deviam ter abandonado o comandante às mãos dos malaio ou que o entregaram a eles.

— Então merecem a morte tal como se tivessem sido os verdadeiros assassinos!

— É inegável — continuou o ancião —, e não escaparão se toparem com algum navio holandês ou inglês, porque todos estão de acordo em não lhes dar o mínimo quartel.

— Mas, se o senhor diz que o pirata abandonou estes mares, como se conseguirá deitar-lhe a mão?

— Julga-se, certamente, que se tenha afastado daqui — respondeu —, mas, como já lhe disse, entrou ultimamente na baía de Sião e no rio Cambodje, onde foi visto por alguns holandeses que pertenciam à sua tripulação e tinham sido desembarcados ao mesmo tempo que seus companheiros fugiam com o navio. Esteve quase sendo preso por algumas embarcações inglesas e holandesas que se achavam no rio. Se as primeiras chalupas que o atacaram tivessem sido oportunamente auxiliadas pelas outras, que se atrasaram, teriam certamente se apoderado dele. Mas, vendo duas das chalupas mais próximas ao alcance dos seus tiros, fez uma manobra e lhes mandou uns tantos disparos, que as desmantelaram antes que as demais tivessem tempo de chegar. A seguir internaram-se no alto-mar, onde não foi possível segui-los. Mas todos os comerciantes fazem descrição tão exata do navio que há certeza plena de o reconhecerem mais cedo ou mais tarde. Em qualquer canto que o encontrem, juraram não perdoar nem o capitão nem os tripulantes, que serão enforcados.

— Como?! — exclamei. — Executá-los dessa forma, sejam culpados ou não?! Enforcá-los primeiro e julgá-los depois?

— Oh, senhor — replicou o velho piloto —, que necessidade há de promover um julgamento com todas as formalidades de praxe em se tratando de semelhantes pulhas? É só amarrá-los de dois em dois e lançá-los ao mar, pois isso é unicamente o que merecem.

Como eu sabia que o velho piloto estava em meu poder e não podia

escapar, não tive dúvida em interrompê-lo bruscamente e dizer:

— Muito bem, senhor, aí está precisamente a razão por que desejo ser levado a Nanquim e não voltar a Macau, nem a nenhum outro porto do país frequentado por navios ingleses ou holandeses. Saiba que os capitães desses barcos são criaturas muito insolentes e orgulhosas, que não têm nem a mais remota ideia do que seja justiça, nem do que seja conduzir-se segundo as leis divinas e as da natureza. Ensoberbados com sua autoridade, querem castigar os piratas e o que fazem é equiparar-se aos assassinos. Não teriam o menor escrúpulo de atacar pessoas falsamente acusadas e declará-las culpadas sem se darem ao trabalho de fazer qualquer averiguação, mas tenho a esperança de viver ainda bastante para lhes pedir conta, para lhes mostrar que a justiça se opõe a que se trate um homem como criminoso antes de se haver comprovado o crime e a identidade do acusado.

Então lhe confessei que se achava a bordo do navio que tinha sido atacado. Contei-lhe os pormenores de nossa refrega com as chalupas e como os agressores manifestaram tanto imperícia como covardia. Referi-lhe a seguir toda a história do barco desde o dia da compra, o serviço que o holandês nos tinha prestado e as razões que eu tinha para acreditar no assassinio do capitão pelos malaio e como se apossaram da embarcação os homens que a tripulavam. Disse-lhe ainda que a acusação de pirataria feita contra eles era pura invencionice e, demais, os capitães deviam ter pelo menos se certificado antes de atacar o navio de imprevisto, o que nos forçara a defender nossas vidas. Finalmente, acrescentei que o sangue dos homens mortos naquele caso de legítima defesa devia recair apenas sobre eles.

O ancião, cheio de assombro ao ouvir essa narrativa, disse-me que havia razões poderosas para nos dirigirmos ao norte e, se lhe era permitido dar um conselho, devíamos desfazer-nos do navio na China, o que nos seria muito fácil, e comprar ou construir outro naquele país.

— Embora seja provável que não saia tão bom como este — acrescentou —, sempre será capaz de transportá-los todos e mais a mercadoria a Bengala ou a outra parte qualquer.

Respondi que aproveitaria seu conselho quando chegássemos a um porto onde pudéssemos encontrar alguma embarcação que conviesse aos nossos fins e um comprador para a nossa. Disse-me que em Nanquim não faltaria quem quisesse o meu navio e uma embarcação chinesa nos bastaria para o regresso. Comprometeu-se a arranjar quem comprasse um e me vendesse o outro.

— Mas já que o senhor afirma — repliquei — que o meu navio é tão conhecido, se seguir seus conselhos posso expor gente honrada aos maiores riscos e talvez mesmo à força, porque, se os agressores reconhecem o navio, isso será prova suficiente para deduzir a culpabilidade dos que o tripulam.

— Há um meio de evitar todos esses acidentes. Conheço todos os capitães de quem o senhor me falou. Eu os verei à medida que passem e cuidarei de lhes fazer uma verdadeira relação de tudo, provando-lhes que estão errados. Direi que é verdade que os que iam antes no navio se tinham apoderado dele, mas que não se haviam transformado em piratas. Farei ver sobretudo que não são os mesmos que o tripulam hoje, pois agora se trata de gente que o comprou de boa fé para fazer seu comércio. Julgo que não duvidarão de minha veracidade ou pelo menos que procederão com mais prudência para o futuro.

— Bem — disse eu —, quer encarregar-se de lhes fazer uma declaração formal?

— Sim — respondeu —, contanto que esteja autorizado por Vossa Senhoria, a fim de que possam ver de onde parte e que não foi inventada por mim.

Repliquei que não tinha inconveniente em dá-la e imediatamente me pus a escrever detalhadamente a relação da minha luta com as chalupas, as absurdas razões que alegavam, a injustiça e falta de base daquela ação. Por último dizia aos capitães que deviam envergonhar-se de sua conduta e que, se por acaso os encontrasse na Inglaterra, lhes faria pagar caro, salvo se, no meu regresso, as leis do meu país fossem diferentes. Meu piloto leu isso repetidas vezes e me perguntou outras tantas se eu me fazia responsável por aquela declaração. Respondi que me responsabilizava até meu último vintém e que eu era bastante sensato para saber que algum dia haveria de ter a oportunidade de acusá-los na Inglaterra.

O piloto, porém, não teve ocasião de entregar esse manuscrito, por não nos ter deixado mais.

Enquanto discutíamos isso continuamos nossa navegação para Nanquim. No fim de treze dias fundeamos na ponta sudoeste do grande golfo. Ali fiquei sabendo que desgraçadamente duas embarcações holandesas tinham entrado em Nanquim pouco antes e que não havia meios de escapar de suas mãos. Consultei meu sócio sobre o partido a tomar, mas ele estava tão atrapalhado quanto eu e o que queria era ver-se são e salvo em terra, fosse onde fosse. Contudo, quando readquiriu um pouco o sangue frio, perguntei ao velho

piloto se conhecia algum ancoradouro ou enseada onde pudéssemos entrar, com o fito de vender secretamente o navio aos chineses sem medo do inimigo. Disse-me que se queria continuar para o sul, havia, a quarenta léguas dali, um pequeno porto chamado Quinchang, onde os padres missionários geralmente desembarcavam quando vinham de Macau para converter os *chins* ao cristianismo e onde nunca entrava navio europeu; que, uma vez naquele porto, podia, depois de desembarcado, calcular o rumo a seguir mais tarde. Observou-me que ali não se fazia espécie alguma de comércio, fora de certa época quando se realizava uma espécie de feira para os negociantes do Japão, que iam comprar naquele porto mercadorias chinesas.

Convimos em nos dirigir ao citado porto, cujo nome talvez esteja mal escrito, porque não me posso lembrar com precisão, embora o tivesse anotado em meu livro de memórias que se extraviou. Recordo-me é que os negociantes chineses e japoneses com que mantivemos relações lhe davam nome diferente do que lhe deu o nosso piloto português, o qual o chamava, conforme já vimos, Quinchang.

Estávamos todos de acordo em nos recolher àquele porto; portanto, levantamos âncora no dia seguinte pela manhã, sem havermos ido mais do que duas vezes à terra para abastecer-nos de água. Cumpre-me dizer que em ambas as ocasiões mostraram-se os habitantes muito corteses e nos ofereceram toda classe de provisões, tais como plantas, raízes, chá, arroz e algumas aves; mas faziam-se pagar tudo em muito boa moeda.

Por nos ter sido desfavorável o vento só chegamos a Quinchang cinco dias depois, mas não nos podíamos queixar. Pus pé em terra com o coração aos pulos e gratíssimo ao céu, e decidido, como também meu sócio, a não nos tornar a meter naquele malfadado navio, se pudéssemos liquidar nossas mercadorias a qualquer preço e procurar um meio de sair daquele transe terrível. Devo confessar, depois de tantos anos de experiência, que, de todas as condições da vida, nenhuma torna o homem mais infeliz do que o contínuo temor.

Meu sócio e eu não passávamos uma só noite sem sonhar com a corda ou com o grande mastro, ou, falando claramente, que estávamos sendo enforcados; que nos achávamos em combates terríficos; que éramos feitos prisioneiros; que matávamos inimigos em profusão ou que por eles éramos mortos. Certa noite, entre outras, sonhei que os holandeses nos abordavam e que eu matava um dos seus marinheiros. Animei-me de tal modo que dei um violento soco no tabique do meu camarote e despertei sobressaltado, com a

mão gravemente ferida, a articulação quebrada e as carnes doloridas, a um ponto tal que receei perder dois dedos.

Outra preocupação que não me deixava era ter de sofrer as crueldades dos holandeses se tivéssemos a desdita de cair em seu poder. Imaginava que poderiam fazer-me sofrer as mesmas penas que meus compatriotas haviam padecido naqueles mesmos lugares e que quisessem por meio de torturas obrigar alguns dos nossos a confessar crimes que nunca tinham cometido, a declarar que éramos todos piratas, de sorte que assim nos teriam condenado com alguma aparência de formalidades jurídicas. Poderiam também cair na tentação de se apossar do navio e da carga, que valiam juntos pelo menos quatro ou cinco mil libras esterlinas.

Tais pensamentos atormentavam dia e noite a meu sócio e a mim. Dizíamos um ao outro que os capitães de navio não tinham nenhuma autoridade para proceder assim e que se nos rendêssemos prisioneiros não poderiam submeter-nos à tortura, nem nos matar, sem responder por seus atos ao regressarem ao nosso país. Isso, porém, não nos tranquilizava, porque, depois de termos sido tratados daquele modo, que nos importava a conta que devessem prestar mais tarde? Se tivéssemos sido assassinados primeiro, que satisfação poderíamos gozar, mesmo que fossem castigados ao chegar à sua pátria?

Quanto maiores foram as ansiedades e angústias que padecemos durante a travessia tanto maior e mais viva foi nossa animação ao nos encontrarmos em terra firme. Meu sócio contou-me que sonhara que carregava um fardo extremamente pesado, com o qual devia subir um monte íngreme como a necessidade. Compreendia que não poderia suportar aquela carga por muito tempo, mas o piloto português fora ajudá-lo, e nesse instante o monte havia desaparecido, restando apenas diante dele um terreno plano e liso. O dito sonho tinha alguma coisa de verdade, porque nos achávamos todos como aliviados, livres inteiramente de uma carga desalentadora.

Por minha parte sentia-me com o coração livre de um peso que não tinha mais força suficiente para tornar a suportar. E, como já disse e repito, estávamos dispostos a não embarcar de novo naquele navio.

Quando desembarcamos, o velho piloto, que chegara a ser nosso melhor amigo, procurou um alojamento ou pouso para nós e um armazém para nossos gêneros, habitação e armazém que, a rigor, se diferenciavam muito pouco entre si. Era um casebre ou cabana anexa à outra maior. As duas eram construídas de caniços e rodeadas por uma paliçada de bambus, que as

defendia dos ladrões, abundantes naquelas regiões. Os magistrados locais concederam-nos uma pequena guarda, ou seja um soldado armado com uma espécie de alabarda, que se postava de sentinela em nossa porta. Diariamente lhe dávamos uma medida de arroz e uma moeda equivalente a seis centavos. Desse modo nossos gêneros ficaram em segurança.

A feira ou mercado que fazem ordinariamente naquela paragem já se realizara havia muito tempo; não obstante, encontramos ainda três ou quatro juncos (embarcações típicas) atracados ao litoral e dois navios do Japão carregados de mercadorias da China, aguardando apenas os comerciantes que estavam ainda em terra, para zarpar.

A primeira coisa que fez nosso velho piloto foi levar-nos à residência dos missionários católicos que viviam naquele povoado havia muito tempo, com o fim de converter seus habitantes ao cristianismo. Pareceu-nos que seu zelo não era extremo e que seus neófitos eram cristãos bem medíocres, isso quando chegavam a sê-lo. Mas isso não era da nossa conta. Havia três missionários ali: um era francês e se chamava padre Simão; outro, português e o terceiro, genovês. Apenas o padre Simão nos recebeu cortesmente. Era um homem inteligente, de boas maneiras e prosa agradável; os outros dois, o português e o genovês, eram mais reservados, pareciam rígidos e austeros, e dedicavam-se seriamente à missão a que foram destinados, isto é, pregar aos habitantes e insinuar-se em sua intimidade quando surgia ocasião favorável. Pelo que soubemos, esse sacerdote francês, o padre Simão, achava-se encarregado por seu superior de ir a Pequim, residência do imperador chinês, e só esperava para empreender a viagem a chegada de outro padre que deviam enviar de Macau. Convidou-me a acompanhá-lo, quando o outro viesse, prometendo mostrar-me todas as maravilhas daquele poderoso Império, e, entre outras, a maior cidade de quantas existem no universo.

— Uma cidade — dizia ele — que nem sua Londres, nem nossa Paris juntas podem igualar.

Referia-se a Pequim, que realmente é uma cidade enorme e densamente povoada. Mas, como sei ver as coisas por um prisma diverso do das outras criaturas, darei minha opinião em poucas palavras quando a narração de minhas viagens me proporcionar essa oportunidade.

Antes, porém, falarei do missionário, o padre Simão. Um dia em que comíamos juntos e estávamos todos de muito bom humor, mostrei-me disposto a fazer a viagem com ele. Assediava-nos vivamente para que aceitássemos sua proposta.

— Mas, padre Simão — exclamou meu sócio —, como deseja tanto nossa companhia? Sabe muito bem que somos hereges e não deve, portanto, nem querer-nos nem ter gosto em nossa companhia.

— Oh! — respondeu ele. — Os senhores acabarão por ser bons católicos com o tempo. Meu destino aqui é converter os pagãos, e quem sabe se não os converterei também?

— Muito bem, padre — repliquei —, pretende então catequizar-nos durante a viagem?

— Não tenha receio, não serei importuno: nossa religião não é incompatível com a cortesia. De resto, aqui nos consideramos todos compatriotas, e o somos de fato, tendo em conta o país em que nos achamos. Enfim, embora os senhores sejam huguenotes e eu, católico, somos ao menos todos cristãos e cavalheiros, e portanto podemos falar sem nos aborrecer mutuamente.

Agradou-me muito o fim do seu discurso e fez-me lembrar o bom sacerdote que deixara no Brasil; mas muito faltava ao padre Simão para poder ser comparado em caráter e elevação de pensamento com aquele outro. É verdade que não se notava nele nenhuma aparência de leviandade censurável, mas não tinha aquele espírito de zelo cristão, de severa piedade e de sincero amor pela religião que distinguia o meu bom beneditino.

Mas deixamos por algum tempo o padre Simão, embora não deixasse de solicitar a nossa companhia. Tínhamos outros assuntos a tratar, pois precisávamos tirar algum partido do nosso navio e dos nossos gêneros, o que não era fácil, dado o pouco tráfico existente naquele porto. Tive ideia de fazer-me a vela e ir à costa de Quilam e à cidade de Nanquim, mas aí me pareceu que a Providência se metia de maneira evidente em nossa vida. A primeira coisa favorável foi a chegada de um comerciante do Japão, que nos foi apresentado pelo velho português e que se informou das mercadorias que tínhamos. Começou por comprar toda a partida de ópio, pagando muito bom preço, em ouro, sendo parte em pequenas moedas de seu país, parte em barras de dez ou doze onças cada uma. Depois de haver adquirido o ópio, ocorreu-me que talvez também comprasse o barco, pedindo ao seu intérprete que me fizesse uma proposta. Inicialmente não respondeu, contentando-se em sacudir os ombros. Alguns dias depois, voltou com um dos missionários na qualidade de intérprete e encarregou-o de nos fazer a seguinte proposta: havia-nos comprado, dizia, grande quantidade de gêneros antes de saber se queríamos nos desfazer do navio, de modo que não lhe sobrara bastante dinheiro para

pagar-nos; mas, se eu quisesse deixar-lhe a tripulação, ele arrendaria o navio para uma viagem ao Japão; dali o enviaria carregado às ilhas Filipinas, depois de haver pagado o frete, e em sua volta compraria a embarcação.

Não só escutei tal proposta, como minha cabeça começou a entusiasmar-se e não tardei a conceber a ideia de ir às Filipinas e de lá fazer-me novamente ao largo em demanda dos mares do sul. Perguntei então ao negociante se não podia alugar o navio até aquelas ilhas e deixar-nos ali. Respondeu que não podia, porque lhe faltaria carga, mas que nos deixaria no Japão. Estava prestes a aceitar esses termos e seguir com ele, quando meu sócio, mais prudente do que eu, desviou-me de semelhante ideia, fazendo-me ver os perigos a que me exporia, tanto naqueles mares quanto no próprio Japão, por parte daquela gente falsa, traidora e cruel; e, nas Filipinas, por parte dos espanhóis.

Mas para ultimar tão importante negócio era preciso consultar primeiro o capitão e os tripulantes, a fim de saber se queriam ir ao Japão. Enquanto eu me ocupava disso, o jovem que meu sobrinho deixara para meu companheiro de viagem veio procurar-me e disse que a expedição proposta pelo comerciante lhe parecera boa e aconselhava-me a empreendê-la, porque podia ser sumamente vantajosa. Acrescentou que, se não me decidia e quisesse autorizá-lo a fazer tal cruzeiro como negociante, ou na qualidade que mais fosse do meu agrado, prometia que, tendo a esperança de chegar à Inglaterra são e salvo, me prestaria contas exatas de seu êxito, o qual poderia considerar como a mim pertencente.

Não queria de modo algum separar-me de meu jovem companheiro, mas, tendo em conta as vantagens realmente consideráveis que poderia obter e achando-me convencido de sua capacidade para conseguir o fim a que se propunha, senti-me inclinado a deixá-lo partir, reservando-me, contudo, o direito de consultar primeiro meu sócio. Prometi, portanto, dar-lhe resposta definitiva no dia seguinte.

Falei a respeito com o sócio, que me fez uma oferta bem generosa.

— Ambos — disse — havíamos tomado a resolução firme de não tornar a viajar no barco que tantas inquietações e sobressaltos nos causou. Se o seu secretário (assim chamava ao meu companheiro) quer empreender a viagem, eu lhe cedo minha parte no navio para que tire o resultado que puder; pois bem, se vivermos bastante para nos tornar a ver na Inglaterra e se houver lucros da expedição, ele poderá nos prestar contas da metade desse proveito como aluguel do navio, ficando o resto para ele.

Como meu sócio, que não tinha motivo algum para interessar-se por meu secretário, me fez semelhante proposta, eu me julguei na obrigação de imitá-lo; e como toda a tripulação estava de acordo em partir com ele, cedemos-lhe a propriedade de metade do navio, e ele se obrigou por escrito a prestar-nos contas da outra metade. Feito isso, partiu.

O comerciante japonês portou-se com ele com a maior lisura: protegeu-o no Japão, obtendo-lhe licença para desembarcar, coisa que não se concede a europeu senão depois de algum tempo e à força de grandes influências. Pagou-lhe exatamente o frete e enviou-o às Filipinas com um carregamento de mercadoria da China e do Japão, acompanhado de um comissário ou agente do país que, negociando com os espanhóis, trouxe produtos europeus assim como considerável provisão de cravo e outras especiarias. No seu regresso, o japonês não só lhe pagou o frete a preço muito bom, como, por não querer o jovem inglês vender logo o barco, lhe confiou gêneros por sua conta. Por consequência, ajuntando algum dinheiro e algumas especiarias de sua propriedade, o citado moço voltou às ilhas Filipinas mais uma vez, onde vendeu vantajosamente seu carregamento aos espanhóis. Ali, por causa de algumas relações que fez, obteve que seu navio fosse declarado livre e alugou-o ao governador de Manilha para fazer uma viagem a Acapulco (América), na costa do México. O governador concedeu-lhe autorização para desembarcar e ir por terra à outra banda do México e transportar-se com toda a tripulação para a Europa em um navio espanhol.

Fez a viagem até Acapulco com a maior felicidade; ali vendeu o barco e, tendo obtido licença para dirigir-se por terra a Porto-Belo, achou meios de passar-se à Jamaica com tudo quanto havia reunido. Cerca de oito anos mais tarde regressou à Inglaterra consideravelmente rico, como veremos em lugar apropriado. E já é tempo de reatar a história de minhas aventuras.

No momento de separarmo-nos do navio e de sua tripulação, quisemos recompensar os dois marinheiros que nos haviam avisado tão oportunamente sobre as intenções que tinham contra nós às margens do Cambodje. De fato, o serviço que nos prestaram tinha sido muito grande e eram credores de nosso reconhecimento, embora, seja dito de passagem, fossem um par de consumados pulhas. Tinham-nos tomado por autênticos piratas e não vieram só para dar-nos ciência do que se tramava contra nós, mas também com o intuito de levar conosco vida de foragido, conforme um deles mais tarde confessou. Não obstante, o serviço que nos prestaram nem por isso perdia o seu valor. Para cumprir a promessa que lhes fizera de recompensá-los,

mandei que lhes pagassem primeiro o que pretendiam que se lhes devia a bordo dos respectivos navios e, por cima, mais uma pequena quantia em ouro, que os deixou contentíssimos. Finalmente, o inglês foi nomeado artilheiro, por haver subido a segundo contramestre e agente responsável aquele que levávamos, ficando o holandês como contramestre. Assim, pois, deixamos satisfeitos tanto um quanto outro, sendo de grande utilidade no futuro, porque eram hábeis marujos e homens intrépidos.

Naquele tempo achava-me na China e, se me havia considerado esquecido e desterrado de meu país quando estava em Bengala, onde podia achar, com o dinheiro que eu tinha, tantos meios de regressar, o que devia pensar ao ver-me a mil léguas mais distante de minha pátria e desprovido completamente de todo meio de voltar?

O único recurso que nos restava era esperar a época da feira que devia realizar-se dentro de quatro meses, o que nos proporcionaria a ocasião de adquirir todo gênero de produtos do país e talvez comprar um barco chinês ou algum pequeno navio de Tonquim que nos conduzisse junto com nossas mercadorias aonde bem nos parecesse. Além disso, como nossas pessoas não fossem suspeitas, se por ali surgisse alguma embarcação holandesa ou inglesa podíamos ter o ensejo de nela embarcar nossa bagagem e desse modo chegar a algum porto da Índia, um pouco mais perto de nosso país.

Essa esperança foi o que nos decidiu a ficar naquele lugar. Para distrair-nos, fizemos duas ou três pequenas viagens pelo país. Na primeira, que durou dez dias, estivemos em Nanquim, cidade digna de ser vista. Diz-se que tem um milhão de habitantes. Está edificada com muita regularidade; todas as ruas são traçadas a cordel e cortadas em ângulo reto, o que muito contribuiu para a beleza de seu aspecto.

Mas, quando comparo os mendigos desse país com os nossos, julgo que seus monumentos, costumes, governo, religião, riquezas e esplendor mal merecem ser mencionados...

Do mesmo modo que seu poderio e sua grandeza, assim como a navegação, comércio e agricultura são insignificantes e imperfeitos comparados com os da Europa, igualmente estão atrasados em ciências, das quais não têm senão escassas e imperfeitas noções. Apesar de tudo, possuem globos e esferas e alguns ligeiros conhecimentos de matemática, com o que supõem já saber mais do que todos os homens, embora apenas tenham ideia dos movimentos dos corpos celestes. A grande massa do povo é com respeito a isso tão néscia e ignorante que, quando há um eclipse do sol, creem que

esse astro é atacado por um dragão disforme que o quer arrebatá-lo. Em vista disso, nessas ocasiões levantam a maior algazarra e confusão com todos os tambores, tam-tans e sinetas que existem no país, a fim de afugentar o monstro, precisamente do mesmo modo que fazemos para atrair um enxame de abelhas.

Tinha o maior desejo de visitar a cidade de Pequim, da qual tanto já ouvira falar, e muito mais diante da insistência do padre Simão, que todo santo dia instava conosco para acompanhá-lo. Afinal, marcado o dia da jornada e tendo chegado de Macau o missionário que devia ir com ele, cumpria tomarmos uma decisão. Ative-me ao parecer que tomasse meu sócio, deixando-o decidir. Enfim pronunciou-se pela afirmativa e preparamos tudo para a jornada.

Procurando fazer a expedição do modo mais seguro, conseguimos ser admitidos no séquito de um dos mandarins do país. Estes são uma espécie de vice-reis ou principais autoridades da província onde têm residência. Levam vida de ostentação em vistosos palácios; viajam com numerosa comitiva e rodeados de grandes deferências por parte do povo, embora isso lhe custe muitos sacrifícios, de vez que está obrigado a tudo custear não só para os mandarins em pessoa como para todos os que os acompanham em suas viagens. A observação que fiz viajando no séquito do mandarim foi que, indo todos providos do necessário para homens e cavalos, nem por isso deixamos de pagar as provisões aos preços correntes do país, cobrados pelo tesoureiro do mandarim com a maior pontualidade. Portanto, o fato de viajar com o séquito do mandarim, se bem fosse para nós coisa muito cômoda, não era da parte dele um grande favor que nos fazia; ao contrário, era-lhe sumamente vantajoso se levar em conta que mais de trinta pessoas viajavam conosco sob sua proteção, às quais ele fazia pagar todas as provisões que o povo lhe fornecia.

Levamos 25 dias para chegar a Pequim, atravessando terras muito povoadas, mas pessimamente cultivadas, conforme pude verificar. A agricultura, a economia rural, a maneira de viver, tudo ali é primitivo e miserável, mau grado tudo o que se conta sobre a indústria do citado povo; seu orgulho é excessivo e só o supera a pobreza, e de certo modo até ajuda ao que chamo sua miséria. Quase diria que os selvagens da América, que vivem em um estado de nudez completa, são mais ditosos do que as classes trabalhadoras da China. Pelo menos, se aqueles nada têm, tampouco o desejam; ao passo que estes, orgulhosos e insolentes, não passam de um

modo geral de mendigos e lacaios. A empáfia dos ricos é incrível; sua mania é ter tantos escravos ou fâmulos quantos possam manter; e o que é o cúmulo do ridículo, depreciam tudo o que não lhes pertence ou lhes é estranho.

Devo dizer com a máxima sinceridade e em honra à verdade que viajei depois com maior prazer pelos desertos e vastas solidões da Tartária do que por aquele malfadado país, onde aliás as estradas se encontram em muito bom estado e são bem cômodas para se viajar. Mas, para mim, nada era mais chocante do que ver aquele povo tão altivo, imperioso e insolente afogado na mais crassa ignorância. Sua orgulhosa mendicância em diversas ocasiões provocou-nos o riso, ao meu sócio, ao padre Simão e a mim.

Por exemplo, certa vez, ao nos aproximar da casa de um nobre camponês, como dizia o padre Simão, a umas dez léguas de Nanquim, tivemos a honra de cavalgar pelo espaço de umas duas milhas em companhia do proprietário: ia equipado como um perfeito D. Quixote, em uma patente mescla de pompa e pobreza.

Suas vestes iriam às maravilhas a um bufão; eram de indiana, mas sujíssimas, de mangas justas, enfeitadas por todos os lados com borlas e lantejoulas; envolvia-se por cima numa espécie de capa de tafetá, tão cheia de sebo quanto se tivesse pertencido a um açougueiro, vendo-se com isso que sua senhoria era um rematado porcalhão. Uma pobre cavalgada, faminta e capenga, seguida por dois escravos a pé que a tocavam a pau, era a sua montada. Armado de um chicote, açoitava o pobre animal na cabeça, enquanto os servos lhe zurziam as ancas. Seguia o mesmo caminho que nós, com um acompanhamento de dez ou doze criados e se dirigia da cidade para sua casa de campo, distante cerca de meia légua do ponto em que o encontramos. Íamos tão devagar que aquele nobre rural nos tomou a dianteira, pois nos detivemos uma hora num lugarejo para nos refrescarmos.

Quando chegamos às proximidades de sua mansão, vimo-lo já instalado diante da porta da casa numa espécie de jardimzinho, esperando que lhe servissem a comida. Podia ser visto facilmente e percebemos que quanto mais o contemplássemos, mais satisfeito ficaria. Estava sentado debaixo de uma árvore parecida com uma palmeira anã, que lhe estendia sua sombra sobre a cabeça pelo lado sul; mas, ainda, havia sob a árvore um grande guarda-sol que fazia muito bom efeito. Estava sentado, ou melhor, recostado em um enorme divã que mal podia conter sua corpulência. Os manjares eram servidos por duas escravas e outras duas se ocupavam, a primeira em dar de

comer ao amo com uma colher e a segunda em segurar-lhe o prato com uma das mãos, enquanto com a outra apanhava o que caía sobre a barba ou sobre a veste de seu senhor. É que aquele volumoso animal julgava que se rebaixaria se usasse suas próprias mãos naqueles ofícios familiares que os reis e monarcas preferem fazer a deixar-se importunar pelas desajeitadas mãos de seus criados.

Enquanto isso, o mandarim que seguíamos lá se ia, respeitado como um rei: não se mostrava fora do círculo de seus gentis-homens, e com tal pompa que não pude jamais vê-lo senão a respeitável distância. Mas o que chamou fortemente a atenção é que não havia em todo o seu cortejo um só cavalo que valesse o mais vagabundo pangaré da Inglaterra, apesar de ser muito difícil julgar, porque iam tão bem ajaezados com mantas, arneses etc. que mal se lhes viam a cabeça e as patas.

Sentia meu coração aliviado de um grande peso desde que me vi livre das inquietações e da ansiedade de que já falei. A ausência de toda ideia angustiosa fez com que a viagem me parecesse agradável; aliás não sofri nenhum acidente incômodo a não ser que, ao vadear um riacho, meu cavalo caiu e me fez perder o equilíbrio, numa palavra, atirou-me com o costado n'água. Havia pouca, mas foi quanto bastou para me molhar dos pés à cabeça. Menciono isso aqui, porque foi quando se me estragou o livrinho de memórias, em que havia anotado os nomes das pessoas e dos lugares dos quais queria me recordar mais tarde.

Afinal, chegamos a Pequim. Não tinha a meu serviço senão o moço que o capitão, meu sobrinho, me havia cedido na qualidade de criado e que sempre se mostrou leal e diligente. Meu sócio levava um serviçal, parente seu. Quanto ao piloto português, como desejava ver a corte de Pequim, suas despesas corriam por nossa conta, pelo simples prazer que nos causava sua companhia. Como sabia a língua do país, falava bem o francês e um pouco de inglês, nos servia de intérprete. Sem dúvida alguma, o dito ancião nos foi sumamente útil em todos os sentidos.

Fazia pouco mais de uma semana que nos achávamos em Pequim quando certo dia veio procurar-me e, a rir, me disse:

— Ah, senhor inglês! Tenho de lhe contar uma coisa que o alegrará!

— O que é que me alegrará? Que pode ser? Não creio que neste país haja alguma coisa que possa causar-me uma grande alegria, nem tampouco uma grande tristeza.

— Sim, sim — disse o bom homem, em mau inglês —, algo que os

deixará contentes, e a mim, triste.

— E por que você há de ficar triste?

— Porque, trazendo-me até aqui, me obrigaram a fazer uma viagem de 25 dias e terei de voltar absolutamente só e chegar ao porto do jeito que puder, sem cavalo, sem navio e sem *pecune*.

Assim sempre chamava ao dinheiro, em um latim corrompido, do qual possuía grande vocabulário, para nosso gozo e entretenimento.

Afinal, contou-me que havia na cidade uma grande caravana de comerciantes moscovitas e polacos que se dispunha a dirigir-se por terra à Rússia, no curto tempo de quatro ou cinco semanas, e que estava certo de que aproveitaríamos o ensejo para partir com eles, ao passo que ele se via na contingência de voltar sozinho.

Confesso que a notícia me surpreendeu tão agradavelmente que, por um momento, fiquei impossibilitado de falar; enfim, virando-me para ele, disse:

— Como sabe disso? Está bem certo?

— Sim — replicou —, esta manhã encontrei na rua um antigo conhecido, um armênio, que vai com eles. Chegou há pouco de Astracã e se propunha ir a Tonquim, onde eu o conheci noutros tempos; mas mudou de ideia e decidiu fazer a viagem até Moscou, com a caravana, e de lá descer o Volga para Astracã.

— Muito bem, meu amigo, não se preocupe com a ideia de ficar ou de voltar sozinho; se isso for um meio para eu voltar à Inglaterra, a culpa será sua se regressar para Macau.

Então fui perguntar ao meu sócio o que tencionava fazer. Interroguei-o a respeito da notícia do piloto e se aquilo convinha aos seus planos. Respondeu que estava disposto a fazer tudo o que eu quisesse, porque tinha então seus negócios em boa ordem em Bengala e havia deixado seus interesses em tais mãos que, se para completar a boa viagem que tínhamos encetado, pudesse prover-se na China de sedas que valesse a pena transportar, se decidiria a ir comigo à Inglaterra, de onde voltaria a Bengala nos navios da Companhia.

Assim, ficou resolvido que, se nosso piloto português quisesse acompanhar-nos, nos encarregaríamos de suas despesas até Moscou ou até a Inglaterra, se assim o desejasse. Se tivéssemos limitado a recompensa a isso somente, não podíamos pretender passar por generosos; sua fidelidade merecia mais. Não só havia sido nosso piloto no mar como também nosso corretor em terra; e, proporcionando-nos o conhecimento de um negociante japonês, fizera entrar em nossos bolsos algumas centenas de libras esterlinas.

Após diversas consultas sobre o assunto e de acordo quanto à recompensa, o que era muito justo, e a levá-lo conosco por se tratar de um homem muito útil em todas as ocasiões, tratamos de lhe dar certa soma em dinheiro sonante, que, segundo minha opinião, podia ascender a 175 libras esterlinas, correndo todos os gastos de viagem por nossa conta, tanto para ele quanto para seu cavalo. Apenas as mercadorias que levasse iriam por sua própria conta.

Uma vez tudo combinado, mandamos chamar o nosso velho português para lhe participar nossos propósitos. Disse-lhe que, como se queixara de se ver forçado a regressar só, tinha a satisfação de lhe comunicar que, se não quisesse voltar, já que estávamos decididos a ir para a Europa com a caravana, tínhamos resolvido perguntar-lhe se queria acompanhar-nos. Sacudiu a cabeça e respondeu que era uma viagem muito longa, principalmente para ele, que não possuía *pecune* para ir tão longe ou para subsistir após sua chegada. Repliquei que isso estava previsto, e que havíamos concordado em fazer algo por ele que demonstrasse como estávamos agradecidos pelo serviço que nos prestara e quão grata ao mesmo tempo nos era sua companhia; disse então a quantia que tencionávamos dar-lhe imediatamente, a fim de que pudesse dispor logo dela, acrescentando que, se quisesse acompanhar-nos, nos encarregaríamos de conduzi-lo até a Rússia ou mesmo até a Inglaterra, sem que devesse pagar mais do que o transporte de suas mercadorias.

Ficou assombrado diante de tal proposta e exclamou que nos seguiria ao fim do mundo: então entregamo-nos aos preparativos da viagem. Mas, como os comerciantes tivessem, tanto quanto nós, muitas coisas para fazer, em vez de estarem prontos no fim de cinco semanas, passaram-se quatro meses e alguns dias antes que pudéssemos começar a jornada.

Em princípios de fevereiro, segundo nosso calendário, saímos de Pequim. Meu sócio e o velho piloto tinham ido ao porto onde havíamos desembarcado havia tempos, para se desfazerem de alguns gêneros que deixáramos ali. Eu me dirigi a Nanquim com um comerciante chinês, com quem fizera relações naquela cidade e que viera a Pequim a negócios. Comprei noventa peças de magnífico damasco e outras duzentas de formosas sedas de várias qualidades, entre elas algumas com bordados de ouro, e tive tempo de regressar a Pequim com toda a minha bagagem antes da volta de meu sócio. Adquirimos, além disso, uma respeitável quantidade de seda crua e alguns outros artigos, cujo valor subia a 3.500 libras esterlinas, o que, incluindo o chá e o percal e três camelos carregados de especiarias,

formavam uma caravana de dezoito camelos, sem compreender os que deviam servir-nos de montaria. Levávamos ainda dois ou três cavalos pela brida e mais dois com provisões, com os quais nosso comboio subia a 26 animais.

A caravana era, em conjunto, uma coisa respeitável: compunha-se de uns quatrocentos cavalos e camelos e para mais de 120 homens perfeitamente armados, prontos para qualquer eventualidade. Sim, porque se as caravanas orientais correm o risco de serem atacadas pelos árabes, estas estão expostas ao assalto dos tártaros, que não são, verdade seja dita, tão perigosos quanto os primeiros, nem tão bárbaros quando triunfam.

Nossa tropa estava constituída por indivíduos de diversas nacionalidades; havia cerca de sessenta negociantes naturais de Moscou, e também, para satisfação nossa, iam cinco escoceses, que pareciam ter muita experiência nesse ramo de negócio e ser pessoas endinheiradas.

Ao terminarem os preparativos, os guias, que eram cinco, reuniram todos os viajantes e negociantes, numa palavra, todos os componentes da caravana, com exceção dos criados, para celebrar o “grande conselho”, como eles o denominam. Ali cada qual depositou, para formar um fundo comum, certa soma destinada à compra de forragem, que de outro modo não teríamos podido encontrar, ao salário dos guias, ao aluguel dos cavalos e outros gastos. Em seguida organizou-se a viagem, isto é, ficaram nomeados os capitães e oficiais para dirigir-nos e dar as ordens em caso de ataque. Tais disposições não eram supérfluas, como veremos mais adiante.

A parte do país por onde tínhamos de passar acha-se muito povoada e habitada por oleiros e artífices que trabalham a terra, ou seja, os fabricantes da porcelana da China. Quando caminhávamos, o piloto português, que tinha sempre pronto um repertório de coisas divertidas para contar, aproximou-se de mim com ar gaiato e disse-me que me queria mostrar a maior raridade de todo o país, a fim de que eu pudesse dizer que a China possuía uma coisa única no mundo inteiro. Fiquei curioso por saber de que se tratava e acabou por dizer-me que a tal coisa era um castelo edificado em terra da China.

— Ora! — repliquei. — Os materiais usados nesse edifício certamente são do próprio país e por isso diz-se que ele foi construído com terra da China, não é isso?

— Não, não — disse ele —; falo de uma casa realmente feita com o que os senhores na Inglaterra chamam de terra china, ou seja a porcelana, como se diz em meu país.

— Será possível? Mas qual é o seu tamanho? Poderia ser metida num estojo e colocada no dorso de um camelo? Porque, neste caso, havemos de comprá-la.

— No dorso de um camelo! — exclamou o ancião, erguendo as mãos. — Uma família de trinta pessoas mora na tal casa.

Não é preciso dizer que tive imenso desejo de vê-la. Quando me aproximei não vi senão uma construção de madeira e gesso, como dizemos na Inglaterra; mas aquilo não era gesso, mas autêntica porcelana da China, ou melhor explicado, terra utilizada na sua fabricação.

O exterior, que o sol fazia refulgir, estava envernizado e tinha um bonito aspecto: era de um branco perfeito, pintado com aquelas figuras azuis que vemos na Inglaterra na porcelana tosca e tão endurecida como se tivesse sido cozida no forno. Quanto à parte interna, as paredes, em vez de ensamblagens, estavam revestidas de ladrilhos pintados e duros, como os que chamamos na Inglaterra azulejos, todos da mais fina porcelana, adornados com figuras extremamente delicadas em diversas cores e entremeadas de ouro. Muitos azulejos formavam às vezes uma só figura, mas estavam tão artisticamente unidos que dificilmente se poderia perceber a junção. O pavimento residencial era da mesma matéria dura como pedra. Estava polido, mas não cozido ou pintado, com exceção de alguns pequenos cômodos, cujo chão também se assemelhava às paredes. Os tetos baixos e tudo o mais nessa casa eram revestidos de porcelana; e o próprio telhado era revestido de ladrilhos iguais, mas de um negro brilhante.

Era realmente uma casa de porcelana; e, se não tivesse necessidade de prosseguir viagem, eu teria me detido alguns dias para examiná-la demoradamente. Disseram-me que no jardim havia fontes e chafarizes de louça e revestidos de idêntica maneira e ao longo das alamedas, colocadas de distância em distância, artísticas estátuas de porcelana.

Sua fabricação, peculiar a todos os chineses, pode-se dizer que é notabilíssima; mas também estou convencido de que é bem notável o preço que pedem por ela. Contaram-me coisas tão incríveis sobre o que fabricam em porcelana que não me atrevo a repetir, receoso de que não sejam verdadeiras. Citaram-me particularmente um artífice que fabricara um navio de porcelana, com todos os seus pertences, mastros e velas grande bastante para conter cinquenta homens. Se me tivessem dito que o haviam lançado ao mar e dele se utilizado para uma viagem ao Japão, aí não sei o que teria respondido; mas, como já conheço todas essas histórias, limitava-me a sorrir

e não dizia nem uma nem duas.

O exame daquele capricho deteve-me por duas horas e fiquei muito atrás da caravana, o que me valeu uma multa de três xelins pelo chefe de dia. E ainda me disse que se tivesse sido por três dias de marcha fora da grande muralha, como o fora por três dentro da mesma, me teria multado quatro vezes mais e me haveria obrigado a pedir perdão no primeiro dia do conselho.

Prometi ser mais ordeiro dali em diante e mais tarde reconheci realmente que a ordem dada de não se separar ninguém da caravana era em absoluto indispensável para a segurança de todos.

Dois dias depois passamos pela grande muralha, erguida como fortificação contra os tártaros. É uma obra colossal sobre colinas e montanhas, por uma rota inútil, onde as rochas já constituem verdadeira defesa, com seus precipícios que nenhum inimigo poderia transpor. E, se por milagre conseguisse passar, certamente não seria muralha alguma que o iria deter. Seu comprimento, segundo dizem, é mais ou menos de um milheiro de milhas inglesas; no entanto, o país que ela protege não tem mais do que quinhentas, em linha reta, sem contar as voltas que a muralha dá. Além disso, sua altura é de 24 pés e outros tantos de espessura em muitos pontos. Descansei uma hora, ou pouco mais, sem contrariar as ordens (porque a caravana empregou todo esse tempo em desfilar pelo portão), a fim de examinar por todos os lados, de perto e de longe, até o ponto que pudesse alcançar minha vista. Nosso guia, que nos havia afirmado ser a muralha uma das maravilhas do mundo, manifestou grande vontade de conhecer minha opinião. Disse-lhe que era uma excelente defesa contra os tártaros; mas não tomou a resposta no sentido que eu dei, porque lhe pareceu um elogio. Então o velho piloto pôs-se a rir.

— Oh, *mister*! — aparteou ele — O senhor fala em cores.

— Em cores! — exclamei. — Que pretende dizer com isso?

— Que a sua resposta, branca por um lado, é preta pelo outro; um cumprimento aqui, ali uma ironia. O senhor diz ao mesmo tempo que é uma excelente defesa contra os tártaros e que não seria útil senão contra eles. Eu compreendo, *mister*, eu compreendo muito bem, mas o senhor chim o compreende de modo inteiramente outro.

— E então, senhor português? Não pensa, como eu, que se viesse um exército europeu com um bom trem de artilharia e alguns dos nossos engenheiros com duas companhias de mineiros, em menos de dez dias não se

abriria nesta muralha uma brecha suficiente para deixar passar um exército de invasão, fazendo-a em seguida saltar pelos ares, de forma a não ficar sequer vestígios dela?

— Sim, sim — respondeu —, sei disso muito bem.

O chinês tinha muita vontade de saber o que eu dizia. Dei licença ao piloto para lhe dizer alguns dias depois, quando já estávamos quase na fronteira de seu país e quando ia separar-se de nós. Ao saber o que eu tinha dito, ficou silencioso e durante o resto da caminhada que fez conosco não tornamos a ouvir suas exageradas histórias do poderio e grandeza dos chineses.

Após haver transposto aquela grande inutilidade chamada muralha chinesa, quase igual àquela que os romanos levantaram noutros tempos em Northumberland para opor-se às invasões dos pictas, encontramos o país menos povoado e os habitantes em geral encerrados em suas cidades fortificadas, para estar ao abrigo das incursões e rapacidade dos tártaros, que se dedicam à pilhagem em numerosos bandos aos quais não poderiam resistir os cidadãos de um país indefeso.

Não tardei em convencer-me da necessidade de ir junto com os demais componentes da caravana, pois víamos continuamente ao redor de nós muitas maltas de tártaros. Logo que tive ocasião de examiná-los, fiquei bem surpreso ao considerar como o Império chinês pudesse ser conquistado por inimigos tão desprezíveis: não passam de hordas de bárbaros, sem ordem nem disciplina, sem o mínimo conhecimento da arte da guerra.

Seus cavalos são ruins, fracos, famélicos, mal-adestrados e não servem para nada. Pudemos convencer-nos disso desde o primeiro dia que penetramos na parte deserta do país.

Nosso chefe de dia permitiria que dezesseis dos nossos fossem caçar carneiros, que são, inegavelmente, os mais bravios e ágeis de sua espécie. Contudo, não correm por muito tempo, motivo por que se pode estar certo de apanhar muitos, desde que se os persiga com energia. São encontrados quase sempre em rebanhos de trinta ou quarenta, e como verdadeiros estúpidos vão uns atrás dos outros quando fogem.

Naquela caçada cômica, tropeçamos inesperadamente com uns quarenta tártaros. Não posso dizer se caçavam como nós ou se estavam no encalço de outra presa. Logo que nos lobrigaram, um deles soprou com muita força uma espécie de berrante que produziu um som tão esquisito, como nunca tinha ouvido nem quero tornar a ouvir. Julgamos que fosse sinal para chamar os

camaradas; não nos enganamos: em menos de dez minutos outro grupo de uns cinquenta ou mais surgiu a uma milha de distância. Mas, quando chegaram, já estava resolvido o que devíamos fazer, segundo vou relatar.

Um dos comerciantes, escocês, que vinha conosco, apenas escutou a trompa, disse que era preciso atirar contra os tártaros sem perda de um momento; e, dispondo-nos em linha de batalha, perguntou se estávamos dispostos a pelejar; respondemos todos que estávamos decididos a segui-lo; aí ele se dirigiu para eles. Os tártaros nos olhavam com estranheza e permaneciam agrupados sem ordem, dando-nos o flanco; mas, assim que nos viram avançar, lançaram-nos flechas que felizmente não pegaram ninguém. Creio que se enganaram sobre a distância, porque as setas caíram todas diante de nós, tão bem dirigidas, no entanto, que, se estivéssemos a algumas jardas mais perto, poderíamos ter sido mortos ou feridos.

Imediatamente fizemos alto e, embora estivéssemos ainda bastante longe deles, mimoseamo-los com umas tantas balas, em troca de flechas. Em seguida à descarga, caímos sobre eles a galope forte e de sabre em punho, segundo conselho de nosso destemido escocês, que não passava na verdade de um simples comerciante, mas que se portou naquela emergência com tanto brio e com tal sangue frio que jamais vi outro homem com melhores dotes para dirigir uma batalha. Quando nos chegávamos ao inimigo, fizemos sobre eles uma descarga de pistola, à queima-roupa, que os forçou a fugir desordenadamente. Apenas apresentaram certa resistência à nossa direita, onde três tártaros se mantiveram firmes, fazendo sinais aos demais para que se juntassem a eles. Estavam armados de uma espécie de cimitarra e os arcos pendiam de seus ombros. Nosso bravo comandante, sem pedir auxílio a ninguém, lançou-se a galope sobre eles e de uma coronhada desmontou o primeiro, matou o segundo com um tiro de pistola e fez o terceiro fugir. Assim acabou o combate, sem nenhuma perda para nossa gente, a não ser os animais que havíamos caçado. Felizmente, repito, não tivemos nenhum morto ou ferido; mas por parte dos tártaros houve cinco mortos e não pudemos saber o número de feridos. O certo foi que o outro bando, intimidado com os nossos disparos, deu-nos a garupa dos cavalos e não quis mais nada conosco.

Tudo isso se passou quando nos achávamos ainda em território chinês, e por isso os tártaros não foram tão atrevidos quanto o foram depois. Passados cinco dias entramos em um vasto deserto, que levamos três dias e três noites para atravessar. Foi-nos preciso transportar água em grandes odres e acampar todas as noites, conforme fazem, segundo ouvi dizer, nos desertos da Arábia.

Perguntei aos nossos guias a quem pertencia aquela região: disseram-me que era uma espécie de terra neutra que não pertencia a ninguém, pois fazia parte da Caracatai ou Grã-Tartária, reconhecida, embora, como possessão chinesa. Mas, como esse Império não tomava medida alguma para preservá-lo das incursões dos bandidos, o tal deserto estava sendo considerado o mais perigoso do mundo inteiro, apesar de confinar com grande número de países.

Ao passar por aquele ermo, que muito me atemorizou à primeira vista, divisamos dois ou três pequenos bandos de tártaros; mas pareciam ocupados com seus próprios assuntos e não manifestaram o mínimo desejo de nos incomodar. Por nossa parte, nós, como quem encontra o diabo, pensávamos que, se eles nada tinham a nos dizer, muito menos tínhamos nós, e os deixávamos em paz.

Certa vez, entretanto, um daqueles bandos aproximou-se demais e esteve a nos contemplar. Ignorávamos se era com o intuito de nos atacar, motivo por que, assim que passamos por eles, formamos uma retaguarda de quarenta homens, preparados para recebê-los, enquanto a caravana a uma meia milha adiante ia avançando deserto adentro. Mas, minutos depois, os tártaros se retiraram, saudando-nos unicamente com cinco flechas, uma das quais feriu tão seriamente um dos nossos cavalos que nos vimos forçados a abandoná-lo no dia seguinte por não termos conosco um bom veterinário. Certamente teriam podido arremessar-nos muito mais flechas e de mais perto, porém dessa vez contentaram-se com aquilo.

Depois seguimos nossa jornada durante um mês mais ou menos, por caminhos piores ainda do que os passados, não obstante estarmos ainda nos domínios do imperador da China. A maior parte desses caminhos passava por povoações, das quais algumas estavam fortificadas contra as incursões dos tártaros. Ao chegar a uma das citadas aldeias, que se achava ainda a dois dias e meio da cidade de Naum, tive necessidade de comprar um camelo. A pessoa a quem me dirigi para a dita aquisição ofereceu-se para trazê-lo sem que eu precisasse acompanhá-la. Mas, desconfiando de tanta afabilidade, quis ir junto. O local em que se achavam os camelos reunidos distava umas duas milhas da cidade.

Por mero divertimento para lá me dirigi a pé, acompanhado do velho piloto e de um chinês. Quando chegamos, demos com um lugar baixo e pantanoso, rodeado como um parque por uma muralha de pedras amontoadas sem argamassa nem cal e vigiado por um piquete de soldados chineses.

Quando já tinha escolhido o camelo e ajustado seu preço, voltei com o

chinês que havia levado comigo e que conduzia o camelo. Mas, de repente, apresentaram-se cinco tártaros a cavalo: dois deles se apoderaram do chim e lhe tiraram o camelo, enquanto os outros três se precipitaram sobre o velho piloto e sobre mim, vendo que nos encontrávamos, por assim dizer, inermes, pois eu só tinha a minha espada, defesa ineficaz contra três homens montados. Não obstante, o primeiro se deteve ao ver-me puxar da espada, porque são muito covardes; mas o segundo, agredindo-me pela esquerda, deu-me tão forte pancada na cabeça que rodei no chão, sem sentidos, de modo que, ao voltar a mim, não sabia onde me achava. Mas o meu fiel piloto, por uma dessas casualidades providenciais, levava uma pistola no bolso. Eu ignorava isso tão absolutamente quanto os próprios tártaros, os quais, se supusessem que a trazia consigo, na certa teriam desistido de nos atacar, porque os covardes são sempre muito atrevidos quando não há perigo.

O ancião, vendo-me cair, avançou valentemente para o que me havia ferido e, agarrando-o pelo braço com uma mão, com a outra obrigou-o a abaixar-se até ele, disparando em seguida um tiro na cabeça, que o deixou estendido ali mesmo; a seguir, sem perder tempo, correu para o que se achava diante de mim, como já disse, e, antes que tivesse dado mais um passo, descarregou-lhe uma espaldeirada, com uma espécie de sabre que sempre trazia à cintura; mas não atingiu o homem e sim o pobre cavalo, ao qual cortou uma orelha, causando-lhe ainda uma profunda ferida na cabeça.

O mísero animal, furioso de dor, tomando o freio nos dentes, não se deixou mais dirigir por seu cavaleiro, que, não obstante, permaneceu muito firme na sela até que o piloto o perdeu de vista. Um pouco mais adiante, porém, o cavalo empinou de tal modo que acabou derrubando o tártaro.

Nesse ínterim, o chinês juntou-se a nós, depois de haver perdido o camelo e ficar sem armas. Contudo, quando viu o cavaleiro no chão e o cavalo por cima dele, correu sobre o tártaro, apoderou-se de uma espécie de machado que levava ao lado e dele se serviu para fender-lhe o crânio. Restava ainda o meu bravo português despachar o terceiro inimigo. Vendo que não fugia como esperava e que tampouco se dispunha a combater como podia temer, mas que pelo contrário continuava imóvel, o intrépido piloto viu-se na necessidade de carregar de novo a pistola. Não bem percebeu o tártaro esse movimento e já, virando de rédea, dava às de vila-diogo, deixando o valente marujo, meu campeão, como daí por diante o chamava, senhor absoluto do campo.

Naquele momento comecei a voltar a mim: julgava despertar de um

sono profundo e, segundo já disse, não sabia onde me achava; perdera a memória do que se passara. Pouco depois, porém, ao reanimar-me, senti uma dor muito viva, sem poder localizá-la exatamente. Levei a mão à cabeça e a seguir a retirei toda ensanguentada. Então foi quando notei que aquela parte me doía; ato contínuo me lembrei de tudo, vindo-me à imaginação o que sucedera.

De um salto me pus de pé, empunhei a espada, mas já não havia nenhum inimigo. Vi apenas um tártaro morto e seu cavalo tranquilamente a seu lado; um pouco mais longe avistei meu heroico amigo e libertador, que, tendo ido ver a obra do chinês, voltava com o sabre na mão. Ao ver-me já em pé, correu para mim e me abraçou com grande júbilo, porque tivera medo a princípio de que me houvessem matado. Percebendo que me achava todo ensanguentado, quis examinar meu ferimento; mas era coisa sem importância. O golpe, de fato, não teve consequências graves e, ao cabo de dois ou três dias, fiquei curado.

Não tiramos grande vantagem dessa vitória: perdemos um camelo e ganhamos um cavalo; mas o notável da história foi que, assim que chegamos à cidade, o homenzinho exigiu que lhe pagássemos o camelo. Neguei-me e tivemos que comparecer perante o juiz chinês local. Para lhe render a devida justiça, confesso que se portou com muita prudência e equidade. Depois de haver escutado ambas as partes, perguntou gravemente ao chim que fora comigo buscar o camelo:

— De quem você é criado?

— Não sou criado — replicou o outro —; unicamente acompanhei o estrangeiro.

— A pedido de quem? — inquiriu o juiz.

— A pedido do mesmo estrangeiro.

— Pois então — replicou o magistrado — você é empregado do estrangeiro; e, como o camelo foi roubado ao seu empregado, é a mesma coisa como se fosse roubado dele mesmo. Por conseguinte este deve pagar o preço estipulado.

Confesso, repito, que a coisa me pareceu tão clara que não tive nada a objetar. Admirado por ver a questão tão bem apresentada e a consequência deduzida por tão justo raciocínio, paguei prontamente o preço do camelo e mandei procurar outro. Mas é preciso que notem, queridos leitores, se é que me entendem, que não fui eu mesmo, porque uma vez me bastava.

A cidade de Naum encontra-se na fronteira do Império chinês. É

considerada praça forte e de fato para aquele país o é. Julgo que todos os tártaros de Caracatai que, segundo creio, são alguns milhões, jamais conseguiriam derrubar suas muralhas com seus arcos e flechas. Mas seria uma sangrenta pilhéria fazer aquela praça forte resistir aos tiros dos nossos canhões.

Estávamos ainda a duas jornadas da referida cidade, como já disse, quando foram despachados mensageiros para prevenir a todas as caravanas e viajantes que esperassem uma escolta, porque um bando de tártaros mais numeroso que de ordinário, pois subia a dez mil homens, havia sido assinalado a umas trinta milhas da cidade.

Era má notícia para nós; sem dúvida era um ato de louvável precaução e muito nos alegrou saber que íamos ter uma escolta. De fato, dois dias depois, duzentos soldados destacados da guarda chinesa que ficava à nossa esquerda chegavam com outros trezentos pertencentes à cidade de Naum; e com eles seguimos adiante com afinco. Os soldados de Naum iam na vanguarda, os outros duzentos, à retaguarda, nosso pessoal, de ambos os lados dos camelos que levavam nossa equipagem, e toda a caravana, no centro. Nessa ordem e perfeitamente armados, prontos para combater, julgávamo-nos capazes de resistir a dez mil tártaros mongóis se esses surgissem diante de nós. Mas assim que os vimos no dia seguinte já não éramos da mesma opinião.

De manhã cedo, ao deixarmos uma povoação não muito grande, bem situada, de nome Changu, topamos com um rio que nos foi preciso vadear. Se os tártaros tivessem alguma inteligência, podiam ter-nos atacado no momento em que toda a caravana tinha atravessado esse rio e a retaguarda se achava ainda na outra margem. Mas nem sequer vimo-los aparecer. Cerca de três horas mais tarde, quando havíamos penetrado em um vasto deserto de quinze ou dezesseis milhas de extensão, pensamos, ao ver levantar-se uma grande nuvem de pó, que o inimigo se aproximava. E assim era: vinha a toda brida sobre nós.

Os chineses da vanguarda, que falavam com tanta jactância no dia anterior, começaram logo a perder o jeito e olhavam com frequência para trás, sinal infalível, num soldado, de que está pronto a pôr sebo nas canelas. O veterano piloto percebeu o mesmo movimento e, como se encontrava perto de mim, me disse:

— Senhor, é preciso muita energia com essa canalha, do contrário, estamos perdidos; porque, se os tártaros avançam, essa gente não lhes resistirá.

— Sou da mesma opinião — respondi —, mas que se há de fazer?

— É preciso — replicou — que cinquenta dos nossos avancem para ajudar esses poltrões e para lhes infundir confiança. Só assim combaterão como bravos, de outro modo vão pôr-se em fuga.

Imediatamente me dirigi a galope ao nosso comandante para falar-lhe nesse assunto e ele foi do mesmo parecer: portanto, cinquenta dos nossos foram postar-se na ala direita e outros tantos na esquerda, formando os restantes o corpo da reserva. Prosseguimos desse jeito nossa viagem, deixando os outros duzentos homens como um corpo à parte para proteger nossos camelos. Deviam apenas, caso necessário, destacar cem homens que viessem auxiliar os de reserva.

Chegaram afinal os tártaros, em número considerável: não pudemos contá-los, mas calculamos que atingiam pelo menos a dez mil. Um destacamento veio fazer reconhecimento da nossa posição, atravessando o terreno bem à nossa frente. Como ficava a um tiro de fuzil, nosso comandante ordenou às duas alas que avançassem rapidamente e os saudassem ao mesmo tempo com uma descarga: assim foi feito. Os tártaros retiraram-se com a maior rapidez, sem dúvida para contar aos outros a recepção que os aguardava, e cremos que não estavam muito satisfeitos, pois fizeram alto imediatamente e assim ficaram por espaço de algum tempo, como se estivessem tomando sérias decisões. Depois, dando uma meia-volta, abandonaram a partida, por julgá-la não muito vantajosa, gesto que nos alegrou infinitamente, porque, dado o nosso número diminuto, não nos seduzia em absoluto a ideia de uma batalha.

Dois dias mais tarde chegamos à cidade de Naum. Agradecemos ao governador o interesse que demonstrara por nossa segurança e a seguir nos cotizamos para dar aos soldados a recompensa de umas cem coroas mais ou menos. Passamos um dia naquela cidade, cuja guarnição constava de novecentos homens. As fronteiras moscovitas eram em outros tempos muito mais próximas do que são hoje em dia, porque os russos abandonaram um trecho de cerca de duzentas milhas, não só pela esterilidade e incultura do solo, como também e sobretudo porque, estando demasiado longe, era difícil enviar tropas para a sua defesa. Assim, pois, achávamo-nos ainda a mais de duzentas milhas do território russo propriamente dito.

Logo que saímos de Naum, tivemos de atravessar muitos rios caudalosos e dois pavorosos desertos, dos quais um só nos custou dezesseis dias de jornada, por um país que, conforme se dizia, não pertencia a ninguém; e

afinal, no dia 13 de abril, nos achamos nas fronteiras russas.

Creio que a primeira praça ou fortaleza, como se queira chamar, pertencente ao tzar se chama Arguna, à margem ocidental do rio do mesmo nome.

Senti grande satisfação ao ver-me já em um país que podia chamar cristão, ou pelo menos governado por cristãos, porque, segundo minha opinião, pode dar-se aos moscovitas o nome de cristãos, já que têm a pretensão de o ser e são sumamente devotos à sua maneira.

Por isso, na primeira ocasião que se me ofereceu, disse ao valente negociante escocês, do qual já falei aos meus leitores:

— Bendito seja Deus! Já estamos entre gente cristã!

Sorriu e respondeu-me:

— Não se alegre demasiadamente, meu caro compatriota: esses russos são cristãos muito a seu modo; só têm o nome e na verdade nada verá neles de cristianismo durante muitos meses de nossa viagem.

— Seja o que for — repliquei —, mas prefiro isso ao paganismo e ao culto do diabo.

— E se eu lhe dissesse que, com exceção dos soldados russos das guarnições e alguns habitantes das cidades, todo o resto do país, mil milhas além daqui, está habitado por pagãos demasiado perversos e ignorantes?

Assim era, de fato.

Depois do rio Arguna seguimos para a frente, por pequenas etapas, e extremamente agradecidos ao tzar pelo cuidado que tivera em edificar cidadelas e fortins por todas as partes onde era possível estabelecê-los e colocar guarnições que se podiam equiparar às colônias militares dos romanos em suas mais afastadas províncias. Li igualmente que se haviam estabelecido algumas na Bretanha, para segurança do comércio e comodidade dos viajantes. Nesse país ocorria o mesmo, pois em todos os lugares onde chegávamos os governadores e as guarnições eram russas e professavam o cristianismo; e quanto aos demais habitantes eram na realidade idólatras, porque faziam sacrifícios aos ídolos, adoravam o sol, a lua, as estrelas e todos os corpos celestes. Por cima, eram os mais bárbaros que conheci em minha vida, com a única diferença de que não se alimentavam de carne humana como os índios da América.

Vi alguns exemplos disso em Arguna, por onde penetramos nos domínios moscovitas, e num povoado onde residiam juntos russos e tártaros chamado Nortziuscoi, de onde se estende um vasto deserto de bosques que

levamos vinte dias para atravessar. Em certo ponto perto do último desses lugarejos quis examinar a maneira de viver das pessoas do país e me convenci de que era a mais brutal e primitiva. Pelo que observei, naquele dia tinham de fazer um grande sacrifício e vi, sobre o tronco de uma velha árvore, um ídolo de madeira tão feio quanto o próprio Satanás, pelo menos como geralmente o representam. Sua cabeça não se parecia com a de nenhuma das criaturas vivas; suas orelhas eram do tamanho dos chifres de um bode; seus olhos, das dimensões de uma coroa (moeda inglesa); o nariz curvo, como o bico de um papagaio; e a boca aberta em forma de quadrilátero, semelhante às fauces de um leão; e, finalmente, uns dentes horríveis, iguais aos de um javali. Estava vestido da maneira mais grotesca: a parte superior das vestes era de pele de carneiro com a lã para fora; tinha a cabeça coberta com um grande gorro tártaro, por baixo do qual saíam os dois enormes cornos; tinha uma altura de cerca de oito pés; mas faltavam-lhe pernas e pés e todo o conjunto se apresentava desproporcionado.

Tal espantalho estava colocado nos arredores do lugarejo, e quando me aproximei vi dezesseis ou dezessete indivíduos, entre homens e mulheres, sem que os pudesse distinguir, porque todos iam vestidos da mesma forma, com os rostos no chão, ao redor daquele formidável e disforme pedaço de pau: estavam imóveis como seu ídolo; mas, quando me aproximei ainda mais, se ergueram, lançaram uma espécie de uivo, semelhante aos latidos que saem de um canil, e afastaram-se cheios de indignação por terem sido importunados.

A certa distância do ídolo, à porta de uma tenda ou choça feita de pele de carneiro ou de vaca, estavam três carniceiros. Pelo menos, julguei que fosse essa sua profissão, pois ao aproximar-me vi em suas mãos grandes cutelos e, no meio da choupana, três carneiros e um novilho degolados. Sem dúvida, eram as vítimas destinadas ao sacrifício, aqueles três homens, os sacerdotes, e os dezessete miseráveis, que havia encontrado prosternados, os que haviam ofertado os quatro animais àquele tronco e lhe dirigiam as suas súplicas.

Confesso que me chocou mais aquele culto estúpido e grosseiro do que tudo quanto havia visto em minha vida.

Dirigi meu cavalo diretamente ao ídolo ou ao monstro, como o quiseram chamar, e com um golpe de sabre parti o gorro em dois. Ao mesmo tempo, um dos nossos que vinha comigo segurou a pele de carneiro que cobria o ídolo e a arrancou: no mesmo instante um vozerio incrível levantou-se no

aldeamento e duzentos ou trezentos sujeitos, armados de arcos e flechas, nos cercaram de tal jeito que me tive por muito feliz em poder escapar, mas prometendo-lhes fazer outra visita.

Nossa caravana passou três noites na cidade que distava quatro milhas daquele sítio, a fim de obter alguns cavalos de que tínhamos necessidade, porque muitos dos nossos haviam mancado por causa dos péssimos caminhos e da longa marcha através do último deserto. Assim, pois, tive ensejo de pôr em prática meu projeto. Comuniquei minhas intenções ao negociante escocês, cujo valor me era suficientemente conhecido. Relatei-lhe o que havia visto e a indagação que se havia apoderado de mim ao ver a que degeneração podia chegar a natureza humana. Acrescentei que, se fosse possível fazer-me acompanhar de quatro ou cinco homens bem armados, estava decidido a ir destruir aquele vil e abominável ídolo, a fim de demonstrar aos seus adoradores que, não podendo ele mesmo defender-se, mal poderia socorrer os que lhe ofereciam sacrifícios e que, por conseguinte, não merecia nem seu culto nem as suas súplicas.

Caçoando de mim, disse-me:

— Seu zelo é louvável; mas que resultado pensa tirar com isso?

— Proponho vingar a Deus, que está sendo vilipendiado por esse culto infernal.

— E como isso pode ser um desagravo a Deus, quando aquelas criaturas não estão em condições de compreender sua intenção, salvo se o senhor a pudesse explicar previamente? E ainda, nesse caso, o atacam e derrotam, afianço-lhe, porque são sujeitos decididos, sobretudo em se tratando de defender sua idolatria.

— Acaso não poderíamos realizá-lo durante a noite — repliquei — e deixar-lhes as razões do nosso proceder escritas em sua própria língua?

— Por escrito! Não se encontrará em cinco ou seis dessas povoações um só homem certamente que saiba garatujar uma letra ou soletrar uma só palavra em qualquer língua que seja!

— Triste ignorância! — exclamei. — Contudo, nem por isso é menor a minha vontade de realizar meu projeto; talvez cheguem naturalmente a deduzir algumas consequências e a saber quão estúpidos são por adorar esses horrorosos ídolos.

— Senhor, vejo que isso o preocupa, portanto deve fazê-lo; mas, antes de tomar qualquer resolução, rogo-lhe que reflita que essas nações bárbaras estão submetidas à força, ao domínio do tzar; que, se vai fazer o que está

pensando, pode-se apostar dez contra um que virão aos milhares pedir satisfações ao governador de Nortziuscoi, e que se a negar se rebelarão, o que ocasionará uma nova guerra contra todos os tártaros do país.

Essas palavras me produziram a princípio alguma impressão, mas não conseguiram fazer-me abandonar o plano primitivamente feito de destruir o monstro e que me deixara preocupado todo o dia.

À tarde, encontrei casualmente o negociante escocês, e entabulamos logo conversa.

— Receio — disse-me — tê-lo feito desistir de seu louvável propósito: depois de havê-lo dito senti algum remorso, porque detesto a idolatria tanto quanto o amigo.

— Francamente — respondi-lhe —, o senhor transtornou um pouco a execução do meu plano, mas não conseguiu fazer-me pô-lo completamente de lado e pretendo executá-lo antes de sair daqui, embora tenha de ser entregue àqueles pagãos para aplacar o seu furor.

— Não, não — retrucou ele —, que Deus não permita que fique abandonado a semelhantes bárbaros. Seria o mesmo que desejar sua morte.

— Aliás, que posso esperar deles?

— Quero contar-lhe o modo como trataram um pobre russo que os insultou em suas cerimônias e que caiu em seu poder depois de ferido com uma flecha. Amarraram-no fortemente, despiram-no por completo e o colocaram sobre o tal ídolo; a seguir, formando um círculo em sua volta, crivaram-no de tantas setas quantas couberam em seu corpo e depois o queimaram, como para oferecê-lo em holocausto à sua divindade.

— Era esse mesmo ídolo? — perguntei.

— Sim. — Foi a resposta.

— Bem, eu também vou contar-lhe uma história.

E contei-lhe em seguida a aventura da nossa maruja em Madagascar, relatando como haviam incendiado uma aldeia e exterminado todos os seus habitantes para vingar o assassinato de um de seus companheiros, completando que eu era de opinião que devíamos agir do mesmo modo com relação a este lugar.

Escutou com a maior atenção a história e, após ter ouvido o final, replicou:

— Enganei-me; esse caso não aconteceu nesta povoação, mas sim a umas cem milhas mais longe. Talvez se tratasse do mesmo ídolo, porque o conduzem em procissão por todo o país.

Em resumo, ao ver-me decidido, aprovou meu projeto e declarou que eu não iria só, porque ele mesmo me acompanharia com um dos seus compatriotas, tão inimigos quanto eu podia desejar de todas aquelas práticas supersticiosas.

Apresentou-me, portanto, ao companheiro, que se chamava capitão Richardson. Fiz-lhe a narração de tudo o que havia visto e do que projetava, e, ato contínuo, disse-me que queria acompanhar-me, embora isso lhe custasse a vida. Combinamos partir unicamente os três sozinhos. Eu falara no assunto a meu sócio, que não aprovou a ideia e me disse que estava sempre disposto a correr em meu auxílio quando se tratasse de minha defesa pessoal; mas que esse novo empreendimento saía da pauta que traçara à sua conduta. Em vista disso resolvemos tentar a aventura nós três e mais o meu criado e dar início à expedição à meia-noite, o mais retamente possível.

Não obstante, refletindo melhor, esperamos pela noite do dia seguinte, porque a partida da caravana estava marcada para a madrugada do dia imediato e, desse modo, calculamos, seria difícil para o governador dar uma satisfação à nossa custa, pois ao inteirar-se do acontecido estaríamos fora de sua jurisdição. O negociante escocês, tão valente quanto atrevido, arranjou-me uma roupa de tártaro feita de pele de carneiro, um gorro, arco e flechas. Também ele disfarçou-se de maneira idêntica, e ainda o seu camarada, a fim de que, se nos vissem, não pudessem identificar-nos.

Passamos a primeira noite preparando um combustível com aguardente, pólvora etc.; e no dia seguinte, uma hora depois de haver anoitecido, encaminhamo-nos ao ponto marcado, providos ainda de projetis e uma caixa cheia de breu.

Chegamos aproximadamente às onze da noite e pudemos observar que o povoado não tinha a mínima inquietação por seu ídolo. O céu mostrava-se tempestuoso; contudo, sempre havia lua para nos deixar ver que o ídolo continuava no mesmo lugar onde o tínhamos visto antes. Parecia que os habitantes estavam entregues ao sono; unicamente na grande cabana, ou tenda, como a chamávamos, onde havíamos visto os três sacerdotes, lobrigamos uma luzinha. Deslizamos até perto da porta e ouvimos vozes de cinco ou seis pessoas. Essa circunstância nos fez temer que, se púséssemos fogo ao ídolo, aquela gente acudiria para salvá-lo da destruição que premeditávamos, o que nos deixou bastante embaraçados. Ocorreu-nos a ideia de carregá-lo e queimá-lo mais longe; mas, ao tentar movê-lo, percebemos que era demasiadamente pesado e desistimos do intento. O

segundo escocês era de opinião que tocássemos fogo na tenda e déssemos cabo dos que nela se achavam, à medida que procurassem sair; mas não concordamos com esse último parecer, porque eu me opunha a todo derramamento de sangue inútil.

— Bem! — disse o negociante escocês. — Procuraremos então fazê-los prisioneiros e os obrigaremos a presenciar de mãos atadas a destruição de seu ídolo.

Tínhamos conosco cordas e barbantes que nos haviam servido para ligar nossas peças de fogos artificiais; fomos, então, silenciosamente, atacar as pessoas da cabana. Começamos por chamá-las à porta. E, quando um dos sacerdotes veio abri-la, apossamo-nos dele, e depois de o amarrar e pôr-lhe uma mordaca, conduzimo-lo ao pé do ídolo.

Dois dos nossos ficaram junto à porta, de alcateia, mas ninguém saiu até a chegada do terceiro companheiro. Então tornamos a chamar, bem baixinho, e no mesmo instante saíram outros dois homens, a quem atamos de idêntica maneira; mas nos vimos forçados a ir todos com eles até onde estava o ídolo, mantendo-os a certa distância uns dos outros. Ao voltar, encontramos outros dois na entrada da cabana e um terceiro que estava por trás deles. Seguramos os dois primeiros, mas o terceiro correu para dentro, aos berros. O comerciante escocês perseguiu-o e lançou no meio da cabana uma espécie de composição própria, unicamente para produzir fumaça, à qual havia deitado fogo. Enquanto isso, o outro escocês e meu criado amarraram lado a lado os dois sujeitos e dessa forma os arrastaram até o ídolo, voltando imediatamente a juntar-se conosco.

Quando o preparado que havíamos lançado encheu a cabana de fumaça, a ponto de quase sufocar, atiramos um saquinho de couro, cujo conteúdo produziu, ao inflamar-se, uma luz como de vela. Percorremos então a citada choça e topamos quatro indivíduos, que pareciam dois homens e duas mulheres, que tinham ido sem dúvida para assistir aos satânicos sacrifícios. Essas pessoas estavam tão amedrontadas que tremiam como varas verdes, cheias de estupefação e sem poder falar por causa da fumaça.

Para abreviar, atamo-los, como fizéramos com os demais, sem fazer o menor ruído. Esqueci-me de dizer que desde o princípio os tínhamos retirado da choupana, porque tampouco nós podíamos tolerar a fumaceira. Depois de havê-los conduzido todos ao local onde estava o ídolo, pusemo-nos a dar neste um banho de cima a baixo, como também às suas vestes, de breu e de outra composição que havíamos feito com sebo e enxofre; a seguir enchemos

de pólvora os olhos, boca e ouvidos; e envolvemos seu gorro com uma peça de pirotécnica e, quando já tínhamos reunidas todas as matérias combustíveis que havíamos trazido, procuramos com que fazer a fogueira. O escocês recordou ter visto perto da choça um feixe de forragem seca e foi buscá-la a toda pressa, com seu companheiro, não tardando em voltar, trazendo-o aos ombros. Feito isso, aproximamos mais os prisioneiros ao ídolo, depois de lhes haver desatado os pés e retirado as mordanças, lançando fogo em seguida, por toda a sua informe divindade.

Ao cabo de um quarto de hora a pólvora dos olhos, da boca e dos ouvidos inflamou-se: a explosão produzida dilacerou-o, fê-lo em mil pedaços, numa palavra, ardeu como um monte de lenha. Quando vimos que não tardaria a ficar reduzido a cinzas, tratamos de nos retirar; mas o escocês nos disse:

— É bem conveniente que não nos retiremos ainda, porque esses pobres ignorantes seriam capazes de lançar-se ao fogo para serem queimados juntamente com seu ídolo.

Resolvemos, pois, esperar até que se extinguísse completamente a fogueira, encaminhando-nos depois para a cidade.

Pela manhã nos encontrávamos entre os nossos outros companheiros de viagem, tão atarefados quanto eles nos preparativos de marcha. Ninguém poderia suspeitar que tínhamos passado a noite fora da cama, o contrário do que faz todo viajante que se dispõe a prosseguir em sua jornada.

Mas a coisa não parou aí: no dia seguinte grande multidão de habitantes do país apareceu às portas da cidade e em tom imperativo exigiu uma satisfação do governador russo pelo ultraje feito aos seus sacerdotes e a destruição do seu grande *Chan-Chi-Tangu*. Os habitantes de Nortziuscoi ficaram a princípio muito consternados; o medo fazia-lhes ver mais de trinta mil tártaros. O governador russo enviou mensageiros para aplacá-los. Assegurou que ignorava em absoluto o que ocorrera e que, não tendo se ausentado nenhum homem da guarnição, o culpado não era encontrado entre sua gente; mas que, se pudesse descobrir o causador, faria com que sofresse um castigo exemplar. Replicaram com altivez que todo o país reverenciava o grande *Chan-Chi-Tangu*, que morava no sol, e que nenhum mortal se atreveria a profaná-lo com exceção de um pérfido cristão, como diziam, e que, portanto, estavam decididos a declarar guerra ao governador e a todos os russos que eram ímpios cristãos.

O governador mostrou-se homem muito prudente, a fim de evitar um

rompimento e todo motivo de guerra, pois o tzar lhe havia ordenado expressamente que tratasse o país conquistado com toda suavidade possível. Tentou ainda acalmá-los com boas razões: finalmente lhes disse que uma caravana se pusera a caminho naquela mesma manhã em direção da Rússia e que talvez os culpados estivessem entre os viajantes e que mandaria um mensageiro para verificá-lo caso isso pudesse satisfazer-lhes. Tal oferta pareceu apaziguá-los um pouco. O governador despachou efetivamente um homem, que nos informou, por ordem sua, do estado de coisas e nos pediu ainda que, se os culpados estavam na caravana, os entregássemos, acrescentando que fazíamos muito bem, por via das dúvidas, em apressarmos nossa marcha o mais possível, enquanto o governador, de seu lado, entretinha os tártaros.

Esse proceder era digno da maior gratidão, mas quando a caravana se inteirou daquilo, ficou inteiramente no ar, e, quanto a nós, os culpados, continuamos absolutamente livres de suspeita. O capitão que, naquele dia, comandava a caravana tratou de aproveitar o aviso e estendemos a jornada por dois dias e duas noites sem parar, até que chegamos a uma aldeia chamada Plotus. Mas, no dia seguinte de nossa saída de Plotus, uma nuvem de pó, visível ao longe às nossas costas, fez-nos suspeitar de que éramos perseguidos.

Acabávamos de penetrar em um extenso deserto, costeando um grande lago, o *Schacs-Oser*, quando divisamos grande número de cavaleiros do outro lado do lago, na parte norte. Nós íamos para oeste e notamos que eles tinham a mesma direção. Mas felizmente tinham suposto que nos encaminhávamos ao mesmo ponto que eles, quando nos dirigíamos para o sul. Por isso, dois dias depois os perdemos de vista. No terceiro dia, seja porque tivessem reconhecido o erro ou tido notícias nossas, voltaram-se em nossa perseguição a toda brida. Precisamente tínhamos acabado, com imensa satisfação, de descobrir um sítio bastante adequado para acampar durante a noite, pois nos achávamos num deserto de mais de quinhentas milhas de comprimento e não tínhamos senão entrado nele. Não existia por toda a redondeza nenhum lugar habitável onde nos pudéssemos alojar.

Ninguém na caravana, exceto meus cúmplices e eu, conhecia a causa dessa perseguição, mas, como os tártaros mongóis costumavam vagabundear por aqueles desertos, as caravanas costumam tomar precauções todas as noites para defender-se deles como de quadrilhas de salteadores; daí não ter nosso pessoal tido grande surpresa ao ver-se perseguido.

Em tais condições nos dispúnhamos a passar a noite; mas o inimigo chegou antes de nos termos completamente instalado. Os tártaros não nos atacaram como bandidos, que era o que esperávamos, e sim despacharam três mensageiros, pedindo que lhes fossem entregues os que haviam ultrajado seus sacerdotes e queimado o deus *Chan-Chi-Tangu*, a fim de fazê-los sucumbir do mesmo modo. Acrescentaram que, se o fizéssemos, se retirariam, mas do contrário nos exterminariam a todos. Os nossos ficaram confusos ao receber semelhante mensagem e se entreolharam como se quisessem descobrir os culpados por suas fisionomias; mas ninguém — foi a resposta unânime —, ninguém havia cometido tal excesso. O chefe da caravana lhes respondeu estar absolutamente certo de que semelhante violência não fora praticada por nenhum de nós, pacíficos negociantes que tinham apenas por objeto o comércio, ao fazer aquela viagem; que não havíamos cometido dano algum nem contra eles, nem contra ninguém, e que deviam procurar noutra parte os autores do fato de que se queixavam. Finalmente lhes pediu que nos deixassem, advertindo-os que, em caso contrário, estaríamos dispostos a nos defender.

Essa resposta não os satisfaz e no dia seguinte, ao amanhecer, grande número deles se aproximou do nosso acampamento; mas, vendo nossas fortes defesas, não se atreveram a vadear o rio que nos protegia por um dos flancos. Agruparam-se ali em tão elevado número que realmente nos causaram espanto, pois, num cálculo pouco exagerado, deviam ser uns dez mil. Depois de nos ter observado por algum tempo, soltaram um grito horrível e nos enviaram uma chuva de flechas. Graças, porém, à nossa equipagem, por aquele lado estávamos perfeitamente defendidos, de forma que não tivemos um ferido sequer.

Pouco depois notamos que faziam leve movimento para a direita e esperamos que nos atacassem pelas costas; mas um cossaco de Jaravena, astuto companheiro que servia nas fileiras russas, veio dizer ao comandante:

— Eu me encarrego de mandar toda aquela gente para Sieilca.

Era uma cidadezinha que ficava a cinco dias de onde nos achávamos um pouco mais atrás para a direita. Imediatamente apanhou o arco e as flechas, saltou para o seu cavalo e, passando pela retaguarda da caravana, tomou o caminho de Nortziuscoi; a seguir, fazendo uma volta, chegou ao local onde estava o exército tártaro, apresentando-se como emissário encarregado de lhes dizer que os que haviam queimado o deus *Cha-Chi-Tangu* se dirigiam a Sieilca com uma caravana de infiéis (assim chamavam aos cristãos), na

intenção de queimar também *Schal-Isar*, deus dos naturais de TOUNG.

Como esse indivíduo era um verdadeiro tártaro e falava correntemente seu idioma, teve tão bom resultado sua astúcia que aqueles acreditaram em suas palavras e se lançaram tumultuosamente na direção de Sieilca. Às três horas já os tínhamos perdido de vista e não ouvimos mais falar neles; de modo que ignoramos se foram ou não até aquela povoação.

Chegamos, pois, sãos e salvos a Jaravena, onde existia guarnição russa. Descansamos cinco dias na citada povoação, porque a caravana se achava extenuada com a marcha forçada da véspera e com a noite passada em claro.

Ao sair de Jaravena tivemos de atravessar um horrível deserto, onde levamos 23 dias. Íamos munidos do necessário para passar as noites com mais comodidade e o chefe da caravana havia adquirido dezesseis carroças típicas do país para a condução da água e das provisões. Essas carroças, dispostas todas as noites ao redor de nosso pequeno acampamento, nos serviam de trincheiras; de forma que os tártaros, a não ser que viessem em número muito considerável, não teriam podido nunca causar-nos dano.

Não é difícil imaginar que tínhamos necessidade de repouso depois de uma viagem tão longa e sobretudo num deserto onde nem sequer víamos uma casa, uma árvore ou um arbusto. Encontrávamos apenas muitos caçadores de martas e alguns tártaros mongóis. Estes atacam com frequência as caravanas menores, mas nós nunca os vimos em número suficiente para nos incomodar. Eu tinha curiosidade de ver as peles das martas que caçavam, mas nunca pude falar a nenhum porque não se atreviam a se aproximar, nem nós a nos afastar do nosso comboio para nos avizinhar deles.

Assim que acabamos de atravessar aquele deserto chegamos a uma região bastante povoada, onde existiam cidades e fortalezas estabelecidas pelo tzar com guarnições militares, ali destacadas para proteger as caravanas e o país contra as invasões dos tártaros, pois do contrário não se poderia viajar por causa do perigo que oferecia aquela estrada. As ordens do tzar eram tão severas com respeito a esse assunto que, ao simples boato de tártaros naquela região, os destacamentos deviam acompanhar as caravanas de etapa em etapa, para que chegassem com segurança. Portanto, o governador de Udinsk, que fui visitar em companhia do negociante escocês que era seu amigo, nos ofereceu uma escolta de cinquenta homens até a próxima paragem, onde encontraríamos outro destacamento, caso temêssemos algum perigo.

Muito tempo antes de chegar ali, julgava que, assim que fôssemos nos

aproximando da Europa, acharíamos o país mais povoado e seus habitantes mais civilizados; mas me enganava, porque nos faltava ainda atravessar a região de Toungh, onde achamos as mesmas manifestações de paganismo e barbaria que tínhamos visto em outras partes, com a única diferença de que, submetidos ao domínio russo, eram menos perigosos. Mas, quanto aos seus grosseiros costumes e idolatria, nenhum outro povo do mundo o suplantaria. Seu traje é feito de peles de animais, das quais se servem igualmente para erguer suas cabanas. É impossível distinguir uma mulher de um homem, quer pelos trajes quer pelos costumes. No inverno, quando a terra está coberta de neve, habitam em subterrâneos que se comunicam uns com os outros.

Se os tártaros tinham por deus de todo um povoado ou de um país o seu *Chan-Chi-Tangu*, cada choça ou cada subterrâneo tinha os seus ídolos. Além do mais, adoram as estrelas, o sol, a água, a neve, numa palavra, tudo o que não podem compreender, e para dizer a verdade, compreendem muito poucas coisas; de maneira que, cada elemento e cada objeto um pouco fora do comum recebia deles o seu sacrifício.

Nada me sucedeu de especial nesse país. Afastado pelo menos quatrocentas milhas do último deserto de que já falei, e cuja metade se acha igualmente deserta, caminhamos doze dias dentro dele sem encontrar uma casa sequer, ou uma árvore que fosse, e vimo-nos obrigados a levar abundantes provisões de boca, desde o pão até a água. Ao deixar esse deserto, e após dois dias mais de marcha, chegamos a Ienisseisc, aldeia ou fortaleza russa situada sobre o caudaloso rio Ienissei, que separa, como nos disseram, naquele ponto, a Europa da Ásia, embora me advertissem que os senhores que fazem os mapas não estejam de acordo nisso; no entanto, é realmente a fronteira oriental da velha Sibéria, que constitui uma simples província do vasto Império moscovita, mas que equivale em extensão a todo o Império alemão.

Nessas comarcas reinam ainda o paganismo e a ignorância, menos nas guarnições russas. Todo o país compreendido entre o Obi e o Ienissei é completamente idólatra e os povos são tão bárbaros quanto os tártaros das regiões mais afastadas e mais do que qualquer nação de meu conhecimento, tanto da Ásia quanto da América. Notei, além do mais, e fiz essa observação aos governadores moscovitas com os quais tive a oportunidade de falar, que aqueles pobres pagãos, embora se achassem sob o jugo russo, nem por isso eram mais instruídos nem mais propensos ao cristianismo. Os governadores respondiam que eu tinha inteira razão, mas replicavam ao mesmo tempo que

não era essa sua missão; que, se o tzar quisesse converter seus vassallos da Sibéria, Toung e Tartária, lhes enviaria sacerdotes e não soldados; e acrescentavam com uma sinceridade que nunca havia esperado deles que seu soberano tinha mais interesse em torná-los súditos submissos do que cristãos.

Desde o Ienissei até o Obi, atravessamos uma comarca selvagem, à qual faltam apenas braços e indústria para ser muito agradável, risonha e fértil. Todos os habitantes que ali encontramos eram pagãos, com exceção dos que tinham sido enviados da Rússia; pois para aqueles lugares, às margens do Obi, são deportados os súditos do tzar que cometeram algum crime, pelo qual se lhes foi imposta a pena imediata à de morte, sendo-lhes quase impossível sair algum dia daquele desterro.

Nada tenho a contar acerca de meus assuntos pessoais até chegar a Tobolsk, capital da Sibéria, onde tive que passar algum tempo pelos motivos que se seguem.

Havíamos levado perto de sete meses fazendo nossa viagem e o inverno se avizinhava. Assim, meu sócio e eu tivemos uma conversa sobre nossos negócios particulares, para decidir o que mais convinha fazer, considerando-se que tínhamos de ir para Londres e não para Moscou. Falaram-nos em trenós e renas para viajar sobre a neve, durante o inverno. Realmente, os russos se servem dessa espécie de veículo, dos quais se contam coisas tão estupendas que parecem incríveis. Diz-se que os russos viajam mais no inverno do que no verão porque nesses trenós podem correr dia e noite. A neve endurecida cobre toda a terra de uma superfície plana, de sorte que as colinas, os vales, os rios e os lagos formam uma vasta planície rija e lisa como o mármore e em cima da qual se pode correr sem nenhum cuidado ou inquietação.

Sem dúvida não havia motivo para eu aceitar semelhante modo de viajar. Ia para a Inglaterra e não para Moscou e podia escolher duas rotas diferentes: ou continuar com a caravana até Iaroslav, dirigindo-me dali a Narva, na direção oeste, e encaminhar-me pelo golfo da Finlândia a Dantzig, onde sem a menor dúvida acharia ocasião de desvencilhar-me vantajosamente da carga que trazia da China; ou então separar-me da caravana em uma aldeia à margem do Dvina, e dali, em seis dias, chegar por água a Arcangel, onde certamente encontraria navios com destino à Inglaterra, Holanda ou Hamburgo.

Pelas duas citadas rotas era absurda a viagem naquela estação; pois por Dantzig era mais do que provável encontrar o Báltico gelado, tendo meus

passos tolhidos; e quanto a atravessar por terra aquele país era menos seguro ainda do que viajar entre os tártaros mongóis. Além do mais, se em outubro me dirigisse a Arcangel não tinha a certeza de encontrar algum navio, nem tampouco comerciantes que ali só passam o verão e no inverno se refugiam em Moscou, após a partida dos navios; de modo que me acharia exposto a frio excessivo e me faltariam provisões para passar o inverno naquele porto deserto. Afinal, tendo reconsiderado tudo com todo o cuidado, pensei que o melhor era deixar ir embora a caravana, fazendo meus preparativos para passar o inverno naquele lugar onde me encontrava, isto é, em Tobolsk, Sibéria, a 60 graus de latitude norte aproximadamente, com a certeza de encontrar ali três coisas necessárias para desafiar o rigoroso inverno, a saber: abundância de provisões, as que pudesse proporcionar o país; uma casa abrigada, com bastante combustível; e, por último, uma agradável companhia.

Estava então em um clima bem diferente da minha querida ilha, onde nunca sentira frio, exceto naqueles dias em que fui acometido de febre, e onde sempre podia enfrentá-lo com as próprias roupas e jamais acendia fogo, a não ser ao ar livre e isso apenas para preparar a comida. Nesse outro país precisava de usar três grossos casacos e por cima um amplo sobretudo que me chegava aos pés, fechado até o pescoço, todos eles muito bem forrados a fim de que esquentassem e abrigassem mais.

Para aquecer minha habitação não quis empregar o método inglês de acender fogo em todos os cômodos e lareiras, de modo que, estando apagado o lume, o ar dentro de casa chega a ficar tão frio quanto no exterior: depois de ter alugado um apartamento numa excelente casa, mandei colocar no centro de meus seis cômodos uma grande lareira em forma de fogão, como uma estufa. O tubo ou cano por onde passava o ar quente ia para um lado, e o orifício de onde saía o fogo, para o outro; de modo que todos os cômodos eram igualmente aquecidos sem se notar o fogo, da mesma forma como se esquentam os banhos na Inglaterra.

Assim, tínhamos sempre em toda a casa uma temperatura uniforme que conservava o mesmo calor, por muito frio que fizesse fora; e, apesar de tudo, não se via fogo em parte nenhuma e a fumaça não incomodava absolutamente.

O mais admirável de tudo era fazer vida social naquele país bárbaro, situado na extremidade setentrional da Europa, perto do oceano Glacial, quase na mesma altura de Nova Zembla.

Mas, como já disse antes, era o país para onde se enviavam os réus de Estado, e a cidade estava cheia de nobres, cavalheiros, militares e cortesãos russos. Ali me encontrei com o famoso príncipe Ganitzine, o velho general Robostiski, outras muitas personagens notáveis e algumas grandes damas.

Valendo-me do meu amigo, o comerciante escocês, que por fim me abandonou naquela cidade, travei conhecimento com muitas daquelas pessoas, das quais, nas longas vigílias de inverno que ali passei, recebi repetidas e mui agradáveis visitas.

Estava conversando uma noite com certo príncipe, um dos deportados, que fora em outros tempos ministro de Estado do tzar, e a conversa recaiu em minhas aventuras pessoais. Ele estivera me contando uma série de coisas curiosas sobre a grandeza, a magnificência, as posses e a autoridade absoluta do imperador de todas as Rússias. Interrompi-o, dizendo que eu havia sido um soberano mais poderoso e absoluto ainda do que o tzar, embora meus domínios não fossem tão extensos, nem meus vassalos, tão numerosos quanto os dele. O nobre russo ficou, parece, muito surpreendido e, fitando-me com atenção, procurou adivinhar o que eu queria dizer.

Disse-lhe que sua admiração passaria logo que me tivesse explicado melhor. Então lhe disse que tinha poder absoluto sobre a vida e propriedade de meus vassalos e que, todavia, não tivera em todos os meus estados um único inimigo do meu governo ou da minha pessoa. Ele replicou, meneando a cabeça, que nesse aspecto superava de fato o tzar. Continuei contando-lhe que todas as terras do meu reino me pertenciam; que meus súditos eram apenas os arrendatários, e apenas pelo tempo que me conviesse; que estavam todos dispostos a derramar por mim até a última gota de sangue e, afinal, que jamais déspota algum, pois eu me considerava tal, tinha sido tão unanimemente amado nem tão terrivelmente temido por seus vassalos.

Depois de nos ter entretido muito tempo nessa espécie de enigmas políticos, acabei por lhe relatar a história de minha estada na ilha, o modo pelo qual me governei bem como ao meu povo, tal como depois escrevi.

Todos ficaram estupefatos ao ouvir minha narração, e em particular o príncipe, que me disse, deixando escapar um suspiro, que a verdadeira grandeza neste mundo é ser-se dono de si mesmo; que ele não trocaria uma situação como a minha pela do tzar; que ele próprio achava mais felicidade na solidão à qual parecia havê-lo condenado o seu desterro, como jamais tivera nos áureos tempos do mais alto favoritismo na corte do soberano; enfim, que o cúmulo da sabedoria humana era poder conformar-se com as

circunstâncias e manter a calma interior no meio das tormentas exteriores.

— O senhor talvez pense que finjo submeter-me ou resignar-me por política, obrigado por uma necessidade a que outros dariam o nome de desgraça, a fim de reintegrar-me de certo modo em minha passada grandeza. Não, asseguro-lhe que não quereria voltar àquela existência; minha alma, uma vez livre de sua prisão corporal, esperando a glória que nos aguarda após esta vida, não quereria voltar de novo aos laços de carne e sangue que agora a aprisionam, renunciando ao céu pelo charco e os vícios das coisas humanas.

Pronunciou esse discurso com tanto entusiasmo na voz, tanta emoção e veemência nas palavras que se percebia claramente a expressão dos sinceros movimentos de sua alma e não se podia pôr em dúvida sua convicção.

Seria possível estender-me demasiado se relatasse minuciosamente a agradável palestra que mantive com aquele homem verdadeiramente grande, que me deu provas de uma tolerante compreensão, de um profundo conhecimento das coisas, sustentado pela religião, cheio de uma sólida sabedoria, parecendo-me bem sincero o seu desprezo por este mundo. Foi assim até o fim, conforme se há de ver.

Passara oito meses em Tobolsk e o inverno me parecera triste e penoso. Tão intenso era o frio que não me atrevia a sair a não ser muito bem agasalhado com peles e com o rosto tapado com uma espécie de capuz com uma abertura na boca para respirar e outras duas nos olhos para ver. Pelo espaço de três meses só tivemos dias de cinco ou seis horas no máximo. Mas, como a terra estava continuamente coberta de neve e o tempo estava bastante claro, a obscuridade nunca chegava a ser completa. Nossos cavalos estavam guardados, ou melhor direi, morriam de fome debaixo da terra; e, quanto aos criados que tomáramos para nos servir e cuidar de nossos animais, ficavam de vez em quando de pés e mãos gelados, vendo-nos forçados a fazer-lhes fricções, a fim de evitar que surgisse a gangrena e ficássemos sem eles.

É certo que nas habitações fazia quase calor, pois os cômodos eram bem fechados, as paredes, grossas, as janelas, pequenas e com vidraças duplas. Nossa alimentação se compunha principalmente de carne de veado, conservada e secada na estação correspondente. Tínhamos ainda pão de qualidade regular, preparado como biscoito, pescado seco de várias espécies e, algumas vezes, carneiro e búfalo, que, por sinal, têm uma carne excelente. Durante o verão preparavam-se com grande cuidado as provisões para o inverno. Nossa bebida era água misturada com aguardente refinada, em vez de licores; como requinte tomávamos, em lugar de vinho, ótimo hidromel. Os

caçadores que se arriscavam a sair em qualquer tempo traziam-nos com frequência pedaços de carne de rangífer e algumas vezes de urso. Esta última, porém, não era lá muito apreciada por nós. Contávamos, além disso, com uma boa provisão de chá, que nos servia para obsequiar nossos amigos. Apesar de tudo, vivemos com conforto e bastante alegria.

Corria o mês de março, os dias cresciam rapidamente e o tempo começava a tornar-se suportável. Também os demais viajantes começavam a preparar os trenós que os deviam transportar sobre o gelo e a munir-se das coisas necessárias para empreender a caminhada. Mas, como eu tivesse tomado todas as medidas para dirigir-me a Arcangel e não a Moscou ou ao Báltico, fiquei quieto, sabendo que os navios do sul não começam a navegar por aqueles mares antes dos meses de maio e junho e que, se eu chegasse em princípio de agosto, seria tempo oportuno para aproveitar a saída de algum dos citados barcos. Não tinha, portanto, necessidade de apressar-me, motivo por que deixei que se fossem todos os outros viajantes.

Até fins de maio não comecei, pois, meus preparativos de viagem. Enquanto estava assim ocupado, ocorreu-me indagar por que todas aquelas pessoas desterradas pelo tzar na Sibéria, já que podem ir aonde lhes agrada, dentro de seu país, não se aproveitam dessa liberdade para trasladar-se para qualquer outra parte do mundo. Procurei, pois, investigar o que as impedia de fazê-lo, mas minha estranheza desapareceu quando falei a respeito ao príncipe russo. Eis o que me respondeu:

— Considere primeiro o lugar em que nos achamos, nossa condição e, enfim, o que são em geral as pessoas que vêm desterradas para aqui. Estamos cercados de obstáculos mais fortes do que as grades e os ferrolhos: ao norte um mar gelado, onde nunca um navio se fez a vela, onde embarcação alguma jamais foi vista; por outro lado mais de mil milhas a percorrer antes de sair dos Estados do tzar, onde praticáveis só há os caminhos que o governo mandou construir e que atravessam os pontos onde há guarnições. Não poderíamos chegar a esses pontos sem ser descobertos, nem empreender novos itinerários sem nos expor a morrer de fome. Seria, por conseguinte, inútil qualquer tentativa de fuga.

Não soube o que dizer e compreendi que os deportados estavam em uma prisão tão segura quanto a fortaleza de Moscou. Imaginei, todavia, que eu poderia ser o instrumento da liberdade daquela excelente pessoa e estava disposto a tudo tentar para arrancá-la daqueles lugares. Aproveitei uma noite para lhe participar o que havia pensado. Fiz-lhe ver quão fácil me era levá-la,

já que ela não estava sendo vigiada; e, como eu não ia a Moscou, mas a Arcangel, e formava parte de uma caravana, podíamos acampar durante as noites onde bem me aprouvesse, sem necessidade de ter de nos deter em sítio algum guarnecido pelas tropas russas. Desse modo chegaríamos sem nenhum obstáculo a Arcangel, onde eu imediatamente tomaria as respectivas passagens em um navio inglês, que nos conduziria a bom porto.

Escutou-me com a maior atenção e com os olhos cravados em mim enquanto eu falava, notando-lhe no rosto a intensa impressão que lhe causava: a cada instante mudava de cor, o olhar se lhe inflamava, e via-se por seu semblante que o coração lhe batia com mais força que de costume. Não pôde responder-me quando deixei de falar e pareceu refletir sobre o que devia dizer-me: mas, transcorrido um momento, abraçando-me, exclamou:

— Como somos desgraçados, pobres seres sem defesa! Os próprios impulsos de amizade chegam a parecer-nos engodos e nos convertemos em tentadores uns dos outros! Querido amigo — prosseguiu —, sua oferta é tão sincera, encontro no senhor tanta bondade, desinteresse e benevolência para comigo que seria preciso ter-se muito pouca experiência para não se ficar admirado como reconhecido pelo serviço que me quer dispensar. Mas será que me deu crédito quando lhe falei de meu desprezo pelo mundo? Não pensou que realmente havia atingido esse grau de felicidade que me colocou acima de tudo o que este mundo me pode conceder? Não ficou convencido de que procedia de boa fé quando dizia que não queria voltar à corte, embora o tzar em pessoa me devolvesse todas as regalias de que gozava outrora? Numa palavra, meu amigo, tomou-me por um homem honrado ou por um orgulhoso hipócrita?

Dito isso, deteve-se, como esperando pela minha resposta, mas compreendi logo que era a emoção que não o deixava continuar. Seu grande coração estava tão oprimido e agitado ao mesmo tempo que não lhe permitia dizer mais nada.

Na verdade confesso que foi grande minha surpresa ao encontrar um homem semelhante, ao escutar tal discurso. Para decidi-lo a readquirir a liberdade, apresentei algumas razões; entre outras, que ele devia ver no próprio caso uma porta aberta pelo céu, um chamado da Providência, que queria que ele fosse útil ao gênero humano.

Enquanto eu falava, ele se acalmara.

— Quem sabe! — disse-me com calor. — Em lugar de uma ordem do céu, não poderá ser talvez uma sugestão de outra influência que se me

apresente com falsas cores, como o cúmulo da felicidade, uma liberdade que talvez não seja mais do que uma armadilha para levar-me à definitiva ruína? Aqui me vejo livre das tentações de tornar à minha antiga e escorregadia grandeza. Não estou certo de que em outra parte qualquer a semente do orgulho, da ambição, da avareza e da volúpia, inerentes à nossa natureza, não pudesse renascer, arraigar-se e afinal subjugar-me. Então, o feliz prisioneiro que agora se vê dono da liberdade de sua alma tornaria a ser, ao reaver a liberdade corporal, um mísero escravo dos seus sentidos. Deixe-me, querido amigo, neste ditoso cativo, ao abrigo das ocasiões de cometer faltas, e não me induza a trocar por uma liberdade ilusória a da minha razão e a felicidade eterna, essa que tenho presentemente sob a vista e que talvez pudesse perder se aceitasse suas tentadoras propostas, pois sou de carne e osso, simplesmente um homem, e tenho, como qualquer outro, paixões bastante fortes para deixar-me vencer. Oh! não queira ser ao mesmo tempo meu amigo e meu sedutor!

Se antes me havia surpreendido, agora emudeci e fiquei sem dizer palavra, a olhá-lo, realmente admirado do que via. A luta que ele sustinha em seu íntimo era tão violenta que apesar do terrível frio que fazia eu o via suar em bicas. Percebi que ele necessitava de desafogar o pensamento. Assim, em poucas palavras acabei por lhe dizer que o deixaria refletir e que voltaria para saber a resposta. Dito isso, dirigi-me para casa.

Passadas duas horas, ouvi barulho em minha porta. Ia levantar-me quando o próprio príncipe a abriu e entrou.

— Meu amigo — começou ele a dizer —, o senhor me perturbou, mas já estou tranquilo. Não tome a mal que não aceite seu oferecimento. Pode estar certo de que não é por falta de apreço à sua bondade, muito pelo contrário, estou sumamente reconhecido a ela; mas porque creio haver alcançado uma grande vitória sobre mim mesmo.

— Senhor — respondi —, suponho que agindo assim, tem plena convicção de que não resiste à voz do céu.

— Se o céu — replicou — tivesse querido que eu tomasse a decisão oposta, me teria infundido esse desejo. Creio firmemente que por uma inspiração da Providência afastei sua proposta e terei, quando o senhor me abandonar, a doce satisfação de que me deixará, se não livre, ao menos leal.

Não me restava outro remédio senão ceder e afiançar-lhe que meu único objeto tinha sido ser-lhe útil. Abraçou-me com efusão, afirmando que me agradecia infinitamente aquela prova de amizade, à qual seria sempre

reconhecido. Ao mesmo tempo presenteou-me com lindas peles de marta, na verdade demasiado ricas para um homem na sua situação e que eu teria recusado se assim me tivesse permitido.

No dia seguinte mandei meu criado a Sua Alteza com uma pequena lembrança, que consistia em chá, duas peças de damasco da China e quatro pequenas barras de ouro japonês, pesando ao todo pouco menos de seis onças. Esse presente era muito inferior ao de suas martas, que na Inglaterra me renderam perto de duzentas libras esterlinas. O príncipe aceitou o chá, uma das peças de damasco e uma barrinha de ouro em que estava admiravelmente gravado o selo do Japão, e que tomou como uma coisa rara; mas não quis ficar com o restante, que me devolveu pelo mesmo criado, com o recado de que me desejava falar.

Quando me apresentei a ele, disse-me que, sabendo o que se tinha passado entre nós, eu não podia ter a esperança de mudá-lo de resolução; mas, já que lhe fizera proposta tão generosa, suplicava-me que tivesse a mesma bondade com uma pessoa cujo nome me diria e pela qual se interessava imensamente. Dei-lhe a entender que não podia fazer por outro tudo o que teria feito por ele, que me inspirava uma afeição toda particular, até o ponto de se me tornar uma grande satisfação proporcionar-lhe a liberdade. Portanto, se me indicasse a pessoa, lhe responderia com franqueza, esperando que não diminuiria o apreço em que me tinha se minha resposta lhe desagradasse. Disse-me que se tratava de seu filho único, a quem eu não havia visto e que se achava na mesma situação que ele, mas a duzentas milhas de Tobolsk, do outro lado do Obi; que o mandaria buscar se eu aceitasse fazer o que me estava pedindo.

Não titubeei nem um momento e disse que o faria. Com alguma cerimônia dei-lhe a entender que tudo faria por ele, mas que, não podendo persuadi-lo, lhe manifestaria meu respeito encarregando-me de seu filho. Mas tais minúcias são bastante aborrecidas para serem repetidas.

No dia seguinte mandou chamar o filho. Este chegou ao cabo de vinte dias com o mensageiro, conduzindo seis ou sete cavalos carregados de ricas peles cujo valor devia subir a uma soma considerável. Seus criados fizeram os cavalos entrarem na cidade, ficando o jovem a certa distância, até que anoiteceu. Então dirigiu-se sorratamente até nossa casa e seu pai o apresentou. Em seguida combinamos as coisas necessárias para nossa viagem.

Adquiri na cidade grande quantidade de peles de marta, raposa preta,

arminho e outras mui valiosas, em troca de algumas mercadorias que trouxera da China, especialmente cravo e noz-moscada. Desfiz-me logo da maior parte e depois, em Arcangel, do resto, a um preço muito mais alto do que teria obtido em Londres. Meu sócio, que olhava com particular interesse o lado prático, sendo para ele o comércio coisa mais importante do que para mim, ficou enormemente satisfeito com nossa permanência naquele local, por causa dos lucros consideráveis que tínhamos tido.

Em princípios de junho abandonei Tobolsk, lugar perdido, cidade afastada de todas as vias frequentadas pelo comércio e da qual pouco se fala neste mundo de Deus. Nossa caravana ficara muito reduzida, pois contávamos apenas com 32 animais entre cavalos e camelos. Todos passavam como sendo meus, embora onze pertencessem a meu novo companheiro. Era, pois, natural que minha comitiva se compusesse de grande número de pessoas. O jovem príncipe ostentava o título de meu administrador, e inegavelmente eu passava por um grande personagem; ignoro qual, porque não julguei conveniente andar indagando.

No começo tivemos de atravessar o deserto mais extenso e incômodo que encontramos em toda a nossa jornada; digo o mais incômodo, porque em certos trechos o caminho era pantanoso e em outros, muito desigual. O que nos consolava era que não tínhamos de temer nem tártaros nem bandidos, pois não se veem suas hordas quase nunca naquela orla do Obi. Todavia, as coisas não correram tão bem quanto supúnhamos.

O jovem príncipe tinha um fiel servidor, nascido na Sibéria, que conhecia o país palmo a palmo. Conduziu-nos por caminhos desconhecidos, com o fito de evitar as principais cidades e fortalezas que se encontram às margens da estrada real, tais como Tumen, Soloi-Camscoi, e muitas outras. Não ignorava que as guarnições russas exercem escrupulosa vigilância sobre os viajantes, por temor de que os exilados fujam entre eles. Mas, se nós evitávamos as cidades, era natural que toda a viagem fosse pelo deserto e nos víssemos obrigados a acampar e dormir em nossas tendas, em vez de poder hospedar-nos confortavelmente nas cidades do caminho. O príncipe se incomodou tanto com isso que não quis permitir que passássemos mais a noite ao relento quando estivéssemos perto de uma povoação. Ele ficaria só com o criado e dormiria nos bosques, reunindo-se a nós no dia seguinte, em lugares previamente combinados.

Afinal achamo-nos na Europa, depois de haver atravessado o rio Cama, que no citado ponto forma o limite entre a Europa e a Ásia. A primeira

povoação do lado europeu se chama Soloi-Camscoi, isto é, a grande cidade sobre o rio Cama. Na verdade esperávamos dar com um povo mais civilizado; mas nos tínhamos enganado. Através de um imenso deserto que em alguns pontos chega a ter setecentas milhas de extensão, embora onde nos achávamos não tivesse mais do que duzentas, encontramos muito pequena diferença entre este país e o dos tártaros mongóis. A maioria dos habitantes é idólatra e pouco mais vale do que os indígenas da América. Suas casas e barracas estão repletas de ídolos e seus costumes são bastante bárbaros, com exceção de algumas cidades e de algumas povoações cercadas de muralhas, cujos habitantes são cristãos da Igreja Ortodoxa. Seu cristianismo está mesclado a tantos vestígios de superstição que em muitas partes mal pode ser distinguido da feitiçaria.

Ao atravessar aquela solidão, e no momento em que nos julgávamos já livres de todos os perigos, conforme já disse antes, faltou muito pouco para que fôssemos apanhados e talvez sacrificados por um bando de foragidos, ignoro de que país, todos a cavalo e armados de arco e flecha. Aproximaram-se de nós em número de 45, à distância de dois tiros de fuzil. Sem nos fazerem a menor pergunta, rodearam-nos, examinaram-nos com a maior atenção e afinal se postaram precisamente no meio do caminho. Imediatamente nos pusemos em linha, diante dos nossos camelos, embora não fôssemos mais do que dezesseis homens, e, uma vez alinhados, fizemos alto. Mandamos então o criado siberiano do príncipe averiguar quem era aquela gente. O jovem deixou-o ir de muito boa vontade, pois receava que se tratasse de um destacamento siberiano enviado em sua perseguição. O criado avançou para eles com uma bandeira de paz e os chamou, mas, embora conhecesse muitos dialetos do país, não pôde compreender uma palavra do que diziam. Todavia, como eles lhe faziam sinais para que não se aproximasse mais se não queria morrer, voltou sem ir mais adiante. Informou-nos apenas de que, pelos trajes, pareciam tártaros calmucos ou circassianos, dos quais devia haver muito maior número no grande deserto; mas nunca tinha ouvido dizer que tivessem sido vistos algum dia tão ao norte.

Isso era muito pouco consolador para nós, mas não nos restava outro remédio. Sobre nossa esquerda, à distância de um quarto de milha e perto da estrada, existia uma pequena floresta. Decidi imediatamente que nos devíamos dirigir até aquelas árvores e ali nos fortificar do melhor modo possível. Em primeiro lugar calculei que as árvores nos protegeriam bastante das flechas de nossos inimigos e em segundo que estes não nos poderiam

atacar em grupo, em semelhante terreno. Devo advertir que o dono de tal ideia foi o velho piloto português, pois que reunia o duplo mérito de ser sempre o primeiro a incutir-nos ânimo e o mais pronto em dar-nos conselhos nos momentos perigosos.

Avançamos, portanto, com toda a rapidez, na direção do bosquezinho. Os tártaros ou os bandidos (pois não sabíamos que nome lhes dar) continuaram como estavam e não fizeram o mínimo movimento para nos deter. Quando chegamos ao local indicado, descobrimos com imensa satisfação que o terreno era pantanoso, a um lado do qual um manancial de água abundante formava um arroio, que pouco mais longe se unia a outro de igual tamanho. Numa palavra, eram as fontes de um rio bem importante, que do ponto da junção em diante se chama Vitzca. As árvores que cresciam ao redor das ditas fontes não chegavam a duzentas, mas eram bastante corpulentas e estavam demasiado juntas para oferecer-nos suficiente defesa, salvo se o inimigo apeasse para nos atacar. Com o objetivo de lhes dificultar essa medida, o piloto português, ajudado por alguns dos nossos, apressou-se a cortar pela metade grossos ramos que ia deixando pendentes, atravessados de uma árvore para outra, de forma que ficamos rodeados por uma espécie de paliçada.

Pelo espaço de algumas horas estivemos vigiando o inimigo, que não fez o mais leve movimento. Duas horas antes de anoitecer puseram-se em marcha contra nós. Vimos logo que tinham recebido novos reforços, de maneira que eram cerca de oitenta cavaleiros, entre os quais me pareceu descobrir algumas mulheres. Avançaram até meio tiro de fuzil do bosquezinho; então fizemos uma descarga de pólvora seca e ao mesmo tempo lhes perguntamos em língua russa o que queriam, ordenando que se retirassem. Mas com isso o seu furor só fez aumentar: precipitaram-se resolutamente para o bosquezinho, sem suspeitar que ele estava de tal modo entrincheirado que não era fácil penetrar ali. O velho piloto, nosso comandante e engenheiro ao mesmo tempo, ordenou-nos que não disparássemos senão quando os tivéssemos a um tiro de pistola, a fim de não errar o golpe, e principalmente que não fizéssemos fogo senão com muito boa pontaria. Dissemos-lhe que a voz de fogo partiria dele. Esperou, para dar o sinal, que os inimigos estivessem bem perto. Assim, quando disparamos, tínhamos feito tão bem a pontaria que deixamos quatorze mortos, sem contar os feridos. Numerosos cavalos foram também atingidos, pois havíamos carregado os mosquetes com duas ou três balas no mínimo cada um.

Os inimigos ficaram enormemente surpresos com o nosso fogo e retrocederam a toda pressa cerca de cem jardas. Isso nos deu tempo de tornar a carregar as armas. Vendo que permaneciam a grande distância, avançamos e nos apoderamos de quatro ou cinco cavalos, cujos cavaleiros sem dúvida tinham sido mortos. Ao nos aproximarmos dos que tombaram sem vida no campo, julgamos que eram tártaros, mas não podíamos compreender como tinham levado tão longe sua incursão.

Uma hora depois fizeram novo movimento para atacar-nos e voltaram a galope para tentar penetrar na pequena mata. Vendo-nos sempre dispostos a enfrentá-los, retrocederam mais uma vez. Então resolvemos permanecer ali durante toda a noite.

Dormimos bem pouco, como é fácil de supor, e passamos parte da noite a fortificar-nos e entrincheirar todas as saídas e vigiar com o maior cuidado todos os lados. Dessa forma esperamos pelo dia, cujos primeiros alhores nos descobriram uma desagradável surpresa: o inimigo, que julgávamos desanimado com a acolhida que lhe dispensáramos na véspera, tinha aumentado consideravelmente e já havia levantado onze ou doze tendas, como se estivesse decidido a sitiar-nos. Aquele pequeno acampamento fora estabelecido em campo raso, a três quartos de milha de nós. Isso causou-nos verdadeira estranheza e confesso francamente que me julguei irremediavelmente perdido, com tudo quanto possuía. A perda de meus haveres, embora considerável, causava-me menos preocupação do que a ideia de cair em mãos de semelhantes bárbaros quase ao término de minha longa viagem e depois de haver escapado a tantos perigos e dificuldades e a pouca distância do porto onde devíamos achar segurança e salvação. Quanto a meu sócio, este estava furioso: dizia que a perda de suas mercadorias o deixaria arruinado, que preferia morrer lutando do que sucumbir de fome mais tarde e que estava resolvido a defender-se até a última gota de sangue.

O príncipe, jovem e animoso, queria também combater até exalar o último suspiro, e o velho piloto era de parecer que a posição em que nos encontrávamos nos permitia resistir aos nossos inimigos. Desse modo levamos o dia a discutir o que melhor nos cumpria fazer; mas ao cair da tarde vimos de novo engrossar as fileiras do inimigo e compreendemos que no dia seguinte ainda deviam ser mais numerosos. Tratei de informar-me com os homens que trouxera de Tobolsk se existia algum atalho por onde pudessemos escapar durante a noite, a fim de nos refugiar em alguma aldeia ou pedir uma escolta que nos protegesse na passagem do deserto.

O criado do príncipe nos disse que, se nosso intento era evitar o inimigo, ele se comprometia, logo que chegasse a noite, a guiar-nos por um caminho que conduz ao norte, à outra margem do rio Petrou, ou melhor, Petchora. Não duvidava do bom êxito, muito mais porque os tártaros não conheciam o citado caminho; mas acrescentou que seu amo lhe manifestara não querer fugir, mas pelo contrário ansiava pelo momento de entrar em combate. Respondi que estava muito equivocado quanto às intenções de seu amo, demasiado prudente para expor-nos pelo simples prazer de lutar; que todos sabíamos que seu senhor era valente, pois que já tinha dado provas disso, mas que não tentaria com apenas dezessete ou dezoito homens bater-se contra quinhentos, salvo se a isso fôssemos obrigados; e que, se ele acreditava ser possível evadir-nos durante a noite, esse era o melhor partido que podíamos tomar. O siberiano replicou então que, se o patrão lhe desse ordens nesse sentido, morreria antes do que deixaria de cumpri-las.

Não custamos a decidir o príncipe a tomar o dito partido. Deu secretamente ao criado as ordens necessárias e a seguir nos preparamos para pô-las em prática.

Logo que começou a escurecer acendemos uma grande fogueira em nosso pequeno acampamento, dispondo-a de modo que durasse toda a noite, a fim de que os tártaros pensassem que continuávamos ali. Depois, assim que a escuridão se tornou completa e pudemos ver as estrelas (não quis nosso guia pôr-se em marcha antes), já estando carregados os cavalos, seguimos o novo condutor que se dirigia, segundo pude perceber, no sentido da estrela Polar.

Ao cabo de duas horas de marcha forçada, começou a haver maior claridade, não porque a noite não durasse ainda, mas porque a lua saiu e sua luz foi maior do que desejávamos. Contudo, às seis da manhã, tínhamos já percorrido quarenta milhas, pouco mais ou menos, embora com isso tivéssemos quase arreventado nossos cavalos. Então paramos em um lugar chamado Quermaziuscoi, onde nem sequer ouvimos falar nos calmucos. Duas horas antes de anoitecer pusemo-nos em marcha e caminhamos até as oito da manhã, mas foi uma etapa mais tranquila do que a da véspera. Eram sete horas quando cruzamos um pequeno rio chamado Quirtza e chegamos a uma grande e formosa cidade habitada pelos russos e denominada Ozomois.

Soubemos ali que havia numerosas quadrilhas de calmucos espalhadas pelo deserto, mas que dali em diante estávamos ao abrigo de qualquer risco, o que nos causou grande satisfação. Tivemos necessidade de procurar cavalos descansados e como tínhamos enorme precisão de repouso, passamos cinco

dias naquela cidade. Então combinamos meu sócio e eu dar a soma de dez pistolas ao fiel e leal siberiano que nos havia conduzido.

Após outros cinco dias de marcha chegamos a Veuslima, sobre o rio Virtzogda ou Vithegda, que deságua no Dvina. Estávamos felizmente quase no fim da nossa viagem por terra, pois aquele rio, em sete dias de navegação, podia conduzir-nos a Arcangel. Primeiro tocamos em Lavrenscoi, em 3 de julho. Depois de alugar duas lanchas para o transporte das mercadorias e da equipagem e uma embarcação para nosso conforto particular, embarcamos no dia 7 e chegamos sãos e salvos a Arcangel a 18, havendo empregado na viagem um ano, cinco meses e três dias, compreendida nossa estada de oito meses em Tobolsk.

Esperamos seis semanas em Arcangel pela chegada dos navios e mais tempo teríamos esperado se um barco de Hamburgo não se houvesse antecipado de um mês às embarcações inglesas. Calculando que poderíamos colocar nossas mercadorias tão vantajosamente em Hamburgo como em Londres, dispusemo-nos a fazer a travessia naquele navio. Uma vez a bordo todas as minhas coisas, nada mais normal que o meu administrador com elas embarcasse, a fim de cuidar delas. Graças a esse estratagema pôde o jovem senhor russo ocultar-se perfeitamente e não é preciso dizer que não desembarcou uma só vez durante todo o tempo de nossa permanência em Arcangel, com receio de ser reconhecido por alguns negociantes moscovitas.

Fizemo-nos ao largo a 20 de agosto do mesmo ano.

Depois de uma viagem que não foi muito penosa, entramos no Elba a 13 de setembro. Meu sócio e eu achamos em Hamburgo bom mercado para nossos artigos da China, assim como para nossas martas e outras peles da Sibéria. Dividimos os lucros: minha parte subiu a 3.475 libras esterlinas, 17 xelins e 3 dinheiros, inclusive seiscentas libras, por quanto foram avaliados os diamantes que tinha adquirido em Bengala.

O jovem príncipe despediu-se de nós e embarcou no Elba em demanda da corte de Viena, onde esperava encontrar protetores e corresponder-se com os amigos de seu pai que por acaso ainda vivessem. Não se foi sem primeiro me manifestar vivamente toda a sua gratidão pelo grande serviço que lhe prestara e por minha atitude para com o príncipe, seu pai.

Finalmente, para terminar, depois de haver passado cerca de quatro meses em Hamburgo, dirigi-me daquele ponto, por terra, até Haia, onde tomei passagem num paquete. Cheguei em Londres no dia 10 de janeiro de 1715, dez anos e nove meses depois de haver saído da Inglaterra.

Atualmente, após ter passado pelas vicissitudes mais diversas de uma existência de 72 anos e de haver aprendido a conhecer o preço do repouso, preciso pensar em preparar-me para uma jornada mais longa do que todas as outras que acabo de narrar e terminar em paz os dias que porventura me restem.

FIM

VIAGENS DE GULLIVER

JONATHAN
SWIFT

Introdução de Rui Barbosa

Estudo introdutório de Eugênio Gomes

Tradução de Octavio Mendes Cajado

20ª edição



Introdução às *Viagens de Gulliver*, de Jonathan Swift, tradução de Carlos Jansen, Rio, Laemmert & Cia., 1888

Ia-me caindo da pena o *perplexing* inglês, para acentuar com a cor de um toque a propósito ao assunto o meu enleio, a situação perplexa de meu espírito entre as dificuldades do meu compromisso para com o benemérito tradutor de *Gulliver*.

Poucos dias, breve espaço, competência ainda menor; e em condições

tais hei de ser eu quem apresente ao público brasileiro uma individualidade histórica ignorada, por assim dizer, entre nós, tão extraordinária que de sua grandeza escreveu um desafeiçoado: “Imenso gênio, tremenda ruína, tão grande homem me parece, que pensar nele é como cuidar em um império desmoronado.”¹

Tão substancialmente se confunde, em Swift, a obra com o homem, que os seus escritos olham para a posteridade como máscaras modeladas no rosto de um vivo. Discorrer deles sem conhecer o caráter em que se moldaram, o mesmo fora que contemplar a armadura de um guerreiro da média idade, sem vislumbrar-lhe, por entre as juntas do arnês, o tipo humano dos séculos que revestiam o homem dessa couraça de ferro.

Mas aqui não é fácil o retrato do indivíduo. Em torno desta figura, “a mais trágica da literatura inglesa”, negreja a imaginação de comentadores sombrios, dando-nos o espetáculo doloroso da carniceria exercida pelos instintos mais duros da crítica sobre a memória de uma alma grande e desafortunada.

Aos críticos franceses cabe especialmente essa culpa. As páginas de Taine e Paul de Saint-Victor acerca do grande ironista são das mais tristes máculas, que empanam o lustre dessas duas autoridades. “O gênio inglês”, diz Saint-Victor,² “não tem representante mais violento e repulsivo do que Jonathan Swift. Ele encarna em si o orgulho desapoderado, o torvo egoísmo, o ódio fero, a ironia ruim, a índole insociável, todos os pecados capitais de sua raça e de sua terra. Não há feição simpática nesse bravio misantropo: carranqueia, ou ameaça por todos os lados, nem se sabe por onde pegar neste áspero embrechado de garras e espinhos. Ora enjoa, ora aterra: um ouriço enrodilhado sobre si mesmo lhe simbolizaria bem o gênio acerbo. Sua vida foi apenas uma tirania malfazeja, entrecortada de acessos de furor.” Esta diatribe embebida no colorido oriental e repassada na grandeza esquiliana do estilo que debuxou as *Mulheres de Goethe*, e evocou as *Duas máscaras*, acaba por comparar o prestígio de Swift na Inglaterra ao culto de Baal em Cartago e Tifon no Egito: “O gênio cruel deles faz parte do espírito público; a fealdade singulariza a região, a disformidade agrada ao povo como transunto de sua originalidade e de sua força. Roma, porém, não se amolda a adorar esses toscos ídolos indígenas.”

Como que se sente, nestas palavras, ressumar o fel de uma antipatia de raça, o travo longínquo desse azedume de que falava Montesquieu, “*l’affreuse jalousie qui est entre les deux nations*”.³ Os predicados superiores

do indivíduo esbatem-se, aos olhos do crítico estrangeiro, no matiz odioso de que as prevenções internacionais lhe saturaram a retina. O autor do *Reisebilder* nunca deu a ver mais claro as afinidades francesas de sua compleição do que nesta curiosa confidência: “Os ingleses, pelo ordinário, a bronca multidão inglesa — Deus me perdoe! — aborreço-os no mais íntimo de minha alma. Muitas vezes os encaro, não como meus semelhantes, mas como autômatos, máquinas, cuja força motriz reside no egoísmo. Nesta disposição de ânimo se me afigura ouvir o zumbo contínuo das rodas, por onde eles cogitam, sentem, contam, digerem, e rezam: suas preces, suas idas mecânicas à igreja, sobraçando o dourado livro de orações, sua piedade desazada são-me sobretudo odiosas. Estou firmemente convencido de que um francês blasfemando há de ser mais grato à divindade do que um inglês orando.”⁴

O rápido arremesso violento de Saint-Victor é visivelmente, porém, um espasmo de cólera literária, de que provavelmente só darão tento os raros, a que a curiosidade e a sedução das delícias do seu estilo atrair pela embriaguez do licor saboroso até às últimas páginas de seus livros. Não assim o largo estudo consagrado ao escritor das *Viagens de Gulliver* por Hippolyte Taine.

A tela, onde este grande artista nos mostra a fisionomia moral de Swift, é uma caricatura caluniosa dos defeitos desta personalidade descomunal. O quadro deixa no ânimo do leitor a impressão da vida de um louco, impulsado pela monomania despótica, regurgitando de iracúndia, afogado “na alegria de ultrajar, dilacerar e destruir”, remetendo com a sociedade “como um toiro”, “debatendo-se contra a humanidade inteira”, “ignorando o bem e a harmonia”, combatendo, “sem amar uma causa”, “*condottiere* contra os partidos, misantropo contra o homem, cético contra a beleza e a verdade”. E caracteristicamente epiloga o crítico francês as suas invectivas, atribuindo a elaboração desse produto monstruoso às “suas qualidades inglesas”, “cujo excesso o inspirou, e devorou”.⁵

No livro do implacável demolidor a primeira cena da vida “desse gênio pujante e doloroso”, “o maior da idade clássica, o mais infeliz da história”,⁶ desenha-se em um escândalo cômico na sala da universidade de Dublin, onde um aluno relapso, *blockhead* impenetrável às regras da lógica, obtém *speciali gratia* o grau de bacharel, entre as guinadas de riso dos catedráticos. O leitor, a cujos ouvidos cascalha a zombaria dessas casquinadas, se, seguindo até o fim o esboço malévolo de Taine, assistir com ele aos últimos momentos de Swift, não deparando nos agros desta agonia vestígios de lágrimas, ou eco de

simpatias contemporâneas, acreditará que aqueles olhos se fecharam no meio do silêncio absoluto da indiferença e do abandono; quando a verdade nos mostra a Irlanda debulhada em pranto à notícia daquele trespasse, o quarto mortuário invadido pela multidão consternada, as últimas brancas daquela cabeça digna da consagração de Shakespeare piamente recolhidas até o último cabelo, como relíquias sagradas, entre os gritos da aflição pública, tão vibrante, diz Sheridan, “como se ele acabasse de ser arrebatado à pátria inopinadamente na flor de seus anos”.⁷

O episódio acadêmico que preambula o ensaio de Taine é inverídico. O eminente escritor podia ter, nas últimas edições, expungido de sua obra essa lenda inverossímil, em presença dos documentos irrefragáveis publicados e estudados por Forster⁸ na sua biografia *ex-professo* de Swift. Mas não o fez; ou porque a ignore, ou porque lhe pareça que a supressão desse brutesco deixaria detruída a harmonia do conjunto. Essa inexatidão inicial dá a medida e conhecença do espírito fantasista, que anima as páginas subsequentes, das menos fidedignas nesse livro, já denunciado, em Inglaterra, como guia inseguro e arriscado na literatura daquele país.⁹

Com as suas faculdades excepcionais de investigação e análise, o juízo desse legislador da crítica moderna é não raras vezes caprichoso e falso. Suas sínteses precipitadas, a facilidade de suas ilações, em que de uma anedota ou de uma frase sucede concluir-se a expressão geral de uma vida, ou de um caráter, o aparato de seus processos científicos encobrando a miúdo grandes vazios de realidade e de lógica, a predileção pela psicologia patológica inclinando-o a imaginar, e exagerar diáteses morais, seus instintos aluidores, sua acessibilidade a concepções, a falibilidade de discernimento na seleção das fontes, a balda de magnificar o infinitamente pequeno, e desvaliar o infinitamente grande — são outros tantos descontos, graves e deploráveis ao seu merecimento de historiador e artista. Estes senões imprimiram à sua história das *Origens da França contemporânea* a tacha de “um panfleto contrarrevolucionário”. Na demolição da Bastilha vê Taine “a anarquia espontânea”; na Revolução, “um latrocínio filosófico”; nos girondinos, “*des bavards outrecuidants et rapés*”; em Cambon, “o inventor do roubo sistemático, praticado em grande escala”;¹⁰ em Dubois Crancé, o Louvois da França moderna, “um teorista sem escrúpulos”, um “dos grandes apodrecidos”; em Danton, não obstante a defesa irrefutável do dr. Robinet e Antonin Dubost, “um tipo de venalidade sanguinária”. Mirabeau, esse é eliminado da história. Graças a estes serviços, o clericalismo pôde absolver a

Taine da impiedade daquela sua fórmula materialista, que considera “a virtude e o vício simples produtos como o vitríolo e o açúcar”,¹¹ e a obra do grande iconoclasta da glória francesa preconizou-se, entre a gente do antigo regime, como o breviário histórico da reação. Bonaparte, que, na estimativa deste justicador de reputações consagradas, não excede notavelmente a marca dos *condottieri* italianos, que ele rebaixa até a esfera dos tiranetes da idade média, até a infâmia dos Bórgias, até a degradação mental dos convulsionários, até a torpeza do incesto, não escapa sequer à pecha de covardia, bastando, para autorizá-la, o testemunho de um comissário prussiano.

Sendo o mais frio, tornou-se Taine o mais apaixonado entre os historiadores franceses. Pondo em timbre escrever unicamente “para os estudiosos de zoologia moral e os naturalistas do espírito”, falta, entretanto, a cada passo, às leis da evolução psicológica e da evolução histórica. Ainda há pouco, dizia o mais consumado mestre da crítica francesa nestes dias: “Por via de regra, não são os documentos que determinam os raciocínios de Taine; antes começa por estabelecer o assédio, e só então consulta a sua biblioteca, ou esquadrinha os arquivos, para desencantoar autoridades que corroborem os seus juízos. Nem se concebe a ligeireza, realmente singular, indiferente e iníqua, com que acolhe, para assertoar na história, as mais inverossímeis anedotas e os conceitos mais aleivosos”.¹² Os seus retratos históricos distanciam-se profundamente da natureza e da verdade. “Carrega a tal ponto certas feições, que torna imperceptíveis as demais, tanto as subordina àquelas. Evade assim a maior dificuldade do retrato histórico, suprimindo-a: a de ajustar apositadamente a uma fisionomia as mil e uma contradições, que lhe constituem a originalidade. Tudo destarte se faz mais simples, mas menos verdadeiro, mais uno, mas menos real, mais intenso, mas menos humano.”¹³ Falta, enfim, aos tipos que ele mais se esmera em figurar, o “terem vivido, e estarem situados na época em que se desenvolveram”.¹⁴

Diante de assuntos como a revolução francesa, Taine considera-se como em presença “das metamorfoses de um inseto”. Mas quando, enquanto supondo ditar a história natural das transformações da civilização e a patogenia das grandes crises humanas, delira em alucinações como a que lhe representa na Convenção “uma besta espolhinando-se em alcatifa de púrpura”,¹⁵ e transmuda as aparições épicas dessa assombrosa comoção social em caracteres odiosos como de Omar, Filipe II e Mandrino, o que ele escreve não é nem a fisiologia, nem a psicologia da história, mas a alquimia

das suas prevenções reagindo sobre os elementos fracionados, alterados e esparsos da verdade. E das retortas desse laboratório miraculoso, onde Shakespeare, o gênio mais luminoso, mais límpido, mais sadio, talvez o mais sensato em toda a história literária, se nos desfigura em síntese de contradições, caos de contrastes, ebulição tumultuosa do sublime com o ignóbil, da razão com a insânia,¹⁶ não admira que a imagem de Swift saia irreconhecível no tipo de uma anomalia associada à humanidade apenas pela demência, pelo ódio e pela vingança.

Se, porém, o repositório mais seguro da verdade histórica está no depoimento dos contemporâneos, bem diverso conceito havemos de formar. Nesse manancial é que se deve beber, não procurando as fontes menos puras, em um Sheridan, por exemplo, cuja inveracidade se acha averiguada,¹⁷ e cuja homonímia com o pai, amigo de Swift, lhe granjeou crédito, que lhe não cabe, ou nas chocalhices de lorde Orrery, “um desses frívolos noveleiros, que buscam adquirir reputação literária, pondo em crônica as fraquezas dos grandes homens”,¹⁸ mas o testemunho de pessoas graves como o do dr. Delany, espírito judicioso e reto, que conhecia a fundo a alma de Swift, e acompanhou-lhe a existência em todos os passos.

Ora, diz essa excelente autoridade, “o caráter da vida de Swift assemelha-se ao de seus escritos: um e outros, reconsiderados e reexaminados com o maior afinco, arrostarão a prova descobrindo sempre, a cada perquirição, belezas e excelências novas. Por mais que os afitemos, não desmerecerão, como o sol, cujo esplendor lhe encobre as máculas. Ninguém mereceu mais de sua pátria do que Swift; amigo firme, perseverante, inflexível; conselheiro atilado, vigilante e fiel, por entre apertados transes e amargas perseguições, com risco de sua liberdade e fortuna. Sua vida foi uma bênção; sua morte, a de um benfeitor; seu nome perdurará para sempre honrado na memória da Irlanda”.¹⁹ Addison, que era, a par de Swift, o mais perspicaz observador de sua época,²⁰ tendo folgadas e amiudadas ocasiões de estudá-lo de perto, cativou-se-lhe das qualidades morais. A carta que dirigiu a Swift, quando este voltava para a Irlanda, transpassado pela notícia da morte de sua mãe, revela um grau de afeição, de que apenas se nota outro exemplo em toda a carreira de Addison como administrador e homem de letras. “Bem sabeis”, escrevia, “que cumprimentos são, a meu ver, quebras da amizade; só vós direi, pois, que anseio ver-vos, sem acrescentar que amo a vossa companhia, e estimo o vosso colóquio mais que os de ninguém.” No seio de todos os partidos adquiriu, e conservou, Swift amigos. Bastaram-lhe poucos

anos, para contrair as mais íntimas relações com os espíritos mais alevantados daquele tempo: Steele, Halifax, Pope, Congréve, Prior, Arbuthnot.

Bolingbroke, essa deslumbrante individualidade, de quem Chatham antepunha a restauração de um só discurso ao descobrimento das maiores obras perdidas da antiguidade, cuja prosa Chesterfield emparceirava à de Cícero, cuja filosofia ministrou a Pope o estofo do mais nobre poema filosófico da língua inglesa, Bolingbroke abria deste modo o seu coração a Swift (23 de outubro de 1716):

“Segura verdade é que, entre todas as perdas por que passei, nenhuma me magoou mais que a de vossa presença e correspondência. Vossa carta espira o mesmo hálito que a vossa conversação sempre inspirou, ainda quando mais remoto parecia o ensejo de praticar os mais severos preceitos de virtuosa fortaleza. Adeus, caro amigo; felicite-vos o céu com o mais benévolo influxo. Se ainda nos tornaremos a encontrar, só ele sabe; se sim, de que milhões de coisas não teremos que falar! Entretanto, crede: nada me está mais conchegado ao coração do que a pátria e os amigos; e, entre estes, tendes, e nunca deixareis de ter, lugar de primazia.” Henley, em 1709, ou 1710, referia-se “à sua singeleza e benignidade”.²¹ A dissemelhança das índoles e ideias não arrefecia em Swift a cordialidade desses laços. Amigo mais constante, leal e fervoroso, nunca o houve.²²

Poucos homens lograram inspirar amizades mais profundas e duradouras. Raros também terão sido tão sensíveis a essa influência, raros lhe terão aberto espaço tão amplo na vida, e sabido ser-lhe fiéis até os últimos dias de sua passagem pelo mundo. A perda de Gay dilacera-o; cinco dias contemplou a carta, que lha comunicava, sem ânimo de descerrá-la, temendo o infortúnio, que seus presságios lhe anunciavam. Na sua dor, deplora que os anos o não tivessem empedernido. Apavora-o como a maior das desgraças a morte sem o bálsamo da simpatia dos que lhe são caros. A doença de Pope “impende-lhe ao espírito” em densa nuvem de tristeza. Recebendo os sacramentos, já ao pé do sepulcro, murmura: “Não há nada meritório, senão a virtude e a amizade; e esta mesma é apenas parte da virtude.” Bolingbroke, ouvindo repetir essas palavras sagradas, “por certo”, exclama, “nisso se cifra todo o dever humano”.²³

Acima das apreciações literárias da posteridade, colhidas em informações remotas e falíveis, está a opinião dos coetâneos ilustres, que o experimentaram e trataram. E entre estes, a respeito de Swift, os que melhor o

conheceram são os que mais o admiraram, e amaram.²⁴ “Querido amigo”, escrevia-lhe Arbuthnot, “a última sentença de vossa carta cravou-me um punhal no coração. Não repitais nunca essas palavras ternas e doloridas; não digais que ides forcejar por esquecer-me. Eu, de mim, nunca vos deslembrarei, ao menos enquanto não encontrar, o que impossível será, outro amigo cuja prática me seja deleitável como a vossa.” Addison chamava-lhe “o mais apazível companheiro, o mais fiel amigo, o maior gênio de seu tempo”. E Pope, após 23 anos de amizade, discorria dele em carta a lorde Orrery: “O meu sincero amor daquele homem precioso, realmente incomparável, há de acompanhá-lo até o fim de sua vida, e seguir-lhe a memória, ainda quando me coubesse viver cem vidas, tantas quantas lhe sobrevirão as suas obras, absolutamente originais, sem parelha, ou exemplo. Sua humanidade, sua caridade, sua indulgência, sua lhaneza competem com o seu espírito, e mui são critério demandam em quem houver de avaliá-las.”

Esse o selvagem intratável, o indoméstico entremontano indigitado por certos sentenciadores como um caso típico de insociabilidade. Ele deliciava-se na conversação com apaixonado prazer. O brilho e exuberância desse talento, em que ninguém o rivalizou, tornaram-no o encanto dos círculos mais ilustrados, de onde os seus ditos cintilantes se vulgarizavam por toda parte, convertendo-se em prolóquios populares. Ainda aí se manifestava a sua benevolência; porque, longe de reclamar o privilégio de falar só, era regra interromper-se a miúdo, abrindo azo à permuta contínua de ideias entre os interlocutores.²⁵ Quem o atesta é Johnson, “o mais maligno dos seus biógrafos”, o mais cheio de preconceitos contra Swift.²⁶

Era irresistível a irradiação moral de Swift. Ninguém entrava em contato com ele, que se não sentisse enlaçado na sua ascendência, dominado pela ação magnética, que se desprendia de sua pessoa. A energia desse fluido era tal, tão poderosa e insinuativa a sua propriedade de enfeitiçar, onde quer que lhe dessem acesso, que Bolingbroke, requestando o apoio da sua pena, depois do desvalimento de Oxford, contava recongraçá-lo com a corte, afeiçoando a Swift a sua inveterada inimiga a duquesa de Somerset, a mesma que lhe arrancara um bispado, lançando-se implorativa aos pés da rainha.

Esse condão não nascia de qualidades superficiais: vinha de origens profundas; era uma força interior. Thackeray, em quem aliás parece preponderar, contra Swift, um sentimento de aversão pessoal, confessa, a propósito das paixões afetuosas que Swift ateou: “Para obter amor tamanho, era mister que algum de si ele desentranhasse. Tesoiros de espírito, sabedoria

e ternura devia possuir aquele homem, encerrados nos antros obscuros de seu coração, descobrindo-os a um ou dois privilegiados, que acolheu ali.”²⁷ Entre as amizades imaculadas que caracterizam as suas relações com o outro sexo, nomeia-se: a filha do duque d’Ormond, que faleceu esposa de lorde Ashburnham. Por ocasião dessa morte escrevia Swift expressivamente: “Abomino a vida, quando a imagino exposta a acidentes tais; e, ao ver milhares de misérias pesando sobre a terra, enquanto desaparecem criaturas como esta, chego a conjecturar que Deus não nos quis dar na vida um benefício.” E, quando sua velha mãe, que ele ternamente honrara toda a vida, cerrou para sempre os olhos, o filho, a sós com a saudade, escrevia no seu *memorandum* estas palavras impregnadas de submissão e meiguice (ungidas de infinita esperança e doce melancolia): “Acaba-me de cair a última barreira entre mim e o túmulo. Conceda-me Deus finar-me aparelhado para esse transe, tanto quanto confio, e creio que ela se achava. No céu está, se o caminho para o céu consiste na piedade, na verdade, na caridade e na justiça.” Aí tendes quem, segundo a crítica francesa, não amou nunca, e apenas soube execrar.

Ninguém foi ainda mais prestadio e abnegado em converter o valimento político, a que o elevou sua prodigiosa capacidade, em benefícios desinteressadamente esparsos entre amigos e necessitados. “Não houve, por assim dizer, um homem de gênio, que lhe não devesse serviços.” A rogos seus, manteve-se Congreve no cargo em que o provera um governo oposto a Swift e aos seus amigos. “Assim”, disse este, “restituí o descanso a um homem estimável: excelente emprego do meu dia.” Graças aos seus esforços, Berkeley viu abrir-se diante de si o caminho das posições. “Hei de ajudá-lo, quanto em mim couber”, escreve Swift; “porque, em minha consciência, me julgo obrigado a usar do meu pouco crédito em auxílio dos homens de valor.” A sua intervenção deveram obséquios e lugares Pamell, Steele, Gay, Rowe, Philipps, Draper. Nunca o merecimento e a pobreza lhe bateram em vão à porta. Sua benevolência não distinguia afeiçoados e adversários; e, dentre estes, alguns dos mais notórios, dos mais violentos, acharam na generosidade desse alto protetor ingresso a posições ambicionadas. Queixavam-se os ministros de que o *tory* Swift não se abeirava deles “sem um *whig* na manga”.²⁸ Em caridade ninguém se lhe avantajava, quer na importância das somas liberalizadas, quer no acerto da distribuição. Habitado à mais severa parcimônia para consigo, mais facilmente, entretanto, despendia em esmolas cinco libras, do que qualquer mais abastado gastaria cinco shillings. Afirmar

Delany que nunca vira pobres tão solícita e conscienciosamente desvelados como os da catedral de St. Patrick's.

Diz-se que mais de duzentas famílias lhe deviam o pão. A clientela dos que ele acaridava abrangia toda a indigência da cidade. Não quadrará realmente o qualificativo de “esplêndida”, que lhe dá o grande historiador do século XVIII na Inglaterra,²⁹ a essa generosidade, que os difamadores de Swift malsinam como dura e humilhante? E é dest'alma cheia de sensibilidade e comiseração pelos sofrimentos alheios que Paul de Saint-Victor escreveu: “Tomara ele que a humanidade tivesse uma só cabeça para lhe escarrar na face.”

Essa crítica de imaginação, que retrata como “incapaz de seduzir” a criatura que mais irresistível sedução exerceu sobre os seus semelhantes, sem esforço, quase sem consciência, por eflúvio natural de sua pessoa, acaba pondo-lhe no semblante a expressão carregada e má do mau espírito que lhe atribui: “Ele tinha”, diz Paul de Saint-Victor, “o invólucro do seu caráter: uma fealdade abrupta e bravia.” Convinha demudar o homem físico, assim como se fizera deforme o homem moral, para enlaivar de ridículo esta grande encarnação invulnerável da ironia, estabelecendo uma analogia de irrisão entre as aventuras do anão de Astolfo e do negro das *Mil e uma noites* e as duas paixões extraordinárias, que Swift involuntariamente inspirou, tão imprósperas, lacrimáveis e impolutas, como os amores de Petrarca e Abelardo.³⁰ Pope fala, porém, no seu olhar de rara penetração em olhos azulados como o céu. Hester Vanhomrigh descreve-lhe o semblante ora iluminado em compaixão divina, ora fulgurando em vivacidade e indignação, ora sulcado de relâmpagos que assombram e emudecem. Imaginai-lhe a fronte alta, o nariz aquilino, a boca resoluta, no gesto a expressão da superioridade calma e confiada em si, sem insolência nem desprezo;³¹ com esses predicados, um talento inimitável de conversação, a cintilação de um espírito inexaurível; e não será de estranhar o ímã, com que esse modelo de eminente distinção, apesar dessa espiritualidade nas relações com o belo sexo que levou Paul de Saint-Victor a apelidá-lo “neutro”, atraía de redor de si as mais famosas belezas da época num e noutro partido. Era íntima a sua familiaridade com as filhas de Berkeley e Ormond, com Mr. Biddy Floyd, “cujos olhos desnevavam o gelo”, Mrs. Finch, depois Lady Winchelsea, Lady Stanley e Lady Lucy Stanhope, ambas *whigs* decididas, Miss Baxton, sobrinha de Sir Isaac Newton. Individuar as suas amigas seria, em suma, enumerar as estrelas mais brilhantes na via láctea da corte e da sociedade

daquele tempo. “Devo às damas as melhores informações, que tenho, de coisas políticas”, escrevia ele a Hunter, “porque os ministros não me dizem nada.” De Mrs. Long, uma como *professional beauty*, das mais admiradas no *high-life* de então, dizia ele: “Era a mais gentil mulher dos dias em que viveu; de insigne honradez e virtude, infinita doçura, generosidade de índole, e genuíno bom senso.”³² Este perfume d’alma, o aroma destas qualidades do coração e do espírito constituíam, para Swift, o atrativo supremo da formosura feminina, e derramavam uma atmosfera de pureza espiritual nessa espécie de soberania singular, que ele exerceu sobre as belas mais requestadas e poderosas do seu tempo. “Quando eu residia em Inglaterra”, dizia ele prazenteiramente, anos depois, à filha do bispo Hoadley, “costumava expedir cada ano um edito, notificando a todas as damas de espírito, senso, mérito e qualidade, que cobiçassem conhecimento comigo, o convite de darem por sua conta e risco os primeiros passos.” Este gracejo, que nos dá um traço curioso dos costumes da época, durou vinte anos, sem que ninguém sorrisse daquela ditadura jovial, a que as divas mais fidalgas se submetiam, ou eram condenadas no círculo dos salões mais finos, por mais que as recalcitrantes, raras, alegassem as graças e privilégios de *ladies of the Toast*.

A cordialidade dessa convivência, o espaço que ocupou naquela vida tempestuosa, a complacência com que na amenidade dessas relações se saboreava Swift aquilatam o valor das inferências de Saint-Victor, quando vai buscar em um desabafo de horas de *spleen*, vertido na *Carta a uma donzela sobre o seu casamento*, os sentimentos do autor em relação à mulher e à aliança dos dois sexos. Baudelaire “pasmava de que se desse ingresso às mulheres no templo. Que colóquio podem ter com Deus?”, perguntava ele. E nem por isso se arrepiaram as carnes à crítica francesa. O humorismo e a ironia são de seu natural excêntricos e inconsequentes; a liberdade da contradição a *æqua potestas quid libet audendi* no domínio cambiante da fantasia é antigo privilégio seu. A crítica de espírito perdoa-lhes os acessos de absurdo, a troco dos finos grãos de bom senso, com que se condimentam, e onde a boa justiça manda que se vá buscar a essência íntima da natureza do escritor. Não era o mesmo Baudelaire quem pretendia extrair “da feminilidade da igreja a razão de sua onipotência”?³³ Mais razoável foi Johnson, cuja indisposição, aliás, contra o seu conterrâneo já conhecemos, quando ponderou, a respeito dessa extravagância de Swift, quão duvidoso é que se deva implicitamente admitir o conceito hostil desse escrito como a

opinião real do missivista acerca da mulher.³⁴ Um momento de irritação contra a futilidade ordinária das palestras feminis, empregadas em modas e vestidos, rendas e fitas, insinuou-lhe essa comparação entre a mulher e a espécie dos símios, “menos dispendiosos, menos maléficos, e suscetíveis de dar de si sofríveis críticos em matéria de veludos e brocados”. Evidentemente o remoque era desfrechado contra os hábitos frívolos do sexo, não contra a sua natureza, que Swift, nessa mesma carta, considera capaz de todas as virtudes possíveis no homem. “*I am ignorant of any one quality that is amiable in a man which is not equally so in a woman.*” Essa epístola, cuja linguagem Saint-Victor acusa de prostituir a jovem noiva a quem se endereçava, encerra expressões de interesse paternal como estas: “O ponto essencial de vossa existência há de ser este: acarear, e preservar a afeição e a estima de vosso esposo.” Lorde Orrery, que não é suspeito senão de malevolência contra Swift, dizia: “Esta carta, convinha que todas as noivas a lessem. As senhoras de mais consumadas qualidades hão de percorrê-la com prazer e proveito.” O desprezo de Swift pela tirania da casquilhice feminina era em quem da beleza nunca experimentara a impressão sensual; mas não podia traduzir quebra de respeito ao sexo, nem à idealidade da sua função humana por parte de uma consciência profundamente moral como a do homem a cujos olhos, dizia ele, “o tempo não conseguia desbotar o esmalte das virgens”.³⁵

O problema da singularidade dessas relações, dessa afeição com todas as mais mimosas ternuras do amor, mas absolutamente incorpórea e insexual, resolvem-no alguns pela hipótese provável de um vício constitucional em Swift. Para explicar, porém, a sua repugnância irredutível à aliança conjugal, subsistem outros motivos, óbvios e cabais: a excentricidade do seu temperamento, avesso à subordinação; os acessos de vertigem e surdez em que ele via ameaça contínuo à sua vida, e, sobretudo, o receio de constituir família com recursos escassos. A aversão a gastar superfluamente um *penny* começou-lhe no colégio, intensou-se com a experiência dos anos, interessou até as suas convicções políticas com a ideia fixa da ruína irremediável da nação por excessos de despesa. Não se cuide, entretanto, que prezasse o dinheiro pelo dinheiro. Estimava-o como instrumento necessário de independência. Avaro nunca o foi. Era, pelo contrário, “magnífico na sua generosidade”. Sua munificência com os necessitados avantajava-se à capacidade de sua fortuna. Renunciava em proveito dos editores o rédito de seus escritos, pelos quais nunca aceitou dinheiro. Recusou opulento consórcio

com uma jovem desvairadamente perdida por ele. Nos derradeiros anos terçava por igual a sua renda, destinando uma parte à sua subsistência, liberalizando a outra, e acumulando a terceira para obras de caridade póstuma. O casamento afigurava-se-lhe, portanto, “dependência, talvez penúria, e ruína de suas aspirações”.³⁶

Fosse qual fosse, porém, a natureza de tais motivos, mulher nenhuma ainda se viu mais querida e honrada por um amante do que esta por esse amigo piamente fiel. A notícia da morte de Estela foi o dobre fúnebre pela felicidade e pelo espírito de Swift. “Em mui pouco estimo eu a vida”, escrevia ele, logo após essa ocorrência, a um de seus amigos, “e o pouco que dela acaso me reste, depois de tamanha perda, seria um fardo, que de todo o meu coração exoro a Deus Todo-Poderoso me ajude a carregar. Não vejo que possa dar-se maior doidice do que contrair amizade tão estreita; porque, se vem a falhar-nos, fica o homem para sempre absolutamente miserável. A que acabo de perder, recebeu de mim, desde menina, educação e ensino, primando em todos os dotes estimáveis, que podem ornar uma criatura humana. Não sei o que digo; mas crede-me: a amizade violenta é muito mais estável do que o amor, e muito mais sedutora.” Sentimentos refulgentes assim de candidez ideal são os que Paul de Saint-Victor enxovalha como “grotescos amores de eunuco”.

Morto Swift, um de seus amigos recolheu-lhe do espólio uma negra madeixa dos cabelos de Estela, com estas palavras, escritas, no invólucro, pelo finado: “*Alguns cabelos de mulher. Only a woman’s hair.*” Estas vívidas expressões, diz um dos seus últimos biógrafos, “pelas quais ele vive ainda em nossa memória”,³⁷ soaram a um crítico, aliás interessado por Swift, como exemplo do capricho com que ele timbrava em velar sob a máscara da indiferença as emoções íntimas. “Que várias são as concepções dos críticos!”, reflexiona Thackeray. “Pois há aqui indícios de indiferença, ou propósito de ocultar um sentimento? Já ouvistes, ou lestes quatro palavras mais patéticas? Uns cabelos de mulher *apenas*; isto é, apenas amor, fidelidade, inocência, pureza, formosura; apenas o mais afetuoso coração do mundo, ferido e lacerado.” Essas quatro palavras de um desafogo quase inarticulado reveem a alma através das lágrimas. É uma espécie de soluço estrangulado, em que se sente ulular a saudade infinita, o desconforto eterno, a amargura do irreparável, toda a ironia dolorosa vertida nas chagas de um grande espírito excruciado pela tragicomédia da vida. “Os fados zombam de nós, torturando-nos: de nonadas torcem açoites cruéis; das afeições mais suaves extraem a

paixão mais acerba.” E é no calvário desta agonia, que a pena de Saint-Victor escreveu este insulto incrível: “ente odioso; espantinho inerte e selvagem”. A sutil poesia da ternura sobre um túmulo de mulher nunca teve expressão mais dolorida, nem talvez na língua de Shakespeare, do que a que lhe deu Swift; e, todavia, é de uma alma capaz desta sensibilidade que Taine ousou dizer: “Decididamente, este homem não passa de um carpinteiro, reforçado de braços, terrível na porfia do seu labutar, mas curto, maneando uma mulher como se fora um barrote.”

Swift acendeu involuntariamente duas paixões femininas, que brilham melancolicamente sobre a sua vida, acabando por sumir-se entre sombras de pesada tristeza. Esther Johnson, Estela, como ele poeticamente a cognominou, é aquela de quem Thackeray escreveu: “Não creio que ninguém pensasse jamais neste túmulo, sem deixar cair nele uma flor de piedade. Meiga donzela! tão amável, tão amorável e tão desditosa. Inumeráveis são os vossos paladinos; milhões de almas varonis vos deploram. De geração em geração recebemos a tradição apaixonada de vossa formosura; contemplamos, e acompanhamos a vossa tragédia, vossa manhã deslumbrante de amor e pureza, vossa constância, vosso mavioso martírio. Sabemos de cor a vossa lenda: sois uma das santas da história inglesa.” Essa beleza pálida, plácida, quase fria, cuja graça e harmonia de proporções os biógrafos memoram com enlevo, dotada de prendas intelectuais ainda mais notáveis que o feitiço de seu rosto, das suas magníficas madeixas negras, dos seus olhos pretos e luminosos, apoderou-se por Swift de uma devoção absorvente e invencível. Ele não a amou; porque o seu temperamento, capaz de todos os extremos da amizade, era inacessível à correspondência sexual; mas sua rara delicadeza de sentimento é tal, que arrancou expressões de emoção ao espírito violentamente prevenido de Thackeray.³⁸ “A mais brilhante parte na história de Swift, o astro sem nuvens nessa vida escura e procelosa, é a sua afeição por Ester Johnson. Por encargo de profissão, tem-me cabido fazer copioso cabedal de leituras sentimentais e iniciar-me no segredo das relações de amor, em vários idiomas e eras; mas não conheço nada mais viril, mais meigo, mais deliciosamente terno do que certas notas rápidas de Swift no seu *Diário a Estela*.”

Este registro das impressões de Swift, “a mais interessante das suas produções”, na estimativa de Jeffrey,³⁹ “a transcrição completa de seu espírito”,⁴⁰ “esse exemplar único do bom humor de um gigante”,⁴¹ escriturado de momento a momento para o gozo íntimo do coração de uma

mulher, e preservado de século em século como documento indestrutível para a história do coração humano, descobre na alma de Swift veios inesgotáveis de uma esquisita amizade, cariciosa e doce. Amor, não. As suas relações com Estela foram puramente platônicas. De que a desposasse clandestinamente, o que Taine e Saint-Victor inculcam por líquido, não existem provas concludentes. Bem lançadas as contas, não há, de parte a parte, mais que probabilidades, em que nenhum tribunal de consciência assentaria sentença afirmativa.⁴² Se tal cerimônia se realizou, “pura cerimônia foi”. Nesse caso a explicação do fato seria que Swift, deliberado a fugir a todo transe ao casamento, “anuiu em dar a Estela ao menos essa fiança de que não se receberia com outra”. A história, recolhida às cegas por alguns biógrafos, da recusa silenciosa e cruel de Swift aos rogos de Estela, quando esta lhe obtestava no leito de morte a publicação do seu casamento, tem contra a sua credibilidade as razões mais decisivas.

Essa imputação atroz não resiste à análise vitoriosa de Lecky. “Não há provas convincentes de que Estela, nos seus últimos anos, se queixasse de Swift, ou se sentisse infeliz, nem se sabe que, em toda a sua vida, alguém o arguisse de dureza para com ela. Carece de fundamento, de todo em todo, sobre ser absurda em si mesma a suposição de que o fim de Estela resultasse, ou fosse apressado por dissabores de amor não retribuído. Quarenta e sete anos tinha ela, quando faleceu, e Swift sessenta e um; tendo sido as suas relações ininterrompidas por muitos anos até essa data.”⁴³

Com o drama de Estela se entrelaça outro, fatal e inolvidável. Swift deixara-se afeiçoar a Miss Vanhomrigh (Vanessa, como ele lhe chamava), moça de fortuna e talentos, com quem travara relações em 1810, quando voltou a Londres. “Perigosamente⁴⁴ inclinado ao papel de preceptor de raparigas distintas em inteligência e graças”, costumado à ingenuidade de sua afeição meramente imaterial por Estela, não advertiu em quão difícil era que relações como essas preservassem o seu caráter primitivo de despreocupada intelectualidade. A admiração, que de Vanessa fizera aluna dócil e entusiástica, degenerou naturalmente em amor, o amor em idolatria, a idolatria em delírio. A confissão desses sentimentos, que Swift nem suspeitava, “encheu-o de vergonha, pena, desalento e assombro”. As cartas insistentes de Vanessa são súplicas de extático fervor religioso. Aos seus olhos, Swift passa por verdadeira transfiguração mística; é, diz ela, “a divindade que a acompanha por toda a parte”, “a imagem radiante” de tudo quanto se impõe à adoração e ao culto. “Recebendo missivas tais de uma

mulher, que ele admirava, e estimava; percebendo que corresponder seria propinar-lhe veneno, e não corresponder, infligir-lhe as angústias mais pungentes, Swift devia sentir-se no mais cruel dos dilemas.” Em vez de confessar, porém, francamente sua situação, suas relações e seus vínculos com Estela, Swift tentou desacoroçar de outro modo as aspirações de Vanessa. Mas fraqueou-lhe o ânimo, para cortar de uma vez toda a comunicação com o perigo. Compaixão, tibieza, imprudência entretiveram durante anos esse comércio, até que aos olhos da malfadada se patenteou a verdadeira situação de Swift, seus compromissos irrevogáveis para com outra. Uma interrogação epistolar de Vanessa a Estela dissipou as últimas ilusões. Narra-se que Swift, violentamente ressentido, dirigiu-se à casa de Vanessa, fitou-a de frecha, e, mudo, com o sobrececho toldado de ódio, fulminando-a com um olhar inenarrável, atirou-lhe, de remanente, a carta aos pés, e voltou-lhe as costas para sempre. Há dúvida sobre a realidade dessa entrevista. Vanessa faleceu pouco depois, aos trinta e cinco anos de idade — fato já esperável, se atentarmos em que, havia tempos, já se estava finando, e que seus irmãos, todos mais moços que ela, a precederam na morte. Contudo, o episódio de Vanessa é o lance deplorável na existência de Swift, e subsiste como nódoa, não no seu caráter, mas na sua vida. Fraqueza e irresolução foi a sua culpa; não imoralidade, ou crueza.

Eis o homem particular.

Na vida pública encontraremos o grande teatro do seu gênio.

Teve Swift a primeira iniciação nos negócios públicos em casa de William Temple, “cortesão gotoso e bajulado”, diz Taine. Esta apreciação do caráter e papel de Temple dão a medida aproximativa da fidelidade histórica do crítico francês e das noções estupendamente errôneas que encerra a sua *História da literatura inglesa*. Esse insignificante parasita (que outra ideia não nos deixa de Temple aquela frase) foi, entretanto, o caráter mais respeitável dentre os altos funcionários de seu tempo. Era justamente estimado como um dos primeiros diplomatas da Europa; cabe-lhe a honra de todo o bem que se praticou no governo de seu país depois da Restauração, sem coparticipar na responsabilidade dos erros, que impopularizaram esse regímen. Amigo da casa de Nassau, negociou o consórcio de Maria com o príncipe de Orange, a que a Inglaterra deveu, em 1688, sua emancipação política; embaixador em Haia, negociou esse memorável tratado da Tríplice Aliança, graças ao qual a Grã-Bretanha, reduzida antes dele à ínfima das nações, obrigada a abdicar até a soberania de seus mares, e a não poder

defender a foz de seus próprios rios, recuperou, em alguns meses, na opinião do continente, posição quase análoga a que ocupara nos dias de Isabel e Cromwell. Tão longe estava de ser um instrumento áulico, que recusou, sob os Stuarts, toda e qualquer parte na política da Cabala, foi eliminado por eles, em 1680, do rol do Conselho Privado, e, conselheiro de Guilherme III em árduas emergências do Estado, dependendo apenas de sua vontade elevar-se às mais eminentes alturas do poder, opulência e dignidade, preferiu a tudo, resistindo ao soberano, o retiro de Moor Park, onde o monarca do Reino Unido o ia visitar entre seus livros, seus ananases e suas tulipas.⁴⁵

Condenado ali, nos primeiros tempos, a uma posição subalterna, e curtindo os dissabores a ela inerentes, Swift acabou por captar a predileção de Temple, que, reconhecendo-lhe a superioridade, admitiu-o à sua privança, em que o conservou até o fim de seus dias. Nessa dependência teve que alforjar, diz Taine, “por dez anos, as humilhações da servidão e a familiaridade da criadagem”. Mas a verdade é que no decurso dos oito anos (não dez), duas vezes interrompidos, que durou a residência de Swift em Moor Park, o caráter penoso de sua condição cessou, logo que o velho estadista discerniu as qualidades extraordinárias do seu secretário, que não tardou em ser promovido a confidente, colaborador e, até, emissário de William Temple em melindrosas questões de Estado, como quando, em 1692, compareceu, pela primeira vez, à presença real, deputado pelo antigo conselheiro de Guilherme, para expender o voto de seu protetor acerca do *bill* que reduzia a três anos o período parlamentar.

Swift era sempre admitido às conferências confidenciais entre o grande estadista e o rei,⁴⁶ que, passeando com o jovem aluno de Temple em Moor Park, por entre os alegretes do jardim, dignava-se ensinar-lhe o modo de colher e comer espargos à holandesa, e ofereceu-lhe o posto de capitão em um regimento de cavalaria. Posição tal não era por certo de “mendigo, lacaios ou escravo”. A inquietação de que se penetrava o secretário de Temple ao menor indício de frieza no semblante do patrono, tem explicação natural na reverência que lhe inspiravam os serviços patrióticos e as qualidades morais de W. Temple, de quem, no dia de seu passamento, escreveu Swift: “Expirou à uma hora da madrugada, e com ele tudo quanto havia bom e grande entre os homens.”

Entrando na vida política, a que o fadavam as circunstâncias, o seu temperamento e o pendor de sua vocação, Swift, assinalado a princípio como *whig*, inscreveu-se, em 1710, entre os *tories*. Era singular, sob o reinado de

Ana, a confusão de credos entre as duas parcialidades. Lorde Stanhope clamava que elas tinham permutado entre si os princípios. As tendências políticas de Swift foram sempre conciliadoras, e sua pretensão, a de moderador entre os extremos de partido. Partidário, nunca o foi, na acepção estrita da palavra. Numa quadra em que, por nos exprimirmos como ele, até os cães e os gatos andavam possessos das rivalidades *whigs* e *tories*, essa isenção honra a sua superioridade de espírito. Prezava, todavia, profundamente a reputação de coerência, sustentando constantemente que não hostilizava os *whigs*, senão para pugnar pelas ideias *whigs*. O radicalismo *whig*, porém, a seu aviso, ameaçava a Igreja, e o radicalismo *tory* desconhecia os direitos do Estado. Era eclesiástico, não político, o dissentimento entre os amigos da casa de Hanover; e, a este aspecto, as convicções de Swift sempre foram *tories*. Amigo da Revolução, sua fé, neste sentido, era *whig*; porque só os princípios *whigs* podiam legitimá-la. Mas, firmada e posta a salvo de perigos a estabilidade da dinastia parlamentar, seu lugar, como clérigo e adeso à religião oficial, havia de ser entre os *tories*, porque a escola *whig* inscrevera na sua bandeira a emancipação das dissidências religiosas. “Difícil seria mostrar que ele tivesse repudiado um só princípio de política secular, ao passo que, em matéria eclesiástica, seguiu a linha que os seus primeiros escritos haviam prefixado.”⁴⁷ Decidido partidário do episcopado, Swift, por um preconceito político, que o dominou toda a sua vida, considerava a existência de uma ortodoxia legal, de uma Igreja estabelecida, como instituição disciplinar e preservadora, ligada aos interesses do Estado pela reciprocidade de apoio e proteção.

Mas não obedecia a instintos de intolerância pessoal, nem a preocupação política do seu erro era cegueira de fanático. Essa combinação constituía simplesmente, a seu juízo, uma necessidade transitória, cujo termo ele anteviu. Há disso duas provas decisivas: uma cláusula, ditada por ele, no testamento de Ester Johnson, e o legado que instituiu ao presbitério de Laracor. “Esse homem extraordinário”, dizia Gladstone, referindo-se a Swift, em 1869, “futurava, ao parecer, a época em que a organização eclesiástica da Irlanda seria chamada a contas, e providenciou a respeito da hipótese de que a confissão episcopal cessasse de ser religião nacional. Por intuição íntima pressentiu a brevidade da existência dela como instituição protegida, e deixou subordinada a propriedade à condição de ser administrada, nessa hipótese, a benefício dos indigentes.”⁴⁸

Era sincera a sua profissão religiosa? Nos seus escritos contra os livres-

pensadores o publicista predomina sempre ao teólogo, a moral social ao dogma, o receio da publicidade à impiedade da dúvida interior. “Seu grande motivo estava na submissão às leis da Providência e às leis do país.” Mas não esquecia “a justiça de sua causa”.

Nas organizações mais sinceras, a profissão por cada um adotada, seus hábitos, seus encargos imprimem insensivelmente certa direção aos sentimentos, moldam muitas vezes a opinião e o caráter. Não faltam aí indivíduos que, “absolutamente incapazes da hipocrisia de professarem o que não creiam, pode-se afirmar, entretanto, com segurança, que teriam chegado a convicções diversas das suas, se o seu juízo não fosse, até certo ponto, refrangido, e as suas tendências naturais reprimidas por interesses e funções profissionais”.⁴⁹ E talvez o que sucedeu a Swift. Pode bem ser que o ceticismo viesse a ser o paradeiro de seu espírito, se não fora a influência do estado sacerdotal. Não é lícito, porém, dizer que suas crenças fossem meramente a vestidura convencional do seu ofício. Havia atos de devoção íntima, que ele praticava, rodeando-se de precauções do mais impenetrável sigilo. Rezava assiduamente, com a gente de seu serviço doméstico, as orações matutinas sob tão cuidadoso recato, que amigos seus conviveram com ele semanas, em sua casa, antes que o devassassem. Em Londres costumava frequentar os templos, a horas em que evitasse olhares conhecidos. De muitas de suas cartas, escritas nas mais aflitivas tribulações, exuberava a fé religiosa em expansões de poderosa verdade. Bem que compostos quase todos contra abusos políticos ou sociais, ressentindo-se por vezes da amargura da polêmica secular, os seus 12 sermões “estão cheios de sã piedade, adequadamente exprimida”.

Mas, nos próprios escritos onde se estampava ostensivamente o caráter de seus princípios conservadores em matéria religiosa, claramente transparece a substância liberal de suas opiniões. O panfleto intitulado *Sentimentos de um adepto da igreja de Inglaterra* não encobre o *whig*. A teoria da obediência passiva, interpretada por ele, significa obediência “ao poder legislativo”, não, portanto, ao soberano individualmente. “Nunca é pouco”, em seu entender, “o número de mãos, a que se confia a administração, nem muito o das que exercitam a autoridade legislativa.” O axioma originário de toda a democracia está energicamente formulado nas suas obras: “Governo sem o assentimento dos governados é a definição precisa de cativo.” A desconfiança do elemento militar era outra face do seu pendor liberal. Neste sentido não lhe faltava razão, para acusar os *whigs*

de desvio das suas tradições; pois “a aversão desse partido à prerrogativa monárquica e aos exércitos permanentes diminuía curiosamente, logo que para o lado deles se bandearam a milícia e a coroa”. Swift, porém, cavou inalterada fidelidade à preeminência parlamentar, e foi sempre uma espécie de radical na sua hostilidade ao militarismo.

Incontestável é, portanto, a sua perseverança política nos princípios, a que nunca transfugiu, e bem assim o seu desinteresse na evolução que o alistou entre os *tories*. Leslie Stephen demonstra que o seu divórcio dos *whigs* data da época em que estes se achavam no auge do poder, e que Swift se separou, por considerá-los infensos à instituição religiosa, cuja necessidade advogou desde o começo até o fim de sua carreira. Longe, pois, de incorrer no estigma de desertor, a realidade é que “poucos homens aderiram mais rigorosamente aos seus princípios primitivos”. A eles sacrificou, em mais de uma conjuntura, a sua posição, deixando arruinarem-se aspirações, que poderia ter satisfeito, se anuísse em refalsear as suas convicções mais caras.⁵⁰

No *Diário a Estela*, que, confessam os seus piores inimigos,⁵¹ não se destinava a sair à luz pública, dizia ele, nos primeiros tempos de sua luta pela administração conservadora: “Até onde me cabe julgar, o governo tem em mira o verdadeiro interesse público; pelo que de bom grado o apoio com todo o meu poder.”

Esse poder era grande; chegou mesmo a ser incomparável, e mudou a face da política inglesa. A tanto se sublimou a pena de um publicista, desajudada de qualquer dignidade, na corte, no ministério, ou no parlamento! Em toda a história do jornalismo não há nada semelhável aos triunfos deste homem. A imprensa, que a revolução acabava de libertar, devia necessariamente vir a ser, dadas as condições do tempo, o órgão de ação intermediário à nação e à Câmara dos Comuns, a que a queda dos Stuarts conferira a soberania. Não tendo publicidade os debates parlamentares, o escritor político era então o que o orador é hoje; e, como a imprensa diária ainda estivesse por fundar, os panfletos e folhas periódicas haviam de governar a Inglaterra. Assumindo, em circunstâncias tais, a redação do *Examiner*, Swift, que, como publicista, não teve rival nem no próprio Addison, empunhou um cetro, a que o ministério mesmo teve que curvar a cabeça. A imprensa, no seu conjunto, veio a tornar-se, depois, mais poderosa; mas nenhum representante individual dela reuniu jamais, onde quer que seja, em suas mãos o poder mágico daquele.

Essa onipotência, que, em várias questões graves, fez da opinião pessoal

de Swift a opinião nacional, avassalou os ministros, que, começando por afagá-lo como válido, acabaram por escutá-lo como uma espécie de autoridade oracular. “O doutor”, dizia Harcourt, lorde guarda-selos do reino, “não é só favorito nosso, é o nosso governador.” Por seu intermédio membros do gabinete solicitavam mercês do governo. “Não há um”, escrevia Swift, em 1713, “que me não ocupe seriamente em terçar por si com o primeiro-ministro, como se eu fora irmão dele ou deles.” Essa familiaridade entre o ministério e o grande escritor a tal ponto sobressaltava os adversários, que os *whigs*, e, entre esses, homens como Walpole, a denunciaram com clamor no Parlamento.

Um espírito vulgar teria explorado a seu benefício essa situação. Swift utilizou-a em proveito público, intervindo como mediador de paz e espírito político entre os dois chefes do gabinete, Oxford e St. John, recebendo as confidências de ambos, dissipando os equívocos, e conciliando-os nas dissensões, que os separavam, sob a aparência de harmonia. Um e outro disputavam-lhe a amizade, pela qual andaram em competência à porfia os mais altos dignitários do governo e da corte.

Arguem-no de rusticidade e soberba nessas relações com as altas classes do Estado. Entre as excelências daquela individualidade não se poderia afirmar, verdade seja, que sobressaísse essa delicadeza aprimorada, essa suprema distinção de maneiras em que consiste a flor da fina gentileza. Havia na sua grandeza “uma ausência napoleônica de magnanimidade”. Mas os seus acessos de aspereza e desabrimento estavam longe de exprimir fatuidade, ou traduzir-se na insolência do *parvenu*, do *upstart*, do “filho da Índia”, como se diria nos tempos de João de Barros. A prova, observa judiciosamente um célebre historiador, está na afeição com que Halifax e St. John continuaram a prezá-lo, depois de extintos entre eles e ele os vínculos políticos que os tinham associado. Se a sua educação fosse a dos improvisados da fortuna, ou (para consignar mais um exemplo dos desatinos da crítica de Saint-Victor) a jactância provocadora das *courtisanes parvenues*, essas relações não sobreviveriam ao interesse que as utilizava, e em espíritos superiores como Oxford e Bolingbroke não deixaria de si outros vestígios mais que ressentimento e enojo.

Estavam no zênite as glórias de Marlborough. A nação, fascinada pelas vitórias de uma longa campanha, era ferventemente oposta à política da paz, cujo grande intérprete foi a pena de Swift. Mas o panfleto que este publicou sobre o *Procedimento dos Aliados*, do qual, em menos de um mês, se

venderam 17 mil exemplares, e se tiraram dez edições, reunido aos seus *Examiners*, publicação periódica onde ele pugnava contra a guerra, forçaram a corrente da opinião pública, deram ao ministério, na Câmara dos Comuns, uma maioria de 150 sufrágios, inverteram as simpatias populares a favor do partido Tory, e habilitaram o governo para o golpe, que derribou Marlborough, e rematou na paz de Utrecht. Este grande acontecimento internacional fez da Inglaterra a primeira potência europeia, pôs termo a um regímen de dissipação, que agigantava a dívida nacional, e iniciou um dos períodos mais prósperos na história do reino. Tão assombroso⁵² resultado, operou-o o gênio de um só homem, em 15 meses de esforços, propugnando ele só o seu partido contra as discórdias do gabinete, os dissídios intestinos, as combinações oposicionistas, e opondo o raciocínio, o espírito, o bom senso à inviscação pertinaz dos preconceitos populares. Elevava-se assim Swift à iminência de “um poder no Estado”; resumira em suas mãos toda a força da imprensa britânica, e tornara pendente de sua pena a opinião do país. Mas essa influência foi benfeitoria, patriótica, civilizadora; porque represou uma inundação de sangue humano, e assinala, na história de sua pátria e no regímen das instituições modernas, uma era nova: a entronização da imprensa, o governo do país pela publicidade.

Por aqui se avalie o nulo entendimento político e o minguado senso histórico do crítico francês, que se refere a esses acontecimentos em considerações deste porte e tomo: “Acabava de surgir a liberdade de imprensa: a Inglaterra estava pasma ante o periódico, como os negros ainda hoje em presença do *papel que fala*.”

O homem a quem foi dado modificar assim o curso da história, encaminhando-o no sentido de suas convicções individuais, o homem que, na frase de Johnson, “ditou as opiniões políticas da nação inglesa”, e soube ditá-las com essa alta sabedoria na direção do futuro, era por seguro um estadista de marca extraordinária: não pode ser julgado consoante a bitola abstrata dos críticos de arte, em tribunais puramente literários, nem estudado no seu foro íntimo e nos seus atos pelas sugestões de uma psicologia vulgar. “Ele combinava em si muitos dotes de consumado estadista”, diz Lecky. “Suas esperanças e receios”, observa Roscoe, “concentravam-se nos interesses políticos, que esposara. Seus sentimentos eram de homem de Estado, não de escritor; e da causa de um partido tinham-se elevado, até se fixarem nas liberdades de uma nação.”⁵³ Sua indiferença à reputação de literato era absoluta. Seus livros são golpes desfechados na luta; hão de avaliar-se pelos

efeitos. “Apreciá-los segundo um padrão meramente literário seria o mesmo que julgar um mestre de esgrima pela graça de suas atitudes.” Neles, aos olhos do autor, tudo era acessório, insignificante, desprezível, salvo o fim prático, a que se destinavam. Cada uma de suas produções representava um mecanismo dinâmico, calculado para a realização atual de grandes cometimentos: a remoção de um abuso, a destruição de um partido, a deslocação de um preconceito, a derivação de uma corrente política, a debelação de uma guerra sanguinosa. Quais os seus livros, tal o seu caráter. Errareis, se o não considerardes, acima de tudo, como homem de ação e homem de governo. Na balança onde houverdes de pesá-lo, os elementos de julgar são, ao lado de seu gênio, os característicos do meio e do tempo, os motivos, os intuitos, os resultados.

Descendente de puro sangue inglês, Swift não simpatizava com a população aborígine da Irlanda, onde nasceu, e onde as circunstâncias o levaram a viver, e morrer no deado de St. Patrick’s. “Irlandês de nascença”, diz Saint-Victor, “esposou contra sua raça o ódio da pátria adotiva.” Destarte, pondo de revesia o senso comum, para achar em tudo indignidades contra Swift, qualifica-se pátria de adoção a terra de seu nascimento, estranhando-lhe implicitamente como afronta aos deveres da natureza o fervor de sua paixão contra o despotismo, que suplantava os seus compatriotas; quando, pelo contrário, o que, se não fosse o atavismo saxônio e protestante de sua linhagem contra o autóctone celta e católico, seria natural objeto de reparo, é o seu desamor aos povoadores do torrão de seu berço. Mas, se a população irlandesa era antipática aos seus sentimentos pessoais, isso apenas centuplica o valor de seu lidar pela emancipação política da Irlanda. Pugnar pelo oprimido, quando o estimamos, é trivial e fácil; expormo-nos pela sua liberdade, sem o prezarmos, unicamente por horror à opressão, é extraordinário e heroico. Na primeira hipótese, há a satisfação de um instinto subjetivo; na segunda, o culto superior da humanidade e da justiça.

A Irlanda, escreve um historiador britânico, era a esse tempo, “o opróbrio da política inglesa. Ela deparava a Swift exemplo concreto da mais baixa de todas as formas da tirania”.⁵⁴ Reduzida à condição de feitoria inglesa, tinha apenas um simulacro de parlamento, simples chancelaria de projetos previamente autorizados com o grande selo de Inglaterra. Os irlandeses eram excluídos de todas as funções consideráveis. O erário do reino absorvia-lhes um terço da renda. A população vivia na mais sórdida miséria, abismada no desalento, sem nenhum sentimento cívico, ou

intervenção na coisa pública. A indústria pastoril, a que as suas terras se adaptavam admiravelmente, alvoroçara a rivalidade dos opressores, sendo, em consequência, vedada, perpetuamente, em 1666, a exportação de gado bovino para o reino. O efeito desta medida foi aniquilador: o comércio entre as duas ilhas desceu a um quarto do que era. Pela mesma época o Ato de Navegação, emendado em 1663, confirmado em 1670 e agravado em 1696, sequestrou absolutamente a Irlanda do comércio colonial. Inibida de exportar gado para a metrópole, a indústria irlandesa começou a entregar-se à criação de carneiros e ao fabrico de lã.

Apesar da mendiguês geral e das consequências ainda vivas das guerras civis, a excelência das lãs irlandesas e a barateza da substância favoreceram esse tentame; um sopro de energia industrial entrou a vivificar o país; e tudo induzia a augurar no desenvolvimento desse ramo de atividade uma transformação econômica, política e social. Mas a cobiça inglesa despertou; e uma lei de “esmagadora e incomparável dureza”, decretada em 1699, proibiu inflexivelmente a exportação dos lanifícios irlandeses para todos os mercados do mundo. Milhares de fabricantes abandonaram o país, mudando-se para Alemanha, França e Espanha. Armaram-se distritos ocidentais e meridionais da ilha, começando volumosa e caudal emigração para a América, e “uma espécie de fome crônica” assentou ali o seu domínio secular.

É a Irlanda, escrevia Swift, “o único reino, que eu saiba, na história antiga e moderna, a que se tenha denegado a faculdade de exportar seus produtos e artefatos para todos os pontos do mundo, salvo as nações em guerra com o Estado”. Estes sentimentos induziram-no a publicar, em 1820, um panfleto admirável, no qual dirigia um apelo aos proprietários territoriais, para que atenuassem o preço opressivo dos arrendamentos, e exortava o povo a resistir à política proibitiva da Inglaterra, abstendo-se da importação de mercadorias britânicas, utilizando-se exclusivamente de produtos indígenas, e pondo fogo a tudo o que viesse dos portos ingleses, “tirante o carvão”. Envolvendo o seu pensamento em engenhosa alegoria, comparava ele a situação recíproca das duas nações à de *Arachne* e *Pallas*. A deusa antiga, ferida de inveja pelas prendas de *Arachne*, virgem famosa pelo apontado primor de seu trabalho no fiar e no tecer, converteu-a em aranha, condenada a urdir de suas próprias entranhas, em estreito espaço. Swift caía assim no erro econômico de seus antagonistas, não percebendo que a Inglaterra e a Irlanda, cortando entre si a permuta dos seus produtos, lesavam uma à outra, e cada uma a si mesma. Mas a inspiração moral era patriótica. E os que lhe

exprobram a selvageria das represálias aconselhadas, esquecem a reação gloriosa, oposta mais tarde, por muito menos, contra o comércio inglês pelas colônias da Nova Inglaterra, indignadas contra a política escravizadora de Jorge III.

Acusado de irar-se por ódio à tirania, sem amor nem compaixão pelas vítimas, Swift reivindicava, entretanto, com óbvia simpatia e piedade manifesta para a nação cativa os créditos de excelência moral e intelectual, que não era permitido então reconhecer-lhe, sem incorrer em heresia de papismo, ou jacobitismo. Os ingleses, escrevia ele, em julho de 1732, “deviam envergonhar-se desses labéus de estupidez, ignorância e covardia, com que insultam a Irlanda. Tais defeitos são produtos do cativo”. Entre os pobres campônios daquela região afirmava ele ter encontrado “muito melhor gosto natural pelo bom senso, espírito e graça, do que nos indivíduos da mesma classe em Inglaterra”.

Um dos gritos mais tremendos contra a opressão que a história já ouviu é o seu panfleto de 1729: *Modesta proposta destinada a evitar que os filhos dos pobres, na Irlanda, se convertam em fardo para os pais e a pátria*. Este libelo, “que é, por assim dizer, o supremo esforço do seu desespero e do seu gênio”, tem atraído sobre o nome de Swift escuros tismes de improbação. E uma “ironia de canibal”, diz Taine. “Assim falaria um taitiano”, exclama Paul de Saint-Victor. “Este homem”, murmura a medo Thackeray, “passa por entre os berços com o andar e o gesto de um ogre.” Consistia a ideia alvitada nesse escrito em utilizar para a alimentação pública as crianças nascidas nas classes indigentes. Esta sátira estranha, sob cuja superfície impassível arde uma violência vulcânica de indignação e o mais profundo sentimento de humanidade, é, aos olhos desses aquilatadores, uma como profissão de antropofagia de um tresvairado, capaz de devorar recém-nascidos assados a espeto. Mas, se a alegoria é satânica, e resfria o espectador até os ossos, não há quem não lhe perceba através da sombra os longes de uma realidade histórica ainda mais abominosa: a imagem da Irlanda, acorrentada à galé da sua maldição, nua, descalça, dilacerada, inanida, devorada pela Coroa da Inglaterra, com os seios de mãe exaustos e os braços inertes, produzindo filhos para a fome e a força, renovando-se para renovar a sua mendicidade e o seu opróbrio, multiplicando nos seus descendentes os seus farrapos, os seus estigmas e os fuzis da sua calceta secular.

Na cólera de Thackeray, genuíno inglês de coração, sente-se, como já observou um biógrafo francês, a melhor prova de que Swift acertou no ponto

sensível do inimigo. A gelidez superficial desse escrito “poderá doer as pessoas de coração benigno”, diz, aliás, outro inglês, “e tem realmente acarretado condenações contra a suposta fereza do autor, quase tão estranhas quanto as apologias que não veem nessas páginas senão esquisito espécimen de humorismo. Elas, ainda hoje, fazem tremer. Todavia, podemos absolver o escritor, e, até, simpatizar, quando consideramos no que ele realmente é: a expressão mais completa de abrasada indignação contra uma tirania intolerável”.⁵⁵ Por mais atroz que fosse a ironia nesse panfleto, ainda não desenhava a imagem do cativo da Irlanda. O pobre rústico esfaimado pagava então por uma arribana imunda e duas ou três leiras de batatas o triplo do seu valor; a mendicidade e o roubo eram meios forçados de subsistência; dentre cem caseiros, em toda a superfície da ilha, não havia um que pudesse dar sapatos aos filhos, comer carne, ou beber senão água e leite; e, salvo as terras de granjeio cultivadas ao norte por escoceses, o país inteiro era uma cena de miséria e assolação comparável apenas aos ermos estéreis da Lapônia. Apresentava então a Irlanda a antítese mais deplorável à máxima de que “o povo constitui a riqueza do país”, e a *Modesta proposta* é o triste comentário desta reflexão.⁵⁶ Dominava sem reserva o princípio, arquivado por Cowley, de que “a felicidade da Irlanda não se podia contrapor à menor conveniência da Inglaterra”. Além de outras vantagens o plano recomendado pelo panfletista oferece, diz ele, de fora parte, a vantagem “de não poder contrariar a Inglaterra; porquanto esta espécie de veniaga não admite exportação, sendo a carne de consistência tenra em demasia, para tolerar muito tempo a salmoira”, conquanto o autor conhecesse “certo país, que de boamente comeria mesmo sem sal uma nação inteira”.

Se o coração de Swift era inglês, como observa Thackeray, tanto mais admiração provoca a sua defesa da Irlanda, a cujo respeito, em cada linha do que ele escreveu, se evidencia “a profunda sinceridade de suas convicções”.⁵⁷ Inglesa era também a sua dialética e essencialmente inglês o seu gênio, a sua imaginação, o seu estilo. Incapaz de exageração, ou timidez, avesso a imagens transviadoras, claro, agudo, nervoso, exato na expressão, familiar nos argumentos, liso, chão, irresistível na lógica, rigoroso nos exemplos, prático, positivo e vivaz até na esfera da ficção,⁵⁸ incólume dos vícios peculiares ao temperamento irlandês, talhara-o admiravelmente a natureza para formar, educar e levantar o espírito público na Irlanda.

A esse papel as circunstâncias vieram oferecer extraordinária oportunidade. Sob pretexto da escassez de moeda de cobre, cuja deficiência

se sentia na Irlanda, o gabinete Walpole expediu em favor de William Wood, dono e arrendatário de minas desse metal na metrópole, o privilégio de cunhar 108 mil libras em meios *pence*. Adotara o governo essa providência, sem ouvir a Lord-Lieutenant, nem o Conselho Privado Irlandês, nem o parlamento desse reino. Ambas as câmaras da legislatura irlandesa condenaram a medida como clandestina em sua origem, fraudulenta na sua execução e perniciosa nos seus efeitos. O rumor, propagado por entre a população, de que o valor real da nova moeda era inferior à sua valia nominal, filtrou no espírito público a suspeita de que o projetado instrumento de troca envolvia um plano depredatório e criminoso, uma burlaria audaciosíssima contra o Tesouro e a algibeira particular.

Essa presunção derivava da ignorância, em que, ainda em nossos dias, espíritos dos mais alumiados laboram no tocante a certos elementos comezinhos, mas pelo comum despercebidos, nas leis misteriosas do mecanismo da moeda. As espécies subalternas do dinheiro metálico, destinado a trocos miúdos, uma vez que encerrem o valor intrínseco estritamente preciso para caracterizá-las, e dificultar a falsificação, e que o metal de que são compostas seja de natureza resistente, que se oponha à erosão contínua do uso, têm satisfeito as condições técnicas no assunto. Não se lhes requer, nem seria conveniente impor-lhes, como à moeda de ouro e prata, correspondência entre o valor do cunho e o da matéria-prima. Sob este aspecto o numerário de Wood não era somenos aos *half pence*, que hoje circulam no Reino Unido. Tecnicamente, portanto, a questão sustentada por Swift carecia de base. O parecer de Sir Issac Newton continha a verdade científica, e o grande panfletista labutava em equívoco, não se sabe se intencional, nas famosas *Drapier's Letters*, com que, em 1724, incendiou a opinião na Irlanda.

Mais facilmente, porém, se concebe o erro técnico de Swift em uma especialidade que não era sua, do que o erro histórico do famoso historiador da literatura inglesa deduzindo daí a sentença de insensatez, malignidade e difamação, que profere contra o autor das *Cartas de um fabricante de panos*.

Da concessão feita a Wood resultava que uma soma de cobre equivalente a 60 mil libras, passava a representar, amoedada, a importância de 108 mil libras, verificando-se assim uma diferença de 48 mil libras, que deixaria ainda margem imensa, satisfeitas as despesas de cunhagem.⁵⁹ Este excesso, que legitimamente não podia pertencer senão ao Tesouro, era do concessionário. Os lucros da ganhança haviam, porém, consignado, na sua

maior parte, à algibeira de repartir-se com a duquesa de Kendal, valida de Jorge I e primitiva concessionária da patente. “Assim se ultrajava grosseiramente”, diz o historiador inglês Lecky,⁶⁰ “a dignidade e independência do país, e perpetrava-se uma infame batota”. Todas as invectivas de Swift, na fúria da refrega, não excedem o vilipêndio condensado, século e meio depois, nesta gota cáustica de indignação, por um compatriota de Walpole.

Não fica aí a torpeza do enliço. Para forçar pela necessidade a população, espalhara Wood agentes pela Irlanda, que retirassem da circulação a moeda de cobre existente, aumentando a penúria já aflitiva.⁶¹ Nem se haviam constituído preservativos contra a ganância do especulador, fixando garantias, que o inibissem de alargar a emissão além dos limites estipulados; deixando-se destarte ao seu arbítrio inundar o país indefinidamente com o numerário de sua lavra particular. “Não podia haver transação mais ímproba e indicativa da corrupção do governo inglês”, escreve o historiador da evolução intelectual da Inglaterra no século XVIII.⁶² É em presença deste escândalo que Swift exclamava: “Hampden quis antes o cárcere do que a submissão a um tributo ilegítimo de alguns shillings; eu preferiria o patíbulo a ver a minha propriedade cisada ao bel-prazer do venerável Mr. Wood.”

A sugestão de embusteria e furto no valor da moeda era indemonstrável. Mas, para sufocar a imoralidade que se ocultava na raiz dessa transação abjeta, desse conchavo de alcova, o lutador, amordaçado pelas condições da época, necessitava de uma arma. Ora, a crítica histórica reconhece que a agitação estribada em fundamentos puramente constitucionais seria infrutífera.⁶³ A ignorância, a miséria, as dissensões, o aniquilamento do espírito popular, a preponderância oficial do partido inglês exigiam reação violenta. O facho que Swift empunhou, de mais a mais, já o encontrara aceso: a depreciação no valor da moeda fora a base do voto parlamentar nas câmaras irlandesas. Swift apanhou o brandão, levantou-o acima de sua cabeça, e a Irlanda inteira, vendo desenhar-se no horizonte, aos reflexos da chama, à sombra do Titão, readquiriu o sentimento de sua consciência, e repeliu o opróbrio.

Era sincero o erro de Swift, ou foi simples estratégia de guerra? O que se sabe, é que o conluio de Wood, se não devia cair por efeito dessa imputação, dignamente também não se poderia sustentar à luz de outras considerações. Ele importava em negação das instituições parlamentares, imolava os interesses de um povo aos amores reais de uma cortesã, e fazia de uma das

funções mais altas do poder público presa e pasto da rapacidade dos parasitas do paço. Por entre as alusões transparentes do panfleto claramente se deixava entrever a causa recôndita do agravo: “Não haverá falha na honra em nos submetermos ao leão; mas quem, sob a figura de homem, sofrerá com paciência ser devorado em vida por um rato?”

Essa oposição, todavia, respeitou sempre os limites constitucionais, firmando com a severidade incomparável da sua lógica e do seu bom senso o princípio representativo e a santidade da lei: “Por minha parte”, diz ele, “declaro, em presença do Onipotente, que preferiria padecer a mais ignominiosa e torturadora morte a receber esta moeda maldita, enquanto me não for imposta pelos legisladores de meu país; e, se tentarem forçar-me, trasladarei o meu domicílio para outras terras, onde coma o pão da pobreza no seio de um povo livre.”

A Irlanda reuniu-se em torno de Swift, ao clarão da almenara que ele acendera em St. Patrick’s; a agitação animada pela alma deste lutador patriótico expugnou todos os presídios oficiais; e Walpole, vencido, cassou a patente, livrando-se assim a Irlanda, na frase de Johnson, da invasão dessa opressiva rapinagem. “Não há época mais momentosa na história de uma nação”, diz Lecky, referindo-se a esse triunfo, “do que aquela em que pela primeira vez falou a voz do povo, e falou vencendo. Ela demarca a transição entre uma idade semibárbara e uma idade civilizada, do governo da força para o da opinião. Antes desse tempo era a insurreição o desenlace natural de todos os esforços patrióticos na Irlanda. Daí em diante veio a ser anacronismo e erro. Passou a idade de Desmond e O’Neil; deu começo a de Grattan e O’Connell.”

Nem esqueçamos uma circunstância cardeal, despercebida até hoje entre os historiadores que estudaram esse movimento, adulterado por Taine. A moeda de Wood, refugada na Irlanda, era, na mesma época, repelida e traquejada nas colônias americanas pelo gênio nascente da futura república.⁶⁴ Esta identidade de sentimentos e simultaneidade de ação nos dois continentes, nas duas Inglaterra, não estará mostrando a ausência de sentimentos egoísticos, o alto patriotismo, a inspiração superior a que obedecia a agitação suscitada e dirigida por Swift?

A posteridade conferiu-lhe o título de “criador da opinião pública na Irlanda”.⁶⁵ Essa missão extraordinária granjeou-lhe no seu torrão nativo a situação de um sumo pontífice, ou chefe espiritual. Pelo seu espírito cívico, pela sua sabedoria, pela sua integridade, o Deão, como lhe chamava o povo,

era o árbitro universal, consultado por indivíduos e corporações, e as suas sentenças, ouvidas sempre com submissão pelas partes, não tinham recurso. Diz-se que, para prendê-lo, seria mister um exército de dez mil homens; e Carteret, em 1732, no posto de vice-rei, reconhecia a “soberania de St. Patrick’s”, acrescentando mais tarde (1736) que “governara a Irlanda, agradando ao dr. Swift”.⁶⁶

Para esmarcar o valor desta homenagem, basta notar que Carteret, em cujas mãos caiu de fato, senão de nome, em 1742, a sucessão de Walpole na presidência do gabinete, era o estadista de quem Pitt veio a dizer: “Nas funções superiores do governo ninguém o emulou.” Chatam declarou um dia, na Câmara dos Lords: “Ensoberbeço-me em confessar que ao seu patrocínio, à sua amizade e à sua instrução devo eu quanto sou.” Chesterfield escrevia a seu filho: “Dizem que está a expirar lorde Granville. Quando falecer, morre com ele a cabeça mais capaz de Inglaterra.” Horace Walpole computava em cinco os grandes homens, que tivera ensejo de ver; e, desses, um era Carteret. “Desde que lorde Granville caiu”, observava Smollet a Humphry Clinker, “ainda não houve ministro que lhe valha o pó da cabeleira.” Carlyle, enfim, agermana-o em grandeza aos Fredericos, aos Voltaires e aos Chathams, apontando-o, com exceção do primeiro Pitt, como o mais notável secretário de Estado inglês na pasta das relações exteriores.⁶⁷ Este o homem que não soube administrar a Irlanda, em anos climatéricos, senão anorteando o seu governo pelo espírito de Swift.

Aos seus próprios desafeiçoados o merecimento de Swift impôs confissões, que, se não decorressem da boca de inimigos, poderiam passar por panegíricos. Seria suspeito Pope, quando o figurava desatando à pátria afrontada as cadeias de cobre, e engrandecendo o gênero humano,

*... or magnify mankind,
Or thy grieved country's copper chains umbind.*⁶⁸

Mas não assim Johnson, cuja parcialidade contra ele é assinalada, e que, todavia, lhe resume a vida pública nestas palavras memoráveis:

“Quando acaramos Swift como escritor, razão é avaliar-lhe as faculdades pelas obras. No reinado subsequente ao de Ana pôs a Irlanda a seguro da opressão e do saque, mostrando na força do espírito, quando se aliança à verdade, poder tal que o governo não logrou contrastá-lo. De si próprio disse ele que a Irlanda era sua devedora. Da época em que entrou a patrociná-la, é que a nação irlandesa deve datar a sua fortuna e prosperidade. Foi o primeiro que lhe ensinou a inteligência dos interesses do povo, seu valor, sua força, e lhe infundiu ânimo de afirmar essa igualdade entre irlandeses e ingleses, para a qual, de então avante, ela não tem cessado de caminhar com passos vigorosos.”⁶⁹

Era incalculável a baixez, a que descera o nível da moralidade política, graças à avidez mercantil da corte, à babel dos partidos, à cínica filosofia dos ministros. Dias de incomparável venalidade eram esses, em que a onipotência da subordinação ministerial degradava a soberana a honrar com uma resposta o homem que lhe baldoara o nome com insultos capazes de ruborizar as faces a uma perda.⁷⁰ Chefes de gabinete, como Harley, professavam declaradamente como lei única de seu proceder a regra, não inventada, já se vê, em nossos tempos, de que toda a sabedoria do homem político está em viver à custa do dia de hoje, com o apetite são e sem cuidados pelo de amanhã. Tudo se mercava, alugava ou leiloava. Dessa feira de consciências Swift saiu incontaminado.

Os escritores políticos viviam, na condição de assalariados, às tenças do governo. Entre estes contava o gabinete a seu soldo nomes, que entristece encontrar nesse rol, como o do autor do *Robinson Crusoe*. Swift repeliu a primeira tentativa de Harley, que lhe enviara, em 1711, uma nota de cinquenta libras pelos seus primeiros escritos, rompeu com o ministro, que teve de abaixar-se às mais humildes satisfações; preservando a sua independência como um arminho, tratou sempre resvês com as mais altas sumidades do poder, e nunca advogou opiniões ministeriais: ditou as suas ao ministério, ao partido e à nação.

Estreme dos defeitos nos políticos meramente literários, assim como da superficialidade intelectual e lassidão moral de sua época; medindo e pesando o cérebro dos homens que concentravam em si os privilégios e pompas da grandeza política; inflamando naquele patriotismo de que algumas das suas prédicas religiosas encerram talvez, segundo Burke, “a melhor exposição”,

imagine-se a severidade do seu desdém pelo mundo oficial e pelas classes dirigentes. Toda a sua estima era pelas classes médias, onde, no dizer dele, se resumiam quase exclusivamente as virtudes ainda não extintas no gênero humano. O orgulho de que alguns o acoimam, porventura não passava de desprezo dos néscios galardoados e poderosos:

*That scorn, of fools, by fools mistook for pride.*⁷¹

Alheado dos cargos de governo pela sua profissão eclesiástica, arredado das altas dignidades eclesiásticas pela independência de sua pena, Swift devia sentir profundamente a amargura do contraste entre o seu merecimento e a sua situação, entre a sua consciência e a ordem exterior do mundo, entre as suas aspirações e a realidade que o cercava. A impotência incurável da sua vocação para o governo, as decepções de sua carreira profissional, a esterilidade melancólica das suas alianças de coração, a solidão pela morte ou pela ausência das pessoas que lhe foram mais caras, o tormento, a princípio remittente, mais tarde contínuo, da enfermidade que o afligiu desde os seus primeiros anos até os seus últimos dias,⁷² força era que lhe imprimissem no caráter uma têmpera acerba e sombria. Os períodos de vertigem e surdez enchiam-lhe a mente de presságios dolorosos. Vira acabarem, imersos na demência, o maior jurisconsulto e o maior general de seu tempo, Somers e Marlborough. Prevendo o termo tenebroso de sua existência, disse um dia a Young, apontando-lhe um olmo desfrondecido: “Hei de perecer como aquela árvore: pela cabeça.” Não há espírito cuja limpidez resista à obsessão de tais pensamentos. Na densidão dessas atribulações, aquela misantropia, tão exagerada e adulterada pelos torturadores póstumos deste homem de gênio, não era mais que a sombra avultada de seu desprezo pela sociedade onde vivia.

Não é exato que Swift acreditasse na indignidade geral da espécie humana, na degeneração essencial da nossa natureza. Vivendo em uma das idades mais frívolas, desalmadas e céticas da história de seu país, a sua misantropia era horror à sua época e aos vícios de seu tempo, era a indignação, como ele mesmo dizia, “ante o aspecto mortificador do cativo, da insânia e da baixeza, que o circundavam, e que se via constrangido a respirar”. A mim se me afigura, “antes digno de piedade que de condenação esse ulcerado espírito, considerando a filantropia real, que essa misantropia encobre, e o ódio honesto à opressão e à brutalidade, sob o qual se envolve uma generosa simpatia”.⁷³

O coração a que o próprio Paul de Saint-Victor não teve coragem de negar “paixões generosas”, que soube praticar a caridade com tamanha amplitude, e igualar na amizade os tipos mais ideais deste sentimento, não podia ser amassado de fel, e confundir a natureza humana com a corrupção dela. Quando, rota a aliança entre Oxford e Bolingbroke, St. John, senhor da confiança da coroa, buscava aliciar, com todas as seduções do poder, o apoio de Swift, este optou por Oxford, encarcerado e arriscado na sua vida, preferindo acompanhá-lo na queda, na soledade, no cativo, e compartilhar nas tribulações do amigo arruinado, a desfrutar o triunfo com o vencedor onipotente. Esse papel de consolação, caridade e sacrifício por um amigo inútil, por uma criatura aniquilada, não caberia na alma de um misantropo. Era preciso sentir em si mesmo mui grande a natureza humana, para deixar da sua nobreza este exemplar eterno.

Perguntava um dia Swift ao seu amigo Delany se não sentia “comerem-lhe o corpo, e esgotarem-lhe a paciência as vilanias dos homens do poder”. Exortando os seus compatriotas ao uso exclusivo dos produtos irlandeses, dizia ele que “a opressão tira o siso aos prudentes”. A intensidade era o característico de todos os seus sentimentos: na amizade, no afeto ao dever, na detestação da tirania. A pauta de sua vida no deão de St. Patrick’s foi o mais austero modelo de virtudes profissionais, entre as exigências mais impertinentes de um cargo tão inferior ao seu mérito, quanto um obscuro e silencioso vicariato ao governo de uma grande nação.⁷⁴ Evidentemente, num homem dotado desse virtuoso respeito da dignidade do dever nos seus mais modestos e tediosos encargos, a cólera contra a injustiça da servidão era a revolta de um sentimento humano e generoso.

Swift não aprendeu a filosofia da resignação ao inelutável. Outros, em presença da fatalidade da escravidão, cruzariam os braços, como o

observador otimista, a cujos olhos tudo é evolução e harmonia, o bem e o mal, nos fenômenos da natureza e da história. O célebre Berkeley, contemporâneo seu, oferecia, em relação a ele, o tipo destoutro padrão. Vendo, tanto quanto aquele seu amigo e protetor, a indigência, o infortúnio, o desamparo incomensuráveis da Irlanda, reputava, contudo, insensatas contra o domínio inglês reivindicações que lhe pareciam baldadas. “Se a Inglaterra”, escrevia ele, “nos coarcta o comércio, o nosso interesse não consistirá claramente em acomodarmo-nos? Não estamos fruindo a vantagem da proteção inglesa, sem as responsabilidades da Inglaterra? Acaso ela não nos preza realmente a nós, e não nos deseja o bem, como à carne de sua carne e ao osso de seus ossos? Não nos compete agora cultivar de todo o modo essa afeição e esse amor?”⁷⁵ Entre duas maneiras tão opostas de encarar o aviltamento da subordinação servil de um povo a outro, poderíamos perguntar, como um historiador inglês de nossos dias, se não há mais valor real no investir contra males tangíveis, do que em expor máximas gerais, conjurando os homens a se submeterem ao cativo, e acreditarem por caridade cristã na benevolência do opressor. Discutam os filósofos a preferência entre as duas escolas morais; mas o certo é que, politicamente, a benignidade dos Berkeleys teria sido, na anervia pública da Irlanda, um sistema de anestesia precioso aos interesses do despotismo inglês; ao passo que a lava derramada da alma de Swift, indômita sob o peso de toda a sua época, estremeceu o solo, e suscitou das profundezas dele o gênio que vulcaniza a Irlanda moderna.

Ninguém praticou jamais como Swift o horror da hipocrisia. Por excentricidade, por sensibilidade, por altivez, ocultava com ciúme as suas emoções, e disfarçava os sentimentos mais amáveis. Receoso de expor o íntimo d’alma a olhos indiferentes, passou por cético, egoísta e desamorado, recatando a sua fé, a sua generosidade, a sua ternura. “Usa Swift às vezes”, dizia Pope, “certa caprichosa rustiquez nos modos, que a estranhos se figura de maldade.” “Escondia as suas virtudes”, escreve um dos seus mais escrupulosos biógrafos, “assoalhava os seus defeitos, aparentava máculas, de que era isento. Julgado por certos lanços de sua vida, seria tido pelo mais descarado egoísta; e todavia, praticava a caridade a mãos largas; era capaz da amizade mais genuína, e não soube prescindir nunca da simpatia humana.”⁷⁶ Mascarava, sob os motivos menos lisonjeiros, as suas intenções mais nobres, dava os piores nomes às disposições mais estimáveis de sua alma, e contra si mesmo voltava as farpas da sua zombaria. Daí a vicacidade

com que, em carta a Pope, lhe assegurava, com a sisudez habitual de seus gracejos, que toda a sua reputação de espírito e saber não valia mais, aos seus olhos, do que um título de lorde, uma fita e um coche a seis cavalos; chança e sátira invertida contra Swift por críticos denegridores, quando, aliás, o seu crime consiste apenas em ferir-se de indústria na própria ironia, escarnindo, a um tempo, de si mesmo e da pequenez das grandezas que governam o mundo. Era, em suma, o tipo *sui generis* da dissimulação às avessas, a que Bolingbroke chamava “um hipócrita invertido”.

Numa época de espírito leviano, superficial e vão, foi Swift uma inteligência máscula e reflexiva, um pensador profundo, sério e viril.⁷⁷ O seu humor inimitável, a ironia, de que foi o maior mestre conhecido em toda a história literária do mundo, emanavam dessas vertentes poderosas da meditação, cujos cimos a claridade da razão ilumina, enuviada, a espaços, pela melancolia das injustiças da natureza. Pode-se dizer que foi, por excelência, o gênio da sátira na literatura de todos os tempos, e possuía no seu talento fontes de originalidade, de onde os seus escritos borbotavam como cristal vivo de uma rocha ferida pelo raio.

Não se poderia afirmar, como um dos seus primeiros editores irlandeses, que não devesse absolutamente nada a escritores antigos, ou modernos. Uns dos seus menores escritos, *A batalha dos livros*, tem, na invenção de que é urdido, semelhanças visíveis com a *Histoire Politique de la Guerre entre les Anciens et les Modernes*, de Callières. Algumas vezes se inspirou, talvez, em Rabelais, de que lhe encontraram, entre os livros, um exemplar, anotado por ele, e em Cyrano de Bergerac, escritor francês da primeira metade do século XVII, em cuja *História dos impérios da lua* se supõe rebuscaram Molière, Voltaire e Hamilton. “Todavia”, reflete Walter Scott, “pode-se dizer que não teve modelos, e que as raras sugestões que acolheu de outros autores, parecem-se tanto às composições de Swift como o linho bruto com a cordoalha que dele se tece.”

Entre Swift e Rabelais as feições comuns são antes no gênero e estilo; não no pensamento e na invenção. Isso sem jáça na sua alta originalidade.⁷⁸ Voltaire escrevia, a este propósito:

“M. Swift est Rabelais dans son bon sens, et vivant en bonne compagnie. Il n’a pas à la vérité, la gaité du premier, mais il a toute la finesse, la raison, le choix, le bon goût, qui manquent à notre cure de Meudon. Ses vers sont d’un goût singulier et presque inimitable, la bonne plaisanterie est son partage en verse et en prose; mais pour le bien entendre, il faut faire un

petit voyage dans son pays.”⁷⁹

As duas grandes composições de Swift são o *Conto do tonel* e as *Viagens de Gulliver*.

Do primeiro entredizia ele na última fase da vida: “que gênio que eu tinha quando escrevi isto!” Johnson o reputava *único* em distinção; uma como entidade solitária entre as produções do autor, pela veemência e ligeireza do espírito, pela vivacidade da dicção, pela abundância das imagens.

Dotado de prodigiosa robustez de pensamento e da mesma agudeza de espírito que o Luciano francês, Swift, no *Tale of a Tub*, arrasta muitas vezes no seu desprezo pelas hipocrisias convencionais a decência e o decoro.

Graças a essas falhas e à intolerância dos ridículos fustigados por ele nesse livro, que “continha em si”, diz Hallam,⁸⁰ “uma efusão de gênio bastante grande, para remir o nome britânico nos anais da literatura de imaginação”, Swift, como De Foe em análogo caso, viu desconhecidas as suas intenções pelo partido a cujos interesses quis servir. Preocupado em reservar-se de preconceitos, os de que soube preservar-se foram as mais das vezes os alheios; mas alguns dos seus se lhe incrustaram no espírito como elementos da sua compleição. O mais conspícuo entre esses era a ideia fixa de combinar a organização de um culto privilegiado com os direitos da consciência e a liberdade civil; sem ver que estes necessariamente haviam de ficar mais ou menos subalternos àquela. Os interesses da igreja oficial, porém, não se conformaram; e o *Conto do tonel* foi denunciado como um manifesto de heterodoxia, incredulidade e revolução. Defendendo-se, o grande artista não teve custo em mostrar que só impugnara os abusos, e que, como, enquanto a ele, a igreja de Inglaterra encarnava em si a verdade, investir contra os abusos religiosos era combater as outras confissões nas suas discrepâncias do modelo. As acusações de profanidade e irreverência, que levantou, diz um crítico moderno, “eram naturais, mas infundadas. No livro não há nada incongruente com o caráter professo e real de um inquebrantável membro da igreja de Inglaterra, que aceitava as suas doutrinas como impreteríveis elementos constitutivos da ordem social existente”.⁸¹

Entretanto, a feição mais saliente no *Tale of a Tub* era o assalto arrojado contra o pretensioso pedantismo, que se aceva nos sistemas teológicos.⁸² A fábula de que se trava a narração, nessa fantasia, tem sua raiz primitiva na *História dos três anéis*, oriunda de Boccacio e utilizada mais tarde por Lessing no seu *Nathan der Weise*. O conto do novelista italiano, que já derivava do outro narrado a um monarca espanhol no século XI, e que, na

Espanha, se tornara uma expressão parabólica da tolerância religiosa, divulgou-se pela Europa, recebendo entre os fanáticos interpretação oposta,⁸³ e penetrando, afinal, suprimidos os *anéis*, no conto de Swift, onde os três irmãos tradicionais receberam, conforme o batismo luterano, os nomes de Pedro, Martin e Jack, personificando as três variantes cristãs: catolicismo, anglicanismo e puritanismo. Claro está que Martin, o anglicano, representava o elemento são e regenerador, derrancado nos outros dois. Em torno destes redemoinha o espírito da ironia em uma tempestade irresistível de ridículo. “A inteligência rigorosa e atrevida devassa-lhe a inanidade e estolidez de cenas fórmulas solenes, que circulam pelo mundo, e rasga-as em pedaços com audaz e tripudiante energia. Faz mofa das cadeias de papel, com que graves professores tentavam pear-lhe a atividade, e atira os fragmentos dispersos aos quatro ventos do céu.” A cegueira de seita, porém, não o deixava pressentir a reação provável desses argumentos contra o seu credo. O sarcasmo vertido em zombarias implacáveis sobre os dogmas católicos e presbiterianos devia repinchar sobre a igreja de Inglaterra. Ela o previu, e não lho perdoou.

Quando, em 1726, saíram a lume, anônimas, como quase tudo o que Swift publicou, as *Viagens de Gulliver*, aventaram logo os entendidos, como Pope, Arbuthnot e Gay, que o portento era, por força, de Swift: *aut Erasmi aut diaboli*. Em uma semana (naqueles tempos) foi arrebatada a primeira edição. “Absolutamente não há quem não as leia”, escrevia Gay a Swift, “desde as primeiras até as ínfimas classes, desde os ministros de Estado até as amas de leite.” A velha Sara, duquesa de Malborough, “extasiava-se; não sonhava outra coisa”. A seu ver, a fantasia de Swift continha “a mais exata noção dos reis, ministros, bispos e tribunais de justiça”. Na geração seguinte Godwin, o mestre de Shelley⁸⁴ e lorde Lytton, aquele de cujos lábios, como dos de um profeta, pendia a juventude de seu tempo, atribuía ao autor de Gulliver “mais profunda intuição dos verdadeiros princípios de justiça política do que se poderia achar em todos os seus contemporâneos”. Godwin é o famoso filósofo, cuja ortodoxia calvinista o não preservou de escrever a proposição, tão fecunda em consequências: “Deus mesmo não tem o direito da tirania”; cujo *Inquérito sobre a justiça política*, um dos livros que assinalam época na história do espírito inglês, emparelha, na sua influência sobre o desenvolvimento das ideias, com o *Discurso* de Milton em defesa da imprensa livre, o *Ensaio* de Locke sobre a educação e o *Emílio* de Rousseau. Não era juiz incompetente este grave pensador. Pois é ele quem deplora que a

forma joco-séria das *Viagens de Gulliver* distraia o gênero humano da “inestimável sabedoria” contida no livro. E Voltaire, a quem este se revelara pela versão do padre Desfontaines, escreveu, enlevado, a Swift: “Laissez moi jouir de la satisfaction de parler de vous de la même manière que la postérité en parlera.”

A posteridade confirmou o juízo de Voltaire: a impressão produzida por Gulliver é, ainda hoje, tão universal e viva como na quadra da sua aparição. Todos os idiomas o tiram a vernáculo; todas as classes o leem; os críticos o meditam, e exploram; a ingenuidade popular devora-o com avidez; escavam-no os políticos; os artistas o ilustram com a fantasia, o lápis e o colorido. Entretanto, é sobre essa produção irrealizável em sobriedade de estilo, em espírito de observação, em irônica interpretação da realidade, que Paul de Saint-Victor declamou esta sentença: “Esta *Viagem de Gulliver* é mais triste, no íntimo, do que a de Dante pelo *Inferno*. Em vão procurareis ali uma aberta, por onde se divise o céu.” Como conciliar, porém, esse caráter tenebroso e funesto com a universalidade do prestígio desse livro, “um dos raros cujo conhecimento se pode presumir em quem quer que já tenha lido alguma coisa”?

A infância e o povo ainda não encontraram leitura mais ao seu sabor. A fábula engenhosa, que os teóricos políticos circunspectamente inscrevem na classe das Utopias de organização social,⁸⁵ é, ao mesmo tempo, excetuados certos lances, *o livro mais aprazível que já se escreveu para crianças*.⁸⁶

Bem fez, portanto, o incansável adaptador deste livro à nossa língua em não se deter com as impressões pessimistas de Saint-Victor e Taine. Acredito que este novo trabalho vem juntar mais um título relevante aos que já o constituem benfeitor da mocidade brasileira. Seus jovens clientes hão de agradecer-lho; porque este livro monopoliza o privilégio maravilhoso de fascinar os mais profundos investigadores sociais, e acarinhar deliciosamente a inocência da imaginação infantil.

É que ninguém soube jamais tornar a fantasia tão indiscernível da realidade, como este lógico da ironia, cujos paradoxos decorrem imediata e irresistivelmente de fatos reais, alterado apenas um elemento no ponto de partida. No *Micromegas* de Voltaire há criaturas altas de sete léguas e dotadas de 72 sentidos. Mas Swift variou apenas um dado no problema, reduzindo ou avultando o tamanho aos habitantes do seu mundo.

Tem dado pasto a controvérsias infundáveis o sentido recôndito de Gulliver. “A Swift, porém”, no dizer de um crítico destes tempos, “coube a

singular fortuna de que o seu livro escusa a interpretação, de que aliás é suscetível, e pode ser igualmente apreciado, quer se lhe saiba, quer não, o íntimo significado. Tão veraz é, tão inteiramente assentado nos fatos da natureza humana, que saber entre que classe de indivíduos colheu o autor os seus exemplos de loucura, ou maldade, se interessa aos comentadores, ao leitor pode não importar.” ⁸⁷

Esse julgador austero dos méritos e deméritos de Swift acrescenta que “raros livros têm contribuído tanto para a inocente deleitação do gênero humano como os dois iniciais das *Viagens de Gulliver*”.

O primeiro deles, onde se narra a excursão a Lilipute, alude principalmente, no desígnio do autor, à corte e ao governo de Inglaterra na época de Jorge I. O ministro Finmap é uma caricatura de Walpole, a cujos sentimentos de ambição e rivalidade atribuíam Swift, como grosseiras injustiças, o processo de Oxford e o exílio de Bolingbroke, que tinham reabilitado a Inglaterra com a paz de Utrecht. A sátira amplia-se na viagem a Brobdingnag, descrita na segunda parte: já não arremete contra a tática de um partido, mas contra um sistema geral de política, desenhando-se por entre a crítica os contornos ideais de um príncipe-patriota e uma organização justa do Estado. Imaginai as impressões de um indivíduo da nossa espécie, estudando os tumultos intestinos de um formigueiro; tais as desses entes dotados de imensa força e profundas faculdades reflexivas, a que Swift oferece em espetáculo os enredos e escândalos de uma corte europeia.⁸⁸ Em ambas essas partes a crítica mal transpõe os limites admissíveis. Uma e outra são, na frase de Stephen, *sufficiently good humoured*.

Não evita, porém, a censura imparcial a descrição da terra dos Houyhnhnms. O tipo dos Yahoos, considerado como figuração da espécie humana, seria indigno libelo. Mas não é tanto a natureza humana, como a sua degenerescência, a subserviência da razão aos degradados instintos da animalidade, a sensualidade, a crueldade, a avareza, que o escárnio atroz do satirista parece ter tido em mira. Walter Scott demonstrou a face moral dessa pintura odiosa dos Yahoos, e Hazzlitt parece ter-se aproximado quanto possível à inteligência real da obra de Swift, quando lhe supõe o intuito de tracejar uma concepção da humanidade, tal qual poderíamos vislumbrá-la na razão de um ente que de esferas superiores baixasse a este mundo. Essa maneira de ver, todavia, não absolve a filosofia de Swift das exagerações de colorido em que ele desafoja o seu desespero.

Entretanto, não se infira daí contra a índole moral de Swift. Compôs ele

essa seção do livro de *Gulliver* na mais acesa crise de sua luta contra a corrupção pública e no mais caliginoso transe de sua vida, digna, já houve quem o dissesse, de um drama de Shakespeare, quando a recrudescência dos sofrimentos de Estela vinha completar com a iminência de sua morte a ruína da felicidade íntima de Swift. Vivendo entre uma sociedade, onde considerava a espécie humana dividida entre mesquinhos tiranos e aviltados escravos (diz Walter Scott), idólatra dessa liberdade que reputava espezinhada por uma raça de pigmeus aborrecíveis, a desenfreada violência de seus sentimentos impelia-o a escarnecer essa espécie de criaturas, perpetradoras e sofredoras da iniquidade.

Longe de comprazer-se na disformidade odiosa, Swift não a expôs, senão por abominá-la. Era notável o apuro de Swift no alinhamento de sua pessoa. Na conversação nunca deslizou da decência um fio. Não tolerava aos seus amigos o menor desprimor, a mais ligeira indelicadeza na linguagem. “A extrema repugnância a certas imagens levava-o a insistir nelas, como a única expressão do seu desprezo. No esforço por exprimir o enojo chega a enojar. Rasga os véus da decência, para descompor os elementos bestiais da natureza humana; e a sua característica ironia preserva-lhe a aparência da calma durante o repulsivo espetáculo. Seu estado de espírito é estritamente análogo ao de certos ascetas religiosos, que avivam o desprezo da carne, fixando a vista em cadáveres decompostos.”⁸⁹ A grosseria, de que o acusam, não é, pois, a do vício. Só contra este, pelo contrário, soube ser desgalante. Incorreções de gosto, poderéis com razão assacar-lhe, mas nunca a mínima eiva de imoralidade. Diversamente de Sterne, de Byron e do *naturalismo* contemporâneo, os seus escritos “não despertam nunca uma curiosidade impura, não dotam o crime de seduções e amávios, e pode-se dizer que ainda ninguém foi induzido por essa leitura a práticas viciosas”.⁹⁰

Não é exato que ele quisesse desfear e vilipendiar a ideia de imortalidade. Aí está outra gratuita imputação, a que Paul de Saint-Victor prestou a sua pena, ou que, mais sobre o certo, poderíamos creditar à inventiva deste autor. Não; não é real que Swift reduzisse a mentecaptos na segunda infância da decrepidez de que a Grécia fez semideuses. Os Struddbruggs, que Gulliver encontra na ilha de Luggnagg, representam, não a imortalidade do espírito, mas a caducidade da velhice humana. Esmagado sob o desmoronamento de todas as suas ilusões, rodeado pelos túmulos de quase todos os seus amigos, oprimido sob o peso de uma decadência que ele sentia ameaçar-lhe o órgão da razão, Swift via nos cabelos brancos uma coroa de

miséria e na última idade da vida a maior de todas as nossas agonias. Obsessão contínua de uma alma que perdera todos os arrimos e todas as consolações na terra, esse terror da velhice, estirada, árida, desconfortada, ridícula, é o que ele pôs nessa alegoria funérea e maldita, que nem Milton nem Dante excederam nas suas inspirações mais medonhas.

Acompanhando atentamente esta vida, este caráter e este gênio, bem longe viemos parar das conclusões da crítica francesa e de alguns apreciadores ingleses, ora feridos, como Thackeray, no sentimento britânico pela missão irlandesa de Swift, ora ressentidos, como Jeffrey, na sua solidariedade histórica de *whigs* contra a memória do inimigo formidável que os esmagou no começo do século passado. Sobre-excede, porém, a tudo, nos desvarios, a justiça de aquém-Mancha, que não sabe discernir, na tendência moral das obras desse escritor, senão enormidades. É característico, a este respeito, o caso de Partridge. Partridge era um antigo remendão, que se fizera astrólogo, e explorava a credulidade popular. Swift, assumindo um nome de astrólogo, aniquilou sob o ridículo o especulador, anunciando-lhe o passamento em dia certo, à claridade dos signos fatídicos, publicando mais tarde o cumprimento da predição, e acolhendo comicamente, com o espanto de quem deparasse uma aventesma na pele de um vivo, os clamores do previso enfuriado protestando contra a fábula de sua morte. Toda a sociedade da época interessou-se com a maior curiosidade nessa execução incruenta do embusteiro; Pope celebrou nos seus versos os serviços de Bickerstaff, pseudônimo de Swift nessa zombaria cômica:

*...whatever title please thine ear,
Dean, Drapier, Bickerstaff, of Gulliver!*⁹¹

O grave historiador Lecky, ainda em nossos dias, registra nessa flagelação da impostura que repercutiu até Espanha, levantando o Santo

Ofício contra Swift, uma aplicação meritória do humorismo.⁹² Pois bem: aos olhos de Taine, o episódio de Partridge e Bickerstaff é uma cena fúnebre, atroz e tumular, trágica na sua jovialidade, que aperta o coração como as extravagâncias de um doido de hospital.⁹³

No *Diretório dos criados* (*Directions to Servants*), diz o crítico inglês da *Enciclopédia britânica*,⁹⁴ “a sátira, dado que acerada, é em geral de boa intenção e bom humor: derradeiro clarão de espírito prazenteiro” nas obras de Swift. Na opinião de Paul de Saint-Victor⁹⁵ essa composição é uma afronta à decência, onde não se discerne a intenção moralizadora: uma ignomínia, que “indignaria Scapino e escandalizaria a Mascarillo”.

Disse Emerson⁹⁶ que Swift “descreve os seus personagens imaginários, como se os estivesse assinalando à polícia”. É lastimável que aos dois brilhantes escritores franceses faleça, em relação a extraordinários tipos históricos, como este, um pouco dessa exatidão, a que aliás historiadores e críticos deviam estar mais obrigados para com a memória dos grandes mortos do que os fabricantes de utopias para com as entidades fictícias de seus contos. Para a composição da paródia vilipendiosa que escreveram de Swift, necessário era não ler sobre a sua vida senão libelistas, não apurar das suas obras senão os excertos indicados por uma seleção iníqua, deduzir de um incidente, um boato, ou uma proposição a índole geral de um caráter, tingir-lhe a trama normal da existência na cor de expressões passageiras entre as angústias de lutas aniquiladoras, discriminar, como Johnson recomenda,⁹⁷ onde esse criador excêntrico revela o seu juízo e onde apenas desabafa o mau humor. Acreditaremos que Taine veja realmente no homem “um animal maligno, um gorila feroz e lúbrico”, unicamente porque estas palavras lhe caíram certa ocasião da pena em um movimento de horror? Esses processos de investigação, apreciação e condenação, porém, são peculiares ao espírito de Taine, que estudou a revolução francesa, e mal viu Mirabeau, que dissecou Bonaparte, e quase lhe ignora o gênio militar e a intuição organizadora, que narrou as origens da França contemporânea, e não enxerga a epopeia das vitórias da revolução contra o mundo feudal, a luta do Império contra a Europa.

Das qualidades literárias de Swift mingua-nos espaço, para dizer. “Não era nem Cervantes, nem Rabelais”, diz um escritor dos nossos dias; “mas, com alguma coisa que lhe é peculiar, combina em si dotes consideráveis de ambos. Tem mais de Cervantes do que Rabelais possuía, e mais de Rabelais

do que foi aquinhoado Cervantes”.⁹⁸ Sua sátira, sua ironia, seu *humour* tecem-se em um estilo admirável de precisão, simplicidade e pureza numa dialética irresistível pela lealdade, pela exatidão, pela familiaridade, pelo nexos, numa fantasia sutil, descritiva, realista, sob uma atmosfera de irrepreensível honestidade e calma imperturbável, por entre luz diáfana e serena de bom senso e originalidade surpreendente, em que a reflexão, a curiosidade e a imaginativa do leitor seguem d’olhos os caprichos da invenção, atraídas e dominadas.

É certo, como Taine estabelece, que Swift não conheceu os grandes arroubos da imaginação. Muito, porém, se poderia dizer, a propósito dos seus versos, contra a proposição absoluta, que esse escritor aventura, de que não há, em todas as suas composições métricas, uma linha, que traia o genuíno sentimento da natureza. Thackeray, juiz cabal e nada benigno, acreditava que ele, “por medo ao ridículo, se abstinha de usar das faculdades poéticas, que realmente possuía, não se atrevendo à eloquência, quando podia, para não altear a voz acima do tom da sociedade onde vivia”.⁹⁹ Por menos que esteja disposto a aceitar esta conjectura, não se poderia contestar, entretanto, que, dentro em certos limites, o seu poder de fantasia e originalidade é tão ativo como a dos poetas mais criadores.¹⁰⁰

Tal foi esse gênio, “talhado por igual para a política e para as letras, gênio destinado a abalar grandes reinos, a provocar o riso e a cólera entre milhões de homens, e a deixar de si aos vindouros recordações, que só perecerão com a língua inglesa”.¹⁰¹ Diz-se que suas obras literárias são indestrutíveis: não o é menos a sua obra social. Inspirou à Irlanda a confiança em si mesma; e esse sentimento onipotente entre as nações nunca mais se extinguiu no coração daquele povo. Defensor da liberdade de imprensa contra os seus próprios correligionários,¹⁰² foi, sobretudo, no seu tempo, o batalhador invencível, em cujo heroísmo se acastelou a causa da liberdade comercial e a causa da independência legislativa. Daí data a inalterabilidade desses dois princípios no espírito da Irlanda. O pacto contra a importação em 1779 e a emancipação legislativa de 1782 são desdobramentos dessa política; e, quando a viridente Erin conquistar o foral definitivo dos seus direitos, a justiça da posteridade imprimirá o brasão liberal desse nome, antes dos de Flood, Grattan e O’Connell, como o do primeiro precursor e um dos preparadores mais eficazes desse futuro.

Para derruir e criar tanto, para atuar assim gigantescamente, a um tempo, no mundo da ficção e no da realidade, para sair vitorioso sempre nas grandes

tentativas que cometeu, e asselar todas as suas vitórias com o cunho do irrevogável, devia esse gênio associar em si, na frase de Macaulay,^{[103](#)} “alguns dos dotes mais de eleição que já couberam em sorte aos filhos dos homens”.

Se teve falhas, não esqueçamos que *os grandes homens se constituem tanto dos seus defeitos quanto das suas virtudes.*^{[104](#)}

Rui Barbosa
Dezembro de 1887

NOTAS

¹ THACKERAY, W. M. *The English Humorists of the Eighteenth Century*. Leipzig: Tauchnitz Editions, 1853. p. 52.

² SAINT-VICTOR, Paul de. *Hommes et dieux*; études d'histoire et de littérature. Paris: Calmann-Lévy, 1882. p. 501.

³ MONTESQUIEU. *Notes sur l'Angleterre*.

⁴ HEINE, H. *Vermischte Schriften*.

⁵ TAINE, H. *Histoire de la littérature anglaise*. Paris: Librairie de L. Hachette et Cie., 1864. v. IV, pp. 6, 13, 21 e 81.

⁶ *Id.*, pp. 10 e 81.

⁷ ROSCOE, Thomas. Life and Works of Jonathan Swift. In: *The Works of Jonathan Swift*. Londres: Henry G. Bohn, 1843. v.1, p. LXXXI.

⁸ FORSTER, John. *The Life of Jonathan Swift*. Londres: J. Murray, 1876. v. I, pp. 27-28, 31-33 e 41. — Ver: BUDGELL, E. In: *The Spectator*, abr., 1712, n. 353, Edições de H. Morley, p. 515 e n. Edição fac-similar.

⁹ FORSTER, John. *Op. cit.* p. 41.

¹⁰ TAINE, H. *Les Origines de la France Contemporaine*. Paris: Librairie de L. Hachette et Cie. v. III, p. 187; v. II, pp. 96-97.

¹¹ TAINE, H. *Histoire de la littérature anglaise*. Paris: Librairie de L. Hachette et Cie., 1866. v. I, p. xv.

¹² BRUNETIÈRE, F. Le Livre du prince Napoléon. In: *Revue des deux mondes*, 1^{er} oct. 1887, p. 682.

¹³ *Id.*, p. 686.

¹⁴ *Ib.*, p. 687.

¹⁵ TAINE, H. Dernière partie. In: *Revue des deux mondes*, 1^{er} mar. 1887, p. 11.

¹⁶ TAINE, H. Swift. In: *Histoire de la littérature anglaise*. Paris: Librairie de L. Hachette et Cie., 1864. v. II, p. 164.

¹⁷ FORSTER, John. *Op. cit.* pp. 31-segs.

¹⁸ LECKY, W. E. H. *The Leaders of Public Opinion in Ireland*. Nova York: D. Appleton and Co., 1883. p. 60.

¹⁹ DELANY, Patrick. *Observations upon Lord Orrery's Remarks on the Life and Writings of Dr. Jonathan Swift*. Londres: W. Reeve, 1754.

²⁰ MACAULAY, T. B. M. *The Works of Lord Macaulay: Complete*. Londres: Longmans, Green, and Co. 1873. v. VII, p. 106.

²¹ ROSCOE, Thomas. *Op. cit.* p. xxxvii.

²² LECKY, W. E. H. *Op. cit.* pp. 15 e 61. — STEPHEN, Leslie. *Swift*. Londres: Macmillan and Co., 1882. p. 116.

²³ RÉMUSAT, Charles de. *L'Angleterre au XVIIIe siècle*. Paris: Didier Co., Libraires Editeurs, 1857. t. I, p. 424.

²⁴ LECKY, W. E. H. *Op. cit.* p. 61.

²⁵ JOHNSON, Samuel. *The Lives of the English Poets*. Londres: J. B. Dove, 1826. v. II, p. 189.

²⁶ BROUGHAM. *Works*. Edimburgo: Adam and Charles Black, 1872. v. II, p. 364. — BOSWELL, James. *Tour to the Hebrides*. Londres: Henry Baldwin, 1791.

²⁷ THACKERAY, W. M. *Op. cit.* p. 51.

²⁸ STEPHEN, Leslie. *Op. cit.* p. 104.

²⁹ LECKY, W. E. H. *Op. cit.* p. 15

³⁰ MACAULAY, T. B. M. *Op. cit.* Londres: Longmans, Green and Co., 1871. v. VI, p. 315.

³¹ FORSTER, John. *Op. cit.* p. 227.

³² *Id.*, pp. 228-229.

³³ [BAUDELAIRE, Charles. *Oeuvres posthumes*. Paris: Maison Quantin, 1887. pp. 107 e 127.](#)

³⁴ [JOHNSON, Samuel. *Op. cit.* v. II, p. 181.](#)

³⁵ [FORSTER, John. *Op. cit.* p. 137.](#)

³⁶ [STEPHEN, Leslie. *Op. cit.* pp. 141-142.](#)

³⁷ [*Id.*, p. 193.](#)

³⁸ [THACKERAY, W. M. *Op. cit.*](#)

³⁹ [JEFFREY, F. *The Contributions to the Edinburgh Review*. Nova York: D. Appleton and Company, 1870. p. 88.](#)

⁴⁰ [LECKY, W. E. H. *Op. cit.* p. 17.](#)

⁴¹ [GARNETT, Richard. Swift. In: *Encyclopaedia Britannica* \(9ª edição\). Nova York: Charles Scribner's Sons, 1887. v. XXII, p. 763.](#)

⁴² [STEPHEN, Leslie. *Op. cit.* pp. 134-135.](#)

⁴³ [LECKY, W. E. H. *Op. cit.* pp. 55-56.](#)

⁴⁴ [*Id.*, p. 137.](#)

⁴⁵ [MACAULAY, T. B. M. *Op. cit.* v. I, p. 515; v. II, p. 188; v. VI, pp. 270-278.](#)

⁴⁶ [ROSCOE, Thomas. *Op. cit.* p. xv.](#)

⁴⁷ [LECKY, W. E. H. *Op. cit.* p. 13.](#)

⁴⁸ [FORSTER, John. *Op. cit.* p. 123.](#)

⁴⁹ [LECKY, W. E. H. *Op. cit.* p. 21.](#)

⁵⁰ [STEPHEN, Leslie. *Op. cit.* pp. 74 e 79. — JOHNSON, Samuel. *Op. cit.* v. II, p. 186.](#)

⁵¹ [JEFFREY, F. *Op. cit.* p. 88.](#)

⁵² [LECKY, W. E. H. *Op. cit.* p. 41.](#)

⁵³ [ROSCOE, Thomas. *Op. cit.* p. LXIX.](#)

⁵⁴ [LECKY, W. E. H. *Op. cit.* p. 198.](#)

⁵⁵ [STEPHEN, Leslie. *Op. cit.* p. 165.](#)

⁵⁶ [*Id.*, pp. 150 e 165.](#)

⁵⁷ [*Ib.*, p. 150, fine.](#)

⁵⁸ [TAINE, H. *Op. cit.* v. IV, pp. 25-26.](#)

⁵⁹ [STEPHEN, Leslie. *Op. cit.* p. 153.](#)

⁶⁰ [LECKY, W. E. H. *Op. cit.* p. 46.](#)

⁶¹ [JOHNSON, Samuel. *Op. cit.* v. II, p. 177.](#)

⁶² [STEPHEN, Leslie. *Op. cit.* p. 154.](#)

⁶³ [LECKY, W. E. H. *Op. cit.* p. 46.](#)

⁶⁴ [RIPLEY, George; DANA, Charles A. \(Org.\). *The American Cyclopaedia: A Popular Dictionary of General Knowledge*. Nova York: D. Appleton and Company, 1881. v. V, p. 26.](#)

⁶⁵ [LECKY, W. E. H. *Op. cit.* p. 61.](#)

⁶⁶ [ROSCOE, Thomas. *Op. cit.* p. LXXVIII.](#)

⁶⁷ [BALLANTYNE, Archibald. Prefácio. In: *Lord Carteret: A Political Biography, 1690-1763*. Londres: Richard Bentley & Son, 1887.](#)

⁶⁸ [POPE, Alexander. Livro I. In: *The Dunciad*.](#)

⁶⁹ [JOHNSON, Samuel. *Op. cit.* p. 185.](#)

⁷⁰ [ROSCOE, Thomas. *Op. cit.* p. LXXIX.](#)

⁷¹ [SWIFT, Jonathan. *Miscellaneous Poems*.](#)

⁷² [Supõe-se que a sua doença, cujos comemorativos foram reunidos, em 1849, pelo dr. Wilde, *Closing Years of Dean Swift's Life*, era a moléstia de Menière, só muito mais tarde registrada nos quadros patológicos. In: CRAIK, Henry. *The Life of Jonathan Swift*.](#)

⁷³ [STEPHEN, Leslie. *Op. cit.* p. 184.](#)

⁷⁴ [GARNETT, Richard. *Op. cit.*, vol. XXII, p. 762. — JOHNSON. *Op. cit.*, vol. II, pp. 186-7. — ROSCOE. *Op. cit.*, p. 23.](#)

⁷⁵ [BERKELEY, George. *The Querist*. nos 136, 322-323.](#)

⁷⁶ GARNETT, Richard. *Op. cit.*, p. 767.

⁷⁷ CRAIK, George L. *A manual of English Literature*, p. 351.

⁷⁸ “Jonathan Swift scheint in der satirischen Erzählung die Weise des Rabelais zu erneuem, entwickelt darin aber eine hohe originalitat”.In: SCHERER, Wilhelm. *Geschichtt der deutschen Litteratur* (3ª edição). Berlim: Weidmann, 1885. p. 371.

⁷⁹ VOLTAIRE, Carta 22. In: *Lettres sur les Anglais*.

⁸⁰ HALLAM, Henry. *Introduction to the Literature of Europe*. Londres: John Murray, 1879. v. IV, p. 336.

⁸¹ GARNETT, Richard. *Op. cit.* p. 763.

⁸² STEPHEN, Leslie. *Op. cit.* pp. 37 e 40.

⁸³ SCHERER, Wilhelm. *Op. cit.* pp. 465-466.

⁸⁴ SYMONDS, J. A. *Shelley*. Londres: Macmillan and Co., 1884. pp. 56-segs.

⁸⁵ LEWIS, George Cornwall. *A Treatise on the Methods of Observation and Reasoning in Politics*. Londres: John W. Parker and Son, 1852. v. II, p. 271.

⁸⁶ STEPHEN, Leslie. *Op. cit.* p. 170.

⁸⁷ GARNETT, Richard. *Op. cit.* p. 766.

⁸⁸ TAYLOR, W. C. Biographical Notice. In: *Swift's Work*, p. 37.

⁸⁹ STEPHEN, Leslie. *Op. cit.* pp. 180-181.

⁹⁰ [LECKY, W. E. H. *Op. cit.* p. 22.](#)

⁹¹ [POPE, Alexander. *Op. cit.*](#)

⁹² [LECKY, W. E. H. *Op. cit.* p. 61.](#)

⁹³ [TAINÉ, H. *Op. cit.*, pp. 42-44.](#)

⁹⁴ [GARNETT, Richard. *Op. cit.*](#)

⁹⁵ [SAINT-VICTOR, Paul de. *Anciens et modernes*. Paris: Calmann Lévy. p. 511.](#)

⁹⁶ [EMERSON, R. W. *English Traits*. Londres: G. Routledge & Co., 1886. p. 131.](#)

⁹⁷ [JOHNSON, Samuel. *Op. cit.* v. II, p. 192.](#)

⁹⁸ [CRAIK, George L. *Op. cit.*, pp. 350-351.](#)

⁹⁹ [THACKERAY, W. M. *Op. cit.* p. 16.](#)

¹⁰⁰ [GARNETT, Richard. *Op. cit.* p. 767.](#)

¹⁰¹ [MACAULAY, Thomas Babington. *Works*. Londres: Longmans, Green and Co., 1866. v. VI, p. 315.](#)

¹⁰² [COOKE, G. Wingrove. *Memoirs of Lord Bolingbroke*. Londres: R. Bentley, 1835. v. I, pp. 222-segs.](#)

¹⁰³ [MACAULAY, Thomas Babington. *Op. cit.*, p. 649.](#)

¹⁰⁴ [RENAN, Ernest. *Histoire du peuple d'Israel*. Paris: Calmann Lévy Éditeur, 1887. t. I, p. 12.](#)

Swift

A obra de Jonathan Swift acha-se tão entrelaçada com os acontecimentos capitais de sua vida solitária e enigmática que seria francamente inútil querer apreciá-la apenas pelo prisma estético.

Com os seus rancores, os seus terríveis arremessos de lutador, a sua impiedade com os adversários e a sua esquisita ternura com as raras pessoas que lograram penetrar o círculo sagrado de seu afeto, o homem representava

nele a medida de sua própria obra, esta sendo o complemento natural daquele.

Pode-se ter uma percepção significativa desse fenômeno pelo seu retrato geralmente conhecido. É o de uma personalidade enérgica e voluntariosa, assinalada implacavelmente pelo destino para fazer prevalecer sua grandeza desproporcionada, a golpes de força, de obstinação e de orgulho.

Quem o contempla através dessa imagem, que o perpetuou no momento culminante de sua existência, fixando-o em pleno apogeu do poder político, custa a admitir que, por trás daquela máscara severa, com seu ar ligeiramente escarninho, traquinava o espírito do humorista universalmente célebre por um livro que, há dois séculos, diverte as crianças de todas as partes do mundo.

Essa antítese é, não obstante, um dos traços sensíveis da relação íntima, embora complexíssima, entre o homem e a obra, somente sendo possível entendê-la acompanhando-a desde as circunstâncias singulares que envolveram o advento e os primeiros anos de sua vida.

Jonathan Swift nasceu em Dublin a 30 de novembro de 1667.

Sua entrada no mundo deu-se prematuramente, sete meses após a morte de seu pai. E, embora tenha ele procurado dissipar qualquer dúvida sobre a legitimidade paternal, comentando ironicamente que ainda viera a tempo de torná-la incontestável, a verdade é que um dos enigmas de sua existência reside precisamente nessa circunstância de ordem por dizer *ab ovo*.

Alguns dos seus biógrafos, dando curso a murmurações indiscretas e talvez simplesmente malévolas, mostram-se inclinados a sustentar que seu nascimento não foi prematuro, mas após o termo comum de nove meses e que, em consequência, ele era filho natural.

Como quer que seja, o desaparecimento do pai de Swift teve um efeito lamentável sobre o seu destino, obrigando-o a viver os primeiros anos sob a dependência de um tio, pelo qual nutriu apenas rancor.

Em sua maturidade, ainda dominado pelo ressentimento de humilhações e maus-tratos sofridos em sua infância, disse Swift que o casamento de seus pais fora uma imprudência de ambas as partes, da qual, como filho póstumo, veio a padecer as iníquas consequências, nem só durante a fase de sua educação, como pela maior parte de sua existência.

Quando tinha apenas um ano de idade, sucedeu outro fato estranho que havia de influir profundamente em sua sensibilidade, fadada desde o berço a passar pelas mais acerbos experiências.

Sua aia, transportando-se para a Inglaterra, resolvera levá-lo consigo

secretamente e só dois anos depois o restituiu à sua mãe. Filho de pais ingleses e tendo nascido acidentalmente em Dublin, Swift costumava insinuar, em conversa, que nascera na Inglaterra, aduzindo sardonicamente que fora trazido de lá para a Irlanda numa caixa de chapéus...

Com a idade de seis anos começou a frequentar a escola, a expensas de seu tio, Godwin, a respeito de quem desabafou mais tarde: “Ele me deu a educação de um cão!” Conta-se que lhe replicaram: “Mas não tendes a gratidão da espécie!”

Em seus 14 anos, Swift ingressou na Universidade de Trinity, por onde passou sem deixar nenhum traço de inteligência excepcional ou meramente brilhante. Pelo contrário, entregue a jogos de cartas e à poesia, sem manifestar interesse por qualquer outra coisa, esse aluno desabusado, que não podia entender lógica, física, metafísica, filosofia, matemática e outras matérias do currículo, somente no breve espaço de dois anos teve mais de setenta punições, por irregularidades de conduta e de estudo.

Afinal, obteve o grau de bacharel, mas por uma condescendência especial (*speciali gratia*) da congregação.

Esse beneplácito, com o qual as autoridades universitárias reconheceram de algum modo os seus méritos, converteu-se para Swift numa humilhação insuportável, e, quando já desfrutava da reputação de um grande espírito, era com requinte de sarcasmo que ele proclamava: “Contemplai em mim a estupidez e a incapacidade que o Colégio de Trinity reprovou!”

Em 1688, com a morte de seu tio e as devastadoras consequências da revolução irlandesa, Swift transferiu-se para Leicester, na Inglaterra, onde já estava sua mãe, também acossada como ele pela necessidade.

Ali teve ele sua iniciação sentimental com a jovem Betty Jones, prima de sua mãe, que não aprovou o derriço. Essa primeira crise extinguiu-se em seguida e a rapariga veio a casar com um estalajadeiro.

Desde 1689, passara Swift a servir como uma espécie de secretário particular de Sir William Temple, com o qual seus tios maternos mantiveram antigas relações.

Temple, voluntariamente retirado da vida pública, recolhera-se à sua mansão rural de Moor Place, onde os prazeres da leitura e do campo o deixavam alheio a todas as seduções do mundo político, para o qual voltara as costas uma vez por todas.

Essa nova sujeição, a que Swift tivera de submeter-se por falta de recursos, foi outro espinho a dilacerar para o resto da vida a sua sensibilidade

prontamente exacerbável de verdadeiro conjurado do destino.

Durante os primeiros anos, Temple não lhe dispensava tratamento condigno e era com os fâmulos da casa que ele fazia as suas refeições, somente sendo admitido à mesa principal muito tempo depois.

Nessa época inicial, Swift não seria mais que um simples amanuense daquele imponente patrão que passava despreocupadamente o tempo a redigir os seus melífluos ensaios sobre o jardim, a longevidade, a virtude ou a poesia.

Quando Swift fez a sua primeira tentativa de romper os vínculos que o prendiam a Moor Place, voltando para a Irlanda, Temple deu-lhe uma carta de recomendação para Sir Robert Southwell, em que declarava a respeito de seu dependente: “Ele viveu em minha casa, fez leituras e escreveu para mim, e, nas raras ocasiões em que isso se tornou necessário, encarregou-se de minhas contas. Conhece latim e grego, algo de francês, redige bem, é muito honesto e diligente, e possui bons amigos na Irlanda, onde alguns deles perderam seus haveres.”

Conquanto principalmente desejoso de livrar-se daquela dependência dessoradora, graças à qual entretanto pudera preencher os claros de sua educação, com a leitura cotidiana dos clássicos durante largas horas, Swift contava poder restabelecer-se em outra parte de uma doença do estômago que o afligira gravemente predispondo-o a náuseas. Além desse mal, foi acometido de surdez e outras enfermidades que culminaram na loucura, em seus derradeiros anos.

Apesar da carta de recomendação de Temple e de seus desesperados esforços pessoais por iniciar carreira em seu país natal, Swift de lá retornou, desiludido, para submeter-se novamente à sujeição de Moor Place.

No ano seguinte, deu outro passo para sua libertação, conseguindo o título de doutor em teologia na Universidade de Oxford. O certificado do Colégio de Trinity testemunhando sua passagem por lá não continha porém nenhuma referência à maneira deprimente como ele obtivera o grau de bacharel naquele estabelecimento...

Temple não acolheu com agrado a habilitação de seu secretário para a carreira eclesiástica e sua frieza, que o irritava surdamente, deixando-o atônito, sem compreender a causa de seu mutismo glacial, às vezes durante dois ou três dias, tornou-se ainda mais incômodo, obrigando finalmente Swift a partir de novo para a Irlanda, mas com a ajuda de Temple, graças a cuja interferência conseguiu sua nomeação para o canonicato de Kilroot, na

diocese de Connor, mediante a exígua remuneração anual de 100 libras.

Era uma triste e irrisória conquista para quem já experimentava intensamente a sede de ação e de poder.

Havia um símbolo mofo a ilustrar constantemente o desproporcionado entre as aspirações e as conquistas de Swift, através de toda a sua existência. Muitos anos depois, escreveu ele a lorde Bolingbroke que, em menino, estando a pescar, chegara a trazer até ao chão um grande peixe, mas que este escapara, voltando à água, e com isso tivera uma contrariedade tão grande que ainda o atormentava, pois percebera que, naquele fracasso, estava um sinal de seus futuros malogros.

Entre a prebenda de Kilroot e o seu retorno ainda uma vez a Moor Place, travara Swift conhecimento com Jane Waring (Varina), uma de suas eleitas, por quem sentiu de súbito um fervor apaixonado que o levaria, numa carta, imperiosamente como era de seu feitio, a intimá-la a se casar com ele ou prometer fazê-lo de maneira formal.

Mais tarde, noutra carta, estabeleceu rigidamente as condições em que poderia se casar com Varina. A razão imperava finalmente onde fervilhara antes a paixão. Swift tinha readquirido o poder de raciocinar friamente com a amada e o que parecia talhado para a eternidade não tardou muito a desaparecer. Era um amor como os outros, sem uma chama realmente vigorosa para o aquecer a vida inteira.

Retornando à dependência de Temple, Swift desfrutava enfim a prerrogativa de legítimo secretário. Já havia desempenhado missão especial e reservada junto ao rei e o velho político não hesitava em confessar que ele lhe era extremamente útil. Isso ficou bem esclarecido quando Swift correu a defendê-lo dos ataques provocados pelo seu panfleto sobre “a batalha dos livros”, através de outro panfleto, onde o ardor da defesa não exclui a ironia disfarçada com que procurava salvar as deficiências de cultura do antigo patrão. Como um perfeito advogado do diabo, acabava por envolver em sua sátira os contendores de ambas as partes.

Sob o teto de Temple é que Swift conheceu a menina Esther Johnson, que, posteriormente, veio a ser a Estela de sua mais obstinada e misteriosa devoção amorosa.

Swift foi o seu primeiro preceptor e, de algum modo, nunca o deixou de ser até os seus derradeiros dias, como o denunciavam as suas cartas e o *Diário a Estela*, onde os erros ortográficos da amada eram infalivelmente corrigidos, embora com achegas de carinho.

Em Moor Place, escreveu Swift o panfleto *A Tale of a Tub* (*Conto do tonel*) que, publicado anonimamente como quase todas as suas obras, em 1704, criou para si a auréola de consumado escritor.

Todavia, essa mesma obra, a cujo respeito ele próprio se referiu com justificado orgulho, admitindo que revelava a presença de um gênio, representa uma sátira sobre as principais seitas do país que seus desafetos ou adversários exploraram capciosamente contra as suas naturais aspirações, na carreira eclesiástica.

O admirável livro transformou-se assim numa arma bigúmea, com uma de suas lâminas voltadas contra o próprio autor. Swift não tinha dúvida sobre a sua predestinação à luta, quando se julgava designado pela Providência para defender os legítimos interesses da religião, sem se intimidar jamais com o número crescente de opositores e inimigos.

William Temple morreu em 1699, deixando-lhe, com um legado de 100 libras, o encargo de organizar as suas obras para uma edição definitiva.

Passando a servir como capelão e secretário de lorde Berkeley, em Dublin, viu-se Swift ainda uma vez preterido em suas pretensões, por ser considerado muito jovem, ao pleitear o lugar de deão de Derry, sendo-lhe conferido finalmente, como especial munificência do arcebispo de Dublin, o canonicato de Dunlevin; na Catedral de St. Patrick's, templo a que o seu nome e a sua carreira religiosa ficariam indissolavelmente ligados para sempre.

Na escala de suas aspirações, Swift tinha já passado por uma série de experiências desanimadoras, até descambar para o pessimismo e a misantropia que formariam o resíduo moral de toda a sua obra de maturidade.

Comentando o estado de espírito em que o deixara a última decepção com lorde Berkeley, em cujo lar tivera aliás alguns dos raros dias realmente tranquilos e felizes de sua existência, diz um dos seus biógrafos que, nessa altura, o coração de Swift estava já lacerado irremediavelmente pelo rancor: rancor do pai e da mãe por terem-no trazido ao mundo em circunstâncias tão críticas; do tio Godwin por lhe ter dado “a educação de um cão”; de Sir William Temple por não tê-lo tratado como a um igual e de lorde Berkeley por não ter feito dele um deão ou um bispo.

Pouco antes daquele mais recente desengana, Swift procurara fixar seu ressentimento da vida e as suas preocupações de ética pessoal em alguns postulados que evidenciam a extensão e a gravidade de seus complexos:

- “1.º — Não casar com mulher jovem.
2.º — Não me afeiçoar às crianças ou impedir que se aproximem facilmente de mim.
3.º — Não contar a mesma história repetidas vezes ou às mesmas pessoas.
4.º — Não negligenciar a decência do asseio físico para evitar cair em imundície.”

Revelando a sua desilusão radical, Swift escreveu nessa mesma ocasião um pensamento que lhe definiu o pessimismo absoluto: “Deus não deve ter facultado a vida como um benefício para a humanidade.” Quando, alguns anos mais tarde, morreu a filha do duque d’Ormond, voltou ele a esse pensamento, acrescido de uma forte dose de misantropia, através de uma carta, dizendo: “Abomino a vida, quando a imagino exposta a acidentes tais; e, ao ver milhares de miseráveis pesando sobre a terra, enquanto desaparecem criaturas como essa, chego a conjecturar que Deus não nos quis dar um benefício com a vida.”

É curioso observar que não obstante sua prevenção contra as crianças, a julgar por um daqueles postulados, o severo moralista deixara-se afeiçoar a Esther Johnson quando esta era ainda menina, e, embora as suas ligações com ela terem durado toda a sua existência, presumivelmente sem transpor o plano espiritual, nunca se decidiu a esposá-la, já que a versão do casamento secreto não encontra apoio em nenhum documento.

A prebenda de Dunlevin permitiu-lhe viver em Laracor, lugar ermo e sossegado, cuja comunidade estava limitada a cinquenta pessoas, reduzida demais para um clérigo de tal envergadura.

A fim de entrar em contato com o mundo e praticar com as suas relações — a conversação tornara-se uma arte extraordinariamente prestigiosa nessa época —, Swift visitava frequentemente Dublin, onde tinha cômodos que, em sua ausência, eram ocupados por Estela e sua companheira Dingley. As duas amigas estavam já residindo na Irlanda, a conselho de Swift.

Em 1701, surgiu anonimamente o seu primeiro trabalho publicado, *Discourse of the Dissensions between the Nobles and Commons in Athens*

and Rome, cujo sentido político favorável à parcialidade dos *whigs* abriu campo a violentas discussões, sendo sua autoria atribuída a vários panfletários.

Numa das suas permanências em Londres, Swift confessou ser autor do debatidíssimo panfleto e foi em seguida admitido na intimidade de Somers, Halifax e outros próceres do partido, que detinha então o poder, estando no trono a Rainha Ana.

Por outro lado, a publicação de *A Tale of a Tub* e de *The Battle of Books*, em 1704, valeu-lhe a estima e a admiração de alguns dos espíritos mais eminentes da época, como Addison, Steel, Congreve, Arbuthnot e outros que levavam a arte da conversação, nos clubes e nos cafés (*coffee-house*) e a arte do ensaio, na imprensa, a um grau insuperável.

A ação de Swift deslocara-se progressivamente para a Inglaterra, atingindo sua fase culminante e sensacional entre 1710 e 1713, quando residiu em Londres e, tendo-se passado para os *tories*, foi um formidável sustentáculo do partido, por sua combatividade jornalística, à frente do *Examiner*.

A sua excepcional ascendência política nesse período pode ser aquilatada por algumas natas do *Diário a Estela*, onde Swift, quase sempre em camisa de dormir, à luz da vela de cabeceira da cama, registrava os acontecimentos de cada dia, assinalando os seus sucessivos encontros com as mais altas figuras da aristocracia e do governo, em circunstâncias particularmente honrosas para ele.

Em seus desapiedados excessos de panfletário político, Swift não poupava nem mesmo aqueles antigos correligionários a que estava ou estivera ligado por laços de profunda amizade, como Addison, dentre outros.

Sua pena transformara-se num instrumento de injúrias e obfurgatórias que estraçalhava as reputações sem se deter em qualquer obstáculo de escrúpulo pessoal.

Quando os *tories* galgaram o poder, que a clava desse gigante da imprensa ajudara denodadamente a conquistar, parecia que chegara a vez de Swift obter uma compensação à altura de seus méritos e de seus serviços.

Vagando-se a Sé de Hereford, Oxford pleiteou o lugar para Swift, porém inutilmente. A rainha Ana, trabalhada pela intriga contra o clérigo que ousara ridicularizar a religião no *Conto do Tonel*, nomeou outro.

Mais uma vez, Swift via confirmar-se a antiga suspeita de que o seu destino era o de um pescador malogrado: os grandes peixes escapavam-lhe

sempre...

Pouco depois, como um pequeno reparo àquela preterição mesquinha, foi ele nomeado deão da Catedral de St. Patrick's. Pressentindo que seria o derradeiro passo de acesso em sua carreira eclesiástica, Swift recebeu esse novo posto como “um honroso exílio”.

Com a derrota dos *tories*, em 1714, esse exílio adquiriu o aspecto intratável de rijo ostracismo, agravado por uma série de perseguições intoleráveis.

Até certa altura, simultaneamente com os deveres religiosos que ele cumpria a rigor, a fascinação amorosa de duas mulheres — Estela e Vanessa — constituía empolgante derivativo espiritual para o deão, condenado pela mediocridade grimpante a expiar duramente a audácia de ser um grande homem.

Esther Vanhomrigh, por quem Swift se deixara enfeitiçar, em Londres, à mesma época em que mantinha correspondência diária com Estela, tornou-se universalmente conhecida pelo apelido que ele lhe deu de Vanessa e inspirou-lhe um de seus poemas mais famosos, *Cadenus and Vanessa*, onde esclarece a natureza de suas relações com sua nova musa.

Os amores de Swift passaram à categoria das coisas legendárias. Aparentemente, jamais existiu um homem tão impermeável às solicitações do outro sexo e, entretanto, duas mulheres — Estela e Vanessa — prenderam-se a ele de maneira arrebatada.

“Swift foi o verdadeiro Don Juan: duas mulheres morreram por ele”, disse Oscar Wilde num dos seus paradoxos que, desgraçadamente, corresponde a uma realidade pungente da vida do deão.

Seus amores de eunuco, na expressão de Saint-Victor, parece não terem atravessado jamais a linha de recato que as cartas trocadas entre os singulares amantes deixam perceber tão claramente.

Vanessa, mais insofrida e impetuosa em seus ardores, quis transpor imprudentemente essa barreira tentando obrigar Swift a se definir entre ela e a sua rival, porém não resistiu muitos dias a um olhar fulminante do deão. Sabe-se que este, indignado com a sua atitude, penetrando abruptamente na casa de Vanessa, atirou-lha a última carta aos pés e, sem dizer palavra, já de retirada, desfechou-lhe um olhar tão carregado de cólera e ódio, que a pobre amorosa morreu daí a dias, sem ter se restabelecido de tão tremendo choque.

Era mulher demais para amar somente a um espírito e, afinal, Swift não foi senão isso para as mulheres que penetraram a esfera agitada de seu

destino.

Quanto a Estela, pôde manter até o fim o fogo interior de sua paixão bem-comportada e aquecê-la da frieza sexual do deão.

Afirma-se que se casaram secretamente pouco antes da morte de Vanessa. Por que secretamente? E por que continuaram a viver separadamente? Sobretudo, por que continuaram a se encontrar somente em presença de outra pessoa, a senhora Dingley, companheira de casa de Estela?

Eis um dos enigmas da vida do deão que interferem estranhamente com os seus amores.

Havia uma incompatibilidade oculta para a completação natural daquele grande afeto que durou quarenta anos. Mas, qual?

Por ilação de alguns biógrafos, a causa verdadeira teria sido a imaturidade sexual de Swift.

Posteriormente, surgiram duas outras hipóteses, como aquela, difíceis de provar: por uma delas, Swift e Estela seriam filhos naturais de um mesmo pai, provavelmente William Temple; pela outra, seriam tio e sobrinha, também por efeito de origens espúrias.

Tudo isso, porém, são apenas conjecturas que, como tantas outras, só têm contribuído para tornar ainda mais ambígua e pitoresca a história já de si complicada dos estranhos amores do deão.

A primeira ambiguidade faz-se logo notar no *Diário a Estela*: é a da chamada *little language*, invenção pueril com a qual Swift interpolava as suas anotações diárias de uma combinação esdrúxula de letras e palavras que somente Estela e sua companheira podiam entender.

Essa linguagem era um artifício destinado ordinariamente a propiciar carícias e afagos que o deão sentiria impróprio ou temerário fazer de outra maneira.

Era o anteface da ternura reprimida, com a qual se entremostrava furtivamente uma alma que, embora sensível à delicadeza do outro sexo, relutava em se abandonar ao desvario de uma paixão amorosa.

Mas, não se pense que a linguagem cifrada do deão contenha algum subentendido impuro. Nada disto. A única passagem maliciosa de todo o *Diário* é talvez aquela onde Swift diz imaginar que, no momento, Estela, saltando da cama, deixa ver a sua branca perna...

Em geral, as cartas ou anotações diárias eram invariavelmente consagradas a fixar a intriga política em que Swift andava enredado e os fatos mais corriqueiros que se passavam consigo, e só por isso tal referência àquele

pormenor anatômico de Estela adquire ali uma significação invulgar. E um traço casual de sensualidade, tão raro num homem como Swift, a contrastar com o tom comum do *Diário*.

Não há dúvida que, apesar de todas as suas reservas, o homem Swift acabou se retratando em corpo inteiro através dessas anotações que, abrangendo um dos períodos culminantes de sua vida pública, não se limita a ser o diário de um homem dominado pelo amor de uma mulher. E sobretudo a história de um grande espírito em suas relações às vezes penosas com a vida cotidiana, sob o signo do êxito, numa hora decisiva de seu destino.

A nós outros brasileiros, não deixa de ser interessante verificar que ali se fala seguidamente no fumo do Brasil, com o qual Swift, de vez em quando, presenteava a companheira de Estela que tinha o vício de mascar.

Quando a cidade do Rio de Janeiro caiu em poder dos franceses, Swift escreveu a Estela: “Estamos profundamente mortificados com as novas de que os franceses tomaram a capital do Brasil aos portugueses.”

Nesse registro, feito em tais termos, influi talvez apenas o sentimento nacional de rivalidade contra a ampliação do poderio francês nestas bandas da América, porque o Brasil de então seria pouco mais para Swift que um país semisselvagem, produtor de fumo...

Por ocasião da morte de Estela, em 1728, estando seu corpo ainda insepulto, vergado sob a dor de tão grande perda, Swift escreveu a seu respeito uma das páginas mais impressionantes da literatura inglesa pela surpreendente expressão comedida de seu grave e profundo conteúdo emocional.

Havia poucos anos que ele, rompendo os grilhões de cordel com que os pigmeus locais tinham procurado submetê-lo à inércia, iniciara a campanha política ou antes cínica em prol das reivindicações de sua pátria contra a Grã-Bretanha.

Sua primeira e grande batalha ganha contra o governo britânico teve por veículo de ataque as célebres *Cartas de Drapier*, por meio das quais condenou com a mais extrema violência e indignação uma nova cunhagem de moedas de cobre julgada altamente prejudicial aos interesses do povo.

Afirmar-se que Swift fora levado a esse e outros movimentos de hostilidade e revolta, menos pela condição miserável do país do que por seu rancor contra os governantes de Londres, de onde trouxera feridas que nunca cicatrizaram.

Convertido em herói popular, embora sem nenhum entusiasmo pelo

povo, de quem se tornara um ídolo, Swift podia então ameaçar orgulhosamente os opressores de seu país, com os quais tinha velhas contas a ajustar, insinuando que bastaria levantar o dedo para o mundo se esboroar sobre as suas cabeças.

Mas, não obstante o fragor de suas pugnas panfletárias, a morte de Estela deixara-o condenado a uma solidão crescente e estéril, em cujo bojo seu furor contra a vida dilatava os tentáculos como um polvo gigantesco, até que a loucura veio retirá-lo do convívio dos homens, que ele apenas odiava.

Conta-se que, observando uma árvore que começava a fenecer pelo tope, Swift virou-se para um amigo, dizendo: “Hei de acabar como aquela árvore!” E assim foi. Como uma árvore, o deão morreu lentamente, prisioneiro solitário e taciturno da insânia que o garroteou durante os últimos dez anos de sua existência.

No *Conto do tonel*, tinha ele feito, como Erasmo, o elogio da loucura. Em outro panfleto, projetara a criação de um hospital para incuráveis morais, página que contribuiu de qualquer modo para sugerir a Machado de Assis a ideia de um dos seus melhores contos: “O Alienista”.

Quando escreveu seu testamento, Swift legou um terço de seus haveres para a construção de um asilo para os loucos. E um frêmito de insânia ainda parece fazer estremecer a lápide que lhe oculta os restos mortais, num recanto da Catedral de St. Patrick’s, onde crepitam como lagartas de fogo as palavras de um dos epitáfios mais célebres de todos os tempos:

HIC DEPOSITUM EST CORPUS
JONATHAN SWIFT, S. T. P.
HUIUS ECCLESIAE CATHEDRAUS
DECANI:
UBI SAEVA INDIGNATIO
ULTERIUS COR LACERARE NEQUIT.
ABI, VIATOR,
ET IMITARE, SI POTERIS
STRENUUM PRO VIRIUM UBERTATIS VINDICEM.
OBIIT ANNO (1745);
MENSIS (OCTOBRIS) DIE (19);
AETATIS ANNO (78).

(“Aqui jaz o corpo de Jonathan Swift, doutor em teologia e deão desta Catedral, onde colérica indignação não poderá mais dilacerar seu coração. Segue, passante, e imita, se pudeses, esse que se consumiu até o extremo pela causa da Liberdade. Falecido a 19 de outubro de 1745, com a idade de 78 anos.”)

A complexidade de caráter em Swift refletiu-se em todas as suas obras mais significativas, porém, a expressão incontestavelmente primacial de sua personalidade era a ironia cáustica, tangenciando frequentemente para o sarcasmo vingador.

Não há dúvida que o que empresta colorido peculiar à obra desse grande espírito, genialmente representativo do chamado século da sátira, é a ironia ou sarcasmo de natureza áspera e ferina.

Costumam os seus críticos mais benevolentes referir-se aos seus atributos de nobreza ou de afabilidade de sentimentos, com os quais Swift pôde conquistar e manter relações de amizade com alguns dos espíritos mais notáveis de seu tempo.

Quando, entretanto, alguém quiser adquirir a noção do espírito de Swift, em suas manifestações de dureza e mesmo de crueldade é que há de encontrar a feição realmente predominante.

Esse espírito, devorado pelo rancor e finalmente por uma misantropia inexorável, já transparecia claramente em seu primeiro panfleto sobre “a batalha dos livros”, sobretudo naquela passagem em que procura ridicularizar Dryden, a quem estava aliás preso por laços de parentesco. Com isso, vingava-se ele de uma opinião do crítico que o havia atingido imperdoavelmente em sua vaidade de autor, quando vaticinara: “Primo Swift, nunca serás poeta!”

Com a lâmina agudíssima desse espírito, Swift tinha o braço sempre armado para desfechar os golpes mais terríveis.

Por exemplo, havia em Dublin um sapateiro chamado Partridge que, professando a arte de predizer o futuro, publicava um almanaque de profecias. Indignado com esse embuste, no começo de 1708, Swift escreveu uma paródia intitulada Predições para o Ano Corrente, na qual, sob o

pseudônimo de Isaac Bickerstaff, Esq., vaticinava, dentre outras coisas, que Partridge morreria no dia 29 de março daquele ano. A 30 de março, fez ele publicar uma carta descrevendo a morte de Partridge. Este, desapontado, apressou-se em declarar que ainda estava vivo, mas Swift replicou, sempre encoberto pelo pseudônimo, num panfleto sob o expressivo título de *Justificação das Profecias de Isaac Bickerstaff*, demonstrando que tal protesto era um rematado disparate, porquanto Partridge tinha realmente morrido, para todos os efeitos, no dia previsto pelo almanaque rival do seu.

Outra vítima desse poder do ridículo foi um certo advogado Bettesworth, satirizado cruelmente por Swift num dos seus poemas sobre uma questão de sectarismo religioso. Tamanha era a influência do deão e de seus escritos, que Bettesworth sofreu verdadeira reviravolta em sua vida, tendo confessado mais tarde que Swift o havia levado à desgraça.

Alguns dos poemas mais significativos de Swift são aliás justamente aqueles em que o *humour* ou a ironia denunciam o lado desagradável ou repugnante da vida e das pessoas.

Nada o indispunha tanto como certos aspectos do corpo humano, particularmente em relação às mulheres. A palidez feminina, que viria ser um dos temas absorventes do romantismo, provocava-lhe náuseas, como fez notar numa passagem do *Diário a Estela* e o curiosíssimo poema em que descreveu uma beldade tirando de si os artifícios com que procurava corrigir a natureza, enquanto se despia em sua alcova, *The Reformed Woman*, é de um realismo que lembra o dos desenhos mais grotescos de Hogarth.

Com o mesmo tom desabusado e rabugento previu ele os comentários que seus amigos fariam quando recebessem a notícia de sua morte, no famoso poema *On the Death of Dr. Swift*, inspirado numa perversa máxima de Rochefoucault, “*Dans l’adversité de nos meilleurs amis nous trouvons toujours quelque chose qui ne nous déplaît pas*”.

Durante muitos anos, Swift dedicou versos a Estela celebrando a passagem de seu aniversário natalício. No ano de 1725, ao invés dos versos habituais resolveu mandar-lhe um poema com o título *A Receipt to restore Stella’s Youth*, em que a compara nada delicadamente a uma vaca, que, exposta pela estação invernososa às intempéries, com a chegada da primavera, voltando a se repastar de grama fresca e saudável, refaz-se prontamente.

Já o título *Receita para restaurar a mocidade de Estela* constituía uma indelicadeza que nenhuma dama de mais de quarenta anos, e Estela estava neste caso, poderia acolher com satisfação. Quanto mais a comparação com

uma vaca!

É interessante frisar que a poesia de Swift é melhor apreciada em nossos tempos exatamente por causa desse e de outros aspectos de seu prosaísmo humorístico, descaindo aliás constantemente para o escatológico.

A esse propósito, sente-se que Yeats, o maior poeta de língua inglesa neste século, tão atraído pelo deão, e, como este, irlandês, não estava longe de seu perigoso influxo, quando escreveu:

*But Love has pitched his mansion in
The place of excrement...*

Até com as suas melhores afeições, Swift praticava a arte de ser desagradável, não havendo nenhum deles talvez que lhe tivesse escapado às farpas da ironia ou do sarcasmo.

Uma vez, dois de seus amigos mais estremecidos, Pope e Gay, foram visitá-lo e, como Swift se mostrasse um tanto espantado com a chegada mais ou menos intempestiva de ambos, um deles explicou:

“É que preferimos a sua companhia a de outras pessoas.

“Se não os conhecesse — respondeu Swift — ficaria desconfiado, mas como vocês já se acham aqui, fiquem para o jantar.

“Mas, já comemos.

“Já? Em caso contrário, que é o que eu lhes daria? Vejamos. Mariscos, 2 xelins; 1 torta, 1 xelim; 1 garrafa de vinho, 2 xelins. Total: 5 xelins. Tome, Pope, eis aqui meia coroa para você e outra para Gay. Eu não admito que alguém venha se entediar de graça em minha casa...”

Se era assim com os seus amigos, o que não seria com o geral e sobretudo com os seus subalternos? O *Diário a Estela*, com os seus frequentes desabafos, alguns à tripa forra, contra o mordomo Patrick, dá perfeita ideia de sua extrema severidade com os domésticos. É, contudo, no

seu estranho livro *Directions to Servants (Instruções aos Domésticos)*, que se tem a medida de sua meticulosa causticidade moral a esse respeito. Constitui verdadeiro código da dissimulação e do engodo, visando todas as situações, para uso dos domésticos, elaborado metódica e minuciosamente, durante vários anos, por um espírito grave que, afinal, parecia divertir-se enormemente em aperfeiçoar a hipocrisia e a corrupção humana.

Outra notável bagatela para a qual Swift passou vinte anos a reunir material e sessenta a digerir e repolir é a obra *Polite Conversation*, onde a pretexto de policiar e melhorar a linguagem mundana, o austero ironista expunha a um ridículo implacável a sociedade contemporânea.

Nessa época, acentuava-se o desenvolvimento da sociabilidade na Inglaterra, onde os cafés e os clubes privados se multiplicavam como centros de reunião social e o jornalismo político instalara-se como uma força incipiente mas já poderosa, prestigiada pelo sopro de liberdade, após a revolução de 1688, que banuiu o último dos Stuarts.

Em sua introdução a esse livro originalíssimo, confessou Swift que não houve tarefa que o tivesse levado a trabalhar tanto como aquela que se traçara de polir todas as partes da conversação entre as pessoas de qualidade que se encontravam acidentalmente ou por efeito de convite em vários lugares. “Sempre trago comigo — disse ele — um livro de notas em meu bolso e, tão depressa deixo alguma companhia, imediatamente registro as principais expressões que escutei durante a visita. Retornando a casa, extraio cuidadosa cópia — capricho de precisão e meticulosidade muito de Swift —, algumas vezes ampliada, e assim organizei a maior parte de minha coleta de vinte anos, mas não compilada por qualquer método.”

Um exemplo dessa coleta repolida pelo gênio sardônico de Swift, através de um diálogo entre duas damas à hora do chá:

“Lady Answ: Que é que pensais de vosso amigo Sir John Spendall?

“Lady Smart: Ah, senhora, a felicidade dele foi o pai ter nascido antes...”

Lembre-se que Swift conheceu as humilhações da orfandade precisada justamente porque o pai morrera antes dele nascer... Não era um *fils-à-papa*, como aquele Sir John Spendall lembrado pelas damas e que é um símbolo de todos os tempos.

A mais trágica bagatela, porém, que Swift compôs foi o célebre ensaio: *Modesta proposta para impedir que os filhos dos pobres na Irlanda pesem sobre os seus pais ou sobre o país, Tornando-os úteis ao público* (1729), com

o qual deixou por longo tempo o mundo em suspenso.

Nessa arrepiante fantasia, para pintar ao vivo a miséria do povo irlandês, Swift atingiu o cúmulo da meticulosidade irônica, em que a frieza do raciocínio alterna com as cores mais sombrias de um quadro verdadeiramente tétrico, como se poderá ver pelo trecho a seguir:

“Assegurou-me um americano que em Londres conheci, homem capaz, que uma criança sadia, bem nutrida, é, na idade de um ano, uma nutrição deliciosa, substancial e sã, assada ou cozida, ensopada ou no forno, e eu não duvido que não possa servir igualmente como fricassé ou como *ragoût*.

“Peço humildemente, ao público, considere que, das 120 mil crianças, poder-se-ia reservar 20 mil para a reprodução da espécie, das quais um quarto seriam masculinos, reservando as 100 mil para, na idade de um ano, serem postos à venda, adquiridas pelas pessoas de qualidade e de fortuna em todo o reino, prevenidas as mães para lhes darem de mamar com fartura, o último mês, de modo a ficarem carnosos e gordos para as boas mesas. Um menino daria dois pratos, em um almoço de amigos; quando a família janta só, a metade dianteira ou traseira daria um prato razoável; temperado com um pouco de pimenta ou de sal, seria bem gostoso, escaldado, no quarto dia, particularmente no inverno.

“Contei que, em média, um menino, que pese 13 libras ao nascer, pode, em um ano, se é passavelmente nutrido, atingir 28 libras.

“Calculei que as despesas de alimentação, para uma criança de mendigo (e neste número, ponho os aldeões, os jornaleiros e quatro quintos dos lavradores), são de cerca de dois xelins por ano, trapos compreendidos, e creio que nenhum gentleman se queixará de comprar por dez xelins o corpo de um bom menino gordo, que lhe dará, pelo menos, quatro pratos de excelente carne nutritiva.

“Os que são poupados (e confesso que os tempos o exigem) poderiam tirar o couro à criança e esta pele, convenientemente preparada, daria luvas admiráveis, para as senhoras, e botinas de verão, para os gentlemen elegantes.”

Embora se haja tentado encobrir o fundo mórbido dessa fantasia, ainda subsiste, geralmente, a impressão que Thackeray resumiu de maneira desenganada numa frase célebre: “Esse homem passou entre os berços com o andar e o gesto de um ogro.”

Poucos anos antes, tinha Swift produzido sua obra capital — *As Viagens de Gulliver* — que, reduzida em seus excessos mais inconvenientes de

ideação ou linguagem, viria a ficar incorporada à literatura infantil universal.

Com o mesmo pavor que inspirara aquela comparação de Swift a um ogro, dizia Kipling que destinar à infância esse livro, mesmo rigorosamente censurado, era como projetar o resplendor de um vulcão para alumiar o leito de uma criança.

O que está fora de qualquer dúvida é que Swift não o escreveu para deleitar com ele a humanidade.

Ao contrário disto, a sua verdadeira intenção era, como confessava numa carta a Pope, em 1725, antes vexar do que entreter o mundo.

Nesse importante documento sobre a gênese e a filosofia do livro das *Viagens*, Swift, explicando a natureza de seu pessimismo e de seu ódio entranhado ao homem, revela que estava reunindo material para um tratado provando a falsidade da conhecida definição “*animal rationale*”, ao revés da qual propunha a de “*rationis capax*”. “Sobre esse grande fundamento de misantropia (mas não à maneira de Timão) todo o edifício de minhas *Viagens* foi construído; e nunca terei paz de espírito enquanto todos os homens honestos não partilharem de minha opinião.”

Em certa altura dessa carta, a propósito da enfermidade de um dos seus amigos, o dr. Arbuthnot, declara: “Se o mundo tivesse uma dúzia de Arbuthnot eu atiraria ao fogo as minhas *Viagens*!”

Era esse o espírito que animava Swift, em relação ao homem, quando estava elaborando *As Viagens de Gulliver*. E sabidamente um livro de sátira que interfere com vários planos da sociedade humana, sobretudo política, do século XVII.

Inicialmente, como já se afirmou do *D. Quixote* que é uma caricatura dos livros de cavalaria, o de Gulliver será a da literatura de viagens que era uma das obsessões da época, a ponto de fecundar outros gêneros, como o ensaio e o romance.

Produto dessa fertilidade, *Robinson Crusoé* precedeu apenas de sete anos o aparecimento das *Viagens de Gulliver*. Mas será este último romance como aquele?

Em sua importante obra sobre a história do romance, Ernest A. Backer não lhe confere essa qualidade, observando que faltava a Swift algo que é talvez indispensável ao romancista: uma tolerância simpática para o resto de sua espécie.

Dá-se entretanto essa coisa extraordinária: com o seu estilo lícido, direto e em geral destituído de efeitos meramente literários e, apesar da

maneira extremamente objetiva como procura incutir a impressão de que as coisas se passaram mesmo como ele relata (seria isso também um modo de ironizar as narrações de viagens?), a fabulação de Swift é como a de um romance, com a sua faculdade específica de dilatar o mundo real, por um processo de transfiguração inevitável de nossa imaginação, aí deixando troços que não mais se desvanecem.

Tal como Defoe, que deveu seu êxito a um tema rico de sugestões, como é o naufrago aportado a uma ilha completamente despovoadas, Swift conseguiu tirar o máximo efeito de uma concepção que é, em si mesma, pueril, nisto consistindo indiscutivelmente a imensa popularidade das *Viagens*.

Era o que levava o dr. Samuel Johnson a comentar, deixando expandir sua conhecida malevolência com Swift: “Quando se pensa em homens gigantes ou em homens minúsculos é extremamente fácil fazer o resto.”

Essa opinião é naturalmente simplista, porque como observou um crítico menos rígido, o desenvolvimento das *Viagens* obedeceu a uma escola moral que supera e subverte a exterioridade infantil do tema, pois, por meio dela, Swift exhibe o homem sob todos os prismas do ridículo: reduzindo-lhe a estatura em Lilipute; exagerando-a em Brobdingnag; tornando-o imortal para seu opróbrio em Luggnagg; mostrando-o apenas risível numa comunidade somente de intelectuais em Laputa e, afinal, em Houyhnhnms, submetendo-o a um paralelo aviltante com os cavalos dotados de razão.

Embora a intenção alegórica mais direta e pessoal esteja ali relacionada com a política britânica, não se deve olvidar que a sátira visa especialmente a humanidade.

George Orwell observou, entretanto, àquele respeito, que a interconexão entre a fidelidade política e as derradeiras desesperanças de Swift é um dos aspectos mais interessantes das *Viagens*.

A política absorveu tremendamente o gênio de Swift e as suas sátiras envolvendo os estadistas, os partidos e as instituições da Grã-Bretanha de sua época, principalmente no reinado da rainha Ana, transcendem por sua universalidade os limites da comunidade inglesa e do século, subsistindo como fixações eternas do comportamento do homem em função de suas ambições, de sua vaidade e de suas mesquinhas.

Ao imaginar uma nação de pigmeus e introduzir em sua minúscula e orgulhosa corte um homem gigante, encontrara Swift a escala de ridículo por onde exercer a implacável tirania de seu espírito sobre os homens, vingando-

se de humilhações que, embora o tivessem envenenado de rancor, jamais o fizeram descrever de sua própria superioridade.

“Quando um verdadeiro gênio aparece no mundo — é uma das suas máximas — podeis conhecê-lo por este sinal: todos os cretinos se aliam contra ele.”

O gênio é Gulliver, contra o qual os liliputianos se congregaram, porém, inutilmente, para lhe tirar a liberdade de movimentos e de ação, atando-lhe os membros, enquanto ele descansava a dormir sobre a relva.

Outra figura expressiva é a do Homem-Montanha, quando, na posição do colosso de Rhodes, assiste ao desfilar de uma parada do exército de Lilipute por entre as suas pernas desconcomuns.

É uma sátira que atingindo uma instituição sagrada em qualquer país, por constituir símbolo ponderável de sua força e de sua integridade política, por outro lado representa a projeção superexagerada da grandeza de um homem, diante da qual tudo resultava ficar reduzido a proporções mesquinhas e ridículas.

Esse episódio, com o pormenor licencioso de que os soldados, quando passavam sob as pernas de Gulliver, reparavam espantadamente para o enorme volume de seus órgãos genitais, é interpretado pela psicanálise como uma fantasia compensatória proveniente do medo de impotência que teria dominado Swift, impedindo-o de realização integral como homem.

Nesse, como em tantos outros episódios simbólicos, a interpretação histórica esclarece apenas uma face, a outra, mais oculta, somente se desvendando à luz da psicanálise, sem a qual o julgamento de Swift estará, como outrora, eivado de um preconceito moral que o converte sumariamente em monstro.

As motivações que se podem surpreender em sua obra, constantemente tendendo para a bruteza, o empedernimento e o escatológico, em suas manifestações mais repugnantes, têm a sua explicação, que é preciso conhecer para a melhor compreensão de sua obra e particularmente de suas sátiras mais ferozes.

Observe-se o que ocorre com outro episódio de Lilipute: o do incêndio do palácio do rei, com o pormenor aparentemente apenas engraçado de que Gulliver o apagara a jorro de urina, atitude desrespeitosa que, denunciada à imperatriz, deixou-a indignadíssima, por pouco escapando o original bombeiro da pena capital.

A crítica, preocupada em identificar as alusões políticas das *Viagens*,

encontra nesse episódio uma sátira à exagerada prevenção da rainha Ana contra o autor do *Conto do tonel*, obra que lhe inculcaram como ultrajante para a Igreja, disto resultando que a carreira de Swift sofreu um colapso fatal às suas aspirações.

Desde o começo do livro sobre Lilipute sucedem-se descrições de coisas indecorosas ou pudendas, as quais, tratando-se de um escritor tão respeitável por sua despótica autoridade moral, pois cumpria zelosamente os seus deveres eclesiásticos, lidas deixam de causar a mais viva estranheza.

Tanto naquele episódio do incêndio do palácio real como noutro, do início da narrativa, em que a multidão contempla alvoroçada a corrente de urina do Homem-Montanha descendo terra a fora como a caudal de imenso rio, depara a psicanálise — lateralmente, é claro — uma das manifestações do infantilismo sexual de Swift, em sua desenvolta forma de agressividade.

Com ou sem tais manifestações chocantes de caráter positivamente patológico, há passagens das *Viagens de Gulliver* que se tornaram famosas, como a do inventário dos objetos encontrados no bolso do Homem-Montanha, em Lilliput.

É um efeito surpreendente o desse relatório, onde as coisas mais simples ou banais adquirem uma fisionomia estranha, qual se fossem misteriosas, não já para a população liliputiana, mas também para os que lidam com elas a todo instante.

Quando tal efeito redunde de um estilo descritivo e empolado, como o de Dickens, que transfigura efusivamente a realidade mais hostil, conferindo-lhe aspectos de algo sobrenatural, não há o que surpreender, mas a arte de Swift é exatamente o oposto e sua magia é antes um fenômeno de intensidade que de palavras.

Note-se que, para surtir o efeito calculado de transformar a fisionomia natural dos objetos exclusivamente pelo grau aumentativo, de modo a sugerirem outra coisa sem perderem nada de sua qualidade específica, o inventariante não dá nome algum a qualquer desses objetos. Sob o pretexto de que seria difícil compreender a língua e, portanto, as explicações de Gulliver, limita-se a descrevê-los sem qualquer noção de sua utilidade prática. É um milagre imprevisto do real sobre o imaginativo, o poder de arte consciente e intencionalmente objetiva, como se vai ver pela descrição do relógio do Homem-Montanha:

“Do bolso direito do cinto pendia grande corrente de prata, com uma espécie maravilhosa de engenho na ponta. Ordenamos-lhe que tirasse para

fora o que quer que houvesse na extremidade da corrente; parecia ser um globo, metade feito de prata e metade de algum metal transparente; pois, do lado transparente vimos caracteres estranhos traçados circularmente, e julgamos poder tocá-los até verificarmos que os nossos dedos eram detidos pela substância lúcida. Ele aproximou dos nossos ouvidos o engenho, que fazia um ruído incessante, como o de uma azenha, e supomos que seja algum animal desconhecido, ou o deus que ele adora; propendemos mais, todavia, para a última opinião, porque nos assegurou (se é que o entendemos direito, pois expressou-se muito imperfeitamente) que raro fazia alguma coisa sem o consultar. Chamou-lhe o seu oráculo e disse que indicava o tempo para todos os atos de sua vida.”

Sátiras como a dos candidatos a emprego que conquistam as melhores sinecuras segundo a capacidade de dançar numa corda bamba ou de pular mais alto para divertir o rei e a corte, são evidentemente sátiras que têm sentido e aplicação em qualquer época.

Também resulta sempre atual a ironia de Swift sobre a intolerância humana, com base em convicções de importância discutível, à raiz da qual se formam e se digladiam os partidos políticos, como o *Tramecksan* e *Slamecksan* de Lilipute, em que não é difícil surpreender uma alusão às facções inglesas dos *whigs* e *tories*.

As divergências entre os intransigentes partidários distinguiram-se pela adoção, uns, de saltos altos, e outros, de saltos baixos...

Swift, que teve papel saliente e mesmo predominante com o seu panfleto *The Conduct of the Allies*, no término de uma guerra inglesa, cuja continuação só interessava por fim a alguns generais, Marlborough à frente, não ignorava que os povos entram em choque e se exterminam reciprocamente, arrastados quase sempre por motivo de mera intolerância individual entre os estadistas que se constituem senhores de seu destino.

A sátira sobre a guerra desencadeada entre Lilipute e Blefuscu, por causa de suas intermináveis discórdias quanto à maneira de se quebrarem os ovos, não será afinal uma sátira para todos os tempos?

Com a narrativa da segunda viagem de Gulliver, agora em Brobdingnag, habitada exclusivamente por uma raça de gigantes, o poder do ridículo ou de repulsa a certos aspectos da vida e da humanidade toma as proporções correspondentes à natureza monumental da visão.

Tudo o que provocava repugnância ou rancor em Swift mostra-se aí de maneira descomunal, como sua irreprimível náusea pelo corpo humano, o

que constituiu provavelmente uma das suas razões mais íntimas para não se casar, conservando à distância todas as mulheres que tentaram seqüestrá-lo às solicitações do sexo.

É, por isso, como um espetáculo nauseante que Gulliver descreve com o maior asco a cena de uma mulher daquele país a amamentar o filho, acrescentando significativamente que isso o fez refletir sobre a pele das damas inglesas que só pareciam belas porque os seus defeitos não podiam ser vistos através de um vidro de aumento.

As reações de Swift perante as coisas repulsivas da natureza ou do organismo humano criou-lhe uma obsessão, conforme o reparo de Huxley, que o levava a se aproximar constantemente dessas mesmas coisas que só lhe causavam asco.

Em várias passagens das *Viagens* repontam exemplos dessa aversão, particularmente relacionada com as matérias fecais, a revelarem um estado patológico já fixado aliás em alguns estudos de caráter científico.

Por esse aspecto é que deve prevalecer a visão do narrador incidindo sobre mendigos e enfermos com as suas lazeiras corporais amplificadas em tamanho ou insetos também asquerosos como as moscas gigantes, cujos ovos despendiam insuportável cheiro e tantos outros flagrantes de imundície e torpeza, mencionados e descritos ali com toda a meticulosidade.

O que há de mais espantoso é que, embora seja o país assim nauseante, após escutar o relato de Gulliver sobre os usos e costumes da Inglaterra, o rei conclui indignado “que a grande maioria de seus semelhantes era representada pela mais perniciosa raça de pequenos e odiosos insetos que a natureza já permitiu rastejassem na superfície da terra”.

É, em derradeira análise, a condenação da raça humana, de maneira inapelável, porque desfechada sobre a nata do mundo civilizado de então.

Em sua terceira viagem, Gulliver prossegue as aventuras em Laputa, através de uma sátira sobre os cientistas e filósofos que atingia em cheio a Newton, sobre cuja descoberta do princípio que provou a lei de gravitação ainda não tinha decorrido meio século.

Contrariando a tendência geral da crítica a esse respeito, procurou E. Case demonstrar que a sátira sobre os projetores não se limita a virtuosos e cientistas, porque Swift estava igualmente, se não mais, empenhado em advertir os leitores contra os projetores e especuladores políticos que eram responsáveis por vários projetos nocivos à fazenda pública.

Não há dúvida que a ciência moderna, com as suas descobertas

sensacionais, sobretudo no plano da física, pôde já oferecer mais de uma réplica ousada à sátira de Swift. E o fato é que, nestes tempos, já não causaria grande espanto que um físico pudesse extrair raios de sol do pepino, como forcejava por fazer um de seus cientistas. O mundo tornou-se um vasto laboratório de Legado, onde, se ainda existem fantasmas, serão fantasmas criados pela própria ciência, como os discos voadores, que têm assustado tanta gente aqui e além...

A ideia da ilha flutuante é uma das mais importantes das *Viagens* porque, como mostrou Marjorie Nicolson, “embora as fontes de sugestões para isso fossem abundantes no século XVII, a combinação dos elementos só pertencem a Swift — diz aquela escritora —. que é único na história da literatura e da pseudociência, tanto por suas vastíssimas dimensões — e no centro dessa famosa máquina toda a nação era transportada no ar — como também pela plausibilidade de seu princípio de movimento. Historiadores da aviação têm admitido invenções muito menos brilhantes do que essa — a primeira e última máquina voadora que operou com êxito sobre o princípio do magnetismo terrestre!”

Outra particularidade observada por Marjorie Nicolson é que, nas *Viagens de Gulliver*, “Swift considerou menos sobre a relação do homem com os seus semelhantes que a sua afinidade com o universo, planetas, astros, grandes e pequenos, inevitavelmente obedecendo às mesmas leis, simples, mas inevitáveis de movimento e atração”.

Dessa visão do carro voador extraiu Swift uma lição de ética e política que serviu simbolicamente a seu rancor contra o mundo visado por sua sátira.

A visão dos imortais de Luggnaggians (“struldbruggs”) ultrapassa em horror a tudo o que a imaginação humana já tinha concebido desde os círculos tremendos da “*selva selvaggia*” no *Inferno*, de Dante.

Swift, que tivera a extravagante volúpia de submeter as fraquezas e misérias “de que a carne é herdeira” a uma escala descomunal, em Brobdingnag, com isso tornando ainda mais escarnecíveis as contingências físicas do homem, convertera ali a palpitação pela vida imortal num espetáculo horrível e ultrajante para a espécie.

Mas, isso ainda era pouco para um autor que tinha em mente a preocupação de vexar a humanidade. No último livro das *Viagens* pôde Swift conduzir esse propósito a um grau até hoje inexcedível de selvaticueza, quando leva seu personagem a errar pela terra dos Houyhnhnms, onde os cavalos se revelam criaturas inteligentes e superiores, como habitantes únicos

e sábios dirigentes do país.

Para essa raça superior de cavalos os Yahoos, como eles designam os homens, são criaturas cruéis e desprezíveis, mas, como notou Orwell, essa sátira de Swift não desperta a rigor um sentimento de desgosto ou repulsa porque, dos dois, os Houyhnhnms são muito mais parecidos com os seres humanos do que os Yahoos, e o horror de Gulliver por estes, juntamente com o seu reconhecimento de que eles pertencem à mesma espécie de criaturas que ele próprio, contém uma lógica absurda.

Pode-se, porém, esperar lógica inflexível da parte de Swift? Aparentemente o grande satírico imprimiu esse elemento a todos os seus escritos. Sua preocupação ordinariamente excessiva e monótona com o pormenor corresponderia a um imperativo de lógica e precisão. Mas é conveniente não esquecer o aluno rebelde da Universidade de Trinity que se recusava, para o espanto de seus mestres, a aprender essa disciplina pelos compêndios e que, posteriormente, quando arguido pela banca examinadora, propôs-se dissertar sobre lógica sem ter estudado previamente as suas regras. E assim como Swift, em algumas passagens das *Viagens* ironiza a música e a matemática, por não as tolerar, é bem provável que alguns de seus escorregões em lógica obedecessem à intenção de sátira contra essa disciplina do espírito.

De qualquer modo, será um erro querer ver em Swift um modelo de lógica e consistência, até porque, como já dizia Samuel Butler, “a lógica e a consistência constituem um luxo só para os deuses e os animais inferiores”.

Seguindo-se a observação de seus críticos que o estudaram sem a ideia preconcebida de combate ou defesa, verifica-se que a grandeza de Swift não exclui os extremos contrários, como é possível notar por seus reflexos mais ou menos sensíveis em toda a sua obra.

Assim, embora convicto das verdades que a religião revelava, deliberadamente Swift expôs a zombarias os mistérios da Igreja, nas passagens do *Conto do tonel*, onde as coisas sagradas são metidas a ridículo.

Amante ostensivo da liberdade, foi acusado de falta de cavalheirismo e de benignidade para com os jornalistas adversários, alguns dos quais denunciados por ele aos chefes do partido sofreram em consequência a pena de encarceramento e outras humilhações.

Partidário do princípio da revolução em política, manteve-se contrariamente fiel a todos os princípios de reação na Igreja.

Sem ser indiferente à vida social, tendo desfrutado da companhia de

excelentes amigos, a que se sentia preso por liames de profunda amizade, tornou-se não obstante um censor implacável da raça e da humanidade.

Admirador ardente e terno amigo de não poucas mulheres, Swift decepcionou duas, que foram profunda e fatalmente dedicadas a ele, e menosprezou o sexo.

Homem de pureza moral inatacável, exercendo com grande elevação e dignidade a carreira eclesiástica, quer em seus versos, quer em suas sátiras em prosa, mostrou-se de uma desenvoltura exagerada no emprego da caprologia e da torpeza sensual.

Posto que o maior mestre do inglês em seu tempo, escolheu para veículo de suas ideias a linguagem mais prosaica e mais simples; e, apesar de sua capacidade de inventiva, preferiu o real à imaginação.

Especialmente panfletário, escrevendo coisas que pareciam efêmeras por sua natureza, porque elaboradas sob a pressão de exigências políticas e de animosidade partidárias, sua obra permanece, contudo, como um corpo excepcionalmente sólido e valioso de ensinamento histórico, social, moral e político:

Sempre escudado pelo anonimato e contrário à exhibições, seu gênio fê-lo contudo tornar-se familiar de príncipes, amigo e conselheiro de ministros de Estado, e, o que é mais, o orgulho de todo um país.

A esses extremos contrários, alguns deles sublinhados pelo crítico L. Purves, poder-se-iam acrescentar outros, como o de um reparo de Orwell, segundo o qual, embora Swift denunciasses intrepidamente a injustiça e a opressão, não deu ele evidência de apreciar a democracia. Ao contrário disto, a organização social e política dos “Houyhnhnms”, tão celebrada implícita e explicitamente pelo deão, baseava-se numa espécie de sistema de casta racial. E observando que a tendência totalitária deles era de tipo anarquista e que, em sua linguagem, não existia o vocábulo “opinião” nem havia entre os indivíduos nenhum sinal de diferença de sentimentos, conclui Orwell por lembrar o estado hitleriano como um exemplo desse tipo de sociedade política em nosso século.

Está visto que não se esgotariam facilmente as conotações a serem estabelecidas entre os símbolos políticos das *Viagens* e o panorama da evolução histórica dos povos, desde os tempos remotos dessa fantasia até os nossos dias.

Por outro lado, a moderna psicologia, até onde pode entrar em linha de conta, já permite melhor compreensão da índole moral de Swift, refletida em

sua obra principal, a propósito da qual escreveu o prof. W. D. Taylor que foi o melhor sermão que ele pregou. Com a ressalva de que esse sermão não aponta outro caminho para a salvação da humanidade fora do humor...

Eugênio Gomes

BIBLIOGRAFIA

- ACWORTH, Bernard. *Swift: a Study*. Londres: Eyre & Spottiswoode, 1947.
- BARBOSA, Rui. Swift. In: *Introdução à tradução brasileira das Viagens de Gulliver*. Rio de Janeiro: Editora Laemmert, 1888.
- DAVIS, Herbert. *The Satire of Jonathan Swift*. Nova York: Macmillan Publishers Ltd., 1947.
- DOREN, Carl Van. Swift. In: *Gulliver's travels*. Nova York: The Modern Library, 1931.
- GOMES, Eugênio. Swift e Rui. In: *Espelho contra espelho: estudos e ensaios*. São Paulo: Instituto Progresso Editorial, 1949.
- GOODWIN, Frank Stier. *Jonathan Swift: Giant in Chains*. Nova York: Liveright Publishing, 1940.
- HARDY, Evelyn. *The Conjured Spirit, Swift*. Londres: Hogarth Press, 1949.
- HUXLEY, Aldous. Swift. In: *Do What You Will*. Londres: Chatto and Windus, 1929.

JACKSON, R. Wyse. *Swift and his Circle*. Dublin: The Talbot Press, 1945.

JOHNSON, Samuel. Swift. In: *Lives of Poets*. Londres: Bathurst, C. *et al.*, 1779.

ORWELL, George. Politics versus Literature (An Examination of Gulliver's Travels). In: *Polemic*, Londres, n. 5, set., 1946.

QUINTANA, R. *The Mind and Art of Swift*. Oxford: Oxford University Press, 1936.

STEPHEN, Sir Lestie. Swift. In: *The English Men of Letters*. Londres: Macmillan Publishers Ltd., 1889.

TAINÉ, H. A. Swift. In: *Histoire de la littérature anglaise*. Paris: Librairie de L. Hachette et Cie., 1864.

TAYLOR, W. D. *Jonathan Swift: A Critical Essay*. Londres: Peter Davies, 1933.

THACKERAY, W. M. Swift. In: *The English Humorists of the Eighteenth Century*. Leipzig: Tauchnitz Editions, 1874.

VIAGENS
Em Diversos Países Remotos do Mundo

QUATRO PARTES

por

LEMUEL GULLIVER
A PRINCÍPIO CIRURGIÃO E, DEPOIS,

CAPITÃO DE VÁRIOS NAVIOS

Carta do capitão Gulliver a seu primo Sympson

Espero que estejais disposto, quando fordes chamado a fazê-lo, a reconhecer publicamente que, pelas vossas grandes e frequentes instâncias, acabastes comigo publicar uma notícia muito imprecisa e incorreta das minhas viagens, com instruções para contratar alguns rapazes de uma das universidades a fim de ordená-la e corrigir-lhe o estilo, como o fez meu primo Dampier, a conselho meu, em seu livro chamado *Viagem ao redor do mundo*. Não me

lembra ter-vos autorizado a permitir a omissão de algumas coisas e, muito menos, a inclusão de outras; no respeitante às últimas, portanto, renuncio aqui a todas elas, principalmente a um parágrafo relativo a Sua Majestade, a finada rainha Ana, de mui piedosa e gloriosa memória, embora eu a reverenciasse e estimasse mais do que a qualquer outro indivíduo da espécie humana. Mas vós, ou o vosso interpolador, devíeis ter considerado que, assim como não era essa a minha inclinação, assim não fora decente elogiar animal nenhum da nossa composição diante de meu amo Houyhnhnm; ao demais, era a afirmativa completamente falsa pois, pelo que sei, tendo eu estado na Inglaterra durante parte do reinado de Sua Majestade, ela governou por intermédio de um primeiro-ministro; mais, até por intermédio de dois, sucessivamente; o primeiro dos quais foi o sr. de Godolphin e o segundo, o sr. de Oxford; de sorte que me fizestes dizer a coisa que não era. Da mesma forma, no relato sobre a Academia dos Projetistas, e em diversos passos do meu discurso a meu amo Houyhnhnm, não só omitistes algumas circunstâncias importantes, senão também as disfarçastes e alterastes de tal maneira, que apenas reconheci a minha própria obra. Quando vos fiz, anteriormente, algumas sugestões a esse respeito, houvestes por bem responder-me que temíeis escandalizar os outros; que as pessoas que se achavam no poder vigiavam muito a imprensa e eram dadas não só a interpretar, mas ainda a castigar o que quer que se lhes afigurasse um innuendo (como creio que lhe chamastes). Mas dissei-me, por favor, como poderia o que falei há tantos anos, e a cerca de cinco mil léguas de distância, em outro reino, aplicar-se a alguns dos Yahoos que hoje se diz que governam o rebanho; maiormente numa ocasião em que eu pouco imaginava ou temia a desventura de viver sob o governo deles? Não me assistem, porventura, sobejas razões de queixa quando vejo esses mesmos Yahoos carregados por Houyhnhnms num veículo, como se estes fossem os brutos e aqueles as criaturas racionais? E, com efeito, o fugir a tão monstruoso e detestável espetáculo foi o principal motivo de me haver eu retirado para cá.

Foi isto o que entendi conveniente dizer-vos em relação a vós mesmo e à confiança que em vós depositava.

Lamento, em segundo lugar, a minha grande falta de discernimento deixando-me persuadir por instâncias e falsas razões, vossas e de outros, muito contra a minha opinião, a permitir que se me publicassem as viagens. Lembrai-vos, por obséquio, de quão frequentemente vos pedi que refletísseis, quando alegáveis, como motivo, o benefício público, que os Yahoos eram

uma espécie de animais absolutamente incapazes de se emendarem por meio de preceitos ou de exemplos, o que, de fato, ficou demonstrado, pois em lugar de ver posto um ponto final a todos os abusos e corrupções, pelo menos nesta pequena ilha, como eu tinha razões para esperar, após mais de seis meses de advertências, ainda não sei de um único efeito que, segundo as minhas intenções, o meu livro tivesse produzido; pedi-vos que me comunicásseis por carta quando os partidos e as facções se tivessem extinguido; quando, os juízes fossem ilustrados e justos; os advogados, honestos e decentes, com alguns laivos de senso comum; Smithfield, brilhando com pirâmides de livros de jurisprudência; quando a educação dos jovens nobres tivesse sido inteiramente modificada; quando os médicos fossem banidos; quando as fêmeas dos Yahoos abundassem de virtude, honra, fidelidade e bom senso; quando as cortes e o levantar-se dos grandes ministros tivessem sido completamente extirpados; quando o espírito, o mérito e o saber fossem recompensados; quando todos os que desacreditam a imprensa em prosa e verso fossem condenados a comer o próprio algodão e a mitigar a sede com a própria tinta. Animado por vós, eu contava firmemente com estas e mil outras reformas, como eram, na verdade, manifestamente deduzíveis dos preceitos apresentados em meu livro. E força é reconhecer que sete meses seriam um prazo suficiente para corrigir todos os vícios e loucuras a que estão sujeitos os Yahoos, se as suas naturezas fossem capazes da menor disposição à virtude ou à sabedoria; entretanto tão longe estais de satisfazer as minhas expectativas nalguma de vossas cartas que sobrecarregais, pelo contrário, todas as semanas o nosso portador de libelos, chaves, reflexões, memórias e segundas partes, nas quais me vejo acusado de criticar grandes estadistas, de degradar a natureza humana (pois ainda têm o descoco de chamar-lhe assim) e de injuriar o sexo feminino. Vejo igualmente que os autores desses pacotes não concordam entre si, pois alguns não me reconhecem por autor das minhas próprias viagens, e outros me dizem autor de livros a que sou completamente estranho.

Verifico também que o vosso impressor foi tão descuidado que confundiu as épocas e se enganou nas datas das minhas diversas viagens e regressos, não assinalando nem o verdadeiro ano, nem o verdadeiro mês, nem o verdadeiro dia, e eu soube que o manuscrito original foi completamente destruído após a publicação do livro. Nem tenho em meu poder cópia nenhuma; nada obstante, mandei-vos algumas correções, que podeis inserir, caso se publique uma segunda edição e, todavia, não posso responsabilizar-

me por elas, mas deixarei que os meus leitores judiciosos e imparciais decidam o caso como lhes aprouver.

Ouvi dizer que alguns dos nossos Yahoos marinheiros criticam a minha linguagem marítima por imprópria e já fora de uso em muitas partes. Não posso remediá-lo. Em minhas primeiras viagens, quando eu era moço, fui instruído pelos marujos mais velhos, e aprendi a falar com eles. Mas vim a saber, depois disso, que os Yahoos marinheiros, à semelhança dos Yahoos de terra, são dados a introduzir novidades em sua linguagem, que os últimos modificam todos os anos; de tal sorte que me lembra, toda vez que eu regressava à minha terra, encontrar tão alterado o velho dialeto que mal lograva compreender o novo. E observo que quando algum Yahoo vem de Londres, visitar-me por curiosidade, nenhum de nós consegue transmitir as suas ideias de maneira inteligível para o outro.

Se a censura dos Yahoos pudesse, de algum modo, impressionar-me, eu teria grandes razões para queixar-me de terem tido alguns ousadia de julgar o meu livro de viagens mera ficção, oriunda do meu cérebro, chegando a termos de insinuar que os Houyhnhnms e os Yahoos têm tanta existência quanto os habitantes de Utopia.

Devo, realmente, confessar que, no referente ao povo de Lilipute, Brobdingrag (que assim devera escrever-se a palavra e não, erroneamente, Brobdingnag), e Laputa, eu nunca soube de nenhum Yahoo tão presunçoso que lhes discutisse a existência, ou os fatos que referi a respeito deles, porque a sua veracidade convence imediatamente todos os leitores. E haverá menor probabilidade na minha notícia dos Houyhnhnms ou Yahoos, quando é manifesto, tocante aos últimos, que há tantos milhares nesta mesma cidade, que apenas diferem dos seus irmãos brutos da terra dos Houyhnhnms, por usarem uma espécie de língua enxacoca e não andarem nus? Escrevi para que eles se emendassem e não para que me aprovassem. O elogio unânime de toda a raça seria menos importante para mim do que o relinchar desses dois Houyhnhnms degenerados que conservo nas minhas cavaliças, porque com estes, embora degenerados, ainda me aperfeiçoo nalgumas virtudes, sem qualquer mistura de vício.

Atrever-se-ão, acaso, esses miseráveis animais a cuidar que degenerarei a ponto de defender a minha veracidade? Yahoo como sou, sabem todos até à saciedade na terra dos Houyhnhnms que, por meio das instruções e exemplos do meu ilustre amo, fui capaz, no espaço de dois anos (embora confesse que com a maior dificuldade), de remover o hábito infernal de mentir, trapacear,

enganar e prevaricar, tão profundamente enraigado nas próprias almas de todos os da minha espécie, principalmente os europeus.

Tenho outras queixas para fazer a respeito desta molesta ocasião, mas não quero preocupar-me nem preocupar-vos mais por causa disso. Devo confessar abertamente que, depois do meu último regresso, algumas corrupções da minha natureza de Yahoo reviveram em mim por haver conservado umas poucas criaturas da vossa espécie e, particularmente, as da minha própria família, por inevitável necessidade; de outro modo, eu nunca teria tentado o absurdo projeto de reformar a raça dos Yahoos neste reino; mas agora já dei de não para sempre a todos esses planos visionários.

2 de abril de 1727

O editor ao leitor

O autor destas *Viagens*, o sr. Lemuel Gulliver, é velho e íntimo amigo meu; existe, outrossim, algum parentesco entre nós pelo lado materno. Há cerca de três anos, o sr. Gulliver, cansando-se do concurso de gente que ia procurá-lo

em sua casa em Redriff, comprou uma propriedadezinha, com uma boa casa, perto de Newhark, em Nottinghamshire, seu torrão natal, onde vive hoje retirado, mas gozando de bom conceito entre os vizinhos.

Embora o sr. Gulliver tivesse nascido em Nottinghamshire, onde morava seu pai, eu o ouvi dizer que sua família provinha de Oxfordshire, o que é confirmado pelo fato de eu haver observado no cemitério de Banbury, nesse condado, diversos túmulos e monumentos dos Gullivers.

Antes de sair de Redriff, deixou-me a guarda dos escritos seguintes, com a liberalidade de dispor deles segundo eu entendesse conveniente. Examinei-os cuidadosamente, por três vezes: o estilo é muito claro e simples, e o único defeito que encontro é ser o autor, à maneira dos viajantes, circunstanciado demais. Transparece em todo o livro um sabor de verdade e, com efeito, assinalava-se tanto o autor pela sua veracidade, que se tornou uma espécie de provérbio entre os seus vizinhos de Redriff, quando alguém afirmava alguma coisa, dizer que era verdade como se o sr. Gulliver o tivesse dito.

A conselho de diversas pessoas dignas, a quem com permissão do autor mostrei estes papéis, abalanço-me agora a apresentá-los ao mundo, esperando que sejam, pelo menos, durante algum tempo, entretenimento melhor para os nossos jovens nobres do que os gafanhotos comuns de políticos e partidos.

Este volume seria pelo menos duas vezes maior se eu não me atrevesse a riscar inumeráveis passagens relativas a ventos e a marés, assim como às variações e trabalhos das diversas viagens, além das minuciosas descrições do manejo do navio durante as tempestades, à maneira dos marinheiros, como também a notícia das longitudes e latitudes; no que tenho razões para temer que o sr. Gulliver não fique muito satisfeito, mas eu estava decidido a adaptar o livro, o quanto possível, à capacidade geral dos leitores. Entretanto, se a minha ignorância dos assuntos marítimos me levou a cometer alguns erros, sou eu o único responsável por eles, e se algum viajante tiver a curiosidade de ver a obra completa, como a recebida das mãos do autor, estarei pronto a satisfazê-lo.

E quanto a outros pormenores tocantes ao autor, o leitor será deles informado nas primeiras páginas do livro.

Richard Simpson

Parte I

Viagem a Lilipute

I

Dá o autor alguma notícia de si mesmo e de sua família. Os seus primeiros induzimentos a viajar. Naufraga, nada para salvar a vida, chega são e salvo à praia no país de Lilipute, é aprisionado e conduzido pelo país adentro.

Possuía meu pai uma propriedadezinha em Nottinghamshire; de cinco filhos, era eu o terceiro. Enviou-me ele, aos 14 anos, para o Emmanuel College, em Cambridge, onde permaneci três, diligentemente aplicado aos meus estudos; como, porém, fosse a minha manutenção, a despeito da escassa mesada que recebia, carga excessiva para tão poucos haveres, fiz-me aprendiz do sr. James Bates, eminente cirurgião de Londres, com o qual estive quatro anos; e, mandando-me meu pai, de quando em quando, pequenas somas de dinheiro, apliquei-as ao estudo da navegação e outras partes das matemáticas úteis a quem tencionava viajar, o que sempre cuidei seria, mais cedo ou mais tarde, minha sina. Quando deixei o sr. Bates, voltei para ao pé de meu pai; e, com o auxílio dele, de meu tio John e outros parentes, ganhei quarenta libras e uma promessa de trinta por ano a fim de manter-me em Leida, onde estudei medicina durante dois anos e sete meses, conhecendo que me seria proveitosa em longas jornadas.

Logo após o meu regresso de Leida, recomendado pelo meu bom mestre, o sr. Bates, logrei o cargo de cirurgião do *Swallow*, de que era comandante o capitão Abraham Pannell, com o qual continuei três anos e meio, tendo feito uma ou duas viagens ao Oriente e a vários outros sítios. Ao voltar, decidi estabelecer-me em Londres, ao que o sr. Bates, meu mestre, me animou, recomendando-me a diversos clientes. Aluguei parte de uma pequena casa na Old Jury; e, persuadido a mudar de estado, casei-me com a srta. Mary Burton, segunda filha do sr. Edmund Burton, negociante de meias em Newgate Street, que trouxe, como dote, quatrocentas libras.

Morrendo, todavia, o meu bom mestre Bates dois anos depois, e tendo eu poucos amigos, a clientela principiou-me a rarear; pois não me permitia a consciência imitar os métodos empregados por muitos colegas meus. Consultei, pelo tanto, minha esposa e alguns conhecidos e determinei-me de volver ao mar. Fui cirurgião, sucessivamente, em dois navios, e com diversas viagens que fiz durante seis anos, às Índias Orientais, acrescentei um pouco os meus haveres. Empregava as horas de lazer na leitura dos melhores autores, antigos e modernos, para o que nunca me faltava boa cópia de livros; e, quando em terra, entretinha-me a observar os costumes e aptidões do povo, e a aprender-lhe o idioma; o que me era muitíssimo facilitado pelo vigor da minha memória.

Como a última dessas viagens não fosse muito feliz, cansei-me do mar e deliberei quedar em casa com minha mulher e o resto da família. Mudei-me

da Old Jury para Fetter Lane, e de lá para Wapping, contando fazer clientela entre os marinheiros, mas não fui bem-sucedido. Depois de esperar, durante três anos, que as coisas melhorassem, aceitei vantajosa oferta do capitão William Prichard, comandante do *Antelope*, que devia zarpar com destino ao mar do Sul. Saímos de Bristol no dia 4 de maio de 1699 e a nossa viagem foi, a princípio, muito próspera.

Fora importuno, por várias razões, enfadar o leitor com os pormenores de nossas aventuras nesses mares; basta informá-lo de que, na travessia para as Índias Orientais, atirou-nos violenta tempestade a noroeste da terra de Van Diemen. Segundo as nossas observações, estávamos a 30 graus e 2 minutos de latitude Sul. Doze tripulantes morreram à conta do excesso de trabalho e da má alimentação; e ficaram os mais reduzidos a um estado de enorme fraqueza.

No dia 5 de novembro, início do verão nessas regiões, divisaram os marinheiros, através de espessa névoa, um rochedo, a meio cabo de distância do navio; tão forte, contudo, era o vento, que nos arrojou diretamente contra ele, espatifando-se o barco. Seis tripulantes, entre os quais me achava eu, que havíamos lançado um escaler ao mar, forcejamos por afastar-nos do navio e do escolho. Remamos, consoante os meus cálculos, cerca de três léguas, até que nos foi impossível continuar, exaustos como estávamos do esforço despendido no navio. Entregamo-nos, dessarte, à mercê das ondas e, meia hora depois, mais ou menos, súbita rajada, vinda do norte, revirou o bote. O que foi feito dos meus companheiros do escaler, assim como dos que se salvaram no recife, ou dos que se quedaram no navio, não sei; mas acredito que morreram todos. Quanto a mim, nadei, guiado pela fortuna, empurrado pelo vento e pela maré. Deixei muitas vezes cair as pernas, sem tocar o fundo; mas quando já me sentia quase morto, e incapaz de lutar por mais tempo, encontrei pé; abrandara-se então, consideravelmente, a borrasca. Era tão pequeno o declive que andei quase uma milha antes de chegar à praia, o que consegui, segundo as minhas conjeturas, cerca das oito horas da noite. Caminhei, depois, quase meia milha, mas não logrei discernir indícios de casas nem habitantes; ou, pelo menos, era tão grande a minha fraqueza, que não reparei neles. Sentia-me sobremodo fatigado, e o cansaço, o calor e o meio quartilho de aguardente que eu tomara ao deixar o navio, inclinavam-me irresistivelmente para o sono. Deitei-me sobre a relva, muito curta e macia, e dormi como não me lembro ter alguma vez dormido em minha vida, durante umas nove horas, segundo calculei; pois, quando acordei, amanhecia.

Tentei levantar-me, porém não me pude mover; pois, estando eu deitado de costas, percebi que os meus braços e pernas haviam sido fortemente amarrados ao solo, de ambos os lados; e que os meus cabelos, longos e bastos, se achavam presos da mesma forma. Senti igualmente que várias ataduras muito finas me envolviam o corpo desde as axilas até as coxas. Como só me fosse dado olhar para cima, e o sol principiasse a esquentar, a sua claridade ofendia-me os olhos. Ouvi à minha volta um ruído confuso; mas na postura em que me achava não via senão o firmamento. Logo notei alguma coisa viva que se mexia sobre a minha perna esquerda e que, andando mansamente sobre o meu peito, quase me alcançou o queixo; abatendo, quanto pude a vista, verifiquei tratar-se de uma criatura humana, cuja altura não chegava a seis polegadas, com arco e flecha nas mãos e um carcás nas costas. Nesse em meio senti que pelo menos quarenta seres da mesma espécie (de acordo com as minhas conjeturas) seguiam o primeiro. Fiquei sobremaneira assombrado, berrei tão alto, que todos retrocederam, apavorados; e alguns, como depois me disseram, machucaram-se nas quedas que sofreram, ao saltarem das minhas ilhargas ao chão. Sem embargo, não tardaram a voltar, e um deles, mais afoito, aproximou-se a termos de me ver inteiramente o rosto, ergueu os braços e os olhos admirativos, e gritou com voz aguda, mas distinta, *Hekinah degul*: os outros repetiram as mesmas palavras diversas vezes, mas não lhes compreendi então o significado. Durante todo esse tempo achava-me eu, como há de crer o leitor, num estado de grande desassossego; afinal, porfiando em libertar-me, tive a boa fortuna de romper os cordéis e arrancar as cavilhas que me prendiam ao solo o braço esquerdo; pois, ao levantá-lo à altura do rosto, descobri os processos empregados para amarrar-me; ao mesmo tempo, com um puxão violento, que me produziu grande dor, afrouxei um pouco os fios que me seguravam os cabelos do lado esquerdo, de sorte que me foi possível virar a cabeça perto de duas polegadas. Mas fugiram uma segunda vez as criaturas antes que eu pudesse apanhá-las; pelo que se alteou um grande brado, muito agudo, e depois que este cessou, ouvi gritar um deles, *Tolgo phonac*; e imediatamente senti que me eram desferidas mais de cem flechas contra a mão esquerda, que me picaram como outras tantas agulhas; de mais disso dispararam nova descarga para o ar, como na Europa lançamos as bombas, e muitas das setas, suponho, me caíram sobre o corpo (se bem eu não as sentisse), e algumas sobre o rosto, que de pronto cobri com a mão esquerda. Terminado esse chuveiro de flechas, entrei a gemer de aflição e de dor, e como de novo

lidasse por libertar-me, foi lançada nova descarga ainda maior do que a primeira, e alguns dentre eles tentaram espetar-me lanças nas ilhargas; mas eu vestia, afortunadamente, um colete de anta que não puderam atravessar. Cuidei que o mais prudente seria conservar-me tranquilo, e fiz o propósito de continuar assim até à noite quando, com a mão esquerda desatada, poderia facilmente libertar-me: respeito aos habitantes, sobejavam-me razões para crer que eu seria adversário bastante ao maior exército que pudessem lançar contra mim, a serem todos do mesmo tamanho daquele que eu vira. Dispôs de mim a fortuna, todavia, de outra maneira. Vendo-me quieto, deixaram de atirar flechas; mas, pelo barulho que ouvi, conheci que o número deles aumentara; e, a cerca de quatro jardas de distância, diante da minha orelha esquerda, ouvi, por mais de uma hora, um martelar como de pessoas que trabalhassem; voltando a cabeça para esse lado, o quanto mo permitiam cavilhas e cordéis, vi erguer-se um estrado de um pé e meio, proximamente, de altura, capaz de suportar quatro pessoas daquelas, com duas ou três escadas para subirem; de onde uma delas, que parecia ser pessoa de qualidade, me dirigiu um longo discurso, do qual não entendi patavina. Mas cumpria-me dizer que, antes de começar a oração, essa pessoa gritou três vezes, *Langro dehul san* (palavras que, bem como as anteriores, me foram posteriormente repetidas e explicadas). Acercaram-se *incontinenti* uns cinquenta nativos e cortaram os fios que me prendiam a parte esquerda da cabeça, o que me permitiu voltar-me para a direita e observar a figura e os gestos do personagem que ia falar. Afigurou-se-me ele de meia-idade, e mais alto do que qualquer um dos três que o acompanhavam, um dos quais era um pajem que lhe sustinha a cauda, e parecia ser pouco maior do que o meu dedo médio; quedavam-se os outros dois de cada lado, para o fim de assisti-lo. Houve-se ele como orador consumado, e pude distinguir muitos períodos de ameaças, e outros de promessas, piedade e cortesia. Respondi em poucas palavras, porém da maneira mais submissa, erguendo a mão esquerda e os olhos para o sol, como a invocar-lhe o testemunho; e, achando-me quase morto de fome, pois não comera coisa nenhuma desde algumas horas antes de sair do navio, senti tão vigorosas as exigências da natureza que não pude menos de mostrar minha impaciência (contrariando, porventura, as rígidas normas da decência) enfiando frequentemente o dedo na boca, para significar que precisava de alimentos. O *hurgo* (pois assim chamam a um grande senhor, como vim a saber mais tarde) compreendeu-me perfeitamente. Desceu do estrado e ordenou que se apoiassem diversas escadas às minhas

ilhargas, pelas quais subiram mais de cem nativos, e caminharam para a minha boca, carregados de cestas cheias de carne, preparadas e enviadas por ordem do rei, assim que recebera informes a meu respeito. Observei que havia carne de vários animais, mas não pude distingui-los pelo sabor. Havia quartos, pernas e lombos, com o formato dos de carneiro, muito bem preparados, mas menores do que uma asa de calhandra. Comi dois ou três de uma vez com três pãozinhos, do tamanho de uma bala de mosquete. Abasteciam-me com a maior rapidez possível, dando mil mostras de assombro e de espanto diante do meu tamanho e do meu apetite. Fiz-lhes outro sinal mostrando que queria beber. Verificando, pelo que eu comera, que uma pequena quantidade não bastaria; e sendo um povo assaz engenhoso, ergueram com suma destreza um dos maiores barris, rodaram-no até à minha mão e destamparam-no; tomei-o de um trago só, o que não me foi difícil, pois não continha sequer meio quartilho, e experimentei um vinho fraco de Borgonha, que era muito mais capitoso. Trouxeram-me um segundo barril, que bebi da mesma forma, e fiz sinais para que me trouxessem outros; mas não tinham mais para dar-me. Depois de haver eu executado esses prodígios, soltaram gritos de alegria e dançaram sobre o meu peito, repetindo diversas vezes como já o tinham feito antes, *Hekinah degul*. Ordenaram-me, por sinais, que atirasse ao chão os dois barris, avisando primeiro aos outros que se arredassem, gritando *Borach mivola*; e quando viram no ar os tonéis, ouviu-se um grito universal de *Hekinah degul*. Confesso que me senti muitas vezes tentado, enquanto me andavam sobre o corpo, para a frente e para trás, a segurar quarenta ou cinquenta dentre os primeiros que chegassem ao meu alcance e arremessá-los contra o solo. Mas a lembrança do que sentira, e que talvez não fosse o pior de que eles seriam capazes, e a promessa de honra que lhes fizera, pois assim interpretava o meu submisso procedimento, não tardaram em dissipar-me essas ideias. De mais a mais, eu considerava-me então obrigado pelas leis da hospitalidade a um povo que me tratara tão dispendiosa e magnificamente. No fundo, porém, não me fartava de admirar a intrepidez desses mortais diminutos que se aventuravam a escalar o meu corpo e a caminhar sobre ele, entretanto que uma das minhas mãos se achava em liberdade, sem tremer à vista de tão prodigiosa criatura, como eu deveria parecer-lhes. Volvido algum tempo, ao notarem os circunstantes que eu não fazia novos pedidos de alimentos, apresentou-se-me uma pessoa de grande qualidade em nome de sua majestade imperial. Havendo-me subido sua excelência pela parte mais fina da perna direita, adiantou-se para o meu rosto,

com uma comitiva de 12 pessoas, aproximadamente; e, tendo apresentado as suas credenciais, marcadas com o selo real, que quase me esfregou nos olhos, falou cerca de dez minutos sem quaisquer indícios de cólera, mas com uma espécie de firme resolução; apontando, reiteradas vezes, para a frente, ou seja, segundo vim a saber depois, para a capital do país, distante perto de meia milha; para onde decidira sua majestade, em conselho, que eu fosse conduzido. Respondi em poucas palavras, que de nada serviram, e fiz um sinal com a mão que se achava livre, indicando a outra (mas por cima da cabeça de sua excelência, a fim de o não machucar, nem à sua comitiva), e, logo, minha cabeça e meu corpo, significando que desejava a liberdade. Parece que ele me compreendeu, pois meneou a cabeça desaprovativamente e deu-me a entender, com um gesto, que eu teria de ser levado prisioneiro. Fez, porém, outros sinais, significando que eu receberia alimentos e bebidas a basto e seria muito bem tratado. Diante disso, intentei romper outra vez os atilhos, mas ao sentir a dor das flechas no rosto e nas mãos, cheias de bolhas, e nas quais ainda se achavam espetados muitos dardos, e ao observar também que o número dos meus inimigos aumentara, fiz sinais para científicá-los de que poderiam fazer de mim o que entendessem. Afastaram-se então o *hurgo* e sua comitiva com muita civilidade e prazenteiro semblante. Logo depois ouvi um clamor geral, com frequentes repetições das palavras *Peplon selan*; e percebi que muita gente me afrouxava os cordéis do lado esquerdo de maneira que pude voltar-me para a direita. Antes, contudo, já me haviam besuntado o rosto e as mãos com uma espécie de unguento, de cheiro agradabilíssimo, que, em poucos minutos, eliminou de todo a dor causada pelas setas. Essas circunstâncias, acrescentadas ao refocilamento que me haviam proporcionado as virtualhas e bebidas, sumamente nutritivas, dispuseram-me para o sono. Dormi cerca de oito horas, como, depois, me asseguraram; o que não era de pasmar, de vez que os médicos, por ordem do imperador, haviam misturado uma soporífera poção nos barris de vinho.

Segundo parece, tanto que me encontraram a dormir, após o meu desembarque, tivera disso aviso o imperador por mensageiro expresso e determinara, em conselho, que eu fosse amarrado da maneira que referi (o que se fez à noite, enquanto eu dormia); que me enviassem grande quantidade de alimentos e bebidas e que se aparelhasse um engenho para conduzir-me à capital.

Esta resolução parecerá, talvez, atrevida e perigosíssima, e tenho a certeza de que não seria imitada por nenhum príncipe da Europa em

semelhante ocasião. A meu parecer, todavia, era assim muito prudente como generosa: pois, se essa gente houvesse tentado matar-me com lanças e flechas, eu teria acordado com a primeira sensação de dor, a qual me espertaria provavelmente de tal forma a cólera e as forças que me permitiriam rebentar os cordéis; e depois, assim como não seriam capazes de opor resistência, assim não poderiam esperar misericórdia.

São essas gentes matemáticos excelentíssimos, e alcançaram grande perfeição em mecânica em resultado da proteção e do estímulo do imperador, famoso paraninfo das ciências. Possui o príncipe diversas máquinas montadas sobre rodas, para o transporte de árvores e outros pesos grandes. Constrói amiúde os seus maiores vasos de guerra, alguns dos quais medem nove pés de comprimento, nas florestas em que se encontra a madeira, e fá-los transportar nesses engenhos, num percurso de trezentas ou quatrocentas jardas, até o mar. Puseram-se *incontinenti* ao trabalho quinhentos carpinteiros e engenheiros a fim de adaptar o maior dos engenhos que possuíam. Era uma fábrica que se alteava três polegadas acima do solo, com cerca de sete pés de comprimento e quatro de largura, e se movia sobre 22 rodas. O clamor que ouvi tinha sido provocado pela chegada da máquina, a qual, segundo parece, fora aprestada quatro horas após o meu desembarque. Colocaram-na paralelamente ao meu corpo. A principal dificuldade, entretanto, consistia em levantar-me e colocar-me nesse veículo. Ergueram-se para esse fim oitenta vigas, de um pé de altura cada uma, e amarraram-se cordas fortíssimas, da grossura de barbantes, por meio de ganchos, às muitas ataduras com que os trabalhadores me haviam cingido o pescoço, as mãos, o corpo e as pernas. Novecentos homens dos mais robustos se aplicaram a puxar as cordas por meio de inúmeras roldanas presas às vigas e, assim, em menos de três horas, fui suspenso, colocado no engenho e a ele bem amarrado. Tudo isso me foi contado; pois enquanto se realizava a operação, dormia eu profundamente, por força da mezinha soporativa misturada à bebida. Mil e quinhentos dos maiores cavalos do imperador, que mediam cerca de quatro polegadas e meia de altura, foram empregados na minha condução à metrópole, distante, como eu já disse, meia milha.

Quatro horas depois de iniciada a nossa viagem, acordou-me ridículo acidente; pois, detendo-se o carro a fim de reparar-se uma avaria qualquer, dois ou três jovens nativos tiveram a curiosidade de observar-me o semblante enquanto eu dormia; escalaram a máquina e, avizinando-se, cautelosos, do meu rosto, um deles, oficial da guarda, enfiou boa parte da extremidade

afilada do chuço na minha venta esquerda, fazendo-me cócegas no nariz como se fosse uma palha e obrigando-me a espirrar violentamente. Em vista disso, escapuliram-se despercebidos, e só três semanas depois vim a saber da razão de haver eu acordado tão bruscamente. Fizemos uma longa marcha na parte restante do dia e descansamos à noite, com quinhentos guardas de cada lado, a metade com tochas e a outra metade com arcos e flechas, prontos para alvejar-me se eu tentasse mexer-me. Na manhã seguinte, ao repontar do sol, continuamos a marcha e chegamos, cerca do meio-dia, a umas duzentas jardas das portas da cidade. Saíram a receber-nos o imperador e toda a corte, mas os grandes oficiais não consentiram de forma alguma em que sua majestade arriscasse a sua pessoa trepando-me sobre o corpo.

No sítio em que se deteve o carro erguia-se antigo templo, que se presumia ser o maior de todo o reino; o qual, poluído alguns anos antes, por um assassinio desnatural, era considerado, pelo zelo religioso do povo, como profano, tendo sido, portanto, aplicado a usos comuns, e havendo-se dele retirado todos os móveis e ornamentos. Determinara-se que eu fosse alojado nesse edifício. A porta grande que dava para o norte media aproximadamente quatro pés de altura e quase dois de largura, o que me permitia facilmente introduzir-me por ela. De cada lado da porta havia uma janelinha, a apenas seis polegadas do solo; pela da esquerda passou o ferreiro do rei 91 correntes, como as que se prendem aos relógios das senhoras na Europa, e quase tão grandes que me foram amarradas à perna esquerda com 36 cadeados. Defronte do templo, do outro lado da grande entrada, a vinte pés de distância, erguia-se uma torrinha de cinco pés de altura, pelo menos. A ela subiu o imperador, com muitos senhores principais da corte, para ter o ensejo de verme, segundo me contaram, pois eu não os podia avistar. Calculou-se que mais de cem mil habitantes saíram da cidade com o mesmo intuito; e creio que, a despeito dos meus guardas, não foram menos de dez mil os que, em diversas ocasiões, me treparam pelo corpo, com o auxílio de escadas. Não tardou, porém, a ser publicada uma proclamação que o proibia, sob pena de morte. Quando os trabalhadores verificaram que me seria impossível escapar, cortaram todos os cordéis que me seguravam; em vista do que me levantei com a disposição mais triste que já sentira em minha vida. Mas o ruído e o assombro dos circunstantes quando me viram levantar e caminhar não podem descrever-se. A corrente que me segurava a perna esquerda media cerca de duas jardas de comprimento e me dava liberdade não só de andar para trás e para a frente, num semicírculo; senão também, estando presa a quatro

polegadas da porta, me permitia entrar rastejando e deitar-me a fio comprido no interior do templo.

II

O imperador de Lilipute, acompanhado de várias pessoas da nobreza, vem ver o autor em sua reclusão. Descrevem-se a pessoa e os trajos do imperador. Eruditos nomeados para ensinarem ao autor a sua língua. Ele granjeia as boas graças pela sua brandura. Revistam-se-lhe os bolsos e tiram-lhe a espada e as pistolas.

Quando me vi em pé, olhei à volta de mim e devo confessar que jamais contemplei perspectiva mais interessante. A paisagem ao redor parecia intermínio jardim, e os campos cercados, que, de regra, mediam quarenta pés quadrados, semelhavam outros tantos canteiros de flores. Entremeavam-se com esses campos florestas de meia vara, e as árvores mais altas me pareciam ter sete pés de altura. Avistei, à minha esquerda, a cidade, que lembrava uma decoração de cidade num teatro.

Havia algumas horas que me apertavam extremamente as necessidades da natureza; o que não era de admirar, pois fazia quase dois dias que eu me aliviara pela última vez. Senti-me em grandes apuros, premido pela urgência e pela vergonha. O melhor expediente que me ocorreu foi entrar de rojo em minha casa, o que fiz; e, fechando a porta, afastei-me até onde o permitia o comprimento da corrente, desonerando o corpo da incômoda carga. Mas foi a única vez em que fiz coisa tão pouco asseada; da qual me é lícito esperar que me desculpe o amável leitor depois de haver cabal e imparcialmente considerado o meu caso e o desespero que me possuía. A partir dessa ocasião, habituei-me, assim que me levantava, a fazer o serviço ao ar livre, à maior distância permitida pela corrente, e todas as manhãs, antes que chegasse gente, a repulsiva matéria era cuidadosamente levada em carrinhos de mão, por dois criados designados para esse fim. Eu não me teria estendido tanto num assunto que, à primeira vista, poderá parecer pouco importante, se não julgasse necessário salientar, perante o mundo, os meus hábitos de asseio, que, segundo consta, foram postos em dúvida pelos meus detratores, nesta e em outras ocasiões.

Encerrado o incidente, tornei a sair de casa, pois sentia precisão de ar puro. O imperador já descera da torre e adiantava-se, a cavalo, para mim; o que por pouco não lhe custou caro; pois o animal, ainda que muito bem amestrado, não estava de forma alguma habituado a semelhante espetáculo, que lhe deveu parecer o de uma montanha a mover-se diante dele, e empinou sobre as pernas traseiras: mas o príncipe, excelente cavaleiro, manteve-se na sela até acudirem os servidores a segurarem-lhe as rédeas, dando a Sua Majestade tempo suficiente para desmontar. Depois de apear, examinou-me ele de todos os lados com grande admiração, embora se conservasse fora do alcance da minha corrente. Ordenou aos seus cozinheiros e adegueiros, já preparados, que me dessem comestíveis e bebidas, empurrados numa espécie de veículos sobre rodas, até que eu os pudesse alcançar. Tomei os veículos e

não demorei a esvaziá-los; vinte estavam cheios de carne, e dez, de bebidas; cada um dos primeiros me proporcionou dois ou três bons bocados; verti o conteúdo de dez vasos, encerrado em redomas de barro, num veículo, bebendo-o de um gole só; e fiz o mesmo com o resto. A imperatriz e os jovens príncipes de sangue de ambos os sexos, acompanhados de muitas damas, estavam sentados a alguma distância em suas cadeiras; mas ao ocorrer o acidente com o cavalo do imperador, ergueram-se e aproximaram-se da sua pessoa, que passo agora a descrever. Ele é quase da largura da minha unha e mais alto que qualquer outra pessoa da corte; o que basta a infundir um respeitoso temor nos que o contemplam. Tem traços vigorosos e masculinos, lábios austríacos, nariz aquilino, tez cor de azeitona, porte ereto, corpo e membros bem proporcionados, movimentos graciosos e aspecto majestoso. Já não estava na flor da idade, pois completara 28 anos e três quartos, dos quais reinara perto de sete com grande felicidade, e geralmente vitorioso. Para o contemplar com maior comodidade, deitei-me de lado, de maneira que o meu rosto ficou paralelo ao seu, ao passo que ele se mantinha a três jardas de distância: sem embargo tive-o, depois disso, muitas vezes na mão, e não posso, por conseguinte, enganar-me na descrição. Envergava um traje singelo e sem adorno, entre asiático e europeu no tocante à moda; mas trazia na cabeça um leve elmo de ouro, enfeitado de joias e encimado de um penacho. Segurava na mão, para defender-se, caso viesse eu a escapar, a espada desembainhada, que media quase três polegadas de comprimento; o punho e a bainha eram de ouro enriquecido de diamantes. A voz era aguda, mas muito clara e distinta e eu a ouvia perfeitamente quando ficava em pé. As damas e os cortesãos vestiam-se todos com rara magnificência; de sorte que o lugar em que se encontravam parecia uma saia estendida no chão, bordada de figuras de ouro e prata. Sua Majestade Imperial dirigiu-me com frequência a palavra e eu lhe respondi; mas nenhum de nós pôde entender uma sílaba sequer do que dizia o outro. Achavam-se presentes vários sacerdotes e letrados (segundo inferi das suas vestes), aos quais foi ordenado que me interpelassem; e eu lhes falei em todos os idiomas de que tinha algum conhecimento, a saber, o baixo e alto holandês, o latim, o francês, o espanhol, o italiano e a língua franca, mas tudo em vão. Umas duas horas depois retirou-se a corte, deixando-me forte guarda, para obviar à impertinência e, provavelmente, à maldade da arraia-miúda, impaciente por se aglomerar à minha roda o quanto lhe permitisse o atrevimento; e alguns tiveram a imprudência de arremessar-me setas, enquanto eu me quedava sentado no

chão à porta de minha casa, uma das quais, por um triz, não me atingiu o olho esquerdo. Mas o coronel ordenou fossem presos seis dos cabeças, e entendeu que não haveria melhor castigo que o entregarmos; o que fizeram alguns soldados, empurrando-os com o coice dos piques até uma distância em que pude alcançá-los. Peguei-os todos com a mão direita, enfiei cinco no bolso do casaco e, quanto ao sexto, fingi querer comê-lo vivo. O pobre homem gritou, espavorido, e o coronel e seus oficiais deram mostras de grande aflição, sobretudo ao me verem sacar o canivete: mas logo os tranquilizei; pois, com afável semblante, cortei imediatamente os cordéis que o amarravam, pu-lo delicadamente no chão, e ele desandou a correr. Tratei os mais da mesma forma, tirando um por um do bolso; e notei que assim os soldados como o povo pareceram profundamente satisfeitos com o meu ato de clemência, que foi referido na corte a uma luz assaz favorável para mim.

Chegada a noite, entrei com alguma dificuldade em minha residência, onde me estendi no solo, e assim fiz durante 15 dias; nesse meio de tempo, ordenou o imperador se preparasse uma cama para mim. Transportaram-se em carros seiscentas camas da medida comum e que se armaram em minha casa; 150 dessas camas pregadas umas às outras deram a largura e o comprimento suficiente; sobre cada uma se colocaram mais três; o que me deixou de todo indiferente com respeito à dureza do solo, de pedra polida. De acordo com os mesmos cálculos, forneceram-me lençóis, colchas e cobertores, assaz toleráveis para quem havia tanto tempo se avezara a toda a sorte de apertos.

À proporção que a notícia da minha chegada se espalhava pelo reino, trazia um número prodigioso de pessoas ricas, ociosas e curiosas para verme; de sorte que as aldeias chegaram quase a esvaziar-se; e disso teria resultado grande desleixo da agricultura e dos assuntos domésticos, não houvesse obviado Sua Majestade Imperial a tal inconveniência por meio de vários éditos e decretos. Mandou que os que já me tinham visto regressassem aos lares e não se atrevessem a chegar a menos de cinquenta jardas da minha casa, sem autorização da corte; ao que auferiu o secretário de Estado consideráveis emolumentos.

Nesse ínterim reuniu o imperador frequentes conselhos para discutir o que se haveria de fazer comigo; e assegurou-me, depois, um amigo particular, pessoa de grande qualidade, mais do que ninguém a par do segredo, que a corte se viu em muitas dificuldades por minha causa. Temia que eu escapasse; que o meu sustento fosse excessivamente dispendioso e pudesse

ocasionar escassez de mantimentos. Decidia, às vezes, matar-me de fome ou, pelo menos, atirar-me setas envenenadas que logo dessem cabo de mim; mas considerava depois que o fedor de tão grande carcaça poderia ser causa de uma peste na metrópole, que se alastraria provavelmente por todo o reino. No meio das consultas chegaram à porta da grande câmara do conselho diversos oficiais do exército e, admitidos dois dentre eles, relataram o meu procedimento para com os seis súditos criminosos; o que produziu tão favorável impressão a meu respeito no espírito de Sua Majestade, e de todo o conselho, que se promulgou uma ordem imperial que obrigava todos os aldeões, num raio de sessenta jardas à volta da cidade, a entregarem, todas as manhãs, seis vacas, quarenta carneiros e outros víveres, para minha sustentação; além de uma quantidade proporcional de pão, vinho e outras bebidas; para cujo pagamento deu Sua Majestade assinados contra o seu tesouro; pois vive principalmente esse príncipe das suas rendas; e raro, a não ser em grandes ocasiões, impõe tributos aos súditos, obrigando-os a ajudá-lo nas guerras à custa deles. Nomearam-se também, a fim de me servirem, seiscentas pessoas que recebiam salários para a sua manutenção e para elas se construíram tendas, muito cômodas, de cada lado da minha porta. Determinou-se, outrossim, que trezentos alfaiates me fizessem um fato completo, à moda da terra; que seis dos maiores sábios de Sua Majestade se encarregassem de me ensinar a língua; e, finalmente, que os cavalos do imperador, da nobreza e das tropas de guarda se exercitassem a miúdo na minha frente, para que se habituassem a mim. Todas as ordens foram devidamente cumpridas; e em cerca de três semanas fiz grandes progressos no aprendizado do idioma; tempo durante o qual reiteradamente me honrou o imperador com as suas visitas, havendo por bem ajudar os meus professores nas lições. Principiávamos já, de certo modo, a conversar; e as primeiras palavras que aprendi foram para pedir “que ele se dignasse conceder-me a liberdade”; o que eu, diariamente, ajoelhado, repetia. A sua resposta, pelo que pude depreender, foi “que isso teria de ser obra do tempo, e não poderia ser decidido sem a assistência do conselho, tendo eu, primeiro, de *lumos kelmin pesso desmar lon emposo*”: isto é, jurar manter a paz com ele e o seu reino. Sem embargo, seria tratado com a maior afabilidade; e aconselhou-me a conquistar pela paciência e por um discreto procedimento a estimação dele e dos seus vassalos. Pediu que eu não levasse a mal as suas ordens para que certos funcionários idôneos me revistassem, pois era provável que eu trouxesse comigo diversas armas, por força perigosíssimas, se

correspondessem à corpulência de pessoa tão prodigiosa. Respondi que Sua Majestade seria satisfeito, pois eu estava disposto a despir-me e a mostrar-lhe todos os meus bolsos. Declarei tudo isso em parte por meio de palavras e, em parte, por meio de sinais. Retrucou ele que, “de acordo com as leis do reino, eu teria de ser revistado por dois funcionários; sabia ser impossível fazer-se uma coisas dessas sem o meu consentimento e assistência; mas tinha em tão boa conta a minha generosidade e justiça que confiaria as suas pessoas às minhas mãos; e o que quer que eles tirassem de mim me seria restituído quando eu saísse do país, ou pago ao preço por mim estipulado”. Tomei entre as mãos os dois funcionários, coloquei-os primeiro nos bolsos do casaco e depois em todos os outros, exceto nos dois do cinto e num bolso secreto, que eu não queria fosse revistado, pois nele trazia algumas coisinhas de uso pessoal, que só a mim poderiam interessar, e a mais ninguém. Num dos bolsos do cinto havia um relógio de prata e, no outro, pequena quantia de ouro numa bolsa. Esses cavalheiros, munidos de penas, tinta e papel, inventariaram rigorosamente tudo o que viram e, quando terminaram, pediram-me que os colocasse no chão, a fim de entregar ao imperador o inventário, que pus, mais tarde, em linguagem e é o seguinte, palavra por palavra:

“*Imprimis*. No bolso direito do casaco do Grande Homem-Montanha (pois assim interpreto as palavras *Quinbus Flestrin*) depois da busca mais minuciosa, encontramos apenas uma peça volumosa de tecido grosseiro, de tamanho bastante a servir de tapete na grande sala de Estado de Vossa Majestade. No bolso esquerdo, vimos enorme cofre de prata, com tampa do mesmo metal, que nós, os investigadores, não conseguimos erguer. Pedimos que nos fosse aberto e, havendo-lhe um de nós penetrado no interior, viu-se afundado até à metade da perna numa espécie de pó, parte do qual nos saltou ao rosto e nos fez espirrar juntamente por diversas vezes. No bolso direito do colete encontramos um fardo prodigioso de substâncias brancas e finas dobradas umas sobre as outras, mais ou menos do tamanho de três homens, ligadas por um cabo forte e assinaladas com caracteres negros; que humildemente cuidamos serem escrituras, de letras quase tão grandes como a palma de nossas mãos. No esquerdo, havia uma espécie de engenho, de cujo dorso se estendiam vinte postes compridos, semelhantes às paliçadas defronte da corte de Vossa Majestade; com o qual conjecturamos que o Homem-Montanha penteia os seus cabelos; pois nem sempre o incomodamos com perguntas visto encontrarmos grande dificuldade em fazê-lo compreender-

nos. No bolso grande do lado direito da coberta mediana (assim traduzo a palavra *ranfu-lo*, com que me indicavam os calções) vimos uma coluna oca de ferro, mais ou menos da altura de um homem, segura a uma peça vigorosa de madeira, maior do que a coluna; de um dos lados dessa coluna saíam enormes peças de ferro, de formas estranhas, cuja utilidade não podemos conceber. No bolso esquerdo, outro engenho da mesma espécie. No bolso menor do lado direito havia diversas peças redondas e chatas de metal branco e vermelho, de tamanhos diferentes; algumas das brancas, que pareciam de prata, eram tão grandes e pesadas que o meu companheiro e eu mal pudemos levantá-las. No bolso esquerdo havia dois pilares negros de formato irregular; não foi sem dificuldade que conseguimos chegar à sua extremidade superior, pois estávamos no fundo do bolso. Um deles, coberto, parecia feito de uma única peça: mas na extremidade superior do outro havia uma substância branca e redonda, cerca de duas vezes maior do que as nossas cabeças. Dentro de cada um se encerrava prodigiosa lâmina de aço; que nós o obrigamos a mostrar-nos, pois receamos pudessem ser máquinas perigosas. Ele as tirou dos estojos e nos disse que em sua terra usava barbear-se com uma e cortar carne com outra. Havia dois bolsos em que não pudemos entrar e a que ele chamou os bolsos do cinto; duas grandes fendas cortadas na parte superior da coberta mediana, mas fechadas pela pressão do ventre. Do bolso direito do cinto pendia grande corrente de prata, com uma espécie maravilhosa de engenho na ponta. Ordenamos-lhe que tirasse para fora o que quer que houvesse na extremidade da corrente; parecia ser um globo, metade feito de prata e metade de algum metal transparente; pois do lado transparente vimos caracteres estranhos traçados circularmente, e julgamos poder tocá-los até verificarmos que os nossos dedos eram detidos pela substância lúcida. Ele aproximou dos nossos ouvidos o engenho, que fazia um ruído incessante, como o de uma azenha: e supomos que seja algum animal desconhecido, ou o deus que ele adora: propendemos mais, todavia, para a última opinião, porque nos assegurou (se é que o entendemos direito, pois expressou-se muito imperfeitamente), que raro fazia alguma coisa sem o consultar. Chamou-lhe o seu oráculo e disse que indicava o tempo para todos os atos de sua vida. Do bolso esquerdo do cinto sacou uma rede que quase bastaria a um pescador, mas feita para se abrir e fechar como uma bolsa, e que lhe servia para o mesmo fim: encontramos dentro dela várias peças pesadas de metal amarelo que, a ser realmente ouro, há de ter um valor imenso.

“Havendo, dessarte, em obediência às ordens de Vossa Majestade,

revistado diligentemente todos os bolsos, observamos, ao redor da cintura, uma cinta feita da pele de algum animal prodigioso, da qual, do lado esquerdo, pendia uma espada do tamanho de cinco homens; e, à direita, um saco ou bolsa, dividido em duas cavidades, cada uma das quais é capaz de conter três dos súditos de Vossa Majestade. Numa dessas cavidades havia diversos globos, ou bolas, de metal pesadíssimo, do tamanho mais ou menos de nossas cabeças, e que só podiam ser levantados por um bom braço: a outra cavidade continha um monte de certos grãos negros, não muito grandes nem muito pesados, pois conseguimos segurar mais de cinquenta deles nas palmas de nossas mãos.

“Este é um exato inventário do que encontramos no corpo do Homem-Montanha, que nos tratou com muita civilidade e o devido respeito à ordem de Vossa Majestade. Assinado e selado no quarto dia da octogésima lua do auspicioso reinado de Vossa Majestade.

Clefren Frelock
Marsi Frelock”

Quando o inventário foi lido ao imperador, ele me ordenou, se bem que em termos delicadíssimos, que entregasse os objetos mencionados. Pedi primeiro a cimitarra, que tirei, com bainha e tudo. Entrementes ordenou que três mil homens de suas tropas mais escolhidas (que então o acompanhavam) me cercassem à distância, com os arcos e flechas prontos para serem

desferidos; mas não dei acordo disso; pois tinha os olhos inteiramente fitos em Sua Majestade. Em seguida, pediu-me desembainhasse a cimitarra, que, se bem algo enferrujada pela água do mar, era em muitas partes excessivamente brilhante. Obedeci, e todos os soldados deram imediatamente um grito, misto de terror e de surpresa; pois o sol brilhava com força, e o reflexo encandeou-lhes a vista, enquanto eu brandia a cimitarra de um lado para outro. Príncipe assaz magnânimo, Sua Majestade atemorizou-se menos do que eu poderia esperar: ordenou-me que a tornasse a enfiar na bainha e a atirasse ao chão o mais delicadamente que pudesse, a cerca de seis pés da ponta da corrente. O objeto que a seguir exigiu foi uma das colunas ocas de ferro; designação que dava às minhas pistolas de algibeira. Tirei-a, a seu pedido, e da melhor forma que pude, expliquei-lhe para que servia; e, carregando-a somente de pólvora, que, por estar bem fechada a minha bolsa, não se molhara no mar (inconveniência de que se acautelam com especial cuidado os marinheiros prudentes), adverti primeiro ao imperador que não se assustasse e, logo, dei um tiro para o ar. O assombro foi aqui muito maior do que à vista da cimitarra. Centenas de pessoas caíram como se estivessem mortas; e até o imperador, embora se mantivesse firme, só cobrou ânimo passado algum tempo. Entreguei as pistolas do mesmo modo por que entregara a cimitarra e, logo, a bolsa de pólvora e de balas; pedindo-lhe conservasse a primeira afastada do fogo, pois poderia inflamar-se com a menor faísca e fazer voar pelos ares o palácio imperial. Entreguei também o relógio, que o imperador, curiosíssimo de ver, ordenou a dois dos seus maiores alabardeiros que carregassem numa vara sobre os ombros, como transportam na Inglaterra os carreiros um barril de cerveja. Pasmou do barulho contínuo que fazia e do movimento do ponteiro dos minutos, que lhe era dado facilmente perceber, pois a vista deles é muito mais aguda do que a nossa: pediu, a respeito, as opiniões dos seus sábios, que foram várias e remotas, como bem poderá imaginar o leitor, sem que eu as repita, posto, com efeito, não as compreendesse muito bem. Depois, entreguei as moedas de prata e de cobre, a bolsa com nove peças grandes de ouro e algumas menores; o canivete e a navalha, o pente e a tabaqueira de prata, o lenço e o diário. A cimitarra, as pistolas e a bolsa foram conduzidas em carros para os armazéns de Sua Majestade; mas o restante me foi devolvido.

Eu tinha, como já observei, um bolso secreto, que escapou à busca, e no qual havia um par de óculos (que uso, às vezes, por ter a vista fraca), um óculo de alcance, de bolso, e outros objetozinhos úteis; os quais, carecendo

de importância para o imperador, não me julguei obrigado, por minha honra, a exhibir; de mais disso, temia que se perdessem ou estragassem se eu me arriscasse a desabrir mão deles.

III

O autor diverte o imperador e a nobreza de ambos os sexos, de maneira assaz incomum. Descrevem-se as diversões da corte de Lilipute. É concedida ao autor a liberdade sob certas condições.

A minha benignidade e o meu bom comportamento conquistaram de tal forma as boas graças do imperador e da sua corte e, em realidade, as do exército e do povo em geral, que principiei a conceber esperanças de lograr, dentro em pouco, a liberdade. Recorri a todos os métodos possíveis para cultivar essa favorável disposição. Começaram gradualmente os nativos a nutrir menores receios a meu respeito; eu deitava-me, às vezes, no chão e permitia que cinco ou seis dentre eles dançassem na minha cabeça; e, por fim, meninos e meninas aventuravam-se a vir brincar de esconde-esconde nos meus cabelos. Eu já fizera então grandes progressos na compreensão e na fala da língua. Quis um dia o imperador distrair-me com alguns espetáculos do país, em que este sobrelevava todas as nações que conheci, assim pela destreza como pela magnificência. Mas nenhum me divertiu tanto como o dos volatins, que dançavam sobre um fio branco muito fino, de dois pés de comprimento, estendido a uma distância de 12 polegadas do solo, mais ou menos: a cujo propósito, seguro da paciência do leitor, peço vênia para alongar-me um pouco.

Essa diversão é tão somente praticada pelos candidatos a grandes empregos e altos favores da corte. Adestram-se nessa arte desde a juventude, e nem sempre são de origem nobre ou de educação liberal. Quando se vaga um alto posto qualquer, já por morte, já por desvalimento (o que sucede a miúdo), cinco ou seis desses candidatos requerem permissão ao imperador para divertir Sua Majestade e a corte com uma dança na corda; e aquele que pula mais alto, sem cair, obtém o cargo. Muito frequentemente se ordena até aos principais ministros que mostrem a sua habilidade e convençam o imperador de que não perderam os seus talentos. Dizem que Flimnap, o tesoureiro, é capaz de fazer uma cabriola sobre a corda esticada pelo menos uma polegada mais alto do que qualquer outro senhor do império. Eu o vi dar vários saltos mortais seguidos sobre um trincho seguro a uma corda, que não é mais grossa do que um barbante comum na Inglaterra. O meu amigo Reldresal, secretário principal dos negócios privados, é, na minha opinião, a menos que eu esteja sendo parcial, o segundo depois do tesoureiro: o resto dos altos funcionários mais ou menos se equivale.

Essas diversões são, muita vez, acompanhadas de acidentes fatais, muitos dos quais foram postos em memória. Eu mesmo vi dois ou três candidatos quebrarem uma perna. Mas o perigo é muito maior quando os próprios ministros recebem ordem para galhardear a sua destreza; pois,

diligenciando avantajar-se a si mesmos e aos companheiros, esforçam-se tanto, que dificilmente haverá um que não tenha levado uma queda e, alguns, duas ou três. Afiançaram-me que, um ou dois anos antes da minha chegada, Flimnap teria quebrado infalivelmente o pescoço, se um dos coxins do rei, que acidentalmente jazia no solo, não lhe tivesse diminuído a força do tombo.

Há também outra diversão, apenas celebrada diante do imperador e da imperatriz, e do primeiro-ministro em certas ocasiões. Põe o imperador sobre a mesa três finas linhas de seda de seis polegadas de comprimento; uma azul, outra, vermelha, e a terceira, verde. Estas linhas representam prêmios para as pessoas que o imperador deseja distinguir com uma mostra especial do seu favor. A cerimônia realiza-se na grande câmara de Estado de Sua Majestade, onde os candidatos se submetem a uma prova de destreza, muito diferente da anterior, e tal que ainda não vi semelhante em país do Novo ou do Velho Mundo. O imperador segura uma vara na mão, cujas duas extremidades são colocadas paralelamente ao horizonte, enquanto os candidatos, aproximando-se, um por um, ora pulam por cima da vara, ora se arrastam por baixo dela, para a frente e para trás, diversas vezes, segundo se adianta ou se afasta a vara. Às vezes, o imperador segura uma extremidade da vara, e o seu primeiro-ministro, a outra; outras vezes, o ministro segura-a sozinho. Quem desempenha a sua parte com maior agilidade, e salta e se arrasta por mais tempo, é recompensado com a seda azul; a vermelha é dada ao seguinte, e a verde ao terceiro, que todos trazem duas vezes enrolada na cintura; e são poucas as pessoas importantes dessa corte que se não veem afeitadas com um cinto desses.

Tendo sido diariamente levados à minha presença, já não se espantavam os cavalos do exército e das estrebarias reais, e eram capazes de chegar até aos meus pés sem corcovearem. Os cavaleiros faziam-nos saltar sobre a minha mão, que eu colocava no chão; e um dos monteiros do imperador, cavalgando um grande corcel, pulou sobre o meu pé, com sapato e tudo; o que constituiu, de feito, um salto prodigioso. Tive a boa fortuna de divertir, um dia, o imperador de maneira assaz extraordinária. Pedi-lhe que mandasse trazer-me diversas varas de dois pés de altura e da grossura de uma bengala comum; ordenou Sua Majestade ao diretor dos bosques que desse as necessárias instruções; e, na manhã seguinte, chegaram seis couteiros com outros tantos carros, cada qual guiado por oito cavalos. Tomei nove dessas varas e cravei-as firmemente no solo, formando uma figura quadrangular, de dois pés e meio quadrados; tomei, depois, mais quatro varas e amarreia-as

paralelamente a cada canto, a cerca de dois pés de distância do chão; em seguida, prendi o meu lenço às nove estacas verticais; e o estendi por todos os lados até ficar esticado como a pele de um tambor; servindo de balaustrada as quatro varas paralelas, umas cinco polegadas mais altas do que o lenço. Terminado o meu trabalho, pedi ao imperador permitisse que 24 dos seus melhores cavalos viessem fazer exercícios sobre essa planície. Aprovou Sua Majestade a proposta e eu os ergui, um por um, em minhas mãos, já montados e armados, com os oficiais destinados a exercitá-los. Tanto que se formaram, dividiram-se em dois grupos, simularam escaramuças, dispararam flechas embotadas, arrancaram das espadas, fugiram e perseguiram-se, acometeram e retiraram-se e, em suma, revelaram a melhor disciplina militar que já me foi dado observar. As varas paralelas impediam que cavalos ou cavaleiros caíssem do tablado; e por tanta maneira se deleitou o imperador que ordenou fosse o entretenimento repetido vários dias, dignando-se permitir, de uma feita, que eu o levantasse para que ele se encarregasse do comando; e com grande dificuldade persuadiu a própria imperatriz a consentir em que eu a segurasse em sua cadeirinha, a duas jardas do estrado, de onde lhe era possível assistir a todo o espetáculo. Felizmente para mim, nenhum acidente infeliz ocorreu durante essas diversões; uma vez, apenas, um cavalo fogoso, pertencente a um dos capitães, escarvando o chão, fez um buraco no lenço, e, enfiando nele a pata, caiu com o cavaleiro; mas acudi imediatamente aos dois e, tapando o buraco com uma das mãos, baixei a tropa com a outra, do mesmo modo pelo qual a erguera. O cavalo que caiu torceu a mão esquerda, mas o cavaleiro não se machucou; e eu consertei o lenço como pude; mas não tornei a experimentar-lhe a resistência em tão arriscadas empresas.

Uns dois ou três dias antes de me ser concedida a liberdade, como eu entretivesse a corte com esse gênero de façanhas, chegou um mensageiro para informar Sua Majestade de que alguns dos seus súditos, passeando a cavalo perto do sítio em que eu fora encontrado pela primeira vez, tinham visto no chão uma grande substância preta, de singularíssimo formato, cujos bordos se estendiam em círculo, do tamanho da alcova de Sua Majestade, e que se elevava, no centro, à altura de um homem; não se tratava de criatura viva, como, a princípio, imaginaram, pois jazia imóvel na relva; e alguns dentre eles tinham-na contornado várias vezes; montando uns sobre os ombros dos outros, haviam chegado à extremidade superior, chata e lisa, e, conculcando-a tinham verificado ser interiormente oca; humildemente supunham que devia

ser alguma coisa pertencente ao Homem-Montanha; e, se Sua Majestade houvesse por bem consentir, buscariam trazê-la com cinco cavalos apenas. Percebi imediatamente o que queriam dizer, e fiquei satisfeitíssimo ao ouvir a notícia. Parece que, ao dar à praia depois do naufrágio, eu me achava tão confuso, que antes de chegar ao lugar em que adormeci, o meu chapéu, seguro por uma corda à minha cabeça enquanto remei e nadei, caíra depois de ter eu pisado terra; havendo-se, a meu juízo, rompido a corda por algum acidente, sem que eu o percebesse, pois julgava perdido o chapéu no mar. Supliquei a Sua Majestade ordenasse que me fosse trazido o mais depressa possível, ao mesmo passo que explicava a sua utilidade e natureza; e com ele chegaram no dia imediato os carreiros, mas não em muito bom estado; pois haviam feito dois buracos na aba, a uma polegada e meia dos bordos, e prendido dois ganchos nos buracos; ligados os ganchos, por uma corda comprida, ao arnês, fora dessa maneira o chapéu arrastado por mais de meia milha inglesa; sendo, porém, o solo desse país muito liso e plano, sofreu menores danos do que eu esperava.

Dois dias depois dessa aventura, tendo ordenado o imperador que parte do seu exército, alojada no interior e nos arredores da metrópole, ficasse de prontidão, teve a ideia de divertir-se de maneira muito singular. Pediu que eu me quedasse como um colosso, com as pernas tão abertas quanto me fosse comodamente possível. Ordenou então ao seu general (velho e experimentado chefe e grande protetor meu) que dispusesse as tropas em formação cerrada e as fizesse marchar por baixo de mim; os infantes, em filas de 24, e os cavaleiros, em filas de 16, tambores ruflando, bandeiras despregadas e lanças em riste. Consistia esse corpo em três mil infantes e mil cavaleiros. Mandou Sua Majestade, sob pena de morte, que observassem todos os soldados na marcha a mais rigorosa decência em relação à minha pessoa; e, para confessar a verdade, os meus calções se achavam, nessa conjuntura, em tão mau estado, que proporcionaram algumas ocasiões de riso.

Eu já enviara tantos memoriais e tantas petições solicitando a minha liberdade, que Sua Majestade propôs, afinal, o caso, primeiro ao gabinete e, logo, ao conselho pleno; onde ninguém se opôs a ele, exceto Skyresh Bolgolah, que houve por bem, sem a menor provocação, tornar-se meu inimigo mortal. Foi, porém, aprovado, contra o seu parecer, por todo o conselho, e confirmado pelo imperador. Esse ministro era *galbet*, ou seja, almirante do reino, pessoa de muita confiança do amo, e grandemente

versada em negócios, mas rabugento e áspero de seu natural. Sem embargo, persuadiram-no, por fim, a aquiescer; mas concedeu-se-lhe que os artigos e condições sob os quais eu seria libertado e que eu deveria jurar, seriam redigidos por ele. Esses artigos foram-me apresentados pelo próprio Skyresh Bolgolam, acompanhado de dois subsecretários e diversas pessoas de distinção. Depois de lidos, exigiram-me jurasse cumpri-los; primeiro, ao modo do meu país e, em seguida, segundo o método prescrito pelas leis deles; que consistia em segurar o pé direito com a mão esquerda, colocar o dedo médio da mão direita no alto da cabeça, e o polegar na ponta da orelha direita. Mas como o leitor poderia ter curiosidade de conhecer o estilo e o modo de expressão dessa gente, bem como de inteirar-se dos artigos à conta dos quais recuperei a liberdade, traduzi o documento, palavra por palavra, o mais fielmente possível, e aqui o ofereço ao público:

“Golbasto Momarem Evlame Gurdilo Shefin Mully Ully Gue, mui poderoso imperador de Lilipute, delícia e terror do universo, cujos domínios se estendem por cinco mil *blustrugs* (cerca de 12 milhas em redondo) às extremidades do globo; monarca de todos os monarcas, mais alto do que os filhos dos homens; cujos pés calcam o centro, e cuja testa bate contra o sol; a cujo aceno de cabeça tremem os joelhos dos príncipes da terra; agradável como a primavera, confortativo como o verão, frutífero como o outono, terrível como o inverno. Propõe Sua Sublimíssima Majestade ao Homem-Montanha, recentemente chegado aos nossos domínios celestiais, os seguintes artigos, que, por juramento solene, será ele obrigado a cumprir:

“I — O Homem-Montanha não sairá dos nossos domínios sem licença autenticada com o nosso grande selo.

“II — Não se atreverá a entrar em nossa metrópole sem permissão expressa; ocasião em que os habitantes serão avisados com duas horas de antecedência para se conservarem em suas casas.

“III — O dito Homem-Montanha restringirá os seus passeios às estradas principais, e não tentará passear, nem deitar-se, num prado ou num campo de trigo.

“IV — Ao caminhar pelas ditas estradas, terá o máximo cuidado de não

pisar no corpo de nenhum dos nossos amados súditos, nem em seus carros, nem pegar com as mãos nenhum dos nossos súditos, sem o consentimento deles.

“V — Se um correio requerer extraordinária diligência, o Homem-Montanha será obrigado a transportar, em seu bolso, o mensageiro e o cavalo durante uma viagem de seis dias, uma vez em cada lua, e devolver o dito mensageiro (se isso for exigido) são e salvo à nossa imperial presença.

“VI — Será nosso aliado contra os nossos inimigos da Ilha de Blefuscu, e fará o possível para destruir-lhes a frota, que ora se apresta a invadir-nos.

“VII — O dito Homem-Montanha, em seus momentos de lazer, auxiliará e assistirá os nossos trabalhadores, ajudando-os a levantarem certas pedras grandes para o fim de cobrir o muro do parque principal e outros edifícios reais.

“VIII — O dito Homem-Montanha entregará, no espaço de duas luas, uma exata descrição da circunferência dos nossos domínios, calculada em passos seus ao redor da costa.

“Finalmente. Depois de haver ele jurado solenemente observar todos os artigos acima, serão concedidas ao dito Homem-Montanha quantidades diárias de carne e de bebidas suficientes para o sustento de 1.728 súditos nossos, com livre acesso à nossa real pessoa, e outras marcas de nosso favor. Dado em nosso palácio de Belfaborac, no 12º dia da nonagésima primeira lua do nosso reinado.”

Jurei e subscrevi esses artigos com grande alegria e contentamento, embora não fossem alguns tão honrosos quanto eu os poderia desejar; o que inteiramente se devem à má vontade do grande almirante; mas as cadeias desparearam-se-me *incontinenti* e eu me vi em plena liberdade. O mesmo imperador deu-me a honra de assistir pessoalmente à cerimônia. Mostrei o meu reconhecimento atirando-me aos pés de Sua Majestade; mas ele ordenou que eu me levantasse; e depois de muitas expressões afáveis, que, para fugir à pecha de vaidoso, omitirei, acrescentou esperar que eu viesse a mostrar-me útil servidor, e merecedor de todos os favores que me conferira e ainda poderia, futuramente, conferir-me.

Haverá por bem observar o leitor que no último artigo do recobrimento da minha liberdade, o imperador estipula me seja concedida uma quantidade de carne e bebidas suficiente para o sustento de 1.728 liliputianos. Algum tempo depois, perguntando a um amigo meu da corte de que maneira haviam conseguido fixar precisamente esse número, respondeu-me ele que os matemáticos de Sua Majestade, havendo tomado a altura do meu corpo por meio de um quadrante, e verificado que ela excede a dos deles na proporção de 12 para um, deduziram, da semelhança dos nossos corpos, que o meu devia conter pelo menos 1.728 dos deles, e exigir, conseqüentemente, a quantidade de alimentos necessária à sustentação de igual número de liliputianos. Pelo que pode o leitor formar ideia do engenho desse povo, assim como da prudente e exata economia de tão grande príncipe.

IV

Descrevem-se Mildendo, metrópole de Lilipute, e o palácio do imperador. Conversação entre o autor e um secretário do Estado a respeito dos negócios do império. O autor se oferece para servir o imperador em suas guerras.

A primeira coisa que pedi, obtida a liberdade, foi uma autorização para ver Mildendo, a metrópole; que o imperador facilmente me concedeu, recomendando-me, porém especialmente, que não machucasse os habitantes nem lhes danificasse as casas. Deu-se aviso ao povo, por uma proclamação, do meu projeto de visitar a cidade. A muralha que a rodeia mede dois pés e meio de altura e, pelo menos, 11 polegadas de largura, de sorte que se podem conduzir sobre ela com muita segurança um carro e seus cavalos; e é flanqueada de vigorosas torres, a dez pés de distância uma da outra. Passei por cima da grande porta ocidental e percorri, muito de espaço e de lado, as duas ruas principais, vestindo apenas o colete, receoso de estragar os telhados e algerozes das casas com as abas do casaco. Caminhei com a maior circunspeção para não pisar sobre nenhum extraviado que ainda pudesse encontrar-se nas ruas; se bem fossem muito severas as ordens para que todas as pessoas ficassem em casa, devendo sujeitar-se, de outro modo, a todos os perigos. Achavam-se as janelas das águas-furtadas e os telhados tão cheios de espectadores, que julguei não ter visto, em todas as minhas viagens, lugar mais populoso. A cidade é um quadrado exato, tendo cada lado da muralha quinhentos pés de comprimento. As duas grandes ruas, que a atravessam e dividem em quatro partes, medem cinco pés de largura; os becos e vielas, em que não pude entrar, contentando-me com vê-las ao passar, 12 a 18 polegadas. A cidade é capaz de abrigar quinhentas quinhentas mil almas; as casas têm de três a cinco andares; as lojas e mercados são bem sortidos.

Ergue-se o palácio do imperador no centro da cidade, onde se cruzam as duas grandes ruas. É circundado por um muro de dois pés de altura, que dista vinte pés do edifício. Obtive permissão de Sua Majestade para passar por cima desse muro; e, sendo assim tão grande o espaço entre ele e o palácio, pude examinar facilmente este último por todos os lados. O pátio externo é um quadrado de quarenta pés e inclui dois outros pátios: no mais interno se encontram os apartamentos reais, que eu desejava muitíssimo ver, o que me pareceu difícilíssimo; pois as grandes portas, que abriam de um quadrado para outro, mediam apenas 18 polegadas de altura e sete de largura. Ora, os edifícios do pátio externo tinham pelo menos cinco pés de altura e era-me impossível pular sobre eles sem os danificar muitíssimo, embora fossem as paredes solidamente construídas de pedra talhada e tivessem uma grossura de quatro polegadas. Ao mesmo tempo, desejava muito o imperador que eu visse a magnificência do seu palácio; mas só pude fazê-lo depois de três dias, que

gastei cortando com o meu canivete algumas árvores maiores do parque real, distante umas cem jardas da cidade. Dessas árvores fiz dois tamboretas, cada qual de três pés de altura, mais ou menos, e bastante fortes para me suportarem o peso. Tendo sido avisado uma segunda vez o povo, tornei a atravessar a cidade, em direção ao palácio, com os dois tamboretas na mão. Chegado ao pátio exterior, fiquei em pé sobre um tamborete e, tomando do outro, levantei-o por cima do telhado e delicadamente o coloquei no espaço compreendido entre o primeiro e o segundo pátio, que media oito pés de largura. Passei então muito comodamente por cima do edifício, de um tamborete a outro, e puxei o primeiro para ao pé de mim com uma bengala em forma de gancho. Destarte, cheguei ao pátio interno; e, deitando-me de lado, apliquei o rosto às janelas dos pavimentos centrais, adrede abertas, e deparei com os mais esplêndidos aposentos que se possam imaginar. Lá divisei a imperatriz e os jovens príncipes em suas diversas câmaras, rodeados de seus principais servidores. Dignou-se Sua Majestade Imperial de sorrir-me graciosamente e deu-me, pela janela, a mão a beijar.

Não quero, contudo, antecipar ao leitor novas descrições desse gênero, porque as reservo para obra de maior tomo que está quase pronta para ser impressa; em que se contém uma descrição geral deste império, desde a sua fundação, através de longa série de príncipes; com uma notícia circunstanciada de suas guerras, política, leis, ciências e religião; de suas plantas e animais; de seus usos e costumes especiais, com outros assuntos muito curiosos e úteis; pois é por ora o meu desígnio principal enarrar tão somente os sucessos ocorridos ao povo ou a mim mesmo durante os nove meses, mais ou menos, que residi nesse império.

Uma bela manhã, cerca de 15 dias depois de haver eu obtido a liberdade, Reldresal, secretário principal (como lhe chamam) dos negócios privados, veio à minha casa, acompanhado apenas de um servidor. Ordenou que o seu carro esperasse à distância, e pediu-me que lhe concedesse uma hora de audiência, ao que prontamente acedi, em razão assim da sua qualidade e dos seus méritos pessoais como dos muitos bons ofícios que me prestara durante as solicitações por mim dirigidas à corte. Eu me prontifiquei a deitar-me para que ele me pudesse alcançar mais comodamente o ouvido; o ministro, porém, preferiu deixar que o segurasse na mão durante a nossa conferência. Principiou por felicitar-me pela minha liberdade, dizendo que nela poderia reivindicar algum mérito para si; mas acrescentou que, a não ser pela presente situação das coisas na corte, eu talvez não a tivesse logrado tão cedo. “Pois”,

continuou, “por mais florescente que possa parecer aos estranhos a situação em que nos encontramos, pesam sobre nós dois grandes males: uma violenta discórdia interna e o perigo de uma invasão por parte do poderosíssimo inimigo externo. E quanto à primeira, deveis saber que há mais de setenta luas tem havido neste império dois partidos adversários, sob o nome de *Tramecksan* e *Slamecksan*, por causa dos saltos altos e baixos dos sapatos, com que eles se distinguem. Alega-se, com efeito, que os saltos altos dizem melhor com a nossa antiga constituição; mas, como quer que seja, o certo é que Sua Majestade determinou se faça uso tão somente de saltos baixos na administração do governo e em todos os cargos que dependem da coroa, como não podeis menos de observar; e, principalmente, que os saltos imperiais de Sua Majestade são mais baixos pelo menos um *drurr* do que quaisquer outros de sua corte (o *drurr* é uma medida equivalente à décima parte, aproximadamente, de uma polegada). Chegou a tal ponto a animosidade entre os dois partidos, que os membros de um não querem comer, beber, nem falar com os do outro. Calculamos que os *Tramecksan*, ou saltos altos, nos excedem em número; mas o poder, enfeixamo-lo todo em nossas mãos. Receamos que Sua Alteza Imperial, o herdeiro da coroa, tenha alguma tendência para os saltos altos; pelo menos, não há dúvida de que seja um dos seus saltos mais alto do que o outro, o que o faz manquejar quando anda. Pois bem, no meio dessas comoções intestinas, ameaça-nos uma invasão da Ilha de Blefuscu, o outro grande império do universo, quase tão grande e poderoso como este de Sua Majestade. Pois, tocante ao que de vós ouvimos, sobre a existência de outros reinos e Estados no mundo, habitados por criaturas humanas tão grandes como vós, estão muito em dúvida os nossos filósofos, e querem antes supor que tenhais caída da lua ou de alguma estrela; pois o certo é que uma centena de mortais do vosso tamanho destruiria em pouco tempo todos os frutos e todo o gado dos domínios de Sua Majestade: de mais disso, as nossas histórias de há seis mil luas não fazem referência a outras regiões além dos dois grandes impérios de Lilipute e Blefuscu. Duas grandes potências que, como ia eu dizer-vos, andam empenhadas, há mais de 36 luas, numa guerra encarniçadíssima, cujo móvel foi o seguinte: reconhece-se universalmente que a maneira primitiva de quebrar os ovos para comê-los consistia em quebrá-los pela ponta mais grossa; mas ao avô de Sua Majestade, quando menino, numa ocasião em que se dispunha a comer um ovo e quebrá-lo consoante o hábito antigo, sucedeu-lhe cortar um dedo; pelo que o imperador, seu pai, saiu com um edito em que

ordenava a todos os seus súditos, sob grandes penalidades, quebrarem os seus ovos pela ponta mais fina. Ressentiu-se por tanta maneira o povo dessa lei que, referem as nossas histórias, seis rebeliões estalaram por causa disso; nas quais um imperador perdeu a vida e outro, a coroa. Essas comoções civis foram constantemente fomentadas pelos monarcas de Blefuscu; e quando sufocadas, iam sempre refugiar-se os desterrados naquele império. Calcula-se que 11 mil pessoas, em diversas ocasiões, preferiram morrer a sujeitar-se a quebrarem os seus ovos pela ponta mais fina. Publicaram-se muitas centenas de grossos volumes sobre essa controvérsia: mas os livros dos pontagrossenses foram há muito interditados, e todo o partido é incapaz, por lei, de granjear empregos. No discurso desses tumultos, queixaram-se amiudadas vezes os imperadores de Blefuscu, por intermédio dos seus embaixadores, de estarmos provocando um cisma religioso, contrariando uma doutrina fundamental do nosso grande profeta Lustrog, no 54^o capítulo do Brundecral, que é o Alcorão deles. Isso, todavia, é considerado como simples torcedura do texto; pois as palavras são estas: todos os verdadeiros crentes quebrarão os seus ovos pela ponta conveniente; e, na minha humilde opinião, o decidir qual seja a ponta conveniente é assunto que deve competir à consciência de cada um ou pelo menos que só o magistrado supremo deve ter poder de resolver. Ora, os exilados pontagrossenses lograram tamanho crédito na corte do imperador de Blefuscu, e tanto auxílio e estímulo do seu partido secreto daqui, que se vem travando uma guerra sanguinolenta entre os dois impérios há 36 luas, com vária sorte; tempo esse durante o qual perdemos quarenta navios grandes, e um número muito maior de navios menores, além de trinta mil dos nossos melhores marinheiros e soldados; e calcula-se que os danos sofridos pelo inimigo sejam algo maiores do que os nossos. Não obstante, equipou ele agora uma frota numerosa e está se preparando para acometer-nos; e Sua Majestade Imperial, que deposita grande confiança em vosso valor e energia, ordenou-me que vos fizesse esta exposição dos seus negócios.”

Pedi ao secretário que apresentasse os meus humildes respeitos ao imperador; e que o científicasse de que julgava não me ficar bem, como estrangeiro, entremeter-me em questões partidárias; mas que estava pronto, com o risco de minha vida, a defender-lhe a pessoa e o Estado contra todos os invasores.

O autor, por um stratagema extraordinário, impede uma invasão. É-lhe conferido alto título honorífico. Chegam embaixadores do imperador de Blefuscu e solicitam a paz. Incendeiam-se por acidente os aposentos da imperatriz. Concorre o autor para salvar o resto do palácio.

O império de Blefuscu é uma ilha situada a nordeste de Lilipute, de que a separa apenas um canal de oitocentas jardas de largura. Eu ainda não a vira e, diante de uma notícia de uma projetada invasão, evitei aparecer naquele lado da costa, receoso de ser descoberto por algum navio do inimigo, que nada sabia a meu respeito; pois qualquer comércio entre os dois impérios fora rigorosamente proibido durante a guerra, sob pena de morte, tendo sido decretado pelo nosso imperador o embargo de todos os navios, sem distinção. Comuniquei a Sua Majestade um projeto que eu concebera de apoderar-me da frota inimiga; que, segundo nos haviam asseverado os batedores, se achava surta no porto, pronta a fazer-se à vela ao primeiro vento favorável. Consultei os mais experimentados marinheiros a respeito da profundidade do canal que haviam sondado muitas vezes; e eles me disseram que, no centro, quando a maré estava alta, media setenta *glumgluffs* de profundidade, equivalentes a uns seis pés, mais ou menos, na medida europeia; medindo o resto cinquenta *glumgluffs*, no máximo. Encaminhei-me para a costa nordeste, defronte de Blefuscu; onde, deitando-me atrás de uma colina, tomei o meu pequeno óculo de alcance e examinei a esquadra fundeada, consistente em cerca de cinquenta vasos de guerra e grande número de navios de transporte; desandei em seguida para casa e dei ordens (pois a tanto fora autorizado) para que me trouxessem grande quantidade do cabo mais forte que havia e barras de ferro. Tinha o cabo a grossura de um barbante, e as barras, o comprimento e o tamanho de uma agulha de meia. Tredobrei o cabo para aumentar-lhe a resistência e juntei, retorcendo-as, pela mesma razão, três das barras de ferro, dobrando as extremidades em forma de gancho. Havendo, dessa guisa, ligado três ganchos a outros tantos cabos, voltei para a costa nordeste e, tirando o casaco, os sapatos e as meias, entrei mar adentro, com o meu colete de couro, meia hora antes de subir a maré; vadeei o canal o mais depressa possível e nadei, no centro, umas trinta jardas, até achar pé outra vez. Em menos de meia hora havia alcançado a frota. Estarreceram-se de tal forma os inimigos quando me viram, que saltaram das suas naus e nadaram para a praia, onde não poderia haver menos de trinta mil almas: peguei então dos meus petrechos e, passando um gancho pelo buraco da proa de cada navio, amarrei todas as cordas umas às outras pela ponta. Enquanto eu me entretinha nisso, o inimigo desferiu diversos milhares de setas, muitas das quais se me espetaram nas mãos e no rosto; e, além de me doerem excessivamente, perturbaram-me muitíssimo o trabalho. Eu temia

sobretudo pelos olhos, que teria infalivelmente perdido, se me não acudisse, de improviso, um expediente. Conservava, entre outras pequenas coisas necessárias, num bolso secreto, um par de óculos que escapara, como já tive ocasião de observar, aos investigadores do imperador. Tirei-os e amarrei-os o mais fortemente que pude no nariz e, assim armado, prossegui, impávido, a minha obra, a despeito das flechas inimigas, muitas das quais bateram contra os vidros dos óculos, mas sem produzirem outro efeito senão o de desajustá-los um pouco. Tendo prendido todos os ganchos, segurei o nó com a mão, e comecei a puxar; mas nenhum barco se mexeu, pois estavam todos muito bem seguros pelos ferros; de sorte que ainda me faltava executar a parte mais arrojada da empresa. Soltei, por conseguinte, a corda e, deixando os ganchos presos às naus, cortei, resoluto, a ponta entrelaçada dos cabos, a que estavam presos os ganchos e, com a maior facilidade, arrastei atrás de mim cinquenta das maiores naves de guerra do inimigo.

Os blefuscudianos, que não tinham a menor ideia do que eu pretendia fazer, quedaram, a princípio, perplexos e pasmados. Tinham-me visto cortar os cabos e julgaram que fosse intenção minha deixar vogarem os navios à mercê das ondas ou embicarem uns nos outros; mas quando perceberam que toda a armada se movia em ordem, e me viram puxá-la, despediram um grito de dor e desespero que é quase impossível descrever ou conceber. Quando me vi fora de perigo, detive-me para arrancar as setas que se me haviam cravado nas mãos e no rosto; e esfreguei um pouco do mesmo unguento que me fora dado quando eu chegara, como já declarei anteriormente. Retirei os óculos e, depois de esperar cerca de uma hora que a maré baixasse, atravessei a vau o centro do canal com a minha carga, e cheguei a bom recado ao porto real de Lilipute.

O imperador e toda a sua corte encontravam-se na praia, aguardando o desfecho da grande aventura. Viram aproximarem-se os navios formando extensa meia-lua, mas não puderam divisar-me, pois eu tinha o corpo mergulhado n'água até o nível do peito. Quando cheguei ao centro do canal, continuavam aflitos, pois a água me alcançava o pescoço. Concluiu o imperador que eu me afogara e que a esquadra inimiga, hostil, se avizinhava: logo, porém, se tranquilizou; pois, como o canal se tornava mais raso a cada passo que eu dava, não tardei a chegar a uma distância que lhe permitia ouvir-me e, levantando a ponta do cabo que prendia a frota, gritei em voz alta: “Viva o poderoso imperador de Lilipute!” O grande príncipe recebeu-me, quando cheguei, com todos os encômios possíveis e fez-me, ali mesmo,

nardac, o mais alto título honorífero entre eles.

Desejava Sua Majestade que eu aproveitasse outro ensejo para trazer aos seus portos as restantes embarcações inimigas. E tão incomensurável é a ambição dos príncipes que parecia pensar nada menos que em reduzir à província todo o império de Blefuscu e governá-lo por intermédio de um vice-rei: em destruir os exilados ponta-grossenses e obrigar essa gente a quebrar os seus ovos pela ponta mais fina, com o que se tornaria o único monarca do universo. Busquei, todavia, dissuadi-lo desse propósito com muitos argumentos fundados nos ditames da política e da justiça; protestei francamente, “que nunca serviria de instrumento para arrastar à escravidão um povo corajoso e livre”; e, quando o assunto foi discutido em conselho, a parte mais prudente do ministério abundou no meu parecer.

Essa minha franca e ousada declaração contrariou por tanta maneira os planos e a política de Sua Majestade Imperial, que ele nunca pôde perdoar-ma. Referiu-se a ela de forma sobretudo artificiosa em conselho, onde me disseram que alguns dos seus membros mais discretos pelo menos pareciam, em vista do seu silêncio, concordar com a minha opinião; mas outros, meus inimigos, não puderam conter certas expressões que me chegaram indiretamente aos ouvidos; e, a partir desse momento, principiou uma intriga entre Sua Majestade e um grupo de ministros, meus desafeiçoados, que estourou menos de dois meses depois, e que tudo indicava redundaria na minha completa perdição. De tão pouco peso são os maiores serviços prestados aos príncipes, quando postos em balança com uma recusa de satisfazer-lhes as paixões.

Umás três semanas depois dessa façanha chegou de Blefuscu solene embaixador, com humildes ofertas de paz; que logo se concertou em condições vantajosíssimas para o nosso imperador, com cuja relação não importunarei o leitor. Havia seis embaixadores, com uma comitiva de quinhentas pessoas, mais ou menos; e a sua entrada foi de grande magnificência, como convinha à grandeza de seu amo e à importância do negócio. Concluído o tratado, no qual pude prestar-lhes vários bons ofícios à conta do crédito de que gozava, ou pelo menos parecia gozar, na corte, os embaixadores, secretamente informados de quanto eu fizera por eles, foram visitar-me. Começaram com muitos cumprimentos ao meu valor e generosidade, convidaram-me a visitar-lhes o reino, em nome do imperador seu amo, e pediram-me que lhes fizesse algumas demonstrações da minha força prodigiosa, de que tinham ouvido tantas maravilhas; no que

prontamente lhes satisfiz, embora não queira molestar o leitor com pormenores.

Depois de haver, durante algum tempo, entretido Suas Excelências, para “na satisfação e surpresa infinitas, pedi-lhes me fizessem a honra de apresentar os meus humílimos respeitos ao imperador seu amo, a fama de cujas virtudes tão justamente enchera de admiração o mundo inteiro, e cuja real pessoa eu decidira visitar, antes de regressar à minha terra natal. Consequentemente, na próxima vez que me foi dada a honra de ver o imperador, solicitei-lhe uma permissão geral para visitar o monarca blefuscudiano, que ele houve por bem conceder-me, segundo notei, de maneira muito fria; mas só me foi possível compreender a razão disso depois que certa pessoa veio contar-me, em segredo, que Flimnap e Bolgolam haviam representado o meu trato com esses embaixadores como prova de desafeição; do que tenho a certeza de que tinha o coração inteiramente livre. E foi esta a primeira vez em que principiei a formar ideia, posto que imperfeita, do que são cortes e ministros.

Cumpre observar que esses embaixadores falaram comigo por intermédio de um intérprete, visto que os idiomas de ambos os impérios diferem tanto um do outro como os de dois países quaisquer da Europa, e cada nação se jacta da antiguidade, da beleza e do vigor da própria língua, com manifesto desprezo da do vizinho; valendo-se, todavia, o nosso imperador da vantagem que obtivera ao apresar-lhe a frota, obrigou-os a apresentarem as suas credenciais e a fazerem os seus discursos no idioma liliputiano. E deve confessar-se que, em virtude das amplas relações financeiras e comerciais que existem entre os dois reinos; em resultado da contínua e mútua acolhida de exilados entre eles; e por efeito do hábito, em cada império, de se mandarem para o outro os jovens nobres e fidalgos mais ricos, a fim de se aprimorarem no conhecimento do mundo e na compreensão dos homens e costumes, há poucas pessoas de distinção, mercadores, marinheiros ou habitantes das zonas marítimas, que não saibam manter uma conversação nas duas línguas; como verifiquei algumas semanas depois, quando fui apresentar os meus respeitos ao imperador de Blefuscu, o que, no meio dos grandes infortúnios causados pela maldade dos meus inimigos, foi para mim felicíssima aventura, como referirei no lugar apropriado.

Há de lembrar-se o leitor de que, ao assinar os artigos que me valeram o recobro da minha liberdade, alguns havia que me desagradaram, por demasiado servis; e só mesmo a necessidade extrema poderia ter-me

obrigado a sujeitar-me a eles. Mas, sendo agora um *nardac* da mais alta classe do império, eram tais ofícios reputados inferiores à minha dignidade, e o imperador (para fazer-lhe justiça) nunca me falou neles. Não se passou, contudo, muito tempo sem que eu pudesse prestar a Sua Majestade um serviço, como então supus dos mais relevantes. A meia-noite alarmaram-me os gritos de muitas centenas de pessoas à minha porta; subitamente espertado por eles, senti-me possuído de uma espécie de terror. Ouvi, incessantemente repetida, a palavra *burglum*: diversas pessoas da corte do imperador, abrindo caminho através da multidão, suplicaram-me que fosse *incontinenti* ao palácio, onde ardiam os aposentos da imperatriz, pela incúria de uma das damas de honra, que adormecera enquanto lia um romance. De pronto me levantei: e, tendo sido ordenado que me dessem passagem, e sendo a noite também de luar, diligenciei chegar ao palácio sem pisar ninguém. Verifiquei que já se haviam colocado escadas nas paredes dos aposentos e que os trabalhadores estavam bem munidos de baldes, mas a água se encontrava a certa distância. Esses baldes eram do tamanho de um dedal grande, e aquela pobre gente mos entregava o mais depressa que podia; tão violentas, contudo, eram as chamas que de pouco serviam os baldes. Eu as poderia ter facilmente abafado com o casaco, mas infelizmente, em consequência da pressa, esquecera-o em casa, tendo vindo apenas com o colete de couro. O caso parecia inteiramente desesperado e deplorável; e o magnífico palácio ter-se-ia queimado completa e infalivelmente se, com uma presença de espírito que não me é habitual, eu não tivesse, de súbito, pensado num expediente. Na noite anterior eu bebera, a mais não poder, um vinho deliciosíssimo chamado *glimigrim* (os blefuscudianos chamam-lhe *flunec*, mas o nosso é considerado de melhor qualidade), extremamente diurético. Por felicíssimo acaso, eu não me aliviara de nenhuma quantidade dele. O calor que me abrasava, por me haver acercado muito das chamas, forcejando por apagá-las, fez que o vinho operasse pela urina; que verti em tamanha quantidade e apliquei tão oportunamente sobre os lugares apropriados, que em três minutos se extinguiu o fogo, preservando-se da destruição o resto do nobre edifício, cuja edificação levava tanto tempo.

Já amanhecia, e eu regressei a casa, sem esperar ocasião para felicitar o imperador; porque, se bem eu lhe tivesse prestado relevantíssimo serviço, ignorava se Sua Majestade não levaria a mal o modo por que eu o executara; pois, consoante as leis fundamentais do reino, é crime punível com a morte qualquer pessoa, seja qual for a sua hierarquia, urinar no recinto do palácio.

Confortou-me um pouco, entretanto, uma mensagem de Sua Majestade, em que ele mandava dizer-me que daria ordens ao grande juiz para que decretasse formalmente o meu perdão; o qual, todavia, não consegui obter; e afiançaram-me, em segredo, que a imperatriz, concebendo horror ao que eu fizera, passara a habitar a ala mais distante da corte e decidira nunca mais fossem aqueles edifícios restaurados para o seu uso; e que, em presença dos seus principais confidentes, não pudera menos de jurar vingança.

Dos habitantes de Lilipute; do seu saber, das suas leis e costumes, da sua maneira de educar os filhos. A maneira de viver do autor nesse país. A sua defesa de uma grande dama.

Embora eu tencionasse deixar a descrição deste império para um tratado particular, compraz-me, nesse meio tempo, satisfazer o leitor curioso com algumas ideias gerais. Assim como os nativos têm comumente pouco menos de seis polegadas de altura, assim há uma exata proporção em todos os outros animais, bem como nas plantas e nas árvores; os cavalos e bois mais altos, por exemplo, medem de quatro a cinco polegadas de altura, os carneiros, uma polegada e meia, mais ou menos; os gansos têm, aproximadamente, o tamanho de um pardal; e assim por diante, em escala descendente, até chegarmos aos menores que para a minha vista eram quase invisíveis; a natureza, porém, adaptou os olhos dos liliputianos a todos os objetos próprios para a sua visão; veem eles com grande exatidão, mas não a grande distância. E, para demonstrar a agudeza de sua vista em relação aos objetos próximos, agradou-me extremamente observar um cozinheiro que depenava uma calhandra, menor do que as moscas comuns; e uma rapariga que enfiava uma linha invisível numa agulha invisível. As suas árvores mais altas medem cerca de sete pés de altura; refiro-me às do grande parque real, cujos cimos eu conseguia alcançar com os punhos fechados. Os outros vegetais conservam as mesmas proporções; mas deixo isso a cargo da imaginação dos leitores.

Direi, por ora, pouca coisa do seu saber, que entre eles floresceu, por muitos séculos, em todos os seus ramos; mas singularíssimo é o seu modo de escrever, nem da esquerda para a direita, como o dos europeus; nem da direita para a esquerda, como os dos árabes; nem de cima para baixo, como o dos chineses, nem de baixo para cima, como o dos cascagianos; senão de través, de um canto a outro do papel, como o das senhoras inglesas.

Enterram os seus mortos com a cabeça para baixo, pois sustentam a opinião de que, volvidas 11 mil luas, todos se levantarão outra vez; período esse em que a terra (que supõem plana) virará de cima para baixo, de sorte que, ao ressuscitarem, se encontrarão em pé. Confessam os eruditos a absurdidade da doutrina; a prática, todavia, se mantém, numa concessão ao vulgo.

Há nesse império algumas leis e costumes muito singulares; e, a não serem tão diretamente contrários aos da minha querida pátria, eu me sentiria tentado a dizer alguma coisa em sua justificação. Fora apenas de desejar que fossem igualmente bem executadas. A primeira de que desejo falar refere-se aos delatores. Todos os crimes contra o Estado são aqui punidos com a máxima severidade; mas se o acusado demonstra cabalmente a sua inocência

durante o julgamento, é o acusador condenado *incontinenti* a uma morte ignominiosa, e dos seus bens e das suas terras é o inocente quadruplicadamente indenizado, pela perda de tempo, pelo perigo por que passou, pelas privações que sofreu na prisão e por todos os gastos que teve de fazer para defender-se; sendo insuficientes esses fundos, completa-os liberalmente a Coroa. Além disso, dá-lhe o imperador uma prova pública do seu favor; e a sua inocência é proclamada em toda a cidade.

Consideram a fraude maior crime do que o roubo e, por conseguinte, raro deixam de castigá-la com a morte; pois alegam que o cuidado e a vigilância, aliados a um entendimento comum, podem preservar dos ladrões os bens de um homem, mas a honestidade não tem defesa contra uma astúcia maior; e visto serem necessárias perpétuas relações de compra e venda e operações de crédito, em que a fraude é permitida e tolerada, não havendo leis que a punam, o comerciante honesto sai sempre perdendo e o maroto, ganhando. Recordo-me de que, ao interceder junto ao rei por um criminoso que prejudicara o amo numa grande soma de dinheiro, que recebera por sua ordem e com a qual fugira, sucedendo-me dizer a Sua Majestade, a modo de atenuação, que apenas se tratava de um abuso de confiança, o imperador julgou monstruoso que eu apresentasse como defesa o que mais agravava o crime; e, com efeito, pouco pude responder a isso, além de que nações diferentes têm diferentes costumes; pois confesso que me senti profundamente vexado.

Embora chamemos, de regra, ao prêmio e ao castigo os dois gonzos sobre os quais giram todos os governos, nunca vi posta em prática essa máxima por nação alguma, a não ser a de Lilipute. Quem quer que lá possa apresentar provas bastantes de haver observado rigorosamente as leis do seu país durante 73 luas, tem direito a certos privilégios, de acordo com a sua qualidade e condição de vida, com uma soma proporcionada de dinheiro, tirada de um fundo apropriado a esse fim; adquire, ao mesmo tempo, o título de *snipall*, ou legal, que se lhe acrescenta ao nome, mas que não é hereditário. Julga esse povo prodigioso defeito da nossa política o que referi sobre serem as nossas leis apenas reforçadas por penalidades, sem qualquer menção de recompensa. Por essa razão é a imagem da Justiça representada em seus tribunais com seis olhos, dois na frente, outros tantos atrás e um de cada lado, que significam circunspeção; uma bolsa de ouro aberta na mão direita, e uma espada embainhada na esquerda, para mostrar que está mais disposta a premiar do que punir.

Na escolha das pessoas para todos os cargos, levam eles mais em conta a moralidade do que as grandes aptidões; pois, visto ser o governo necessário ao gênero humano, acreditam que a craveira comum do entendimento humano há de convir a um ofício ou outro; e que a Providência nunca mirou ao intuito de fazer do manejo dos negócios públicos um mistério que só pode ser compreendido por umas poucas pessoas de sublime engenho, das que raro nascem três no mesmo século; mas supõem que a verdade, a justiça, a temperança e outras virtudes semelhantes estão ao alcance de todos os homens; cuja prática, assistida pela experiência e por uma boa intenção, qualificaria qualquer homem para servir o seu país, salvo quando se requerem estudos especiais. Mas entendem que a míngua de virtudes morais está tão longe de poder suprir-se com dotes superiores do espírito, que os cargos nunca poderão ser confiados a mais perigosas mãos do que às de pessoas assim qualificadas; e, pelo menos, que os erros cometidos pela ignorância, numa disposição virtuosa, nunca são de consequências tão fatais para o bem público quanto os atos de um homem inclinado à corrupção e possuidor de grande habilidade para multiplicar e defender as suas prevaricações.

Da mesma forma, o não crer numa Divina Providência torna o homem incapaz de desempenhar um ofício público; pois, uma vez que os reis se declaram deputados da Providência, cuidam os liliputianos que nada pode ser mais absurdo do que empregar um príncipe homens que negam a autoridade que lhe preside aos atos.

Desejo se compreenda que, ao falar nestas leis e nas seguintes, aludo apenas às instituições originais e não às escandalosíssimas perversões em que caiu esse povo mercê da natureza degenerada do homem. Pois observará o leitor que a prática infame de obter altos cargos dançando na corda bamba, ou marcas de favor e distinção pulando por cima de bengalas ou arrastando-se por baixo delas foi introduzida pelo avô do imperador ora reinante, e atingiu o atual apogeu em virtude do gradativo aumento de partidos e facções.

A ingratidão, para eles, é um crime capital, como lemos que o foi em outros países; pois raciocinam da seguinte maneira: quem paga com o mal a um benfeitor, há de ser, por força, inimigo de todo o gênero humano, do qual não recebeu obrigações; esse homem, por conseguinte, não está em condições de viver.

As suas ideias tocantes aos deveres dos pais e dos filhos diferem radicalmente das nossas. Pois desde que a união do macho e da fêmea se estriba na grande lei da natureza, que preside à propagação e continuação da

espécie, entendem os liliputianos que homens e mulheres se juntam como outros animais, movidos pela concupiscência, e que o amor aos filhos procede do mesmo princípio natural; razão pela qual não admitem que uma criança deve obrigação alguma ao pai por havê-la gerado, nem à mãe por havê-la dado à luz; o que, diante das misérias da existência humana, nem era um benefício em si mesmo nem como tal fora pretendido pelos pais, cujos pensamentos, nos encontros amorosos, se concentravam em assuntos muito diferentes. Fundados nesses e em outros raciocínios semelhantes, têm para si que os pais são as últimas pessoas do mundo a que se deve confiar a educação dos filhos; e têm, portanto, em cada cidade, seminários públicos, para onde todos os pais, tirante os roceiros e lavradores, são obrigados a enviar os filhos de ambos os sexos, a fim de serem criados e educados, quando chegam à idade de vinte luas, ocasião em que se supõe tenham já alguns rudimentos de docilidade. São essas escolas de várias espécies, adaptadas a diferentes qualidades, e a ambos os sexos. Têm certos professores habilíssimos no preparo das crianças para a condição de vida que convém à classe dos pais, e assim aos caprichos como às inclinações delas. Direi primeiro alguma coisa dos seminários masculinos e depois dos femininos.

Os seminários para os meninos de origem nobre ou eminente possuem graves e eruditos professores e diversos auxiliares. As roupas e a comida das crianças são singelas e simples. As crianças são educadas nos princípios da honra, da justiça, da coragem, da modéstia, da clemência, da religião e do amor ao seu país; estão sempre empregadas nalguma tarefa, exceto nas horas de comer e de dormir, muito curtas, e nas duas destinadas a diversões, que consistem em exercícios corporais. São vestidos por homens até aos quatro anos de idade e, depois, obrigados a vestirem-se sozinhos, por maior que seja a sua categoria; e as auxiliares femininas, cuja idade corresponde à das nossas aos cinquenta anos, ocupam-se apenas dos trabalhos servis. Nunca se permite aos meninos conversarem com os criados, sendo-lhes preciso andarem juntos, em grupos menores ou maiores quando vão às suas diversões, e sempre na presença de um professor, ou de um dos seus auxiliares; evitando assim as precoces e más impressões de insensatez a que estão sujeitas as nossas crianças. Aos pais permite-se vê-los duas vezes por ano; a visita dura apenas uma hora; só podem beijar o filho ao chegarem e ao saírem; e um professor, sempre presente nessas ocasiões, não admite que falem em voz baixa, que empreguem palavras mimosas nem que tragam brinquedos, doces ou coisa

parecida.

Quando uma família deixa de pagar a pensão para a educação e o sustento de um filho, encarregam-se de cobrá-la os oficiais do imperador.

Os seminários para os filhos das pessoas de posição média — comerciantes, mercadores e mecânicos — são dirigidos da mesma maneira, guardadas as devidas proporções; somente os que se destinam a um ofício principiam o aprendizado aos 11 anos; ao passo que os filhos de pessoas de qualidade continuam em seus exercícios até aos 15, que correspondem a 21 entre nós; mas a reclusão é gradativamente atenuada nos últimos três anos.

Nos seminários femininos, as meninas de qualidade são educadas de maneira muito semelhante à dos meninos, só que as vestem criadas modestas do mesmo sexo; mas sempre na presença de um professor ou auxiliar, até principiarem a vestir-se sozinhas, o que se dá aos cinco anos de idade. E quando se verifica que as aias se atrevem, alguma vez, a entretê-las com histórias terroríficas ou estúpidas, têm de dar três voltas pela cidade debaixo de chicote, publicamente, são detidas por um ano e desterradas por toda a vida para a região mais desolada do país. Dessa maneira, lá se envergonham as moças, tanto como os homens, de serem covardes e tolas, e desprezam todos os ornamentos pessoais, além do asseio e da decência; nem percebi em sua educação nenhuma diferença determinada pela dissemelhança de sexos, senão que os exercícios nunca eram tão violentos quanto os dos meninos; e que lhes eram ministradas normas relativas à vida doméstica, impondo-se-lhes um plano de estudos menos dilatado; pois entende esse povo que uma esposa, entre pessoas de qualidade, deve sempre ser uma companheira sensata e agradável, porque não pode ser sempre jovem. Ao completarem as meninas 12 anos, que é para elas a idade do casamento, levam-nas para casa os pais ou tutores, com grandes expressões de gratidão aos professores, e raro sem as lágrimas da filha e das companheiras.

Nos seminários de meninas de categoria inferior, ensinam-se às crianças todos os gêneros de trabalhos próprios do sexo e de suas várias classes. As que hão de ser aprendizes saem aos sete anos; as outras, ficam até os 13.

As famílias mais modestas que têm filhos nesses seminários são obrigadas, além de pagar-lhes a pensão anual, que é a menor possível, a entregar ao administrador do colégio uma pequena parte mensal dos seus ganhos, destinada a constituir um dote para a criança; e, conseqüentemente, todos os pais veem limitados por lei os seus gastos. Porque são de opinião os liliputianos que nada pode ser mais injusto que trazerem os pais filhos ao

mundo e deixarem ao público o encargo de sustentá-los. As pessoas de qualidade comprometem-se a doar a cada filho uma soma determinada, condizente com a sua condição; e esses fundos são sempre administrados com boa economia e rigorosa justiça.

Os roceiros e lavradores conservam os filhos em casa, já que lhes cumpre tão somente lavrar e cultivar a terra, sendo, portanto, a sua educação de pequena importância para o público; mas os velhos e enfermos entre eles são recolhidos a hospitais, pois a mendicância é um comércio desconhecido nesse império.

E aqui talvez possa interessar ao leitor curioso uma breve notícia dos meus assuntos domésticos e da maneira por que vivi nesse país, durante nove meses e 13 dias. Jeitoso como sou para a mecânica e obrigado, além disso, pela necessidade, eu fizera para mim uma mesa e uma cadeira, assaz cômodas, das árvores maiores do parque real. Empregaram-se duzentas costureiras para me fazerem camisas e roupas de cama e mesa, do tecido mais forte e grosseiro que encontraram; que elas, não obstante, se viram forçadas a dobrar diversas vezes, porque o mais grosso de todos era alguns pontos mais fino que a cambraia. Medem ordinariamente três polegadas de largura, e três pés constituem uma peça. As costureiras tomaram as minhas medidas enquanto eu jazia deitado, ficando uma delas em pé sobre o meu pescoço, e outra sobre a minha cintura, segurando cada qual a ponta de uma corda forte e esticada, ao mesmo passo que uma terceira media a extensão da corda com uma régua de uma polegada de comprimento. Mediram-me, em seguida, o polegar direito e declararam-se satisfeitas; pois, por meio de um cálculo matemático, segundo o qual duas circunferências do polegar equivalem a uma circunferência do pulso, o mesmo sucedendo em relação ao pescoço e à cintura, e com a ajuda de minha camisa velha, que estendi no chão, diante delas, para servir de modelo, vieram as novas a assentar-me perfeitamente. Trezentos alfaiates se empregaram, de idêntica maneira, na feitura das minhas roupas; mas valeram-se de outro meio para me tomarem as medidas. Ajoelhei-me e eles ergueram uma escada até o meu pescoço; por essa escada subiu um deles e deixou cair um fio de prumo do meu colarinho ao pavimento, que correspondia exatamente ao comprimento do meu casaco; mas a cintura e os braços medi-os eu mesmo. Terminadas as roupas, em minha casa (pois a maior das deles não as teria comportado), pareceram-me colchas de retalhos, como as fazem as damas na Inglaterra, porém de uma cor só.

Tinha eu trezentos cozinheiros que preparavam as minhas virtualhas, em pequenas e cômodas barracas, edificadas ao pé de minha casa, onde viviam com suas famílias e onde cada qual me guisava dois pratos. Eu pegava com a mão vinte criados e os colocava sobre a mesa; cem outros me serviam embaixo, no chão, alguns com pratos de carne, e alguns com barris de vinho e outras bebidas, apoiados ao ombro, que os criados de cima faziam subir, à proporção que eu os pedia de maneira engenhosíssima, com a ajuda de cordas, como fazemos subir a caçamba de um poço na Europa. Cada prato de carne era um bom bocado, e cada barril de vinho, um gole razoável. A carne de carneiro deles é inferior à nossa, mas a carne de vaca é excelente. Deram-me, de uma feita, um lombo tão grande que tive de comê-lo em três bocados; mas isto é raro. Pasmaram os meus criados de me verem comer com ossos e tudo, como fazemos em nossa terra com a perna de uma calhandra. Os gansos e perus eu geralmente os comia de uma vez só, e confesso que são muito superiores aos nossos. Das aves menores eu erguia vinte ou trinta na ponta da faca.

Um belo dia, informado da minha maneira de viver, expressou Sua Majestade Imperial o desejo de terem ele e sua Real Consorte, acompanhados dos jovens príncipes de sangue de ambos os sexos, a ventura, como houve por bem chamar-lhe, de almoçar comigo. Vieram, portanto, e eu os coloquei em tronos sobre a mesa, bem defronte a mim, rodeados de sua guarda. Flimnap, o grande tesoureiro, acompanhou-os também com o seu bastão branco; e eu observei que ele me fitava amiúde com o cenho carregado, ao que simulei não dar importância, comendo, pelo contrário, mais que de hábito, assim em honra de minha querida pátria, como para encher a corte de assombro. Tenho motivos particulares para acreditar que essa visita de Sua Majestade tenha dado ensejo a Flimnap para me prestar maus ofícios junto a seu amo. Esse ministro fora sempre meu secreto inimigo, posto me agradasse exteriormente mais do que era habitual à rabugem do seu temperamento. Fez ver ao imperador a triste situação do seu tesouro; que era obrigado a pedir dinheiro emprestado com grandes descontos; que os vales da tesouraria não circulariam a menos de noventa por cento abaixo do par; que eu custara a Sua Majestade mais de um milhão e meio de *sprugs* (a maior moeda de ouro deles, do tamanho de uma lentejoula, mais ou menos); e que, em resumo, seria aconselhável aproveitasse o imperador a primeira ocasião propícia para se ver livre de mim.

Vejo-me aqui obrigado a vindicar a reputação de uma excelente senhora

que sofreu, inocente, por minha causa. Deu-lhe ao tesoureiro para ter ciúmes da mulher, em razão da maldade de certas línguas peçonhentas que o informaram de que a esposa concebera por mim violenta afeição; e na corte circularam, durante algum tempo, rumores que ela viera uma vez, secretamente, aos meus aposentos. Declaro solenemente que isto é a mais infame das mentiras, destituída de quaisquer fundamentos, pois a sobredita senhora apenas se dignava tratar-me com todas as mostras inocentes de confiança e amizade. Confesso que ela vinha com frequência a minha casa, mas sempre publicamente, e nunca desacompanhada de três pessoas, pelo menos, em seu coche, que eram, de regra, a irmã, a filhinha e alguma amiga particular; o mesmo, aliás, faziam muitas damas da corte; e apelo a todos os meus criados para que digam se viram alguma vez um carro à minha porta sem saberem que pessoas vinham nele. Nessas ocasiões, quando um criado me avisava, eu tinha por hábito sair imediatamente à porta e, depois de apresentar os meus respeitos, tomava com muito cuidado nas mãos o coche e dois cavalos (pois, quando eram seis, o postilhão desatrelava quatro), e dispunha-os sobre a mesa, onde havia um aro móvel, perfeitamente circular, de cinco polegadas de altura, para prevenir acidentes; e tive muitas vezes quatro carros com os respectivos cavalos sobre a mesa, cheia de visitas, enquanto eu, sentado em minha cadeira, inclinava o rosto para elas; e ao passo que me entretinha com um grupo, o cocheiro passeava lentamente os outros ao redor. Passei muitas tardes agradabilíssimas nessas conversações. Desafio, porém, o tesoureiro e os seus dois informantes (nomeio-os agora e eles que se danem depois), Clustril e Drunlo, a provarem que alguém me tenha procurado incógnito, salvante o secretário Reldresal, enviado por ordem expressa de Sua Majestade Imperial, como já referi. Eu não me teria estendido tanto sobre esse pormenor se se não tratasse de um ponto em que está em jogo a reputação de uma grande dama, para não falar da minha; se bem eu tivesse então a honra de ser *nardac*, o que o tesoureiro não é; pois toda a gente sabe que ele é apenas um *clumglum*, título inferior como, na Inglaterra, o de marquês em relação ao de duque; reconheço, contudo, que ele me precedia por força do seu cargo. Estas falsas informações, que chegaram depois ao meu conhecimento por um acidente que não merece ser mencionado, fizeram que o tesoureiro mostrasse má cara à sua senhora durante algum tempo, e a mim, pior ainda; e embora ele, por fim, se desenganasse e reconciliasse com ela, perdi todo o crédito que lhe merecia, e vi diminuir com muita rapidez a minha influência junto ao mesmo imperador,

o qual se deixava, de fato, governar demasiado por esse favorito.

VII

Informado de um plano para acusá-lo de alta traição, foge o autor para Blefuscu. A sua acolhida nessa ilha.

Antes de referir minha partida desse reino, talvez convenha dar conta ao leitor de uma intriga secreta que durante dois meses se urdiu contra mim.

Eu fora, até então, em toda a minha vida, estranho às cortes, para cujo convívio me inabilitava a modéstia da minha condição. Eu já lera, de feito, muita coisa sobre as disposições dos grandes príncipes e ministros; mas nunca esperara encontrar tão terríveis efeitos delas em país tão remoto, governado, como cuidava, por máximas muito diversas das europeias.

Preparava-me eu para render homenagem ao imperador de Blefuscu, quando uma pessoa importante da corte (a quem eu prestara grande serviço numa ocasião em que ela incorrera no mais profundo desagrado de Sua Majestade Imperial) veio a minha casa, muito em secreto, à noite, numa cadeirinha fechada; e sem mandar dizer o seu nome, pediu permissão para entrar. Dispensados os moços que o haviam trazido, enfiei a cadeirinha, com Sua Excelência dentro dela, no bolso do casaco; e, dando ordem a um criado de confiança para que dissesse que eu estava incomodado e fora dormir, fechei a porta de minha casa, pus a cadeirinha sobre a mesa, consoante o meu costume e sentei-me ao pé dela. Trocadas as saudações habituais, havendo eu notado o semblante preocupado de Sua Excelência, e perguntado pela causa, pediu-me ele que o ouvisse com paciência sobre um assunto que dizia intimamente respeito à minha honra e à minha vida. O seu discurso foi concebido nestes termos, porque o pus em escrito assim que ele se foi:

— Deveis saber — disse —, que, ultimamente, se têm reunido várias Comissões do Conselho, da maneira mais secreta, por vossa causa; e faz apenas dois dias que Sua Majestade tomou uma resolução definitiva.

“Sabeis perfeitamente que Skyresh Bolgolam (*Galbet* ou Grande Almirante) tem sido vosso inimigo mortal desde que chegastes. Desconheço-lhe as razões originais; mas o seu ódio aumentou a partir do vosso grande triunfo contra Blefuscu, que lhe ofuscou sobremodo a glória de almirante. Este senhor, aliado a Fimnap, o grande tesoureiro, cuja inimizade contra vós é notória por causa da sua senhora; a Limtoc, o general; a Lalcon, o camareiro e a Balmuff, o grande juiz, redigiu contra vós uma acusação por traição e outros crimes capitais.”

Espertou-me esse prefácio de tal forma a impaciência, consciente como me achava dos meus méritos e inocência, que me dispunha a interrompê-lo; quando ele me suplicou silenciasse, e prosseguiu desta arte:

— Movido de gratidão pelos favores que me prestastes, busquei

informar-me de todo o processo, e obter uma cópia dos artigos de acusação; no que arrisquei minha cabeça para servir-vos.

*ARTIGOS DE ACUSAÇÃO CONTRA QUINBUS
FLESTRIN, o HOMEM-MONTANHA.*

Artigo I

“Considerando que, por estatuto promulgado durante o governo de sua Majestade Imperial Calin Deffar Plume, ficou estabelecido que quem quer que urine no recinto do palácio real está sujeito às penas e castigos da alta traição; e que, sem embargo disso, transgredindo manifestamente a dita lei, a pretexto de extinguir um incêndio que lavrou nos aposentos da caríssima Consorte Imperial de Sua Majestade, maliciosa, traiçoeira e diabolicamente, pela vertedura de sua urina, o referido Quinbus Flestrin extinguiu o dito incêndio que lavrara nos ditos aposentos, encontrando-se no recinto do dito palácio real, contra o referido estatuto, etc., contra o dever, etc.

Artigo II

“Que o dito Quinbus Flestrin, tendo trazido a frota de Blefuscu ao porto real, e tendo-lhe sido ordenado por Sua Majestade Imperial que apresasse os mais navios do dito império de Blefuscu, e reduzisse esse império a uma província, que seria, a partir de então, governada por um vice-rei, e destruísse e mandasse matar não só todos os exilados ponta-grossenses, mas também todas as pessoas desse império que não renunciassem imediatamente à heresia ponta-grossense; ele, o dito Flestrin, como desleal traidor à Sua Auspiciosa, Serena e Imperial Majestade, rogou fosse escusado do dito serviço, a pretexto de que lhe repugnava forçar a consciência ou destruir a liberdade e a vida de um povo inocente.

Artigo III

“Que ao chegarem certos embaixadores da corte de Blefuscu, a fim de pedirem paz à corte de Sua Majestade; ele, o dito Flestrin, como traidor desleal, ajudou, apadrinhou, confortou e divertiu os ditos embaixadores embora soubesse serem eles servidores de um príncipe que fora recentemente inimigo declarado de Sua Majestade Imperial, e que estivera em guerra declarada contra sua dita Majestade.

Artigo IV

“Que o dito Quinbus Flestrin, contrariando os deveres de um súdito fiel, prepara-se agora para fazer uma viagem à corte e ao império de Blefuscu, para a qual recebeu tão somente licença verbal de Sua Majestade Imperial; e, sob color da dita licença, pretende realizar a dita viagem e, por meio dela, ajudar, confortar e apadrinhar o imperador de Blefuscu que era, há tão pouco tempo, inimigo de sua dita Majestade Imperial e contra ele movia guerra declarada.”

“Há outros artigos; mas os mais importantes são estes de que vos li um resumo.

“Deve confessar-se que, no decurso dos vários debates que se travaram a propósito dessa acusação, deu Sua Majestade inúmeras mostras da sua lenidade; invocando amiúde os serviços que lhe prestastes e buscando atenuar os vossos crimes. Insistiam o tesoureiro e o almirante em que devíeis ser condenado à morte mais cruel e ignominiosa, ateando-se fogo à vossa casa durante a noite; devendo o general, com vinte mil homens, armados de flechas envenenadas, dispará-las contra o vosso rosto e vossas mãos. Alguns dos vossos criados receberiam ordens secretas para derramarem em vossas camisas e cobertas um suco peçonhento que logo vos obrigaria a rasgar a própria carne e a morrer no meio das maiores torturas. Abundou o general no mesmo parecer; de sorte que, durante muito tempo, houve maioria contra vós; mas como Sua Majestade decidira poupar-vos, se possível, a vida, logrou afinal persuadir o camareiro.

“Ordenou o imperador a Reldresal, secretário principal dos negócios privados, que sempre se mostrou vosso amigo verdadeiro, que expusesse a sua opinião sobre o caso, e ele assim o fez; justificando nisso o bom conceito

em que o tendes. Admitiu serem grandes os vossos crimes, acrescentando que, apesar disso, ainda havia lugar para a clemência, a virtude mais louvável num príncipe, e em razão da qual era Sua Majestade tão justamente célebre. Disse ser tão conhecida do mundo a amizade entre vós e ele, que o honorabilíssimo conselho poderia, talvez, julgá-lo parcial, obedecendo, porém, à ordem que recebera, exporia sinceramente as suas opiniões. Se Sua Majestade, em atenção aos vossos serviços, e de acordo com a clemência de seu natural, fosse servido poupar-vos a vida, e desse ordem apenas para que vos arrancassem os olhos, cuidava ele humildemente que, por meio desse expediente, se satisfazia de certo modo a justiça, e o mundo inteiro aplaudiria assim a lenidade do imperador como o nobre e generoso procedimento dos que têm a honra de serem seus conselheiros. A perda dos vossos olhos não constituiria impedimento à vossa força corporal, que ainda vos poderia tornar útil à Sua Majestade: a cegueira aumenta a coragem, ocultando-nos os perigos; pois o medo que tivestes pelos vossos olhos foi o que mais vos embarçou ao trazerdes a esquadra inimiga; e bastar-vos-ia enxergar pelos olhos dos ministros, pois não fazem outra coisa os maiores príncipes.

“Essa proposta foi recebida com a desaprovação mais completa por todo o conselho. Bolgolam, o almirante, não teve mão em sua cólera; erguendo-se, furioso, disse pasmar de que o secretário se atrevesse a interceder pela vida de um traidor, ajuntando que os serviços que prestastes eram, à luz de todas as verdadeiras razões de Estado, o maior agravamento de vossos crimes; que vós, que aparecestes descalço no palácio para extinguir as chamas, poderíeis aparecer no mesmo estado quando não lavrasse incêndio nenhum; e que a mesma força que vos capacitara para trazer a esquadra do inimigo, poderia servir, ao primeiro motivo de descontentamento, para que a levásseis de volta; que ele tinha boas razões para cuidar fôsseis, no íntimo, um pontagrossense; e como a aleivosia começa no coração antes de manifestar-se por meio de atos públicos, ele vos acusava de traidor por esse motivo, insistindo, por conseguinte, em que fôsseis condenado à morte.

“Era da mesma opinião o tesoureiro; mostrou a que miséria se tinham reduzido as rendas de Sua Majestade, à conta do encargo de vossa manutenção, que logo se tornaria insuportável; que o expediente do secretário de arrancar-vos os olhos, em vez de remediar esse mal, serviria, pelo contrário, provavelmente, de agravá-lo, como o demonstra a prática comum de cegar certo gênero de aves, que, depois disso, se alimentam mais e engordam mais depressa; que Sua Sagrada Majestade e o Conselho, que são

os vossos juízes, estavam em sua consciência convencidos da vossa culpa, o que constituía argumento suficiente para condenar-vos à morte, sem as provas formais que requer a letra expressa da lei.

“Mas Sua Majestade Imperial, decididamente contrário à pena capital, houve graciosamente por bem afirmar que, visto considerar o Conselho a perda dos vossos olhos como castigo demasiado brando, outro vos poderia ser infligido mais tarde. E vosso amigo, o secretário, pedindo humildemente para ser ouvido outra vez, em resposta às objeções do tesoureiro no tocante ao grande encargo que representava para Sua Majestade a vossa manutenção, disse que Sua Excelência, que tinha à sua inteira disposição as rendas do imperador, poderia remediar facilmente o mal, diminuindo-vos gradativamente o sustento; em virtude do que, falto de alimentação suficiente, ficareis fraco e esgotado, e perdereis o apetite, e vos consumireis em poucos meses; nem seria tão perigoso o fedor do vosso cadáver, pois estaríeis reduzido a menos do que a metade; e imediatamente após a vossa morte cinco ou seis mil súditos de Sua Majestade poderiam, em dois ou três dias, arrancar-vos a carne dos ossos, transportá-la em carros e enterrá-la em regiões distantes, a fim de impedir a infecção, deixando o esqueleto como monumento para a admiração dos pósteros.

“Dessarte, em virtude da grande amizade do secretário, concertou-se o assunto. Ordenou-se severamente que o projeto de matar-vos aos poucos de fome fosse mantido em segredo; mas a sentença de arrancar-vos os olhos foi registrada nos livros; não havendo ninguém discordado senão Bolgolam, o almirante, que, como criatura da imperatriz, era por ela perfeitamente instigado a insistir sobre a vossa morte, pois Sua Majestade vos quer perpetuamente mal, em razão do vosso procedimento ilegal ao apagardes o fogo em seus aposentos.

“Daqui a três dias receberá o vosso amigo, o secretário, o encargo de vir à vossa casa para ler-vos os artigos da acusação, e para, logo, inteirar-vos da grande lenidade e benevolência de Sua Majestade e do Conselho, pelas quais sereis apenas condenado a perder os olhos, ao que Sua Majestade não duvida de que vos submetais agradecida e humildemente; e vinte dos cirurgiões de Sua Majestade, em ordem a que a operação se processe bem, descarregarão nas meninas dos vossos olhos agudíssimas farpas, quando vós estendido no chão.

“Deixo à vossa prudência a eleição das medidas que haveis de tomar; e para evitar suspeitas, tenho de voltar imediatamente com o mesmo sigilo com

que vim.”

Assim fez Sua Excelência; e eu fiquei só, debatendo-me em dúvidas e perplexidades.

Era costume introduzido por esse príncipe e seu ministério (muito diferente, segundo me asseguraram, das práticas antigas), depois de haver sido decretada pela corte alguma execução cruel, ou para satisfazer o ressentimento do monarca, ou a maldade de um favorito, pronunciar o imperador um discurso a todo o Conselho, falando de sua grande clemência e brandura, como qualidades universalmente conhecidas e reconhecidas. Era o discurso imediatamente publicado em todo o reino; e nada aterrorizava mais o povo de que os encômios à clemência de Sua Majestade; pois fora observado que quanto mais se estendia o orador sobre esses elogios e mais insistia neles, tanto mais desumano era o castigo e mais inocente o castigado. Devo, todavia, confessar que, no que a mim me toca, nunca tendo sido destinado a palaciano, nem pelo nascimento, nem pela educação, era eu tão mau juiz dessas coisas que não consegui descobrir a clemência, nem a brandura da sentença, mas antes a considerei (talvez erradamente) mais rigorosa do que suave. Pensei em defender-me nos autos; pois, se bem não pudesse negar os fatos alegados nos diversos artigos, esperava que neles se reconhecessem algumas atenuantes. Havendo, porém, examinado em minha vida muitos processos de Estado e tendo observado que sempre terminavam de acordo com a vontade dos juízes, não me abalancei a fiar-me de tão perigosa decisão, em conjuntura tão crítica e contra tão poderosos inimigos. Em dada ocasião me senti fortemente inclinado à resistência; pois enquanto eu tivesse liberdade, toda a força desse império dificilmente poderia sujeitar-me e ser-me-ia fácil arrasar a metrópole a pedradas; mas logo renunciei ao projeto, horrorizado, ao lembrar-me do juramento que fizera ao imperador, dos favores que dele recebera, e do alto título de *nardac* que me fora conferido. Nem aprendera eu tão depressa a gratidão dos áulicos, para persuadir-me de que as atuais severidades de Sua Majestade me desoneravam de todas as passadas obrigações.

Tomei, por fim, uma resolução que provavelmente me acarretará algumas censuras, e não imerecidas; pois confesso dever a preservação da vista e, por consequência, da liberdade, à minha grande precipitação e inexperiência; porque, se eu então conhecesse a natureza dos príncipes e ministros, que depois disso observei em muitas cortes, e os seus métodos de tratarem criminosos menos culpados do que eu, ter-me-ia submetido a tão

brando castigo com grande presteza e alegria. Mas, levado da inconsideração da mocidade, e da posse da licença de Sua Majestade Imperial para render homenagem ao imperador de Blefuscu, aproveitei o ensejo, primeiro que os três dias se esgotassem, para mandar uma carta a meu amigo, o secretário, significando-lhe a decisão de embarcar aquela manhã para Blefuscu, em virtude da permissão que obtivera; e sem aguardar resposta, fui para a parte da ilha em que se encontrava a nossa frota. Apanhei um grande navio de guerra, e amarrei o cabo à proa; e, levantando ferro, despi-me, pus as minhas roupas (junto com a coberta, que trazia debaixo do braço) no barco, e puxando-o, já vadeando, já nadando, cheguei ao porto real de Blefuscu, onde fazia muito tempo que o povo me esperava. Forneceram-me dois guias para me conduzirem à capital, que tem o mesmo nome: levei-os na mão até chegar a duzentas jardas da porta, e pedi-lhes “que dessem aviso da minha chegada a um dos secretários e o fizessem saber que eu lá esperava as ordens de Sua Majestade”. Cerca de uma hora depois recebi a resposta de que Sua Majestade, acompanhado da família real e dos grandes da corte, saía para receber-me. Adiantei-me cem jardas. O imperador e sua comitiva desmontaram os seus cavalos, a imperatriz e as damas apearam dos seus carros, e não observei neles temor nem inquietação alguma. Deitei-me no chão para beijar as mãos de Sua Majestade e da imperatriz. Declarei a Sua Majestade que eu viera consoante a minha promessa, e com a licença do imperador meu amo, para ter a honra de ver tão poderoso monarca e para oferecer-lhe os serviços que pudesse prestar-lhe, consistentes com as minhas obrigações para com o meu príncipe; sem dizer uma única palavra acerca do meu desvalimento, porque não tivera até então nenhuma informação oficial a respeito, e podia figurar-me de todo o ponto ignorante de tal desígnio; nem poderia eu razoadamente conceber que o imperador revelasse o segredo enquanto eu estivesse fora do seu alcance; no que, todavia, logo verifiquei ter-me enganado.

Não incomodarei o leitor com uma notícia circunstanciada de minha recepção nessa corte, condizente com a generosidade de tão grande príncipe; nem das dificuldades que se me antolharam por falta de casa e de cama, que me obrigaram a dormir no chão, envolto apenas em minha coberta.

VIII

O autor, por um acidente feliz, tem traça para sair de Blefuscu e, depois de algumas dificuldades, torna são e salvo ao seu país natal.

Três dias após a minha chegada, caminhando, por simples curiosidade, para a costa nordeste da ilha, descobri, a cerca de meia légua mar adentro, algo semelhante a um barco virado. Tirei os sapatos e as meias e, vadeando duzentas ou trezentas jardas, notei que o objeto se aproximava, trazido pela maré; e vi então perfeitamente tratar-se de um bote de verdade, que supus tivesse sido arrebatado de um navio por alguma procela. Em vista disso, voltei sem perda de tempo à cidade, e pedi a Sua Majestade Imperial me emprestasse vinte das maiores embarcações que da esquadra lhe haviam restado, e três mil marinheiros sob o comando do vice-almirante. Fez-se ao mar essa frota enquanto eu voltava pelo caminho mais curto para a costa de onde vira pela primeira vez a canoa. Verifiquei que a maré a aproximara ainda mais. Todos os marinheiros estavam munidos de cordas que eu previamente trançara para dar-lhes suficiente vigor. Ao acercarem-se as naus, despi-me, vadeei o mar até chegar a umas cem jardas do escaler, quando fui obrigado a nadar a fim de aproximar-me dele. Os marinheiros atiraram-me a ponta da corda, que preendi num buraco, na parte anterior do bote, prendendo a outra ponta num vaso de guerra; baldaram-se-me, porém, todos os esforços; pois, como não achasse pé naquele sítio, não pude trabalhar. Nessas condições, vi-me obrigado a nadar atrás da canoa e empurrá-la para a frente, sempre que podia, com uma das mãos; e como me favorecesse a maré, nadei tão depressa que logo, erguendo a cabeça, senti o fundo do mar. Descansei dois ou três minutos e dei ao bote novo empurrão, e assim fiz até que a água já não me ultrapassava as axilas; terminada a parte mais laboriosa, tomei os outros cabos, guardados num dos navios, e amarrei-os bem, primeiro ao escaler e, logo, a nove das embarcações que me acompanhavam; era-nos favorável o vento, os marinheiros levaram o bote à sirga, e eu o empurrei, até chegarmos a cerca de quarenta jardas da praia; esperando que a maré baixasse de todo, cheguei de pé enxuto ao bote; e com a assistência de dois mil homens, providos de cordas e engenhos, consegui restituí-lo à posição normal, verificando então que se achava pouco danificado.

Não maçarei o leitor referindo as dificuldades que encontrei, com a ajuda de certos remos, cujo feitio me levou dez dias, para levar a canoa ao porto real de Blefuscu, onde enorme concurso de gente me recebeu ao chegar, maravilhada à vista de tão prodigiosa embarcação. Eu disse ao imperador que a minha boa fortuna me deparara esse bote a fim de me levar a algum sítio de onde eu poderia voltar para a minha terra natal; e solicitei

ordens de Sua Majestade para obter os materiais com que pudesse repará-lo; bem como a sua permissão para partir; o que, depois de algumas trocas de cortesias, houve ele por bem conceder-me.

Muitíssimo me admirei, durante todo esse tempo, de não ter havido notícias de algum mensageiro que o nosso imperador tivesse mandado à corte de Blefuscu, com informações a meu respeito. Mas deram-me, ao depois, secretamente, a entender que Sua Majestade Imperial, não imaginando que eu tivesse o menor conhecimento dos seus desígnios, acreditava que eu fora apenas a Blefuscu para cumprir a minha promessa, consoante a licença que me dera, notória em nossa corte, e que voltaria poucos dias depois, terminada a cerimônia. Todavia, acabou por afligi-lo a minha longa ausência; e, depois de consultar o tesoureiro e o resto da cabala, enviou uma pessoa de qualidade com uma cópia dos artigos contra mim. O enviado recebera instruções para fazer ver ao monarca de Blefuscu, “a grande lenidade de seu amo, que se contentava com punir-me apenas privando-me dos olhos; que eu fugira da justiça; e que, se não voltasse dentro em duas horas seria despojado do meu título de *nardac*, e declarado traidor. Ajuntou ainda o enviado, que, para o fim de manter a paz e a amizade entre os dois impérios esperava o imperador que o seu irmão de Blefuscu ordenasse a minha devolução a Lilipute com pés e mãos amarrados, para ser castigado como traidor”.

Depois de três dias de consultas deu o imperador de Blefuscu uma resposta consistente em muitas civilidades e desculpas. Disse ele que, em quanto a devolver-me amarrado, sabia seu irmão ser impossível; que, se bem eu o tivesse privado da sua esquadra, devia-me grandes obrigações pelos muitos bons ofícios que eu lhe prestara ao concertar-se a paz. Que, não obstante, ambas as Suas Majestades não tardariam a tranquilizar-se pois eu encontrara na praia uma prodigiosa embarcação, capaz de me levar pelo mar afora, que ele dera ordens para esquipar com a minha assistência e instruções; e esperava que em poucas semanas ambos os impérios se vissem livres de carga tão insuportável.

Com essa resposta desandou o enviado para Lilipute, e o monarca de Blefuscu me referiu quanto se passara; oferecendo-me, ao mesmo tempo (mas debaixo do maior sigilo), a sua graciosa proteção, se eu quisesse continuar a seu serviço; mas posto o acreditasse sincero, eu decidira nunca mais depositar confiança em príncipes ou ministros, sempre que me fosse dado evitá-lo; e, portanto, com todo o reconhecimento devido às suas favoráveis intenções, roguei-lhe, humilde, que me escusasse. Disse-lhe que,

visto me ter a fortuna, boa ou má, antolhado uma embarcação, eu queria antes cometer-me ao oceano do que ser ocasião de discórdia entre dois monarcas tão poderosos. Nem me pareceu desgostoso o imperador; e descobri, por via de certo acidente, que ele se agradara muitíssimo da minha resolução, verificando-se o mesmo com a maioria dos seus ministros.

Essas considerações levaram-me a apressar a partida algo mais do que eu tencionava; ao que a corte, impaciente por me ver pelas costas, prontamente contribuiu. Empregaram-se quinhentos trabalhadores para me fazerem duas velas para o bote, segundo as minhas instruções, dobrando 13 vezes o tecido mais forte que encontraram. Deu-me grande trabalho a feitura de cordas e cabos, trançando dez, vinte ou trinta dos mais grossos e fortes que possuíam. Uma pedra grande que acertei de achar na praia, depois de acurada busca, me serviu de âncora. Deram-me o sebo de trezentas vacas para engraxar o bote e para outros usos. Afadiguei-me incrivelmente em cortar algumas das árvores maiores de construção, para delas fazer remos e mastros, no que fui, todavia, muito auxiliado pelos construtores de navios de Sua Majestade, que me ajudaram a lavrá-las, depois de ter eu feito o serviço mais pesado.

Cerca de um mês depois, quando tudo se achava preparado, mandei dizer que aguardava as ordens do imperador e desejava despedir-me. O imperador e a família real saíram do palácio; deitei-me, com o rosto no chão, para beijar-lhe a mão, que ele, mui graciosamente, me deu; e assim fizeram a imperatriz e os jovens príncipes de sangue. Deu-me Sua Majestade de presente cinquenta bolsas com duzentos *sprugs* cada uma, além de um retrato seu, de tamanho natural, que enfiei imediatamente numa das minhas luvas, a fim de impedir que se estragasse. Foram tantas as cerimônias celebradas por ocasião da minha partida, que não paga a pena molestar agora o leitor com a sua descrição.

Abasteci o bote com as carcaças de cem bois e trezentos carneiros, pão e bebidas na mesma proporção, e toda a carne já preparada de que me puderam sortir quatrocentos cozinheiros. Levei comigo seis vacas e dois touros vivos e outras tantas ovelhas e carneiros, pretendendo transportá-los para a minha terra e propagar a espécie; e para alimentá-los a bordo carreguei um bom feixe de feno e um saco de milho. Eu teria prazerosamente levado uma dúzia de nativos, mas não mo permitiu, de forma alguma, o imperador; e, além de ordenar uma busca diligente em meus bolsos, obrigou-me Sua Majestade a prometer por minha honra, “que não levaria embora nenhum dos seus súditos,

ainda que estes o consentissem e desejassem”.

Havendo, dessarte, preparado tudo da melhor maneira que pude, levantei ferro no dia 24 de setembro de 1701, às seis horas da manhã; e, depois de haver navegado umas quatro léguas para o norte, soprando o vento de sudeste, às seis da tarde divisei uma ilhota, coisa de meia légua a nordeste. Adiantei-me e fundeei na parte da ilha que ficava a sotavento, parecendo-me ela desabitada. Tomei alguns alimentos e preparei-me para descansar. Dormi bem, umas seis horas pelo menos, segundo conjecturo, pois o dia repontou duas horas depois de eu haver acordado. A noite estava clara. Tomei o desjejum antes do abrir do sol; e, levantando âncora, e soprando favorável o vento, segui o mesmo rumo da véspera, guiado pela minha bússola de bolso. Era minha intenção alcançar, se possível, uma das ilhas que eu tinha razões para acreditar existentes a nordeste da terra de Van Diemen. Nesse dia não descobri coisa alguma; no dia seguinte, porém, lá pelas três horas da tarde, depois de me haver, segundo os meus cálculos, distanciado 24 léguas de Blefuscu, vislumbrei uma vela que se dirigia para sudeste; o meu rumo era o levante. Saudei-a, mas não obtive resposta; percebi, contudo, que me aproximava dela, porque o vento amainara. Tendi as velas quanto pude e meia hora depois ela me viu, arvorou a bandeira da popa e disparou um tiro de canhão. Não é fácil exprimir a alegria que senti ao renascer-me a imprevista esperança de rever o meu amado país e as queridas prendas que nele deixara. O navio afrouxou as velas, e eu o alcancei entre cinco e seis da tarde, no dia 26 de setembro; saltou-me, porém, o coração dentro do peito quando lhe distingui a bandeira inglesa. Enfiei as minhas vacas e carneiros no bolso do casaco, e subi para bordo com todo o meu carregamentozinho de provisões. Tratava-se de um navio mercante inglês que voltava do Japão pelos mares do Norte e do Sul; o capitão, Mr. John Biddle, de Deptford, homem amabilíssimo, era excelente marinheiro. Estávamos então a trinta graus de latitude sul; havia uns cinquenta homens a bordo; e entre eles encontrei um velho camarada, Peter Williams, que fez boas referências a meu respeito ao capitão. Este foi muito amável comigo e me pediu lhe dissesse de onde vinha e para onde me dirigia; o que fiz em poucas palavras, supondo ele que eu delirava e que os perigos por que passara me haviam transtornado a cabeça; tirei então do bolso as minhas vacas e carneiros, que, depois de o surpreenderem enormemente, de todo o convenceram da minha veracidade. Mostrei-lhe o ouro que me dera o imperador de Blefuscu, o retrato de Sua Majestade em tamanho natural, e outras raridades daquele país. Dei-lhe duas

bolsas de duzentos *sprugs* cada uma e prometi que, chegados à Inglaterra, lhe faria presente de uma vaca e de uma ovelha prenhes.

Não enfadarei o leitor com uma notícia circunstanciada dessa viagem, assaz próspera em sua maior parte. Chegamos às Dunas no dia 13 de abril de 1702. O único infortúnio que me sucedeu foi haverem os ratos de bordo carregado um dos carneiros; encontrei-lhe os ossos num buraco, inteiramente despidos de carne. O resto chegou a terra a bom recado e eu lhe dei, à guisa de pasto, um canteiro de relva em Greenwich, onde a delicadeza da grama despertou nele grande vontade de comer, embora eu sempre temesse o contrário; nem teria podido preservá-los durante tão longa viagem se o capitão não me tivesse cedido parte dos seus melhores biscoitos, que, reduzidos a pó e misturados com água, foram o seu constante alimento. Durante o pouco tempo que permaneci na Inglaterra obtive consideráveis lucros exibindo o meu gado a muitas pessoas de qualidade e outras; e antes de iniciar a minha segunda viagem vendi-o por seiscentas libras. Depois do meu último regresso verifiquei que as espécies aumentaram de maneira considerável, especialmente a dos carneiros, o que espero seja de grande utilidade para manufatura da lã à conta da delicadeza dos seus veios.

Permaneci apenas dois meses com minha esposa e família, pois o insaciável desejo de conhecer países estranhos não me permitiria continuar lá por mais tempo. Deixei 1.500 libras a minha mulher e instalei-a numa boa casa em Redriff. Levei comigo o resto das minhas reservas, parte em dinheiro e parte em mercadorias, na esperança de acrescentar minha fazenda. Meu tio mais velho, John, deixara-me uma propriedade perto de Epping, de trinta libras anuais, aproximadamente; e eu tinha bem arrendado o *Black Bull* em Fetter Lane, que me rendia outro tanto; de sorte que não corria o risco de ver os meus entregues à caridade da paróquia. Meu filho Johnny, que assim se chamava por causa do tio, estava na escola primária e era uma engenhosa criança. Minha filha Betty (que hoje está bem-casada e já tem filhos) andava então nos seus bordados. Despedi-me de minha mulher, do menino e da menina, com lágrimas de ambas as partes, e embarquei no *Adventure*, navio mercante de trezentas toneladas, destinado a Surat, sob o comando do capitão John Nicholas, de Liverpool. Mas o relato dessa jornada será feito na segunda parte das minhas viagens.

Parte II

Viagem a Brobdingnag

I

Descrição de uma grande tempestade; enviado um bote a terra para fazer aguada; vai nele o autor para conhecer o país. Deixado em terra, é agarrado por um dos nativos e levado para a casa de um fazendeiro. A sua recepção, com vários acidentes que lá ocorreram. Descrição dos habitantes.

Condenado, pela natureza e pela fortuna, a uma vida ativa e agitada, tornei a deixar o meu país natal dois meses após o meu regresso, e embarquei-me nas Dunas no dia 20 de junho de 1702, no *Adventure*, sob o comando do capitão John Nicholas, da Cornualha, com destino a Surat. Tivemos vento muito favorável até ao cabo da Boa Esperança, onde desembarcamos para fazer aguada; como encontrássemos, porém, uma veia de água, descarregamos as nossas mercadorias e lá invernamos; pois, tendo sido o capitão acometido de uma febre, só pudemos deixar o cabo em fins de março. Levantamos ferro novamente e fizemos boa viagem até passarmos os estreitos de Madagascar; mas, dirigindo-nos para o norte dessa ilha e estando a cerca de cinco graus de latitude sul, os ventos, que, segundo já se observou, sopram constantes naqueles mares entre o norte e o poente, desde os princípios de dezembro até os de maio, no dia 19 de abril começaram a soprar com violência muito maior e mais para oeste que de ordinário, continuando assim por vinte dias consecutivos, período em que fomos arrastados um pouco para leste das ilhas Molucas e cerca de três graus para o norte da linha, segundo observações do nosso capitão, feitas no dia 2 de maio, quando o vento abonançou, sucedendo-se-lhe calma absoluta, de que não pouco me regalei. Mas ele, experimentadíssimo na navegação daqueles mares, mandou que nos apercebêssemos para uma tempestade que, de fato, se desencadeou no dia seguinte; pois começou a soprar um vento do sul, chamado monção do sul.

Notando que o vento tendia a enfurecer-se, carregamos a cevadeira e preparamo-nos para ferrar o traquete; mas, como o tempo continuasse mau, verificamos os canhões e ferramos a mezena. Estava o navio em alto-mar, de sorte que julgamos preferível correr com o tempo a capear ou navegar em árvore seca. Rizamos o traquete, largamo-lo e caçamos as escotas; o leme estava bem a barlavento. Houve-se a nave bravamente. Amarramos a carregadeira do traquete; mas estando a vela rasgada, arriamos a verga e, depois de pô-la dentro do navio, desatamo-la de tudo o que a prendia. Rugia a borrasca, violentíssima. O mar se agitava, estranho e perigoso. Puxamos a correia da cana do leme, e ajudamos o timoneiro. Não quisemos arriar o mastaréu, mas deixamo-lo no lugar, pois o navio corria muito bem com o tempo, e sabíamos que, enquanto estivesse erguido o mastaréu, só poderia ganhar e prosseguir melhor em seu caminho, visto que estávamos em alto-mar. Amainada a tormenta, largamos o traquete e a carangueja maior, e pusemos de capa o navio. Largamos depois a mezena, a gávea e o velacho.

Rumávamos para lés-nordeste, com vento sudoeste. Deixamos o navio amurado a estibordo; desaferramos as bolinas, os braços de barlavento, e os amantilhos; caçamos os braços de sotavento, alamo-los e amarramo-los; caçamos a mezena, buscando levar o navio para a orça, e conservando-a o mais cheia e chegada possível.

Durante esta tempestade, seguida de forte vento oés-sudoeste, fomos arrastados, consoante os meus cálculos, perto de quinhentas léguas para leste, de sorte que nem o marinheiro mais velho de bordo poderia dizer em que parte do mundo nos achávamos. Provisões não nos faltavam; o navio estava em perfeitas condições e a tripulação gozava de boa saúde; mas a falta de água nos afligia sobreposse. Cuidamos preferível seguir o mesmo rumo a voltar mais para o norte, o que nos poderia ter levado à parte noroeste da Grande Tartária e ao Mar Gelado.

No dia 16 de junho de 1703, um grumete, encarapitado no mastaréu, avistou terra. No dia 17 chegamos diante de uma grande ilha ou continente (pois não sabíamos o que fosse); em cuja parte sul se via um istmozinho que avançava para o mar e uma enseada demasiado rasa para nela fundear um navio de mais de cem toneladas. Soltamos a âncora a uma légua, aproximadamente, da enseada, e o capitão mandou uma dúzia de homens, bem armados, num escaler, em busca de água, caso fosse possível encontrá-la. Pedi licença para ir-me com eles, a fim de conhecer a região e fazer os descobrimentos que pudesse. Chegados a terra, não vimos rio nem fonte, nem quaisquer sinais de habitantes. Puseram-se, por conseguinte, os homens a errar pela praia, à procura de uma pouca de água fresca nas proximidades do mar, e eu caminhei sozinho cerca de uma milha em outra direção, onde observei a terra nua e rochosa. Principiei a sentir-me cansado e, nada vendo que me pudesse entreter a curiosidade, encetei, vagaroso, o regresso à enseada; e, como se estendesse o mar inteiramente à minha vista, vi os nossos homens, dentro do escaler, remando, desesperados, para o navio. Eu me dispunha a gritar por eles, ainda que isso de pouco me adiantasse, quando observei enorme criatura a persegui-los no mar, o mais depressa que podia: as ondas mal lhe ultrapassavam os joelhos e ela dava passos prodigiosos: mas os nossos homens levavam uma dianteira de meia légua e sendo o mar, naqueles sítios, erizado de rochedos pontiagudos, o monstro não conseguiu alcançar o navio. Isso me foi referido mais tarde, pois não me atrevi a ficar para ver o resultado da aventura; mas entrei a correr desapoderadamente pelo caminho que seguira primeiro, e subi um morro escarpado, do qual pude contemplar

um panorama do país. Vi que estava inteiramente cultivado; mas o que primeiro que tudo me surpreendeu foi a altura da relva que, nos campos que parecia destinados ao feno, media cerca de vinte pés.

Logo topei com uma estrada, pois tal a julguei, embora servisse aos habitantes apenas como atalho, através de um campo de trigo. Por ela caminhei algum tempo, mas pouco me foi dado ver de ambos os lados, pois a colheita estava próxima e o trigo se elevava pelo menos a quarenta pés. Levei uma hora para andar até ao fim desse campo, cercado de uma sebe que media, no mínimo, 120 pés de altura; e as árvores eram tão altas que não lhes pude sequer calcular a extensão. Uma cancela permitia a passagem desse campo para outro. Tinha quatro degraus e uma pedra que seria preciso transpor, alcançado o último degrau. Era-me impossível atravessá-la, pois cada degrau tinha seis pés de altura, e a pedra, perto de vinte. Eu procurava encontrar algum buraco na sebe quando vi aproximar-se da cancela um dos habitantes do campo vizinho, do mesmo tamanho daquele que eu vira no mar a perseguir o bote. Pareceu-me tão alto quanto um campanário e avançava dez jardas a cada passo, pelo que pude calcular. Tomado do maior pavor e assombro, corri para esconder-me no trigal, de onde o vi em cima da cancela, olhando para o campo vizinho à direita e o ouvi chamar com voz muito mais forte que a de uma sarabatana; mas o ruído vinha de tão alto que julguei, a princípio, tratar-se de um trovão. Acercaram-se *incontinenti* sete monstros iguais a ele, com uma foice na mão, sendo cada foice mais ou menos do tamanho de seis gadanhas. Esses últimos não estavam tão bem-vestidos como o primeiro, e pareciam ser criados ou trabalhadores seus; pois, a algumas palavras suas, foram segar o trigo no campo em que eu me encontrava. Conservei-me deles o mais afastado que pude, mas só conseguia mover-me com extrema dificuldade, pois a distância que separava as hastes de trigo umas das outras era, às vezes, menor do que um pé, de sorte que eu mal podia enfiar o corpo entre elas. Tive traça, todavia, para continuar até alcançar uma parte do campo em que o trigo fora derrubado pela chuva e pelo vento. Tornou-se aqui impossível dar um único passo; pois as hastes se achavam de tal forma entrelaçadas, que eu não podia arrastar-me entre elas, e as arestas das espigas caídas eram tão fortes e pontudas que me penetravam a carne através das roupas. Ao mesmo tempo, ouvi os segadores a menos de cem jardas atrás de mim. Completamente desalentado pela fadiga, e inteiramente dominado pela dor e pelo desespero, deitei-me entre duas leiras, e desejei de todo o coração que ali pudesse terminar os meus dias. Lamentei a minha

viúva desolada e os meus filhos, órfãos de pai. Lamentei a minha própria e néscia teimosia, tentando uma segunda viagem contra o conselho de todos os amigos e parentes. Nessa terrível agitação de espírito não pude menos de pensar em Lilipute, cujos habitantes me consideravam o maior dos prodígios que já tinham aparecido no mundo; onde eu era capaz de puxar com a mão uma esquadra imperial e realizar outras façanhas que serão postas para sempre em lembrança nas crônicas desse império; nas quais dificilmente crerá a posteridade, embora atestadas por milhões. Refleti na mortificação que seria para mim parecer tão insignificante neste país quanto o haveria de parecer um liliputiano entre nós. Mas compreendi que este seria o menor dos meus infortúnios; pois, segundo se tem observado, sendo as criaturas humanas mais selvagens e cruéis à proporção do seu tamanho, que outra coisa poderia eu esperar senão ser apenas um bocado na boca do primeiro desses bárbaros enormes que me pegasse? Têm seguramente razão os filósofos quando afirmam que nada é grande nem pequeno senão em relação a outras coisas. Talvez aprovesse à fortuna permitir que os liliputianos encontrassem uma nação cujos habitantes fossem tão pequenos em relação a eles quanto eles o eram em relação a mim. E quem sabe se esta prodigiosa raça de mortais não poderá ser também superada nalguma remota parte do mundo, que ainda não descobrimos?

Embora assustado e confuso, não pude deixar de fazer essas reflexões, quando um dos segadores, avizinando-se umas dez jardas da leira em que eu jazia, me fez recuar, ao dar o passo seguinte, que me esmagaria com o pé ou me cortaria em dois pedaços com a foice. E, portanto, quando se dispôs a mover-se novamente, gritei tanto quando a isso me obrigou o medo; estacou de improviso a imensa criatura e, circunvolvendo os olhos durante algum tempo, deu afinal comigo deitado no chão. Considerou-me por momentos, com a cautela de quem procura segurar um perigoso animalzinho, para que este não o possa arranhar nem morder, como eu mesmo, às vezes, vi fazer às doninhas na Inglaterra. Por fim, atreveu-se a pegar-me pelas costas, ao nível da cintura, entre o indicador e o polegar e ergueu-me a uma distância de três jardas dos seus olhos a fim de me examinar melhor. Adivinhei-lhe a intenção, e a minha boa fortuna me deu tanta presença de espírito que decidi não me debater enquanto ele me sustinha no ar, a mais de sessenta pés do solo, e muito embora me apertasse dolorosamente as ilhargas, com medo de que eu lhe escorregasse entre os dedos. Aventurei-me apenas a levantar os olhos para o sol e juntar as mãos em postura suplicante, pronunciando algumas

palavras com acento humilde e melancólico, adequado à situação em que me achava, pois temia a cada momento que ele me atirasse contra o chão, como de ordinário fazemos a qualquer sevandija que tencionamos matar. Quis, porém, a minha boa estrela que ele parecesse agradar-se-me da voz e dos gestos e principiasse a fitar-me, curioso, pasmado de me ouvir pronunciar palavras articuladas, se bem não as pudesse compreender. Nesse intervalo, não tive mão em mim que não gemesse e derramasse lágrimas, voltando a cabeça para as ilhargas, a fim de lhe fazer sentir, da melhor maneira possível, o quanto me machucava a pressão dos seus dedos. Ele pareceu compreender-me a intenção, pois, erguendo a aba do casaco, enfiou-me delicadamente dentro dele, e pôs-se de pronto a correr comigo empós do amo, afazendado lavrador, e que era, precisamente, a primeira pessoa que eu vira no campo.

Tendo o lavrador (segundo depreendi da sua conversação) ouvido do criado a descrição que este pôde fazer-lhe de mim, tomou um pedacinho de palha, mais ou menos do tamanho de uma bengala, e levantou-me com ela as abas do casaco, que pareceu imaginar fosse uma sorte de cobertura que me destinara a natureza. Soprou-me os cabelos para um lado, a fim de melhor examinar-me o rosto. Chamou para ao pé de si os criados e perguntou-lhes, como vim a saber mais tarde, se já tinham visto nos campos alguma criaturinha parecida comigo? Depositou-me, a seguir, mansamente, de quatro no chão, mas levantei-me *incontinenti* em pé e comecei de andar pausado, para a frente e para trás, a fim de mostrar a todos que não pretendia fugir. Sentaram-se em círculo à roda de mim, para me observarem melhor os movimentos. Tirei o chapéu e inclinei-me profundamente diante do lavrador. Caí de joelhos, ergui as mãos e os olhos, e pronunciei diversas palavras o mais alto que pude; tirei do bolso uma bolsa de ouro e, humilde, apresentei-lha. Ele a recebeu na palma da mão, aproximou-a bem dos olhos para ver o que era e fê-la girar depois diversas vezes na ponta de um alfinete (que sacara da manga), mas continuou na mesma. Fiz-lhe sinal para que pusesse a mão no chão. A seguir, tomei a bolsa e, depois de abri-la, deixei cair todo o ouro que continha na palma de sua mão. Havia seis moedas espanholas, de quatro pistolas cada uma, afora vinte ou trinta moedinhas menores. Eu o vi molhar na língua a ponta do dedo mínimo e pegar uma das moedas maiores e, logo, outra; mas parecia inteiramente ignorante do que fossem. Fez-me então sinal para enfiá-las outra vez na bolsa, e a bolsa no bolso, e eu depois de oferecer-lha diversas vezes, achei melhor obedecer.

A essa altura, estava já convencido o lavrador de que eu devia de ser

uma criatura racional. Falou reiteradas vezes comigo; mas o som da sua voz penetrava-me os ouvidos como o ruído de uma azenha, embora articulasse muito bem as palavras. Respondi tão alto quanto pude em diversas línguas e ele inclinava amiúde o ouvido para mim, a uma distância de duas jardas, mas tudo em vão, pois éramos inteiramente incompreensíveis um para o outro. Ordenou, em seguida, aos criados que volvessem ao trabalho e, tirando o lenço do bolso, dobrou-o e estendeu-o sobre a mão esquerda, que pôs no chão, com a palma voltada para cima, mandando, por meio de sinais, que eu subisse nela, o que não era difícil, pois não tinha mais de um pé de grossura. Entendi que me cumpria obedecer e, com medo de cair, estendi-me ao comprido sobre o lenço, com que ele me cobriu até a cabeça, para maior segurança; e dessa maneira me carregou para casa. Lá chegando, chamou a esposa e mostrou-me; ela, todavia, desferiu um grito e recuou, como fazem as mulheres na Inglaterra à vista de um sapo ou de uma aranha. No entanto, depois de reparar por algum tempo no meu procedimento e em quão bem observava eu os gestos do marido, logo se reconciliou comigo, vindo, aos poucos, a afeiçoar-se ternamente a mim.

Era cerca de meio-dia e um criado trouxe o almoço. Consistia apenas num prato substancial de carne (apropriado à singela condição de um lavrador), cujo diâmetro media uns 24 pés. Achavam-se presentes o lavrador e a esposa, três filhos e uma velha avó. Quando se assentaram, colocou-me o pai a alguma distância dele sobre a mesa, cuja altura do pavimento era de trinta pés. Eu tinha um medo horrível e conservava-me o mais longe possível dos bordos, com receio de cair. A esposa picou um pedaço de carne, esmigalhou depois um pouco de pão com um trincho e colocou tudo à minha frente. Fiz-lhe uma inclinação profunda, saquei da minha faca e do meu garfo, e me pus a comer, o que lhes causou extraordinária satisfação. A dona da casa mandou a criada buscar um pequeno cálice de licor, com capacidade para uns dois galões, e encheu-o de bebida; tomei o vaso com muita dificuldade com ambas as mãos e bebi, respeitosamente, à saúde de Sua Excelência, pronunciando as palavras o mais alto que pude em inglês, o que levou os circunstantes a rirem com tanto gosto, que o barulho quase me ensurdeceu. A bebida tinha o sabor de uma cidra leve e não era desagradável. Fez-me então sinal o lavrador para que me aproximasse do seu trincho; mas, ao caminhar sobre a mesa, tomado sempre de grande surpresa, o que o leitor benévolo saberá compreender e desculpar, sucedeu-me tropeçar numa côdea de pão, e caí de bruços, embora não me machucasse. Levantei-me

incontinenti e, observando que a boa gente ficara muito aflita, peguei o chapéu (que trazia debaixo do braço por uma questão de boa educação) e, agitando-o por cima da cabeça, dei três vivas para mostrar que o tombo não me causara dano algum. Mas, adiantando-me eu para meu amo (pois assim lhe chamarei daqui por diante), o filho mais moço, assentado ao seu lado, menino traquinas de seus dez anos, pegou-me pelas pernas e levantou-me tanto no ar, que todo meu corpo tremia; arrebatou-me dele o pai e pespegou-lhe ao mesmo tempo tamanha bofetada no ouvido esquerdo que teria atirado ao chão todo um regimento de cavalaria europeia, ordenando que o levassem da mesa. Temendo, porém, que o menino me guardasse rancor e recordando-me de quão malvadas são naturalmente as crianças entre nós para com os pardaís, coelhos, gatinhos e cãezinhos, caí de joelhos e, apontando para ele, dei a entender a meu amo, como pude, que pedia o perdão de seu filho. Acedeu o pai e voltou o menino a sentar-se; dirigi-me a ele e beijei-lhe a mão, que meu amo tomou, fazendo-o acariciar-me brandamente com ela.

No meio do almoço, o gato favorito de minha ama saltou-lhe ao colo. Ouvi atrás de mim um barulho semelhante ao de 12 tecelões de meia em pleno trabalho; e, voltando a cabeça, verifiquei que procedia do ronronar desse animal que me pareceu três vezes maior do que um boi, segundo os meus cálculos ao ver-lhe a cabeça e uma das patas, enquanto a dona o alimentava e acarinhava. O aspecto feroz da criatura desconcertou-me inteiramente, se bem eu estivesse na ponta mais afastada da mesa, a uma distância de mais de cinquenta pés; e embora minha ama a segurasse com força, receosa de que ela, num salto, me prendesse entre as garras. Sucedeu, porém, que não havia perigo nenhum, pois o gato não fez o menor caso de mim quando meu amo me colocou a três jardas de distância. E como sempre ouvi dizer, e verifiquei ser exato por experiência própria em minhas viagens, que o fugirmos ou mostrarmos medo diante de um animal feroz é o meio seguro de fazer com que ele nos persiga ou ataque, decidi, nessa perigosa conjuntura, não revelar preocupação nenhuma. Caminhei, intrépido, cinco ou seis vezes, diante do focinho do animal, e cheguei a meia jarda dele; recuando o gato, como se tivesse medo de mim; já os cachorros me amedrontaram menos, quando três ou quatro deles entraram na sala, como de hábito sucede nas casas dos lavradores; um dos quais era um mastim igual, no tamanho, a quatro elefantes, e outro, um galgo, pouco mais alto que o mastim, mas não tão grande.

Quando o almoço já estava quase terminado, entrou a ama de leite com

uma criança de um ano nos braços, a qual, ao divisar-me, deu de despedir berros, que se poderiam ouvir de London Bridge e Chelsea, com a eloquência dos nenês quando querem um brinquedo. A mãe, indulgente, ergueu-me e entregou-me ao infante, que me segurou sem perda de tempo pelo meio do corpo e enfiou a minha cabeça na boca, onde rugi com tanta força que o sacripanta ficou com medo e me deixou cair; e eu teria destroncado infalivelmente o pescoço, se a mãe não tivesse estendido o avental por baixo de mim. A ama, para acalmar o menino, fez uso de uma matraca, espécie de vaso oco cheio de pedras grandes e amarrado por um cabo à cintura da criança; mas tudo em vão, de sorte que lhe foi preciso recorrer ao último remédio, dando-lhe de mamar. Devo confessar que nada me repugnou tanto como a vista do seu seio monstruoso, que não sei a que posso comparar, a fim de dar ao leitor uma ideia do seu tamanho, da sua forma e da sua cor. Mediria uns seis pés de comprimento e nunca menos de 16 de circunferência. O bico teria, no mínimo, a metade do tamanho de minha cabeça e ostentava tão grande variedade de manchas, borbulhas e sardas, que não se poderia imaginar espetáculo mais nauseoso: pois eu a vi bem de perto, visto que ela se assentara para dar mais comodamente o seio e eu me quedara, em pé, sobre a mesa. Isso me fez refletir sobre a linda pele das nossas damas inglesas, que nos parecem tão belas, por serem do nosso tamanho, e porque só lhes podemos ver os defeitos através de um vidro de aumento; quando sabemos, por experiência, que as peles lisas e mais alvas são ásperas, grosseiras e muito feias de cor.

Recordo-me de que, em Lilipute, a tez daquela gente me parecera a mais bela do mundo; e, conversando sobre o assunto com um erudito liliputiano, dele ouvi que o meu rosto se lhe afigurava muito mais liso e bonito quando me fitava do solo, do que quando eu o pegava na mão e o aproximava de mim, o que confessou ser, a princípio, um espetáculo assaz repugnante. Disse que enxergava grandes buracos na minha pele; que as raízes dos pelos da minha barba eram dez vezes mais fortes do que as cerdas de um varrão, e que em minha tez havia diversas cores absolutamente desagradáveis, embora eu deva dizer em minha defesa, se mo permite o leitor, que sou tão alvo como quase todos os indivíduos do meu sexo e do meu país e que, a despeito de todas as minhas viagens, pouco me tisonou o sol. De outro lado, referindo-se às damas da corte do imperador, costumava dizer-me, de uma, que tinha sardas, de outra, a boca muito grande, de uma terceira, o nariz comprido demais, pormenores que me fora impossível distinguir. Confesso que era a

reflexão bastante óbvia; não pude, todavia, deixar de fazê-la, para que não cuidasse o leitor fossem essas vastas criaturas realmente informes, pois manda a justiça se diga que são uma raça de gente bonita; e, em especial, os traços do rosto de meu amo, se bem fosse apenas um lavrador, pareceram-me, quando o contemplei de sessenta pés de altura, muito bem proporcionados.

Terminado o almoço, tornou meu amo para junto dos seus servidores e, segundo lhe deduzi da voz e dos gestos, encarregou severamente a esposa de tomar conta de mim. Eu estava cansadíssimo e com vontade de dormir; percebendo-o, colocou-me ela em sua própria cama e cobriu-me com um lenço branco e limpo, maior e mais grosseiro, porém, do que a mezena de um navio de guerra.

Dormi cerca de duas horas, e sonhei que estava em casa com minha mulher e meus filhos, o que me agravou a tristeza quando acordei e me vi sozinho num quarto imenso, de duzentos a trezentos pés de largura, e uns duzentos de altura, deitado numa cama de vinte jardas de largura. Minha ama, entretida com seus misteres caseiros, fechara-me no quarto. A cama estava a oito jardas do chão. Algumas necessidades naturais obrigavam-me a descer. Não me atrevi a chamar; e, ainda que o tivesse feito teria sido em vão, com uma voz igual à minha e a uma distância tão grande como a do quarto em que eu estava à cozinha, onde a família ficava. Enquanto eu me achava nessas circunstâncias, treparam dois ratos pela cortina e deram de percorrer-me a cama, de um lado para outro, farejando. Um deles me subiu quase até o rosto, e eu levantei-me, sobressaltado, sacando da minha adaga para defender-me. Os horríveis animais tiveram a ousadia de acometer-me por ambos os lados e um deles chegou a alcançar-me o pescoço com a pata dianteira; tive, porém, a boa fortuna de abrir-lhe a barriga antes que pudesse causar-me algum mal. Caiu-me aos pés; e vendo o outro o destino do companheiro, fugiu, mas não sem uma boa cutilada nas costas, que lhe desferi durante a fuga e que fez com que um rasto de sangue o acompanhasse. Depois dessa proeza, andei lentamente de um lado para outro da cama, para cobrar fôlego e ânimo. As criaturas eram do tamanho de um avantajoso mastim, mas infinitamente mais rápidas e ferozes; por maneira que, se eu tivesse tirado o cinto antes de dormir, teria sido infalivelmente espedaçado e devorado. Medi o rabo do rato morto e verifiquei faltar-lhe uma polegada para duas jardas; mas não me permitiu o estômago lançar da cama a carcaça, onde ainda jazia, a sangrar; notei que lhe sobrava alguma vida mas, com um valente golpe no pescoço, dei cabo definitivamente dele.

Logo depois entrou no quarto minha ama e, vendo-me ensanguentado, correu para mim e tomou-me nas mãos. Apontei, a sorrir, para o rato morto, e fiz outros sinais a fim de mostrar-lhe que não estava ferido; com o que ela se regozijou extremamente, chamando a criada para retirar o cadáver do rato com um par de tenazes e arremessá-lo pela janela. Colocou-me, a seguir, sobre uma mesa, onde lhe mostrei a minha adaga cheia de sangue e enxugando-a na aba do casaco, tornei a enfiá-la na bainha. Eu estava apertado para fazer mais de uma coisa que ninguém poderia fazer por mim e, por conseguinte, busquei dar a entender-lhe que desejava ser colocado no chão; feito o que, não me permitiu o acanhamento expressar-me de outra forma senão apontando para a porta e inclinando-me diversas vezes. A boa mulher, com muita dificuldade, percebeu afinal o que eu pretendia e, tomando-me nas mãos outra vez, encaminhou-se para o jardim, onde me depôs no chão. Afastei-me cerca de duzentas jardas para um lado e, significando-lhe por sinais que não me olhasse nem seguisse, ocultei-me entre duas folhas de azeda, e lá satisfiz as necessidades da natureza.

Espero que o leito benévolo me perdoe o discorrer sobre estes e semelhantes pormenores, os quais, por insignificantes que possam parecer a espíritos rasteiros e vulgares, hão de por certo ajudar um filósofo a dilatar as ideias e a imaginação, e aplicá-las em benefício não só da vida pública senão também da vida privada, o que, aliás, constituiu o meu único intento ao apresentar este e outros relatos das minhas viagens pelo mundo, nos quais me preocupei em especial com a verdade, pondo de parte arrebiques de erudição, ou de estilo. Mas todos os sucessos dessa viagem me produziram tamanha impressão no espírito e tão profundos se me fixaram na memória que, ao cometê-los no papel, não omito nenhuma circunstância importante; entretanto, depois de escrupulosa revisão, suprimi diversos trechos de menor importância, que se encontravam no primeiro rascunho, para que não me tachassem de tedioso e frívolo, do que são frequentemente acusados, e talvez não sem justiça, os viajantes.

II

Descrição da filha do fazendeiro. O autor é levado ao mercado das cidades e, a seguir, à metrópole. Pormenores dessa viagem.

Minha ama tinha uma filha de nove anos, menina esperta para a idade, muito perita na agulha e destra no vestir a boneca. A mãe e ela excogitaram adaptar para mim o berço da boneca antes que descesse a noite; colocou-se o berço numa das gavetinhas de um contador, e a gavetinha foi colocada sobre uma prateleira suspensa por medo aos ratos. Foi esta a minha cama durante todo o tempo em que fiquei com essa gente, embora ma tornassem cada vez mais cômoda, à proporção que eu lhes aprendia a língua e os inteirava das minhas necessidades. Tão jeitosa era a menina que, depois de haver eu tirado as minhas roupas diante dela uma ou duas vezes, aprendeu a me vestir e despir, embora eu nunca lhe desse esse trabalho quando me permitia fazê-lo. Costurou-me sete camisas e alguma outra roupa branca, do tecido mais fino que pôde conseguir, mas que era, de feito, mais grosseiro do que a serapilheira; essas peças lavava-as frequentemente para mim com as próprias mãos. Era ela também a professora que me ensinava a língua; quando eu apontava para alguma coisa, dizia-me o nome em seu idioma, de sorte que me tornei capaz, em poucos dias, de pedir o que quer que desejasse. Muito bondosa, não media mais de quarenta pés de altura, pois era pequena para a idade. Deu-me o nome de *Grildrig*, que a família adotou, como o fez, anos depois, todo o reino. A palavra equivale ao que o latim chama *nanunculus*, o italiano, *bomenceletino* e o inglês, *mannikin*. Devo a ela principalmente a minha preservação nesse país; nunca nos separamos enquanto lá estive; eu chamava-lhe a minha *Glumdalclitch*, ou amazinha; e seria ingrátíssimo se omitisse essa justa menção dos cuidados e do afeto que me dispensava, a que eu sinceramente quisera corresponder como ela o merece, em vez de ser o instrumento inocente, mas infeliz, da sua desvalia, o que me sobejam razões para temer se tenha verificado.

Principiou então a correr na vizinhança a voz de que meu amo achara no campo um estranho animal, mais ou menos do tamanho de um *splacnuck*, mas que em tudo possuía a forma exata de uma criatura humana; que igualmente imitava em todos os seus atos; parecia falar numa linguazinha sua, já aprendera diversas palavras do idioma do país, andava direito sobre duas pernas, era manso e amável, aproximava-se quando chamado, fazia quanto se lhe pedisse, tinha os membros mais lindos do mundo e a tez mais fina que a da filha de um nobre aos três anos de idade. Outro lavrador que morava perto e era particular amigo do meu amo, foi visitá-lo para indagar da verdade da história. Fui imediatamente exibido e colocado em cima de uma

mesa, onde caminhei ao ser-mo ordenado, arranquei da minha adaga, volvi a embainhá-la, fiz uma reverência ao hóspede da casa, perguntei-lhe em sua própria língua como passava, e disse-lhe que era bem-vindo, exatamente como me ensinara a minha amazinha. O homem, velho e míope, pôs os óculos para melhor me contemplar; do que não me contive que não risse a bandeiras despregadas, pois os seus olhos pareciam a lua cheia a brilhar nas duas janelas de um quarto ao mesmo tempo. A minha gente, descobrindo-me a causa da alacridade, riu comigo, do que foi o velho assaz tolo para se enfadar e desconcertar. Tinha a fama de grande sovina e, por infortúnio meu, bem que a merecia, pelo maldito conselho que deu a meu amo, persuadindo-o a exhibir-me como espetáculo num dia de mercado na cidade vizinha, distante meia hora a cavalo, cerca de 22 milhas de nossa casa. Adivinhei que se astuciava alguma velhacada quando vi cochicharem os dois muito tempo e apontarem às vezes para mim; e os meus receios levaram-me a supor que lhes ouvira e compreendera algumas palavras. Na manhã seguinte, porém, Glumdalclitch, minha amazinha, contou-me a história toda, que arrancara habilmente à mãe. A pobre menina aconchegou-me do seio e pôs-se a chorar de tristeza e vergonha. Temia-se de que a rude gente do povo me causasse algum mal, espremendo-me, ou quebrando-me algum membro ao tomar-me nas mãos. Observara também quão recatado era eu de meu natural, quão indigno se me afiguraria ser exibido por dinheiro, como espetáculo público, diante do vil populacho. Disse que o pai e a mãe haviam prometido que Grildrig seria seu; verificava agora, contudo, que pretendiam fazer o que tinham feito no ano anterior, simulando dar-lhe um cordeiro e vendendo-o, depois de gordo, a um carnicheiro. Posso realmente afirmar que, de minha parte, eu estava menos preocupado que ela. Animava-me a sólida esperança, que nunca me deixou, de ainda recobrar a liberdade; e, no respeitante à ignomínia de ser passeado como monstro, considerava-me um perfeito estranho no país, e refletia que dessa desventura ninguém poderia censurar-me, se eu regressasse, alguma vez, à Inglaterra; visto que o próprio rei da Grã-Bretanha teria sofrido, nas mesmas condições, o mesmo infortúnio.

Seguindo o conselho do amigo, meu amo transportou-me, no dia seguinte de mercado, à cidade vizinha, dentro de uma caixa, e levou comigo a filhinha, minha ama, sobre um silhão atrás dele. Estava a caixa fechada de todos os lados, e tinha uma portinha pela qual eu podia entrar e sair e uns diminutos buraquinhos para a passagem do ar. Fora tão cuidadosa a menina que pusera dentro dela o acolchoado da cama da boneca, para que eu pudesse

deitar-me. Sem embargo, a viagem me abalou e moeu terrivelmente, embora durasse apenas meia hora; pois o cavalo avançava uns quarenta pés a cada passo e trotava tão alto que a agitação era igual à de um navio durante uma grande tempestade, mas muito mais frequente. A nossa viagem foi algo mais longa que o percurso de Londres a St. Albans. Apeou meu amo numa estalagem que usava frequentar; e, depois de confabular com o estalajadeiro durante algum tempo, e fazer os preparativos necessários, contratou um *Grultrud* ou pregoeiro, para anunciar por toda a cidade que se poderia ver, na estalagem da Águia Verde, uma estranha criatura, menor do que um *splacnuck* (bonito animal desse país, de seis pés de comprimento) e semelhante, em todas as partes do corpo, a uma criatura humana, que sabia pronunciar diversas palavras e fazia uma centena de coisas divertidas.

Fui colocado em cima de uma mesa na sala mais espaçosa da estalagem, que poderia ter, proximamente, uns trezentos pés quadrados. A minha amazinha sentou-se num tamborete baixo, perto da mesa, para cuidar de mim e dizer-me o que eu tinha de fazer. Meu amo, para evitar aglomerações, só permitia que me vissem trinta pessoas de cada vez. Eu andava sobre a mesa, segundo as ordens da menina; ela fazia-me perguntas até onde sabia chegar o meu conhecimento da língua, e eu as respondia o mais alto possível. Voltei-me diversas vezes para os circunstantes, apresentei-lhes os meus humildes respeitos, disse-lhes que *eram bem-vindos* e pronunciei outras frases que me tinham ensinado. Ergui um dedal cheio de bebida, que Glumdalclitch me dera para servir de copo, e bebi à saúde deles. Saquei da minha adaga e manejei-a ao modo dos esgrimistas ingleses. Minha ama deu-me um pedaço de palha, e fiz com ele exercícios de pique, arte que aprendera em minha mocidade. Fui apresentado esse dia a 12 auditórios diferentes, e tive de executar outras tantas vezes as mesmas necessidades, até me sentir quase morto de cansaço e humilhação; pois os que já me tinham visto disseram de mim coisas tão maravilhosas, que o povo se dispôs a arrombar as portas para entrar. Meu amo, por seu próprio interesse, não quis permitir que ninguém me tocasse, tirante a filha; e para evitar perigos, dispuseram-se bancos à volta da mesa a uma distância que me punha fora do alcance de qualquer um. A despeito disso, um desgraçado colegial me atirou à cabeça uma avelã que por pouco não me atingiu; e com tão grande violência a arremessou que me teria fatalmente arrebatado os miolos, pois era quase do tamanho de uma abóbora pequena; mas tive a satisfação de ver bem surrado e expulso da sala o biltrezinho.

Meu amo comunicou ao público que tornaria a exhibir-me no dia de mercado seguinte; e, neste comenos, preparou-me um veículo mais cômodo, para o que lhe sobravam razões; pois eu ficara tão cansado de viajar e divertir os outros durante oito horas seguidas, que mal podia permanecer em pé ou pronunciar uma palavra. Levei pelo menos três dias para recobrar as forças; e para que nem em casa pudesse descansar, todos os cavalheiros da vizinhança, num círculo de cem milhas, sabedores da minha fama, vieram ver-me na própria residência de meu amo. Não poderia haver menos do que trinta pessoas, com suas mulheres e filhos (pois o país é muito populoso); e meu amo exigia o preço de uma casa cheia toda vez que me exhibia, ainda que fosse para uma única família; de sorte que, durante algum tempo, raros foram para mim os instantes de repouso (exceto às sextas-feiras, que é o sábado deles), embora não me levassem à cidade.

Vendo quão lucrativo me tornaria eu, provavelmente, para ele, determinou meu amo de levar-me às cidades mais importantes do reino. Havendo-se, portanto, apercebido de todas as coisas necessárias a uma longa viagem, e tendo resolvido os seus negócios em casa, despediu-se da esposa e, no dia 17 de agosto de 1703, cerca de dois meses após a minha chegada, partimo-nos para a metrópole, situada mais ou menos no centro desse império, a umas três mil milhas de distância de nossa casa. Ordenou meu amo que sua filha Glumdalclitch montasse na garupa do cavalo. Ela carregava-me ao colo, numa caixa amarrada à cintura. A menina forrara-a de todos os lados com o tecido mais macio que pudera encontrar, acolchoara-a muito bem por baixo, mobiliara-a com a sua cama de boneca, munira-me de roupas brancas e outros objetos necessários, e tudo dispusera da maneira mais cômoda possível. Não tínhamos outra companhia senão um menino da casa, que cavalgava atrás de nós com a bagagem. Pretendia meu amo exhibir-me em todas as cidades por que passasse, e alongar-se da estrada cinquenta ou cem milhas sempre que numa aldeia ou na casa de alguma pessoa de qualidade esperasse encontrar clientela. Fizemos cômodas jornadas, de 140 ou 160 milhas, no máximo, por dia, pois Glumdalclitch, no intuito de poupar-me, queixava-se de que a fatigava o trote do cavalo. Tirava-me com frequência da caixa, a meu pedido, para que eu pudesse tomar ar e contemplar a paisagem, mas sempre me segurava com firmeza por meio de uma andadeira. Atravessamos cinco ou seis rios, muitas vezes mais largos e mais fundos do que o Ganges, e apenas se via algum riacho tão pequeno quanto o Tâmis, em London Bridge. Gastamos dez semanas na viagem, e fui exibido em 18

cidades grandes, além de muitas aldeias e casas de família particulares.

No dia 26 de outubro chegamos à metrópole, alcunhada na língua deles de *Lorbrulgrud*, ou Orgulho do Universo. Meu amo aposentou-se na rua principal da cidade, perto do palácio real, e espalhou os cartazes costumeiros, em que continha exata descrição da minha pessoa e partes. Alugou uma sala grande, de trezentos a quatrocentos pés de largura. Arranjou uma mesa de sessenta pés de diâmetro, sobre a qual eu devia exhibir-me, e a cercou a uma distância de três pés dos bordos, e até outros tantos de altura, para impedir-me de cair. Eu era apresentado dez vezes por dia, para assombro e satisfação de todos. Já então falava toleravelmente a língua, e compreendia muito bem todas as palavras que me diziam. De mais disso, aprendera-lhes o alfabeto e esforçava-me por explicar, de quando em quando, uma sentença, pois Glumdalclitch servira-me de professora no período em que ficáramos em casa, e nas horas de lazer durante a nossa viagem. Trazia um livrinho no bolso, pouco maior do que o Atlas de Sanson, tratado comum para uso de meninas, com uma breve notícia da sua religião; por esse livro ensinou-me as letras e explicou-me as palavras.

III

O autor é chamado ao paço. Compra-o a rainha do seu amo, o fazendeiro, e apresenta-o ao rei. Ele discute com os grandes sábios de Sua Majestade. Aparelha-se na corte um aposento para o autor. Conquista ele as boas graças da rainha e defende a honra de sua terra. As suas turras com o anão da rainha.

Os frequentes trabalhos que eu padecia cotidianamente em poucas semanas me alteraram, de maneira considerável, a saúde; quanto mais ganhava meu amo comigo tanto mais insaciável se mostrava; eu perdera de todo o apetite e estava quase reduzido a um esqueleto. Havendo-o observado, e inferindo daí que eu não tardaria a morrer, decidiu o lavrador tirar de mim o maior proveito possível. Enquanto assim cuidava e decidia entre si, apresentou-se um *Slardral*, ou gentil-homem da câmara del-Rei, e ordenou a meu amo que me levasse imediatamente ao paço a fim de divertir a rainha e suas damas. Algumas destas últimas já me tinham visto e dito coisas estranhas acerca da minha beleza, do meu comportamento e do meu bom senso. Sua Majestade a rainha e as pessoas que a serviam ficaram sobremodo encantadas com as minhas maneiras. Caí de joelhos, e solicitei a honra de beijar-lhe os pés imperiais; mas esta graciosa princesa me estendeu o dedo mínimo, depois que me colocaram sobre a mesa, e eu o abracei com ambos os braços, levando-lhe a ponta aos lábios com o máximo respeito. Ela me fez diversas perguntas gerais a respeito do meu país e das minhas viagens, a que respondi com a maior clareza e brevidade possíveis. Perguntou se me agradaria viver na corte? Inclinei-me até à superfície da mesa e, humilde, redargui que eu era escravo de meu amo; mas que, se isso dependesse de mim, ser-me-ia motivo de orgulho dedicar a vida ao serviço de Sua Majestade. Ela indagou então de meu amo se queria vender-me a bom preço. Ele, temendo que eu não vivesse um mês, prontificou-se a desfazer-se de mim, e pediu mil peças de ouro, que lhe foram imediatamente entregues, sendo cada moeda mais ou menos do tamanho de oitocentos *moidores*; estabelecendo-se, porém, a proporção de todas as coisas entre aquele país e a Europa, e o alto preço do ouro entre eles, não chegava à importância de mil guinéus na Inglaterra. Disse eu então à rainha que, sendo agora humílima criatura e vassalo de Sua Majestade, cumpria-me rogar-lhe o favor de permitir fosse Glumdalclitch, que sempre cuidara de mim com tanto zelo e bondade e tão bem o sabia fazer, admitida no serviço, e continuando a ser minha ama e professora.

Anuiu Sua Majestade à minha petição, e facilmente obteve o consentimento do pai, que muito se alegrou de ver a filha na corte e nem a pobre menina foi capaz de ocultar a sua alegria. O meu antigo amo afastou-se, despedindo-se de mim, e dizendo que me deixava em bom lugar, ao que não respondi uma única palavra, limitando-me a fazer-lhe pequena reverência.

A rainha notou-me a frieza; e, quando o lavrador saiu da sala, perguntou-me a razão. Tomei a liberdade de dizer a Sua Majestade que a única obrigação por mim devida ao meu antigo amo era a de não haver ele feito saltar os miolos a uma pobre criatura inofensiva, casualmente encontrada em seus campos; obrigação amplamente recompensada pelos lucros que lhe acarretara a minha exibição em metade do reino e pelo dinheiro por que acabara de vender-me. Que a vida que eu levava havia sido suficientemente trabalhosa para matar um animal dez vezes mais forte do que eu. Que a saúde se me havia prejudicado muitíssimo no afã contínuo e vil de divertir a canalha a todas as horas do dia; e que, se meu amo não tivesse imaginado que a minha vida corria perigo, não teria feito Sua Majestade negócio tão barato. Mas, livre de todo e qualquer receio de ser maltratado, sob a proteção de tão grande e boa imperatriz, Ornamento da Natureza, Predileta do Mundo, Delícia de seus Súditos, Fênix da Criação, eu esperava que as apreensões do meu antigo amo parecessem infundadas; pois já sentia reviverem as minhas energias, sob a influência da sua mui augusta presença.

Foi esse o resumo do meu discurso, pronunciado com grandes incorreções e hesitação. A última parte fora inteiramente vazada nos moldes peculiares a esse povo, sendo-me algumas frases ensinadas por Glumdalclitch enquanto me conduziam a palácio.

A rainha, relevando-me com suma indulgência as falhas da oração, surpreendeu-se, todavia, de encontrar tanto siso e bom senso em tão diminuto animal. Tomou-me em suas mãos e levou-me para o rei, que se achava então recolhido ao seu gabinete. Não observando bem, à primeira vista, as minhas formas, Sua Majestade, príncipe de muita gravidade e austero semblante, perguntou com frieza à rainha: “quanto tempo fazia que ela se afeiçoara de um *splacknuck*?”, pois por tal me tomou, segundo parece, enquanto eu jazia de bruços sobre a mão direita da rainha. Ela, porém, que possuía uma dose infinita de espírito e humor jocosos, colocou-me delicadamente em pé sobre a escrivaninha e mandou que eu mesmo me apresentasse a Sua Majestade, o que fiz em pouquíssimas palavras: e Glumdalclitch, que esperava na porta do gabinete, e não sofria que eu me apartasse das suas vistas, confirmou, ao ser admitida, quanto se passara em casa do pai desde a minha chegada.

O rei, se bem erudito a mais não ser, educado no estudo da filosofia e, principalmente, das matemáticas, quando observou melhor as minhas formas e me viu caminhar em pé, antes de eu principiar a falar imaginou eu fosse um aparelho de relojoaria (que atingiu, nesse país, grandíssima perfeição) ideado

por algum engenhoso artista. Mas quando ouviu minha voz e percebeu que era lógico e racional o que eu dizia, não pôde ocultar o seu assombro. Não o satisfez, todavia, de maneira alguma, o relato que lhe fiz do modo por que chegara ao seu reino, julgando-o uma história concertada entre Glumdalclitch e o pai, que me tinham ensinado uma série de palavras a fim de me vender por maior preço. Nessa suposição, fez-me diversas outras perguntas, e continuou a receber respostas racionais; sem outros defeitos que os de um sotaque estrangeiro e um conhecimento imperfeito da língua, além de algumas expressões rústicas aprendidas em casa do lavrador e que se não acomodavam ao estilo polido da corte.

Sua Majestade mandou chamar três grandes sábios, que então se achavam em sua semana de serviço, consoante o costume desse país. Esses cavalheiros, depois de me examinarem miudamente a figura, chegaram a conclusões diferentes a meu respeito. Concordaram em que eu não poderia ter sido produzido conforme as leis regulares da natureza, pois me falecia capacidade para defender a vida, quer pela ligeireza, quer subindo em árvores, quer cavando buracos na terra. Concluíram da observação dos meus dentes, acuradamente examinados, que eu era um animal carnívoro; não obstante, como a quase totalidade dos quadrúpedes era mais forte do que eu, e os ratos dos campos, com alguns outros, eram mais ágeis, não podiam conceber de que maneira seria eu capaz de sustentar-me, a não ser que me alimentasse de caracóis, e outros insetos, o que tentaram demonstrar, com numerosos e doutos argumentos, que eu, absolutamente, não poderia fazer. Um desses sábios pareceu julgar-me, talvez, um embrião ou um aborto. Essa opinião foi, todavia, rejeitada pelos outros, que observaram serem perfeitos e completos os meus membros; e que eu já vivera vários anos, como o evidenciava a minha barba, cujas raízes viram claramente por meio de um vidro de aumento. Não admitiram que eu fosse um anão, porque a minha pequenez não tinha comparação possível, já que o anão favorito da rainha, o menor que se conhecera naquele reino, media cerca de trinta pés de altura. Após inúmeros debates concluíram, unânimes, que eu era apenas *relplum scalcath*, ou seja, segundo uma tradução literal, *lusus naturae*:^{*} determinação que conforma exatamente com a moderna filosofia europeia, cujos professores, desdenhando o antigo subterfúgio das causas ocultas, com que os discípulos de Aristóteles buscavam, em balde, disfarçar a sua ignorância, inventaram esta maravilhosa solução de todas as dificuldades, para o indizível progresso do conhecimento humano.

Depois dessa conclusão decisiva pedi que me ouvissem uma ou duas palavras. Dirigindo-me a Sua Majestade, assegurei-lhe que eu vinha de um país onde existiam vários milhões de pessoas de ambos os sexos, e da minha própria estatura; onde os animais, as árvores e as casas eram proporcionais ao meu tamanho, e onde, por consequência, eu era tão capaz de defender-me e de encontrar alimentos como o era aqui qualquer súdito de Sua Majestade; fatos que se me afiguravam resposta cabal aos argumentos daqueles senhores. A isto replicaram apenas, com um sorriso de desdém, que o lavrador me ensinara muito bem a minha lição. O rei, cujo entendimento era muito melhor, despediu os sábios e mandou chamar o lavrador, que afortunadamente ainda não saíra da cidade. Tendo-o, portanto, examinado primeiro em particular e confrontado depois comigo e com a menina, principiou Sua Majestade a pensar que a minha história poderia ser verdadeira. Pediu à rainha ordenasse que se tomasse de mim um cuidado especial e achou que Glumdalclitch deveria continuar a servir-me, pois observou que tínhamos grande afeição um ao outro. Preparou-se para ela na corte um aposento conveniente; destacaram-se uma espécie de governante para tratar da sua educação, uma aia para vesti-la e duas criadas para os misteres servis; mas o cuidado comigo foi inteiramente cometido a ela. Mandou a rainha ao seu próprio ebanista que ideasse uma caixa, que me pudesse servir de dormitório, segundo o modelo que Glumdalclitch e eu aprovássemos. Era esse homem artista engenhosíssimo; e, seguindo as minhas instruções, terminou em três semanas um quarto de madeira de 16 pés quadrados, e 12 de altura, com janelas de corrediça, uma porta e dois gabinetes, como um dormitório de Londres. Erguia-se a prancha que formava o teto por meio de dois gonzos, a fim de colocar-se dentro do quarto uma cama com todos os seus pertences, fabricada pelo tapeceiro da rainha, e que Glumdalclitch retirava, com as próprias mãos, todos os dias para ventilar e, tornando a colocá-la no quarto, à noite, fechava o teto sobre mim. Um hábil artífice, famoso pelas suas pequenas curiosidades, encarregou-se de fazer-me duas cadeiras, de uma substância semelhante ao marfim, duas mesas e um contador de gavetas para que eu nele guardasse as minhas coisas. O quarto era acolchoado de todos os lados, inclusive o chão e o teto, para impedir qualquer acidente devido à negligência dos que me carregassem, e para atenuar a força dos solavancos quando eu andasse de carro. Pedi uma fechadura para a minha porta, a fim de não permitir a entrada de ratos e camundongos. O ferreiro, depois de várias tentativas, fez a menor que já se

viu entre eles, pois eu mesmo encontrei uma maior na porta de um senhor na Inglaterra. Tive traças de guardar a chave num dos meus bolsos, receoso de que Glumdalclitch pudesse perdê-la. Ordenou igualmente a rainha que se me fizessem roupas das sedas mais finas que se encontrassem, não muito mais grossas do que um cobertor inglês, e assaz incômodas enquanto não me habituei a elas. Essas roupas, cortadas à moda do reino, em parte imitante à moda persa, em parte à dos chins, são muito graves e decentes.

Agradou-se tanto a rainha da minha companhia, que já não podia almoçar sem ela. Eu tinha uma mesa colocada sobre aquela a que comia Sua Majestade, junto ao seu cotovelo esquerdo, e uma cadeira para sentar-me. Glumdalclitch ficava num tamborete no chão ao pé da minha mesa, para ajudar-me e tomar conta de mim. Eu possuía um jogo completo de pratos rasos e fundos, e outros objetos necessários de prata que, em proporção aos da rainha, não eram muito maiores do que os que vi numa loja de brinquedos, em Londres, para uma casinha de bonecas; guardava-os minha amazinha no bolso, dentro de uma caixa de prata, e dava-me durante as refeições, à proporção que eu precisava deles, limpando-os ela mesmo a todo instante. Ninguém almoçava com a rainha senão as duas princesas reais, a mais velha das quais já completara 16 anos, ao passo que a mais nova tinha, nessa ocasião, 13 anos e um mês. Costumava Sua Majestade pôr um pedaço de carne num dos meus pratos, que eu mesmo cortava para mim, e era sua diversão ver-me comer em miniatura; pois a rainha (cujo estômago, realmente, era fraco) comia num bocado o que 12 lavradores ingleses poderiam comer numa refeição, constituindo isso para mim, durante algum tempo, espetáculo assaz nauseoso. Ela triturava com os dentes, ossos e tudo, a asa de uma calhandra, embora nove vezes maior que a de um peru crescido; e punha na boca um pedaço de pão do tamanho de dois pães enormes de 12 *pence*. Bebia, numa taça de ouro, mais de sessenta galões de um trago só. As suas faces eram duas vezes maiores do que uma gadanha, contando com o cabo. As colheres, os garfos, e outros instrumentos guardavam todos a mesma proporção. Lembro-me de uma vez em que Glumdalclitch, por mera curiosidade, me levou para ver algumas mesas da corte, onde dez ou doze desses garfos e facas eram levantados ao mesmo tempo, e tenho para mim que eu nunca, até então, contemplara tão formidável espetáculo.

É costume toda sexta-feira (que, como já observei, é o sábado deles) jantarem juntos o rei, a rainha e os príncipes reais de ambos os sexos nos aposentos do rei, de quem me tornara eu grande favorito; e, nessas ocasiões, a

minha cadeirinha e mesinha eram colocadas à mão esquerda de Sua Majestade, diante de um dos saleiros. Folgava o príncipe de conversar comigo, indagando dos costumes, da religião, das leis, do governo e do saber na Europa; do que eu lhe dava a melhor notícia possível. Era tão claro o seu entendimento, e o seu discernimento tão exato que fazia reflexões e reparos muito sábios a propósito de tudo o que eu dizia. Mas confesso que, depois de me haver eu excedido um pouco no celebrar o meu estremecido país, o nosso comércio e as nossas guerras, no mar e na terra, os nossos cismas religiosos e os nossos partidos políticos, prevaleceram-lhe no espírito por tanta maneira os preconceitos da sua educação, que ele não se conteve que não me segurasse com a mão direita e, batendo-me delicadamente com a esquerda, depois de um valente acesso de riso, perguntasse se eu era Whig ou Tory? Depois, voltando-se para o primeiro-ministro, que esperava atrás dele com um bastão branco, quase tão alto quanto o mastro grande do *Royal Sovereign*, observou quão desprezível coisa era a grandeza humana, que podia ser arremedada por insetos diminutos como eu; e, não obstante, ajuntou, atrevo-me a afirmar que essas criaturas têm os seus títulos e distinções honoríficas; fazem ninhos e tocas, a que chamam casas e cidades, fazem figuras, empavesam-se e têm equipagens; amam, pelejam, disputam, falcatruam e atraçoam. E assim continuou, ao passo que o rubor me acudia e fugia repetidamente ao rosto, com indignação, ao ouvir o nosso país mestre nas artes e nas armas, flagelo da França, árbitro da Europa, sede da virtude, da piedade, da honra e da verdade, orgulho e inveja do mundo, tão desdenhosamente tratado.

Mas como eu não me achava em condições de ressentir-me de injúrias, após maduras reflexões, principiei a duvidar se fora injuriado ou não. Porque, depois de me haver habituado, durante vários meses, à vista e ao trato desse povo, observando que todos os objetos para os quais lançava os olhos eram de uma grandeza proporcionada, o horror que me haviam de início inspirado o seu tamanho e o seu aspecto se desvaneceu a tal ponto que, se então contemplasse um grupo de damas e lordes ingleses com suas galas e trajos de festa, desempenhando as suas diversas partes da maneira mais cortesã, empertigando-se, inclinando-se, taramelando, eu me veria, a bem dizer, fortemente tentado a zombeteá-los quanto de mim zombeteavam o rei e os grandes da corte. Nem podia deixar de rir de mim mesmo, quando a rainha me punha sobre a sua mão diante de um espelho, em que ambas as nossas imagens se refletiam juntas, de corpo inteiro; e não podia haver nada mais

ridículo do que a comparação, de sorte que principie a imaginar-me muito menor do que em realidade o era.

Nada me enfuriava e mortificava tanto quanto o anão da rainha; o qual, tendo a menor estatura que já vira naquele país (pois creio, efetivamente, que não alcançava trinta pés de altura), se tornou de tal forma insolente ao ver uma criatura tão menor do que ele, que nunca deixava de arrotar ufanias e grandezas ao passar por mim na antecâmara da rainha, enquanto eu palestrava, em cima de alguma mesa, com os senhores ou damas da corte, e raro deixava de fazer um ou dois chistes a respeito da minha pequenez; do que só me era dado vingar-me chamando-lhe irmão, desafiando-o a lutar e dando-lhe as outras respostas que de ordinário se encontram na boca dos pajens da corte. Um belo dia, durante o almoço, irritou-se tanto comigo o maldoso trastezinho por qualquer coisa que, encarapitado num dos braços da cadeira da rainha, agarrou-me pela cintura, enquanto eu me quedava sentado, sem pensar em mal nenhum, e deixou-me cair dentro da taça grande de prata, cheia de creme, desandando, num ai, a fugir o mais depressa que pôde. Caí de ponta-cabeça e, se não fosse bom nadador, teria passado um mau bocado, pois Glumdalclitch se achava naquele instante no outro canto da sala e a rainha se assustou de tal forma que lhe faltou presença de espírito bastante para ajudar-me. Correu, porém, em meu auxílio a minha amazinha e me tirou da taça, depois de eu haver engolido mais de meia canada de creme. Fui levado para a cama; não sofri, porém, outro dano além de perda de um traje completo, que ficou inteiramente estragado. Foi o anão valentemente açoitado e, para maior castigo, forçado a beber a taça de creme em que me atirara, perdendo para sempre o valimento da rainha, que, logo depois, o deu de presente a uma dama de muita qualidade, de sorte que nunca mais o vi, para minha grandíssima satisfação; pois não posso dizer a que extremos um energúmeno desses teria levado o seu ressentimento.

Ele, em outra ocasião, me havia pregado uma peça vil, que fez rir à rainha, muito embora ficasse ela, ao mesmo tempo, tão desgostosa que o teria despedido imediatamente se eu, generoso, não intercedesse por ele. Sua Majestade tomara de seu prato um osso com tutano e, depois de haver retirado o tutano, colocara-o de novo no prato, em pé, como estava antes; o anão, à espera de uma oportunidade, enquanto Glumdalclitch fora ao aparador, subiu no tamborete em que ela ficava para tomar conta de mim durante as refeições, tomou-me com as mãos e, apertando-me as pernas, enfiou-as dentro do osso, onde fiquei entalado até acima da cintura durante

algum tempo, numa postura sobremodo ridícula. Creio que um minuto se passou antes que alguém soubesse o que fora feito de mim, pois entendi que seria rebaixar-me gritar por socorro. Mas, como os príncipes raro comem quente a sua comida, não se me escaldaram as pernas, ficando-me apenas as meias e os calções em triste condição. Mercê das minhas súplicas, sofreu apenas o anão, como castigo, uma rija surra.

Motejava-me frequentemente a rainha à conta dos meus temores, e usava perguntar-me se todos os habitantes do meu país eram tão grandes covardes, como eu? A razão foi esta: durante o verão, o reino é muito infestado de moscas; e esses odiosos insetos, cada qual do tamanho de uma calhanda de Dunstable, não me davam sossego durante o almoço, com o seu contínuo zumbido à volta dos meus ouvidos. Pousavam-me, às vezes, sobre a comida, e deixavam após si os ovos repugnantes, assaz visíveis para mim, posto não o fossem para os nativos daquele país, cuja vista não era tão aguda quanto a minha no observar objetos menores. Às vezes, pousavam-me no nariz ou na testa, picando-me dolorosamente e deitando um cheiro nauseabundo; e não me era difícil acompanhar-lhes o rastro da matéria viscosa que, dizem os nossos naturalistas, permite a essas criaturas andarem num teto de cabeça para baixo. Dava-me grande trabalho o defender-me desses detestáveis animais, e eu não podia deixar de estremecer quando me vinham ter ao rosto. Tinha por hábito o anão apanhar certo número desses insetos, como o fazem entre nós os colegiais, e soltá-los de improviso debaixo do nariz, no intuito de assustar-me e divertir a rainha. O meu único remédio era fazê-los pedaços com a faca, ao passo que voavam pelo ar, no que era muito admirada a minha destreza.

Recordo-me de que, certa manhã em que Glumdalclitch me pusera em minha caixa sobre uma janela, como habitualmente o fazia nos dias bonitos, para que eu tomasse um pouco de ar (pois não me abalancei a permitir que me pendurassem a caixa em um prego, fora da janela, como fazemos com as gaiolas na Inglaterra), depois de haver eu erguido uma das janelas de corrediça e me ter sentado à mesa para comer um pedaço de bolo como desjejum, mais de vinte vespas, atraídas pelo cheiro, entraram voando no quarto, com um zumbido mais forte que os assobios de outras tantas cornamusas. Algumas apoderaram-se-me do bolo e levaram-no, aos pedaços, embora; entraram-me outras a voar em torno da cabeça e do rosto, aturdindo-me com o ruído e aterrando-me com os ferrões. Tive, contudo, a coragem de levantar-me, sacar da minha adaga e acometê-las no ar. Dei cabo de quatro,

mas o resto fugiu, e eu fechei imediatamente a janela. Esses insetos são grandes como perdizes. Arranquei-lhes os ferrões e verifiquei que medem uma polegada e meia de comprimento e são afilados como agulhas. Guardei-os cuidadosamente; e, tendo-os mostrado depois, com outras curiosidades, em várias partes da Europa, dei três deles ao Gresham College ao regressar à Inglaterra, e fiquei com o quarto.

Nota

* “*lusus naturae*” (em latim no original): “divertimento da natureza”. (N.T.)

IV

Descreve-se o país. Proposta para corrigir os mapas modernos. O palácio do rei e uma notícia da metrópole. A maneira de viajar do rei. Descrição do templo principal.

Tenciono agora apresentar ao leitor uma breve descrição desse país, até onde o conheci em minhas viagens, que não ultrapassaram duas mil milhas à volta de Lorbrulgrud, a metrópole. Pois a rainha, de que eu nunca me apartava, não ia mais longe ao acompanhar o rei em suas jornadas, e ali ficava até o regresso do marido quando este inspecionava as fronteiras. A extensão total dos domínios desse príncipe é de seis mil milhas de comprimento, mais ou menos, e de três a cinco mil de largura: donde não posso menos de concluir que estão grandemente errados os nossos geógrafos europeus quando supõem que só existe o mar entre o Japão e a Califórnia; pois sempre fui de opinião que deve haver aí um equilíbrio entre eles para contrapesar o grande continente da Tartária; cumprindo-lhes, portanto, corrigirem os seus mapas e as suas cartas, acrescentando esse imenso trato de terra à região noroeste da América, no que estarei pronto a prestar-lhes o meu auxílio.

O reino é uma península, que termina a nordeste de uma cadeia de montanhas de trinta milhas de altura, de todo em todo intransponível, à conta dos vulcões que existem em seus cumes; nem sabem os mais eruditos que espécie de mortais habita as regiões além dessas montanhas ou se são, de fato, habitadas. Dos outros lados é o reino limitado pelo oceano. Não há um único porto de mar em toda a extensão das suas costas; e os sítios em que desembocam os rios são erçados de tantos rochedos pontiagudos, sendo neles o mar tão revoltoso, que não há aventurar-se aí o menor dos seus barcos; por maneira que essa gente vive inteiramente apartada de qualquer comércio com o resto do mundo. Mas os grandes rios estão cheios de embarcações e abundam em peixes excelentes; pois raro pescam no mar, visto que os peixes marinhos têm lá o mesmo tamanho dos que se pescam na Europa e, por consequência, não recompensam o trabalho; do que se deduz, manifestamente, que a natureza, na produção de plantas e animais de volume tão extraordinário, se limitou a este contingente, e as razões disso deixo que as determinem os filósofos. Uma ou outra vez, todavia, apanham uma baleia que calha de ser atirada contra os rochedos, e dela se alimenta com delícias o povo comum. Essas baleias eu as conheci tão grandes que um homem dificilmente poderia carregá-las nas costas; e, às vezes, por curiosidade, são levadas em cestos a Lorbrulgrud; vi uma delas num prato à mesa do rei, considerada como raridade, mas não me pareceu que ele a apreciasse muito; pois acredito, com efeito, que o tamanho lhe desagradasse, embora eu já

tivesse visto uma de maiores proporções na Groenlândia.

O país é muito populoso, pois contém 51 cidades, perto de cem vilas muradas, e grande número de aldeias. Para satisfazer o leitor curioso bastará que eu lhe descreva Lorbrulgrud. Ergue-se a cidade em duas partes quase iguais, de cada lado do rio que lhe passa pelo meio. Contém cerca de oitenta mil casas e seiscentos mil habitantes. Mede de comprimento três *glomglungs* (equivalentes a umas 54 milhas inglesas, mais ou menos), e dois e meio de largura; pois eu mesmo a medi no mapa real, feito por ordem do rei, estendido no chão de propósito para mim, e que cobria uma extensão de cem pés: percorri, descalço, várias vezes, o diâmetro e a circunferência e, calculando pela escala, tomei-lhe as medidas com muita exatidão.

O palácio do rei não é um edifício regular, senão um amontoado de construções, que compreende umas sete milhas em redondo; as salas principais têm, de ordinário, 240 pés de altura e são proporcionalmente largas e compridas. Um carro foi destinado a Glumdalclitch e a mim, em que a levava amiúde a governanta para ver a cidade e visitar as lojas; e eu sempre tomava parte no passeio, transportado na minha caixa; suposto que a menina, a meu pedido, frequentemente me tirasse e me segurasse na mão, a fim de que eu pudesse ver melhor as casas e as pessoas ao passarmos pelas ruas. Calculo que o nosso carro tinha as dimensões de Westminster Hall, embora não fosse tão alto; sem embargo, não posso ser muito exato. Um dia, ordenou a governanta ao cocheiro que parasse em diversas lojas, onde os mendigos, à espreita de uma oportunidade, aglomeraram-se em roda do carro e proporcionaram-me o espetáculo mais horrível que um europeu já contemplou. Havia uma mulher com um cancro no seio, que atingira monstruoso volume, cheio de buracos, em dois ou três dos quais eu poderia facilmente entrar e esconder-me. Havia um sujeito com uma papeira maior do que cinco fardos de lã; e outro com duas pernas de pau que mediam, cada uma, vinte pés de altura. O espetáculo, porém, mais repugnante eram os piolhos que lhes fervilhavam nas roupas. Pude distinguir, a olho nu, as pernas desses bichos muito melhor do que as de um piolho europeu através de um microscópio, e os focinhos, com que fuçavam como porcos. Foram os primeiros que eu, até então, examinara, e a curiosidade me teria levado a dissecá-los se tivesse os instrumentos apropriados, infelizmente deixados no navio, embora, na verdade, o espetáculo, de tão nauseoso, me virasse completamente o estômago.

Além da caixa grande em que eu era habitualmente transportado,

mandou a rainha que se fizesse uma menor para mim, de 12 pés quadrados, mais ou menos, e dez de altura, para maior comodidade nas viagens; por ser a outra um pouco grande para o regaço de Glumdalclitch, e ocupar muito espaço no carro; fê-la o mesmo artista, que dirigi em todo o projeto. Esse gabinete de viagem era um quadrado perfeito, com uma janela no meio de três dos lados, sendo cada janela gradeada por fora com fios de ferro, para impedir acidentes durante as longas jornadas. No quarto lado, que não tinha janela, havia duas argolas fortes, pelas quais a pessoa que me carregava, quando eu tinha vontade de andar a cavalo, enfiava uma correia de couro e a afivelava à cintura. Era sempre este o ofício de algum criado grave e fiel, de quem eu me podia confiar, quer ao seguir o rei e a rainha em suas viagens, quer ao percorrer os jardins, ou visitar uma grande dama ou um ministro de Estado na corte, quando Glumdalclitch não se achava bem-disposta; pois logo principiei a ser conhecido e estimado pelos maiores funcionários, mais em razão do valimento de Suas Majestades, suponho, do que de algum mérito meu. Nas viagens, quando o carro me cansava, um criado a cavalo afivelava à cintura a minha caixa e colocava-a sobre uma almofada, à sua frente; oferecia-se-me, desta guisa, completa perspectiva da região por três lados, das minhas três janelas. Eu tinha, nesse gabinete, uma cama de campanha e uma rede pendente do teto, duas cadeiras e uma mesa, solidamente atarraxada ao soalho, a fim de impedir que as atirassem de um lugar para outro os movimentos do cavalo ou do carro. E estando, havia muito, avezado às viagens marítimas, esses movimentos, ainda que às vezes violentíssimos, não me perturbavam demasiado.

Toda vez que me ocorria visitar a cidade, eu o fazia no meu gabinete de viagem, que Glumdalclitch segurava no regaço numa espécie de liteira aberta, ao modo do país, carregada por quatro homens, e acompanhada de dois outros, com a libreira da rainha. O povo, que ouvira falar muitas vezes de mim, apinhava-se, curioso, em torno da cadeirinha, e a menina, complacente, fazia pararem os carregadores e me segurava na mão, para que eu pudesse ser visto melhor.

Eu tinha muita vontade de conhecer o templo principal e, particularmente, a sua torre, tida pela mais alta do reino. Em vista disso, levou-me um dia a minha ama para lá, de onde posso dizer que voltei desapontado, pois a sua altura não ultrapassava três mil metros, desde o chão até a ponta mais alta, o que, considerando a diferença de tamanho entre essa gente e nós, os europeus, não é grande motivo de admiração, nem alcança,

guardadas as devidas proporções (se me não falha a memória), a torre de Salisbury. Mas, para não dizer mal de uma nação, à qual me reconhecerei, durante toda a minha vida, extremamente grato, cumpre reconhecer que o que quer que falte em altura a essa famosa torre é amplamente compensado por sua beleza e vigor: pois os muros, com quase cem pés de espessura, são construídos de pedras talhadas, cada uma das quais tem cerca de quarenta pés quadrados, e profusamente adornados de estátuas de deuses e imperadores, esculpidas no mármore, de tamanho maior que o natural, e colocadas em seus diversos nichos. Medi um dedo mínimo caído de uma dessas estátuas, que jazia despercebido no meio de uma pouca de calça, e achei-lhe exatamente quatro pés e uma polegada de comprimento. Glumdalclitch embrulhou-o no lenço e levou-o no bolso para casa, a fim de guardá-lo entre as suas frandulagens, de que a menina gostava muito, como de regra sucede às crianças na sua idade.

A cozinha do rei é, por sem dúvida, um belo edifício, abobadado, que mede uns seiscentos pés de altura. Ao forno grande faltam-lhe dez passos para ser do tamanho da cúpula de São Paulo: por acinte medi esta última quando voltei. Mas se eu devesse descrever as grelhas do fogão, as prodigiosas panelas e caldeiras, os quartos de carne assados nos espetos, e muitas outras particularidades, talvez dificilmente me acreditassem: um crítico severo, pelo menos, propenderia a crer que eu exagerasse um pouco, segundo a miúdo se supõe que o façam os viajantes. Para evitar esta censura temo haver-me excedido no extremo oposto; e se viesse este tratado a ser traduzido para a língua de Brobdingnag (que é o nome genérico daquele reino), e levado para lá, o rei e o seu povo teriam razões para queixar-se de que os ofendi, com uma descrição falsa e depreciativa.

Raro conserva Sua Majestade em seus estábulos mais de seiscentos cavalos, que têm de cinquenta e quatro a sessenta pés de altura. Mas quando sai nos dias solenes acompanha-o, pomposamente, uma guarda miliciana de quinhentos cavaleiros, o que, de feito, julguei ser o mais esplêndido espetáculo do mundo, até que vi parte do seu exército em ordem de batalha, do que ainda terei ocasião de falar.

V

*Diversas aventuras que sucederam ao autor. A execução de um criminoso.
Mostra o autor a sua habilidade em navegação.*

Eu teria vivido assaz feliz naquela terra se a minha pequenez não me expusesse a vários acidentes molestos e ridículos; alguns dos quais me animarei a contar. Glumdalclitch me levava com frequência aos jardins do palácio em minha caixa menor, e dela, às vezes, me tirava, segurando-me na mão para que eu andasse. Lembra-me que, de uma feita, quando o anão ainda estava a serviço da rainha, ele nos acompanhou a esses jardins; havendo-me deixado minha ama no chão, e estando juntos ele e eu ao pé de umas macieiras anãs, deu-me para galhardear engenho com uma néscia alusão à semelhança entre ele e as árvores. Em vista disso, o maldoso traste, quando me viu caminhar por baixo de uma delas, sacudiu-me sobre a cabeça, por onde uma dúzia de maçãs, quase tão grandes como barris de Bristol, me despencou à roda dos ouvidos; e, como me sucedesse inclinar-me, veio bater-me nas costas uma delas, que deu comigo em terra, deitando-me de bruços; mas não sofri outro dano, e o anão foi perdoado, a meu pedido, porque a provocação partira de mim.

De outra feita, Glumdalclitch me deixou num canteiro macio de relva para que eu me distraísse, e afastou-se com a governanta. Entretanto, caiu de improviso tão violenta chuva de pedra que a sua força, de supetão, me derribou, e enquanto eu jazia caído, as pedras cruelmente me golpearam, como se fossem bolas de tênis; consegui, todavia, arrastar-me, de quatro, e abrigar-me, de bruços, na parte sotaventeada de uma moita de tomilhos, mas tão machucado dos pés à cabeça que não pude sair de casa durante dez dias. Nem isso é muito de espantar, pois, observando a natureza, nesse país, a mesma proporção em todas as suas operações, uma pedra de chuva é quase 1.800 vezes maior do que na Europa; o que posso afirmar estribado na experiência, pois tive a curiosidade de as pesar e medir.

Mas um acidente mais perigoso ocorreu-me no mesmo jardim, onde, crendo haver-me deixado em lugar seguro (o que lhe eu frequentemente pedia que fizesse, para saborear-me, a sós, de meus pensamentos), e tendo deixado a caixa em casa, para evitar o trabalho de carregá-la, foi a minha amazinha para outra parte do jardim com a sua governanta e algumas damas de suas relações. Durante a sua ausência, e não podendo ela ouvir-me a voz, um cãozinho perdigueiro branco, pertencente a um dos jardineiros principais, entrou por acaso no jardim e calhou de passar perto do sítio em que eu me achava: seguindo-me o rasto, veio dar o cachorro prontamente comigo e, tomando-me na boca, correu para o dono, abanando a cauda, e suavemente

me depôs no chão. Fora ele, felizmente, tão bem-ensinado que me carregou entre os dentes sem me arranhar e sem me rasgar sequer as roupas. Mas o pobre jardineiro, que me conhecia bem, e se afeiçoara muito de mim, ficou assustadíssimo: levantou-me, delicadamente, com as mãos e perguntou-me como estava; eu achava-me, porém, tão assombrado e ofegante que não pude articular uma única palavra. Poucos minutos depois recobrei a fala, e ele me levou a bom recado para junto da minha amazinha, que, a esse tempo, já regressara ao lugar em que me deixara, e desesperava porque eu não aparecia nem lhe respondia aos chamados. Ela repreendeu severamente o jardineiro por causa do cachorro. Mas abafou-se o caso, que se não propalou na corte, pois a menina se temia da cólera da rainha; e, pelo que me toca, julguei realmente que não me lisonjearia a reputação o divulgar-se uma história dessa ordem.

O acidente fez com que Glumdalclitch se determinasse em nunca mais me deixar longe de suas vistas fora de casa. Havia muito que eu temia essa resolução, o que me levava a ocultar-lhe algumas aventurazinhas infelizes que me tinham sucedido enquanto eu ficava sozinho. Uma vez, um milhafre que pairava sobre o jardim caiu sobre mim e, se eu não tivesse arrancado, resolutamente, da minha adaga e corrido para baixo de uma espessa latada, ele me teria, por certo, arrebatado em suas garras. Outra vez, subindo ao topo de um montezinho de terra feito por uma toupeira, afundei até o pescoço no buraco que esse animal cavara na terra, e astuciei uma desculpa qualquer, que não merece ser lembrada, para explicar o desconcerto dos meus trajos. Quebrei também a canela da perna direita na concha de um caracol, em que me aconteceu tropeçar, enquanto caminhava pensando na pobre Inglaterra.

Não sei o que era maior, se o meu prazer ou a minha mortificação, ao observar, nesses passeios solitários, que nem as menores avezinhas pareciam de maneira alguma receosas de mim; saltarinhavam, pelo contrário, a menos de uma jarda de distância, à procura de vermes e outros alimentos, com a mesma segurança e indiferença com que o fariam se não houvesse ninguém perto delas. Lembra-me que um tordo se atreveu a arrebatá-me das mãos, com o bico, um pedaço de bolo que Glumdalclitch acabara de dar-me para o desjejum. Quando eu tentava agarrar algum desses pássaros, voltavam-se eles, afoitos, contra mim, buscando pinicar-me os dedos que eu não ousava deixar ao seu alcance; e continuavam a saltitar depois, despreocupados, à cata de vermes ou caracóis, como antes. De uma feita, porém, atirei, com toda a força e tamanha felicidade, um porrete grosso num pintarroxo que o derrubei

e, segurando-o pelo pescoço com ambas as mãos, corri com ele, em triunfo, para minha ama. O pássaro, contudo, apenas desacordado, ao tornar em si, deu-me tantos golpes com as asas na cabeça e no corpo, embora eu o segurasse à distância de um braço e estivesse fora do alcance de suas garras, que por vinte vezes pensei em soltá-lo. Não tardou, porém, a acudir-me um dos criados, que torceu o pescoço ao passarinho, o qual me foi servido no dia seguinte ao almoço, por ordem da rainha. Esse pintarroxo, se me é fiel a memória, parecia algo maior do que um cisne inglês.

As Damas de Honor convidavam amiúde Glumdalclitch a ir aos seus aposentos, e pediam-lhe que me levasse com ela, para terem o prazer de me ver e tocar. Frequentemente me despiam, da cabeça aos pés, e me colocavam deitado a fio comprido sobre os seus ventres; o que sobremodo me repugnava; porque, para dizer a verdade, a pele delas soltava um cheiro nauseabundo; o que não digo, nem tenciono, em desfavor dessas excelentes senhoras, a quem dedico o mais profundo respeito; mas cuido que os meus sentidos eram mais agudos em proporção da minha pequenez, e que essas ilustres pessoas não seriam mais desagradáveis aos seus amantes ou uma às outras do que o são, entre nós, na Inglaterra, pessoas da mesma qualidade. E, afinal de contas, verifiquei que o cheiro natural delas me era muito mais suportável do que os perfumes com que se aromavam, sob cuja ação eu desmaiava imediatamente. Não posso esquecer-me de que um íntimo amigo meu em Lilipute, num dia de calor, depois de eu haver feito muito exercício, se queixou de sentir à minha volta um cheiro forte, embora eu seja tão pouco defeituoso nesse particular quanto a maioria dos indivíduos do meu sexo: mas suponho que o seu olfato fosse tão delicado em relação a mim, quanto era o meu em relação a essa gente. Nesse ponto, manda a justiça se diga que as pessoas da rainha, minha senhora, e de Glumdalclitch, minha ama, cheiravam tão bem como a de qualquer dama da Inglaterra.

O que mais me constrangia em relação a essas Damas de Honor (quando me levava minha ama a visitá-las) era a sem-cerimônia com que me tratavam, como se eu fosse uma criatura sem a mínima importância. Pois elas se despiam e vestiam na minha presença, colocando-me sobre o toucador, defronte de seus corpos nus, que, posso afiançá-lo, estavam longe de ser para mim um espetáculo tentador e não me despertavam senão horror e repugnância. As suas epidermes me pareciam tão grosseiras e desiguais, tão variamente coloridas, quando vistas de perto, com lunares aqui e ali, grandes como cepos, eriçadas de pelos mais grossos que barbantes, para não falarmos

no resto de suas pessoas. Também não escrupuleavam, enquanto eu estava lá, de aliviar-se do que haviam bebido, em quantidade nunca inferior a dois barris, num vaso cuja capacidade ultrapassava três toneladas. A mais bonita das Damas de Honor, menina agradável e travessa de 16 anos, fazia-me, às vezes, cavalgar o bico de um seio, além de engenhar muitas outras gracinhas, sobre as quais peço vênias ao leitor para não me estender. Mas isso me desagradava de tal forma, que expliquei a Glumdalclitch engenhasse uma desculpa qualquer para não tornar a ver essa jovem senhora.

Um dia, um jovem cavaleiro, sobrinho da governanta de minha ama, veio e apertou com elas para assistirem à execução de um homem que havia assassinado um íntimo conhecido seu. Glumdalclitch foi persuadida a fazer parte da companhia, muito contra as suas inclinações, pois era naturalmente compassiva; em quanto a mim, se bem eu abominasse esse gênero de espetáculos, a curiosidade me tentou a ver uma cena que julgava dever ser extraordinária. O malfeitor estava preso a uma cadeira sobre um cadafalso erguido para esse propósito e foi-lhe a cabeça cortada, com um talho só, com uma espada de quarenta pés de comprimento. Das veias e artérias jorrou tão prodigiosa quantidade de sangue, e tão alto, que o grande *jet d'eau** em Versalhes não lhe alcançaria o jato enquanto durou: e a cabeça, ao cair sobre o pavimento, produziu tão grande estrondo que me fez estremecer, embora eu me achasse, pelo menos, a meia milha inglesa de distância.

A rainha, que a miúdo me ouviu falar em viagens marítimas, e se valia de todas as ocasiões para distrair-me quando me via triste, perguntou se eu sabia manejar uma vela ou um remo e se não seria conveniente para a minha saúde remar um pouquinho? Respondi que sabia manejá-los perfeitamente: pois suposto que o meu verdadeiro ofício tivesse sido o de cirurgião, ou médico de bordo, muitas vezes, em momentos de aperto, fora obrigado a trabalhar como qualquer marinheiro. Mas não via de que maneira poderia isto ser feito em seu país, onde o barco menor tinha o tamanho de um dos nossos vasos de guerra de primeira categoria; e a embarcação que eu pudesse manejar não resistiria em nenhum dos seus rios. Declarou a rainha que, se eu ideasse uma nau, o seu marceneiro a faria, e ela mandaria preparar um lugar em que eu pudesse navegar. Era o sujeito artífice engenhoso e, seguindo as minhas instruções, acabou em dez dias um barco de recreio com todos os seus pertences, capaz de comportar comodamente oito europeus. Quando ficou pronto, satisfez-se tanto dele a rainha, que correu, levando-o no regaço, para o rei, que o mandou colocar numa cisterna cheia de água, estando eu

dentro, a modo de experiência; onde não pude manejar os dois remozinhos por falta de espaço. Mas a rainha já anteriormente gizara outro projeto. Ordenou ao carpinteiro que fizesse uma tina de madeira de trezentos pés de comprimento, cinquenta de largura e oito de profundidade, a qual, bem empesgada, para não deixar passar água, foi colocada no chão, ao longo da parede, numa sala externa do palácio. Havia uma válvula no fundo, para permitir a saída da água, quando principiasse a deteriorar-se; e dois criados enchiam-na facilmente em meia hora. Aqui eu costumava remar com frequência para o meu próprio divertimento, bem como para o da rainha e suas damas, que se julgavam muito entretidas com a minha perícia e agilidade. Às vezes, eu içava a minha vela, e então me limitava a governar o barco, enquanto que as senhoras produziam um vento com os seus leques; e, quando se cansavam, alguns dos pajens empurravam, soprando, a vela para a frente, ao passo que eu demonstrava a minha arte dirigindo o barco a estibordo ou a bombordo, segundo me aprouvesse. Quando eu terminava, Glumdalclitch carregava a embarcação para o seu gabinete e pendurava-a num prego, a fim de secar.

Neste exercício ocorreu-me, certa vez, um acidente que quase me custou a vida; pois, tendo um dos pajens colocado o bote na tina, a governanta de Glumdalclitch, muito oficiosamente, me ergueu para colocar-me dentro dele; sucedeu-me, porém, escorregar-lhe por entre os dedos, e eu teria caído infalivelmente ao chão de uma altura de quarenta pés se, pelo acaso mais feliz do mundo, não me segurasse um alfinete grande, espetado no peitilho da boa senhora; a cabeça do alfinete passou-me entre a camisa e o cinto dos calções, e assim fiquei seguro no ar pelo meio do corpo, até que Glumdalclitch acorreu em meu socorro.

Em outra ocasião, um dos criados, cujo ofício era encher a tina de água fresca, de três em três dias, teve o descuido de deixar um sapo enorme (que ele não percebeu) cair-lhe do balde. O sapo ficou escondido até que me colocaram dentro do barco, quando, ao ver um lugar em que podia descansar, trepou na embarcação e fê-la inclinar-se tanto para um lado que fui obrigado a equilibrá-la com todo o meu peso no outro, para impedir que virasse. Quando o sapo entrou, cobriu, de um salto, metade do comprimento do barco e, logo, me pulou sobre a cabeça, para a frente e para trás, lambuzando-me o rosto e as roupas com a sua odiosa viscosidade. A grandeza das suas formas fazia-o parecer o mais deformado animal que se possa imaginar. Sem embargo, pedi a Glumdalclitch que me deixasse haver-me sozinho com ele.

Eu o apaleei durante muito tempo com um dos remos e obriguei-o, afinal, a saltar do barco.

Mas o maior perigo por que passei nesse reino foi devido a um macaco pertencente a um ajudante da cozinha. Glumdalclitch fechava-me em seu gabinete, enquanto saía para algum lugar, a compras ou a visitas. Como fizesse muito calor, ficou, um dia, aberta a janela do gabinete, assim como as janelas e a porta da minha caixa grande, em que eu, de hábito, vivia, por causa do seu tamanho e comodidade. Achava-me tranquilamente a meditar à minha mesa, quando ouvi alguma coisa entrar, de um salto, pela janela do gabinete e dar pulos de um lado para outro; suposto que muito assustado, afoitei-me a olhar para fora, mas sem sair do meu lugar; vi então o brejeiro animal a saltar e cabriolar de lá para cá, até chegar, por fim, à minha caixa, que pareceu considerar com grande prazer e curiosidade, espiando pela porta e por todas as janelas. Retirei-me para o canto mais afastado da sala, ou caixa; mas o macaco, olhando para todos os lados, me aterrorizou de tal maneira que me faltou a presença de espírito necessária para esconder-me debaixo da cama, o que eu poderia ter feito facilmente. Depois de espiar, fazer caretas e guinchar durante algum tempo, enxergou-me, afinal; e, enfiando pela porta uma das mãos, como faz um gato ao brincar com um rato, embora eu mudasse constantemente de lugar para fugir-lhe, agarrou-me, por fim, a aba do casaco (feito da seda desse país e, por isso mesmo, grosso e resistente), e puxou-me para fora. Tomou-me com a mão direita e segurou-me como o fazem as amas quando dão de mamar a uma criança, exatamente como vi fazer à mesma espécie de criatura com um gatinho na Europa; e quando fiz menção de resistir, apertou-me com tanta força que julguei mais prudente sujeitar-me. Tenho boas razões para supor que ele me tomasse por um filhote da sua própria espécie, pois me acariciava repetida e delicadamente o rosto com a outra mão. Nessas diversões, foi interrompido por um barulho à porta do gabinete, como se alguém a estivesse abrindo; em vista disso, pulou subitamente para a janela pela qual entrara e daí pelos eirados e algerozes, caminhando sobre três patas e segurando-me com a quarta, subiu a um telhado próximo do nosso. Ouvi Glumdalclitch dar um grito no momento em que ele me levava para fora. A pobre menina ficou quase louca: alvorotou-se toda aquela parte do palácio; correram os criados à procura de escadas: o macaco foi visto por centenas de pessoas na corte, assentado sobre a cumeeira de um edifício, segurando-me como um infante numa das mãos e alimentando-me com a outra, metendo-me na boca as

virtualhas que tirava, espremidas, da bolsa ao lado da mandíbula, e batendo-me de leve quando eu não queria comer; diante do que muita gente da plebe não pôde menos de rir; nem creio que deva ser justamente censurada, pois era o espetáculo, sem dúvida alguma, sobremodo ridículo para todos, exceto para mim. Alguns atiraram pedras, na esperança de fazer descer o macaco; mas isso foi rigorosamente proibido, pois era muito provável que, do contrário, me tivessem arreventado os miolos.

Dispuseram-se as escadas e por elas subiram vários homens; e, tendo-o observado o macaco, e vendo-se quase cercado, incapaz de fugir com rapidez suficiente com três pernas apenas, deixou-me cair no vazio de uma telha e safou-se. Aqui me fiquei por algum tempo, a quinhentas jardas do solo, esperando a cada instante que o vento me derrubasse, ou que eu caísse em razão de uma vertigem, e fosse, despencando, da cumeeira aos algerozes: mas um honrado sujeito, lacaio de minha ama, subiu e, colocando-me no bolso dos calções, fez-me descer são e salvo.

Eu estava quase sufocado com a porcaria que o macaco me enfiara na garganta: mas a minha querida amazinha retirou-me da boca com uma pequena agulha, e eu me pus a vomitar, o que produziu grande alívio. Achava-me, contudo, tão fraco e tão pisado nas ilhargas, com os apertões que me dera o odioso animal, que fui obrigado a permanecer 15 dias de cama. O rei, a rainha e toda a corte mandavam indagar-me todos os dias da saúde; e a rainha me fez diversas visitas durante a minha enfermidade. Morto o macaco, determinou-se que nenhum animal dessa espécie poderia ser conservado nas imediações do palácio.

Quando me apresentei, restabelecido, ao rei, a fim de agradecer-lhe os favores, dignou-se ele de remoquear-me longamente à conta da aventura. Perguntou-me quais tinham sido os meus pensamentos e considerações enquanto eu me achava entre as garras do macaco; se me haviam apetecido as virtualhas que ele me dera; se me agradara a sua maneira de alimentar-me; e se o ar fresco do telhado não me abrira o apetite. Quis saber que teria eu feito em circunstâncias análogas se estivesse em minha terra. Respondi a Sua Majestade que na Europa não tínhamos macacos, senão os que eram trazidos, por curiosidade, de outros sítios; sendo estes tão pequenos que eu daria conta de uma dúzia deles ao mesmo tempo, se se atrevessem a tocar-me. E, respeito àquele monstruoso animal, com quem tão recentemente me empenhara (pois tinha, com efeito, as dimensões de um elefante), se o medo me tivesse permitido pensar com a rapidez suficiente para utilizar-me da minha adaga

(afirmei com feroz catadura, batendo com a mão no punho da arma), quando ele metera a pata no quarto eu lhe teria desferido tamanho golpe que ele se daria por satisfeito se pudesse retirá-la com maior rapidez do que a introduzira. Estas palavras pronunciei-as em tom firme, como receoso de que se pusesse em dúvida a minha coragem. O meu discurso, contudo, produziu apenas enorme gargalhada, que todo o respeito devido a Sua Majestade pelos que o rodeavam não pudera conter. Isto me fez refletir no quanto é vão tentar um homem exaltar-se a si mesmo entre os que de modo nenhum se podem igualar ou comparar com ele. Não obstante, encontrei na Inglaterra, depois que voltei, com muita frequência, a moral do meu próprio comportamento; onde qualquer trastezinho desprezível, sem nenhum título pelo nascimento, pela pessoa, pelo espírito ou pelo bom senso, se abalança a apregoar-se de importante e pretende equiparar-se à mais alta personagem do reino.

Eu proporcionava diariamente ao paço alguma história ridícula; e Glumdalclitch, embora gostasse muitíssimo de mim, era suficientemente travessa para contá-lo à rainha toda a vez que eu fazia alguma tolice que, supunha, pudesse divertir Sua Majestade. A menina, que estivera indisposta, foi levada pela governanta para tomar ares num sítio distante cerca de uma hora, ou seja, trinta milhas, da cidade. Apearam do carro perto de um pequeno atalho no campo e, havendo Glumdalclitch colocado no chão a minha caixa de viagem, saí para caminhar. Havia no caminho um monte de esterco de vaca e me foi preciso provar a minha agilidade saltando sobre ele. Dei uma corrida mas, infelizmente, errei o pulo, e caí exatamente no meio do monte, onde me enterrei até os joelhos. Safei-me com alguma dificuldade, e um dos lacaios me limpou como pôde com o lenço, pois eu estava todo emporcalhado; e minha ama prendeu-me na caixa até voltarmos para casa; foi logo informada a rainha do que se passara, e os lacaios espalharam a notícia pela corte; de sorte que, durante alguns dias, todos se divertiram à minha custa.

Nota

* “*jet d’eau*” (em francês no original): jato de água. (N.T.)

Diversas invenções do autor para agradar ao rei e à rainha. Ele faz praça da sua perícia na música. Indaga o rei da situação da Europa, de que o autor lhe dá conta. As observações do rei a respeito.

Eu costumava assistir ao levantar-se do rei uma ou duas vezes por semana e frequentemente o via nas mãos do barbeiro, o que, a princípio, consistia terribilíssimo espetáculo de ver-se: pois a navalha era quase duas vezes maior que uma gadanha comum. Sua Majestade, segundo o costume do país, barbeava-se apenas duas vezes por semana. Em certa ocasião persuadi o barbeiro a dar-me um pouco da água, ou espuma, do sabão, de onde retirei quarenta ou cinquenta raízes mais fortes de cabelo. Tomei depois um pedaço fino de madeira e dei-lhe a feição das costas de um pente, fazendo nele diversos buracos a distâncias iguais com a agulha menor que pude obter de Glumdalclitch. Fixei neles tão artificiosamente as raízes, raspando-as e afirmando-lhes as pontas com o canivete, que consegui fazer um pente assaz tolerável; oportuníssimo reforço, pois o meu tinha os dentes tão quebrados que estava quase imprestável: nem eu conhecia artista nenhum nesse país tão minucioso e exato que se encarregasse de fazer-me outro.

E isto me traz à memória um divertimento em que passei muitas horas de ócio. Pedi à dama da rainha que me guardasse os cabelos que caíam quando Sua Majestade se penteava; volvido algum tempo obtive deles boa quantidade; e, consultando o meu amigo ebanista, que recebera ordens gerais para me fazer os servicinhos de que eu necessitasse, ordenei-lhe fizesse a armação de duas cadeiras, do tamanho das que eu tinha em minha caixa, e abrisse uns buraquinhos com uma sovela fina ao redor das partes destinadas ao espaldar e ao assento; nesses buracos entreteci os cabelos mais fortes que achei, precisamente à maneira das cadeiras de cana da Inglaterra. Quando ficaram prontas, dei-as de presente à rainha, que as guardou em seu gabinete, e costumava mostrá-las como curiosidades, pois eram, de feito, o assombro de quem quer que as visse. Quis a rainha que eu me assentasse numa delas, mas recusei-me terminantemente a obedecer-lhe, protestando que preferiria mil vezes morrer a colocar uma parte indecorosa do meu corpo sobre aqueles preciosos cabelos, que já haviam adornado a cabeça de Sua Majestade. Desses cabelos (pois sempre tive aptidão para os trabalhos mecânicos) fiz também uma linda bolsinha, com o nome da rainha inscrito em letras de ouro, que dei a Glumdalclitch com a permissão de Sua Majestade. Era, a bem dizer, mais para mostrar que para usar, pois não tinha resistência bastante a suportar o peso das moedas maiores, e a menina, portanto, só guardava nela as bugigangas de que tanto se agradam as raparigas.

O rei, que se extasiava com a música, dava na corte frequentes

concertos, a que eu era levado algumas vezes e colocado em minha caixa sobre a mesa, para ouvi-los; mas tão grande era o barulho que eu dificilmente lograva distinguir as melodias. Tenho a certeza de que todos os tambores e trombetas do exército real, rufando e tocando simultaneamente em nossos ouvidos, não o poderiam igualar. Eu costumava remover a minha caixa do lugar em que estavam os executantes para o sítio mais distante possível, cerrar-lhe, em seguida, portas e janelas e descer as cortinas; depois de tudo isso, a música não se me afigurava desagradável.

Eu aprendera em minha mocidade a tocar um pouco a espineta. Glumdalclitch possuía uma no quarto, e um professor ia lecioná-la duas vezes por semana: chamo-lhe espineta porque tinha certa semelhança com esse instrumento e era tocado da mesma maneira. Acudiu-me a ideia de divertir o rei e a rainha com uma melodia inglesa nela interpretada. A execução, contudo, parecia extremamente difícil; pois a espineta tinha quase sessenta pés de comprimento, e as teclas, quase um de largura, de sorte que, com os braços estendidos, eu não conseguia alcançar mais do que cinco, ao passo que, para feri-las, precisava dar um golpe vigoroso com o punho, o que exigia um esforço demasiado grande e sem finalidade. O método que engenhei foi o seguinte: preparei dois pedaços redondos de pau, mais ou menos do tamanho de um porrete, cada um; esses paus tinham uma ponta mais grossa do que a outra e eu a cobri com pedaços de pele de rato, a fim de, ao bater, não estragar as teclas nem interromper o som. Colocou-se um banco defronte da espineta, a uns quatro pés abaixo das teclas, e puseram-me em cima do banco. Eu corria lateralmente sobre ele, de um lado para outro, o mais depressa que podia, batendo com os dois paus nas teclas certas, e assim forcejei por tocar uma giga, para grande satisfação de Suas Majestades; mas foi este o exercício mais violento que já fiz; e, ainda assim eu não podia ferir mais de 16 teclas nem tocar, conseqüentemente, as notas baixas e agudas ao mesmo tempo, como fazem outros artistas, o que constituiu grande desvantagem para a minha execução.

O rei, príncipe de excelente entendimento, como já tive ocasião de observar, ordenou amiúde que eu fosse trazido em minha caixa e colocado sobre a mesa do seu gabinete: mandava-me depois tirar uma cadeira da caixa e sentar-me a três jardas de distância, no ponto mais alto da mesa, ficando quase ao nível do seu rosto. Travei, dessa maneira, diversas conversações com ele. Tomei um dia a liberdade de dizer a Sua Majestade que o desprezo por ele, demonstrado pela Europa e pelo resto do mundo, não parecia

concorde com as suas excelentes qualidades de espírito; que a razão não é proporcional ao tamanho do corpo; que observávamos, pelo contrário, em nosso país, serem de ordinário as pessoas mais altas as menos providas dela: que, entre outros animais, as abelhas e formigas tinham fama de mais industriosas, hábeis e sagazes do que muitos das espécies maiores; e que, por insignificante que ele me julgasse, eu esperava poder viver o suficiente para prestar a Sua Majestade algum assinalado serviço. Ouviu-me o rei com atenção e entrou a formar de mim conceito muito mais favorável. Pediu-me que desse a notícia mais exata possível do governo da Inglaterra, porque, por mais que se agradem ordinariamente os príncipes de seus próprios costumes (era essa a ideia que fazia de outros monarcas à conta dos meus discursos anteriores), gostaria de conhecer tudo o que merecesse ser imitado.

Imagina tu mesmo, leitor cortês, quantas vezes desejei possuir então a língua de Demóstenes ou de Cícero, para entoar os louvores da minha querida terra natal, em estilo condizente com os seus méritos e felicidade.

Encetei o meu discurso informando Sua Majestade de que os nossos domínios consistiam em duas ilhas, que formavam três poderosos reinos, governados por um soberano, além das nossas plantações na América. Estendi-me demoradamente sobre a fertilidade do solo e a temperança do clima. Em seguida, alarguei-me na constituição de um Parlamento Inglês; composto, em parte, de um corpo ilustre, chamado a Câmara dos Pares; pessoas de ilustríssimo sangue e senhores dos patrimônios mais antigos e mais amplos. Falei do cuidado extraordinário que sempre se lhes dispensava à educação nas artes e nas armas, que os capacitava para serem conselheiros a um tempo do rei e do reino; para participarem da legislatura; para serem membros da mais alta corte judiciária, da qual não há recurso; e para serem campeões sempre dispostos a defenderem o rei e o país, com o seu valor, procedimento e fidelidade. Que eram eles o ornamento e sustentáculo do reino, dignos descendentes dos seus famosíssimos antepassados, cuja honra fora o prêmio da sua virtude, da qual nunca se soubera houvesse degenerado a posteridade. A eles reuniram-se várias pessoas santas, como parte dessa mesma assembleia, sob o título de Bispos, cuja missão especial consistia em zelar da religião e dos que nela instruem o povo. Estas pessoas eram buscadas e procuradas por toda a nação pelo príncipe e seus mais sábios conselheiros, entre os sacerdotes que mais merecidamente se haviam distinguido pela santidade da vida e pela profundidade da erudição; e eram, em realidade, os pais espirituais do clero e do povo.

Ajuntei que formava a outra parte do Parlamento uma assembleia chamada Câmara dos Comuns, cujos membros eram todos cavalheiros importantes, livremente escolhidos e eleitos pelo próprio povo, por seus grandes talentos e amor à pátria, a fim de representar a sabedoria da nação. E que esses dois corpos constituíam a mais augusta assembleia da Europa, que, de parceria com o príncipe, enfeixavam todo o poder legislativo.

Logo, passei a referir-me aos Tribunais de Justiça; nos quais presidiam os Juízes, veneráveis sábios e intérpretes da lei, para a determinação dos controvertidos direitos e propriedades dos homens, bem como para castigo do vício e proteção da inocência. Mencionei a prudente administração do nosso Tesouro; o valor e os feitos de nossas forças, marítimas e terrestres. Calculei o número dos nossos habitantes computando os milhões que poderiam pertencer a cada uma das nossas seitas religiosas ou partidos políticos. Não omiti sequer os nossos desportos e passatempos, nem pormenor algum que pudesse, a meu juízo, redundar em honra do meu país. E concluí com breve relato histórico dos assuntos e sucessos da Inglaterra durante os últimos cem anos, mais ou menos.

Prolongou-se a conversação durante cinco audiências, cada qual de várias horas; e o rei ouviu tudo com grande atenção, tomando frequentemente notas do que eu dizia, e apontamentos do que me pretendia perguntar.

Quando pus termo a esses longos discursos, Sua Majestade, numa sexta audiência, consultando as suas notas, propôs muitas dúvidas, questões e objeções a respeito de cada artigo. Perguntou ele que método empregávamos para cultivar os espíritos e os corpos dos nossos jovens fidalgos, e em que espécie de ocupações passavam, de regra, a primeira parte de sua vida, a mais apropriada à ensinância? Qual o critério que seguíamos para integrar aquela assembleia, quando alguma nobre família se extinguia? Quais as qualificações necessárias aos novos lordes para serem nomeados; e se o humor do príncipe, uma soma de dinheiro entregue a uma dama da corte, ou o desejo de fortalecer um partido contrário aos interesses do povo já haviam sido, alguma vez, o motivo dessas promoções? Quanto conhecimento possuíam esses lordes das leis do seu país, e de que maneira o adquiriam, para poderem decidir das propriedades dos seus súditos, em última instância? Se viviam sempre tão livres da avareza, da parcialidade e das necessidades, que o suborno, ou qualquer outro desígnio sinistro, não pudesse ter lugar entre eles? Se aqueles santos varões de que eu havia falado, promovidos sempre a esse cargo em razão do seu conhecimento das questões religiosas, e

da santidade de suas vidas, nunca tinham sido condescendentes com os tempos, enquanto eram padres comuns; nem servis e prostituídos capelões de algum nobre, a cujas opiniões continuassem vilmente a obedecer, depois de admitidos naquela assembleia?

Quis saber depois quais os processos empregados na eleição daqueles a que eu chamara Comuns: se um estranho, com a bolsa cheia, não lograria persuadir os eleitores a elegê-lo em lugar do seu próprio senhor, ou do cavalheiro mais importante da vizinhança? Como se explicava que as pessoas se mostrassem tão violentamente inclinadas a ingressar numa assembleia, que eu admitia ser uma fonte enorme de trabalhos e despesas, à custa, muita vez, da ruína de suas famílias, e sem perceberem qualquer salário ou pensão? Pois isso implicava tão grande extremo de virtude e espírito público, que Sua Majestade parecia temer nem sempre fosse sincero. E quis saber se tais zelosos cavalheiros não poderiam ter o propósito de se recompensarem dos encargos e trabalhos a que se entregavam, sacrificando o bem público aos desígnios de um príncipe fraco e vicioso, em convivência com um ministério corrupto? Multiplicou as perguntas e me sondou exaustivamente sobre esse ponto, propondo inúmeros quesitos e objeções, que não julgo prudente nem conveniente repetir.

Sobre o que eu disse a respeito aos nossos Tribunais de Justiça, pediu-me Sua Majestade que lhe explicasse várias coisas: o que fui mais capaz de fazer, visto que já quase me arruinara um processo na Chancelaria, cujas custas eu tivera de pagar. Perguntou quanto tempo se gastava, de ordinário, em distinguir a razão da sem-razão, e quantos gastos se faziam para isso? Se os advogados e suplicantes tinham liberdade para defender causas que se sabiam manifestamente injustas, vexatórias ou opressivas? Se se observava ter um partido, religioso ou político, algum peso na balança da justiça? Se eram os suplicantes pessoas educadas no conhecimento geral da equidade, ou tão somente no direito consuetudinário da província, da nação ou de alguma localidade? Se eles ou os seus juízes haviam participado da elaboração das leis que assumiam a liberdade de interpretar e glosar a seu talante? Se já tinham, em diferentes ocasiões, defendido e acusado a mesma causa, citando precedentes para provar opiniões contrárias? Se eram uma corporação rica ou pobre? Se recebiam alguma recompensa pecuniária para litigar, ou apresentar os seus pareceres? E, particularmente, se eram alguma vez admitidos como membros da Câmara Baixa?

Em seguida, caiu sobre a administração do nosso Tesouro; e disse julgar

que me falhara a memória, pois eu calculara os nossos impostos em cerca de cinco ou seis milhões por ano e, ao mencionar os gastos, verificava que estes alcançavam, às vezes, mais do que o dobro; porque as notas que tomara nesse sentido eram assaz minuciosas, pois esperava, segundo me disse, que o conhecimento dos meus processos lhe fosse útil, e não podia enganar-se nos cálculos. Mas se era verdade o que eu lhe dissera, não sabia como um Estado poderia gastar mais do que ganhava, à semelhança de um particular. Perguntou-me “quais eram os nossos credores; e onde encontrávamos o dinheiro para pagá-los?” Pasmou de me ouvir falar em guerras tão onerosas e tão caras; “que havíamos de ser, por certo, um povo rixoso, ou viver entre maus vizinhos, e que os generais seriam, forçosamente, mais ricos do que os reis”. Perguntou que negócios tínhamos fora das nossas ilhas, a não ser à conta do comércio, dos tratores, ou da defesa do litoral por meio de esquadras? Surpreendeu-o principalmente ouvir-me falar num exército mercenário permanente, em tempo de paz e no seio de um povo livre. Disse que, “se nos governavam, por nosso próprio consentimento, as pessoas dos nossos representantes, não podia imaginar de quem nós temíamos e contra quem havíamos de lutar; e quis saber se a casa de um homem particular não seria melhor defendida por si mesmo, pelos filhos e pela família, do que por meia dúzia de patifes, arrebanhados ao acaso nas ruas, mal pagos, e que poderiam ganhar cem vezes mais cortando-lhes o pescoço?”.

Riu-se da minha esquisita aritmética, como houve por bem chamar-lhe, computando o número dos nossos habitantes pelo dos membros das várias seitas religiosas e políticas. Disse desconhecer a razão por que não eram obrigados a mudá-las ou disfarçá-las os que sustentam opiniões prejudiciais ao público. E assim como seria tirânico o governo que determinasse o primeiro, assim seria fraco o que não exigisse o segundo, pois pode permitir-se a um homem conservar venenos em seu gabinete, mas não se pode permitir que os venda como cordiais.

Observou que entre as diversões da nossa nobreza e fidalguia eu mencionara o jogo: quis saber em que idade se entregavam, de ordinário, a esse entretenimento, e quando o abandonavam; quanto tempo empregavam nele: se chegava, alguma vez, a termos de danar-lhes a fazenda; se pessoas indignas e viciosas, por sua perícia nessa arte, não podiam amansar grandes riquezas e conservar, às vezes, os nossos próprios nobres em sua dependência, bem como habituá-los a más companhias; divorciá-los do aperfeiçoamento espiritual, e obrigá-los, pelas perdas sofridas, a lograrem

essa infame destreza e a exercitarem-na em detrimento de outros?

Assombrou-o enormemente o histórico relato que lhe fiz dos nossos negócios durante o último século; protestando serem apenas um amontoado de conspirações, revoltas, assassinios, chacinas, revoluções, desterros, exatamente os piores efeitos que poderiam fazer a avareza, o facciosismo, a hipocrisia, a perfídia, a crueldade, a ira, a insânia, o ódio, a inveja, a lascívia, a maldade e a ambição.

Em outra audiência, recapitulou com dificuldade a substância de tudo o que eu lhe dissera; comparou as perguntas que me fez com as respostas que lhe dei; em seguida, tomando-me na mão, e batendo-me delicadamente, pronunciou as seguintes palavras, que nunca me esquecerão, como nunca também me esquecerá a maneira por que as disse: “Meu amiguinho Grildrig, fizestes o mais admirável panegírico do vosso país; provastes à saciedade que a ignorância, a ociosidade e o vício são os ingredientes adequados à qualificação de um legislador; que as leis são melhor explicadas, interpretadas e aplicadas por aqueles cujo interesse e habilidade consistem em as perverter, confundir e iludir. Observo entre vós alguns traços de uma instituição que poderia ter sido, originariamente, tolerável, mas cuja metade está quase apagada, ao passo que o resto foi inteiramente obliterado e borrado pela corrupção. Não transparece, enquanto dissestes, que se exija uma única perfeição para que alguém atinja uma posição qualquer entre vós; e muito menos que os homens sejam enobrecidos em razão da sua virtude; que os sacerdotes sejam promovidos pela piedade ou pelo saber; os soldados, pelo procedimento ou pelo valor; os juízes, pela integridade; os senadores, pelo amor à pátria; os conselheiros, pela sabedoria.” “Pelo que vos toca”, prosseguiu o rei, “a vós, que passastes viajando a maior parte da vossa vida, inclino-me a pensar que tendes, até agora, escapado a muitos vícios do vosso país. Mas pelo que depreendi do vosso próprio relato, e das respostas que tão penosamente arranquei e extraí de vós, não posso menos de concluir que a grande maioria dos vossos semelhantes é representada pela mais perniciosa raça de pequenos e odiosos insetos que a natureza já permitiu rastejassem na superfície da terra.”

VII

O amor do autor ao seu país. Ele faz ao rei uma proposta sobremodo vantajosa, que é recusada. A grande ignorância do rei em matéria política. O saber do país muito imperfeito e limitado. As leis, os assuntos militares e os partidos do Estado.

Só um extremado amor à verdade teria podido evitar que eu omitisse esta parte da minha história. Embalde revelaria os meus ressentimentos, sempre metidos a riso; e fui obrigado a calar, paciente, enquanto o meu nobre e amado país era assim injuriosamente tratado. Lamento tão sinceramente quanto o poderá fazer qualquer um dos leitores que tal ocasião se apresentasse: mas acertava a ser esse príncipe tão curioso e indagador a respeito de cada pormenor, que não quadraria com a gratidão nem com as boas maneiras recusar-me eu a dar-lhe as explicações que podia. Ainda assim, posso dizer em minha própria defesa que iludi artificiosamente muitas das suas perguntas e imprimi a cada ponto um feitio muito mais favorável do que o permitiria o rigor da verdade. Pois sempre tive pela minha pátria a louvável parcialidade que Dionísio Halicarnassense recomenda, com tanta justiça, ao historiador: oculte as fragilidades e deformidades de minha terra natal e coloquei-lhe as virtudes e belezas à mais vantajosa das luzes. Foi este o meu sincero empenho nas muitas práticas que mantive com o monarca, embora fosse, infelizmente, malsucedido.

Cumpre, todavia, considerar com muita indulgência um príncipe que vive inteiramente divorciado do resto do mundo e que há de, por força, desconhecer de todo em todo os usos e costumes que prevalecem na maioria das nações; desconhecimento esse que produzirá sempre muitos preconceitos e alguma estreiteza de ideias, de que nós, e os países mais civilizados da Europa, estamos completamente isentos. E seria, com efeito, injusto que as ideias de um príncipe tão distante sobre a virtude e o vício fossem apresentadas como padrão para todo o gênero humano.

Para confirmar o que acabo de dizer e demonstrar ainda melhor os desgraçados efeitos de uma educação limitada, inserirei aqui uma passagem que apenas poderá ser crida. Na esperança de congregar-me ainda mais com Sua Majestade, falei-lhe de um descobrimento, feito havia uns trezentos ou quatrocentos anos, de certo pó que, em recebendo um monte dele a menor chispa de fogo, abrasaria tudo num instante, ainda que fosse o monte uma montanha, e tudo voaria pelos ares, com estrondo e agitação maiores que os do trovão. Uma certa quantidade desse pó introduzida no interior de um tubo oco de bronze ou de ferro, lançaria uma bola de ferro ou de chumbo com tal violência e rapidez que nada poderia suportar-lhe a força. As maiores bolas assim atiradas não só destruiriam, de golpe, fileiras completas de um exército, senão também deitariam abaixo as mais sólidas muralhas, arremessariam

navios, com mil homens, ao fundo do mar; e, se as naus estivessem unidas por uma cadeia, cortariam os mastros e o massame, dividiriam centenas de corpos pelo meio, e arrasariam quanto se lhes antolhasse. Púnhamos frequentemente esse pó em grandes bolas ocas de ferro, que, lançadas, por meio de um engenho, nalguma cidade sitiada, destroçavam os pavimentos, faziam pedaços as casas e atiravam estilhaços por todos os lados, arrebatando os miolos de quem estivesse perto. Eu conhecia muito bem os ingredientes, baratos e comuns; sabia a maneira de misturá-los, e poderia dirigir os seus trabalhadores para que fizessem os tubos de um tamanho proporcional a todas as outras coisas do reino de Sua Majestade, não precisando os maiores ter mais de cem pés de comprimento; vinte ou trinta desses tubos carregados com a quantidade precisa do pó e das bolas, poderiam derribar as muralhas da cidade mais forte dos seus domínios em poucas horas ou destruir toda a metrópole se esta se atrevesse alguma vez; a discutir-lhe as ordens absolutas. Isto ofereci humildemente a Sua Majestade, como pequeno tributo de reconhecimento, em troca de tantas mostras que eu recebera do seu favor e proteção real.

Quedou-se horrorizado o rei da descrição que eu fizera desses terríveis engenhos e da proposta que apresentara. Pasmou de que tão impotente e vil inseto como eu (foram estas as suas expressões) pudesse alimentar ideias tão desumanas e com tamanha familiaridade que não pareceu comovido diante de todas as cenas de carnificina e desolação pintadas como efeitos comuns dessas máquinas destrutivas; das quais, disse, há de ter sido um gênio mau, inimigo do gênero humano, o primeiro ideador. E quanto a si, protestou que, se bem poucas coisas o deliciassem tanto quanto os novos descobrimentos nas artes e na natureza, queria antes perder metade do seu reino do que ser conhecedor desse segredo; ordenando-me que nunca mais falasse nele em sua presença, se tivesse amor à vida.

Estranho efeito da estreiteza de princípios e opiniões! Um príncipe, adornado de todas as virtudes que inspiram veneração, amor e estima, possuidor de partes vigorosas, grande sabedoria e profundos conhecimentos, dotado de talentos admiráveis, e quase adorado de seus súditos, perder, por um melindroso e desnecessário escrúpulo que, para nós, europeus, seria inconcebível, o ensejo de se apoderar do que o teria feito senhor absoluto das vidas, liberdades e fortunas do seu povo! Nem me move, ao dizê-lo, a menor intenção de apoucar as muitas virtudes desse rei excelente, cujos méritos, não o ignoro, serão muito diminuídos, por esse motivo, aos olhos do leitor inglês:

tenho, contudo, para mim, que esse defeito nasce da ignorância, por não haverem até aqui os brobdingnagueses transformado a política em ciência, como o fizeram os engenhos mais agudos na Europa. Pois lembro-me muito bem de que, ao praticar um dia com o rei, sucedendo-me dizer que havia diversos milhares de livros escritos entre nós sobre a arte de governar, isto o levou (exatamente ao contrário do que eu pretendia) a formar uma opinião muito má do nosso entendimento. Declarou não só abominar, senão também desprezar, todos os mistérios, requintes e intrigas, assim num príncipe como num ministro. Não pôde compreender o que eu queria dizer ao falar em segredos de Estado quando não estavam em jogo inimigos ou potências rivais. Reduziu a ciência do governo a limites acanhadíssimos, ao bom senso e à razão, à justiça e à lenidade, à rápida determinação das causas cíveis e criminais, com outros tópicos óbvios, que não merecem ser considerados. E declarou entender que, quem quer que pudesse fazer crescer duas espigas de trigo ou dois cálamos de erva num pedaço de terra em que antes nascia apenas um, mereceria melhor dos homens e prestaria serviço mais relevante ao seu país, do que toda a raça de políticos reunida.

Os estudos desse povo são muito incompletos; pois consistem apenas em moral, história, poesia e matemática, nas quais força é reconhecer que excelem. Mas a última delas é inteiramente aplicada ao que pode ser útil na vida, ao progresso da agricultura e de todas as artes mecânicas; de sorte que seria entre nós pouco apreciada. Mas de ideias, entidades, abstenções e transcendências, nunca lhes pude enfiar na cabeça a menor concepção.

Nenhuma lei nesse país deve exceder em palavras o número de letras do seu alfabeto, que são apenas 22. Em realidade, contudo, poucas chegam a tanto. São expressas nos termos mais claros e simples, de que a gente não é suficientemente perspicaz para descobrir mais de uma interpretação: e escrever um comentário sobre uma lei é crime capital. Pelo que toca à decisão das causas cíveis, ou aos processos contra os criminosos, são tão poucos os precedentes, que lhes falecem razões para se gabarem de qualquer habilidade nesse particular.

Conhecem a arte da imprensa, como os chineses, desde tempos imemoriais: mas as suas bibliotecas não são muito grandes, pois a do rei, considerada a maior, não passa de mil volumes, colocados numa galeria de 1.200 pés de comprimento, da qual eu tinha a liberdade de tirar os livros que quisesse. O carpinteiro da rainha ideara, numa das salas de Glumdalclitch, uma espécie de engenho de madeira, de 25 pés de altura, semelhante a uma

escada em pé; cujos degraus mediam cinquenta pés de comprimento: era, em realidade, uma escada portátil, cuja extremidade inferior fora colocada a dez pés de distância da parede da sala. Encostava-se à parede o livro que eu desejava ler: eu subia primeiro ao último degrau da escada e, voltando o rosto para o livro, principiava no alto da página e andava para a direita e para a esquerda cerca de oito ou dez passos, de acordo com o comprimento das linhas, até chegar pouco abaixo do nível dos meus olhos; descia, então gradualmente, e repetia o mesmo processo até o fim da página; feito isto, voltava a subir, e principiava a página seguinte da mesma maneira, até precisar virá-la, o que eu facilmente fazia com as duas mãos, pois era grossa e dura como o papelão e não tinha, nos maiores tomos, mais de dezoito ou vinte pés de comprimento.

O estilo deles é claro, masculino e corrente, sem nada de florido, pois o que mais evitam é multiplicar as palavras desnecessárias, ou variar as expressões. Examinei muitos dos seus livros, em especial os de história e moral. Entre os outros, muito me divertiu um velho tratadozinho que sempre se encontrava na alcova de Glumdalclitch, pertencente à sua governanta, grave e idosa senhora, que se ocupava de moral e devoção. Trata o livro da fraqueza do espírito humano, e é pouco apreciado, a não ser pelas mulheres e pelo vulgo. Sem embargo, tive a curiosidade de saber o que poderia dizer sobre tal assunto um autor desse país. Versa o escritor todos os tópicos costumeiros dos moralistas europeus, mostrando “quão diminuto, indefeso e desprezível animal é o homem em sua própria natureza; quão incapaz de defender-se das inclemências do ar ou da fúria dos animais ferozes: quanto o sobrepujava uma criatura na força, outra, na rapidez, uma terceira, na previsão, uma quarta, na indústria. Acrescentava que a natureza degenerara nestas últimas épocas decadentes do mundo, e só podia produzir agora pequenas criaturas abortivas em comparação com as dos tempos antigos”. Ajuntava ser muito razoado cuidar não só que a espécie dos homens fora primitivamente muito maior, mas também que devia ter havido gigantes em épocas anteriores: o que, assim como o afirmam a história e a tradição, assim o confirmam os ossos e crânios enormes, casualmente desenterrados em diversas partes do reino e que de muito excedem a raça comum e degenerada dos homens de nossos dias. Argumentava que as próprias leis da natureza requeriam, sem dúvida nenhuma, que tivéssemos sido feitos, a princípio, muito maiores e robustos; não tão sujeitos à destruição em virtude de um acidentezinho qualquer, como a queda de uma telha, ou uma pedra atirada

por um menino, ou um tombo num riacho em que morremos afogados. Dessa argumentação deduz o autor várias aplicações morais, úteis para nos conduzirmos na vida, mas que não vale a pena repetir aqui. De minha parte, não pude deixar de refletir em quão universalmente se achava disseminado o talento de dar lições de moral ou melhor, de descontentamento e aflição pelas bulhas que armamos com a natureza. E acredito que, depois de um exame rigoroso, se pode demonstrar serem essas bulhas tão infundadas entre nós, como o são entre esse povo.

No respeitante às suas questões militares, gloriam-se eles de ser o Exército Real constituído de 166 mil infantes e 32 mil cavalarianos; se é que a isto se pode chamar um exército, composto de comerciantes das várias cidades e lavradores dos campos, comandados apenas pelos nobres e fidalgos, sem paga nem prêmio. São, de fato, absolutamente perfeitos nos exercícios e obedecem a uma rigorosa disciplina, no que não vejo grande mérito; pois como poderia ser de outra forma, se cada lavrador está sob as ordens do seu próprio senhorio, e cada cidadão sob as dos principais homens de sua cidade, eleitos por votação, à maneira de Veneza?

Vi muitas vezes a milícia de Lorbrulgrud exercitar-se num campo grande, próximo da cidade, de vinte milhas quadradas. Não eram, ao todo, mais de 25 mil infantes e seis mil cavalarianos; mas foi-me impossível calcular-lhes o número, em razão do espaço de terra que ocupavam. Um cavaleiro, montado num ginete grande, poderia ter cerca de noventa pés de altura. Vi todo esse corpo de cavalaria, a uma palavra de ordem, sacar simultaneamente das espadas e brandi-las no ar. A imaginação é impotente para figurar algo de tão grande, tão surpreendente, tão portentoso; dir-se-ia que dez mil relâmpagos rasgassem ao mesmo tempo o céu em todos os seus pontos.

Tive curiosidade de saber como esse príncipe, a cujos domínios não existe acesso de outro país, viera a cogitar de exércitos e ensinar ao seu povo a prática da disciplina militar. Mas logo me cientifiquei de tudo assim pelas conversações como pela leitura das suas histórias; pois no decurso de muitos séculos perturbou-os a mesma doença a que está sujeita toda a raça humana; a nobreza a lutar pelo poder, o povo, pela liberdade, e o rei, pelo domínio absoluto. O que, se bem felizmente temperado pelas leis desse reino, tem sido, por vezes, violado por cada uma das três partes e, mais de uma vez, ocasionou guerras civis; à última das quais foi posto venturoso fim pelo avô deste príncipe, numa composição geral; e a milícia, estabelecida então por

consenso mútuo, sempre cumpriu, a partir desse momento, rigorosamente o seu dever.

VIII

O rei e a rainha fazem uma viagem às fronteiras. Acompanha-os o autor. Miudamente referida a maneira por que ele deixa o país. Regresso à Inglaterra.

Sempre acreditei poder recuperar, um dia, a liberdade, suposto me fosse impossível conjecturar de que maneira, ou formar algum projeto com a menor esperança de bom êxito. Fora o navio que me trouxera o primeiro em ser avistado da costa, o rei dera ordens severas para que, “se viesse alguma vez a aparecer outro, fosse trazido para a terra, com todos os seus tripulantes e passageiros, e transportado num carro a Lorbrulgrud”. Ansiava o soberano casar-me com uma mulher do meu tamanho, mas creio que me seria preferível morrer a sofrer a desventura de deixar descendentes guardados em caixas, como canários mansos, e talvez, com o tempo, vendidos pelo reino a pessoas da fidalguia como curiosidades. Tratavam-me, sem dúvida, com muita bondade: eu era o favorito de grandes reis e a delícia de toda a corte; mas era-o em tal condição que apenas quadraria à dignidade da espécie humana. Nunca me poderiam esquecer os laços domésticos que eu deixara. Queria estar entre gente com quem pudesse conversar de igual para igual, e andar nas ruas e nos campos sem receios de ser pisado e morto como um sapo ou um cachorrinho. Mas a minha libertação veio antes do que eu esperava, e de forma não muito comum; cuja história, acompanhada de todas as suas circunstâncias, relatarei fielmente.

Eu me encontrava então havia dois anos naquele país: e nos princípios do terceiro, Glumdalclitch e eu acompanhamos o rei e a rainha numa jornada à costa sul do reino. Fui transportado, como sempre, na minha caixa de viagem, que, segundo já consignei, era um gabinete muito cômodo, de 12 pés de largura. Mandeí que se prendesse uma rede, por meio de cordas de seda, aos quatro cantos do teto, para amortecer os solavancos, quando um criado me levava à sua frente, a cavalo, como eu, às vezes, desejava; e dormia frequentemente na rede durante a viagem. Determinei ao carpinteiro que abrisse um buraco de um pé quadrado no teto do gabinete, não exatamente sobre o centro da rede, para que eu recebesse ar nas épocas de calor, enquanto dormia; buraco que eu fechava quando queria, com uma tampa que se movia para a frente e para trás num encaixe.

Chegados ao termo da jornada, entendeu conveniente o rei passar alguns dias num palácio que possuía nos arredores de Flanflasnic, cidade a menos de 18 milhas inglesas do litoral. Glumdalclitch e eu estávamos muito fatigados: eu apanhara um pequeno resfriado, mas a pobre menina estava tão mal que foi obrigada a ficar no quarto. Eu morria por ver o oceano, o único teatro possível da minha fuga, se esta ocorresse alguma vez. Fingi estar mais doente

do que realmente estava, e pedi permissão para tomar o ar fresco do mar, com um pajem de quem eu gostava muito e a quem, algumas vezes, já me haviam confiado. Nunca me esquecerei da relutância com que Glumdalclitch consentiu, nem das ordens severas que deu ao pajem para tomar conta de mim, rompendo, justamente, numa torrente de lágrimas, como se, de algum modo, previsse o que ia acontecer. Levou-me o menino na caixa, a cerca de meia hora de caminho do palácio, para os rochedos da praia. Ordenei-lhe que me depusesse no chão e, levantando a corrediça de uma das janelas, lancei muitos olhares pensativos e tristes para o mar. Eu não me achava muito bem, e disse ao pajem que pretendia dormir um pouco na rede, o que esperava me fizesse bem. Recolhi-me, e o menino fechou a janela para que não entrasse o frio. Não tardei a adormecer, e só posso imaginar que o pajem, enquanto eu dormia, cuidando não haver perigo nenhum, se encaminhara para os rochedos à cata de ovos de pássaros, que eu, da janela, já o vira antes procurar, apanhando um ou dois entre as lapas. Fosse como fosse, o exato é que me senti subitamente acordado por violento sacudir do anel preso à parte superior da minha casa, para a comodidade do transporte. Senti a caixa erguida a grande altura e, logo, carregada com prodigiosa velocidade. O primeiro solavanco por pouco não me derrubou da rede, mas os movimentos, depois, se tornaram mais suaves. Gritei várias vezes quanto pude, mas sem resultado. Olhei pelas janelas e não vi outra coisa senão as nuvens e o céu. Ouvi um barulho pouco acima da cabeça, como o de um bater de asas, e principiei a dar fé da lastimosa situação em que me achava: alguma águia segurava com o bico o anel da minha caixa, com o propósito de a deixar cair sobre um penedo, como uma tartaruga em sua casca, para pegar em seguida o meu corpo e devorá-lo, pois a sagacidade e o olfato dessa ave lhe permitem descobrir a presa a grande distância, ainda que melhor escondida do que eu, debaixo de uma tábua de duas polegadas.

Pouco tempo depois observei que o ruído e o bater de asas aumentavam com muita rapidez, e que a minha casa era atirada para cima e para baixo, como bandeira em dia de vento. Ouvi diversas pancadas ou golpes, segundo me pareceram, aplicadas à águia (pois estou certo de que era uma águia quem segurava no bico o anel da minha caixa) e depois, de improviso, senti-me cair perpendicularmente, por mais de um minuto, mas com tão incrível rapidez que quase perdi o fôlego. Interrompeu-me a queda um choque terrível, que aos meus ouvidos soou mais ruidoso que a catarata do Niágara; depois, achei-me inteiramente no escuro por outro minuto e, logo, principiei a subir tão alto

que pude distinguir a luz pela parte superior das janelas. Percebi que caíra ao mar. A caixa, mercê do peso do meu corpo, dos objetos que havia dentro dela e da larga placa de ferro fixada aos quatro cantos de cima e de baixo para maior resistência, flutuava com uns cinco pés submersos na água. Supus, naquele instante, e continuo a supô-lo, que a águia que me arrebatara, perseguida por duas ou três outras, fora obrigada a me deixar cair, enquanto se defendia das mais, que esperavam aquinhoar da presa. As placas de ferro inferiores (que eram as mais fortes) preservaram o equilíbrio da caixa ao cair, e impediram-na de quebrar-se na superfície da água. Todos os seus encaixes estavam bem ajustados; e a porta não se movia sobre gonzos, mas corria para cima e para baixo, como corrediça de janela, o que me conservava o gabinete tão fechado que fez muito pouca água. Saí com muita dificuldade da rede, havendo-me primeiro afoitado a abrir a tampa do buraco do teto já mencionado, disposto para permitir a entrada do ar, por cuja falta já me sentia quase asfixiado.

Quantas vezes desejei nesse momento estar ao pé da minha querida Glumdalclitch, da qual uma única hora já tanto me apartara! E posso dizer sem mentir que, no meio dos meus próprios infortúnios, eu não podia menos de lamentar a minha pobre ama, a dor que lhe causaria a minha perda, o desprazer da rainha, e a sua conseqüente desvalia. Poucos viajantes se terão provavelmente visto em maiores dificuldades e aflição do que eu nessa conjuntura, esperando ver, a cada instante, a caixa espedaçada ou, pelo menos, virada pela primeira rajada violenta ou pela primeira vaga mais alta. Uma vidraça que se partisse seria a morte imediata: nem poderia coisa alguma ter preservado as janelas, senão a robusta grade exterior, dos acidentes de viagem. Vi infiltrar-se a água por diversas fendas, se bem as veias não fossem consideráveis, e procurei tapá-las o melhor que pude. Não me foi possível erguer o teto do gabinete, o que, do contrário, teria feito, sentando-me sobre ele; onde poderia, pelo menos, defender-me algumas horas mais do que encerrado, como posso chamar-lhe, naquela masmorra. E ainda que escapasse a tais perigos por um ou dois dias, que poderia esperar senão morrer miseravelmente de fome e de frio? Permaneci quatro horas nessa situação, esperando e, de fato, desejando que cada momento fosse o último da minha vida.

Já contei ao leitor que havia duas argolas fortes fixadas à minha caixa no lado sem janela, e nas quais o criado que costumava carregar-me a cavalo enfiava um cinto de couro, afivelado à cintura. Achando-me eu nesse triste

estado, ouvi ou, pelo menos, julguei ouvir uma espécie de raspadura do lado a que estavam presas as argolas; e, logo, se me entrefigurou que a caixa estava sendo puxada ou rebocada ao largo do mar; pois sentia, de quando em quando, uma espécie de empuxão, que levantava as ondas até à parte superior das janelas, deixando-me quase no escuro. Isso me deu alguma leve esperança de socorro, embora eu não pudesse conceber de que maneira me chegaria. Aventurei-me a desatarraxar uma das cadeiras, que estavam sempre fixadas ao pavimento; e havendo conseguido, com grande esforço, atarraxá-la outra vez precisamente embaixo do buraco do forro, que eu abrira, subi na cadeira e, colocando a boca o mais perto possível da abertura, bradei por socorro o mais alto que pude e em todas as línguas que sabia. Em seguida, prendi o lenço a uma bengala que trazia sempre comigo e, enfiando-a pelo orifício, agitei-a várias vezes no ar para que, se estivesse próximo algum bote ou navio, pudessem conjecturar os marinheiros que algum infeliz mortal se achava encerrado na caixa.

Nada do que fiz fez efeito, mas percebi claramente que o gabinete se movia; e, no espaço de uma hora, ou mais, o lado da caixa em que se achavam as argolas e que não tinha janelas, bateu nalguma coisa dura. Receei fosse um rochedo, e me senti mais sacudido do que nunca. Claramente ouvi um ruído sobre a tampa do gabinete, como o de um cabo, e o arranhar dele ao passar pelo anel. Senti-me então, pouco a pouco, alçado pelo menos três pés acima do lugar em que me achava. Em vista disso, tornei a erguer a bengala com o lenço, gritando por socorro até ficar quase rouco. E ouvi, em resposta, um grande brado três vezes repetido, que me produziu tamanhos transportes de alegria que só podem conceber os que os sentiram. Ouvi, em seguida, um ruído de passos sobre a minha cabeça e uma voz forte gritar pelo buraco, em inglês: “Se estiver alguém aí embaixo, fale.” Respondi que eu era um inglês arrastado pelo infortúnio à maior calamidade já sofrida por uma criatura humana, e rogava, por quanto se movia, me libertassem daquela masmorra. Replicou a voz que eu estava seguro, pois a minha caixa fora amarrada ao navio deles, e o carpinteiro viria imediatamente serrar um buraco na tampa bastante grande para que eu pudesse passar por ele. Obtemperei que isso era inútil, e levaria muito tempo; bastava que um dos tripulantes enfiasse o dedo no anel, transportasse a caixa para o navio e a levasse depois ao camarote do capitão. Alguns dentre eles, ouvindo-me disparatar dessa maneira, cuidaram que eu estivesse louco; outros se riram; pois, com efeito, não me ocorrera que eu me poderia achar entre pessoas da minha estatura e da minha força. Veio o

carpinteiro e, em poucos minutos, serrou uma passagem de cerca de quatro pés quadrados e introduziu por ela uma escadinha, pela qual subi, sendo daí levado para o navio num estado de extrema fraqueza.

Os marinheiros quedaram-se todos assombrados e me fizeram mil perguntas, às quais eu não tinha desejo de responder. Deixou-me igualmente perplexo a vista de tantos pigmeus que por tais os tive, depois de estarem os meus olhos acostumados havia tanto tempo aos monstruosos objetos que eu deixara. Mas vendo o capitão, Mr. Thomas Wilcocks, honrado e digno homem de Shropshire, que eu estava a pique de desmaiar, levou-me para o seu camarote, deu-me um cordial que me reconfortou, e fez-me deitar em sua própria cama, aconselhando-me a descansar um pouco, do que eu estava grandemente precisado. Antes de adormecer, fiz-lhe sentir que tinha alguns móveis valiosos na caixa, bons demais para se perderem: uma fina rede, uma bela cama de campanha, duas cadeiras, uma mesa e uma escrivaninha; que o meu gabinete estava atapetado, ou melhor, acolchoado de seda e algodão de todos os lados; que, se permitisse a um dos tripulantes trazê-lo para o camarote, eu o abriria em sua frente e lhe mostraria os meus trastes. Ouvindo-me pronunciar tais absurdezias, concluiu o capitão que eu delirava: não obstante (suponho que para me aquietar) prometeu ordenar o que eu desejava e, subindo à coberta, mandou alguns dos seus homens à minha caixa, de onde (segundo verifiquei depois) retiraram todos os móveis e despegaram todo o acolchoado; mas como estivessem as cadeiras, a escrivaninha e a armação da cama pregadas no chão, danificou-as sobremaneira a ignorância dos marinheiros, que as arrancaram à força. A seguir, fizeram saltar, aos golpes, algumas tábuas para uso do navio e, depois de senhorearem tudo o que queriam, deixaram cair o casco ao mar, o qual, em razão das muitas brechas feitas no fundo e nos lados, submergiu sem demora. E eu, com efeito, folguei de não ter assistido ao estrago que fizeram; pois tenho a certeza de que isso me teria magoado profundamente, trazendo-me à lembrança episódios anteriores que eu antes quisera esquecer.

Dormi algumas horas, mas continuamente perturbado por sonhos sobre o sítio que deixara e os perigos de que fugira. Ao despertar, contudo, senti muito mais restauradas as minhas forças. Eram cerca de oito horas da noite, e o capitão ordenou fosse trazido imediatamente o jantar, entendendo que eu já havia jejuado muito tempo. Tratou-me com muita amabilidade, e observou que eu não tinha o aspecto de louco nem falava inconsequentemente; e, quando ficamos sós, pediu-me que lhe fizesse um relato das minhas viagens e

lhe contasse por que acidente viera a encontrar-me ao sabor das ondas, naquela monstruosa caixa de madeira. Disse que, cerca do meio-dia, ao olhar pelo seu óculo de alcance, divisara-a, distante, e julgara tratar-se de uma vela, da qual lhe ocorreu aproximar-se, pois não estava muito fora da sua rota, esperando comprar-lhe algumas bolachas, que as suas principiavam a escassear. Ao acercar-se, verificando o seu erro, mandara um bote ver o que era; os seus homens tinham voltado assustados, jurando ter visto uma casa flutuante. Rira-se ele do disparate e tomara pessoalmente o bote, ordenando aos marinheiros que levassem um cabo vigoroso. Estando calmo o tempo, remara à minha volta várias vezes e observara as minhas janelas e as grades de ferro que as defendiam. Num dos lados, todo feito de tábuas, sem qualquer passagem para a luz, descobrira duas argolas. Ordenara então aos seus homens que remassem para aquele lado e, amarrando um cabo a uma das argolas, determinara que me rebocassem a arca, como lhe chamavam, para o navio. Lá chegando, mandara se amarrasse outro cabo ao anel da tampa e se erguesse a arca por meio de polés, não conseguindo nem todos os marinheiros juntos levantá-la mais de dois ou três pés. Disse que viram a minha bengala e o meu lenço enfiados pelo buraco, concluindo que algum infeliz lá se deveria achar cativo. Perguntei se ele ou a tripulação não haviam observado no ar um animal prodigioso, mais ou menos na ocasião em que me tinham enxergado pela primeira vez. Ao que ele retrucou que, conversando sobre esse assunto com os marinheiros enquanto eu dormia, um deles dissera ter visto três águias voando para o norte, mas nada lhe indicara que fossem maiores do que as comuns; o que suponho deva ser imputado à grande altura em que se achavam; e ele não pôde adivinhar a razão da minha pergunta. A seguir, perguntei ao capitão a que distância calculava que pudéssemos estar da terra. Respondeu ele que, segundo os seus melhores cálculos, estávamos pelo menos a cem léguas. Assegurei-lhe que devia de estar enganado, pois eu não deixara o país de onde vinha mais de duas horas antes de ser lançado ao mar. Por onde entrou ele a pensar que eu tivesse o cérebro desarranjado, o que insinuou, aconselhando-me a deitar no camarote que preparara para mim. Afiancei-lhe que me sentia muito reconfortado com os seus bons tratos e a sua companhia, e em tão perfeito juízo quanto sempre estivera em minha vida. Fez-se ele muito sério e me perguntou francamente se não me perturbava o espírito a consciência de algum crime enorme, pelo qual eu fora punido, por ordem de algum príncipe, abandonando-me naquela arca; como grandes criminosos de outros países, que têm sido lançados ao mar, numa

embarcação furada, sem provisões: pois se bem lamentasse haver recolhido em seu navio um homem tão perverso, dava-me a sua palavra de que me deixaria são e salvo em terra firme, no primeiro porto a que chegássemos. Ajuntou que as suas suspeitas haviam sido muito aumentadas por algumas frases absurdas que eu dissera, a princípio, aos seus marinheiros e, depois, a ele mesmo, em relação ao meu gabinete ou arca, assim como pelos meus olhares e modos estranhos enquanto jantava.

Roguei-lhe que tivesse paciência para ouvir a minha história desde a última vez em que eu saíra da Inglaterra até a primeira em que ele me divisara. E como a verdade sempre acha caminho nos espíritos racionais, o digno e honrado cavalheiro, senhor de alguns estudos e excelente discernimento, de pronto se convenceu da minha franqueza e veracidade. Mas para maior confirmação de quanto eu lhe dissera, supliquei-lhe ordenasse que trouxessem a minha escrivaninha, cuja chave estava no meu bolso; pois eu já sabia o que haviam feito os marinheiros do meu gabinete. Abri-a em sua presença e mostrei-lhe a coleçãozinha de raridades que eu ajuntara no país de que me havia tão estranhamente libertado. Lá estava o pente que eu fizera com as raízes dos pelos da barba do rei, e outro, feito dos mesmos materiais, presos, porém, a um pedaço da unha do polegar da rainha, e que servia para as costas; uma coleção de agulhas e alfinetes, de um pé a meia jarda de comprimento, quatro ferrões de vespa, que semelhavam tachas de carpinteiro; alguns dos cabelos que se tinham desprendido da cabeça da rainha quando esta se penteava; um anel de ouro, que ela me dera, um dia, de presente, da maneira mais obsequiosa, tirando-o do dedo mínimo, e atirando-o por sobre a cabeça, à guisa de colar. Pedi ao capitão que aceitasse o anel em troca das suas civilidades; o que ele terminantemente recusou. Mostrei-lhe um calo que eu cortara com as minhas próprias mãos do pé de uma Dama de Honor; era mais ou menos do tamanho de uma pequena maçã de Kent e ficara tão duro que, ao voltar para a Inglaterra, mandei escavá-lo em forma de taça e fazer-lhe uma montagem de prata. Por fim, pedi-lhe que visse os calções que eu vestia, feitos de pele de rato.

Não pude obrigá-lo a aceitar coisa nenhuma senão o dente de um lacaio, que o vi examinar com grande curiosidade e do qual percebi que se agradara. Recebeu-o com grande cópia de agradecimentos, muito maiores do que os que poderia merecer uma insignificância daquelas. Arrancara-o, por engano, um cirurgião inábil de um dos criados de Glumdalclitch, afligido por uma dor de dentes, mas estava tão bom como outro qualquer. Eu mandara-o limpar e

guardara-o na escrivaninha. Tinha cerca de um pé de comprimento e quatro polegadas de diâmetro.

Satisfez-se perfeitamente o capitão do singelo relato que lhe fiz e disse esperar, quando voltássemos à Inglaterra, que eu obsequiasse o mundo pondo-o por escrito, e publicando-o. Respondi que, a meu juízo, já tínhamos um excesso de livros de viagens; nada se passava que não fosse extraordinário; o que me fazia suspeitar consultassem alguns autores menos a verdade do que a vaidade, ou o interesse, ou a diversão de leitores ignorantes; em minha história pouco mais se poderia contar além de sucessos comuns sem as descrições ornamentais de plantas, árvores, pássaros e outros animais estranhos; nem os costumes bárbaros ou a bárbara idolatria de povos selvagens, de que exuberava a maioria dos autores. Não obstante, agradeceu-me o bom conceito, e prometi pensar no assunto.

Disse ele que se admirava muito de uma coisa, que era ouvir-me falar tão alto; perguntando-me se o rei ou a rainha daquele país não ouviam bem? Contei-lhe que a isso eu me habituara havia mais de dois anos, e que me admirava igualmente das vozes dele e dos seus homens, que me pareciam apenas sussurrar embora eu os ouvisse perfeitamente. Mas, quando eu falava naquele país, era como um homem que se dirigisse, nas ruas, a outro, colocado no alto de um campanário, a menos que me pusessem em cima de uma mesa, ou na mão de alguma pessoa. Contei-lhe que também observara outra coisa; ao entrar pela primeira vez no navio, e ao me ver cercado de todos os marinheiros, estes me haviam parecido as mais desprezíveis criaturinhas que eu já contemplara. Pois, com efeito, enquanto eu permanecera naquele país não me fora possível mirar-me ao espelho depois de se haverem os meus olhos acostumado a objetos tão prodigiosos, pois a comparação me inspirava uma lamentável ideia de mim mesmo. Disse o capitão que, enquanto jantávamos, ele me vira olhar para tudo com uma espécie de admiração, e que eu parecera, muita vez, conter dificilmente o riso, o que não soubera explicar muito bem, imputando-o a algum desarranjo do meu cérebro. Respondi que isso era bem verdade; e que eu pasmava de me haver podido reportar vendo-lhe os pratos do tamanho de uma moeda de prata de três *pence*, uma perna de porco que mal dava para um bocado, e um copo menor do que uma casca de noz; e assim continuei, descrevendo-lhe, da mesma forma, o resto dos seus utensílios domésticos e das suas provisões. Pois, se bem a rainha tivesse mandado fazer uma pequena coleção de todas as coisas necessárias para mim, enquanto estive a seu serviço, as minhas ideias

eram inteiramente tomadas pelo que via de todos os lados, e passava por alto a minha própria pequenez, como fazem as pessoas em relação aos seus defeitos. O capitão compreendeu muito bem os meus gracejos e replicou jovialmente com um velho provérbio inglês, que duvidava de que os meus olhos fossem maiores do que a minha barriga, pois não me notara grande disposição no estômago, embora eu tivesse jejuado o dia inteiro; e, prosseguindo no mesmo tom, protestou que teria dado prazerosamente cem libras para ver-me a arca no bico da águia, e vê-la depois cair ao mar de tão grande altura: o que teria sido, sem dúvida, um espetáculo maravilhosíssimo, cuja descrição merecia ser transmitida às épocas futuras; e era tão óbvia a comparação de Fáeton, que não pôde menos de aplicá-la, suposto que eu não lhe admirasse muito a concepção.

Havendo estado em Tonquim, fora o capitão, em seu regresso à Inglaterra, levado para noroeste, a 44 graus de latitude e 143 de longitude. Mas, tendo encontrado um vento geral dois dias depois de haver eu ingressado a bordo, rumamos para o sul durante largo tempo e, costeando a Nova Holanda, conservamos o nosso rumo oés-sudoeste, e depois, sudoeste até dobrarmos o cabo da Boa Esperança. Foi-nos a viagem muito próspera, mas não maçarei o leitor com um diário dela. O capitão fez escala em um ou dois portos, e mandou o seu bote em busca de provisões e água fresca: mas eu não desci do navio enquanto não chegamos às Dunas, no terceiro dia de junho de 1706, cerca de nove meses após o meu salvatério. Dispus-me a deixar os meus bens como penhor do pagamento da viagem, mas o capitão protestou não receber um único *farthing*. Despedimo-nos amavelmente um do outro e eu o fiz prometer que viria visitar-me em Redriff. Aluguei um cavalo e um guia por cinco xelins, que pedi emprestados ao capitão.

Quando me vi na estrada, observando a pequenez das casas, das árvores, do gado e das pessoas, principiei a julgar-me em Lilipute. Eu tinha medo de pisar em cada viandante que encontrava, e muitas vezes gritei para que saíssem do caminho, de sorte que por pouco não me quebraram duas ou três vezes a cabeça pela minha impertinência.

Quando cheguei a casa, que só encontrei depois de algumas indagações, como um dos criados abrisse a porta, abaixei-me para entrar (como um ganso debaixo de um portão), receoso de bater com a cabeça. Minha mulher correu para abraçar-me, porém eu me agachei até ficar abaixo dos seus joelhos julgando que ela, de outro modo, jamais conseguiria alcançar-me a boca.

Minha filha ajoelhou-se para pedir-me a bênção mas só a enxerguei depois que ela se levantou, estando havia tanto tempo com os olhos e a cabeça constantemente erguidos para uma altura de mais de sessenta pés; e logo fui erguê-la pela cintura com uma das mãos. Olhei para os criados e para um ou dois amigos que se achavam em casa, de baixo para cima, como se fossem pigmeus e eu, um gigante. Declarei à minha mulher que ela fora muito econômica, pois eu verificava que ela e a filha haviam diminuído de tamanho de tanta fome. Em resumo, conduzi-me de maneira tão inexplicável que abundaram todos no parecer do capitão quando me viu pela primeira vez, julgando-me sandeu. Menciono estes fatos como exemplo da grande força do hábito e dos preconceitos.

Em pouco tempo, todavia, eu, minha família e os meus amigos chegamos a entender-nos direito; mas minha mulher protestou que eu nunca mais voltaria ao mar; embora os maus fados dispusessem de tal maneira as coisas que ela não teve poder de impedir-me, como o verás, mais adiante, o leitor. Nesse em meio, concluo aqui a segunda parte das minhas desgraçadas viagens.

Parte III

Viagem a Laputa, Balnibarbi Glubbdubdrib, Luggnagg e ao Japão

I

Embarca o autor em sua terceira viagem, e é preso por piratas. A maldade de um holandês. A sua chegada a uma ilha. Recebido em Laputa.

Eu não chegara a casa havia mais de dez dias quando veio visitar-me o capitão William Robinson, da Cornualha, comandante do *Hopewell*, sólido navio de trezentas toneladas. Eu fora, em outro tempo, cirurgião de outro navio, de que ele era comandante e coproprietário, numa viagem ao Levante. Sempre me tratara mais como irmão do que como oficial inferior; e, sabendo da minha chegada, fez-me uma visita tão somente de amizade, segundo pensei, pois nada se passou entre nós além do que habitualmente se passa nessas ocasiões depois de longas ausências. Amiudando, porém, as visitas, expressando a sua alegria por me encontrar com boa saúde, perguntando “se eu me havia estabelecido para o resto da vida”, e acrescentando “que pretendia fazer uma viagem às Índias Orientais dentro de dois meses”, acabou, afinal, convidando-me, embora com algumas desculpas, para ser médico do navio; eu teria outro médico sob as minhas ordens, além dos dois imediatos; o meu salário seria o dobro do que se pagava costumeiramente; e, sabendo ele, por experiência, que o meu conhecimento das coisas do mar era pelo menos igual ao dele, comprometia-se a seguir-me os conselhos, como se compartíssemos do mando.

Disse tantas outras coisas obsequiosas, e eu sabia ser ele um homem tão honrado, que não lhe pude recusar a proposta; pois o desejo que tinha de ver o mundo, sem embargo dos passados infortúnios, continuava violento como sempre. A única dificuldade consistia em persuadir minha mulher, cujo consentimento, porém, finalmente obtive, com a perspectiva de uma vantagem que ela propôs para os filhos.

Saímos no quinto dia de agosto de 1706, e chegamos ao Forte St. George no dia 11 de abril de 1707. Lá permanecemos três semanas para que pudessem descansar os nossos tripulantes, muitos dos quais estavam doentes. Dali fomos para Tonquim, onde o capitão decidiu ficar durante algum tempo, visto que muitas das mercadorias que tencionava comprar não estavam prontas, nem podia esperar resolver os seus negócios senão vários meses depois. Dessa maneira, para ressarcir em parte os gastos que teria de fazer, comprou uma chalupa, carregou-a de várias cestas de mercadorias, que os tonquineses costumam negociar com as ilhas vizinhas e, colocando 14 homens a bordo, três dos quais eram habitantes do país, nomeou-me comandante da chalupa, e autorizou-me a traficar, enquanto concluía os seus negócios em Tonquim.

Não tínhamos navegado mais de três dias quando, erguendo-se grande

tempestade, fomos levados durante cinco dias para nordeste e, logo, para leste, depois do que tivemos bom tempo, embora ainda soprasse do oeste um vento forte. No décimo dia fomos perseguidos por dois navios de piratas, que não nos tardaram a alcançar, pois a minha chalupa estava tão carregada que desenvolvia muito pouca velocidade, e nem nos achávamos em condições de defender-nos.

Fomos abordados quase ao mesmo tempo pelos dois piratas, que entraram, furiosos, à frente dos seus homens; mas, encontrando-nos a todos deitados de bruços (pois eu assim ordenara), manietaram-nos com cordas fortes e, deixando um homem encarregado de vigiar-nos, entraram na chalupa.

Observei entre eles um holandês, que parecia ter alguma autoridade, embora não fosse comandante de nenhum dos navios. Conheceu, pelo nosso aspecto, que éramos ingleses e, falando enxacoco, deu-nos a entender, em inglês, que devíamos ser atados uns aos outros, pelas costas, e lançados ao mar. Eu falava o holandês toleravelmente bem; disse-lhe quem éramos e roguei-lhe, em consideração de sermos cristãos e protestantes, e pertencermos a países vizinhos estreitamente aliados, que procurasse mover os capitães à piedade para conosco. Isto inflamou-lhe a cólera; repetiu as ameaças e, voltando-se para os companheiros, miou com grande veemência na língua japonesa, segundo suponho, empregando a miúdo a palavra *Christianos*.

A maior das duas embarcações piratas era comandada por um capitão japonês, que falava um pouco de holandês, mas muito imperfeitamente. Abeirou-se de mim e, depois de várias perguntas, a que respondi com grande humildade, declarou, “que não morreríamos”. Inclinei-me profundamente diante do capitão e voltando-me, em seguida, para o holandês, disse “que lamentava encontrar mais clemência num descrito que num irmão cristão”. Mas logo tive razões para arrepender-me dessas palavras néscias: pois tendo buscado repetidamente, em vão, persuadir os capitães a me lançarem ao mar (no que não quiseram consentir depois da promessa que me haviam feito de que eu não morreria), tanto fez que conseguiu me fosse infligido castigo pior, segundo todas as aparências humanas, do que a própria morte. Repartiram-se-me os homens, igualmente, entre os dois navios piratas, e a minha chalupa foi tripulada por outros. E quanto a mim, determinou-se que eu seria confiado à discrição das ondas numa canoazinha, com remos e uma vela, e provisões para quatro dias; às últimas das quais teve o capitão japonês a bondade de acrescentar outro tanto, que tirou das suas próprias reservas, não deixando

que ninguém me revistasse. Desci para a canoa, enquanto o holandês, em pé, na coberta, me dirigia todas as maldições e injúrias que lhe poderia fornecer a sua língua.

Cerca de uma hora antes de avistarmos os piratas, eu fizera uma observação e verificara estarmos a 46 graus de latitude norte e 183 de longitude. Depois de me distanciar um pouco dos piratas, descobri, com a luneta de bolso, várias ilhas a sueste. Icei a vela, pois o vento era favorável, com o propósito de alcançar a mais próxima das ilhas, o que logrei fazer mais ou menos em três horas. Era toda rochosa: encontrei, todavia, muitos ovos de pássaros; e, fazendo fogo, acendi algumas urzes e ervas marinhas secas, e assei com elas os meus ovos. Não comi outra coisa, decidido como estava a poupar as provisões quanto pudesse. Passei a noite ao abrigo de uma rocha, espalhando algumas urzes debaixo de mim, e dormi perfeitamente.

Dirigi-me, no dia seguinte, para outra ilha e de lá para uma terceira e uma quarta, utilizando-me, às vezes, da vela, outras, dos remos. Mas, para não ralar o leitor com uma notícia pormenorizada dos meus infortúnios, bastará dizer que no quinto dia cheguei à última ilha que se me deparava, a su-sueste da anterior.

Achava-se a ilha a uma distância maior do que eu supunha e não a alcancei em menos de cinco horas. Tive de rodeá-la quase toda antes de encontrar o sítio conveniente para tomar terra, uma enseadazinha cerca de três vezes mais larga do que a minha canoa. Verifiquei que a ilha era toda formada de penhascos, apenas entremeados de tufos de relva e ervas perfumosas. Tornei das minhas pequenas provisões e, depois de haver restaurado as forças, guardei o resto numa gruta, de que havia lá grande número; encontrei muitos ovos sobre as rochas e certa quantidade de ervas marinhas secas e relva queimada do sol, que eu pretendia acender no dia seguinte, para assar os ovos da melhor maneira possível, pois trouxera comigo pederneira, fuzil, mecha e uma lente convexa para concentrar os raios do sol. Permaneci a noite inteira na gruta em que deixara as provisões. A minha cama era feita da mesma relva e ervas secas de que eu tencionava utilizar-me como combustível. Dormi muito pouco, pois a tranquilidade do meu espírito prevaleceu sobre a fadiga e me conservou acordado. Considerei quão difícil fora preservar a minha vida em lugar tão ermo, e quão desgraçado seria o meu fim: achava-me, porém, tão apático e desalentado, que não tive ânimo de erguer-me; e quando cobrei o suficiente para sair, rastejando, da gruta, já ia alto o sol. Caminhei durante algum tempo entre as

rochas: estava o céu perfeitamente claro, e o sol tão quente que tive de voltar o rosto para outro lado, quando, improvisamente, se obscureceu, segundo julguei, de maneira muito diversa da que provoca a interposição de uma nuvem. Voltei-me e percebi um vasto corpo opaco entre mim e o sol, que se movia para a frente, na direção da ilha; parecia estar a cerca de duzentas milhas de altura, e escondeu o sol durante seis ou sete minutos; mas não notei que o ar se tivesse esfriado muito mais, ou que o céu estivesse mais escuro do que se eu me encontrasse à sombra de uma montanha. À medida que se avizinhava do sítio em que eu me achava, afigurou-se-me tratar de uma substância firme, de fundo chato, liso e muito brilhante, à conta do reflexo do mar, embaixo. Eu estava em pé num outeiro, a umas duzentas jardas da praia, e vi descer aquele vasto corpo, até ficar numa posição paralela a mim, a menos de uma milha inglesa de distância. Saquei da luneta de bolso e divisei perfeitamente grande número de pessoas que subiam e desciam pelos seus bordos, aparentemente em declive; mas não pude distinguir o que fazia aquela gente.

O amor natural à vida espertou em mim um movimento interior de alegria, e não tardei a alimentar a esperança de que essa aventura poderia, de uma forma ou de outra, ajudar a libertar-me do lugar desolado e da triste condição em que eu me achava. Ao mesmo tempo, no entanto, dificilmente poderá conceber o leitor o meu assombro ao contemplar uma ilha suspensa no ar, habitada por homens capazes (segundo parecia) de fazê-la subir ou baixar, ou de imprimir-lhe um movimento progressivo, a seu bel-prazer. Mas como eu não estivesse, naquela ocasião, disposto a filosofar sobre o fenômeno, preferi observar o curso que tomava a ilha, que pareceu estacionar durante algum tempo. Logo depois, contudo, aproximou-se um pouco mais, e eu pude ver-lhe os bordos circundados de várias séries de escadas e galerias, a intervalos iguais que desciam de uma para a outra. Na galeria inferior, vislumbrei algumas pessoas que pescavam com varas compridas, e outras, que olhavam. Agitei o gorro (pois havia muito que se me estragara o chapéu) e o lenço na direção da ilha; e quando ela chegou ainda mais perto, chamei e gritei o mais alto que pude; olhando, em seguida, atentamente, notei uma multidão reunida no lado que defrontava comigo. Vendo que todos apontavam para mim uns para os outros, depreendi que me haviam descoberto, se bem não respondessem aos meus gritos. Mas pude notar quatro ou cinco homens que subiam, à pressa, as escadas até o cimo da ilha, desaparecendo em seguida. Sucedeu-me conjecturar com acerto que haviam

sido mandados à procura de alguma pessoa de autoridade que lhes desse instruções para o caso.

O número de gente aumentou e, em menos de meia hora, a ilha se moveu de tal maneira que a galeria inferior assumiu uma posição paralela, a menos de cem jardas de distância, à eminência em que eu me achava. Coloquei-me então na mais suplicante das posturas, e falei com humílimo acento, mas não obtive resposta. As que se achavam mais próximas, diante de mim, pareciam pessoas de distinção, a julgar pelos seus trajes. Conferenciaram gravemente umas com as outras, fitando em mim frequentemente os olhos. Uma delas, afinal, falou num dialeto claro, agradável e suave, não muito diverso, no som, do italiano: e eu, conseqüentemente, respondi nessa língua, esperando, pelo menos, que a cadência lhes fosse mais agradável aos ouvidos. E se bem nenhum de nós entendesse o outro, foi claramente compreendido o significado das minhas palavras, pois todos viam a aflição em que eu me encontrava.

Fizeram sinais para que eu descesse do rochedo e me dirigisse à praia, o que fiz; e, elevada a ilha volante a uma altura apropriada, ficando o bordo exatamente sobre mim, foi descida uma corrente da galeria inferior, com um assento preso à extremidade, ao qual me segurei, e fui, dessarte, puxado para cima por meio de polés.

II

Descrevem-se os caprichos e disposições dos laputianos. Notícia da sua ciência. Do rei e da sua corte. A recepção aí dispensada ao autor. Os habitantes sujeitos ao medo e à inquietação. Notícia sobre as mulheres.

Quando desci da cadeira, fui cercado por uma multidão de pessoas, em que as mais próximas pareciam as mais distintas. Contemplavam-me com todas as mostras e expressões de assombro: nem eu, em realidade, lhes ficava muito a dever, pois nunca vira uma raça de mortais de formas, vestes e feições tão singulares. Tinham a cabeça inclinada, ou para a direita, ou para a esquerda; um dos olhos era voltado para dentro e o outro, diretamente para o zênite. Adornavam-lhes os trajos exteriores figuras de sóis, luas e estrelas, entremeadas de representações de violinos, flautas, harpas, trombetas, guitarras, cravos, e muitos outros instrumentos musicais desconhecidos na Europa. Vi, aqui e ali, muitos com vestes de criados que traziam na mão uma bexiga inchada, amarrada com um mangual à ponta de uma bengala. Em cada bexiga havia uma pequena quantidade de ervilhas secas, ou pedrinhas, segundo mais tarde me informaram. Com essas bexigas batiam eles, de quando em quando, na boca e nos ouvidos dos que lhes ficavam próximos, prática essa cujo alcance não pude então conceber. Parece que o espírito dessas pessoas anda de tal forma absorto em profundas especulações, que não podem falar nem atender aos discursos dos outros, sem que as esperte alguma ação externa sobre os órgãos da fala e da audição; dessa maneira, as que se podem dar a esse luxo têm sempre um batedor (o original é *climenole*) a serviço da família, como um dos seus criados; nem jamais saem de casa ou fazem visitas sem ele. E o ofício desse servidor, quando se acham reunidas duas, três ou mais pessoas, consiste em bater delicadamente com a bexiga na boca de quem fala e no ouvido direito daquele ou daqueles a quem se dirige o orador. Esse batedor é também empregado para acompanhar, diligente, o amo em seus passeios e dar-lhe quando necessário uma delicada batida nos olhos; porque ele, de ordinário, anda de tal forma embebido em suas cogitações que corre manifestamente perigo de cair em todos os precipícios e a bater com a cabeça em todos os postes; e, quando vai pelas ruas, de atirar os outros ou ser pelos outros atirado à sarjeta.

É forçoso dar ao leitor essas informações, sem as quais não poderia ele, como eu, entender o procedimento dessa gente, enquanto me conduzia, pelas escadas, ao cimo da ilha, e de lá, ao palácio real. Enquanto subíamos, esqueceram-se várias vezes do que estavam fazendo, e deixaram-me sozinho, até que os batedores lhes despertaram novamente a memória: pois pareciam de todo o ponto indiferentes à vista de minhas roupas e feições estranhas e aos gritos da plebe, cujos pensamentos e cujo espírito eram mais

desembaraçados.

Entramos, afinal, no palácio e passamos à sala das audiências, onde vi o rei assentado em seu trono, ladeado de pessoas de primeira qualidade. Defronte do trono havia uma mesa grande cheia de globos e esferas, e instrumentos matemáticos de toda a sorte. Sua Majestade não nos deu a mínima atenção, suposto que a nossa entrada fosse acompanhada de ruído suficiente, produzido por todas as pessoas pertencentes à corte. Mas achava-se então engolfado num problema; e tivemos de esperar pelo menos uma hora antes que conseguisse resolvê-lo. Havia, de cada lado, um jovem pajem em pé, com um moscadeiro na mão, e quando o viram ocioso, um deles bateu-lhe delicadamente na boca e o outro, no ouvido direito; o rei estremeceu como alguém que acordasse de repente e, olhando para mim e para os meus acompanhadores, lembrou-se da ocasião da nossa vinda, de que já fora informado anteriormente. Pronunciou algumas palavras; um rapaz munido de um moscadeiro veio imediatamente parar ao pé de mim, e bateu-me delicadamente no ouvido direito; mas fiz sentir como pude, por meio de sinais, que não me era necessário tal instrumento; o que, segundo verifiquei depois, levou Sua Majestade e toda a corte a formarem péssimo conceito de meu entendimento. O rei, segundo supus, fez-me diversas perguntas, e eu me dirigi a ele em todas as línguas que sabia. Quando se verificou que eu não podia nem compreender nem ser compreendido, fui conduzido por sua ordem a uma habitação do palácio (esse príncipe distinguia-se mais do que os antecessores pela hospitalidade para com os estrangeiros), onde se designaram dois criados para servir-me. Trouxeram-me o almoço, e quatro pessoas de qualidade, que me lembra ter visto muito próximas da pessoa do rei, fizeram-me a honra de almoçar comigo. Serviram-nos duas entradas, de três pratos cada uma. Na primeira entrada havia uma pata de carneiro, cortada sob a forma de um triângulo equilátero, um pedaço romboidal de carne de vaca, e um pudim cícloidal. A segunda entrada consistia em dois patos enfiados em forma de violino; salsichas e pudins que semelhavam oboés, e peito de vitela em forma de harpa. Os criados cortaram-nos o pão em cones, cilindros, paralelogramos e outras figuras matemáticas.

Enquanto almoçávamos, tive a ousadia de perguntar o nome de várias coisas em sua língua, e essas ilustres pessoas, assistidas dos batedores, se comprazeram de responder-me, na esperança de excitar a minha admiração pelas suas grandes habilidades se eu viesse, um dia, a conversar com elas. Em pouco tempo me foi possível pedir pão e bebidas, e o mais que desejasse.

Terminado o almoço, afastaram-se os meus comensais e foi-me enviada uma pessoa, por ordem do rei, acompanhada de um batedor. Trouxe-me penas, tinta e papel, e três ou quatro livros, dando-me a entender, por meio de sinais, que fora encarregado de ensinar-me a língua. Quedamos juntos quatro horas, e durante esse tempo escrevi grande número de palavras em colunas, com a respectiva tradução diante delas: logrei igualmente aprender várias frases curtas, pois o meu professor ordenava aos meus criados que fossem buscar alguma coisa, que se virassem, inclinassem ou sentassem, que ficassem em pé ou caminhassem, e coisas parecidas. Eu punha, em seguida, a frase por escrito. Mostrou-me também, num dos livros, as figuras do sol, da lua e das estrelas, o zodíaco, os trópicos, os círculos polares, com a denominação de muitos planos e sólidos. Deu-me o nome e a descrição de todos os instrumentos musicais, e os termos genéricos da arte na execução de cada um. Depois que ele me deixou, coloquei as minhas palavras, com as suas interpretações, em ordem alfabética. E, dessarte, em poucos dias, com a ajuda de uma memória fidelíssima, granjeei alguns conhecimentos sérios da língua deles.

A palavra que traduzo por “Ilha Volante ou Flutuante” é, no original, *Laputa*, cuja verdadeira etimologia nunca pude descobrir. *Lap*, no antigo idioma obsoleto, significava “alto”; e *untuh*, “um piloto”, do que, segundo dizem, derivou por corruptela, *Laputa*, por via de *Lapuntah*. Não concordo, porém, com essa derivação, que me parece um pouco forçada. Abalancei-me a apresentar aos eruditos da terra uma conjectura minha, de que *Laputa* equivalia a *quase lap outed*; onde *lap* significa, em realidade, “a dança dos raios solares no mar”, e *outed*, “uma asa”; que, todavia, não pretendo impor, senão submeter à apreciação do leitor judicioso.

Observando aqueles a quem me confiara o rei, quão mal eu me trajava, ordenaram viesse um alfaiate, na manhã seguinte, tomar-me as medidas para um fato completo. Esse artesão fez o seu ofício de maneira diversa da que empregam na Europa os seus colegas. Tomou primeiro a minha altura por meio de um quadrante e, a seguir, com régua e compassos, descreveu as dimensões e contornos de todo o meu corpo, passando para o papel todos os dados; e seis dias depois trouxe-me as roupas muito malfeitas e inteiramente desconformes, por lhe haver sucedido enganar-se num algarismo em seus cálculos. Consolou-me, contudo, observar que tais acidentes eram frequentíssimos e que a eles se dava muito pouca importância.

Durante a minha reclusão por falta de roupas, e por uma indisposição

que me reteve por mais alguns dias, ampliei grandemente o meu dicionário; e quando voltei pela primeira vez ao paço, pude compreender muitas coisas ditas pelo rei, e dar-lhe algumas respostas. Determinara Sua Majestade que a ilha se movesse a nordeste e pelo este, em direitura do ponto vertical sobre Lagado, a metrópole do reino que ficava embaixo, em terra firme. Distava cerca de noventa léguas, e a nossa viagem durou quatro dias e meio. Não dei a mínima fé do movimento progressivo feito no ar pela ilha. Na segunda manhã, às onze horas, mais ou menos, o rei e a nobreza, cortesãos e funcionários, depois de prepararem todos os instrumentos musicais, tocaram-nos durante três horas, sem descontinuar, de sorte que o ruído quase me ensurdeceu; nem me foi possível adivinhar a ocasião disso, até que me explicou o professor. Disse ele, “que o povo da ilha tinha os ouvidos adaptados para ouvir a música das esferas, que soava sempre em certos períodos, e a corte executou agora a sua parte, com os instrumentos em que cada qual mais sobressaía”.

Em nossa viagem para Lagado, a capital, ordenou Sua Majestade que a ilha se detivesse sobre certas cidades e aldeias, de onde podia receber as petições dos seus súditos. E para esse propósito baixaram-se diversos cordéis, com pesinhos na ponta. Nesses cordéis enfiava o povo as suas petições, que subiam diretamente, como os pedaços de papel presos pelos colegiais à ponta da corda que segura o papagaio. Às vezes, recebíamos vinhos e mantimentos de baixo, puxados por meio de polés.

O conhecimento que eu tinha da matemática muito me ajudou no aprendizado da fraseologia daquele povo, que depende em grande parte dessa ciência e da música; em que eu também não era leigo. As ideias deles se referem perpetuamente a linhas e figuras. Quando, por exemplo, querem exaltar a beleza de uma mulher, ou de outro animal qualquer, descrevem-na por meio de rombos, círculos, paralelogramos, elipses, e outros termos geométricos, ou por meio de palavras de arte, tiradas da música, que fora aqui desnecessário repetir. Observei na cozinha do rei toda a sorte de instrumentos matemáticos e musicais que serviam de modelo para o corte dos pedaços de carne apresentados à mesa de Sua Majestade.

As casas são muito mal construídas, as paredes esguelhadas, por maneira que se não encontra um único ângulo reto em nenhuma habitação; e esse defeito nasce do desdém que consagram à geometria prática, menosprezada por vulgar e mecânica, sendo as instruções fornecidas por eles demasiado sutis para o intelecto dos seus trabalhadores, o que ocasiona

perpétuos equívocos. E posto sejam assaz destros diante de um pedaço de papel, no manejo da régua, do lápis e do compasso, nunca vi nos atos comuns e na maneira de viver povo mais tosco, desajeitado e desastrado, nem tão lento e confuso em suas concepções sobre todos os outros assuntos, tirante a matemática e a música. São péssimos raciocinadores e vilentemente inclinados à oposição, exceto quando acertam sustentar a opinião verdadeira, o que raro sucede. De todo o ponto alheios à imaginação, à fantasia e à invenção, não têm palavras em sua língua para expressar essas ideias, pois todo o círculo dos seus pensamentos e do seu espírito é limitado pelas duas ciências mencionadas.

A maioria, e especialmente os que se dedicam à parte astronômica, deposita muita fé na astrologia judiciária, embora se corra de confessá-lo em público. Mas o que mais admirei, e julguei absolutamente inexplicável, foi a vigorosa propensão que neles observei para as novidades e para a política, e o fato de estarem perpetuamente a indagar dos negócios públicos, o dar a sua opinião sobre assuntos de Estado, e discutir apaixonadamente cada letra das plataformas dos partidos. Observei, com efeito, a mesma disposição entre a maioria dos matemáticos que conheci na Europa, se bem nunca pudesse descobrir a menor analogia entre as duas ciências; a menos de supor essa gente que, tendo o menor dos círculos o mesmo número de graus que o maior, o regular e o governar o mundo não requerem maiores habilidades que o manejar e o girar um globo. Tenho antes, porém, que essa qualidade procede de um comuníssimo defeito da natureza humana, que nos desperta principalmente a curiosidade e o interesse pelos assuntos que menos nos dizem respeito, e para os quais estamos preparados pelo estudo ou pela natureza.

Vive esse povo numa perpétua inquietação e nunca se goza de um minuto de tranquilidade espiritual, procedendo as suas preocupações de causas que afetam muito pouco o resto dos mortais, como o receio de várias mudanças nos corpos celestiais, por exemplo, que a terra, pela contínua aproximação do sol, venha a ser, afinal, absorvida ou engolida; que a face do sol, a pouco e pouco se cubra de uma crosta formada pelos seus próprios eflúvios, e não mais forneça luz ao mundo; que a terra haja escapado, por um triz, de ser abalroada pela cauda do último cometa, o que a teria infalivelmente reduzido a cinzas; e que o próximo, cuja vinda calculam para daqui a 31 anos, venha provavelmente a destruir-nos. Pois se chegar em seu periélio a uma certa distância do sol (o que, pelos seus cálculos, têm razões

para temer) receberá um grau de calor dez mil vezes mais intenso que o do ferro incandescente; e, ao alongar-se do sol, carregará uma cauda chamejante de um milhão e 14 milhas de comprimento; na qual, ainda que passe a uma distância de um milhão de milhas do núcleo; ou corpo principal do planeta, há de a terra inflamar-se ao atravessá-la, convertendo-se em cinzas: que o sol, gastando diariamente os seus raios sem qualquer alimento que lhes torne a fornecer, venha, por fim, a se consumir e aniquilar inteiramente; ao que se há de seguir a destruição da terra e de todos os planetas que dele recebem a sua luz.

Tão constantemente os assusta o receio deste e de outros perigos iminentes dessa ordem, que não conseguem dormir, tranquilos, em suas camas, nem saborear-se dos prazeres e distrações comuns da vida. Quando encontram um conhecido de manhã, a sua primeira pergunta diz respeito à saúde do sol, que tal parecia ele ao deitar-se e ao nascer, e que esperanças havia de evitar o choque do próximo cometa. Travam essa conversação com o mesmo estado de espírito que revelam os meninos quando se rejubilam de ouvir histórias medonhas de espíritos e duendes que, ávidos, escutam, não se atrevendo depois, medrosos, a ir para a cama.

São as mulheres da ilha dotadas de grande vivacidade; desprezam os maridos e gostam imensamente dos estrangeiros, dos quais há sempre na corte um número considerável, vindos do continente, para tratar dos negócios das várias cidades e corporações, ou dos seus particulares, sendo, porém, muito desprezados, por carecerem dos dotes que caracterizam os habitantes da ilha. Entre eles, elegem as damas os seus amantes; vexativo, entretanto, é o fato de se conduzirem elas com liberdade e segurança imoderada, pois os maridos estão sempre de tal maneira absortos em suas especulações, que não lhes prestam atenção, bastando para isso que tenham papel e instrumentos na mão e não tragam ao lado um batedor.

As esposas e filhas lamentam a sua reclusão na ilha, muito embora eu a considere o sítio mais delicioso do mundo; e suposto vivam aqui na maior abundância e magnificência, e lhes seja permitido fazer o que lhes apraz, anseiam por conhecer o mundo e as diversões da metrópole, o que não lhes é dado sem uma licença especial do rei, a qual não se obtém facilmente, porque as pessoas de qualidade verificaram, por frequentes experiências, quão difícil lhes é persuadirem as esposas a voltarem lá de baixo. Contaram-me que uma grande dama da corte, que tinha vários filhos — casada com o primeiro-ministro, o súdito mais rico do reino, muito bem-apegoado, louco por ela, e

que vive no palácio mais formoso da ilha —, desceu a Lagado, sob color de tratar da saúde, e lá se escondeu por diversos meses, até que o rei expediu uma ordem para procurá-la; encontraram-na, maltrapilha, numa obscura casa de pasto, depois de haver empenhado os vestidos para sustentar o velho lacaio disforme, que a surrava todos os dias, e em cuja companhia se achava ela muito contra a vontade. E bem que o marido a recebesse com toda a bondade possível, e sem o menor reproche, pouco depois conseguiu fugir outra vez, com todas as joias, e desde então nunca mais se houve notícia sua.

Isso talvez pareça ao leitor uma história antes ocorrida na Europa ou na Inglaterra, do que em país tão remoto. Digne-se, porém, considerar que os caprichos femininos não são limitados por nenhum clima ou nação, e são muito mais uniformes do que podemos supor.

Em um mês, eu fizera toleráveis progressos na língua deles e já podia responder à maioria das perguntas do rei, quando tinha a honra de acompanhá-lo. Sua Majestade não manifestou a menor curiosidade pelas leis, pelo governo, pela história, pela religião, ou pelos costumes dos países em que eu estivera; limitou, porém, as suas perguntas ao estado das matemáticas, e ouviu desdenhoso e indiferente a notícia que lhe dei, embora frequentemente espertado pelos seus batedores de ambos os lados.

III

Fenômeno resolvido pela filosofia e astronomia modernas. Os grandes progressos na última feitos pelos laputianos. O método do rei de suprimir insurreições.

Pedi permissão ao monarca para ver as curiosidades da ilha, que lhe aprovou graciosamente conceder, ordenando ao meu professor que me acompanhasse. Eu desejava saber, em especial, a que causa artística ou natural devia ela os seus diversos movimentos, do que passarei a dar uma filosófica notícia ao leitor.

A Ilha Volante ou Flutuante é exatamente circular; o seu diâmetro é de 7.837 jardas, ou seja, quatro milhas e meia, mais ou menos, e contém, por conseguinte, dez mil acres, com uma grossura de trezentas jardas. O fundo, ou superfície inferior, que aparece aos que a veem de baixo, é uma placa lisa e regular de diamante, que mede umas duzentas jardas de altura. Sobre ela jazem os diversos minerais em sua ordem habitual e, acima de tudo, há um manto de terra vegetal muito rica, de dez ou doze pés de profundidade. O declive da superfície superior, da periferia para o centro, é a causa natural de ser convertido o orvalho e a chuva que cai sobre a ilha em pequenos riachos que correm para o meio, onde desembocam em quatro bacias grandes, cada qual de meia milha de circunferência, mais ou menos, a duzentas jardas do centro. Nessas bacias, a água é continuamente evaporada pelo sol durante o dia, o que, de feito, a impede de transbordar. De mais disso, como tem poder o monarca de elevar a ilha acima da região das nuvens e dos vapores, pode tolher a queda do orvalho ou da chuva quando bem entende. Pois as nuvens mais altas não podem elevar-se a mais de duas milhas, segundo concordam os naturalistas; pelo menos, não se sabe que o tenham feito nesse país.

No centro da ilha há uma abertura de umas cinquenta jardas de diâmetro, por onde descem os astrônomos a uma grande cúpula, que é, por isso, denominada *Flandona Gagnole* ou Cova dos Astrônomos, situada a uma profundidade de cem jardas da superfície superior do diamante. Ardem nessa cova, continuamente, vinte lâmpadas que, refletidas no diamante, projetam uma luz forte para todos os lados. Encontra-se armazenada nesse lugar variedade de sextantes, quadrantes, telescópios, astrolábios e outros instrumentos astronômicos. Mas a maior curiosidade da qual depende o destino da ilha é uma pedra-ímã de tamanho prodigioso, semelhante, no formato, a uma lançadeira de tecelão. Mede seis jardas de comprimento e, na parte mais grossa, pelo menos mais de três. Esse ímã é sustentado por fortíssimo eixo de diamante, que lhe passa pelo meio, sobre o qual joga, estando equilibrado com tamanha exatidão que pode virá-lo a mais fraca das mãos. E rodeado por um cilindro oco de diamante, de quatro pés de

profundidade, outros tantos de grossura e 12 jardas de diâmetro, colocado horizontalmente, e sustentado por oito pés, também de diamante, com seis jardas de altura cada um. No meio do lado côncavo há um encaixe de 12 polegadas de profundidade, no qual se encasam as pontas do eixo, que giram quando se faz mister.

A pedra não pode ser mudada de lugar por força nenhuma, porque o aro e os pés são uma continuação do corpo de diamante que constitui o fundo da ilha.

Por meio dessa pedra-ímã faz-se com que a ilha suba e desça, e se mova de um lugar para outro. Pois, no tocante à parte da terra a que preside o monarca, a pedra é dotada, num dos lados, de uma força atrativa e, do outro, repulsiva. Colocado o ímã em pé, com a ponta atrativa voltada para a terra, a ilha desce; mas quando a extremidade repulsiva aponta para baixo, a ilha sobe. Quando é oblíqua a posição da pedra, o movimento da ilha é oblíquo também, pois nesse ímã atuam sempre as forças em linhas paralelas à sua direção.

Por meio desse movimento oblíquo, a ilha se dirige para as diferentes partes dos domínios do monarca. Para explicar-lhe a marcha, suponhamos que A B representa uma linha traçada através dos domínios de Balnibarbi, a linha *c d* representa a pedra-ímã, da qual *d* é a ponta repulsiva e *c* a ponta atrativa, estando a ilha sobre C: suponhamos que a pedra esteja colocada na posição *c d*, com a ponta repulsiva para baixo; nesse caso, seria a ilha obliquamente dirigida para cima, na direção de D. Chegada a ilha a D, suponhamos que seja a pedra girada sobre o seu eixo, até que a extremidade atrativa aponte para E e, nesse caso, a ilha se dirigirá obliquamente para E; onde, se a pedra for outra vez girada sobre o seu eixo até ficar na posição E F, com a ponta repulsiva para baixo, subirá obliquamente para F, onde, sendo a extremidade atrativa dirigida para G, a ilha pode ser levada para G, e de G para H, se for virada a pedra de sorte que a sua extremidade repulsiva aponte diretamente para baixo. Dessa guisa, mudando-se a posição da pedra, todas as vezes que for necessário, a ilha sobe e desce alternativamente numa direção oblíqua, e por meio dessas ascensões e quedas alternadas (não sendo considerável a obliquidade) é levada de uma parte a outra dos domínios.

É mister observar, todavia, que essa ilha não pode ir além dos domínios inferiores, nem pode elevar-se a mais de quatro milhas de altura. Para o que apontam os astrônomos (que escreveram longos tratados sobre a pedra) a seguinte razão: a virtude magnética não se estende além de quatro milhas de

distância, e o mineral, que atua sobre a pedra nas entranhas da terra e no mar a cerca de seis léguas da praia, não está difundido por todo o globo, mas termina com os limites dos domínios do rei; pois seria fácil, em razão das vantagens de tão privilegiada situação, impor um príncipe o seu domínio a qualquer país que se achasse no campo de atração do ímã.

Quando a pedra é colocada paralelamente ao plano do horizonte, a ilha se imobiliza; pois, nesse caso, estando a distâncias iguais da terra, atuam com força igual as suas extremidades, puxando uma para baixo e a outra para cima, de sorte que nenhum movimento se torne possível.

Essa pedra-de-cevar está sob os cuidados de certos astrônomos que, de tempos a tempos, lhe imprimem a posição determinada pelo monarca. Passam a maior parte da vida a observar os corpos celestes, o que fazem com a ajuda de lentes, muito melhores do que as nossas. Pois embora os seus maiores telescópios não excedam a três pés, amplificam muito mais do que os nossos de cem, e mostram as estrelas com maior clareza. Essa vantagem lhes permitiu dilatarem muito mais os seus descobrimentos do que os nossos astrônomos na Europa, pois fizeram um catálogo de dez mil estrelas fixas, ao passo que os maiores dos nossos contêm apenas a terça parte desse número. Descobriram outrossim duas estrelas menores, ou satélites, que giram à volta de Marte; a mais interna das quais dista do centro do planeta primário exatamente três dos seus diâmetros, e a mais externa, cinco; gira a primeira no espaço de dez horas, e a segunda, de 21 e meia; por maneira que os quadrados dos seus tempos periódicos estão quase na mesma proporção dos cubos da sua distância do centro de Marte; o que mostra evidentemente serem eles governados pela mesma lei de gravitação que rege os outros corpos celestes.

Observaram os astrônomos 93 planetas diferentes e calcularam os seus períodos com suma precisão. Se isto for verdade (e eles o afirmam com grande segurança), fora muito para desejar se publicassem as suas observações, pelas quais a teoria dos cometas, ainda incipiente e defeituosa, seria levada à mesma perfeição que atingiu outras partes da astronomia.

O rei seria o príncipe mais absoluto do universo se lograsse persuadir o ministério a pôr-se de acordo com ele; mas, tendo os ministros as suas propriedades embaixo, no continente, e considerando que o ofício de valido é de muito incerta duração, jamais consentiram na escravização do país.

Quando alguma cidade se revolta ou amotina, ou se entrega a desordens violentas, ou ainda se nega a pagar o tributo usual, tem o rei dois métodos

para reduzi-la à obediência. O primeiro, e mais brando, consiste em conservar a ilha suspensa sobre a referida cidade e os campos que a rodeiam, privando-os, assim, dos benefícios do sol e das chuvas e afligindo, por conseguinte, os seus habitantes com carestias e epidemias; e se o crime o merece, são estes, ao mesmo tempo, alvejados de cima com grandes pedras, contra as quais não têm outra defesa que o arrastarem-se para as adegas e cavernas, enquanto se fazem pedaços os telhados de suas casas. Mas se assim continuam obstinados, ou se ainda dispõem a insurgir-se, lança mão o príncipe do último remédio, deixando cair diretamente a ilha sobre as suas cabeças, o que provoca uma destruição geral de casas e de homens. Extremo, contudo, a que raro chega o príncipe; nem deseja ele, de fato, pô-lo em execução; nem muito menos se atrevem os ministros a aconselhar-lhe que faça o que, assim como o tornaria odioso ao povo, assim lhes causaria grandes danos às propriedades, que todas se encontram embaixo; pois a ilha pertence ao rei.

Mas há ainda uma razão mais ponderosa que sempre levou os reis desse país a não quererem lançar mão de tão terrível medida, senão quando premidos pela maior necessidade. Pois, se a cidade destinada à destruição tivesse em seu âmbito algumas rochas altas, como de regra sucede nas cidades maiores, situação provavelmente escolhida de antemão no intuito de evitar uma catástrofe dessa ordem; ou se abundasse em torres elevadas, ou pilares de pedra, uma súbita queda poderia pôr em perigo o fundo ou a superfície inferior da ilha, o qual embora consista, como eu disse, num diamante inteiro, de duzentas jardas de grossura, poderia partir-se num choque muito grande, ou arrebentar-se a uma excessiva aproximação dos incêndios das casas embaixo, como sucede a miúdo às chapas, assim de pedra como de ferro, das nossas chaminés. O povo está perfeitamente a par de tudo isso e sabe até onde levar a obstinação quando estão em jogo a sua liberdade ou as suas propriedades. E o rei, quando a provocação atinge o mais alto grau e ele se sente mais firmemente decidido a transformar em ruínas a cidade, ordena que a ilha desça com muita suavidade, sob o pretexto da afeição que consagra ao seu povo, mas em realidade, pelo receio de quebrar o fundo de diamante: caso em que, na opinião de todos os seus filósofos, o ímã não o poderia reter por mais tempo e, toda a massa se precipitaria ao solo.

Cerca de três anos antes da minha chegada a Laputa, enquanto o rei percorria os seus domínios, ocorreu extraordinário acidente, que poderia ter dado cabo da monarquia, pelo menos como está agora constituída. Lindalino, a segunda cidade do reino, foi a primeira a ser visitada por Sua Majestade na

excursão. Dois dias após a partida do soberano, os habitantes, que frequentemente se queixavam de grandes opressões, cerraram as portas da cidade, prenderam o governador, e com presteza e esforços inauditos edificaram quatro torres imensas nos quatro cantos da cidade (que é um quadrado perfeito), de altura igual à de um sólido penedo pontiagudo, que se ergue bem no centro da zona urbana. No cimo de cada torre e no fastígio da penedia fixaram enorme pedra-ímã, e, para o caso de se malograrem os seus intentos, armazenaram vasta quantidade da lenha mais combustível, esperando queimar com ela o fundo adamantino da ilha, se o estratagema do ímã não surtisse efeito.

Oito meses se passaram antes que o rei tivesse notícia de que os lindalinianos se haviam rebelado. Quando soube disso, ordenou que a ilha sobrevoasse a cidade. A revolta era total, e o povo fizera grande depósito de provisões; além disso, um rio caudaloso passa pelo meio da cidade. O rei pairou sobre ela durante vários dias, a fim de privá-la de sol e de chuva. Determinou que se deixassem cair inúmeros cordéis, mas nenhum cidadão se valeu do processo para enviar-lhe petições senão, pelo contrário, atrevidíssimas exigências, em que se reclamava a supressão de todos os abusos, grandes imunidades, liberdade de escolher o próprio governador, e outras exorbitâncias do mesmo quilate. Em vista disso, ordenou Sua Majestade que todos os habitantes da ilha arremessassem, da galeria inferior, volumosas pedras sobre os rebeldes; estes, porém, obviaram aos efeitos do chuveiro de granito abrigoando-se, com todos os haveres, nas quatro torres e outros sólidos edifícios, além dos refúgios subterrâneos adrede preparados.

Decidido a dominar o povo orgulhoso, mandou o rei que a ilha descesse mansamente até chegar a quarenta jardas do topo das torres e do penedo. Cumpriu-se a ordem real; mas os funcionários encarregados do descenso verificaram que ele se fazia muito mais depressa que de hábito, e ao mudarem a direção da pedra-ímã só com muita dificuldade lograram mantê-la numa posição firme, notando que a ilha propendia para baixo. Inteiraram sem demora o monarca do estuporante acontecimento, e pediram permissão a Sua Majestade para elevar de novo a ilha; nisso consentiu o rei, convocando um conselho geral, a que assistiram os funcionários do ímã. Um dos mais velhos e experientes dentre eles obteve licença para tentar um experimento. Tomou uma linha forte de cem jardas de comprimento e, havendo-se erguido a ilha sobre a cidade a uma altura em que a força atrativa que haviam notado já não se fazia sentir, amarrou na ponta da linha um pedaço de diamante, em cuja

composição entrava certa mistura de minérios de ferro idênticos aos que se encontram no fundo da ilha e, das galerias inferiores, deixou cair lentamente a linha na direção do ápice de uma torre. Não descera o diamante quatro jardas quando o funcionário o sentiu tão fortemente atraído para baixo que mal pôde puxá-lo de novo para cima. Em seguida, deixou cair diversos pedacinhos de diamante e observou que eram todos violentamente atraídos pelo cimo da torre. Repetiu a experiência com as outras torres e o penedo e obteve os mesmos resultados.

O incidente esgotou inteiramente os recursos de que dispunha o rei, que (para não nos estendermos sobre outras circunstâncias) foi obrigado a aceitar as condições impostas pela cidade.

Segundo me afirmou um grande ministro, se a ilha tivesse descido a uma distância tão pequena da cidade que não mais pudesse erguer-se, os cidadãos estavam resolvidos a amarrá-la ali para sempre, a matar o rei e todos os funcionários e a modificar radicalmente o governo.

Por uma lei fundamental do reino, nem o rei nem os dois filhos mais velhos têm permissão para ausentar-se da ilha, nem a rainha enquanto estiver em idade de conceber.

IV

O autor deixa Laputa. É levado a Balnibarbi, e chega à metrópole. Descrição da metrópole e das regiões circunvizinhas. O autor hospitaleiramente recebido por um grande senhor. A sua conversação com esse senhor.

Conquanto eu não possa dizer que fosse maltratado nessa ilha, devo confessar que me julgava muito preterido e algum tanto desprezado, pois nem o príncipe nem o povo pareciam curiosos de nenhum ramo do conhecimento, salvante a matemática e a música, em que eu lhes era muito inferior e, por isso mesmo, pouco estimado deles.

Por outro lado, depois de ter visto todas as curiosidades da ilha, ansiava por deixá-la, pois me cansara profundamente aquela gente. Eram os seus habitantes, com efeito, excelentes em duas ciências que aprecio muito e nas quais não sou completamente leigo; mas andam, ao mesmo passo, de tal forma absortos e envolvidos em suas especulações, que nunca vi companheiros tão desagradáveis. Conversei apenas com mulheres, negociantes, batedores e pajens da corte durante os dois meses em que lá vivi, em resultado do que me tornei, por fim, extremamente desprezível; mas eram essas, no entanto, as únicas pessoas das quais eu poderia receber uma resposta razoada.

Eu granjeara, depois de aturados estudos, uma boa dose de conhecimentos da língua deles: aborrecia-me o estar preso numa ilha, onde recebia tão poucas atenções, e resolvi deixá-la na primeira oportunidade.

Havia no paço um grande senhor proximamente aparentado com o rei, e só por essa razão tratado com respeito. Era universalmente reconhecido como a pessoa mais ignorante e estúpida do reino. Prestara muitos serviços eminentes à coroa, possuía grandes talentos materiais e adquiridos, adornados de integridade e honra; mas era tão mau o seu ouvido para a música, que chegavam a dizer os seus detratores, que o tinham visto bater muita vez o compasso fora do tempo; nem conseguiam os seus professores, sem muita dificuldade, ensiná-lo a demonstrar a proposição matemática mais fácil. Houve ele por bem dar-me numerosas provas do seu favor; fazia-me frequentemente a honra de visitar-me; pediu-me que lhe desse conta dos negócios da Europa; das leis e costumes, dos usos e conhecimentos dos vários países que eu percorrera. Ouvia-me com grande atenção e fazia sapientíssimos reparos sobre tudo o que eu dizia. Tinha dois batedores a seu serviço, mas nunca se utilizava deles, exceto em palácio e nas visitas de cerimônia; e sempre lhes ordenava que se afastassem quando ficávamos a sós.

Supliquei a essa ilustre pessoa que intercedesse por mim junto a Sua Majestade para que este consentisse na minha partida; ao que acedeu,

segundo foi servido dizer-me, com pesar: pois ele me fizera, em realidade, vários oferecimentos vantajosíssimos, que eu, sem embargo, recusei com expressões do mais elevado reconhecimento.

No dia 16 de fevereiro despedi-me de Sua Majestade e da corte. Fez-me presente o rei de uma importância mais ou menos equivalente a duzentas libras inglesas, e o meu protetor, seu parente, de outro tanto, além de uma carta de recomendação a um amigo seu em Lagado, a metrópole. Achando-se a ilha, nessa ocasião, suspensa sobre uma montanha, a umas duzentas milhas de distância da cidade, fui baixado da galeria inferior da mesma maneira por que fora erguido.

O continente, na parte sujeita ao monarca da ilha volante, tem o nome genérico de *Balnibarbi*; e a metrópole, como eu já disse, chama-se *Lagado*. Experimentei alguma satisfação ao ver-me em terra firme. Caminhei para a cidade sem qualquer preocupação, vestido como um dos nativos, e suficientemente preparado para conversar com eles. Não tardei a encontrar a casa da pessoa a quem fora recomendado, entreguei-lhe a carta do seu amigo, o grande da ilha, e fui recebido com muita amabilidade. Esse grande senhor, cujo nome era Munodi, mandou preparar-me aposentos em sua própria casa, onde permaneci durante a minha estada, e onde encontrei a maior hospitalidade.

Na manhã seguinte à minha chegada, levou-me ele em seu carro para conhecer a cidade que tinha aproximadamente a metade do tamanho de Londres; mas as casas eram estranhamente construídas e a maioria delas se achava em mau estado. As pessoas nas ruas caminhavam depressa, tinham uma expressão alucinada, os olhos fitos, e as vestes de ordinário andrajosas. Atravessamos uma das portas da cidade, e caminhamos cerca de três milhas pelos campos, onde vi muitos lavradores trabalhando com diversas espécies de instrumentos, mas não fui capaz de conjecturar o que faziam; nem observei o menor sinal de trigo ou de relva, embora o solo parecesse magnífico. Não pude menos de admirar esses aspectos, assim da cidade como do campo; e abalancei-me a pedir ao meu guia condescendesse a explicar-me a significação de tantas cabeças, mãos e rostos atarefados, nas ruas e nos campos, pois não conseguia descobrir os bons efeitos que faziam; nunca tendo eu, pelo contrário, visto um solo tão infelizmente cultivado, casas tão mal construídas e arruinadas, e um povo cujos semblantes e trajos expressassem tamanha miséria e necessidade.

Este senhor Munodi era uma pessoa de primeira categoria, e fora,

durante alguns anos, governador de Lagado, mas em resultado de intrigas forjadas por alguns ministros, havia sido exonerado por incapacidade. Sem embargo, o rei tratava-o com amizade, como a um homem bem-intencionado, mas de escasso e desprezível entendimento.

Quando fiz esta franca censura ao país e seus habitantes, limitou-se ele a responder-me que eu não estivera entre eles o tempo suficiente para formar um juízo; e que as diferentes nações do mundo têm costumes diferentes; acrescentando outras observações comuns do mesmo teor. Ao voltarmos, no entanto, ao seu palácio, perguntou-me que tal me parecia o edifício, quais as absurdezias que eu observava, e que era o que eu podia reprochar às roupas e aos semblantes dos seus criados? Podia ele fazer-me essa pergunta, pois tudo o que o rodeava era esplêndido, correto e agradável. Respondi que a prudência, a qualidade e a fortuna de Sua Excelência o haviam eximido dos defeitos que tinham produzido nos outros a insensatez e a pobreza. “Se eu quisesse”, tornou ele, “acompanhá-lo à sua casa de campo, que distava cerca de vinte milhas e onde se encontrava a sua propriedade, teríamos maior vagar para esse gênero de conversação.” Retruquei a Sua Excelência que estava inteiramente à sua disposição; e, por conseguinte, partimos na manhã imediata.

Durante a viagem ele me fez observar os diversos métodos empregados pelos lavradores no cultivo das suas terras, para mim de todo inexplicáveis pois, exceto em pouquíssimos lugares, não pude encontrar uma única espiga de milho nem um cálamo de relva. Três horas depois, todavia, alterava-se completamente a cena; entrávamos numa belíssima região: as casas dos lavradores, a pequena distância umas das outras, primorosamente construídas; os campos cercados, com vinhedos, prados e trigais. Nem me lembro de ter já visto mais amena paisagem. Notou Sua Excelência que se me aclarava o semblante e disse, com um suspiro, que ali principiava a sua propriedade, e continuaria a mesma até chegarmos à sua casa, que os seus concidadãos o motejavam e desprezavam por não saber dirigir melhor os seus negócios e por dar ao reino tão mau exemplo, o qual, entretanto, era seguido por muito poucos, os velhos porfiados e fracos como ele.

Chegamos, finalmente, à casa, nobre edifício, na verdade, construído segundo as melhores normas da arquitetura. As fontes, jardins, passeios, alamedas e bosquetes se dispunham todos com muito discernimento e bom gosto. Elogiei devidamente tudo o que vi, ao que Sua Excelência não prestou a mínima atenção até o fim do almoço, quando, não havendo mais ninguém,

me disse com melancólica expressão que receava ter de derrubar as suas casas na cidade e no campo, para reconstruí-las consoante a moda atual; destruir todas as suas plantações e fazer outras como as requeriam os usos modernos, e dar as mesmas instruções aos seus rendeiros, a fim de não incorrer na pecha de orgulhoso, singular, afetado, ignorante, caprichoso e aumentar, porventura, o desprazer de Sua Majestade; que a admiração de que eu parecia possuído cessaria ou diminuiria quando soubesse de algumas particularidades que provavelmente nunca ouvira na corte, pois as pessoas andavam lá demasiado absortas em suas próprias especulações para darem atenção ao que se passava cá embaixo.

Podem resumir-se-lhe as palavras no seguinte:

Cerca de quarenta anos atrás, foram certas pessoas a Laputa, a negócios ou para se divertirem, e, após uma permanência de cinco meses, voltaram com tinturas superficialíssimas de matemática, ma cheias de espíritos voláteis, adquiridos naquela região aérea: essas pessoas, ao regressarem, principiaram a desagradar-se do governo de todas as coisas no continente, e entraram a projetar a remodelação de todas as artes, ciências, línguas e ofícios. Com esse fim, obtiveram uma patente real para levantarem uma academia de projetistas em Lagado; e o capricho senhoreou tão vigorosamente o povo, que não há cidade importante do reino que não tenha uma academia dessa ordem. Nesses colégios traçam os professores novas regras e métodos novos de agricultura e edificação, e inventam novos instrumentos e ferramentas para todos os trabalhos e manufaturas; e afirmam que, com eles, pode um homem fazer o serviço de dez e um palácio pode construir-se numa semana, com materiais tão duráveis que lhe assegurem uma conservação eterna sem necessidade de consertos. Todos os frutos da terra deverão chegar à maturidade na sazão que escolhermos, e aumentar cem vezes mais do que hoje em dia: além de outros inumeráveis prospectos felizes. O único inconveniente reside em que nenhum desses projetos atingiu ainda a perfeição; e, neste entretempo, andam os campos todos miseravelmente arruinados, as casas caindo aos pedaços e o povo sem comida e sem roupa. Mas tudo isso, em lugar de desanimá-los, os dispõe a prosseguirem em seus planos com ardor cinquenta vezes maior, movidos juntamente da esperança e do desespero. No tocante a ele, porém, como não tivesse o espírito empreendedor, contentava-se com viver à maneira antiga, morando na casa construída pelos seus maiores, e procedendo como eles haviam procedido, em todos os atos da sua vida, sem qualquer inovação:

umas poucas pessoas de qualidade e distinção tinham feito o mesmo, sendo, entretanto, encaradas com desprezo e má vontade, como inimigas da arte, nocivas à comunidade, que preferiam o seu bem-estar e a sua preguiça ao progresso geral do país.

Ajuntou Sua Excelência que não me privaria, com novos pormenores, do prazer que me proporcionaria, por certo, uma visita à grande Academia, aonde decidira que eu fosse. Pediu-me apenas que observasse um edifício arruinado, nas faldas de uma montanha, a cerca de três milhas de distância, do qual me deu a seguinte notícia: possuía ele um moinho muito cômodo a menos de meia milha de sua casa, movido pela corrente de um grande rio, e suficiente não só para a sua família mas também para grande número de rendeiros; uns sete anos antes, mais ou menos, um grupo de projetistas lhe apresentara uma proposta para destruir o moinho e construir outro nas faldas daquela montanha, em cujo cume se abriria um longo canal para depósito de água, que, trazida por meio de canos e máquinas, abasteceria o moinho; porque o vento e o ar das alturas agitavam a água e a tornavam, portanto, mais apropriada ao movimento; e porque a água, descendo por uma ladeira, moveria o moinho com metade da corrente de um rio, cujo curso é mais horizontal. Acrescentou que, não estando naquele tempo em muito boas relações com a corte, e instado por inúmeros amigos, anuíra à proposta; e depois de empregar cem homens durante dois anos, malograra-se a obra, e os projetistas se tinham ido, atribuindo-lhe toda a culpa, escarnecendo-o sempre depois disso, e sujeitando outros ao mesmo experimento, com as mesmas garantias de bom êxito, que redundaram no mesmo desapontamento.

Poucos dias depois, voltávamos à cidade; e, considerando o mau conceito em que era tido na Academia, não quis Sua Excelência acompanhar-me, pedindo a um amigo que fosse comigo até lá. Serviu-se o meu bom senhor representar-me como grande admirador de projetos, e pessoa muito curiosa e crédula; o que, de fato, não era inteiramente falso: pois eu mesmo fora algo projetista em minha juventude.

V

Permite-se ao autor visitar a Grande Academia de Lagado. Minuciosa descrição da Academia. As artes a que se dedicam os professores.

Essa Academia não é constituída de um só edifício, mas de uma série de várias casas de ambos os lados da rua, que, havendo-se estragado, foram adquiridas para esse fim e nele aplicadas.

Fui muito amavelmente recebido pelo guarda e voltei inúmeras vezes à Academia. Em cada sala há um ou mais projetistas; e acredito que eu não poderia ter visitado menos de quinhentas.

O primeiro homem que encontrei era magro, tinha o rosto e as mãos fuliginosas, cabelos e barba compridos, e andava roto e sapecado em várias partes. As roupas, a camisa e a pele eram todas da mesma cor. Havia oito anos que estudava um projeto para extrair raios de sol dos pepinos, metidos em redomas hermeticamente seladas e aquecidos ao ar nos verões crus e inclementes. Disse-me não duvidar de que, dentro de mais oito anos, lhe seria possível fornecer luz solar aos jardins do governador a um preço razoável; mas queixou-se da escassez de suas provisões, e rogou-me lhe desse alguma coisa como estímulo ao engenho, em especial por ter sido aquele ano muito mau para os pepinos. Fiz-lhe um pequeno presente, pois o meu hospedeiro, conhecendo-lhes o hábito de pedincharem a todos os visitantes, me dera algum dinheiro.

Entrei em outra sala e já me dispunha a retroceder, à pressa, quase asfixiado pelo mau cheiro, quando o meu guia me empurrou para a frente, conjurando-me, num sussurro, que me não mostrasse repugnado, pois isso seria tomado como ofensa; e, por conseguinte, não me atrevi sequer a tapar o nariz. O projetista desta cela era o sábio mais antigo da Academia; o rosto e a barba eram de um amarelo pálido; tinha as mãos e as roupas besuntadas de imundícies. Quando lhe fui apresentado, abraçou-me com entusiasmo (cumprimento que eu teria perfeitamente dispensado). Desde que ingressara na Academia, a sua função consistia em reconverter o excremento humano nos alimentos originais, separando-lhe as diversas partes, renovando a coloração que recebe da vesícula biliar, extinguindo-lhe o cheiro e retirando-lhe os restos da saliva. Recebia da sociedade uma ração semanal, a saber, um vaso cheio de imundície humana, do tamanho de um barril de Bristol.

Vi outro, que forcejava para transformar o gelo em pólvora, pela calcinação; e que também me mostrou um tratado escrito por ele sobre a maleabilidade do ferro, que pretendia publicar.

Havia um arquiteto engenhosíssimo, inventor de um novo método de construção de casas, que começava pelo teto e acabava pelos alicerces, que

ele justificava com o exemplo de dois prudentes insetos, a abelha e a aranha.

Havia um homem, cego de nascença, que tinha vários aprendizes nas mesmas condições; o seu ofício consistia em misturar as cores para a pintura que o amo os ensinava a distinguir pelo tato e pelo cheiro. Tive, com efeito, o infortúnio de encontrá-los nessa ocasião não muito felizes em suas lições, e ao próprio mestre sucedia-lhe enganar-se quase sempre. Esse artista é muito animado e apreciado por toda a fraternidade.

Em outro aposento, folguei imenso de encontrar um projetista que achara meio de arar a terra com porcos, a fim de poupar as despesas do arado, do gado e do trabalho. O método é o seguinte: enterramos, num acre de terra, a seis polegadas de distância e oito de profundidade, grande número de bolotas, tâmaras, castanhas e outros frutos ou vegetais de que mais gostam esses animais; a seguir, soltamos seiscentos deles no campo, e em poucos dias terão removido a terra toda à procura do alimento, aparelhando-a para a sementeira e adubando-a, ao mesmo passo, com os excrementos: é verdade que até agora se verificou pela experiência serem as despesas e o trabalho muito grandes, e as colheitas, poucas ou nenhuma. Ninguém duvida, contudo, que essa invenção seja possível de grande aperfeiçoamento.

Entrei em outra sala, em cujo teto e em cujas paredes se viam penduradas teias de aranha, exceto ao nível de uma estreita passagem destinada à entrada e à saída do artista. Quando entrei, ele me pediu, a vozes, que não lhe estragasse os tecidos. Lamentou o erro fatal em que estivera o mundo durante tanto tempo, empregando o bicho-da-seda, quando havia tão grande cópia de insetos domésticos que se avantajavam infinitamente àquele, porque sabiam não só tecer mas também fiar. E afirmou ainda que, com o emprego das aranhas, se pouparia inteiramente a despesa de tingir a seda; do que de todo me convenci quando ele me mostrou um grande número de moscas lindamente coloridas, com as quais alimentava as suas aranhas, assegurando-nos que os tecidos tomavam a sua cor; e, como as tinha de todos os tons, esperava satisfazer os caprichos de todos, tanto que lhe fosse possível encontrar o alimento adequado para as moscas, feito de certas gomas, óleos e outras substâncias glutinosas, para dar força e consistência aos fios.

Havia um astrônomo que empreendera a tarefa de colocar um relógio de sol no grande cata-vento da casa da câmara municipal, ajustando os movimentos anuais e diurnos da terra e do sol, de forma que todas as mudanças acidentais do vento coincidissem com elas.

Queixei-me de uma crisezinha de cólica; em vista disso, conduziu-me o

guia a uma sala, onde trabalhava um grande médico, famoso por curar essa moléstia mediante operações contrárias do mesmo instrumento. Possuía ele um fole muito grande, cujo bico de marfim, longo e fino, introduzia profundamente no ânus, para extrair o ar que por lá se encontrasse, afirmando que assim conseguia deixar as tripas flácidas como bexiga vazia. Quando, porém, a moléstia se mostrava mais violenta e rebelde introduzia o bico com o fole cheio de ar e soprava-o no corpo do paciente; a seguir, retirava o instrumento para tornar a enchê-lo, obturando completamente o orifício anal com o polegar; e, sendo a operação repetida três ou quatro vezes, o ar adventício precipitava-se para fora em companhia do insalubre (como a água empurrada numa bomba), e o doente sarava. Vi-o fazer as duas experiências num cachorro, mas não observei nenhum efeito em relação à primeira. Concluída a última, o animal estava quase estourando, e fez uma descarga violentíssima, sumamente desagradável para mim e para os meus companheiros. O cachorro morreu instantaneamente, e deixamos o doutor procurando restituir-lhe a vida pelo mesmo processo.

Visitei muitos outros aposentos, mas não molestarei o leitor com todas as curiosidades que observei, em obséquio à brevidade.

Eu vira até então um lado apenas da Academia, pois o outro se destinava aos fatores do conhecimento especulativo dos quais direi alguma coisa quando falar de mais uma pessoa ilustre, chamada entre eles o *artista universal*. Contou-nos ele que havia trinta anos aplicava os seus pensamentos ao progresso da vida humana. Tinha duas salas grandes, cheias de maravilhosas curiosidades, e cinquenta homens ao seu serviço. Alguns condensavam o ar para o converter numa substância tangível e seca, extraindo o nitro e filtrando as partículas aquosas ou fluidas; outros, amaciavam o mármore, para fazer travesseiros e almofadas para alfinetes; outros petrificavam os cascos de um cavalo vivo, para os preservar do atroamento. O próprio artista se empenhava, naquela ocasião, em dois grandes projetos: o primeiro, de semear a terra com os resíduos dos cereais joeirados, onde afirmava estar contida a verdadeira virtude seminal, segundo demonstrou por meio de vários experimentos, que eu não tive a inteligência de compreender. O outro, de impedir, por uma certa composição de gomas, minerais e vegetais, externamente aplicada, o crescimento de lã em dois cordeirinhos; e esperava, num tempo razoável, propagar por todo o reino a espécie dos carneiros pelados.

Atravessamos um passeio para chegar à outra parte da Academia, onde,

como eu já disse, residiam os projetistas empenhados em estudos especulativos.

O primeiro professor que vi achava-se numa sala muito espaçosa, rodeado de quarenta alunos. Trocadas as primeiras saudações, como ele me visse observar atentamente um quadro que ocupava a maior parte assim do comprimento como da largura da sala, disse-me que eu talvez me admirasse de vê-lo empenhado num projeto de aperfeiçoar o conhecimento especulativo por meio de operações práticas e mecânicas. Mas o mundo não tardaria a advertir-se-lhe da utilidade; e ele se lisonjeava de que nunca passara pela cabeça de outro homem pensamento mais nobre e alevantado. Todos sabemos quão laborioso é o método usual para chegarmos à compreensão das artes e das ciências; ao passo que, por meio do seu invento, a pessoa mais ignorante poderia, a um preço razoável e com pequeno trabalho corporal, escrever livros de filosofia, poesia, política, direito, matemática e teologia sem a menor assistência do engenho ou do estudo. Levou-me, em seguida, para o quadro, a cujos lados se enfileiravam os alunos. Tinha vinte pés quadrados e estava colocado no meio da sala. As superfícies eram compostas de vários pedaços de madeira, mais ou menos do tamanho de um dado, sendo alguns maiores do que os outros, e todos ligados com arame fino, e recobertos, de cada lado, por pedaços de papel grudado; nesses pedaços de papel estavam escritas todas as palavras da língua, em seus diversos modos, tempos e declinações, mas sem ordem de espécie alguma. Pediu-me então o professor “que observasse, pois ia pôr a máquina em funcionamento”. Os alunos, a uma ordem sua, tomaram cada qual um cabo de ferro, em número de quarenta, presos aos bordos do quadro; e, imprimindo-lhes uma volta súbita, modificaram inteiramente a disposição das palavras. Ordenou então a trinta e seis rapazes que lessem, de espaço, as diversas linhas como apareciam no quadro; e quando encontravam juntas três ou quatro palavras que podiam fazer parte de uma sentença, ditavam-nas aos quatro meninos restantes, que serviam de escreventes. Repetia-se três ou quatro vezes o mesmo trabalho; e era tal a disposição do engenho que as palavras mudavam, cada vez, para lugares diferentes, ao compasso que os quadrinhos de madeira se moviam de cima para baixo.

Seis horas por dia se aplicavam os alunos a esse trabalho; e o professor me mostrou vários volumes em fólio grande, formados já de sentenças quebradas, que pretendia reunir para dar ao mundo, com tão ricos materiais, um corpo completo de todas as artes e ciências; o qual, entretanto, poderia ser

ainda muito melhorado e facilitado, se o público levantasse fundos para a feitura e emprego de quinhentos quadros semelhantes em Lagado, e fossem os seus diretores obrigados a contribuir para a obra comum com as suas diversas coleções.

Assegurou-me ele “que a invenção lhe ocupara todos os pensamentos da juventude; que incluía todo o vocabulário em seu quadro, e fizera um cálculo rigoroso da proporção geral existente nos livros entre o número de partículas, substantivos e verbos, e outras partes do discurso”.

Expressei o meu reconhecimento mais humilde a essa ilustre pessoa pela sua afabilidade; e prometi que, se eu tivesse alguma vez a boa fortuna de regressar ao meu país natal, haveria de fazer-lhe a justiça de proclamá-lo o único inventor dessa máquina maravilhosa, cuja forma e combinação pedi licença para desenhar no papel. Declarei-lhe que, se bem fosse em nossa culta Europa o costume dos sábios furtarem as invenções uns dos outros, o que tinha pelo menos a vantagem de gerar controvérsias sobre a identidade do verdadeiro autor, eu tomaria tais preocupações, que a honra lhe pertenceria inteiramente, sem qualquer sombra de rivalidade.

A seguir, dirigimo-nos à escola das línguas, onde três professores estudavam a maneira de aperfeiçoar a de sua própria terra.

Consistia o primeiro projeto em abreviar o discurso, transformando os polissílabos em monossílabos e pondo de parte verbos e participios; porque, na verdade, todas as coisas imagináveis são apenas substantivos.

O segundo projeto era representado por um plano de abolir completamente todas as palavras, fossem elas quais fossem; o que era considerado sobremodo vantajoso, assim para a saúde como para a brevidade. Pois é manifesto que todas as palavras que pronunciamos nos mingam, de certa maneira, os pulmões, pela corrosão; e contribuem, conseqüentemente, para o encurtamento das nossas vidas. Em vista disso, propôs-se que, sendo as palavras apenas nomes para as coisas, seria mais conveniente que todos os homens trouxessem consigo as coisas de que precisassem falar ao discorrer sobre determinado assunto. E essa invenção teria sido, sem dúvida, posta em prática, para maior facilidade e melhor saúde do indivíduo, se as mulheres, aliadas ao vulgo e aos ignorantes, não ameaçassem rebelar-se a não lhes ser concedida a liberdade de falar com as suas línguas, à maneira dos seus antepassados; tão constante e irreconciliável inimigo da ciência é o povo. Nada obstante, muitos eruditos e sábios aderiram ao novo plano de se expressarem por meio de coisas; cujo único inconveniente residia em que, se

um homem tivesse de falar sobre longos assuntos e de vária espécie, ver-se-ia obrigado, em proporção, a carregar nas costas um grande fardo de coisas, a menos de poder pagar um ou dois criados robustos para acompanhá-lo. Vi muitas vezes dois desses sábios quase caindo sob o peso dos seus fardos, como, entre nós, sucede aos adelos; os quais, quando se encontram na rua, põem no chão a carga, abrem os pacotes e conversam durante uma hora; em seguida, voltam a guardar os apetrechos, ajudam o outro a pôr o fardo às costas, e despedem-se.

Mas para práticas breves, um homem pode trazer nos bolsos e debaixo dos braços um número suficiente de instrumentos necessários; e, quando está em casa, não se atrapalha. Daí que a sala em que se encontram os praticantes dessa arte está cheia de coisas à mão que proporcionam os assuntos para esse gênero de conversa artificial.

Outra grande vantagem oferecida pela invenção consiste em que ela serviria de língua universal, compreendida em todas as nações civilizadas, cujos utensílios e objetos são geralmente da mesma espécie, ou tão parecidos que os seus empregos podem ser facilmente percebidos. E estariam, dessarte, os embaixadores aptos a tratar com príncipes estrangeiros, ou ministros de Estado, a cujas línguas fossem de todo o ponto alheios.

Estive na escola de matemática, onde o mestre ensinava os alunos por um método que nós, na Europa, dificilmente poderíamos conceber. A proposição e a demonstração eram claramente escritas numa obreia fina, com tinta composta de um corante cerálico, que o estudante engolia em jejum, não podendo comer durante três dias senão pão e água. Digerida a obreia, subia-lhe o corante para o cérebro levando consigo a proposição. O método, contudo, ainda não fora tão bem-sucedido como se esperava, em parte por algum erro no *quantum* ou composição, e, em parte, pela perversidade dos meninos, para os quais é tão nauseoso esse bolo que, de ordinário, fingem comê-lo e o lançam fora por cima, antes que possa fazer efeito; nem foi ainda possível persuadi-los a cumprir a longa abstinência que exige a prescrição.

Outras informações tocantes à Academia. Propõe o autor alguns melhoramentos, e as suas propostas são honrosamente recebidas.

Na escola dos projetistas políticos passei um mau bocado, parecendo os professores, na minha opinião, haver perdido o juízo; espetáculo que sempre me deixa melancólico. Essa infeliz gente propunha planos para persuadir os monarcas a escolherem os seus validos em atenção à sabedoria, à capacidade e à virtude deles; para ensinar os ministros a consultarem o bem público; para recompensar o mérito, os grandes talentos e os serviços eminentes; para exercitar os príncipes no conhecimento dos seus verdadeiros interesses, colocando-os nos mesmos fundamentos em que assentam os do povo; escolhendo para os diversos cargos pessoas qualificadas para os exercerem; além de muitas outras quimeras fantásticas e impossíveis, cuja concepção nunca passaria pela cabeça de ninguém; o que me confirmou a velha observação, de que não há nada tão extravagante e irracional que algum filósofo não tenha sustentado como verdade.

Sem embargo, farei a essa parte da Academia a justiça de reconhecer que nem todos eles eram tão visionários. Havia um doutor engenhosíssimo que parecia conhecer perfeitamente a natureza e arte do governo. Empregara essa ilustre pessoa com muita utilidade os seus estudos, procurando remédios eficazes para todas as moléstias e corrupções a que estão sujeitas as diversas castas de administração pública, assim pelos vícios e enfermidades dos que governam, como pela licenciosidade dos que têm de obedecer. Por exemplo: visto que todos os escritores e pensadores concordaram em que há uma semelhança rigorosa e universal entre o corpo natural e político, pode haver nada mais evidente do que a necessidade de se preservar a saúde e se curarem as moléstias de ambos, pelas mesmas prescrições? Admite-se que os senados e os grandes conselhos são frequentemente perturbados por humores redundantes, efervescentes, e outros, pecantes, com inúmeras moléstias da cabeça, e outras mais do coração; por fortes convulsões, penosas contrações dos nervos e tendões de ambas as mãos e, em especial, da direita; por hipocondrias, flatos, vertigens e delírios; por tumores escrofulosos, cheios de fétida matéria purulenta; por azedas e escumosas eructações; por apetites caninos e indigestões, além de muitas outras, que fora inútil mencionar. Propunha, conseqüentemente, o doutor que, reunido o senado, deviam certos médicos assistir às três primeiras sessões e, ao termo dos debates de cada dia, tomar o pulso dos senadores; depois, tendo discutido e conferenciado sobre a natureza das diversas doenças e os métodos de cura, voltariam no quarto dia ao senado, acompanhados de seus boticários munidos dos remédios

competentes; e antes que os membros se reunissem, administrariam a cada um lenitivos, aperitivos, abstergentes, corrosivos, adstringentes, paliativos, laxativos, cefalálgicos, ictéricos, apoflegmáticos, acústicos, segundo o exigissem os diversos casos; e, de acordo com os efeitos desses remédios, os poderiam repetir, alterar ou omitir na reunião seguinte.

Não poderia o projeto ser muito dispendioso para o público; e seria, na minha pobre opinião, de grande utilidade para o despacho dos negócios nos países em que os senados compartissem do poder legislativo; produziria a unanimidade, abreviaria os debates, abriria algumas bocas que ora estão fechadas, e muitas mais fecharia que ora estão abertas; refrearia a petulância dos moços e corrigiria a obstinação dos velhos; espartaria os estúpidos e acalmaria os impertinentes.

Mais: por ser geral a queixa de que os validos dos príncipes possuem memórias curtas e fracas, propôs o mesmo doutor que, quem quer que visitasse um primeiro-ministro, depois de haver dito ao que ia, com a maior brevidade e com as palavras mais simples, deveria, ao despedir-se, torcer o nariz ao dito ministro, ou dar-lhe um murro no estômago, ou pisar-lhe nos calos, ou puxar-lhe três vezes pelas orelhas, ou beliscar-lhe o braço até ficar preto, a fim de impedir o esquecimento, repetindo a mesma operação todos os dias, quando o ministro se levantasse, até que o caso fosse definitivamente resolvido.

Ensinava ele também que todo senador do grande conselho de Estado de um país, depois de haver apresentado a sua opinião e arrazoado em sua defesa, deveria ser obrigado a votar contra ela; porque se isso fosse feito, redundaria infalivelmente no bem público.

Quando se mostravam violentos os partidos políticos, tinha ele um invento maravilhoso para reconciliá-los. O método é o seguinte: tomamos cem chefes de cada partido; dispomo-los aos pares, de modo que fiquem juntos aqueles cujas cabeças são o mais possível do mesmo tamanho; em seguida, fazemos que dois bons operadores serrem o occipício de cada par ao mesmo tempo, de maneira que os cérebros possam ser divididos igualmente. Trocamos depois os occipícios serrados, aplicando cada um à cabeça do adversário político. Parece tratar-se, com efeito, de um trabalho que exige alguma precisão, mas o professor assegurou-nos que, executado com habilidade, a cura é infalível. Pois raciocinava da seguinte maneira: se pudessem as duas metades de cérebro discutir sozinhas o assunto, encerradas no espaço de um crânio só, logo chegariam a entender-se perfeitamente; e

produziriam assim a moderação como a regularidade no pensar, tão desejáveis na cabeça dos que imaginam ter vindo ao mundo apenas para lhe vigiar e governar os movimentos; e, no que respeita às diferenças de cérebros, em quantidade e qualidade, entre os que dirigem as diversas facções, assegurou-nos o doutor, estribado em seus conhecimentos, serem absolutamente insignificantes.

Ouvi um debate muito acalorado entre dois professores sobre os processos e meios mais cômodos e eficazes de levantar somas de dinheiros sem oprimir os súditos. Afirmava o primeiro que o método mais justo seria o de lançar impostos sobre o vício e a insensatez; e que a importância deveria ser fixada, para cada indivíduo, da maneira mais reta, por um júri composto de vizinhos seus. O segundo já era de opinião inteiramente contrária: taxar as qualidades do corpo e do espírito em virtude das quais principalmente se estimam os homens; sendo a quota maior ou menor segundo os graus de excelência; devendo ser confiada a sua determinação ao arbítrio de cada contribuinte. Os tributos mais altos recairiam sobre os homens mais apreciados pelo sexo contrário e o importe das contribuições deveria ser calculado de acordo com os favores que tivessem recebido, devendo cada qual fazer a sua própria declaração de impostos. Sobre o espírito, o valor e a cortesia incidiriam também taxas elevadas, que seriam arrecadadas da mesma forma, declarando cada pessoa a quantidade que deles possuísse. Mas a honra, a justiça, a sabedoria e o estudo não seriam tributados de forma alguma, pois são qualificações de gênero tão singular que ninguém as reconhece no vizinho nem as aprecia em si mesmo.

Propôs-se que as mulheres pagassem impostos de acordo com a beleza e a habilidade no trajar, no que teriam os mesmos privilégios concedidos aos homens de lhes ser confiada ao próprio alvedrio o total das contribuições. Mas a constância, a castidade, o bom senso e a bondade não seriam taxados por não compensarem as despesas de arrecadação.

Para conservar nos senadores o interesse da coroa, propôs-se que os cargos fossem rifados entre os membros, devendo cada um, primeiro, prestar um juramento e afiançar que votaria com a corte, ganhasse ou não; depois disso, concedia-se aos perdedores a liberdade de rifarem o próximo cargo vacante. Conservar-se-iam, dessa arte, a esperança e a expectativa; ninguém se queixaria de promessas não cumpridas, e atribuiria as suas decepções inteiramente à fortuna, que tem ombros mais largos e mais fortes que qualquer ministério.

Outro professor me mostrou um longo escrito em que se continham instruções para o descobrimento de tramas e conspirações contra o governo. Aconselhava aos grandes estadistas que examinassem a dieta de todas as pessoas suspeitas; as suas horas de comer; o lado sobre o qual se deitavam na cama; a mão com que limpavam a bunda; que lhes estudassem acuradamente os excrementos, de cuja cor, cheiro, gosto, consistência, fase digestiva, poderiam deduzir-lhes os pensamentos e desígnios. Porque os homens nunca se mostram mais sérios, reflexivos e compenetrados do que sentados na privada, o que ele próprio verificara depois de reiterados experimentos; pois nessas circunstâncias, quando costumava, apenas por experiência, meditar na melhor maneira de assassinar o rei, as fezes lhe safam esverdeadas, mas muito diferentes quando só pensava em organizar uma sedição ou pôr fogo na metrópole.

Fora o discurso todo escrito com suma agudeza, e continha muitas observações ao mesmo tempo curiosas e úteis para os políticos, mas, no meu entender, não estava completo. Atrevi-me a dizê-lo ao autor e me ofereci, se ele quisesse, a fornecer-lhe algumas adições. Ele acolheu-me a proposta com mais complacência do que a que de ordinário se encontra nos autores, especialmente entre os do gênero projetista, declarando que folgaria de receber novas informações.

Contei-lhe que no reino de Tribnia, pelos nativos denominados Langden, onde eu permanecera algum tempo no decurso de minhas viagens, a totalidade do povo é, de certo modo, constituída de espias, testemunhas, informantes, denunciantes, acusadores, malsins, juradores, com os seus diversos instrumentos subalternos e subservientes, e todos debaixo das cores, do comportamento e do soldo dos ministros, e seus deputados. As conjuras, nesse reino, são obra geralmente das pessoas que desejam acrescentar a sua reputação de políticos profundos; infundir novo alento a uma administração decrépita, sufocar ou divertir descontentamentos gerais; encher os seus cofres a poder de confiscos; e elevar ou abaixar as cotações do crédito público, segundo a conveniência dos seus interesses particulares. Acorda-se e determina-se primeiro entre eles as pessoas suspeitas que devem ser acusadas de uma conspiração; a seguir, toma-se o cuidado especial de senhorear-lhes todas as cartas e documentos e encarceram-se os donos. Esses documentos são entregues a um grupo de artistas habilíssimos no descobrir o significado misterioso das palavras, sílabas e letras: podem, por exemplo, descobrir que latrina significa conselho privado; rebanho de gansos, senado; cachorro

manco, invasor; beócio, peste, exército regular; idiota, primeiro-ministro; gota, sumo-sacerdote; patíbulo, secretário de Estado; urinol, comissão de fidalgos; peneira, dama do paço; vassoura, revolução; ratoeira, emprego; poço sem fundo, tesouro; sentina, corte; barrete de bobo, favorito; gaita quebrada, tribunal de justiça; tonel vazio, general; ferida supurada, administração.

Quando falha esse método têm dois outros mais eficientes, que os eruditos denominam acrósticos e anagramas. Em primeiro lugar, são capazes de decifrar o significado político de todas as iniciais. Dessa maneira, N significará conjuração; B, regimento de cavalaria; L, esquadra no mar; ou, em segundo lugar, transpondo as letras do alfabeto de qualquer documento suspeito, são capazes de revelar os mais secretos desígnios de um partido descontente. Assim, por exemplo, se eu escrevesse numa carta a um amigo, “Carlos está de cama, não muito constipado”, um hábil decifrador descobriria que as mesmas letras que compõem essa frase podem formar as seguintes palavras, “Cuidado — conspiração esta semana — mto”. E este é o método anagramático.

Mostrou-se o professor muito reconhecido por lhe haver eu comunicado tais observações, e prometeu fazer a meu respeito uma honrosa menção em seu tratado.

Não vi nesse país coisa alguma que me convidasse a lá permanecer mais tempo, e comecei a pensar no meu regresso à Inglaterra.

VII

O autor deixa Lagado e chega a Maldonada. Falta de navios amarinhados. Faz uma curta viagem a Glubbdubdrib. A recepção que lhe dispensa o governador.

O continente de que faz parte esse reino estende-se, segundo tenho razões para crer, até a região desconhecida da América, a oeste de Califórnia; e, para o norte, até o Oceano Pacífico, que não fica a mais de 150 milhas de Lagado; onde há um bom porto, e muito comércio com a grande ilha de Luggnagg, situada a noroeste, cerca de 29 graus de latitude norte e 140 de longitude. Esta ilha de Luggnagg fica a sudeste do Japão, a umas cem léguas de distância. Há uma íntima aliança entre o imperador japonês e o rei de Luggnagg, o que proporciona frequentes oportunidades para a navegação de uma ilha à outra. Deliberei, portanto, dirigir o meu curso nesse sentido, a fim de regressar à Europa. Aluguei duas mulas e contratei um guia para me mostrar o caminho e carregar-me a bagagemzinha. Despedi-me do meu nobre protetor, que tanto me havia favorecido e que nessa ocasião me fez um generoso presente.

Decorreu-me a viagem sem acidentes ou aventuras dignas de nota. Quando cheguei ao porto de Maldonada (pois assim é chamado) não havia no cais navio que se destinasse a Luggnagg, nem era provável que o houvesse durante algum tempo. A cidade é mais ou menos do tamanho de Portsmouth. Logo travei algumas relações e fui hospitaleiramente recebido. Disse-me um cavalheiro de distinção que, visto não ficarem prontos os navios destinados a Luggnagg senão um mês depois, talvez não me fosse desagradável fazer uma viagemzinha à pequena ilha de Glubbdubdrib, cerca de cinco léguas a sudoeste. Ele e um amigo estavam dispostos a acompanhar-me e fornecer-me uma pequena e cômoda embarcação para a viagem.

Glubbdubdrib, traduzindo a palavra o mais exatamente que posso, significa a Ilha dos Feiticeiros ou Mágicos. Tem quase um terço do tamanho da Ilha de Wight e é extremamente fértil: governa-a o chefe de certa tribo, cujos membros são todos bruxos e só se casam com indivíduos da mesma tribo, sendo príncipe ou governador o mais antigo na sucessão. Possui o príncipe um nobre palácio e um parque de três mil acres, cercado de muro de pedras talhadas de vinte pés de altura. Há, nesse parque, diversos cercados pequenos para o gado, para cereais e para jardins.

O governador e a família são servidos por criados de um gênero algum tanto incomum. Em resultado da sua habilidade necromântica tem ele poder de chamar dentre os mortos quem bem entende, e exigir-lhe os serviços durante 24 horas, mas não mais; e só pode chamar outra vez a mesma pessoa três meses depois, a não ser em ocasiões muito extraordinárias.

Quando chegamos à ilha, às onze horas, mais ou menos, da manhã, um dos cavalheiros que me acompanhava dirigiu-se ao governador e solicitou admissão para um estrangeiro, que desejava ter a honra de visitar Sua Alteza. Deferiu-se *incontinenti* o pedido e nós três cruzamos o portão do palácio, entre duas filas de guardas, armados e vestidos de maneira muito antiga, e com qualquer coisa no semblante que me fez estremecer a carne de um horror inexprimível. Atravessamos diversos aposentos, entre criados da mesma espécie, alinhados de ambos os lados, como os outros, até chegarmos à sala das audiências, onde, depois de três profundas reverências e umas poucas perguntas de ordem geral, nos foi permitido sentarmo-nos em três mochos, ao pé do degrau inferior do trono de Sua Alteza. O príncipe entendia o idioma de Balnibarbi, se bem diferisse do seu. Pediu-me que lhe desse alguma notícia das minhas viagens; e para me fazer ver que eu deveria ser tratado sem cerimônia, mandou embora os servidores, com um simples mover do dedo; em razão do que, para meu grande assombro, todos se desvaneceram num instante, como as visões de um sonho quando acordamos de repente. Só cobrei ânimo algum tempo depois, quando o governador me assegurou que eu não sofreria coisa alguma; e, vendo que os meus dois companheiros não pareciam preocupados, pois já tinham sido recebidos, muitas vezes, da mesma forma, principiei a criar coragem e a fazer a Sua Alteza um breve relato das minhas diversas aventuras, mas não sem alguma hesitação e sem voltar frequentemente os olhos para o lugar onde vira os espectros domésticos. Tive a honra de almoçar com o governador, onde nova série de fantasmas nos trouxeram a comida e serviram à mesa. Percebi então que eu me achava menos aterrorizado do que pela manhã. Fiquei até o pôr do sol, mas roguei humildemente a Sua Alteza que me escusasse o não lhe aceitar o convite para me aposentar no palácio. Ficamos, meus dois amigos e eu, numa casa particular na cidade próxima, capital da ilhazinha; e na manhã seguinte tornamos a apresentar as nossas homenagens ao governador, como ele houvera por bem ordenar.

Permanecemos, assim, dez dias na ilha, ficando a maior parte do dia com o governador e, à noite, em nossa habitação. Familiarizei-me tão depressa com a vista dos espíritos que, depois da terceira ou quarta vez, já me não comoviam; e, ainda que me infundissem algum temor, a curiosidade era mais forte. Pois Sua Alteza o governador me permitiu chamar as pessoas que desejasse, fosse qual fosse o seu número, entre todos os mortos desde o princípio do mundo até os dias de hoje, e delas exigisse resposta a quaisquer

perguntas que eu quisesse fazer, com a condição de que os meus quesitos se limitassem ao período de tempo em que tinham vivido. E poderia ter absoluta certeza de que me diriam a verdade, pois era a mentira talento inútil no mundo inferior.

Expressei a Sua Alteza os meus humildes reconhecimentos por tão grande favor. Estávamos numa sala de onde se descortinava um belo panorama do parque. E por ser a minha primeira inclinação a de me entreter com cenas de pompa e magnificência, pedi para ver Alexandre o Grande à testa do seu exército, logo após a batalha de Arbela: o qual apareceu num vasto campo debaixo da janela a que estávamos. Alexandre foi chamado para entrar na sala; e com grande dificuldade lhe compreendi o grego, muito pouco parecido com o meu. Deu-me ele a sua palavra de honra de que não fora envenenado, senão que morrera de uma febre maligna provocada pelo excesso de bebida.

Logo, vi Aníbal atravessando os Alpes, que me disse não ter uma gota de vinagre em seu campo.

Vi César e Pompeu à frente das suas tropas, a pique de se engalfinharem. Vi o primeiro em seu último grande triunfo. Pedi que o senado romano aparecesse diante de mim numa sala grande, e que em outra sala, defronte dela, aparecesse uma assembleia representativa moderna. A primeira, pareceu-me um congresso de heróis e semideuses; a segunda, uma súcia de bufarinheiros, corta-bolsas, salteadores e fanfarrões.

O governador, a meu pedido, fez sinal a César e a Bruto para que se aproximassem de nós. Senti-me possuído de profunda veneração à vista de Bruto e pude distinguir-lhe facilmente em cada um dos traços a mais consumada virtude, a maior intrepidez e firmeza de espírito, o mais autêntico amor à pátria e uma universal benevolência para com o gênero humano. Observei, com grande prazer, que essas duas pessoas se davam muito bem, e César me confessou francamente que as maiores ações de sua vida ficavam muito aquém da glória de tirá-la. Tive a honra de conversar longamente com Bruto; e soube que o seu antepassado Júnio, Sócrates, Epaminondas, Catão, o Moço, Sir Thomas More e ele andavam perpetuamente juntos; sextunvirato a que nem todos os séculos do mundo poderão acrescentar um sétimo.

Fora tedioso cacetear o leitor com a relação do vasto número de pessoas ilustres chamadas a fim de satisfazer o insaciável desejo que eu tinha de ver ante mim o mundo em todos os períodos da Antiguidade. Deleitei principalmente os olhos na contemplação dos que haviam destruído os tiranos

e usurpadores e dos restauradores da liberdade das nações oprimidas e agravadas. Mas fora impossível expressar a satisfação experimentada pelo meu espírito de maneira que constituísse para o leitor adequado entretenimento.

VIII

Outros informes a respeito de Glubbudrib. A história antiga e moderna corrigidas.

Desejoso de ver os antigos mais célebres pelo espírito e pelo saber, destinei um dia especial a esse fim. Pedi que Homero e Aristóteles aparecessem à frente de todos os seus comentadores; mas eram eles tão numerosos que algumas centenas foram obrigadas a esperar no pátio e nas salas exteriores do palácio. Conheci e pude distinguir os dois heróis, à primeira vista, não só entre a multidão, senão também um do outro. Dos dois, era Homero o mais alto e donairoso, caminhava assaz ereto para uma pessoa da sua idade, e tinha os olhos mais vivos e penetrantes que já encontrei. Aristóteles curvava-se muito e andava com o auxílio de um cajado. O rosto era magro, os cabelos, lisos e finos e a voz, surda. Logo descobri serem ambos perfeitamente estranhos ao resto da companhia, que nunca tinham visto nem conhecido até aquele momento; e um fantasma cujo nome calarei, disse-me, num sussurro, que esses comentadores sempre se conservavam nos sítios mais distantes dos comentados, no mundo inferior, vexados e culposos, por haverem tão mal interpretado a intenção desses autores para a posteridade. Apresentei Dídimos e Eustátios a Homero, e persuadi-o a tratá-los melhor talvez do que mereciam, pois ele não tardou a descobrir que haviam pretendido encaixar um gênio no espírito de um poeta. Aristóteles, porém, perdeu a paciência com a descrição que lhe fiz de Escoto e Ramus, quando lhos apresentei; e perguntou-lhes se o resto da tribo era constituído de asnos tão grandes como eles?

Solicitei, em seguida, ao governador chamasse Descartes e Gassendi, que induzi a explicarem os seus sistemas a Aristóteles. Esse grande filósofo reconheceu abertamente os próprios erros em filosofia natural, porque em muitos pontos se estribara em conjecturas, como temos de fazer todos os homens; e achou que Gassendi, que tornara a doutrina de Epicuro o mais saborosa possível, e os *vórtices* de Descartes, haveriam de desacreditar-se também. Predisse a mesma sorte à *atração*, tão zelosamente defendida pelos sábios de hoje. Disse “que os novos sistemas da natureza eram apenas modas novas; e que até os que pretendiam demonstrá-los por meio de princípios matemáticos, floresceriam apenas curto espaço de tempo, passando de moda quando fosse chegada a hora”.

Durante cinco dias conversei com muitos sábios antigos. Vi a maioria dos imperadores romanos. Convenci o governador a chamar os cozinheiros de Heliogábalo para que nos preparassem um almoço, mas eles não puderam demonstrar grande coisa da sua perícia por minguar de materiais. Um ilota de Agésilau nos fez um prato de caldo espartano, mas não fui capaz de provar

uma segunda colherada.

Os dois cavalheiros, que me haviam conduzido à ilha, viram-se obrigados, pelos seus negócios particulares, a voltar três dias depois, que empreguei em ver alguns dos mortos modernos que mais se tinham assinalado nos últimos duzentos ou trezentos anos, em nossa terra e outros países europeus; e tendo sido sempre grande admirador das antigas famílias ilustres, pedi ao governador chamasse uma ou duas dúzias de reis, com os seus antepassados, em ordem, durante oito ou nove gerações. Mas foi mortificante e inesperada a minha decepção. Pois em lugar de uma longa comitiva coroada de diademas reais vi, numa família, dois rabequistas, três cortesões adamados, e um prelado italiano; em outra, um barbeiro, um abade e dois cardeais. Mas a minha veneração pelas cabeças coroadas é demasiado grande para que eu continue a versar assunto tão delicado. No que toca, porém, a condes, marqueses, duques e outros fidalgos, não escrupulizei tanto. E confesso que me proporcionou alguma satisfação poder rastrear os traços característicos de certas famílias, até as suas origens. Pude descobrir perfeitamente de onde tirara uma o queixo comprido; por que abundara outra de velhacos durante duas gerações, a de parvos durante duas outras; por que acertava uma terceira a ser formada de mentecaptos e de trapaceiros uma quarta; de onde vinha o que diz Polidoro Vergílio de certa grande casa, “*Nec vir fortis, nec foemina casta*”;* por que a crueza, a falsidade e a covardia vinham a ser traços tão distintivos de certas linhagens quanto as suas cotas de armas. Nem me pude admirar de tudo isso quando vi tamanha descontinuação de genealogias ocasionada por pajens, lacaios, criados, cocheiros, monteiros, rabequistas, jogadores, capitães e corta-bolsas.

Enojou-me sobretudo a história moderna. Pois, tendo rigorosamente examinado os portadores dos maiores nomes nas cortes dos príncipes, nos últimos cem anos, verifiquei quão ludibriado fora o mundo por escritores prostituídos, que atribuíram a covardes as maiores façanhas na guerra; a néscios, os mais sábios conselhos; a bajuladores, a sinceridade; virtudes romanas, a traidores da pátria; devoção, a ateus; castidade, aos sodomitas; aos delatores, veracidade; quantas inocentes e excelentes pessoas haviam sido condenadas à morte ou ao desterro pela influência de grandes ministros sobre a corrupção dos juízes e a maldade das facções; quantos vilões tinham sido alçados aos mais altos cargos de confiança, poder, dignidade e provento; quão grande participação nos atos e sucessos das cortes, conselhos e senados poderia ser reivindicada por mentirosos, hipócritas, alcoviteiros, parasitas e

bufões. Em quão ínfima conta tive eu a sabedoria e a integridade humanas quando soube das verdadeiras molas e motivos dos grandes cometimentos e revoluções do mundo e dos reles acidentes a que deveram o seu bom êxito.

Aqui descobri a velhacaria e ignorância dos que pretendem escrever anedotas, ou histórias secretas; que mandam tantos reis para o túmulo com uma taça de veneno; que repetem os discursos travados entre um príncipe e um primeiro-ministro e que ninguém ouviu; que descobrem os pensamentos e abrem as escrivatinhas dos embaixadores e secretários de Estado, e que têm o perpétuo infortúnio de se enganarem. Aqui descobri as verdadeiras causas dos grandes acontecimentos que surpreenderam o mundo; de que maneira pode uma mulher prostituta governar a escada secreta, a escada secreta um conselho, e o conselho, um senado. Um general confessou, diante de mim, “que obtivera uma vitória puramente pela força da covardia e do mau comportamento”; e um almirante, que, por carecer de informações necessárias, derrotara o inimigo, a quem pretendia entregar a sua esquadra. Três reis me declararam que, durante todos os seus reinados, nunca haviam promovido pessoa alguma de merecimento, a não ser por engano ou traição de algum ministro no qual se confiavam; nem o fariam se devessem viver outra vez; e demonstraram, com grande força de raciocínio, que o trono real não poderia ser sustentado sem a corrupção, pois o caráter seguro, confiante e obstinado que a virtude infundia num homem, era um perpétuo embaraço aos negócios públicos.

Tive a curiosidade de indagar, particularmente, por que métodos grande número de pessoas conseguira obter altos títulos honoríficos e prodigiosas propriedades; e limitei as minhas indagações a um período assaz recente: sem passar, todavia, pelos tempos atuais, para ter a certeza de não ofender sequer os estrangeiros, pois espero não me seja preciso dizer ao leitor que absolutamente não me refiro à minha pátria no que digo sobre o assunto. Chamou-se grande número de pessoas interessadas; e estas revelaram, depois de superficialíssimo exame, tamanho espetáculo de infâmia, que não posso refletir sobre ele sem alguma gravidade. O perjúrio, a opressão, o suborno, a fraude, a perfídia e fraquezas semelhantes eram as mais escusáveis dentre as artes então mencionadas; e por elas tive, como era razoado, grande indulgência. Mas quando confessaram alguns deverem a sua grandeza e cabedais ao assassinio a sangue-frio, outros, ao haverem atraído o seu país ou o seu príncipe; alguns, ao envenenamento; muitos, à perversão da justiça para a destruição de inocentes; espero me perdoem se esses descobrimentos

me tenham inclinado um pouco a diminuir a profunda veneração que propendo naturalmente a tributar a pessoas de elevada posição, que devem ser tratadas com o máximo respeito, em razão de sua sublime dignidade por nós, seus inferiores.

Eu lera, muita vez, notícias de grandes serviços feitos a príncipes e Estados, e desejei ver as pessoas por quem esses serviços tinham sido prestados. Depois de alguma indagação, disseram-me que os seus nomes não se encontravam em registro nenhum, tirante alguns poucos, que a história representara como vilíssimos patifes e traidores. Quanto ao resto, eu nunca ouvira falar deles. Apareceram todos com desalentada expressão e as vestes em farrapos; dizendo-me, a maioria, que morrera na pobreza e na desgraça, e os demais, no cadafalso e na forca.

Entre outras, havia uma pessoa cujo caso parecia algum tanto singular. Tinha a seu lado um mancebo de 18 anos, mais ou menos. Disse-me que fora, durante muitos anos, comandante de um navio; e que, na batalha naval de Áccio, tivera a boa fortuna de romper a grande linha de combate do inimigo, afundar três dos seus navios mais importantes e apresar um quarto, o só motivo da fuga de Antônio e da vitória que se seguira; que o mancebo ao lado, seu filho único, fora morto em combate. Acrescentou que, terminada a guerra, e julgando ter algum mérito a seu favor, dirigira-se a Roma e solicitara na corte de Augusto promoção ao comando de um navio maior, cujo comandante fora morto; mas sem qualquer consideração pelas suas pretensões, esse comando fora dado a um menino que nunca vira o mar, filho de Libertina, criada de uma das concubinas do imperador. Voltando ao seu navio, fora acusado de negligência no dever, e o barco, entregue a um pajem favorito de Publicola, o vice-almirante; em vista disso, retirara-se para uma pobre herdade a grande distância de Roma, e lá terminara os seus dias. Era tão grande a minha curiosidade de conhecer a verdade da história que pedi fosse chamado Agripa, almirante nessa batalha. Este apareceu, e confirmou todo o relato. Mas de maneira muito mais vantajosa para o capitão, cuja modéstia diminuía ou ocultara grande parte do próprio mérito.

Surpreendeu-me verificar que se estendera tanto e tão depressa a corrupção nesse império, por força do luxo tão recentemente introduzido; o que fez que eu pasmasse menos de tantos casos paralelos em outros países, onde reinaram durante muito mais tempo vícios de toda a casta, e onde todos os louvores, bem como todos os produtos do saque, eram monopolizados pelo supremo comandante, menos merecedor de honrarias, talvez, que qualquer

outro.

Como todas as pessoas chamadas surgissem exatamente da mesma forma com que haviam aparecido no mundo, inspirou-me tristes reflexões o observar quanto degenerara entre nós a raça humana nos últimos trezentos anos.

Cheguei ao extremo de pedir fossem chamados alguns lavradores ingleses de uma velha estampa; tão célebres outrora pela simplicidade de seus costumes, alimentos e trajos; pela justiça das suas obras; pelo seu verdadeiro espírito de liberdade; pelo seu valor e amor à pátria. Nem pude menos de comover-me, depois de comparar os mortos com os vivos, quando considerei o quanto o tinham prostituído essas puras virtudes naturais, em troco de uma moeda, pelos netos dos primeiros, os quais, ao venderem os seus votos e ao manipularem eleições, haviam adquirido todos os vícios e toda a corrupção que se podem aprender num paço.

Nota

* “*Nec vir fortis, nec foemina casta*” (em latim no original): “Nem homem corajoso, nem mulher casta.” (N.T.)

IX

Regressa o autor a Maldonada. Ruma para o reino de Luggnagg. O autor é preso. É enviado para a corte. A maneira por que é recebido. A grande lenidade do rei para com os seus súditos.

Chegado o dia da nossa partida, despedi-me de Sua Alteza, o governador de Glubbubdrib, e voltei com os meus dois companheiros a Maldonada, onde, depois de esperar 15 dias, se apetrechou um navio para zarpar com destino a Luggnagg. Os dois cavalheiros e alguns outros tiveram a generosidade e a amabilidade de me fornecerem provisões e de me levarem a bordo. Durou um mês a viagem. Acossados por violenta tempestade, fomos obrigados a rumar para oeste, a fim de encontrar o vento geral, que sopra numa extensão aproximada de sessenta léguas. No dia 21 de abril de 1708, chegamos ao rio Clumegnig, porto de mar situado a sueste de Luggnagg. Lançamos ferro a menos de uma légua da cidade e pedimos o concurso de um piloto, por meio de sinais. Vieram dois para bordo em menos de meia hora, que nos guiaram por entre bancos e rochedos, cuja passagem é muito perigosa, até uma larga baía, onde pode mover-se uma esquadra com segurança a menos de um cabo de distância dos muros da cidade.

Alguns dos nossos marinheiros, fosse por aleivosia, fosse por inadvertência, informaram os pilotos de que eu era um estrangeiro e grande viajante; os pilotos, por sua vez, comunicaram-no a um funcionário da alfândega, por quem fui rigorosamente examinado quando desembarquei. Esse funcionário dirigiu-me a palavra na língua de Balnibarbi, que, por força do muito comércio, é geralmente compreendida nessa cidade, em especial pelos marinheiros e empregados da alfândega. Referi-lhe brevemente alguns pormenores e tornei a minha história o mais plausível e consistente que pude; julguei, porém, necessário disfarçar a minha nacionalidade e dizer-me holandês, pois tencionava embarcar para o Japão e sabia serem os holandeses os únicos europeus cuja entrada se permitia nesse reino. Disse, por conseguinte, ao funcionário, que, havendo naufragado nas costas de Balnibarbi, e tendo sido lançado a um rochedo, fora recebido em Laputa, ou Ilha Volante (de que tinham ouvido falar muitas vezes), e tentava agora chegar ao Japão, onde talvez encontrasse uma forma conveniente de regressar à minha terra. Redarguiu o funcionário que eu teria de ficar preso até chegarem ordens da corte, que ele pediria imediatamente, por escrito, esperando receber uma resposta dentro em 15 dias. Fui levado para um cômodo aposento, com sentinela à vista; mas concederam-me a liberdade de andar num grande jardim, e fui tratado com assaz humanidade, e sustentado durante todo o tempo pelos cofres reais. Visitaram-me diversas pessoas, principalmente curiosos, pois correu a voz de que eu vinha de países muito

remotos, de que nunca tinham ouvido falar.

Contratei um moço, que viajara no mesmo navio, para me servir de intérprete; era natural de Luggnagg, mas vivera alguns anos em Maldonada, e dominava perfeitamente ambos os idiomas. Com a sua assistência, pude conversar com os que vinham visitar-me; as nossas práticas, porém, apenas consistiam nas perguntas deles e nas minhas respostas.

Chegou o despacho da corte mais ou menos ao tempo em que o esperávamos, com ordem para nos conduzirem, a mim e à minha comitiva, a *Traldragdubh*, ou *Trildrogdrib* (pois era o nome pronunciado de ambas as formas, segundo me lembra), por um destacamento de dez cavalariaños. Toda a minha comitiva era representada pelo pobre rapaz que me servia de intérprete, e que persuadi a continuar ao meu serviço, sendo-nos fornecida uma mula a cada um para montar, a um humilde pedido meu. Expediu-se um mensageiro, que nos levava uma dianteira de meio dia, para dar conta ao rei da minha vinda; e para solicitar fosse Sua Majestade servido assinar dia e hora em que houvesse graciosamente por bem conceder-me a honra de lambar-lhe o pó do escabelo. É este o estilo da corte e verifiquei ser algo mais do que uma simples formalidade, pois ao ser recebido, dois dias após a minha chegada, ordenaram-me que rastejasse e lambesse o chão à medida que me adiantava; mas, por ser eu um estrangeiro, haviam-se tomado precauções para deixar tão limpo o solo que o pó não me fez mal. Era esta, contudo, uma graça especial, só concedida às pessoas da mais alta qualidade, quando solicitavam uma audiência. Pois, às vezes, pelo contrário, espalha-se no chão propositadamente o pó, quando a pessoa que há de ser recebida sucede ter na corte poderosos inimigos; e vi um grande senhor com a boca tão empanzinada que, depois de arrastar-se até a distância conveniente do trono, não foi capaz de pronunciar uma única palavra. Nem há para isso remédio algum, pois é um crime capital cuspirem ou limparem a boca na presença de Sua Majestade os que recebem uma audiência. Há, na verdade, outro costume, que não aprovo inteiramente: quando o rei forma tenção de mandar matar delicada e indulgentemente um dos seus nobres, determina se espalhe no chão certo pó escuro de composição mortal que, lambido, mata infalivelmente em 24 horas. Mas, para fazer justiça à grande clemência desse príncipe e ao zelo que tem da vida dos seus súditos (no que fora muito para desejar o imitassem os monarcas da Europa), cumpre declarar, em sua honra, que se dão ordens rigorosas para se lavarem muito bem as partes infeccionadas do soalho depois de cada execução, correndo os criados que

descuram dessas ordens o perigo de lhe incidirem no real desprazer. Eu mesmo o ouvi dar instruções para que lhe açoitassem um pajem, a quem coubera encarregar-se da limpeza do pavimento depois de uma execução, mas que, maldoso, deixara de fazê-lo; em resultado do que, indo a uma audiência um jovem senhor, no qual se depositavam grandes esperanças, fora infelizmente envenenado, muito embora o rei não alimentasse projeto nenhum contra a sua vida naquela ocasião. Mas foi indulgente o bom príncipe que perdoou a surra ao pobre pajem, mediante a promessa de que não tornaria a fazer aquilo sem ordens especiais.

Encerrada esta digressão, depois de me haver arrastado até umas quatro jardas do trono, ergui-me de mansinho sobre os joelhos e, logo, batendo sete vezes a cabeça no chão, pronunciei as seguintes palavras, que me haviam sido ensinadas na véspera: “*Ickpling gloffthrobb squutserumm blhiop mlashnalt zwin tnodbalkguffh thiophad kurdlubk asht.*” Este é o cumprimento, estabelecido pelas leis da terra, para todas as pessoas entradas à presença do rei. Pode ser traduzido em vernáculo da seguinte maneira: “Possa Vossa Celeste Majestade sobreviver ao sol 11 luas e meia!” Deu Sua Majestade uma resposta qualquer, a que eu, suposto não a entendesse, respondi segundo me haviam ensinado: “*Fluft drin yalerick dwuldom prastrad mirpush*”, o que significa “A minha língua está na boca do meu amigo”, querendo dizer esta frase que eu pedia licença para trazer o meu intérprete, sendo, conseqüentemente, introduzido o já citado mancebo, por cuja intervenção respondi a tantas perguntas quantas me pôde fazer Sua Majestade no espaço de uma hora. Eu falava no idioma balnibarbiano, e o intérprete repetia as minhas palavras no de Luggnagg. Deleitou-se imenso o rei com a minha companhia e determinou ao seu *bliffmarklub*, ou camareiro-mor, que nos destinasse aposentos na corte, a mim e ao meu intérprete, com uma ração diária para a minha mesa e uma grande bolsa de ouro para as minhas despesas comuns.

Permaneci três meses nesse país em perfeita obediência às determinações de Sua Majestade, que se dignou favorecer-me altamente, e me fez honrosíssimos oferecimentos. Mas cuidei ser mais consistente com a prudência e a justiça passar o resto dos meus dias com minha esposa e família.

X

Elogiados os luggnagguianos. Circunstanciada descrição dos struldbrugs, com muitas conversações entre o autor e algumas pessoas eminentes sobre o assunto.

Os luggnagguianos são um povo cortês e generoso; e embora não sejam destituídos de alguma dose do orgulho peculiar a todos os países orientais, tratam polidamente os estrangeiros, sobretudo os que são favorecidos pela corte. Eu tinha muitos conhecidos entre as pessoas de melhor posição; e como andasse acompanhado sempre do intérprete, não era desagradável a conversação que travamos.

Um belo dia, encontrando-me em excelente companhia, perguntou-me alguém “se eu já vira alguns dos seus *struldbrugs*, ou imortais?” Respondi que não vira; e pedi me explicassem por que se applicava uma apelação dessa ordem a uma criatura mortal. Contou o meu interlocutor que às vezes, posto que muito raramente, adergava uma criança de nascer, nalguma família, com uma pinta vermelha e circular na testa, exatamente em cima da sobrancelha esquerda, o que representava sinal infalível de que nunca haveria de morrer. A pinta, como ele a descreveu, tinha aproximadamente o tamanho de uma moeda de prata de três *pence*, mas aumentava com o perpassar do tempo e mudava de cor: pois tornava-se verde aos 12 anos, e assim continuava até os 24, quando novamente mudava para uma coloração azul escura; aos 45 ficava de um negro de carvão, e do tamanho de um xelim inglês; mas, depois disso, não mais se alterava. Ajuntou serem tão raros esses nascimentos que não cria pudesse haver mais de 1.100 *struldbrugs*, de ambos os sexos, em todo o reino; dos quais calculava existirem cerca de cinquenta na metrópole e, entre os restantes, uma menina nascida havia uns três anos; essas produções não eram peculiares a nenhuma família, mas simples efeito do acaso; e os filhos dos próprios *struldbrugs* eram mortais como o resto do povo.

Confesso francamente que me possuiu indizível contentamento ao ouvir essa notícia e, como a pessoa que me dera sucedesse compreender a língua balnibarbiana, que eu falava muito bem, não me contive que não desse largas a algumas expressões porventura um pouco extravagantes. Exclamei, como num rapto: “Nação feliz, onde toda criança tem uma possibilidade, pelo menos, de ser imortal! Povo feliz, que se extasia em tantos exemplos vivos da virtude antiga, e tem mestres prontos a instruí-lo na sabedoria de todos os séculos passados! Incomparavelmente mais felizes, porém, são esses excelentes *struldbrugs* que, isentos da calamidade universal da natureza humana ao nascer, têm livre e despeado o espírito, sem o peso e o desalento provocados pela contínua apreensão da morte.” Mostrei-me admirado de não ter visto na corte nenhuma dessas ilustres pessoas; pois a pinta negra na testa

era um característico tão notável que difficilmente me teria passado despercebido; e era impossível que Sua Majestade, príncipe judiciosíssimo, não se rodeasse de bom número de conselheiros tão discretos e capazes. Mas talvez a virtude desses reverendos sábios fosse demasiado rígida para os costumes libertinos e corruptos de um paço, e não raro verificamos, pela experiência, serem os jovens tão opiniosos e mudáveis que não se deixam guiar pelas máximas graves dos mais velhos. Sem embargo, uma vez que o rei se dignava permitir-me o acesso à sua real pessoa, eu estava decidido, na primeira ocasião, a dar-lhe o meu parecer sobre o assunto franca e longamente, com o auxílio do intérprete; e, aceitasse ele ou não o meu conselho, a uma coisa me determinara: como Sua Majestade me havia convidado, amiudadas vezes, a estabelecer-me no país, aceitaria, com grande reconhecimento o favor, e passaria aqui a minha vida conversando estes seres superiores, os *struldbrugs*, fossem servidos admitir-me à sua presença.

O cavalheiro a quem dirigi o meu discurso, porque (segundo já observei) falava o idioma de Balnibarbi, disse-me com uma espécie de sorriso, que de ordinário lhe acode na presença de um ignorante, que se gozava de todos os motivos que me conservassem entre eles, e pedia a minha permissão para explicar aos circunstantes o que eu dissera. Assim o fez, e eles falaram durante largo tempo em sua língua, da qual eu não entendia patavina, não podendo tampouco observar-lhes no semblante a impressão que lhes causava o meu discurso. Depois de breve silêncio, disse o mesmo cavalheiro que os amigos dele e meus (pois assim lhe aprouve expressar-se) tinham gostado muitíssimo dos meus judiciosos reparos sobre a grande felicidade e as grandes vantagens da immortalidade, e desejavam conhecer, pormenorizadamente, o plano de vida que eu formaria se me tivesse acontecido nascer *struldbrug*.

Respondi que era fácil ser eloquente sobre tão copioso e aprazível assunto, em especial para mim, que muita vez me deleitava com visões do que faria, se fosse rei, general, ou grande senhor; e nesse mesmíssimo caso, pensara amiúde no emprego das minhas atividades e do meu tempo se tivesse a certeza de viver para sempre.

— Se eu tivesse tido a boa fortuna de nascer *struldbrug*, tanto que desse tino da minha ventura, compreendendo a diferença entre a vida e a morte, buscaria primeiro, por meio de quaisquer métodos e artes, amanhar cabedais para mim, podendo razoadamente esperar que, nesse afã, ajudado da poupança e da boa administração, viria a ser, em duzentos anos, o homem

mais rico do reino. Em segundo lugar, aplicar-me-ia, desde a minha primeira mocidade, ao estudo das ciências e das artes, nas quais haveria, com o tempo, de avantajar-me a todos. Finalmente, poria em lembrança todos os atos e eventos importantes que publicamente se verificassem, e descreveria com imparcialidade as diversas sucessões de príncipes e ministros de Estado, com as minhas próprias observações sobre todos os pontos. Registraria com precisão as diversas mudanças dos costumes, da língua, das modas, das dietas e das diversões, e me transformaria, em resultado de todos esses conhecimentos, num grande tesouro de saber e sabedoria, tornando-me, sem dúvida, no oráculo do país.

“Nunca me casaria depois dos sessenta, mas viveria de forma hospitaleira, se bem continuasse a poupar. Entregar-me-ia à formação e à direção espiritual dos mancebos de quem muito se pudesse esperar, convencendo-os, pela minha lembrança, experiência e observação próprias, fortalecidas por numerosos exemplos, da utilidade da virtude na vida pública e privada. Mas os meus companheiros escolhidos e constantes seriam um grupo dos meus irmãos imortais, entre os quais elegeria 12, desde os mais antigos até os contemporâneos. Se a alguns deles faltassem bens de fortuna, eu lhes proporcionaria cômodas habitações, à roda das minhas propriedades, e sempre teria diversos à minha mesa, ajuntando-lhes apenas uns poucos dos que entre vós, mortais, tivessem maior valor, e que eu, endurecido pelo tempo, viria a perder com pouca ou nenhuma relutância, tratando da mesma forma a vossa posteridade, como homem que se diverte com a sucessão anual de cravos e tulipas no jardim sem lamentar a perda dos que murcharam no ano anterior.

“Esses *struldbrugs* e eu nos comunicaríamos mutuamente observações e apontamentos, no transcorrer do tempo; notaríamos as diversas graduações pelas quais se insinua a corrupção no mundo e a buscaríamos atalhar a cada passo, advertindo e instruindo perpetuamente os homens; o que, acrescentado à vigorosa influência do nosso próprio exemplo, impediria provavelmente a contínua degeneração da natureza humana, tão justamente lamentada em todas as épocas.”

Ajuntei a isto o prazer de presenciar as várias revoluções dos Estados e impérios; as alterações do mundo inferior e superior; cidades antigas em ruínas e aldeias obscuras convertidas em residências de reis; rios famosos que mingnam, mudando-se em riachos pouco profundos; o oceano que deixa seca uma praia e noutra se extravasa; o descobrimento de muitos países ainda

desconhecidos; a barbaria que devasta as nações mais civilizadas e a civilização que se apodera das mais bárbaras. Eu assistiria ao descobrimento da longitude, do movimento perpétuo, da medicina universal e veria muitas outras grandes invenções levadas à máxima perfeição.

— Que maravilhosos descobrimentos não faríamos na astronomia, sobrevivendo às nossas próprias previsões e confirmando-as; observando os progressos e regressos dos cometas, e as mudanças de movimento do sol, da lua e das estrelas!

Estendi-me sobre muitos outros tópicos, que me podia facilmente proporcionar o natural desejo da vida eterna e da felicidade sublunar. Quando terminei, e a síntese do meu discurso foi traduzida como antes para o resto da companhia, conversaram longamente os circunstantes na língua do país e algum tanto se riram à minha custa. Afinal, o mesmo cavalheiro que fora meu intérprete afirmou: que os outros lhe haviam pedido me corrigisse alguns enganos, cometidos em razão da imbecilidade comum da natureza humana, e que me eram, por isso, menos imputáveis. A raça dos *struldbugs* era peculiar ao país deles, pois não os havia nem em Balnibarbi nem no Japão, onde tivera a honra de ser embaixador de Sua Majestade, verificando que os naturais desses dois reinos dificilmente criam fosse possível o fato; e inferia-se do meu pasmo, quando ele me falara pela primeira vez no assunto, que eu o recebera como coisa inteiramente nova, e apenas crível. Nos dois reinos supramencionados, onde conversara muito durante a sua residência, observara ser a vida longa o desejo e o anseio universais da espécie humana. Quem quer que tivesse um pé no túmulo fatalmente se firmava no outro com o maior vigor possível. Os mais velhos ainda tinham esperanças de viver um dia mais, e consideravam a morte o maior dos males, do qual a natureza os dispunha sempre a se arredarem. Somente nesta ilha de Luggenagg era o apetite do viver menos ardente, por terem diante dos olhos o contínuo exemplo dos *struldbugs*.

O plano de vida por mim ideado era desarrazoado e injusto, porque supunha uma perpetuidade de juventude, saúde e vigor que ninguém poderia ter a parvoíce de esperar, por extravagantes que fossem os seus desejos. Não se tratava, portanto, de querer um homem conservar-se no vigor da mocidade, próspero e sadio; mas de como passaria uma vida perpétua, com todas as desvantagens que traz habitualmente consigo a velhice; pois suposto que poucos confessem o desejo de ser imortais, em tão duras condições, observara nos dois reinos supracitados, de Balnibarbi e do Japão, que todos

os homens desejavam adiar um pouco mais a morte, por mais tarde que esta chegasse; e nunca soubera de ninguém que morresse satisfeito, a menos de a tanto o levarem extremos de dor ou de tortura. E pedia-me declarar se nos países que eu viajara, bem como no meu, não observara a mesma disposição geral.

Terminado este prefácio, deu-me circunstanciada notícia dos *struldbrugs* que lá viviam. Disse que, de ordinário, se haviam como os mortais até aos trinta anos; depois dessa idade, senhoreavam-nos, gradativamente, a tristeza e o desalento, que aumentavam até os oitenta. Soubera disso pela própria confissão deles; pois, como não nasciam mais de dois ou três em cada época, a sua pouquidade não permitia uma observação geral. Quando completavam oitenta anos, idade tida nesse país como o limite máximo da vida, tinham não só toda a insensatez e todas as enfermidades dos outros velhos, senão muitas outras, nascidas da medonha perspectiva de nunca morrer. Não somente eram opiniáticos, rabugentos, avaros, impertinentes, tolos, tagarelas, mas também incapazes de amizade, e mortos para todos os afetos naturais, que nunca sobrepassavam os netos. A inveja e os desejos impotentes eram as suas paixões predominantes. Mas os objetos principais da primeira são os vícios dos moços e a morte dos velhos. Refletindo naqueles, vêm-se privados de toda a possibilidade de prazer; e sempre que assistem a um enterro, lamentam e lastimam que hajam outros chegado a um porto de repouso, a que nunca esperam chegar. Lembram-se tão somente do que aprenderam e observaram na juventude, na idade viril, e até essas lembranças são muito imperfeitas; e, no que concerne à autenticidade dos pormenores de um fato qualquer é mais seguro fiar-se a gente na tradição comum do que em suas melhores recordações. Os menos desgraçados entre eles parecem ser os que, com a caduquice, perdem a memória; estes encontram maior piedade e assistência por carecerem de muitas qualidades más em que abundam os outros.

“Se calha um *struldbrug* de matrimoniarse a uma criatura da sua espécie, o casamento é naturalmente dissolvido por mercê do reino, assim que o mais moço chega aos oitenta anos; pois entende a lei ser razoada indulgência que uma pessoa condenada, sem culpa, a uma eterna permanência no mundo não tenha duplicadas as suas misérias pelo encargo de uma esposa.

“Logo que cumprem oitenta anos considera-os mortos a lei; os herdeiros passam a usufruir-lhes as propriedades; reservando-se-lhes para o sustento uma pequena pitança; e sendo os pobres sustentados pelo Estado. Depois

desse período, são tidos por incapazes de qualquer ocupação de confiança ou de proveito; não podem comprar terras nem fazer contratos de arrendamento; nem lhes é permitido servirem de testemunhas em causa nenhuma, cível ou criminal, nem sequer na decisão das questões de limites.

“Aos noventa, perdem os dentes e os cabelos; já nessa idade não distinguem nada pelo gosto, mas comem e bebem o que se lhes apresenta sem prazer nem apetite. As moléstias a que estavam sujeitos continuam, sem aumentar nem diminuir. Ao falarem, esquecem-lhes a denominação comum das coisas e os nomes das pessoas, até os dos amigos e parentes mais chegados. Pela mesma razão, nunca se podem saborear de uma leitura, pois a memória não os ajuda a irem do princípio ao fim de uma sentença; e esse defeito os priva do único entretenimento de que poderiam, de outro modo, ser capazes.

“Como a língua deste país sofre contínuas modificações, os *struldbrugs* de uma época não compreendem os de outra nem lhes é possível, depois de duzentos anos, travarem conversação alguma (além de umas poucas palavras gerais) com os seus vizinhos, os mortais; e têm assim a desvantagem de viver como estrangeiros em sua própria terra.”

Tal foi a notícia que me deram dos *struldbrugs*, segundo me é dado recordar. Vi, depois disso, cinco ou seis de épocas diferentes, o mais moço dos quais não tinha mais de duzentos anos, trazidos, em diversas ocasiões, por alguns amigos; mas conquanto lhes dissessem que eu era um grande viajante, e vira o mundo inteiro, não tiveram a menor curiosidade de me fazer uma pergunta; pediram, tão somente, que eu lhes desse *slumskudask*, ou seja, uma lembrança; modesta maneira de mendigar burlando a lei, que proíbe terminantemente a mendicância, pois são sustentados pelo Estado, embora recebam, de fato, escassíssima pensão.

Toda a gente os odeia e despreza. O nascimento de um deles é considerado mau presságio e muito acuradamente registrado, de forma que podemos conhecer-lhes a idade consultando o registro, o qual, todavia, ou não vai além de mil anos ou foi destruído pelo tempo ou pelas comoções públicas. Mas a maneira usual de calcular-lhes a idade consiste em perguntar-lhes de que reis ou grandes personagens se lembram e, depois, consultar a história; pois é infalível que o último príncipe cuja lembrança lhes acode ao espírito não tenha principiado a reinar depois de haverem eles completado oitenta anos.

Constituíam o espetáculo mais mortificante que eu já vira; e as mulheres

eram ainda mais horríveis do que os homens. Além das costumeiras deformidades da velhice extrema, adquiriam elas uma palidez medonha, proporcionada ao número de anos, que se não pode descrever; e entre meia dúzia não tardei em distinguir a mais velha, se bem não mediasse entre elas mais de um século, ou dois.

Acreditará facilmente o leitor que, depois do que vi e ouvi, o meu grande anseio de perpetuidade decresceu muitíssimo. Envergonharam-me profundamente as deleitosas visões que eu imaginara, e cuidei que tirano algum poderia inventar uma morte a que eu não me atirasse com prazer para fugir a tal vida. Soube o rei de quanto se passara entre mim e os meus amigos nessa ocasião e meteu-me galhofeiramente a riso; desejando que eu pudesse mandar um casal de *struldbrugs* para a minha terra, a fim de armar o nosso povo contra o medo da morte; mas parece que isto é proibido pelas leis fundamentais do reino, pois, do contrário, eu me teria encarregado com prazer do trabalho e da despesa de transportá-los.

Não pude menos que concordar em que as leis desse reino relativas aos *struldbrugs* se amparavam em robustíssimas razões, e eram tais que qualquer outro país se teria visto na necessidade de promulgar, em idênticas circunstâncias. Pois, do contrário, sendo a avareza a consequência necessária da velhice, tornar-se-iam com o tempo esses imortais proprietários de toda a nação, e monopolizariam o poder civil, o qual, por falta de habilidade em seu manejo, redundaria, fatalmente, na ruína do povo.

O autor sai de Luggnagg e embarca para o Japão. Torna daí, num navio holandês, a Amsterdã e de Amsterdã à Inglaterra.

Julguei que esse relato sobre os *struldbrugs* poderia encerrar algum interesse para o leitor, porque parece ser algo fora do comum; pelo menos, não me lembro de haver encontrado coisa semelhante em nenhum livro de viagens que me chegou às mãos; e, se me equivoco, há de consistir a minha desculpa em que é necessário para os viajantes que descrevem o mesmo país concordarem na descrição de muitos pormenores, sem merecer a censura de haverem copiado ou transcrito de autores precedentes.

Há, de fato, um perpétuo comércio entre esse reino e o grande império do Japão; e é muito provável que os autores japoneses tenham escrito alguma coisa tocante aos *struldbrugs*; mas foi tão curta a minha estada nesse império, e eu era tão estranho à língua, que me seria de todo impossível proceder a indagações. Espero todavia que aos holandeses, sabedores disto, não lhes falte curiosidade e habilidade para suprirem as minhas faltas.

Tendo a miúdo apertado comigo que eu aceitasse um cargo em sua corte e vendo-me absolutamente determinado a regressar à minha terra natal, houve por bem Sua Majestade consentir em minha partida; e honrou-me com uma carta de recomendação, de seu próprio punho, para o Imperador do Japão. Fez-me, outrossim, presente de 444 moedas grandes de ouro (este país adora os números pares) e um diamante vermelho, que vendi na Inglaterra por 1.100 libras.

No dia 6 de maio de 1709 levei as minhas solenes despedidas a Sua Majestade e aos meus amigos. Foi o príncipe graciosamente servido ordenar que um guia me conduzisse a Glanguenstald, porto real situado na parte sudoeste da ilha. Seis dias depois encontrei um navio equipado para me levar ao Japão, e gastei 15 dias na viagem. Desembarcamos num pequeno porto chamado Xamoschi, situado na parte sueste do país; fica a cidade do lado ocidental, onde há um apertado estreito que conduz, na direção de norte, para um longo braço de mar, em cuja parte noroeste se ergue Iedo, a metrópole. Ao desembarcar, exhibi ao funcionário da alfândega a minha carta do rei de Luggnagg a Sua Majestade Imperial. O selo era perfeitamente conhecido; tinha a largura da palma da minha mão. A sua impressão representava “um rei a levantar um mendigo da terra”. Tendo ouvido falar da minha carta, o magistrado da cidade recebeu-me como a um ministro público; forneceram-me carros e criados e pagaram-me as despesas até Iedo, onde fui recebido em audiência, e entreguei a minha carta, aberta com grande cerimônia e explicada ao imperador por um intérprete; o qual então me instruiu, por

ordem do soberano, de que eu devia fazer o meu pedido e, fosse ele qual fosse, seria atendido, em obséquio ao seu real irmão de Luggnagg. Esse intérprete era uma pessoa encarregada de realizar transações com os holandeses; logo conjecturou, pelos meus traços, que eu fosse europeu e me repetiu, portanto, as ordens de Sua Majestade em baixo holandês, que ele falava perfeitamente bem. Respondi, como já decidira antes, que eu era um negociante holandês, naufragado num país muito remoto, de onde viajara, por terra e por mar, a Luggnagg e, lá, tomara um navio para o Japão, onde sabia que os meus compatriotas mercadejavam com frequência, e esperava que entre eles se me deparasse azo de voltar à Europa; rogava, portanto, ao seu real favor, fosse ordenado que, a meu salvo, me conduzissem a Nangasaque. A esta ajuntei outra petição, “que, por amor do meu paraninfo, o rei de Luggnagg, condescendesse Sua Majestade em poupar-me à execução da cerimônia imposta aos meus compatriícios de pisar no crucifixo; porque eu fora atirado àquele reino pelos meus infortúnios, sem qualquer propósito de comerciar”. Quando a última petição foi traduzida para o imperador, este se mostrou algo surpreendido, e disse “acreditar fosse eu o primeiro dos meus conterrâneos que escrupulava sequer em fazê-lo; e principiava a duvidar que eu fosse realmente holandês; suspeitando antes que fosse cristão”. Sem embargo, em vista das razões que eu apresentara e, maiormente, para dar ao Rei de Luggnagg uma prova extraordinária do seu favor, acederia às singularidades do meu capricho; mas havia de ser o caso tratado com habilidade, e os seus funcionários receberiam ordens para me deixar passar, por assim dizer, por descuido; pois me assegurou que “se os meus patrícios holandeses viessem a descobrir o segredo, cortar-me-iam o pescoço durante a viagem”. Expressei os meus agradecimentos, através do intérprete, por tão inusitada mercê; e, como estivessem, nessa ocasião, algumas tropas em marcha para Nangasaque, o oficial comandante recebeu ordens para me levar a bom recado até lá com instruções especiais sobre a história do crucifixo.

No dia 9 de junho de 1709 cheguei a Nangasaque, depois de uma viagem longa e penosa. Logo me acamaradei com alguns marujos holandeses, pertencentes ao *Amboyne*, de Amsterdã, sólido navio de 450 toneladas. Eu vivera na Holanda muito tempo, estudara em Leida, e falava bem o holandês. Os marinheiros não tardaram a saber de que sítio eu acabava de chegar; curiosos, entraram a indagar-me das viagens e da vida. Inventei a história mais curta e provável, ocultando, porém, a maior parte. Conhecia muitas pessoas na Holanda; pude assim inventar nomes para meus pais, que

declarei serem gente obscura da província de Guelderland. Eu estava disposto a dar ao capitão (um tal Teodoro Vangrult) o que lhe aprouvesse pedir-me pela viagem; sabendo-me, porém, cirurgião, contentou-se com a metade do preço comum, exigindo apenas que eu o servisse no exercício da minha profissão. Antes de embarcarmos, muitas vezes me perguntaram, alguns marujos, se eu executara a cerimônia supramencionada? Iludi as perguntas por meio de respostas gerais: que satisfizera o imperador e a corte em todos os pormenores. Não obstante, um marinheiro, maldoso e velhaco, dirigiu-se a um oficial e, apontando para mim, disse-lhe “que eu não pisara no crucifixo”; mas o outro, que recebera instruções para me deixar passar, deu vinte pancadas com uma vara de bambu nos ombros do patife, depois do que não tornei a ser molestado com perguntas dessa ordem.

Nada sucedeu nessa viagem digno de menção. Navegamos com vento favorável até ao cabo da Boa Esperança, onde somente nos detivemos para fazer aguada. A 10 de abril de 1710, chegamos sãos e salvos a Amsterdã, tendo perdido apenas três homens por doença, e um quarto, que caiu do mastro do traquete ao mar, não muito longe da costa da Guiné. De Amsterdã fizemo-nos logo depois de vela para a Inglaterra, numa pequena embarcação pertencente a esta cidade.

No dia 16 de abril aportamos nas Dunas. Desembarquei na manhã subsequente e vi mais uma vez a minha terra natal, depois de uma ausência de cinco anos e seis meses completos. Fui diretamente para Redriff, onde cheguei no mesmo dia às duas horas da tarde, e encontrei minha mulher e minha família gozando saúde.

Parte IV

Viagem ao país dos Houyhnhnms

I

Embarca o autor como capitão de um navio. Os seus homens conspiram contra ele, prendem-no por longo tempo em seu camarote e depositam-no em terra, num país desconhecido. Ele caminha pelo país adentro. Descrevem-se os Yahoos, estranha casta de animais. Encontra-se o autor com dois Houyhnhnms.

Permaneci em casa com minha esposa e filhos cerca de cinco meses, e teria sido muito feliz, se tivesse aprendido a saber quando me achava bem. Mas deixei minha pobre esposa grávida e aceitei uma vantajosa oferta que me fizeram para ser capitão do *Adventure*, robusto navio mercante de 350 toneladas: pois, conhecedor da arte de navegação e cansado do ofício de médico de bordo, que, não obstante, poderia exercer a qualquer momento, levei em meu navio um hábil mancebo dessa profissão, um tal Robert Purefoy. Fizemo-nos à vela de Portsmouth no sétimo dia de setembro de 1710; no dia 14 encontramos o capitão Pocock, em Tenerife, que aproara à baía de Campeche, para cortar madeira. No dia 16, alongou-o de nós uma procela; e eu soube, ao regressar, que o seu navio foi a pique e ninguém se salvou, exceto o grumete. Era um honrado homem e bom marinheiro, mas algo pertinaz em suas opiniões, o que foi a causa da sua destruição, como o foi de vários outros; pois se me tivesse seguido os conselhos poderia estar, como eu, neste momento, são e salvo em casa, junto da família.

Morreram-me de calenturas diversos homens no navio, de sorte que fui obrigado a recrutar gente nas ilhas Barbada e Leeward, onde toquei, por determinação dos mercadores que me haviam contratado; do que logo me sobejaram razões para me arrepender, pois não tardei em verificar que quase todos haviam sido flibusteiros. Eu tinha cinquenta mãos a bordo e recebera ordens para negociar com os indígenas do Mar do Sul e fazer os descobrimentos que pudesse. Os bragantes que eu apanhara perverteram-me os outros homens e fizeram todos uma conspiração para apresar o navio e prender-me, o que levaram a efeito certa manhã, invadindo-me violentamente o camarote e amarrando-me pés e mãos, ao mesmo tempo que ameaçavam lançar-me ao mar, se eu resistisse. Declarei “que era prisioneiro deles e me submeteria”. Forçaram-me a jurá-lo e, a seguir, me desataram prendendo-me apenas umas das pernas, com uma corrente, perto da cama, e colocando uma sentinela à porta com arma embalada e instruções para me matar se eu tentasse fugir. Mandaram-me virtualhas e bebidas e tomaram conta do navio. Tencionavam piratear e saquear os espanhóis, o que não poderiam fazer enquanto não tivessem mais gente. Mas deliberaram vender primeiramente as mercadorias do navio e aprobejar em seguida a Madagascar em busca de recrutas, pois vários dentre eles morreram depois da minha reclusão. Navegaram muitas semanas e mercanciaram com os indígenas; mas eu desconhecia o rumo que tinham tomado, pois, aprisionado no camarote,

esperava apenas que me trucidassem, como frequentemente ameaçavam fazer.

No dia 9 de maio de 1711, um tal James Welch desceu ao meu camarote e declarou que tinha ordens do capitão para me deixar em terra. Contendi com ele, mas embalde, nem sequer o persuadei a dizer-me quem era o novo capitão. Obrigaram-me a entrar num bote, permitindo-me vestir o meu fato melhor, que estava quase novo, e levar um embrulhozinho de roupas brancas, mas nenhuma arma, exceto a minha adaga, e tiveram a cortesia de não me vasculharem os bolsos, em que eu enfiara o dinheiro que possuía, além de outros objetozinhos necessários. Remaram cerca de uma légua e, depois, me deixaram num baixio. Pedi-lhes me dissessem que país era aquele. Juraram todos que sabiam tanto quanto eu, ajuntando que o capitão (como lhe chamavam) decidira, vendida a carga, livrar-se de mim na primeira ocasião em que avistassem terra. Afastaram-se imediatamente, aconselharam-me a não perder tempo, a fim de que me não surpreendesse a maré, e assim me disseram adeus.

Nessa triste situação, transpus a distância que separava o escolho do continente e logo cheguei à terra firme, onde me assentei num outeiro para descansar e refletir na melhor decisão que me cumpria tomar. Depois de me haver refocilado um pouco, aventurei-me pela terra a dentro, resolvido a entregar-me aos primeiros selvagens que encontrasse e negociar com eles a minha vida a troco de alguns braceletes e anéis de vidro e outras bugigangas de que se munem ordinariamente os marinheiros nessas viagens, e das quais eu trazia algumas. Dividiam a terra longas fileiras de árvores, não regularmente plantadas, senão que naturalmente nascidas; havia grande quantidade de relva e diversos campos de aveia. Caminhei com muita cautela, temendo ser surpreendido ou atingido de improviso por uma seta que viesse de detrás ou dos lados. Entrei numa estrada batida, onde vi muitos sinais de pés humanos, alguns de vacas, mas a maioria de cavalos. Avistei, por fim, diversos animais num campo, e um ou dois da mesma espécie encarapitados em árvores. Eram singularíssimos e informes, o que me desconcertou um pouco, de sorte que me quedei atrás de uma moita para observá-los melhor. E como alguns se avizinhassem do sítio em que eu me achava, tive ensejo de reparar-lhes distintamente na forma. Tinham a cabeça e o peito cobertos de pelos grossos, crespos em alguns e lisos em outros; barbudos como cabras, uma longa fileira de pelos descia-lhes pelas costas e pela parte anterior das pernas e dos pés; era nu, todavia, o resto do corpo por maneira que pude ver-

lhes a pele, de uma coloração castanha de camurça. Não tinham rabo nem pelos no traseiro, a não ser no ânus, que, a meu ver, a natureza fez piloso por maior proteção dos respectivos donos quando se assentassem no chão, pois, ou ficavam nessa posição, ou se deitavam, ou se erguiam, frequentemente, sobre as patas traseiras. Trepavam em árvores altas com a ligeireza de esquilos, visto que possuíam robustas garras na frente e atrás, afiladas e ganchosas. Davam saltos, pulos e pinchos com prodigiosa agilidade. As fêmeas eram menores do que os machos; ostentavam longos cabelos lisos na cabeça, mas nenhum no rosto, nem outra coisa no resto do corpo que uma penugem, exceto no ânus e nas partes pudendas. As mamas lhes pendiam entre as patas dianteiras e chegavam, muita vez, a varrer o chão quando elas caminhavam. Os cabelos, em ambos os sexos, eram de variegadas cores, castanhos, vermelhos, pretos e amarelos. Numa palavra, nunca vi, em todas as minhas viagens, animal tão desagradável, ou contra o qual eu naturalmente concebesse tão vigorosa antipatia; de sorte que, julgando já ter visto o suficiente, cheio de desprezo e repugnância, levantei-me e voltei a caminhar pela estrada batida esperando que ela pudesse conduzir-me à cabana de algum indígena. Não me distanciara muito quando topei com uma dessas criaturas na minha frente, que se aproximava de mim. O horrendo monstro, quando me viu, contorceu de várias maneiras o rosto e cravou em mim os olhos como num objeto que nunca vira; em seguida, acercando-se um pouco mais, ergueu a pata dianteira, por curiosidade ou velhacaria, não sei, mas arranquei da minha adaga e desferi-lhe uma boa pancada com o lado sem gume, pois não me atrevi a fazê-lo com o outro, temendo provocar contra mim os habitantes, se viessem saber que eu matara ou mutilara algum dos seus animais. Sentindo o golpe, retrocedeu a fera e berrou tão alto que pelo menos quarenta outras me cercaram, vindas do campo mais próximo, uivando e fazendo horríveis carantonhas; mas corri para o tronco de uma árvore e, encostando-me nele, mantive-as afastadas brandindo a minha adaga. Alcançando, porém, os galhos atrás de mim, vários membros da maldita canalha treparam na árvore, de onde se puseram a atirar-me os seus excrementos na cabeça; evitei-as, contudo, muito bem, conchegando-me estreitamente ao tronco, mas quase me sufocaram as sujidades que caíam de todos os lados.

No meio dessa aflição, notei que todos entraram inopinadamente a correr o mais depressa que podiam; pelo que me afoitei a deixar a árvore e tornar à estrada, parafusando no que os poderia ter assustado tanto. Olhando,

porém, à esquerda, vi um cavalo a trotar, descansado, pelo campo o qual, avistado antes pelos meus perseguidores, fora a causa da sua fuga. O cavalo estremeceu um pouco ao chegar-se a mim, mas, volvendo logo em si, encarou atentamente comigo, dando evidentes mostras de surpresa. Examinou-me as mãos e os pés, andando várias vezes à minha roda. Eu teria prosseguido em meu caminho, mas ele se postou na minha frente, embora continuasse a fitar-me com brandura extrema, sem oferecer a mínima violência. Miramo-nos um no outro durante algum tempo; por fim, tive a ousadia de estender a mão para o seu pescoço, com a tenção de acariciá-lo, assobiando e procedendo como os tratadores de cavalos ao lidarem com um animal estranho. Pareceu, contudo, o cavalo receber com desdém as minhas civilidades, sacudiu a cabeça e inclinou a fronte, erguendo delicadamente a pata dianteira direita para me afastar a mão. Em seguida, reclinou três ou quatro vezes, mas com tão diversas cadências que quase comecei a pensar que ele falasse entre si, nalgum idioma seu.

Enquanto nos achávamos destarte entretidos, outro cavalo chegou e dirigiu-se ao primeiro de forma sobremodo cerimoniosa, tocando cada qual, gentilmente, o casco dianteiro direito do outro, rinchando várias vezes, alternadamente, e modificando o som, que parecia quase articulado. Afastaram-se alguns passos, como se quisessem conferenciar, caminhando um a par do outro, para a frente e para trás, como pessoas que discutissem algum assunto de peso, mas voltando os olhos com frequência para mim, a fim de terem a certeza, para assim dizer, de que eu não fugira. Pasmei de ver tais atos e procedimentos em irracionais; e entre mim concluí que, se os habitantes desse país fossem dotados de um grau proporcionado de razão, deveriam ser o povo mais sábio da terra. Confortou-me por tanta maneira essa ideia que decidi continuar, até descobrir alguma casa ou aldeia, ou topar com algum dos nativos, deixando os dois cavalos a discutir como bem entendessem. Mas vendo o primeiro, um cavalo ruço rodado, que eu me escapava, nitriu de maneira tão expressiva, que supus entender o que ele queria dizer pelo que me voltei e avizinhei-me dele, à espera de suas novas ordens, disfarçando, porém, o melhor que pude, os meus receios, pois já começavam a afligir-me os possíveis resultados dessa aventura; o leitor acreditará facilmente que não me agradava muito a minha presente situação.

Os dois cavalos acercaram-se ainda mais e puseram-se a olhar-me com grande atenção para o rosto e para as mãos. O ginete ruço esfregou-me o chapéu com o casco dianteiro direito, e de tal maneira mo descompôs que fui

obrigado a tirá-lo para o arrumar melhor e colocá-lo outra vez pelo que assim ele como o companheiro (um baio escuro) pareceram muito surpreendidos; o último tocou-me a aba do casaco e, vendo-a solta, olharam-me com novas mostras de assombro. Afagou-me a mão direita, parecendo admirar-lhe a maciez e a cor; mas apertou-a com tanta força entre o casco e a quartela que fui obrigado a berrar, depois do que os dois me tocaram com a maior delicadeza. Deixavam-nos extraordinariamente perplexos os meus sapatos e meias, que tocavam a cada passo, nitrindo um para o outro, e empregando vários gestos que lembravam os de um filósofo a braços com algum problema novo e difícil.

Em resumo, era tão ordenado e racional, tão sagaz e judicioso o procedimento desses animais que, afinal, concluí deverem ser mágicos que se haviam assim metamorfoseado com um propósito qualquer e que, dando com um estranho no caminho, tinham resolvido divertir-se com ele ou talvez estivessem realmente pasmados à vista de um homem tão diverso no traje, nos traços e na tez dos que provavelmente habitariam um clima tão remoto. Estribado nesse raciocínio, abalancei-me a dirigir-lhes o seguinte discurso: “Senhores, se fordes exorcistas, como tenho boas razões para crer, podeis compreender qualquer língua; assim sendo, tomo a liberdade de significar a vossas excelências que sou um pobre e lastimoso inglês, trazido pelos meus infortúnios à vossa terra e suplico a um de vós me permita cavalgá-lo, como se fosse um cavalo de verdade, até algum casa ou aldeia onde eu possa restaurar as minhas forças. A troco desse favor eu vos darei de presente esta faca e este bracelete” — e tirei do bolso os sobreditos objetos. Quedaram em silêncio, enquanto eu falava, as duas criaturas, parecendo ouvir com suma atenção e, quando terminei, rincharam frequentemente uma para a outra, como se estivessem empenhadas nalguma séria conversação. Observei perfeitamente que a sua língua expressava muito bem as paixões e que as palavras poderiam ser reduzidas, sem muito trabalho, a um alfabeto mais facilmente do que as da língua chinesa.

Pude distinguir com frequência a palavra *Yahoo*, repetida por eles diversas vezes e embora me fosse impossível conjecturar-lhe a significação, tentei exercitar a minha língua na pronúncia dessa palavra, enquanto praticavam os dois cavalos, e, tanto que se calaram, articulei afoitamente *Yahoo* em voz alta, imitando, ao mesmo tempo, o melhor que pude, o relinchar de um cavalo à vista do que ficaram ambos visivelmente surpreendidos; e o ruço repetiu duas vezes a mesma palavra, como se

pretendesse ensinar-me a exata acentuação; eu o imitei da melhor maneira, verificando que melhorava perceptivelmente cada vez, embora ficasse ainda muito aquém da perfeição. Em seguida, experimentou-me o baio com uma segunda palavra, muito mais difícil de pronunciar mas que, reduzida à nossa ortografia, pode soletrar-se desta forma, “Houyhnhnm”. Não fui tão bem-sucedido nesta como na primeira; mas depois de duas ou três novas tentativas, tive melhor sorte e ambos pareceram pasmados da minha capacidade. Depois de novos discursos, que supus me dissessem respeito, despediram-se os dois amigos, com o mesmo cumprimento, tocando no casco um do outro e o ruço me advertiu, por meio de sinais, de que eu devia caminhar à sua frente, ao que entendi prudente aceder, enquanto não encontrasse melhor guia. Quando eu afrouxava o passo, ele gritava *Hhuun Hhuun*: compreendendo-lhe a intenção, dava-lhe eu a entender, como podia, que estava cansado e não conseguia andar mais depressa, à vista do que se detinha um pouco e me deixava descansar.

II

O autor é conduzido por um Houyhnhnm à sua casa. Descrição da casa. A acolhida dispensada ao autor. A comida dos Houyhnhnms. O autor, aflito por falta de alimentos, vê-se, afinal, socorrido. A sua maneira de alimentar-se nesse país.

Depois de percorrermos cerca de três milhas, chegamos a uma espécie de edifício comprido, construído de troncos fincados no chão e entrelaçados; o teto era baixo e coberto de palha. Comecei a sentir-me então algum tanto confortado e tomei de alguns brinquedos, que trazem habitualmente os viajantes a fim de presentear os indígenas selvagens da América, e de outras partes, na esperança de inclinar dessa maneira os moradores da casa a me receberem amavelmente. O cavalo fez-me sinal para que entrasse primeiro; era uma sala grande, de chão liso de terra, onde se viam um cocho e uma manjedoura que ocupavam toda a extensão de um dos lados. Havia lá três garranos e duas éguas, que não comiam, achando-se alguns sentados sobre os jarretes, do que muitíssimo me admirei; mas admirei-me ainda mais de os ver desempenhar ofícios domésticos. Pareciam apenas animais comuns; não obstante, confirmaram a minha primeira opinião de que um povo capaz de civilizar irracionais a tal ponto, havia de sobrelevar em sabedoria todas as nações do mundo. O ruço entrou logo depois e, dessa maneira, obstou a quaisquer maus-tratos que os outros me pudessem dispensar. Nitriu diversas vezes com autoridade e deles obteve respostas.

Além desta sala havia três outras ainda, que ocupavam toda a extensão da casa, nas quais entrávamos por meio de três portas, defronte uma da outra, à maneira de uma perspectiva; atravessamos a segunda sala, em direção à terceira. Aqui entrou primeiro o ruço, fazendo-me sinal para esperar. Aguardei-o na segunda sala e preparei os meus presentes para o dono da casa; eram duas facas, três braceletes de pérolas falsas e um colar de contas. Rifou o cavalo três ou quatro vezes, e eu esperei ouvir respostas em voz humana, mas ouvi-as apenas no mesmo dialeto, sendo uma ou duas em tom mais agudo que o seu. Entrei a cuidar que essa casa devia pertencer a alguma pessoa de grande importância entre eles, em vista de toda a cerimônia antecedente à minha admissão. Mas o que eu não compreendia era que um homem de qualidade fosse unicamente servido por cavalos; receei que os padecimentos e infortúnios estavam me conturbando o cérebro; fiz por espertar-me e circunvolvi os olhos, perscrutando a sala em que me haviam deixado; a mobília era igual à da primeira, porém mais elegante. Esfreguei reiteradas vezes os olhos, mas continuei a ver os mesmos objetos. Belisquei os braços e ilhargas para acordar, na esperança de estar sonhando. Concluí por fim, categoricamente, que todas aquelas aparências não passavam de necromancia ou mágica. Faleceu-me o tempo, contudo, para prosseguir

nessas reflexões, pois assomou à porta o cavalo ruço e me fez sinal para acompanhá-lo à terceira sala, onde vi uma égua formosíssima, acompanhada de um potro e um potrilho, assentados sobre as nádegas em esteiras de palha, feitas não sem arte, e perfeitamente asseadas e limpas.

Tanto que entrei, levantou-se a égua da esteira, aproximou-se de mim e, depois de me haver atentamente observado o rosto e as mãos, dirigiu-me um olhar de sumo desprezo e, voltando-se para o cavalo, ouvi a palavra Yahoo muitas vezes proferida entre eles, cujo significado não pude então compreender, se bem fosse a primeira palavra que eu aprendera a pronunciar; não tardei, contudo, a melhor elucidar-me, para minha eterna mortificação, pois o cavalo, acenando-me com a cabeça, e repetindo o *Hhuun Hhuun* da estrada, o que entendi significar que me cumpria segui-lo, levou-me a uma espécie de pátio, onde havia outro edifício a alguma distância da casa. Penetramo-lo e aí deparei com três das detestáveis criaturas que encontrara após minha chegada, e que se alimentavam de raízes e da carne de alguns animais que ao depois verifiquei serem burros e cães e, de onde em onde, uma vaca, morta por acidente ou moléstia. Estavam todos amarrados pelo pescoço com vigorosos barços presos a uma viga; seguravam a comida entre as garras das patas anteriores e cortavam-na com os dentes.

O amo ordenou a um garrano alazão, um dos criados, que desatasse o maior deles e o conduzisse ao pátio. Puseram-nos, a fera e a mim, lado a lado, e as nossas feições foram acuradamente comparadas assim pelo amo como pelo criado, que, à vista disso, repetiu várias vezes a palavra Yahoo. Possuíram-me um horror e um pasmo indescritíveis quando observei, nesse abominável animal, uma perfeita figura humana: tinha o rosto, efetivamente, achatado e largo, o nariz deprimido, os lábios grossos e a boca enorme; mas as diferenças são comuns a todas as nações selvagens, onde os traços fisionômicos são contorcidos por sofrerem os nativos que os filhos rastejam no chão ou por carregá-los às costas, achatando-lhes o nariz contra os ombros da mãe. As partes dianteiras dos Yahoos só diferiam das minhas mãos pelo comprimento das unhas, o áspero e o escuro das palmas e o peludo do dorso. A mesma semelhança estendia-se-nos aos pés, com as mesmas diferenças que eu sabia perfeitamente iguais, conquanto não o soubessem os cavalos, por causa dos meus sapatos e meias, como todas as mais partes dos nossos corpos, tirante a abundância de pelos e a cor.

A única dificuldade que parecia embaraçar os dois cavalos era ver o resto do meu corpo tão diferente do de um Yahoo, em razão das minhas

roupas, de que eles não faziam ideia alguma. O garrano alazão ofereceu-me uma raiz, que segurava (à maneira deles, como o descreveremos oportunamente) entre o casco e quartela; tomei-a nas mãos e, depois de havê-la cheirado, devolvi-lha com a maior civilidade possível. Foi então buscar ao covil dos Yahoos um pedaço de carne de burro, mas esta fedia tanto que me afastei, repugnado, atirando-a ele ao Yahoo, que a devorou, sofregamente. Mostrou-me, em seguida, uma paveia de feno e uma quartela de aveia; mas abanei a cabeça para significar que não eram alimento para mim. E comecei, de fato, a recear que viria morrer absolutamente à míngua se não encontrasse algum indivíduo da minha própria espécie; pois, quanto aos imundos Yahoos, embora houvesse, naquela ocasião, poucos amantes maiores que eu do gênero humano, confesso que nunca vi criatura alguma sensível tão detestável a todas as luzes; e, durante a minha permanência nesse país, quanto mais eu me aproximava deles mais odiosos se me afiguravam. Tendo-o notado pelo meu procedimento, o cavalo amo mandou o Yahoo de volta para a sua toca. Em seguida, levou o casco dianteiro à altura da boca, o que muito me surpreendeu, embora o fizesse com facilidade e com um movimento que parecia perfeitamente natural, e fez outros sinais para indagar o que eu haveria de comer; mas não me foi possível dar-lhe uma resposta que ele pudesse entender e, ainda que me compreendesse, não sei como seria possível achar meio de encontrar alimento para mim. Enquanto assim nos entretínhamos, vi passar uma vaca e, apontando para ela, manifestei o desejo de ordenhá-la. Isto fez o seu efeito; pois ele me levou de volta para casa e ordenou a uma criada égua que abrisse uma sala, onde se achava guardada boa quantidade de leite em vasilhas de barro e de madeira, com muita ordem e asseio. Ela me deu uma boa caneca cheia, de que bebi com muito gosto, sentindo-me assaz revigorado.

Cerca do meio-dia vi aproximar-se da casa uma espécie de veículo tirado, como um trenó, por quatro Yahoos. Havia nele um velho palafrém, que parecia de qualidade; desceu apoiado nas patas traseiras, pois machucara acidentalmente a pata dianteira esquerda. Vinha almoçar com o nosso cavalo, que o recebeu com suma cortesia. Almoçaram na melhor sala, tendo como segunda entrada aveia fervida no leite, que o cavalo velho tomou quente, e os outros, fria. Os seus cochos dispunham-se em círculo no centro da sala e eram divididos em várias repartições, à volta das quais se assentavam sobre as nádegas os comensais, em montes de palha. Havia no centro uma manjedoura grande, cujos ângulos correspondiam a cada repartição do cocho;

de sorte que cada cavalgadura comia o seu próprio feno e a sua mistura de aveia e leite com muita decência e regularidade. Houveram-se o potro e o potrillo com assaz de modéstia e o dono e a dona da casa com suma jovialidade e condescendência para com o hóspede. Ordenou-me o ruço que ficasse ao pé dele e muitas práticas travou com o amigo a meu respeito, segundo deduzi dos reiterados olhares que me dirigiu o estranho, e da frequente repetição da palavra Yahoo.

Sucedeu-me calçar as luvas e, tendo-o percebido, pareceu confuso o ruço, dando mostras de assombro pelo que eu fizera com as minhas patas dianteiras; tocou-as três ou quatro vezes com o casco, como se pretendesse dizer-me que lhes devolvesse a forma anterior, o que sem demora fiz, tirando as luvas e enfiando-as no bolso.

Isto provocou novas confabulações, e percebi que os circunstantes se agradaram do meu procedimento, do que não tardei a sentir os bons efeitos. Mandaram-me falar as poucas palavras que eu sabia e, enquanto almoçava, o amo ensinou-me os nomes da aveia, do leite, do fogo, da água e alguns outros que pude pronunciar facilmente depois dele, em virtude da grande facilidade que tive desde a infância em aprender línguas.

Terminado o almoço, o cavalo amo tomou-me de parte e, por meio de palavras e sinais, deu-me a entender a sua preocupação por eu não ter o que comer. A aveia na língua deles chama-se *hlunnh*. Procurei essa palavra duas ou três vezes pois, se bem a tivesse, de princípio, recusado, considere, depois de novas reflexões, que poderia fazer com ela uma espécie de pão, que talvez bastasse, com o leite, a conservar-me a vida, até poder fugir para outro país e para junto de criaturas da minha espécie. O cavalo ordenou imediatamente a uma égua branca, criada da família, que me trouxesse boa quantidade de aveia numa espécie de bandeja de madeira. Eu a aqueci ao fogo o melhor que pude e esfreguei até se desprenderem as cascas, conseguindo separá-las do grão; em seguida, bati e moí a aveia entre duas pedras e, com um pouco de água, transformei-a numa massa, ou bolo, que torrei ao fogo, e comi quente, com leite. Foi, a princípio, a dieta muito insípida, se bem assaz comum em várias partes da Europa, mas que se me tornou, com o tempo, suportável e, como eu já me tivesse visto obrigado a passar mal muitas vezes em minha vida, não foi essa a primeira experiência que fiz sobre o quão facilmente se contenta a natureza. E não posso menos de observar que nunca tive uma hora de doença enquanto permaneci nessa ilha. É verdade que, às vezes, conseguia apanhar um coelho, ou um pássaro, com armadilhas feitas de cabelos de

Yahoos, e colhia, com frequência, ervas saudáveis, que fervia e comia, à guisa de saladas, com pão; e, de quando em quando, para variar, fazia um pouco de manteiga e tomava o soro. Senti, a princípio, muita falta do sal, mas o hábito não me tardou a reconciliar com a sua ausência; e tenho a certeza de que o uso do sal entre nós é um efeito do luxo, e foi no começo introduzido apenas como provocativo da sede, exceto quando necessário à conservação da carne em viagens longas, ou em lugares afastados dos grandes mercados, pois observamos ser o homem o único animal que o aprecia e, no que a mim me toca, depois que deixei esse país, levei muito tempo sem poder tolerar-lhe o gosto no que quer que eu comesse.

Não é preciso dizer mais nada sobre a minha dieta, tema com que outros viajantes enchem os seus livros como se interessasse pessoalmente ao leitor o nosso bom ou mau passadio. Era, sem embargo, mister fazer menção do assunto, para que não cuidasse o mundo impossível que eu, durante três anos, pudesse sustentar-me em tal país e entre tais habitantes.

Sobretarde, o cavalo amo ordenou se preparassem acomodações para mim a umas seis jardas da casa, separadas da estrebaria dos Yahoos. Aí arranjei alguma palha e, cobrindo-me com as minhas próprias roupas, dormi profundamente. Mas pouco tempo depois eu me instalava melhor, como o leitor, para diante, haverá de saber, quando eu vier a tratar mais demoradamente do meu modo de vida.

III

Aplica-se o autor a aprender a língua; o Houyhnhnm, seu amo, ajuda-o, usinando-o. Descrição da língua. Diversos Houyhnhnms de qualidade vêm, curiosos, ver o autor. Este faz ao amo um breve relato de sua viagem.

O meu principal empenho consistia em aprender a língua, que meu amo (assim lhe chamarei doravante), os filhos e todos os criados da casa desejavam ensinar-me, pois tinham por um prodígio que um animal irracional pudesse apresentar semelhantes indícios de racionalidade. Eu apontava para tudo e de tudo inquiria o nome, que assentava depois em meu diário, e cuja pronúncia corrigia pedindo aos membros da família que repetissem amiudadamente as palavras. Nessa ocupação estava sempre disposto a ajudar-me um garrano alazão, criado subalterno da família.

Ao falarem, articulam os sons pelo nariz e pela garganta, e a língua deles se parece mais com o alto holandês ou o alemão, do que com qualquer outra língua europeia que eu conheça, sendo, porém, muito mais graciosa e expressiva. O imperador Carlos V fez quase a mesma observação, ao dizer que, se devesse falar com o seu cavalo, haveria de fazê-lo em alto holandês. Eram tão grandes a curiosidade e a impaciência de meu amo, que ele passava muitas de suas horas de lazer a ensinar-me. Estava persuadido (como, ao depois, me declarou) de que eu devia de ser um Yahoo; mas a minha facilidade de aprender, a minha civilidade e o meu asseio assombravam-no, pois eram qualidades de todo o ponto contrárias às desses animais. Deixavam-no sumamente perplexo as minhas roupas, que ele se punha, às vezes, a imaginar se faziam ou não parte do meu corpo, pois eu nunca as tirava enquanto a família não estivesse dormindo, e sempre as vestia antes que ela acordasse, de manhã. Meu amo ansiava por saber de onde eu viera, como adquirira as aparências de razão que revelava em todas as minhas ações e queria ouvir a história de minha própria boca, o que supunha não demoraria à vista dos grandes progressos que eu fizera no aprender e pronunciar as suas palavras e frases. Para ajudar a memória, eu ia escrevendo todas as que aprendi com as letras do alfabeto latino, e acrescentava-lhes a respectiva tradução. O que, volvido algum tempo, me aventurei a fazer na presença de meu amo. Deu-me grande trabalho explicar-lhe o que eu estava fazendo, pois os habitantes não têm a mínima ideia do que sejam livros ou literatura.

Cerca de dez semanas depois eu já podia compreender-lhe a maioria das perguntas e em três meses já era capaz de dar-lhe algumas respostas sofríveis. Mostrou-se ele extremamente curioso de saber de que parte do país eu viera, e como aprendera a imitar as criaturas racionais, pois fora observado que os Yahoos (com os quais notava que eu me parecia exatamente na cabeça, nas mãos e no rosto, minhas únicas partes visíveis), com alguma aparência de

astúcia e uma vigorosíssima propensão à velhacaria, eram de todos os irracionais os menos capazes de aprender. Respondi que eu viera, pelo mar, de um sítio remoto, com muitos outros da minha espécie, numa grande embarcação oca feita de troncos de árvores; que os meus companheiros me haviam obrigado a desembarcar naquela região, e me haviam abandonado à minha própria sorte. Foi com alguma dificuldade e com a ajuda de muitos sinais que consegui fazer que me entendesse. Replicou meu amo que eu devia de estar enganado, ou dissera a coisa que não era. (Pois eles não têm em sua língua palavra equivalente a mentira ou falsidade.) Sabia ser impossível que existisse um país além do mar, ou que um grupo de irracionais pudesse dirigir sobre ele para onde quisesse um barco de madeira. Tinha a certeza de que nenhum Houyhnhnm vivo poderia fazer um barco desses e nem confiar-lhe o manejo aos Yahoos.

A palavra Houyhnhnm, no idioma deles, quer dizer “cavalo” e significa, etimologicamente, “a perfeição da natureza”. Declarei a meu amo que não me sabia expressar, mas que melhoraria o mais depressa que pudesse e esperava, dentro em pouco, poder contar-lhe maravilhas. Ele houve por bem determinar à égua, ao potro, ao potrilho e aos criados da família que aproveitassem todos os ensejos para me ensinar e, todos os dias, durante duas ou três horas, ele próprio se dava ao mesmo trabalho; diversos ginetes e éguas de qualidade dos arredores vinham assiduamente à nossa casa ao saberem da existência de um maravilhoso Yahoo, que falava como um Houyhnhnm e parecia revelar, nas palavras e nos atos, vislumbres de razão. Folgavam de conversar comigo, faziam muitas perguntas e recebiam as respostas que eu podia dar-lhes. Em resultado de todas essas vantagens, fiz progressos tão grandes que, cinco meses após a minha chegada, compreendia quanto me diziam e já conseguia expressar-me horivelmente.

Os Houyhnhnms que vinham visitar meu amo com o fito de me ver e conversar comigo mal podiam crer que eu fosse um verdadeiro Yahoo, pois tinha o corpo coberto de maneira diferente dos outros da minha espécie. Pasmavam de ver-me sem a pele e sem os pelos habituais, exceto na cabeça, no rosto e nas mãos; mas eu revelara o segredo a meu amo, em razão de um acidente ocorrido cerca de 15 dias antes.

Já contei ao leitor que, toda noite, quando a família se deitava, eu me despia e cobria com as minhas próprias roupas; ora, aconteceu que, certa manhã, bem cedo, mandou meu amo chamar-me por intermédio do garrano alazão, seu criado; quando este chegou, eu dormia profundamente, com as

roupas atiradas ao lado e a camisa arregaçada acima da cintura. Acordei com o barulho que ele fez e notei que me transmitiu o recado algo desconcertado; depois do que voltou para ao pé do amo e lhe fez, assustadíssimo, um confuso relato do que vira, o que descobri imediatamente, pois indo, tanto que me vesti, à presença de Sua Excelência, a fim de render-lhe as minhas homenagens, ele perguntou a significação do que lhe referia o criado, a saber, que eu não era, quando dormia, o que parecia ser em outras ocasiões; pois o criado lhe assegurara que algumas partes minhas eram brancas, outras amarelas, ou, pelo menos, não tão brancas, e algumas, castanhas.

Eu ocultara, até então, o segredo das minhas roupas, em ordem a distinguir-me, o quanto possível, da maldita raça Yahoo; mas verifiquei então que já se tornara inútil continuar a fazê-lo. De resto, considerei que as minhas roupas e sapatos não tardariam em gastar-se, estando já em situação precária, e teriam de ser substituídos por alguma coisa feita de pele dos Yahoos, ou de outros animais, por onde todo o segredo seria conhecido. Contei, por conseguinte, a meu amo, que no país donde eu vinha os da minha espécie cobriam sempre o corpo com pelos de certos animais, artificialmente preparados, não só por amor da decência mas também para evitar as inclemências do ar, assim quente como frio, do que, no respeitante à minha própria pessoa, eu lhe forneceria prova imediata, se ele fosse servido ordenar-mo. Retrucou ele que o meu discurso era muitíssimo estranho, pois não lhe era dado compreender por que nos haveria de ensinar a natureza e ocultar o que a ela mesma nos dera; que nem ele nem a família se envergonhavam dos seus corpos, mas, não obstante, eu poderia fazer o que quisesse. Em vista disso, desabotoei primeiro o casaco e despi-o. Com o colete, fiz o mesmo. Tirei os sapatos, as meias e os calções. Desci a camisa até à cintura e, tomando-lhe das fraldas, amarrei-as à volta do corpo como um cinto.

Meu amo observou-me todos os gestos com grandes indícios de curiosidade e admiração. Tomou na quartela as minhas roupas, uma após outra, e examinou-as acuradamente; tocou-me, a seguir, o corpo com muita delicadeza e examinou-me de todos os lados diversas vezes; a seguir, declarou ser manifesto que eu devia de ser um perfeito Yahoo; mas diferia do resto da minha espécie pela delicadeza, alvura e maciez da pele, pela ausência de pelos em várias partes do corpo, pela forma e brevidade das garras anteriores e posteriores e pela minha afetação de caminhar continuamente sobre as patas traseiras. Não quis ver mais nada e deu-me licença para vestir outra vez as minhas roupas, pois eu tremia de frio.

Expressei o meu constrangimento pelo ouvir chamar-me tantas vezes Yahoo, odioso animal a que eu dedicava uma aversão e um desprezo tão absolutos. Roguei-lhe deixasse de aplicar-me essa palavra e desse ordens nesse sentido aos seus familiares e amigos que consentia me visitassem. Pedi também que o segredo da falsa cobertura do meu corpo só fosse conhecido dele, pelo menos enquanto durassem as minhas roupas atuais; pois respeito ao que observara o garrano alazão, seu criado, Sua Excelência poderia ordenar-lhe que o calasse.

A tudo isso mui graciosamente consentiu meu amo, e o segredo, dessarte, se guardou até que as minhas roupas começaram a estragar-se, sendo eu obrigado a substituí-las por diversas traças que ao depois serão mencionadas. Nesse em meio, pediu-me que continuasse, com a maior diligência, a aprender-lhes a língua, porque mais se admirava da minha capacidade de falar e raciocinar que da forma do meu corpo, fosse este coberto ou não, acrescentando que esperava, algo impaciente, ouvir as maravilhas que eu lhe prometera contar.

Dali por diante, redobrou de esforços por me ensinar; levou-me para junto de todas as companhias e fez que me tratassem com civilidade, porque, como lhes dizia em secreto, isso me deixaria de bom humor e me tornaria mais divertido.

Todos os dias, quando eu ia ter com ele, além do trabalho de me ensinar, perguntava diversas coisas a meu respeito, a que eu respondia o melhor possível e, dessa maneira, veio a formar várias ideias de ordem geral, posto que imperfeitas. Fora tedioso relatar os passos por que cheguei a uma conversação mais regular; mas a primeira notícia que dei de mim mesmo com alguma ordem e extensão, foi a seguinte:

“Eu vinha de um país muito remoto, como já tentara dizer-lhe, com cerca de cinquenta indivíduos da minha espécie; viajamos sobre os mares num grande navio oco, feito de madeira, e maior do que a casa de Sua Excelência. Descrevi-lhe a embarcação nos melhores termos que pude e expliquei com a ajuda de um lenço estendido, de que forma o vento o empurrava para a frente. Tendo surgido uma briga entre nós, eu fora deixado naquela costa, onde me pusera a caminhar, sem saber para onde, até que ele me libertara da perseguição dos execráveis Yahoos.”

Perguntou-me ele quem fizera o navio, e como era possível que os Houyhnhnms da minha terra o entregassem ao governo de irracionais?

Retorqui-lhe que não me atrevia a prosseguir em meu relato, sem a sua

palavra de honra de que não se ofenderia, pois só então lhe poderia contar as maravilhas que tão frequentemente prometera.

Ele concordou e eu continuei, assegurando-lhe que o navio fora feito por criaturas iguais a mim, as quais, em todos os países que eu viajara, assim como no mar, eram os únicos animais racionais que governavam os outros e que, ao chegar àquele país, eu pasmara tanto de ver os Houyhnhnms procederem como criaturas racionais, como ele, ou os seus amigos poderiam ter pasmado de encontrar indícios de razão numa criatura que lhe aprazia denominar de Yahoo, com os quais reconheci a minha parecença em todos os pontos, mas cuja natureza degenerada e brutal não me era dado explicar. Eu disse mais que, se a boa sorte me restituísse alguma vez ao meu país natal, onde eu pudesse referir as minhas viagens, como estava determinado a fazer, toda a gente suporia que eu estivesse dizendo a coisa que não era, tirando a história da minha própria cabeça e (com todo o possível respeito a ele, à sua família e aos seus amigos e mediante a sua promessa de não se ofender) os nossos compatriícios dificilmente acreditariam provável que um Houyhnhnm fosse a criatura presidente de uma nação, e um Yahoo, a irracional.

IV

As noções dos Houyhnhnms acerca da verdade e da inverdade. O discurso do autor desaprovado por seu amo. Dá o autor mais circunstanciadas informações a seu respeito e a respeito dos acidentes da sua viagem.

Durante o meu relato distingui nas feições de meu amo grandes mostras de inquietação porque o duvidar ou o não acreditar são tão pouco conhecidos nesse país, que os seus habitantes não sabem como se haver em tais circunstâncias e lembro-me que, em discursos frequentes com ele sobre a natureza humana em outras partes do mundo, ensejando-se-me falar da mentira e da falsa representação, foi com muita dificuldade que entendeu o que eu queria dizer, muito embora demonstrasse, em outras coisas, agudíssimo discernimento, pois arrazoava desta sorte: que a utilidade da fala consistia em nos fazermos compreendidos um do outro e em recebermos notícia dos fatos; ora, se *alguém diz a coisa que não é*, baldam-se estes propósitos, pois não se pode dizer propriamente que eu o compreenda e tão longe estou de receber notícia de alguma coisa, que ele me deixa em situação pior do que a ignorância, pois sou levado a crer que uma coisa é preta, quando é branca, e curta, quando longa. E estas eram todas as suas noções respeitantes à faculdade de mentir, tão perfeitamente compreendida, e tão universalmente praticada entre criaturas humanas.

Deixemos, porém, esta digressão. Quando asseverei serem os Yahoos os únicos animais que governam em minha terra, o que meu amo afirmou ultrapassar a sua compreensão, quis saber se tínhamos Houyhnhnms entre nós, e qual era o seu ofício; contei-lhe que os tínhamos em grande número; que no verão passeiam nos campos e no inverno são conservados em casa com feno e aveia, onde criados Yahoos se encarregam de alisar-lhes o pelo, pentear-lhes as crinas, a limpar-lhes as patas, dar-lhes de comer e fazer-lhes as camas.

— Eu vos compreendo bem — disse meu amo. Infiro agora, manifestamente, de tudo o que falastes, que, seja qual for o grau de razão que vós, Yahoos, pretendeis possuir, os Houyhnhnms são vossos amos. Eu quisera sinceramente que os nossos Yahoos fossem tão tratáveis.

Pedi que Sua Excelência me escusasse de continuar, pois estava mais do que certo de que o relato que ele esperava de mim lhe seria altamente desagradável. Ele, porém, insistiu em ordenar-me que lhes contasse tudo, fosse bom ou fosse mau. Retruquei-lhe que seria obedecido. Confessei que os Houyhnhnms entre nós, aos quais chamávamos cavalos, eram os mais generosos e belos animais que possuíamos; excediam na força e na ligeireza e quando pertenciam a pessoas de qualidade, eram empregados no viajar, correr páreos e puxar carros; tratados com muita bondade e muito cuidado,

até ficarem doentes ou atoados no casco, eram então vendidos e empregados em toda a sorte de ocupações desprezíveis, até morrerem; depois disso, as suas peles eram arrancadas e vendidas, e os corpos abandonados para que os devorassem os cães e aves de rapina. Mas a raça comum dos cavalos não tinha tão boa sorte, pois estava nas mãos de lavradores, carreiros e outras pessoas de baixa categoria, que lhes davam trabalhos mais pesados e os alimentavam pior. Descrevi, da melhor forma possível, a nossa maneira de cavalgar; a forma e a utilidade de um freio, de uma sela, de uma espora e de um chicote; de um arnês e das rodas. Acrescentei que pregávamos placas de certa substância dura, chamada ferro, debaixo das suas patas, a fim de impedir que os seus cascos se partissem nos caminhos de pedra, em que amiúde viajávamos.

Meu amo, depois de algumas expressões de grande indignação, admirou-se de que nos atrevêssemos a cavalgar um Houyhnhnm, pois tinha a certeza de que o mais fraco dos seus criados seria capaz de lançar de sobre si o mais robusto dos Yahoos; ou esmagá-lo, atirando-se ao chão e rolando sobre o dorso. Respondi que os nossos cavalos eram exercitados desde os três ou quatro anos de idade, nos diversos usos para que os destinávamos, se alguns demonstrassem baldas intoleráveis, eram utilizados nos carros e vigorosamente espancados, enquanto novos, por quaisquer manhas que tivessem; destinados aos usos comuns da sela e do tiro, eram geralmente os machos castrados aos dois anos, a fim de refrear-lhes a vivacidade e torná-los mais dóceis e mansos; mostravam-se, de fato, sensíveis aos prêmios e aos castigos; mas a Sua Excelência importava considerar que careciam de mais mínima tintura de razão, tanto quanto os Yahoos naquele país.

Vi-me obrigado a recorrer a uma série de circunlóquios para dar uma ideia exata a meu amo do que eu dizia, pois não existe em sua língua muita variedade de palavras, já que as suas necessidades e paixões são em número menor do que as nossas. Fora, contudo, impossível expressar-lhe o nobre ressentimento à vista do selvagem tratamento que dispensávamos à raça Houyhnhnmiça. Disse ele que, a ser possível a existência de algum país onde somente os Yahoos fossem dotados de razão, estes seriam, forçosamente, os animais governantes, porque há sempre a razão de prevalecer contra a força bruta. Considerando, porém, a constituição dos nossos corpos e, em especial, do meu, entendia que nenhuma criatura de igual tamanho se achava tão malconformada para empregar essa razão nos misteres comuns da existência; pelo que me perguntou “se os indivíduos entre os quais eu vivia eram

parecidos comigo ou com os Yahoos daquele país”? Afiancei-lhe que eu era tão bem afeiçoado como os que mais o fossem da minha idade, mas que os mais novos e as fêmeas eram muito mais tenros e delicados e que a pele das segundas tinha, de ordinário, a brancura do leite. Declarou ele que eu diferia dos *Yahoos* por ser muito mais asseado e muito menos desconforme; todavia, no tocante a vantagens positivas, cria que as diferenças não me beneficiavam; as minhas unhas não tinham utilidade alguma para as minhas patas, nem dianteiras nem traseiras; no que dizia respeito às minhas patas dianteiras, não lhes poderia dar propriamente esse nome, pois nunca me vira caminhar sobre elas; eram demasiado tenras para suportarem as agruras do solo; eu as trazia, de regra, descobertas, nem tinha a cobertura em que, de vez em quando, as enfiava, o mesmo formato ou a mesma resistência da que eu usava nas patas traseiras; eu não podia caminhar com segurança, pois se uma das minhas patas traseiras escorregasse, cairia, inevitavelmente. Em seguida, principiou a criticar-me outras partes do corpo: o achatado do rosto, o proeminente do nariz, os olhos colocados na frente, de sorte que eu não poderia olhar para nenhum dos lados sem volver a cabeça; a minha incapacidade de alimentar-me sem erguer uma das patas dianteiras à altura da boca, razão pela qual a natureza lhes dera aquelas juntas, a fim de satisfazer a essa necessidade. Desconhecia a possível utilidade das várias fendas e divisões das patas traseiras, demasiado tenras para suportarem a dureza e aspereza das pedras, sem uma cobertura feita da pele de outro irracional; todo o meu corpo carecia de uma defesa contra o calor e o frio, de que eu era obrigado a munir-me todos os dias com enfado e trabalho; e, por fim, segundo observava, todos os animais daquele país aborreciam naturalmente os Yahoos, evitados pelos mais fracos e afastados pelos mais fortes. Por maneira que, no pressuposto de possuirmos o dom da razão, não via como seria possível curarmos a natural antipatia revelada por todas as criaturas contra nós; e nem pelo tanto, como os poderíamos amansar e tornar úteis. Sem embargo, ajuntou, não continuaria a discutir o assunto, pois andava mais desejoso de conhecer a minha história, o país em que eu nascera, e os vários atos e eventos de minha vida antes de eu chegar lá.

Afirmei-lhe desejar extremamente satisfazê-lo em todos os pontos; mas duvidava poder explicar-me sobre muitos assuntos de que Sua Excelência não poderia formar ideia, pois nada via nesse país de que me fosse dado aproximá-los; não obstante, faria o possível, e buscaria expressar-me por meio de comparações, pedindo-lhe humildemente a assistência quando me

faltassem as palavras adequadas, o que ele foi servido prometer-me.

Contei que nascera de pais honrados, numa ilha chamada Inglaterra, afastada do seu país tantos dias de viagem quantos poderia percorrer o mais robusto dos seus criados durante o curso anual do sol; fora educado para cirurgião, cujo ofício consiste em curar feridas e males do corpo recebidos por acidentes ou violência; o meu país era governado por uma fêmea do homem, a quem chamamos rainha; eu o deixara a fim de amanho riquezas, com as quais pudesse manter-me e à minha família, quando regressasse; em minha última viagem fora comandante de um navio, tendo cerca de cinquenta Yahoos sob as minhas ordens, muitos dos quais haviam morrido no mar, sendo eu então obrigado a substituí-los por outros, recrutados em diversas nações; o nosso navio correria duas vezes o risco de afundar: a primeira, em virtude de uma grande tormenta e a segunda, ao bater contra um rochedo. A essa altura, meu amo interrompeu-me, para perguntar como pudera eu persuadir estrangeiros de diferentes países a se aventurarem comigo, depois das perdas que sofrera e dos riscos que correria? Redargui que eram indivíduos de desesperada fortuna, obrigados a fugir dos sítios em que haviam nascido à conta da sua pobreza ou dos seus crimes. Alguns tinham sido arruinados por pleitos; outros, haviam gasto quanto possuíam bebendo e jogando; outros, tinham fugido por traição; muitos por assassinio, furto, envenenamento, roubo, perjúrio, estelionato, cunhagem de moedas falsas, rapto ou sodomia; por haverem desamparado a sua bandeira, ou desertado para o inimigo; e a maioria deles escapara à prisão: nenhum se atrevia a voltar ao seu país de origem temendo ser enforcado ou morrer à míngua num calabouço e, dessarte, era-lhes necessário prover à própria subsistência em outros lugares.

Durante esse discurso houve por bem meu amo interromper-me diversas vezes. Eu empregara muitos rodeios para explicar a natureza dos vários crimes que haviam obrigado a maioria dos nossos tripulantes a fugir de sua pátria. Para tanto, foram-me precisos vários dias de conversação, até que ele pudesse compreender-me. Não entendia de maneira alguma a utilidade nem a necessidade da prática desses vícios. Para esclarecê-lo, busquei dar-lhe algumas ideias do desejo de mando e de riquezas; dos terríveis efeitos da intemperança, da maldade e da inveja. Tudo isso tive de definir e descrever pondo exemplos e fazendo suposições. Depois, como alguém a cuja imaginação acudisse algo nunca visto ou nunca ouvido, erguia ele os olhos, entre assombrado e indignado. O poder, o governo, a guerra, a lei, o castigo e

mil outras coisas não tinham termos nessa língua que as expressassem; o que tornava de uma dificuldade quase insuperável a tarefa de dar-lhe uma ideia do que eu queria dizer. Dono, porém, de excelente entendimento, muito aprimorado pela reflexão e pelas conversações, chegou, afinal, a um perfeito conhecimento do que é capaz de fazer, em nossas partes do mundo, a natureza humana; e pediu-me que lhe desse uma notícia pormenorizada da terra que chamamos Europa, e especialmente, do meu país.

O autor, por ordem de seu amo, dá-lhe conta da situação da Inglaterra. As causas de guerra entre os príncipes da Europa. Principia o autor a explicar a constituição inglesa.

Haverá por bem reparar o leitor em que no seguinte resumo de muitas conversações que mantive com meu amo se contém a sùmula dos pontos mais importantes sobre os quais discorri em diversas ocasiões por mais de dois anos e, desejando meu amo informações mais completas ao par e passo que eu fazia progresso no idioma dos Houyhnhnms, descrevi-lhe, o melhor que pude, toda a situação da Europa; falei em comércio e manufaturas, em artes e ciências; e as respostas que dei a todas as perguntas, à medida que estas eram feitas sobre cada assunto, constituíam um fundo inesgotável de conversação. Todavia, perei aqui por escrito a síntese apenas do que entre nós se passou a respeito da minha pátria, ordenando-o como puder, sem dar a mínima atenção ao tempo ou a outras circunstâncias e tão somente estribado na verdade. A minha única preocupação é que dificilmente conseguirei fazer justiça aos argumentos e expressões de meu amo, que hão de necessariamente sofrer, não só pela minha falta de capacidade, mas também pela tradução para o nosso bárbaro idioma.

Obediente, portanto, às ordens de Sua Excelência, dei-lhe notícia da revolução verificada no governo do príncipe de Orange; a guerra longa iniciada pelo dito príncipe contra a França e renovada pelo seu sucessor, a rainha atual, na qual se haviam empenhado as maiores potências da Cristandade e que ainda continuava; calculei, a pedido dele, que teria morrido cerca de um milhão de Yahoos em todo o seu decurso; que talvez cem, ou mais cidades teriam sido tomadas e cinco vezes mais navios, queimados ou postos a pique.

Ele me perguntou quais eram as causas ou motivos usuais de mover guerra um país a outro? Respondi serem inumeráveis; mas eu mencionaria apenas alguns dos principais. Às vezes, a ambição dos príncipes, que nunca julgam possuir terras ou povos suficientes para governar; às vezes, a corrupção de ministros, que empenham seu amo numa guerra, a fim de abalar ou divertir o clamor dos súditos contra a sua má administração. As divergências de opiniões já custaram milhões de vidas; por exemplo, se a carne é pão, ou se o pão é carne; se o suco de certa baga é sangue ou vinho; se o assobiar é um vício ou uma virtude; se é melhor beijar um poste ou arrojá-lo ao fogo; qual a cor preferível para um casaco, se o preto, o branco, o vermelho ou o cinzento, e se este deve ser comprido ou curto, apertado ou largo, sujo ou limpo, e muitas outras. E são mais furiosas e sangrentas, e de maior duração, as guerras provocadas por diferenças de opiniões, maiormente

quando a respeito de coisas sem importância.

Às vezes, a briga entre dois príncipes é para decidir qual deles desapossará um terceiro dos seus domínios, aos quais nenhum tem direito algum; às vezes, um príncipe briga com outro porque tem medo que o outro brigue com ele; às vezes, inicia-se uma guerra porque o inimigo é demasiado forte; outras, porque é demasiado fraco; às vezes, os nossos vizinhos querem as coisas que temos, ou têm as coisas que queremos, e ambos lutamos até que eles nos tomem as nossas, ou nos deem as suas. É causa muito justificável de guerra invadirmos um país depois que foi o seu povo arrasado pela fome, ou destruído pela peste, ou enfraquecido por dissensões intestinas. É justificável entrarmos numa guerra contra os nossos mais íntimos aliados, quando nos convém uma de suas cidades, ou um pedaço de terra, que nos tornaria os domínios mais redondos e compactos. Se um príncipe envia forças para um país, cujo povo é pobre e ignorante, pode legitimamente matar metade da população e escravizar a outra metade, a fim de civilizar esse povo e arrancá-lo ao seu estado de barbaria. É prática muito magnânima, honrosa e frequente, quando um príncipe invoca a assistência de outro para o fim de protegê-lo contra uma invasão, que o assistente, depois de expulsar o invasor, se apodere dos domínios libertados e mate, encarcere ou desterre o príncipe que ele acaba de salvar. Os vínculos de sangue, ou matrimoniais, são causa frequente de guerra entre os príncipes e quanto maior o parentesco, tanto maior a disposição para a rixa: as nações pobres têm fome, e as ricas são orgulhosas e a fome e o orgulho andam sempre mal-avindos. Por essas razões, considera-se o ofício de soldado o mais honroso de todos, pois o soldado é um Yahoo assalariado para matar, a sangue-frio, quantos de sua espécie, que nunca lhe fizeram mal, lhe for possível.

Há também uma casta de príncipes mendigos na Europa, incapazes de fazerem guerra por si, que alugam as suas tropas às nações mais ricas, a tanto por dia por cabeça; três quartas partes de cujo soldo guardam para si, o que constitui o melhor do seu sustento; e tais são eles em muitos países do norte da Europa.

— O que me dissestes — volveu meu amo — sobre o assunto da guerra demonstra, de fato, admiravelmente, os efeitos da razão que dizeis possuir; não obstante, bem é que a vergonha seja maior do que o perigo e que a natureza vos tenha tornado incapazes de causar muitos danos. Pois, tendo a boca enterrada na cara, dificilmente vos podereis morder um ao outro com algum resultado, a menos que vós mesmos consentirdes nisso. Demais, pelo

que toca às garras de vossas patas dianteiras e traseiras, estas são tão curtas e tenras, que um dos nossos Yahoos poria em fuga uma dúzia dos vossos. E, pelo tanto, não posso menos que julgar que, ao recontardes o número dos mortos em combate, dissestes a coisa que não é.

Não pude deixar de sacudir a cabeça e de sorrir um pouco da sua ignorância. E como eu não era estranho à arte da guerra, descrevi-lhe os canhões, colubrinas, mosquetes, carabinas, pistolas, cercos, retiradas, ataques, minas, contraminas, bombardeios, batalhas navais, navios afundados com mil homens, vinte mil mortos de lado a lado, gemidos de moribundos, membros que voam pelo ar, fumo, tumulto, confusão, homens amassados sob as patas dos cavalos, fugas, perseguições, vitória, campos juncados de carcaças abandonadas aos cães, lobos e aves carniceiras; o saquear, o pilhar, o violentar, o incendiar e o destruir. E para exaltar o valor dos meus queridos compatriotas, assegurei-lhe que vira fazerem voar pelos ares cem inimigos ao mesmo tempo durante um assédio e outros tantos num navio, e vira caírem espedaçados os cadáveres das nuvens, para grande entretenimento dos espectadores.

Eu dispunha-me a relatar novos pormenores, quando meu amo ordenou que me calasse. Disse ele que, quem quer que compreendesse a natureza dos Yahoos poderia facilmente acreditar capaz um animal tão vil de todos os atos que eu nomeara, se neles a força e a astúcia igualasse a maldade. Mas assim como lhe aumentara o meu discurso a aversão a toda a espécie, assim lhe trouxera ao espírito uma inquietação que ele não conhecia. Julgou que os seus ouvidos, avezando-se a tais palavras abomináveis, poderiam, gradativamente, ouvi-las com menor detestação; que, se bem execrasse os Yahoos de seu país, não os censurava mais pelas suas odiosas qualidades do que um *gnnayh* (ave de rapina) pela sua crueldade, ou uma pedra afilada por lhe cortar o casco. Mas, quando uma criatura que se diz dotada de razão é capaz de tamanhas enormidades, temia que a corrupção dessa faculdade fosse ainda pior do que a mesma brutalidade. Parecia ter, por conseguinte, a certeza de que possuíamos apenas uma qualidade destinada a agrandar os nossos vícios naturais como o reflexo de um regato agitado devolve a imagem de um corpo malconformado, não só maior senão também mais torcida.

Ajuntou que já ouvira demasiado sobre o assunto da guerra, assim neste como em discursos anteriores. Havia outro ponto que, então, o deixava algo perplexo. Eu lhe dissera que alguns dos nossos tripulantes haviam saído de sua terra por terem sido arruinados pela lei; que eu já lhe explicara o

significado da palavra, mas que ele não concebia de que maneira alguma coisa destinada à preservação de todos pudesse ocasionar a ruína de alguns. Pedia-me, portanto, que lhe explicasse melhor o que eu entendia por lei e pelos seus dispensadores, segundo a prática atual em meu país. Pois cuidava que a natureza e a razão eram guias suficientes para mostrar a um animal racional, como o pretendíamos ser, o que devia fazer e o que lhe cumpria evitar.

Assegurei a Sua Excelência que a lei era uma ciência que eu não versara muito, havendo-me tão somente limitado a contratar advogados em vão, por causa de algumas injustiças que me tinham sido feitas; nada obstante, eu lhe daria todas as explicações de que era capaz.

Eu disse existir entre nós uma sociedade de homens educados desde a juventude na arte de provar, por meio de palavras multiplicadas para esse fim, que o branco é preto, e que o preto é branco, segundo eram pagos para dizer uma coisa ou outra. Todo o resto do povo é escravo dessa sociedade. Por exemplo, se o meu vizinho tenciona ficar com a minha vaca, contrata um advogado para provar que deve tirar-me a vaca. Nesse caso, tenho de contratar outro advogado para defender os meus direitos, pois é contrário a todas as normas da lei permitir-se a um homem falar em seu próprio nome. Pois bem, nessas condições, eu, que sou o verdadeiro dono, me vejo a braços com duas grandes desvantagens; primeiro, o meu advogado, habituado quase desde o berço a defender a falsidade, está completamente fora do seu elemento quando precisa advogar a justiça, ofício desnatural, em que sempre se empenha com grande inépcia, senão com má vontade. A segunda desvantagem reside em que o meu advogado tem de proceder com muita cautela, para que o não censurem e aborreçam os colegas, como a alguém que degradasse o exercício da profissão. Donde nasce que tenho apenas dois métodos para conservar a minha vaca. O primeiro consiste em peitar o advogado do meu adversário, pagando-lhe honorários dobrados, e levando-o a trair o seu cliente, com uma insinuação de que a justiça pende para o seu lado. O segundo, em fazer o meu advogado acreditar que a minha causa pareça a mais injusta possível, admitindo que a vaca pertence ao meu adversário e isto, se for feito com perícia, atrairá por certo o favor dos juízes. Ora, Vossa Excelência deve saber que esses juízes são pessoas designadas para dirimir todas as controvérsias, e escolhidas entre os mais hábeis advogados, depois de velhos ou preguiçosos e, tendo o ânimo inclinado durante toda a existência contra a verdade e a equidade, veem-se em tão fatal

necessidade de favorecer a fraude, o perjúrio e a opressão que eu soube haver alguns recusado um pingue suborno da parte para a qual pendia a justiça, a fim de não prejudicar a corporação, fazendo uma coisa que não lhes condizia com a natureza nem o ofício.

É máxima entre esses advogados que tudo o que já foi feito pode legalmente fazer-se outra vez e têm, por conseguinte, o especial cuidado de registrar todas as decisões anteriormente tomadas contra a justiça ordinária e a razão comum dos homens. E apresentam-nos, sob o nome de *precedentes*, como autoridades que justificam as teorias mais iníquas, nunca deixando os juizes de decidir na conformidade delas.

Ao defender uma causa, evitam cuidadosamente entrar no mérito da questão; mas são estrondosos, violentos e enfadonhos no discorrer sobre todas as circunstâncias que não vêm a pelo. Por exemplo, no sobredito caso, não querem saber quais os direitos, os títulos que tem o meu adversário à minha vaca, mas se a dita vaca era vermelha ou preta, se tinha os chifres curtos ou compridos, se o campo em que eu a apascentava era redondo ou quadrado, se era ordenhada dentro ou fora de casa, a que doenças estava sujeita, e assim por diante; depois disso, consultam os precedentes, adiam a causa de tempos a tempos e chegam, dez, vinte ou trinta anos depois, a uma conclusão qualquer.

Importa observar também que essa sociedade tem uma algaravia ou geringonça especial, que os outros mortais não entendem, e na qual são escritas todas as suas leis, que eles tomam o especial cuidado de multiplicar, por onde conseguiram confundir de todo o ponto a própria essência da verdade e da falsidade, da razão e da sem-razão; por maneira que são precisos trinta anos para decidir se o campo, que me legaram há seis gerações os meus antepassados, pertence a mim ou pertence a um estranho que mora a trezentas milhas de distância.

No julgamento das pessoas acusadas de crimes contra o Estado, é muito mais curto e louvável o processo: sonda o juiz, primeiro, a disposição dos que se encontram no poder; depois, não lhe é difícil enforcar ou salvar o criminoso, preservando rigorosamente as devidas formas da lei.

A essa altura, interrompendo-me, disse meu amo ser lástima que criaturas dotadas de tão prodigiosas habilidades de espírito, como haviam de ser, forçosamente, esses advogados pela descrição que eu fizera, não fossem antes estimulados a instruir os outros na descrição e no saber. Respondendo a isso, afiancei a Sua Excelência que em todos os pontos alheios ao seu

ministério eram, de regra, entre a casta mais ignorante e mais estúpida; a mais desprezível na conversação ordinária, inimiga declarada de todo o saber e de todos os conhecimentos, e igualmente disposta a perverter a razão geral dos homens assim em outros assuntos como nos da sua profissão.

Continuação da situação da Inglaterra sob a rainha Ana. As funções de um primeiro-ministro nas cortes europeias.

Meu amo foi absolutamente incapaz de compreender os motivos que poderiam incitar essa raça de advogados a se confundirem, perturbarem e estafarem, empenhando-se numa confederação de justiça, tão somente para fazerem mal aos seus semelhantes; nem pôde compreender o que eu quis dizer quando afirmei que o faziam por dinheiro, à vista do que tive enorme trabalho para descrever-lhe a utilidade do dinheiro, os materiais de que era feito, e o valor dos metais. Quando um *Yahoo*, expliquei-lhe, adquiria grande provisão dessa preciosa substância, tinha o poder de comprar o que lhe aprouvesse; os melhores trajos, as casas mais nobres, grandes extensões de terra, as comidas e bebidas mais custosas, e poder escolher as fêmeas mais formosas. Assim sendo, visto que apenas o dinheiro podia executar essas proezas, entendiam os nossos *Yahoos* que nunca tinham o suficiente para gastar ou poupar, segundo a sua propensão natural à prodigalidade ou à avareza. Os ricos logravam o fruto do trabalho dos pobres, e estes eram mil vezes mais numerosos do que os primeiros. A quase totalidade do nosso povo era obrigada a viver miserabilissimamente, trabalhando o dia inteiro em troca de pequenos salários, a fim de que uns poucos vivessem na abundância.

Estendi-me demoradamente sobre este e muitos outros pontos que visavam ao mesmo fim, mas Sua Excelência continuou na mesma, pois fundava-se na suposição de que todos os animais têm direito à sua parte dos produtos da terra e, principalmente, os que presidem aos outros. Pediu-me, portanto, lhe dissesse em que consistiam essas comidas custosas e como sucedia que as pudessem desejar alguns entre nós? Enumerei quantos gêneros me acudiram ao espírito, com os vários métodos de prepará-los, o que não poderia ser feito sem que mandássemos navios, por mar, a todas as partes do mundo, em busca assim de bebidas como de molhos e outras especiarias. Assegurei que todo o globo da terra haveria de ser rodeado pelo menos três vezes para que uma das fêmeas de categoria dos nossos *Yahoos* tivesse o que tomar ao desjejum, ou uma taça em que pudesse tomá-lo. Disse ele que haveria de ser miserável o país incapaz de fornecer alimentos aos seus habitantes. Mas o de que mais se admirava era que tão vastas extensões de terra como as que eu descrevera carecessem totalmente de água fresca, e que fosse o povo obrigado a cruzar o oceano para ter o que beber. Repliquei, que se calculava que a Inglaterra (o querido país da minha origem) produzisse uma quantidade de alimentos três vezes maior do que a de que necessitavam os seus habitantes, assim como líquidos tirados de certas sementes ou

espremidos do fruto de certas árvores, que constituíam excelentes bebidas; verificando-se a mesma proporção em todas as mais necessidades da vida. Mas, em ordem a satisfazer a gulodice e a intemperança dos machos e a vaidade das fêmeas, mandávamos para outros países grande parte das nossas coisas necessárias, de onde trazíamos, em troca, materiais causadores de moléstias, extravagâncias e vícios, para gastá-los entre nós. Donde procede a precisão em que se encontra grande parte do nosso povo de prover à sua subsistência mendigando, roubando, furtando, trapaceando, lisonjeando, subornando, perjurando, falsificando, jogando, mentindo, bajulando, fanfarroneando, votando, garabulhando, olhando para as estrelas, envenenando, simulando, difamando, professando heresias, e exercendo outras ocupações semelhantes; termos esses que me deu muito trabalho fazê-lo compreender.

O vinho não o importávamos de países estrangeiros porque nos faltassem água ou outras bebidas, senão por ser uma espécie de líquido que nos tornava alegres, privando-nos dos sentidos; divertia as ideias melancólicas, produzia no cérebro imaginações fantasiosas e extravagantes, fortalecia as nossas esperanças, expulsava os nossos temores, suspendia as próprias funções da razão durante algum tempo e nos privava do uso dos nossos membros, até cairmos num sono profundo; embora deva confessar-se que sempre acordávamos indispostos ou descorçoados e que o uso dessas bebidas nos enchia de doenças, que nos tornavam a existência incômoda e breve.

Mas, além de tudo isso, a grande maioria do nosso povo sustentava-se fornecendo as coisas necessárias ou cômodas da vida aos ricos e uns aos outros. Por exemplo, quando estou em casa e entrajado como devo estar, levo sobre o corpo o trabalho de cem artífices; empregando a construção e os trastes de minha casa outros tantos, e os atavios de minha mulher, cinco vezes mais.

Eu me dispunha a falar-lhe de outra espécie de gente, que provê ao seu sustento tratando dos enfermos, pois já tinha informado a Sua Excelência, em outras ocasiões, que muitos dos meus tripulantes haviam morrido de doenças. Mas aqui foi com a máxima dificuldade que consegui explicar-lhe o que eu queria dizer. Era-lhe fácil conceber que um Houyhnhnm ficasse fraco e pesado poucos dias antes da morte, ou por via de algum acidente que lhe machucasse um dos membros; mas julgava impossível que a natureza, que faz perfeitas todas as coisas, sofresse; que em nossos corpos se produzisse

alguma dor e queria saber a razão de um mal tão inexplicável.

Contei-lhe que nos alimentávamos de mil coisas de efeitos contrários uns aos outros; que comíamos quando não tínhamos fome, e bebíamos sem a provocação da sede; que nos quedávamos noites inteiras a beber bebidas fortes, sem comer coisa alguma, o que nos dispunha à preguiça, inflamava os nossos corpos e nos precipitava e impedia a digestão. Que as fêmeas prostitutas dos Yahoos contraíam certa doença, que provocava o apodrecimento dos ossos daqueles que se entregavam às suas carícias; que esta e muitas outras moléstias passavam de pais a filhos, de sorte que grande número de criaturas vinha ao mundo trazendo consigo enfermidades complicadas; que fora um nunca acabar dar-lhe eu um catálogo de todas as doenças pertinentes ao corpo humano, pois seriam mais de quinhentas ou seiscentas, espalhadas por todos os membros e juntas; em suma, todas as partes, externas e internas, tinham moléstias que lhes eram próprias. Para remediá-lo, havia uma casta de pessoas educadas entre nós na profissão, ou na pretensão de curar os doentes. E porque eu possuía alguma perícia nessa faculdade, revelaria por gratidão a Sua Excelência todo o mistério e todo o método de que elas se utilizavam.

O princípio fundamental da sua ciência estribava-se na crença de que todas as moléstias derivam da repleção, de onde inferem que é necessária uma grande evacuação do corpo, seja pela passagem natural, seja por cima, pela boca. Dedicam-se, além disso, a manipular ervas, minerais, resinas, óleos, cascas, sais, sucos, algas, fezes, cascas de árvores, cobras, sapos, rãs, aranhas, carne e ossos de pessoas mortas, pássaros, animais e peixes, com que formam um composto de cheiro e gosto os mais abomináveis, nauseosos e detestáveis que podem conseguir, e que o estômago devolve *incontinenti* com repugnância; a isso chamam vômito. Ou então, do mesmo depósito, com outras peçonhentas adições, nos prescrevem que tomemos pelo orifício superior ou inferior (segundo as disposições do médico no momento) um remédio igualmente cabuloso e repugnante às entranhas, que, relaxando o ventre, arrasta tudo consigo para baixo e a isso chamam purga ou clister. Pois havendo a natureza (no dizer dos médicos) destinado o orifício superoanterior apenas à intromissão de sólidos e líquidos, e o inferoposterior à ejeção, e considerando engenhosamente esses artistas que, em todas as moléstias, a natureza é expulsa de sua sede, entendem que, para recolocá-la no lugar, deve tratar-se o corpo de maneira diretamente contrária, reciprocando o uso dos orifícios, forçando a entrada de sólidos e líquidos pelo ânus e provocando

evacuações pela boca.

Além das enfermidades reais, estamos sujeitos a muitas apenas imaginárias, e para as quais os médicos inventaram curas imaginárias: possuem nomes diversos, e assim também as mezinhas respectivas e destas andam sempre infestadas as fêmeas dos nossos Yahoos.

Uma grande excelência dessa tribo é a sua habilidade nos prognósticos, em que raramente falha; quando as enfermidades reais atingem certo grau de malignidade, os médicos, de ordinário, predizem a morte, que está sempre ao seu alcance, o que já não se dá com a cura e, por conseguinte, ao primeiro sinal inesperado de restabelecimento, depois de pronunciada a sentença, de preferência a serem acusados de falsos profetas, sabem como demonstrar ao mundo a sua sagacidade, por meio de uma dose oportuna.

São, outrossim, de especial utilidade para os maridos cansados das suas companheiras; para os primogênitos, os grandes ministros de Estado e, a miúdo, para os príncipes.

Eu já praticara com meu amo, em outras ocasiões, sobre a natureza do governo em geral e, principalmente, da nossa esplêndida constituição, que é, sem favor, o assombro e a inveja do mundo inteiro. Mas, havendo casualmente mencionado um ministro de Estado, ordenou-me ele, passado algum tempo, lhe dissesse a que determinada espécie de Yahoo me referia com essa apelação.

Eu disse-lhe que um primeiro-ministro, ou ministro de Estado, a que me reportara, era uma criatura de todo o ponto isenta de alegria e dor, amor e ódio, piedade e cólera; pelo menos não faz uso de outras paixões senão de um violento desejo de riquezas, poder e títulos; utiliza-se para tudo da sua palavra, exceto para revelar o que traz no espírito; nunca diz uma verdade senão com o propósito de que a tomemos por mentira, nem uma mentira, senão com a intenção de que a tomemos por verdade; são as pessoas que ele mais difama pelas costas as que se encontram no caminho mais seguro da promoção e, quando principia a elogiar-nos diante dos outros, ou diante de nós mesmos, estamos, a partir desse dia, completamente perdidos. A pior coisa que podemos receber é uma promessa, especialmente quando confirmada por um juramento; depois disso, todo homem prudente se retira e cede de todas as suas esperanças.

Há três métodos pelos quais pode um homem chegar a ser primeiro-ministro. O primeiro é saber, com prudência, como servir-se de uma pessoa, de uma filha ou de uma irmã; o segundo, como trair ou solapar os

predecessores; e o terceiro, como clamar, com zelo furioso, contra a corrupção da corte. Mas um príncipe discreto prefere nomear os que se valem do último desses métodos, pois os tais fanáticos sempre se revelam os mais obsequiosos e subservientes à vontade e às paixões do amo. Tendo à sua disposição todos os cargos, conservam-se no poder esses ministros subornando a maioria do senado, ou grande conselho, e, afinal, por via de um expediente chamado anistia (cuja natureza lhe expliquei), garantem-se contra futuras prestações de contas e retiram-se da vida pública carregados com os despojos da nação.

O palácio de um primeiro-ministro é um seminário em que outros se educam no mesmo ofício, imitando o amo; tornam-se os pajens, lacaios e porteiros, ministros de Estado em seus diversos distritos, e aprendem a excelir nos três ingredientes principais da insolência, da mentira e do suborno. Consequentemente, fazem-lhes uma corte subalterna pessoas da mais alta categoria e, por vezes, à força de destreza e impudência, chegam, através de várias gradações, a suceder ao patrão.

É geralmente governado por uma mulher depravada ou por um lacaio favorito, túneis pelos quais passam todas as mercês e que podem propriamente chamar-se, em última análise, os governadores do reino.

Um dia, em conversa, tendo-me ouvido falar na nobreza da minha terra, houve por bem meu amo fazer-me um cumprimento que eu não poderia cuidar merecido: estava certo de que eu deveria ter nascido de alguma família nobre, pois excedia em muito na conformação, na cor e no asseio todos os Yahoos do seu país, conquanto lhes parecesse inferior na força e na agilidade, o que deveria ser imputado ao meu modo de vida, diferente do desses animais; além disso, era dotado não só da faculdade da fala, senão também de alguns rudimentos de razão, a tal ponto que o levava a julgar-me um prodígio, à vista de tudo o que ele conhecia.

Fez-me observar que, entre os Houyhnhnms, o branco, o alazão e o castanho-escuro não tinham exatamente o formato do baio, do ruço rodado e do preto; não haviam nascido com as mesmas aptidões intelectuais, nem com capacidade para aprimorá-las, e continuavam sempre, portanto, na condição de criados, sem aspirar jamais a elevar-se acima da própria raça, o que nesse país seria considerado monstruoso e desnatural.

Expressei a Sua Excelência os mais humildes reconhecimentos pelo bom conceito que condescendia em fazer de mim; mas afiancei-lhe, ao mesmo passo, que a minha origem era modestíssima, pois eu nascera de pais simples

e honrados, que haviam podido apenas dar-me sofrível educação; que a nobreza, entre nós, é de todo o ponto diversa da ideia feita por ele; que os nossos jovens fidalgos são educados desde a infância na ociosidade e no luxo; que, assim que os anos lhes permitem, esbanjam a saúde e contraem moléstias repelentes em contato com fêmeas dissolutas; que quando veem as suas fortunas desbaratadas, desposam uma mulher de origem baixa, físico desagradável e constituição doentia, apenas por causa do dinheiro, que eles odeiam e desprezam. Que os filhos de tais uniões são, por via de regra, escrofulosos, raquíticos e disformes; em razão do que a família raro ultrapassa a terceira geração, a não ser que a esposa se incumba de escolher um pai sadio entre os vizinhos ou criados, a fim de melhorar e continuar a raça. Que os verdadeiros indícios de sangue nobre são um rosto magro e uma tez pálida; que uma aparência robusta e sadia é tão desonrosa num homem de qualidade, que o mundo conclui ter sido o seu verdadeiro pai um moço de estrebaria ou um cocheiro. As imperfeições do espírito são paralelas às do corpo, constituindo uma mistura de tédio, estupidez, ignorância, capricho, sensualismo e orgulho.

Sem o consentimento dessa ilustre corporação, lei alguma pode ser promulgada, vetada ou alterada, e a esses nobres compete igualmente decidir acerca de todas as nossas propriedades, sem apelação.

O grande amor do autor ao seu país natal. Os reparos de seu amo a propósito da constituição e da administração inglesas, segundo foram descritas pelo autor, com casos paralelos e comparações. As observações de seu amo sobre a natureza humana.

Pode o leitor admirar-se de que eu acabasse comigo ao fazer uma descrição tão franca da minha própria espécie entre uma raça de mortais já demasiado inclinada a haver em tão pequena conta o governo humano, em virtude da minha perfeita semelhança com os seus Yahoos. Mas devo confessar francamente que as virtudes desses excelentes quadrúpedes, colocadas em oposição às corrupções humanas, me tinham aberto de tal forma os olhos e ampliado o entendimento, que principiei a encarar os atos e as paixões dos homens a uma luz muito diferente e a julgar que a honra da minha própria espécie não merecia ser poupada; o que, aliás, me seria impossível fazer diante de pessoa de tão aguda percepção como meu amo, que diariamente me convencia da existência de mil defeitos em mim mesmo, dos quais eu não tivera ainda o mínimo discernimento e que, entre nós, nunca seriam contados entre as fraquezas humanas. Eu aprendera também, com o seu exemplo, a detestar inteiramente toda e qualquer falsidade ou disfarce; e a verdade se me entrefigurava tão amável, que determinei de tudo sacrificar por ela.

Seja-me permitida a franqueza de confessar ao leitor que ainda havia um motivo muito forte para a sinceridade na representação das coisas. Eu ainda não passara um ano nesse país e já consagrava tão grande amor e veneração aos seus habitantes, que tomei a firme resolução de nunca mais voltar para junto dos homens e passar o resto da minha vida entre os admiráveis Houyhnhnms, na contemplação e na prática de todas as virtudes onde não se me antolhassem exemplos do vício nem incitamento a ele. Decretara, contudo, a fortuna, minha constante inimiga, que me não seria concedida tão grande ventura. Sem embargo, dá-me algum consolo o refletir que, no que afirmei dos meus compatriotas, atenuiei-lhes o quanto possível os defeitos diante de examinador tão rigoroso, imprimindo a cada ponto o cunho mais favorável que a matéria permitia. Pois, em verdade, qual a criatura viva que não se sentiria dominada pela propensão e parcialidade no tocante ao lugar do seu nascimento?

Relatei a substância de várias conversações travadas com meu amo, durante a maior parte do tempo em que tive a honra de estar a seu serviço; mas omiti, com efeito, em obséquio à brevidade, muito mais do que pus aqui por escrito.

Depois que lhe respondi a todas as perguntas, e a sua curiosidade me pareceu plenamente satisfeita, ele mandou-me chamar certa manhã bem cedo, ordenou que eu me sentasse a alguma distância (honra que nunca me

conferira até aquele momento) e disse que meditara muito seriamente em toda a minha história no que ela nos dizia respeito, a mim e ao meu país; que nos considerava uma espécie de animais dotados (era-lhe impossível imaginar por que acidente) de uma pequena pitança de razão, da qual tão somente nos utilizávamos para agravar as nossas corrupções naturais, e adquirir novas, que não nos dera a natureza; que nos alijávamos das poucas habilidades que possuíamos; que tínhamos sido muito bem-sucedidos no multiplicar as nossas necessidades originais, e parecíamos passar a vida inteira em vãs tentativas para supri-las por meio de invenções. Que, no que me dizia respeito, era manifesto não ter eu nem a força nem a agilidade de um Yahoo comum; que caminhava com firmeza sobre as patas traseiras; tivera traças de tornar inúteis e impróprias para a defesa as minhas garras e de remover os pelos do queixo, destinados a abrigá-lo do sol e das inclemências do tempo. Finalmente, que eu não podia correr com rapidez nem trepar em árvores como os meus irmãos (assim lhes chamava), os Yahoos do seu país.

Que as nossas instituições governamentais e jurídicas eram visivelmente devidas a falhas grosseiras da nossa razão e, por conseguinte, da nossa virtude, porque a simples razão é suficiente para governar uma criatura racional; caráter, portanto, que não tínhamos o direito de reivindicar, nem sequer diante da notícia que eu dera do meu próprio povo, embora ele percebesse, manifestamente, que, para favorecê-los, eu ocultara muitos pormenores e com frequência *dissera a coisa que não era*.

Confirmava-lhe ainda mais essa teoria a observação de que, visto eu corresponder, em todas as partes do corpo, a outros Yahoos, exceto em algumas particularidades em que estes se me avantajavam no vigor, na rapidez, na atividade, no comprimento das garras e outros pontos em que a natureza não tivera participação; dessa maneira, pela descrição que eu lhe fizera das nossas vidas, dos nossos costumes e dos nossos atos, julgara existir idêntica semelhança na disposição dos nossos espíritos. Ajuntou saber-se que os Yahoos se execravam mutuamente, mais do que odiavam outras espécies de animais, e a razão comumente apontada era o aborrecível das suas próprias formas, que todos podiam ver nos outros, mas não em si. Ele, a princípio, não julgara insensato o cobrirmos os nossos corpos e, por meio dessa invenção, ocultarmos uns dos outros muitas das nossas deformidades que seriam, de outra forma, dificilmente suportáveis. Verificava agora, contudo, que se enganara, e que as dissensões entre esses animais em seu país eram devidas às mesmas causas que no nosso, como eu as descrevera. Pois se atirardes,

disse ele, entre cinco Yahoos, comida suficiente para cinquenta, em vez de comerem pacificamente, acabar-se-ão engalfinhando pelas orelhas, querendo todos e tudo para si e, portanto, quedava sempre um criado perto deles quando alimentados fora de casa, e os que ficavam dentro de casa eram amarrados a certa distância um do outro; se uma vaca morresse de velhice ou por acidente, antes que um Houyhnhnm lograsse apoderar-se dela para os seus próprios *Yahoos*, viriam em bandos os Yahoos dos arredores, e seguir-se-ia uma batalha como as que eu descrevera, em que as garras produziam terríveis ferimentos de ambos os lados, embora, raramente fossem capazes de se matarem, por carecerem de instrumentos apropriados de morte como os que tínhamos inventado. Em outras ocasiões, travavam-se combates semelhantes entre os Yahoos de várias vizinhanças, sem qualquer causa visível; espreitando os de um distrito todas as oportunidades possíveis para surpreenderem os de outro, antes que estes se apercebessem. Mas quando viam baldados os seus projetos, voltavam para casa e, à míngua de inimigos, se empenhavam no que chamamos guerras civis.

Há em alguns campos desse país certas pedras brilhantes de várias cores, de que muito se agradam os Yahoos; e quando essas pedras se acham fixas na terra, como às vezes sucede, cavam o chão, com as garras, dias inteiros, para arrancá-las; carregam-nas depois e escondem-nas em montes dentro das suas covas; mas olhando sempre à sua volta, receosos de que os companheiros lhes encontrem o tesouro. Disse meu amo que nunca pudera descobrir a razão desse apetite desnatural, ou a utilidade que poderiam ter as pedras para os Yahoos; agora, todavia, acreditava que os pudesse mover o mesmo princípio da avareza que eu atribuíra aos homens. De uma vez, a título de experiência, removera em secreto um monte dessas pedras do lugar em que as enterrara um dos Yahoos; dando pela falta do tesouro, o sórdido animal atrai ao lugar todo o bando com as suas ruidosas lamentações e põe-se a uivar afitissimamente e, em seguida, a arranhar e morder os outros; consumindo-se todo, não quer comer, nem dormir, nem trabalhar até que meu amo ordena a um criado que transporte as pedras para o mesmo buraco e as deixe como estavam antes e, tendo-o descoberto o Yahoo, recobra *incontinenti* o ânimo e o bom humor, mas tem o cuidado de levar as suas pedras para um esconderijo melhor, sempre se mostrando depois disso um animal muito prestadio.

Asseverou-me ainda meu amo, e eu mesmo o observei também, que nos campos onde abundam as pedras brilhantes se travam as batalhas mais renhidas e frequentes, ocasionadas pelas perpétuas incursões dos Yahoos

vizinhos.

Disse ele ser comum, quando dois Yahoos descobriam uma dessas pedras no campo e lhe discutiam a posse, tirar disso proveito um terceiro e desapoderar dela os dois primeiros no que meu amo quis, por força, achar alguma semelhança com os nossos pleitos judiciais, do que eu, para maior crédito nosso, não procurei despersuadi-lo; pois a decisão por ele mencionada era muito mais equitativa do que muitas sentenças entre nós: visto que, nesse caso, o querelante e o querelado perdiam apenas a pedra por cuja posse contendiam; entretanto, os nossos tribunais de justiça nunca dariam por encerrada a causa enquanto alguns dos litigantes ainda possuísse alguma coisa.

Prosseguindo em seu discurso, disse meu amo não haver nada que tornasse mais odiosos os Yahoos do que o seu indistinto apetite para devorar quanto se lhes antojasse, fossem ervas, raízes, bagas, carne podre de animais, ou tudo ao mesmo tempo, e era-lhes peculiar preferirem o que obtinham por via da rapina ou furto, a grande distância, do que uma comida muito melhor preparada em casa para eles. Quando eram abundantes os despojos, comiam até ficarem a termos de arrebentar; depois do que se socorriam de certa raiz que a natureza lhes indicara e que lhes produzia um alívio geral.

Havia também outra raiz, muito succulenta, mas algo rara e difícil de se encontrar, que os Yahoos buscavam com grande avidez e sugavam com grande prazer; ocasionava-lhes os mesmos efeitos que em nós fazia o vinho. Levava-os, às vezes, a se abraçarem, e outras, a se espancarem; uivavam, riam, tagarelavam, cambaleavam, caíam e acabavam adormecendo no meio do lodo.

Reparei, efetivamente, que eram os Yahoos os únicos animais nesse país sujeitos a enfermidades, as quais, não obstante, eram muito menos numerosas do que as dos cavalos entre nós, e não apanhadas em virtude de maus-tratos que recebessem, mas em razão da sujidade e avidez do sórdido animal. Nem possui a língua deles outra denominação para essas moléstias que uma apelação geral tirada do próprio nome dos animais, o *Hnea-Yahoo*, ou “mal dos Yahoos”.

E quanto ao saber, governo, artes, manufaturas e coisas semelhantes, confessou meu amo que encontrava pouca ou nenhuma semelhança entre os Yahoos desse país e os do nosso, pois era seu intuito observar apenas a paridade existente entre as nossas naturezas. Ouvira, com efeito, notarem alguns Houyhnhnms curiosos que havia na maioria dos bandos uma espécie

de Yahoo presidente (como existe quase sempre, entre nós, um veado dirigente ou principal num parque), cujo corpo é mais deformado e cuja disposição mais maligna do que os dos outros. Tem esse chefe, de ordinário, um favorito, o mais possível parecido com ele, cujo ofício consiste em lambe-lhe os pés, pelo que é, de vez em quando, recompensado com um pedaço de carne de burro. Esse favorito é odiado por todo o bando e, por conseguinte, para proteger-se, não se arreda do chefe. É geralmente mantido no cargo até que se encontra um pior; mas no momento em que é despedido, o sucessor, à frente de todos os Yahoos do distrito, novos e velhos, machos e fêmeas, procuram-no em conjunto e dirigem-lhe toda a sorte de insultos concebíveis. Mas até onde poderia isso aplicar-se às nossas cortes e aos nossos favoritos e ministros de Estado, declarou meu amo que eu saberia determinar melhor.

Não retuquei a essa maldosa insinuação, que colocava o entendimento humano abaixo da sagacidade de um cão de caça comum, que tem suficiente discernimento para distinguir e seguir o grito do cão mais hábil da matilha, sem jamais se enganar.

Meu amo me confessou que observara certas qualidades notáveis nos Yahoos que não me ouvira mencionar, senão muito de leve, nas informações que eu lhe transmitira sobre a natureza humana. Ajuntou que esses animais, como outras criaturas selvagens, possuíam as fêmeas em comum; mas diferiam dos outros num pormenor, a saber que a Yahoo fêmea aceitava o macho durante a prenhez e que os machos brigavam e lutavam com as fêmeas com a mesma ferocidade com que peleavam entre si; duas práticas que denotavam um grau de brutalidade que nenhuma outra criatura sensível jamais conseguiria atingir.

Outra coisa de que ele se admirava nos Yahoos era a sua estranha propensão à sujeira e à porcaria, ao passo que parece existir natural amor ao asseio em todos os outros animais. E quanto às duas primeiras acusações, contentei-me com deixá-las passar em proposta, pois não tinha uma única palavra para dizer sobre elas em defesa da minha espécie, o que, de outra forma, teria feito, em razão das minhas próprias inclinações. Mas poderia ter facilmente vindicado a espécie humana da imputação da singularidade, no tocante ao último artigo, se existissem naquele país alguns porcos (que, para minha infelicidade, não havia), os quais, muito embora sejam quadrúpedes mais agradáveis do que um Yahoo, não podem, em sua justiça, na minha humilde opinião, ter pretensões a maior asseio e até Sua Excelência teria sido

obrigado a confessá-lo se lhes conhecesse a maneira suja de comer, e o hábito de chafurdar e dormir na lama.

Citou meu amo também outra qualidade, que os seus criados haviam descoberto em vários Yahoos, e que era, para ele, de todo o ponto inexplicável. Disse que, de quando em vez, tinham os Yahoos a mania de se retirarem para um canto, deitarem-se, uivarem, gemerem e darem pontapés em tudo o que se lhes deparasse, muito embora fossem novos e gordos, e não lhes faltasse comida nem água, não podendo imaginar os criados o que os afligia. E o único remédio que encontravam era dar-lhes trabalho pesado, depois do que recobravam, infalivelmente, o ânimo. A isso não retruquei, por parcialidade em relação à minha espécie; todavia não me foi difícil descobrir nisso os verdadeiros germes do tédio, que tão somente senhoreia os ociosos, luxuriosos e ricos, cuja cura eu seria capaz de assegurar, se fossem submetidos ao mesmo regime.

Observara também Sua Excelência que a fêmea Yahoo frequentemente se escondia atrás de um outeiro ou de uma moita, a fim de espreitar a passagem dos jovens machos, aparecendo e desaparecendo com muitos gestos e esgares ridículos, e exalando nessas ocasiões, como lhe fora dado notar, uma catanga muito ativa; e quando um dos machos se acercava, a fêmea se afastava lentamente, olhando muito para trás, e, com tingidas demonstrações de medo, corria para algum sítio conveniente aonde sabia que o macho a seguiria.

Em outras ocasiões, quando surgia no meio delas uma fêmea estranha, três ou quatro se aproximavam e se punham a examiná-la, grazinando, sorrindo e cheirando-a da cabeça aos pés; mas logo se arredavam, com trejeitos indicativos de desprezo e desdém.

Pode ser que meu amo se houvesse excedido um pouco nessas especulações, que deduzira do que havia observado pessoalmente ou do que lhe tinham referido; entretanto, não pude menos refletir, com algum assombro e muito pesar, que os germes da coqueteria, da murmuração e do escândalo são, por instinto, apanágio da mulher.

Eu esperava a cada momento que Sua Excelência acusasse os Yahoos dos apetites desnaturais em ambos os sexos, tão comuns entre nós. Quero crer, entretanto, que, nesse particular, não se tenha mostrado a natureza tão consumada mestra, e que esses prazeres mais polidos sejam obra exclusiva da arte e da razão, no nosso lado do globo.

VIII

Refere o autor diversas particularidades dos Yahoos. As grandes virtudes dos Houyhnhnms. A educação e os exercícios da sua mocidade. A sua assembleia geral.

Assim como devo conhecer muito melhor a natureza humana do que poderia supor que a conhecesse meu amo, assim me foi fácil aplicar a descrição feita por ele dos Yahoos a mim e aos meus semelhantes, e eu acreditava poder fazer novos descobrimentos por minha própria conta. Roguei, portanto, muitas vezes a Sua Excelência que me permitisse aproximar-me dos bandos de Yahoos da vizinhança; no que ele sempre mui graciosamente consentia, convencido de que o ódio por mim votado a esses animais nunca sofreria que me pervertessem; e Sua Excelência ordenava a um dos criados, robusto garrano alazão, muito honesto e bom, que me protegesse; sem o que eu não me atrevia a empreender tais aventuras. Pois já contei ao leitor o quanto me importunavam esses odiosos animais, desde que eu chegara; além disso, três ou quatro vezes escapei por um triz de cair-lhes nas garras, quando me sucedia distanciar-me um pouco sem a minha adaga. E tenho razões para acreditar que imaginassem ser eu da sua espécie, o que eu mesmo confirmava a miúdo carregando as mangas e mostrando-lhes o peito e os braços nus quando o meu protetor se achava ao pé de mim. Nessas ocasiões, abeiravam-se o quanto se atreviam e imitavam-me os atos a modo de macacos, mas dando sempre grandes mostras de ódio da mesma forma que um gralho domesticado, com meias e boné, é perseguido pelos bravos quando acerta de estar entre eles.

São prodigiosamente ágeis desde a infância. Não obstante, apanhei, de uma feita, um macho novo de três anos e procurei, com todas as mostras de carinho, aquietá-lo; mas o demoninho abriu a berrar, a arranhar e a morder com tamanha violência, que fui obrigado a soltá-lo, o que já não era sem tempo, pois toda uma tropa de adultos se avizinhava, atraída pelos gritos; vendo, porém, são e salvo o pimpolho (que se pusera a correr), e achando-se ao meu lado o garrano alazão, não se abalançaram a aproximar-se. Notei que a carne do animalzinho deitava um mau cheiro abominável, que oscilava entre o da doninha e o da raposa, porém muito mais desagradável. Ia-me esquecendo outra circunstância (e talvez me perdoasse o leitor se eu de todo a omitisse): enquanto segurava o odioso bichinho no colo, ele me soltou os seus asquerosos excrementos, de uma substância líquida amarela, sobre a roupa; quis, porém, a minha boa sorte que fluísse por perto um regato, onde me lavei da melhor maneira possível, embora não me atrevesse a ir à presença de meu amo enquanto não me senti suficientemente arejado.

Mas, pelo que pude descobrir, os Yahoos parecem ser os mais

indisciplináveis de todos os animais, pois a sua capacidade não vai além de puxar ou carregar pesos. Sou, todavia, de opinião que esse defeito nasce principalmente de um natural perverso e obstinado. São astutos, maldosos, traiçoeiros e vingativos, vigorosos e resistentes, mas covardes e, pelo tanto, insolentes, abjetos e cruéis. Observa-se que os de cabelos vermelhos, de ambos os sexos, são mais malignos do que os outros, e, sem embargo, em muito os sobrepõem no vigor e na atividade.

Os Houyhnhnms conservam os Yahoos de que se utilizam não muito longe de casa; mas o resto é mandado para certos campos, onde arrancam raízes, comem várias sortes de ervas e andam à procura de cadáveres putrefatos de animais, ou apanham, às vezes, doninhas ou *luhimuhs* (casta de rato selvagem), que devoram com avidez. A natureza ensinou-os a cavar, com as unhas, buracos profundos nas faldas das elevações do terreno, onde se agasalham; são maiores as tocas das fêmeas e suficientes para abrigarem duas ou três crias.

Nadam desde a infância como sapos, e são capazes de ficar muito tempo debaixo d'água, onde frequentemente apanham peixes, que as fêmeas levam para os filhos. E, a propósito, espero que o leitor me perdoe o relato de uma estranha aventura.

Achando-me, um belo dia, fora de casa em companhia do meu protetor, o cavalo alazão, e como estivesse a temperatura extremamente elevada, pedi-lhe que me deixasse tomar banho num rio próximo. Ele consentiu e eu, imediatamente, me despi e entrei na água devagarinho. Sucedeu, porém, que, escondida atrás de um outeiro, uma jovem fêmea Yahoo assistira a tudo, e, inflamada de desejo, como o cavalo e eu conjecturamos, aproximou-se em desabalada carreira e precipitou-se no rio, a umas cinco jardas do lugar em que eu me banhava. Nunca, na vida, senti mais terrível pavor; o cavalo pastava a certa distância, alheio a tudo. Ela me abraçou da maneira mais obscena e eu comecei a berrar a plenos pulmões; o cavalo aproximou-se a galope; vendo-o, ela me soltou, com extrema relutância, e pulou para a margem oposta, onde se pôs a devorar-me com os olhos, uivando, enquanto eu me vestia.

O caso foi motivo de diversão para meu amo e sua família, e de mortificação para mim, pois, a partir de então, já não me era dado negar que fosse um verdadeiro Yahoo em todos os sentidos, visto que as fêmeas demonstravam natural inclinação por mim, como criatura da mesma espécie. Nem eram os cabelos desse animal de cor vermelha (o que, até certo ponto,

justificaria um apetite meio irregular), mas negros como o abrunho, embora não constituísse o seu rosto espetáculo tão hediondo como o do resto da espécie; pois, segundo creio, não poderia ter mais de 11 anos de idade.

Tendo eu vivido três anos nesse país, suponho espere o leitor que, à semelhança de outros viajantes, lhe dê alguma notícia dos usos e costumes dos seus habitantes, o que, de feito, pus o meu principal empenho em estudar.

Assim como esses nobres Houyhnhnms são dotados pela natureza de uma propensão geral a todas as virtudes, e não fazem concepção nem ideia do mal numa criatura racional; assim consiste a sua grande máxima em cultivarem a razão e serem por ela inteiramente governados. Nem é para eles a razão um ponto problemático, como entre nós, onde os homens podem defender com plausibilidade os dois lados de uma questão, senão que lhes infunde uma convicção imediata como há de fazê-lo sempre que a não confundam, obscureçam ou desfigurem paixões e interesses. Lembra-me que só com muita dificuldade alcancei dar a entender a meu amo o significado da palavra *opinião*, ou de que maneira pode ser controvertido um ponto qualquer; porque a razão nos ensina a afirmar ou negar apenas o de que estamos certos e não podemos fazer nem uma coisa nem outra quando o problema ultrapassa os nossos conhecimentos. De sorte que as controvérsias, porfias, disputas e obstinações são males desconhecidos entre os Houyhnhnms. Semelhantemente quando eu usava explicar-lhe os nossos diversos sistemas de filosofia natural, ria-se ele, “de que uma criatura que pretende ser racional se avalie pelo conhecimento das conjecturas alheias e de coisas cujo conhecimento, ainda que certo, de nada serviria”. No que concordava inteiramente com as ideias de Sócrates, como as expõe Platão, o que registro como a honra mais alta que posso fazer a esse príncipe dos filósofos. Pensei depois, muita vez, na destruição que essa doutrina ocasionaria nas bibliotecas da Europa e quantos caminhos que levam à fama quedariam obstruídos no mundo erudito.

A amizade e a benevolência são as duas virtudes principais entre os Houyhnhnms, não limitados a determinados objetos mas universais em relação a toda a raça, pois um estranho vindo da região mais remota é tratado como o mais próximo dos vizinhos e, onde quer que vá, considera-se em casa. Conservam a decência e a civilidade em seu mais alto grau, mas desconhecem inteiramente a cerimônia. Não se afeiçoam aos filhos, mas o cuidado com que os educam procede apenas dos ditames da razão. E observei que a ternura demonstrada por meu amo aos filhos do vizinho era a mesma

que votava aos seus. Entendem eles que a natureza os ensina a amar a espécie toda e que é tão somente a razão quem distingue as pessoas em que há um grau superior de virtude.

Depois de darem à luz um filho de cada sexo, as matronas dos Houyhnhnms não coabitam mais com os maridos, a não ser que percam um filho por algum acidente, o que é muito raro; nesses casos, voltam a unir-se e quando o acidente ocorre com alguém cuja esposa já tenha passado da idade de conceber, outro casal lhe dá de presente um de seus potros, e novamente se une até que a esposa emprenhe. A cautela é necessária para obstar ao sobrepovoamento do país. Mas a raça dos Houyhnhnms inferiores, educados para servirem os outros, não é tão rigorosamente limitada nesse sentido; podem produzir três filhos de cada sexo, que servirão nas famílias nobres.

Quando se casam, dão grande importância à escolha das cores, para impedir que surjam misturas desagradáveis entre os descendentes. A força é muito apreciada no macho e a formosura na fêmea; não por exigências do amor, mas para impedir que a raça degenere, pois quando a fêmea sucede sobressair pelo vigor, escolhe um marido que se distinga pela beleza. O cortejar, o amar, o presentear, o dotar e o assinar rendas não têm lugar em seus pensamentos, nem termos pelos quais possam expressar-se na sua língua. O jovem casal se encontra e junta por determinação dos pais ou amigos; veem todos os dias o mesmo exemplo e consideram-no como ato necessário de um ser racional. Mas nunca se soube de uma violação do casamento, e o casal passa a vida com a mesma amizade e mútua benevolência dedicada a quantas da mesma espécie se lhe deparam; sem ciúmes, carinhos, rixas ou descontentamentos.

Na educação dos jovens de ambos os sexos, o método deles é admirável e altamente merece que o imitemos. Não lhes permitem provar um grão de aveia, a não ser em certos dias, até os 18 anos de idade, nem leite, senão muito raramente, e pastam no verão duas horas de manhã, e outras tantas à tarde, o que fazem também os pais; mas aos criados não se permite que o façam mais da metade do referido tempo, e grande parte do capim é levado para casa, onde o comem nas horas mais convenientes, quando o serviço lhes dá alguma folga.

A temperança, a indústria, o exercício e o asseio são as lições igualmente ministradas aos jovens de ambos os sexos, e meu amo julgou monstruoso darmos às fêmeas um gênero diverso de educação, exceto em alguns pontos de administração doméstica em razão do que, segundo o seu

justo reparo, metade dos nossos nativos não prestava para nada e o confiar o cuidado de nossos filhos a tão inúteis animais, disse ele, era um exemplo ainda maior de brutalidade.

Os Houyhnhnms adestram os seus jovens em exercícios de força, velocidade e resistência, fazendo-os apostar corridas em morros alcantilados e duros caminhos pedregosos, e quando estão muito suados obrigam-nos a mergulhar de ponta-cabeça num tanque ou num rio. Quatro vezes por ano reúnem-se os jovens de determinado distrito, para exhibir a sua proficiência no correr e no saltar e outros feitos de vigor e agilidade, onde o vencedor, ou vencedora, é recompensado por uma canção entoada em seu louvor. Por ocasião dessas festas, conduzem os criados um rebanho de Yahoos ao campo, carregados de feno, aveia e leite, para o repasto dos Houyhnhnms, sendo esses animais depois levados de volta, a fim de não incomodarem a assembleia.

De quatro em quatro anos, por ocasião do equinócio vernal, reúne-se um conselho representativo de toda a nação, celebrado numa planície distante mais ou menos vinte milhas de nossa casa e que se prolonga cerca de cinco ou seis dias. Aqui se indaga do estado e da condição dos vários distritos; se abundam ou carecem de feno, de aveia, de vacas ou de Yahoos; e toda vez que há alguma falta (o que é raro), esta é imediatamente suprida por consenso e contribuição unânimes. Aqui também é determinada a regulação dos filhos, seja exemplo: se um Houyhnhnm tem dois machos, troca um deles com outro que tenha duas fêmeas, e quando um casal, cuja esposa já passou da idade de conceber, perde um filho por um acidente qualquer, determina-se também a família do distrito que engendrará outro para reparar a perda.

Grande debate na assembleia geral dos Houyhnhnms, e como foi recebido. O saber dos Houyhnhnms. Os seus edifícios. O seu método de enterros. As deficiências da sua língua.

Uma dessas grandes assembleias realizou-se durante o meu tempo, uns três meses antes da minha partida, e a ela compareceu meu amo como representante do nosso distrito. Nesse conselho reiniciaram os seus membros o velho debate, o único, aliás, que se verificava naquele país, do qual meu amo, após o seu regresso, me deu pormenorizada conta.

A questão debatida era se os Yahoos deviam ser exterminados da face da terra? Um dos membros favoráveis à afirmativa apresentou argumentos de grande força e peso, alegando que, assim como os Yahoos eram os mais sujos, perniciosos e disformes animais que a natureza já produzira, assim eram os mais contumazes e indóceis, malignos e maldosos; sugavam em secreto as tetas das vacas dos Houyhnhnms, matavam e comiam os seus gatos, pisavam-lhes a aveia e a relva quando não eram constantemente vigiados, e praticavam mil outras extravagâncias. Reportou-se a uma tradição geral, segundo a qual os Yahoos não tinham vivido sempre naquele país, mas que havia muitos anos, dois desses animais tinham aparecido numa montanha; se produzidos pelo calor do sol sobre o lodo ou o musgo podre, ou se pela espuma e pela lama do mar, ninguém sabia; a sua descendência em pouco tempo se tornara tão numerosa que inundara e infestara todo o país; os Houyhnhnms para se livrarem do flagelo tinham feito uma caçada geral e prendido, por fim, a manada inteira e, destruindo os mais velhos, cada Houyhnhnm conservava dois novos numa toca, e os domesticava o quanto podiam ser domesticados animais tão selvagens de seu natural, empregando-os no puxar e carregar pesos; parecia haver muita verdade nessa tradição, e essas criaturas não poderiam ser *Ylnhniamshy* (ou aborígenes daquele país) por causa do ódio violento que os Houyhnhnms e todos os animais lhes tributavam, e que, se bem o merecessem pela sua má disposição, nunca poderiam ter chegado a um grau tão alto se se tratassem de aborígenes, ou teriam sido exterminados havia muito tempo; os habitantes, com a mania de se utilizarem do serviço dos Yahoos, haviam imprudentemente negligenciado cultivar a raça dos burros, bonito animal, de fácil conservação, manso e ordenado, e sem mau cheiro; bastantemente forte para o trabalho, embora inferior ao outro na agilidade corporal e ainda que os seus orneios não fossem um som agradável, eram muito preferíveis aos uivos medonhos dos Yahoos.

Vários outros expuseram as suas ideias no mesmo sentido, quando meu amo propôs um expediente à assembleia, sugerido, em realidade, pelas minhas práticas. Concordava com a tradição mencionada pelo honrado

membro que acabara de falar, e afirmava que os dois Yahoos vistos, conforme se dizia, pela primeira vez entre eles, tinham vindo pelo mar; chegados à terra, e desamparados pelos companheiros, haviam-se refugiado nas montanhas e gradativamente degenerado, tornando-se, com o perpassar do tempo, muito mais selvagens que os da sua própria espécie, habitantes do seu país de origem. A razão desta afirmativa baseava-se em ter ele presentemente em seu poder certo maravilhoso Yahoo (referindo-se a mim), de que a maioria dentre eles ouvira falar e que muitos já tinham visto. A seguir, enarrou-lhes a maneira por que me encontrara; o meu corpo era todo coberto de uma composição artificial de peles e cabelos de outros animais; eu falava uma língua própria e aprendera perfeitamente a deles; contara-lhe os acidentes que me haviam levado para lá; quando me vira sem a minha cobertura, eu parecera-lhe um perfeito Yahoo em todas as partes, apenas um pouco mais branco, um pouco menos peludo, e dotado de garras mais curtas. Ajuntou que eu buscara persuadi-lo de que no meu, assim como em outros países, os Yahoos procediam como o animal racional governante e escravizavam os Houyhnhnms; observara em mim todas as qualidades de um Yahoo, apenas um pouco mais civilizadas por algumas tinturas de razão, que estava para a de um Houyhnhnm como estava para a minha a dos Yahoos daquele país; entre outras coisas, eu falara num costume que tínhamos de castrar os Houyhnhnms quando novos, a fim de amansá-los; a operação era fácil e segura; não era vergonha aprender com os irracionais como a indústria é ensinada pela formiga, e a educação pelas andorinhas (pois assim traduzo a palavra *hyhannh*, embora se retira a uma ave muito maior). A invenção poderia praticar-se aqui nos Yahoos mais adolescentes, pois além de torná-los mais tratáveis e aptos para o serviço, acabaria, com o tempo, liquidando a espécie sem, contudo, destruir a vida. Entrementes, os Houyhnhnms deviam ser exortados a cultivar a raça dos burros que, além de serem irracionais de maior valor em todos os sentidos, têm a vantagem de estar aptos para o trabalho aos cinco anos de idade, o que com os outros só se dá aos 12.

Foi isso apenas o que meu amo cuidou conveniente contar-me do que se passara no grande conselho. Mas houve por bem ocultar um pormenor, que me dizia pessoalmente respeito, e de que não tardei a sentir os infortunados efeitos, como o leitor virá oportunamente a saber, e de que datam todas as desventuras posteriores da minha vida.

Os Houyhnhnms não têm literatura e toda a sua cultura é, conseqüentemente, tradicional. Mas como se verificam poucos sucessos de

monta entre um povo tão unido, naturalmente propenso a todas as virtudes, inteiramente governado pela razão e apartado de todo o comércio com outras nações, a parte histórica é facilmente conservada sem que para isso lhe seja preciso sobrecarregar a memória. Já observei que eles não estão sujeitos a moléstia nenhuma e não podem, portanto, ter precisão de médicos. Sem embargo, têm mezinhas excelentes, compostas de ervas, destinadas a curar machucaduras e cortes acidentais na quartela ou na ranilha, produzidos por pedras afiladas, bem como outros danos e golpes nas diversas partes do corpo.

Calculam o ano pelas revoluções do sol e da lua, mas não o subdividem em semanas. Conhecem perfeitamente os movimentos desses dois lumeeiros, compreendem a natureza dos eclipses e foi este o maior progresso verificado em sua astronomia.

Em poesia, força é confessar que levam a palma a todos os outros mortais, sendo, de feito, inimitáveis a justeza das suas comparações e a minuciosidade e exatidão das suas descrições. Nelas abundam os seus versos e de ordinário contêm ideias alevantadas de amizade e benevolência ou louvores aos que se sagraram vencedores em carreiras ou outros exercícios corporais. Os seus edifícios, conquanto muito grosseiros e simples, sobre não serem incômodos, são bem fabricados para os protegerem contra os danos do frio e do calor. Têm eles uma espécie de árvore, cujas raízes se abalam aos quarenta anos e que tomba com a primeira tempestade; crescem muito direitas e, depois de apontá-las a modo de estacas, por meio de uma pedra afilada (pois os Houyhnhnms desconhecem o uso do ferro), enterram-nas verticalmente no chão, cerca de dez polegadas uma da outra, e entretecem pelas palhas de aveia ou, por vezes, caniços. O teto é feito da mesma maneira e as portas também.

Os Houyhnhnms utilizam-se da parte côncava situada entre o casco e a quartela das patas anteriores, como nós utilizamos das mãos, e com maior destreza do que eu poderia, de início, imaginar. Vi uma égua branca da nossa família enfiar uma linha numa agulha (que eu, de indústria, lhe emprestara) com essa junta. Ordenham as vacas, colhem a aveia e fazem todo o serviço que necessita de mãos, da mesma forma. Têm uma espécie de pederneiras resistentes que, esfregadas com outras pedras, se tornam em instrumentos que para eles servem de cunhas, machados e martelos. Com utensílios feitos dessas pederneiras, cortam também o feno e colhem a aveia, que lá é nativa e cresce em diversos campos: os Yahoos levam os feixes em carros para casa, e

os criados os pisam, para deles retirarem os grãos, conservados em armazéns. Fazem uma custa grosseira de vasos de barro e madeira, e cozem os primeiros ao sol.

Podendo evitar acidentes, morrem apenas de velhice e são enterrados nos sítios mais escuros que se podem encontrar, sem que os amigos e parentes expressem a menor satisfação ou o menor pesar pela sua partida; nem revela o moribundo maior desgosto por deixar a terra do que se devesse voltar para casa depois de visitar um vizinho. Lembro-me de haver meu amo convidado, certa vez, um amigo e a família para irem à sua casa, a fim de tratarem de algum negócio importante; no dia aprazado, a esposa e os dois filhos chegaram muito tarde; ela apresentou duas desculpas: a primeira, pelo marido que, disse ela, calhara aquela manhã de *shnuwnh*. A palavra é muito expressiva na língua deles, mas difícil de se transplantar para a nossa; significa “recolher à sua primeira mãe”. A sua desculpa por não ter vindo antes era que, havendo o esposo falecido quando a manhã já ia adiantada, tivera de consultar durante largo espaço os criados sobre o melhor sítio em que lhe pudessem depositar o corpo, e observei que ela se houve em nossa casa com a mesma jovialidade dos outros; morreu cerca de três meses depois.

Vivem, de ordinário, até os setenta ou setenta e cinco anos de idade e, muito raro, até aos oitenta: algumas semanas antes da morte sentem um descaimento gradual, mas desacompanhado de dor. Durante esse tempo são muito visitados pelos amigos, porque não podem sair de casa com a facilidade e a satisfação costumeiras. Contudo, uns dez dias antes da morte, cálculo em que raro se equivocam, retribuem as visitas feitas pelos vizinhos mais próximos, transportados num cômodo carro tirado por Yahoos, veículo de que se utilizam não somente nessa ocasião, mas também quando envelhecem, durante as longas jornadas, ou quando quebram acidentalmente uma perna e quando, por conseguinte, os Houyhnhnms moribundos retribuem essas visitas, levam aos amigos as suas solenes despedidas, como se devessem partir para uma remota região do país, onde tivessem de passar o resto da vida.

Não sei se vale a pena observar que os Houyhnhnms não têm palavra alguma em seu idioma que exprima o que quer que seja de mau, tirante as que derivam das deformidades ou más qualidades dos Yahoos. Destarte, caracterizam um disparate de um criado, uma falta de um filho, uma pedra que lhes corta o pé, um tempo mau e intempestivo que se prolonga, ajuntando a cada uma dessas coisas, o capítulo do “Yahoo”. Seja exemplo, *Hhnm*

Yahoo, Whnaholm Yahoo, Ynlhmndwihlma Yahoo e uma casa mal fabricada, *Ynholmhnmrohlnw Yahoo*.

Eu poderia, com grande prazer, estender-me ainda mais sobre os costumes e as virtudes desse povo excelente; mas como pretendo, dentro em pouco, publicar um volume exclusivamente sobre o assunto, a ele remeto o leitor e, nesse em meio, passo a referir a minha triste catástrofe.

X

A economia e a vida feliz do autor entre os Houyhnhnms. O seu grande progresso no terreno da virtude pelo trato com eles. As suas conversações. O autor é informado por seu amo de que deve sair do país. Desmaia de dor, mas sujeita-se. Engenha e termina uma canoa com a ajuda de um companheiro de serviço e nela embarca, à ventura.

Eu ordenara a meu contento a minha pequena economia. Mandara meu amo que se aparelhasse um quarto para mim, à maneira deles, a umas seis jardas da casa, cujas paredes e cujo assoalho eu emplastara de barro e cobrira de esteiras de junco, feitas por mim mesmo; bati o cânhamo, que lá nasce silvestre, e fiz dele uma espécie de pano que enchi com as penas de várias aves, apanhadas com armadilhas feitas de cabelos de Yahoos e que constituíam esplêndido alimento. Eu fizera duas cadeiras com a minha faca, ajudado na parte mais grosseira e trabalhosa pelo garrano alazão. Quando as minhas roupas se converteram em farrapos, fiz outras com a pele de lebres, e de um belo animal, aproximadamente do mesmo tamanho, chamado *nnuhnoh*, cuja pele é encoberta de fina penugem. Desses fiz também uns pares de meias toleráveis. Arranjei para os meus sapatos solas de madeira, que cortei de uma árvore e adaptei ao couro superior; e quando este se consumiu, substituí-o por peles de Yahoos secadas ao sol. Eu retirava muita vez o mel das árvores ocas, que misturava com água ou comia com pão. A ninguém foi dado verificar melhor a verdade destas duas máximas: que “A natureza se satisfaz com muita facilidade”; e que “A necessidade é a mãe da invenção”. Gozei de perfeita saúde e absoluta tranquilidade de espírito; não experimentei as traições nem a inconstância de um amigo, nem as injúrias de um inimigo secreto ou declarado. Não se me ensejou ocasião de subornar ou bajular, nem de granjear os favores de um grande homem ou do seu favorito. Não precisei de defesa contra a fraude ou a opressão: aqui não havia médico que me destruísse o corpo, nem advogado que me arruinasse a fortuna; não havia delator que me espreitasse palavras e obras ou, por dinheiro, forjasse acusações contra mim; não havia escarnicadores, censuradores, murmuradores, corta-bolsas, salteadores, arrombadores, procuradores, bufões, jogadores, políticos, engenhos, conversadores melancólicos e maçantes, controversistas, assassinos, ladrões, virtuosos; não havia chefes nem parciais ou sequazes de partidos ou facções, nem os que estimulam o vício pela sedução ou pelo exemplo; nem masmorras, impostos, patíbulo, picotas ou pelorinhos, nem donos de lojas ou mecânicos trapaceiros; nem orgulho, vaidade ou afetação; nem petimetres, fanfarrões bêbedos, prostitutas vagabundas, ou moléstias venéreas, nem esposas impudicas, frívolas ou dispendiosas; nem pedantes estúpidos e orgulhosos, nem companheiros importunos, imperiosos, rixosos, ruidosos, turbulentos, ignorantes, presumidos ou blasfemadores; nem patifes elevados do pó pelo mérito de

seus vícios, ou fidalgos atirados ao pó pelo demérito de suas virtudes; nem lordes, violinistas, juízes ou professores de dança.

Foi-me concedido o favor de ser admitido à presença de vários Houyhnhnms, que vinham visitar meu amo ou almoçar com ele, ocasiões em que Sua Excelência graciosamente me permitia quedar-me na sala e ouvir-lhes os discursos. Assim ele como os companheiros condescendiam muita vez em fazer-me perguntas e ouvir-me as respostas. Eu tinha, às vezes, a honra também de acompanhar meu amo em suas visitas a outros. Nunca me atrevi a falar, senão para responder a uma pergunta, e sempre o fazia com íntimo pesar, por ser uma grande perda de tempo para me aperfeiçoar; deleitava-me, porém, infinitamente, a condição de ouvinte humilde de tais conversações, em que só se ouviam coisas úteis, ditas com o menor número de palavras e nos termos mais expressivos onde, como eu já disse, em observada a mais rigorosa decência, sem o menor grau de cerimônia; onde ninguém falava sem o querer e sem que o quisessem os companheiros; onde não havia interrupções, enfados, calor ou divergência de pensamentos. Têm eles para si que, quando algumas pessoas se reúnem, um breve silêncio aproveita muito à conversação, o que verifiquei ser verdade; pois, durante essas descontinuações da palestra, novas ideias lhes acudiam ao espírito, que lhes emprestavam muita vida ao discurso. Versam, de ordinário, as suas práticas sobre a amizade e a benevolência, a ordem e a economia; às vezes, sobre as operações visíveis da natureza ou as tradições antigas; sobre as fronteiras e limites da virtude; sobre as normas infalíveis da razão, ou sobre alguma deliberação que teria de ser tomada na assembleia seguinte e, frequentemente, sobre as várias excelências da poesia. Posso ajuntar, sem vaidade, que a minha presença lhes fornecia, a miúdo, suficiente matéria de conversação, porque proporcionava a meu amo ocasião para contar-lhes a minha história e a de meu país, acerca da qual todos folgavam em dilatar-se, de maneira não muito favorável à espécie humana; e por essa razão não repetirei o que diziam; permita-se-me dizer apenas que meu amo, para minha grande admiração, parecia compreender muito melhor do que eu a natureza dos Yahoos. Discorreu sobre todos os nossos vícios e necessidades e descobriu muitos que eu nunca lhe mencionei, tão somente com o imaginar as qualidades que um Yahoo do seu país, com uma pequena parcela de razão teria sido capaz de revelar, e concluiu, com muita probabilidade, quão vil e desgraçada haveria de ser uma criatura assim.

Confesso francamente que todo o meu escasso conhecimento de algum

valor procede das lições que recebi de meu amo e dos discursos que ouvi, dele e dos amigos, que eu me sentiria mais orgulhoso de ouvir que de ditar a maior e mais sábia das assembleias da Europa. Admirei a força, a beleza e a rapidez dos habitantes, e uma tal constelação de virtudes, em tão amáveis pessoas, produziu em mim a mais alta veneração. A princípio, de fato, não senti o respeitoso temor natural que lhes consagram os Yahoos e todos os outros animais; mas foi-me gradativamente senhoreando, muito antes do que eu imaginava, misturada a um amor e uma gratidão reverentes, à ideia de que eles condescendiam em distinguir-me do resto da minha espécie.

Quando pensava na minha família, nos meus amigos, nos meus compatriotas, e na raça humana em geral, eu os considerava, quais efetivamente eram, Yahoos na forma e na disposição, um pouco mais civilizados talvez, e dotados da faculdade de falar mas sem fazer outro uso da razão que o de aprimorar e multiplicar os vícios de que os seus irmãos daquele país tinham apenas o quinhão concedido pela natureza. Quando me sucedia contemplar o reflexo da minha própria forma num lago ou numa fonte, eu desviava o rosto, cheio de horror e aversão de mim mesmo, sendo mais tolerável para mim a vista de um Yahoo que o da minha própria pessoa. Conversando os Houyhnhnms e considerando-os com deleite, vim a imitar-lhes o andar e os gestos, o que ora já se me transformou em hábito e dizem-me frequentemente os amigos, com descortês intenção, “que troto como um cavalo”, o que tomo, sem embargo, por um grande cumprimento, nem direi que, ao falar, não me suceda imitar a voz e os modos dos Houyhnhnms, e ouvir-me chasqueado por amor disso, sem a menor mortificação.

No meio de toda essa felicidade, e quando eu me supunha definitivamente estabelecido para o resto da minha vida, mandou meu amo chamar-me certa manhã, mais cedo que de costume. Notei-lhe no semblante alguma perplexidade e percebi que ele não sabia como principiar o que havia de dizer. Depois de breve silêncio, declarou ignorar de que maneira eu tomaria o que ele ia contar-me: que na última assembleia geral, quando se tratara o assunto dos Yahoos, os representantes haviam se ofendido por ele conservar um Yahoo (referindo-se a mim) em sua família, mais como um Houyhnhnm do que como um animal irracional; que se sabia que ele conversava muitas vezes comigo, como se lhe pudesse proporcionar algum proveito ou prazer a minha companhia; que não era agradável essa prática à razão nem à natureza, nem coisa de que já se tivesse ouvido falar entre eles; que o exortava, por conseguinte, a assembleia ou a empregar-me como ao

resto da minha espécie, ou a mandar-me de volta, a nado, para o lugar de onde eu viera; e que o primeiro desses expedientes fora de todo o ponto rejeitado por quantos Houyhnhnms me tinham visto em sua casa ou na deles, pois alegavam que, tendo eu alguns rudimentos de razão, acrescentados à natural gravidade daqueles animais, era muito de temer que eu lograsse persuadi-los a fugirem para as regiões silvestres ou montanhosas do país e trazê-los depois, em bandos organizados, à noite, para destruir o gado dos Houyhnhnms, pois eram naturalmente vorazes e infensos ao trabalho.

Acrescentou meu amo que os Houyhnhnms dos arredores apertavam diariamente com ele para que pusesse por obra a exortação da assembleia, cuja execução não lhe seria dado procrastinar por muito tempo. Desconfiava de que me seria impossível voltar, a nado, para outro país e desejava, portanto, que eu fabricasse alguma espécie de veículo semelhante ao que eu lhe descrevera e que me pudesse transportar sobre o mar; trabalho em que eu teria a assistência dos seus criados, bem como dos vizinhos. Concluiu dizendo que, de sua parte, folgaria em conservar-me a seu serviço enquanto eu vivesse, pois verificava que eu me havia curado de alguns maus hábitos e disposições, trabalhando, até onde mo permitia a inferioridade da minha natureza, de imitar os Houyhnhnms.

Cumpre-me observar aqui ao leitor que um decreto da assembleia geral desse país é expresso pela palavra *hnhloqyn*, que significa, aproximadamente, “uma exortação”, pois eles não concebem que uma criatura humana possa ser obrigada, mas tão somente aconselhada ou exortada, porque ninguém pode desobedecer à razão sem abdicar das suas pretensões a ser uma criatura racional.

O discurso de meu amo encheu-me de indizível mágoa e desespero e, incapaz de suportar a dor que me afligia, desmaiei a seus pés. Quando tornei em mim, ele me disse acreditar que eu tivesse morrido, pois esse povo não está sujeito a tais pequices da natureza. Com voz fraca, respondi que a morte teria sido uma grande felicidade; que, embora eu não pudesse censurar a exortação da assembleia, nem a urgência dos seus amigos, a meu fraco e corrompido juízo, um pouco menos de rigor poderia ser consistente com a razão; eu não poderia nadar nem uma légua, e o país mais próximo do deles se achava, provavelmente, a mais de cem; faltavam naquela região muitos materiais necessários à feitura de uma pequena embarcação que me pudesse transportar; eu, sem embargo, o tentaria, em obediência e por gratidão a Sua Excelência, posto julgasse a coisa impossível e já me considerasse, portanto,

destinado à destruição; a perspectiva certa de uma morte desnatural era o menor dos meus males, pois, ainda que eu escapasse com vida em resultado de alguma estranha aventura, como poderia pensar em passar os meus dias entre Yahoos e voltar às minhas velhas corrupções, por carência de exemplos que me conduzissem aos caminhos da virtude e neles me conservassem? Eu sabia muito bem quão sólidas eram as razões em que se arrimavam todas as determinações dos prudentes Houyhnhnms, inabaláveis, portanto, pelos argumentos de um pobre Yahoo como eu; e, destarte, depois de apresentar-lhe os meus humildes agradecimentos pela oferta da assistência dos seus criados na fábrica de uma embarcação, e de pedir-lhe um prazo razoável para tarefa tão dificultosa, disse-lhe que forcejaria por conservar a vida a uma desgraçada criatura e que, se algum dia volvesse à Inglaterra, alimentava esperanças de ser útil à minha espécie, entoando os louvores dos célebres Houyhnhnms e propondo as suas virtudes à imitação do gênero humano.

Meu amo respondeu-me, em poucas palavras, mui graciosamente; concedeu-me o prazo de dois meses para terminar o bote, e ordenou ao garrano alazão, meu companheiro de serviço (pois a esta distância posso atrever-me a chamar-lhe assim), que obedecesse às minhas instruções; porque eu dissera a meu amo que a sua ajuda seria suficiente, e eu sabia que ele se afeiçoara comigo.

A primeira coisa que fiz, em sua companhia, foi dirigir-me à parte da costa onde a tripulação rebelada me havia ordenado que descesse. Subi a um outeiro e, dando um lanço de olhos por todos os lados do mar, cuidei divisar uma ilhazinha na direção do nordeste; tomei dos meus óculos de alcance e logrei distingui-la claramente a umas cinco léguas de distância, segundo os meus cálculos, mas ao garrano alazão pareceu-lhe apenas uma nuvem azul, pois, como não tinha ideia de nenhum país além do seu, falecia-lhe a habilidade para discernir objetos remotos no mar, que possuímos nós, que tanto conversamos esse elemento.

Descoberta a ilha, não pensei mais; decidi que ela seria, se possível, o meu primeiro sítio de desterro e deixei o resto a cargo da fortuna.

Voltei para casa e, tendo consultado com o garrano alazão, dirigimo-nos a um mato a certa distância, onde eu com a minha faca e ele com uma pederneira aguçada, presa muito artificiosamente, à maneira deles, a um cabo de madeira, cortamos diversos ramos de carvalho, mais ou menos da grossura de bengalas comuns, e algumas peças maiores. Mas não maçarei o leitor com uma particularizada relação da minha obra; basta dizer que, no espaço de seis

semanas, com o auxílio do garrano alazão, encarregado das partes que exigiam maior trabalho, terminei uma espécie de canoa indiana, mas muito maior, cobrindo-a com peles de Yahoos muito bem costuradas por meio de fios de linho que eu mesmo fizera. A vela também foi feita de peles do mesmo animal, tendo eu empregado as dos mais novos que pude encontrar, pois as dos mais velhos eram duras e grossas demais, e provi-me igualmente de quatro remos; armazenei carne cozida de coelhos e aves; e levei comigo dois vasos, um cheio de leite e outro, de água.

Experimentei a minha canoa num tanque grande, perto da casa de meu amo, e assim lhe corriji os defeitos tapando todos os buracos com sebo de Yahoos, até que a deixei bem-acondicionada e capaz de suportar o meu peso e o da minha carga. Estando ela o mais perfeita possível, fiz que a levassem Yahoos, cuidadosamente, num carro, até a praia, sob as vistas do garrano alazão e de outro criado.

Quando tudo ficou pronto e chegou o dia da minha partida, despedi-me do meu amo e senhora e de toda a família, com os olhos marejados de lágrimas e o coração repassado de dor. Mas Sua Excelência, por curiosidade, e talvez (se me é lícito dizê-lo sem vaidade) em parte por amabilidade, decidiu ver-me embarcar e reuniu diversos vizinhos para acompanhá-lo. Fui obrigado a esperar mais de uma hora a vazante e, logo, observando que o vento soprava, muito afortunadamente, na direção da ilha para a qual eu tencionava dirigir o meu curso, despedi-me pela segunda vez de meu amo, mas como eu me dispusesse a prostrar-me para beijar-lhe o casco, ele me fez a honra de levantá-lo delicadamente à altura da minha boca. Não ignoro o quanto me reprocharão a menção deste último pormenor. Hão por bem os detratores julgar improvável que pessoa tão ilustre condescendesse em dar tamanha prova de distinção a uma criatura tão inferior quanto eu. Nem me esqueceu quão propensos se mostram alguns viajantes a se alabarem dos favores extraordinários que receberam. Mas se tais censuradores conhecessem melhor a nobre e cortês disposição dos Houyhnhnms, não tardariam a mudar de opinião.

Apresentei os meus respeitos aos mais Houyhnhnms que se achavam em companhia de Sua Excelência e em seguida, entrando na canoa, alonguei-me da praia.

A perigosa viagem do autor. Chega a Nova Holanda, com a esperança de lá se estabelecer. Fere-o uma flecha, desferida por um nativo. Aprisionado, é conduzido, à força, para bordo de um navio português. As grandes civilidades do capitão. Chega o autor à Inglaterra.

Encetei essa travessia desesperada no dia 15 de fevereiro de 1714-1715 às nove horas da manhã. O vento soprava muito favorável; a princípio, no entanto, fiz uso apenas dos remos; considerando, porém, que eu haveria de cansar-me, e que o vento poderia saltar de um rumo para outro, arrisquei-me a içar a vela e assim, com o auxílio da maré, progredi à razão de légua e meia por hora, segundo as minhas conjeturas. Meu amo e seus amigos quedaram na praia até quase perderem vista de mim e ouvi muitas vezes gritar o garrano alazão (que sempre me quisera bem), *Hnuy illa nyha majah Yahoo*, “Tem cuidado, gentil Yahoo”.

Era meu propósito, se possível, descobrir alguma ilhazinha, desabitada, mas que me fornecesse a troco do meu trabalho as coisas necessárias para a vida, o que eu considerava maior felicidade do que ser primeiro-ministro na corte mais civilizada da Europa; tão medonha se me afigurava a ideia de tornar a viver na sociedade e sob o governo de Yahoos, pois na solidão que ambicionava poderia gozar-me, pelo menos, dos meus próprios pensamentos e refletir com deleite nas virtudes desses inimitáveis Houyhnhnms, sem oportunidade para degenerar nos vícios e corrupções da minha própria espécie.

Pode lembrar-se o leitor de lhe haver eu contado, quando a minha tripulação conspirou contra mim e me prendeu em meu camarote, que eu lá continuara durante várias semanas sem saber o curso que seguíamos e que, ao ser levado para terra, os marinheiros me haviam jurado, verdadeira ou falsamente, “não saberem em que parte do mundo nos achávamos”, não obstante eu então acreditar que estivéssemos perto de 10 graus ao sul do cabo da Boa Esperança, ou cerca de 45 graus de latitude sul, conforme supus de algumas palavras que lhes surpreendi, imaginando que aproejassem a sueste, em sua projetada viagem para Madagascar. E ainda que isso não passasse de uma conjetura, resolvi dirigir o meu curso para leste, esperando alcançar a costa sudoeste da Nova Holanda e, porventura, alguma ilha como a que eu desejava e que ficasse a oeste dela. O vento soprava em cheio do oeste e, aproximadamente às seis da tarde, calculei que progredira na direção leste umas 18 léguas, pelo menos, quando divisei uma ilhotazinha em distância de uma légua, aproximadamente, que logo alcancei. Não era mais que um rochedo, com uma enseada naturalmente formada pela força das tempestades. Aí fiz entrar minha canoa e, escalando parte do rochedo, vislumbrei distintamente, a leste, uma terra que se estendia do sul para o norte. Passei a

noite inteira dentro da canoa e, reiniciando a minha viagem de manhã cedo, cheguei, sete horas depois, ao ponto sueste de Nova Holanda. Isto confirmou a opinião, que eu havia muito sustentava, de que os mapas e as cartas colocam este país pelo menos mais três graus para leste do que realmente está; ideia essa que comuniquei há muitos anos ao meu digno amigo, Mr. Herman Moll, propondo-lhe as minhas razões, embora ele tenha preferido seguir outros autores.

Não vi habitantes no lugar em que desci e, encontrando-me desarmado, temi aventurar-me terra a dentro; encontrei alguns mariscos na praia, e os comi crus, pois não me atrevi a acender fogo, receando ser descoberto pelos nativos. Lá continuei três dias, alimentando-me de ostras e lapas, a fim de poupar as minhas provisões; e encontrei felizmente um riacho de água excelente que me proporcionou grande alívio.

No quarto dia, cedo, aventurando-me um pouco longe demais, enxerguei vinte ou trinta nativos numa elevação a menos de quinhentas jardas do sítio em que eu me achava. Estavam completamente nus, homens, mulheres e crianças, à roda de uma fogueira, segundo depreendi da fumaça. Um deles me viu e deu parte aos outros; cinco se adiantaram para mim, deixando as mulheres e as crianças ao pé do fogo. Corri o mais depressa que pude para a praia e, entrando na canoa, afastei-me. Vendo-me fugir, correram os selvagens atrás de mim; antes que eu pudesse distanciar-me o necessário, atiraram uma seta, que me feriu profundamente no lado de dentro do joelho esquerdo. Arreceei-me de que a seta estivesse empeçonhada e, remando até me ver fora do alcance de suas flechas (pois o dia estava calmo), chupei a ferida e fiz o melhor curativo que pude.

Eu não sabia o que fazer, pois não me afoitava a tornar ao mesmo desembarcadouro, continuando a remar para o norte, pois o vento, embora muito fraco, me era desfavorável, soprando para noroeste. Enquanto eu procurava um surgidouro seguro, bispei uma vela a nordeste, que se tornava a cada minuto mais visível. A princípio, não soube se devia esperá-la ou não, mas, afinal, prevaleceu a minha detestação da raça dos Yahoos e, virando a canoa, dei à vela e remei para o sul, entrando na mesma enseada de onde saíra de manhã, querendo antes fiar-me daqueles bárbaros do que viver entre Yahoos europeus. Aproximei quanto pude a canoa da praia e escondi-me atrás de uma pedra, à beira do riacho, o qual, como eu já disse, constituía excelente aguada.

Deteve-se o navio a menos de meia légua da enseada, e mandou a sua

chalupa com vasilhame para fazer provisão de água doce (pois era o lugar, segundo parece, muito conhecido), mas eu não o notei, senão quando o bote já estava quase na praia e já era demasiado tarde para buscar outro esconderijo. Os marinheiros, ao desembarcarem, avistaram-me a canoa e, examinando-a de todos os lados, facilmente conjecturaram que o dono não poderia estar longe. Quatro dentre eles, bem armados, vasculharam todas as lapas e escondedouros, até que deram comigo, acaçapado atrás da pedra. Pasmaram durante algum tempo à vista do meu rato estranho e singular; no meu casaco feito de peles, nos meus sapatos com sola de madeira e nas meias peludas e concluíram que eu não devia ser um nativo do lugar, pois estes andavam todos nus. Um dos marinheiros, em português, ordenou que eu me levantasse e perguntou quem eu era. Eu entendia perfeitamente a língua e, erguendo-me em pé, disse ser um pobre Yahoo desterrado do país dos Houyhnhnms e pedia que me deixassem ir embora. Admiraram-se eles de me ouvirem falar em sua própria língua e viram, pela minha tez, que eu devia de ser um europeu; mas não sabiam o que eu queria dizer com as palavras Yahoos e Houyhnhnms e abriram, juntamente, a rir do meu modo de falar, semelhante ao relinchar de um cavalo. Eu tremia durante todo esse tempo, de medo e de ódio. Tornei a pedir licença para afastar-me e lentamente me dirigi para a minha canoa; eles, porém, me seguraram e quiseram saber de que país eu era? e de onde viera?, afora muitas outras coisas. Contei-lhes que nascera na Inglaterra, de onde saíra havia uns cinco anos, pouco mais pouco menos, ocasião em que o país deles estava em paz com o meu. Esperava, portanto, que não me tratassem como inimigo, pois eu não lhes queria mal, mas em tão somente um pobre Yahoo à procura de um sítio desolado em que pudesse passar o resto da sua desgraçada existência.

Quando eles principiaram a falar, cuidei nunca ter ouvido nada mais desnatural, pois aquilo me pareceu tão monstruoso como se um cão ou uma vaca pudessem falar em inglês ou um Yahoo no idioma dos Houyhnhnms. Estavam os honrados portugueses igualmente pasmados das minhas roupas estranhas e da estranha maneira por que eu articulava as minhas palavras, que eles, sem embargo, entendiam perfeitamente. Trataram-me com muita humanidade, e disseram estar seguros de que o capitão me levaria de graça a Lisboa, de onde eu poderia regressar à minha pátria; que dois marinheiros voltariam ao navio, para dar conta ao capitão do que tinham visto e receberem as suas ordens; nesse meio de tempo, a menos que eu jurasse solenemente não fugir, eles me segurariam à força. Julguei melhor aceder-

lhes à proposta. Andavam muito curiosos de conhecer a minha história, mas eu lhes dei pouca satisfação, e todos conjecturaram que os infortúnios me haviam dado cabo da razão. Duas horas depois, o bote, que fora carregado de vasos com água, voltou com ordens do capitão para que me levassem a bordo. Caí de joelhos, a implorar a liberdade; mas tudo em vão e os homens, havendo-me amarrado com cordas, puseram-me no bote, de onde fui levado para o navio e, de lá, para o camarote do capitão.

Chamava-se ele Pedro de Mendez; era uma pessoa muito cortês e generosa. Rogou-me que lhe desse alguma informação a meu respeito e quis saber o que eu desejava comer ou beber; afirmou que eu seria tratado tão bem como ele próprio, e disse tantas coisas obsequiosas que me admirei de encontrar tamanha civilidade num Yahoo. Todavia, continuei calado e taciturno, a termos de desmaiar ao cheiro que exalavam, ele e os seus homens. Por fim, pedi que me dessem alguma coisa de comer da minha própria canoa; mas ele mandou vir para mim um frango e um vinho excelente, e ordenou que me deitassem num camarote muito asseado. Não querendo despir-me, deitei-me sobre as cobertas da cama e, meia hora depois saí, furtivamente, quando cuidei que a tripulação estivesse almoçando; chegado à coberta do navio, já me dispunha a atirar-me ao mar e fugir a nado, de preferência a continuar entre Yahoos. Mas um dos marinheiros me impediu e, tendo informado o capitão, fui acorrentado ao meu camarote.

Terminado o almoço, chegou a mim Don Pedro e quis saber a razão de tão desesperada tentativa; assegurou-me que só queria me fazer todos os serviços que pudesse e falou de maneira tão tocante que me dignei, afinal, tratá-lo como a um animal que tivesse uma pequena parcela de razão. Fiz-lhe um brevíssimo relato da minha viagem; da conspiração dos meus próprios homens, da região em que me haviam deixado e dos anos que eu lá residira. Tudo isso lhe pareceu a ele um sonho, ou uma visão, com o que me senti sobremodo ofendido, pois eu me esquecera inteiramente da faculdade de mentir, tão peculiar aos Yahoos em todos os países em que residem e, por consequência, da disposição de desconfiar da verdade em outros de sua espécie. Perguntei-lhe se era costume em sua terra *dizer a coisa que não era*? Assegurei-lhe que me havia quase esquecido do que ele entendia por falsidade e que, ainda que vivesse mil anos na terra dos Houyhnhnms, nunca ouviria a menor das mentiras do menor dos criados, sendo-me de todo indiferente que ele acreditasse ou não em mim, mas, nada obstante, a troco dos seus favores, eu seria tão indulgente com a corrupção da sua natureza,

que responderia a qualquer objeção que ele houvesse por bem fazer-me, o que lhe permitiria descobrir facilmente a verdade.

O capitão, discreto homem, depois de muitas tentativas para me apanhar em falso nalguma parte da minha história, principiou, ao cabo de contas, a fazer melhor conceito da minha veracidade. Mas acrescentou que, pois eu professava tão inviolável apego à verdade, devia dar-lhe a minha palavra de honra de que o acompanharia nessa viagem e não tentaria contra a minha vida; doutro modo, continuaria prisioneiro até chegarmos a Lisboa. Fiz-lhe a promessa requerida; mas protestei, ao mesmo tempo, que preferiria sofrer os maiores trabalhos a voltar a viver entre Yahoos.

Transcorreu-nos a viagem sem qualquer acidente de monta. Por gratidão ao capitão, e atendendo-lhe às instâncias, eu sentava-me, às vezes, ao seu lado e forcejava para disfarçar a minha antipatia contra o gênero humano, embora muitas vezes não o conseguisse, o que ele deixava passar sem comentários. Mas, durante a maior parte do tempo, fechava-me no camarote para não ver os tripulantes do navio. Rogara-me reiteradamente o capitão que me desfizesse das minhas roupas selvagens e ofereceu-me, emprestado, o seu melhor fato. Mas não acabou comigo aceitá-lo, pois eu abominava a ideia de cobrir-me com o que quer tivesse estado nas costas de um Yahoo. Pedi-lhe apenas que me emprestasse duas camisas limpas, que, tendo sido lavadas depois de usadas por ele, supunha não me degradassem tanto. Estas, mudava-as eu de dois em dois dias e lavava-as com as minhas próprias mãos.

Chegamos a Lisboa no dia 5 de novembro de 1715. Ao desembarcarmos, obrigou-me o capitão a cobrir-me com a sua capa, a fim de impedir que a arraia-miúda se apinhoasse em torno de mim. Fui levado para a sua própria residência e, acedendo a um veemente pedido meu, conduziu-me ele para o quarto mais alto dos fundos da casa. Conjurei-o a não repetir a ninguém o que eu lhe dissera acerca dos Houyhnhnms; porque a menor alusão a essa história não somente atrairia muita gente para ver-me, senão me acarretaria provavelmente o risco de ser preso ou queimado pela Inquisição. O capitão persuadiu-me a aceitar um fato completo recém-feito, mas não consenti em que o alfaiate me tomasse as medidas, não obstante, sendo Don Pedro quase do meu tamanho, serviu-me perfeitamente. Ele me apercebeu de outras coisas necessárias, todas novas, que expus ao ar durante 24 horas, antes de usar.

O capitão não tinha esposa, nem mais de três criados, nenhum dos quais tinha permissão para servir à mesa, e era tão obsequioso o seu trato, e tão

claro o seu entendimento humano, que principiei realmente a tolerar-lhe a companhia. À força de persuadimentos, conseguiu ele que eu me abalançasse a olhar pela janela dos fundos. A pouco e pouco fui levado para outro quarto, de onde espiei a rua, mas retirei, assustado, a cabeça. No espaço de uma semana, logrou induzir-me a chegar até a porta. Percebi que o meu terror diminuía gradativamente, mas a minha aversão e o meu desprezo pareciam aumentar. Tive, por fim, a afoiteza de sair à rua em sua companhia, mas tapava muito bem o nariz com folhas de arruda e, às vezes, de fumo.

Dez dias depois, Don Pedro, a quem eu fizera um breve relato dos meus assuntos domésticos, declarou-me que eu devia, por uma questão de honra e de consciência, tornar à minha terra natal e viver em companhia de minha mulher e de meus filhos. Disse-me que havia no porto um navio inglês prestes a sair, e que ele me forneceria quanto me fosse necessário. Fora tedioso repetir-lhe os argumentos e as minhas objeções. Afirmou ser de todo impossível encontrar uma ilha solitária como aquela em que eu desejava morar; mas eu poderia mandar em minha própria casa e viver tão recluso quanto me apetecesse.

Acabei cedendo, ao verificar que não poderia fazer coisa melhor. Saí de Lisboa no dia 24 de novembro, num navio mercante inglês, mas nem sequer perguntei quem era o capitão. Acompanhou-me Don Pedro ao navio e emprestou-me vinte libras. Despediu-se bondosamente de mim e me abraçou ao partir, o que suportei como pude. Durante essa última viagem não tive comércio com o capitão nem com nenhum dos seus homens; mas, pretextando estar doente, quedei encerrado em meu camarote. No dia 5 de dezembro de 1715, fundeamos nas Dunas, cerca das nove da manhã, e às três da tarde cheguei são e salvo a minha casa.

Minha mulher e minha família receberam-me com grande surpresa e alegria, pois estavam certas de que eu morrera; mas devo confessar abertamente que a vista delas me encheu apenas de ódio, repugnância e desprezo; maiormente ao pensar na estreita aliança que nos unia. Pois, se bem que desde o meu desventurado exílio do país dos Houyhnhnms, eu me tivesse obrigado a tolerar a vista dos Yahoos e a conversar com Don Pedro de Mendez, tinha a memória e a imaginação perpetuamente cheias das virtudes e das ideias dos elevados Houyhnhnms.

Tanto que entrei em minha casa, minha mulher tomou-me nos braços e me beijou; mas como havia tantos anos, eu já me tivesse desabituaado do contato desse odioso animal, desmaiei e quedei sem sentidos durante quase

uma hora. No momento em que estou escrevendo, faz cinco anos que tornei à Inglaterra pela última vez. Durante o primeiro ano não pude sofrer a presença de minha mulher nem de meus filhos, pois até o cheiro deles me era intolerável, muito menos podia eu suportar que comessem na mesma sala. Até este momento, não se atrevem a tocar no meu pão, nem a beber no meu copo, nem me foi possível permitir que me pegassem na mão. O primeiro dinheiro que pus de lado foi para comprar dois garanhões novos, que conservo numa boa estrebaria e, depois deles, é o moço encarregado de tratá-los o meu maior favorito, pois sinto-me reanimado com o cheiro de que se impregna no estábulo. Os meus cavalos me compreendem toleravelmente bem; converso com eles pelo menos quatro horas por dia. São estranhos à sela e ao freio; vivem em grande camaradagem comigo e são muito amigos um do outro.

A veracidade do autor. A sua intenção ao publicar esta obra. A sua censura aos viajantes que se alongam da verdade. Desonera-se o autor de quaisquer fins sinistros no escrever. Resposta a uma objeção. O método de fundar colônias. Elogiado o seu país natal. Justificam-se os direitos da Coroa aos países descritos pelo autor. A dificuldade de conquistá-los. O autor se despede pela derradeira vez do leitor, expõe o seu futuro modo de vida, dá bons conselhos e conclui.

Desta maneira, leitor amável, contei-te a história fiel das minhas viagens durante 16 anos e mais de sete meses, na qual me preocupou menos o ornamento que a verdade. Eu te poderia, talvez, como outros, haver maravilhado com estranhas e improváveis narrativas; mas preferi relatar singelamente os fatos, da maneira e com o estilo mais fáceis, porque o meu intuito principal era informar-te, e não te divertir.

É fácil para nós viajarmos em países remotos, raro visitados por ingleses ou por outros europeus, e apresentarmos descrições de maravilhosos animais, assim no mar como na terra. Devera ser, todavia, o principal intento do viajante tornar mais sábios e melhores os homens e aprimorar-lhes o espírito pelo exemplo, bom e mau, do que dizem acerca de terras estranhas.

Eu sinceramente desejara que se promulgasse uma lei, segundo a qual todo o viajante, antes que se lhe permitisse publicar as suas viagens, fosse obrigado a jurar, diante do chanceler-mor do reino, que era absolutamente verdadeiro, em sua sincera opinião, tudo o que ele pretendia dar a lume; dessa maneira, já não seria enganado o mundo, como ordinariamente o é, ao passo que alguns escritores, para melhor aceitação do seu livro, iludem com as mais grosseiras falsidades o leitor incauto. Li diversos livros de viagem com grande satisfação em minha mocidade; mas tendo, depois disso, visitado a maior parte das regiões do globo e podido contrariar, pela minha própria observação, muitos relatos fabulosos, concebi grande aversão a esse gênero de leituras e alguma indignação ao ver tão impudentemente abusada a credulidade dos homens. Por conseguinte, visto haverem por bem julgar os meus conhecidos, que os meus pobres esforços talvez não sejam desagradáveis ao meu país, impus-me a mim mesmo, como máxima de que nunca me hei de apartar, seguir rigorosamente a verdade; nem é possível, com efeito, que eu venha a sofrer a menor tentação de alongar-me dela, enquanto tiver presentes ao espírito as lições e o exemplo do meu nobre amo e dos outros ilustres Houyhnhnms, dos quais tive, durante tanto tempo, a honra de ser humilde ouvinte.

Nec si miserum Fortuna Sirnionem

*Finxit; vanum etiam, mendacemque improba finget.**

Sei perfeitamente quão pequena é a reputação granjeada por via de escritos que não requerem engenho nem saber, nem qualquer outro talento, exceto uma boa memória ou um diário exato. Sei também que os autores de viagens, como os fazedores de dicionários, são lançados ao esquecimento pelo peso e pelo tomo dos que vêm por derradeiro e que, portanto, ficam acima dos precedentes. E é muito provável que os viajantes que, daqui por diante, visitarem os países descritos nesta minha obra, observando os meus erros (se os houver) e acrescentando novos descobrimentos seus, venham a deixar-me fora de moda, e a tomar o meu lugar, fazendo esquecer-se o mundo de que já fui autor alguma vez. Isto seria, sem dúvida, uma mortificação demasiado grande, se eu escrevesse por amor da fama; mas como só me move o propósito do bem público, não poderei sentir-me desapontado. Pois quem poderá ler o que escrevi sobre as virtudes dos gloriosos Houyhnhnms sem se correr dos próprios vícios, quando se considera o animal raciocinante e governante deste país? Nada direi daqueles países remotos em que presidem os Yahoos, dentre os quais os menos corrompidos são os brobdingnagueses, cujas sábias máximas de moral e de governo fora nossa felicidade observar. Mas não quero estender-me ainda mais e deixar o leitor judicioso entregue às suas próprias observações e aplicação.

Agrada-me assaz o não poder esta minha obra encontrar censuras, pois que objeções podem fazer-se contra um escritor que tão somente refere simples fatos, ocorridos em países tão distantes com os quais não temos o menor interesse, nem de comércio, nem de negociações? Evitei cautelosamente todas as faltas de que são, com frequência e justiça, acusados os autores comuns de viagens. Além disso, não me meto absolutamente com partido algum, mas escrevo sem paixão, preconceito ou má vontade contra ninguém. Escrevo com o mais nobre dos propósitos: o de informar e instruir o gênero humano, sobre o qual me é dado, sem falta de modéstia, pretender alguma superioridade, em virtude das vantagens que me advieram do meu longo trato com os mais perfeitos Houyhnhnms. Escrevo sem qualquer propósito de lucro ou de louvor. Nunca deixo passar uma palavra que possa

parecer uma censura, ou com a qual se possa ofender alguém, por sentido que seja. De sorte que espero poder capitular-me com justiça de autor perfeitamente irreprochável contra o qual jamais encontrarão matéria para exercitar os seus talentos as tribos dos afeitos a responder, considerar, observar, censurar, descobrir e comentar.

Confesso que me foi insinuado ser meu dever, como súdito inglês, apresentar um memorial a um secretário de Estado, logo após o meu regresso; porque toda e qualquer terra descoberta por um súdito pertence à Coroa. Mas não sei se as nossas vitórias, nos países de que trato, seriam tão fáceis quanto as de Ferdinando Cortez sobre os americanos nus. Os liliputianos, a meu parecer, mal pagariam as despesas do apresto de uma esquadra e de um exército para rendê-los, e duvido que fosse prudente ou discreto tentá-lo em relação aos brobdingnagueses; ou que os soldados ingleses se sentissem muito à sua vontade com a Ilha Volante em cima das cabeças. Os Houyhnhnms, com efeito, não parecem estar bem apercebidos para a guerra, ciência a que são perfeitamente estranhos, em especial pelo que toca às armas de arremesso. Não obstante fosse eu ministro de Estado e nunca persuadiria ninguém a invadir-lhes o país. A sua prudência, unanimidade, ignorância do medo e amor à pátria lhes supririam amplamente todas as deficiências na arte militar. Imaginai vinte mil dentre eles arremessando-se ao meio de um exército europeu, confundindo as fileiras, derrubando os carros, moendo com terríveis golpes das patas traseiras o rosto dos guerreiros; que bem mereciam a descrição feita de Augusto, *Recalcitrat undique tutus*.^{**} Mas em lugar de propostas para a conquista desse magnânimo país, eu preferiria que eles fossem capazes, ou a isso estivessem dispostos, de mandar um número suficiente de seus habitantes para civilizar a Europa, ensinando-nos os primeiros princípios da honra, da justiça, da verdade, da temperança, do espírito público, da fortaleza, da castidade, da amizade, da benevolência e da fidelidade. Virtudes essas cujos nomes ainda se conservam entre nós, na maioria das línguas, e se encontram em muitos autores, antigos e modernos; o que posso afirmar, estribado nas minhas próprias e escassas leituras.

Outra razão, todavia, me levava a não desejar tão ardentemente acrescentar os domínios de Sua Majestade por via dos meus descobrimentos. A falar a verdade, eu concebera uns poucos escrúpulos em relação à justiça distributiva dos príncipes nessas ocasiões. Suponhamos que um navio de piratas seja atirado por uma tempestade a algum lugar desconhecido; afinal, um grumete avista terra do mastaréu, descem os piratas para roubar e saquear,

encontram um povo inofensivo, são recebidos com bondade, dão ao país um novo nome; tomam dele posse formal em nome do seu rei, erguem, à guisa de marco, uma pedra ou uma tábua podre; trucidam duas ou três dúzias de nativos, carregam outras duas, à força, como amostra; voltam para casa e obtêm o seu perdão. Aqui principia um novo domínio, adquirido com um título de direito divino. Remetem-se navios na primeira oportunidade; os nativos são expulsos ou destruídos; os seus príncipes torturados para que revelem onde está o seu ouro; concede-se plena licença para todos os atos de desumanidade e concupiscência, ao passo que a terra fuma com o sangue dos seus habitantes, e esta horda execrável de carneiros, empregados em tão pia expedição, são modernos colonizadores, enviados a converter e civilizar um povo idólatra e bárbaro.

Confesso, todavia, que essa descrição não se refere de maneira alguma à nação britânica, que pode servir de exemplo ao mundo inteiro pela sabedoria, cuidado e justiça no fundar as suas colônias; pelas suas dádivas generosas destinadas ao progresso da religião e do saber, pela sua escolha de piedosos e hábeis pastores para propagar o cristianismo; pelo seu cuidado de armazenar em suas províncias pessoas de vida e conversação morigeradas, enviadas da mãe pátria; pelo seu rigoroso respeito à distribuição da justiça, nomeando para a administração civil de todas as suas colônias funcionários de grandíssimas habilidades, completamente estranhos à corrupção e, para coroar tudo isso, por mandar os governadores mais vigilantes e virtuosos, que não miram a outro intuito senão o de zelar pela felicidade dos povos que governam e pela honra do rei, seu amo.

Mas como os países que descrevi não parecem ter nenhum desejo de serem conquistados ou escravizados, chacinados ou desterrados por colonizadores, nem exuberam de ouro e prata, açúcar ou fumo, entendi humildemente que não eram, de forma alguma, objetos adequados do nosso zelo, valor ou interesse. Se, contudo, aqueles a quem isso diz mais respeito forem de opinião contrária, estou pronto a depor, quando legalmente chamado, que nenhum europeu visitou esses países antes de mim. Isto é, a serem criados os habitantes, e a menos de surgir alguma controvérsia relativa aos dois Yahoos vistos, há muitos anos, em cima de uma montanha na terra dos Houyhnhnms.

Mas no que concerne à formalidade de tomar posse em nome do meu Soberano, a ideia nunca me acudiu ao espírito e ainda que o tivesse creio que me seria preciso, por uma questão de prudência e autopreservação, em vista

da minha situação naqueles instantes, aguardar ensejo mais propício.

Tendo, desta guisa, respondido à única objeção que me pode ser levantada como viajante, despeço-me aqui, definitivamente, de todos os meus leitores cortesões e volto a saborear-me das minhas próprias meditações em meu jardimzinho de Redriff, a fim de aplicar as magníficas lições de virtude que aprendi entre os Houyhnhnms; instruir os Yahoos de minha família, até onde mo permitir a sua docilidade; contemplar reiterativamente a minha própria figura num espelho, para o fim de habituar-me, se possível, com o tempo, a suportar a vista de uma criatura humana; lamentar a brutalidade dos Houyhnhnms em minha terra, mas tratar sempre com respeito as suas pessoas, por amor do meu nobre amo, de sua família, de seus amigos, e de toda a raça dos Houyhnhnms, com que os membros da nossa têm a honra de se parecerem em todos os seus traços, conquanto haja degenerado o seu intelecto.

Comecei, na semana passada, a permitir que minha esposa se sentasse ao almoço comigo, mas na extremidade mais afastada da mesa, e que respondesse (porém com a maior brevidade) às poucas perguntas que lhe faço. Mas como o cheiro dos Yahoos continua a ser muito repugnante para mim, conservo sempre o nariz muito bem tampado com folhas de arruda, alfazema e fumo. E suposto seja difícil para um homem já entrado em anos extirpar velhos hábitos, não perdi de todo o ponto a esperança de tolerar, dentro de algum tempo, um Yahoo vizinho em minha companhia, sem o receio, que ainda me domina, dos seus dentes ou das suas garras.

A minha reconciliação com a espécie dos Yahoos em geral poderia não ser tão difícil se estes se contentassem apenas com os vícios e pequices a que lhes dá direito a natureza. Não me irrita de maneira alguma a vista de um advogado, um corta-bolsas, um coronel, um tolo, um lorde, um caçador, um político, um frascário, um médico, uma testemunha, um subornador, um procurador, um traidor, e outros semelhantes; tudo isso está de acordo com a ordem normal das coisas, mas quando vejo um montão de deformidades e doenças tanto do corpo quanto do espírito, abarrotado de orgulho, isto me sobrepassa todos os limites da paciência; nem me será dado jamais compreender de que maneira tal animal e tal vício podem acomodar-se um ao outro. Os sábios e virtuosos Houyhnhnms, que abundam em todas as excelências que podem adornar uma criatura humana, não têm nome para esse vício em sua língua, na qual não existem palavras para exprimir o que quer que seja de mau, exceto aquelas com que descrevem as detestáveis

qualidades dos seus Yahoos, entre as quais não foram capazes de distinguir a do orgulho, por carecerem de um completo conhecimento da natureza humana, tal como se mostra em outros países onde vive esse animal. Mas eu, mais experiente, pude observar-lhe perfeitamente alguns rudimentos entre os selvagens Yahoos.

Mas os Houyhnhnms, que vivem sob o império da razão, não se orgulham mais das boas qualidades que possuem do que eu me orgulharia de não me faltar um braço ou uma perna, do que nenhum homem em seu juízo perfeito poderá gabar-se, ainda que deva sentir-se desgraçado sem eles. Estendo-me principalmente sobre o assunto por mover-me o desejo de tornar suportável a sociedade de um Yahoo inglês e aqui, portanto, rogo aos que têm alguns laivos desse vício absurdo que não se atrevam a apresentar-se diante de mim.

Notas

* “... *Nec si miserum Fortuna Sirnionem / Finxit; vanum etiam, mendacemque improba finget*” (em latim no original): “Mesmo que a Fortuna maldosa tenha reduzido, senão à miséria, não o tornará falho e mentiroso.” (Virgílio.) (N.T.)

** “*Recalcitrat undique tutus*” (em latim no original): “Seguro, atira coices por toda parte.” (N.T.)

DIREÇÃO EDITORIAL
Daniele Cajueiro

EDITORA RESPONSÁVEL
Ana Carla Sousa

PRODUÇÃO EDITORIAL
Adriana Torres
Mariana Teixeira
Pedro Staite

REVISÃO
Carolina Rodrigues
Eduardo Carneiro
Luana Luz de Freitas
Juliana Pitanga
Raquel Correia

CAPA

Rafael Nobre

DIAGRAMAÇÃO
Futura

PRODUÇÃO DO EBOOK
Ranna Studio

EDIÇÃO
ESPECIAL E
LIMITADA


COLEÇÃO
CLÁSSICOS
DE
OURO


EDITORA
NOVA
FRONTIERA

HERMAN
MELVILLE
MOBY
DICK



Moby Dick

Melville, Herman

9788520941751

640 páginas

[Compre agora e leia](#)

Muitos livros em um, Moby Dick é considerado uma das obras mais importantes da literatura. Publicado em 1851, recebeu duras críticas da imprensa especializada, sendo "redescoberto" apenas no início do século XX, por meio das análises de escritores consagrados da época, como D. H Lawrence e W. H Auden. O clássico de Herman Melville é narrado por Ishmael, tripulante do baleeiro comandado pelo capitão Ahab, que, em sua última viagem, deseja capturar a grande baleia branca que no passado arrancou uma de suas pernas. A beleza e a complexidade de Moby Dick residem na forma como Melville consegue explorar com maestria os mais diversos gêneros literários, construindo ao mesmo tempo diálogos shakespearianos, descrições científicas precisas e reflexões filosóficas sobre o bem e o mal.

[Compre agora e leia](#)



Só um minutinho

Zigg, Ivan
9788520936153
24 páginas

[Compre agora e leia](#)

Um porquinho que quer sempre adiar as coisas, nem que para isso tenhamos que esperar só um minutinho... Você também faz isso? Um minuto é muito? É pouco? Ou o tempo suficiente para se terminar uma tarefa, acabar de se vestir para a festa ou concluir o raciocínio? Só um minutinho, do ilustrador e autor premiado Ivan Zigg, é um livro instigante para as primeiras leituras de qualquer criança. Explorando amplamente o lúdico imaginário infantil, Só um minutinho proporciona aos pequenos leitores novas descobertas sobre o tempo, sobretudo neste cotidiano tão acelerado em que vivemos. As narrativas visuais e o texto curto em letra maiúscula despertam o repertório visual e linguístico da criança.

[Compre agora e leia](#)

Aurélio Buarque de Holanda Ferreira
& Paulo Rónai

Mar de Histórias

ANTOLOGIA DO CONTO MUNDIAL



VOLUME 5

O realismo



O Realismo

Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda

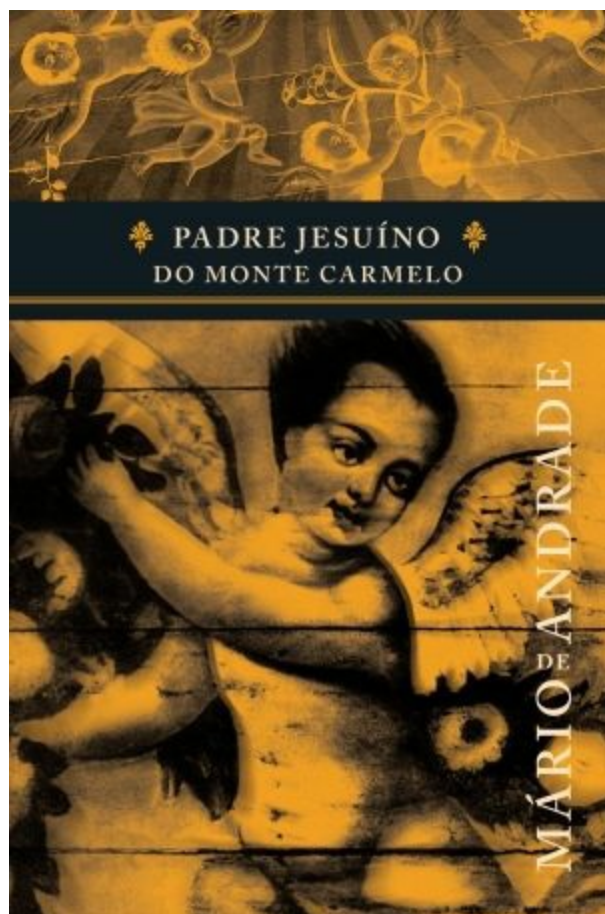
9788520937730

352 páginas

[Compre agora e leia](#)

A Coleção Mar de Histórias: antologia do conto mundial é composta por 10 volumes independentes que contém, nada menos, que 239 contos, de 192 autores escolhidos entre os melhores de 41 países. A expressão Mar de Histórias foi tirada do título, em sânscrito, Kathâsaritsâgara, de uma antiga coletânea da Índia, do século XI. A sua tradução significa isso mesmo: "mar formado pelos rios de histórias". A obra foi organizada há mais de quarenta anos por Aurélio Buarque de Holanda Ferreira e Paulo Rónai, dois dos maiores tradutores e estudiosos da Literatura Mundial em todos os tempos e gêneros. O leitor que fielmente vem acompanhando esta longa viagem através dos mares de histórias já foi avisado de que os rótulos em cada um dos volumes indicam apenas tendências gerais, e de modo algum representam uma classificação rigorosa. É o que se dá com o subtítulo deste volume, o realismo. O advento dessa corrente nas literaturas menores ocorre algum tempo depois de seu triunfo nas principais; daí o elemento romântico apresentar-se no conto, por exemplo, de Mór Jókai (com quem, aliás, desponta a literatura húngara, de forte veio narrativo). Por outro lado, o realismo ramifica-se em correntes: nada mais diverso de um conto de Flaubert do que um de Tchekov. Afinal, o temperamento do escritor também conta: há os que são românticos de nascimento, conquanto não o sejam de escola e de época; é o caso de um Villiers de l'Isle-Adam. Caracteriza-se o presente volume pela inclusão de gigantes do conto, os quais, por sua importância, comparecem com várias peças. Assim ocorre com Machado de Assis, grande mesmo entre os maiores. A escolha de suas quatro histórias, longamente discutida pelos organizadores da coletânea, revela a extrema variedade da sua produção novelística. O russo Anton Tchekov, criador do conto aparentemente leve e apenas esboçado, oposto ao máximo ao modelo maupassantiano, tão elaborado, tem conteúdo humano e trágico não menos forte.

[Compre agora e leia](#)



Padre Jesuíno do Monte Carmelo

Andrade, Mário de

9788520933480

384 páginas

[Compre agora e leia](#)

Nesta obra, Mário de Andrade apresenta um estudo apaixonado sobre a obra deste homem que foi antes de qualquer coisa um artista e religioso. Considerado pelo próprio Mário como seu `maior esforço em crítica de artes plásticas`, este livro resgata minuciosamente o trabalho de Padre Jesuíno, por meio de obras conhecidas do grande público e de arquivos de família e documentos obscuros.

[Compre agora e leia](#)

*Adaptação
do romance de
Júlio Verne*

CONY

*carlos
heitor*

*Um capitão
de quinze
anos*



ESTÚDIOS
GLOBO
PRODUÇÃO



Um capitão de quinze anos

Cony, Carlos Heitor

9788520940044

216 páginas

[Compre agora e leia](#)

EXCLUSIVO EM EBOOK! Sobre Carlos Heitor Cony: Estreou na literatura ganhando por duas vezes consecutivas o Prêmio Manuel Antônio de Almeida. Ganhou em quatro ocasiões o Prêmio Jabuti na categoria Romance, duas vezes o Prêmio Livro do Ano da Câmara Brasileira do Livro e o Prêmio Nacional Nestlé de Literatura. Em 1998, foi condecorado pelo governo francês com a L'Ordre des Arts et des Lettres. Foi eleito para a Academia Brasileira de Letras em março de 2000. Sobre Júlio Verne (1828-1905): Considerado um dos pioneiros da ficção científica, notabilizou-se por histórias repletas de peripécias e pela capacidade de antecipar na ficção as transformações que a tecnologia tornaria possível no mundo moderno. Em 1863, publicou seu primeiro romance, Cinco semanas em um balão. A mistura de aventura e especulação futurística resultou numa obra irresistível de 28 livros, na qual se destacam, além de Um capitão de quinze anos (1878), os romances Viagem ao centro da Terra (1864), Da Terra à Lua (1864), Vinte mil léguas submarinas (1870) e A volta ao mundo em oitenta dias (1872). Quando uma terrível tragédia se abate sobre a tripulação do brigue-galeota Peregrino, o jovem Dick Sand se vê obrigado a assumir o comando do navio e conduzir a família Weldon de volta a São Francisco, nos Estados Unidos. Mas uma conspiração nefasta pretende colocar tudo a perder. Com a competente adaptação do clássico de Júlio Verne por Carlos Heitor Cony, as novas gerações de leitores passarão a conhecer esta história repleta de intrigas, reviravoltas e muitas aventuras, passada em pleno século XIX.

[Compre agora e leia](#)

Table of Contents

[Rosto](#)

[Créditos](#)

[Sumário](#)

[A ilha do tesouro](#)

[Epígrafe](#)

[Ao leitor indeciso](#)

[Parte I: O velho pirata](#)

[I — O velho lobo do mar no Almirante Benbow](#)

[II — O Cão Negro](#)

[III — O sinal negro](#)

[IV — O baú do capitão](#)

[V — O fim do cego](#)

[VI — Os papéis do capitão](#)

[Parte II: O cozinheiro de bordo](#)

[I — Vou a Bristol!](#)

[II — Na estalagem do Óculo](#)

[III — A munição](#)

[IV — A viagem](#)

[V — O que ouvi](#)

[VI — Conselho de guerra](#)

[Parte III: Minha aventura na praia](#)

[I — O início da aventura](#)

[II — O primeiro golpe](#)

[III — O homem da ilha](#)

[Parte IV: A estacada](#)

[I — O abandono do navio \(continuação da narrativa pelo doutor\)](#)

[II — A última viagem \(continuação da narrativa pelo doutor\)](#)

[III — O fim do primeiro combate \(continuação da narrativa pelo doutor\)](#)

[IV — A guarnição da paliçada \(continuação da narrativa de Jim\)](#)

[V — A embaixada de Silver](#)

[VI — O ataque](#)

[Parte V: Minha aventura marítima](#)

[I — O início da aventura](#)

[II — A vazante](#)

[III — O cruzeiro do coracle](#)

[IV — O Jolly Roger arriado](#)

[V — Israel Hands](#)

[VI — “Piastras!”](#)

[Parte VI: Capitão Silver](#)

[I — No acampamento inimigo](#)

[II — Outra vez o sinal negro](#)

[III — Sob palavra](#)

[IV — A caça ao tesouro — O marco de Flint](#)

[V — A caça ao tesouro — A voz na floresta](#)

[VI — Chefe deposto](#)

[VII — ... E o último](#)

[Robinson Crusoé](#)

[Notícia sobre Daniel Defoe, sua obra e particularmente sobre Robinson Crusoé, Cândido Jucá \(Filho\)](#)

[Parte I](#)

[Parte II](#)

[Viagens de Gulliver](#)

[Introdução às Viagens de Gulliver, de Jonathan Swift, tradução de Carlos Jansen, Rio, Laemmert e Cia., 1888, Rui Barbosa Swift, Eugênio Gomes](#)

[Carta do capitão Gulliver a seu primo Sympson](#)

[O editor ao leitor](#)

[Parte I. Viagem a Lilipute](#)

[Parte II. Viagem a Brobdingnag](#)

[Parte III. Viagem a Laputa, Balnibarbi, Glubbubdrib, Luggnagg e ao Japão](#)

[Parte IV. Viagem ao país dos Houyhnhnms](#)

[Ficha técnica](#)